ESTUDOS PSIQUICOS

Vol. XV

1956

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

DR. AMADEU SANTOS

(Ver pág. 3)

CONTÊM: 1956, da **Redacção**; O Discurso sobre o Método, pelo **Dr. Amadeu Santos**; Solilóquio, por **Manuel Cavaco**; Mais Um Aniversário, por **A. C.**; Um Argumento Específico, pelo **Dr. Carlos Imbassahy**; Exortações à Luz, por **Irmão César**; Meditando, por **Emílio Ricon Peres**; A Moral, por **Eduardo F. Conceição**; Ecos de Uma Viagem - XIII - Barra do Piraí, por **Isidoro Duarte Santos**; Como os Teólogos Refutam, por **Mário Cavalcanti de Melo**; A Tese das Vidas Múltiplas, por **Alfredo Miguel**; Auxílio aos Necessitados; Crónica Mundial, por **Adelaide Ivone de Sousa**; Notas & Cometários: Noticiário.

17.º ANO JANEIRO DE 1956 N.º 1

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Liège	*Achille Biquet*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*
Luanda	*Luís de Barros Castro*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Henrique Magalhães e Nelson Baptista de Azevedo*
S. Paulo	*António Pereira Correia e António Baptista Lino*
Campos	*Clóvis Tavares*
Curitiba	*João Ghignone*
Porto Alegre	*José Simões de Matos* / *Zalmino Zimmermann*
Rio Grande	*Armando O. Couto*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*
Ribeirão Preto	*Dr. José Pereira Bastos*
Belo Horizonte	*Martins Peralva*
Maceió	*Jaime Xavier da Silva*
Fortaleza	*José Borges dos Santos*
Franca	*Dr. Agnelo Morato*
Cruzeiro	*José Zácaro Neto*
Vitória	*Dr. Ayrton Machado*
Passo Fundo	*Ney Vaz da Silva*
Juiz de Fora	*Orville Derby Dutra*
Pelotas	*Dr. Djalma de Matos*
Bajé	*José Ferreira da Mota*
Aracajú	*José Elson Fontes*
Juiz de Fora	*João dos Santos Coragem*
Três Rios	*Acir Faria*
Rio Preto	*Lázaro Camargo Ehmke*
Paranaguá	*René Risental*
Florianopolis	*Osvaldo Melo*
João Pessoa	*José Borges de Sousa*

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ☆ **Não se devolvem originais, sejam ou não publicados**

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), moeda equivalente a 70$00 — Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00 — Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro e da Casa do «Tio Juca», de Salvador, Bahia

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.
ALLAN KARDEC	
Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita	20$00
A Prece	12$00
Espiritismo	15$00
O Principiante Espirita	18$00
O que é o Espiritismo	18$00
O Livro dos Espíritos — enc. 45$00	32$00
O Livro dos Médiuns — enc. 45$00	32$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 45$00	32$00
O Céu e o Inferno — enc. 47$00	35$00
A Génese (nova edição) — enc. 47$00	35$00
Obras Póstumas — enc. 45$00	32$00
Vade-Mécum Kardequiano	16$00
LÉON DENIS	
Cristianismo e Espiritismo	50$00
O Além e a Sobrevivência do Ser	20$00
O Grande Enigma	30$00
Depois da Morte (nova edição)	50$00
O Porquê da Vida	28$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00	50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 60$00	48$00
El Problema del Ser e del Destino	52$00
No Invisível (nova edição)	52$00
GABRIEL DELANNE	
O Espiritismo Perante a Ciência — enc. 64$00	52$00
A Evolução Anímica	48$00
O Fenómeno Espirita	45$00
A Alma é Imortal	52$00
A Reencarnação	52$00

(Continua na 3.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

Estudos Psíquicos

Director

Isidoro Duarte Santos

15.º VOLUME

1956

RUA DO SALITRE, 149, 1.º — LISBOA

Índice das matérias contidas no presente volume

A

Abelardo, grande médium de Avelaneda (Caso do Major Rosasco), por *Salvador Gatto* ... 89
Acontecimentos Estranhos na Casa Branca, por *Chester S. Geier* 142
Acórdão do Supremo Tribunal Administrativo sobre a Federação 118
Adeus, Spinelli, por *Leopoldo Machado* 40
Advertências Cristãs, por *Alfredo Miguel* ... 76
Américo Lopes Vieira 219
Amor (O), pelo *Major Ildefonso Escobar,* 98 e 131
Ana L'Homme 331
Assistência aos Psicópatas, pelo *Dr. Paulo Hecker* ..... 226, 258, 291 e 322
Anjo Excelso, poesia de *Leopoldo Machado* ... 100
Aos Representantes no Brasil 375
António Guerra Peixe, por *Leopoldo Machado* 197
Aos Assinantes de «Estudos Psíquicos» 379
António Augusto dos Santos 375
Argumento (Um) Específico, pelo *Dr. Carlos Imbassahy* 8
Árvores e Flores, por *Paulo Alberto* 123
Argumentos de fraco porte, pelo *Dr. Carlos Imbassahy* 325
Aspirantes (Aos) a Oficiais Espiritas, pelo *Marechal Mário Travassos* 151
Assistência do Alto, por *Leopoldo Machado* ... 251
Associação Espirita Estudantes da Verdade ... 191
Atitude Científica e Prova Experimental, por *Deolindo Amorim* 354
Auxílio aos Necessitados 28

C

Caminho Recto, por *De Paula Machado* 40
Caravana Espirita a Santo Ângelo das Missões, (mensagem de *Simões de Matos)* 57
Caridade, por *Idalinda Aguiar Matos* 234
Caso (Um) de Consciência, por *Isidoro Duarte Santos* 106
Centenário de Gabriel Delanne 360
Como deve compreender-se o Espiritismo, da *Revista «Luz e Vida»* 163
Como os Teólogos refutam, por *Mário Cavalcanti de Melo* 22
Como se tornou Espirita? Depõe *Joaquim Pereira Júnior* 169
Complexos, por *Z. Zimmarmann* ... 167, 203 e 236
Congresso Parapsicológico 128
Confia sempre, por *Neimei* 237
Conhecimento do Futuro, por *Deolindo Amorim* 60
Contrastes, poesia de *Rocha de Sousa* 356
Coração Tranquilo, pelo *Médium Francisco Eucian* 303
Cores (As) na Aura Humana, por *Magus Incognito* 232
Crime praticado por um fantasma, por *James Crenshaw* 86
Críticos (Os), por *I. D. S.* 257
Crónica Brasileira, por *Newton G. de Barros* 261
Cruzada dos Militares Espiritas, ... 150, 201 e 281
Curso de Evangelizadores da Federação Espirita do Rio Grande do Sul 89

Crónica Mundial :

Alexandre Korda e o médium Parish 156
Animais (Os) também têm alma 29
Assombroso Caso de Telepatia 157
Aparições Estranhas 221
Acampamento de Chesterfield 285
Amor (O) de um cavalo 318
Ainda o Mago de Nápoles 350
Como ressuscitam os mortos 61
Cérebro (O) de Einstein 62
Caso (O) de Rosamary 93
Congresso Espirita mundial 253
Caso (Um) de desdobramento 318
Defunta que relata as suas impressões ... 62
Devemos proteger as aves? 93
Decálogo da Boa Vontade 381
Elefante (O) de Piolim 221
Experiências de identificação espirita 221
«Encontrei o meu corpo» 222
Espiritismo (O) na Rússia 253
Fantasma (Um) protector 125
Férias numa casa assombrada 382
Guias (Os) e os Mestres materializam-se 30
Greater (A) World em apuros 188
Grande prova de identidade 289
Harry Price comunica-se 125
Instituto Espirita Dias da Cruz 286
Identificação curiosa 318
Instituto de Clínica Psiquiátrica Espirita 381
Liga Abolicionista Portuguesa 157
Meninos-prodígios em França 29
Materialização da Rainha Astrid 61
Morreu e 8 horas depois começou a falar 62
Mediunidade poliglota 157
Múmias que se movem 285
Museu (Um) estranho 349
Novo período da história 158
Notícias da Índia 253
Operação espirita 158
Prova (Uma) impressionante 29
Pintor (Um) do Além 30
Percepção extra-sensorial dos Génios 94
Promessa cumprida 189
Premonição da morte 254
Pode modificar-se o destino? 350
Pintura Intuitiva 382
Que (O) os Espiritas devem saber 61
Que linguagem é esta? 188
Reencarnação reconhecida 93
Semana Espirita de Niterói 382
Reencarnação (A) nos países saxónicos 349
Regressão de memória 317

União Espirita Mineira ..... 189 e 254
Vidência confirmada 125

D

Deístas interesseiros, por *Tito L. Bancéscu* ... 302
Desobsessão no Hospital Espirita de Porto Alegre, por *Simões de Matos* 184
Diagnóstico pela Vidência, por *E. Manso Vieira* 279
Discurso (O) sobre o método, por *Amadeu Santos* 2
Discos Voadores (A propósito de) 92
Divina (A) Trilogia, por *Emmanuel* 303
Doentes incuráveis tratados psiquicamente 250
Dois fenómenos supranormais, por *José Martin* 198
Dor (A), por *Valdemar Santos* 251
Doutrina Espirita, tese de *José Simões de Matos*, aprovada no 2.º Congresso Espirita do Rio Grande do Sul 72

E

Ecos de Uma Viagem, por *Isidoro Duarte Santos:*
XIII — Barra de Piraí 16
XIV — Legionárias de Maria 48
XV — Petrópolis 80
XVI — Aspectos de Petrópolis 112
XVII — A caminho de Resende 144
XVIII — Na Academia Militar 177
XIX — Psicologia do Viajante 209
XX — Na Cidade do Aço 240
XXI — Na Cachoeira Paulista 272
XXII — Na Cidade do Cruzeiro 305
XXIII — Rumo a S. Lourenço 336
XXIV — Três Rios 368

Elias López Rodríguez 191
Em torno de um testamento, por *Alson J. Smith* 170
Encanto (O) de Portugal, por *Paulo Alberto* 313
Ensinos Espiritualistas, por *Alfredo Miguel* ... 252
Enterrados Vivos, por *Henrique Magalhães* ... 293
Era grande teu valor, por *Paulo Alberto* 171
Escola (A), por *Olavo Bilac* 235
«Espirita (O) Fluminense» 128
Espiritas (Os) e a Bíblia, por *Alfredo Miguel* 380
Espiritismo (O) em certas religiões, por *Simões de Matos* 327
Espiritismo (O) não tem restrições, por *Simões de Matos* 268
Espiritismo (O) necessita..., por «*André Luis*» 348
Eterna Súplica, poesia por *F. Jaime* 346
Espiritismo (O) no Brasil 346
Estação Assombrada, por *Leslie Howard* 104
Evangelização da Criança, por *Loureiro Machado* ..... 328 e 366
«Evolução» (A) de Carlos Imbassahy, por *Aleixo Vitor Magaldi* ..... 47, 90, 120 e 156

F

Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos (relatório) 134
Fada (A) que corre, por *Suzane Misset-Hopès* 311
Falando com um materialista, por *Cyrillo Aleixo* 298
Fantasma que não repousa 263
Filme (Um) Oriental (do Príncipe Pedro da Grécia) 133
Físico (O) e o Psíquico 363
Fotografias científicas do Corpo Astral 300
Fotografia das Radiações Fluídicas, por *Tito L. Bancéscu* 101
Fraternidade e Amor, por *José A. P. de Magalhães* 173

G

Grande (A) Caridade, por *Martins Peralva* ... 329

H

Hino à Piedade, de *Hugo Foscolo* 121
História (A) se repete, por *Courado Ferrari* 109
Homens (Os) de Ciência, por *Jacinto de Aguila* 46
Hospital Espirita de Porto Alegre 320
Humildade e Ciência (Prece de Képler) 377

I

Ideais (Os), por *I. D. S.* 97
Imperativo (O) da Hora Presente, por *Alfredo Miguel* 137
Ironia, por *Valdemar Santos* 301
Insónia, por *Leopoldo Machado* 348
Inteligência (A) dos Bichos, pelo *Dr. Bettencourt Raposo* ..... 322 e 357
Inspecção visual do subconsciente, por *Tito L. Bancéscu* 366

J

Jesus, educador, por *Martins Peralva* 103

L

Lamentos dum transfuga, por *Cyrilo Aleixo* ... 69
Legenda, de *I. D. S.* 129
Legião da Boa Vontade, em Volta Redonda ... 172
Libertação Verdadeira, por *Leopoldo Machado* 312
«Limiar (No) do Etéreo», por *Alfredo Miguel* ..... 316 e 343
Livro (O) de Olavo Bilac 217
Livros de todo o Mundo, por *Argus:*
Cumprindo-se as Profecias 328
Lindos casos de Chico Xavier 365
Mansos como os Pombos 365
Psiquiatria (A) e a Reencarnação 238
Livros que se devem ler 55
Lugar para uma Ciência, por *Newton Gonçalves de Barros* 153

M

Marca (A) do Passado, por *Henrique Magalhães* 271
Marco Postal ..... 56, 187 e 315
Mais um aniversário, por *A. C.* 7
Mão (A) e o Rosto, por *Arnaldo Giraldini* ... 330
Mau Senso..., Mau Gosto..., por *Isidoro Duarte Santos* 195
Máximas do Mundo, por *Z. Zimmarmann* ... 380
Meditação, pelo *Irmão Maurício* 335
Meditando, por *Emílio Ricon Peres* 12
Médium que honra a doutrina, por *Tito L. Bancéscu* 174
Mediunidade no Lar, por *Emmanuel* 91
Momentos (Os), por *Z. Zimmermann* 143
Meu amigo, muita paz, por *Emmanuel* 301
1956, da *Redacção* 1

Minhas Mãos, por *Amadeu Santos* 206
Mistério, poesia de *Manuel de Sousa* 185
Moral (A), por *Eduardo F. da Conceição* ..... 15, 42, 122, 140, 204 e 229

N

Notas e Comentários:
Atitude infeliz 159
Afundamento (O) do Andréa Doria 287
Aniversário glorioso 351
«Boletim Comemorativo» 95
«Boa Vontade» 190
«Caminho (O)» 31
Cão (Um) sábio 63
Como se faz a história 127
Catolicismo e Espiritismo 190
Congresso Internacional 255
Carta (Uma) de Pereira Guedes 255
Centro Espírita «Casa de Jesus» 255
Caso (Um) de Reencarnação 287
Centro (O) Espírita «Judas Escariote» ... 383
«Espiritismo no ar» 95
Ecos de um Congresso (Cuba) 351
Grupo Espírita «Preito a Jesus» 63
Homem (O) e o cão 223
Instituto (O) Jesus, de Juiz de Fora 31
Isto não é Espiritismo 159
Instituto Argentino de Parapsicologia ... 190
Lição de Moral 159
Memória (A) etérica 319
«Más Alta» 383
Nelson de Azevedo 223
Não precisam de alvará... 319
Puritanos (Os) e a Igreja perfeita 223
Ponto final 287
Pressentimento no mar 351
Reencarnação, chave da paz 63
Reencarnação (A) 95
«Recanto do Cristão» 127
«Racismos» 383
Teatro Espiritualista 319

Natal dos Necessitados 58
Natal e Ano Novo, no Lar de Jesus, por *Leopoldo Machado* 183
No que eu creio, por *Alberto Einstein* 264
Nossos (Os) representantes (Zalmiro Zimmermann) 35
Notícias do Brasil ..... 124 e 269

P

Pena (A) de Morte, por *A. L. Magalhães*, 206 e 247
Pensamento do «Tio Juca», por *João Correia Vieira* 324
Pensamento (O) Religioso e os Fenómenos Psíquicos, por *A. Mazzarati* 266
Pétala (A), por *José de Castro* 367
Pisicato, por *I. D. S.* 289
Platão, a Verdade e a Psicologia, por *José S. Fernandes* 66
Pode vender fiado, por *Aluno Velho* 367
Por esse mundo... (Miscelânia) 138
Por que sofremos?, por *Cyrillo Alleixo* 218
Portugal-Brasil, poesia de *Paulo Alberto* 71
Posições, de *I. D. S.* 225
Préce de Francisco de Assis 119
Problema (O) dos Estigmas, por *António Cardoso* 36
Profissão de fé, pelo *Irmão Maurício* 105
Psicologia (A) da Oração, por *Z. Zimmermann* 333
Psicologia do Monismo, por *Zalmiro Zimmermann* 34
Psicologia da Vaidade, por *Zalmiro Zimmermann* 78

R

Racismos, de *I. D. S.* 161
Reencarnação, da *Redacção* 33
Reencarnação, por *Um poeta* 376
Resposta do Alto, por *Emmanuel* 178
Riquezas, de *I. D. S.* 353
«Roma e o Evangelho», por *Alfredo Miguel* ... 220
Rosa (Uma) para a Menina Doente, poesia de *Francisco Luciano* 154
«Rumo às Estrelas», por Alfredo Miguel 284

S

Semeador (O), poesia pelo médium *Francisco Luciano* 303
Ser ou não ser, poesia por *Teista* 297
Serviço Espírita de Informação 378
Significação da palavra Morte, por *Sir Oliver Lodge* 215
Solilóquio, por *Manuel Cavaco* — 6, 58, 136, ... 184, 203, 239, 279, 316, 335 e 377
Sopro Renovador, por *Leopoldo Machado* 270

T

Terra (A) do mexerico 348
Tese (A) das Vidas Múltiplas, por *Alfredo Miguel*
Ressurreição e Reencarnação 26
O Diálogo de Cesareia 26
A Lição do Cego 27
Jesus e Nicodemos 44
A Reencarnação de Elias 44
Concluindo 45

U

Um novo Caso Watseka, por *Rudolfo Schwri* 360
Uma entrevista com Rohden, por *Zalmiro Zimmermann* 110
Unidade, da *Redacção* 65

V

Verdade (A) e o Tempo, por *Rocha de Sousa* 295
Verdade (A) sobre o Espiritismo, (Esclarecem os Espiritistas) 205
Vida (A) além do Véu, por *Alfredo Miguel* ... 186
Vida (A) e a Morte, por *José Correia de Oliveira* 265
Viera do Infinito, por *Rocha de Sousa* 230
Vigilância, de *I. D. S.* 193
Vítor (Dr.) Sacavém 283
Voz de Portugal Espírita, por *Isidoro Duarte Santos:*
1.ª, 2.ª, 3.ª, e 4.ª 280
Dar e deixar 314
Morte e renascimento 344
A Vida é um grande sonho 345
O Cão Doedel 362
Vozes (As), de *I. D. S.* 321

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

17.º ANO | LISBOA, JANEIRO DE 1956 | N.º 1

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 5 66 05

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. N. do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

1956

O nosso regresso do Brasil faz-nos evocar um sonho que pareceu mirabolante na concepção, mas que foi realidade de muitas e variadas consequências.

É cedo para fazer o balanço de viagem tão vasta por terra, mar e ar. Esse trabalho será realizado em silêncio de gabinete, em meditação, em ligação com o que ficou na dobra do tempo e que se manifesta a cada instante em recordações indeléveis.

Não é possível separar certos quadros do seu conjunto. Seria mutilar, seria enegrecer. Por enquanto, tudo pertence à mesma expressão grandiosa.

Depois é que as imagens criam tonalidade, adquirem forma e vulto. Nessa altura é que a inteligência e o sentimento se alargam e transportam a vibração ao mundo real.

O cronista não está tranquilo neste princípio de ano. Lateja entre duas saudades que se irmanam, entre dois continentes estremecidos. Rosas que se esfolharam, deixando o ambiente impregnado de perfume... Luzes que se avantajaram no céu fraterno, irradiando e acalentando... Abraços de alegria, protestos de amizade, palavras de fé, tudo isto se apresenta à retina maravilhada... É como fogo de artifício na imensidade plúmbea do oceano. O deslumbramento não deixa destrinçar, nem raciocinar. É apoteose, coloração bizarra que impressiona totalmente. Mais tarde, sim, mais tarde é que se pensa no acontecido.

Para trás ficou um mundo estranho a palpitar. E outro se abre em frente. Dois mundos que se entrelaçarão no mesmo trabalho fecundo, que exige braço forte e vontade dominadora. Sobretudo amor sincero, devotamento, renúncia, fraternidade.

Nunca as palavras sejam desvirtuadas na boca de amigos devotados. O que eles disserem não será crítica pejorativa. Será útil construção ou alvitre oportuno. Não haja quem rebusque nas palavras o que elas não têm. «Amigos de todos, estaremos com todos», na frase de Lia, em Pedro Leopoldo.

O Brasil espirita tem aqui uma trincheira, não para bajular, mas para fortalecer. Quando for preciso, falar-se-á: «Sim, sim, não, não», como disse o Cristo, sem molestar, apontando rumos, oferecendo orientação.

O regresso é mais difícil que a jornada. Enquanto ela decorre, não se pedem contas. Essas vêm depois. «Que dirá? Que não dirá?». Todo o mundo espera. Por isso o balanço exige repouso, exige calma e ponderação.

Nem todos estarão de acordo connosco. Seria impossível. Mas olhem que Estudos Psíquicos *é tablado honesto onde se fala à vontade, sem agredir. Cada qual tem liberdade de apresentar ideias, desde que sejam elevadas e subscritas.*

Esperamos que o ano novo seja decisivo para a expansão desta revista em território brasileiro. A sucursal do Rio pode ser o móbil oportuno. Se tal suceder, a Doutrina terá seu lucro, que o nosso maior desejo é despersonalizar a obra, torná-la de âmbito colectivo. Que este órgão não seja meu, nem teu. Que seja nosso, de todos, eis o principal objectivo.

Neste sentido, venha a cooperação. Todas as impressões serão lançadas em alicerce de boa estrutura. A experiência aprimora o trabalho e é preciso superar a obra realizada. Venham achegas, venham braços, venham alvitres e sugestões. Tudo se coordenará, porque a Causa o exige. E quando ela fala, valor maior se alevanta. Não há balizas que se oponham às ideias, quando estas reflectem progresso e bondade.

Esta obra não tem fronteiras, porque não tem limites. Abrange o universo humano, o problema da felicidade colectiva. E para lá deste sector, outros caminhos se abrem ao sentimento e à compreensão. Não há liames demasiados para ligar dois povos amigos.

Que o ano de 1956 traga coisas promissoras e que outros arautos surjam nas fileiras desfalcadas, são os votos dos que aqui trabalham. E que Portugal e Brasil se aproximem ainda mais na rota civilizadora do mundo.

O DISCURSO SOBRE O MÉTODO

Pelo Dr. AMADEU SANTOS

Descartes defende o racionalismo, em pleno século XVII, enquanto Francisco Bacon preconiza o empirismo, para logo degenerar em sensismo, culminando com o cepticismo de David Hume, que o leva às suas máximas consequências, elaborando o associanismo elementarista e mecanicista. René Descartes assume a atitude consciente e deliberada de verdadeiro reformador, ao sustentar as teses fundamentais da sua filosofia. Lutando ardorosamente para conservar-se realista, como o exigem a sua formação, a sua índole e tendência, não pode evitar que sejam abertas as comportas que haveriam de levar ao dilúvio intelectual do idealismo exagerado, em que se embrenharam alguns dos seus discípulos. Isto lhe deu, por consenso unânime, a láurea de «pai do idealismo moderno», que não sabemos se repugnaria ao renomado filósofo francês. Sua posição, aliás, bem se assemelha à de Bacon, no que concerne à tese de que se impunha uma reforma nos arraiais da filosofia. São dois homens de génio que sentem o problema da inovação, que, a juizo de ambos, se impunha, a começar pela necessidade da doação de um novo método. Urgia reformar as ciências e libertá-las dos erros de que estavam eivadas. Esse pensamento dominava Descartes, notadamente, desde os dias de seu contacto com a caserna, onde lhe foi possibilitada uma meditação profunda, antecipada de uma sólida educação, à base moral e religiosa, formando a sua personalidade científico-cristã entre os jesuitas do Colégio de La Fléche.

O século XVII estava impregnado do pensamento grego, mercê do renascimento da filosofia clássica. Em França dominavam as doutrinas peripatéticas, cristianizadas por Tomás de Aquino. A Física de Aristóteles comprometera-se sèriamente com as conquistas de Galileu, Copérnico e Newton! Descartes, no empenho obstinado de romper com o passado, teria de submeter-se aos riscos inevitáveis e imprevisíveis do combate aberto a esse predomínio. Uma reforma de base, nesse clima intelectual, ser-lhe-ia sumamente arriscado e tememário. Mas a ideia de rebelião obcecava-lhe o espírito inquieto. Daí eleger a Holanda para local presumìvelmente ideal para o campo espiritual da revolucionária empresa. Longe, porém, devia pairar o almejado ambiente, pois que cedo lhe sobreveriam as decepções, em vez da tranquilidade suposta. Com efeito, a própria Universidade de Utrecht, que inicialmente lisongeara o filósofo com uma acolhida satisfatória, depressa lhe havia de repudiar as ideias agitadoras com a pulverização de repulsas severas, especialmente conduzidas pelo reitor Voet. Sua pátria não deixou de desinteressar-se de todo das suas doutrinas. E nas visitas periódicas à terra natal, não escondeu ela o desejo de o albergar em definitivo, o que não logrou, talvez por sentir-se inseguro para concluir as suas meditações filosóficas e fundamentar os passos essenciais da filosofia moderna, cuja paternidade lhe é justamente outorgada, glória de que partilha o autor do «Novum Organum». Descartes, a convite da rainha Cristina da Suécia, admiradora da sua obra, transferiu-se para Estocolmo, vindo a sucumbir pouco depois, premido pela inclemência das intempéries. Suas obras são numerosas e, dentre as notáveis que publicou, é forçoso citar: «Discours de La Métode», «Meditationes de Prima Philosophia», «Principia Philosofhiæ» e «Traité des Passions de l'Ame». Cabe-lhe o trabalho pioneiro de aplicar a Álgebra à Física. É o fundador da Geometria Analítica. O filósofo, além de físico, é essencialmente um matemático. São relevantes os trabalhos seus deixados sobre óptica. Mas de todos os seus trabalhos o que o próprio pensador mais apreciava era o que concerne ao *Método*.

A primeira inovação cartesiana é mesmo correspondente ao método. A ciência clássica, em seu entender, tornara-se, na sua época, enfática, insuficiente e estéril. Entendeu reconstruí-la em alicerces novos e resistentes. Na empresa difícil a que se impôs, domina-lhe o espírito a formação matemática de que se forrara. Acostumado à exactidão das demonstrações geométricas, intenta a reforma

da filosofia aplicando-lhe o método *dedutivo*. Mercê de uma reflexão profunda, feita sobre si mesmo e também sobre os outros, começa a desconfiar dos instrumentos de percepção, pois os sentidos erram e nos levam a ilusões, sendo por isso mesmo o seu testemunho eivado de vícios insuperáveis. Desconfia da autoridade que, como acontece com Bacon, lhe atribui a causa de muitos enganos. Muitas das ideias que antes admitira, aos poucos se lhe foram riscando da alma e, por tal processo, chegou a duvidar de tudo. Erige a dúvida metódica em universal, de cujo enredo nunca pudera sair inteiramente, chegando mesmo a estendê-la aos fundamentos do seu próprio eu. Rompe com o passado, quebra os vigorosos laços da tradição e estabelece a noção de dúvida provisória, instrumental, capaz de constituir método para conduzir à certeza. Passa do estado de dúvida à primeira certeza, admitindo, como garantia da verdade de sua primitiva intuição, a evidência do «*cogito ergo sum*» — se duvido, penso; se penso, sou ou existo. Chega à primeira certeza — a existência do pensamento — e, desta certeza, à certeza do eu. E saindo do próprio ser chega à primeira existência exterior, por ele provada — a de Deus, devendo, por isso e necessàriamente, ser a Teodiceia. O «*cogito ergo sum*» é a verdade de que não será lícito duvidar. E porquê? Porque é evidente, pois a concebemos clara e distintìssimamente. Todas as coisas que podemos conceber com *clareza* e *distinção* são verdadeiras. A primeira realidade com que esbarramos é o ser pensante. O critério da verdade estriba-se na evidência, conferida pela clareza e pela distinção. Para conduzir bem o entendimento na indagação da verdade, Descartes junta a análise à dúvida. Se a evidência dirige o espírito para libertá-lo da dúvida, o uso da análise é meio para atingir a evidência. O método é, por assim dizer, a essência da própria construção da filosofia cartesiana.

DR. AMADEU SANTOS

O «Discurso Sobre o Método» visa bem dirigir a razão para buscar a verdade nas ciências. Como o admite o próprio autor, a dissertação pode ser dividida em seis partes, sendo que a segunda e a quarta são as que assumem maior importância. Vejamos cada uma delas, em apreciação ligeira e despretensiosa:

PRIMEIRA PARTE

Tece, Descartes, de início, «várias considerações sobre as ciências. Começa por apreciar o bom senso, achando que é «a coisa mais bem repartida deste mundo». De facto, o bom senso é uma faculdade de que são dotados todos os homens. Não comporta graus nem diferenças. O que os distingue é o medo com que cada um faz uso dele. Acha que é igual, no homem, a faculdade de julgar acertadamente e discernir o verdadeiro do falso, que nisso importa a função da razão. Mas a que se deve a diversidade das opiniões dos homens? Não por serem mais razoáveis do que as outras, mas pelo modo como conduzimos os nossos pensamentos por caminhos diferentes e não considerarmos as mesmas coisas. O que importa não é ter o espírito bom, mas aplicá-lo bem. O filósofo dá o seu testemunho, confessando humildemente que nunca presumira que seu engenho fosse mais perfeito do que os do comum. E passa a conceber a razão como a única coisa que nos distingue dos animais, resolvendo um problema psicológico da maior importância, que é o desfazer a confusão em que se insiste, deliberada e perconcebidamente, qual a de confundir os animais com os homens.

Descartes faz alarde de haver elaborado um método pelo qual lhe parece aumentar por degraus o seu conhecimento e elevá-lo ao mais alto ponto que possa alcançar. Em seguida faz um esboço histórico da sua vida intelectual. O próprio curso, que fizera, e a aluvião de obras de autores célebres, não lhe

aproveitaram senão para melhor distinguir a sua ignorância. Neste juízo não deixava implícita a reputação negativa de certos estudos, como os das línguas, história, poesia, eloquência, etc., senão que os tinha como úteis e necessários. Mas, como tais disciplinas recebem da filosofia os seus princípios, entendia que as colunas sólidas dessas ciências assentavam nos alicerces considerados frágeis: — os da filosofia. Daí preferir a busca da ciência no «livro do mundo», observados usos e costumes, fazendo observações e experiências. Mas apreender só no mundo externo não seria suficiente. Impunha-se o aprendizado do mundo interior, mobilizando todas as suas forças intelectuais na descriminação, eleição e preferência da meta que deveria atingir.

SEGUNDA PARTE

A segunda parte do *Discurso* corresponde à enumeração do método. É uma como redução dos inúmeros preceitos da Lógica para quatro sòmente. Achou Descartes que a «Ars Magna» de Raimundo Lulu possuia muitas filigranas, algumas das quais desnecessárias. Estudara assim a Lógica tal qual então era ensinada, a partir do seu fundador — Aristóteles. Considerou que, *grosso modo*, os seus preceitos concorriam mais para expor detalhadamente aos outros aquilo que já conheciam do que facilitava a aprendizagem. Essa é uma crítica, aliás, que já se pronunciara em Francis Bacon, quando preconiza o método *indutivo* em substituição à dedução ou o método silogístico peripatético. Visando especialmente evitar que se falasse indiscretamente daquilo que se ignorava por inteiro é que lhe assaltou a ideia reformadora que o havia de levar a empreender a tarefa de criar um novo método.

As principais regras do seu método podem ser assim resumidas:

a) Não aceitar como verdade senão o que se perceba que o seja evidentemente;

b) Conduzir os pensamentos com ordem, a começar pelos mais simples e de fácil compreensão, para subir cautelosamente de degrau em degrau até o conhecimento dos mais complexos, ainda que supondo certa ordem entre os que uns aos outros não precedem naturalmente;

c) Dividir as dificuldades que se hajam de examinar, convenientemente, em parcelas, tantas quantas hajam mister para melhor resolvê-las;

d) Fazer sobre qualquer objecto enumerações tão completas e resenhas tão cabais, que fique a convicção de nada haver omitido.

Resumindo: Descartes recomenda na segunda parte do seu «discurso», em síntese, as regras seguintes: *a*) a evidência; *b*) a análise; *c*) a ordem; e *d*) a enumeração. A prova de seu método tirou-a ele, aplicando-o, com êxito, às ciências matemáticas. Daí resolver aplicá-lo às demais ciências, a começar pela filosofia, da qual todos tiram seus princípios. Todavia, como tal empresa representava o objecto mais grave de todos, achou o filósofo francês não estar habilitado para tanto, pois que não teria madureza intelectual bastante, visto a idade — 23 anos — ainda não lhe ter permitido um preparo antecipado conveniente.

TERCEIRA PARTE

A terceira parte trata de algumas normas de moral, derivadas do método. Descartes elaborou provisòriamente certas regras de proceder, enquanto a razão lhe recomendava a *epochè*, para não suspender todas as acções. Essa moral antecipada não consistia mais que em três ou quatro máximas ou aforismos práticos. A primeira delas consistia em obedecer às leis e aos costumes do próprio país, guardando inalteravelmente a religião em que Deus, desde a infância, lhe fizera a graça de o instruir, em tudo governando-se pelas opiniões mais moderadas e menos excessivas e comumente abraçadas pelas pessoas que melhor senso demonstrem na pátrica e entre os quais haja de viver. A segunda máxima era a de ser, no momento da acção, o mais possível firme e resoluto. E as próprias opiniões, ainda as mais duvidosas, desde que decidido a adoptá-las, devia segui-las inabalàvelmente, como se fossem certíssimas. Se os actos da vida comportam adiamento, se não podemos discernir as opiniões mais verdadeiras, pelo menos devemos seguir as mais prováveis, visto que «verdadeira e certa é a razão que nos determinou a fazer a escolha».

A terceira consiste no esfôrço de vencer-se antes a si próprio do que à fortuna e mais se preocupar em mudar seus desejos do que alterar a ordem do mundo, e em geral acostumar-se a crer que, inteiramente, só estão em nosso poder os nossos pensamentos, cabendo cada qual resignar-se à lei da necessidade, porque nisto lhe parecia suficiente

para impedir-lhe de aspirar no futuro qualquer coisa que conquistasse e por tal processo pudesse tornar-se feliz. Melhor emprego do tempo, assim seria continuar o que havia encetado, visando «a cultura da sua razão».

As três máximas precedentes fundam-se, pois, em que a cada um deu Deus a luz com que discernir o verdadeiro do falso. Seu intuito não era — como franca e sinceramente o declara — imitar os cépticos que duvidam por duvidar e alardeiam irresolução a propósito de tudo. Descartes, ao revés, com efeito, intenta firmar-se em bases sólidas e inamovíveis evitando edificar sobre a argila e a rocha.

QUARTA PARTE

A quarta parte cuida das razões pelas quais se prova a existência de Deus e da alma humana, representando dois fundamentos da sua metafísica. Descartes, aplicando cautelosa e prudentemente o seu método, entende que deve entregar-se à pesquisa da verdade, rejeitando como absolutamente falso tudo quanto lhe oferece a mínima dúvida, e tentando verificar se há qualquer coisa em sua crença que não possa oferecer algo duvidoso. Assim, visto que os nossos sentidos nos iludem algumas vezes, e como há pessoas que se enganam em seus raciocínios nas mais simples questões da geometria e incidindo em paralogismos, e julgando-se, como qualquer outro, sujeito a erros, entendeu rejeitar por falsas todas as razões tomadas anteriormente como demonstrações, visto que também os nossos pensamentos normais nos podem ocorrer quando dormimos, podendo ser considerados tão verdadeiros, quanto os seus sonhos ilusórios. Mas, ao *pensar* que tudo era *falsidade* e *ilusão*, depara, com a primeira intuição — o pensamento — e, se *pensava*, devia ser alguma coisa. Assim, o primeiro princípio de filosofia repousava no *cogito ergo sum*. Não podia duvidar de sua própria existência, pois que, clara e distintissimamente, existia. Por conseguinte, temos por certo que a alma existe independentemente do corpo (é até mais fácil de conhecer do que este), pois se é possível duvidar da existência dos corpos, não é mais possível duvidar da existência do *eu pensante*. A evidência cifra-se na *clareza* em *distinção*.

Reflectindo no facto de duvidar, ocorreu-lhe, em conclusão, considerar que o seu ser não era perfeito, pois que há mais perfeição em *saber* do que em *duvidar*. Convenceu-se de que só de uma natureza mais perfeita do que a sua podia ter recebido a ideia de algo mais perfeito do que ele era. Tal ideia não podia provir do nada, nem dele mesmo, porque do menos perfeito não pode depender o mais perfeito. Restava considerar que tal ideia tinha sido colocada em seu espírito por uma natureza que tivesse em si todas as perfeições de que não era possível ter qualquer noção — Deus.

Convenceu-se então de que a certeza das verdades geométricas emanam da evidência com que são percebidas. Porém, nada têm em si que assegurem ao espírito a existência dos respectivos objectos. Sabendo-se, por exemplo, que os ângulos de um triângulo devem ser iguais a dois rectos, isso não nos garante, todavia, a existência de algum triângulo real e eterno. Compreendendo a ideia que temos de um ser perfeitíssimo, descobrimos que a existência está compreendida nele, pelo menos tão evidentemente como está a igualdade em um triângulo dos seus três ângulos a dois rectos. Conseguintemente, a existência de Deus é, pelo menos, tão certa como seja qualquer demonstração geométrica.

QUINTA PARTE

Trata da ordem das questões da física investigadas pelo autor.

Descartes expõe sumàriamente algumas ideias que reputa de verdades, descobertas pelo seu método. Coerente no propósito de manter o princípio empregado para demonstrar a existência da alma humana e de Deus, o filósofo anuncia sucintamente algumas ideias que considera verdades que descobrira por meio de seu método. Preocupado com o problema da origem das coisas, interessa-se pela Cosmologia, posição dominante e já exposta do seu «Tratado do Mundo». O mundo é feito de «*res extensa*» e movimento. O homem é «res cogitans» e «res extensa», pois que é corpo e espírito. Descreve uma fisiologia complicada e fala em «espíritos dos animais», por intermédio dos quais se estabelece a comunicação entre a alma e o corpo. Chega, incompreensìvelmente, a admitir a existência do «génio maligno», capaz de nos conduzir ao erro. Argumenta que incorrem em erro os que negam Deus e sustenta que nenhum outro erro há que afaste mais os espíritos fra-

Jan/56

SOLILÓQUIO

por MANUEL CAVACO

«As coisas são como são, não são como a gente quer»; é certo. É certo que a força das circunstâncias, por vezes, domina inteiramente a vida existencial e altera totalmente os objectivos da existência de cada um de nós; mas também é certo que nós contribuímos muito para que as coisas sejam como são; e se elas não são como a gente quer, é porque o nosso procedimento não foi, nem sempre é de modo a contribuir eficientemente para que as coisas sejam como nós queremos: «Age com acerto e bem, e terás o que te convém».

Quando os eventos imponderáveis que surgem inesperadamente, se combinam com os esforços de cada um de nós e nos facilitam a vida existencial — sem dúvida — agimos em harmonia com os desígnios da Providência Divina e tudo nos sucederá bem; e será prudente não desperdiçar estas oportunidades.

Mas se os eventos imponderáveis e inesperados não se combinam com os esforços de cada um de nós e nos dificultam a vida existencial, é certo que não agimos em concordância com os desígnios da Providência Divina, e então será prudente esperar, vigilante, ocasião mais propícia para agir. — «Por muito que se madrugue, não amanhece mais cedo».

Quando a actuação humana, individual e colectiva, se exerce em perfeito sincronismo com a actuação providencial, vive-se em paz e harmonia, a vida existencial é fértil, frutuosa e próspera. — «Ajuda-te e Deus te ajudará».

Eu creio: quando nos fechamos aos influxos passionais perniciosos, e nos abrimos ao fluxo divino vivificante, a nossa actuação é exuberante de obras valorosas; e quanto mais meritório for o nosso procedimento, mais certas e mais duradouras serão as benesses que nos esperam. «Como fizeres, assim acharás».

O mérito e o demérito do procedimento de cada um de nós, está claramente expresso naquela promessa de Jesus-Cristo: «A cada um conforme as suas obras».

cos do caminho direito da virtude, do que ensinar que a alma dos animais seja da mesma natureza que a nossa. «Entende, assim, que a alma humana é de natureza independente do corpo e que por isso mesmo não está sujeita a perecer com ele, pois que não vendo outras coisas que a destruam, somos naturalmente levados a inferir daí que ela é imortal».

SEXTA PARTE

Nesta última parte do «Discurso...» o autor enumera as coisas que julga necessárias para avançar na indagação da verdade sobre a natureza, expondo as razões que o levaram a escrever. De início, fazendo alusão às teorias heliocêntricas de Galileu e Copérnico, já vislumbradas pelos pitagóricos, e que Descartes esposara no «Tratado do Mundo» confessa-se temeroso de expor suas opiniões, sem maior exame, isto é, sem que sobre elas antes possuísse demonstrações certíssimas, levando-o a desistir de as publicar. Em lugar da filosofia meramente especulativa, ensinada nas escolas, o homem pode achar outra filosofia prática, que lhe ensina as propriedades dos elementos e dos corpos que o cercam, tornando-se, por assim dizer, o senhor do mundo. E conclui o seu discurso com palavras lapidares: «De resto não quero falar aqui em particular dos progressos que tenho esperança de fazer para o futuro nas ciências nem comprometer-me junto ao público com qualquer promessa que eu não tenha certeza de cumprir, mas apenas direi que resolvi não empregar o tempo que me resta ainda de vida em nenhuma outra coisa que não seja em procurar adquirir algum conhecimento da natureza que seja tal que dele se possam tirar para a medicina regras mais certas do que as que existem até hoje...»

O método cartesiano tem duas feições especialmente dominantes: 1.ª) preconiza a suspensão provisória da adesão mental (dúvida metódica); 2.ª) meio para se tirar da dúvida metódica — a evidência (clareza e distinção das ideias).

Rio de Janeiro, Abril de 1955.

MAIS UM ANIVERSÁRIO

Sim! O tempo, quer queiramos ou não, voa tão rápido como as aves no vasto azul dos céus, ou anda tão impetuosamente como as vagas no imenso caudal dos oceanos.

Foi há 5 anos... e parece que foi ainda ontem. Foi há 5 anos... e quase íamos jurar que há poucos dias se encontrava na Terra aquela que se chamou Maria Gonçalves Duarte Santos. Foi há 5 anos... mas a sua memória está tão viva em nossa alma, a sua amizade tão acesa em nossos corações, que senão fosse o calendário, o calendário que nos obriga o fugir das regiões ignotas do sonho para as duras realidades da Vida, diríamos que não, que era impossível ter já passado tanto tempo!

MARIA GONÇALVES DUARTE SANTOS

A sua imagem está tão presente, que, às vezes, quando a saudade é mais forte, temos a ilusão de a vermos ainda, com aquela vivacidade por todos tão admirada, trabalhando no Centro Luz e Amor ao lado de seu companheiro, dando-lhe sujestões, apresentando-lhe directrizes, colaborando na sua obra, que é, afinal, a obra de todos nós.

Foi há 5 anos... mas a sua voz é tão viva em nossos tímpanos, que, às vezes, parece ainda a ouvirmos, dando a sua opinião sobre este ou aquele assunto, sobre este ou aquele ponto da Doutrina, com profundidade e intuição que não raras vezes nos surpreendiam. Nós, que estamos, infelizmente, tão habituados à banalidade, ao espírito rotineiro da maioria das mulheres portuguesas, sentíamo-nos presos à sua conversação, sentíamo-nos perplexos perante a vivacidade das suas palavras, sentíamo-nos confusos quando a ouvíamos falar, com espírito crítico muito raro, sobre alguns aspectos do Espiritismo português.

Foi há cinco anos... e parece que foi ontem.

Quando nos vieram dizer que Lia tinha deixado de pertencer àquilo a que — como diz o Dr. Martins Oliveira — «a ignorância provisória dos homens chama o único mundo dos vivos», não queríamos acreditar. A sua presença tornara-se tão indispensável, que uma notícia dessas, apanhando-nos de surpresa, deixava-nos confusos e incrédulos. Quando o primeiro momento de perplexidade passou, tivemos de acreditar na triste verdade que nos acabavam de dizer. Não nos vestimos de luto, não fizemos cerimónias fúnebres, não fizemos espalhafatos, porque não pensamos como a maioria, porque somos espíritas. Mas a saudade, essa não pudemos impedir que inundasse a nossa alma, embora seja uma saudade diferente da das pessoas vulgares, porque sabemos que um dia no Além voltaremos a encontrar aqueles que foram os nossos entes queridos na Terra.

Foi há 5 anos.. e hoje, 4 de Janeiro, data de mais um aniversário da sua passagem para o Além, ao recordar a obra que realizou em prol do Espiritismo, não podemos deixar de elevar o pensamento ao Alto, agradecendo a essa Irmã toda a colaboração que nos tem dado do mundo em que se encontra, e pedindo a seus Guias Espirituais que a continuem iluminando como até aqui, para satisfação de todos nós e glória do Espiritismo — A. C.

O título é de Frei Boaventura. Ele o declara: «O nome que damos a este argumento é nosso». E transcrevendo Kardec:

> «O dogma *(sic)* da reencarnação se funda na revelação e na justiça de Deus. A razão no-la indica e os Espíritos a ensinam».

Aquele *sic* é do Frei, que se esquece de que a palavra dogma não tem apenas o sentido teológico de verdade indiscutível e inventilável, de infracção às leis naturais, mas que também significa princípio, ponto fundamental...

Para mostrar que damos ao argumento valor extraordinário, cita o meu obscuro nome, quando dizia no livro *Reencarnação:*

> «A reencarnação não nos veio dos povos orientais nem de quaisquer outros, mas do ensino dos Espíritos».

Mas logo faz empalidecer a glória de ver-me citado, pois acrescenta:

> «Não foi por causa das quatro mentiras aí contidas, que citamos este passo, mas para mostrar o alto valor que os reencarnacionistas dão ao argumento».

Quais seriam as quatro mentiras que me lança às costas com tão pouca cerimónia, não as enumera nem esclarece o erudito Frade.

Mas, afinal, de onde haurimos, nós, espiritas, os ensinos que Kardec codificou? Do Oriente ou dos Espíritos?...

Assim, porque eu atribuí a nossa convicção nas vidas sucessivas ao ensino dos Espíritos, faz o opositor uma conta de chegada, multiplica não se sabe o quê, e me apresenta como um perpetrador de quatro mentiras!

Aponta-me, ainda, quando declaro:

> «A reencarnação, apresentada pelo Codificador, tem esta base: a concordância, a espontaneidade, a multiplicidade».

1.º — E no seu capítulo «Sã Crítica do Argumento» indaga, para mostrar a fraqueza de nossos esteios:

a) Se a evocação é facto indiscutìvelmente demonstrado, se o médium é de confiança; *b)* se não recorreu ao depósito dos conhecimentos próprios; *c)* se foram aproveitadas, apenas, as mensagens de espíritos sinceros, bons, competentes; *d)* se Kardec era homem intangìvelmente honesto, correcto, leal, codificando, apenas, as comunicações de espíritos superiores.

2.º — Declara — o que aqui damos resumidamente — que o facto da evocação não foi aceito pelo mundo dos cientistas e especialistas; trata-se de uma hipótese discutível.

UM ARGUME

Pelo Dr. CARL(

(Correspondente

3.º — Admitindo a realidade da comunicação, permanece a dificuldade de encontrar um médium probo e capaz.

4.º — Há, ainda, segundo os espiritas, os Espíritos atrasados, ignorantes, brincalhões. Já o Frade havia provado que o critério de Kardec, da linguagem digna, da concordância e da lógica é insuficiente.

5.º — O próprio Kardec não merece adesão, porque, como homem, é falível, mesmo porque confessa ter remodelado as mensagens; não deixou intactos os originais.

6.º — Disse Kardec que a doutrina era a resultante do ensino colectivo e concorde. Vê-se que é ponto de capital importância — assegura o Frade —, e demora-se nessa parte, quase a dormir no ponto, para cair-nos, triunfante, magistralmente em cima. E diz-nos:

«Provaremos que, de facto, não houve concordância e unanimidade dos Espíritos no ensino da reencarnação. E documenta a sua assertiva com 3 séries de provas: Parte do Espiritismo não aceita a teoria da pluralidade; o próprio Kardec recebeu mensagens contrárias; ele mesmo não deu valor às mensagens dos Espíritos».

Paremos por aqui e principiemos pelas indagações quanto à confiança e probidade do médium.

As objecções se justificariam, quando feitas por um neófito, nunca por quem vive a estudar afanosamente o Espiritismo. E muito menos se poderia justificar a perplexidade por parte de quem, repetidamente, lembra o princípio básico para a aceitação de uma tese espirita — a concordância, a colectividade, a generalidade da comunicação.

Diante disto, que importa saber quem é o médium? O processo não nos deixa dúvida sobre o valor do testemunho. Ilustremos o asserto:

Suponha-se que dez, cem, ou mil pessoas, de diferentes categorias, em diversas partes, de várias proveniências, sem se conhecerem, sem nenhum acordo prévio, dizem a mesma

TO ESPECÍFICO

IMBASSAHY

iterói, Estado do Rio)

coisa, testemunham o mesmo facto, referem-se, concordantemente, a algo que presenciaram; acolchetam-se os seus depoimentos, por forma convincente. Está feita a demonstração sem necessidade de maiores indagações quanto à pessoa dos depoentes.

O velho direito exigia para a prova apenas duas testemunhas. Se elas, devidamente interrogadas, eram concordes, tinha-se um forte elemento probante.

Os médiuns de que se utilizou Kardec, em geral do sexo feminino, eram pessoas de reconhecida e indiscutível honestidade. Di-lo a história do Espiritismo.

O cerrado processo de investigação, a maneira por que o Mestre procurava esclarecer o assunto, a lógica que se impunha à convicção, já se tornavam garantia bastante para a aceitação dos princípios apresentados. O tempo, ainda mais se encarregou de cimentar as lições dos Espíritos, porque, em toda a parte, elas se confirmaram.

As comunicações, em regra, eram uma repetição do que se encontrava no Livro dos Espíritos. Tínhamos aí a concordância e a generalidade.

Vamos aos exemplos:

No «Livro dos Espíritos» se diz que, frequentemente, o morto assiste ao seu enterro, excluídos os casos de perturbação espiritual (N.º 327).

Ora, nas manifestações espontâneas, em qualquer parte onde se verifiquem, muitas vezes à revelia do médium, outras em flagrante oposição às suas ideias, é comum ser ele tomado por um espírito e declarar que presenciou os próprios funerais.

Alguns referem os seus sonhos, sem os compreenderem; notam que seguem um cortejo fúnebre e vêem um caixão com o próprio corpo. Reminiscências do passado falecimento. Tudo é confirmação do ensino espirita, sem nenhuma intervenção de Allan Kardec, ou... dos espiritas, e sem que os pacientes conheçam os preceitos doutrinários.

Outras vezes, os Espíritos ignoram que se acham mortos, visto que se sentem vivos, com as mesmas ideias, os mesmos sentidos, o mesmo corpo, as mesmas vestes... Suas declarações, uniformes onde quer que se apresentem, coincidindo com o ensino espirita, quanto às condições do desencarnado, são ainda uma demonstração da consistência doutrinária.

Nas célebres manifestações da Sr.ª Piper, examinadas por grandes sábios ingleses e norte-americanos, os ensinos dos Espíritos não se afastavam dos textos da Codificação, geralmente desconhecidos no país.

Não é possível longa documentação; lembremos, apenas, um caso recente narrado em *Sunday Sun* e *Two Worlds:*

O milionário Morgan manifesta-se ignorando que está morto; pede que o levem a Wall Street. Disseram-lhe, então, que o dinheiro já não valia para os mortos.

Há outras demonstrações, provenientes dos vivos, e cuja concordância reforça o valor das revelações dos mortos. Assim, diziam, por vezes, os defuntos que na hora do trespasse viam transcorrer-lhes, diante da retina espiritual, todas as cenas da vida a extinguir-se, como se estivessem diante de um filme. Pois muitos indivíduos, que estiveram à borda do Outro Mundo, narram o mesmo fenómeno: quando já se lhes iam apagando os últimos lampejos da vida, viam desfilar todos os episódios transcorridos no percurso da existência. Era a confirmação do facto espirita.

Em «Evolução» eu cito vários fenómenos anímicos ou manifestações de vivos, como. por ex., os de desprendimento, onde o espírito deixa o corpo, perambula, anda por lugares vários, transporta-se cèleremente, pela simples vontade, atravessa paredes e portas fechadas, vê e ouve, percebe-se com um corpo igual ao que jaz adormecido ou inerte, dirige-se aos circunstantes, sem que estes o notem, sente-se livre, e eufórico, se estava preso a alguma enfermidade, entra, por vezes, em contacto com entidades espirituais; termina o fantástico acontecimento, de que conserva a lembrança, com a volta ao corpo físico, o que lhe acarreta, quase sempre, forte descontentamento.

A narrativa dos vivos é perfeitamente igual à revelação dos mortos, e essa prova dispensa a indagação sobre a idoneidade do médium.

As mensagens nos são, ainda, transmitidas por meios mecânicos, como pela mesa de três pés, pela escrita directa, pelo copo, pelo

«oui-já», pela bola de cristal, pelas pancadas, como no caso das irmãs Fox, pelos fantasmas materializados, sem que nada disso tenha que ver com a probidade do médium, que não intervém no fenómeno, a não ser de forma indirecta, pelo empréstimo de fluidos. O que caberia, então, indagar, era da lisura da mesa, do lápis, do copo, do papelão, do vidro, das paredes, dos fantasmas...

Dada, portanto, essa variedade de fenómenos, a concordância dos informes, a generalidade do ensino, a universalidade da manifestação, só poderíamos admitir que houvesse no Espaço uma *societas sceleris*, com um rol de respostas padronizadas e indivíduos preparados a levá-las aos quatro cantos do globo, onde houvesse um médium; e capazes, ainda, de iludir os vivos, pondo-lhes diante dos olhos os fenómenos de que nos falam os mortos; e de agirem sobre os corpos inanimados, de forma a dar-nos a certeza da objectividade do facto.

Uma coisa assim, tão bem feita, deve obedecer, necessàriamente, à direcção de Satã, para perder o Mundo, manobra a que o Criador assiste com a indiferença com que vê seus filhos conduzidos ao Inferno, pela imperfeição com que ele mesmo os criou.

Outra prova da displicência divina é deixar que o *Pai da Mentira* nos iluda servindo-se do próprio Evangelho. Ele nos traz a moral do Cristo, confirma a sua existência, os seus ensinos, os seus exemplos, os seus fenómenos, o seu sacrifício. Fazendo-nos acreditar no Evangelho, deixa-nos esperançosos no Consolador Prometido. E quando estamos certos que é o Consolador que nos chega, quem chega é o demónio!

O depósito dos conhecimentos — Recorrer-se ao «depósito de conhecimentos», isto é, à hipótese de que os conhecimentos que o médium apresenta se acham em seu subconsciente, é desconhecer completamente os factos.

Se o sensitivo nada conhece de doutrina e enuncia pontos doutrinários; se revela segredos; se se apresenta como determinado defunto e faz declarações que só o defunto poderia fazer; se diz o que ninguém sabe ou não podia saber; se aponta o lugar onde se acha um objecto que se procura e que o morto escondera; se mostra ideias, pontos de vista, opiniões, estudos, erudição, discernimento, que se sabe eram os predicados do falecido que se diz presente, entretanto que o médium é o inteiramente oposto a tudo aquilo, apelar para o «depósito dos conhecimentos» é ensombrar o assunto em vez de esclarecê-lo.

Ao tempo de Kardec, o que predominava em França era o Catolicismo. Se houvesse o aludido depósito, o que os médiuns ensinaríam havia de ser o catecismo dessa religião. Wallace já notava o extraordinário fenómeno: criados na religião católica ou protestante, cheios das ideias de céu e inferno, da ressurreição, do dia de juizo, de demónios de um lado e anjos alados do outro, os médiuns nunca a isto se referiam, senão à vida do Espaço, aos diversos estágios, à ascensão progressiva, às dores e alegrias após a morte, conforme a maneira de viver; em vez de chifres e asas, o que vêem são Espíritos com aspecto humano; quem lhes fala não tem a forma angélica ou demoníaca, mas a de seres que pertenceram a este mundo. Donde viria o depósito?

Allan Kardec — Quanto a Kardec, cuja biografia está ao alcance de todos e cuja honestidade só é posta em dúvida para efeitos sectaristas; de quem se sabe que sacrificou à Causa o tempo, os bens e a saúde, deixo de tratar, porquanto os fenómenos continuam a produzir-se sem ele. Com honestidade ou sem honestidade, os factos que verificou, os princípios que coligiu, as noções que espalhou, as doutrinas que expendeu continuam vivificadas em cada geração de médiuns e confirmadas por toda a parte.

Espíritos sinceros — O honrado Frade não sabe se os Espíritos seriam sinceros, bons, competentes.

E é pena. Mas se ele conhecesse a fundo o «esoterismo psíquico», se praticasse com médiuns, se se familiarizasse com o mediunismo, e o estudasse, não com o fito de combater, mas de aprender, verificaria que um bom sensitivo sabe com quem lida, conhece perfeitamente a natureza da aproximação, percebe a sombra ou a claridade do Espírito comunicante; ele conhece, pelo que sente, se é bom ou mau o ser espiritual que incorpora; «os fluidos não negam»; a aura que envolve o Espírito dará ao médium agradável sensação, se se tratar de um espírito superior; o espírito atrasado, carregado de fluidos pesados, transmite àquele que o recebe, indefinível mal estar, sensação de angústia, de

torpor, de desfalecimento e o médium até é tomado por dores, que só cessam, muitas vezes, pela acção dos passes.

Há, ainda, os videntes que estão vendo o que se passa.

Se de nada disso se pode informar um atacante apaixonado, que tem a tarefa inglória de emendar o que está certo, devia ele, pelo menos, saber que pelo estilo se conhece o homem. Um enganador esperto pode manter-se por alguns instantes, mas não resistirá a um interrogatório hábil. Arguido, instado, sujeito a uma longa interlocução, atrapalha-se, contradiz-se e para logo deixa ver quem é. Não é preciso um conhecimento transcendental para saber-se disso; qualquer policial o sabe.

Está claro que não me refiro aos crédulos, aos lobos ou aos obsessos: esses não percebem nada.

O mundo dos cientistas — Não sei o que o crítico denomina — o mundo dos cientistas — o qual mundo, segundo ele, e mais o dos especialistas, não aceitou o facto da evocação. Suponho que esse «facto da evocação» é o fenómeno espirita.

Ora, se alguns cientistas emperrados, muitos dos quais ínscios no assunto, não aceitaram a hipótese espirita, em compensação, outros não emperrados, a abraçaram francamente.

Como se pode afirmar que o mundo dos cientistas não aceitou a evolução, se algumas centenas das maiores notabilidades mundiais não tiveram dúvida em ver, como causa do fenómeno, a acção do desencarnado e o têm proclamado desassombradamente?

Não conhece, por certo, o que é lamentável, os trabalhos de J. B. Rhine, lente de uma cadeira de Parapsicologia, numa universidade americana, o qual, depois de milhares de testes, sem que ousassem contraditá-lo, assegura que os mortos vivem e se comunicam connosco. Rhine é nosso contemporâneo.

O principal, porém, é verificar se, *diante do facto,* pode manter-se a hipótese do mundo científico do digno opositor.

É pena não nos mostrasse ele algumas das ideias ou das hipóteses explicativas desse *mundo científico,* a ver como se podiam elas sustentar.

Poderia eu lembrar que foram inúmeros os psiquistas que sairam a campo para mostrar os erros daquele mundo, quando esboçava as suas fragílimas explicações. Iria longe. Basta citar, porém, a obra de Aksakof, em resposta a Hartmann, e a de Bozzano, em resposta a vários, principalmente a René Sudre.

Nenhum deles revidou, nem houve, até hoje, quem se aventurasse à tréplica. Como, em matéria de aventuras, tudo é possível, talvez ainda houvesse tempo e boa ocasião para que o nosso Boaventura tomasse sobre os ombros a empreitada, e fizesse o que não conseguiram fazer os malaventurados a quem aqueles replicaram. E se as folgas lhe sobrassem, lembrar-lhe-ia os nomes de Gabriel Delanne, Camilo Flammarion, Léon Chévreuil, Henri Regnault, Gustavo Geley, Conan Doyle, que, em várias ocasiões, vieram na defesa dos princípios espiritas com reputações magistrais. Que bela caçapada não seria, entretanto, a resposta de Frei Boaventura a essa gente toda!...

Remodelagem das mensagens — Não sei onde Kardec teria confessado haver remodelado as mensagens recebidas. O que sabemos é que ele, quando apresentava ideias próprias, fazia-o em comentários, com as devidas explicações.

Se havia alguma rectificação, esta era feita pelo próprio Espírito e não pelo Kardec. O Codificador jámais colaborou nas lições dos Guias, a não ser provocando esclarecimentos, fazendo novas indagações, procurando novos médiuns ou os consultando sobre o mesmo assunto, para estabelecer a concordância e a generalidade. Discutia os pontos que lhe pareciam obscuros e voltava a novas investigações se os ensinos lhe pareciam deficientes.

Mas o que está na obra de Kardec como ensino dos Espíritos provém dos Espíritos. Dúvida nenhuma.

É claro que estando em convívio com o Outro Mundo, entrasse, por vezes, em comunicação com seres menos adiantados e lhes recusasse as mensagens.

Mas esses espíritos menos adiantados para logo se denunciavam, e seus informes isolados, ilógicos, contraditórios, sem o carácter estabelecido para a aceitação dos ensinos, eram imediatamente postos de lado.

E aí têm como fàcilmente se verifica a imprestabilidade da ferramenta com que se pretende aluir o edifício doutrinário do Espiritismo.

O caminho a percorrer é ainda muito longo.

Rio de Janeiro, Novembro de 1955.

EXORTAÇÃO

O Espiritismo, quanto mais nobre e refulgente se mostra, tanto mais animosidades e controvérsias desperta.

Não faltam adeptos, mas faltam verdadeiros crentes, sustentáculos de uma doutrina.

Logo que um Irmão se sinta crente, sente a necessidade de demonstrar a sua crença aos seus irmãos encarnados. E aí está um tremendo obstáculo!

Como podem os ignorantes do Espiritismo compreendê-lo, só porque ouviram falar dele?

Pessoas há que se dispõem a discuti-lo, sem nunca o ter aprofundado ou estudado!

Até há quem o desdenhe, por ouvir dizer vagamente que o Espiritismo é uma charlatanice de extrair dinheiro aos tolos, ou uma doutrina de desequilibrados.

Como podem essas pessoas discutir um assunto tão sério, não temendo lançar aos outros opiniões desconcertantes e frívolas?

As pessoas que se limitam a assistir a sessões de Espiritismo, são principiantes da doutrina, mas nunca praticantes ou devotos.

Todos sabem que o aprendizado começa por esforços singelos do Espírito, mas é preciso que se verifique em nós um desenvolvimento acima do medíocre e que sintamos a nossa Fé a desabrochar, clara e radiosa, como a mais bela alvorada.

Como querem, pois, que o Espiritismo progrida, senão progridem as pessoas que o praticam?

Se continuam vivendo desdenhosas, ao sabor das suas fantasias e erros?

Se continuam vacilantes no caminho a seguir?

Acaso esses merecem o apodo de Espiritas?

Para esses serão necessárias provas materiais, como materiais são os problemas que os fatigam. São necessárias manifestações espiritas, onde a Luz se derrame com tal intensidade, que chegue aos seus espíritos trémulos; como a luz do Sol chega vagamente ao interior de uma gruta e, por vezes, não consegue, mesmo com sua potência radiosa, ultrapassar os corpos opacos, limitando-se a incidir neles e a fazer sombra, vago delineamento do objecto incidido!

Assim é a Luz de Deus nos espíritos dos homens!

Quantas vezes mal o chega a tocar, fazendo brotar desse pedestal esfíngico apenas uma sombra? Não será, de facto, uma sombra triste e velada, o que os espíritos atrasados irradiam?

Acaso a Luz de Deus os poderá banhar, passando por eles, como pela mais fina lente, podendo ainda incidir sobre outros objectos?

Vede como o Sol atravessa o vidro de uma janela e tudo o mais para além da vidraça! Vede neste exemplo grosseiro o paralelismo das almas luminosas! A Luz de Deus banha-as todas e passa por elas sem se alterar, indo ainda banhar outras almas que sejam como os corpos opacos, em que o Sol incide, sem os atravessar!

Por que fazer do Espiritismo um grau de doutoramento espiritual, para cada um a seu modo?

Acaso as Leis de Deus não são imutáveis e iguais para todos?

Porque diferirem uns dos outros? As pessoas só se distinguem pelos seus valores espirituais e pelas suas obras filantrópicas, e nunca pelos atavios terrenos! Esses são frágeis, como a espuma do mar, e, no entanto, têm servido de tema a muitos poetas e de modelo a muitos pintores.

Como é bela a Natureza! Como é verdadeira e incompreendida! No entanto, se é real a sua existência e se todos os homens acreditam nela, porque razão não acreditam em Deus, o Sublime Artista que a criou? Porque a Natureza está mais ao alcance da sua parca inteligência, onde a matéria bruta impera; e Deus, o Ser Supremo, está demasiadamente distanciado do homem, para que este O possa compreender.

No entanto, se existe a Natureza, que é real e clara, aos olhos huma-

MEDITANDO

Por Emílio Ricon Peres

«Se soubesses como sofrer, tornar-te-ias sofrer». Assim se lê num Evangelho sofrer e tornar-te-ás capaz de não mais sofrer». Assim se lê num Evangelho Apócrifo (1).

Bem-aventurados devem ser não só os que compreendem o real significado desta máxima, mas mais ainda os que, além da sua compreensão, já vivem o mandamento que ela encerra.

Aprender a sofrer — necessidade indispensável. E como? Pela vontade, a que podemos chamar fé ou desejo de conhecimento. Procurando, acharemos, e assim virá a nós o entendimento de que nunca é em vão que o cálice da amargura se nos mostra com a aparência de fonte que não seca, sempre apto a queimar uma ferida, quando a anterior sangra, permanentemente vigilante para que um vislumbre de esperança ou bem-estar não diminua o rosário de contas cáusticas! E o indivíduo verá que a pena não é inútil, mas notará que é precisa e saberá que é necessária, primeiro porque lho disseram e depois porque já o vai sentindo dentro de si — o conhecimento e a fé lhe fizeram descobrir que Deus não dá tarefa superior às forças de cada um — e começará a interpretar e a perceber o mandamento: «O que queres que os homens te façam, fá-lo tu também aos homens».

Manifesta-se a Lei de Causa e Efeito.

ES À LUZ

nos, por que não há-de existir Deus?

Muitos homens desejariam que o Nada existisse. O Nada seria o domínio absoluto de todas as barbaridades e loucuras. Chegaria para encher os seus corações de matéria dura.

Como querem que eles possam compreender a vida espiritual, se seus cérebros são ocos e banais, onde as células mortas gravitam, em torno dos seus espíritos desolados e sofredores?

É inútil pregarem, desejosos de alcançar ràpidamente os objectivos.

Procedei como o Cristo, calma e confiantemente, e vereis os resultados compensadores, não nos outros, que não vos ouvem, e passam indiferentes, incapazes de meditarem nas Verdades Eternas, mas em vós, que sois os principais necessitados e também os principais galardoados!

A Luz não brota por milagre, mas por experiências na Dor, e por encarnações sucessivas. Fazei tudo o que puderdes para ilustrar os vossos semelhantes; desse modo, não só vos iluminais, mas também essas sementes ficarão jacentes no Espírito que vos ouve e sabe Deus quando frutificará! Como é belo e delicioso o fruto que se colhe, mais tarde, desse esforço que julgámos improfícuo! Deus é tão grande e misericordioso, que nada do que é bom se perde, mas tudo se desenvolve!

Senão vejamos:

Hoje tentais introduzir alguém no caminho de Deus. No momento, esse pobre Irmão nega e repudia as vossas próprias palavras, mas, passados anos, e às vezes séculos, (em raros casos) quando já vos não lembrais do esforço dispendido para o seu aperfeiçoamento, eis que se depara a oportunidade de ver e compreender quanto frutificou a semente que se tinha lançado um dia, sem esperança!

Nada se perde! No entanto, quanto tempo é às vezes necessário para que se vejam resultados compensadores?

Valor na luta é o que é preciso!

E quando sofremos uma grave calúnia, quando nos pagam o bem com vilania, devemos pensar que o nosso esforço não é em vão e que um dia os caluniadores necessitarão do nosso perdão, como de água viva, e veremos como o nosso Espírito lucrará com a bela sementeira! Os lucros nunca se notam no momento presente! Pelo contrário, nestas coisas de Deus, quando semeamos, somos sempre mal compreendidos, como se fôssemos apátridas foragidos; somos sempre renegados, até por aqueles que supunhamos leais amigos!

A sementeira de Deus é pródiga e fértil, mas dura e espinhosa no seu labor e na sua fertilização!

Deus nunca vos abandona. Cada um de vós tem grande conta de delitos a resgatar, e alguns frutos deliciosos a escolher!

É necessário não desprezar o tempo que passa como inútil, não adormecendo à sombra de promessas vãs, nem pensando que se tem o dever cumprido e a missão terminada. A nossa tarefa espiritual está muito longe do seu termo.

Cuidado no cumprimento do dever! Que ele se não mescle de orgulho, o que tantas vezes acontece!

Cuidado! Cuidado! Para bem se cumprir um Dever é necessário ter cabedal de experiências milenárias! Ouvi e atendei os sábios conselhos dos experientes, para vos iniciardes nos mistérios do *post-mortem!*

Deus vela por vós!

Nada de fadigas nem desânimos. Prossegui na luta e na sementeira!

Todos precisam de saber o que vos digo. Mas cuidado, não esteja a raposa a espreitar-vos desejosa de entrar no redil calmo das vossas virtudes! E olhai, que o lobo sanguinário vos não abata! O lobo do ORGULHO! Bani-o de vós com horror, como terrível enfermidade espiritual.

Por IRMÃO CÉSAR

---

na sua clareza total, ali, nua e crua, pronta a ser assimilada em sua grandeza e simplicidade: assim fizeste, assim tens.

Belo despertar: o homem sabe por que sofre, conquistou a primeira vitória que o ensinamento recomenda e, automàticamente, fica habilitado à segunda.

Candidata-se agora a «capaz de não mais sofrer». Se o primeiro passo foi bem alicerçado, este segue-se-lhe como consequência natural: quem sabe por que sofre já não sofre! O significado da palavra já não satisfaz, pois onde havia sofrimento passa a existir alegria, embora, perante aparência local e alheia, a provação se continui manifestando. Mas o despertado louva o conhecimento adquirido e alegra-se, ao contrário de desesperar-se, pelas oportunidades que lhe são dadas de ir saldando o seu débito e desfazendo progressivamente as contas amargas, até à sua total libertação, num desejo cada vez maior de chegar à meta, que sabe certa ou até já vê. E assim, finalmente, «mata» a morte e passa a viver a verdadeira vida.

Não será a missão de quem doutrina um espírito em trevas, ensiná-lo a sofrer, para que deixe de sofrer?

---

(1) *Daniel Rops — «Les Evangiles Apocryphes».*

A MORAL

1.º

A moral, embora seja a ciência dos deveres, é geralmente desconhecida, não apenas pelos selvagens, mas também pelos civilizados, que perdem o seu tempo no cultivo de seitas políticas e religiosas.

A Natureza, em perpétua evolução, esplende pela harmonia e o equilíbrio. Está expressa no Eterno e no Infinito.

A harmonia e o equilíbrio naturais, são os expoentes que a humanidade tem diante de si, para pautar os seus feitos. Se transgredir esses exemplos, sofre irremediàvelmente as consequências.

A consciência do retributo das leis naturais ameniza as leis sociais. Conduz ao respeito mútuo, os indivíduos, os povos e as nações. É a orígem da calma e da equidade que deve reinar entre todos. Com efeito, se todos vivessem de acordo com a Natureza, estariam isentos das afectações, das ambições e das agressões, que perdem os indivíduos. O mundo moral e material seria cenário invariável de florações maravilhosas e espontâneas.

Entre os homens reinaria a concórdia, expressa nesta máxima: liberdade, igualdade e fraternidade. Ela teve a sua expressão no Oriente, em factos, e foi sucessivamente secundada, como lema, pela América e pela Europa, que recorreram aos meios extremos, para a conquista da emancipação humana, embora esses povos, depois, houvessem sofrido as alternativas, que resultam das seitas preconceituosas e dogmáticas, mùtuamente contraditórias.

A primitiva Teosofia hindu, definiu em 4 termos a moral a que a Natureza sujeita o indivíduo: Dharma, dever; Karma, conta corrente; Samsara, retributo; e Nirvana, perfeição. Esclareceu que o indivíduo, em sucessivos renascimentos, era pela dor que resgatava as suas transgressões.

A moral equilibra o pensamento, que é o poder electro-magnético individual que determina o destino de cada um. Isto está na lógica dos factos sondáveis.

O Universo é regido por leis de atracção e repulsão, que abrangem todos os seres. Tudo quanto se faça em contravenção à Lei ou às correntes harmoniosas, resulta em pura perda.

É da consciência dos deveres e direitos que resulta o primado da dignidade humana e a autoridade constituída pelo voto da maioria, donde também resulta o aforismo de que «a voz do povo é a voz de Deus».

Foi pelas forças da Natureza e pelo culto dos ancestrais, que os povos iniciaram os seus passos, de que resultou o paganismo. Entretanto nas diversas partes do mundo, surgiram os grandes profetas, que legaram à posteridade o conhecimento das leis naturais e da evolução dos seres.

As 4 raças fundamentais, (vermelha, negra. amarela e branca), que fundaram sucessivas civilizações, e que, em parte, vieram a amalgamar-se, foram as precursoras dos grandes ensinamentos, consoante o seu grau de evolução.

Génios, houve-os em todos os tempos, e em toda a parte eles se manifestaram, como vanguardistas das civilizações.

A Natureza teve os seus intérpretes, na India, em Rhamá e Krishna; no Egipto, em Hermes; na Pérsia, em Zoroastro; na Grécia, em Orfeu, Pitagoras, Sócrates e Platão; no Tibete, em Buda; na China, em Lao-Tsé e Confúcio; e na Palestina, em Jesus-Cristo.

Todos eles seguiram o curso dos mesmos ensinamentos.

Moisés e Maomé, reencarnações da mesma entidade, foram expoentes dum plano inferior em razão das transgressões regressivas. Entre eles mediaram cerca de 1.800 anos. Maomé, que foi o último, nascera em 571.

No Ocidente, entre as seitas contraditórias, não faltaram crentes em procura da verdade, e, quer protestantes, quer católicos, acicatados pela mediunidade, foram ao Oriente pesquisar o ignoto, até que a verdade transcendente lhes foi desvendada. E foi assim que a raça branca começou a libertar-se das seitas obscurantistas.

A tradição do que há de melhor perde-se na noite dos tempos.

Brama remonta a uns 12 mil anos; Hermes a uns 7 mil; Orfeu a uns 3.300; Lao-tsé a uns 2.500, e Jesus-Cristo à iniciação da actual era.

A Hermes e a Confúcio coube a honra de acumularem os seus atributos de profetas com os poderes executivos da organização social das suas nacionalidades que lhes assegurou a integridade física, traída em muitos outros casos, em que essa acumulação não existia.

A China, não escapando aos melhores ensinamentos e apoiada nas lições dos outros países orientais, revelou-se mestra.

Segundo Lao-tsé e Confúcio, os princípios morais que devem nortear a vida humana, quanto ao pai, ao filho, ao irmão maior, ao irmão menor, ao esposo, à esposa, ao superior, ao subordinado, ao soberano e ao súbdito, são, respectivamente, amor, piedade, gentileza, humildade, respeito, rectidão, obediência, humanidade e lealdade.

Foi, de facto, no Oriente e no Próximo Oriente e nomeadamente na India, no Tibete, no Egipto, na Grécia e na China, que a Teosofia prodigalizou a verdadeira ciência da vida, que consiste no respeito às leis naturais, cuja base é a harmonia que deve servir de índice às leis sociais.

O homem é uma entidade que vulgarmente se desconhece a si própria, porque não sabe relacionar-se à composição do Universo, da qual é um derivado. Limita os seus conhecimentos à matéria. Liga demasiada importância ao seu corpo físico, porque ignora que nada tem que seja seu, pois que tudo lhe vem de fora, e essa é a razão por que se não basta a si próprio. Tem de viver em sociedade e solidarizar-se com ela. Vive na dependência dos dois mundos que o cercam — o físico e o etérico. A matéria prende-o à Terra, mas o espírito adeja, pelo passado, o presente e o futuro. Põe-no a dormir e a sonhar. Dorme o corpo, sonha o espírito, porque este não carece de repouso. Eis a razão da fragilidade humana.

O pensamento é a força electro-magnética com que o homem talha o seu Destino.

Sem a compreensão destes fenómenos, o homem não passa dum errante, como mortal ou imortal, na Terra e na sua atmosfera, entre as multidões que trazem o mundo perturbado e convulsionado.

Jesus-Cristo fôra o último dos maiores profetas, que intentara esclarecer os homens, mas eles, depois de O ultrajar e imolar, passaram a adorá-lo. No seu tempo, as seitas predominantes eram três — a dos essênios, a dos saduceus e a dos fariseus — que, depois dele, viriam a renascer com outros títulos.

Imolado o profeta, dos seus 12 discípulos, aquele que o traíra, enforcara-se, acto contínuo. Os restantes, continuando a doutrinar, viram-se a contas com as dez perseguições do Império Romano, que os liquidou.

O Cristo nada escreveu, e os textos atribuídos aos seus discípulos só foram escritos 80 a 100 anos depois da sua morte.

Em 312, o Império Romano converteu a doutrina do Cristo em religião do Estado, e em 331 nasceu o pai do Catolicismo, Jeronimo, que o *filho* veio a santificar. Foi ele o autor da *Vulgata Latina*, em que reuniu o Velho e o Novo Testamento — o de Moisés e o do Cristo — a qual Lutero, que nascera em 1483, veio a traduzir na chamada Bíblia Sagrada, pela qual os protestantes se orientaram, em contraposição ao catolicismo que continua a veneração das imagens, a que o Velho Testamento havia renunciado, e a exercer outras práticas, não autorizadas pela *Vulgata Latina*.

No tempo de Moisés, a escrita era contida em hieróglifos, e em razão disso o Velho Testamento, só 400 anos depois dele, veio a ser traduzido em caracteres fenícios, que foi a escrita que se lhe seguiu.

Pelo exposto se vê que o Velho e o Novo Testamento, resultaram, não rigorosamente de Moisés e do Cristo, mas da tradição, que os interpretou a seu sabor, e que, por sua vez, foi interpretada pelos codificadores, do que se conclui que, agora, como antes de Moisés e do Cristo, a palavra cabe ao Espiritismo e à Teosofia.

Lourenço Marques, 15 de Agosto de 1955.

POR EDUARDO F. CONCEIÇÃO

ECOS DE U

Por ISIDORO

BARRA

No dia 16 de Maio empreendemos a segunda viagem em terras brasileiras. A primeira, já a descrevemos em muitos pormenores. Foi de Niterói a Campos, passando em Macaé. Depois, volta a Niterói, onde chegámos, com o Major Gentil. Mas ainda há coisas a respigar nesse tumultuar de emoções. A memória não é um saco, como julgam alguns; todavia, as impressões parecem amalgamar-se em confusão incrível. São tantas e tão fortes, que não conseguimos fixá-las para as transmitir. Depois é que afloram à mente, em sucessão de imagens. Assim mesmo, vêm sobrepostas, em planos sucessivos, umas diluídas, enevoadas, de esboço impreciso; outras recortadas em painéis, garbosas e opulentas. A pena é bisturi implacável que as disseca e traz à superfície. Surgem então as obras de arte, que a sensibilidade envolve, ou as de humanismo, onde o coração deixa traços inapagáveis. Tudo vem desse reservatório imenso e profundo. Ali se acúmulam os séculos vividos, as lutas, as ansiedades, as glórias mundanas. De vez em quando, o quadro emerge. É quase sempre uma surpresa. Interrogações, dúvidas, receios... O homem não é mais rei da Terra. Que sabe ele do que foi e do que é? A dúvida é positivo e negativo, é oscilação temporária. Os reis não oscilam nem duvidam. Aliás, não seriam reis...

Mas foi, sim, foi a primeira viagem, aquela de Niterói a Campos e de Campos a Niterói, que recordamos com saudade, apesar de muitas coisas necessárias, entre elas a dureza do caminho.

Houve quem nos julgasse mal. Que certas frases nossas tinham sentido pejorativo. Não tinham. Eram palavras sinceras. Tudo o que dizemos do Brasil é assim. Ainda que parecessem mal, não eram. Quantas vezes, em família, se dizem coisas que se não diriam na rua? É o coração que fala, cheio de amor, cheio de interesse amigável...

★

Pois agora íamos para a segunda viagem. O trem era diferente. Limpo, confortável. Apetecia viajar nele. As poltronas ostentavam capas acolhedoras. O nosso destino era a Barra do Piraí. Estava no roteiro... traçado pelo grande Leopoldo.

Não íamos com «carta de prego», embora o receio nos agitasse. Na outra tivéramos um Gentil para nos guiar. Agora íamos sós, entregues a Deus e à ventura. E, por isso, algo de inquietação havia em nós. Sendo homem do mundo e para o mundo, temos calcanhar de Aquiles, como outro qualquer. Seria mais interessante que nos acompanhassem. Aquilo não era floresta virgem que exigisse corta-mato. Isso não era. Mas quem nos receberia na estação da Barra? Se não conhecíamos ninguém e muito menos o Lasneau (leia-se Làsnô), a quem nos haviam consignado...

O Leopoldo é que teve a culpa. Habituado a desbravar terreno e a talhar caminhos para si e para outros, pensou que seríamos como ele. E disse:

— O Lasneau lá está para as curvas...

As curvas eram as dificuldades. Enfim, enquanto esperávamos o sinal da partida, ocupámos um lugar a meio da belíssima carruagem. E dissemos connosco: «Deus nos mantenha isolado para apreciar os campos e rabiscar impressões». Erguemos os olhos para as sanefas... e num esconso da mente vimos, de relance, o trem de Leopoldina. Mas foi sombra que passou. Como poderíamos avaliar o novo, se não conhecessemos o velho? O velho já foi novo, em seus bons tempos. Desempenhou boas funções, foi elemento de progresso. Faz-nos lembrar a navegação a remo e à vela. A máquina a vapor, aureolada substituta, não é tão forte que não obrigue seus donos a voltar a trás, como remedeio. Quando falha o motor... o homem recorre ao braço e ao vento... Não desperdiça nada.

MA VIAGEM

ARTE SANTOS

I

O PIRAÍ

Nossa ilusão foi sol de pouca dura. Prestes surgiu um semelhante a ocupar a outra poltrona. Deus não ouvira o nosso rogo... que havíamos de fazer? E o passageiro arrastava três pimpolhos tagarelas, anafados e displicentes, que logo se instalaram em seu lugar e no alheio. Encostámo-nos ao corrimão da bancada e relanceámos a vista pelo embarcadouro da estação.

O mastodonte começou a ranger nas engrenagens, a deslizar vagarosamente... insensível à disposição de cada qual. Alegres ou tristes, seguiriam no seu bojo, até ao ponto de chegada.

Todos os veículos têm ambiente próprio: o «bonde» (aqui é «eléctrico»), o ómnibus, o trem (aqui é comboio), o navio, o avião... E até a carripana. No trem da «Paulista» respira-se optimismo, tem-se a convicção de «chegar». Os rostos dos humanos que ali permaneciam eram heterogéneos. Muitos pertenciam a indivíduos que desejavam agarrar o tempo; outros, a quem se quer desenvencilhar dele. Nós queríamos partir e queríamos ficar...

Estávamos nestas congeminações, quando demos pelo comboio em marcha. Ia resfolegando e nós congeminando e os guris sapateando. O nosso companheiro abandonara uma gazeta à trepidação. «Luta» era o nome do diário e pedimos licença para o folhear. Seu detentor — soubemo-lo depois — era filho de português. Percorremos os títulos, vimos as gravuras e abandonámos o pasquim. Não era jornal, era monte de lixo. Todos os crimes ali se haviam reunido para gáudio de leitores predilectos. Os noticiaristas levavam os relatos à minúcia enervante. O lodo, a pestilência, a sífilis moral viviam no mesmo pântano. E havia criaturas prepostas àqueles cenários, que tinham diploma e usavam aparos em forma de ariete. Sentimos pruridos de revolta. Jornalismo não era gandaia. Jornalismo era educação e orientação. Sempre tivemos dele este conceito. O pobre Gutembergue jamais supôs que daria nisto o seu invento. Trabalhou com bom intuito, sacrificou a vida ao progresso. O alfageme tempera as armas sem cogitar de seu uso...

★

Íamos no «trem de aço», como lhe chamam cariocas e fluminenses. Saíu às 8.10, garboso e pontual, da cidade maravilhosa, que ficou a espreguiçar-se na Guanabara, enquanto o veículo galgava a distância. Aquilo, sim, que era andar! A roda olímpica devorando espaço. O calor apertava lá fora. Sentia-se a canícula na atitude das árvores. O outono reagia aos raios solares, apesar da ascensão crescente em carruagem de ar condicionado. Os olhos espraiam-se à direita e à esquerda, prelibando a guloseima da paisagem e do urbanismo que se sucede ininterruptamente. A vegetação é exuberante. Quase todo o Estado do Rio é pletórico de seiva. As serras, os morros, as encostas, são pano de fundo de incomparável reino que na Primavera rescende aromas orientais. No Outono, todavia, as plantas rasteiras estão viçosas, coladas ao humo latente. As árvores, essas mergulham fundo as raízes e lançam os ramos para o céu de anil à procura de apoio, como Arquímedes, o homem da alavanca. As fortes, espadaúdas, servem de arrimo às fracas, que abraçam em solenóide os troncos cascudos, adormecidos em posições hieráticas. Depois, trepadeiras franjadas dirigem os sarmentos para galhos esbeltos de abraço fácil e o que aparece à vista é mais do que árvore: é um dossel verde-escuro de flutuantes véus, rendados e veludosos, fora do alcance da pena. Às vezes apeteceria ver parar o trem para melhor gozar a circunstância.

A temperatura vai baixando, à medida que subimos. Temos a sensação de estar em Portugal. Esqueceramos o receio de não ter amigos à nossa espera. Mas o veículo parou na-

quele momento e lançámos no canhenho impressões frescas e secas, exactamente iguais ao ar atmosférico...

A paragem prolongava-se demasiado. Os olhos não tinham variedade e o pensamento supria a quietação, alargando as asas e volejando na imensidade abstracta. A um canto estava a Luta, o pasquim soez defensor da crápula. Descera da poltrona para o chão, lugar adequado aos vagabundos das ideias. Aproximava-se da lama que revolvia em suas cebosas colunas. Ali, dobrado em quatro cremos que não fazia tanto mal, como circulando de mão em mão.

Hora e meia estivemos à espera que outro veículo passasse. E passou, graças a Deus!

Aspecto geral de uma fazenda na zona da Barra do Piraí

Novamente em marcha, na linha de ferro torcicolada, à feição das altitudes, vimos panoramas soberbos, verdadeiramente inéditos. De um lado a altura; do outro a profundidade imensa, mar largo de floresta virgem, atraindo e sugestionando... E mais vales e mais altura... sempre diferente, no escarpado da rocha coberta de musgo e na disposição das matas hirsutas, onde mão de homem ainda não entrara...

A serpente de aço obliquava-se no cimo e metia por cairéis, indiferente à vertigem. Depois era engolida por boqueirões semelhando bainhas enormes... A engenharia chama-lhes túneis. Passada a mutação, o escuro do subsolo, vinha outra vez a luz, o ar seco da montanha. A orografia modificava-se a cada instante. Os vales desapareciam e o planalto surgia em frente. Ao longe, cristas emolduradas, coifas de neblina que impediam a visão grandiosa. Mas ela estava lá, não era incognoscível...

Assim levámos muito tempo, de túnel em túnel, de orla em orla. A estrada de ferro, como por lá chamam à linha, era debruada, aqui e ali, por socalcos monstruosos cingidos à vertical. Para lá dessas muralhas, o abismo aliciante. O melhor era não olhar de perto. Ao longe, o quadro é majestoso e não causa tão grande impressão.

Mais voltas, mais selva, mais túneis, mais admiração, subindo sempre no pitoresco indizível. O que víamos era estranho, de beleza rara. E tão embevecido nos encontrávamos, que não demos pela poltrona vazia. Onde estava o filho de português? Onde estava a gurizada?... Só a Luta ficara no chão, fiel a seu mister. Lá estava dobrada em quatro. O dono enjeitara-a. Destino de certos pobres... São-no em tudo, até na vida que escolheram...

Tínhamos contado nove buracos abertos na montanha. Eram os túneis. Barra do Piraí tinha boas defesas naturais. O Piraí é um rio bonançoso, um rio suave que encanta e delicia...

Outra curva, outro socalco, outro abismo... E os morros alteiam-se mais e mais. É sinal de que estamos perto. Mas novos boqueirões se oferecem à gula do trem de aço. Um... dois... três... quatro... Quando acabará isto, meu Deus?... Vínhamos à Barra, não vínhamos aos túneis.

«Não há mal que sempre dure, nem bem que não acabe». O povo tem razão. Houvera de tudo nesta viagem, excepto engenho para descrevê-la. A locomotiva acelera a marcha, faz gemer a sereia, entoa o «pouca-terra» em ritmo acelerado... Passageiros levantam-se e enfileiram bagagens na meia coxia.

«Deve ser aqui» — pensámos. Mas não era, porque à distância novo túnel aparecia. Treze, ao todo. Agora, sim. Lá estava a Barra do Piraí...

★

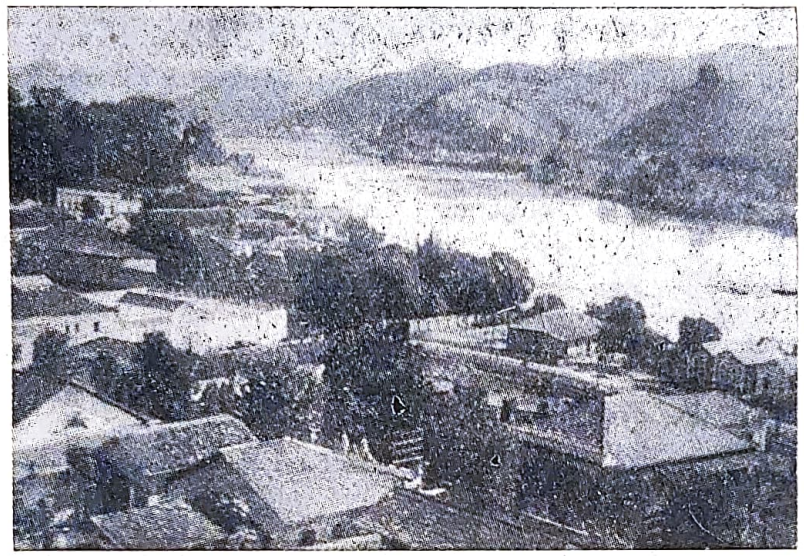
Imitámos os passageiros no tocante à bagagem: duas malas, uma pasta, uma gabardina. Não era muita coisa, não. Mas incomodava um pouco.

Primeiro, assomámos à janela. Talvez estivesse alguém no desembarcadouro. Nada de novo. Apeámo-nos, andámos de um lado para outro, à procura de quem nos aguardasse. Nada de novo. Parámos junto ao botequim, onde dois transeuntes tomavam café. Olhámos para um deles... Seria o Lasneau?... Pousámos a traquitana, avançámos... recuámos... E não nos contivemos:

— Desculpe, mas... o sr. é o Lasneau?...

— Lasneau?! Não... não sou.

A desolação apoderou-se de nós. Quem seria o Lasneau? Onde estaria o Lasneau?... E continuámos a pesquisar naquele dédalo. Tudo em vão. Parámos de novo. O suor recamava-nos a fronte. Limpámos as camarinhas, empunhámos as malas... e outro túnel se apresentou a nossos passos, via conducente à cidade próxima. Descemos degraus, subimos degraus e entrámos num pequeno largo onde havia dois táxis. Pela aparência deviam ser da primeira guerra. E fomo-nos aproximando... O motorista era de cor.



O Paraíba entre a Serra do Mar e a Mantiqueira, a sudoeste da Barra do Piraí

— Deseja carro?...

— Sim... Desejo... Mas... diga-me: o sr. conhece o Lasneau?

— O Lasneau? Quem é o Lasneau?...

O Leopoldo Machado dissera-nos: «Ele está lá para as curvas». Onde seriam elas?... E aventurámos:

— O Lasneau... poeta... jornalista... vidente...

O motorista parou o olhar, talvez pensando, talvez meditando, e abanou a cabeça em sinal negativo.

— É espirita — acrescentámos. — Não conhece nenhum centro espirita? Nós vimos de Portugal em missão de propaganda. Eles estão à nossa espera...

— Entre — disse ele. — Vamos à procura do centro.

Entrámos. Não tivemos tempo de observar o carro por dentro. Os leitores da Barra devem conhecê-lo. É um Ford sem janelas, um Ford de ar livre. Mas andava, que se fartava, parando aqui, parando ali, parando além. O homem de cor apeava-se, desaparecia num páteo, entrava numa loja... E voltava, desanimado, sem notícias do Lasneau.

— Não tem o endereço? — inquiriu, solícito.

— Não temos, não. Julgámo-lo à nossa espera... Mas o centro espirita?... Lá devem saber onde mora o Lasneau...

Pé no acelerador, vira à direita e à esquerda, volta ao ponto de partida...

E nós incitando:

— Temos de encontrar o Lasneau, dê por onde der...

Passa um transeunte aperaltado.

— Allô! Allô! Sabe onde mora o sr. Lasneau?...

O motorista perguntou com tanto empenho, que o homem respondeu e acertou.

Finalmente, íamos ver o Lasneau!... Vira à esquerda, vira à direita, sobe, desce, avança, recua... até que parámos em frente de casa térrea.

O homem de cor torna a sair... Deve ser ali... Entra num estabelecimento... Sim, é ao lado...

— Truz! Truz! Truz!

O silêncio responde ao toque de chamada. Não havia gente em casa. O Lasneau adoecera e saira da cidade.

— E agora? — exclama o amável servidor.

— Agora vamos descobrir o Centro...

Pé no acelerador, vira à direita, vira à esquerda, damos volta ao burgo, até que pára e leva o dedo à testa... E acelerando outra vez, diz que sabe onde é o Centro.

Com efeito, naquelas andanças e desandanças, acabámos por conhecer a Barra do Piraí, antes de conhecer os hospedeiros.

O carro parou em frente de um belo edifí-

cio. Era ali, com certeza. Lá estava: «Grémio Espirita de Beneficência». Grande alívio se apoderou de nós. Terminava a odisseia, ou, antes, a maratona.

O motorista galga o passeio e bate à porta. Silêncio sepulcral. Torna a bater. O mesmo silêncio. Eram duas e meia da tarde. O estômago dava horas amargas entre dois fogos de respeito.

— Conhece o presidente? Sabe onde mora?... — exclamámos.

— Perguntaremos. Eu vou tratar do «espediente».

Pé no acelerador... etc., etc., e chegamos à loja do sr. Ferreira, director do Grémio.

Não estava. Um empregado muito solícito telefona para o sr. Salvador Carvalho, português que pertencia à Comissão Receptora. O sr. Carvalho saíra naquele instante...

Não consultámos o astrólogo; aliás, teríamos adiado a viagem para mais tarde.

«Tudo mal combinado», pensámos. Mas não era. O sr. Ferreira apareceu e explicou. Outro confrade se encarregara do assunto. A nossa chegada fora marcada para 17...

Que grande trapalhada! Entrementes, o amigo Ferreira providencia. Leva-nos ao restaurante... a restaurar-nos, indicando-nos ao mesmo tempo o hotel. Um belo almoço. O nervosismo ia-se escoando, como aqueles abismos enormes da viagem. Em seguida entrámos no aposento e descansámos.

Pensámos então naquele homem de cor e na sua amabilidade. Como foi operoso e gentil, não descansando, enquanto não encontrou o que procurávamos! Era descendente do português de África. Quase todos os brasileiros de cor são assim. Por isso, naquela grande terra, não há preconceitos do género. Todos são filhos da mesma pátria, do mesmo torrão sagrado. Cada um vale pelo esforço que depende. E olhem que nas sociedades espiritas há muitos elementos desta espécie. São bons, serviçais, caritativos. Temos saudades de alguns. Não os nomeamos, que não vale a pena. Estas palavras dirigem-se a todos sem distinção. Pertencem a uma tese que havemos de escrever, quando houver oportunidade...

★

Duas horas de repouso fizeram bem ao nervosismo do viandante. A impaciência agatanhara-o ferozmente, lacerando-lhe o espírito e o repouso foi bom, acalmou a agitação.

O Ferreira, generoso confrade que o céu lançara em nosso caminho, apareceu com o Gonçalves, outra vida bondosa, amigo do Amadeu Santos, portanto nosso amigo. Descemos a escada e entrámos no carro do Alípio, belo rapaz, espiritista, extremamente amável. Com ele seguimos para o Asilo dos Velhinhos, a 12 quilómetros da cidade, carinhosa instituição mantida pelo Grémio Espirita. Passeio magnífico, aprazível, por entre cenários campesinos, por vezes deslumbrantes. O auto ligeiro não conhecia barrancos. Até que chegámos. Que linda mansão! Grandes eucaliptos, grandes bambús, grandes coqueiros, esguios como fios de prumo! Aqui e ali, água a brotar das nascentes. Bancos de pedra ofereciam quietude aos protegidos da agremiação. Um belo jardim onde velhinhos e velhinhas encontravam alegria cristã.

Percorremos as camaratas — muitas camaratas — interrogámos uns e outros... e sempre o mesmo sorriso respondia às perguntas. Todos se sentiam bem. O amigo Ferreira era pai adoptivo, guia, orientador dos albergados, distribuídos em dois sectores, conforme os sexos. Aparelhos de rádio levam ao doce Lar o bulício e a vida do mundo. Exemplo? Ao visitar o pavilhão dos homens, um deles aproxima-se.

— É o sr. Isidoro?

— Donde me conhece?...

— Ouvi-o ontem de manhã, na «Hora Espiritualista João Pinto de Sousa».

Na verdade, faláramos na Rádio Tamoio, a pedido do Geraldo de Aquino, homem de acção e de coração que faz andar o barco, haja calma ou escarcéu.

Fomos ouvidos em toda a parte. Este conheceu-nos pela voz. Grande satisfação a de encontrar amigos em terras várias e diferentes!...

★

À noite seguimos para o Grémio. Antes, fomos à tipografia onde trabalha um grande Paulo que recordaremos sempre com saudade. Adquirimos papel, mas o escudo não circulou.

Agora o Centro estava animado. Muitos confrades espalhados pelas salas. Tivemos a surpresa agradabilíssima de encontrar o Paulo Carneiro Mariz e o Professor Aleixo Vítor Magaldi, de Volta Redonda, a cidade do aço, que nos vinham trazer abraços de muitos confrades distantes. Mais ainda: faziam

questão de nos acompanhar a Volta Redonda, Resende, Academia Militar das Agulhas Negras, Cachoeira Paulista, Cruzeiro e S. Lourenço!

Não podíamos ter maior presente. O receio da manhã transmudava-se em atitude vitoriosa. Não haveria melhor Cireneu do que um Magaldi. O seu desejo, a sua disposição, o seu optimismo, a sua afinidade, tudo concorria para levantar o moral abatido. Por isso a conferência resultou profícua, depois de várias saudações, muito generosas, muito benevolentes, verdadeiras cortesias cheias de amizade fraterna.

Lia estava presente. Sentimos o seu influxo, aquele sinal característico que muita força nos deu em toda a viagem. Assim, os 40 minutos da palestra foram vibrantes e aliciantes. Tanto sangue português que ali circulava! Os olhares prazenteiros, os gestos amigos, os acenos de concordância, mais animavam o nosso coração agradecido. Há poucas horas, a incerteza, a quase impressão de abandono; agora, a calorosa homenagem. Era a lei das compensações. As almas estavam na Barra do Piraí. O desencontro é que gerou o episódio.

No fim da sessão começaram os abraços. Estabeleceu-se comunhão de sentimento, vieram expansões, frases belas, simpatia. O Magaldi foi em parte responsável. Dissera de nós o que poucos diriam no seu lugar, e os assistentes reagiram favoràvelmente. Sempre é bom ter um amigo, nem que seja no inferno, como diz o prolóquio. Este não vinha de lá. Era professor de Farmácia em Juiz de Fora e veio de Volta Redonda à Barra do Piraí, conduzido por voz interior:

— Vai, Aleixo, vai. O Isidoro necessita dos teus serviços...

E necessitava. O Isidoro necessitava dos serviços deste nobre Magaldi, inteligência viva e alma de fino quilate. Tantas flores odoríferas que nos ofereceu daí em diante, sem paga de nossa parte! Tantas afirmações de fé e de amizade que lhe ouvimos, na via sacra do nosso rumo! Tantas elucidações, tantas confidências! Voltaremos a este assunto. Ele será protagonista e comparsa de outras crónicas... melhores do que esta...

★

Há um provérbio interessante de fala italiana. Diz assim: «primeiro, viver; depois, filosofar». A vida está nas páginas que antecedem. E se filosofássemos um pouco? Não teria sido prova necessária a nossa viagem à Barra do Piraí? Ou treino para experiências maiores? Tudo é preciso na vida.

O Lasneau, o tal Lasneau que procurávamos é belo exemplo de resignação. Um talento, uma vontade forte. Está quase cego, na flor da vida. Não é jovem, mas é novo pela vibração que irradia, pelo fino espírito que espalha à sua volta, pela memória extraordinária que o exorna. Vimo-lo recitar espontâneamente toda a introdução de «Os Simples», de Junqueiro. Nenhuma falha, nenhuma hesitação, dir-se-ia ler em livro aberto. Foi em Belo Horizonte, no lar do Bady Curi.

Era este Lasneau o destinatário do viandante. Que pena estar doente e longe da cidade! Evitar-nos-ia o «jogo das escondidas» por becos e travessas e poupar-nos-ia o coração abalado. Que as emoções moem, se não matam. Mais tarde viajou connosco e foi um óptimo companheiro.

O Leopoldo tinha razão, quando nos disse para que estava lá o Lasneau. Se não fosse perfeito confrade e perfeito cavalheiro, não lhe havia consignado a bagagem humana do signatário...

★

Dissemos que as impressões são imagens sobrepostas. Umas ofuscam as outras. Às vezes nota-se o contraste flagrante, senão a linha que se esbate, o claro-escuro que toca a vista desarmada. A paisagem rescendente fazia esquecer problemas morais que vinham à superfície. Eram imagens mais fortes. Sobrepunham-se e ocupavam lugar de relevo. O resto — que fora o principal — mergulhara em nevoeiro de esquecimento.

Nestes momentos o homem não é homem. Sobreleva a personalidade, transcende os limites da consciência. A escala cromática é paralela à escala psíquica. Tantos problemas vigorosos que se apresentam à sensibilidade! Tantos, tantos, que se não podem contar!...

O que desaparece na curva morre para uns e nasce para outros. Tudo é velho e tudo é novo. Depende da posição do observador.

Nós tivemos dezenas de atitudes nesta viagem impressionante. O físico e o moral reagiram fortemente em mais de um lance psicológico. Mas gostámos do esforço realizado e dos obstáculos vencidos. O primeiro contacto com amigos espirituais é às vezes decisivo. Depende dele o resultado de uma empresa e a situação dos realizadores. O nosso com os amigos da Barra foi animoso e terminante. Estamos com eles, como eles estão connosco.

COMO OS TEÓLOGOS REFUTAM

(A IGREJA PRIMITIVA)

Penetremos no ponto mais esperado de nossas controvérsias, e vejamos se são tão inconsistentes as nossas razões ao ponto em que as julgou, agora, dizemos nós, o modestíssimo Frei Boaventura Kloppenburg.

Eis o que nos diz o conhecedor integral das verdades divinas:

Estamos aí diante de muita afirmação e incrível mistifório. O que aí se diz dos filósofos gregos, dos hebreus, de Jesus-Cristo e dos Evangelhos foi reexaminado criticamente nos dois capítulos precedentes. Já sabe o leitor o que deve reter como verdadeiro, e o que há aí de exagerado, de falso e mesmo de mistificado. No presente capítulo interessa-nos estudar o que o nosso reencarnacionista afirma a respeito da Igreja primitiva, dos Pais da Igreja, de Orígenes, de Clemente de Alexandria, do infortunado concílio de Constantinopla em 533 e do tal Boaventura. Que Orígenes e Boaventura tenham sido os advogados da palingenesia na Idade Média, seja apenas anotado aqui a título de curiosidade histórica: Orígenes na Idade Média! Etc. ...

Não há, ilustrado Frei, nem muita afirmação, nem incrível mistifório. Julga o eminente teólogo haver reexaminado a questão em seus dois últimos capítulos. O que fez foi reexaminar criticamente mal, imaginando que não haveria resposta pronta à sua crítica.

No presente capítulo, será feita a vontade do homem que tem como missão investir contra as crenças alheias, obrigando-nos a contra-gosto a sairmos à liça, defendendo a nossa parte e apontando a trave de seus olhos.

Para sermos sinceros, vamos passar a palavra a Th. Pascal, que, na sua obra *Essai sur l'Évolution Humaine*, estudou cuidadosamente a questão. Trata-se de um teosofista, de um grande estudioso desses assuntos. Ouçâmo-lo com atenção:

«Os documentos que possuímos sobre a história filosófica e religiosa cristã, nos primeiros séculos da nossa era, são tão incertos que é difícil neles nos apoiarmos para conhecer o pensamento da época. Vimos que o número de falsas produções foi tão considerável, que uma selecção bizarra foi feita no primeiro concílio de Nicéia, do qual resultaram os quatro Evangelhos ditos canónicos. É certo, de outra forma, que os copistas, os compiladores e os tradutores da época se inspiraram, antes de tudo, no desejo de fazer concordar os factos e as opiniões com as suas ideias preconcebidas e as suas simpatias pessoais. Cada autor trabalhava *pro domo sua*, pondo em relevo o que se enquadrava com o seu plano pessoal, escondendo cuidadosamente o que pudesse enfraquecê-lo, de sorte que, nos nossos dias, temos como fio condutor, no meio deste dédalo, apenas a opinião mais ou menos concisa de alguns historiadores de uma probidade indiscutível.

«No que concerne ao capítulo actual, por exemplo, é difícil desemaranhar a Verdade do meio desses fios embaraçados de opiniões pessoais. Uns crêem que os primeiros cristãos e os Pais da Igreja eram reencarnacionistas; outros afirmam o contrário; e os textos são contraditórios. Assim, enquanto S. Jerónimo reprova a Orígenes de haver ensinado a transmigração possível, em certos casos, das almas humanas em corpos de animais, no seu livro *De Principiis* — o que parece exacto — certos autores negam que ele houvesse alguma vez falado sobre este ponto. A explicação dessas afirmações opostas é fácil, se se sabe que, para fazer sobre a transmigração origeneana a conspiração do silêncio, Ruffinus, traduzindo em latim o texto grego dos *De Principiis*, suprimiu o que se referia a essa doutrina.

«Outros afirmam que S. Justino, o Mártir, acreditava nos renascimentos e mesmo na transmigração das almas humanas em corpos de animais; ora, encontra-se no seu livro *Contra as Heresias*, t. II, c. XXXIII, consignado o *absurdo da doutrina da transmigração das almas*, e num outro, c. XXXIV, o que nega a preexistência da alma. Existiria aqui como no exemplo precedente, uma falsificação das obras deste Pai?

«Às vezes, acham-se, num mesmo autor, duas opiniões opostas sobre o mesmo assunto. Tertuliano, por exemplo, na sua *Apologia*, assim se exprime:

«*...Se há alguma verdade na opinião que diz que as almas passam de um corpo a outro, por que não se encontrariam elas na substância que deixaram, uma vez que esta substância deve ser reunida de novo para que estas almas retornem ao que elas eram? ...* (Fará esta obscura passagem alusão à ressurreição dos corpos?) — *Devemos antes de tudo estabelecer a opinião mais digna de crença, a saber que um homem voltará a ser homem, tal pessoa a pessoa que era, um humano um humano; em outros termos, que a alma será colocada nas mesmas condições que antes, e que ela possuirá as suas antigas qualidades, embora seja munida de um novo corpo... A luz desaparece cada tarde para renascer pela manhã; a sombra vem com o desaparecimento da luz; as estrelas mortas revivem; as estações voltam; os frutos amadurecem, depois são reproduzidos. As sementes só germinam e frutificam depois que apodrecem e desaparecem; tudo se conserva pela destruição, tudo se reforma no seio da morte. Porque, pois, homem, tu, que possuis uma natureza tão elevada, perecerás para sempre?... Morremos e renascemos incessantemente, me perguntareis? Se o Senhor houvesse assim ordenado, não terieis mais que submeter-vos, bom grado, mau grado, à lei da criação».*

Depois desta clara e bela profissão de fé, diz Th. Pascal, pode perguntar-se se este é o homem que, em *De Anima*, pôde, a um tempo, refutar e ridicularizar sem piedade os renascimentos, negar a separação da alma do corpo e a acção da primeira sobre o último. Preferimos crer que há dois autores, ou que a mão de um falsário, desejoso de provocar uma diversão, voluntàriamente

atribuiu a Tertuliano a paternidade desta estranha contradição.

Uma outra causa da dificuldade de desembaraçar a meada entrelaçada de doutrinas filosóficas e religiosas dos primeiros séculos é a falta de precisão da linguagem dos escrivães, a perda da chave do vocabulário especial que eles empregavam, e os véus que os autores, possuindo alguma iniciação, lançavam voluntàriamente sobre ensinamentos que não deviam ser apresentados senão sumàriamente ao público.

Há, enfim, um ponto importante a considerar: é que a doutrina da reencarnação, fora dos círculos iniciáticos, não tinha, então, a precisão que lhe deram em nossos dias; ela confundia-se, para as massas, como a da preexistência, que dizia: a alma existe antes de vir ao corpo actual, e ela existirá em outros corpos, quando houver deixado este. Esta confusão perpetuou-se até hoje,

ro, desde os tempos antigos, como uma verdade tradicional que não devia ser divulgada» (Hyeronim., «*Epistola ad Demeter*»). Ad. Franck cita esta passagem em sua «*Kabbale*»; Huet a dá igualmente em «*Origeneana*», liv. II, quest. VI, n.º 17). Este mesmo Pai mostra-se um crente na preexistência, em sua «*94.ª Carta a Ãvitus*», a respeito da interpretação de uma passagem de São Paulo (*Efésios*, I, 4). «... que nos escolheu antes da fundação do mundo», ele concorda com Orígenes e diz que se deve entender por isto «*que uma habitação divina e um verdadeiro repouso se encontram nos céus;* que «*é lá que as criaturas dotadas de razão moram na beatitude antes de descerem ao nosso mundo visível, antes da sua queda nos corpos grosseiros da terra*» ...

Lactâncio, que S. Jerónimo chamava o Cícero cristão, combatendo as doutrinas pagãs, sustentava que a alma não podia ser imortal, nem

Pai, concorda que minha alma se misture à luz e não seja mais mergulhada nas ilusões da terra.

S. Gregório de Nisse disse que «é estritamente necessário à alma ser curada e purificada, e que se ela não o for durante a vida terrestre, ela o deve ser em suas vidas futuras» («*Grand discours catèchétique*», t. III, c. VIII).

S. Clemente de Alexandria disse que, se bem que o homem haja sido criado depois dos outros seres, «*a espécie humana é mais antiga que todas estas coisas*» («*Reconnaissances de Clément*, t. I, c XXVIII). S. Clemente faz alusão aqui à preexistência da alma, às vidas anteriores à vida terrestre. Em sua «*Exhortation au Païens*», ele acrescenta:

Nós éramos, bem antes da fundação do mundo; nós preexistíamos no olho de Deus, pois somos destinados a viver nele. Somos as criaturas razoáveis do Verbo divino; é devido

POR MÁRIO CAVALCANTI DE MELO

e vemos os espiritas da América e da Inglaterra e certas outras escolas espiritualistas ensinarem que a existência terrestre foi precedida e será seguida de um grande número de existência nos planos invisíveis.

É esta, sem dúvida, a doutrina dos renascimentos, mas ela é ensinada sem a precisão necessária. Que a alma, com efeito, tenha um só corpo físico, ou que ela tome sucessivamente um grande número, ela não evolve menos sem cessar por sua passagem nos veículos materiais, qualquer que seja o grau desta materialidade; a diferença é pois insignificante, se não se quiser entrar — e era este o caso do Ocidente nos primeiros séculos — no detalhe do *processus*.

Teriam os Pais da Igreja ensinado a preexistência? É o que está fora de dúvida. Ruffinus dizia a Santo Anastácio, em uma carta, que *esta crença «era comum entre os primeiros Pais»*. Arnóbius, em «*Adversus Gentes*», deixa antever a sua simpatia por esta doutrina e acrescenta que S. Clemente de Alexandria «*escreveu histórias maravilhosas sobre a metempsicose*»; depois, em outras passagens do seu livro, parece, ao contrário, criticar a pluralidade das vidas.

S. Jerónimo afirma que «*a doutrina das transmigrações era ensinada secretamente a pequeno número*

sobreviver ao seu corpo, se ela não lhe fosse preexistente («*Instit. divin.*», III, 18).

Nemesius, bispo de Emesa (Síria), sustentava enèrgicamente a preexistência e dizia que todos os gregos que tinham fé na imortalidade acreditavam ao mesmo tempo na preexistência» (Th. Pascal, «*L'Évolution Humaine*», pág. 253).

Santo Agostinho disse: Não teria eu vivido em um' outro corpo, ou em qualquer outra parte, antes de entrar no ventre de minha mãe?» (*Confession*», I, c. VI).

Synesius disse (*Traité des Songes*) que «*a filosofia nos assegura que as vidas anteriores são uma preparação directa para os caminhos futuros ...*». Convidado pelos habitantes de Ptolomaïs a ser seu bispo, recusou, dizendo antes «*que eles poderiam não aprovar certas opiniões, que, depois de madura reflexão, se haviam enraizado em seu espírito, e que, entre elas, se encontrava em primeira linha a fé na preexistência da alma* (Citado por Walker, «*Réincarnation*», pág. 236).

Henry Moore, o célebre platónico do século XVII, coloca («*De l'Immortalité de l'Âme*», c. XII) Synesius entre os mestres que ensinavam esta doutrina, e Beausobre («*Hist. de Manichée et du Manichéisme*», t. II, pág. 492 e seguintes) dá-nos dele uma frase típica:

a Ele que existimos desde o começo, pois no começo era o Verbo ... Não é a primeira vez que Ele tem piedade de nós e de nossos erros; Ele tem tido piedade de nós, muito antes, desde o começo». (Esta citação, bem como a de Tertuliano e algumas de Orígenes, foram tiradas do notável trabalho de M. A. Glass, «Early Christian Teachings).

Ele acrescenta, ainda, a este respeito:

Philolaüs, o Pitagórico, ensinava que a alma era atirada no corpo em punição das faltas cometidas, e a sua opinião é confirmada pelos profetas mais antigos.

O filósofo Chalcidius, citado por Beausobre (*Hist. de Manichée et du Manichéisme*) diz-nos:

As almas que não puderam unir-se a Deus são obrigadas, pelo Destino, a voltarem à vida, até que se arrependam das suas faltas.

Na «*Pistis Sophia*», tratado cristão dos Mistérios das divinas Hierarquias e da evolução das almas nos três mundos, encontra-se muitas vezes repetido o ensino dos renascimentos:

Se é um homem que tenha cumprido o número de ciclos nas mudanças de corpos, e que não esteja arrependido ..., ele é introduzido nas trevas exteriores ... (Pistis Sophia, tradução de Amélineau, pág. 169).

A páginas 148 e 153 da mesma obra, está dito:

A alma que não encontra o mistério da dissolução das prisões e dos selos é levada diante da Virgem da luz, que, depois de a haver julgado, a entrega aos seus agentes, os quais a atiram em um novo corpo.

É, porém, em Orígenes que iremos encontrar, sobretudo, o ensinamento palingenésico.

Para atenuar a importância da sua palavra e desembaraçar a doutrina do Cristo de toda a relação com a doutrina dos renascimentos, os escritores ortodoxos disseram que este grande Pai tirara os seus erros de Platão: não é assim. Orígenes tinha essa doutrina — diz Pascal — de Clemente de Alexandria, que a recebeu de São Pantène, discípulo dos primeiros cristãos. (S. Pantène foi o primeiro mestre da Escola de Alexandria, dito catequista. Morreu no ano 202 depois de Cristo. Desde 181, encontram-no expondo e explicando o Cristianismo em Alexandria. Em 190, mais ou menos, fez, no interesse do Cristianismo, uma viagem à Índia, isto é, ao Sul da Arábia. O seu mais ilustre discípulo foi Clemente de Alexandria. Dos seus numerosos escritos não subsistem senão dois pequenos fragmentos. (*Enc. de Berthelot,* pág. 956, t. XXV). Ele protesta, com efeito, mais de uma vez, contra a concepção platónica da doutrina. Ouçâmo-lo:

Celso é completamente ignorante do objectivo de nossos escritos; é sobre a interpretação que ele dá que leva ao descrédito, e não sobre a sua significação real. Se ele houvesse reflectido sobre o que é necessário a uma alma destinada à vida eterna, se ele houvesse pensado na natureza da sua essência e do seu princípio, não teria tornado ridícula a entrada do que é imortal em um corpo mortal, entrada que se efectua, não segundo o ensinamento platónico da metempsicose, mas segundo uma visão mais elevada deste facto. («Cont. Celso», liv. IV, c. XVII).

O ensinamento de Orígenes é difícil de ser apresentado com clareza, porque ele o envolveu de reticências e o expôs em uma língua cuja filosofia actual não conhece sempre a chave; mas ele parece completo. Abarca a preexistência e a reencarnação, e mesmo estas associações particulares de certas almas humanas com almas animais, associações já anteriormente assinaladas e que, no dizer de Pascal, são factos capitais na misteriosa metempsicose.

Ei-lo aqui explicando a preexistência das almas nos universos anteriores:

A alma não tem começo, nem fim («De Principiis», liv. III, c. V).

As criaturas razoáveis existiam desde o começo destes séculos que nós não vemos e que são eternos. Houve aí a descida de uma condição superior a uma condição inferior, não sòmente entre as almas que mereceram esta mudança por suas acções, mas também entre as que, para servirem o mundo, deixaram as altas esferas pela nossa ... O Sol, a Lua, as estrelas e os anjos servem o mundo, servem as almas cujos defeitos mentais as condenaram a encarnar-se em corpos grosseiros, e é por interesse das almas que têm necessidade de corpos densos que o mundo foi criado ... A variedade deste arranjo foi obra de Deus, que estabeleceu segundo as causas que o livre arbítrio das almas criaram no passado. (Ibidem, liv. III, c. V).

A evolução no curso das renascenças é claramente indicada; a desigualdade das condições provém de vidas anteriores:

Não é razoável que as almas sejam introduzidas nos corpos em relação com seus méritos e as suas acções anteriores, e que aquelas que utilizaram os seus corpos para praticarem a maior soma de bem possível tenham direito a um corpo dotado de qualidades superiores aos outros corpos?. («Cont. Cels.», livro I).

Todas as almas atingirão o mesmo fim. (*Ibid.,* liv. I, c. VI); as almas engrandecem-se pouco a pouco, atingem a Terra e aprendem as lições que ela lhes pode dar, depois sobem a um lugar melhor e chegam finalmente ao estado de perfeição (*«De Principiis»,* liv. I, c. VI). A vontade das almas faz delas anjos, homens ou demónios e a queda pode ser de tal forma, que elas podem ser cativas em corpos de animais (*«De Principiis»,* liv. III, c. V); mediante vidas repetidas em diversas esferas onde elas tomam corpos em relação com o mundo que habitam, estas almas caídas reconquistarão a pureza e a bondade (*«Cont. Cels.,* c. IV e VIII). Certas almas chegadas ao repouso completo voltam em novos corpos, em mundos novos; umas conservam-se fiéis, as outras degeneram de tal forma que se tornam demónios (*«De Principiis»,* liv. IV, c. IV).

E alhures:

A alma sendo imaterial e invisível não pode existir em nenhum lugar material, sem revestir corpos apropriados a este lugar; ela rejeita, num dado momento, um corpo que era necessário até aí, mas do qual não tem mais necessidade, e ela o troca por um outro. («Cont. Cels., liv. VII, c. XXXII).

Orígenes serviu-se muito da doutrina dos renascimentos para criticar e justificar os livros sagrados cristãos. Fazendo alusão a certas passagens da Bíblia, ele disse:

Se o nosso destino actual não era determinado pelas obras de nossas existências passadas, como poderia Deus ser justo permitindo que o primogénito servisse ao mais jovem e fosse odiado, antes de haver cometido actos merecendo a servidão e o ódio?... Só as vidas anteriores podem explicar a luta de Jacob e Esaú antes do seu nascimento, a eleição de Jeremias durante o tempo em que estava ainda no seio da sua mãe..., e tantos outros factos que atirarão o descrédito sobre a Justiça divina, se não forem justificados por actos bons ou maus, cometidos ou praticados em existências passadas. («Cont. Cels., I, III).

Bem que a «metensomatose», isto é, a verdadeira doutrina de Orígenes, não fosse apresentada sob uma forma clara, a palingenesia não é motivo de dúvida para ele, que influenciou consideràvelmente os filósofos cristãos dos primeiros séculos e foi escolhido com simpatia até à sua condenação pelo Sínodo de Constantinopla. As seitas da época, no dizer de Pascal, e as dos séculos consecutivos — simonistas, basilistas, valencianistas, marcionistas, gnósticos, maniqueus, priscilianos, cátaros, pátaros, albigenses, bogomilenses, etc. — eram todas reencarnacionistas.

E aí está, às vistas do eminente teólogo, tudo o que, por ora, podemos dizer da palingenesia na antiga Igreja.

No nosso livro, *«Reencarnação e suas Provas»,* falamos dos Pais, Ori-

genes e Clemente de Alexandria. Pensamos que neste capítulo, ou, melhor, nesta alentada compilação, fomos muito além.

Antes de encerrar esta história enfadonha, na qual não nos baseamos para a nossa convicção reencarnacionista, devemos uma explicação a Frei Boaventura Kloppenburg.

Quando na nossa citação afirmamos que Orígenes e Boaventura foram, na Idade Média, advogados da doutrina reencarnacionista, citação esta pela qual o ilustre reverendo, pretendendo mostrar erudição, quis levar-nos ao ridículo, desejamos acentuar, como esclarecimento, que o tal Orígenes saiu, por culpa do impressor, em vez de Erigène, ou, se melhor quiserem, Jean Scott Erigène, filósofo e teólogo, nascido em 833, na Escócia, segundo uns, e na Irlanda, segundo outros, falecido em 880.

Conta-se deste eminente homem o seguinte: um dia em que ele palestrava com Carlos, o *Calvo*, em torno de uma mesa, este, para fazer espírito, perguntou-lhe o que separava um idiota de um Scott. Erigène, ao pé da letra, respondeu-lhe: *esta mesa*.

As doutrinas contidas nos escritos deste teólogo eram profundamente livres. O autor afirma a unidade da filosofia e da religião, desenvolve sobre Deus as ideias de Hegel e Spinosa, reduz a queda à entrada do homem na matéria, sustenta que ela não fez perder a sua pureza à natureza humana, alegoriza todos os factos da revelação cristã e os reduz a símbolos da evolução do ser divino. Os seus pensamentos deram origem às principais heresias da Idade Média.

Quanto ao Boaventura, ele existiu, sim, na época por nós consignada. Naturalmente que não se trata de Boaventura, o Pai, nem de Frei Boaventura Kloppenburg, mas de Boaventura, o Dr. Seráfico, nascido em 1221, em Bagnarea, na Toscana, e morto em 15 de Julho de 1274.

Designa-se pela expressão «Idade Média» o período cronológico compreendido entre o fim da Antiguidade e a Renascença. Convencionalmente e para maior comodidade, os historiadores adoptaram geralmente as datas mais precisas: como termo inicial, seja a partilha do império romano em império do Ocidente e império do Oriente em 395, ou mais comumente, o fim do império romano em 475; como termo final, a queda do império do Oriente e a tomada de Constantinopla pelos Turcos em 1453.

LIVROS QUE SE DEVEM LER

Barrabás o Enjeitado, por *J. Herculano Pires* — Um drama oculto por detrás do drama da paixão — A invasão do Templo de Jerusalém e a verdadeira condição de «os dois ladrões» ..... 40$00

O Evangelho à Luz da Astrologia, por *A. Vaz de Melo* — Obra Prima, do ponto de vista da profunda e vasta erudição, atestando a cultura inciclopédia do seu autor ..... 50$00

Dialética e Metapsíquica, por *Humberto Mariotti*. Interpretação espiritual da dialética através de um profundo estudo da ciência espirita ..... 26$00

Do País da Luz, extraordinária obra mediúnica recebida por *Fernando de Lacerda*, na qual perpassam grandes escritores portugueses fàcilmente identificados pelo estilo próprio. 4 volumes brochados, com cerca de 1.000 páginas ..... 160$00

Assim sendo, tanto Jean Scott Erigène, como S. Boaventura, o Dr. Seráfico, viveram na época por nós apontada.

Não compreendemos, assim, a admiração do erudito Frei e teólogo.

Quanto ao concílio a que nos referimos como tendo sido realizado em 533, em Constantinopla, foi erro nosso de um algarismo. A verdadeira data é 543. Foi nesta data, precisamente, que se condenou ao esquecimento um ensinamento sublime que a Igreja tinha o dever de conservar preciosamente e de transmitir às gerações futuras como um farol em meio dos escolhos sociais, um ensinamento que teria desenraizado este egoísmo estúpido que ameaça aniquilar o mundo, que nos dá uma perfeita ideia da justiça de Deus, contrapondo-se à velha doutrina das graças e das predestinações, que anula o valor do esforço humano, em detrimento de afirmativas inconsistentes e originárias de uma escolástica profundamente humana.

Como Frei Boaventura afirma que leu e releu as actas do concílio realizado em Constantinopla em 533, e nelas nada viu sobre a doutrina de Orígenes, aconselhamos que o ilustre Frei as leia de novo, pois nós, sem a argúcia e a penetração teológica, já descobrimos alguma coisa.

Em 553, no grande concílio realizado em Constantinopla, convocado por Justiniano, que se envolvia em questões teológicas, tratou-se de três pequenos escritos diferentes, de que não se conhecem mais em nossos dias. Eram denominados os *três capítulos*. Disputou-se, também, sobre algumas passagens de Orígenes.

O bispo de Roma, Virgílio, quis ir lá em pessoa; mas Justiniano fez metê-lo na cadeia. O patriarca de Constantinopla presidiu a este concílio. Nele não compareceu ninguém da Igreja latina, porque, então, o grego não era mais compreendido no Ocidente, tornado inteiramente bárbaro. (Voltaire, «*Dict. Philosophique*», pág. 609).

A «*Encyclopédie*» de Berthelot diz o seguinte:

... Em 2 de Junho, tendo já proclamado o direito da Igreja de pronunciar uma condenação póstuma contra um herético, resumiu as suas decisões precedentes e condenou formalmente os três capítulos e, em outra, a pessoa de Teodoro. Estes anátemas foram pronunciados com expressões análogas àquelas em que Justiniano se serviu nos seus éditos. Ele adoptou, semelhantemente, contra os ERROS DE ORÍGENES as condenações contidas num édito de Justiniano e confirmadas por um precedente concílio de Constantinopla. Virgílio resignou-se finalmente a aprovar todas essas decisões, etc. (*E. H. Vollet*, pág. 627).

E aí tem o ilustre Professor de Teologia e de História o caso dos Pais da Igreja, no que se refere às vidas sucessivas, e a explicação dos dois erros nossos que catou no livro que incidiu sob a sua crítica.

Veja se consegue arranjar mais alguns, que estes não valeram.

A TESE DAS VIDAS MÚLTIPLAS

por ALFREDO MIGUEL
(Correspondente na Bahia)

26

RESSURREIÇÃO E REENCARNAÇÃO

Por ser a Reencarnação uma crença de origem muito remota, surgida provàvelmente na milenária Índia dos Vedas, eis que os judeus, contemporâneos do Cristo, a conheciam e professavam, embora sob um nome diferente. Excepção do Saduceísmo, cujos sectários, à semelhança dos materialistas de hoje, não concebiam a imortalidade do princípio anímico, as demais seitas judaicas acreditavam no retorno do Espírito a uma multiplicidade de existências na carne. Porém, aos judeus, afigurava-se um mistério a maneira como este facto poderia dar-se. Muito vagas e incompletas eram as noções que eles tinham acerca da alma e da vida futura, tão pouco compreendendo por que meio os mortos haveriam de regressar a este mundo. Chamavam ressurgir ao que nós com mais propriedade chamamos reencarnar. Supunham, como presentemente ainda alguns acreditam, que, por um prodígio estupendo e inexplicável, o corpo morto readquiria a vitalidade e a alma ou espírito tornava a habitá-lo. Idênticamente ao que se teria passado com Lázaro, que, segundo as Escrituras, falecera e havia três dias seu corpo baixara à sepultura. Nem se apercebiam os hebreus de que a chamada «ressurreição da carne» não pode jamais ocorrer e a ciência demonstra ser materialmente impossível. Se a carne ressurge, não há-de ser, claro, a que a terra consumiu, e sim a que estrutura um novo corpo gerado no ventre materno, destinado a receber um Espírito que abandonara outro corpo que morreu. A verdade, porém, é que o Judaísmo consignava a crença nos renascimentos do ser, crença que o Espiritismo modernamente apresenta desenvolvida e de um ponto de vista mais racional, despojada dos acessórios da superstição. É importante considerar que o Cristo mesmo nos seus ensinos corrobora e proclama a veracidade dessa crença. Em várias passagens dos Evangelhos vemos o Mestre enunciá-la, ora sob uma fórmula velada, ora literalmente, como no caso do fariseu Nicodemos. No sermão profético, prevendo os terríveis acontecimentos reservados para os séculos porvindouros como prelúdio do juízo final, Ele é incisivo nesta advertência: — «Em verdade vos digo que não passará esta geração, sem que todas estas coisas aconteçam». *Ora, como inúmeras gerações se sucederam depois que Jesus proferiu aquele sermão até nossos dias, sem que as profecias se realizassem integralmente, não há outra alternativa senão optar por uma das duas: ou Jesus mentiu, ou se referia a uma geração de espíritos que percorreram numerosas fases encarnatórias e ainda permanecem na Terra até o cumprimento integral das profecias. Para quantos tenham olhos de ver e inteligência de compreender, nas palavras do Enviado de Deus acima transcritas (Mat. XXIV,34; Marcos, XIII,30; Lucas, XXI,32) está implícita a noção das vidas sucessivas, ou dos renascimentos da alma, que, de um modo ainda mais preciso Ele afirma em outras circunstâncias narradas pelos evangelistas.*

27

O DIÁLOGO DE CESAREIA

Entendem algumas pessoas que a Reencarnação carece de apoio nos Evangelhos, simplesmente porque não se encontra neles esta palavra, nem ao menos uma vez. O vocábulo reencarnação, efectivamente, escapa a todos os versículos do Novo Testamento — do mesmo modo que nele não se encontram registadas várias palavras da terminologia religiosa, como, por exemplo, purgatório e missa. Não tem, todavia, a mínima importância a ausência do nome pelo qual designamos hoje esta doutrina. O essencial é que esteja subentendida, é que a ideia se ache esboçada, como de facto se verifica em várias passagens do sagrado Livro. Que entre os judeus a Reencarnação era crença corrente, podemos estar bem seguros, e isto decorre de um outro episódio da vida pública de Jesus, muito significativo. Referem os evangelistas Mateus e Marcos (cap. XVI, 13-17; idem, VIII: 27-29) que o Mestre, certa feita, quando se aproximava de Cesareia de Filipe,

com seus discípulos, interrogou-os desta maneira:

— Que dizem os homens com relação ao Filho do Homem? Que diz o povo que eu sou?

Eles responderam:

— Uns dizem que és João Baptista; outros, que és Elias; outros, Jeremias ou algum antigo profeta que ressuscitou.

— Porém vós, quem dizeis que eu sou?

— És o Cristo de Deus, tornou Pedro.

— Pois bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foram a carne nem o sangue que te revelaram isto, mas meu Pai, que está nos céus.

Pelas perguntas e respostas acima reproduzidas, não se pode ter dúvida de que a opinião pública atribuía a Jesus uma origem espiritual anterior àquela sua existência terrena, vendo nesta uma existência nova num corpo novo. Tal opinião, que abrangia a anterioridade da alma e a reencarnação, era geralmente partilhada, sem encontrar oposição. Porquê? Porque os Hebreus sabiam, pelas tradições conservadas, embora confusamente, que o homem pode voltar muitas vezes à terra para concluir uma obra começada e interrompida pela morte humana. Em essência é mais ou menos este o comentário àquele passo evangélico exarado no segundo tomo da obra de J. B. Rostaing, obra de exegese escriturística, ditada, segundo nela se declara, por uma pleiade de Espíritos superiores tendo à frente os próprios evangelistas.

Na verdade, que sentido lógico se há-de emprestar àquele diálogo entre Jesus e seus discípulos, abstraindo da reencarnação em que eles criam e o Mestre corroborou tàcitamente? Julgava o povo naturalmente que Jesus fosse um daqueles personagens, ressuscitado; isto é, presente outra vez no mundo em um outro corpo físico. Claro que se tal possibilidade não fosse admitida e aceite, Jesus mesmo jamais teria formulado aquelas perguntas, ou, pelo menos, houvera inquinado de desassisadas ou ociosas as respostas dos discípulos. Porém, veremos que os Evangelhos fornecem outros elementos de prova em favor da tese reencarnacionista.

28

A LIÇÃO DO CEGO

Bem certos, como nós, estavam os discípulos do Cristo, de que os males que nos acometem são consequências amargas e inevitáveis de nossos desatinos em tempos que se foram... Ao contrário do que ensinam certas religiões, Deus não condena seus filhos ao inferno; não quer que almas sensíveis, que Ele criou com sua omnipotente soberania, se aniquilem; mas, a sua justiça é indefectível, alcança e pune, em tempo hábil, todas as faltas de que se tornou culpado o homem, posto que este sofra, via de regra, a sanção da lei, sem que na sua existência actual tenha cometido infracções que a justifiquem. É que primeiro se faz a semeadura; vem depois a colheita dos frutos... A semeadura, no dizer de Emmanuel, é livre, mas a colheita é obrigatória. Os que hoje sofrem, aparentemente sem culpa, estão saldando dívidas antigas, acham-se em vias de ficar quites com a justiça divina — são os delinquentes de ontem, já regenerados, mas ainda em cumprimento da pena. Esta é sempre proporcional à extensão e gravidade do delito. Esses que por aí vemos — prósperos, triunfantes, despreocupados — arrivistas a vencerem pela esperteza e pela astúcia, ai deles! — estão acumulando decepções e amargores para o futuro. Há, é bem verdade o que afirma o apóstolo, há tempo para o plantio e tempo para a ceifa. Os discípulos de Jesus estavam, pois, muito convictos de que os sofrimentos expiatórios são a condição imposta pelo Karma àqueles que transgrediram a lei, e foi por isso que, ao passar em companhia do Mestre por um cego de nascença, ocorreu-lhes esta pergunta:

— Rabi, que pecado cometeu este homem, ou cometeram seus pais, para que nascesse cego?

Respondeu-lhes Jesus:

— Nem ele pecou, nem pecaram seus pais; isto é assim para que nele se manifestem as obras do poder de Deus (João, IX, 1-3).

A pergunta e a resposta requerem um pouco de meditação. Ora, para que um pecado daquele homem fosse causa da sua cegueira de nascença, preciso era que, ao verificar-se o seu nascimento já ele houvesse pecado como homem, isto é, que tivesse tido uma existência anterior, na qual houvesse cometido o pecado determinante da cegueira. Isto necessàriamente supunha a anterioridade, a preexistência da alma e, por conseguinte, a reencarnação. Sendo assim, nenhum cabimento havia para qualquer alternativa. Desde então o pecado dos pais não mais podia ser a causa daquela cegueira congénita.

Passemos para aqui trechos do comentário que se lê em «Os Quatro Evangelhos», tomo quarto, por J. B. Roustaing: — «Jesus res-

AUXÍLIO AOS NECESSITADOS

Destinados à subscrição do Natal recebemos mais os seguintes:

Transporte do número anterior — 1.211$00; Maria Luísa, 20$00; Eugénio da Costa Morgado, de Aveiro, 50$00; Artur Hipácio, de Mafra, 5$00; Grupo E. Amor e Caridade, 50$00; J. A. V., de Évora, 10$00; Francelina de Castro Aragão, de Seia, 20$00; Bartolomeu Bana Martins, do Porto, 40$00; Sócio 542, de Lisboa, 5$00; U. S. J., de Ponta Delgada, 50$00; Bento Pires Lucas, de Safara, 5$00; M. G. F., de Lisboa, 15$00; A. L. Gomes, de Lisboa, 20$00; Dulce Pereira de Brito, de Entradas, 40$00; Isaac Marques, de Viseu, 20$00; Manuel Capela, de Lisboa, 20$00; Serafim Brites, de Ovar, 20$00; Elisa Cardoso, de Lisboa, 20$00; Ascensão Manita, de Carnide, 10$00; José Joaquim, de Faro, 7$00; Carlota Valério, de Lisboa, 10$00; Arnaldo Santos e esposa, de Lisboa, 20$00; Manuel de Figueiredo, de Viseu, 20$00; Jacinto Pereira Guerreiro, de Cacela, 5$00; Zizina das Neves, de Coimbra, 10$00; Nobre de Carvalho, de Lisboa, 5$00; Agostinho João Gomes, de Benfica do Ribatejo, 25$00; Palmira da Nazaré Gomes, de Benfica do Ribatejo, 15$00; Preciosa de Jesus Santos, de Lisboa, 20$00; Maria Álvares Russo, de Lisboa, 20$00; Cipriano José Marques, da Anadia, 40$00; Anónima de Lisboa, 100$00; Maria Helena Baptista, de Coimbra, 20$00; Jaime da Silva Sabino, de Aveiro, 20$00; José Maria Cabral, do Porto, 20$00; Preciosa Carmo, do Porto, 20$00; D. C., do Porto, 20$00; Rogério Leite Faria, do Porto, 110$00; Romão Saragoça Velez, de Campo Maior, 20$00; J. D. C., de Lisboa, 30$00; Cupertina de Meneses, de Alhandra, 20$00; Bernardo C. de Almeida, de Alcobaça, 10$00; ilegível, de Lisboa, 50$00; António L. Lopes Dias, de Luanda, 20$00; M. A. P. S., de Mora, 10$00; David Silva Guimarães, de Matosinhos, 20$00; Manuel Revez Silva, de Casével, 10$00; Manuel Joaquim Catarino, do Ameixial, 20$00; S. A. S., de Lisboa, 10$00; Joaquim Dias, de Lisboa, 20$00; Lília Costa e Silva, de Lisboa, 20$00; Matias Nobre, da Marinha Grande, 10$00; Francisco Grilo Fevereiro, de Estremoz, 10$00; Ana Colaço Guerreiro, de Lisboa, 25$00; José Palmeiro da Costa, de Estremoz, 73$70; A. O. S., de Lisboa, 20$00; J. M. R., de Lisboa, 50$00; Adriano Lopes do Paço, de Alquerubim, 15$00; Genoveva de Castro, de Setúbal, 50$00; Adália Santos Pinto, de Luanda, 190$00; Francisco E. Carvalho Simão, de Ovar, 100$00; Etelvina Santos, de Setúbal, 20$00; Augusto de Jesus Rebelo, de Lisboa, 32$00; A. P. A., de Lisboa, 100$00; Alberto Rosa, de Bissau, 30$00; Feliciana Pinto Carvalho Freire, de Dundo, Angola, 100$00; José de Almeida, de Viseu, 10$00; Lucinda Mendes, de Lisboa, 50$00; Joaquim Fernandes, de Lisboa, 10$00; J. F. A., de Lisboa, 10$00; Gêcê, de Lisboa, 20$00; J. A. R., de Lisboa, 10$00; J. O. R., de Lisboa, 20$00; M. M. A. Silva, de Almada, 20$00; Maria de Vasconcelos, de Lisboa, 20$00; Gertrudes Julieta Pereira, de Lisboa, 10$00; Silvina Catarino Duarte, de Alpiarça, 50$00; José Farinha, de Angra do Heroísmo, 30$00; José Augusto Taveira, de Lisboa, 20$00; Filipe Cordeiro, de Ponta Delgada, 20$00; Alberto e António, à memória de seu avô, 500$00; A. C., de Lisboa, 100$00; Manuel Roxo, de Venda das Figueiras, 20$00; António Mendes Palaio, de Cânede, 10$00; Domingos Lopes da Silva, de Venda das Figueiras, 10$00; João Joaquim Lobato, de Santarém, 50$00; Alfredo Vieitas, de Cascais, 20$00; Cristiano A. Henriques, de Bissau, 60$00; L. G. Patraquim, de Lourenço Marques, 46$50; Manuel Nogueira Silva Júnior, de Lisboa, 20$00; Alice Rodrigues Pereira, de Lisboa, 10$00; Armando Mendes Madeira, de Lisboa, 20$00; T. A. R., de Lisboa, 20$00; Maria e Mário, de Lisboa, 50$00; Alberto dos Santos Silva, de Lisboa, 200$00; J. C. F., de Lisboa, 50$00; Anónimo, de Lisboa, 10$00; E. P., de Lisboa, 10$00; L. A. R., de Lisboa, 60$00; Adelaide de Jesus Ferreira, do Cartaxo, 20$00; António Gonçalves de Campos, de Lisboa, 20$00; José da Encarnação, de Nova Iorque, 250$00; Aníbal Gonçalves Portugal, de Mamodeiro, 27$50; Mário do Rosário de Brito e esposa, de Lourenço Marques, 50$00; Fernando M. Domingos, do Bombarral, 20$00; Aldemiro Nunes Correia, de Faro, 100$00.

Total — 5.272$70 *(Continua)*

pondeu enquadrando a sua resposta no sentido das próprias palavras dos discípulos. Assim é que disse: «Nem ele pecou, nem pecaram seus pais», o que equivale a ter dito: «Não, ele não expia faltas que haja cometido na sua actual encarnação, e ainda menos falta em que seu pai ou sua mãe tenham incorrido». É preciso que as obras do poder de Deus se manifestem nele. Preciso é que a expiação imposta ao Espírito culpado siga o seu curso. Este homem não sofre castigo por faltas do presente. Tampouco paga por outrem. Paga dívida contraída pelo seu próprio Espírito. Sua cegueira de nascença representa a expiação, que ele buscou, de faltas anteriores à sua encarnação actual. É assim que as obras do poder de Deus se manifestam nele. A cura da cegueira indica que a expiação terminou. Dessa forma ele serve ao cumprimento da missão do Enviado de Deus», é o nosso terceiro escrito em que mostramos de um modo claro, insofismável, irretorquível, a Reencarnação dentro dos Evangelhos. Há, porém, outras passagens não menos elucidativas.

(Continua)

Crónica Mundial

Por ADELAIDE IVONE DE SOUSA

UMA PROVA IMPRESSIONANTE

Em *Survie,* Georges Gonzalez narra um caso passado num grupo que frequentava, em Suresnes, em 1924. A médium psicográfica era uma jovem de 19 anos.

O relato do interessante facto foi dirigido em carta ao conhecido escritor, pela dona da casa onde o grupo se reunia.

M.me Contant, a signatária da carta, tinha uma amiga, M.me Dest... a quem falecera uma filha muito querida, com 19 anos de idade. E a esse respeito diz a carta:

«Nem a médium, nem eu, nem qualquer dos presentes, tinham conhecido a filha de M.me Dest... (ambas de origem italiana); ela morrera havia oito anos, e o nome gravado no seu túmulo é Hyacentha. Era o único nome que a médium e eu própria conhecíamos.

«Ora no fim de Junho (1924) M.me Dest... muito incrédula, mesmo desdenhosa para com as nossas crenças e práticas, devido a circunstâncias imprevistas assistiu a uma das nossas sessões, no momento em que fazíamos a nossa invocação.

«Através da escrita automática manifestou-se um Espírito, declarando ser a filha de M.me Dest... e que dizia chamar-se Catarina.

«Confesso que ao ouvir esse nome pensei logo que a mãe iria protestar e manifestar novamente o seu desdém; na realidade, eu estava mortificada.

«Entretanto, a entidade comunicante obrigava a dócil mãe a escrever com a maior facilidade e declarou-se feliz por dar notícias aos seus entes queridos, que ela teve de deixar, reconfortando-os ternamente e aconselhando-os a realizarem a viagem que projectavam fazer a Espanha; em seguida pediu-lhes que continuassem a frequentar estas sessões.

«Ela chamava à mãe «ma mama mia», acompanhando estas ternas palavras com frases italianas (língua que a médium ignora). Depois, assinou Kathleen.

«Terminada a comunicação, eu disse a M.me Dest... que sua filha tinha comunicado, mas que se apresentara com o nome de Catarina, que não era o dela.

«Deu-se então uma cena patética, que comoveu todos.

M.me Dest..., em grande pranto, dizia:

«— Catarina era o seu nome; era assim que lhe chamava a nossa família italiana.

«— Mas, observei-lhe, ela assinou Katleen.

«E a mãe respondeu com a voz embargada pelos soluços:

«— Sim, minha senhora; era o nome que eu lhe dava na intimidade: Minha Katleenzinha».

Georges Gonzalès comenta o facto, observando quanto é frágil a tese do subconsciente, ao qual muitas vezes se atribuem trabalhos mediúnicos. Neste caso prova claramente que não houve intervenção do subconsciente, o que reforça mais uma vez a teoria espírita.

OS ANIMAIS TAMBÉM TÊM ALMA

A revista *Fate,* publicou a seguinte local com o título que transcrevemos: «*Um cão farejou a morte*».

«Recentemente Thomas A. Beasley, de Peoria, Illinois, sofreu um ataque cardíaco e caiu no seu quarto. Pouco tempo depois morreu. Decorridas algumas horas, *Lady,* a sua cadelita predilecta, de 6 anos de idade, arranhou na porta para que a deixassem entrar no quarto do dono. Dirigiu-se logo ao ponto aonde ele tinha caído, farejou o chão e caiu morta».

Outro caso não menos curioso: *Spiritualisme Moderne* transcreveu do *Jornal do Comércio* do Brasil, o seguinte telegrama:

«Modena — Itália — Nesta cidade passou-se um caso original.

«Um burro desolado conseguiu à força de coices que o admitissem no funeral que levava ao cemitério os restos mortais do seu dono.

«O animal saiu da cocheira, aproximou-se do caixão de Ariosto Malavasi, e, como o expulsassem, começou novamente aos coices a todos quantos o queriam afastar do local.

«Para resolver esta estranha situação, os parentes do defunto permitiram que o burro acompanhasse o caixão ao cemitério.

«Na manhã seguinte, na cocheira, o burro muito triste recusou alimentar-se».

A propósito destes dois casos fazemos também nossos os comentários da nossa colega *Spiritualisme Moderne,* quando disse:

«E os homens têm medo de afirmar que os chamados «irracionais» também têm alma...

«Este burro provou que a sua alma era muito mais evolucionada do que a de muitos dos seus «*irmãos superiores*».

Que bela lição!...

MENINOS - PRODÍGIOS EM FRANÇA

Podíamos crer que os génios que brilharam noutros séculos voltaram a reencarnar na nossa época, tão rica em meninos-prodígios, e a quem *Estudos Psíquicos* se tem referido largamente.

Nos últimos tempos, a Itália deu ao Mundo os maestros Pierino Gamba, Roberto Benzi e Gianella di Marco; os Estados Unidos, os cientistas Bobley Gorden, que se formou em Ciências com 11 anos de idade, e aos 5 já conhecia todas as constelações e mais de trezentas estrelas. Vem a seguir Brian Van Dale, que os sábios esperam venha a ser um futuro Einstein.

O génio da França não podia deixar de fulgurar nos meninos-prodígios, e, assim, Claude Renard, com 13 anos, é já uma figura de relevo na Ópera Francesa, como tenor maravilhoso. Thierry Vaubougoin é pintor de mérito apenas com 10 anos, pois o mais insignificante dos seus quadros vale 50.000 francos.

André Fournier, de 16 anos, escreveu uma peça teatral e obteve o 1.º prémio num concurso de arte dramática, em que participaram numerosos concorrentes, todos de maior idade.

O autor dramático mais novo da França é Martine Toussaint-Samat, de 9 anos.

A rádio francesa tem também o seu menino-prodígio, que é igual-

mente astro de cinema. Chama-se Rodolfo e a crítica já o considera grande artista.

Mas a última novidade no género foi-nos anunciada pelo *Figaro* e pela revista de Paris, *Match*, de Novembro último, com a sugestiva epígrafe: «Uma criança genial».

Trata-se de Minou Drouet, de 7 anos e meio, que é considerada em França como vedeta da actualidade e de quem o conhecido editor Julliard publicou em Setembro passado os seus versos, anunciando que tinha nascido um Mozart poeta!

OS GUIAS E OS MESTRES TAMBÉM SE MATERIALIZAM

Na *Voz Informativa* de Novembro último, a sua directora M.me Elodia Benavides, no seu relato acerca do acampamento de Chesterfield de 1955, no Estado de Indiana, diz-nos, referindo-se às excelentes materializações da médium Lula:

«Tive uma única sessão com Lula. Ela realiza diàriamente uma sessão especial em que se materializam só os Guias ou os Mestres das pessoas que a elas assistem. A médium coloca-se a um metro de distância do gabinete, onde vai uma pessoa por cada vez. Então o Guia envolve-a nas suas vaporosas roupagens, coloca-lhe a mão sobre a cabeça, identifica-se, dá conselhos e depois vem o Mestre ou Guia Espiritual. Não esqueçam os leitores que, segundo disseram nessas materializações, todos temos doze espíritos que nos acompanham; já os descrevemos no nosso número de Dezembro de 1954. Os Mestres ou Guias produzem, com a sua presença magnética, uma comoção espiritual. Majestosos e vibrando em subtilíssimas emoções, fazem também vibrar as nossas fibras mais sensíveis. Todos vestem roupas vaporosas, na sua maioria recamadas de pedrarias rutilantes. Ao ouvir a exclamação de assombro de uma senhora ali presente, ante o seu Guia chinês, que brilhava com uma vestimenta recamada de pedras preciosas e com grandes tranças ornadas de fios rutilantes, e perante as exclamações de todos os presentes, fez aos assistentes uma grande vénia, estendeu os braços ao Alto, solicitando bênçãos para os assistentes, cruzou os braços sobre o peito e foi colocar-se logo em frente de cada um, permitindo que lhe tocassem na túnica para apreciarem os pesados bordados, não obstante a subtileza da matéria de que eram constituídos.

«Estas sessões são muito demoradas e intensamente emotivas.

«Quando a entidade materializada entrou outra vez no gabinete, deixou atrás de si uma grande faixa de ectoplasma.

«Quando o meu Guia Espiritual ou Mestre estava diante de mim, apoiou a mão direita sobre a minha cabeça e disse-me:

«— Venho novamente das regiões da Luz para me mostrar a teus olhos materiais.

«Andamos juntos há muito tempo, desde remotas épocas. Gostei que tivesses procurado este momento e espero que o símbolo da Estrela das Doze Pontas te conserve sã e forte, com a ardente intenção de continuar ao serviço do Plano Espiritual».

Este Mestre continuou ainda por alguns minutos a sua exortação.

Tais sessões, de cuja autenticidade ninguém pode duvidar, são de tal modo objectivas, que não nos furtamos ao desejo de perguntar a certos espiritas, teósofos e rosacrucianos o que pensam destas provas, depois de terem afirmado que os Espíritos evolvidos não podem comunicar directamente com os seres terrenos.

Mais uma vez reconhecemos a necessidade de se actualizarem certos credos e mais que nunca sentimos a ânsia de gritar: Hosanas ao Espiritismo, ou *Espírito da Verdade*, como lhe chamou o Cristo.

UM PINTOR DO ALÉM

A revista «Spiritualisme Moderne», de Liège, transcreveu o seguinte do *Psychic News:*

«Um médium muito conhecido em Nova Iorque revelou últimamente que seu pai fora testemunha de um facto extraordinário: a forma materializada do célebre pintor americano Benjamim West, desencarnado em 1820, pintou o retrato da primeira mulher de seu pai, também desencarnada e que se materializou nessa ocasião.

«Trata-se do Dr. Russel G. Mc Robert, M. D., morador em Nova Iorque, na Avenida do Parque, 555, que contou a sua história ao jornal *Psychic Observer*.

O fenómeno produziu-se durante uma sessão, em 1895, com o conhecido médium de Chicago, Mabel Aber Jackman.

«O pai do Dr. McRobert descreveu mais tarde o acontecimento numa declaração feita sob solene juramento e qua ainda está em poder de seu filho, e forneceu todo o material necessário ao pintor: tela, tintas, pincéis, etc.

«Esse retrato foi completado na sua presença e ele pôde ver os dois seres materializados durante quarenta minutos.

«West foi um dos primeiros pintores de Springfield, eleito membro das Academias de Florença, Parma e Bolonha.

«O pai de McRobert é muito conhecido e considerado no mundo dos negócios, em London-Ontário.

«No seu diário conta que em 1890, durante uma sessão, a sua mulher comunicou-se com ele e lhe prometeu o retrato dela, feito por um espírito amigo; mas, para isso, ele teria de fornecer o material necessário. Três anos mais tarde, a sua mulher materializou-se e falou novamente no retrato prometido. Depois de algumas sessões, durante as quais ela se materializou várias vezes, repetindo-lhe a sua promessa, McRobert foi a casa de Madame Jackman.

«No dia 28 de Agosto de 1895, sua mulher e West materializaram-se ao mesmo tempo. Pois a tela foi colocada nas costas duma cadeira e West começou a trabalhar, enquanto conversava. Perguntou a Mc Robert que horas eram e disse que dentro de quarenta minutos o trabalho estaria terminado. Antes de lhe dar o último retoque, perguntou a McRobert se a pintura lhe agradava. McRobert agradeceu e West, despedindo-se, desmaterializou-se.

«O Espírito de sua mulher fez o mesmo, após dez minutos de conversa com o marido.

«Na sua declaração, o pai do doutor esclareceu que o quadro podia ser visto no seu domicílio, Avenida de la Reine, 507, em London, Ontário. A sua declaração foi reconhecida por um comissário ainda vivo; infelizmente, a pintura desapareceu depois num incêndio».

Factos desta categoria destroem os velhos dogmas científicos e religiosos, demonstrando irrefutàvelmente a actividade da alma imortal.

Escrever um livro como Dickens escreveu, enviar autênticas mensagens que formaram a magnífica obra que é «No País da Luz», do grande médium português Fernando Lacerda, e as curas realizadas também *post mortem* por médicos e outras entidades, são assombros dignos da era atómica, se bem que tais fenómenos existam desde que o mundo é mundo. Porém, muito e muito mais verão em pouco tempo os que permanecerem na terra: — a Luz a dissipar as trevas do obscurantismo.

Notas & Comentários

«O CAMINHO»

Acabamos de receber o jornal O Caminho, do Rio de Janeiro, mensário espirita fundado em 1937 e hoje sob a orientação do nosso patrício e amigo J. Alves de Oliveira. É órgão da Tenda Espirita Mirim, Rua Seará, 183 (S. Francisco Xavier), e apresenta-se com selecta e oportuna colaboração em 12 páginas de grande formato, a seis colunas, recheadas de ensinamentos.

Para se defender uma doutrina é necessário cultura, bom senso e saber aproveitar as oportunidades. Parece-nos que este mensário se impõe por si mesmo, isto é, pelo seu utilíssimo conteúdo. Muitas secções, muitos artigos, boa disposição gráfica, linguagem escorreita, tudo isto atrai o bom gosto do leitor. O Alves de Oliveira conhece o terreno que pisa, é uma organização moral e mental capaz de atingir o alvo que, neste caso, é elevar e expandir o jornal que passou a ter à sua guarda.

Ele pediu a nossa opinião e ela aqui fica, sincera, franca, objectiva. O Caminho não é um jornal qualquer. Nas suas colunas há Espiritismo puro, que se lê com interesse. Ali aparecem nomes conhecidos, como o Dr. Moreira Guimarães, o Comandante Torres Pastorino e o nosso querido Leopoldo Machado... E outros, muitos outros, dignos, coerentes, aprumados, como quem conhece o terreno que pisa. Uma secção magnífica: «A Vida Começa no Lar». Página sugestiva, aliciante, variada, não esquecendo a saúde e a alimentação, a que dá lugar de relevo. E outra: «A Criança e o Futuro», onde vemos o nosso confrade Alziro Zarur, presidente da Legião da Boa Vontade, inaugurando uma escola para necessitados...

Sim, senhor, amigo Alves de Oliveira! Você entrou com pé direito. Deu caminhos ao Caminho e temos a certeza de que os transformará em grande estrada. Não falamos para o lisonjear. Falamos linguagem velha e relha, própria de homem activo e construtivo, amigo da justiça e da verdade.

Esta edição insere o «Suplemento do Primado de Umbanda», quatro páginas de propaganda associativa. Ali se vê que a Tenda Espirita Mirim tem 11 filiais no Distrito Federal e no Estado do Rio.

Gostaríamos de poder falar assim de toda a imprensa espirita. Seria indizível prazer. Não basta unidade; é preciso mentalidade. O esforço é bom, mas tem de ser harmónico. O sentido jornalístico é um dom que muitos ignoram. Alves de Oliveira pode fazer muito, se for auxiliado. Tem cultura, faculdades de trabalho e sabe o que quer.

Este número insere um instantâneo do director de Estudos Psíquicos na ocasião da sua visita à Tenda Mirim, uma notícia a quatro colunas sobre este motivo e uma grande transcrição do nosso livro «Pierino Gamba».

Agradecidos pela deferência, mas entendido que as palavras antecedentes não são retribuição. Servem tão-sòmente para anunciar um acontecimento jornalístico digno de louvor, porque o seu relevo excede os limites do periodismo comum a que estamos habituados.

O INSTITUTO JESUS, DE JUIZ DE FORA

Mais uma grande obra espirita acaba de ser inaugurada no Brasil. É o Instituto Jesus, de Juiz de Fora, linda cidade mineira. O dia 18 de Setembro último ficará no calendário como data festiva. Segundo uma notícia do nosso representante João Coragem publicada no Clarim, de Matão, os actos inaugurais foram precedidos de uma reunião a que assistiram autoridades militares e civis e numerosas pessoas, algumas delas vindas das cidades circunvizinhas.

O Instituto destina-se a prestar assistência à infância desvalida do sexo masculino, sem coacção religiosa nem humilhação de qualquer espécie. É seu presidente o nosso amigo Ali Halfeld, homem de acção que vale por muitos, capaz das mais notáveis realizações. Diz o nosso representante:

«Os amplos, arejados, bem iluminados e agradáveis refeitórios e dormitórios, as numerosas e bem dispostas instalações sanitárias individuais, os grandes corredores a que as largas janelas emprestam vida, calor e alegria, a chácara imensa, onde não falta árvore de fruto ou legume conhecido na região, atestam a grandiosidade do Instituto Jesus. Com esta inauguração, Juiz de Fora aumentou não só o património material, como o de civilização».

Presidiu o general Ciro do Espirito Santo Cardoso, comandante da 4.ª Região Militar, o qual se congratulou com o acontecimento, terminando por oferecer uma bandeira do Brasil para ser hasteada durante a solenidade. A assistência numerosíssima aplaudiu e manteve-se de pé, enquanto se entoava o hino nacional.

O discurso do orador oficial, Dr. Moacir Borges Matos, inspector de Ensino Secundário, foi gravado por João Coragem, que o reproduzirá durante a sua jornada de publicidade no Estado de Minas Gerais, a exemplo do que tem feito noutras emergências. Espírito decidido e empreendedor, cheio de coragem (não lhe basta o nome), tem percorrido milhares de quilómetros numa cruzada que ninguém conseguiu ultrapassar, acumulando o seu esforço com as ocupações de prefeito de Lima Duarte, cidadezinha entre Minas e o Estado do Rio.

Na devida altura falaremos do Instituto Jesus e de outras obras de Juiz de Fora, onde nos cumularam de atenções, pois em todas as colectividades que visitámos (e não foram poucas) reinou sempre um grande espírito de fraternidade.

A ALMA DOS ANIMAIS

Fate Magazine, de Londres, publica este caso: Beatriz Macintyre tinha uma cadelita, que mandou ao veterinário para ligeiro tratamento. No dia seguinte, deitou-se preocupada e de repente viu-a saltar para a cama, como que assustada. Meia hora depois telefona o veterinário.

— Já sei o que vai dizer. Minha cadelita morreu às 22,15, não é verdade?

O veterinário confirmou. Morrera àquela hora. O animal assustara-se muito e o coração falhou inesperadamente...

Sem comentários...

Noticiário

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

No dia 27 de Novembro, o nosso confrade António Cardoso realizou na sede do Centro Espiritualista Luz e Amor uma conferência intitulada «O Problema dos Estigmas».

Referindo-se aos estigmas de vários santos, o orador afirmou que nada têm de infamante, como muitos julgam, e não pertencem ao domínio religioso, mas ao científico.

Como apaixonado investigador, o conferente tratou o árduo e pouco conhecido assunto com clareza, prendendo a atenção da assistência, que o escutou com grande interesse.

Presidiu a nossa colaboradora D. Ivone de Sousa, que fez uma breve apreciação da conferência, manifestando o seu apreço pelo estudo que o jovem orador dedica aos vários ramos da ciência espiritualista e considerando-o como exemplo a seguir pela moderna geração.

No final, o conferente foi muito felicitado.

No passado domingo, 18 de Dezembro, perante numeroso auditório, o nosso presidente Isidoro Duarte Santos realizou a 2.ª conferência da série «O que vi no Brasil». Durante hora e meia, aproximadamente, contou-nos o que viu na «Casa do Tio Juca», esse magnífico exemplo do Espiritismo Social brasileiro.

Começou por dizer que foi o desejo um dia manifestado pelo filho do «tio Juca» de ver na sua casa reunidos todos os seus amiginhos, que fez nascer no cérebro do pai a ideia de construir uma casa que albergasse crianças, as sustentasse e preparasse para amanhã poderem vir a ser indivíduos úteis à Pátria e à Humanidade.

Isidoro Duarte Santos, sempre escutado com crescente interesse, descreveu-nos com grande soma de pormenores a orgânica dessa modelar organização, onde os direitos e deveres são iguais para todos, qualquer que seja a sua religião, cor, raça e política. Para ilustrar o grande espírito de tolerância do «tio Juca» contou-nos que ele, aos domingos, acompanha os «seus sobrinhos» — como lhes chama — à missa, embora seja 100 % espirita.

Entre os diversos pensamentos que os visitantes podem ler no interior da «Casa do tio Juca», citados pelo conferente, um encontrou eco profundo entre os assistentes, que alguns tomaram nota dele nas suas agendas de algibeira. Foi este: «Quando você nasceu, todos riam e você chorava. Viva de forma que, quando morrer, todos chorem e você ria».

Concluindo, o conferente disse que obras como aquela dignificam o Espiritismo e obrigam os descrentes a pensar que, afinal, ele não é tão mau como certas religiões o apelidam.

António Cardoso, que estava a presidir, agradeceu a Isidoro Duarte Santos os momentos de deleite espiritual com que acabara de brindar os presentes, já que, pessoalmente, nem todos podem ter a ventura de conhecer o Brasil Espirita.

★

No dia 4 de Dezembro, o mesmo confrade realizou uma conferência no Instituto Espiritualista Português, acerca do Brasil Espirita, sendo ouvido com grande interesse pela selecta assistência. Presidiu o confrade Virgílio Maia, que em palavras de grande apreço aludiu ao trabalho do conferente, que todos apreciaram profundamente.

AMIGOS DE ESTUDOS PSÍQUICOS

Destinados a auxiliar a manutenção da nossa revista, recebemos os seguintes donativos, que agradecemos:

A. M.	500$00
Aníbal Gonçalves Portugal, de Mamodeiro	27$50
F. M. G., do Rio de Janeiro	cr. $ 3.600,00
António dos Santos, do Rio de Janeiro	cr. $ 1.000,00

BRINDES DE LIVROS ESPIRITAS

Mais um brinde de livros espiritas. A contemplada é a sr.ª D. Virgínia Lameiras Fernandes, de Lisboa, a quem apresentamos os nossos cumprimentos. O livro intitula-se «À Porta do Mistério», de Charles Richet.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO EM JANEIRO DE 1956

Grupo de Irradiação Mental

Todas as quintas-feiras, às 21.30, dirigido por Túlio Augusto Rosa.

Grupo de Caridade «Lia»

Todas as quartas-feiras, às 21.30, com a médium D. Deolinda Robalo, dirigido por António Pereira da Silva.

Dia 1, domingo, não há trabalhos.

Dia 8, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 10, terça-feira, às 21.30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 15, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 22, domingo, às 16 horas — 3.ª Conferência da série «O que eu vi no Brasil», por Isidoro Duarte Santos.

Dia 24, terça-feira, às 21.30 — Grupo «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 29, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

NOTA — Devido à falta de espaço, só no próximo número publicaremos o relato sobre o Natal dos Necessitados.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Destinados ao Fundo Permanente de Beneficência, recebemos os seguintes donativos, que agradecemos:

António Rodrigues Peres, de Angra do Heroísmo, 15$00; Joaquim Dias, de Lisboa, 20$00; I. S., de Lisboa, 20$00; Brindes de livros espiritas, 72$50. Total: 132$50.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

br.

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um ... 60$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataque feitos ao Espiritismo ..... 50$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte ..... 25$00
Enigmas da Psicometria ..... 28$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00 50$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte ..... 42$00
Metapsíquica Humana — encadernado ... 40$00
Pensamento e Vontade ..... 26$00
Xenoglossia ..... 32$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo ..... 40$00
Casas Mal-assombradas ..... 50$00
Narrações do Infinito ..... 30$00
Stella (romance astronómico) ..... 50$00
Urânia ..... 40$00

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 25$00
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz* 20$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel* ..... 45$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 30$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 35$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha* ..... 30$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo ..... 60$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel,* resposta a 461 perguntas — enc. 38$00 ... 26$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 35$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 28$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — enc. 38$00 28$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha,* um verdadeiro poema de ternura 18$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido ..... 60$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio* 24$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos) ..... 32$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00 ..... 36$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luís,* obra dedicada às pessoas cultas—enc. 55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00 ..... 36$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz* ..... 40$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado ..... 38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz* ..... 42$00
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 46$00
Pérolas do Além ..... 28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X* ..... 35$00
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00 ... 34$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* 40$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage* ..... 20$00
Voltei, do *Espírito de Jacob* ..... 25$00

OBRAS DIVERSAS

Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 42$00 ..... 30$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida* ..... 35$00
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra de Menezes* ..... 45$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga,* recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto* — enc. 42$00 ..... 30$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima* — enc. 54$00 ..... 40$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff* ..... 28$00
De Cá e de Lá, estudo comparativo do Espiritismo com várias religiões, pelo *Dr. Romeu Camargo* — encadernado ..... 35$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* enc. 42$00 ..... 30$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy* ..... 45$00
Em Torno do Mestre, por *Vinícius* ..... 40$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião* 60$00
Entre Dois Mundos, por *Antoinette Bourdin* 32$00
Espírito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal* — enc. 46$00 ..... 36$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim* ..... 25$00
Factos, por *António J. Trindade,* um livro impressionante de factos espiritas extraordinários, impresso em óptimo papel ..... 50$00
Granja (A) do Silêncio, por *A. Bodier* ... 30$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio* ..... 20$00
Levitação (A), por *Albert de Rochas* ..... 28$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

br.

Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac* ..... 35$00

Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos* —enc. 52$00 ..... 40$00

Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac* ..... 35$00

Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér* ..... 45$00

Mireta, por *Elias Sauvage* ..... 35$00

No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance* ..... 42$00

Nos Umbrais do Além, de Sir *William Barrett* — enc. 47$00 ..... 35$00

Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00 ..... 25$00

Psiquismo (O) Experimental, por *Alfred Erny* ..... 35$00

O Reino de Jesus, por *Fernando da Cruz Ferreira*, o Evangelho romanceado ..... 25$00

Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00 ..... 25$00

Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista ..... 35$00

Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo* ..... 30$00

Vítimas do Preconceito, por *Codro Pallissy* 30$00

Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo médium *G. Vale Owen* — enc. 42$00 30$00

Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel* ..... 23$00

Voz (A) do Antigo Egipto, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo ..... 28$00

Mediunidade (A), pelo *coronel Edgar Armond* — Estudo substancial das várias mediunidades, muito útil a todos os médiuns ..... 35$00

Na Seara do Mestre, por *Vinicius* — Livro de evangelização destinado às tribunas, aos lares e às sessões, contendo verdades eternas ..... 32$00

No Limiar do Etéreo, por *Artur Findley* — Estudo magnífico acerca dos fenómenos espiritas de «voz directa», com o célebre médium Sloan ..... 30$00

Nova (A) Revelação, por *A. Connan Doyle* — As primeiras experiências espiritas do autor do «Sherlok-Holmes» e a sua conversão. Obra de grande alcance doutrinário ..... 23$00

Outro (O) Lado da Vida, pelo *barão Carl du Prel*. Um livro de luz poderosa sobre a Morte e a vida no Além ..... 28$00

Profecias (As) de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*. Um estudo profundo devido à pena de um dos maiores génios da humanidade ..... 60$00

Reis, Príncipes e Imperadores, por *Almerindo Martins de Castro*. Casos históricos de psiquismo, entre eles, alguns passados com reis portugueses ..... 30$00

br.

Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*. Obra nascida de um grupo de padres que estudaram o Espiritismo e se converteram, abandonando a Igreja Católica ..... 50$00

Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente* — Livro muito útil aos directores de sessões espiritas ..... 35$00

Vida (A) de Jesus, por *António Lima*. Um livro que despertou controvérsia, no qual são expostas inúmeras hipóteses através de estudo adequado ..... 30$00

ROMANCES DO CONDE DE ROCHESTER

(Recebidos pela médium russa Krijanowsky)

A Abadia dos Beneditinos — Romance forte em que a vida conventual se apresenta cheia de realismo, induzindo o leitor à meditação ..... 45$00

Chanceler (O) de Ferro Romance histórico que relata a vida de José, no antigo Egipto, vida que o *Genesis* sintetizou nalguns capítulos ..... 54$00

Herculanum — Romance passado na Roma dos Césares, com a descrição da catástrofe do Vesúvio, onde ficaram soterradas duas lindas cidades para um sonho de 18 séculos ..... 38$00

Sinal da Vitória — Contém os factos ocorridos em Roma no começo do século IV com as perseguições aos cristãos até à época da conversão do imperador Constantino, através da visão da cruz ..... 60$00

Vingança (A) do Judeu — Romance notabilíssimo onde se apresenta a sociedade antiga com preconceitos de raça, classe ou riqueza, à luz da fé revigorada pelo cristianismo ..... 60$00

ROMANCES DE VÍTOR HUGO

Recebidos pela médium Zilda Gama

Almas Crucificadas — Uma história empolgante de almas em luta, no tempo das cruzadas e dos cavaleiros audazes ..... 45$00

Dor Suprema — Fatalidade de nascimento, preconceitos de raça, ódios inatos, catástrofes políticas, tudo isto perpassa nesta obra maravilhosa ..... 60$00

Do Calvário ao Infínito — Neste romance há sopros de eternidade e perfumes de esperança. Em expiações redentoras quatro almas ascendem à glória imortal ..... 60$00

Na Sombra e na Luz — Novela verídica que relata a existência triste de um companheiro terreno do autor. Por vezes, Vítor Hugo é personagem. Emociona até às lágrimas — enc. 54$00 ..... 42$00

Redenção — Novela de amor passada no tempo dos castelãos medievais e profundamente instrutivo ..... 40$00

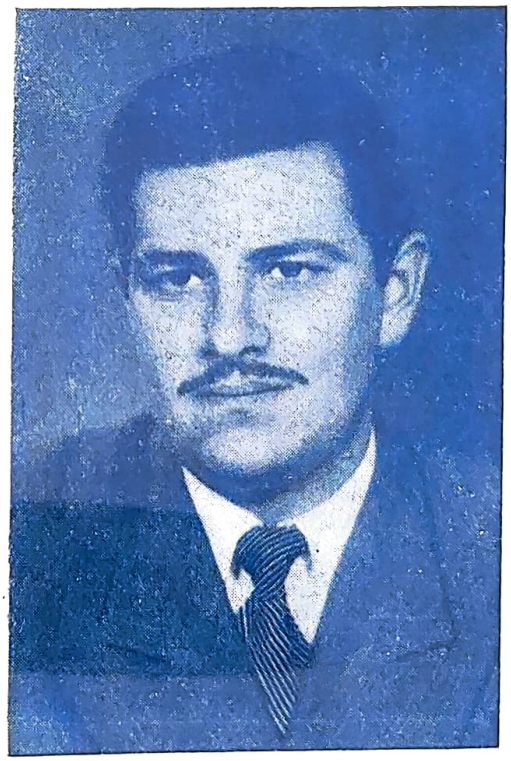
Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental



ZALMINO ZIMMERMANN

(Ver pág. 35)

CONTÉM: Ressurreição, da **Redacção**; Psicologia do Monismo, por **Zalmino Zimmermann**; Os Nossos Representantes; O Problema dos Estigmas, por **António Cardoso**; Abelardo, Grande Médium de Avelaneda, por **Salvador Gatto**; Adeus Spinelli, por **Leopoldo Machado**; Caminho Recto, por **De Paula Machado**; A Moral - 2.º -, por **Eduardo F. Conceição**; A Tese das Vidas Múltiplas, por **Alfredo Miguel**; Os Homens de Ciência, por **Jacinto Del Aguilla**; A Evolução, por **Aleixo Vítor Magadi**; Ecos de Uma Viagem - XIV - Legionárias de Maria, por **Isidoro Duarte Santos**; Livros que se devem ler; Marco Postal; Caravana Espírita a Santo Ângelo das Missões; Natal dos Necessitados, por **J. R.**; Soliloquio, por **Manuel Cavaco**; Conhecimento do Futuro, por **Deolindo Amorim**; Crónica Mundial, por **Adelaide Ivone de Sousa**; Notas & Comentários; Noticiário.

17.º ANO FEVEREIRO DE 1956 N.º 2

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Liège	*Achille Biquet*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*
Luanda	*Luís de Barros Castro*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Henrique Magalhães e Nelson Baptista de Azevedo*	**Franca**	*Dr. Agnelo Morato*
S. Paulo	*António Pereira Correia e António Baptista Lino*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Vitória**	*Dr. Ayrton Machado*
Curitiba	*João Ghignone*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
	Zalmino Zimmermann	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Rio Grande	*Armando O. Couto*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*	**Aracajú**	*José Elson Fontes*
Ribeirão Preto	*Dr. José Pereira Bastos*	**Juiz de Fora**	*João dos Santos Coragem*
Belo Horizonte	*Martins Peralva*	**Três Rios**	*Acir Faria*
Maceió	*Jaime Xavier da Silva*	**Rio Preto**	*Lázaro Camargo Ehmke*
Fortaleza	*José Borges dos Santos*	**Paranaguá**	*René Risental*
		Florianópolis	*Osvaldo Melo*
		João Pessoa	*José Borges de Sousa*

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores

* Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), moeda equivalente a 70$00 — Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00 — Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro e da Casa do «Tio Juca», de Salvador, Bahia

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

ALLAN KARDEC

	br.
Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita	20$00
A Prece	12$00
Espiritismo	15$00
O Principiante Espirita	18$00
O que é o Espiritismo	18$00
O Livro dos Espíritos — enc. 45$00	32$00
O Livro dos Médiuns — enc. 45$00	32$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 45$00	32$00
O Céu e o Inferno — enc. 47$00	35$00
A Génese (nova edição) — enc. 47$00	35$00
Obras Póstumas — enc. 45$00	32$00
Vade-Mécum Kardequiano	16$00

LÉON DENIS

Cristianismo e Espiritismo	50$00
O Além e a Sobrevivência do Ser	20$00
O Grande Enigma	30$00
Depois da Morte (nova edição)	50$00
O Porquê da Vida	28$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00	50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 60$00	48$00
El Problema del Ser e del Destino	52$00
No Invisível (nova edição)	52$00

GABRIEL DELANNE

O Espiritismo Perante a Ciência — enc. 64$00	52$00
A Evolução Anímica	48$00
O Fenómeno Espirita	45$00
A Alma é Imortal	52$00
A Reencarnação	52$00

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

(Continua na 3.ª página de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

17.º ANO — LISBOA, FEVEREIRO DE 1956 — N.º 2

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 5 66 05

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. N. do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

RESSURREIÇÃO

O que vimos no Brasil não se traduz fàcilmente em expressões vocabulares. Transcende os limites do vulgar humano, leva-nos para além da realidade habitual.

Todos os movimentos de libertação lutaram a princípio com o conformismo das multidões anquilosadas, antes de entrar em marcha solene. A luta é sempre progressiva, desde que baseada em alicerces naturais. As almas vão-se adaptando a novas idéias, que, parecendo ilógicas e nebulosas, acabam por se instalar e triunfar.

O Espiritismo no Brasil enquadra-se neste xadrez mental e oferece largos campos de estudo aos sequiosos de conhecimento.

A codificação kardeciana galgou sem dificuldade a massa líquida do Atlântico e adaptou-se à inteligência e ao sentimento de novos bandeirantes. E sobre o plano orográfico surgiu um continente espiritual, cujas raízes encontraram seiva alentadora. A ideia alertava os corações, dava-lhes vida diferente. Os conceitos modificavam-se após temíveis recontros entre o passado e o presente. A estrada abriu covas, o céu enevoou-se e as relações sofreram quebras que levaram prejuízo à sociedade. O novo e o velho enfrentaram-se com denodo, reivindicando seus direitos lógicos ou ilógicos, apoiados na rocha viva dos adeptos.

Luta de gigantes se pode chamar ao esforço dispendido pelos caravaneiros que abandonaram trincheiras obsoletas, na peugada de baluartes de melhor estrutura espiritual.

As religiões dominantes defendiam-se palmo-a-palmo. Se pudessem «guardar o Sol numa gaveta» para que os outros ficassem à sombra... Mas o foco luminoso era de gregos e troianos, a todos aquecia livremente. E assim o fenómeno se exerceu, abrindo veredas à Doutrina que envolveu humildes de coração contentes de sua origem. Os opulentos repeliram-na. Bem instalados no mundo, receavam tudo que lhes pudesse cercear o comodismo refestelado.

Mas as coisas têm limite e a natureza grita, quando a pretendem amoldar. Tempos houve em que o Espiritismo estratificou por não conseguir atravessar a muralha que lhe tolhia os passos. Lançaram-no ao ridículo, apodaram-no de superstição, tudo fizeram para o estrangular, em holocausto aos interesses estabelecidos; mas, erguendo-se da queda, arrimado a bordão mais seguro, servido por conversos eminentes, suscitou a atenção dos homens de ciência que o estudaram em todas as facetas e verificaram que bem poderia ser a religião do futuro, tais eram as perspectivas morais e espirituais que oferecia ao homem. E ressurgiu das próprias cinzas em terras de Santa Cruz e oferece na actualidade um panorama magnífico que serve de padrão a movimentos similares.

O que se passa no Brasil é uma verdadeira cavalgada, tal o poder contagiante da doutrina dos espíritos. De Norte a Sul é o prodígio da Luz que reverbera. As editoras lançam a semente no terreno preparado e a vegetação cresce e multiplica a seiva protectora. É a ressurreição triunfante, a revivescência que se estende aos caminhos tortuosos onde proliferam transviados carecidos de iluminação e auxílio oportuno. A galera vai recolhendo este e aquele e, ao cabo de algum tempo, a tripulação impõe-se pela coragem a outros que necessitam de embarcar, na esperança de conquistar a ressurreição.

O que vimos no Brasil não se traduz fàcilmente em expressões vocabulares. É preciso observar e sentir, «in loco», porque só na presença do fenómeno poderemos avaliar os milagres dessa ressurreição maciça que ergueu a enormes alturas a parte moral da Doutrina Espirita.

PSICOLOGIA DO MONISMO

Por ZALMINO ZIMMERMANN
(correspondente em Porto Alegre)

Fulgura bem próxima a nova fase. É um novo universo de sensibilidade; sensibilidade mais superior, embora não a maior, a última, porque o Absoluto é a pressuposição do interminável e, como tal, a infinita escada de Jacob composta de escalas eternamente continuadas, se bem que sempre contíguas.

A ordem e o equilíbrio evolucionistas — na sequência do roteiro de sempre novas revelações, consoante permitam os estados de maturidade espiritual — já desvendam a nova, exuberante, fantástica e insofismável tela da Criação: nem mais o já veterano politeísmo, nem mesmo o monoteísmo contemporâneo; a nova concepção, que envolve e dirige o nosso ser, é mais ampla, quase ofuscante, condiz mais com a nossa estrutura ontológica actual. É o Monismo, intrínseca condição de um indivíduo «sensitivamente evolvido, nervosamente afinado e, sobretudo, moralmente aprimorado», na expressão ubaldina.

Deus já não está tão exterior a nós. Somos agora mais deuses. Respiramos a Criação. Palpitamos a Divindade. Vibramos na Aura do Pai. E isso é a maior evolução na psicologia, ainda tão experimental, do século XX.

Estuda-se ainda a Consciência e os fenómenos psicológicos como inerentes ao homem-homem. Estamos chegando ao máximo limite da racionalidade. A psicologia vai agora estudar, impulsionada pela intuição revolucionária, uma nova categoria fenoménica, pertencente a um homem mais maturado, a um homem mais macerado pelas catarses biológicas e psíquicas: a um homem-deus.

Enquanto, efectivamente, a ciência abordar a contextura psicológica do homem com alavancas que não ultrapassam a experimentação fria e incompleta, não poderá conceber a criatura senão como uma entidade autónoma, mais um objecto de pesquisa, embora em termos diferenciados. Não passará da superfície. O seu campo de visão real será sempre estático. A sua acção, paralítica. As suas averiguações não poderão sobrepujar o instável e equívoco perímetro das hipóteses. O seu espelho será pleno de opacidade e as imagens turvas, porque a verdade cristalina só é reflectida pelas almas puras que estejam também na posse de conhecimentos puros. Positivamente, tudo será poderosamente mais finito.

À medida, todavia, que a psicologia progredir e conceber um homem como parte integrante e indispensável da totalidade cósmica, e a criatura, como dente da infinita engrenagem, como partícula de condição existencial *sine qua non* para a completa harmonia dos universos, então sim, triunfará, solene, do báratro da relatividade para a maravilhosa alçada monística.

Daí, não mais a concepção de uma manifestação isolada, mas um aspecto de uma cadeia fenoménica que, por sua vez, é parte de uma outra e assim sucessivamente, como espirais que acimentam espirais sempre maiores, rumo ao inconcebível infinito.

Diante de tanta grandiosidade nossas forças intelectuais quedam, mudas de espanto, permanecendo em solene silêncio; fala mais alto a magnitude celeste em sua mecânica evolutiva que, incessantemente, clama por mais progresso, mais equilíbrio e, sobretudo, por mais unidade.

Será então a psicologia da unidade absoluta, se é que existe alguma categoria dimensional a que se possa referir em termos de absolutismo...

Um homem não mais parecerá — para os que já ousadamente avançaram, não mais parece — algo isolado e as suas produções anímicas não serão factos ou aspectos unilaterais e insulados. Para o psicólogo monista, uma criatura em si mesma não significará um ente separado; ao contrário, será uma peça intimamente vinculada, ainda que por enquanto rudimentar, ao incomensurável motor universal. E isto é uma cosmovisão fantàsticamente transcendental! É a transformação radical e total na tomada de posições ontológicas e teleológicas!

A psicologia monística verá então o funda-

mento de todas as coisas que, desgraçadamente, ainda escapam à análise do pensamento materialista actual. Verá tudo, porque a sua acção será dinâmica, de dentro para fora, e não inversamente, como tem acontecido até hoje: penetrará mais, porque apreenderá em síntese: progredirá mais, porque a sua principal força propulsora será a intuição, da qual já temos os primeiros contactos e vislumbres. Não essa intuição vulgar que se considera forma primária e, portanto, primitiva, na aquisição dos conhecimentos. Intuição, sim, mas essa poderosa torrente mental que envolve os mundos e as civilizações, o tempo e o espaço e o ultra-tempo e o ultra-espaço e que é capaz de penetrar nos cérebros já suficientemente desenvolvidos, dando-lhes muito mais da percepção pura, muito mais que simples noções exteriores. Essa intuição que é o sentimento de Deus e do Cosmos em nós mesmos.

A psicologia da Unidade. É o prémio de Deus. É o lábaro da imortalidade, da esperança e da certeza, que o sentimento levanta para saudar o Criador. Sentimento, porque na nova psicologia há a transferência de sujeitos: do puro intelecto para o sentimento intelectualizado, pois que tudo é uma só coisa e a unidade é tudo.

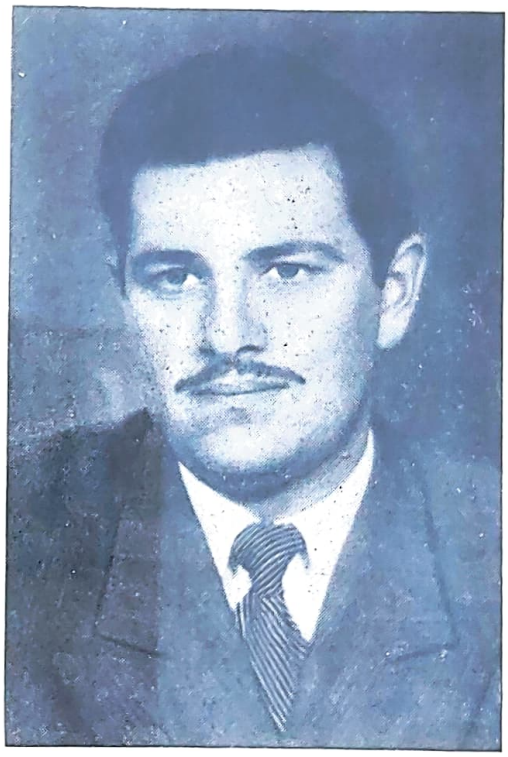
A psicologia monística, da unidade ou intuitiva, na melhor e mais ampla significação que o vocabulário pode consentir. O homem será a expressão mais potente do universo total: do universo astronómico, químico, físico, matemático; do universo biológico; do universo material, energético, mental e moral; do universo, enfim, estático, dinâmico e conceptual. A psicologia do novo homem abrangerá os universos e não um só fenómeno. E nisso, que fantástica diferenciação! O psicólogo intuitivo, ao estudar um homem, entenderá os mundos, a vida, a sua própria criação. Palpitará mais profundo e com mais simultaneidade na genialidade e na santidade.

Glória a Deus nas infinitas dimensões, por permitir que já nós, tão minúsculos na escala das adquirições, possamos, desde agora, aquilatar mais de sua magnificência, que já tenhamos contacto com os primeiros fulgores da nova e revolucionária psicologia evangélica que será o próximo e poderoso instrumento para senti-lO e amá-lO e, então, verdadeiramente adorá-lO, moralmente genuflexos, com a mente e o coração, e com os olhos alevantados, fixos na esplendorosa Eternidade que o Cristo nos acenou.

OS NOSSOS REPRESENTANTES

Mais um novo cheio de entusiasmo e de talento enfileira em nossas hostes, ao lado de José Simões de Matos, que tanto auxílio nos tem prestado em anos de porfiada luta, sempre vigilante e amável.

Zalmino Zimmermann foi nosso companheiro de viagem a Rio Grande, Pelotas e Caxias do Sul, e tivemos ensejo de conhecer a sua envergadura moral e mental, muito nos congratulando com a sua presença. Natural de Passo Fundo, onde fez os estudos secundários, passou depois a Porto Alegre, ingressando primeiro na Faculdade de Direito e a seguir na de Filosofia e no Bacharelato de Pedagogia, procurando aperfeiçoar-se em Psicologia Educacional.



Zalmino Zimmermann

Os seus 24 anos promissores e a profundeza com que estuda os assuntos de sua especialidade dizem-nos que Estudos Psíquicos *se encontra acaudilhada por mais um arauto da Boa Nova, corajoso e digno, firme em seus propósitos de progresso incessante.*

Assim, a representação da nossa revista é reforçada no Rio Grande do Sul pelo braço enérgico de um novo afeito às letras e cujos requisitos o distinguem no mercado dos valores morais.

Zalmino Zimmermann está na Rua Miguel Tostes, 802, Teresópolis, Porto Alegre, telefone 4055, à disposição de quantos se interessem por esta revista, no tocante a assinaturas ou colaboração.

O PROBLEMA DOS ESTIGMAS

O dicionário português de Cândido de Figueiredo define estigma como marca, sinal infamante, ferrete. O *Petit Larousse Illustré*, pouco mais nos elucida: «marca que deixa uma chaga». E acrescenta: «marca das cinco chagas do corpo de Jesus-Cristo, reproduzidas, segundo a tradição, sobre o corpo de S. Francisco de Assis». Diante destas duas *elucidativas* explicações, o leitor desprevenido é logo induzido a uma série de erros lamentáveis. Em primeiro lugar fica com a impressão de que os estigmas só se produziram uma vez, sobre o corpo de S. Francisco de Assis, e em segundo lugar fica com a ideia de que essas feridas têm uma existência exclusivamente lendária.

As pessoas religiosas falam frequentemente dos estigmas não só de S. Francisco, como de Santa Verónica Guilliani, a Bem-aventurada Lucie de Narni, etc., induzindo também o ouvinte desprevenido a crer que essas marcas são manifestações da Divindade, como recompensa dessas pessoas serem ferverosamente religiosas.

A verdade porém é que os estigmas não só não têm carácter puramente lendário, mas também nada têm que ver com o carácter religioso ou santo dos indivíduos em que o fenómeno se manifesta.

Nas linhas que se seguem procuro dar, o mais claramente possível, uma ideia do complexo fenómeno.

Divido os estigmas em duas categorias completamente distintas, consoante a sua natureza:

1.ª De carácter anímico.

2.ª De carácter espirita.

Comecemos, metòdicamente com os estigmas pertencentes à primeira categoria.

ESTIGMAS DE CARÁCTER ANÍMICO

Características fundamentais:

1.ª — *A manifestação do fenómeno nada tem a ver com a superioridade moral dos «sujets» em que ele se manifesta.*

Muitas pessoas, principalmente de índole religiosa, julgam, como já disse atrás, que os estigmas não são mais do que manifestações da Divindade, que tenta assim recompensar os seus ferverosos adeptos.

Esta afirmação carece de fundamento, por duas razões:

1.ª Muitos estigmatizados foram considerados santos, não antes, mas depois destes fenómenos terem surgido. O caso da religiosa Lucie de Marni, é a meu ver bem elucidativo. Em 24 de Fevereiro de 1946, encontrando-se no Convento da Ordem de S. Domingos, caiu em êxtase. Poucos momentos depois um tumor lívido, como uma chaga, surgia na palma de uma das suas mãos. Mas só mais tarde os cinco estigmas se apresentaram visíveis. Isto deu-se na Semana da Paixão. O bispo de Marni examinou o estranho fenómeno, mas não ligou a princípio qualquer importância de maior. Limitou-se a tratar a rapariga com dureza, mandando-a lavar as chagas com vinho quente na sua própria presença e proibindo terminantemente que as suas companheiras tocassem ou tentassem curar as referidas chagas. Passados dias, porém, o bispo verificou, com manifesta surpresa, que não só as chagas não apresentavam qualquer sintoma de supuração, como ainda mostravam todo o aspecto de recentes. Não se dando por convencido, mandou ligar os estigmas e aplicar-lhes alguns remédios. O resultado continuou a ser nulo: as chagas não desapareciam. Lucie foi em seguida examinada por uma comissão nomeada pelo Padre Domingos de Gargnano, Grande Inquisidor do Santo Ofício, e ainda por Bernard de Recanatti, célebre médico do Papa Alexandre VI. Foi submetida às mais rigorosas e decisivas experiências, chegando a selarem as luvas que lhe calçavam, para que fosse impossível qualquer espécie de fraude. Os observadores, mau grado a sua vontade, tiveram que afirmar que tudo aquilo era verdadeiro, que estavam em presença de um estranho fenómeno que não sabiam explicar.

Mas — e é aqui que queria chegar — só depois de ela ter desencarnado, a Igreja Católica a proclamou bem-aventurada. Quer dizer: foi necessário o fenómeno dar-se, para a Igreja ver em Lucie uma bem-aventurada.

O caso de Verónica Guilliani — ou melhor, de Santa Verónica Guilliani, como a apelidou a Igreja Católica — preseguida e maltratada pela Inquisição, é também esmagador para os partidários do mesmo errado postulado. Ele devia antes, em face destes factos eloquentes da História, ser enunciado assim: A *santidade* para a Igreja de certos indivíduos, foi proclamada depois deles apresentarem sinais de estigmatização.

2.ª Existem estigmatizados, cujo porte moral deixa muitíssimo a desejar. Como exemplo, temos o caso de uma jovem que, sendo uma ferverosa crente em Cristo, caía em êxtase com frequência, aparecendo-lhe estigmas na fronte, nos pés e nas mãos. Para os indivíduos que vêem nos estigmatizados sinais de profunda superioridade moral, de evidente santidade (segundo a Igreja), esta jovem deveria ser um modelo de virtudes, uma autêntica *santa* comparada connosco, míseros pecadores... Mas o pior é que a tal jovem não era assim tão santa como isso... Pelo menos, sempre que a ocasião lhe parecia favorável, era infiel a seu esposo. Não julguem, porém, os leitores que os partidários deste falso postulado se deram por vencidos. O próprio *Santo* Inácio de Loiola arranjou uma explicação muito simples: essas chagas eram provocadas pelo Demónio... É curioso ver como certos indivíduos invocam com facilidade espantosa o Diabo, sempre que querem *explicar* qualquer facto que vem pôr em cheque as suas teorias. Invoca-se o Demónio, e pronto: num abrir e fechar de olhos está tudo dito.

2.ª — *Para a produção do fenómeno, é condição necessária uma forte concentração mental, consciente ou inconsciente, espontânea ou provocada.*

Todos os experimentadores são unânimes em confirmar esta característica, quer se trate de «sujets» religiosos, quer não.

O Padre Crivelli, examinando *Santa* Verónica Guilliani, verificou que os estigmas que nela apareciam,

estavam em relação directa com a sua vontade fortíssima, quer para acção imediata, quer para se darem no fim de um certo intervalo de tempo.

Lucie de Marni — já citada também no presente artigo — quando implorou ao Senhor que lhe tornasse as chagas invisíveis, excepto a oculta no lado do corpo, o fenómeno deu-se.

A célebre sensitiva russa Olga Kahl, que foi submetida aos mais rigorosos exames no Instituto Metapsíquico de Paris, produzia, com maior ou menor facilidade, *depois de forte concentração,* ou de *grande emoção provocada,* fenómenos de estigmatização.

Os dois exemplos seguintes ilustram um e outro caso. Um dia uma amiga de Olga contou-lhe que os faquires na Índia faziam aparecer na pele o desenho dos objectos em que pensavam. E, dito isto, entregou-lhe um sobrescrito, dentro do qual se encontrava uma planta. Olga apalpou o dito sobrescrito e *concentrou-se fortemente.* Momentos depois num antebraço apareceu-lhe um trevo a vermelho.

Em Paris, quando se encontrava a comer, convenceu-se que uma espinha se lhe espetara na garganta. *Isto causou-lhe uma emoção,* a tal ponto que imediatamente no pescoço lhe apareceu, a vermelho, a forma de uma espinha. O mais interessante é que o médico que a examinou afirmou que ela não tinha qualquer espinha na garganta; tinha já descido para o estômago. Isto não impediu, porém, que só 24 horas depois do sucedido é que o estigma desaparecesse.

Charpignon, na sua «Physiologia Magnética» afirma: «Um magnetizador pode conseguir que uma dor fictícia produza o traço de uma ferida e que um sinapismo ideal avermelhe a pele». Com efeito, todos os experimentadores são unânimes em declarar que se sugestionarmos um sensitivo e lhe dermos qualquer objecto para as mãos, dizendo que vai aquecendo, ele largará esse objecto, quando *se convencer* que o objecto adquiriu uma elevada temperatura. Tenho nesse sentido feito diversas experiências, algumas das quais no próprio Centro Espiritualista Luz e Amor. Ora, experiências mais rigorosas demonstraram que a sugestão pode ir ao ponto de provocar autênticos estigmas nos «sujets». As experiências de Pierre Janet são suficientemente elucidativas neste ponto. Empregando exclusivamente uma forte sugestão, conseguira obter nas suas duas sensitivas, Leónia e Rosa, sinais de queimadura na pele. Na segunda, a sugestão foi de tal forma absorvida, que a *queimadura* criou empola branca e crosta que endureceu nos dias seguintes, como se se tratasse duma queimadura.

O Dr. Melcior, num trabalho publicado em New York em 1935, refere-se a experiências análogas; conta ele que colocava sobre um indivíduo hipnotizado um pedaço triangular de espátula, dando em seguida a sugestão que esse pedaço ia sangrar. Acrescenta que o fenómeno se produzia com regularidade.

A literatura médica tem-nos relatado que diversas mulheres, encontrando-se no estado de gravidez, podem, quando sacudidas por forte emoção, provar, ainda que inconscientemente, no corpo de seus futuros filhos, estigmas, que estão geralmente relacionados com a causa que as excitou.

Na *Chronique Médicale* o Dr. Artault conta-nos o caso de uma rapariga que, prestes a ser mãe, ficou vivamente impressionada com a forma de unha em garra de leão, que apresentava no índice da mão esquerda um amigo de seu marido. A emoção foi tão forte, que o marido viu-se obrigado a pedir ao seu amigo que conservasse de futuro as luvas calçadas sempre que os visitasse. Quando a filha nasceu, todos notaram que apresentava na sua mão esquerda, a unha do índice em forma de garra de leão, tal como vira ao amigo de seu marido.

Bourru e Burot, professores da Escola de Medicina Naval de Rochefort, depois de adormecerem um indivíduo extremamente hipnotizável, ordenaram-lhe que às 15 horas, depois de adormecido, ele havia de entrar no gabinete de um dos professores e sangrar do nariz. À hora marcada, tudo se produziu como a sugestão de um dos professores impusera. Das narinas do «suject» saíram algumas gotas de sangue.

A necessidade de uma forte concentração mental (embora esta apresentada sob os mais variados aspectos), foi já claramente vislumbrada pelo Dr. Gustave Geley ao afirmar que os fenómenos de estigmatização não são mais do que fenómenos de ideoplastia.

ESTIGMAS DE CARÁCTER ESPIRITA

Incluo nesta categoria aqueles fenómenos em que uma entidade (ou pretensa entidade), ao tocar no corpo de uma pessoa ou em qualquer objecto, produz estigmas.

O jornal «Chrudimski Kvaj» da Checoslováquia, no seu número de 25 de Agosto de 1891 conta-nos um caso curiosíssimo de uma entidade desencarnada que para deixar um testemunho da sua presença, produziu um estigma no corpo da pessoa a quem apareceu. Eis, em resumo, como os factos se passaram: Ana Maracek fora morta misteriosamente, enquanto andava apanhando um pouco de palha para sustento de suas vacas. Logo de início, as suspeitas caíram sobre seu marido, que chegou mesmo a ser preso; mas como, passados meses, nem a menor prova houvesse contra ele, as autoridades não tiveram outro remédio senão restituirem-no à liberdade. Os concessionários da caça comunal, os proprietários José Zavrel e Miguel Vesely entraram também na lista dos suspeitos, mas foram soltos imediatamente, em virtude de sua família e criados testemunharem que na hora em que o crime se devia ter dado, se encontravam em casa. O problema para as autoridades permanecia insolúvel.

Cinco meses depois, por volta da meia-noite, quando o rendeiro José Kreil se encontrava já a dormir, sentiu-se acordado por força estranha. Mal abriu os olhos viu diante de si o fantasma de Ana. Ficou transido de medo, mas a entidade tentando tranquilizá-lo, disse-lhe que não tivesse receio. E acrescentou: «Foi Lastuvka (apelido do cultivador José Zavrel), quem me matou com um tiro de espingarda e Vesely arrastou-me para o estábulo de Lastuvka. Vá a casa do senhor cura e narre-lhe o que acabo de contar. Ele se encarregará do resto». José cumpriu, transido de medo, as ordens da *morta.* Mas embora a aparição voltasse a aparecer-lhe por diversas vezes, os cépticos continuavam a zombar dele, tal como

POR ANTÓNIO CARDOSO

hoje continuam a zombar de factos que nunca estudaram.

Uma noite, José Kreil pediu ao fantasma que deixasse uma prova da sua presença, um sinal qualquer visível, para que o não considerassem um simples alucinado. O fantasma poisando a mão direita sobre o seu ombro esquerdo, deixou a marca escura na pele de uma mão com os dedos abertos.

O cura, perante estes factos, foi ter com o procurador-geral de Chrudim, a quem os contou. Isto foi o ponto de partida para o processo ver outra vez a luz do dia, agora orientado de forma totalmente diferente. José e Miguel, família e criados foram sujeitos a apertado interrogatório, de que resultou confessarem terem sido os causadores da morte de Ana, tal como a *morta* dissera.

Outro caso interessantíssimo foi o examinado pelo Dr. Justino Kerner, médico das prisões de Weinsberg. Na prisão havia uma mulher a quem se manifestava o espírito de um padre católico que produzia os mais estranhos fenómenos, entre eles alguns de estigmatidação. Um dia os cinco dedos da mão da entidade ficaram gravados num lenço de Elisabete (a mulher em questão). Quando a entidade tocava qualquer pessoa, esta tinha a sensação de uma queimadura, logo ali se formando uma mancha avermelhada ou uma bolha. Além disto a entidade exalava um fedor cadavérico verdadeiramente insuportável, que chegou mesmo a causar desmaios a alguns dos assistentes.

Note-se que estes fenómenos foram examinados e experimentados não só pelo Dr. Kerner e prisioneiros, como por vários sábios que ele convidou para assistirem a tão estranhas manifestações. Um dia os membros encarregados do inquérito a estes fenómenos tiveram a ideia de pôr um gato na cela de Elisabete. Logo que o fantasma surgiu, o gato mostrou-se aterrorizado, e tentando fugir atirava-se cegamente contra as paredes da prisão. Por fim, meteu-se debaixo das roupas da cama, não saindo mais dali. O animal foi submetido a outra experiência análoga; mas esta produziu tal emoção ao pobre felino, que desde essa altura recusou toda a alimentação, não tardando em morrer.

O fantasma manifestava-se não só na prisão mas igualmente na casa dos próprios investigadores, produzindo lá também, entre outros, alguns fenómenos de estigmatização. Um certo Dr. Dorr zombava, porém, dessas *superstições*. Era um indivíduo *superior* a tudo isso. O pior foi quando o Dr. Kerner — o médico da prisão — pediu ao fantasma para visitar esse indivíduo *superior* e o convencer da sua presença. Ele próprio nos elucida o que se passou: «Quando eu ouvia falar desses factos ria-me com todo o gosto, o que me colocava bem alto na estima dos espíritos fortes. Penso agora como se rirão de mim».

Perante estes e outros fenómenos análogos de estigmatização, uma pergunta lògicamente surge: como explicá-los?

Começo por transcrever o que a revista espirita americana *The Progressive Thinker*, de Chicago, escreveu, sobre uma série de experiências efectuadas pelo Dr. Jorge Kline. Numa determinada altura este cientista perguntou à entidade comunicante por que motivo as materializações dos fantasmas não se produzem geralmente em plena luz. A resposta foi longa, e aqui apenas vou transcrever a parte que interessa ao problema que estamos a examinar. Disse ela:

«Quando um espírito toca um dos assistentes e esse experimenta uma sensação de frio, isto significa que as moléculas fluídicas que o tornaram substancial vibram com uma tonalidade muito inferior à das moléculas que constituem o corpo do experimentador. Ao contrário, como sucede na maior parte das vezes, quando ao contacto de uma mão de espírito, o experimentador sente uma impressão de calor causticante, isto significa que as moléculas fluídicas que constituem essa mão vibram com uma intensidade extraordinária».

Não nos vai interessar agora examinar, numa apertada crítica, se tal comunicação será realmente de origem espirita, ou não será mais do que um produto puramente anímico. O que interessa para este trabalho é examinar, sim, com todo o rigor científico, o conteúdo da *comunicação*.

Para Ernesto Bozzano (Vide «Selecções» do autor, pág. 198), a explicação é concludente e decisiva. Para mim, porém, embora a considere do ponto de vista teórico bastante interessante, ela vai levantar sérios problemas. Em primeiro lugar, afirmam os espiritas que à medida que um indivíduo vai evoluindo, as suas vibrações vão sendo cada vez mais elevadas. Segundo eles, se uma entidade muito elevada se materializa, e se essa entidade toca um indivíduo presente, este sofre como que um tremendo choque eléctrico, em virtude da alta frequência vibratória das moléculas que constituem o seu perispírito. Sendo assim — pergunto agora — como conciliar esta explicação com o facto de indivíduos desencarnados manifestamente inferiores provocarem queimaduras? Sendo indivíduos assim tão baixos, tão grosseiros, só deveriam provocar frio, mas os factos não confirmam tal hipótese.

Ora, se a acção mental está intimamente ligada a fenómenos deste género, se está demonstrado cientificamente que o homem pode, quando o deseja, exteriorizar ondas mentais de tal intensidade vibratória que são capazes de provocar aquilo a que o vulgo ignorante chama *milagres* (1), porque não esboçar uma teoria que englobe estas caracteristticas?

Sem pretender de forma alguma apresentar uma teoria definitiva, vou apresentar, no entanto, algumas conclusões, puramente pessoais, mas que parecem, no entanto, servir de base a futuras e rigorosas investigações teóricas e práticas:

1.ª — Todo o indivíduo emite radiações, como está, aliás, cientificamente provado. Num indivíduo desencarnado, a frequência vibratória nota-se melhor no perispírito.

2.ª — À medida que o indivíduo vai evoluindo, a frequência vibratória das moléculas que constituem o seu perispírito vai aumentando.

3.ª — Está cientificamente provado que um indivíduo encarnado pode, mercê de uma VONTADE PODEROSA, aumentar consideràvelmente a frequência vibratória das radiações que exterioriza, a tal ponto, que provoca por vezes fenómenos invulgares, que a ignorância popular apelida de *milagres*. Um indivíduo desencarnado, com muito mais forte razão, por estar desprovido do corpo físico, pode, mercê da sua VONTADE, modificar a frequência vibratória das radiações que exterioriza.

4.ª — É nisto, a meu ver, que reside a explicação por que um indivíduo inferior pode momentâneamente apresentar altas vibrações, e por consequência fenómenos de estigmatização.

Eis aqui, em resumo, como explico tais fenómenos. Desejo que as investigações continuem e que delas resulte a confirmação ou não confirmação do que acima escrevo. Em qualquer dos casos dar-me-ei por muito satisfeito.

---

(1) Vide a este respeito, as afirmações feitas pelo Dr. Alexis Carrel, sábio de renome mundial.

ABELARDO, GRANDE MÉDIUM DE AVELANEDA

O CASO DO MAJOR ROSASCO

Por SALVADOR GATTO

Por gentileza do meu amigo Manuel Rodrigues, domiciliado em Avelaneda, tenho oportunidade de narrar este caso verídico que prova mais uma vez a verdade dos dons mediúnicos de que é pródigo o ideal espirita.

Com efeito — diz Rodrigues, dantes profano e agora espirita convicto — tudo isto sucedeu em 1930. Era eu Inspector da 1.ª Secção de Avelaneda. Junto ao tenente Arandia, acompanhava o major Rosasco que, na sua função de interventor, ocupava a mais alta gerarquia no governo do general Uriburo.

Um dia, por ocasião das limpezas, recebemos a notícia de que na rua Lacarra, número cento e vinte e tantos, desta cidade, se exercia o curandeirismo por parte de um tal Abelardo.

— Vamos, oficial — ordena o major.

— Às suas ordens.

Nem eu acreditava nestas coisas, nem Rosasco admitiria que no perímetro da sua jurisdição se permitissem médiuns ou curandeiros, como ele chamava a todos. Fomos num dia de sessão. Lá dentro havia mais de cem pessoas. Levámos o médium para o Comissariado e quando o interrogámos fixava-me ininsistentemente. Eu sentia vontade de esganá-lo, pois nunca quis nada com essa gente. Mas ele disse-me:

— Você não é mau. As suas grandes dificuldades é que o fazem assim. Tem um filho que lhe morre. Há dois anos que está cada vez pior. A ciência médica não o levantará. Morre. Dizem-me que eu poderia curá-lo... se você quisesse...

Olhei para ele como se eu fosse um réu condenado ao patíbulo e indultado no último dia. Era exacto. Meu filho morria sem remédio. Justamente nessa data, antes da prisão de Abelardo, soube a opinião da junta médica. Os quatro facultativos assim o verificaram. Por isso deixei o médico sem resposta e apresentei-me, frenético, ao major, que sabia do meu caso.

— Leva-o — disse-me ele com energia. — Se o curar, dar-lhe-emos pulso livre. Se não curar, nem açoites levará...

Não escutei mais. Começou os tratamentos e numa semana levantou-o do leito. Aos quinze dias estava curado. Ser-lhe-ei sempre devedor da vida de um filho que morreria irremediàvelmente.

Mas o mais assombroso foi o que ele disse ao Major Rosasco, quando este o acusou, na

— O sr. tem o braço anquilosado.

minha presença e na do tenente Arandia:

Isto foi uma punhalada que o encheu de ira. Olhou para todos com visível desconfiança, mas o caso é que nenhum conhecia o segredo que ele guardava zelosamente.

— Ninguém mo disse, não se ofenda. Afirmaram-mo agora. Você não pode levantá-lo normalmente, mas levantá-lo-á neste instante, em nome de Deus!

— Que dizes, ladino? Se não for verdade, tiro-te a vida!

Mas Abelardo estava transfigurado. Dominava com a voz, que vibrava em tom extra-humano. Era a força dominando a força. A potência espiritual que o animava era impertérrita para demonstrar a sua lei. Foi direito ao braço do major, apertou-o com energia e sacudiu-o fluidicamente...

— Levante o braço, major, já não tem nada! — exclamou com grande autoridade.

— Não tenho nada?...

E atónito, ante os nossos olhos, levantou o braço até acima. Efectivamente, não tinha nada; mas, antes disto, a ciência tudo havia tentado em vão. Por isso deu uma ordem e assinou-a, proibindo que perseguissem o médium, enquanto vivesse.

E ninguém o prejudicou, na verdade.

Casos como este, mais incríveis ainda, ocorrem diàriamente em toda a parte. Por isso triunfa a verdade espirita, porque vem de Deus para despertar o mundo, mediante as provas que nos oferece a mediunidade, exercida como apostolado em todas as escolas do mundo.

(I. D. S. traduziu)

ADEUS, SPINELLI!,

Spinelli, meu grande e bom irmão e amigo, Adeus!

Soubemos, pela rádio, de teu desencarne. Aliás, sem surpresa para nós, como não te surpreenderias se fôssemos nós o desencarnado!

Durante a nossa longa enfermidade, visitaste-nos três vezes.

A última, em companhia de Carlos Jordão da Silva e dos dois portalegrenses como tu, Waldemiro Silva Santos e Hans Ven Marées, exactamente depois da reunião dos Presidentes das Entidades Confederadas na Federação Espirita Brasileira, *em função do Pacto Aureo, a que tu, como nós, demos tudo. Pacto Aureo a que continuamos, a despeito de tudo, fiel, fidelíssimo! Quanto mais não seja, um preito de saudade daqueles quarenta dias de intensiva vibração doutrinária, através de Estados do Norte, na mais bela caravana espirita que já se fez no Brasil!*

Nós, que devíamos ser o primeiro chamado, porque mais velho, e mais cansado, e enfermado primeiro do mesmo mal que te levou, fomos, entretanto, poupado. Para a emoção de descrevermos esta crónica de saudade? Talvez por sermos bem mais pecador, mais intolerante e brigão, temos de sofrer muito mais.

Generoso e bom, chegaste a esquecer a tua comparticipação na referida Caravana, a ponto de confessar, em Belo-Horizonte, à porta da União Espirita Mineira, *na hora de nossa despedida: «Você realizou, efectivamente, um trabalho verdadeiramente admirável. Trabalho de muitos homens fundidos numa só pessoa. Excedeu-se a si mesmo. Deus lhe há-de pagar». A que respondemos, fazendo justiça aos dedicadíssimos companheiros: «Eu só? E o trabalho de vocês? Em tão boa companhia, quem não realiza milagres e prodígios de fraternidade? E a tua participação na Caravana?»*

Eras tu que redigias as actas das reuniões importantes. Foste tu que redigiste, em forma de diário, os factos de Belém do Pará, de 5 a 9 de Dezembro, enquanto fomos, com o Luís Burgos, a Manaus.

E tuas pregações evangélicas, substanciosas e justas, que tiveram que imitar, em ponderação, as nossas pregações?

Estivemos, efectivamente, à morte!

Mas, fora preciso viver mais, para sustentar mais algumas briguinhas, *para escrever alguns livrecos, algumas crónicas, como este Instantâneo.*

E foi com o próprio Francisco Spinelli que até quase mantivemos uma briguinha.

Escrevemos-te, bem como a dois outros confrades ilustres, assim que saiu o «Ca-

CAMINHO RECTO

Por DE PAULA MACHADO

Caminho recto, homem recto, palavra recta, acção recta, tudo que é recto apanha o lugar mais alto, o ponto mais central, a ideia mais lapidar. Recto é a síntese na distância. É o caminho mais curto entre dois pontos dados. É o ponto gama, no objecto, na coisa, no fenómeno. Quando se procura provar uma coisa considerada certa, nada deve faltar para isso; nem deve estar certo demais, e sim realmente certo. Quem prova de mais, prova em contrário. Se um objecto, ou um facto, está certo, perfeito ou belo, não depende mais de nenhuma circunstância para esse fim, como não está sujeito a emendas. No plano vertical, só é perfeito o que se equipara à linha do prumo; no plano horizontal, só é recto o que se iguala ao nível; também, na balança, o fiel assinala a igualdade, entre o peso e a mercadoria. O que falta, incide em erro como o excesso. Na consciência, a razão é como o fiel, fica entre dois factos no próprio julgamento. O certo está com aquele, para onde a razão oscilou. Como a vida é replecta de faltas e de faltosos, em consequência, o perfeito tem sempre expressão ideal, no íntimo das consciências.

Essa consciência, no entretanto, ainda é toda convencional, como de resto assim acontece, em tudo que se enquadra nos costumes humanos. Quero referir-me ao modo essencial do facto, que é o modo

POR LEOPOLDO MACHADO

ravana da Fraternidade», sobre o qual os três se manifestaram, elogiosamente, que, sendo os três directores de periódicos espiritas, podiam e deviam difundir mais o livro de que gostaram tanto. Só tu, ó Spinelli amigo, nos respondeste em regra, à altura...

★

Ainda pensavas em outras caravanas! E o que é mais interessante: com os mesmos caravaneiros da anterior. Foi o que nos escreveste, pensando que nós nos restabeleceríamos para outros entreveres semelhantes: «Precisamos dar outra repassada pelo Norte. Há muita frieza por lá, não acha?»

Achávamos, sim. Repasses, aliás, em função do que andáramos prometendo: de tempos em tempos, caravanas do Sul visitariam o Norte e vice-versa, para que se mantivesse aceso e crepitante o fogo santo da confraternização.

Mas seria muita glória para nós e particularmente para o Espiritismo, nas terras de Santa Cruz.

Quisemos muito, meu amigo, talvez por sabermos e sentirmos que é, entre nós, exactamente, que a Doutrina mais se difunde através de todos os seus aspectos, mais valoriza o espírito da liberdade da criatura, dignificando o homem.

Na penúltima visita que nos fizeste, levaste, de empréstimo, «Doutrina Inglória», que é, para teu juízo, nosso melhor livro; levaste-o para publicares, a fim de não perderem sua oportunidade, os capítulos mais interessantes, na revista «A Reencarnação», que é uma das melhores publicações doutrinárias do Brasil.

Temos lido, na verdade, capítulos do livro em Reencarnação.

E da última vez, a 30 de Agosto, estavas cansado, abatido, sentindo uma dorsinha impertinente em cima do coração. Dorsinha igual à que também sentimos. Mesmo assim sem queixas, sem revoltas, confiante e sereno.

Foste, querido irmão e amigo, mais um da velha guarda que parte ao justo e digno salário: o salário de quem soube, vivendo, combater o bom combate. Não te lamentamos, nem deploramos tua partida, na consciência de que chegará a tua hora, e na esperança de que, um dia, talvez mais perto do que possam pensar, receberemos na Espiritualidade o teu abraço fraterno e formaremos — quem sabe? — outra Caravana da Fraternidade diferente, *e mais produtiva, e melhor compreendida por todos, e mais vibrátil!*

Até lá, querido Francisco Spinelli!

---

natural, onde a lei divina tem acção integral e irrevogável, em cujos desígnios a tudo se responde, às maiores como às menores falhas. Apanhemos, para exemplo, um menino que nasce paralítico e um outro que nasce apenas com o dedo mínimo, como que torcido. Sem o conhecimento da causa e apressadamente, sentenciamos para o primeiro caso, uma prova; para o segundo, um descuido ou uma pequena falha da natureza. Não. Não deve ter sido isso. Se a vida natural é dirigida, tudo é pensado; e como não se incluir as pequenas falhas? Numa obra de acabamento esmerado, tudo é anotado. Como expressão de identidade, tanto deve valer um dedo que tenha a unha voltada para a frente da mão, como os traços digitais dos dedos ou as linhas da própria mão. Por tudo se responde, quando incluído em falta e através da identidade. Por isso, o livre arbítrio é nosso, tem uma acção relativa ao nosso progresso; o fatalismo é da lei. Com o livre arbítrio melhoramos sempre; o fatalismo assinala a evolução conseguida, através das provas consequentes, ou das graças recompensadas. A perfeição é o supremo ideal de toda a alma e foi do Cristo a advertência máxima e concludente: «Sede perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus». (Mateus V: 48). Para tanto, precisamos diminuir as nossas provas pelas acções rectas, deixando as curvas das falhas e das dúvidas que matam. pelo caminho recto da verdade e da luz.

A MORAL

2.º

O intelecto é a faculdade que mais distingue o ser humano dos outros seres, mas que nem sempre corresponde à sua missão.

O desenvolvimento do intelecto, que tantas possibilidades tem, é necessário ao progresso humano, mas é tanto mais nocivo quanto mais se afastar da harmonia natural.

Esta é a razão da moral como ciência dos deveres.

A verdadeira moral assenta nas leis da Natureza e no conhecimento das responsabilidades automáticas. Nada tem com os preconceitos e os dogmas das seitas, em mútua rivalidade, que são a maior enfermidade dos aglomerados sociais.

À Natureza ninguém deve contrapor-se. Quem a transgredir sofre-lhe as consequências.

«Devemos amar os outros como a nós próprios». «Não devemos fazer aos outros o que não desejamos que nos façam». «Quem o mal deseja ao vizinho, o seu vem pelo caminho». Estas três fórmulas da mesma máxima, são fruto dum profundo conhecimento da Natureza, baseado no amor, que é a lei da vida.

O perdão é um princípio que dignifica a humanidade, mas que pouco aproveita ao infractor, pois que a Natureza não perdoa. Perante ela, quem deve tem de pagar. Nem doutra forma se explica a dor.

Os homens só pela moral se identificam com a Natureza e uns com os outros. Uns são sãos e escorreitos e outros sofrem de deformações e enfermidades, cujas causas é mister averiguar.

O materialista intolerante ilude-se com as aparências. Desvia-se do verdadeiro curso da vida, porque desconhece que é o espírito quem cria, incita e movimenta a matéria e por isso só atende à satisfação dos sentidos. E esta é a razão das paixões perturbadoras e tumultuárias em que as sucessivas civilizações se debatem e perdem, a ponto da última supor que as anteriores nada fizeram de proveitoso.

Os cataclismos apagam os feitos e transformam a fisionomia do mundo. Depois a palavra cabe aos vindouros, que procuram desvendar o segredo de tudo quanto antes se dera.

Sucedem-se os seus esforços, com muito precários resultados, porque as suas pesquisas e os seus esclarecimentos sofrem os embargos dos transgressores que se arrogam poderes de autoridade. São assim os ciosos do seu «Ego», que julgam o seu saber ser a máxima expressão. E é isto que o materialista não vê, e é até arriscado dirimir razões com ele. Dentro do seu âmbito ele esgrime com os conhecimentos comuns, em que é suportável, mas fora dele contradita o que desconhece, e fá-lo sistemàticamente, ainda que pressinta a sua falta de razão. Fá-lo por luxo, capricho ou conveniência, e não raro com dissimulação, quando pretende descobrir aquilo que ignora, sem a necessária coragem para confessar a sua incompreensão. Para ele isso não é nada, porque ignora os inconvenientes das dissonâncias e o perigo das dessintonizações do pensamento, como poder electromagnético. Esclarecido que fosse, ao ver a sua meta transposta, calar-se-ia. Assim deixaria de quebrar as correntes harmoniosas que dão fulgor à vida.

Grande tem sido o esforço de espiritas e teósofos, em procurar mover, demover ou remover os materialistas do seu negativismo, e chega a fazer pena que percam muito do seu melhor tempo, nesse propósito. Já diz um aforismo que «não há maior cego do que aquele que não quer ver».

Os fanáticos das seitas intolerantes obstinam-se em afirmar que «o Espiritismo é uma fábrica de doidos, que loucos são». Não há que contraditá-los: há que adverti-los. Loucos não são aqueles que perdem o juizo com práticas do Espiritismo e aqueles que não querem ver a verdade. Os efeitos correspondem aos graus da sensibilidade e da ignorância.

Em regra, os devotos da crença e da fé, sem ciência, são escravos da superstição. Não sabem distinguir a magia negra da branca, nem conhecem a mediunidade, com os seus vários graus. Desconhecem a vida extra-matéria e as diferenciações, expressas nos coloridos anímicos, de todos os corpos.

A curiosidade e a ambição arrastam os ignorantes, por muito ou pouco ilustrados que sejam, à prática do Espiritismo, sem se aperceberem de

que atraem, pela afinidade ou pela inadvertência, os errantes que adejam na atmosfera terrestre. Os imortais que se perderam pelo vício ou pelo crime e que anseiam por continuar na mesma senda, como se mortais fossem, para dar satisfação a tudo quanto de inferior há neles, porque desconhecem o seu estado e o seu dever, no âmbito dos 2 mundos que se relacionam, avultam em falanges e actuam sobre todos aqueles que lhes dão fácil receptividade.

Em qualquer caso trata-se de vítimas do erro em que vivem. A sua moral deformada impede-os de se elevarem aos planos superiores, onde é radiosa a plenitude da vida e muitíssimo mais vasta e durável.

Como obscurecidos, em vez de estudarem a ciência dos fenómenos psíquicos, que relaciona o concreto ao abstracto, preferem o oportunismo inconfessável e o cultivo das seitas, que mùtuamente se contraditam, e que mais se adaptam à sua subjectividade.

As universidades têm grande responsabilidade nos descalabros humanos, porque quase limitam a sua ciência ao concreto e atraem os ambiciosos, que desejam triunfar pela preterição. E por isso, sem os esclarecer, são férteis na direcção de especializados sem escrúpulos, em todos os ramos da actividade humana.

O conquistador das especializações, não duvida acumulá-las, pela satisfação da sua ambição e da sua vaidade. É uma questão da memória o favorecer e não se poupar ao trabalho, mas quanto mais as especializações aumentam menores são os resultados práticos no que concerne à evolução do espírito, porque lhe falta o verdadeiro sentido da moral.

As seitas políticas e religiosas são deformatórias e contraproducentes, porque se revestem de privilégios, com que embargam a evolução humana. Não compreendem a Natureza. Em contraposição aos interesses comuns, torcem e retorcem tudo, pela usufruição de prerrogativas.

Pelo exposto se infere que é aos intelectuais a quem cabe a maior parte da responsabilidade das injustiças e perseguições que perturbam e convulsionam as sociedades. Ao direito que deriva da própria Natureza, pela evolução dos seres e como índice do direito social, os intelectuais antepõem o exclusivismo dos seus interesses, em fórmulas complicadas, com as quais nem mesmo eles se entendem.

A violência, que estrutura os atrabiliários é incompatível com a harmonia social. Pretere as florações do espírito.

O pensamento, como poder electromagnético, é uma faculdade do livre arbítrio individual que determina o destino das suas fontes de origem ou dos indivíduos, dos povos e das nacionalidades.

Quanto mais densas e extensas forem as ondas do pensamento, mais limitadas ficam à atmosfera terrestre, onde proliferam as emanações deletérias e as actuações inferiores. São ondas que resultam das paixões animalizadas que circunscrevem o homem aos prazeres materiais.

Em contra-partida, as vibrações, quanto mais curtas e subtis, mais evolutivas são... Mais e melhor se erguem pela afinidade, aos planos superiores, donde emanam os grandes ensinamentos.

Os grandes inspirados são os obreiros das magníficas criações científicas que deixam de ser proveitosas, logo que os atrasados delas se apropriam como instrumentos de crime.

Mal vai àqueles que deturpam ou procuram deturpar a verdadeira moral. E muito pior vai àqueles outros que se servem da violência para impor essa deturpações.

Sem a purificação do pensamento, o espírito sofre as perturbações e convulsões que envolvem e perdem os mortais obscurecidos.

A quietude meditativa é a faculdade que mais caracteriza o legislador verdadeiro. Vai aos reconditos da consciência buscar a inspiração que lhes vem do alto. É um asceta.

Entre os ascetas, distinguem-se os inferiores dos superiores, porque a simples renúncia aos prazeres materiais não basta. Em qualquer circunstância, é mister que o amor não sofra desníveis, para que o espírito evolua, pela afinidade, aos melhores planos.

A Natureza prodigaliza ao mortal tudo quanto lhe é necessário, mas não dispensa a reciprocidade harmoniosa, e por isso mesmo criou a dor, através da qual o infractor resgata os seus débitos.

Lourenço Marques, 25 de Agosto de 1955.

POR EDUARDO F. CONCEIÇÃO

A TESE DAS VIDAS MÚLTIPLAS

por ALFREDO MIGUEL
(Correspondente na Bahia)

29

JESUS E NICODEMOS

Bastante conhecido, porque frequentemente citado, é aquele passo evangélico em que Jesus aparece num colóquio com Nicodemos ministrando a essa personagem um ensino claro sobre a Reencarnação. Como, porém, os leitores não espiritas, ou pouco versados em questões desta ordem, talvez desconheçam o aludido texto, oportuno nos pareceu reproduzi-lo, tal como se lê em João, cap. 3, vers. 1 a 13. A narrativa é a seguinte: «Havia um homem entre os fariseus, por nome Nicodemos, príncipe dos judeus. Este foi ter, à noite, com Jesus e disse-lhe: Mestre, bem sabemos que vieste da parte de Deus, porque ninguém pode fazer esses milagres se Deus não estiver com ele. Jesus respondeu-lhe: — Na verdade, na verdade vos digo que aquele que não nascer de novo não pode ver o reino de Deus. Perguntou Nicodemos: — Como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura pode tornar a entrar no ventre de sua mãe e nascer a segunda vez? Respondeu-lhe Jesus: — Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne, é carne; o que é nascido do Espírito, é espírito. Não te admires de te haver dito: Necessário vos é nascer de novo. O vento assopra onde quer e ouves a sua voz; porém não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito. Nicodemos ainda perguntou: — Como pode dar-se isto? Jesus retrucou: — Quê! Tu és mestre em Israel e não sabes isto? Na verdade, na verdade vos digo que dizemos o que sabemos e testificamos o que vimos; e não aceitais o nosso testemunho. Se vos falei das coisas terrestres e não crestes, como crereis se vos falar das coisas do céu?». É esta, na íntegra, a conversa que Nicodemos manteve com Jesus. O ponto nevrálgico é aquela expressão do Rabi: «renascer da água e do Espírito» — expressão que muitos interpretam como sendo uma referência à regeneração pelo baptismo. Porém não é nem poderia ser este o espírito daquelas palavras. O baptismo da água é pura fórmula material, inócua como todas as fórmulas, e não pode, por isso mesmo, regenerar ou redimir ninguém. É óbvio que Jesus, uma vez que veio para salvar o mundo, por certo teria baptizado e recomendado instantemente o baptismo, fosse este um meio pelo qual o homem lograsse a sua salvação. No entanto, Jesus nunca baptizou e nem sequer atribuiu a menor importância ao baptismo da água — quer às crianças ou aos adultos, quer por imersão ou aspersão. A água, segundo os antigos, era o elemento primitivo, o principal gerador e organizador de todas as coisas. É com este significado que a «Génese» a ela se refere, indicando a origem de todos os seres vivos. Dizendo Jesus a Nicodemos que era necessário renascer da água e do Espírito, fora como se dissesse que era mister nascer outra vez com um corpo novo, sendo esse corpo animado por um Espírito que, assim, volvia à vida material em função do seu progresso e aperfeiçoamento moral objectivando «ver o reino de Deus» em si mesmo. Fora de si e sem os renascimentos é que não o verá jamais o homem.

30

A REENCARNAÇÃO DE ELIAS

Numa incursão rápida pelos Evangelhos, indicámos os textos onde se acha exposta, aliás de uma forma clara e precisa, como no caso de Nicodemos, a doutrina palingenésica ou reencarnacionista, hoje filosòficamente explicada e experimentalmente demonstrada (ver os nossos artigos II e III) pelo Espiritismo. Maior ênfase não podemos dar agora a estes comentários, senão enquadrá-los na evidência de um caso de reencarnação, narrado pelos evangelistas, com apoio no testemunho irrecusável do próprio Cristo. É o caso de Elias, personagem bíblica que tem a sua história no Velho Testamento, e de quem o profeta Malaquias anunciara uma nova encarnação em tempos posteriores, ou seja, às vésperas do nascimento de Jesus. Vejamos como falou Malaquias, consoante o

exposto no capítulo final do seu livro, versículos 5 e 6: — «Eis que vos envio o profeta Elias, antes que venha o dia grande e terrível do Senhor. E converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais; para que eu não venha e fira a terra com maldição». Este anúncio profético de Malaquias cumpriu-se integralmente, porque Elias veio, na pessoa de João Baptista, o precursor do Nazareno. Quem afiança ter sido o filho de Isabel e Zacarias uma reencarnação do Espírito de Elias? É o próprio Mestre quem deste facto nos dá a inequívoca confirmação, consoante dissemos linhas acima. E fê-lo, primeiro, ao falar para o povo a respeito de João Baptista, depois que os emissários deste regressaram: — «É ele, disse, de quem está escrito: eis que adiante da tua face envio o meu anjo, que preparará adiante de ti o teu caminho. Porque todos os profetas e a lei profetizaram até João. E se quiseres dar crédito, É ESTE O ELIAS QUE HAVIA DE VIR. Quem tem ouvidos de ouvir, oiça. (Mateus, XI: 10, 13-15). A linguagem do Mestre é por demais diáfana, positiva, para que possa subsistir a mais ténue sombra de dúvida a respeito da nova personalidade terrena de Elias naquele que veio preparar os caminhos do Senhor. Mais tarde, Jesus reitera essa afirmativa e dá-lhe maior força, na ocasião em que descia do monte após a transfiguração, ao ser inquirido pelos seus discípulos nestes termos: — «Porque dizem então os escribas que é mister que Elias venha primeiro?». E Jesus, respondendo, lhes disse: — «Em verdade Elias virá primeiro e restaurará todas as coisas. Mas digo-vos que Elias já veio, e não o conheceram; porém, fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim padecerá também deles o Filho do Homem. Então entenderam os discípulos que Jesus lhes dissera isto de João Baptista». *(Mateus, XVII: 10-13; Marcos, IX: 11-13). Ao precursor fizeram-lhe tudo, sim; degolaram-no, até. Temos aí, pois, em termos incontroversos, sob a garantia da palavra infalível de Jesus, a notícia do renascimento, em nova forma carnal, daquele que outrora animara a personalidade de Elias.*

Como não estamos discutindo este caso, senão apenas relatando-o da maneira mais sucinta possível, dispensamo-nos de aduzir outros detalhes que lhe dariam mais nitidez e eloquência, deixando à margem também as objecções infantis dos que se aferram à concepção fútil de uma existência única para o Espírito humano.

CONCLUINDO

Tendo-nos alongado até este ponto, pareceu-nos que por aqui devíamos ficar. O que deixámos dito a propósito da Reencarnação, ao longo dos trinta artigos, embora muito modestos e despretensiosos, que escrevemos, é algo que levará o leitor de espírito liberal a reflectir um pouco sobre este magno assunto. E isto é tudo quanto almejamos.

Pelo que toca aos materialistas irredutíveis e certos prosélitos religiosos incondicionalmente fiéis às prescrições da sua fé tradicional, não guardamos a menor ilusão. Antevemos que os argumentos que formulámos, os testemunhos insuspeitos dos homens sábios e os próprios factos que coligimos, nos arquivos da História e dos Evangelhos, não bastarão para arredá-los de seus pontos de vista — antes os farão mostrar-se talvez ainda mais indispostos contra nós.

Ai deles se não houvesse mesmo a possibilidade de contínuas experiências terrestres que lhes permitirão, com o tempo, sair da estagnação mental para mais alta compreensão dos problemas do espírito.

Esses tais podem estar tranquilos: não os constrangemos a abraçar as nossas ideias, não os queremos crentes por compulsão, porquanto a verdade traz em si mesma o poder de domar os endurecidos e todos, mais cedo ou mais tarde, se curvarão a ela.

A verdade é que não se modifica e nem se ajeita à conveniência e ao gosto dos homens.

Todavia, inimigos da verdade é classe que não existe. Os que hoje a rejeitam só o fazem por não poderem ainda assimilá-la. Com o progresso da inteligência eles irão encaminhando-se à sua posse.

Isto é indefectível. Ninguém ficará à margem da evolução, que é universal. Vem um dia em que o princípio inteligente dos seres inferiores da criação atinge o grau necessário para ser espírito e entra no período a que chamamos de humanidade. Nesta fase rudimentar da sua individualização começa então a alma a desenvolver pelo exercício as suas primeiras faculdades, através das encarnações nas raças selvagens. Explica-se dessa maneira a existência de tribos caracterizadas por inferioridade inaudita, como as citadas por Viana de Lima e Luís Buchner nos seus estudos sobre a origem do homem. Gabriel Delanne, na sua obra «A Evolução Anímica», refere-se aos «Diggers», dizendo

OS HOMENS DE CIÊNCIA

Por JACINTO DEL AGUILA

Respeitar os homens de ciência é um dever. Mas também é dever dos homens de ciência ouvir de vez em quando os espiritistas. Especialmente os sábios que tiverem a santa paciência de investigar com serenidade no campo da ciência do Espiritismo. Dos homens de ciência que recorrem a preconceitos para combater *a priori* o que não conhecem.

A ciência, em si, é uma espécie de notário que se limita a lavrar a acta. Nada mais. A tão louvável função não se circunscrevem, infelizmente, os homens de ciência, salvo raras excepções. O verdadeiro homem de ciência costuma ser estudioso, analítico, observador. Sabe que o título universitário não o autoriza a opinar com fundamento para lá da sua especialidade. Ficaria aborrecido — e com razão — se um leigo na sua matéria tivesse a audácia de emitir juizo contrário sobre a mesma. Isto é muito lógico.

★

Contudo, há homens de ciência, universitários, com a pretensão de saber tudo. Entendem que um homem de ciência pode dominar um, dois ou três ramos da ciência, mas não todos. Porque, se tal pretendesse, seria um simples pedante.

★

Não obstante, vemos diàriamente não poucos homens de ciência que adoptam atitudes graves ao falar de Espiritismo, de Parapsicologia ou de Metapsíquica. Se não negam a pés juntos a sobrevivência da individualidade após a destruição do organismo físico, aferram-se ao paralelismo psicofisiológico e não há quem daí os arranque. Repetem que «a ciência não admite isto e aquilo, sobretudo o que não vê».

★

Há muitos factos, muitos fenómenos que não se vêem, mas que se admitem como realidades. As ondas hertzianas, por exemplo, os raios ultravioletas ou infravermelhos, não se vêem, nem tão pouco as ondas radiofónicas. Contudo, elas penetram através das paredes, da terra, da água, etc. Penetram e fazem-se ouvir e sentir.

★

Os chamados mortos também penetram através da matéria sólida, apresentam-se nas reuniões onde há sensitivos, aparelhos humanos, sensíveis, para se fazerem ouvir e sentir. Sobre isto já se escreveram muitíssimos volumes e se escreverão muitos mais.

★

Mas o homem de ciência prefere manter a sua tese, repetir o que aprendeu nas Faculdades. Não fez experiências psíquicas ou anímicas, mas deleita-se em negar, sorrindo dos que admitem a existência dos espíritos. Essa negativa, porém, converter-se-ia em drama, se o homem de ciência, encerrado na sua vivenda, visse fantasmas que falassem ou ouvisse ruídos «inexplicáveis» para a sua ciência.

Uma anedota: uma vez visitou-me um notável cirurgião em cujo rosto se esboçava um sorriso de escárneo. Disse julgar-me um homem sensato; mas, como alguém lhe mostrasse uma revista espirita em que eu colaborava, convenceu-se de que eu não estava bem do juizo. Visitou-me, para se inteirar, *de visu*, acerca do meu estado psíquico. O grande cirurgião deu largas à loquela e quando se julgava triunfante, exclamei:

— Pelo que acabo de ouvir, vejo que você pisa terreno falso. Aventou uma série de juizos vulgares. Já leu as obras do doutor (médico) Léon Hipólito Denizard Rivail, que as firma com o pseudónimo de Allan Kardec?

— Não.

— Já leu o livro «Animismo e Espiritismo», do doutor Alexandre Aksakof, catedrático da Universidade de Leipzig?

— Não.

— Já estudou a obra «Do Inconsciente ao Consciente», do Doutor Gustave Geley, «Hipnotismo e Espiritismo», do Dr. César Lombroso, «Realidade dos Fenómenos Psíquicos», do Doutor W. C. Crawford, o «Tratado de Metapsíquica», do Professor Dr. Charles Ricket, «Pensamento e Vontade», do Professor Dr. Ernesto Bozzano, «O Espiritismo Ante a Ciência», do Engenheiro Gabriel Delanne, e «No Invisível», do escritor Léon Danis?...

— Não.

— Então, doutor, não lhe parece que desempenha ridículo papel, como universitário, emitindo opinião ou rindo-se do que não conhece?...

Entrei depois noutros pormenores, colocando-o em transes difíceis. Ruborizou-se, pediu desculpa, pois acreditava que o Espiritismo era charlatanice e que agora via o contrário.

(Colaboração da A. P. P. E. E. M., de Buenos Aires)

Tradução de I. D. S.

---

que são índios repelentes e ferozes que habitam cavernas da Serra Nevada, os quais, na opinião de naturalistas fidedignos, seriam inferiores, de alguns graus, ao orangotango. Pois bem, animando inicialmente essas formas primevas — ontem como canibal, hoje como bugre pacífico, amanhã como rude campónio —, o espírito humano vai lenta e gradualmente percorrendo a senda evolutiva até estadear-se no homem civilizado dos nossos dias. Porém aí não chegou ele ao termo da sua evolução. Continuadas lutas e trabalho edificante pelos séculos em fora alçarão o nível do seu adiantamento, elevando-o à categoria dos seres angélicos. A perfeição é a meta a que todos nós, espíritos imortais, teremos de atingir.

Com esta finalidade suprema e gloriosa é que a Providência divina nos faculta a ascensão por meio dos renascimentos.

«Bendita doutrina — digamos como Djalma Farias, para finalizar — bendita doutrina que explica a razão das nossas dores, que nos ensina a sofrer com resignação e heroísmo, que nos faz ver nos sofrimentos o cadinho purificador das nossas almas».

A "Evolução", de Carlos Imbassahy

Por ALEIXO VÍTOR MAGALDI

(Correspondente em Volta Redonda, Brasil)

I

Livro monumental, contendo uma resposta do autor à crítica que se fez ao seu penúltimo livro *A Reencarnação e suas Provas*. Nas suas 361 páginas há mais de mil verdades transluzindo. O prefácio de Pedro Granja, de 21 páginas, baliza as páginas seguintes, reflectindo claridades meridianas, naquele estilo vivo do *Afinal Quem Somos?* — outra jóia que esse rútilo escritor paulista engastou na coroa da literatura espiritualista do Brasil.

A Evolução foi editado pela Livraria da Federação Espirita do Paraná, em Curitiba, Estado do Paraná — Brasil. Edição primorosa.

O Autor ofertou-nos um volume, com expressões generosas, que muito nos comoveram. Coube-nos o n.º 4, dos cinquenta exemplares em papel *Bouffant Pluma*, tirados à parte, fora do comércio, numerados e rubricados por ele. Por isso, que tanto nos honra, a nossa gratidão.

Antes do prefácio, lê-se, a pág. 5, a dedicatória a Pedro Granja e Mário Cavalcanti de Melo, lavradas em frases que transcendem amizade, admiração, estímulo. A págs. 7 e 8, o índice da obra, com os seus 65 capítulos, em que se desenvolvem as seis teses, exaustivamente cuidadas: *Evolução. A Reencarnação. Os Tabos Religiosos. Os Tabos Científicos. A Manifestação dos Vivos. A Manifestação dos Mortos.*

A linguagem do texto do tratado traz a habitual marca indelével do artista consumado, do maravilhoso construtor de orações cristalinas, onde a limpidez corre lado a lado com a gramática e a sintaxe, ressumbrando de tudo isso um perfume enebriante, que extasia o leitor, página a página, do começo ao fim. O beletrista conjuga-se com a nudez da verdade, envolvendo-a no véu perfumado do seu estilo levíssimo e cativante. É uma delícia inefável o privilégio, que ele concede aos seus leitores, de se transfundirem com ele, pela força hipnótica que emana dos seus argumentos irrefutáveis, extraídos dos factos incontestes, que cita.

Neste último livro, Carlos Imbassahy ultrapassou tudo quanto já atingira de admirável nos anteriores, que são: *À Margem do Espiritismo, A Mediunidade e a Lei, Ciência Metapsíquica, Corpo e Espírito, Espiritismo e Loucura, Espiritismo à Luz dos Factos, Religião, O Espiritismo, Matéria ou Espírito?, Fantasmas, Fantasias e Fantoches, Os Menezes, Leviana, A Reencarnação e suas Provas.*

Admirável e erudito, no presente o Autor demonstra claramente a evolução da matéria e do espírito, partindo das mais rudimentares formas de vida até às mais elevadas individualidades humanas, na sequência progressiva e alternativa de viver, morrer, renascer, sem cessar, numa ascensão paralela, aparentemente infinita, de mundo a mundo, nos incontáveis sistemas planetários. Podemos, com ele, afirmar: *toda a matéria tem a mesma origem e tende para o mesmo fim;* todos os espíritos se formam do mesmo princípio anímico e tendem para a mesma meta final. Há, no livro, a defesa de uma tese básica. Trata-se da Reencarnação, argumentada com factos, à sua moda, vivaz e eloquentemente, tal como já o fizera no seu livro anterior, *A Reencarnação e suas Provas,* escrito com a colaboração de Mário Cavalcanti de Melo, outra radiosa mentalidade surgida de repente na literatura espiritualista, trazendo o signo do apostolado. Cita e comenta factos e fenómenos, experiências exaustivas dos mais consagrados escritores vitoriosos nas letras universais, de Allan Kardec a Camilo Flammarion, de Léon Denis a Gabriel Delanne, de Bozzano a C. Richet, de William Barrett a Aksakof, de William Crookes a dezenas de outros tratadistas célebres, além de Lao-Tseu, Confúcio, Sócrates, Zoroastro, Buda e Jesus.

Na época presente, não há mais motivo para descrer da Evolução das coisas e dos seres microscópicos e macroscópicos. Bastava que os ignorantes tomassem ciência de livros como: «A Génese», de Allan Kardec; «A Pluralidade dos Mundos Habitados», de Flammarion; «A Evolução Anímica» e «Reencarnação», de Gabriel Delanne; «O Problema do Ser, do Destino e da Dor», de Léon Denis, para não se falar em outras obras mais profundas.

Não fosse o casmurrismo dos homens, o preconceito religioso e os decretos do «*Crê, mesmo que seja absurdo*», de certa igreja secularmente retardatária, seria dispensável escrever Carlos Imbassahy mais um tratado, luminosamente escrito, como esse — «*A EVOLUÇÃO*».

Mas os olhos de muita gente foram vendados por essa cinta de aço e torna-se urgente destruí-la, repetindo constantemente as marretadas sobre a mesma, como acaba de fazê-lo o mais seguro manejador da pena polemista espírita do Brasil. Com o cibório de luz, que é o seu mais recente livro — «A EVOLUÇÃO» —, Carlos Imbassahy está repetindo o gesto dos demais escritores espiritas que o antecederam na tentativa de desvendar os homens dessa couraça tão ignominiosa, empregando golpes mais certeiros e mais rijos. E outros lhe sucederão.

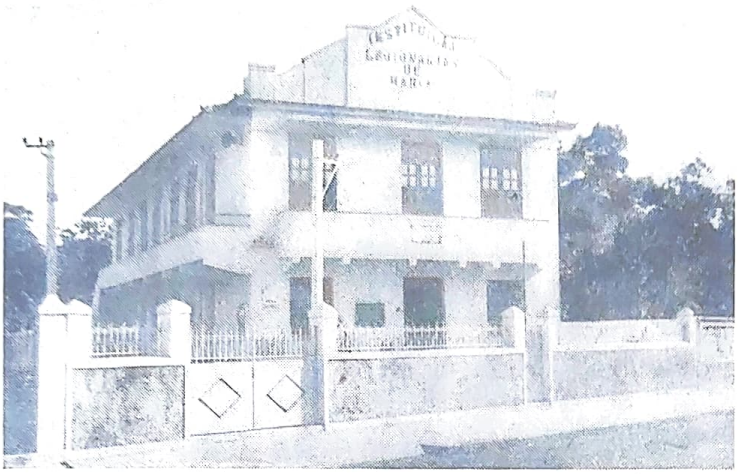
Por agora, apenas, nos felicitamos pela grande ufania de tê-lo devorado ininterruptamente, esperando que os nossos confrades possam gozar da mesma ventura, sem mais tardança.

Rua 44, n.º 54, Volta Redonda, Out. 955. Estado do Rio, Brasil.

ECOS DE U

Por ISIDORO

LEGIONÁRI



Instituição «Legionárias de Maria»

Apesar da observação que nos enchera a retina em semanas de recordações inolvidáveis, fomos sacudidos por quadros impressionantes, na Rua Rio Grande do Sul, 94, ao Meier, próximo da Casa de Luciá, esse alfobre de bondade que a maioria dos leitores conhecem de outiva.

★

Retrocedamos à véspera da nossa viagem à Barra do Piraí. Alguma coisa se passou de muito notável, que merece atenção especial ao garimpeiro de emoções. O Rio de Janeiro é manancial de atitudes. Dos palácios sumptuosos às humildes favelas, que enorme campo de mistério onde as almas dão largas ao instinto! Toda a sensibilidade humana ali se encontra representada: as cores leves e as cores pesadas, os tons violentos e as meias tintas, a paleta do pintor, exuberante e policrómica, disposta a grandes realizações nos domínios da arte, e a pupila arguta da observação, cingida à verdade, abarcando aspectos essenciais e deduzindo conclusões lógicas. É um mundo objectivo e subjectivo, é o real e o irreal que se confundem, que se amalgamam perante a admiração genuflexa das multidões sentimentais e o estudo absorvente dos psicólogos.

É uma cidade diferente, refractor e reflector imenso, cheio de cambiantes onde os idiomas se mesclam sob a predominância de uma linguagem comum. Quem vai e vem sente o influxo do meio, e o meio é formado, em grande parte, pela expressão verbal dos indivíduos. Todo o mundo se encontra representado naquela metrópole singular. Não admira, pois, que, para nós, algo de novo se passasse na cidade da Guanabara.

Naquele dia — 15 de Maio de 1955 — parámos em frente de moderno edifício que um lindo portão guardava de olhares curiosos. «Legionárias de Maria» era seu nome de baptismo e o fundo claro da fachada imprimia notas harmónicas que inspiravam simpatia. O José Carvalho Lucena, português generoso que em terras do Brasil eleva o nome da pátria-mãe e tudo deu e dará à nobre instituição que nessa data se cobria de galas para inaugurar a «Escola Sara de Morais», tinha-nos avisado do acontecimento e solicitado a nossa presença. A sua franqueza e a sua lealdade infundiam confiança. Era homem para assumir responsabilidades pesadíssimas, daqueles que trabalham na sombra, em labuta permanente, e cujos sacrifícios são o seu maior gozo espiritual.

Ele estava à porta, nervoso, multiplicado, correndo aqui e ali, para que nada faltasse, verdadeiro topa-a-tudo em emergência tão querida. E sua esposa, D. Maria de Lurdes Carvalho, alma de artista sensível ao evento, acompanhava o marido, atendendo este e aquele. O sorriso afável da mulher atrai os seres e as coisas. Tudo se dinamiza, se transforma em força concorrente. E quando o entusiasmo e a fé alçam a grande altura a vi-

MA VIAGEM

UARTE SANTOS

V

S DE MARIA

bração do amor fraterno, a atracção é maior, mais envolvente e incoercível.

O vasto recinto que rodeia o edifício ia-se enchendo de amigos devotados, numa corrente impetuosa. Homens, mulheres, crianças, alegria esfusiante, olhares de quem muito tem que dar do pouco que lhe foi conferido.

A linda esplanada oferecia o pitoresco de suas árvores aos que vinham de perto e de longe. A meio, um galpão acolhedor frente ao edifício de linhas modernas.

Enquanto esperávamos que aquela gente se acomodasse, demos uma volta pela instituição...

★

As «Legionárias de Maria» constituiram-se em núcleo beneficente sob os auspícios do Centro «Estudos Espiríticos», sito à rua Angélica, 84-A, do Rio de Janeiro. O fim era socorrer a pobreza envergonhada, que prefere morrer de inanição a estender a mão à caridade. Foi criada há 29 anos por inspiração do Alto e seus primeiros veículos foram os boníssimos José Manuel Teixeira e Sara de Morais.

O Centro mencionado era exíguo e não comportava a longa fila de necessitados que no Natal de 1927 ali acorreram a receber donativos. Por isso as duas almas se confrangiam:

— Se caridade é expor à humilhação e à dor física tantos seres, preferimos não praticá-la.

Estava lançado o rastilho. Era uma ideia em marcha que havia de culminar numa agremiação prestigiosa e sadia. Conversações, debates sobre o nome da entidade... Alguém pensou em «Legionárias»... Até que o José Manuel viu um espírito que lhe disse:

— A obra deve denominar-se «Legionárias de Maria», porque é inspiração de Maria Santíssima.

Sara de Morais assumiu a presidência em Janeiro de 1928, na base de socorro espiritual, moral e material a todos que o solicitassem. Em vez das grandes filas sujeitas ao vexame e às intempéries, — o calor no Rio é de assustar — o trabalho silencioso das «Legionárias», arrostando com dificuldades de toda a espécie para bem cumprir a sua missão terrena.

Dezasseis anos esteve a colectividade em mãos solícitas. Sara de Morais de 1928 a 1932, data em que desencarnou. Sucedeu-lhe Elvira Mazza do Amaral até 1934, que de 1937 a 1944 teria de voltar à gerência. Entretanto, de 1935 a 37 era Edite Barros Bonaparte da Silva quem mantinha as rédeas da benemérita instituição.

★

Mas, quem era José Manuel Teixeira? Um venerando lutador que dirigira o Centro Espirita «Fernandes Figueira», criador

Da esquerda para a direita — Carvalho Lucena, sua esposa, a presidente e a zeladora, quando a instituição completava 10 anos de existência

das «Legionárias». Médium curador e receitista, evangelizador convincente, punha em sua palavra a vibração sincera e calma da verdade que se apregôa. Pertenceu à falange de Inácio Bittencourt, Leopoldo Cirne, Viana de Carvalho e outros, que tanto prestigiaram a doutrina espirita, através de actos que ficaram como legendas imorredoiras.

Essa União Espirita Suburbana, de que falaremos um dia, teve a sua colaboração activa e ponderada. Ali deu largas ao esforço organizador na formação de núcleos apropriados, orientando e aconselhando os adeptos e convertendo muitos indiferentes.

O Centro «Estudos Espiríticos» fora criado em 1888 por Fernandes Figueira e funcionava na Federação Espirita Brasileira. Foi aquela agremiação que o José Manuel fazia reviver em 1926 com José Rangel Júnior, na Rua Angélica, ao Meier, e cujo departamento assistencial contava com a figura excelsa de Sara de Morais. No ano seguinte a distribuição de socorros aos necessitados abrangia mais de 500 pessoas.

★

A ideia em marcha teve realização natural em seu ambiente próprio. Sara de Morais, Elvira do Amaral, Antonieta Magalhães, Eva Fernandes e Teresa de Abreu, desdobraram-se em trabalho e alargaram os moldes da empresa: aulas de moral cristã, trabalhos manuais, corte e costura. Não era apenas o socorro do corpo, mas a educação do espírito que preocupava aquelas cinco Egérias. E assim conquistaram personalidade jurídica em 1931, programando a aquisição de sede própria que, nove anos mais tarde, seria a grande realidade que permitiria ampliar os serviços existentes.

As «Legionárias de Maria» usaram de todos os meios a seu alcance para consolidar e ampliar a sua obra. Em 1941 iniciaram a campanha de agasalho às pensionistas, a quem deram casacos e cobertores. Cinquenta famílias paupérrimas «de mãos vazias e corações confiantes» que o Alto protegia por intermédio de abelhas doiradas em trabalho contínuo e obscuro, a carrear o mel...

Três anos depois surgiram as «Tardes Fraternas», esse amoroso intercâmbio que aproximava entre si as criaturas, fazendo-as comungar num princípio redentor que irmana e enleva, pois que o alvo é sempre o mesmo: atapetar de flores a vereda escabrosa, levantar o ânimo abatido, insuflar energia aos desalentados que não encontram fundo no chapinheiro.

Todas as dores almejam alívio, quer se abriguem, quais moluscos, em conchas fechadas, quer estiolem à luz meridiana. As «Legionárias» sabiam-no e alargavam os âmbitos da sua faina. Não era sòmente a pobreza envergonhada; eram os penitenciários do Distrito Federal que as leis brasileiras tratam humanamente; eram os leprosos de Curupaity, em Jacarepaguá; era todo o sofrimento oculto que suas mãos podiam suavizar, fosse qual fosse a latitude, a raça, a religião ou a cor da pele. O resto não contava para elas. Todas as aflições humanas cabiam no círculo do seu amor infinito. Todos os motejos à sua acção meritória caíam no esquecimento de suas almas benfazejas...

☆

Mas a tarefa que se impuseram não tinha lindes específicos. Não eram elas espiritistas? Não serviam um ideal de resgate ao serviço do progresso humano? Serviam. Assim sendo, não admira que aproveitassem as terças-feiras para trabalhos mediúnicos e as sextas para trabalhos públicos onde se estudava «O Livro dos Espíritos» e «O Evangelho Segundo o Espiritismo». E na última semana do mês, sessão especial de oração pelos desencarnados, com palestras adequadas a cargo de arautos da Doutrina.

Estes serviços estendem-se a todas as Directorias da instituição. Sempre o mesmo zelo, o mesmo espírito de sacrifício, a mesma devoção no gesto e no olhar. A Directoria actual é constituída por elementos de escol. Conhecemos alguns, pessoalmente, mas não queremos distinguir este ou aquele. A presidente Maria Elvira Truche e a vice-presidente Maria Ruth de Brito; a 1.ª e a 2.ª secretária, Florinda de Marco Rodrigues e Celina Teixeira de Sampaio; a 1.ª e a 2.ª tesoureira, Maria de Lourdes Carvalho e Natalina Fróis da Silveira; a Procuradora, Antonieta de Magalhães; a Bibliotecária, Jurema de Carvalho Megid, e a Directora dos Trabalhos Manuais, Guiomar Mendonça Meireles, têm desenvolvido um esforço enorme no sentido de fortalecer o sector que lhe confiaram. E o Conselho Deliberativo, a que preside o bom senso e a operosidade de Olívio Novais, companheiro dos mais dignos e senhor de uma cultura invejável, orador vibrante que tivemos ocasião de ouvir no Centro Espirita «Amor, Caridade e Esperança»,

tem igualmente a sua quota parte no conjunto.

Outros há, como esse Mário Carneiro Rodrigues, secretário do Conselho e os conselheiros Álvaro Jorge, Alberto J. Ladeira, Brás Carelli, Eugénio Vilaverde, Francisco Silveira, Júlio Borges da Costa, Luciano Magnavita, Leonídio Truche, Milton Sousa, Manuel Domingos, Plácido Pereira, Rita Marques dos Santos e Umbelina Caldas Costa, que não arredam pé do seu posto, ao lado da Comissão de Contas, personificada em Anunziata do Vale Soares, Eunice Martins da Veiga e Marieta de Carvalho...

★

Tudo o que aí fica nos passou pela retina em imagem rápida, ao mesmo tempo que percorríamos as dependências do edifício: lá estava a escola de trabalhos manuais, a de bordados à máquina e a que iria ser inaugurada... Tudo muito limpo — parecia novinho em folha —, tudo muito bem disposto e metodizado. Viria o Consultório Médico e o Gabinete Dentário. Já havia dinheiro para isso. O proprietário da Água de Santa Cruz dera Cr$ 5.000,00 e o sr. Rodrigues Vintena outro tanto...

E o Curso de Dactilografia? Todas as máquinas estavam enfileiradas nas respectivas secretárias. Umas oferecidas pelo Banco do Brasil e outras por ouvintes da Rádio Globo, quando nela existia o programa «Conversa em Família»... Muitas coisas nossos olhos lobrigavam, quando alguma coisa veio interromper a observação.

★

O Humberto Correia de Sá foi connosco às «Legionárias de Maria». O Lucena viera buscar-nos à Rua Baltazar Lisboa, na Tijuca, para assistirmos à inauguração. O Humberto é um confrade dedicado e culto, uma grande simpatia. E a digressão que fizemos em conjunto naquele monumento espirita deixou-nos impressões indeléveis. Centenas de pessoas comungavam na ideia de homenagear um espírito gentil que tanta luz espargira à sua volta...

A escadaria que levava ao Auditório arejado e amplo regurgitava. Nem um palmo vazio. Foi, pois, com dificuldade que tomámos lugar na mesa, onde se encontravam pessoas de grande relevo social, entre elas, o Dr. Afonso Arinos Filho, representante do Presidente da República, Alziro Zarur, presidente da Legião da Boa Vontade, credora da nossa maior simpatia, o Dr. J. C. Moreira Guimarães, colaborador de Estudos Psíquicos e grande arauto do Espiritismo no Brasil...

Mesa da Sessão, quando falava o nosso Director, vendo-se, entre outros, Alziro Zarur e Dr. Moreira Guimarães

O gravador eléctrico iria captar as palavras dos oradores. Tudo estava preparado. A solenidade teria registo condigno.

O mentor da colectividade — Carvalho Lucena — supervisionava tudo nos limites do possível. E custava-lhe a deslocar-se, tão compacta era a assistência no vasto recinto. É natural que não pudesse atender um ou outro naquele fluxo de almas ansiosas... É natural. Mas o seu desejo era que nada faltasse.

★

D. Maria de Lourdes Carvalho — esposa do Lucena — falou em primeiro lugar. Homenagem a três nomes heróicos: Sara de Morais, José Manuel Teixeira e Elvira Mazza

do Amaral, não esquecendo outros de boa vontade. Aquela escola era um verdadeiro mundo para as «Legionárias». E apontou seis velhinhas que representavam as 50 pensionistas. E as alunas de Trabalhos Manuais com a professora Guiomar Mendonça Meireles. E as de corte e costura e as de moral cristã, com a professora Otília Rocha. E Adelaide Moreira Loureiro, professora de bordados à máquina, e Antónia Pádua Menike, professora da escola inaugurada...

Citou nomes de protectores: Dr. Rafael Quintanilha, Ministro Gama Filho, Dr. Gonçalves da Maia, Américo Aires, Dr. Waldemar Pereira Cota, bom amigo que nos acolitou generosamente na Hora Espiritualista «João Pinto de Sousa», tão bem dirigida por Geraldo de Aquino.

Falou na campanha dos agasalhos e na montagem do Consultório Médico e do Gabinete Dentário, a que atrás nos referimos. E aludiu aos refrigerantes e aos bolos e aos bombons que iam ser distribuídos dentro em pouco: coca-cola e outros refrescos que a Cervejaria Cayrú, o Café Predilecto e a Fábrica de Doces Ruth ofereceram alegremente... Quando a estas portas bateram, já MARIA tinha batido. E nada se lhes negou...

Referiu-se também ao Curso de Dactilografia. Lá vimos as máquinas, como dissemos, prontas ao trabalho dos obreiros...

E dirigiu-se ao jornalista português que ali estava, como representante do Espiritismo lusitano:

—Seja benvindo, irmão Isidoro, à casa das «Legionárias de Maria». Que em nosso meio se sinta como se estivesse em sua pátria, como se estivesse em sua própria casa!

E uma trovoada de palmas ressoou no Auditório, homenagem que o visitante endossou a Portugal, fautor de impérios, modelador de almas. Como ele é grande, longe da Meseta Ibérica!... Tantas lágrimas vertemos sob homenagens semelhantes! Um povo de 60 milhões em comunhão com o nosso! O mesmo sentimento e o mesmo idioma, a mesma aspiração e o mesmo anseio!...

Aludiu a Alziro Zarur e à Emissora da Boa Vontade, em termos cativantes e agradeceu a todos a comparência à solenidade, depois de fazer apelo aos poderes constituídos para que auxiliassem a obra...

★

O Dr. J. C. Moreira Guimarães proferiu palavras de alto significado moral e evangélico naquele tom harmonioso e calmo que lhe é peculiar. É um belo coração. As frases entusiásticas que lhe ouvimos acerca de Portugal ainda ressoam em nossos ouvidos. Por isso o escutámos com religiosa atenção. Todo o Brasil o conhece, que ele fala ao microfone de muitas Horas Espiritas. E sempre na mesma atitude serena de apóstolo, como temos visto poucos...

Os leitores sabem que é assim. Alma de eleição, exemplo máximo de tolerância, aparece em toda a parte, quando é preciso ferir a nota moral ou evangélica. Não sabíamos que a sua presença estava programada, mas ficámos satisfeitíssimo, porque o certame teria, como teve, maior relevância doutrinária.

Muitas vezes o encontrámos na Rádio Guanabara, Hora Espiritualista da U. D. J. E sempre o mesmo sorriso prazenteiro, a mesma suavidade no gesto e na palavra. Prometeu colaborar connosco, pois há muito acompanha a obra de Estudos Psíquicos. Trabalhadores deste género são benvindos, têm lugar marcado em todos os sectores espiritualistas.

Um dia, se puder, visitará Lisboa, que conhece de leituras, e decerto matará o desejo que o empolga de conhecer esta Ulisseia das sete colinas, mimosa e harmoniosa. E nós ganharemos com isso, pois hóspede será de muita honra capaz de enobrecer o lusitano mais hospitaleiro...

★

Nós falámos também. As «Legionárias» quiseram receber-nos naquela tarde memorável, demonstrar-nos toda a simpatia... Não era apenas curiosidade. Já nos haviam escutado em programas da rádio. Era acordo espiritual, o melhor acordo existente, que derruba fronteiras e promove harmonia. E nós falámos... A obra das «Legionárias» era grande de mais para a humildade do nosso verbo. Uma verdadeira montanha, braço operoso que se escondia de olhos alheios, para não envergonhar, para não vexar. Singular missão a de procurar a dor em seu tugúrio, a de aliviar os tristes, mitigar os sequiosos, animar os fracos! Ressarcimento e refrigério. Tarefa generosa, cuja magnitude assombra e transcende...

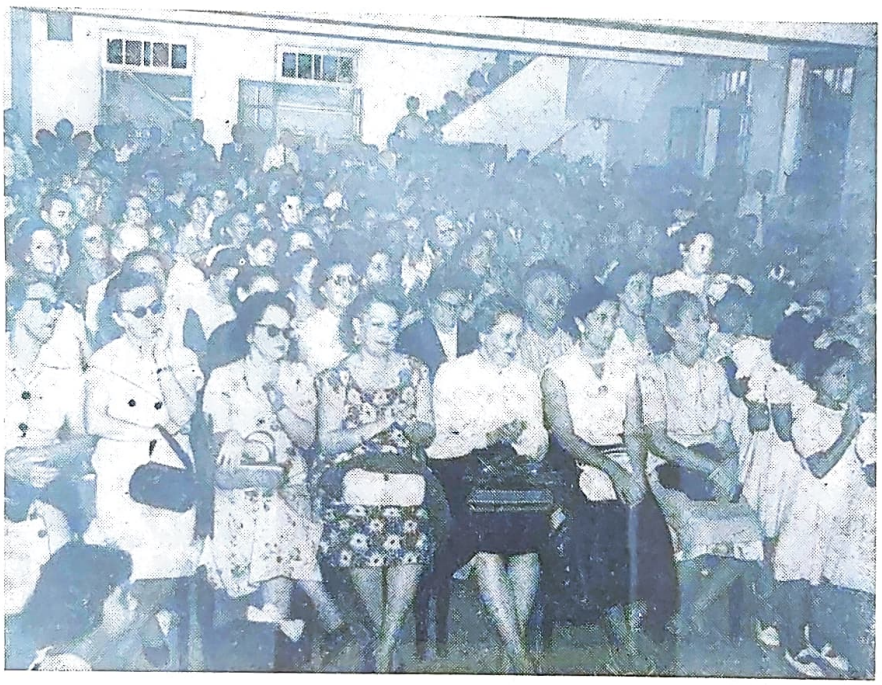
A nossa viagem tinha paragens obrigatórias como esta. Era necessário observar de perto a obra de muitos artífices que fugiam à publicidade. E trazê-los à luz do dia, que o trabalho glorioso é exemplo de imitar.

Estávamos ali por razões várias. Não re-

tribuir homenagens com homenagens. Seria elogio mútuo, que repelimos sempre. Mas prestar concurso a um acto que enchia de luz o nosso coração. Mas aplaudir uma obra digna do maior louvor, que um português insigne erguera a custo, rodeado de elementos valiosos, dispostos ao labor diário.

O gravador de som girava em sua tarefa registadora. Ele é que sabe o que dissemos e como vibrámos. Pode ser que um dia ouçamos as nossas palavras desse momento. Servirão de relembrança evocada com prazer e estímulo de avanço no presente enevoado...

Depois ergueu-se o Alziro Zarur, essa vontade forte, irradiante de simpatia, ao serviço da Legião. Homem de bem, verbo aliciante e fácil, ergueu a voz em expressão de humanismo semelhante ao nosso. Gostámos tanto de o ouvir! Ele quer a Emissora da Boa Vontade a vibrar no céu do Brasil e do Mundo. Como disse D. Maria de Lourdes, «Deus já fez o canal do rádio, cujo valor é de vinte milhões de cruzeiros, mas são precisos mais cinco milhões para a instalação da emissora», que servirá indistintamente a protestantes, católicos, budistas, espiritistas, esotéricos, etc.



Um aspecto da assistência à sessão de inauguração da Escola «Sara de Morais», nas «Legionárias de Maria»

Este homem extraordinário apresentou tese magnífica ao comentar a marcha da humanidade para destino incerto. Todos gostaram do seu aprumo e da simplicidade de suas palavras animadoras.

Ouvimo-lo novamente no Rio de Janeiro, na despedida que fizemos ao Brasil. Ele também estava na Associação Brasileira de Imprensa, a partilhar connosco dessa hóstia de saudade.

E a profissão de fé espirita que, nesse momento, ilustrou suas palavras, ecoou na assistência como hosana de alegria...

★

O Presidente da República falou pela boca do seu representante. Associava-se ao acontecimento. As «Legionárias de Maria» podiam contar com ele e com os poderes constituídos do Brasil.

A voz do Dr. Arinos era o aplauso do Presidente. A instituição merecia-o. Não regateava louvores. Ela mesma se impunha a crentes e descrentes por trabalho contínuo, recrutando sempre outros braços e outros corações que ajudassem a manter o empreendimento.

Era por isso que a nossa presença se justificava. O Lucena sabia muito bem que não poderia ser de outra forma... Sabia perfeitamente...

★

Finalmente, aquelas quinhentas almas abandonaram o salão e dirigiram-se para a cerca, onde um botequim improvisado dava de comer e beber a todos. Era a parte material do homem, imprescindível no momento. O gelo dos guaranás refrescava os corpos estiolados, apesar da temperatura outonal que a realidade desmentia. A confraternização estabeleceu-se com exuberância, dir-se-ia ter-se principiado pelo fim, ao contrário da legenda antiga: primum vivere, deinde philosophari, adaptada ao fenómeno presente.

No tempo das bárbaras nações, as classes dividiam-se em compartimentos. No século das luzes, há banquetes onde as classes se harmonizam e as próprias raças melhor se entendem. Não há nada como essas mesas redondas em que as mandíbulas se movem para esclarecer o espírito. Aqui não havia maxilares, havia corações bondosos. Era o ideal espirita, era o desejo de observar o Evangelho que aproximava uns e outros do labor constante. Os olhos irradiavam alegria sã, os abraços duplicavam amizades. Quantas expressões vivas, quantos desabafos nessa tarde que se escoava, mergulhando pouco a pouco no crepúsculo diluído e morno!

E as «Legionárias de Maria» continuavam no seu afã de enxugar lágrimas, de exaltar o belo, de cobrir de rosas o caminho pedregoso dos aflitos, cheias de afecto maternal, mensageiras de paz, distribuidoras de sorrisos abertos. Continuavam a perfumar a vida em gestos sublimes, amparando os fracos, dilatando a fé e o amor em rajadas de altruísmo, transfigurando o lodo em raio de sol candente...

A sua abnegação, o seu amor ao próximo igualam o estoicismo do casal Lucena, sempre activo, sempre vigilante, não medindo sacrifícios pelo bem da Causa, que é a própria humanidade redimida.

Ele vive o ideal do seu coração, esquecido de intemperanças efémeras, ridículas, transitórias. E quando a incompreensão dos outros lhe tolhe o passo consciente, ergue os olhos ao céu em prece sincera. Não é a riqueza que o interessa. O que o move em todos os sentidos é a solidariedade humana, que extinguirá o sofrimento inglório, quando a sociedade se firmar em bases de pureza e de justiça.

O Henrique Magalhães escreveu há pouco nesta revista: «As senhoras que trabalham em asilos e educandários são geralmente mães no sentido mais amplo. Assim, uma dessas mães pode ter dez, vinte ou cem filhos». Pois o mesmo sucede com estas abnegadas, que de alma e coração se entregam ao bem do próximo. Procuram a miséria onde ela se encontra, mergulham no lodo social, sofrem emoções tremendas, refinando as qualidades que as elevam. Elas homenagearam as mães, fazendo distribuir os mais formosos trechos poéticos e literários. Efectivamente, no dizer de Olívio Novais, não é preciso instituir um dia para esse tributo periódico. Cada um de nós sente no peito o calor que envolve as almas no minuto em que aprenderam a balbuciar essas três letras harmónicas, belamente cantadas neste soneto de Heitor Lima:

MINHA MÃE

Quando, mau grado meu, penso em me ver [um dia
Orfão de teu amor no mundo incerto e vão,
Turba-me o entendimento uma nuvem som- [bria
E um sopro de terror gela-me o coração.

Tua voz me refaz, teu conselho me guia.
Sou forte pela fé que teus olhos me dão,
Colo materno! Altar de pureza e poesia
Em que rezei, sorrindo, a primeira oração...

Minha mãe! Uma noite ouvirás, do teu leito,
Um viandante bater... Vai abrir, por favor:
É teu filho que volta alquebrado e desfeito.

É teu filho que vem, errante e sofredor,
Chorar, ó minha mãe, no asilo de teu peito,
Os pecados do egoismo e as mentiras do [Amor!

★

As «Legionárias de Maria» vestiram galas na inauguração de uma escola. Nós vestimos galas para compreender e sentir o seu esforço ignorado.

Para isso ali fôramos, enebriados e enleados, como jardineiros orientais afeitos aos mais estranhos perfumes. E pensámos então que era preciso agitar o conteúdo de certas almas para que a vibração aos olhos viesse, estabelecendo círculos onde avidez e bondade se entrelaçassem.

Trabalhai, obreiras da caridade invisível! A Doutrina vos elegeu para o festim das almas. Vossos passos são violetas perfumadas que ilustram os caminhos que se vos franqueiam. Aliviais, cicatrizais e suavizais no escarcéu do mundo, sem olhar a quem, porque o vosso objectivo é estancar o pranto e nivelar a vida.

Santificado é o beijo de vossos lábios e o impulso de vosso coração. MARIA dirige a tarefa dos obreiros inquietos, alarga os horizontes da bondade e proporciona aos remadores uma galé gentil, donairosa e leve, cuja envergadura resistirá, decerto, à fúria dos elementos...

LIVROS QUE SE DEVEM LER

OBRAS DE W. ATKINSON E BEALS

Força (A) do pensamento, por *W. Atkinson* e *Beals* — Sua acção na vida, influência psíquica, concentração de energia e conhecimento da alma humana ..... 30$00

Magia Mental, por *W. Atkinson* — Um livro dos mais importantes da nova psicologia acerca da energia mental e suas aplicações. Esta obra provocou uma grande revolução nos Estados Unidos ..... 80$00

OBRAS DE FRANCISCO V. LORENZ

Lições Práticas de Ocultismo Utilitário — Contém todos os dados sobre Astrologia, Quiromancia e Grafologia. Um verdadeiro compêndio de ciência secreta ..... 40$00

Nossas Forças Mentais, por *Prentice Mulford* — Monumento erguido por um poderoso cérebro, ensina as leis da prosperidade, do triunfo, do bem-estar e da saúde. Os seus ensinos têm dado conforto e felicidade a milhares de seres. 4 grossos volumes — encadernados, 300$00 ..... 200$00

Raios de Luz Espiritual — Livro que abrange a maioria das religiões, tocando em pontos de enorme interesse, tais como, o mundo astral, o sexo e a pureza, os fenómenos metapsiquicos, a crise da morte, etc. ..... 56$00

Receituário dos Melhores Remédios Caseiros — Como o seu nome indica, é um livro útil a toda a gente, especialmente a que vive nas aldeias ..... 25$00

OBRAS DIVERSAS

Autobiografia de Annie Besant — revelações da vida íntima e social da fundadora da Sociedade Teosófica. Um grosso volume 54$00

Cabala — A tradição esotérica dos hebreus 30$00

Ciência (A) Secreta, por *Henri Durville* — — Dois grossos volumes com cerca de 1.000 páginas e 60 gravuras, em que se estudam todas as correntes iniciáticas e todos os graus das antigas iniciações ..... 190$00

Clarividência (A), por *C. W. Leadbeater* 35$00

Como Fazer-se Yogui, por *Swami Abhedananda* — Lendo esta obra ficar-se-á fazendo ideia completa dos livros da filosofia yogui ..... 28$00

Curso de Iniciação Esotérica — Esplêndido livro para desenvolvimento dos poderes espirituais em lições graduadas ..... 48$00

Fenomenologia Mediúnica, por *O. Emboaba.* Tese de doutoramento de um médico repudiada por um juri preconceituoso ..... 15$00

Forças Ocultas — A educação sexual no seu mais elevado grau de aplicação prática e transmutação da força vital noutra mais eficaz ..... 56$00

História da Bíblia, por *Hendrik Willem Van Loon* — Eis a Bíblia ao alcance de todos num cunho perfeitamente humano, sem o mistério que rodeia a linguagem das Escrituras! ..... 50$00

Inteligência (A) Através dos Séculos, por *Martin Stevers* — A história da humanidade narrada através das realizações do homem que o levam a resistir aos cataclismos da natureza ..... 70$00

Karma (O), por *Annie Besant* ..... 16$00

Madame Curie, por *Eva Curie* — A vida de uma mulher extraordinária que a ciência guindou às culminâncias, prémio Nobel de física e química, 16 medalhas honrosas e doutora *honoris causa* por vinte universidades ..... 50$00

Magnetismo Pessoal, por *Hector Durville* — Ensina a desenvolver poderosamente as forças psíquicas e magnéticas, adquirindo domínio sobre si e sobre os outros ... 40$00

Maravilha (A) da Vida, por *Milton Levine* e *Jean Seligman* — Trata da educação sexual e descreve maravilhosamente do que e porque nascemos ..... 45$00

Magia Prática (Tratado elementar), de *Papus* — O mais completo tratado de magia prática. Adaptação, realização e história da magia, com um dicionário adequado. Um grande volume com 160 gravuras ..... 120$00

O Espírito das Trevas, recebido por *Celestino Arruda Lanza.* Romance filosófico, repleto de ensinamentos ..... 55$00

Pietro Ubaldi, Sua vida - Sua obra, por *Clóvis Tavares.* A vida do grande mistico numa encadernação elegante ..... 40$00

Poder (O) Mágico, por *Loester* — Obra utilíssima na vida prática sobre o desenvolvimento espiritual e educação da vontade. Regime alimentar, cura magnética, magia do olhar, auto-levitação ..... 32$00

Profecias de Nostradamus, por *Marques da Cruz* — As célebres profecias publicadas em 1611 que prevêem até Outubro de 1999 80$00

Radiestesia (A) no lar, pelo Dr. *Saevarius* — O pêndulo detector e pesquisador dos remédios das doenças humanas, animais e vegetais, ao alcance de todos ..... 30$00

Sessões Espiritas, por *Hans Arnold* — Como se organizam e dirigem sessões espiritas, sem danos que prejudiquem o *médium* — enc. ..... 30$00

Sonhos e Visões (Interpretação de) — Um livro auxiliar do psicógrafo (11.ª edição) 30$00

Viagem Astral ou 20 Noites Consecutivas de Desprendimento Consciente, por *M.me Ernest Bose* ..... 35$00

MARCO POSTAL

Tito L. Bancéscu. Rosário, Argentina — *Tenho recebido todas as suas cartas, cheias de excelente colaboração. A sua fecundidade literária é assombrosa. Agradeço os artigos de José Martín, que demonstram critério e observação dignos de louvor.* Estudos Psíquicos *é uma tribuna independente ao serviço do Espiritismo. Nela cabem todos os bons servidores.*

Pedro Álvarez Gasca. México — *Muito agradecido pela sua carta solidária e amiga, que muito me animou e confortou. Aguardo a sua excelente colaboração. A seara é grande e poucos os segadores. O ideal chama por nós. Aprestemo-nos para as grandes tarefas, que exigem paciência e sacrifício.*

Clóvis Tavares, Campos, Brasil — *Confirmo minha última carta, sem resposta. Espero a colaboração prometida. Que o seu passo rítmico se mantenha a bem da Escola «Jesus-Cristo». Só podem dar aqueles que receberam. E você muito tem recebido. Saudações fraternas. Lembranças a seus familiares.*

José Zácaro Neto. Cruzeiro, Brasil — *Cumprimentos para si e para os seus. Logo que esteja refeito da viagem ao Brasil, escreverei. Agradeço o que fizer pela expansão de* Estudos Psíquicos.

Antenor de Sousa. Cruzeiro, Brasil — *Ainda se não extinguiu em mim a vibração ocasionada pela sua convivência. Você é o dinamismo em pessoa. Por isso o «Sanatório Jesus» será o maior acontecimento dessa linda cidade paulista. Já lhe escrevi por avião, mas quis dar-lhe o meu testemunho de apreço.*

René Risental. Paranaguá. Brasil — *Escrevo sob impressão indelével do vosso acolhimento. Seguirá brevemente carta. Cumprimente em meu nome esses valorosos amigos e a Direcção da Emissora, a quem estou imensamente grato.*

Dr. Celso Cardão. Belo Horizonte, Brasil — *Seu nome e seu lar, sempre presentes em meu espírito. As fotografias têm causado sensação, principalmente as de Ouro Preto e Sabará, pelo conteúdo histórico que as envolve. Minhas notas do passeio às citadas terras aguardam crónica merecida. Talvez escreva, antes desta página lhe chegar às mãos.*

«Fiat Lux». Lourenço Marques — *Relendo cartas antigas, informo que não encontro vestigios do seu artigo «Da Crisálida Libera-se a Borboleta», que diz ter sido enviado, sob registo, em Julho de 1954. Queira mandar cópia, a fim de ser publicado.*

Paulo Alberto. Salvador, Bahia — *Não me esqueci do belo convívio que me proporcionou. Suas poesias são linda homenagem a Portugal. Começarei a publicá-las no próximo número.*

Freire Ribeiro, Aracajú, Sergipe — *Reli há pouco as lindas poesias que dedicou a Portugal. Continuo sob a impressão do nosso belo convívio. Aguarde carta. Cumprimentos a D. Inah, com votos de felicidade espiritual.*

Dr. José Pereira Bastos. Ribeirão Preto, Brasil — *Saudações fraternais, tenha muita coragem e perseverança, Espero que* Estudos Psíquicos *encontre aí o seu campo de expansão. Sinto-me quase reconstituído do esforço gasto e prestes me lançarei à correspondência. Espere mais alguns dias. Cumprimentos ao Dr. Jaime, José Cunha, José Papa e Dr. Mário de Araújo, aos quais vou escrever.*

Dr. Walter Accorsi. Piracicaba, S. Paulo — *Meus agradecimentos por todas as amabilidades recebidas. A seu tempo escreverei. Aguarde mais uns dias. Saudações a D. Eugénia da Silva e ao Prof. Sílvio de Sousa, bons confrades e bons amigos.*

Dr. Agnelo Morato. Franca, S. Paulo — *Ainda vibro do belo acolhimento que me fizeram nessa linda cidade paulista e da majestade da Usina Peixoto. Vou escrever-lhe e ao Dr. Novelino e ao José Russo, companheiros magníficos nessa digressão inolvidável.*

CARAVANA ESPIRITA A SANTO ÂNGELO DAS MISSÕES

Mensagem lida através da Rádio de Santo Ângelo pelo 1.º Vice-Presidente da Federação Espirita do Rio Grande do Sul, José Simões de Matos.

Prezados rádiouvintes:

Saúdo-vos em nome da Federação Espirita do Rio Grande do Sul, mais particularmente à família espirita que nos proporcionou esta feliz oportunidade. A nossa mensagem é de confraternização e auxílio espiritual aos irmãos de boa vontade, por quem aqui nos achamos.

A Federação Espirita do Rio Grande do Sul, no desempenho de sua missão de esclarecer e orientar os seus federados, deseja o bom entendimento entre os homens e, particularmente, da família cristã. A doutrina espirita não vem competir com nenhuma religião. Vem colaborar, esclarecendo e facilitando a solução de nossos problemas, para que, cada qual, na medida de suas possibilidades, possa realizar suas intimas aspirações. Desejamos que nossos centros ou sociedades, que se encontram por toda a parte do Rio Grande e do Brasil, sejam verdadeiros postos de auxílio e confraternização espiritual. Pois, à imitação das *Casas do Caminho*, fundadas nos princípios de nossa era pelos primeiros cristãos, como verdadeiros discípulos, que procuravam ser, do nosso Mestre, outra missão não lhes cabe. Que os espíritos encarnados e em peregrinação por este mundo, no cumprimento de suas missões, em prol de seu progresso espiritual, quando fatigados na viagem, tiverem oportunidade de entrar num desses postos, cujos núcleos nós consideramos escolas, onde o viajante se reajusta e anima em suas forças para prosseguir no seu caminho; quando um desses, por sua necessidade, bater em nossa porta, que possa achar, ao menos, o irmão de boa vontade, que reparte com seu próximo o seu pão material e espiritual. Dessa maneira, compreenderá e sentirá que somos irmãos e que Deus, nosso Pai, sabe de nossa vida e por toda a parte se deixa ver na sua sabedoria e no seu amor, àqueles que trabalham e crêem, amam e têm fé na sua presença.

Sabemos que a faculdade mediúnica, em suas várias modalidades, por toda a parte está convidando os homens ao conhecimento da verdade, atento o seu poder de nos convencer e libertar de velhos preconceitos, que muito fazem sofrer e retardar o progresso espiritual da humanidade. Ela não foi dada para nos dividir, mas para nos unir cada vez mais. E a necessidade a isso nos tem levado e está levando.

A nossa Doutrina não é mediunidade, como parecerá a muitos. Porque a pessoa pode ser médium e não ser espirita. A doutrina esclarece o que é a mediunidade e orienta o médium a aproveitar esse dom como factor de maior progresso para o seu espírito. A mediunidade é um meio para se chegar a determinado fim. É qual ferramenta na mão de um operário, que é o espírito, o qual tanto pode aproveitá-la para o bem como para o mal. Será boa ou não, conforme o uso que dela for feito.

Por estes motivos fica entendido que não se é espirita, porque se tem mediunidade, seja ela qual for. Mas se poderá dizer espirita quem ama a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. Não poderemos atingir o reino de Deus, senão unindo e confraternizando, perdoando e amando. Qualquer que seja a nossa crença ou religião, não nos cabe condenar, mas respeitar e amar as outras religiões, se desejamos que respeitem a nossa. Por amor ao Pai e a Jesus temos o dever de amar ao próximo. Isto se realiza seguindo os ensinos de Jesus à luz do Evangelho. Por que dentro do Evangelho não pode haver incompatibilidades religiosas. A lei do progresso espiritual é procurar tudo que una e deixar de lado tudo que separe e divida. Devemos superar os instintos de agressão pela bondade e pelo amor, que constrói, que esclarece e ilumina. *Oferecer, servir, mas não impor.* Obedece, ama a Deus e a Jesus, quem quer servir antes de mandar. O que está em posição mais elevada não é o que tem mais direitos, mas sim o que tem maiores deveres e responsabilidades. Os homens devem mostrar e pregar a verdade de seus princípios com factos e não sòmente com palavras. Que a virtude seja um meio para subir, começando cada qual por si mesmo, e não para discutir, polemizar, apontando os defeitos do próximo. Não há dúvida que a terra é um lugar de sofrimentos e provas. Mas, muitas vezes, a causa desses sofrimentos poderia ser evitada, se os homens não fossem maus uns para com os outros. Precisamos ser mais exigentes no cumprimento de nossos deveres e tolerantes com o nosso próximo. Não poderemos manter a Paz em nossos corações e nos nossos lares sem algum sacrifício e renúncia. É sempre mais feliz quem se resigna, trabalha, ama e tem fé, do que aquele que, a pretexto de seus direitos, por vezes malogrados, em face de circunstâncias desfavoráveis, revoltado, discute e se maldiz, porque não se conforma com tais prejuízos, materiais ou morais.

Precisamos compreender que Jesus nos mandou orar pelos nossos inimigos. Fazer o bem a quem nos possa fazer mal. Porque, desse modo, serão liquidadas as causas do mal e restabelecida a paz e o amor nos corações e nas almas sofredoras, pois em tais casos, ou circunstâncias, quem discute, se melindra e ofende, é sempre o amor-próprio, causador de todos os dramas e sofrimentos da vida. É ele que marca os duelos e outras questões de igual natureza, a pretexto de dignidade, tanto dos homens, como das nações. Precisamos libertar-nos desse pretenso amigo, que só serve para nos isolar, por sua vaidade, e escravizar, por seu orgulho e falsa dignidade.

★

Integraram a Caravana, além de José Simões de Matos, os seguintes confrades: Tasso Jobem, 2.º secretário da Federação; Pedro Romano Bizarro, subdirector da Hora Espirita Radiofónica, e Zalmino Zimmermann, delegado dos Serviços de Evangelização e nosso representante no Rio Grande do Sul.

NATAL DOS N

No dia 23 de Dezembro e 4 de Janeiro distribuímos donativos a 350 necessitados, em dinheiro e agasalhos. Foi pouco, mas foi de boa vontade. O nosso desejo seria estender a acção a outros sectores da vida social, mas não dispomos de elementos.

Hoje mencionamos mais os seguintes donativos: João Maria dos Reis, de L. Marques, 50$00; Jerónimo Gomes de Almeida, de Manhouce, Vilarinho, 40$00; José Morais Dias, de Braga, 10$00; Haduindo Santos, de Loulé, 50$00; Manuel Correia Lopes, de Nova-Iguaçu, Brasil, 150$00; Dr. Lion de Castro, de Lisboa, 20$; José da Silva Bonifácio, de Ovar, 20$00; Manuel Francisco dos Santos,de Castelo Branco, 20$00.

Recebemos, também, de *Uma Benemérita*, por intermédio do nosso confrade João António Rodrigues, de Portalegre, algumas peças de roupa para recém-nascidos.

D. Maria Luísa Correia, de Faro, enviou-nos 1 fatinho e 1 camisola de lã para criança.

D. Glória dos Santos Moura Romãozinho, de Cebolais de Cima, fez chegar às nossas mãos um lote de belos retalhos de lã para fazer agasalhos.

De um casal do Porto, confrades amigos da nossa obra e que todos os anos aparecem erguendo bem alto a legenda fraternal, recebemos um conjunto de magníficos enxovais para criança, assim discriminados: 8 camisas, 8 chambres, 4 saias-cueiros, 12 fraldas, 8 casaquinhos de malha, 4 vestidos, 10 babetes, 12 botinhas e 2 cobertores, ao todo 68 peças, que os leitores podem apreciar na gravura que ilustra esta notícia.

O lindo enxoval dos confrades portuenses

A todos estes amigos agradecemos do coração a sua generosidade. Que Deus os cumule de bênçãos e lhes acrescente os meios de praticar o bem.

GRUPO DE PROTECÇÃO ÀS CRIANÇAS

Constituído por senhoras de pronunciada inclinação para o Bem, ainda a dirigi-lo a sua fundadora, D. Júlia da Luz Soares, reúne este Grupo todas as semanas, nas tardes das segundas-feiras, numa das dependências do Centro Espiritualista «Luz e Amor».

Dá gosto e dispõe bem visitar estas senhoras nas horas do seu benéfico labor. Encontramo-las sempre em alegre e fraterno convívio, mantendo muitas vezes animada conversa, sem, contudo, perderem um minuto das suas ocupações: enquanto uma, fazendo uso da tesoura, corta e talha, outra chuleia e alinhava; uma outra cose à máquina, e as

SOLILÓQUIO

Por MANUEL CAVACO

Certos provérbios, adágios, rifões e sentenças da sabedoria popular, encerram elevado significado filosófico e doutrinal; são conceitos de larga experiência feita, cujo rigor matemático lhes dá o cunho da verdadeira sabedoria; e por serem fruto de uma experiência milenária constituem o mais simples e mais claro roteiro da vida existencial humana.

Algumas das sentenças da sabedoria popular são sínteses lúcidas de algumas das leis universais que regem a vida do espírito, neste planeta como no astral. Para exemplo:

— «Não faças mal ao teu vizinho, que o teu virá de caminho».

— «Fugi a dever, que o pagar é certo»;

— «Quem semeia ventos, colhe tempestades»;

— «Assim como fizeres, assim acharás».

Aquelas sentenças definem explicitamente as leis de causalidade e de responsabilidade, que se sucedem inalteráveis, a corrigir o procedimento de cada indivíduo e de cada povo, como resultantes inflexíveis do procedimento deles, às quais ninguém escapa e das quais não há apelo nem agravo; porque elas pertencem à justiça imanente, à justiça divina, à justiça da consciência individual e universal.

A lei de causalidade está mais em relação com a qualidade dos procedimentos, visto que — «os efeitos são da natureza das causas»—; enquanto que a lei de responsabilidade está

ECESSITADOS

restantes, num movimento rítmico de grandes agulhas, executam trabalhos de malha com lã de várias cores. E nesta altruística e afanosa tarefa fabricam enxovais completos, peças dispersas de vários feitios e tamanhos, fazendo avultar, do pouco que lhes dão, o muito que a sua dedicação produz.

Só uma acção, assim, ininterrupta e cheia de boa vontade, lhes dá possibilidades de relevo: durante o ano que há pouco findou, com um rendimento que pouco excedeu os 4.000$00, vimo-las distribuir 15 casaquinhos de lã, 13 pares de meias, 10 toucas, 8 camisas de algodão, 3 chambres de flanela, 2 babetes, 4 vestidos de fazenda, 4 camisolas de lã, 1 colete de flanela, 2 camisolas interiores de algodão, 2 pares de sapatos de vitela, e ainda 11 enxovais completos para recém-nascidos, num total de 253 peças — 23 cada enxoval e desta maneira: 8 fraldas, 3 camisas, 3 cueiros, 2 coletes, 3 chambres, 1 cobertor, casaco, meias e touca de lã.

Para culminar galhardamente e segundo a sua feliz tradição, vestiram 25 meninas e 5 rapazitos por ocasião do Natal, recebendo cada menina 1 par de sapatos de vitela, 1 vestido de fazenda, 1 camisola de lã, combinação, camisa e cuecas de flanela, 1 par de meias, 1 fita para o cabelo, 1 boneca e 1 pacote de broas; e cada menino recebeu 1 macaquito de fazenda, 1 par de cuecas de flanela, 1 camisola de algodão, 1 camisola de lã, 1 par de meias, 1 par de sapatos de vitela, 1 brinquedo e 1 pacote de broas.

Um aspecto da distribuição de agasalhos

Este Grupo simpático, que, numa encantadora comunhão de sentimentos, vem trabalhando, com grande devoção e afinco, há já quatro anos, só tem a animá-lo na sua benemérita missão uma escassa meia dúzia de sócios e um pequeno subsídio mensal que o Centro Espiritualista Luz e Amor, em boa hora, deliberou conceder-lhe.

Conhecido de poucos, limitada foi sempre a sua acção. Mas uma obra de amor assim bem merece o nosso amparo e ajuda para engrandecê-la mais, dando-lhe uma amplitude cada vez maior.

Amigos: Deitemos um grão de caridade nesta seara de auxílio às crianças, e gozemos o prazer de ver aumentar a sua acção meritória.

Que outras senhoras se juntem às que já trabalham. E, assim multiplicadas as vontades de cooperação e ajuda, a obra pequenina de hoje pode amanhã assentar no terreno firme das grandes realizações.

Assim seja!

J. R.

mais em relação com a quantidade e a importância dos efeitos e das consequências dos procedimentos; porquanto — «ao que mais tiver, mais será dado».

As responsabilidades individuais estão, por certo, em relação com o grau de evolução de cada um, isto é, com a sua clarividência consciencial e ainda com a importância dos efeitos e consequências do seu procedimento.

Quanto às responsabilidades colectivas, a variante está em que, quem comanda pode ficar sujeito ao maior quinhão; posto que, conforme o velho rifão, «tão responsável é quem vai à vinha como quem fica a vigiar».

Certamente: assim como ninguém deixará de usufruir as benesses a que tem jus o seu procedimento correcto e digno, também ninguém escapa às responsabilidades que o seu procedimento tiver causado.

Observando bem, destaca-se uma certeza: a de que, na medida em que nos afastamos dos estados primitivos da nossa obscura consciência, nos aproximamos cada vez mais daquele grau de clarividência consciencial e de espiritualidade, que nos permitirá, por um preclaro conhecimento das causas e dos efeitos, proceder com dignidade e a viver em paz e harmonia com todos os nossos semelhantes.

Aceitem-se, desde já, como regra fundamental de procedimento, as premissas seguintes: a liberdade de cada um de nós termina onde e quando começa a dos outros; o respeito mútuo sem limites; a veneração dos mais virtuosos verdadeiramente cordial; e então, em breve se alcançará uma paz e harmonia perenes, factores indispensáveis a uma evolução próspera dos povos e dos indivíduos.

CONHECIMENTO DO FUTURO

Por DEOLINDO AMORIM

(Correspondente no Rio de Janeiro)

Para corresponder à gentileza de um confrade, que me honra com a sua consideração pessoal, estou lendo mais um livro de crítica ao Espiritismo. Trata-se do livro intitulado *O Espiritismo — coisa de vivos e não de mortos* — de autoria do Rev. Alberto Augusto, pastor protestante. Com poucas excepções, quem lê um livro de origem protestante, como de origem católica, desde que seja contra o Espiritismo, pode dizer que já leu todos os livros do mesmo género, porque os argumentos são sempre os mesmos, como são as mesmas as passagens bíblicas. Ocorre-me destacar, apenas, o seguinte período, colhido no livro do Rev. Alberto Augusto: *O espiritismo pretende conhecer o futuro através dos espíritos de luz que pairam no espaço infinito e são muitos os livros que dizem conter essas revelações, mas a realidade é que o espiritismo ainda nada nos deu de novo nessa esfera.* O Espiritismo não pretende conhecer o futuro, mesmo porque não é meio de adivinhação. A função precípua do Espiritismo não é sondar o futuro: é iluminar espiritualmente o homem.

Diz o autor do livro que o Espiritismo até agora nada nos trouxe de novo. Em que sentido? As comunicações do Além trouxeram, sim, uma revolução profunda no pensamento humano. Gostaria, sem dúvida, o reverendo de que os espíritos viessem trazer, de um jacto, a solução de problemas que estão vinculados ao próprio estado de evolução do planeta: bomba atómica, câncer, quadratura do círculo, etc. Todos os problemas que, até agora, ainda estão sujeitos a discussões entre os especialistas deveriam ser resolvidos pelos espíritos, e porque isto não acontece, nem poderia acontecer, o reverendo vai dizendo logo que os espíritos não nos deram, até agora, qualquer novidade...

Os espíritos instrutores da humanidade não têm obrigação de espalhar *novidades* sobre a terra, e, ainda que o fizessem, isto não seria mais do que simples advertência ou esclarecimento para o bem geral. Se os espíritos viessem resolver os problemas atinentes à Terra ou trazer respostas prontas e acabadas a respeito de tudo, o homem ficaria isento do trabalho de pensar, estudar, lutar, e, portanto, abriria mão do seu livre arbítrio.

Não é por meio de adivinhação que se *prova* a comunicação dos espíritos. Há outros meios, e meios directos e positivos. Os espíritos são identificados pelo estilo das comunicações, pelas ideias, por outras circunstâncias e até mesmo pela manifestação tangível e palpável, como nas materializações.

O reverendo apoia-se, como todos os seus colegas, na infalibilidade da Bíblia, e por isso acha que o Espiritismo é uma inutilidade e um perigo. Questão de fé, e fé não se discute. Mas o Espiritismo não precisa do testemunho da Bíblia para se afirmar perante a Ciência e perante o bom senso. Há na Bíblia muitos factos que, em linguagem moderna, são fenómenos de além-túmulo. Os nossos adversários podem dar a esses factos a versão que bem quiserem, mas o certo é que são factos em que se prova, històricamente, a manifestação de almas do outro mundo. É justamente com base na Bíblia que o reverendo não pode negar os fenómenos espiritas, porque as *Sagradas Escrituras* estão refertas de factos desta natureza. Quanto ao mais, a tecla é sempre a mesma: o *Espiritismo é proibido pela Bíblia, é um perigo, etc., etc.* Passemos adiante, porque há outros assuntos mais interessantes e oportunos para comentários futuros!

Crónica Mundial

Por ADELAIDE IVONE DE SOUSA

COMO RESSUSCITAM OS MORTOS? COM QUE CORPO SE APRESENTAM?

Com este sugestivo título, *Two Worlds*, o grande semanário espirita londrino, inseriu em primeira página o seguinte artigo:

«As fotografias das sessões de materialização que reproduzimos fornecem uma bela resposta.

«Estas perguntas tão apropriadas à época da Páscoa — a festa da Ressurreição — quando os ortodoxos comemoram aquele que se levantou do túmulo ou ressuscitou, são respondidas nesta página.

«Os mortos aparecem em corpos que eles materializaram e que são a réplica das suas figuras terrenas, pelas quais são conhecidos.

«O Cristianismo (segundo o articulista) não consegue provar a ressurreição de Jesus, e os factos a esse respeito parece contradizerem-se nos próprios Evangelhos.

«Nessa época não se faziam gravações e os ortodoxos consideram o Seu aparecimento como grande milagre. Mas a mediunidade prova que a chamada ressurreição é o destino normal de todos os indivíduos que morrem para o mundo terreno, mas ressuscitam para a vida espiritual. A ressurreição é, pois, uma lei natural: sobreviver é tão natural como nascer e morrer.

«Paulo considerou de suprema importância o aparecimento de Jesus: «Se o Cristo não tivesse ressuscitado — disse ele — então a nossa prece seria vã e também seria vã a nossa fé».

«Se a história de Jesus tivesse terminado com a crucificação, seria pouco provável que o Cristianismo houvesse florescido.

«Os discípulos que abandonaram o seu Mestre, arrependeram-se, quando o viram materializado.

«Segundo o que se conta, a materialização estava tão perfeita e lembrava tanto a sua forma conhecida, que o incrédulo Tomé foi tocar na figura».

Isto, repetimos, escreve o articulista de *Two Worlds*. E continua, dizendo:

«As materializações não se apresentam na catedral de S. Paulo ou em qualquer igreja cristã. Só se verificam nas sessões onde a mediunidade lhes fornece as condições necessárias».

Einer Nielsen, o médium dinamarquês que obteve as materializações referidas continua em actividade, fornecendo provas a muitas pessoas, as quais, como espiritas, podem repetir as palavras de Paulo: «Ó morte, onde está o teu aguilhão? Ó morte, onde está a tua vitória?».

Assim, o Espiritismo demonstra a realidade da sobrevivência.

É um amargo comentário que fazem muitos dos que se crêem religiosos, mas que não acreditam na sobrevivência, embora Jesus tivesse ressuscitado.

RECENTE MATERIALIZAÇÃO DA RAINHA ASTRID

Entre as fotografias a que o artigo de *Two Worlds* se refere, vê-se a materialização da infortunada e linda Rainha, acompanhada do seguinte comentário:

«Esta fotografia revela a mais notável materialização da Rainha Astrid, obtida pelo famoso médium Nielsen.

«A Rainha Astrid esposa do Rei Leopoldo da Bélgica e que antes de casar era princesa sueca, faleceu em 1935 num desastre de automóvel, em Lucena, na Suiça. As suas materializações com o médium Nielsen, em Copenhague, foram presenciadas por muitas pessoas.

«A fotografia reproduzida foi tirada por Liljeblad, que, por isso, a igreja condenou a dois meses de suspensão sem vencimentos.

«Vinte pessoas estavam presentes no momento em que esta fotografia foi tirada. A sessão realizou-se à luz vermelha e Liljeblad usou três máquinas fotográficas, tirando as fotografias ao mesmo tempo com auxílio do magnésio.

«Todos viram a Rainha Astrid pousar para a fotografia e bem assim a materialização e o médium».

O assunto é tão flagrante, que não carece de comentários.

O QUE OS ESPIRITAS DEVEM SABER

Voz Informativa, do México, publicou em Novembro último os seguintes conselhos, que transcrevemos com prazer por serem de grande utilidade doutrinária:

Primeiro: — Devem saber que o Espiritismo é uma escola científico-filosófica que pretende explicar ao homem a sua origem espiritual, as leis por que é regido e o destino inevitável de todos os seres. E como consequência estabelece um Código de moral conducente à felicidade.

Segundo: — O Espiritismo não é uma teoria abstracta, mística ou religiosa, mas, como já dissemos, uma escola que nos obriga a meditação introspectiva, no sentido de nos tornarmos cada vez melhores, mais justos e fraternais, a viver na reapaz e da equidade social, tratando todos os seres como irmãos, sejam ou não espiritas.

Terceiro: — Os espiritas devem saber que não basta «falar» e receber dos espíritos mensagens e conselhos úteis.

É preciso praticar esses conselhos, espalhando essa doutrina por toda a parte, cumprindo assim o Espiritismo e honrando o Mestre Allan Kardec, que se preocupou mais com a reforma moral do indivíduo, do que pròpriamente com os fenómenos.

Quarto: — Os espiritas não devem pretender que a regeneração do homem e sua felicidade dependam do Espiritismo, pois é certo que em todas as crenças e filosofias há indivíduos que se espiritualizaram e se salvaram e que podem servir de exemplo.

Quinto: — Os espiritas devem ser solidários e fraternais. Não devem ser orgulhosos, nem julgarem-se superiores, por saberem mais ou viverem materialmente melhor que os outros. Devem ser amáveis e, sobretudo, amorosos; verem em cada homem um irmão, ainda que discordem das suas crenças.

Só nos resta dizer que estamos plenamente de acordo.

GANDHI-CURADOR

Recortamos de «Fate» mais esta curiosa notícia:

«Fenner Brockway, membro do Parlamento, amigo e durante muito tempo defensor do Mahatma Gandhi, perito sobre assuntos coloniais, africanos, foi testemunha duma prova de percepção extra-sensorial (E. S. P.) do Mahatma.

«Quando Brockway o visitou, passou uma noite agitada, sentindo-se bastante doente e levantou-se na manhã seguinte com febre e dores de cabeça. Quando entrou em casa de Gandhi encontrou-o sentado no chão fazendo rodar a sua roca. Noutro canto da casa estava sentada outra pessoa que desenhava o retrato, enquanto ele trabalhava. Era um dia de silêncio do grande homem. Olhou para Brockway, escreveu e entregou-lhe um papel que dizia: «Não te sentes bem». «Não!», disse Brocway.

«Então Gandhi pegou na mão de Brockway e disse-lhe alguma coisa acerca do que se passou, o que é absolutamente impossível descrever ou explicar.

«A vida e a força de Gandhi pareciam correr da sua mão para o corpo de Brockway e imediatamente desapareceram as dores de cabeça e a febre. O doente ficou mergulhado em benéfica sensação.

Nada se disse. Apenas um aperto de mão e um olhar de amizade e de gratidão. E o doente ficou bom.

«Em não tentarei explicar o que aconteceu, quer psicológica, quer fisicamente» — declarou Brockway — Apenas sei que isso aconteceu comigo»...

O CÉREBRO DE EINSTEIN

A revista *Spiritualisme Moderne*, de Liège, apresenta um artigo intitulado «Em torno da morte de Einstein», do qual recortamos:

«Conforme seu desejo, o corpo foi cremado, com excepção do cérebro, legado aos laboratórios oficiais para se tentar descobrir a sede da inteligência na substância cinzenta cervical.

«Aberração da ciência oficial, que se esforça e teima na procura da fibra nervosa para resolver o enigma da personalidade humana.

«Desta categoria de sábios pode dizer-se, como Allan Kardec:

— «Se a vossa ciência que vos ensinou tantas coisas não vos explicou que o domínio da natureza é infinito, e portanto sois apenas meios-sábios». (*Livro dos Espíritos*).

«O problema do cérebro interessa-nos no mais alto grau, do ponto de vista científico, como demonstração de que é apenas um instrumento, um órgão, através do qual o espírito e o pensamento se manifestam.

«Em resumo, o cérebro é para o espírito o que o violino é para o violinista e o piano para o pianista. A ausência ou os defeitos do instrumento não inibem o valor, nem a capacidade do músico».

Vários casos têm provado que se pode viver perfeitamente com metade do cérebro e o Espiritismo demonstrou, pelos trabalhos dos seus experimentadores, como o coronel De Rochas, a realidade da regressão da memória, provando igualmente a antecedência da alma.

Fazemos nossas as considerações do falecido presidente da União Espírita Belga, com as quais a nossa estimada colega de Liège fechou o interessante artigo, dizendo: — «Espiritismo tão caluniado, porque te desconhecem! Saúdo em ti a religião do futuro. Os teus sublimes ensinamentos consolaram-me no auge das minhas provações e, como teu apóstolo fiel e reconhecido, te digo mil vezes: obrigado».

Esta gratidão do articulista justifica plenamente a alta missão do Espiritismo, destruindo os dogmas duma ciência alicerçada na areia.

O Espiritismo, ao contrário, prova a verdadeira existência da personalidade humana, dentro de princípios positivos, racionais e conforme às leis da natureza.

UMA DEFUNTA RELATA AS SUAS IMPRESSÕES DO ALÉM

O *boletim Progresso Espírita*, do Centro de Estudos do mesmo nome, de Buenos Aires, inseriu um interessante relatório referente às experiências realizadas durante 15 anos, por um médico americano, Dr. S. J. Haycox, de longas e rigorosas observações no domínio da medicina e da psicologia.

O Dr. Haycox esperou que uma das suas doentes, Ann Belt, caísse em estado semi-consciente para fazer a sua experiência:

— Fale — diz ele —. É preciso que fale, Ann Belt. Lembre-se...

Finalmente, obedecendo às sugestões imperiosas do médico, a aparente defunta respondeu:

— Havia luz, cores, sons. Depois tudo era escuro, escuro, escuro...

— E depois? Fale, Ann Belt.

— Sim; é preciso que eu continui a falar. Quando estava morta, procurei uma mulher que deu à luz um filho; e para essa criatura se transferiu o meu ser material; o meu espírito transformou-se num soldado. A minha morte foi muito dolorosa; morri com um tiro. Onde? Não sei... em qualquer posto marítimo. Fazia muitíssimo calor. Depois da minha morte... voltei a ser criança... Como é estranho! Comecei a viver tudo de novo, depois da morte até ao nascimento. E eu recomecei. Estive sete vezes na terra, sete vidas...

Ann Belt calou-se de novo. O Dr. Haycox voltou a insistir mais fortemente:

— E antes dessas sete vidas? Lembra-se?...

— Antes, antes... não me lembro de mais nada».

MORREU E OITO HORAS DEPOIS COMEÇOU A FALAR...

Vejamos outro caso interessante:

Depois de ter verificado o óbito de Miss Bycroft, o Dr. Haycox introduziu o aparelho reanimador no coração da defunta. Por ele fez passar uma fraca corrente eléctrica, o necessário para que este órgão retomasse lentamente a actividade. Meio minuto depois ouvia leves pulsações, mas o coração continuava rígido. Teve de esperar mais de oito horas para conseguir reanimá-la. As pálpebras da defunta começaram a mexer-se, e o Dr. ouviu a voz fraca a longínqua da morta, que dizia:

— Porque voltei?...

O Dr. Haycox perguntou-lhe:

— Voltou? Donde veio? Onde estava, Miss Bycroft? Que sente?

Com voz hesitante que pouco a pouco se tornava mais firme, a «morta» disse:

— Havia muita luz e cores, que se combinavam com música de sons diversos. Foi sobre as ondas desta música que me levaram. Era delicioso. Tudo leve e informe... flutuante. Nenhum sofrimento, nenhuma inquietação. Eu estava colocada acima de tudo e tudo surgia a meus olhos envolto em claridade transparente como cristal. E por toda a parte via luz. Mas tive de voltar, de refazer todo o caminho... Oh! como eu sofri!... Porque não me deixou onde eu estava?

«Miss Bycroft viveu ainda 3 dias. A ciência dos homens não conseguiu prolongar-lhe mais a vida. E partiu de novo para o Além...».

Estas experiências vieram confirmar o que tantas vezes temos dito: a Ciência tem diante de si um enorme campo de estudo acerca das realidades apresentadas pelo Espiritismo.

Notas & Comentários

UM CÃO SÁBIO

A AFP enviou há tempos um telegrama de Paris acerca de um cão matemático que soma, extrai raízes quadradas, responde a perguntas através de pancadas batidas com as patas dianteiras.

O cão pertence à sr.ª Genoveva Devigne e dá pelo nome de «Kabyle». Foi encontrado nas ruas da grande cidade e dizem ter pertencido a tropas coloniais. A própria dona está convencida de que é africano e talvez resultado de cruzamento com algum chacal. Por isso é que lhe deu o nome de «Kabyle».

Um grupo de professores da Escola de Veterinária de Maisons Alfort assistiu a demonstrações do cão inteligente. Ignora-se a mecânica do processo, mas sabe-se que, para dizer «sim», bate três vezes no chão com a pata, e duas vezes para dizer «não».

Tratando-se de adivinhações, o método é diferente. Serve-se alternadamente das patas dianteiras, começando pela esquerda. Se quiser indicar 1.325, baterá cinco vezes com a pata esquerda, duas com a direita, três novamente com a esquerda e uma com a direita.

Se lhe perguntarem: «Quantas patas têm três galinhas, um cavalo e um gato?», o cão bate imediatamente 14 pancadas. «E quantas asas?». «Seis», exclamará logo, com meia dúzia de pancadas.

Isto faz-nos lembrar os célebres cavalos sábios, a que nos referimos há muitos anos, em vasta monografia publicada na Revista de Espiritismo.

Ainda há quem diga que os animais não têm alma! Tantos exemplos em contrário poderíamos aduzir, demonstrando a existência do princípio anímico em nossos irmãos inferiores!...

UM POEMA DE RABINDRANAH TAGORE

Da Reencarnação, órgão da Federação Espirita do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, extraímos o seguinte poema do filósofo hindu Rabindranah Tagore:

«Sopro-a e as notas perdem-se no além imensurável.

«A minta flauta está cheia de eternas melodias.

«Belas melodias misturam-se com a música empobrecida da minha flauta e orquestração maravilhosa se realiza.

«É um concerto para o meu Mestre.

«Este oceano de luz recebe a luz do sol da fraternidade e este sol ilumina todos os sóis.

«A minha pequena flauta não cessa de tocar.

«Está cheia de estranhas melodias.

«Quando surgiu a aurora da minha vida fiquei quase deslumbrado.

«Percorri montes e vales num segundo de encantamento.

«Vi a tarde chegar e imperar o seu silêncio augusto e a lua clarear as planícies do deserto.

«Todavia, a claridade matinal morava no meu coração.

«As estrelas brilhavam dum modo que não posso traduzir.

«Perante esta apoteose de vida deixei escapar, do mais profundo do meu ser, uma lânguida prece ao meu Senhor.

«Ele fez-me eterno...».

GRUPO ESPIRITA «PREITO A JESUS»

No dia 18 de Dezembro último, ante numerosa assistência, foram encerradas as aulas de Moral Cristã e do 1.º ano de actividades do Jardim da Infância do Grupo Espirita «Preito a Jesus», com sede no Rio de Janeiro.

A directora, D. Marcolina Alves, obreira incansável que muitos serviços tem prestado à causa espirita, fez a apresentação das crianças depois de o aluno Paulo Alberto, de 4 anos de idade, dizer com muito sentimento a prece inicial.

As crianças do Jardim da Infância fizeram declamações, representaram esquetes e números de música infantil e recreativa, sob a direcção da professora de canto, senhorita Suzete Alves, tudo com grande sucesso e alegria.

Houve prémios aos cinco classificados da aula de Moral Cristã e dois prémios ao Jardim da Infância: um à menina Rosa Cândida Jóia e outro ao menino Jorge P. Leite, ambos por aplicação e bom comportamento.

Fizeram uso da palavra o nosso confrade e amigo Elpídio de Araújo, que abraçámos por ocasião da nossa visita àquela colectividade, e a Sr.ª D. Olga Siqueira.

No final distribuiram-se brinquedos e bolos a todas as crianças.

O amigo António Ferraiuolo era o homenageado da tarde, mas, infelizmente, não compareceu, por se encontrar enfermo. Após o encerramento da festa uma caravana o visitou, levando-lhe o belo presente que as crianças lhe ofereceram.

Ao «Preito a Jesus» desejamos o maior progresso material e espiritual. Teremos oportunidade de falar dele, quando chegar a hora. Não se extinguiram ainda em nosso coração os ecos da imerecida homenagem que seus dirigentes nos prestaram e a árvore que lá plantámos nesse momento festivo...

A REENCARNAÇÃO CHAVE DA PAZ

The Theosophist, da Nova Zelândia, escreveu o seguinte: «A aceitação real da verdade da Reencarnação extinguiria completamente o problema n.º 1 do mundo: agressão e ódio racial. Dizemos aceitação real, porque muitas pessoas que a aceitam teòricamente ou acadèmicamente portam-se para com os outros como se nunca tivessem ouvido falar nisso.

«Aceitação significaria também harmonia de comportamento individual, de modo que se prescindisse de correcções kármicas desagradáveis em futuras reencarnações.

«Uma pequena reflexão mostrará que o karma nem sempre aguarda a vida seguinte, embora traga o necessário ajustamento nesta existência, como se nota nalguns países em que certos opressores têm sido surpreendidos pela sua própria obra».

É indubitável que esta crença reformaria a vida dos homens no sentido de maior elevação moral e espiritual. Infelizmente, temos de avançar pouco a pouco nos traços da linha evolucionista.

Noticiário

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

No dia 10 de Janeiro o sr. Carlos Radini realizou uma conferência no Centro E. Luz e Amor, acerca de Quirologia, seguida de experiências realizadas com numerosos assistentes, em que revelou o carácter, as tendências, as aptidões dos observados, bem como alguns factos que se deram em suas vidas. Entre os exemplos, citamos um, em que o quirólogo afirmou: «O sr. já fracturou uma perna»... Era absolutamente verdadeira a revelação.

António Cardoso, que apresentou o conferente, como director do Grupo Experimental «Ernesto Bozzano», classificou-o como um dos primeiros quirólogos portugueses.

A revista *Portugal Ilustrado*, de Lisboa, enviou aqui os seus noticiaristas, a fim de realizar um relato ilustrado.

★

No dia 18 realizou o nosso director uma conferência na *Fraternidade Esotérica*, Avenida Marquês de Tomar, 68, 2.º, D., subordinada ao tema: «Excelências do Espiritismo no Brasil», a convite da Directoria daquela prestante colectividade. Foi mais uma bela exposição que muito impressionou a selecta assistência que enchia o recinto, apesar da chuva ter impedido a deslocação de muitos que desejavam ouvir o conferente.

As exposições de Isidoro Duarte Santos têm despertado enorme e justificado interesse em todos os sectores espiritas. O seu grande amor ao Brasil e a sugestão que imprime às palavras são grandes factores de êxito no seu trabalho de propaganda.

★

No dia 22, realizou o mesmo confrade no Centro Espiritualista Luz e Amor a sua 4.ª Conferência intitulada «O que eu vi no Brasil».

Presidiu o nosso confrade Dr. Ramos Pereira, secretariado pelos professores José Francisco Cabrita e José de Oliveira Rebordão, D. Adelaide Ivone de Sousa e António Cardoso. Depois do presidente fazer uma interessante oração de sociologia espirita e se referir à obra do conferente e ao Espiritismo no Brasil, foi obrigado a retirar-se por motivos imperiosos, passando a a presidência ao confrade Cabrita.

O conferente, aproveitando o ensejo da estadia em Portugal do Dr. Juscelino de Oliveira, falou sobre o Espiritismo em Belo Horizonte, ocupando hora e meia na sua exposição, com plena alegria da assistência. Alargou-se em considerações acerca da *Casa Transitória*, daquela cidade, apresentando-a como instituição modelar. Por fim distribuiu uma série de magníficas fotografias de Belo Horizonte que lhe haviam sido oferecidas pelo Dr. Celso Cardão, professor catedrático na Capital mineira e que deixaram em todos a melhor impressão.

Das conferências do nosso Director se infere o profundo interesse que os confrades portuguesas sentem pelo Espiritismo na Terra do Cruzeiro.

COBRANÇA DO CENTRO

Encontrando-se o Centro sem cobrador, a Direcção vê-se obrigada a fazer a cobrança das quotas pelo correio, a fim de evitar prejuízos, rogando a todos o melhor acolhimento para os recibos.

Pedimos também aos que tenham quotas em atraso o favor de as pôr em dia o mais depressa possível.

CONGRESSO PARA O ESTUDO DA REENCARNAÇÃO

A Comissão Organizadora deste Congresso, estabelecida em Buenos Aires, pede-nos a publicação do seguinte comunicado:

Todas as pessoas ou instituições espiritualistas que desejem cooperar com o 2.º Congresso para o Estudo da Reencarnação a realizar de 1 a 4 de Novembro de 1956, mediante trabalhos filosóficos, literários, monografias, teses, artigos, etc., versando sobre a necessidade actual do conhecimento da Reencarnação, devem dirigir-se o mais cedo possível a Casilla de Correo, n.º 79 — Sucursal 16-B — Buenos Aires, a fim de tais estudos serem incluidos nos temários e sessões do Congresso.

PROGRAMAS DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE FEVEREIRO DE 1955

Grupo de Irradiação Mental

Todas as quintas-feiras, às 21,30, dirigido por Túlio Augusto Rosa.

Grupo de Caridade «Lia»

Todas as quartas-feiras, às 21,30, dirigido por António Pereira da Silva.

Dia 5, domingo, às 16 horas — Conferência de António Cardoso, intitulada «Do Mimetismo à Mitomania».

Dia 7, terça-feira, às 21,30 — Grupo Experimental «Ernesto Bozzano» dirigido por António Cardoso.

Dia 12, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 19, domingo, às 16 horas — 4.ª Conferência da série «O que eu vi no Brasil», por Isidoro Duarte Santos.

Dia 21, terça-feira, às 21,30 — Grupo Experimental «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 26, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 4 de Março, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

NOTA — As conferências são públicas, desde que os assistentes venham acompanhados de qualquer sócio. As sessões são privativas dos associados com as quotizações em dia. Para isso, devem munir-se da última quota paga.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Mês de Janeiro — Aldemiro Nunes Correia, de Faro, 100$00; João Rio Vieira, de Alcantarilha, 5$00; José António Ramos, de Vila do Conde, 10$00; Anónimo, de Lisboa, 60$00; I. S., de Lisboa, 20$00; A. L., V. L. e M. L., de Lisboa, 15$00; Diversos, 260$00. *Total* — 470$00.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

br.

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um ... 60$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataque feitos ao Espiritismo ..... 50$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte ..... 25$00
Enigmas da Psicometria ..... 28$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00 50$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte ..... 42$00
Metapsíquica Humana — encadernado ... 40$00
Pensamento e Vontade ..... 26$00
Xenoglossia ..... 32$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo ..... 40$00
Casas Mal-assombradas ..... 50$00
Narrações do Infinito ..... 30$00
Stella (romance astronómico) ..... 50$00
Urânia ..... 40$00

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 25$00
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz* 20$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel* ..... 45$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 30$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 35$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha* ..... 30$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo ..... 60$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel,* resposta a 461 perguntas — enc. 38$00 ... 26$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 35$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 28$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — enc. 38$00 28$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha,* um verdadeiro poema de ternura 18$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido ..... 60$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio* 24$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos) ..... 32$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00 ..... 36$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luís,* obra dedicada às pessoas cultas—enc. 55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00 ..... 36$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz* ..... 40$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado ..... 38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz* ..... 42$00
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 46$00
Pérolas do Além ..... 28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X* ..... 35$00
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00 ... 34$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* 40$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage* ..... 20$00
Voltei, do *Espírito de Jacob* ..... 25$00

OBRAS DIVERSAS

Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 42$00 ..... 30$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida* ..... 35$00
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra de Menezes* ..... 45$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga,* recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto* — enc. 42$00 ..... 30$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima* — enc. 54$00 ..... 40$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff* ..... 28$00
De Cá e de Lá, estudo comparativo do Espiritismo com várias religiões, pelo *Dr. Romeu Camargo* — encadernado ..... 35$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* enc. 42$00 ..... 30$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy* ..... 45$00
Em Torno do Mestre, por *Vinícius* ..... 40$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião* 60$00
Entre Dois Mundos, por *Antoinette Bourdin* 32$00
Espírito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal* — enc. 46$00 ..... 36$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim* ..... 25$00
Factos, por *António J. Trindade,* um livro impressionante de factos espiritas extraordinários, impresso em óptimo papel ..... 50$00
Granja (A) do Silêncio, por *A. Bodier* ... 30$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio* ..... 20$00
Levitação (A), por *Albert de Rochas* ..... 28$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos* —enc. 52$00	40$00
Mediunidade (A), pelo *coronel Edgar Armond* — Estudo substancial das várias mediunidades, muito útil a todos os médiuns	35$00
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	45$00
Mireta, por *Elias Sauvage*	35$00
Na Seara do Mestre, por *Vinicius* — Livro de evangelização destinado às tribunas, aos lares e às sessões, contendo verdades eternas	32$00
No Limiar do Etéreo, por *Artur Findley* — Estudo magnífico acerca dos fenómenos espiritas de «voz directa», com o célebre médium Sloan	30$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance*	42$00
Nos Umbrais do Além, de Sir *William Barrett* — enc. 47$00	35$00
Nova (A) Revelação, por *A. Connan Doyle* — As primeiras experiências espiritas do autor do «Sherlok-Holmes» e a sua conversão. Obra de grande alcance doutrinário	23$00
Outro (O) Lado da Vida, pelo *barão Carl du Prel*. Um livro de luz poderosa sobre a Morte e a vida no Além	28$00
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00	25$00
Profecias (As) de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*. Um estudo profundo devido à pena de um dos maiores génios da humanidade	60$00
Psiquismo (O) Experimental, por *Alfred Erny*	35$00
Reino de Jesus (O), por *Fernando da Cruz Ferreira*, o Evangelho romanceado	25$00
Reis, Príncipes e Imperadores, por *Almerindo Martins de Castro*. Casos históricos de psiquismo, entre eles, alguns passados com reis portugueses	30$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*. Obra nascida de um grupo de padres que estudaram o Espiritismo e se converteram, abandonando a Igreja Católica	50$00
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00	25$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	35$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente* — Livro muito útil aos directores de sessões espiritas	35$00
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	30$00
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo médium *G. Vale Owen* — enc. 42$00	30$00
Vida (A) de Jesus, por *António Lima*. Um livro que despertou controvérsia, no qual são expostas inúmeras hipóteses através de estudo adequado	30$00
Vítimas do Preconceito, por *Codro Pallissy*	30$00
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*	23$00
Voz (A) do Antigo Egipto, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo	28$00

ROMANCES DO CONDE DE ROCHESTER

(Recebidos pela médium russa Krijanowsky)

A Abadia dos Beneditinos — Romance forte em que a vida conventual se apresenta cheia de realismo, induzindo o leitor à meditação	45$00
Chanceler (O) de Ferro Romance histórico que relata a vida de José, no antigo Egipto, vida que o *Genesis* sintetizou nalguns capítulos	54$00
Herculanum — Romance passado na Roma dos Césares, com a descrição da catástrofe do Vesúvio, onde ficaram soterradas duas lindas cidades para um sonho de 18 séculos	38$00
Sinal da Vitória — Contém os factos ocorridos em Roma no começo do século IV com as perseguições aos cristãos até à época da conversão do imperador Constantino, através da visão da cruz	60$00
Vingança (A) do Judeu — Romance notabilíssimo onde se apresenta a sociedade antiga com preconceitos de raça, classe ou riqueza, à luz da fé revigorada pelo cristianismo	60$00

ROMANCES DE VÍTOR HUGO

Recebidos pela médium Zilda Gama

Almas Crucificadas — Uma história empolgante de almas em luta, no tempo das cruzadas e dos cavaleiros audazes	45$00
Do Calvário ao Infínito — Neste romance há sopros de eternidade e perfumes de esperança. Em expiações redentoras quatro almas ascendem à glória imortal	60$00
Dor Suprema — Fatalidade de nascimento, preconceitos de raça, ódios inatos, catástrofes políticas, tudo isto perpassa nesta obra maravilhosa	60$00
Na Sombra e na Luz — Novela verídica que relata a existência triste de um companheiro terreno do autor. Por vezes, Vítor Hugo é personagem. Emociona até às lágrimas — enc. 54$00	42$00
Redenção — Novela de amor passada no tempo dos castelãos medievais e profundamente instrutivo	40$00

Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

V I S A D O P E L A C O M I S S Ã O D E C E N S U R A

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

JOSÉ SIMÕES DE MATOS

(Ver pág 73)

CONTÉM: Unidade, da **Redacção**; Platão, a Verdade e a Psicologia, pelo **Eng. José S. Fernandes**; Lamentos de um Trânsfuga, por **Cyrilo Alleixo**; Portugal... Brasil..., por **Paulo Alberto**; Doutrina Espirita, por **José Simões de Matos**; Advertências Cristãs, por **Alfredo Miguel**; Psicologia da Vaidade, por **Zalmino Zimmermann**; Ecos de Uma Viagem - XV - Petrópolis, por **Isidoro Duarte Santos**; Crime Praticado por um Fantasma, por **James Crenshaw**; Notícias de Maceió; Curso de Evangelizadores; A «Evolução», de Carlos Imbassahy, por **Aleixo Vítor Magaldi**; Mediunidade no Lar, por **Emmanuel**; A Propósito de Discos Voadores; Crónica Mundial, por **Adelaide Ivone de Sousa**; Notas & Comentários; Noticiário.

17.º ANO MARÇO DE 1956 N.º 3

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Liège	*Achille Biquet*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*
Luanda	*Luís de Barros Castro*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Henrique Magalhães e Nelson Baptista de Azevedo*
S. Paulo	*António Pereira Correia e António Baptista Lino*
Campos	*Clóvis Tavares*
Curitiba	*João Ghignone*
Porto Alegre	*José Simões de Matos* e *Zalmino Zimmermann*
Rio Grande	*Armando O. Couto*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*
Ribeirão Preto	*Dr. José Pereira Bastos*
Belo Horizonte	*Martins Peralva*
Maceió	*Jaime Xavier da Silva*
Fortaleza	*José Borges dos Santos*
Franca	*Dr. Agnelo Morato*
Cruzeiro	*José Zácaro Neto*
Vitória	*Dr. Ayrton Machado*
Passo Fundo	*Ney Vaz da Silva*
Juiz de Fora	*Orville Derby Dutra*
Pelotas	*Dr. Djalma de Matos*
Bajé	*José Ferreira da Mota*
Aracajú	*José Elson Fontes*
Juiz de Fora	*João dos Santos Coragem*
Três Rios	*Acir Faria*
Rio Preto	*Lázaro Camargo Ehmke*
Paranaguá	*René Risental*
Florianópolis	*Osvaldo Melo*
João Pessoa	*José Borges de Sousa*

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ **Não se devolvem originais, sejam ou não publicados**

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), moeda equivalente a 70$00 — Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00 — Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro e da Casa do «Tio Juca», de Salvador, Bahia

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.
ALLAN KARDEC	
Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita	20$00
A Prece	12$00
Espiritismo	15$00
O Principiante Espirita	18$00
O que é o Espiritismo	18$00
O Livro dos Espíritos — enc. 45$00	32$00
O Livro dos Médiuns — enc. 45$00	32$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 45$00	32$00
O Céu e o Inferno — enc. 47$00	35$00
A Génese (nova edição) — enc. 47$00	35$00
Obras Póstumas — enc. 45$00	32$00
Vade-Mécum Kardequiano	16$00
LÉON DENIS	
Cristianismo e Espiritismo	50$00
O Além e a Sobrevivência do Ser	20$00
O Grande Enigma	30$00
Depois da Morte (nova edição)	50$00
O Porquê da Vida	28$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00	50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 60$00	48$00
El Problèma del Ser e del Destino	52$00
No Invisível (nova edição)	52$00
GABRIEL DELANNE	
O Espiritismo Perante a Ciência — enc. 64$00	52$00
A Evolução Anímica	48$00
O Fenómeno Espirita	45$00
A Alma é Imortal	52$00
A Reencarnação	52$00

(Continua na 3.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

17.º ANO — LISBOA, MARÇO DE 1956 — N.º 3

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 5 66 05

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. N. do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

UNIDADE

A liberdade de acção é elemento criador de energia e fonte de iniciativa individual. Sem ela não pode haver empresas duradouras. Sem ela, os movimentos são tentativas frustes. O impulso é cerceado e a ideia enegrecida. A vontade reduz-se-se a desejo informe, sem finalidade determinada.

Foi essa liberdade usada em todos os tempos pelos arautos do Espiritismo, os quais trabalharam, renovaram, apreciaram e criticaram o que estava a seu alcance. Houve desvios doutrinários, correntes separatistas, cultos deformantes que ameaçavam a pureza do ideal e obrigavam a equilíbrios difíceis de manter. Finalmente, a caravana passava e tudo se recompunha. Era a pedra no lago. Caía, produzia agitação ondulatória e a superfície voltava à quietude anterior.

Assim foi durante muitos e muitos anos. Sempre a Doutrina saíu ilesa de pugnas e seus defensores jamais recorreram a gestos ilícitos ou infamantes. A liberdade de acção consolidou e reconstituíu. O vago, o incoerente, o absurdo, caíu ante a crítica autorizada dos franco-atiradores da Causa e deu origem a verdades definidas.

O alicerce era seguro. Cimentado em material de boa têmpera, suportaria enorme peso e desafiaria o volume da maior estrutura. Mas é preciso uniformidade na massa, para que haja boa ligação. A ciência, a filosofia e as próprias religiões acompanham o progresso em marcha ascendente. E para sobreviver à luta geral impõe-se unidade e propriedade.

O Espiritismo é doutrina recente, — 100 anos pouco representam no concerto dos milénios — mas criou responsabilidades morais e espirituais que devem mantêr-se incorruptíveis. Os congressos nacionais e internacionais velam, aqui e ali, pela unidade, dentro da liberdade. É lógico que assim seja. Cada um falará ou escreverá sem coacções, mas em sentido construtivo, para que a obra aumente em formosura e valor. E onde houver lacunas, preencham-se imediatamente ou estude-se o meio de calafetar o barco, se esse for o motivo. A codificação kardeciana é património imperecível, já que se baseia nos ensinamentos do Além, sempre activo e vigilante. Mas a tarefa unificadora de jornalistas, oradores e escritores, principalmente em épocas melindrosas, deve estar na base da unidade requerida.

Não é o número de publicações que demonstra a vitalidade de uma causa. É a qualidade e o aprumo dos seus dirigentes. Deste modo é inútil dizer que a tarefa dos orientadores da nossa imprensa é difícil e de grandes consequências. Colocados em lugares de relevo, por mêrito próprio ou conveniência associativa, devem esforçar-se no sentido da unificação doutrinária, para tal utilizando a inteligência e outros meios a seu alcance.

Para servir com nobreza não basta cultura geral. Há requisitos que faltam a quem muito alardeia. Cada um no seu lugar, com saber e experiência feita, com idealização, realização e liberdade. Quem não tiver coragem para sofrer as agruras de um sacrifício oferecido em holocausto, é melhor ficar no comodismo dos imprestáveis.

A propaganda é trabalho de equipagem obediente à ordem e ao ritmo. Requere disciplina e resolução: Se não houver sentimento de unidade, as boas intenções não resultarão. Todo o esforço, toda a fadiga, toda a ciência serão gastos em pura perda.

Oxalá estas verdades sejam ouvidas pelos dirigentes responsáveis. E que se disponham a unir o que anda desunido em virtude de visão precária ou teimosia de obliterados. Ninguém diga «já é tarde para mudar de rumo». Nunca é tarde para emendar um erro ou melhorar o existente. Nunca é tarde para tentar o regresso à unidade.

PLATÃO, A VERDADE E A PSICOLOGIA

A A. P. P. E. E. tem o prazer de distribuir esta interessante colaboração do Engenheiro José S. Fernández, professor da Universidade de Buenos Aires e Eva Perón, que vem desenvolvendo um trabalho fecundo no campo da Parapsicologia. As suas investigações, tanto no Instituto a que preside, como fora dele, revestem verdadeiro valor científico e ideológico. Os livros, as monografias, os folhetos e inúmeros artigos em jornais e revistas nacionais e estrangeiras que tem publicado constituem prova indubitável de que é um dos homens de ciência argentinos que melhor conhece o problema parapsicológico. É, pois, um perito apaixonado e equânime que induz a amar Platão, mas ainda mais a Verdade. A A. P. P. E. E. M. espera desta prestigiosa pena colaborações semelhantes no sentido de difundir com entusiasmo crescente os princípios da nova ciência parapsicológica, pelo que lhe exprimimos a nossa sincera gratidão.

A Direcção da A. P. P. E. E. M.

*

A conhecida frase aristotélica «Gosto de Platão, mas gosto mais da Verdade» aplica-se para resumir a posição ideológica mais adequada ao estudo dos fenómenos parapsicológicos.

Pronunciada esta frase como acerto bíblico, o intuito é colocar em ridícula posição os que se atrevem a manter a seriedade da hipótese, segundo a qual há no homem um factor não-físico e espiritual, como consequência da serena contemplação do fenómeno de que se ocupa a Parapsicologia.

Como estamos convencidos de que os factos dão a essa hipótese um grau de veracidade equivalente à da existência dos electrões (que tantas aplicações práticas e teóricas justificam) e a da equivalência da massa e energia, fundada na equação de Einstein e cientificamente comprovada pelas transmutações atómicas e as explosões de origem nuclear, formularemos algumas considerações que nos sugere a frase mencionada e a ampla consideração do problema interpretativo em Parapsicologia.

O nosso amor à ciência obriga-nos a respeitar o grande Aristóteles, cuja Física e cuja Metapsíquica contribuiram para iluminar e dirigir a vereda científica, no sentido realista, dentro da imagem tridimensional e euclidiana do Universo sensível. Com ele, também cremos que o pensamento científico representa algo «divino» no humano, por levar a cogitações superiores às da vida orgânica e animal.

Mas não admitimos que constitua o único caminho do progresso cultural. Pelo contrário, a serena consideração do progresso evolutivo das ciências nos evidencia o facto de que a maioria dos descobrimentos, em vez de produzirem-se em consequência de raciocínios dedutivos ou de experimentação metódicamente repetida, se devem ao resultado da *intuição* de mentes avançadas e geniais que têm sabido dar o salto ideológico nos momentos oportunos.

Essa *intuição*, que Pitágoras tão justamente definira como «o ponto subtil da convergência da ascensão mental às ideias abstractas e o descenso da inspiração divina», aparece no fundo dos maiores descobrimentos, o mesmo que na fonte inspiradora da arte e na aparição dos mais valiosos sistemas religiosos e filosóficos.

Ao clássico exemplo da maçã de Newton que lhe intuiu a existência da gravitação universal, devemos juntar o mais moderno descobrimento da penicilina, nascida de uma casual extinção de culturas bacterianas que sugeriram a Fleming a ideia de utilizar o fungo do ar chamado «penicilum notatum», como base de nova forma de combater doenças infecciosas. E também o caso de Einstein com sua teoria geral da relatividade, cuja síntese ideológica se lhe apresentou em forma de imagem interna, quando, já cansado de buscar metòdicamente, decidiu abandonar a tarefa empreendida. E ao pensar neste secreto episódio referente ao grande físico recentemente desaparecido não podemos deixar de o cotejar com o que Platão afirma acerca destes processos que permitem a captação intuitiva de ideias geniais ou revelações.

«Isso não pode exprimir-se em palavras — disse. — Só depois de largo comércio com o objecto da Ciência, a que alguém se tenha consagrado por inteiro, é que a alma se revela, qual centelha de luz que continui a alimentar-se a si mesma» («Sétima Carta»).

Em nossa opinião, o verdadeiro espírito científico corresponde à busca da verdade com o maior critério e consciência de que a

Realidade do Universo de que fazemos parte não é, no momento, atingível.

Compreendemos a causa dessa Realidade, como base do nosso desejo metafísico e razão de ser da Ciência. Mas devemos contentar-nos com *imagens relativas* dessa Realidade, cada vez mais adequadas ao nosso progresso e capacidade de compreensão.

A lei da gravitação, de Newton, que permitiu descobrir por dedução matemática a existência do planeta Neptuno, já foi superada pelas concepções relativistas do Universo quadrimensional plenamente justificadas por demonstrações astronómicas notáveis e fenómenos de ordem atómica e nuclear. Contudo, as leis da mecânica newtoniana, como casos particulares da mecânica relativista, são sempre aplicáveis em campo de acção corrente e de esclarecimento comum para a maior parte dos homens actuais.

Para o analfabeto nada diz uma página impressa. Para o leigo em matemática ou em música nada significam fórmulas ou signos

Pelo Engenheiro José S. Fernandes

(Presidente do Instituto Argentino de Parapsicologia)

de pentagrama. E o mesmo para os mais profundos pensamentos, a mais emotiva poesia, a mais importante fórmula matemática ou a mais grandiosa sinfonia...

Os fenómenos parapsicológicos costumam apresentar-se a quase todos os homens de ciência, como os escritos, as fórmulas e as páginas musicais do nosso exemplo.

Parecem demonstrar, *prima facie,* que a mente é algo distinta do mecanismo corporal do homem. Mas, pràticamente e oficialmente, a Ciência actual *considera-a como Realidade cérebro-cêntrica da mente,* chegando ao extremo de fazer psicologia sem «psique».

Por isso, muitos deles julgam que os fenómenos parapsicológicos são falsos e perigosos, que se devem repelir, como frases loucas escritas no quadro de uma aula.

E se o seu «eu» lhes parece algo real procedem na vida com consciência de que assim é e até muitas vezes são religiosos e cumprem seus deveres para com Deus para salvar as suas almas, não esquecendo que, cientificamente, tais coisas se consideram ilusórias.

Estão de acordo com aqueles que, em Parapsicologia, se prezam de distinguir entre o amor de Platão e o amor da Verdade.

Mas nós entendemos que Aristóteles, com o seu acerto, não pretendeu afirmar que a filosofia de Platão carecia de verdade, a caminho dessa ciência metódica, experimentalista e limitada aos aspectos materiais das coisas que eles praticam.

Cremos que a ciência, para desempenhar bem a sua função, deve agir com amplitude ideológica para interpretar os novos factos que o homem descobre nessa Realidade sempre presente, do mesmo modo que a criança que aprende a ler encontra dia-a-dia nos livros novos horizontes mentais e grandezas da criação, segundo o ritmo da sua capacidade de compreender pensamentos mais abstractos e elevados.

Por isso é que em Parapsicologia, nova ciência de profundo sentido filosófico, a posição correcta e adequada ao estado actual das investigações não é manter-se ideològicamente nas hipóteses cérebro-cêntricas e mecanicistas-materialistas da vida mental. Também não é admissível a atitude ambígua dos que pretendem conduzir as investigações neste campo, mantendo-se em permanente experimentação dubitativa, hesitando em legitimar definitivamente os fenómenos verídicos que encontram e limitando-se a enunciar tìmidamente hipóteses nominativas concernentes a supostas faculdades subconscientes ou inconscientes.

Eles são os que, em nosso campo, imitam aqueles que dizem *sim* ou *não* para não se comprometerem, ou pronunciam um *nem* intranscendente e ambíguo, acerca do valor real da mente e do fenómeno correlativo. Esta posição, muito em voga nos metapsiquistas de há 40 anos, já não se harmoniza com o progresso registado no campo da Parapsicologia. Cremos que os que a adoptam, julgando ser a mais adequada à difusão dos conhecimentos parapsicológicos, tendem, na realidade, à esterilização desta nova disciplina científico-filosófica, impedindo que suas consequências invadam o campo da sociologia e do humanismo e contribuam para neutralizar os perigos da Era Atómica, com seus descobrimentos cegamente conduzidos por

quem ignora ou avalia os valores espirituais do homem (1).

Por isso é que orientamos os que se iniciam no Instituto Argentino de Parapsicologia, tomando como hipótese de trabalho as conclusões que o Dr. J. B. Rhine (a quem se deve a oficialização da Parapsicologia nas universidades dos Estados Unidos) estabelece nos seus últimos livros e publicações (1) referentes à existência no homem de um factor não físico, ou espiritual, e as interessantes consequências concordantes deduzidas da interpretação inteligente dos fenómenos de E. S. P. e P. K. *(bilocação, desdobramento e viagens astrais)*.

Por isso, é que o filósofo Gebser chega à necessidade de orientação espiritual, ao sintetizar as opiniões vertidas por conspícuos representantes das ciências, da filosofia e da arte, reunidos em «Conferência Internacional» convocada pelo Instituto de Altos Estudos Económicos de Sankt Gallen (Suíça), no qual se considerou «o nascimento de uma Nova Era» da cultura humana, de harmonia com a evolução das ciências, desenvolvida num universo quadrimensional em que o determinismo causal deve ser substituído por conceitos probabilísticos.

É a Nova Era que nasce e que substituirá a lei do «homem mental» nascida na Grécia alguns séculos antes de Cristo, que Gebser denomina de Era Aperspectiva ou quadrimensional, por escapar às representações sensoriais do universo tridimensional e do determinismo rígido, que não pode ser, de modo algum, anti-religioso.

Gebser diz, e muito bem: «a Nova Era trará certamente um ressurgimento religioso, no sentido profundamente cristão». Por isso terminou a sua exposição histórica, repetindo as palavras de Paulo Valery: «Ou o espírito prevalece, ou o homem está perdido».

A opinião deste eminente filósofo, sócio activo da Conferência Internacional de Estudos Parapsicológicos, reunida na Universidade de Utrecht, em 1953, e activo dirigente do *Simposio* filosófico de Le Piol (França), reunido em 1954, sob os aspícios da *Parapsychology Fundation* e do voto da Conferência de Utrecht, não se pode, honestamente, receber com reticências em nosso campo de estudos.

Tudo justifica hoje a crise do materialismo até no campo da Física, implicando a necessidade de dar à mente um sentido e valor real, edificando sobre esta base as novas concepções do Universo. Em tese enviada ao Primeiro Congresso Argentino de Parapsicologia, reunido na Universidade Nacional de Tucumán, em 1954, sustentámos a necessidade de voltar à Psicologia com Psique.

A Parapsicologia, com seus fenómenos, exige cada vez mais o retorno ao sentido espiritual da vida, não como ficção, mas como elemento da Realidade que não pode ser ignorado cientificamente.

E embora isso equivalha a encontrar uma verdade mantida pela doutrina espírita e pelo moderno espiritualista, como base de suas especulações morais e religioso-fisolóficas, nem por isso sentimos a cobardia de o proclamar. Isso seria pretender ignorar as transmutações atómicas, só porque os alquimistas mantiveram a sua realidade, agora confirmada. E tal procedimento não seria cumprir os eternos princípios científicos.

Amamos tanto a Verdade, que a temos buscado em Platão e não fomos defraudados. Por isso também pudemos compreender a grandeza de valores espirituais amiúde subestimados pelos cientistas que integram a nossa Realidade. É por isso que, em nossa opinião, uma sinfonia de Beethoven ou uma cerimónia religiosa emotiva pertencem tanto à Realidade, como qualquer filosofia ou teoria científica.

Assim também, quem não compreende a verdade desta assertiva, mau grado pretensões de sabedoria ou posições de relevo, carece de atitude mental necessária para captar aspectos subtis da Realidade.

---

(1) O testamento político de Einstein, dado a conhecer por Bertrand Russell, diz que a guerra atómica faria desaparecer a Humanidade.

(1) Na última assembleia do Instituto Argentino de Parapsicologia foram rejeitadas por um voto (em votação realizada, antes de estarem presentes todos os associados, umas «Orientações Interpretativas» propostas pelo Conselho Directivo que implicavam a adopção desta hipótese de trabalho e as consequências de Rhine, como luz no caminho da pesquisa, através da «terra incógnita» do parapsicológico, tão necessária neste confuso sector de investigações.

Dar a quem vai manipular substâncias num laboratório de química, baseado em teorias e leis referentes à existência dos átomos e moléculas e suas reacções e combinações, não é fazer dogma, mas fornecer-lhe uma arma para evitar os perigos que pode correr.

O mesmo fim tinham aquelas «orientações», mal compreendidas por quem pretendeu atribuir-lhes carácter dogmático, quando o eram apenas na medida em que o é um postulado geométrico, das moléculas ou dos electrões, necessários para investigar e trabalhar cientificamente, sem esboços desorientadores permanentes que tudo esterilizam. E isso, sem se fechar em dogmas, mas com a consciência de que amontoar factos é fazer ciência.

(Tradução de I. D. S.)

LAMENTOS DE UM TRÂNSFUGA

Por CYRILO ALLEIXO

Deus de misericórdia e de amor infinito, foco eterno de luz para onde convergem nossas almas, pai amantíssimo, sempre pronto a perdoar-nos os pecados, digna-te aceitar meu arrependimento sincero, meu remorso escaldante que me atormenta a alma conturbada, neblinando-me os olhos de pranto e obrigando-me genuflexo a pronunciar o mea culpa, mea grande culpa.

Ó Pai clemente, piedoso e justo, digna-te ouvir os lamentos deste trânsfuga impenitente, que à vereda luminosa, preferiu carreiros esconsos, perambulando à beira de precipícios, onde, para sua desdita, se precipitou.

Meu Deus, é tão grande a mágoa e tão sincero o arrependimento pelo abandono de vosso sacrossanto roteiro, que, compungidamente, se entrega à vossa soberana justiça aquele que, podendo alar-se às alturas, se chumbou a gélidos baixios.

Ó Pai celeste, de infinita doçura, como me sinto cada vez mais distante de ti, subjugado pelas forças negativas que nos arrebatam para o sorvedouro das trevas espirituais, onde a dor é alimento permanente dos farrapos informes, infractores de Teu regulamento divino. Como são horrendos tais antros, onde feras repelentes ululam sem cessar, buscando esfaimadas a presa apetecida que ousa penetrar em seus domínios satânicos, abandonada à sua triste sorte, mercê de criminosa invigilância. Como foi possível, Deus meu, impor a mim próprio tal condição, se a Tua magnanimidade me concedeu o livre arbítrio, que criminosamente, converti em fatalismo?

Que loucura foi essa de me entregar a velhos desequilíbrios, uma vez que era livre na escolha do caminho a percorrer?

Porque forjei eu pesadas grilhetas, se tinha à minha mão asas diáfanas para me aproximar de ti?

Oh! Eu coro de vergonha ao pensar nas minhas quedas, nos agravos à dívida imensa contraída no passado e reconheço que faltas tão graves não podem ter perdão.

Contudo, sei que perdoas sempre, tu que és a misericórdia infinita e não queres se transvie um só de Teus filhos. Tua paciência é ilimitada e através de milénios esperas confiante o regresso do filho pródigo, por saberes que só encontraremos trevas, onde Tua luz não resplandecer.

Abençoado Teu magnificente código, Legislador supremo, que nos leva com segurança às Glórias eternas, indicando-nos infalìvelmente a trajectória adequada para alcançarmos alvo tão fascinante.

Bendito seja o sofrimento, esse aguilhão indispensável que nos impele para a frente, sem o qual estacionaríamos indefinidamente em estados inferiores, jungidos a prazeres a ilusórios, que cansam e saturam, alargando o vácuo em nossas almas.

Que seria de nós se não fosses piedoso e não houvesses criado a dor para nos purificarmos? Uma vez caídos no abismo, jamais teríamos possibilidade de lá sair e a desdita seria nosso bordão eterno.

Mas tu, que és bom e justo, fadando-nos para destinos gloriosos, deste-nos todas as possibilidades para podermos cumprir teus santos desígnios.

Dor abençoada, tu não és maldição, mas sim cireneu amigo, guiando-nos através das asperezas da jornada, cujo fim é alçar-nos a planos superiores, onde nos espera uma ventura superlativa, que nossas almas enquanto infantes jamais poderão vislumbrar.

Por isso, não amaldiçôo essa mão amiga que procura retirar-me do resvaladouro, onde, por minha culpa, me encontro, mas, pelo contrário, a bendigo, erguendo a Deus sentida prece de agradecimento, por me ser dado retomar a vereda desprezada, graças ao amoroso concurso de tão dedicada servidora.

Caí vezes sem conta por obra de minha fraqueza, deplorando agora o tempo perdido em leviandades que narcotisam e obliteram as percepções psíquicas.

Olhando para trás, para a órbita percorrida, sinto calafrios de raiva e de maldição e atónito reconheço a inanidade de minha obra, sementeira sinistra, cujos frutos me hão-de saber ao fel de meus pecados.

Inúmeras foram as oportunidades para avançar na trilha do progresso, mas criminosa inércia me colou à lei do menor esforço,

fascinado pela vã aparência das coisas transitórias.

O que eu não poderia ter feito enquanto fui prisioneiro da gravidade!

A vitória que teria alcançado se me tivesse subtraído à sonolência da carne, a essa modorra que alquebranta e me tivesse consagrado às tarefas reabilitantes, cuja colheita nos enche no porvir, de júbilos divinos!

A vida planetária é tão contingente, tão recheada de ilusões, que poucas pessoas se encontram alertadas para vencerem com êxito as tentações e sàirem triunfantes das lutas titânicas, travadas entre as forças divinas e a animalidade remanescente.

Dura crosta de artificialismo, formada por facilidades perturbantes e seduções efémeras, ocultando-nos o veneno letal nela contido, nos instiga a colhermos uma a uma as flores da ilusão, contidas nessa miragem.

As solicitações do mundo exterior são tão fortes, revestem-se de tão falaz aparência, que em nossa relativa fragilidade acabamos por ceder fàcilmente, afastando-nos assim da finalidade evolutiva imposta a todos os seres.

Embalado pelo canto da sereia, o homem acaba, geralmente, por cair nos braços do comodismo, deambulando por entre os mil caprichos mundanos, qual autómato, manobrado pelos invisíveis cordelinhos das forças deprimentes, preparando assim o vazio da alma, que mais tarde carpirá, exangue, a criminosa indiferença ante nossas responsabilidades cósmicas.

Vidas sucessivas se escoam muitas vezes nesta funesta sonolência, preterindo-se assim o ingresso em âmbitos mais elevados, até que, desiludidos e cansados, encontramos finalmente nossa Estrada de Damasco, ponto de partida para uma reforma salutar, sob o patrocínio das verdades eternas.

É tão amargo o balanço feito no Além pelos que malbarataram a sua peregrinação terrena, que os prazeres fictícios nos avultam como génios malditos, causando-nos assombro não termos tido coragem para resistir-lhes, quando para tal não nos faltavam forças nem auxílio.

Ó meus irmãos na carne, parai na corrida louca para a perdição, nessa demência de toda a hora, fermento diabólico de venenos futuros e atentai por um momento nas ponderações deste infeliz, vindo há pouco das experiências por que estais passando.

Meu propósito não é intimidar-vos, nem tirar-vos a coragem para a luta, mas apontar-vos os perigos circundantes, a fim de prudentemente vos orientardes.

É sempre oportuna a reviravolta salvadora, não importando o tempo que vos resta no uniforme da carne.

A baixada ao planeta representa dádiva celeste, abençoada oportunidade de aprendizado e nunca acontecimento fortuito, sem qualquer projecção para o futuro.

Emergido da animalidade para condições superiores, o homem ressente-se ainda fortemente do atavismo ancestral e daí a dificuldade em resistir aos impulsos inferiores, para aquisição das qualidades que hão-de promovê-lo a cidadão celeste.

Contudo, não devemos esquecer que dentro de nós dormita o embrião divino, contendo em potência todas as virtudes e que não nos encontramos desamparados nesse complexo labirinto de tentações.

Entidades celestes velam por nós e nos estendem braços fraternos para amoroso auxílio, sempre que nossas atitudes mentais as não repilam.

Esses abnegados obreiros do Bem, nada poderão fazer, de facto, se nos comprazemos no vício e na ignorância, porque a sua missão não é levarem-nos ao colo pela senda divina, mas auxiliarem-nos na caminhada, que deve ser feita pelo nosso próprio pé.

A iniciativa deve partir de nós próprios, porque lá diz o conceito: «ajuda-te que o céu te ajudará».

Não cruzeis os braços à espera de um milagre exterior, pois só em vosso âmago reside o FIAT LUX da libertação, com o recurso às latentes forças do bem, neutralisante enérgico das tendências maldosas.

Irmãos: Fazei por não chegardes misérrimos a estas plagas que a todos aguarda, amealhando as boas obras, pois oportunidades vos não faltam nessa imensa arena de lutas, onde se aprimoram valores e se agravam sofrimentos.

Concedeu-nos Deus o livre arbítrio que, se a nossa irreflexão converte muitas vezes em experiências amargas, pode também libertar a atmosfera psíquica dos fermentos deletérios, restituindo-nos o equilíbrio necessário ao progresso anímico.

Não procureis fugir às verdades divinas, atordoando-vos no batuque da vida material, porque, ao dar-se o balanço final das faltas, é terrìvelmente desolador verificarmos haver saldo positivo.

Que Deus tenha piedade de vós e vos ajude a equilibrar-vos no plano inclinado da

PORTUGAL... BRASIL...

Por Paulo Alberto

Com uma fita de seda
Muito branca, angelical,
Eu quero prender, juntinhos,
O Brasil e Portugal.

Sou louco por minha pátria.
O meu Brasil! Que grandeza!
Mas como que tenho uma alma
Cem por cento portuguesa...

Pergunto, sem intenção
De a algum país ser hostil:
Onde nasceu a Poesia?
Em Portugal? No Brasil?...

Tenho razões para crer,
Coimbra, bela cidade,
Que outrora vesti a capa
Da tua Universidade!

Portugal! Como eu te quero!
Se penso em ti, Portugal,
Doce vibração me agita
O ser espiritual!

Ó Portugal, a minh'alma
Acha-se a ti muito presa
E eu te imagino tão cheio
De poesia e beleza!

Que prazer eu sentiria,
Que gozo espiritual,
Se por ventura me visse
No formoso Portugal!

Portugal. Trigais maduros...
Que formosas raparigas!
A cantar belas canções,
Colhem as loiras espigas!

Experimenta minh'alma
Uma doce embriaguez
Se ouço a música dolente
De algum fado português...

Escritores portugueses!
Ficai sabendo que, quanto
Mais envelheço, mais acho
Vossos livros um encanto!

Quem me quiser bem, me mande
Uma revista, um postal,
Qualquer coisa que me fale
Do encanto de Portugal.

Muito me seduz, me encanta
Um livro ou mesmo um jornal
Que eu veja ter sido impresso
Em terras de Portugal!

Isidoro Duarte Santos
É, no belo Portugal,
Um dos grandes semeadores
Do campo espiritual.

Se escuto ou leio a palavra
Aldeia, o *meu pensamento*
Transporta-me a Portugal
Em doce embevecimento!...

(Do livro inédito «Palmas e Flores»)

vida, onde o mais ligeiro descuido pode originar quedas dolorosas, mantendo bem vivo o desejo de vos libertardes das sombrias neblinas inferiores.

Não esqueçais também de que viveis presentemente os tempos de transição, impondo-se por isso, mais do que nunca, a urgência na reparação, a fim de não serdes relegado para aquele planeta longínquo, pátria futura de todos os rebeldes que não quiseram trabalhar em prol da era luminosa que se avizinha.

Por mim, rogo ao Pai compassivo e amoroso a bendita oportunidade de retorno aos fluidos carnais, para me ser dado também aplicar na prática os conselhos que aí ficam, a fim de poder comparecer um dia ao festim das delícias celestiais.

DOUTRINA ESPIRITA

TESE APROVADA UNANIMEMENTE, COM LOUVOR, PELO 2.º CONGRESSO ESPIRITA DO RIO GRANDE DO SUL

Por José Simões de Matos (Representante em Porto Alegre)

A doutrina espirita não decorre de uma filosofia dos homens nem a sua marcha está sujeita à vontade deles.

É a doutrina do Espírito da Verdade, o Consolador prometido por Jesus, através da Terceira Revelação, que é a mediunidade em suas várias modalidades. Allan Kardec foi o codificador das mensagens que deram causa à nossa doutrina. Mas esta é dos espíritos, que por toda a parte a propagam e praticam, através dos médiuns.

Jamais alguém poderá dissolvê-la ou obstar à sua marcha, porque ela tem a sua base no mundo dos espíritos, que agem orientados por uma lei espiritual que supera a vontade e o entendimento dos homens.

Só a ignorância dos homens e dos espíritos menos esclarecidos poderá opor-se à sua manifestação e ao seu progresso em seus múltiplos aspectos, materiais e morais.

Os que já conseguiram despertar para a verdade por seu maior esclarecimento e aperfeiçoamento moral, sabem que esta doutrina é o puro cristianismo pregado e exemplificado pelo Mestre, no seu Evangelho, que é o nosso roteiro.

A doutrina espirita é distinta de todas as outras, pelos princípios que a norteiam e iluminam. Se pela mediunidade algumas se lhe assemelham, nem por isso são a mesma coisa. O Cristianismo é o fundamento de várias religiões. Entretanto, todas são bem distintas umas das outras; quanto mais a doutrina Espirita, pelas normas de que se serve para alcançar o seu objectivo espiritual, que é libertação do homem de todos os preconceitos, das superstições e do medo que o impede de ter fé em Deus e confiança em si mesmo.

Na doutrina espirita não há cultos externos nem milagres.

O homem iniciado na doutrina espirita, não se lastima, não é maldizente, não desanima na dificuldade. Sabe ser paciente com os que o não podem ainda entender. Sabe ser perseverante na luta contra as provas que se apresentam no seu caminho. Não se envaidece com o aplauso dos homens, mas alegra-se com o agrado de sua consciência, de onde lhe vem o seu bem-estar espiritual.

Anulou todos os inimigos externos, porque reconheceu que só os seus defeitos o poderão enganar e prejudicar. É um ser confiante e caminha na vida com certa firmeza, porque sabe que leva em si mesmo a vida eterna.

Não são iniciados na doutrina espirita, embora se julguem:

— Quantos, dizendo-se médiuns, exploram a doutrina.

— Quantos, com promessa de curar, recebem coisas em troca.

— Quantos atribuem a enfermidade de seus consulentes à maldade de segundos e terceiros, por trabalhos malignos que possam ter feito, criando para a vida de tais pacientes um verdadeiro inferno, na qual consideram o espírito das trevas mais poderoso do que Deus, promovendo na vida de tais necessitados uma verdadeira dependência material e moral.

— Finalmente, quantos, dizendo-se espiritas, praticam doutrina de outras correntes espirituais, que só podem trazer perturbação aos novos adeptos do Espiritismo.

Com estas minhas negações e afirmações, não desejo, nem quero, absolutamente, menosprezar qualquer outra doutrina espiritualista, com ou sem mediunismo.

Pois tudo que existe tem sua razão de ser no meio em que opera, e cumpre sua missão, bem ou mal. O que é preciso é não confundir a doutrina espirita com práticas e normas que, tanto na forma como no fundo, não têm relação com a nossa doutrina, codificada por Allan Kardec, à luz da Terceira Revelação, que é o Espiritismo.

A doutrina espirita tem a sua base nas obras fundamentais. E o adepto que nela desejar ingressar, não poderá deixar de as estudar para poder compreender e julgar o que sejam as causas de determinados fenómenos que se dão na vida dos seres e das coisas. Não há milagres, repito. Tudo está regido por leis de causa e efeito, demonstrando a sabedoria e o amor do Pai, na terra e no espaço.

O Deus de nossa doutrina é um Pai tão justo, quanto misericordioso. Não castiga como muitos julgam. Pelo contrário, ama-nos sempre. Porque o espirita sabe que, por seu livre arbítrio, segundo as suas obras, ele se liberta ou escraviza; ele se premeia ou castiga.

As leis de Deus são imutáveis e não se dobram às nossas rezas ou lamentações. A prece serve para nos fazer vibrar de um modo superior e, dessa maneira, nos pôr em condições de superar a dificuldade. Quer dizer: aumentando as nossas forças morais, a nossa Cruz, ainda que nos pareça pesada, torna-se mais leve. Esse acréscimo de força moral é consequência de nosso arrependimento, aliado ao propósito de nos melhorarmos para merecer o auxílio de que necessitamos.

O Deus de nossa doutrina é todo luz, sabedoria e amor, que nos envolve e como que fala em toda a parte, através da natureza.

A sua revelação se apresenta para o iniciado espirita, de três modos distintos:

1.º — Através do Evangelho, que é uma mensagem do seu amor, pelos ensinos e exemplos de seu enviado que foi Jesus Cristo.

2.º — Através da natureza, pelo que ela nos demonstra de sabedoria e amor de nosso Pai, em suas várias modalidades. Nela se contém o Evangelho com toda a sua divina revelação. Pela ordem, pela beleza, pela vida e pelo amor que ela nos apresenta. Quer a observemos através da vida de um de seus humildes insectos ou através de uma flor, tudo nos revela Deus, em sua magnificência.

3.º — Através da consciência do homem, ele se nos demonstra, pelo poder que ela tem de nos julgar, silenciosamente; de nos proteger e guiar em todas as circunstâncias da vida, sem prejuízo de nosso livre arbítrio.

Como um escafandro que desce ao fundo do mar e se alimenta do

oxigénio que lhe vem da terra, para equilíbrio da vida de seu corpo, assim o homem, espírito encarnado, para ter vida equilibrada na terra, precisa receber o oxigénio do mundo espiritual a que pertence, para vencer nas provas desta vida. A consciência é uma síntese dos nossos cinco sentidos e constitui a base de nosso ser, tanto na ordem material como espiritual. A consciência é uma centelha da divina luz através da qual age, esclarecendo-nos e orientando-nos, pelo amor de nosso Mestre e de nossos guias espirituais, sempre presentes, no tempo e no espaço. Poderemos não os ver, nem deles ter consciência, mas a sua presença mercê de Deus, se faz sentir em nossa vida. Assim como o ar que respiramos constitui o principal factor da vida de nosso corpo, também o fluido que Deus nos oferece, através de seus mensageiros, é o principal factor de nosso equilíbrio e progresso. Porque uma causa é consequência da outra. Deus, em nós, é sempre o bem, positivamente, clamando em nossa vida, que é de Compreensão e Fé, Paz e Amor.

A DOUTRINA ATRAVÉS DA LEI DA REENCARNAÇÃO

No Congresso Espirita e Espiritualista Internacional, realizado em Paris em 1900, presidido pelo nosso ilustre confrade, Sr. Léon Denis, já desencarnado, em uma de suas memoráveis sessões disse o orador, Sr. Ladurant: «Desde o momento que se admita a existência de Deus, não se pode conceber se negue a reencarnação. Ela é uma demonstração das imutáveis leis de sabedoria e amor de Deus. O preceito reencarnacionista está nas sagradas escrituras. Quem se interessar por sabê-lo, o encontra em várias passagens, tanto do Velho como do Novo Testamento».

Para ilustrar, vejamos algumas citações:

Em uma das passagens do Novo Testamento, os discípulos perguntaram a Jesus: «Dizem os escribas que importa vir Elias primeiro?». E o Mestre respondeu: «Elias certamente há-de vir e restabelecerá todas as coisas. Digo, porém, que Elias já veio e eles não o conheceram; antes fizeram dele quanto quiseram».

Assim também o Filho do Homem há-de padecer nas suas mãos. Então compreenderam os discípulos que de João Baptista é que Ele lhes falara.

João Baptista era o Elias a que se refere o Velho Testamento. E por que motivo fora João Baptista degolado, se não procedera mal neste mundo? Se, como disse Jesus: «Dos filhos nascidos de mulher nenhum foi maior que João», onde a Justiça Divina? Vejamos melhor o facto através das Escrituras.

Se, como nos afirma Jesus, João Baptista era também Elias, vamos tomar conhecimento de seu proceder. No livro dos Reis, 3.º volume, cap. 18, encontra-se esta passagem de Elias: «Eu sou o único que fiquei dos profetas do Senhor». Por causa dos milagres que praticava, foi desafiado certa vez pelos profetas da tribo de Baal, para que se verificasse, dos dois, qual seria o verdadeiro como instrumento do poder de Deus.

JOSÉ SIMÕES DE MATOS

Propôs Elias invocassem eles os seus deuses para o caso. Quanto a ele, invocaria apenas o seu. O Deus que viesse tinha que fazer poderoso fogo para a prova combinada. Todo o povo presente achou boa a prova e fecharam o compromisso. Os profetas da tribo de Baal, que eram em grande número, fizeram primeiro a sua prova e nada conseguiram. Elias fez a sua com pleno êxito. Diante de tal facto, o povo proclamou verdadeiro profeta a Elias e todos os demais, em contrário, foram considerados falsos. Elias, vitorioso, sentiu-se poderoso. E, orgulhoso de seu poder, ordenou à massa popular que conduzisse aqueles pobres sacerdotes ao Rio Gison onde o povo os levou, sem excepção, e Elias os degolou, jogando-os nas correntes impetuosas do referido rio.

Conta-nos o versículo daquele livro dos Reis, que faz parte do Velho Testamento, que Elias depois foi arrebatado em um carro de fogo, simbolizando o seu imenso e doloroso remorso.

Cerca de 900 anos após este acontecimento, certamente já depurado, mas tendo que expiar ainda seu horrível crime, volta o profeta, individualizando-se em João Baptista, enviado para aparelhar o Caminho do Mestre, conforme testemunha Mateus, no Novo Testamento, no Cap. XI, versículo 10 sem dúvida alguma, como vivo exemplo da reencarnação de Elias. Cumpriu-se a lei de causa e efeito, pregada pelo Mestre, quando se dirigiu ao discípulo: «Embainha a tua espada, Pedro. Quem com ferro fere com ferro será ferido».

Muitos factos vos poderia ainda citar das escrituras em abono da lei da reencarnação, pregada e demonstrada pelo Cristo em muitos de seus ensinos. Mas não é necessário para que acrediteis. Mais do que isso, muitos que me lêem já têm convicção. Porque em nossos tempos, não há mais necessidade de consultar as escrituras para que as possamos crer.

Os factos que a atestam estão vivos, por toda a parte, demonstrando à evidência esta verdade.

A nossa doutrina os explica tão naturalmente, que onde quer que se possam dar, todos os aceitam, porque eles trazem, em si mesmo, a luz da vida eterna para nos esclarecer e demonstrar que a vida continua eternamente. Que a morte do corpo é o começo de uma nova vida. Adormece-se na terra para despertar na vida espiritual.

Allan Kardec, esclarecendo este ponto, nos diz: «Nascer, morrer, renascer, progredir sempre, tal é a lei». Para quantos se desejarem esclarecer sobre estes assuntos, leiam as Obras Espiritas que de tudo nos esclarecem sobre qualquer problema

da vida em seus múltiplos aspectos, tanto do corpo como da alma; da vida material como espiritual, em uma linguagem simples e ao alcance de todos.

DO MEDIUNISMO

Por toda a parte há como que uma tentação pelos trabalhos mediúnicos em suas várias modalidades. A humanidade menos evolvida espiritualmente, procura, em primeiro lugar, o lado emocional da vida, na sua expressão mais forte e perigosa, na ânsia de melhor poder sentir e viver a vida na parte que ainda desconhece. Daí decorre a sua preferência pelas novelas e obras trágicas, tanto na rádio, como no cinema; pelas músicas do Jazz e outras relativas.

Parece que vêm de algum passado de mil proibições, no qual muito reprezaram suas tendências e agora têm pressa de viver toda essa vida que ainda não sentiram suficientemente para se saturarem de todas essas aventurosas ilusões que precedem as existências de sofrimento conducentes ao esclarecimento e à paz do coração.

Não olham para as consequências de seus actos conscientes ou inconscientes; querem sentir novas emoções. Por esta razão entregam-se, sem qualquer reflexão ou exame para as circunstâncias, nas quais serão conduzidos como folhas secas ao correr do vento; como coisa na correnteza das águas. Gostam de ser instrumentos em poder do desconhecido. Apraz-lhes a vida inconsciente na miragem de tudo poderem fazer, dizer e sentir, sem nenhuma ou maior responsabilidade.

Não desejam informar-se do porquê da mediunidade para melhor poder aproveitá-la. Julgam, porque são médiuns, está tudo feito; tudo sabido e realizado. Não se dão contal de que a mediunidade é apenas ferramenta para o operário trabalhar e progredir, se bem a souber utilizar.

Esquecem-se, de que a mediunidade tanto poderá ser objecto de progresso espiritual como de degradação moral. Ela é como lâmina de dois gumes, tanto corta para um lado como para o outro.

Devido a este estado de atraso da humanidade, a maioria dos médiuns, antes de procurar o seu desenvolvimento pela compreensão, procurando conhecer-se a si mesmos para melhor poderem orientar-se e cumprir sua missão, atiram-se logo para a prática, como quem tem desejos de banhar-se, sem medir os perigos e mesmo sem saber ainda nadar, atiram-se logo na água funda, na miragem de que os espíritos tudo hão-de fazer por eles, milagrosamente.

Não, meus amigos. No Espiritismo não há milagres. Tudo está regido por leis que é preciso estudar para bem nos orientarmos e sermos felizes.

Os fenómenos externos conduzem-nos à admiração. Mas, ninguém se admira daquilo que já conhece. É sempre daquilo que ignora. Por essa razão, precisamos estudar. No Evangelho temos o nosso roteiro. Ele nos ensina como entender a vida e a dor. E como proceder para vencer nossas dificuldades.

Mas, lê-lo ou decorá-lo sòmente, não resolve os problemas da nossa vida. Precisamos vivê-lo, no lar, no trabalho. O maior desenvolvimento mediúnico e espiritual está nisso.

Não se pode doutrinar espíritos com relativa eficiência através de médiuns cuja vida não esteja mais ou menos evangelizada, pelo motivo de estes poderem oferecer àqueles outras tantas dúvidas e perturbações por falta de relativo esclarecimento espiritual e firmeza moral.

MEDIUNIDADE CURADORA. à imitação do Cristo, é uma das práticas da doutrina que maior número de curas e adeptos tem feito em nosso país.

Os discípulos de Jesus eram verdadeiros médiuns curadores, porque viviam integrados na doutrina do Mestre.

O remédio de que dispunham era a sua vontade de curar, pondo na acção os fluidos regeneradores e curadores que emanavam de suas almas verdadeiramente curadas e cristianizadas pela assimilação dos fluidos de Jesus, o médico das almas.

Só os espíritos que despertaram para a verdade, à luz de sua própria consciência, e se integraram por amor à verdade, na doutrina do Cristo, são verdadeiros médiuns curadores, aptos a curar enfermidades da alma, porque trazem em si os fluidos salutares e tonificadores, que são um medicamento heróico para o restabelecimento das enfermidades da alma. Há também os médiuns passistas, que só transmitem os fluidos que recebem de seus protectores e que também prestam bons serviços para os trabalhos de assistência dentro dos recintos das entidades espirituais, onde a corrente de auxílio espiritual é maior.

Estes médiuns passistas ainda não podem dar de si mesmo, como aqueles, porque ainda não se reformaram interiormente; não se regeneraram, libertando sua alma de muitas falhas e tendências que é preciso eliminar para melhor poder vibrar na corrente de nosso guia espiritual e de nosso Divino Mestre.

Por isso que, na prática, eles não podem produzir curas tão eficientes e positivas como os curadores.

Para os efeitos de cura, o factor principal é a superioridade moral do médium sobre o paciente e o espírito actuante.

O progresso intelectual, neste caso, como rezas e outras atitudes de ordem formal, pouco adiantam quando o espírito que comanda a falange de obsessão tem já um relativo conhecimento da vida espiritual. Já no tempo de Jesus, outros iniciados nos conhecimentos da vida espiritual, também, por vezes, quiseram imitar o Mestre e seus discípulos, na prática de curas de determinados obsidiados. E no momento em que se dirigiam aos espíritos obsessores, empregando as mesmas palavras ditas pelos discípulos, em nome de Deus e de Jesus, receberam, por vezes, de tais obsessores, esta resposta:

— Conhecemos a Jesus e seus discípulos. Mas vós, quem sois?

E, acto contínuo, anulavam a acção fluídica do agente preposto a médium curador, porque não tinha as necessárias condições espirituais para a prática de tal missão.

Para este mister não basta ter apenas boa vontade e desejar ser médium curador ou passista. É preciso considerar a delicadeza da missão e sua responsabilidade e estar nas condições que o caso requere.

Nos casos de obsessão já muito adiantada, o tratamento espiritual é qual uma intervenção psíquica que, antes de ser feita, impõe o estudo da vida e das circunstâncias do paciente em face de seus obsessores, que são diversos, todos mais ou menos bem entrincheirados no subconsciente do enfermo e de outros familiares que o rodeiam e que, embora não se julguem doentes do mesmo mal, são parte com as causas da enfermidade psíquica do obsidiado, o que é preciso considerar. Por outro lado, é preciso notar ainda, que a vítima verdadeira é quase sempre o obsessor e não o obsidiado. Digo isto para que, na intervenção em prol da cura, se procure grangear a simpatia do obsessor, não o considerando tão mau como parece e sim outro sofredor também digno do nosso auxílio e relativas atenções. Porque a lei de causa e efeito, que preside à reencarnação, é perfeita e, por vezes, apresenta factos desta natureza, que é preciso estudar.

A cura de obsessões requere mui-

ta perspicácia, muita paciência, muita perseverança e, acima de tudo, amor ao próximo, por amor a Deus e a Jesus. Quem não estiver nestas condições, não deverá comprometer-se na prática de tais trabalhos. Porque, além de não poder ajudar na melhora ou cura que se deseja, ainda está sujeito a piorar por falta do relativo domínio sobre as circunstâncias que o envolvem desfavoràvelmente. Jesus disse que, perfeito, só Deus, nosso Pai. Entretanto, Ele, nos seus ensinos e exemplos, é para nós um modelo de perfeição. Porquê?

Porque soube tornar-se digno instrumento, por sua obediência à vontade que, através de sua consciência, o instruia e orientava na sua vida e na sua missão. Foi, por esse motivo, um médium exemplar, submisso à vontade de Deus, por quem vivia e a quem tudo referia. Também nos disse que o que Ele dizia e fazia, nós o poderíamos dizer e fazer. Porque quem dizia e fazia a não era Ele, mas o Pai que esta no céu, por quem Ele veio e de quem todos somos filhos, e com todos Ele também está. A possibilidade reside em nós, tornando-nos, como Jesus, submissos à sua vontade, agindo sempre de acordo com a sua lei, que se faz sentir através de nossa consciência. Sejamos unos com ela para o sermos com Jesus, como Ele é com o Pai, para sermos livres e felizes.

SESSÕES DE ESTUDO E PROPAGANDA

É sabido que a ignorância é a mãe de todos os males. A solução de qualquer problema espirita, seja ele qual for, exige conhecimentos da doutrina.

E nenhuma cura através do Espiritismo poderá ser feita, em boa verdade, sem que o paciente tenha compreendido a causa do sofrimento para bem poder curar-se.

Qualquer cura que se consiga à margem do esclarecimento do paciente é qual um aluno que, submetido a exame, cola de outro a matéria, para tirar boas notas. Mas, na primeira sabatina que, de improviso, ele tiver de dar, estará perdido, porque lhe falta a base do conhecimento para enfrentar o obstáculo e resolver o problema.

Por esta razão, nosso dever, nossa missão é esclarecer todo aquele que nos bate à porta. Este é o primeiro e principal auxílio. Depois, ajudar no que pudermos, segundo as circunstâncias.

As entidades espiritas devem procurar desenvolver mais as sessões doutrinárias de estudo e difusão da doutrina através das obras fundamentais. E estas sessões deverão ser frequentadas por todos os directores e colaboradores da entidade, assim como daqueles que se desejam curar de suas enfermidades, tanto da alma como do corpo.

O tratamento espiritual deve ser entendido como uma necessidade de nos esclarecer e melhor reajustar às leis de Deus através de nossa consciência, procurando cada qual, por si mesmo, corrigir-se dos excessos, que são a causa de nossos desequilíbrios materiais e morais.

Estas devem ser as principais sessões do programa de uma entidade espirita bem compenetrada de sua missão e para as quais se necessitam de pessoas de boa vontade, desejosas de saber para melhor progredirem e auxiliarem o seu próximo.

A nossa doutrina é luz que veio espancar as trevas da ignorância. Portanto, ponha-se no velador para que todos vejam e possam acabar com a ilusão de curas, fora da vida do paciente. E de realizações espirituais por actos externos, possìvelmente muito agradáveis na forma, mas sem substância para o despertar à luz da consciência.

CONCLUSÕES

Considerando que a Doutrina Espirita é o Espírito de Verdade, o Consolador prometido por Jesus, em seu Evangelho, que não foi revelado aos homens com o fim de obrigar quem quer que seja a segui-la ou aceitá-la, reconhecendo que a sua missão é esclarecer e iluminar livremente e interiormente os homens, a filosofia, a ciência e as religiões, inspirando e atraindo para Deus, que é a suprema perfeição, pela sabedoria e pelo amor;

— Considerando que a causa do sofrimento humano, físico e moral, reside na falta de compreensão das leis espirituais que regem a vida e, consequentemente, a falta de obediência a essas mesmas leis;

— Considerando que o nosso Mestre, o médico das almas, fez todas as suas curas sem recorrer a remédios nem a troca ou uso de coisas materiais, empregando apenas a sabedoria e o amor do Pai, por quem Ele vivia e agia;

— Considerando que os males do corpo físico têm origem na alma humana, que é preciso curar para libertar o homem dos sofrimentos que o afligem — proponho:

a) — Que seja respeitado o livre-arbítrio de quem quer que seja, sempre que se mantenha na esfera de seus direitos e atribuições, sem prejuizo de nosso auxílio e confraternização.

b) — Atender, esclarecendo e orientando, solicitamente, quantos batam à nossa porta, procurando auxílio para os males do corpo e da alma, dando de graça o que de graça se recebeu, por misericórdia de Deus, sem se deixar prender, nem às pessoas, nem às coisas, mantendo-se sempre livre, para prosseguir na missão.

c) — Promover, pelo esclarecimento e auxílio espiritual, a confiança em si e a certeza de que não há injustiças na Lei do Pai, que é Omnipresente, Omniciente e Omnipotente, não havendo poder algum superior ao seu, que é sempre o Supremo Bem.

d) — Habilitar os médiuns, tanto quanto possível, para as suas missões por meio de uma compreensão de seu estado e de sua missão, auxiliando-os em tudo que estiver ao nosso alcance, sem jamais os desviar de seu trabalho, de onde tiram o sustento material.

e) — Que as entidades federadas tenham por base de seus estudos as obras fundamentais, de acordo com os regulamentos e normas da Federação a que pertençam.

SELECÇÕES ESPIRITUALISTAS

Direcção e Apresentação de
NELSON BAPTISTA DE AZEVEDO

Todas as noites, de segunda a sábado, das 19,00 às 19,30 horas, ouçam esse programa religioso que é irradiado pela P R C 8, RÁDIO GUANABARA, Rio de Janeiro, na frequência de 1.360 quilociclos.

Um programa útil, com finalidades elevadas, crónicas, comentários, novelas espiritualistas, mensagens mediúnicas, em prosa e verso, reportagens, boa música, etc.

Um programa que visa, acima de tudo, difundir a Doutrina dos Espíritos.

Ouçam e recomendem «Selecções Espiritualistas»

ADVERTÊNC

Por ALFRE

(Correspond

Desde que me entendo, sempre ouvi este ditado em que não vejo nenhuma sabedoria: — «Conselho e rapé dão-se a quem pede».

Ora, acontece que os que não pedem conselho nem sempre estão em condições de dispensá-lo. Tanto podem não pedi-lo por orgulho, isto é, por julgarem-se mais certos do que os outros, como por incapacidade de compreender que estão errados.

Há, por outro lado, pessoas tão obstinadas que até se sentem bem no erro, ou no mau caminho por onde seguiram.

Essas pessoas precisam, certamente, de quem as aconselhe e aponte a boa senda, e não será caridoso que sòmente por não pedirem conselho se deixe de aconselhá-las.

Está porque, desde o princípio, eu louvei a iniciativa de quem criou neste serviço de altofalante o programa «Conselhos Úteis» que é emitido todas as tardes.

Tanto louvei, tanto achei oportuna e benéfica a ideia, que aqui estou dando também a minha colaboração neste programa de Feliciano Conceição.

★

O orgulho na criatura humana é um mal que lhe tem acarretado os piores dissabores.

Chama-se *orgulho* ao sentimento pelo qual uma pessoa se julga superior às outras.

O orgulhoso geralmente não se examina, e por isto mesmo não conhece os próprios defeitos do seu carácter. Um ar de arrogância e superioridade traduz-se nos seus gestos e no seu falar. Numa discussão não se dá por vencido. Numa disputa, será capaz de usar de violência, porque a ideia de ficar por baixo, de sair perdendo, o martiriza.

É escusado dizer que muitas desgraças correm por conta do orgulho, visto que o orgulho cega o indivíduo e nas demandas em que este se vê empenhado é justamente esse inimigo interno que o faz repelir qualquer proposta de conciliação.

Não é, pois, de admirar que os orgulhosos se dispensem de pedir ou aceitar conselho, cônscios, na sua empáfia, de que possuem bastante luz e bom senso em alta dose.

★

Decorre desta premissa que a incapacidade de compreender que se está em erro denota, até certo ponto, o estado da criatura enceguecida pelo orgulho.

Não se erra em dizer que o orgulho é entrave ao raciocínio. O homem orgulhoso sofre de uma anomalia mental, e, pois, a sua razão não se exercita em plenitude.

Ei-lo então incapacitado para fazer um exame introspectivo, para proceder a um inventário de seus próprios actos, e, finalmente, para conhecer-se a si mesmo.

Aliás só se conhece falsamente, imaginando-se um ente acima do vulgar, posto seja ele, coitado, uma expressão eloquente de vulgaridade.

Ninguém mais errado do que o orgulhoso; porém, ai dele, que não compreende, que não pode compreender a extensão do seu erro e da sua tola soberbia.

O contrário de orgulho é a *humildade,* e esta é uma grande virtude cristã.

★

Não resta dúvida que criaturas existem palmilhando a senda escura da maldade e como que se sentem bem neste caminho...

Estas não são pròpriamente orgulhosas, são infelizes. Adverti-las, orientá-las, soerguê-las do abismo ou do lodo, é obra de caridade espiritual.

E quantas dessas pobres criaturas chafurdaram na lama da degradação, por falta, talvez, de um conselho amigo, de um oportuno brado de alerta que as fizesse recuar!

São — antes dizermos assim — vítimas do meio em que se criaram, da péssima educação que receberam, das más companhias que as cercaram.

Conselhos, terão recebido muitos, mas conselhos ruins, desses que acenam para o mal e podem causar a ruína do corpo e da alma.

Por onde se vê que o conselho vale pelo seu conteúdo, e é por falta de um bom conselho, de uma admoestação salutar, que tanta gente se tem lançado nos sorvedouros da maldade e até parece que aí se sente satisfeita...

No entanto, por mais que se tenha mergulhado no charco da depravação, qualquer criatura humana é susceptível de regenerar-

-se. Exemplos desta ordem contam-se aos milhares.

Creio que à força de *conselhos úteis* será possível a recuperação de muitos transviados.

★

Não posso atinar porque numerosos homens casados não gostam de ouvir os conselhos da mulher.

Mas sei porque sofrem revezes, sendo mal sucedidos nos negócios, amargando terríveis dissabores. Sei, sim: é porque não dão ouvidos aos conselhos da mulher.

Ainda não vi um homem queixar-se de insucesso em seus negócios, por se haver aconselhado com a companheira, antes de empreendê-los.

Se todo o homem soubesse quanto vale uma troca de opiniões com a esposa ao tentar qualquer empresa, nunca deixaria de tê-la como sua indispensável colaboradora.

A mulher possui, mesmo sem o saber, um certo dom de penetração; a sua inteligência como que abrange mais longe os acontecimentos, uma espécie de intuição dir-se-ia antecipar-lhe o resultado de certas resoluções que o marido quer tomar.

Casal necessàriamente feliz é aquele que amistosamente debate as questões de ordem doméstica, que um ao outro cônjuge se confabulam e se escutam mútuamente.

Não são poucos os maridos que interpretam mal uma atitude de docilidade em face da esposa. Supõem que ouvir os seus pareceres é rebaixarem-se, é serem «manobrados» por ela, — e este pensamento lhes repugna.

Defeito de mentalidade.

É que, desde cedo acostumaram-se a ver na mulher um ser inferior, uma espécie de mucama com a função estricta de fazer a comida e cuidar dos meninos.

Mas, se um homem uniu o seu destino ao de uma mulher e se essa mulher lhe inspirou afeição a ponto de ele se ter vinculado a ela para a vida em comum, não se compreende que tal homem ouse, mesmo em pensamento, amesquinhar a companheira de seus dias.

Ser manobrado, ou dominado pela mulher, é coisa diversa, e esta situação é vergonhosa e humilhante para um homem.

Ouvir, porém, as opiniões da consorte, com ela discutir em boa harmonia os assuntos tendentes ao governo e prosperidade do lar, não é o mesmo que viver subjugado à sua vontade, *só fazer o que ela quer.*

As coisas devem ser postas e mantidas nos seus devidos lugares dentro de suas expressões peculiares.

★

Se vos falar em religião, estranhareis?

Ora, sabei que a falta de religião nos lares significa ausência de Deus neles. E um lar onde não impera aquela doutrina pujante e harmoniosa que Jesus-Cristo revelou, não é um lar perfeito e nem propício à implantação de uma felicidade duradoura.

A doutrina cristã, genuina, educa as almas na solidariedade e no amor, esclarece que marido e mulher são iguais nas responsabilidades dos encargos domésticos, assim fazendo com que se estabeleçam a paz e a concórdia no meio da família.

Notai que todas as religiões relegam a mulher a um plano inferior e só o Cristianismo a enaltece. Em face do Evangelho de Jesus a diferença entre o homem e a mulher adstringe-se aos encargos e deveres que lhes são privativos. Uma é a tarefa reservada ao homem e outra é a que compete à mulher desempenhar; mas ambas se conjugam e concorrem para manter o equilíbrio doméstico. Se o homem é dotado de força, por certo Deus não lha concedeu para oprimi-la e escravizá-la. A força do homem, o seu poder é para proteger e resguardar a mulher.

À vista destas verdades que emanam dos postulados da moral cristã, nos ambientes familiares onde esta moral se reflecte não se verificam os distúrbios causados pela prepotência masculina.

É que os maridos sempre agem e põem em execução os seus planos em harmonia de vista e de comum acordo com suas companheiras de luta.

Não há humilhação nem baixeza em expor-lhes os seus projectos, em pedir-lhes uma opinião e até mesmo em seguir os seus conselhos, pois elas são as mais interessadas em tornar prósperos e afortunados os lares onde Deus as colocou como rainhas.

(Trabalho lido ao microfone do «Serviço de Alto Falante 1.º de Janeiro»)

IAS CRISTÃS

O MIGUEL

nte na Bahia)

PSICOLOGIA DA VAIDADE

por Zalmino Zimmermann

(Correspondente em Porto Alegre)

Vaidade. A psicanálise indica-a como sendo um narcisismo de segundo grau, principalmente com relação ao uso de objectos. É, todavia, profundamente, a sede de afecto. Quantos psicólogos já se aperceberam disso? E à luz do Espiritismo — com seu gigantesco fundamento teleológico humanístico —, que de adeptos fascinantes se reveste?!...

Assim como o egoismo é excesso de amor egocêntrico, a vaidade é a busca de carinho dos semelhantes. Estão, portanto, intimamente vinculados estes dois distúrbios, já diferentemente catalogados pela moderna psico-patologia. E a cura de um, conforme veremos, relaciona-se e repercute decisivamente no reequilíbrio de outro. Tal o seu entrosamento. Atingir um problema, é, pràticamente, buscar a solução para os dois.

A vaidade é o extravazamento do psiquismo, buscando obter o afago moral dos outros, através de acções que vão propiciar reacções precisas e aneladas e, tudo isso, na maioria das vezes, por intermédio de atitudes e fenómenos oriundos do subconsciente. Esses, como tantos outros radicados abaixo do limiar da consciência, voltam ao equilíbrio da consciência individual, clara e plena, se iluminados pela razão lógica e precisa e impulsionados por novas ideias directoras. É a terapêutica psicanalítica.

Descoberto o tumor, é necessária a imediata extirpação, em busca da cura. Isto, tanto no campo somático, como no anímico.

Detenhamo-nos, por conseguinte, no exame de uma das maiores chagas abertas da Humanidade.

A criança quando se desajusta, encontra nas demonstrações de força, beleza, comando ou qualquer outra tentativa de prepotência, o motivo principal de sua acção, dentro ou fora do lar. É o recalque infantil típico. O indivíduo vê-se inibido nas realizações, desarmoniza-se, é maltratado, sua posição no lar é secundária e até — infelizes pais! — muitas vezes indesejável! Adquire então, paulatinamente, uma psicose que varia consoante a profundidade patológica que se vincula com a capacidade de maior ou menor compreensão por parte da criança. Verifica-se, a seguir, uma inversão aparente de valores morais. Aparente, porque é a pretensa fuga através de uma estrada curva e fechada, cujos extremos se encontram no mesmo ponto: origem e destino. Isolado do afecto do meio-ambiente natural, a criança, dando asas às suas naturais faculdades imaginativas e outras, começa a evolver na escala da vaidade, isto é, pela força física ou moral e através de todos os meios e oportunidades empenha-se no sentido de alguma forma superior. Sua inconsciente intenção traduz-se diferentemente: quer ser alvo de atenções, de admiração; quer ser elogiada, comentada; quer atrair palavras e actos em torno de sua personalidade; quer ser lembrada; quer simpatia; deseja ser amada! Essa é a profunda realidade!

Indubitàvelmente, nem todos os casos são assim. Crianças há que são vaidosas sem serem desajustadas; mas o embasamento é ainda o mesmo e, parece-nos, resiste a quaisquer críticas; é a volúpia de amor. É a ânsia de realce, dirão alguns... Mas o realce, segundo nossa expressão supra, não deixa de ser busca de admiração, de simpatia, de carinho. Dirão outros que a vaidade é alavanca de progresso. Protestamos. Evolução tem uma grande meta: fraternidade entre as partes do todo. Só há fraternidade onde existe bondade, e a maior expressão de bondade é a humildade!

Longe, então, de combatermos tão ferozmente, com ânimo nem sempre evangélico, os nossos irmãos vaidosos (haverá muitos que não o são?...), tenhamos mais argúcia e tolerância. Os vaidosos não passam de doentes e, como qualquer caso de distúrbio mental, seu estado psíquico ajusta-se perfeitamente na psicopatologia. Evidentemente estamo-nos referindo aos vaidosos reconhecidos pela própria lógica dos acontecimentos em que as suas personalidades se manifestam; não confundamos, todavia, vaidade, com os reflexos e manifestações normais do instinto de conservação e evolução. Estamo-nos detendo, justamente, sobre o exagero.

Ao psicanalista espirita, será então muito

mais fácil fazer compreender à criatura a sua real situação — com bases no Evangelho — provocando a necessária reacção e reequilíbrio.

A par da vaidade, elabora-se um outro fenómeno patológico da psique, — o orgulho. Examinemo-lo, antes de prosseguir.

Tudo é amor. A criação divina é amor. O mal só existe como escala inferior do Bem e do Belo. O Cosmos só nos fala do Bem (1).

O amor tem escalas. Primeiro é o amor a si mesmo, na criança e na história das civilizações; depois, o amor à família, o amor à sociedade, à pátria e, finalmente, o amor à humanidade e a tudo, a grande meta que nos acena luzidia. Dela nos aproximamos a passos sensìvelmente velozes, como dispõe a Ordem Divina.

O amor a si mesmo, quando é natural, é ainda o reflexo do próprio instinto de conservação; todavia, quando se adultera, transforma-se em negativo, desiquilibrado, conforme vimos. Então o orgulho é a falta de orientação na medida exacta do amor a si mesmo. É evidente, portanto, a enorme propensão da junção espontânea e férrea do orgulho à vaidade. E, na maioria das vezes, o orgulho aparece antes.

E o medo do ridículo? A timidez advinda da possibilidade de algum julgamento negativo dos semelhantes? Não deixa de ser vaidade. Se o indivíduo se enfeita, ou tudo procura fazer para se apresentar aos outros de modo a sempre aparentar o melhor, na ânsia de evitar críticas, nada mais elabora que uma manifestação inconsciente da vontade de receber carinho! Variam os ângulos, mas o objecto é sempre o mesmo. Basta uma análise mais profunda...

As reacções subconscientes são caleidoscópicas; todavia, não empanam a realidade da causa central, ainda que sob a máscara dos mais estranhos «complexos» ou das mais extravagantes atitudes.

Em todos os casos, a piedade é que deve imperar como terapêutica inicial, que o psicólogo dará a si mesmo, iluminando a sede do problema, esclarecendo a consciência objectiva da criatura, indicando as directrizes certas que o Evangelho pode fornecer. Pois não somos todos irmãos, e, por conseguinte, filhos do mesmo Pai e do mesmo Amor? E este Amor a ninguém deixa órfão! Jesus não disse que de Suas ovelhas nenhuma se perderia? A justiça do Pai é absoluta (dimensão que ainda não entendemos mas que já sentimos) e o «dia em que houver uma injustiça na Lei, até as pedras da rua se levantarão para protestar!».

Na Justiça, pois, não há preferências e, assim sendo, recebemos todos o carinho do Pai, conforme nosso merecimento. Pouco adianta eu querer atrair a atenção e o afecto com recursos superficiais e até pouco dignos. É estratégica falha, transitória e insubstancial. Não vinga a minha ânsia de querer receber. É preciso que o homem moderno, que, sobretudo, já possui a capacidade de ser espirita, saiba, isto sim, querer dar! Feliz daquele que pode dar! A época de tantos direitos caducou, é extemporânea, como a da razão experimental, cuja contemporaneidade só encontra eco nos «atrasados do século». O espirita é um indivíduo que só tem obrigações! Obrigações consigo mesmo, com os semelhantes e com Deus! E que tamanha responsabilidade!...

Afastemo-nos então da sede de tanto carinho. Ao contrário, demos cada vez mais afecto à Humanidade, aos próximos e aos distantes, em todos os momentos e em todos os lugares. E a vaidade vai desaparecer; a humildade será revigorada incessantemente e o «dar» será necessidade íntima! É a trajectória entre os dois extremos, entre a vaidade e a humildade, o polo positivo de mais um aspecto dual do Amor.

Porto Alegre, Setembro de 1955.

(1) Angel Aguarod, «Grandes e Pequenos Problemas».

AOS ASSINANTES DO BRASIL

Informamos os nossos prezados assinantes do Brasil que a assinatura anual de *Estudos Psíquicos* é de Cr$ 100,00 desde Janeiro de 1955. Rogamos, pois, a todos se dignem liquidar as suas assinaturas junto dos nossos representantes, a fim destes remeterem o númerário a Henrique Magalhães, Rua Jiquibá, 155 — Ap. 402 — Praça da Bandeira, Rio de Janeiro, favor que muito agradecemos.

ECOS DE U

Por ISIDORO

PETRÓ

Naquele dia — 26 de Maio de 1955 — tinhamo-nos levantado cedo, se atendermos ao costume europeu. Era dia de viagem e estes dias trazem preocupações sem conta a quem se aventura a roteiros desconhecidos. Às seis estávamos a pé. O Rio de Janeiro movia a população desde as quatro e meia. «Bondes» ruidosos desempenhavam seu papel, dominados pela mão segura dos condutores, gente simpática e humilde e paciente a contribuir para o progresso do Brasil. Quando ele passa — o bonde — os edifícios estremecem. Parece um terramoto. Mas, ainda assim, é transporte cómodo e barato. Um cruzeiro dá para muitos quilómetros. Quase a volta ao mundo. E são todos atrelados, como os inglezinhos. Além deles, há os omnibus, *de cores e tamanhos diferentes... Às vezes juntam-se na mesma rua. É um carrocel mecânico que põe à prova o treino dos motoristas...*

Dávamos os últimos retoques na bagagem, quando o Nelson chegou à porta no Dodge *do Alonso. Íamos falar ao microfone da «Voz do Bem» com o Dr. Moreira Guimarães. Fomos. É sempre agradável acompanhar estes dois amigos, prazenteiros e amáveis. Saudámos a Prefeitura e contámos a «Parábola do Ladrão». O leitor já foi ao microfone? Ainda não?... Então vá... Fale e conte as suas impressões. Saberá o que sentimos perante aquele objecto metálico...*

Dali à Rodovia foi um instante. Petrópolis estava no programa, essa Petrópolis de sonho onde os cariocas se refugiam no tempo calmoso, e não havia minuto a perder. O omnibus *esperava...*

★

Instalados a meia-nau, seguimos pelo cais marítimo. que ocupa grande espaço ao norte da cidade. Arruamentos empoeirados, casas antigas «estilo império», calçadas em desnível à espera da época das chuvas. Lembramo-nos bem. Na véspera da nossa chegada ao Rio — 17 de Abril — chovera torrencialmente e todo aquele bairro se inundou. Os esgotos obstruiram-se, transformando as ruas num verdadeiro pântano. Depois veio o sol ardente e secou o lodo nos passeios. Que pena não haver agulheta, máquina de lavar a via pública! Mas ela chegará um dia. O Rio antigo há-de alindar-se. É digno disso. O deslumbramento da sua luz hodierna espancará o escalracho do pó, que se transforma em lama ao mais leve aguaceiro. Assim, não admira que milhares de casas pareçam o que não são, principalmente na cidade baixa, junto à costa, ao longo de dezoito grandes armazéns, onde a navegação lança o conteúdo de seus porões, em cornucópia necessária e oportuna.

À esquerda, o gasómetro, o indispensável. O veículo entra na estrada cautelosamente, enquanto um passageiro se defende do calor com os cortinados de uma vigia aberta. Começa a paisagem campesina: grandes vales coloridos de bananeiras e milharais, acompanhando as curvas do macadame. Matas de um lado e de outro, verde-escuro que se perde na distância, galgando morros ou esfiampando-se num rodeio pitoresco. Sintra, o panorama de Sintra, vegetação exuberante, árvores seculares engrinaldadas ostentando anéis nos velhos troncos. O musgo e o líquen, invadindo a superfície, põem tonalidades finas nos campos e tornam mais belo o quadro da natureza.

Numa volta apertada lobriga-se a montanha coberta de neblina. A temperatura baixa. Um maciço alteia-se em frente sob dosseis brancos de cumulus. *É surpreendente para os olhos o que se divisa desta estrada de asfalto que o pneu acaricia. «Gevaert Cine-filmes» e vendedores de banana-oiro. Amálgama heterogénea. Há cabeços intonsos semelhando cabeleiras de verdura, com bananais nas lombas. Ao fundo, nos vales, o murmúrio das torrentes e a pincelada dos igarapés.*

Mas nós avançamos sempre. Quantos, na pança do veículo, dormitam indiferentes ao dinamismo da criação! Fartos de ver o mes-

MA VIAGEM

ARTE SANTOS

POLIS

mo assunto, encaram prodigios como se fossem pedras e não sentem o que escapa aos olhos para lá dos sarçais em que vegeta mundo diferente. O solavanco desperta-os do cochilo, mas não chegam a ver novas montanhas recortadas pelas nuvens, nem rochas vestidas de esmeralda onde a vegetação cresce. Mesmo que olhassem, nada veriam. O tabaréu olha, mas não vê, não desce ao fundo da paisagem.

Começamos a galgar a serra. Os fetos multiplicam-se, como as voltas da estrada, algumas de tectos húmidos, estalactites pendentes e acolhedoras no acesso da montanha. A variedade é enorme, mas chega a ser monótona. Aqui e ali se repetem as mesmas frondes, as mesmas escorrências, o mesmo humo superficial, as mesmas goteiras, as mesmas carnosidades vegetais. As nuvens sobem, descobrindo os píncaros. E caminhos brancos, a pino, sinusoidais, em linha quebrada, ilustram a selva na lonjura. Mais bananais a pontilhar os montes hirsutos. Agora passamos rentinho a gigante pétreo, como esculca do arvoredo. Mais alguns metros e um parque surge para descanso do auto.

Estrada Rio-Petrópolis

Novas colinas, novas árvores seculares alimentando parasitas de toda a espécie. Aqui, um morro do qual escorrem fios escuros, de barba solta. A vegetação aumenta. A mata virgem debruça-se no cairel em tom de ameaça. É a seiva, o parto fecundante da terra-mãe que desentranha as plantas e as veste de clorofila. Cerca-nos o reino vegetal com seu perfume cálido. Faltava o marulhar das águas? Ele aí está num repuxo de cachoeira. E outra vez os líquenes e os fetos... Uma camioneta abandonada e desmantelada...

Mais voltas, mais luxúria vegetal. Trepadeiras ávidas de caules novos, abraçadas a velhos troncos. O cipó envolvente, o apuiseiro humilde mas perigoso, rastejando na terra adusta para enlear as grandes árvores e destruí-las depois em fúria parasitária, como dizia Ferreira de Castro, raízes que emergem do barro em forma de lança, como surucucus endiabradas, palmeiras mortas, cor de palha, bananais queimados pela geada importuna. Os galhos apodrecidos enriquecem o enxurro, que forma socalcos prenhes de humo.

A estrada corta agora a montanha em diagonal ascendente. Lá está outra vez a profundidade barbada a atrair os olhos e as nuvens. O solo cabeludo, visto de longe, parece imensa toalha verde de flores entrelaçadas. Chafarizes, pontões caiados de branco, parques de automóvel, cartazes em profusão, vestígios humanos a rectificar, a embelezar segundo novas directrizes.

A subida é mais directa. As nuvens descevam nas lombadas ou fomos nós que subimos. E os olhos descem para vale ubérrimo, que se espreguiça ao fundo do cenário maravilhoso...

Não há palavras que descrevam a divina

moldura que nos atrai e arrasta. É a contemplação, o prodígio da natureza. O homem sente-se perdido e diminuído ante aquele estranho viço. Emudece e cai genuflexo.

A estrada de Petrópolis é lindo nastro que serpenteia num paraíso ameno, onde a canícula não espreita.

Mais cartazes, mais torcícolos da faixa alcatroada a ziguezaguear desde o sopé. O mero passeante cingido ao linde que lhe impuseram ignora a vida múltipla das vertentes em que a luta se agita, trepidante e aniquilante. Olha a imensidade e extrai desse ambiente um dilúvio de sensações que extravasam dos moldes. Mas permanece, não avança mais. O que viu, o que observou foi improviso de inspiração.

Estamos quase no píncaro. O omnibus ronca, extenuado, abrandando a marcha, que a inércia vai neutralizando. As nuvens alteiam-se e os morros descobrem-se num cumprimento ao Sol. As cachoeiras lavam gargantas pedregosas e oferecem o branco da espuma aos turistas que passam. Coisa surpreendente! Um miradouro de estranha visão. A selva desdobra-se em mil cambiantes. Gigantescas torres arboriformes olham para o alto, enquanto à sua volta adejam arapongas. Anúncios de charutos holandeses firmados em casebres toscos, à revelia no mato, onde árvores de rabicho crescem ao lado de plantas de aroma sufocante.

O Sol esconde-se atrás de nuvem franjada e o ar volta ao pesadume de há pouco. No talvegue da esquerda, a extinguir-se ao longe, as águas mudam de cor e roubam a graça à flor silvestre que arapuas beijam em voo de jacto. O veículo ultrapassa desmantelada carriola e aproveitamos o ensejo para leve debruçar no abismo ramalhudo, polvilhado de umbelas.

Chegámos ao cume. São 11.30 e o sol beija novamente o terreno crispado que o vento açoita. A descida surge, inesperada. O «Dedo de Deus», na Serra dos Órgãos, a 2.232 metros de altura, desafia alpinistas e arqueólogos e convida à meditação. Se é certo que os Egípcios de Sargão II por ali passaram, a eles se devem, certamente, fetos, begónias, jequitibás, cedros, guapevas, canjeranas e palmeiras que enfeitam e dão relevo à crosta, nela espalhando essências orientais...

★

Petrópolis! Refúgio de cariocas, terra prometida de vates e menestréis! Em teu seio esplendem maravilhas. Teu mimo, tua beleza natural, teus jardins, teus parques floridos, tua atmosfera pura, teu solo ubérrimo, teu povo sensível, teus campanários, toda a vida estuante de tuas artérias são dádivas celestes que não se encontram noutras latitudes. Português que se abeire desses vales sinuosos urbanizados ao gosto de Pedro de Alcântara, não deixa de emitir um «ah» de admiração. É a única cidade brasileira edificada entre montes, na depressão das terras. À medida que se avança na estrada, o casario se aproxima cercado de verdura, gôndolas branquinhas de rio azul a baloiçarem na margem gentil...

★

O José Varandas estava à nossa espera. Já o conhecíamos da capital federal, onde assistira a uma sessão de homenagem ao lusitano. Abraços efusivos, porque sinceros, e logo rumámos para o Hotel Majestic, de sua propriedade, onde encontrámos, na gerência, o Guerra Peixe, batalhador incansável de Espiritismo sadio.

Edifício de linhas opulentas, com aspecto monumental, ali nos instalámos e ali passámos momentos de alegria sã, para sempre ligados à nossa viagem.

Varandas proporcionou-nos belo passeio antes do almoço, cidade em fora, que apreciámos com real interesse, pois tudo nela era português ou de sabor português. As ruas, os edifícios, árvores ilustrando as avenidas, os chafarizes, os estabelecimentos, as vivendas, os palacetes e até a própria catedral nos transportavam às plagas lusitanas.

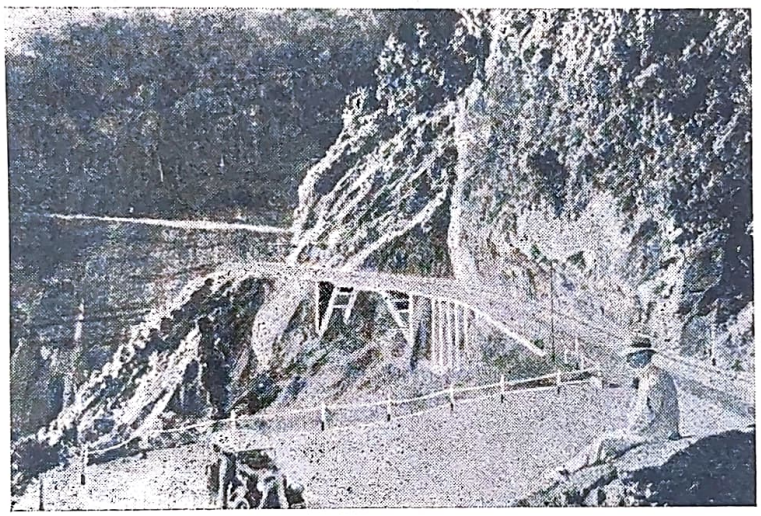
Lá vimos o Palácio Rio Negro destinado a vilegiatura do Chefe do Estado, bem como outros monumentos históricos de projecção, entre eles a Catedral. O rio Piabanha atravessa a cidade, coleando, murmurando e amenizando uma das mais lindas estâncias da terra do Cruzeiro, que a Prefeitura torna mais atraente, à medida que os anos passam. Quem chegar ao Rio de Janeiro não deixe de ver Petrópolis. São duas horas de comboio ou 20 minutos de avião...

O rio é ladeado de palmeiras seculares. Em frente ergue-se, majestoso, o Museu Imperial, sequestrado por amplo gradeamento férreo que oferece ao homem um portão magnífico, em bela pintura verde, se a memória não falha. Logo a seguir, vegetação magnífica que um pinheiro domina logo à entrada. É um pinheiro do Paraná! Árvore gigantesca, de cerne precioso, está na base da economia brasileira. Este grande país poderia

fornecer a Europa de pináceas, que os caminhos de ferro utilizam em grande escala. Aquele belo exemplar à porta do Museu é um símbolo a lembrar as reservas de coníferas espalhadas por imensas regiões que só o avião pode sulcar em voos de grande envergadura.

★

José Varandas é bom cicerone. Amável, paciente, solícito na palavra e na atitude. Estamos na antecâmara desse monumento que guarda relíquias históricas de Portugal e do Brasil. Pensando bem, a história deste é ramo de árvore antiga, repleta ainda de vigor, com raízes de quinhentos. É derivação que um príncipe talhou nos fastos de raça nova a plasmar nos séculos, baseada na metrópole da mãe-pátria, nas suas antigas colónias e na terra verde que o índio regou de suor e lágrimas.



Outro trecho da estrada Rio-Petrópolis

A entrada é solene. A visita exige pantufas, a fim de proteger o encerado dos soalhos reluzentes. A primeira paragem é na Sala dos Embaixadores, com dois retratos a óleo de Pedro II e João VI de Portugal, assinados por Réné Moreaux em 1844. E logo a seguir a Sala das Pratas, com os cristais que pertenceram a Pedro II onde podemos ver um lustre de bacará, de 48 lâmpadas e 40 kg de cristal, porcelanas seleccionadas da família dos imperadores, entre elas algumas comemorativas da independência. Um móvel nos chamou a atenção: linda mesa de mármore preto italiano com incrustações e a bandeira do Império. Verdadeira obra de arte.

Na Sala dos Cristais dos Titulares do Império vêem-se duas taças da Marquesa de Santos, favorita de Pedro I. E no grande Salão de Música ostentam-se, característicos e profusos, os leques variegados das damas da corte, em doação de Vasco Lima.

Mais adiante, a Sala D. João VI. Lá está a sua maleta de correspondência, que muito nos diria, se falasse. Talvez rectificássemos inexactidões que correm mundo acerca do infeliz monarca. O retrato, a cavalo, de Carlota Joaquina, e o de Francisco I, da Áustria, pai da primeira esposa de Pedro I, olham saudosamente para grande poltrona (alguns chamam-lhe sofá) incrustada a marfim, oferta dos hindus a João VI.

Agora entramos num corredor de 100 metros de comprimento onde se vê uma tela representando a fragata que conduziu Teresa Cristina. Lá está o mastro que o temporal desmantelou.

Há coisas belas de contemplar em linda evocação, como, por exemplo, «O Grito do Ipiranga», pintura de François Réné Moreaux, o piano da Imperatriz Leopoldina e a mesa redonda de mármore onde Pedro II assinou a abdicação, em 7 de Abril de 1831.

A outras evocações nos obriga a Mesa da 1.ª Constituição (1823), com sete grandes cadeirões de cada lado.

Só o Museu nos daria vasta crónica. Mas não podemos deter-nos em reflexões, porque o fim é outro, embora aqui vejamos acontecimentos perpetuados, como a primeira pedra da Casa dos Expostos que Pedro II colocou em 1862, o seu manto imperial de veludo verde-escuro bordado a oiro com esferas armilares e estrelas, a sua coroa de 640 brilhantes e 100 pérolas (o maior brilhante é de 18 quilates), feita no Brasil por Carlos Marin. Pesa 1,856 kg, e em 1943 valia 10 milhões de cruzeiros, quinze mil contos em nossa moeda.

José Varandas percorre as salas interessado na evocação. Tem alma de artista, é grande amigo de Portugal e a sua cultura afasta-o de certos prosaísmos, ainda que a luta, a cuidar da matéria, o obrigue, mau grado o temperamento. Ele próprio nos aponta luxuoso escaparate onde esplende a coroa de Pedro I (2,689 kg), o ceptro dos dois monarcas, pai e filho, e a mensagem dos por-

tugueses ao segundo pela terminação da Guerra do Paraguai.

Um dos objectos que mais nos impressionaram foi a alegoria brônzea de escultor espanhol representando uma escrava egípcia. (Na catedral de Florianópolis há uma formosa escultura de madeira digna de ver-se. É a «Fuga para o Egipto», que tem inspirado alguns artistas notáveis).

Na Sala que pertenceu ao 1.º Senado sobressai a tela de Pedro Américo: um retrato de Pedro II na abertura do Parlamento, e outro de Isabel, quando assinou a regência.

No primeiro andar há coisas magnificentes, a começar pela Sala do Trono ($18^m \times 6^m$), um retrato a óleo de Pedro II com $3^m \times 2^m$, do pintor Luís Moreaux. Esta pintura viera do Palácio de S. Cristóvão, do Rio de Janeiro.

No seu gabinete de trabalho está o telescópio real e um telefone da época. Fixando estes utensílios, não podemos negar o progresso do mundo. É nesta análise intrínseca que os museus se tornam necessários. Através deles se nota que a História é a mestra da vida e que a roda avança ininterruptamente. Acresce particularidade interessante: o telefone em questão foi oferecido por Bell, o inventor.

Ao lado, num pavilhão, dois coches de Pedro II e uma sege que ele usava, quando ia a Juíz de Fora.

Enfim, o Museu Imperial é passagem de portugueses e glória de brasileiros. Bem andou a Prefeitura em localizá-lo num lindo Parque de vegetação luxuriante.

José Varandas estava impressionado. Revivera antigos tempos e mantinha vestígios de passageira ilusão... que a realidade extinguiria em escassos minutos.

★

Esta relíquia histórica foi uma lufada de ar sadio em nosso corpo estiolado. Tínhamos necessidade de ver aquilo, de sentir a emoção das grandes evocações, para que o nosso amor ao Brasil aumentasse. Será possível aumentar um afecto que nos domina totalmente, que nos acompanha no esforço da vigília e matiza os melhores sonhos da existência, um afecto que vem de longe, que mergulha as raízes em passado que entrevemos, mas que não podemos compreender?... Será possível aumentar o enlevo, a sedução, o arrebatamento que em nós exerce a paisagem brasileira que os melhores pincéis não retratam por carência de génio? É que só os génios poderiam reflectir, mesmo assim em vislumbre estreito, os revérberos, a policromia, o iriado de um lençol de água no debrum selvagem das touças. São cores indefinidas que os olhos humanos não apreendem e que a memória não retém em seus refolhos.

Por isso o Museu Imperial de Petrópolis nos aproximou ainda mais desta natureza viva que se expande em todos os sentidos, beijando o sol, acariciando a rocha e permitindo aos braços fluviais caprichosos meneios de tons prateados.

Estamos a vê-los, serpenteando no verde-claro da imensidade, obrigando as vertentes a inclinar-se em vénias concebíveis, atraindo a fauna à linfa cristalina, muitas vezes turva pelo estravasar das cheias. Estamos a vê-los, repuxando a fralda dos morros ouriçados contra a frialdade nas regiões altas e ensopando o capim de planuras onde predomina o cafezal em fileiras harmoniosas e compactas. Os rios do Brasil constituem riquezas incalculáveis. São a graça campesina. A criação bebe neles o néctar da vida. Gargantas e raízes dessedentam-se a par no manancial sem nome... Sabe-se lá que rio é aquele! São tantos, ligados uns aos outros!... O apelido vai mudando conforme as regiões. Alguns há que têm três ou quatro, desde a nascente. Mas eles não se importam do nome. Sua função é irrigar, fertilizar, embelezar. Uns são ásperos, marulhentos, atiram-se ao fraguedo como cetáceos monstruosos. A torrente espadana, vibra, estremece no embate furibundo e segue, remançosa, no barro viscoso da orla, que para lá se alarga em suave declive. Outros são dolentes, mesureiros, adocicados. Osculam a relva das pampas, abraçam o caule de árvores aquáticas, gemem, soluçam, roçam o vale em que se deleitam, num morno espraiar de sentidos... Os inconstantes, que tão depressa se espreguiçam na leziria, como rangem em terreno alcantilado, participam dos dois extremos. Na base da questão está o líquido que serve de alimento à terra vegetal, que anima e embeleza a flora, desde o panasco veludoso ao coqueiro alquebrado do Nordeste...

★

A pequena digressão e o ar balsâmico dos jardins solicitavam de nós apetecido almoço. E regressámos ao Majestic, onde nos foi dada suculenta refeição, em companhia de Guerra

Peixe e sua esposa, D. Rosa, almas boas que infundem simpatia. Tivemos então ensejo de ouvir palavras de amor a Portugal. Varandas estava presente e corroborava. Que sim. Portugal era a pátria-mãe, donde lhes viera tudo. Bastava ir ao fundo das questões. Lá estava a marca indelével. O Brasil recebera baptismo e rumo decidido e o resto veio pela força das circunstâncias.

Não é preciso vasculhar a história para compreender a enorme influência que os dois imperadores exerceram nestas plagas. O segundo, principalmente, foi de grande pureza e nobre entre os mais nobres. Extinguiu as lutas intestinas com grande clemência, deu alegria e paz ao seu povo, aboliu o tráfico de negros, construiu caminhos de ferro e redes telefónicas, atraiu imigrantes, deu impulso à instrução, enfrentou inimigos externos, arbitrou litígios internacionais... Homem simples e bom, isento de proconceitos, cultivou a ciência e as letras e foi um poeta de alta inspiração.

Tudo fez pela comunidade, nada existindo em sua vida que lhe toldasse o prestígio, como escreveu Afonso Celso em seu livro «O Imperador no Exílio».

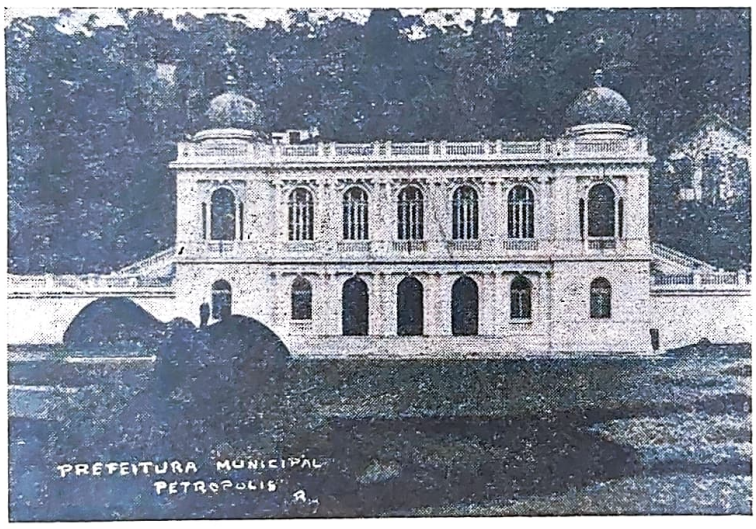
As ingratidões que o açoitaram e as injúrias e os vitupérios sofreu-os sem queixume. E morreu afastado do Brasil, nessa Paris acolhedora que lhe reservou um pequeno hotel para terminar os dias...

Grandes coisas se aprendem nos museus! Lá se encontram eventos de toda a espécie, materializados ou enunciados: a polidez, a bravura, a clemência, o génio, a pureza... Tudo ali está guardado em redoma para a curiosidade dos pósteros.

Foi pena não haver tempo de anotações extensas naquele deambular por salas e corredores cheios de narrativas que distinguiram uma época de grandeza nos primeiros passos de um gigante que terá o seu dia no concerto universal.

O Museu Imperial gritava bem alto essa verdade. E ainda bem que assim foi; aliás, este grande país não seria o prolongamento da terra de Camões e Pedro Álvares. Mas é, sim, é o prolongamento natural. Toda a vida brasileira tem influxo lusitano. A alma popular é verdadeira síntese do nosso carácter. Quanto ao resto, as mesmas ansiedades, as mesmas aspirações, o mesmo sentimento e vibratilidade, com um pouco de quixotismo peninsular...

Esta visita a Petrópolis deu-nos sensações inéditas e alongou a nossa curiosidade. O quadro foi belo neste primeiro contacto em que tudo se conjugou para nosso encantamento. Já nos tinham dito que não deixássemos de visitar a linda cidade dos imperadores, óptima estância de ares, retiro de poetas, tebaída de artistas, um dos mais lindos cenários da natureza. Já nos tinham dito. Faltam agora impressões íntimas que reservamos a capítulo menos prosaico integrado no manancial do sentimento. Pertencem ao plano das vibrabrações fortes e fazem mover as almas, quando um ideal nobre as reveste. São essas impressões que vimos transmitindo ao sabor da inspiração, mal servidas por vocabulário que em vão se esforça por chegar ao cume. Esse é o nosso drama literário. Sequiosos de arte, ficamos aquém dos caminhos visionados; admiradores da natureza, não conseguimos reflectir-lhe as facetas mais leves; homem de pensamento, as ideias se nos baralham e as sensações nos confundem. A psicologia nos atrai e só à força de labutar conseguimos caracteres para a nossa colheita. Mas o Brasil é rico de seiva para a terra adusta e de amor para as almas simples. Encheu-nos de vida, dilatou-nos a fé, aproximou-nos mais de Deus. A lição do Sol foi tão grande como a lição da Bondade. A pureza de um acto fraterno é tão bela como o desabrochar de uma rosa.



Prefeitura de Petrópolis

CRIME PRATICADO

Por JAMES

Um dos casos mais espantosos de fantasmas cujos pormenores são autênticos

Conheci um homem que foi testemunha ocular dum crime praticado por um fantasma.

Gerardo Murillo, ou Dr. Alt — nome que o tornou verdadeiramente popular — é, há muito, um homem notável na vida social, política e artística do México, onde nasceu há mais de 70 anos. O Dr. Alt referiu-se primeiramente ao estranho crime, no seu livro de reminescências denominado «Gente Profana no Convento». Depois, em conversa comigo, mostrou o seu interesse pelo meu livro «Telefone Entre os Mundos» e descreveu mais pormenorizadamente certos passos deste estranho crime.

Durante a agitação que se seguiu ao assassínio do Presidente Carranzas e à sucessão do General Obregon, em 1920, o Dr. Alt foi residir num mosteiro da cidade do México. O antigo convento, que tinha sido havia muito ocupado pelo Governo, era agora ùnicamente ocupado pelo porteiro Angel Gutiérrez e sua família, por um coronel afastado pelo novo regime e pela ordenança deste.

O Dr. Alt estava politicamente envolvido nos dois partidos da revolução de 1920 e foi o antigo soldado Angel que lhe deu abrigo, pedindo-lhe desculpa da presença do Coronel, um «mal encarado» com fama de ter assassinado muitas pessoas.

Angel vivia com a esposa e dois filhos jovens num quarto perto da entrada que dava para um grande pátio, localizado entre duas arcadas que formavam um quadrângulo para onde davam os quartos do primeiro e do segundo andar. O Dr. Alt ficou numa das celas do 2.º andar, onde estava também o Coronel e a ordenança.

Angel confessou ter medo do fantasma de um frade que — dizia ele — passeava à noite nos corredores e por isso era provável que houvesse outros locatários no mosteiro.

Admitia não ter visto o fantasma, mas sentia o ar gelado, quando este passava por ele. Afirmava também que o Coronel via tão claramente o fantasma do frade, que o seguia através das arcadas sombrias e, de vez em quando, desfechava o revólver contra ele. O Coronel jurava que o havia de mandar de novo para o cemitério.

Angel dizia que se davam outras manifestações no velho claustro, tais como longas procissões de fantasmas que não eram vistos mas cujas rezas em voz baixa eram audíveis. Os filhos sentiam sufocantes e frequentes pressões nocturnas, tornando-se necessária a presença dos pais para adormecerem. O Coronel queixava-se também. Por vezes, sentia grande peso no peito e descrevia a figura dum frade encapuzado que deslizava entre pilares e arcadas. Por seu lado, a ordenança declarou ter visto o frade, embora não tão nitidamente como o Coronel. Vira sòmente o perfil, o capuz e um cordão branco pendendo ao longo do hábito. Nunca lhe vira o rosto, mas tão sòmente a mão enorme a segurar as dobras do hábito. Isto causava-lhe nervosismo e não abandonou o mosteiro com receio das represálias do Coronel, que ele temia mais do que ao próprio fantasma.

Como se aproximava uma festa religiosa, onde, segundo Angel, se davam as mais vincadas manifestações, este convidou o hóspede a ficar, para espreitarem de noite o fantasma. O Dr. Alt não estava muito interessado no caso, pois acreditava pouco em espíritos, mas, por uma questão de delicadeza, aceitou o convite de Angel.

Na noite aprazada, como as crianças se mostrassem extremamente nervosas, foram levadas para casa de um vizinho. Angel e o Dr. Alt sentaram-se no meio do pátio e esperaram. O Dr. Alt deixou-se dormir. Perto da meia noite Angel acordou-o, dizendo que as vozes começavam a ouvir-se. O Dr. Alt não ouvia nada e Angel salpicou-lhe a cara com água para se certificar de que estava acordado. Depois seguiu Angel por um dos corredores e sentiu uma lufada de ar frio. Primeiro tirou a mão do bolso para sentir melhor aquela corrente de ar e seguiu em direcção às escadarias que conduziam ao segundo plano de arcadas. Agora já ouvia o estranho

POR UM FANTASMA

CRENSHAW

murmúrio de muitas vozes, como se estivessem rezando. A meio das escadas foram interrompidos por um grito arrepiante que partia do quarto de Angel. Os dois homens desceram e foram encontrar a Senhora Gutiérrez com um ataque de nervos. Entre soluços, dizia que uma força horrível a empurrara contra a parede e a manietara, até que conseguira gritar. Lá se viam as marcas de duas grandes mãos.

— Aquelas impressões pareciam marcas em cimento molhado, embora tivessem sido feitas numa velha parede — disse o Dr. Alt.

Angel jurava ter caiado recentemente a parede e por isso tinha a certeza de que nessa altura não estavam lá as marcas que se conservaram muito tempo, até que a parede foi derrubada, durante a demolição posterior daquela parte do edifício.

A seguir a esta cena pavorosa, nada mais aconteceu naquela noite.

No domingo seguinte, quando todos haviam deixado o mosteiro, excepto o Dr. Alt, este, já perto do crepúsculo, foi para a varanda e ali ficou a olhar para o pátio. Ouviu abrir e fechar a porta principal com grande estrondo. Supôs ser Angel que voltava. Porém, em vez disso, viu o Coronel e a ordenança a entrar para os seus quartos. Minutos depois reapareceram e atravessaram o pátio, dirigindo-se para a entrada.

Segue-se o depoimento daquilo que o Dr. Alt testemunhou depois:

«Moderaram o andamento e a ordenança parou exactamente a meio do pátio. O Coronel avançou até ficar debaixo de uma das arcadas. A sua atenção pareceu fixar-se dentro da larga entrada.

«Do sítio onde me encontrava, vinte metros afastado da cena, podia observar com exactidão o movimento dos dois homens. Vi o Coronel avançar lentamente, tirar o revólver do coldre, estender o braço e apontar e alvejar qualquer coisa que eu não vi. Fez fogo repetidas vezes. Cinco, ao todo. Tentou carregar de novo o revólver, mas este saltou-lhe das mãos, como se tivesse levado uma pancada. O Coronel levou precipitadamente as mãos ao pescoço, dir-se-ia querer libertar-se duma força que o estrangulava. Moveu a cabeça de um lado para o outro, desesperadamente, e depois vi a coisa mais estranha que se pode imaginar: o corpo caiu lentamente para trás e ficou suspenso no ar, sustentado por uma força invisível. Continuou a inclinar-se para trás de maneira inconcebível, até tocar no chão. Ali debateu-se violentamente e soltou um bramido, ou antes, um bramido de animal mal ferido com que terminou a luta. E a ordenança desmaiou completamente, dominada pelo medo.

«A morte ocorreu tão repentinamente, que nem sequer pensei em me mover do sítio onde me encontrava, até ouvir o gemido surdo do Coronel. Então atirei-me pelas escadas abaixo e corri para aquele corpo. Estava flácido e imóvel. O rosto avermelhou-se. Tinha a língua de fora. Baixei-me para ver o pescoço e notei que tinha escoriações e sinais de três enormes dedos.

«Momentos depois chegou Angel e a família com um grupo de vizinhos que ouviram o ruído dos tiros. Compareceu também a polícia vinda duma esquadra próxima. O Dr. Alt e Angel disseram tudo o que sabiam, mas ficaram detidos. O corpo do Coronel, assim como a ordenança ainda inconsciente, transitaram para a esquadra.

O Comissário da polícia perguntou se havia mais alguém no mosteiro, no momento do crime. Apesar da incriminação que isso implicava, o Dr. Alt insistiu em que não havia mais ninguém além do Coronel, a ordenança e ele. «Tenho a certeza» acrescentou, sem analisar o que dizia. «Quem quer que estrangulou o Coronel, não era visível para mim».

O Comissário disse que a justiça não podia admitir a participação dum fantasma num crime. O Dr. Alt respondeu que não tinha falado de fantasmas, mas sòmente do que tinha observado.

Parecia que o Dr. ia ser acusado do crime, até que sugeriu um exame mais rigoroso acerca da marca dos dedos no pescoço. O médico já tinha verificado que a morte fora devida a estrangulamento. Pediram-lhe que comparasse os sinais dos dedos deixados na garganta com os dedos do suspeito. Depois desse exame, o médico declarou que os dedos do Dr. Alt — dedos pequenos e delicados dum artista — não correspondiam de maneira alguma aos sinais

NOTÍCIAS DE MACEIÓ

CAMPANHA DO QUILO

Em Abril de 1955 foi fundada em Maceió esta Campanha, quase filial da *Legião do Quilo* que existe em muitos Estados brasileiros. Não podendo eu fazer esta Campanha, pois há mais de dez anos venho pedindo para o Grupo Escolar «Zaneli Caldas» (futuramente *ginásio* gratuito) ingressaram em Agosto do mesmo ano o meu filho mais velho e minha esposa. Como a Campanha é dirigida pelo Feliciano, um óptimo companheiro, e, do Alto, pelos luminosos espíritos de Francisco de Assis, Bezerra de Meneses e Caramuru, não pude resistir e desde 16 de Outubro que fiz a minha estreia e estou imensamente satisfeito.

LEGIÃO DA BOA VONTADE

De há muito que olho com simpatia esta Legião, tendo até consultado o confrade Leopoldo Machado para ingressar nela. Vindo este mês do Rio um cadete espírita, deu-me uma proposta para assinar, coisa que ontem fiz com grande contentamento. De Janeiro em diante, se Deus quiser, serei Legionário da Campanha da Boa Vontade. Você sabe o que é isto. É criação do Rio de Janeiro, encabeçando os primeiros Legionários a figura extraordinária de Leopoldo Machado.

UM PROJECTO DE MOCIDADE ESPÍRITA

Se a bondade de Deus consentir, em Março de 1956 será fundada em Maceió a 3.ª Mocidade Espírita, que terá o nome da companheira de Leopoldo Machado, «Marília Barbosa». Terá a sede no Prado, a um quilómetro do Centro Espírita «William Crookes», onde você realizou a 2.ª conferência. É um prédio enorme, onde está instalado o Grupo Escolar «Teresa de Jesus» e o Abrigo da Velhice Desamparada. A primeira foi a Mocidade «Humberto de Campos» e a segunda foi a Mocidade «Noémi Lício Marques», no Centro Espírita «José Eusébio», onde tivemos a gratíssima satisfação de o receber e as meninas lhe ofereceram um lindo ramalhete de flores.

LAR DE MARIA

A Campanha do Quilo dará origem ao Lar de Maria, destinado a meninas pobres, o qual, a partir de Março futuro, abrigará 10 necessitadas. A sua sede será na Sociedade Espírita «Discípulos de Jesus», no Prado, onde funciona o Grupo Escolar «Teresa de Jesus».

GRUPO ESCOLAR «ZANELI CALDAS»

No dia 11 de Dezembro realizou-se a festa de encerramento do Grupo Escolar «Zaneli Caldas», com doces, guaranás, pastéis e bombons. Foi uma festa interessante. Se você cá estivesse... Houve representações num palco improvisado e abrilhantadas por oito músicos.

JARDIM INFANTIL

Ainda esta semana iniciaremos a construção do «Jardim Infantil», junto ao Grupo Escolar «Zaneli Caldas». Será pequeno, mas susceptível de ampliação. No próximo ano lectivo teremos: Jardim Infantil, Pré-escolar, os 4 anos primários e Exame de Admissão. Este ano a matrícula do nosso modesto educandário marcou 348 alunos, mas a matrícula futura ultrapassará a casa dos 450.

FUTURO GINÁSIO «ZANELI CALDAS»

Desde o princípio de 1955 que estou pedindo dinheiro em todo o Maceió para este fim. Agora mesmo está quase fechado o negócio da compra da casa adjacente por uns 65.000 cruzeiros. Servirá para a escola profissional «Irmã Argemira» e no fim do ano será o auditório dos festejos do encerramento do ano lectivo. Acabámos de fazer limpeza ao Centro E. «José Eusébio» e consertar os móveis do Grupo Escolar.

Maceió — Estado de Alagoas.
Dezembro de 1955.

JAIME XAVIER SILVA
(representante)

---

deixados no cadáver. Contudo, o Dr. Alt ficou detido até a ordenança recuperar os sentidos.

No dia seguinte a ordenança foi ao mosteiro com o Dr. Alt, onde se fez a reconstituição do crime. O trémulo soldado, ainda num precário estado de nervos, insistiu firmemente que o Coronel tinha feito fogo contra a figura de um frade encapuzado.

— O meu Coronel deu um tiro e logo depois mais quatro — disse ele à polícia —. O fantasma continuou a andar em frente e tive um medo terrível. Estava certo de que o meu Coronel ia carregar de novo, mas, quando levantou o braço, surgiu da sombra uma mão enorme que lhe apertou o pescoço.

A sua história condizia perfeitamente com o que o Dr. Alt dissera sobre este ponto. A ordenança descreveu como aquela monstruosa mão sacudira o Coronel e o colocara no chão lentamente inclinado para trás.

O Comissário foi forçado a admitir que, embora no seu relatório não pudesse atribuir o crime a uma aparição, também, por outro lado, não podia acusar qualquer das duas testemunhas, ou mesmo Angel. Assim, o crime foi atribuido a «pessoa ou pessoas desconhecidas».

O Dr. Alt declara que continuaram a dar-se no mosteiro várias manifestações psíquicas, durante perto de ano e meio. Então ele e Angel descobriram um cemitério secreto dentro da Abadia. Informaram as autoridades e foram depois removidos 120 esqueletos, após o que cessaram os fenómenos supranormais.

Como pensador racional, o Dr. Alt admira-se de ter sido um dos poucos homens — possìvelmente o único — que, nos tempos modernos, testemunhou um crime praticado por um fantasma.

(Joaquim Pereira Júnior traduziu de «Fate Magazine»)

Curso de Evangelizadores

REALIZOU-SE, com êxito extraordinário, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, o Segundo Curso Intensivo de Preparação de Evangelizadores, de 4 a 15 de Janeiro, auspiciado pela Federação Espirita do Rio Grande do Sul, através do Serviço de Evangelização e Orientação Educacional das Gerações Novas, fundado pelo inolvidável Presidente Francisco Spinelli, a quem também se deve a iniciativa desses Cursos, sem dúvida inéditos no Espiritismo mundial e que abrangem desde Doutrina, Organização e Literatura, até Psicologia e Arte, conhecimentos esses administrados por um grupo de professores especializados.

Damos a seguir o programa desse esforço extraordinário para edificação de quantos servem a Causa em Portugal e no Brasil. Teremos ensejo de falar pormenorizadamente desta Federação, que está dando alto exemplo de serviço à Doutrina Espirita. Então melhor se poderá avaliar o seu trabalho sério e honesto.

Dia 4, Quarta-feira — *na sede da F. E. R. G. do Sul.*

Às 20,30 horas — Abertura dos trabalhos pelo Presidente da F. E. R. G. do Sul.

Considerações sobre o Evangelho, pelo Director do Serviço, sr. José Simões de Matos.

Apresentação do curso pela Prof.ª Dinah Fagundes Rocha.
Hora de arte.

Dia 5, Quinta-feira — *no C. E. Amigo Germano.*

Às 8 horas — 1.ª aula: Doutrina — Deus, Religião, Prece.

Às 9 horas — 2.ª aula: A Educação à Luz do Espiritismo — Como o Espiritismo encara no tempo a extensão da obra educativa. O educador, causa eficiente, auxiliar da educação.

Às 10 horas — 3.ª aula: Aula prática no Jardim da Infância — Deus.

Às 10,45 — 4.ª aula: Música.

Às 16 horas — 5.ª aula: Literatura Infantil: Definição, valor e classificação das histórias.

Às 17 horas — 6.ª aula: Aula prática no 1.º ciclo: Deus.

Às 18 horas — 7.ª aula: Introdução ao estudo da psicologia aplicada à Educação.

Dia 6, Sexta-feira — *no C. E. Amigo Germano.*

Às 8 horas — 8.ª aula — Doutrina — Antecedentes do Cristianismo.

Às 9 horas — 9.ª aula — Aula prática no 1.º ciclo: Prece.

Às 10 horas — 10.ª aula — Psicologia: Curiosidade.

Às 11 horas — 11.ª aula — Música.

Às 16 horas — 12.ª aula — Literatura Infantil: A história e a evolução dos interesses da criança e do jovem. Apresentação das histórias.

Às 17 horas — 13.ª aula — Aula prática no Jardim de Infância: Prece.

Às 18 horas — 14.ª aula — Psicologia — Evolução dos interesses.

Dia 7, Sábado — *no C. E. Amigo Germano.*

Às 8 horas — 15.ª aula — Doutrina: Jesus, o Cristo de Deus.

Às 9 horas — 16.ª aula — Aula prática no 1.º ciclo: Primeira Revelação.

Às 10 horas — 17.ª aula — Psicologia: A atenção.

Às 11 horas — 18.ª aula — Música.

Às 16 horas — 19.ª aula — Literatura Infantil: Características de uma boa história. Adaptação de histórias.

Às 17 horas — 20.ª aula — Aula prática no 2.º ciclo: Jesus.

Às 18 horas — 21.ª aula — Psicologia: Evolução dos interesses.

Dia 8, Domingo

Às 8,30 — Visita ao Hospital Espirita.

Dia 9, Segunda-feira — *no C. E. Amigo Germano.*

Às 8 horas — 22.ª aula — Doutrina: O Evangelho: Finalidade, essência e propagação.

Às 9 horas — 23.ª aula — Aula prática no 2.º ciclo: O Cristão.

Às 9,30 horas — 24.ª aula — Psicologia: Imaginação e memória.

Às 10,30 horas — 25.ª aula — Música.

Às 11 horas — 26.ª aula — Aula prática no Jardim: Jesus.

Às 15 horas — 27.ª aula — Literatura Infantil: Preparo do professor e artifícios aconselháveis na apresentação de histórias.

Às 16 horas — 28.ª aula — Aula prática no Jardim da Infância: Respeito à vida própria.

Dia 10, Terça-feira — *no C. E. Amigo Germano.*

Às 8 horas — 29.ª aula — Doutrina: Cristianismo Redivivo — o Espiritismo.

Às 9 horas — 30.ª aula — Aula prática no 1.º ciclo — 3.ª Revelação.

Às 9,45 horas — 31.ª aula — Música.

Às 10,30 horas — 32.ª aula — Psicologia.

Às 16 horas — 33.ª aula — Literatura Infantil: Prática de adaptação de histórias.

Às 17 horas — 34.ª aula — Psicologia — Aprendizagem, conceito e espécies; falsas ideias sobre aprendizagem.

Dia 11, Quarta-feira — *no C. E. Amigo Germano.*

Às 8 horas — 35.ª aula — Doutrina: Problemas fundamentais da criatura em face da 3.ª Revelação.

Às 9 horas — 36.ª aula — Aula prática no Jardim: O trabalho.

Às 10 horas — 37.ª aula — Música.

Às 10,30 horas — 38.ª aula — Psicologia: Impulsos e emoções.

Às 16 horas — 39.ª aula — Literatura Infantil: Prática de adaptação de histórias.

Às 17 horas — 40.ª aula — Aula prática no 2.º ciclo: 3.ª Revelação.

Às 18 horas — 41.ª aula — Psicologia — Aprendizagem: Leis e princípios da aprendizagem.

A "Evolução", de

Por ALEIXO VÍTOR MAGAL

II

Prosseguindo nos ligeiros comentários sobre « A EVOLUÇÃO», mais um livro com que Carlos Imbassahy engrandeceu a literatura espirita luso-brasileira, aqui estamos.

O prólogo do livro faz ressaltar o fanatismo, a ingorância, o atraso mental, a maldade, a cupidez, o egoismo e a desonestidade com que os sectários religiosos esfriaram o coração dos homens, a ponto de lhes congelar a fé. A religião passou a ser motivo de guerra, de atrocidades, de crimes horrendos, chacinas diabólicas. Nem mesmo Jesus de Nazaré, exemplificando que Religião é Paz, Amor, Perdão, Altruismo, Fraternidade e Renúncia, conseguiu mudar o rumo odiento do sectarismo religioso- Oito séculos decorridos após os Evangelhos do Mestre Nazareno, em plena catástrofe, no auge do pandemónio das religiões, explode na Terra uma ciência nova, para esclarecer os homens e dar-lhes a noção exacta das leis divinas e do Universo, isto é, de Deus, das coisas e dos seres. Essa ciência tomou o nome de Espiritismo, e seus preceptores foram os seres desprovidos de carne e osso, que se identificaram como espíritos ou almas dos defuntos, oferecendo aos sábios deste mundo as provas mais reais da sua sobrevivência.

Allan Kardec foi escolhido por esses cientistas de além-túmulo para coligir e codificar os ensinos ministrados por eles, o que se denomina hoje DOUTRINA ESPIRITA.

Surgiram, então, outros sábios de carne e osso, que receberam, a seguir, instruções complementares ministradas por seus colegas desencarnados e desossados.

O famoso astrónomo francês Camilo Flammarion, evidentemente inspirado, escreveu «Deus na Natureza», demonstrando a vida eterna em todos os planos da Criação, tendo Deus a presidir tudo, através dos reinos e das espécies, em todos os mundos; outro cientista célebre, Gabriel Delanne, publicou o tratado singular, um luzeiro sobre as origens da alma, que é «A Evolução Anímica», completado por mais dois: «A alma é Imortal», eloquente documentário esclarecedor dos problemas da vida, e a sua mais importante obra, a última que escreveu, «A Reencarnação», de lógica irrecusável.

Ainda um filósofo francês, reconhecido espiritualista, Léon Denis, no seu científico e racional esforço de solucionar os transcendentes problemas da vida e da morte, da natureza do ser, das suas sucessivas existências carnais, do seu destino e dos seus primórdios, com estudos experimentais sobre personalidades duplas, consciência profunda, renovação da memória, etc., lançou à publicidade os farois «Depois da Morte», «O Problema do Ser, do Destino e da Dor», «O Porquê da Vida», «No Invisível» e «O Grande Enigma».

Arthur Findlay deu-nos «No Limiar do Etéreo», experiências mediúnicas, controladas com rigor absoluto, de «voz directa» e de outros meios de comunicação entre vivos e mortos, estudando o éter, a vida dos espíritos, etc.

William Crookes publicou o compêndio de provas, em que relata suas experimentações, rigorosamente científicas, realizadas por esse sábio de renome universal, em presença de vários luminares da Ciência, relatório clássico de fenómenos provocados durante anos seguidos pelo espírito que de Katie King, especialmente de materialização, obri-

Dia 12, Quinta-feira — *no C. E. Amigo Germano.*

Às 8 horas — 42.ª aula — Organização e funcionamento das tos Espiritas.

Às 9 horas — 43.ª aula — Aula prática no 2.º ciclo — Vultos Espiritas.

Às 9,45 horas — 44.ª aula — Música.

Às 10,30 horas — 45.ª aula — Psicologia: A motivação da aprendizagem — fontes de motivação — direcção da aprendizagem (planejamento).

Dia 13, Sexta-feira — *no C. E. Amigo Germano.*

Às 8 horas — 46.ª aula — Psicologia: Vontade.

Às 9 horas — 47.ª aula — Organização e funcionamento das aulas da Juventude.

Às 10 horas — 48.ª aula — Música.

Às 10,30 horas — 49.ª aula—Organização e funcionamento das aulas da Infância.

Às 16 horas — 50.ª aula — Valores educativos da recreação: Tipos de recreação.

Às 17 horas — 51.ª aula — Aula prática no 1.º ciclo: Evolução.

Às 18 horas — 52.ª aula — Doutrina: Missão espiritual do Brasil.

Dia 14, Sábado — *no C. E. Amigo Germano.*

Às 8 horas — 53.ª aula — Organização de um programa de auditório. Poesia.

Às 9 horas — 54.ª aula — Organização e funcionamento das aulas da Infância.

Às 10 horas — 55.ª aula — Música.

Às 11 horas — 56.ª aula — Psicologia: Sentimento—Sumário da matéria.

Às 16 horas — 57.ª aula — Seminário sobre os assuntos estudados no Curso.

Dia 15, Domingo.

Pela manhã, passeio pelos arredores da cidade.

Às 17 horas (na sede da Federação) — encerramento do curso.

Explanadores: **Alba Saucedo, Alberto Rocha, Anita Zimermann, Cecília Rocha, Dalila Sampaio, Dinah Fagundes Rocha, Duilio Lena Berni, Zalmino Zimermann.**

Carlos Imbassahy

(Correspondente em Volta Redonda, Brasil)

traduzida para o português sob o nome de «Factos Espiritas». Os pastores protestantes Moses e Dale Owen escreveram, respectivamente, «Ensinos Espiritualistas», conjunto de esplêndidas revelações de carácter filosófico, que lhe transmitiu o espírito «Imperator», e «Região em Litígio Entre Este Mundo e o Outro», cujo aparecimento convulsionou os meios religiosos, na América e na Europa.

Valendo-se das pesquisas, dos estudos analíticos e das múltiplas investigações científicas de toda a ordem, dezenas de vezes repetidas pelos já citados escritores, outras figuras eminentes da ciência, das religiões e da filosofia, as repetiram.

Numerosos outros autores lhes sucederam até os dias actuais. Vários deles pesquisaram, analisaram e usaram processos particulares para contraditá-los; mas, não foram experimentalmente contraditadas as conclusões a que chegaram aqueles. Os contraditores existentes, os negadores afoitos das verdades apuradas pelos experimentadores sé-como crêem nos dogmas que lhes são dados, mesmo que absurdos. «Negam porque negam» e «crêem porque crêem». E como muito bem afirmou Carlos Ibassahy no prólogo desse fanal extraordinàriamente reluzente, que é seu último livro — «A EVOLUÇÃO».

— «Já não é a época do «crê ou morre», mas, a do vê e aceita. Já não se constrangem as consciências; esclarecem-se. Já não se trata de homens, mas de ideias. A nova revelação surge para uma revolução nos processos doutrinários; aparece-nos por um novo método: o da convicção pela prova. Vem com o jacto; é-nos apresentada pelo fenómeno. Surge-nos com os métodos que a Ciência preconiza».

Ajustam-se perfeitamente aqui as frases de que usou o esclarecido Pedro Granja no prefácio da obra em cita:

— «Aí, então, religião e ciência se unem à Eterna Sabedoria, que é o Caminho. Caminho, que é a Verdade, que é a Vida, que é o Amor. E o Amor — que é Deus».

Nestes despretenciosos comentários sobre «A Evolução», o novo livro do cintilante autor e inigualável polemista espírita Carlos Imbassahy, o Léon Denis brasileiro, nada mais visamos do que chamar a atenção dos nossos confrades, quanto ao dever, que a todos nos cabe, de ler e propagar a leitura desse brilhante raro, encrustado por ele na biblioteca espiirtualista mundial, graças à sua privilegiada mentalidade e ao seu abnegado esforço. Por isso, fazemos nossas as humildes expressões desse outro gigante do pensamento que nos deslumbrou com o reverberante repositório de sublimados ensinamentos — o livro monumental que é «AFINAL, QUEM SOMOS ». Disse o erudito e emérito publicista Pedro Granja, concluindo o prefácio de «A Evolução», e nós repetimos, para fechar estas linhas: «Como poderíamos, com meras palavras de entusiasmo e de louvor, apreciar outros capítulos de «A Evolução», como «Selecção Natural», «Evolução Espiritual», «Psicologia», «Regressão da Memória», «Instinto», «Biblia», «Ressurreição», «Endocrinologia», «Herança Psíquica», etc.? É de todo impossível Arrojar-se ao tentar-me seria querer inùtilmente competir com o autor ou produzir certamente laudas soníferas». Confrades, lêde e propagai «A Evolução», a bem da Doutrina.

Volta Redonda, Outubro de 1955.

Mediunidade no Lar

Não abandones a tarefa mediúnica no lar, a pretexto de te encontrarem em círculo reduzido.

Muita vez, a popularidade não passa de amargosa provação.

Ainda que te encontres ao lado de um ou dois companheiros sòmente, reúne-te com eles, em nome do Senhor, que designará mensageiros de amor e luz para o serviço de amparo ao teu esforço no bem.

Como realizar a grande jornada se não nos dispomos a dar os passos do início?

As gotas de água fazem o grande rio e notas minúsculas compõem a sinfonia magistral.

Recorda a bênção do alívio ao desencarnado infeliz, a assistência ao companheiro que chora e a protecção à criança enferma.

Lembra-te da palestra que ajuda a quem sofre, da ideia aparentemente sem importância que brilha, repentina, em tua boca, para a solução dos problemas difíceis, do estímulo que podes acender num coração desanimado, e trabalha sempre.

Enquanto na Terra, ninguém pode imaginar o valor, a extensão e a eficácia de uma prece, nascida na fonte viva do sentimento.

A tranquilidade de muitos procede sempre do esforço conjugado de alguns poucos.

A mediunidade no lar, quando ligada à inspiração do Evangelho, realiza infinitos milagres de trabalho e contentamento, bom ânimo e carinho.

Atende, acima de tudo, às lições do bem.

A caridade é Jesus conosco.

A mão que escreve um livro nobre é respeitável e generosa; todavia, a mão que socorre um doente é sublime e santa.

O coração que compreende e ajuda supera em grandeza a inteligência que estuda e ensina.

Sê o abençoado instrumento da paz e da alegria para aqueles que te rodeiam.

No silêncio e no anonimato do trabalho espiritual em casa, podes hoje semear a glória e a felicidade que, amanhã, brilharão em tua alma eternamente.

EMMANUEL

(Página recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier).

A PROPÓSITO DE DISCOS VOADORES

MUITO se tem escrito acerca de discos voadores, sem, contudo, haverem chegado a conclusão satisfatória. Agora, que o caso serenou, que os prelos afrouxaram a marcha, é oportuno divulgar uma carta publicada em *Constancia,* de Buenos Aires, embora não tenha sido revelado o nome do seu autor. Foi transcrita do *Clarim,* da mesma cidade.

5 de Dezembro de 1954. — D'Alton, conhecido homem de ciência francês, aperfeiçoador da máquina que fez explodir as minas terrestres a distância, quando a França se libertou, e salvou assim 2.500 vidas humanas, acaba de expor uma interessante e revolucionária teoria que deveria explicar o fenómeno mais discutido do século; a aparição dos discos voadores, que apaixona e intriga os contemporâneos. A teoria de D'Alton é destruidora, pois representa a demolição de todas as hipóteses baseadas em marcianos, aparelhos de velocidade ultrassónica e inventos bélicos de poder incontestável. Ouçamos D'Alton:

— Recordemos, por agora, algumas verdades conhecidas. Os Norte-americanos, e sem dúvida os Russos fazem explodir mais ou menos regularmente algumas bombas atómicas experimentais, *A* e *H*. Estas explosões libertam nuvens radioactivas e potência temível, que se deslocam lentamente através da zona mais alta da atmosfera.

«Também sabemos que um gás é «ionizado», quando as suas moléculas se dissociam. Há várias formas de dissociação: por temperatura muito elevada, por certos raios ultracurtos ou por elementos radioactivos.

«Ora bem... Um gás ionizado emite, em determinadas condições, raios luminosos, quando atravessado por uma corrente electromagnética de intensidade adequada. Assim mesmo, esse gás, que é o ar da atmosfera, é ionizado fortemente, desde há anos, graças ao pó radioactivo que libertam despreocupadamente os nossos modernos aprendizes de feiticeiros, ao fazer explodir bombas atómicas. Por outro lado, os motores de reacção provocam ionizações locais ao expulsar gases que atingem 800 graus. Finalmente, certos terrenos radioactivos, de urânio e outros, podem ionizar parcialmente a atmosfera. Este é o primeiro elemento do problema.

«O segundo, são os raios ultracurtos, que abundam, graças aos radares, quer sejam do solo, dos aeroportos ou da defesa aérea, ou os radares dos aviões. As faces dos raios emitidos por esses radares podem ser móveis e fugitivas e imobilizar-se nalguns momentos. Se aplicarmos aos radares os faróis unidireccionais e outros aparelhos de teleguiar, os raios electromagnéticos formarão sobre a França, ou outro país qualquer, uma verdadeira teia de aranha.

«Finalmente, essas fases radiantes, quer venham do solo para o céu, ou vice-versa, atacam a atmosfera e as suas camadas ionizadas em todos os sentidos. Suponhamos agora que uma das fases electromagnéticas atravessa uma camada de ar fortemente ionizada. É possível que, na intercepção da fase com a pantalha que se forma, surja intensa iluminação com forma de guardanapo, de bola de *rubgy* ou de cigarro, de harmonia com o ângulo de ataque da fase e da camada de ar ionizada que atravessa. Isto é tanto mais provável, quanto mais as cores dos discos voadores observados correspondam às que se obtêm no laboratório em tubos de gás ionizados, que são variáveis e furtacores.

«Vejamos, por exemplo, o caso do avião de reacção perseguido por discos voadores. Já vimos que os gases de combustão que o avião repele ionizam fortemente a atmosfera por onde ele passa. Basta que outro avião, ainda muito afastado, o capte e observe com o seu radar, para que um disco voador apareça na esteira ionizada do aparelho...

«Portanto, o caso dos discos voadores observados no campo explica-se perfeitamente pela conjugação de um terreno radioactivo que ioniza uma camada de ar e o choque de uma fase de um avião que voa a grande altura.

«A meu ver, a aparição de discos voadores só poderia ser fenómeno puramente luminoso, em virtude do encontro de uma fase de ondas ultracurtas com camadas de ar ionizadas.

«Creio que a minha teoria poderia demonstrar-se pràticamente nos laboratórios e em plena natureza. Nos laboratórios, atacando uma camada de ar ionizada introduzida num tubo adequado por ondas ultracurtas produzidas no exterior. Encontrar-se-iam então, seguindo o ângulo de ataque da fase, todas as formas descritas e também todas as cores, numa gama que iria da intensidade luminosa extrema às tonalidades difusas, azuis, alaranjadas, violáceas. Em plena natureza, também pode demonstrar-se a minha teoria, captando, mediante um avião especial, qualquer nuvem radioactiva e atacando-a com uma fase de radar concentrado. Estou certo de que, então, se veria aparecer um disco voador. Esta experiência poderia ser tentada sem grandes despesas pelos poderes públicos e o seu êxito acalmaria o sentimento popular que costuma assumir proporções inquietantes.

«Outras hipóteses, segundo as quais os discos voadores são também reflexos luminosos, pretende que sejam produzidos por uma nação do Leste com o fim de radioguiar os aviões de bombardeamento. Isto confirmaria o que acabo de expor. Com efeito, estas impressões luminosas provêm de vibrações absolutamente estranhas à ideia de massa. Já vimos que a sua origem nada tem de misterioso. Até deve ser perfeitamente conhecida dos Estados-Maiores, cujo silêncio se justifica por razões fáceis de compreender.

«— *Quem envia as fases?*

«Pode admitir-se que os especialistas disponham de elementos suficientes para estabelecer verdadeiros cabos transportadores de energia de uma precisão que toca as raias do absoluto. O valor e a natureza da energia disponível serão, provàvelmente, muito grandes, se no ponto de encontro da fase dirigida, houver uma fonte de energia potencial secundária liberada pela acção da energia primária da fase.

«Mas ... quem envia essas fases de onda curta? Por um lado, todos os radares inocentes de que acabámos de falar. Por outro... Quem sabe se não nos fica por descobrir a fonte principal, o segredo sensacional de todo este enigma? Não há dúvida de que a humanidade se entrega a jogos perigosos que deveriam ser proibidos».

Crónica Mundial

Por ADELAIDE IVONE DE SOUSA

O CASO DE ROSEMARY

A revista inglesa *The Spiritual Healer*, de Janeiro último, inseriu um curiosíssimo caso de cura espiritual, a que deu o seguinte subtítulo:

Eis a última história dum dos casos submetidos à Comissão do Arcebispo para investigação e prova da cura espiritual.

«Quando Rosemary tinha seis meses de idade, a mãe notou-lhe um inchaço no pescoço e levou-a ao médico e depois ao hospital de Chelmsford. Fizeram-lhe vários tratamentos sem resultado e aos 8 meses foi operada. Ficou internada no hospital até aos 10 meses, e depois a mãe recebeu a terrível notícia de que a criança tinha doença incurável. Contudo, Rosemary continuou a desenvolver-se e foi saudável até aos três anos. Depois o inchaço voltou ao pescoço. Mais uma vez Rosemary baixou ao hospital e o especialista Mr. Sheppard fez-lhe segunda operação. Disseram à mãe que era o mesmo mal incurável, mas como tinha vivido durante tanto tempo, podia ir para o Hospital de Londres. Rosemary foi ali internada e fizeram-lhe radiografias durante cinco semanas.

O radiologista Dr. Lacey disse: «Quando o Dr. Sheppard extraiu uma porção de tecido celular do pescoço, examinei-o ao microscópio, e fui incapaz de dizer qual a causa do inchaço. Então submeti o tecido a professores peritos. Os professores ficaram estupefactos. Quatro pensavam que era uma espécie de cancro, enquanto os outros três discordavam; contudo, foram incapazes de descobrir a causa».

Rosemary continuou no Hospital de Londres ao cuidado do Dr. Borden e do Dr. Orn, que confirmaram a natureza incurável da doença. Por isso Rosemary recolheu a casa, para ali morrer.

Foi nessa ocasião que uma amiga da família perguntou aos pais se ela podia escrever ao Sr. Edwards, a fim deste tentar a cura a distância. Eles concordaram e a interferência começou.

Os inchaços em breve desapareceram e nunca mais voltaram. Rosemary tem agora seis anos e está perfeitamente bem.

Em Novembro último, o Dr. Lacy escreveu: «Estou muito contente por saber que Rosemary está tão bem. Penso que será uma criança perfeitamente normal. Posso testemunhar que Rosemary está de boa saúde, sem sinais aparentes de inchaço».

Quando Rosemary foi levada ao hospital, a religiosa de serviço disse: «Esta não é Rosemary», e em todas as visitas os médicos ficavam pasmados e muito satisfeitos».

Quando a mãe disse ao médico que Rosemary tinha beneficiado duma cura espiritual, ele replicou: «Bem, tudo o que posso dizer é que esta criança não devia estar aqui».

Esta é a história de Rosemary. Agora não encontram vestígios de inchaço, depois de dois anos, e dirão palavras deste género: «Traga a criança daqui a dois ou três anos e então concordaremos que ela está curada»... e por tudo o que observámos, não nos admiraremos que depois digam que a cura foi há tanto tempo, que já não podem fazer nenhum comentário a tal respeito.

«Nós somos apenas advogados, mas temos bom-senso suficiente para não carregar os dedos com força nas glândulas do pescoço, (especialmente devido à doença de Rosemary), o que era uma coisa muito má.

Se o inchaço estivesse adormecido, a doença da criança teria voltado. Mas não; e Rosemary triunfou deste brutal exame médico».

DEVEMOS PROTEGER AS AVES?

Pro-Humanitate, órgão do Conselho Espiritual Mundial, insere um apelo a todas as almas sensíveis a favor das aves. A «Liga Belga de Protecção às Aves» insurge-se contra a matança desses animais, sob pretexto de que são nocivos à agricultura, e acrescenta:

«Os laboratórios especializados procederam durante todas as épocas do ano a análises de milhares de estômagos de animais para determinar, de forma rigorosa, o regime alimentar das várias espécies. Daí resultou uma classificação bastante arbitrária de aves úteis, indiferentes e prejudiciais. A natureza revolta-se contra esta catalogação. As suas leis são impenetráveis aos homens que imaginam poder codificá-las como às simples leis humanas.

«Sabemos que todas as aves são necessárias perante todas as séries de insectos.

«Antes da última guerra espalhou-se outra opinião (contrária à que acima foi citada) que não cessou de progredir: as aves devem ser protegidas, pelo seu carácter estético, pelo encanto insubstituível que elas dão à natureza. O Congresso de Viena, de 1937, apoiou as novas concepções que correspondem a maior evolução cultural e moral da nossa época.

«Quem fechar os olhos a esta verdade será ultrapassado por esta evolução. Mas qual será o motivo que os impele a figurar de beócios neste mundo de progresso?

«Será porque as aves são em tudo poesia, que eles as desprezam ao ponto de as engaiolar até à morte?...

«Será porque as aves cantam a alegria de viver e que a sua presença se lhes torna insuportável?

«Ou ainda porque neste mundo de animalidade as aves nos oferecem o mais belo exemplo do lar unido, da doce quietação do ninho e da ninhada, que lhes parece antiquado e imensamente incomodativo?»

O nosso confrade alonga-se ainda nesse carinhoso apelo em prol das avezinhas, principalmente contra a matança dos habitantes alados. Aqui lhe manifestamos o nosso inteiro aplauso.

REENCARNAÇÃO RECONHECIDA

O «Instituto de Cultura Indiana» forneceu a seguinte notícia:

«Muitos poetas notáveis se referiram à reencarnação.

«Nestes incluem-se Vítor Hugo e Béranger em França, e Campanella

em Itália, Goethe e Schiller na Alemanha, Walt Whitman, Whittier e Longfellow na América, A. E. na Irlanda, e uma grande lista de poetas ingleses: Milton, Shelley, Browing, Tennyson, Dante, Gabriel, Rossetti, Matthew, Arnold e John Masefield, para mencionar alguns.

«Herder, Schopenhauer, Emerson e McTaggart, entre os filósofos ocidentais, foram atraídos pela ideia da reencarnação.

«O espaço não permite citar os novelistas e dramaturgos, além de Rider Haggard, H. G. Wells e Bernard Shaw, que apresentaram o tema da reencarnação nas suas obras».

A PERCEPÇÃO EXTRA SENSORIAL DOS GÉNIOS

Da revista «Fate», de Novembro último extraímos o seguinte artigo, devido à pena de H. Addington Bruce:

Recentes experiências provam que a percepção extra-sensorial (E. S. P.) deve ser considerada como parte da hereditariedade humana.

Um estudo sistemático dos fenómenos da telepatia, clarividência, clariaudiência, pré-conhecimento, etc, começou com a Sociedade de Investigações Psíquicas.

Casos de Percepção Extra-Sensorial (E. S. P.) bem certificados foram reunidos aos melhores desde os povos primitivos até aos mais civilizados.

Têm sido descobertos meios de *contrôle* infalíveis de percepção extra-sensorial, mas parece certo que a *Per. Ext. Sen.* se manifesta com mais frequência nuns indivíduos do que noutros.

Os chamados homens e mulheres de génio beneficiam duma capacidade invulgar de receberem o conhecimento do seu subconsciente devido à *Per. Ext. Sensorial.*

Esta prova tornou-se evidente devido aos estudos recentemente feitos na Sociedade de Investigações Psíquicas, principalmente nos trabalhos realizados pelo investigador Frederic W. Myers.

Myers foi mesmo ao ponto de dizer que todas as realizações dos homens de génio são produto de «ideias que eles não originaram conscientemente mas que tomaram forma nas regiões mais profundas dos seres».

Um desses génios foi o grande inventor Thomas A. Edison.

Eu próprio escrevi ao Sr. Edison, inquirindo dos seus métodos de trabalho, e acerca das fontes das suas ideias inventivas. Quase na volta do correio recebi a resposta que dizia:

«No meu caso acho que os pormenores das ideias novas chegam-me à força de pensar. Pròpriamente as ideias novas vêm-me do ar, por assim dizer; vêm como surpresa».

Entre todos os homens de génio que sentiram e se expressaram naquilo a que chamamos *Pre. Ext. Sensorial,* estão os poetas e pensadores: Goethe é um deles. Embora a obra-prima «Fausto», começada na sua juventude, só fosse completada na sua velhice, Goethe escrevia as suas obras com extrema rapidez.

Quando escreveu «Werther» — que lhe deu fama mundial — fê-la em cinco semanas. Foi escrita quase em estado de sonambulismo, disse Goethe. Algumas das suas mais belas poesias líricas foram escritas sob impulso misterioso.

Ele declarou ao seu amigo e colaborador Johan Peter Eckermann: «Às vezes corria para a minha secretária, e, sem ter tempo de ajeitar o papel, escrevia o poema do princípio ao fim, sem sair do meu lugar... Outras vezes o ruído da minha caneta despertava-me da poesia, como se a fizesse sonambùlicamente e distraía-me, de modo que isso sufocava-a um pouco no seu nascimento».

Goethe tinha alguns fenómenos extra-sensoriais, mesmo sem falar dos seus trabalhos intelectuais. Neles se manifesta o conhecimento, por meio da clarividência, dum tremor de terra em Messina. Este conhecimento chegou-lhe enquanto fixava as nuvens em dia de tempestade, à janela do seu quarto em Weimar.

Uma vez Goethe foi a cavalo a uma aldeia vizinha para se despedir da sua noiva Frederica de Brion. Goethe descreveu o fenómeno que se passou consigo, dizendo: «Aconteceu-me um dos mais estranhos fenómenos. Vi-me, não com os olhos do corpo, mas com os do espírito, voltar a cavalo pelo mesmo atalho e vestido com um fato que eu nunca usei: cinzento-pálido e com algum ouro. Logo que despertei do sono, a forma desapareceu. Contudo é estranho que, decorridos oito anos, eu voltasse pelo mesmo atalho depois de ter ido outra vez visitar Frederica, e envergasse o mesmo fato com que sonhei; e isto não foi de propósito, mas por acaso».

Schiller tinha fenómenos parecidos na escrita automática. Sentia a imaginação embotada, quando trabalhava conscientemente.

Schiller escreveu no «Cristianismo Korner»: «Num cérebro criador a razão retira a sua vigilância, as ideias amontoam-se em confusão».

O poeta italiano Bettinchli tem a mesma opinião, quando afirma: «O feliz momento para o poeta pode ser chamado um sonho sonhado na presença do intelecto, que está com ele, e que olha de olhos atentos para a obra».

Muitos autores, tanto poetas como prosadores, devem aos sonhos os seus poemas e histórias.

O «Kubla Khan», de Samuel Taylor Coleridge's, esse estranho poema inacabado que tem sido descrito como «sem rival na língua inglesa», veio-lhe por meio de um sonho.

«O Dr. Jekill e o Sr. Hyde» não é a única história que veio em sonho a Robert Louis Stevenson. Duvidando das experiências acerca da E. S. P., Stevenson sugeriu que tinha os seus sentidos extra-sensoriais sob *contrôle.*

Por que modo a percepção extra-sensorial auxilia os escritores e os poetas? É por telepatia de várias mentes, por meio da clarividência ou por meio de ambas as faculdades?

O «Kuba Khan» de Coleridge's pode ser um exemplo de retro-conhecimento (conhecimento supranormal do passado). Pelo menos num poema do laureado poeta inglês Alfred Tennyson, o pré-conhecimento (conhecimento supranormal do futuro) está bem evidente.

Os que leram o seu poema dramático «Lockley Hall» devem lembrar-se de que, a meio, sem razão justificada, Tennyson volta repentinamente do seu tema de amor frustrado para fazer uma radical predição.

Numa carta escrita a um amigo e citada em «Estudos da Ciência Psíquica», de Hudson Inttle's, afirmou:

«Nunca tive revelações por meios anestésicos, mas numa espécie de transe que eu sentia, quando estava completamente só.

«Isto acontecia-me com frequência, repetindo o meu nome a mim próprio, até que, de repente, era com se estivesse fora da intensidade da consciência individual, que parecia dissolver-se e desaparecer num ser sem limites».

Não serão estas manifestações extra-sensoriais dos génios, estes estados de transe, o que geralmente chamamos a inspiração?...

Em tudo isto não estará demonstrada a nossa íntima e fortíssima logação com o Grande Mundo Invisível?

Assim o pensamos.

Notas & Comentários

«ESPIRITISMO NO AR»

Esta é a rubrica de um interessante programa criado na capital da Bahia, em Novembro último, pelo nosso correspondente Alfredo Miguel, estrénuo batalhador sempre disposto à defesa do seu baluarte que, no caso presente, é o Serviço de Alto-falantes 1.º de Janeiro emitido às quartas-feiras e domingos respectivamente, às 18,45 e às 9,30, do bairro de Santa Luzia.

Alfredo Miguel tem dois colaboradores: Sebastião Alves Machado e D. Rosa da Mata Bandeira. O bairro é de gente modesta e o Programa ministra ensinamentos da Doutrina com agrado de todos.

Além deste esforço louvável, Alfredo Miguel faz conferências em vários Centros, através da sua palavra clara e verdadeiramente expressiva, plena de vivacidade. É a palavra de um arauto afeito ao trabalho. Apesar do tempo que gasta em funções públicas, rouba aos ócios momentos preciosos que emprega na difusão do Espiritismo.

A inciativa é de grande alcance. Muitas almas poderã despertar no sentido de luz mais radiosa, que o mundo está carecido de orientação sadia e de impulsos nobres. Na hora em que o Brasil encontrou um homem que o deseja honrar e prestigiar com medidas extraordinárias, é bom que os paladinos da 3.ª Revelação ergam a sua bandeira.

Noutra página deste número inserimos uma valiosa palestra de Alfredo Miguel realizada ao microfone do Serviço de Alto-falantes 1.º de Janeiro, com sede no bairro de Santa Luzia, cidade de Salvador.

A REENCARNAÇÃO

As divergências no sector espirita inglês acerca da teoria da reencarnação acentuam-se verdadeiramente. O número dos adeptos aumenta dia-a-dia, como verificamos ao folhear os jornais espiritas ingleses. Eis um relato muito interessante publicado no Two Worlds, de Londres, em Fevereiro de 1954:

«A frase «já aqui estive» será prova de reencarnação? Mary Hayley Bell, escritora teatral e esposa do actor John Mille, julga que sim, «Sinto-me no tempo de Isabel — disse ela a um redactor do Sunday Chronicle, o qual, em seus comentários, afirma que o cabelo fulvo e o rosto oval da escritora se assemelham aos da grande rainha.

«Às vezes, Mary vagueia pelas margens do Tamisa, perto da casa onde morreu Isabel I.

«— Qualquer coisa me atrai para ali — exclama —. Gosto de ver as velhas obras de talha desse tempo. E vou. Parece-me sentir o cheiro de carne de pato. Isto só se justifica por eu ter vivido nesse tempo».

«A escritora apresenta este argumento para reforço de sua crença na reencarnação. Há pessoas que têm uma espécie de sabedoria que não podiam adquirir numa única existência.

«Outro crente na reencarnação é a actriz Hermoine Baddeley, que afirma ter sido obsidiada por «Nell Guynn». A casa que ela escolhera para clube soube ter sido dada a Nell pelo Rei Carlos. Um oftalmologista que lhe observou os olhos declarou que os descendentes de «Nell Guynn» eram as únicas pessoas que tinham olhos assim.

«Também a senhora Oocker, natural da Escócia, diz que ao passar no Yorkshire tem a sensação de já lá ter estado antes. O reverendo Leslie Weatherhead acha que a sua reencarnação é razoável: «Responde a uma série de perguntas. É animador podermos voltar à terra a tentar a sorte, pois há muitas pessoas terrivelmente embaraçadas que nunca chegam a viver».

Antigamente as revistas anglo-saxónias de Espiritismo manifestavam relutância em admitir a reencarnação. Diziam que o espírito evolucionava fora da terra e apresentavam argumentos frágeis e discutíveis que, mesmo assim, alguma confusão lançavam neste assunto. Hoje, o ambiente está profundamente modificado. Grandes escritores e jornalistas aceitam a reencarnação, pois sem ela ficariam insolúveis os grandes problemas morais.

«A NOVA ERA»

A Nova Era, da cidade paulista de Franca, comemorou há pouco o 28.º aniversário de publicação, ao serviço do Espiritismo. Notável acontecimento que todos os seus amigos — e são tantos! — olharão com simpatia e respeito.

A feitura deste jornal assenta em três pilares de grande monta. Tomaz Novelino, Agnelo Morato e José Russo. Três alavancas a impulsionar uma obra meritória que se avoluma, à medida que os anos passam. Conhecemo-los pessoalmente, lidámos com eles, sabemos que são de rija tempera. O Dr. Novelino dirige proficientemente o Ginásio Pestalozzi, obra espirita que se impõe a crentes e descrentes; José Russo é o provedor da Casa de Saúde Allan Kardec, proprietária da Nova Era; o Dr. Agnelo Morato é o seu redactor eminente, jornalista de garra que nos acompanhou em nossa digressão por terras brasileiras e desempenha também as funções de represenante de Estudos Psíquicos.

A Nova Era é um arauto bem redigido e orientado. Lemo-lo assiduamente, acompanhamos os seus passos e as suas lutas doutrinárias e consideramo-lo um dos melhores órgãos espiritas, cujas raizes justificam a força dessa grande árvore.

Além da bela doutrina que difunde, insere vasto noticiário, não só do Estado de S. Paulo, como de outras regiões, brasileiras e estrangeiras. Enfim, trata-se de um arauto digno de atenção em torno do qual se aglomerou numeroso público cioso de suas ideias.

Um abraço aos três pioneiros amigos. Que prossigam na rota de sempre e que o Alto os acompanhe em suas pugnas!

«BOLETIM COMEMORATIVO»

O Grémio Espirita de Beneficência de Barra do Piraí publicou há pouco um Boletim Comemorativo de meio século de actividade permanente ao serviço do Espiritismo. Desde Claudino Dias e Manuel Chaves até hoje, que grande caminho andado! Foi uma série de realizações no campo da beneficência que merecem ser divulgadas, para que se conheça o esforço de tantos abnegados. Voltaremos ao assunto, que é digno de menção.

Noticiário

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

No dia 5 de Fevereiro, António Cardoso voltou ao estrado do Centro E. Luz e Amor para uma conferência intitulada «Do Mimetismo à Mitomania». Foi o primeiro trabalho a que assistiu o director de «Estudos Psíquicos», após a sua viagem ao Brasil.

O frio intenso reteve muitos confrades em casa, impedindo-os de ouvir uma interessante exposição de ordem psicológica relativa a certos animais que assumem bizarras atitudes e tomam a cor do ambiente que os rodeia para fugir à perseguição de outros seres, na grande luta selectiva, acabando por se referir a muitos homens e mulheres que adquirem hábitos inveterados e desempenham papéis inverosímeis de verdadeiros mitómanos.

Contou vários casos passados com notáveis exemplares de uma e outra fauna e a assistência deu por bem empregado o tempo gasto a escutar o conferente.

O Presidente da Direcção congratulou-se com mais esta palestra de António Cardoso, fazendo votos pela presença de novos conferencistas no Centro Luz e Amor.

No dia 19 do mesmo mês, coube a vez a Isidoro Duarte Santos, que, na 4.ª conferência da série «O que eu vi no Brasil», tratou do Espiritismo na cidade paulista de Bauru. Cerca de duas horas demorou o seu curioso e por vezes empolgante relato. Tratou do fidalgo acolhimento que lhe fizeram no lar de Joaquim Marques Figueiredo e de como decorreram as suas conferências. Depois descreveu o *Centro E. Amor e Caridade*, detendo-se na análise do seu Albergue Nocturno, que classificou de notável. Apreciou a figura simpática de Homero Escobar e falou pormenorizadamente da *Sociedade de Protecção à Maternidade e à Criança*, superiormente dirigida por Roberto Previdelo, cujo elegio teceu em palavras repassadas de admiração e respeito. Finalmente, teceu um hino ao Brasil e a quantos o auxiliaram e animaram na longa digressão por tantas regiões diferentes, unidas no mesmo sentimento espirita capaz dos maiores cometimentos.

Henrique da Silva Horta, que presidia, louvou o esforço do conferente, lamentando que não estivessem ali milhares de pessoas para tomarem conhecimento de obras tão belas realizadas pelos nossos confrades brasileiros.

SERVIÇO ESPIRITA DE INFORMAÇÕES

Dos confrades Prof. Carlos Torres Pastorino, Major Ruy Kremer e Capitão Jaime Rolemberg de Lima, do Rio de Janeiro, recebemos um comunicado informando que naquela cidade — Rua 7 de Setembro, 223 — Gr. 401 — Tel. 23-4514 — se instalou uma agência de notícias destinada a facilitar matéria para divulgação aos órgãos espiritas, espiritualistas ou esperantistas.

A princípio terá carácter experimental. Quando se verificar interesse, entrará no campo das realizações.

Este serviço é de extraordinário alcance, como é fácil de ver, e fazia sentir-se no sector espirita mundial.

Conhecemos Carlos Pastorino, ilustrado professor da Escola Militar e colaborador das *Selecções Espiritualistas* da U. D. J., dirigidas pelo nosso querido amigo Nelson Baptista de Azevedo, em cujo programa o encontrámos algumas vezes. Dele temos lido alguns trabalhos no jornal *O Caminho*. Basta a sua presença no *Serviço Espirita de Informações* para lhe augurarmos merecido êxito, já que a empresa é das mais dignas e mais necessárias.

Pode contar connosco, prezado amigo Pastorino. As fichas que nos enviou serão devolvidas com os elementos requisitados.

«INSTRUÇÕES PSICOFÓNICAS»

Francisco Cândido Xavier acaba de receber mais um livro, intitulado «Instruções Psicofónicas». São 65 mensagens de 49 espíritos, recebidas no «Grupo Meimei», de Pedro Leopoldo, em que se encontra a palavra de padres católicos e protestantes.

Devem ser instruções valiosas. Aguardamos a obra e felicitamos o querido médium com um grande e fraternal abraço.

TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE MARÇO DE 1955

Grupo de Irradiação Mental

Todas as quintas-feiras, às 21.30, dirigido por Túlio Augusto Rosa.

Grupo de Caridade «Lia»

Todas as quartas-feiras, às 21.30, dirigido por António P. da Silva.

★

Dia 4, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 6, terça-feira, às 21.30 — Grupo Experimental «Ernesto Bozzano, dirigido por António Cardoso.

Dia 11, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 18, domingo, às 16 horas — Conferência por Ângelo da Costa Cabral, intitulada «Auxiliares Invisíveis».

Dia 25, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 27, terça-feira, às 21.30 — Grupo Experimental «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 1 de Abril, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 8 de Abril, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Recebemos os seguintes donativos, que agradecemos:

Mês de Fevereiro — D. Antónia de Lemos Rosário, da cidade da Beira, 10$00; Cap. Lourenço Alves Ribeiro, de Lisboa, 50$00; Anatólio Ferreira Cardoso, de Angra do Heroísmo, 20$00; Eugénio Costa Morgado, de Aveiro, 20$00; D. Maria Luísa Leal Bravo, de Lisboa, 20$00; A. L., V. L., M. L., de Lisboa, 15$00; I. S., de Lisboa, 20$00. *Total — 160$00.*

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

br.

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um ... 60$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataque feitos ao Espiritismo ..... 50$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte ..... 25$00
Enigmas da Psicometria ..... 28$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00 50$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte ..... 42$00
Metapsíquica Humana — encadernado ... 40$00
Pensamento e Vontade ..... 26$00
Xenoglossia ..... 32$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo ..... 40$00
Casas Mal-assombradas ..... 50$00
Narrações do Infinito ..... 30$00
Stella (romance astronómico) ..... 50$00
Urânia ..... 40$00

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 25$00
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz* 20$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel* ..... 45$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 30$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 35$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha* ..... 30$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo ..... 60$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel,* resposta a 461 perguntas — enc. 38$00 ... 26$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 35$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 28$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — enc. 38$00 28$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha,* um verdadeiro poema de ternura 18$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido ..... 60$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio* 24$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos) ..... 32$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00 ..... 36$00

br.

Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luís,* obra dedicada às pessoas cultas—enc. 55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00 ..... 36$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz* ..... 40$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado ..... 38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz* ..... 42$00
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 46$00
Pérolas do Além ..... 28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X* ..... 35$00
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00 ... 34$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* 40$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage* ..... 20$00
Voltei, do *Espírito de Jacob* ..... 25$00

OBRAS DIVERSAS

Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 42$00 ..... 30$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida* ..... 35$00
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra de Menezes* ..... 45$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga,* recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto* — enc. 42$00 ..... 30$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima* — enc. 54$00 ..... 40$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff* ..... 28$00
De Cá e de Lá, estudo comparativo do Espiritismo com várias religiões, pelo *Dr. Romeu Camargo* — encadernado ..... 35$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* enc. 42$00 ..... 30$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy* ..... 45$00
Em Torno do Mestre, por *Vinícius* ..... 40$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião* 60$00
Entre Dois Mundos, por *Antoinette Bourdin* 32$00
Espírito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal* — enc. 46$00 ..... 36$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim* ..... 25$00
Factos, por *António J. Trindade,* um livro impressionante de factos espiritas extraordinários, impresso em óptimo papel ..... 50$00
Granja (A) do Silêncio, por *A. Bodier* ... 30$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio* ..... 20$00
Levitação (A), por *Albert de Rochas* ..... 28$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos* —enc. 52$00	40$00
Mediunidade (A), pelo *coronel Edgar Armond* — Estudo substancial das várias mediunidades, muito útil a todos os médiuns	40$00
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Soler*	45$00
Mireia, por *Elias Sauvage*	35$00
Na Seara do Mestre, por *Vinicius* — Livro de evangelização destinado às tribunas, aos lares e às sessões, contendo verdades eternas	32$00
No Limiar do Etéreo, por *Artur Findley* — Estudo magnífico acerca dos fenómenos espiritas de «voz directa», com o célebre médium Sloan	30$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance*	42$00
Nos Umbrais do Além, de Sir *William Barrett* — enc. 47$00	35$00
Nova (A) Revelação, por *A. Connan Doyle* — As primeiras experiências espiritas do autor do «Sherlok-Holmes» e a sua conversão. Obra de grande alcance doutrinário	23$00
Outro (O) Lado da Vida, pelo *barão Carl du Prel*. Um livro de luz poderosa sobre a Morte e a vida no Além	28$00
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00	25$00
Profecias (As) de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*. Um estudo profundo devido à pena de um dos maiores génios da humanidade	60$00
Psiquismo (O) Experimental, por *Alfred Erny*	35$00
Reino de Jesus (O), por *Fernando da Cruz Ferreira*, o Evangelho romanceado	25$00
Reis, Príncipes e Imperadores, por *Almerindo Martins de Castro*. Casos históricos de psiquismo, entre eles, alguns passados com reis portugueses	30$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*. Obra nascida de um grupo de padres que estudaram o Espiritismo e se converteram, abandonando a Igreja Católica	50$00
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00	25$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	35$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente* — Livro muito útil aos directores de sessões espiritas	35$00
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	30$00
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo médium *G. Vale Owen* — enc. 42$00	30$00
Vida (A) de Jesus, por *António Lima*. Um livro que despertou controvérsia, no qual são expostas inúmeras hipóteses através de estudo adequado	30$00
Vítimas do Preconceito, por *Codro Pallissy*	30$00
Vida (A) no Outro Mundo, por *Caibar Schutel*	23$00
Voz (A) do Antigo Egipto, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo	28$00

ROMANCES DO CONDE DE ROCHESTER

(Recebidos pela médium russa Krijanowsky)

	br.
A Abadia dos Beneditinos — Romance forte em que a vida conventual se apresenta cheia de realismo, induzindo o leitor à meditação	45$00
Chanceler (O) de Ferro Romance histórico que relata a vida de José, no antigo Egipto, vida que o *Genesis* sintetizou nalguns capítulos	54$00
Herculanum — Romance passado na Roma dos Césares, com a descrição da catástrofe do Vesúvio, onde ficaram soterradas duas lindas cidades para um sonho de 18 séculos	38$00
Sinal da Vitória — Contém os factos ocorridos em Roma no começo do século IV com as perseguições aos cristãos até à época da conversão do imperador Constantino, através da visão da cruz	60$00
Vingança (A) do Judeu — Romance notabilíssimo onde se apresenta a sociedade antiga com preconceitos de raça, classe ou riqueza, à luz da fé revigorada pelo cristianismo	60$00

ROMANCES DE VÍTOR HUGO

Recebidos pela médium Zilda Gama

	br.
Almas Crucificadas — Uma história empolgante de almas em luta, no tempo das cruzadas e dos cavaleiros audazes	45$00
Do Calvário ao Infinito — Neste romance há sopros de eternidade e perfumes de esperança. Em expiações redentoras quatro almas ascendem à glória imortal	60$00
Dor Suprema — Fatalidade de nascimento, preconceitos de raça, ódios inatos, catástrofes políticas, tudo isto perpassa nesta obra maravilhosa	60$00
Na Sombra e na Luz — Novela verídica que relata a existência triste de um companheiro terreno do autor. Por vezes, Vítor Hugo é personagem. Emociona até às lágrimas — enc. 54$00	42$00
Redenção — Novela de amor passada no tempo dos castelãos medievais e profundamente instrutivo	40$00

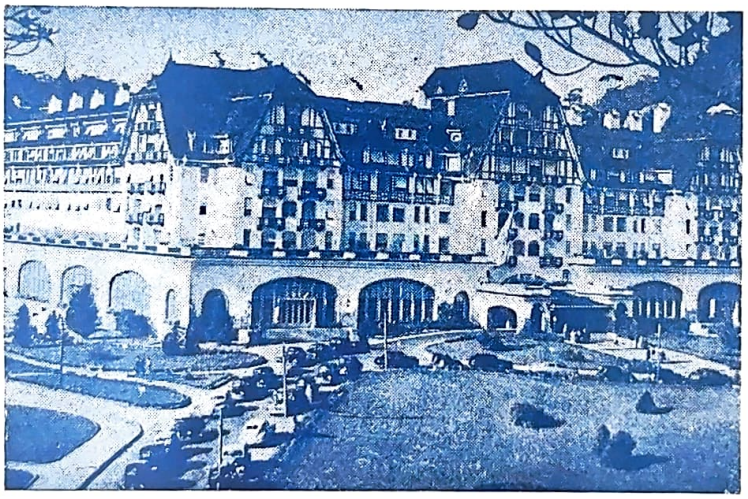
Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental



HOTEL QUITANDINHA, de Petrópolis

(Ver pág. 115)

CONTÉM:

Os Ideais, da **Redacção**; O Amor, pelo **General Ildefonso Escobar**; O Anjo Excelso, por **Leopoldo Machado**; Fotografia das Radiações Fluídicas, por **Tito L. Bancéscu**; Jesus, Educador, por **Martins Peralva**; Estação Assombrada?, por **Leslie Howard**; Profissão de Fé, por **Irmão Maurício**; Um Caso de Consciência, por **Isidoro Duarte Santos**; A História se Repete, por **Conrado Ferrari**; Uma Entrevista com Rohden, por **Zalmino Zimmermann**; Ecos de Uma Viagem - XVI - Aspectos de Petrópolis, por **Isidoro Duarte Santos**; Acórdão do Supremo Tribunal Administrativo; Prece de S. Francisco de Assis; A «Evolução», de Carlos Imbassahy, por **Aleixo Vítor Magaldi**; Hino à Piedade, por **Hugo Foscolo**; A Moral, por **Eduardo F. Conceição**; Árvores e Flores, por **Paulo Alberto**; Notícias do Brasil; Crónica Mundial, por **Adelaide Ivone de Sousa**; Notas & Comentários; Noticiário.

17.º ANO · ABRIL DE 1956 · N.º 4

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Liège	*Achille Biquet*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*
Luanda	*Luís de Barros Castro*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Henrique Magalhães e Nelson Baptista de Azevedo*
S. Paulo	*António Pereira Correia e António Baptista Lino*
Campos	*Clóvis Tavares*
Curitiba	*João Ghignone*
Porto Alegre	*José Simões de Matos* / *Zalmino Zimmermann*
Rio Grande	*Armando O. Couto*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*
Ribeirão Preto	*Dr. José Pereira Bastos*
Belo Horizonte	*Martins Peralva*
Maceió	*Jaime Xavier da Silva*
Fortaleza	*José Borges dos Santos*
Franca	*Dr. Agnelo Morato*
Cruzeiro	*José Zácaro Neto*
Vitória	*Dr. Ayrton Machado*
Passo Fundo	*Ney Vaz da Silva*
Juiz de Fora	*Orville Derby Dutra*
Pelotas	*Dr. Djalma de Matos*
Bajé	*José Ferreira da Mota*
Aracajú	*José Elson Fontes*
Juiz de Fora	*João dos Santos Coragem*
Três Rios	*Acir Faria*
Rio Preto	*Lázaro Camargo Ehmke*
Paranaguá	*René Risental*
Florianópolis	*Osvaldo Melo*
João Pessoa	*José Borges de Sousa*

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores

Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), moeda equivalente a 70$00 — Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00 — Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro e da Casa do «Tio Juca», de Salvador, Bahia

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

ALLAN KARDEC

	br.
Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita	20$00
A Prece	12$00
Espiritismo	15$00
O Principiante Espirita	18$00
O que é o Espiritismo	18$00
O Livro dos Espíritos — enc. 45$00	32$00
O Livro dos Médiuns — enc. 45$00	32$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 45$00	32$00
O Céu e o Inferno — enc. 47$00	35$00
A Génese (nova edição) — enc. 47$00	35$00
Obras Póstumas — enc. 45$00	32$00
Vade-Mécum Kardequiano	16$00

LÉON DENIS

	br.
Cristianismo e Espiritismo	50$00
O Além e a Sobrevivência do Ser	20$00
O Grande Enigma	30$00
Depois da Morte (nova edição)	50$00
O Porquê da Vida	28$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00	50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 60$00	48$00
El Problema del Ser e del Destino	52$00
No Invisível (nova edição)	52$00

GABRIEL DELANNE

	br.
O Espiritismo Perante a Ciência — enc. 64$00	52$00
A Evolução Anímica	48$00
O Fenómeno Espirita	45$00
A Alma é Imortal	52$00
A Reencarnação	52$00

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

(Continua na 3.ª página de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

17.º ANO | LISBOA, ABRIL DE 1956 | N.º 4

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 5 66 05

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. N. do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

OS IDEAIS

Os ideais são bons, quando felicitam o homem, quando o harmonizam com as necessidades evolutivas que se impõem ao concerto universal. Esta posição é difícil de atingir até pelos mais judiciosos, sempre em busca do melhor, do refinado, na ânsia de chegar depressa ao alvo. Às vezes, levam anos a compreender uma verdade que se apreciaria num minuto. Bastava sintonia com as vozes inspiradoras. Elas fazem-se ouvir aqui e além e não procuram hierarquias. Apresentam-se confusas para uns, em tons imprecisos; mal esboçadas para outros, que, não ouvindo bem, sabem intuitivamente o que significam; e claras para alguns, poucos, dotados de canais afins, susceptíveis de reflexão aproximada.

As grandes empresas espirituais são conduzidas pelos últimos. Destinam-se ao impulso multiforme. Veiculam directrizes, orientação relativa, e o resto pertence aos cavouqueiros. As paredes elevam-se sobre alicerce de granito. E outros artífices constróem o edifício, dando forma ao plano traçado, aformoseando, retocando...

Um dia aparece o monumento, airoso, imponente, cheio de majestade. Quem o ocupa é nova gente, sem ligação com a primeira. Não sentiu o cheiro da cal, não escoriou pés e mãos nas arestas do granito, não subiu e desceu andaimes, não fez e desfez, não destruiu e reconstruiu no desejo de aperfeiçoar a obra. Mas o edifício é deles. É sua residência, movem-se nele à vontade, não sobem e descem por si mesmos, porque alguma coisa lhes substitui o movimento.

O ideal está nos construtores do progresso, geralmente sábios e humildes; nos outros usofruto existe e nada mais. E quando sucede tudo haverem destruido, sem construir, resvalando sem esperança de reequilíbrio; quando os abandonam à sorte, já que não quiseram conselho nem auxílio, apertam a cabeça e revidam ataques imaginários por lhes parecer que todo o mundo é hostil.

Os ideais são bons, se felicitam o homem, se o aprumam nas leis morais. Se, porém, o instabilizam, sem reacção oportuna, é porque é abúlico, não sente nem compreende. A falha está nele e só nele. Deve ajustar-se a outro pensamento, deve cogitar de nova atitude. De contrário, continua a resvalar em velocidade progressiva.

Nesse momento tudo se consumou. Nada lhe resta de aspiração. Limita-se a sofrer a marcha dos artífices que deram forma ao plano e que, substituidos por insensatos, nem assim afrouxaram o passo, no ritmo acelerado para destinos mais humanos.

Ideais sem vida são visões precárias que intoxicam. Se não vitalizarem, se não impulsionarem, como poderão iluminar quem se deixou iludir por falsa luz e vive na penumbra encegueirado? E como pode sentir-se verdadeiro ideal, se não houver homogeneidade, a ponto de um e outro se confundirem, sem possibilidade de separação?

Os adventícios não comungam no sacrifício de lançar ideias e mantê-las ao calor de entusiasmos. À primeira investida trocam a nau pelo salva-vidas.

Às vezes, o vento sopra de feição e singram a todo o pano. No seu íntimo parecem navegadores e chegam a admirar-se de os não escolherem para almirantes. Depois vem o escolho, a nortada e a rebentação... O sonho desmantela-se à semelhança da nau e voltam a soldados rasos, que só o aprendizado credencia aspirações de mando.

Os ideais são bons, se felicitam o homem. Mas este não será feliz, enquanto ignorar a vibração que a eles conduz. O caminho é de sabedoria e de renúncia. Por isso os passos, largos ou estreitos, terão de ser firmes, em justa ligação com o anseio do espírito que deseja aproximar-se da doutrina, elevando-se ainda mais na linha da sua evolução.

O AMOR

I

Já tive ocasião de dizer que, do mesmo modo que as moléstias corroem o organismo físico, existem moléstias espirituais que contaminam a alma.

Do mesmo modo que as moléstias corporais tomam carácter epidémico, muitas vezes moléstias espirituais assolam as nações. A História tem registado essa calamidade em todas as épocas da evolução humana e hoje, mais que nunca, as epidemias espirituais contaminam quase todos os povos — na China, na Índia, no Oriente Médio, no Egipto, no norte de África — Marrocos, Argélia, Tunísia — na Argentina, na Rússia, na Alemanha, as lutas religiosas e ideológicas são encarniçadas. Verdadeira epidemia espiritual, consequências sangrentas e destruidoras.

Mais nocivas que a lepra ou a tuberculose, que destróem o organismo; mais terríveis que as epidemias de cólera ou da pesta bubónica, que ceifam milhões de vidas, são as moléstias espirituais que lançam milhões de criaturas à perdição espiritual.

Essas moléstias — o orgulho, o ódio, a vaidade, o egoísmo, a vingança — são de difícil cura.

Mais tarde estudarei essas moléstias.

Hoje darei início ao estudo dos Específicos Espirituais — o *amor*, a *caridade* e a *fé*.

O Específico Espiritual mais poderoso para a cura das enfermidades da alma, quando ela está falida, contaminada pelos miasmas do ódio, do orgulho, do egoísmo, da vaidade e da traição — é o *amor*, específico poderoso, o maior regenerador de todas as impurezas espirituais.

Para melhor fixar idéias, vou definir outra vez o que é o *amor*.

O *amor* é o sentimento que impele a alma para o belo, verdadeiro e justo, visando a criatura à qual consagramos afeições puras.

O *amor* é o sentimento moral que une dois seres, podendo ser elevado a um grau tão alto, de modo a fundi-los em um só.

Tal e qual dois violinos que se afinam, quando as notas são acordes, os dois instrumentos produzem o mesmo som, as notas se confundem; assim são dois seres humanos quando se entrelaçam na mesma pureza do *amor* — pensam e sentem com os mesmos sentimentos espirituais.

O *amor* é um sentimento moral de que estão saturadas as almas evolvidas.

O *amor* é um atributo de *Deus*, e, no sentido amplo e exacto da palavra, é o sentimento espiritual que impele o ente humano a ser amigo, leal e sincero, firme e fiel, para com a criatura amada, procedendo para com ela do mesmo modo que desejaria que fosse procedido para consigo.

O *amor* reflecte de *Deus*, como a luz reflecte do Sol; tudo que está no raio luminoso do Sol, fonte da luz, é atingido por essa luz.

A luz da alma é o *amor*, é esse reflexo divino que vem do foco central, que é *Deus*.

Ou *mutatis mutandis:*

O *amor* reflecte do *Criador*, como o calor reflecte do Sol; tudo que está no raio calorífico do Sol é atingido por esse calor. O calor da alma é o *amor*, é esse bafejo divino que vem do Foco Central, que é o *Criador*.

Foi por essa razão que o Mestre Jesus disse que o maior Mandamento era *amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo*.

A mãe que ama o filho e com ele tem os cuidados materiais para que se desenvolva belo, esbelto, forte, com saúde física; que zela pelo seu intelecto para fazê-lo adiantado no saber; que aprimora a sua moral para que pratique actos puros e elevados, tornando-o apto a repelir os vícios e imperfeições, conduzindo seu espírito aos ensinamentos do Evangelho, para que possa conhecer *Deus* e progredir na escala espiritual — essa mãe ama realmente o filho.

Trabalhou, não mediu sacrifícios, empregou todos os esforços a seu alcance, cumpriu com o seu dever, sob o ponto de vista físico, intelectual, moral e espiritual, pela felicidade de seu filho; esse *amor* é eterno, pois que ligou dois espíritos: um goza pelo bem que fez a seu irmão, outro é grato pelo carinho e dedicação de sua irmã, que foi sua mãe na Terra, e que tão bem compreendeu o mais elevado sentimento humano.

Se o filho foi rebelde e não aproveitou os ensinamentos maternos e se tornou um desviado do caminho recto — sua mãe não é responsável perante *Deus*, por isso que cumpriu

a Lei, que é o Evangelho. Perante *Deus* só tem valor a intenção íntima — *activa* — embora o facto não tenha sanção concreta: o que tem valor é a dedicação no cumprimento de um dever, muito embora, contra a vontade de quem trabalha, não produza os resultados desejados.

Se a mãe que supõe amar seu filho, não cogitou de sua moral, não lhe ensinou os deveres perante *Deus* e só se esforçou para que fosse vencedor no Mundo — campeão de boxe, ás de futebol, astro de cinema, detentor de alta colocação social, considerado e admirado pelos homens — essa mãe não amava seu filho, porque se esqueceu, ou ignorava, que o *Amor* é sentimento espiritual; fazendo-o grande e rico na Terra, não trabalhou, não cumpriu com o seu dever para que seu filho fosse feliz na vida eterna.

Perguntava Jesus: «que valerá ao homem, se ganhar o mundo e perder a sua alma»?

Essa mãe, perante *Deus*, é responsável pelo desastre espiritual de seu filho.

Ser mãe, ser pai, é uma delegação de *Deus*, e é um dever perante *Ele* a execução dessa

O chefe de família que realmente ama a esposa e os filhos, não é aquele que oferece o palacete, o luxo, as jóias, a seda, o conforto exagerado, as grandezas do Mundo, os bailes sumptuosos, as posições de relevo na sociedade viciada, hipócrita e corrupta — os grandes bailes de gala no Teatro Municipal.

O chefe de família que assim procede, desconhece as Leis de *Deus*, não tem noção do *Amor* — em vez de amigo, transformou-se inconscientemente no maior malfeitor da esposa e dos filhos, particularmente filhas, porque alimentou, fez crescer em seus espíritos as preocupações do Mundo, as ideias e hábitos materiais luxuosos, nocivos ao progresso espiritual, fazendo neles tomar raízes mais profundas os sentimentos de egoísmo, orgulho e vaidade, conduzindo suas almas à imperfeição e, consequentemente, a crueis provações futuras. Esse falso *amor* corrompe e perde a alma de seus entes queridos.

Supondo fazer um bem, querendo agradar aos entes queridos, pensando amá-los, concorre para a sua ruína; efémera e ilusòriamente lhes oferece os gozos do Mundo, pre-

Pelo General Ildefonso Escobar

delegação, porque nossos filhos são apenas filhos na carne e o dever capital é trabalhar pelo progresso moral e espiritual de nossos filhos; mas, em geral, poucos, raros, raríssimos são os pais que se preocupam com o adiantamento espiritual dos filhos, fazendo porém, questão fechada de sua colocação material de relevo.

Para o Mundo, para os pais, mais agradável e importante seria que um filho ateu ocupasse alto emprego no Palácio do Governo, que um filho obediente a *Deus* ocupasse modesto emprego em uma oficina ou na agricultura.

Este, os pais considerariam um desprotegido da sorte, um infeliz desclassificado, que não deu para coisa alguma; aquele, um herói, um rebento e a maior glória da família...

Essa é a cega e triste concepção do Mundo; esse é o *amor* que o Mundo compreende, esquecendo que os queridos de Jesus eram humildes pescadores.

★

A Humanidade confunde o *Amor* com o gozo material, e mesmo com as sensações físicas bestiais, e quem assim concebe o *amor* está em lastimável atraso moral e espiritual.

parando-lhes penosas e dolorosas existências na eternidade.

Quão difícil é o rico compreender esta verdade!

★

Ser mãe na verdadeira acepção do termo do *amor espiritual;* ser chefe da família com essa concepção do *amor,* é excepcional, é facto raro, e, entre nós, muito poucas são as criaturas que sentem esse verdadeiro *amor,* porque ainda somos demasiadamente apegados à matéria, porque este Mundo ainda nos seduz em excesso.

Um pai ou mãe, com orgulho e alegria, exclama: «tenho um filho, o mais velho, capitão do Exército; os outros dois — um é médico, o outro advogado; as duas filhas estão muito bem casadas com militares: um genro é capitão de corveta, o outro é major aviador; foram todos muito felizes; trabalhei, fiz o que foi possível para elevá-los bem alto; graças a *Deus* cumpri o meu dever de mãe e estou satisfeita, poderei morrer tranquila, serei recebida no Céu»!

Mas essa mãe heroína nunca ensinou a

ANJO EXCELSO

(À LEGIÃO DA BOA VONTADE)

Por LEOPOLDO MACHADO

Do alto do Céu, descera, docemente,
Um clarão de alvorada sobre a Terra,
Poetizando de luz o vale e a serra
E iluminando o coração da gente...

Era o arcanjo de asas luminosas,
Que Deus, cheio de amor e de bondade,
Fez descer sobre a inquieta humanidade,
Com a promessa de estâncias remançosas...

E desceu mais, a voar, de asas espalmas,
Dentro de nossa lúgubre atmosfera,
Como se fosse o Arcanjo da Quimera
Que procurasse se abrigar nas almas...

Percorreu, num só voo, a Terra inteira,
Sem encontrar um coração amigo,
Uma nesga de terra para abrigo!...
A Terra não lhe fora hospitaleira.

E lá no alto falou, queixoso e triste:
— A Terra não me deu ainda pouso!
«A mim, que apenas trago a graça e o gozo,
«Em que todo o amor de Deus consiste!

«Por várias vezes hei tentado, em vão,
«Pousar, na Terra. Mas a Terra ingrata
«Tanto me expulsa como me maltrata,
«Fechando-me de todo o coração!

«Há vinte séculos falou assim
«Jesus-Cristo, de alma comovida:
«Sou o Caminho, a Verdade, a Vida,
«Ninguém irá ao Pai senão por mim».

«Ninguém subiu ao Pai, porque ninguém
«Aceitou o convite de Jesus,
«E se vive sem paz, sem fé, sem luz,
«Só porque não se vive para o Bem...»

O anjo chorou. Seu pranto foi convulso.
E distendendo as asas, foi-se embora.
A Humanidade, vez por outra, chora,
Porque não voltou mais o anjo expulso...

... ...

Agora, que a aflição o mundo invade,
Porque a era chegou das profecias,
Inquietos vão passando nossos dias,
Sofrendo mais assim a Humanidade...

Inquietação profunda, séria, grave!
Era preciso algo de bom que fosse
Tão grande e belo, quanto santo e doce!...
Desce outro anjo que diz, bondoso e suave:

— Funde-se a L. B. V., uma Legião
«De pessoas de credos diferentes,
«Unindo várias crenças e seus crentes,
«Criaturas de humano coração!...»

seus filhos quem é *Deus* e quais são os deveres da criatura perante o *Pai;* todos iam à missa e às festas barulhentas e solenes da igreja e até opas do *santíssimo* sacramento vestiam, acompanhando seu pai, velho católico; o filho e os genros tinham suas espadas bentas pela igreja católica, para poderem matar sem praticar pecado perante *Deus;* todos são preparados nas coisas e etiquetas do Mundo, mas cegos e ignorantes das coisas de *Deus;* nem orar sabiam!

Para elas só existiam as preces decoradas; o renascimento, o Consolador e o Evangelho eram uma espécie de metafísica, como dizem os sábios das ciências académicas...

Todos, porém, são pobresinhos, famintos, esfarrapados perante *Deus.*

Essa mãe amou seus filhos?

Certamente não, porque nada fez pelo seu progresso espiritual; não deu um passo pela sua felicidade real; deixando a Terra, irão percorrer a via dolorosa e maldizer do falso amor de sua mãe que os conduziu ao erro.

Essa mãe teve o amor do mundo e não o amor do Céu.

(Continua)

FOTOGRAFIA DAS RADIAÇÕES FLUÍDICAS

Por TITO L. BANCÉSCU

(Correspondente em Rosário, Argentina)

O problema das radiações fluídicas ainda não foi analizado com atenção nos centros de experimentação psicológica. Este desprendimento mostra em grande parte a característica dos gabinetes onde se despreza ou ignora a parte principal da fenomenologia psicológica. Os que a dirigem, do ponto de vista da metapsicologia materialista, vão atrás de localizações cerebrais buscando ansiosamente a base da consciência ou o hemisfério cerebral que a produz, em virtude de existir a convicção anticientífica de que o cérebro «manufactura» os pensamentos.

Quando as experiências parapsicológicas ou metapsíquicas são realizadas com critério, interpretando-se imparcialmene as observações e deduções com o fim exclusivo de encontrar a verdade psicológica, como ela é em sua essência, analisa-se a intervenção dos fluidos ectoplásmicos, porque exercem essencial importância na produção de todos os fenómenos psíquicos. A tese do ectoplasma tem sido sistemàticamente combatida pelos sábios materialistas e por alguns teólogos; estes últimos, com o pouco honroso fim de desacreditar o Espiritismo científico, valeram-se de processos desonestos, utilizando nas fotografias algodão em rama, colocado no peito dos sensitivos.

Sendo as pessoas aparelhos emissores e receptores de vibrações, é costume realizar concentrações mentais prévias na abertura de cada sessão experimental, a fim de saturar o ambiente de fluidos apropriados, que se convertem em veículos dos fenómenos mediúnicos. Podemos dizer também que os intermediários psíquicos são esplêndidos acumuladores de uma espécie de superelectricidade (se o termo «fluido» parecer inadequado) utilizada pelos laboratórios, visíveis e invisíveis. A condensação é, pois, indispensável, se quisermos obter resultados satisfatórios. A ausência de estado positivo nos que rodeiam a mesa dos trabalhos experimentais determina automatismo, animismo, efeitos sugestivos ou manifestações psíquicas grosseiras que tantos desenganos produziram nalguns experimentadores pouco conhecedores desta espécie de fenómenos.

Os defeituosos aparelhos de física e química produzem efeitos deficientes ou medíocres. Dá-se precisamente o mesmo com as experiências psíquicas em que intervêm os aparelhos humanos, muito mais complexos e delicados que os materiais. Tanto os psicólogos da escola clássica, como os metapsiquistas materialistas e não poucos espiritistas inexperientes, costumam prescindir do factor vital inerente ao fenomenismo, que é a acumulação indispensável dos fluidos citados, de que depende o êxito ou o fracasso, sobretudo nos fenómenos de materialização, voz directa, etc. A amalgamação das energias psíquicas visíveis e invisíveis constitui necessidade imprescindível, sem a qual não é possível conseguir sequer fenómenos medíocres.

Os investigadores de renome calculam que esses fluidos energéticos são elementos indispensáveis de trabalho. Nos anais parapsicológicos, especialmente nos de índole realmente espirita, abundam casos em que núcleos reduzidos formados por indivíduos de vibrações mentais elevadas conseguem fenómenos muito superiores aos obtidos por homens de ciência. Os primeiros entregam-se inteiramente ao trabalho, cooperando com toda a vontade, ao passo que os segundos, sempre suspicazes, desconfiados, pensam, em geral, na fraude dos sensitivos até o ponto de influir mentalmente neles e provocá-la. O caso do Prof. Charles Richet com Eusápia Paladino, devido à má intenção de um assistente, é já clássico. Por isso o Dr. Gustave Geley aconselha a permanência passiva, nos médiuns e nos assistentes.

O ambiente psíquico no recinto dos trabalhos é factor que gravita na determinação dos fenómenos. Há excepções, inegavelmente, como Jack Dickson, da América do Norte, que produz materializações à luz do Sol, fora do local social, mesmo andando na rua, de modo que toda a gente pode ver entidades materializadas. Os intermediários psíquicos de incorporação — aos quais é costume apelidar impròpriamente de «especialmente dotados», quando, na realidade, se lhes deveria chamar «suficientemente desen-

volvidos» através de várias existências — nem sempre logram os objectivos almejados fora do ambiente propício, devido à mesma causa enunciada, a não ser que estejam rodeados de forte influência psíquica invisível.

2

Em relação com o que exprimimos aduziremos a experiência de uma autoridade na matéria, o Prof. Iodko, que diz:

«O século 20 é justamente cognominado de século do vapor e da electricidade e será certamente o do éter, do magnetismo e de outras forças da Natureza, cuja existência apenas suspeitamos (1).

«Colocados no éter, condensamos mais ou menos este agente, sentimo-lo, emitimo-lo; numa palavra, estabelecemos uma perfeita troca entre o nosso organismo e o éter ambiente, sem que nenhum fenómeno se nos torne ostensível; mas, quando há desequilíbrio nesta troca, os fenómenos apresentam-se-nos com maior ou menor intensidade.

«Sobrecarregado o organismo desta força que nos cerca, surgem fenómenos novos que têm sido presentidos pelos magnetizadores.

«Para sobrecarregar o organismo, sirvo-me da electricidade e, quando o agente ou os agentes que nos rodeiam se condensam, pode transmitir-se uma mensagem através do corpo humano pois aparecem efeitos luminosos nos tubos de Geissler e na garrafa de Crookes. E em nosso organismo produzem-se os raios Roentgen, com ou sem contacto.

«Acabo de vos dizer — continua o Prof. Iodko — que me sirvo da electricidade e devo acrescentar que a aplico, em virtude de uma teoria que me é familiar e não está em completa harmonia com as teorias normais. A princípio emprego pouca energia: basta-me 1 a 2 vóltios, pondo em acção uma bobina de Ruhmkorff e dando apenas uma faísca de 2 centímetros. Um dos polos está em ligação com o ar atmosférico, e o outro com um fio condutor que ligo à mão do sujeito de experiência, por intermédio de um isolador de vidro. O corpo humano é um verdadeiro condensador; os gânglios e os plexos podem ser considerados baterias e os nervos condutores. A Natureza faz tudo em grande o que a arte faz em pequeno. E a influência que vem da pilha e da atmosfera através do fio de que me sirvo imita o ar carregado de electricidade.

«Posta a bobine em acção, não se lhe notam as vibrações. O experimentador pega na extremidade do fio condutor e no receptor de um telefone isolado da comunicação. Colocando-se este receptor no ouvido de uma pessoa, perceberá claramente as vibrações da bobina. Se o próprio experimentador fizer o mesmo, nada ouvirá; mas se outra pessoa aplicar um dedo num dos bornes do receptor, a primeira ouvirá bem todas as vibrações» (2).

Em continuação, Iodko diz que as vibrações individuais se acham em relação directa com suas energias vitais. Depois analisa o tubo de Geisseler, os Raios X no tubo de Crookes, para chegar ao capítulo correspondente à fotografia dos eflúvios magnéticos, que Reichenbach apelida de *ódicos*.

«Com auxílio do meu sistema electrográfico — diz ele — consigo sem objectiva a fotografia dos eflúvios emanados do corpo humano» (3).

Seguidamente expõe uma série de provas realizadas com todo êxito, que não reproduzimos para não nos alongarmos demasiadamente. Todavia, o que tem importância inquestionável é a verificação da existência de irradiações fluídicas no organismo humano e que desempenham papel preponderante nas experimentações parapsicológicas.

3

Por seu turno, Baraduc realizou experiências que confirmam as de Iodka. «Numa prancheta de madeira — diz — fixei um pombo em cruz, com as asas e as patas estendidas. Depois cobri-o. Em seguida coloquei-lhe no coração uma placa fotográfica e, mais tarde, recobri a placa e o pombo com um recipiente, tendo especial cuidado de só operar à luz vermelha. Quando revelei a placa, notei que estava crivada de pequeninas manchas em forma de pérola ou de grão. Para explicar isto, é preciso admitir que o animal, aterrorizado e em virtude do instinto de conservação, fez apelo a todas as energias e projectou no exterior, nessa manifestação activa, toda a força vital de que dispunha. Contudo, tratou de defender-se e as placas apresentaram os mesmos gráficos. Mas logo que se habituou e o coração latejou com regularidade, a placa traduziu realmente, com a fadiga, a desaparição do terror. Neste momento foi sacrificado o pombo e coloquei-lhe outra placa no peito, a qual

registou uma série de ondas que abrangiam toda a superfície em contacto com o membro lesado. Não se vê aqui a projecção da força; pelo contrário, vê-se uma atracção, uma absorção da força externa. O pombo, em sua debilidade, parece reclamar a vida que lhe escapa, como os pulmões reclamam o ar que lhes falta. É o inconsciente pedindo auxílio ao invisível. Chegou a morte e a placa recolheu os últimos suspiros, que se esboçaram em estratos velados, diáfanos, vaporosos, isto é, totalmente diferentes dos outros. Finalmente coloquei outra placa sobre o cadáver frio. Como a vida tinha abandonado o seu invólucro carnal, a placa nada registou (4).

4

Do que acabamos de reproduzir se deduz claramente que estes factos demonstram não só a existência das ondas vibratórias em tudo o que é orgânico, mas, também naquilo que escapa aos nossos sentidos. É aqui que a microfísica está destinada a desempenhar um papel de grande interesse para a ciência dogmática. Esses estratos vaporosos que emergem do pombo constituem a essência da vida, o seu estado radiante ou o dinamismo rudimentar essencial de Geley.

Os homens que têm inquietações e sabem fazer experiências sérias baseando suas esperanças na ciência; que vêem abrir-se um campo de imensas perspectivas capazes de iluminar os cérebros em condições de admitir honradamente os frutos do conhecimento, deveriam cooperar no alargamento das novas possibilidades científicas que ultrapassem os cânones oficiais.

Os fenómenos vibratórios merecem, contudo, mais atenção nas reuniões em que se vem estudando a parapsicologia. As experiências paranormais devem ser confiadas a homens idóneos, estudiosos e dotados de senso comum.

---

(1) A energia atómica é uma dessas forças da Natureza.

(2) Quintín López Gómez: «Ciência Magnética».

(3) O Doutor Geley conseguiu fotografar o pensamento.

(4) Dupuy: «Ciência Oculta».

(Tradução de I. D. S.)

(Nota — Este artigo foi-nos enviado pela A. P. P. E. E. M., de Buenos Aires).

JESUS, EDUCADOR

Por MARTINS PERALVA

(Correspondente em Belo Horizonte)

Toda manifestação extremista e desgovernada, nas relações humanas, é desaconselhável.

O próprio amor pode converter-se em sentimentalismo enfermiço, fugindo, assim, à sua finalidade educativa.

O Mestre nos deu o exemplo do amor que ajuda e educa, simultâneamente.

Com a adúltera, que jazia a seus pés, implorando misericórdia, foi compassivo e reajustador: «Vai e não peques mais».

Com a mulher que, do meio da multidão, lhe dirigiu entusiástico elogio, exaltando-lhe a personalidade divina, foi igualmente amoroso na maneira de educá-la, induzindo-a, convenientemente, ao equilíbrio expressional: «Antes, bem-aventurados são os que ouvem a palavra de Deus e a guardam».

Ante o pedido da mãe de Tiago e João, compreendeu-lhe as aspirações maternais; contudo retificou-a bondosamente, corrigindo-lhe os laivos de particularismo: «Não sabeis o que pedis; podeis vós beber o cálice que eu estou para beber»?

Em colóquio íntimo com os discípulos, aceitou o título de MESTRE, todavia acrescentou, educando-os para a humildade: «Ora, se eu, sendo o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros».

Incentivou, amorosamente, os discípulos, e a seguir exortou-os à responsabilidade do ministério: «Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus».

Jesus é o Grande Educador.

Suas lições são modelo inimitável de equilíbrio e sabedoria, de luz e misericórdia. Seu verbo divino reflectiu e reflectirá sempre os mais elevados desígnios.

Eduquemo-nos, pois, nas lições do Senhor, convertendo-nos, pouco a pouco, em companheiro que ame, educando, sem adubar os germes da indisciplina e da vaidade, do egoísmo e da revolta, no nosso e no coração do próximo.

Estação Assombrada?

Por LESLIE HOWARD

Por que motivo William Terriss, morto a tiro por um louco fora do teatro Adelphi, em 1897, teria escolhido a estação do metropolitano em Covent Garden, para as suas visitas?

Qualquer que seja o mistério que se estende para lá deste estranho acontecimento, parece haver razão para pensar que é o espírito do famoso actor Vitoriano que tem dado manifestações esporádicas nas plataformas, linhas e casa do pessoal desta estação.

Há rumores de que um vulto de fato cinzento e luvas brancas ou amarelas tem sido visto a deambular pelos túneis de Covent Garden, o qual, estando fechado aos domingos e dias feriados, é considerado por muitos viajantes uma espécie de estação fantasma.

O caso foi publicado recentemente em grande relevo, quando um jovem porteiro de cor, de 19 anos de idade, Victor Locker, ali entrou de serviço.

Poucos dias depois viu uma aparição. O incidente espantou-o e agitou-o tanto, que os colegas procuraram conselho oficial e puseram-se em contacto com o posto de controlo mais próximo, Leicester Square, que é a estação a seguir. O chefe da estação tinha um homem adequado ao assunto. Era o capataz da estação, Eric Davey. Não só possuia a necessária autoridade para conduzir a investigação; era também espirita com muitos anos de experiência de assuntos psíquicos. Por isso foi destacado para examinar o acontecido, tomando o comboio seguinte em curta viagem para Covent Garden, onde Locker lhe descreveu como tinha visto o vulto, no quarto do pessoal. Ansioso por obter uma expressão exacta do acontecimento, Davey pediu ao rapaz que saísse, enquanto ele tomava a posição ocupada anteriormente pelo vulto.

WILLIAM TERRISS

Locker saiu do quarto, que fica precisamente no subterrâneo, e o capataz colocou-se debaixo das luzes do passeio. Neste momento sentiu que uma presença invisível se aproximava e o escurecia.

Locker voltou. Espantado pelo que viu, gritou: «Ele está em cima do senhor».

O espirita disse ao porteiro que não se preocupasse e, mentalmente, pediu à entidade que se afastasse, com a promessa de que a ajudaria.

Depois fez um relatório que foi enviado aos escritórios centrais.

Passado algum tempo, durante um intervalo de serviço, o vulto apareceu outra vez a Davey — agora em Leicester Square — e foi visto em clarividência por outro empregado que é também espirita. Este inclinou-se para Davey e disse:

— Está alguém a bater-lhe no ombro. Diz que se chama Terry, ou qualquer coisa assim.

O espírito, por intermédio do colega de Davey, declarou ser o actor que tinha sido morto a tiro fora do Adelphi, havia muitos anos.

Para tentar deslindar alguns destes factos fui uma noite para à estação de Covent Garden e, na visita à messe do pessoal, falei com Eric Davey e Jack Hayden.

encarregado dos condutores, que também tem visto o fantasma, e pedi-lhes que descrevessem as feições do visitante. Davey tirou do bolso o desenho dum homem de rosto triste e faces descaídas, que tinha desenhado de memória.

Apresentei três retratos de William Terriss, que escondera no bolso — e comparámo-los.

Fazendo o desconto às deficiências artísticas confessadas pelo próprio Davey, havia pontos de semelhança.

Quando os demos a Hayden, o efeito foi espantoso.

— É ele! É ele! — exclamou, excitado. — É o homem que eu vi aqui!

E descreveu como o espírito do pretenso William Terriss entrou na casa do pessoal, uma semana antes de Locker o ver. A câmara é dividida em dois compartimentos. Hayden estava sentado à mesa, no quarto interior, quando Terriss entrou. O condutor notou particularmente o fato cinzento e as luvas claras. Pensando que fosse um passageiro que se tivesse perdido no caminho e precisasse de indicação, Hayden levantou-se e atravessou a porta de comunicação. Quando chegou ao quarto maior exterior, viu que estava vazio. A passagem lá fora estava deserta.

Alguns capatazes de serviço na linha, muito depois de ter fechado a estação naquele dia e do último comboio ter passado, afirmaram ter visto o mesmo vulto, de fato cinzento, a andar nas plataformas.

Mas o seu principal ponto de visita durante as horas tardias da noite parece ser a linha de cruzamento situada mesmo ao norte da estação.

Durante dois anos tem havido notícias da sua aparição naquelas vizinhanças.

Desde o episódio com Locker, Davey tem entrado em contacto com Terriss, auxiliando-o a libertar-se da sua obsessão.

Ele deve tentar reagir e não causar aborrecimento aos outros — disse-lhe Davey, psìquicamente.

Havia entidades na região espiritual que gostariam de ajudá-lo a libertar-se dos laços terrenos.

Alguns dias depois deste diálogo com o espírito, Davey sentiu outra vez a presença do actor, o qual informou telepàticamente que tinha estado com entidades espirituais que o auxiliaram e era pouco provável que ele incomodasse outra vez o pessoal de Covent Garden.

Porque escolheria ele a estação do Metropolitano de Covent Garden para as suas visitas? Até agora, o grande actor não explicou por que veio representar este papel...

(Do *Psychic News*, de Londres, traduziu Maria Madalena).

PROFISSÃO DE FÉ

Por IRMÃO MAURÍCIO

— Não, Irmão, nem tudo na Terra é tristeza e fealdade.

Recolhe-te na Catedral de Silêncio que há em ti, e ora.

Abre de par em par as janelas da tua alma e penetra-te da paisagem de Infinito que se estende ante os teus olhos extasiados.

Não te parece que o firmamento é um Templo imenso onde as miríades estelares são outras tantas velas votivas a alumiar o Altar do Senhor?!...

Abre bem esses olhos, Irmão, e pergunta a ti mesmo, na eloquência silenciosa da noite —

— *Quem acendeu tantas luzes no céu?*

E o Silêncio falará!...

— Não, Irmão, nem tudo na Terra é tristeza e fealdade!

Que dizer da mão ignorada que se abre tìmidamente e deixa cair o óbulo no regaço da fome?

Que dizer da mão que se abre em concha, dela brotando a linfa cristalina que vai dessedentar os lábios gretados do caminheiro?

Que dizer da Mãe que se dá toda ao pedacinho de si própria, no incomparável caudal de ternura que é o amor maternal?

Que dizer da tímida florzinha que empresta singular encanto à charneca e perfuma o pântano com a sua subtil fragrância?

Já reparaste num homem que chora, Irmão?!...

Ah! Que profunda beleza existe no seu pranto, quando deixa correr pelo rosto o orvalho silencioso da sua dor!

As lágrimas de um homem são o mais comovente canto da poesia humana. Gravam-se no granito do Tempo com o escopro do desespero.

Redimem e purificam.

São o arroio rumorejante a lavar as areias movediças da enxurrada.

— Não, Irmão, nem tudo na Terra é tristeza e fealdade!

Há um Cristo com a sua alta Missão Divina deixando atrás de si o rasto luminoso da sua Palavra que transcende a mais elevada concepção humana.

Há as Estrelas,, questionário absorto, cujas respostas se encontram na Divina Biblioteca, sita na Imensidão, onde o homem encontrará elementos de difusão da Fé, a melhor cultura emocional e intuitiva ao serviço da evolução da espécie humana.

— Recolhe-te e pergunta-te:

— *Quem acendeu tantos luzeiros no céu?*

E o Silêncio te responderá, profundamente, incisivamente:

— Deus!... Deus!... Deus!...

E pelas intérminas clareiras do teu mundo interior os ecos repercutirão:

— Deus!... Deus!... Deus!...

Recebido intuitivamente por João de Oliveira Anjo

UM CASO DE CONSCIÊNCIA

ou resumo anatómico em que se fala de muitas e variadas coisas

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

Meu caro Pereira Guedes

Tenho recebido a Almenara, de sua direcção, e verifico que mantém a mesma posição de franco-atirador, como lhe disse no Brasil. Hoje agradeço-lhe as boas palavras que me dirigiu, embora algumas delas se não ajustem à medida dos acontecimentos. Tive ocasião de expor, «desassombradamente», como se «prega e pratica o Espiritismo em Portugal», e tive ensejo de expor muitos temas doutrinários, filosóficos e científicos, o último dos quais no Teatro de S. Pedro, em Porto Alegre, que foi captado em gravador de som e irradiado pela emissora local. E, contra a sua opinião, não fui ao Brasil satisfazer contratos, mas a pedido da família espírita, tão bondosa e hospitaleira. E aqui lhe digo que cento e quarenta e duas vezes falei em diversas latitudes, expondo os mais variados assuntos nos catorze Estados percorridos. Deste número, deduza quarenta e uma palestras e conferências ao microfone de emissoras que me receberam sempre amàvelmente.

Portanto, meu caro Pereira Guedes, tive «liberdade» e ensejo de ser ouvido, sempre de improviso e ao sabor de esquemas adrede preparados, segundo o gosto e a cultura dos auditórios.

Mas, voltando ao assunto de franco-atirador, *com que inicio esta carta, queria dizer-lhe que a imprensa livre é necessária e que é natural apontar os erros, mas com suavidade, com diplomacia, sem descer ao ataque pessoal, sempre incerto e perigoso, sobretudo quando o atingido tem consciência do seu papel e trabalha, como nós, no prestígio da Doutrina. Isto mesmo lhe referi, ao receber a sua visita no Hotel Globo, do Rio de Janeiro, respondendo a uma pergunta acerca da orientação de* Almenara.

O desassombro é coisa digna e humana. Agiganta, dá tonalidade moral, firma posições no concerto dos valores. E você tem facetas que se enquadram neste sector onde nem todos poderão entrar. Mas o desassombro tem seus lindes e quem serve um ideal deve engrandecê-lo, defendendo princípios, para que outros servidores, igualmente sérios e diligentes, não sintam apoucar-se em presença de juízos temerários.

Tenho a certeza de que está de acordo. Quem somos nós para julgar em última instância? Onde estão às vezes os factos palpáveis ou os testemunhos inequívocos, fidedignos, que habilitem a sentença condenatória, sem apelação nem agravo?... Os próprios tribunais se enganam, condenando inocentes, mercê de processos mal orientados e de falsos testemunhos que, infelizmente, proliferam em toda a parte.

Você vai dizer-me que é preciso apontar as mazelas. Sim, concordo que é preciso, mas também é preciso compreensão. O radicalismo justifica-se, se o corpo social ou moral estiver gangrenado. Então devemos agir com energia, sob pena de morte inevitável.

No seu artigo «Imprensa Livre», de Fevereiro último, lê-se que Almenara *«surgiu para viver independente, para ver perto e longe, para defender, tanto quanto possível, os postuladores da Doutrina». Está certo. Dou-lhe o meu apoio. Assim devem fazer os que assumem responsabilidades directivas. O ideal espírita é coisa sagrada que não admite malsinação ou desvirtuamento. Entretanto, queixa-se de que tem poucos elementos à sua volta. É possível que tenha. Um franco-atirador do seu género está sujeito a surpresas dessas. E o desejo de todos é ter muitos adeptos sensatos, equilibrados e conscientes.*

Eu também sou desassombrado. Incapaz de mentir ou pactuar com a veniaga e a crápula, aponto males e apresento sugestões que me parecem construtivas. Não gosto de insinuar. A minha linguagem é «sim, sim; não, não», como a dos homens que não devem, nem temem. Tenho um baluarte que desejo puro e nesse sentido me esforço em cada segundo da vida terrena.

Desculpe o desabafo. Se lho transmito, é porque o merece, pelas palavras que escreveu. Mas os meus processos são diferentes. Prefiro a evolução à revolução e gosto de aparecer no fim, para construir. Às vezes, um fueiro é inofensivo em mãos de criança. Não faz estragos de maior. E se a criança for adulto e vier esgrimir com estilete? O caso é sério e pode acabar no xadrez. Eu não uso estilete nem fueiro, embora seja franco-atirador, como o Pereira Guedes e outros que há por esse mundo. Com a diferença de que o meu alvo não é o homem, mas os defeitos do homem...

Você escreve bem, raciocina com equilíbrio e conhece o terreno que pisa. Almenara *poderia ser uma tribuna livre, como é, embora menos radical. Você tem cultura e não lhe falta inteligência para isso.*

Errar é próprio do homem. Todos erram, todos claudicam, todos têm fraquezas. Onde estão os puritanos? Onde estão os imaculados? Os próprios «santos» tiveram lutas íntimas entre a carne e o espírito. E nós, que carregamos um fardo

precioso, devemos ser prudentes como as serpentes...

A imprensa é a melhor e pior alavanca do progresso e a lingua a melhor e pior coisa do mundo. Temos, pois, que saber utilizar esses veículos, para que o vidro de nossos telhados não fique à mercê da pedra dos maldizentes...

★

Isto vem a propósito da minha viagem ao Brasil e de algumas afirmações que fiz em conversa amena. E também das referências, aliás amáveis, que você me fez em Almenara, deixando porta aberta a este desabafo. Já Mundo Espirita, de Curitiba, fez o mesmo, inserindo uma entrevista (?) de um tal José do Monte (pelo nome não perca) e lançando vaga sugestão no mesmo sentido. Alguém deve ter pensado: «Uma discussãozinha não seria má. O Isidoro tem dedo para a coisa». Mas, por Deus! Há tanto que fazer e que escrever! E o tempo é tão escasso para o muito que se não fez!

Diz você que um confrade contribuinte para a minha ida ao Brasil ficou surpreso (sic) por eu dizer que havia liberdade de crença em Portugal. Disse e mantenho. Se não houvesse liberdade de crença os centros espiritas não funcionariam, como funcionam, sem intervenção das autoridades, e as nossas publicações não circulariam, como circulam, visadas pela Comissão de Censura. Se não houvesse liberdade de crença, os protestantes e os judeus não teriam os seus templos abertos ao culto e não realizariam as suas práticas como entendem.

Houve também alguém que se admirou das palavras com que me referi ao encerramento da Federação Espirita Portuguesa, nelas vendo má vontade. O que disse, disse. Poderia ter esmiuçado a questão, que documentos não faltavam. E se o não fiz foi por não querer imiscuir-me em assunto do meu desagrado e não dissessem que aproveitava o tempo para malsinar. É que há pessoas que o dizem, quando se relatam factos que as envolvem. Andam com pedra no sapato. E eu preferi calar, limitando-me a resumir o caso.

Pois agora, que a imprensa espirita brasileira publicou artigos e entrevistas que, bem ou mal, procuram esclarecer o problema (isto parece um problema), chamando à balha Estudos Psiquicos e o Centro Espiritualista Luz e Amor, com insinuações pouco reverentes, aí lhes mando pelo correio marítimo dois documentos autênticos: a «Lei do Ensino Particular» e o Diário do Governo que insere o Acórdão do Supremo Tribunal Administrativo referente ao recurso que a mesma Federação interpusera, no sentido de anular o despacho do Ministro da Educação Nacional, de que resultou o seu encerramento. Se não entender a linguagem do acórdão, como aconteceu com alguns de nós, peça a jurista amigo que a interprete. Estes documentos mostrarão que o muito pouco que lhe disse no Brasil está certo e não tenho de me retratar, embora desgoste alguns amigos que muito prezo, a começar pelo «contribuinte» a que alude no seu artigo de Almenara.

★

Sobre a Umbanda, mantenho a opinião: «Umbanda não é Espiritismo». Pode ter pontos de contacto com a nossa doutrina, pode atingir alguns objectivos semelhantes (desobsessão, curas, etc.), mas não é Espiritismo, porque, noutros pontos, se afasta inteiramente da codificação, que é um corpo argamassado e estruturado. Mas isto não me inibe de manifestar satisfação por coisas a que assisti na Tenda Mirim, onde fui amàvelmente recebido. É verdade que fazia ideia diferente dos trabalhos de Umbanda. É verdade que a presença de centenas de médiuns vestidos de branco num recinto em que se movimentavam mil e quinhentas pessoas, sem colisões, sem atritos, subordinadas a disciplina espiritual, me impressionou verdadeiramente, bem assim os cânticos acompanhados de orquestra típica, tudo inprimindo nota vincada ao conjunto majestoso e solene, que ali se exibia por minha causa. E como digo o que penso e penso o que digo, em qualquer emergência, expus o que sentia, quando me ofereceram o microfone daquela casa, para impressão momentânea.

Há nisto incoerência? Dizer que Umbanda não é Espiritismo é atacá-la? Não o declaram os próprios umbandistas, como o secretário do jornal O Caminho e outros elementos responsáveis?

Milito no Espiritismo, mas simpatizo com as correntes espiritualistas. Não poderei mostrar o meu agrado sem que haja incoerência?

Eu nunca fui exclusivista. Respeitei sempre o pensar alheio e acho que a verdade está em tudo. Até nos próprios silvícolas, com seus amuletos, tabos e práticas religiosas, tão combatidos por muitos civilizados. A evolução humana não se mede aos palmos e toda a doutrina é boa, desde que felicite os profitentes. Eis, por que não devemos afastar de seu credo quem nele está satisfeito. Apresentar doutrina e exemplificá-la, como se faz no sector espirita do Brasil, é a melhor maneira de impor uma Causa.

No Espiritismo há vários campos onde uns e outros podem mourejar: estudiosos e curiosos, céptico e simples de coração. Tudo se deve respeitar, quando não afronte a ideia e seja realizado com aprumo e ombridade.

Quanto às palavras do confrade Alves de Oliveira, secretário de O Caminho, são de sua conta e risco. Traduziu o que julgou ter lido em meu espírito no discurso de agradecimento que em boa hora proferi. E traduziu muito bem.

★

Finalizando, meu caro Pereira Guedes, dir-lhe-ei que os seus reparos foram providenciais. Assim, esta carta responde indirectamente a Mundo Espirita, de Curitiba, que publicou um extenso artigo intitulado «Na Hora de Uma Entrevista Necessária», subscrito pelo tal

anónimo e no qual se fazem referências dúbias a Estudos Psíquicos e ao Centro Espiritualista Luz e Amor. José do Monte, autor encoberto do artigo, diz no começo da entrevista (quando revelar o seu nome, saberão quem ele é, com relação aos entrevistados), que a homologação requerida ao Ministro da Educação Nacional em 1953 se referia aos velhos Estatutos da Federação. Na verdade, o que eles submeteram ao Ministro foi a reforma dos Estatutos, o que é diferente, e solicitaram a integração da F. E. P. na lei do Ensino Particular (lei n.º 2 033) e Decreto n.º 37545, que diz respeito a associações de ensino pedagógico, literário e científico, o que levou o ministro a não homologar, baseado no parecer do Conselho Permanente da Acção Educativa. Mais tarde, no recurso para o Supremo Tribunal Administrativo, apresentado fora do prazo legal, invocaram o art.º 46 da Constituição Política Portuguesa que levou o Conselho Permanente da Acção Educativa a «considerar o Espiritismo um sistema mistico-religioso», e por isso «as suas práticas não podem ser proibidas».

Um dos entrevistados declara que Estudos Psíquicos «quis, e muito bem, defender a acção governativa e libertá-la da acusação de perseguição ao Espiritismo que lhe imputou Miss Rosamunde; simplesmente, que ela poderia ter sido feita sem necessidade de apontar por forma tão pouco cristã aquela senhora inglesa que em Portugal ganha a vida e é médium curador, segundo diz o articulista».

Esta afirmação não corresponde à verdade e por isso a refuto imediatamente. No Verão de 1954 o Psychic News publicou um artigo a cinco colunas com o título «O Governo português fechou todas as instituições espiritas do país», artigo baseado em informações falsas de Miss Rosamunde, a qual disse também que o procedimento havido se escudara na existência em Portugal de muitos ledores da buena dicha e de práticas de magia negra, acrescentando haver quem deitasse pós na comida de homens e mulheres com o fim de excitar o instinto sexual e que longas filas de miseráveis se viam nas sessões públicas dos centros, onde se desconhecia a lavagem e os tratamentos. E mais ainda: que havia falta de respeito nestes trabalhos. Depois apresentava um plano organizador, que era publicarmos artigos de escritores ingleses que nos seriam facultados através da sua amável tradução...

Os espiritas portugueses são maiores e vacinados, não carecem de planos orientadores. E quando carecessem, tinham o Grande Brasil pronto a fornecer ensinamentos e dos melhores.

Estudos Psíquicos tratou a senhora inglesa com muita urbanidade, porque ela merecia coisa diferente, em razão da deselegância cometida. Limitámo-nos a poucas palavras. Dissemos apenas, depois de narrar o sucedido:

«Lá que Miss Rosamunde sorria e conforte, achamos bem. Mas que vá dizer a Londres enormidades, que alguém pode tomar à letra, é que não corresponde à hospitalidade portuguesa. Que Deus a ilumine e que o semanário inglês tenha mais cuidado com as informações da sua gentil e robusta informadora».

A chamada deselegância resume-se nisto. Gostaria de saber como qualificar o acto da miss, que se intitula redactora do jornal inglês The Greater World, órgão de uma Liga de Espiritismo Cristão...

★

O mesmo entrevistado, depois de historiar a questão do encerramento, declara:

«A F. E. P., a Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, o Centro «Perdão e Caridade» e outros (os «outros» são o Grupo Espirita de Faro), foram encerrados à face dos respectivos processos de julgamento, por quem de direito e não porque houvessem cometido actos ilegais ou, sob qualquer aspecto, reprováveis, ou condenáveis. Quanto à Federação Espirita Portuguesa, esse julgamento foi feito pelo Senhor Ministro da Educação Nacional e pelo Supremo Tribunal Administrativo; e nos processos competentes não consta outro fundamento para o que se passou, que não seja a não conformidade com as leis e disposições que já referi».

A seguir pergunta:

«Como se compreende que o Centro Luz e Amor e outros continuem a funcionar livre e legalmente, quando os seus Estatutos estão nas mesmíssimas condições em que estavam os da F. E. P. e devem obediência às mesmas disposições legais?»

E José do Monte aprova logo, num remate à baliza: «É isso mesmo!», enquanto o entrevistado, qual Sísifo, rola a pedra monte acima:

«Continua a ser claro; a ser claríssimo: como se não pode compreender nem admitir, porque seria ofender as Autoridades Portuguesas, que as leis e as disposições oficiais façam excepções, há que concluir que Estudos Psíquicos, que tão nobremente defende a acção governativa neste capítulo e que tem a consciência de que o «Centro Luz e Amor» e outros continuam a funcionar dentro da maior legalidade, sabe que coisa mais grave existe para além dos motivos apresentados pelo Senhor Ministro da Educação Nacional e pelo Supremo Tribunal Administrativo, para o encerramento da F. E. P. e de alguns Centros».

E José do Monte concordou: «É essa, exactamente, a nossa opinião...

Ora, se os factos se resumem em tão pouco, bastava um ligeiro comunicado, sem necessidade de duas longas entrevistas. Ou todo o aranzel é para denunciar a situação de outros, cuja condenação em nada contribuiria para alterar o desfecho do processo? Não será isto «deselegância» maior?

O Centro Luz e Amor não está nas mesmíssimas condições da Federação. É colectividade de carác-

ter espiritualista e não de carácter cientifico, como aquela se intitula. Assim, nunca poderia requerer inclusão na Lei do Ensino Particular. A sua orientação é mistico-religiosa, enquadra-se no artigo 46.º da Constituição Politica Portuguesa.

Meu caro Pereira Guedes: Estudos Psíquicos não defende a acção governativa nem deixa de defender. Defende a verdade, no uso de um direito que ninguém deve recusar-lhe. Mas não é delator de agremiações ou de confrades, nem sabe o que há para além de coisa alguma neste assunto.

E agora reparo: você não tem nada com isto. Quem tem é José do Monte, um c s qualquer, como se diz em Maricá. De balandrau para que o não vejam, move-se livremente ao sabor da viração. Pobre de quem troca a luz do dia pela sombra das cavernas! Você não usaria semelhantes vestes, nem permitiria que usassem nas colunas de Almenara... Eu também não. Nem usá-las, nem permiti-las. Conhece o apólogo de dois sócios e um guarda-livros?... Se não tivesse gasta a minha cera veríamos um caso edificante. Mas esta vai longa e é preciso terminar.

Subserviência! Como és triste, como és indigna do género humano! Condenas os olhos à cegueira e a espinha à curvatura! E o mundo necessita de homens. De homens é que o mundo necessita.

Embora reconheça que os seus artigos me levaram a dizer o que não queria, não retrocedo um passo. O silêncio seria desastroso e a realidade... invisível.

Se quiser, publique esta carta em Almenara, que eu farei o mesmo em Estudos Psíquicos. Mundo Espirita, certamente, não deixará de transcrever o que lhe diz respeito para edificação dos leitores.

Fraternalmente,

ISIDORO DUARTE SANTOS

NOTA — Mais adiante, na página 118, se encontram documentos indispensáveis à compreensão desta missiva.

A HISTÓRIA SE REPETE

Por CONRADO FERRARI

Acusa-se o Espiritismo de ser obra do demónio. Para muitos é mefistófeles quem se manifesta através dos médiuns, é ele quem realiza curas e expele os maus espíritos, assim procedendo com o objectivo de enganar aos incautos, que se tornam presas certas e fáceis.

A propósito convém recordar a sugestiva passagem do Evangelho segundo S. Mateus, cap. XII, vers. 22 a 28: «Então lhe trouxeram um endemoniado cego e mudo, e ele o curou, de sorte que falava e via. E ficaram todos pasmados dizendo: porventura é este o filho de David?

«Mas os fariseus, ouvindo isto, diziam: este não lança fora os demónios senão em virtude de Belzebú, príncipe dos demónios. E Jesus, conhecendo os pensamentos deles, disse-lhes: «Todo reino dividido contra si mesmo será desolado e toda a cidade ou casa dividida contra si mesma não subsistirá. Ora, se Satanás lança fora a Satanás, está ele dividido contra si mesmo: logo, como persistirá o seu reino? E, se eu lanço fora os demónios em virtude de Belzebú, em virtude de quem os expelem vossos filhos? Se eu, porém, lanço fora os demónios pela virtude do Espírito de Deus, logo é chegado a vós o reino de Deus».

A conclusão do Mestre excelso é de uma lógica esmagadora integralmente aplicável ao Espiritismo hodierno: se a obra dele é demoníaca, Satanás não possui a subtileza que se lhe quer emprestar; obra contra si mesmo, se destrói; mas se o Espiritismo realiza seus chamados «milagres», em virtude dos Espíritos de Deus, então a obra permanecerá e se multiplicará.

Para os espiritas, que não admitem a hipótese do demónio e muito menos que seja ele capaz de realizar obras surpreendentes de caridade e amor, como as que se verificam nos meios espiritas; nem que conselhos e ensinamentos plenos do espírito Cristão jámais poderiam provir de espíritos inferiores, accionados por sentimentos de ódio, inveja e egoísmo; para os espiritas não há dúvida de que através da mediunidade só se manifestam os espíritos dos homens que ontem viveram sobre a Terra, mais ou menos evoluídos, mais ou menos esclarecidos.

Com o amparo dos Evangelhos de Jesus, chega-se à conclusão insofismável de que o Espiritismo é obra providencial do Criador, por isto que traz consigo o sinal da Divindade; apenas não é por todos compreendido, e exactamente como sucedeu ao Cristo, atribui-se-lhe influência demoníaca.

Porto Alegre - Brasil

UMA ENTREVISTA

Por ZALMIN

(Correspondente

Huberto Rohden, ex-sacerdote católico, é, sem dúvida, um dos grandes filósofos cristãos contemporâneos. Autor de dezenas de obras — todas mui profundas, emprega muito tempo na difusão de suas ideias através de conferências por todos os Estados brasileiros. Muito alto e muito loiro é também muito avolumado em espiritualidade. Voz calma, mais pendente ao agudo, consegue manter qualquer assistência em tensão constante, graças à firmeza de sua exposição clara e concisa. É enérgico. É incisivo; segundo alguns, até demais, mas esse traço de seu carácter é fruto de uma auto-educação férrea, a par de duras lições que a vida ensina aos valentes morais e que ousam enfrentar uma tradição religiosa de quase vinte séculos. Rohden, hoje, é um emancipado do Catolicismo, mas seus passos não deixam de ser observados. A vida para um indivíduo assim não é fácil, ainda mais, com família constituída há já dez anos. Olhos profundos, pesquisadores, mais ou menos inquietos, reflectem sua posição de pensador, às vezes por demais racional.

Tivemos uma longa palestra. Rohden é também alegre. Como não hão-de viver mais ou menos alegres os estudiosos da Vida e de Deus? Gosta muito de ouvir — e isso já é um atributo mais ou menos raro... Solicitado a responder a algumas perguntas — por vezes, indiscretas — colocou-se imediatamente à disposição. Rohden tem muito boa vontade e não poderíamos deixar de explorá-la... em benefício dos leitores. Assim, desde logo, fomos sabendo da sua vida íntima:

— Onde nasceu e estudou?

— Nasci em Braço do Norte, Município Tubarão, Estado de Santa Catarina. Fiz o curso secundário, filosofia e teologia em São Leopoldo, Rio Grande do Sul. Mais tarde, cursos de doutorado em Filosofia e Teologia nas Universidades de Innsbruck (Áustria) e Nápoles (Itália) e na Faculdade Teológica de Valkenburg (Holanda).

— Qual a sua actividade?

— Actualmente trabalho como escritor, conferencista e professor de dois Cursos Livres de Filosofia, diurno e nocturno, em São Paulo. Endereço: Caixa postal 1025 — São Paulo. Residência: Rua Alberto Torres, 39. Tel. 51.5833.

— Pode dar-nos alguns tópicos da sua vida clerical?

— Com todo o prazer. Depois de haver servido por mais de 20 anos a igreja romana e publicado mais de 25 obras, todas explicitamente aprovadas pela autoridade eclesiástica, e, 15 delas, além disto, espontâneamente prefaciadas por bispos e arcebispos e pelo cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, D. Sebastião Leme, diversas ordens religiosas, de origem estrangeira radicadas no Brasil, empreenderam uma campanha contra meus livros, porque estes — sobretudo a tradução do Novo Testamento do texto grego do primeiro século, como também «Paulo de Tarso» — ensinavam o povo católico brasileiro a procurar a salvação directamente pelo Cristo, e não através do clero romano, movimento que, se não fosse sustado em tempo, estabeleceria no Brasil um Cristianismo não católico-romano, emancipando o povo da tutela do clero. Após 4 anos de luta (1938-1942), e não conseguindo do cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro a cassação do «Imprimatur» de todos os meus livros, foram os elementos clericais rebeldes ter com o arcebispo de São Paulo, através do qual conseguiram, finalmente, um mês após o falecimento do cardeal Leme, uma proibição categórica de todos os meus livros aprovados, sem excepção de um só; o infeliz documento, assinado também pelos 13 bispos sufragâneos de São Paulo, leva a data de 26 de Novembro de 1942 e proibe os católicos dessas dioceses de ler, comprar, vender, pro pagar ou guardar qualquer dos livros da minha autoria, por serem todos eles, «perniciosos à fé católica». Em Fevereiro de 1943, também D. João Becker, então arcebispo de Porto Alegre, endossou, esse documento, não conseguindo, todavia, a adesão dos seus quatro bispos sufragâneos, de Santa Maria, Caxias, Pelotas e Uruguaiana, que ficaram fiéis à orientação de D. Sebastião Leme.

Em face dessa confusão estabelecida no seio do clero e do episcopado brasileiro, e não havendo nenhuma esperança de reconciliação, entreguei o meu mandato sacerdotal, com firma reconhecida, às mãos da autoridade diocesana e retirei-me para os Estados Unidos, onde a Universidade de Princeton, Nova Jersey, acabava de me oferecer uma bolsa de estudos para pesquisas científicas, e onde me encontrei com o pai da Era Atómica, Prof. Albert Einstein.

«Terminado esse período, de 14 meses, fui convidado para professor da cátedra de Filosofia e Religiões Comparadas, pela «American University», de Washington, onde leccionei durante cinco anos.

— Então deve conhecer muitos países...

— Visitei quase todos os países da Europa, e em três deles vivi mais demoradamente, como mais tarde nos Estados Unidos. Entretanto, não há relação causal directa entre as minhas experiências espirituais e esses itinerários externos, porquanto aquelas experiências independem de circunstâncias de fora, embora estas possam facilitar ou dificultar o nosso contacto com o mundo invisível.

Neste momento pensámos no trabalho literário do escritor e indagámos intencionalmente:

— Quantas obras escreveu?

— Das 40 a 50 obras que escrevi em cerca de 30 anos de actividade literária, filosófica e espiritual, umas 28 se acham em circulação permanente, ao passo que as restantes foram por mim abandonadas por não representarem mais o meu pensar e sentir de hoje; tive de deixar de parte esses livros, assim como a cobra tira a pele cada ano, a fim de poder crescer um pouco e não reentra na pele despida, porque esta é menor do que o ofídio. Dos meus livros em circulação menciono os seguintes:

Biografias — «Jesus Nazareno», «Paulo de Tarso», «Agostinho» e «Pascal».

Filosofia espiritual — «Metafísica do Cristianismo», «Em espírito e verdade», «Profanos e Iniciados», «Porque sofremos», «Panorama do Cristianismo», «De Alma para Alma», «Imperativos da Vida», «Lampejos Evangélicos» e «Cosmorama».

COM ROHDEN

ZIMMERMANN

Porto Alegre, Brasil)

«*Filosofia em geral* — «Filosofia Universal» (2 vols.).

Flosofia da natureza — «Maravilhas do Universo», «Por mundos Ignotos», «Alegorias» e «Isis».

Opúsculos — «O sentido Real da Eucaristia», «Aconteceu entre 2.000 e 3.000» e «Ciência, Milagre e Oração».

Traduções — «Novo Testamento» (traduzido do texto grego do 1.º século).

— E qual a sua obra mais profunda?

— Difícil responder. Na opinião dos meus leitores, talvez sejam os livros «Metafísica do Cristianismo», «Filosofia Universal» e «Cosmorama».

— E a mais popular?

— Talvez «De alma para alma», que, para milhares de pessoas, figura como livro de cabeceira.

— Deve haver traduções de suas obras...

— Sim. «Paulo de Tarso» foi traduzido em inglês e «Em Espírito e Verdade», em alemão. Em holandês foram traduzidos dois livros meus antigos, hoje por mim abandonados. Actualmente, está sendo traduzido para o esperanto, no Rio de Janeiro, o meu recente livro «Cosmorama». Também está sendo passado para o alfabeto Braille, para os cegos, o meu livro «De alma para alma».

— Gostaríamos de saber qual o total de exemplares de seus livros.

— Não possuo estatística exacta. Quanto ao total de exemplares de todas as minhas obras, é certo que o número ultrapassa 1.500.000 (um milhão e quinhentos mil).

— E livros em preparação?

— Acham-se com o meu editor, em São Paulo, os originais do meu livro autobiográfico «Por um Ideal» bem como os da obra científico-filosófica «O homem de Ontem, de Hoje e de Amanhã», estudo sobre a evolução do homem no plano sensitivo, intelectivo e intuitivo.

— E em projecto?

— Os meus livros nascem de outro modo do que talvez os de outros escritores; em geral, não «projecto» um livro. Dos meus numerosos cadernos de apontamentos de ideias e impressões multiformes, vasto mundo heterogéneo de matéria-prima, amorfa ou semi-amorfa, cristaliza-se, de vez em quando, uma «ilha» maior ou menor de ideias homogéneas, acabando, por vezes em livro; muitas vezes, porém, pára em algum estágio evolutivo, não chegando a aparecer em público. Tenho aqui comigo muito maior número de livros «nonatos» do que de livros «natos». Tenciono escrever, um dia, um livro com o título «Fragmentos», reunindo, sem nexo definido, umas centenas dessas ideias isoladas.

— Em sua opinião, qual será o futuro espiritual da humanidade?

— Conforme exponho no meu citado livro «O homem de Ontem, de Hoje e de Amanhã», tenho a certeza de que as leis cósmicas não falham, mas que o tempo da sua actualização depende dos seres conscientes e livres, quer dizer, aqui na terra, depende do homem. A humanidade telúrica ultrapassou o seu estágio meramente *sensitivo*, entrou no período *intelectivo* e caminha rumo ao plano *intuitivo*, do qual o Cristo foi a mais deslumbrante antecipação.

— E como explica o mecanismo da justiça divina, sem a concepção palingenésica, ou seja a Reencarnação?

— Não creio que haja esse «mecanismo» da justiça divina, uma vez que Deus é a única Realidade Essencial, da qual todos os chamados indivíduos são apenas aparências existenciais, o que não permite justiça ou injustiça. A chamada «palingénese», ou seja, indefinível evolvibilidade do homem é um facto postulado pela sã razão, o que, todavia, não implica necessàriamente numa reencarnação física no plano telúrico.

— Qual o sistema filosófico que prefere?

— Nunca me filiei a nenhuma escola filosófica particular, porque tenho a certeza de que todas elas são apenas outros tantos afluentes, maiores ou menores, de águas mais ou menos límpidas ou turvas, do imenso amazonas da «Filosofia Perene», ou «Filosofia Universal», e que esse amazonas da Filosofia única, eterna e universal, desagua necessàriamente no Oceano da Divindade.

— E sobre a justiça divina, a vida, origens e fins da alma? Pode dizer-nos alguma coisa?

— A essa pergunta é-me impossível responder claramente no exíguo espaço de uma entrevista. Queiram os interessados abismar-se no estudo de alguns dos meus livros acima citados, principalmente na «Metafísica do Cristianismo», ou na «Filosofia Universal».

Faltava ainda uma pergunta. Queríamos saber a sua opinião acerca da doutrina espírita. Tínhamos grande curiosidade de ouvir de sua boca o comentário apropriado. E aventurámos:

— Que pensa do Espiritismo?

— Penso que é uma tentativa de interpretar, *científica e espiritualmente*, o Cristianismo Universal e Eterno, assim como o catolicismo romano tenta interpretar *sacramentalmente* esse maior fenómeno da história humana, e o protestantismo o compreende *bíblicamente*. Existem no seio do espiritismo brasileiro duas correntes nitidamente distintas: a corrente estreitamente sectária, representada pelas massas mais ou menos ignorantes, e a corrente amplamente espiritual e cristã, advogada pelas *elites* mais avançadas. A vitória da segunda ideologia sobre a primeira, ou vice-versa, decidirá sobre a grandeza ou a decadência do Espiritismo».

Foram poucas as perguntas, mas necessárias e suficientes para nos dar uma «introvisão» da personalidade desse famoso pensador. É um espiritualista que luta por um mundo melhor, onde talvez se sentisse pessoalmente mais ajustado. E ele continua viajando e doutrinando. Seu exemplo foi muito perigoso para Roma e ele o sabe, como sabem diversas outras correntes religiosas que tentaram atraí-lo para suas fileiras... Ele não o disse, mas assim o sentimos. De qualquer maneira, vale a pena lê-lo. É um manancial.

Através destas colunas, agradecêmos-lhe mais uma vez e pedimos ao Pai pela sua maior elevação espiritual. O mundo precisa de corajosos e ele o é. Que assim possa continuar sempre.

Porto Alegre, Janeiro de 1955.

ECOS DE U

Por ISIDORO

XV

ASPECTOS DE

Após o almoço no Majestic, com Varandas e Guerra Peixe na tertúlia amiga, demos uma volta pela cidade. Novos jardins, novos parques, verdura farta em contínuo desenvolvimento. O Outono roubava os frutos à vegetação e as folhas começavam a desprender-se das árvores caducas. Cenário diferente deslumbrava nosso olhar ansioso. Mas Petrópolis é bela em todas as quadras do ano. Tem atributos que a distinguem entre muitas cidades mais populosas

O José Varandas continuava a guiar-nos através de arruamentos ondulantes, ora planos como a superfície de um lago, ora recurvos no ladear de jardins e miradouros, mas sempre belos e pitorescos, recreio de olhos perscrutadores

Agora vamos a pé. A neblina cobre o pico dos montes, estendendo os véus flutuantes em direcção aos outeiros. O calor do Rio desaparecera na ascensão a estes 700 metros de altitude, de atmosfera menos carregada, de menos trânsito e menos veículos automóveis, que devem ter-se aglomerado na capital federal, perto da rua Uruguaiana, à Avenida de Getúlio Vargas... É o fim do mundo, principalmente às seis da tarde. Por lá passámos muitas vezes, naquela «Boca do Inferno» que é preciso rasgar para bem da grande metrópole. Ali, sim, que tudo se mistura e quase se amalgama em equilíbrio instável. O motorista tem que ser lesto e activo. Entre mil rodas diferentes, o olho é régua e o nariz compasso.

Em Petrópolis não há muito receio de atropelamento, embora se vejam numerosos autos a cruzar estradas e ruas.

Primeiro fomos ao Cine-Esperanto, «filho» do Varandas, a doze minutos do Hotel. Edifício interessante adequado ao objectivo, de sessão contínua e óptima frequência.

Temos visto inúmeros cinemas, altos, majestosos, de linhas direitas e colunas romanas, e baixos, atarracados, suportando abóbadas sobre os ombros robustos. E cada um se enfeita a seu modo, buscando nomes espampanantes, ao sabor da moda, nem sempre de acordo com a gramática. O nome deste colara-se à retina, não havia meio de nos deixar. Até que veio a justificação. Em nossa visita à bela casa de espectáculos deparou-se-nos a seguinte legenda:

«A Torre de Babel caiu». Mas a torre dos sonhos bons, o farol de cujo cimo se hão-de poder iluminar todos os povos do mundo, há-de elevar-se ao mais alto dos céus, pedra a pedra, firme e seguramente. E essa Torre de Babel de sonhos bons, esse farol é o Esperanto».

A razão era evidente. José Varandas, além de espirita acérrimo, difundia o amor pelo Esperanto, que Zamenhof legara ao mundo para que os homens se aproximassem, em sorriso afável. Para compreender as ideias é necessário vivê-las e tal fenómeno não se dá, exprimindo-as em idiomas diferentes. Qualquer coisa fica por entender, mesmo nas versões que julgamos exactas. A língua auxiliar é o sorriso universal da facilidade; e irmana de tal forma, que a sua pronúncia tem o privilégio de fazer amigos, seja qual for o clima e a latitude.

Era nisto que continuávamos a pensar ao sair da grande sala.

★

Já dissemos que Petrópolis é uma cidade linda, sobretudo para os europeus que se gastam em andanças nas terras tropicais, onde a vegetação cresce à vontade, zombando da mão humana, astuta e demolidora. Quem de lés-a-lés a percorre não supõe que para lá do urbanismo e da paisagem haja coisas ocultas que tanto admiram o forasteiro, sem falar no Museu Imperial a que nos referimos na última crónica. A indústria, por exemplo, é fonte de receita vultosa. Está no alicerce do aglomerado social a cimentar o progresso do Brasil. As fábricas de casimira, de lapidação de diamantes e de tecidos constituem magnífico património que dia-a-dia aumenta

MA VIAGEM

JARTE SANTOS

VI

PETRÓPOLIS

de valor, empregando mais de 40.000 operários, especializados em sua maioria.

Mas a principal indústria, a que ocupa maior número de obreiros é, sem dúvida, a da seda natural. A maior fábrica sul-americana deste produto ergue-se em Petrópolis.

José Varandas dá-nos indicação de muitas coisas que desejaria mostrar-nos, lamentando a escassez de tempo, irredutível, implacável, a barrar os passos ao viandante. Ainda assim, muito soubemos da vida local, não esquecendo fábricas de pregos, de discos e de papel, instaladas na área da cidade, ao lado de árvores vicejantes e frondosas.

Em certa altura encontrámos um confrade que muito contribuiu para aumentar a nossa alegria. Era o Dr. Octávio de Morais, director dos Correios e Telégrafos e presidente da Academia de Letras de Petrópolis, homem cultíssimo e afectuoso, cheio de vivacidade, profundamente observador e amigo dos portugueses.

Uma das notas mais salientes de nossa viagem foi, sem dúvida, a fraternidade existente, quer no Norte, quer no Sul, entre brasileiros e portugueses. Não se pode negar. Está na alma da raça, a cantar e a rezar, como dissemos noutra emergência. É uma espécie de magnetismo que aumenta sempre, de geração em geração. Transmite-se naturalmente, porque é verdadeiro, faz parte das almas, é seiva criadora que se difunde como o sol e se respira no ar.

O Dr. Octávio pôs o seu carro à nossa disposição e visitámos lugares encantadores, em fraternal convívio. Não nos lembramos bem de certos pormenores do passeio. Sabemos que este amigo era cultor do vernáculo e se dedicava a assuntos filológicos. É raro encontrar pessoas deste quilate num mundo alarve e comodista. O que se vê é futilidade, insensatez, incongruência. Os chamados vencedores são autênticos vencidos. Olham o lado fácil das coisas, agarram-se à pedra, cultivam o músculo. Pouco mais fazem do que vegetar, como gasterópedes. Fechados em concha, não dão pelo tempo que se escoa, vendo cair as folhas e secar os troncos.

O Dr. Octávio discerne com clareza, é espirita convicto e possui um coração magnânimo. Faz-nos bem viajar com ele.

★

A cidade de Petrópolis jaz ao longo do rio Piabanha, que arrasta os detritos urbanos em pequeno caudal, de harmonia com o declive do terreno. Num ou noutro ponto a corrente é esverdeada. Passamos junto à Catedral, de linhas sóbrias, debruçada no cairel da História, e subimos os seus nobres degraus. Não tirámos notas e só vimos, à direita, o mausoleu de Pedro II e da Imperatriz Cristina. Adiante, acácias floridas. Lembrámo-nos da Lagoa Azul, próximo de Sintra, romaria de jasmins e acácias oferecendo à terra o pólen e o aroma rescendente.

— Ali — diz o amável cicerone — é o Palácio do Grão-Pará. Já foi cocheira. Hoje é sumptuosa moradia e nela reside o príncipe D. Pedro de Orleãs e Bragança, chefe da família imperial quase extinta.

Novamente a História nos atrai a recuados tempos, quando o liberalismo alastrava pela Europa e o príncipe D. Pedro assumia a regência do Brasil, recusando a ordem de regresso decretada pelas Cortes portuguesas. O grito do Ypiranga, essa «Independência ou Morte»» que ele proferiu a poucos quilómetros de S. Paulo, foi o rastilho que separou a colónia antiga e a transformou num reino disposto a governar-se por si próprio. Vêm depois os episódios, as lutas, a cobiça estrangeira, a Guerra do Paraguai, as responsabilidades governativas, as reivindicações populares, a abolição da escravatura que nos leva a evocar a figura igrégia de José do Patrocínio e de Castro Alves...

Mas o ladear de um muro e um renque de hortências trouxe-nos à realidade campesina. Outra vez a vegetação que os pincéis não

retratam, porque as obras de Deus estão para lá do engenho humano, falaz e precário, mesmo quando roça pelo génio. Outra vez o variegado do casario, alinhado à margem do Piabanha, que prossegue, tranquilo e donairoso, na tarefa de amenizar e embelezar a paisagem.

E neste perambular incerto, desce aqui, sobe acolá, entre confrades e amigos prontos a obsequiar-nos, vão passando os bairros modestos, tebaidas penduradas na colina verde e os bairros residenciais pintalgados de cedros e bananeiras em profusão. Há casas de esquinas caprichosas que as trepadeiras galgam sobre o tijolo que risca de vermelho a brancura da escaiola. É o abraço vegetal, a aliança viridente que a terra oferece ao camponês que a sabe cultivar e amar.

A arquitectura brasileira tem aspectos inéditos, próprios do clima e da região. O europeu fica desconcertado ante o arrojo linear de edificações estranhamente harmónicas e não raro se deslumbra com o facto. Tudo o que se pode conceber em matéria de construção está traduzido no Brasil por hábeis artífices, atentos e vigilantes às inovações mundiais, desde o famoso «conjunto» à casa transparente. Até os «jardins suspensos» das sete maravilhas já não constituem segredo para esta gente boa, fèrtilmente engenhosa.

O auto corre ligeiro e avança no tempo, como ginete fantástico. Sobe e desce, abranda a marcha na curva, toma fôlego no chão raso que o progresso alindou e chegamos à beira de um grande lago que serve de tapete ao Hotel Quitandinha.

Eis uma obra extraordinária que honra Petrópolis e o Brasil e — porque não dizê-lo? — a própria América do Sul. Os palácios das «Mil e Uma Noites» não ombreavam com esta gigantesca realização, onde tudo se previu, onde tudo se dispôs sàbiamente, onde tudo subjuga pela majestade. Os salões nobres ostentam paredes de seis metros de altura e as salas-de-jantar, luxuosíssimas e cheias de elegância, são revestidas de preciosos tapetes policromos, segundo o tom do aposento, Salas enormes, vastíssimas, imponentes, ciosas de seus cristais e peregrinos mármores, atestam a concepção artística de Joaquim Rola, génio quase analfabeto que nos tempos do cruzeiro forte adquiriu o lustre central do Hotel por 300.000 cruzeiros, 500 contos em nossa moeda!

Nada falta nesta construção famosa, centro de reuniões internacionais, com 305 «apartamentos», um dos quais faustoso — mais de 10 divisões mobiladas a preceito e cuja diária, sem alimentação, atinge 2.500 cruzeiros! Nada falta, é certo, naquela babilónia seccionada. Teatro, cinema, correios e telégrafos, emissora de rádio, salão de festas num subterrâneo circular, onde Truman se reuniu com vários chefes de governo e que parece um anfiteatro multicor ali colocado por artes mágicas, com espaço para oitocentas pessoas, cervejaria colossal integrada na grandeza viva do monumento, sala de correspondência, sala-de-estar de enormes proporções, garagem para 200 automóveis, gerador eléctrico com 7 transformadores... e muitas coisas que a pena não descreve... tudo isto se encontra no Hotel Quitandinha, de Joaquim Rola, espirita que veio do mato para dar este exemplo de grandeza arquitectónica aos homens do Estado do Rio. Construiu a obra, mas não vive nela. Mandou edificar a residência em lugar agradável, numa encosta da cidade. Passámos-lhe à porta e tê-lo-íamos cumprimentado, se a tarde não fosse em declínio, debaixo de chuva miudinha que o nevoeiro disfarçava. Quatrocentos milhões de cruzeiros custou o empreendimento deste homem simples que à entrada do Hotel construiu um lago famoso, dando-lhe a configuração exacta do Brasil e no qual se podem realizar competições desportivas, como regatas à vela e corridas de natação. Lá se vê também uma grande piscina para recreio dos aquistas. Em terreno adjacente, de sua propriedade, há espaço para dez mil habitantes ordeiros e pacatos.

A terminar diremos que a cúpula do edifício é maior que a da Basílica de S. Pedro, em Roma, e por isso não admira que o cinema japonês escolhesse a bela estância para filmar a película «A Noiva do Rio», que tanto êxito alcançou.

★

A digressão espraiou-se por outros lados e tivemos que atravessar alguns rios, que entrecortam os bairros, oferecendo às residências curiosas pontes.

Quatro horas não chegam para dar volta à cidade, cheia de cambiantes e motivos de beleza peregrina. A meio de uma rua, ergue-se a rocha granítica talhada a pique. No coruto altaneiro, vê-se a carapinha verdoenga dominando os arbustos.

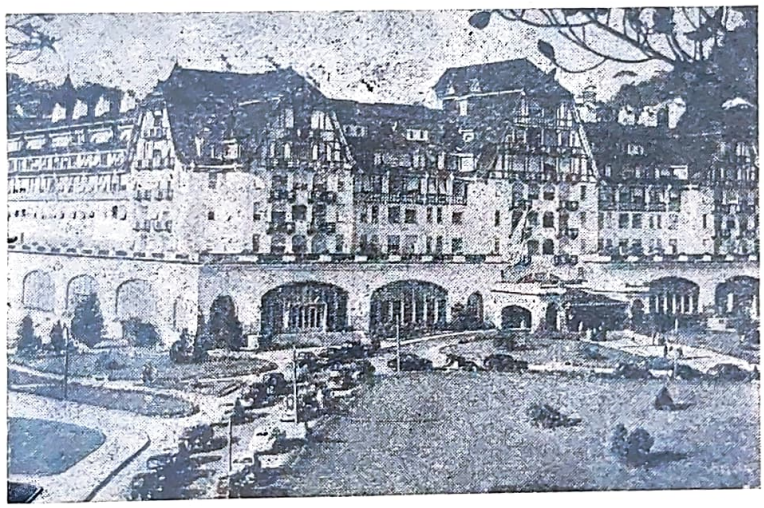
Mais uma volta e paramos nos Correios e Telégrafos. O Dr. Octávio entra no gabinete

e regressa em despedida breve e prestes chegamos ao Majestic para o jantar do dia.

A neblina e a chuva roubavam a cidade aos olhos do visitante...

★

O jantar decorreu ameno e fraternal. Falou-se da nossa viagem, da ascendência de Guerra Peixe, gerente do Hotel, e de assuntos vários, entre eles de Frei Leão, pároco da igreja de Santo António e benquisto em Petrópolis. Modesto franciscano, tem no activo rasgos de altruísmo que muito o elevam aos olhos dos outros. Um dia, certa família abandonou à sorte um pobre leproso. Pois Frei Leão foi residir com ele e dar-lhe banho. É homem do século. Fuma, conversa, visita todo o mundo, entretém-se com espiritas... Contam que foi uma vez encomendar um corpo, caiu em transe e lá ficou. Entretanto, levavam o cadáver ao cemitério. Quando regressaram é que ele voltou a si... Atribuíram o incidente ao espírito do morto. D. Rosa Guerra Peixe disse-nos que este padre possui todas as obras de Kardec, mas que é um homem preso...



Hotel Quitandinha, de Petrópolis

Sim, há grades de muita espécie neste globo sublunar. Grades duras, ásperas, inexoráveis, que o recluso mira sem esperança; mas há outras, leves na aparência, sorridentes, veludosas, que tolhem movimentos e reduzem a vontade. Apesar disso, os frades franciscanos instalaram aqui a maior editora da América do Sul. «Vozes de Petrópolis» expede livros diàriamente para todo o Brasil, o maior consumidor de bíblias do mundo. Pelo menos, a Sociedade Bíblica vende mais na Terra do Cruzeiro do que nos restantes continentes.

★

Às oito horas da noite iríamos falar na «Rádio de Petrópolis», não obstante a mudança brusca do tempo impedir a deslocação de muitos interessados. À hora aprazada para lá nos dirigimos com os convivas do jantar e outros companheiros que depressa se juntaram a nós, pois José Varandas era o presidente da comissão receptora e tinha preparado o ambiente com devoção e carinho.

Fazemos aqui confissão pública do nosso receio ao dirigirmo-nos ao grande salão onde se realizaria a conferência. É que o tempo influencia os homens, alegra-os ou entristece-os e dele depende às vezes o êxito de empreendimentos, cujo insucesso atribuímos a elementos que em nada contribuíram para ele.

Mas fomos. O Alto estaria connosco, tal a fé que nos animava. E ao subir a escadaria do edifício forças hauríamos que substituíam a primitiva fraqueza. Foram-se aglomerando os assistentes. Alguns mais resolutos ou comunicativos inquiriram ansiosos de notícias da mãe-pátria, erradamente informados acerca do Espiritismo que, no seu julgar, fora totalmente suprimido em Portugal.

O boato tem sua técnica e sua psicologia. Da maneira de o lançar depende o triunfo ou a derrota. Livre-nos Deus do veneno difamador que os covardes lançam nas almas impolutas. Os primeiros nada têm a perder e as segundas lucrarão se puderem trabalhar em paz. No fim tudo se esclarece, mas a calúnia é tão suja, que deixa vestígios depois de morta. Sabemos que é assim. Informadores portugueses lançaram contra nós a seta ervada do descrédito, para que os abrolhos crescessem e as dificuldades avolumassem. Conhecemo-los bem e à sua nulidade, mas não os culpamos do acto nefando. Deus se amerceie deles e os conduza à realidade. Podem estar certos de que o seu vírus não inquinou as fontes e que a viagem foi jubilosa em todo o sentido, solenemente consagrada pela família espírita de Além-Atlântico. Nem um só contratempo, uma só falta da parte de tantos amigos que acorreram à saudação jovial. Nunca vimos tanta simpatia, tanta fraternidade, tanta solicitude.

Braços abertos, sorrisos francos, palavras sinceras que vinham do âmago, reflectindo claridades... Tudo é bom, quando alegra as almas boas... Não há duas opiniões diferentes...

★

Na mesa está José Varandas e os representantes do Espiritismo citadino. O salão anima-se, movimenta-se, envolve-se de justificada expectativa. É que há muitos portugueses na assistência curiosos de ouvir um patrício que, não indo ao Brasil para dar lições, podia levar consigo fraternal mensagem.

E levava, certamente. Mal credenciada talvez, devido a seus méritos precários, mas rica de amizade pela grande nação e pelo seu povo digno, nele incluída a falange desbravadora e progressiva que a Lusitânia criou e no Brasil se radicou, para maior glória de dois impérios irmãos que não esquecem a sua origem nem os laços que os ligam entre si.

As palavras de apresentação foram animadoras e cálidas. Varandas pusera no seu verbo a sinceridade do homem que espera de outro coisas admiráveis e nós íamos diminuindo à medida que ele avançava nos encómios. Pobre José Varandas! Como ele se enganava, como iludia a sua esperança no peregrino que ia falar na linguagem dos simples, fazendo apelo ao coração para evitar emoções fortes e perturbadoras!

Entregou-nos o microfone em convite prazenteiro, ao mesmo tempo que estranho influxo se apoderava de nós. Eram presenças amigas que amparavam e incitavam e que se mantiveram fiéis até ao derradeiro minuto da viagem. Depois, ignoramos o que sucedeu. Vimos passar na mente quadros fortes e impressivos, sentimos a vibração amiga de um auditório seleccionado e o resto endossamo-lo àqueles que o realizaram, obrigando o orador a desmarcados voos fora do seu âmbito normal.

Quase uma hora decorreu num galvanismo que se não descreve. O presidente falou depois, vítima do mesmo fenómeno, e teceu verdadeiro hino à terra lusa, pondo em evidência a obra colonizadora dos portugueses, que, no seu dizer, tudo fizeram pelo Brasil, tudo lhe deram, desde o sangue precioso ao impulso civilizador que gerou uma das maiores nações do mundo. As suas palavras de entusiasmo fizeram germinar a semente rácica que jazia em nosso coração e florescer depois em lágrimas jubilosas.

Houve abraços efusivos, olhos enevoados de comoção — o abalo fora intenso — e durante muito tempo uns e outros espargiam amizade, optimismo e generoso interesse. O nosso receio de há pouco era infundado. Petrópolis foi uma bela jornada em nosso diário de impressões. Leopoldo Machado estava connosco, sentíamo-lo na atmosfera envolvente, pudemos entrevê-lo nas ruas e nas praças e naquela assembleia que se reunira em noite chuvosa para homenagear um irmão português. Estava, sim, ele estava connosco. Por isso o caminho se franqueava num «abre-te, Sésamo» vitorioso... e os escolhos já não eram escolhos, não; — eram flores mimosas de caridade...

★

De regresso ao Hotel, levámos o serão a conversar com a família de Guerra Peixe, tão afável e bondosa, que não podemos esquecê-la mais.

Guerra Peixe é um homem sensato, equilibrado, cuja dedicação à Causa não pomos em dúvida. Ele também quer Espiritismo saneado, liberto de excrescências. E neste sentido escreve em diversos jornais, como tivemos ocasião de ver.

No dia seguinte devíamos partir de omnibus a caminho de Três Rios...

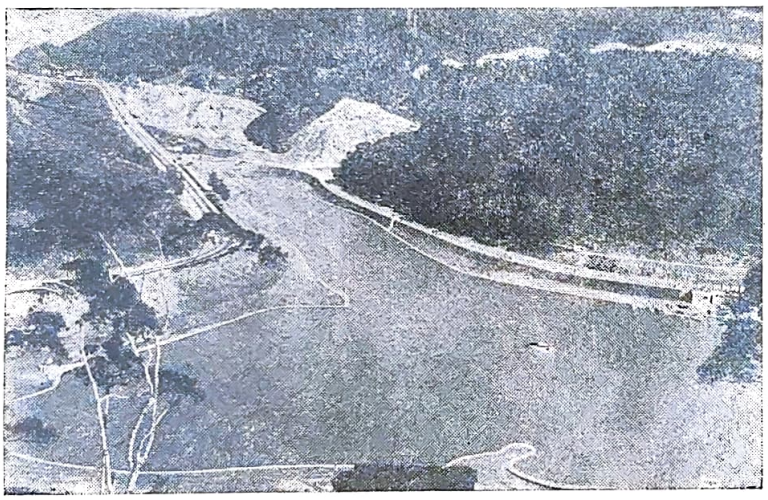
★

Em Petrópolis há muitos centros espiritas, quase todos considerados de utilidade pública: Centro Espirita João Baptista, União Espirita Allan Kardec, Centro E. Bezerra de Meneses, Centro E. Amor e Caridade, Centro E. Francisco de Assis, Templo do Amor Divino, Fraternidade Eclética Universal, etc.. etc. Estes, pelo menos, recebem subvenções municipais e o auxílio se deve ao confrade Guerra Peixe, o qual, junto do vereador António Matias de Sousa, conseguiu louvável apoio às instituições espiritas locais. A subvenção anual é de cinco e vinte contos.

A Confraternização Espirita Petropolitana foi considerada de utilidade pública por ter obras sociais em projecto. A «utilidade pública» dá enorme prestígio às colectividades. Eis por que os espiritas devem influenciar todos os sectores da vida humana, à semelhança de outras correntes ideológicas. A vantagem das hierarquias é tão evidente, que as próprias religiões desceram de seu nicho espiritual e entraram abertamente em competições políticas, económicas e financeiras, cuja hegemonia reclamam à boca das urnas elei-

torais. O Espiritismo não é político, mas deve apoiar os candidatos integrados em nosso movimento. A eleição de Campos Vergal é exemplo digno de imitar, pois este confrade tem desenvolvido benéfica actividade, primeiro na Câmara Estadual Paulista e ùltimamente na Federal. O seu verbo eloquente impôs a necessidade de auxiliar as obras espiritas, sobretudo aquelas que fomentam a beneficência ou a educação moral, e assim copiosas verbas se aprovaram em benefício de centenas de entidades, que passaram a ter vida desafogada ou a desdobrar os serviços prestados à nação.

O Prefeito Municipal de Petrópolis e antigo deputado federal, Sr. Flávio Cestrioto, é grande simpatizante do Espiritismo. Adquiriu a «Grande Síntese», de Pietro Ubaldi, e ficou maravilhado. É possível que o leve a estudar a doutrina dos Espíritos, como sucedeu a muitos intelectuais, e ele venha a facilitar a tarefa dos Centros. Temos alguns dados positivos de nossas afirmações e suposições, que apresentaremos no decorrer desta obra. E os leitores observarão o lucro que adviria de concorrermos a lugares estratégicos, de onde pudéssemos dominar melhor a propaganda. É questão de dizer: «cada um puxa a brasa à sua sardinha».



Lago do Hotel Quitandinha, de Petrópolis

★

Não queríamos fechar a crónica sem falar de alguns centros de Petrópolis. Mas o espaço é tão pouco, que nos limitaremos àquele que visitámos em companhia de Guerra Peixe, na manhã de 27 de Maio de 1955, enquanto o omnibus não reclamava o passageiro destinado a Três Rios.

É o Centro Espirita João Baptista, da presidência de António Sena, que nos levou de camioneta a uma rua íngreme, em rampa de difícil acesso, ao cimo da qual se erguia o edifício. Para lá chegar era necessário exercício de ginástica através de muitos degraus, ora à direita, ora à esquerda. Na camioneta já vinhamos os três amachucados (o cubículo mal dava para dois), mas a boa vontade do amigo Sena tudo superava, entre optimismo e alegria sã.

Chegámos ao último degrau e entrámos em amplo salão de aspecto confortável. Ao fundo, um palco destinado a festas de beneficência, com amplificador eléctrico e microfone.

O forro do salão era de bandeirinhas de papel tècnicamente dispostas para ventilar e refrescar o ambiente. Nunca víramos forros assim em nossas viagens pelo mundo.

A construção é recentíssima e realizada sem despesas de mão-de-obra. Podemos também dizer que parte do material foi oferecido.

Ao fundo vimos um belo salão de costura, com duas máquinas e mesa amplíssima, de sete metros de comprimento. As moças cosem e vão fazendo o vestuário, que as legionárias de João Baptista distribuem durante o ano por famílias necessitadas, em rasgos de solidariedade que todos apreciam.

Este Centro tem departamento de assistência social, que muito contribui para a nobreza da Doutrina, assim como a «Campanha» do Quilo», cujos donativos são levados directamente ao domicílio dos pobres.

Duas legendas interessantes que exornam as paredes do salão principal:

«Os abusos de alguns comprometem as vantagens de todos».

«Pensa bem antes de fazer as coisas, para fazer bem feito, mas não fiques toda a vida pensando».

Estes pensamentos definem o carácter da instituição e do seu presidente, a quem felicitamos.

Em Maio deste ano realizaram uma festa campestre no Salão de Cristal de Petrópolis, que rendeu 48.000 cruzeiros. Tal empreendimento adapta-se perfeitamente à segunda legenda: bem pensado e bem feito... Os pensamentos de quem trabalha para os pobres

ACÓRDÃO DO SUPREMO

RECURSO N.º 1276, EM QUE É RECORRENTE A FEDERAÇÃO ESPIRITA (RELATOR-CONSELHEIRO DR. JOSÉ

A Federação Espirita Portuguesa, com sede na Rua de S. Bento, 640, desta cidade, recorre do despacho do Subsecretário de Estado da Educação Nacional, de 18 de Novembro de 1953, que ordenou a suspensão imediata da recorrente.

Alega em resumo:

A recorrente, associação federativa de carácter científico e moral, constituída nos termos da Lei de 14 de Fevereiro de 1907 e estatutos aprovados por alvará do Governo Civil de Lisboa de 26 de Maio de 1926, tem por fim, entre outros, estudar o espiritismo sob os seus aspectos científicos, experimental, filosófico, moral e social.

Como agremiação espiritualista foi a recorrente reconhecida por despacho ministerial de 18 de Fevereiro de 1946 (*Diário do Governo* n.º 51, 2.ª série, de 2 de Março de 1946).

Mas, quando a recorrente em 1953 submeteu à aprovação do Sr. Ministro da Educação Nacional a reforma dos seus estatutos, estes não foram aprovados.

E, tendo em seguida a recorrente solicitado a aprovação do regulamento do laboratório de estudos metapsíquicos que criou e para cuja direcção propôs nomes de reconhecida competência na matéria, foi proferido o despacho recorrido, que se baseou num parecer do Conselho Permanente da Acção Educativa.

Este parecer, todavia, considera o espiritismo um sistema místico-religioso, e, por isso, as suas práticas não podem ser proibidas, em razão do disposto no artigo 46.º da Constituição Política Portuguesa.

Sucede ainda que o fundamento da suspensão imediata, determinada à sombra do n.º 3 do artigo 7.º do Decreto n.º 37 545, provém do facto de não terem sido aprovados os estatutos, mas a recorrente já tinha estatutos aprovados, pelo que o despacho recorrido violou o artigo 2.º, n.º 5, alínea *a*), e n.º 3 do artigo 7.º, ambos do Decreto n.º 37 545 e artigo 46.º da Constituição.

Termos em que conclui pelo provimento do recurso e anulação do despacho recorrido.

Na sua resposta de fl. ... o Sr. Subsecretário de Estado da Educação Nacional ofereceu o merecimento dos autos e ordenou a remessa do processo instrutor, o qual se mostra apenso por linha.

Alegou ainda afinal a recorrente, desenvolvendo os fundamentos jurídicos do recurso.

E o digno magistrado do Ministério Público no seu bem elaborado parecer de fl. ... termina no sentido de que, se o recurso não for rejeitado não merece provimento.

Tudo visto, relatado e ponderado, em conferência:

Embora o espiritismo se possa considerar um sistema místico-religioso, o certo é que à recorrente não é aplicável a disciplina instituída no título IX da parte I do Código Administrativo sobre associações religiosas, porque a tanto se opõe o artigo 449.º e o artigo 450.º do código, alterados pelo Decreto-Lei n.º 31 386, de 14 de Julho de 1941 (1), não tendo relevância o facto de os estatutos da recorrente terem sido aprovados pelo governador civil em 1926.

Com efeito, a recorrente, dados os fins que se propõe atingir, conforme o enunciado na sua petição de recurso e encontra confirmação nas três alíneas do artigo 2.º dos estatutos que juntou a fl. 4 dos autos, apresenta-se como uma associação científica ou cultural, sem que, portanto, estivesse abrangida pelo que preceitua o artigo 46.º da Constituição, que, indevidamente, se cita como ofendido.

Nesta conformidade estava a recorrente sujeita às prescrições estabelecidas na base XI, n.º 3.º e alíneas *a*) e *b*) da Lei n.º 2033, de 27 de Junho de 1949, e artigo 2.º, n.º 5, alínea *a*) do Decreto n.º 37 545, de 8 de Setembro do mesmo ano (2), de sorte que só podia funcionar legalmente depois da aprovação dos seus estatutos pelo Ministro da Educação Nacional.

De resto, tanto assim o entendeu a recorrente que no requerimento de 24 de Janeiro de 1953, dirigido ao Ministro da Educação Nacional, e citando aquelas mesmas disposições legais, solicitava que o seu organismo federativo fos-

---

são sempre activos e criam obras abençoadas que perduram no tempo e se vêem de longe, como as estrelas.

★

É pena que o espaço nos limite as referências à cidade imperial, cheia de atractivos, que nos deu horas de alegria extrema, que nos empolgou e arrebatou, deixando em nossa alma as mais belas recordações. Apesar de tudo, cremos ter dito o suficiente para dar uma ideia elucidativa do conjunto.

O Centro João Baptista é semelhante a outros que trabalham no mesmo sentido, operosos, dignos, superando a própria obra, alargando as actividades e angariando novos adeptos. A tarefa não pára, o entusiasmo não amortece. A ideia voa de extremo a extremo de Petrópolis, à maneira de um clarim que chamasse os lutadores para a defesa do burgo. Bem o sentimos na fé de José Varandas e Guerra Peixe, dois estrénuos cabouqueiros, que não vergam a sacrifícios.

Que saudade nós temos de Petrópolis! Como seria bom viver nesta mansão florida, neste museu de história a lembrar os passos

E. Psiq. - Abril/56

TRIBUNAL ADMINISTRATIVO

PORTUGUESA E RECORRIDO O SUBSECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL DE MENESES PITA E CASTRO)

se integrado no determinado nos referidos preceitos, para o que juntou o estatuto devidamente selado e assinado, bem como a cópia e o respectivo original.

Mas sucedeu que tal pedido foi indeferido por despacho ministerial de 19 de Junho de 1953, que homologou o parecer do Conselho Permanente da Acção Educativa de 3 do mesmo mês.

Este despacho foi devidamente notificado à recorrente por ofício de 24 de Junho de 1953 (fls. 48 e 54 do processo apenso,) e dele não recorreu oportunamente.

O despacho recorrido, de 18 de Novembro de 1953, é, pois, mero efeito do despacho anterior de 19 de Junho e tem a sua justificação legal no n.º 3 do artigo 7.º do Decreto n.º 37 545, por força da alínea *a*) do n.º 5 do artigo 2.º do mesmo diploma.

Trata-se, pois, no presente recurso, de um acto de execução de despacho definitivo, e, consequentemente, a legalidade do despacho ora impugnado tem como pressuposto a legalidade do despacho anterior, de 19 de Junho.

Mas este despacho, dado o decurso do prazo para a impugnação contenciosa tem de ser havido por válido e legal, e daí o já não ser susceptível de recurso directo de anulação o despacho recorrido.

É assim que na jurisprudência deste Supremo Tribunal sempre se tem julgado, que os actos de execução praticados em consequência de decisão definitiva são insusceptíveis de recurso contencioso (vide, por exemplo Acórdãos de 9 de Janeiro de 1948 e de 10 de Março de 1950, na *Colecção Oficial*, vol XIV, p. 8, e vol. XVI, p. 187).

Por estes fundamentos, rejeitam o presente recurso, com custas pela recorrente, as quais fixam em 1.000$.

Lisboa, 3 de Dezembro de 1954. — *José de Meneses Pita e Castro* — *António Arlindo Teixeira Martins* — *Emídio Beirão Pires da Cruz*. — Fui presente, *Eduardo Augusto Arala Chaves*.

Secretaria do Supremo Tribunal Administrativo, 7 de Janeiro de 1955. — O Secretário, *Carlos Alberto de Sousa Lobo de Oliveira*.

(*Diário do Governo* n.º 180 (2.ª série), de 4 de Agosto de 1955).

---

(1) Art.º 449 — São consideradas associações religiosas as que se constituirem com o fim principal da sustentação do culto, de harmonia com as normas de hierarquia e disciplina da religião a que pertencerem. § Único: As associações e organizações das igrejas não consideradas associações religiosas, nos termos deste artigo, não é aplicável a disciplina instituída no presente título, ficando sujeitas ao direito comum, quando pertençam a confissões diferentes da católica.

(*Redacção do Decreto-Lei n.º 31 386, de 14-7-941*)

Art.º 450 — As associações religiosas adquirem personalidade jurídica pelo acto de registo da participação escrita da sua constituição apresentada na secretaria do Governo Civil da capital do distrito.

(*Redacção do Decreto-Lei n.º 31 386, de 14-7-941*)

(2) *Estatuto do Ensino Particular*. Artigo 1.º—Denomina-se *ensino particular*, todo o que não é ministrado em escolas pertencentes ao Estado.

Artigo 2.º (n.º 5 da alínea *d*) — A Inspecção do Ensino Particular exercerá a sua acção fiscalizadora:

a) Sobre as associações de carácter pedagógico, literário ou científico não reguladas por lei especial, as quais não poderão funcionar sem que os seus estatutos sejam aprovados pelo Ministro da Educação Nacional e ficam sujeitas às mesmas sanções que os estabelecimentos de ensino particular, quando se desviem dos seus fins ou deixem de respeitar as leis.

Artigo 7.º Decreto n.º 37 545 (n.º 3) — Se o estabelecimento deixar de satisfazer às condições indicadas nos números anteriores ou noutros preceitos legais e as deficiências não forem imediatamente remediadas ou confiar o ensino a professores não diplomados ou autorizados, será ordenado o encerramento por despacho do Ministro da Educação Nacional. Desse despacho só há recurso para o Conselho de Ministros.

---

de uma raça! O homens são como as plantas: necessitam de ar e luz. E melhor ambiente não poderíamos ter do que este oásis de sonho, refúgio de sabiás e de águas puras que beijam o cetim musgoso em canções dolentes...

Petrópolis, terra de contrastes e de frondes belas, de águas muitas e cristalinas em que as flores se espelham! Deus te acrescentou os dotes para delícia fluminense e refúgio de pintores, de músicos, de poetas, de quantos fogem à ilusão das grandes urbes, onde as almas se trituram em mós inexoráveis!

PRECE DE FRANCISCO DE ASSIS

Senhor! Fazei de mim um instrumento de vossa Paz. Onde haja ódio, que eu ponha Amor. Onde haja ofensa, que eu ponha Perdão. Onde haja discórdia, que eu ponha União. Onde haja erro, que eu ponha Verdade. Onde haja dúvida, que eu ponha Fé. Onde haja desespero, que eu ponha Esperança. Onde haja trevas, que eu ponha a vossa Luz. Onde haja tristeza, que eu ponha Alegria. Ó Mestre! Que eu não procure ser consolado, mas consolar. Ser compreendido, como compreender. Ser amado e amar. Porque é dando, que se recebe. É esquecendo-nos, que nos encontramos. É perdoando, que somos perdoados. É morrendo, que alcançamos a Vida Eterna.

A "Evolução", de Carlos Imbassahy

Por ALEIXO VÍTOR MAGALDI

(Correspondente em Volta Redonda, Brasil)

III

Conforme disse, ao finalizar o segundo comentário de mais um livro da lavra desse excepcional autor e inigualável polemista que se chama Carlos Imbassahy, ser-me-ia impossível apreciar, com meras palavras de entusiasmo e de louvor, outros capítulos de «A Evolução», a última pedra preciosa que reluz na coroa do renome ofuscante da literatura espírita do Brasil. Entretanto, não resisto ao desejo de escrever algumas linhas a mais sobre o livro, cuja leitura estou repetindo com vagar, para maior delícia da minha alma.

Cada capítulo relido vinha exasperando o meu entusiasmo; e, ao chegar a «Os Tabos Religiosos», não me pude conter mais. Ou faria este comentário, ou seria vítima de um «infarto do miocárdio», tão fatal aos maiores de 62 anos, como eu.

Esse capítulo de «A Evolução» deve merecer dos espiritas acurada e especial atenção. Principalmente dos nossos confrades que andam apegados aos textos bíblicos, guiando-se por eles, como se a Bíblia fosse um código da Doutrina Espírita. Sempre estranhei a predilecção de uma plêiade ilustre de pregadores espiritas pelo Velho Testamento, ou mesmo pelo Novo Testamento, como fonte de ensinamentos da 3.ª Revelação. Não acho justificável que abandonem as actuais comunicações espiritas a segundo plano, como matéria doutrinária, para preferirem os antiquados e confusos versículos da Bíblia, com os seus erros de toda ordem, inclusive os de tradução, fartamente comprovados. Veja-se o cúmulo do absurdo contido em Génese, cap. VI, vs. 6 e 7 (Leia-se o capítulo Notas Complementares, final do livro «Cristianismo e Espiritismo», de Léon Denis).

Para que serviu Jesus ter enviado o «Consolador», o «Espírito de Verdade» (Jo. XIV a XVI)?

As palavras do Mestre foram cumpridas: «E eu rogarei ao Pai e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre. O Espírito de Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco e estará em vós» (XIV: 16, 17).

«Tenho-vos dito isto, estando convosco. Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, *esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito*» (XIV: 25, 26). «Mas, quando vier o Consolador, que eu da parte do Pai vos hei-de enviar, aquele Espírito de Verdade que procede do Pai, ele testificará de mim» (XV: 26).

«Todavia, digo-vos a verdade, que convém que eu vá; porque se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for, vo-lo enviarei. E quando ele vier, convencerá o mundo de pecado, de justiça e de juízo. De pecado, porque não crêem em mim; de justiça, porque vou para meu Pai e não me vereis mais; e de juízo, porque o príncipe deste mundo está jugado» (XVI: 7 a 11).

«Ainda tenho muito para vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora. Mas, quando vier aquele Espírito de Verdade, ele vos guiará em toda a verdade, porque não falará de si mesmo, mas *dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que estão por vir*. Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há-de anunciar» (XVI: 12, 13, 14).

Os pregadores espiritas não precisam de basear a sua pregação nos trechos da Bíblia; e muito menos lhes cabe o direito de usar exclusivamente a Bíblia como fonte de ensinamentos espiritas. O espirita que assim procede, renega a dádiva enviada por Jesus. Se Jesus já nos mandou o Consolador, o Espírito de Verdade, que há 100 anos nos *ensina todas as coisas* e nos faz lembrar de tudo quanto Jesus nos tinha dito, e ainda mais, já nos disse muito do que ele nos deixou de dizer, porque naqueles dias de sua estadia entre nós não podíamos suportar maiores ensinamentos; se o *Espírito de Verdade* nos diz tudo que está ouvindo e vem-nos anunciando as coisas que têm acontecido e as que estão por vir, através das manifestações espiritas, cabe a todos nós pregar por toda a parte, levar a todas as partes do mundo essas comunicações, as quais constituem o Novíssimo Testamento, em vez das velharias da Bíblia semi-caduca.

Devemos imitar os discípulos de Jesus.

Jesus trouxe-lhes o Novo Testamento; e os discípulos pregaram por toda a parte o Novo Testamento. Abandonaram o Velho Testamento. Agora, Jesus entrega-nos, através das comunicações espiritas, o Novíssimo Testamento; e nós, os espiritas, novos discípulos de Jesus, devemos pregar esse Novíssimo Testamento. Devemos abandonar o Novo Testamento, tal como os cristãos abandonaram o Velho Testamento.

Não fosse pelas razões apontadas pelo Dr. Carlos Imbassahy, que são muito mais positivas do que as que acima apontei, socorrer-se um pregador espirita apenas dos Evangelhos, como fonte doutrinária, parece-me um contrassenso. Se o pregador espirita dá crédito aos Evangelhos, o Espiritismo para ele é o Consolador, o Espírito de Verdade prometido por Jesus; e se o Consolador, o Espírito de Verdade está entre nós directamente ensinando todas as coisas e nos lembrando de tudo quanto Jesus nos disse nos Evangelhos, e até outras coisas mais que Jesus não nos pôde dizer, além de estar também anunciando as coisas que estão para vir, certo é que o pregador espirita não precisa mais de recorrer aos Evangelhos. Tendo a fonte directa de água viva dos ensinamentos de Jesus, emanando abundamente, é evidente que esse pregador pode e deve dispensar a vetusta canalização dos Evangelhos.

Entretanto, a razão maior está com o Dr. Carlos Imbassahy, quando assevera, à pág. 146 de «A Evolução»:

— «Enfim, a Bíblia é um código de sabedoria; mas o código está cifrado. A sabedoria tem que nos entrar na cabeça por intermédio do sexto sentido, ou por processos di-

vinatórios. O mesmo será estabelecer o código de um país; é inútil, porém, procurar ali as leis por que ele se deve guiar. O povo, se não for forte na decifração de logogrifos, há-de fazer a mais miserável figura no que se refere às normas de sua conduta. O estudo da Bíblia, pelo visto, é o mais penoso trabalho que se apresenta à inteligência humana. Não basta lê-la e traduzi-la através dos mais complicados, errados e lacunosos textos antigos, através do hebráico, do grego, do latim, do esperanto, dos idiomas universais. Isso é pouco. Isso nada é. Os textos devem ser entendidos à luz de outros textos, apanhados a dedo; devem ser buscados em obras que não se sabe onde andam, devem ser adivinhados no labirinto e no laboratório das cifras».

Mais adiante, à página 149, esclarece:

«Mas, afinal, qual é a tradição? Que é o que dizem as chaves? Ora, a nossa argumentação, opondo-nos aos textos bíblicos, é que eles não podiam servir de base, e muito menos de prova, porquanto estavam cheios de erros palmares, de flagrantes tolices, de moral duvidosa e de inequívocas heresias. Quando nos afirmam que só se morre uma vez, porque Paulo o disse; ou que Deus já escolheu os que quer salvar e os que quer perder, porque isto se encontra no Novo Testamento; quando nos falam nas proibições de Moisés, porque constam do Deuteronómio; quando acham que os médiuns devem ser lapidados, porque o Levítico prescreve a lapidação; quando justificam a vingança, porque Deus mandava vingar; quando se extermina o adversário, invocando-se o extermínio bíblico; quando se pratica um dislate escudado em textos, não é com a chave que argumentam; é com os próprios textos. Força é mostrar que eles não estão certos. Foi o que procurámos fazer».

Prossegue, mais além:

«Além disso, qual o processo de conhecer a chave? Quando se diz, em vários lances, que Deus se arrependeu, qual a chave disso? Porque se declara em *Números* que Deus ordenou e Moisés executou incríveis matanças? Que nos dirão os símbolos a respeito das filhas que foram deitar-se no leito paterno? De sorte que nos apresentam ensinos que afirmam ser a última palavra, e palavra indiscutível, por virem das Escrituras, e quando vamos provar que não pode haver inspiração divina na série de abomináveis actos que ali se relatam sob o olhar clemente do Senhor, ou sua tácita ou mesmo expressa cumplicidade, surgem com os conhecimentos antigos, a escola dos Profetas, a religião de Deus... Logo, tudo certo!».

E conclui, à pág. 152:

«Dirigem-se, ainda, os nossos reparos aos que, pela tribuna, pela imprensa, pela rádio ou pelo livro, directa ou indirectamente, já graves, já irónicos, com delicadeza ou agrestias, atacavam nesta parte o nosso livro «Reencarnação», e surgiram com as estafadas chaves que, pelo tempo e pela falta de uso conveniente, já devem estar bem enferrujadas. Os admiradores incondicionais da Bíblia espantam-se, quando não se horrorizam, se lhes tocam no Santo Livro. Mas, os erros, por mais sagrados que sejam, não resistem ao alvião dos séculos. Era preciso mostrar que toda aquela justificativa de chaves, símbolos; interpretações, inventos, mistérios, os quais não podiam ser ditos e compreendidos, não passam de um mistifório para encobrir aquilo que a razão e a moral repelem. Era preciso investir o tabo».

A cada capítulo desse luzeiro de preciosidades científicas, que Carlos Imbassahy nos ofertou sob o nome de «A Evolução», sinto crescer o desejo de o levar a cada espírita para que seja estudado profundamente.

Esse livro é um escrínio de verdades que nenhum confrade pode desconhecer.

Que ele não falte na tua estante, leitor amigo.

Brasil — Estado do Rio — Volta Redonda, Novembro de 1955 — Rua 44, n.º 54.

HINO À PIEDADE

De HUGO FOSCOLO

Coro

Cândida a par de neve, e pura e bela,
Tal como raio de luzente aurora,
Ó do trono de Deus clara donzela!

Semicoro

E quando o Sol o universo doura
Tanto bebem teus olhos a Natura,
Que de longe te sente e já te adora.

Coro

Cândida a par de neve, e doce e pura,
Tal como raio de almejada aurora,
Que dilacera o véu da noite escura;

Semicoro

Irmã do Eterno Amor p'los tempos fora,
Quanto tocas se alegra e se faz doce,
E entanto Deus te mira e se enamora.

Coro

Cândida a par de neve, e fresca e doce,
Tal como raio de nascente aurora.
Ao qual a flor abriu e perfilou-se:

Semicoro

Desce rápida ao mundo, ó Anjo loiro,
Abre teus braços, piedosa, aos míseros
E enxuga pranto a teu cabelo de oiro!

Todos

Desce rápida ao mundo, ó Anjo loiro!

(Tradução de João Correia Vieira)

A MORAL

Por EDUARDO F. CONCEIÇÃO

(3.º)

Sem uma perfeita moral, os povos jamais se ajustarão à Natureza: andarão perturbados e convulsionados, em lutas intermináveis.

O Universo tem inumeráveis moradas, que constituem famílias planetárias, pelas quais é graduada a evolução da alma, através do Eterno e do Infinito, mas a cegueira dos raciocinadores, subalterniza o incomensurável à sua subjectividade e faz da Terra o centro de toda a existência.

A vida é movimento, e por isso se diz que parar é morrer. E assim é.

A força universal é a inteligência consciente e criadora, que se individualiza em cada ser. Dorme na pedra, desperta na planta e actua no animal. Confunde-se com a matéria, e, nos corpos orgânicos, desdobra-se deles intermitentemente, até se separar em definitivo, em razão do repouso necessário aos mortais, para continuarem seus cursos e renovações, até regressarem à sua fonte de origem, visto a alma ser o princípio imortal da Natureza.

Assim, a consciência individual deriva do imponderável. Relacionada com o Universo, é o tribunal da 1.ª instância; o 2.º é colectivo, pertence à sociedade; e o 3.º é universal. Este pertence a Deus (à Natureza), que é quem julga em definitivo.

O passado, o presente e o futuro, têm a sua focalização no subconsciente, no consciente e no superconsciente, pois que a alma, como imortal, evolui através de sucessivas vias, condicionada ao seu próprio livre-arbítrio, que é o factor que determina o seu destino, na ordem das impulsões.

O subconsciente desperta e activa o consciente, até à superconsciência, que se ergue aos planos superiores. É neste estado que se colhem os grandes ensinamentos, donde derivam os inventos que maravilham, mas que apenas correspondem às possibilidades dos elementos em causa, pois que os planetas gravitam por graus de evolução, dentre os quais a Terra é um dos mais atrazados.

A subconsciência acumula os conhecimentos que se vão adquirindo e que se revelam nas precocidades.

A consciência é o juízo do momento que transcorre, e a superconsciência atinge as culminâncias: anula o sobrenatural, o milagre e o mistério, como inconsistentes, porque desvenda a verdade que poucos conseguem atingir.

A clarividência da superconsciência é o desdobramento que desvenda o passado, mergulha nas profundidades do tempo, onde descobre no seu «eu», tudo aquilo que condena nos outros.

O espírito, ao ascender às culminâncias, transpõe a dor. Sente o Eterno e o Infinito; toca o deslumbramento. Do nada passa ao tudo, do mutável ao imutável, do relativo ao absoluto, da diversidade à unidade. É a luz transparente, dominada pela luz universal, que desvenda os segredos da Natureza. Eis a bem-aventurança!

Os que ascendem vivem para sofrer e sofrem para amar.

O místico consciente isola-se e concentra-se, serenamente. E é assim que o seu pensamento ultrapassa a atmosfera terrestre, que prende o incauto às misérias humanas. É assim que se atinge a plenitude da vida, onde só reina o maravilhoso.

Aquilo que não se vê e não se toca, é a causa e origem do que somos; que nos rodeia e nos sustenta. Negar estes factos é esgrimir no vácuo.

O contraditor é o obscurecido ambicioso que só se satisfaz com a matéria e com o trabalho, pelos lucros inerentes que possa colher. Pouco ou nada se preocupa com as consequências materiais dos transvios, que vão além da sua compreensão. Quando se dispõe ao trabalho é para viver na abundância e não para eliminar a pobreza alheia, mas acaricia-a e pede esmola para ela, para deixar na concha da mão o melhor e maior quinhão. Aos pobres só vai parar o que se escoa por entre os dedos.

Mas a verdade é que transgridem, deliberadamente, as leis naturais e acabam por ser amarfanhados, tanto mais quanto mais faltarem aos seus deveres.

A irresponsabilidade duns e a impunidade de outros, que resultam das relações sociais, nada tem a ver com os desígnios da Natureza.

O «eu» tem grande poder, mas é contraproducente quan-

do a ele se liga mais importância do que ao Universo.

As riquezas que se conquistam na Terra têm graus de profundidade e não de altura.

Os ambiciosos que se cercam de aduladores ignoram os males que deles derivam e que acabam por colhê-los em cheio.

A incompreensão humana cria altares e tronos que desviam o indivíduo do culto da Natureza.

Das dissonâncias do passado ascende-se às harmonias do futuro.

Das raízes do mal germina a dor que a vida esgotante reflecte, através do desejo de vencer. Dores, vitórias, culpas e virtudes, são parcelas que ficam averbadas na conta-corrente do destino.

O ideal é o amor que parte do Alto, pelas florações da vida. Pelo contrário, a violência brota dos subterrâneos da alma. Transforma em fera o homem que retarda a sua evolução.

As dores são os prémios das obras. São atenuadas pela resignação, ou agravadas pela revolta, em contraposição às leis retribuidoras da Natureza.

O honesto isola-se dos ruídos e perscruta a Natureza. É o humilde, desconhecido do vulgo, ao passo que o desonesto é opulento. Busca as alturas ilusórias, para ser adulado. Realça o seu nome pela ambição das suas ilusões.

O consciente não receia a morte que o inconsciente muito teme. Chorar os mortos é agravar o seu fadário. Fazer preces por eles é facilitar a sua ascensão, e fazê-las a eles, quando elevados, é cuidar de quem as faz.

Os transvios da humanidade são produtos da ignorância, que tem sido agravada e prolongada pela intolerância. Os coniventes ascendem a 95 por cento. O transviado, ao tratar dos seus deveres, é lento e preguiçoso, mas é solícito e activo, quando trata das suas ambições. Os conscientes, que dependem dos inconscientes, esperam pelo «amanhã, se Deus quiser», porque para eles não há pressa nem facilidades.

Num mundo regido pela intolerância, as obras dos clássicos, contra o erro, resultam quase inúteis, porque são embargadas a cada passo. É que a tradição não teve o mérito de despertar nos povos a noção das responsabilidades naturais.

As brisas arejam e tonificam. Os pássaros, ao sabor do seu instinto, adejam por entre campinas e regatos e tecem hinos à Natureza; mas o raciocinador materialista, pelo contrário, surge em toda a parte a talar os campos, a pagar as harmonias naturais e a trair a solidariedade dos animais, com o objectivo de se recrear e satisfazer as suas ambições.

O pensamento é um poder electromagnético que atinge momentâneamente qualquer distância no âmbito dos seus dois mundos.

É um factor decisivo que atrai pela afinidade. Se o vulgo tivesse a noção dessas realidades, certamente que o mundo não seria como é, um expoente de perturbações e convulsões intermináveis.

A memória e a cultura, que distinguem o homem quando desprovidas de moral, restringem-no à matéria e à transgressão, cujas consequências, por não serem imediatas, induzem à incompreensão das causas. E esta é a razão de os homens de boa vontade respeitarem a Natureza.

(A concluir)

ÁRVORES E FLORES

Felizmente, o crescimento das árvores em Portugal é particularmente rápido e breve as lacunas abertas serão preenchidas pela «Pinex Marítima» e por eucaliptos plantados. Quanto às flores, as estradas e as casas estavam repletas de rosas, lilazes, cravos e lírios. — SAMUEL HOARE.

Vede como Portugal,
Terra de tantos primores,
Se está cobrindo de árvores
E adornando-se de flores!

Que sedutoras paisagens,
Que quadros encantadores:
Nas cidades, nas aldeias,
Quantas árvores e flores!

Para os que amamos a pátria
De Camões, rei dos cantores,
É prazer imaginá-la
Cheia de árvores e flores!

Salvador, Bahia **PAULO ALBERTO**

NOTÍCIAS DO BRASIL

O S. E. I. PENETRA O B R A S I L

Está chegando ao S. E. I. correspondência do interior do país e é de esperar que seja possível, em breve, um grande intercâmbio de notícias. Hoje comentaremos informações de Goiás *(Goiás Espirita)*, logo o fazendo quanto a Vitória da Conquista, Cruz Alta (Soc. Esp. Caminho da Luz) e Juiz de Fora *(O Médium)*.

O Espiritismo em Goiás vem-se desenvolvendo intensamente, acreditando-se haver tarefa especial, de sentido místico, a irradiar-se do planalto central para todos os quadrantes deste país. O noticiário de *Goiás Espirita* revela proveitoso trabalho de Assistência na União Espirita Goiana, na Escola Espirita Cairbar Schutel, na Escola Irmã Celina, na Caixa Escolar Scipião Bueno, no Centro Espirita Grupo Ismael em Goiânia, sem falar da actividade em Rio Verde, Nerópolis, Ipameri, Trindade, Itapaci, Uruaçu, Pires do Rio, Morrinhos e outros municípios. Em Palmelo é conhecido o trabalho do Irmão Jerónimo Cândido Gômide que empreende a construção do Ginásio Espirita Eurípedes Barsanulfo. Palmelo é uma Pedro Leopoldo do sertão, recebendo cerca de 8.000 visitantes por ano em busca de tratamento para o corpo ou para a alma. São os missionários do além abrindo rota para a evangelização do Brasil e do Mundo.

FESTAS GRATULATÓRIAS

Juiz de Fora realizou este ano a festa gratulatória dos alunos espiritas da sua Faculdade de Direito. Foi paraninfo o Dr. Milton Brás Paiva e orador da turma o Dr. Isaltino da Silveira Filho, falando o Dr. Peralva Delgado e Kleber Halfeld, director de *O Médium*.

A tese do orador foi um estudo calcado no trabalho de Deolindo Amorim (Conferência no Instituto de Criminologia do Rio de Janeiro) intitulado «A Criminologia e o Espiritismo». Essa conferência está publicada na revista *Reformador*, órgão da Federação Espirita Brasileira.

Também as professoras espiritas do Distrito Federal, no dia 24 de Fevereiro farão sua prece gratulatória na Agremiação Espirita Francisco de Paula, na Tijuca. Como das vezes anteriores os convites distribuídos com bastante antecedência, trazem um quase «slogan»:

«As professoras espiritas estão empenhadas em emprestar cunho humilde à reunião, como humilde foi Jesus nascendo numa manjedoura».

SACERDOTES SUICIDAS

Um vespertino carioca comentou declarações do Padre Álvaro Negromonte, renomado educador católico, em torno do suicídio do Padre Labat Sanchez, em Niterói. A tese é a de que um padre que se mata perdeu a razão e quem perde a razão está isento das penas eclesiásticas.

Sobre o assunto o não menos conhecido jurista Prof. Napoleão Teixeira, catedrático da Universidade do Paraná, escreveu uma carta que foi integralmente divulgada.

Sendo autor de uma obra sobre suicídio, o Prof. Napoleão cita, com abundância, a frequência da fuga da vida carnal por religiosos, referindo-se ao carácter epidémico que o facto assumiu entre monges na Idade Média e aos trágicos fins do Arcebispo de Senz e do Bispo de Grenoble, ao tempo da Revolução Francesa. Depois de incursionar pela História, o douto Professor concorda com o Padre Negromonte em que alguém, para suicidar-se, não deve ter juízo.

Os espiritas que têm conversado com as almas dos suicidas nas mesas de trabalhos práticos e que conhecem a Lei das Reencarnações e a Imortalidade do espírito, geralmente não se matam.

Como seria possível matar o imortal?

É por isso que se diz que espirita nem tenta suicidar-se...

Sabe que não adianta...

JORNAIS NOVOS

No último noticiário falamos da saída de «O Fluminense», órgão da Federação Espirita do Estado do Rio que já está circulando. Apresentação excelente com editoriais, pequenas reportagens, algumas secções permanentes e esta coisa que os espiritas costumam esquecer: *Notas sociais*.

Agora noticiamos o aparecimento de *Renovação*, de Vitória da Conquista, Estado da Bahia. É órgão do Instituto Cristão Alfredo Soares da Cunha e está sob a direcção do Dr. João Gustavo dos Santos. Endereço: Praça Coronel Pompilio, n.º 4 — Caixa Postal 72.

Em suas folhas encontramos matéria variada, notícias, doutrina e súmula dos trabalhos espiritas locais nos diversos Centros.

Saudamos *Renovação* e seus trabalhadores, pedindo a Jesus que ampare a obra e os obreiros.

É justo também enviar a *O Fanal*, de Araraquara, que saiu a lume pela segunda vez em 26 de Janeiro, nosso abraço com uma referência especial para o *cliché* da xilogravura do Cristo inserto na 2.ª página. O culto da arte cabe muito bem ao lado do aprimoramento moral, e Sydney Barreto, autora desse trabalho e directora do jornal, merece nossa efusiva saudação.

Endereço: Caixa Portal 359.

UM MUSEU DO OUTRO MUNDO

Com esse título, *O Globo*, do Rio, publicou um artigo de Charles Dauplinn da maior importância para conhecimento dos afeiçoados a estes assuntos. Refere-se ao «Museu das Doações», em Melbourne, na Austrália. Os objectos coleccionados têm valor material notório como peças arqueológicas, mas foram transportados mediùnicamente como doações de espíritos por intermédio de um médium — Charles Bailley.

Nos mostruários há também campainhas, flores, plantas, ovos, animais, minerais preciosos, tabuletas de argila, etc.

Uma inscrição se encontra em tudo: «Doado pelas almas em tantos de tal».

O articulista menciona o facto de que os objectos que apareciam na mesa, nas sessões de efeitos físicos com Charles Bailley, se desfaziam imediatamente, perduravam apenas algum tempo, ou permaneciam na forma em que eram transportados.

O artigo em causa está em *O Globo* de 31 de Janeiro deste ano.

(Do S. E. I. (Serviço Espirita de Informações do Rio de Janeiro).

Crónica Mundial

Por ADELAIDE IVONE DE SOUSA

VIDÊNCIA CONFIRMADA

Spiritualisme Moderne insere curioso relato de uma sessão em que se verificou um belo fenómeno de psicometria e que passamos a transcrever:

Um espectador pediu ao médium Laugton que lhe dissesse alguma coisa a respeito do conteúdo dum sobrescrito que ele trazia consigo. E Laugton respondeu:

«Esse sobrescrito contém um anelzinho — uma pequena aliança de casamento — que o Sr. costuma usar no dedo mínimo da mão esquerda e que pertenceu a sua mulher, falecida no dia 13 de Março de 1950. O seu último desejo era que o Sr. a usasse sempre».

O espectador, de lágrimas nos olhos, confirmou a exactidão da vidência.

O médium continuou: «Chama-va-se Mary Jane e pede-lhe que anule uma decisão que o Sr. tomou, porque, se a realizar, se arrependerá amargamente. Deve repor no seu lugar as fotografias e esvaziar as duas grandes malas».

Tudo isto era verdadeiro. O espectador estava prestes a deixar a sua casa para ir viver noutro sítio. Já tinha tirado das paredes as fotografias e feito pacotes de vários objectos que metera em duas grandes malas.

UM FANTASMA PROTECTOR

A revista *Fate* relata-nos o seguinte, que mais parece uma história do que factos narrados pela sua protagonista:

«Durante toda a minha vida numerosas têm sido as provas recebidas da sobrevivência de uma tia materna, falecida muito antes de eu nascer.

«Em sua memória deram-me o seu nome, e aos dez anos recebi a sua primeira manifestação.

«Eu costumava passear sòzinha num lindo bosque perto da casa de meus pais.

«Uma tarde, tive sensações sobrenaturais, como a presença de uma pessoa que eu sentia, mas não via. No regresso caí, e antes de me levantar ouvi um sino por cima da minha cabeça e uma mulher chorando baixinho.

«Senti forte comoção e também grande vontade de chorar. Fechei os olhos e vi diante de mim o rosto calmo e macerado de um amiguinho muito querido, que estava doente com uma pneumonia.

«Em seguida a mão de alguém roçou-me pela cabeça, indicando-me que me levantasse e regressasse a casa. Ao chegar junto de minha mãe, disse-lhe:

— Maezinha, o Sonny Boy morreu.

— Quem to disse?

«Não soube responder-lhe. Momentos depois chegava-nos a notícia da morte do rapazinho.

«Durante a noite de 12 de Abril de 1939 acordei cheia de terror, sob a impressão de um pesadelo, que me pareceu continuar ainda, mesmo depois de acordada.

«Eu tinha ouvido ao longe um choque terrível (ruído metálico e de vidros partidos). Na escuridão parecia brilhar uma luz, na qual eu vi o carro de meu pai. Estava voltado de rodas para cima, e minha irmã Gertrudes rastejava para fora do carro através da janela. Vi-a soluçar e dizer:

— Oh! o que dirá o paizinho!

«O sangue jorrava-lhe do rosto.

«Não posso descrever o fenómeno. Quando essa imagem desapareceu, novamente senti a mão invisível tocar-me no braço. Corri para junto de minha mãe a anunciar-lhe o meu sonho e ela tentou sossegar-me.

«Minha irmã tinha ido a uma festa escolar no carro de meu pai, e àquela hora já devia ter regressado. Nesse momento alguém transpôs o portão do jardim, mas os seus passos não eram os de minha irmã. Era um homem e anunciava que, depois da festa, ela dera uma volta no carro com rapazes e raparigas, e que, numa curva perigosa, o carro se voltara. Felizmente, não houvera perda de vidas e apenas minha irmã tinha ligeiras contusões e uma brecha na fronte.

«Anos se passaram sem nada de especial. Só depois do meu casamento, quando meu marido estava no exército a milhares de quilómetros de distância, ouvi a sua voz. Passei o resto daquela noite aflita, receando que ele tivesse morrido. Na manhã seguinte, um telegrama anunciava-me que Chris tivera um desastre de *jeep* e estava mal.

«Parecia-me que o bondoso espírito poucas vezes me acompanhava; fazia-me curtas visitas, mas voltou depois, quando tive o meu primeiro filho, no momento em que me operavam. Ao mergulhar na escuridão, minha tia apertou-me nos seus braços de espírito e orou comigo, dizendo então que tinha de voltar a este mundo. Com grande esforço regressei ao sofrimento e à realidade da vida e ouvi o médico dizer:

— Graças a Deus, ela veio a si.

«Mais tarde disseram-me que durante a operação cirúrgica o coração paralizara, levando os médicos a pensar que eu tinha morrido.

«Sinto de novo a sua invisível presença. Sei que ela voltou para estar comigo nesta derradeira prova — outra melindrosa operação — a fim de me levar a novos caminhos ou entregar-me outra vez à família».

São estas e outras provas semelhantes que vergam muitos «espíritos fortes», cuja ignorância os leva a negar a imortalidade da alma.

HARRY PRICE COMUNICA-SE

Two Worlds inseriu um artigo interessante acerca da publicação de um livro em que o seu autor acusa o médium Harry Price de ter simulado alguns fenómenos na reitoria de Borley, que se encontrava assombrada.

«Harry Price deu-me uma mensagem a semana passada, no dia em que foi publicado o livro acusando-o de ter falseado alguns fenómenos em Borley e refutou essa acusação, dizendo:

«A reitoria está absolutamente assombrada. Borley o provará por si própria, e eu serei reabilitado, mesmo que tenha de lá ir manifestar-me».

«Embora Price admitisse que grande parte da crítica desse livro

fosse escrita pelos seus dois colegas, refutou a acusação de ter fraudado.

«Esta mensagem espírita é a primeira, autêntica, de Price, desencarnado há quase oito anos, e foi dada por um médium de absoluta integridade.

«Eu perguntei a Poppet, o guia-criança da Sr.ª Baileys, se Price faria alguns comentários acerca do novo livro.

Respondeu-me que iria saber. Mais tarde, Bill Wooton, o seu guia-chefe, reatou a mensagem de Price. Wooton disse que ele ainda estava mergulhado no seu orgulho terreno e que não faria nada para provar que Price tinha sido um grande médium no domínio das investigações.

«O guia fez um interessante comentário de que se deve tomar nota.

«Quase toda essa falsa acusação consiste, por parte dos seus autores, em apontar que muitos dos fenómenos de Borley só aconteciam quando Price estava presente.

«Wooton afirmou que Price possuia mediunidade física radiante e que por isso havia mais possibilidade na realização dos fenómenos, quando ele lá se encontrava.

«Esta declaração foi confirmada pela sua secretária Lucie Kaye. Mrs. Meeker disse várias vezes que a presença de Price originava distúrbios ocasionados pelos espíritos inferiores.

«Wooton afirmou também que Price na juventude fora atraído para o Catolicismo Romano e que nos seus últimos anos era membro da Igreja Anglicana em Pulborough, Sussex, aonde vivia.

«É provável que fossem as inclinações religiosas desse médium as causadoras da sua grande hostilidade ao Espiritismo e da sua relutância em aceitar as provas da sobrevivência como explicação dos fenómenos que ele próprio facilitava.

«Price declarou que «depois da «morte» se interessou muito pelos trabalhos de Philip Paul realizados em Borley.

«Se o espírito de Price vai agora assombrar a Reitoria para provar que já estava assombrada quando vivia na terra, então o facto ocasionará uma situação paradoxal, jamais imaginada por qualquer escritor.

«Seria ironia poética se Price fosse assombrar os autores do livro em que foi atacado».

Que vida, que realismo se verifica nesta notícia! Que estranha e magnífica polémica entre os Dois Mundos, provando tão claramente os sentimentos que, além-túmulo, continuam a animar os indivíduos, tal como quando eles se encontravam na terra!

E ainda há quem afirme que com a morte tudo acaba!

ALEXANDRE KORDA E O MÉDIUM PARISH

Psychic News inseriu há pouco uma interessante reportagem de Leslie Howard acerca destas duas notabilidades.

«Sir Alex Korda — diz o articulista — o conhecido produtor de filmes, natural da Hungria e que há pouco faleceu com 62 anos de idade, queria filmar os trabalhos do famoso curador Parish numa fita intitulada «O Progresso do Caminhante».

«Para esse fim foi pessoalmente avistar-se com Parish, a quem propôs o papel de «astro».

«Depois de pensar, Parish recusou a oferta; e a sua viuva, a Sr.ª Parish, que há dez anos continua a obra de seu marido, explicou assim as razões que o levaram a essa recusa:

— Antes de *Sir* Korda vir ao santuário, julgava que meu marido era o homem que lhe convinha para esse papel. Depois de ter falado com ele, ficou ainda mais convencido da boa escolha que fizera. Depois de reflectir cuidadosamente, meu marido recusou essa proposta, porque sentiu que a publicidade e a ribalta não se coadunavam com o seu temperamento. Resolveu, por isso, ficar na quietação e na paz do santuário, continuando a sua obra maravilhosa de curar os dentes».

«A senhora Parish acha que seu marido decidiu muito bem, visto que ainda hoje recebe cartas de todo o mundo louvando as curas de William Parish, o qual, como espírito, prossegue na missão que começou na terra, sendo agora assistido pela sua viúva.

«Acerca do falecimento do grande produtor a Sr.ª Parish disse:

— Creio que tem muitos amigos a rodeá-lo.

«É estranho o facto de que a primeira esposa de Korda, a famosa actriz húngara Maria Farkas, também quisesse William Parish para principal interprete de uma peça. Escreveu-lhe muitas vezes a esse respeito e a Sr.ª Parish relatou deste modo o plano da actriz:

— Ela tinha grande desejo de pôr em cena uma peça religiosa de grande projecção, no Royal Albert Hall. Queria que meu marido desempenhasse nela um grande papel, mas infelizmente o projecto nunca se realizou.

«Maria Farkas não era amiga dos Parish, mas interessava-se pelo Espiritismo. Quando a «Association Marylebone Spiritualist» fazia as suas sessões dominicais, à tarde, no Vitoria Hall Bloomsbury, era vista muitas vezes na assistência.

«A segunda mulher de Korda, também conheceu o Espiritismo. Há anos, viu morrer o seu noivo, o aviador conde Giorgio Cini, quando o avião capotou.

«Hannen Swaffer quis ajudar moralmente a actriz e conseguiu que a conhecida médium Lilian Bailey lhe desse uma sessão. Embora Merle Oberon tivesse conservado o anonimato, decorrido poucos minutos o espírito do conde falava com a sua noiva. Três semanas depois a actriz tomava chá com Swaffer, que escreveu a respeito dela: «Estava muito satisfeita que o seu amado noivo tivesse sobrevivido à morte. Algumas semanas antes, Merle Oberon era um coração despedaçado; depois tomava chá, confiante e sorridente».

«Embora *Sir* Korda, empresário e director da «London Films», tivesse precária saúde, a sua morte foi uma surpresa. Iniciou a carreira cinematográfica na Hungria, seu país natal; mais tarde foi para Hollywood, onde quase se arruinou, e depois veio para a Grã-Bretanha.

«Apesar da tristeza que nessa época invadia o mundo, Korda persuadiu um grupo de negociantes a financiarem-no; daí nasceu a «London Films». Será lembrado como um grande director, produtor genial e criador de filmes artísticos.

«E William Parish? Também é recordado no caminho em que desejaria ser apreciado.

«O Reverendo Frank Jennings escreveu a respeito dele no *Christian World:* «Há muitos anos fui visitar William Parish, considerado pelos espiritas como o maior curador do mundo. Durante o nosso rápido convívio admirei a santidade da sua vida. Vi-o trabalhar no santuário, colocando as mãos em muitos doentes. O que ele me disse e me ensinou influenciou fortemente a minha vida mental e espiritual».

Se os médicos aprendessem lições semelhantes, que grandes benefícios daí adviriam para a humanidade!

Notas & Comentários

COMO SE FAZ A HISTÓRIA...

Região de Leiria é que alude ao assunto, evitando-nos trabalho e aborrecimento. Em seu número de 1 de Março insere a seguinte local sob o título de «Prestidigitação»:

«Lê-se numa revista portuguesa de desanalfabetismo que «Daniel Home foi um grande prestidigitador do século passado. Uma testemunha visual dos feitos espantosos desse grande prestidigitador atesta que, na sua presença, na corte da Bélgica, Home susteve-se no ar sentado numa cadeira, ante os olhos extasiados dos expectadores».

«Não seria um fenómeno de levitação que manteve no ar, sentado na cadeira, o Daniel Home, no que as suas habilidades de prestidigitador nada concorreram, mas sim a acção de forças naturais já verificada em casos semelhantes?

«Se bem nos lembramos, com esse grande prestidigitador chegou a dar-se e ser presenciado o facto de sair, horizontalmente, por uma janela de alta casa, deslisar no espaço sobre a rua e entrar por outra janela, sempre hirto e horizontal. E há muitos casos do género, cujo relato muito ajudaria a campanha do desanalfabetismo...»

O autor da léria é o sr. José Lemos, que no Diário Popular tem uma secção infantil, onde muitas outras lérias são ditas às crianças, aliás com certa graça e recamadas de bonecos quadrados, cónicos e ponteagudos. Mas a léria veio na Campanha, revista interessante que não tem culpa da ignorância do colaborador. Daniel Dunglas Home nunca foi prestímano. Sua mediunidade de efeitos físicos é que era assombrosa e dela nos deu conta o grande sábio inglês William Crookes, o maior químico do seu tempo e membro da Academia Real de Londres.

O famoso médium foi objecto de extensa biografia publicada em Estudos Psíquicos e não vamos reeditá-la, certamente, porque esta revista não é de Inglês sem mestre e o sr. Lemos nada aprenderia. As ideias formadas, mesmo à custa da mentira que alguns arautos difundem, são o maior obstáculo do progresso. Assim, também, a história nos engana às vezes, fazendo do branco preto e do preto branco. Malvados cronistas que o mundo endeusou, tomando seus dislates como se fossem ouro!... O sr. Lemos não é cronista. Fazer «histórias» não é fazer história. E, daí, talvez o «Dr. Sabichão» tenha sido responsável pelo deslise do seu neófito...

«RECANTO DO CRISTÃO»

O Jornal de Elvas tem uma secção quaresmal intitulada «Recanto do Cristão». Alguém nos remeteu o exemplar relativo ao 3.º domingo desta quadra do ano, no qual o articulista procura responder às seguintes perguntas 1) O Espiritismo é ciência ou religião? 2) Qual a origem dos fenómenos espiritas? 3) Qual a atitude da igreja perante o Espiritismo?

Quanto à 1.ª, diz que o Espiritismo não é ciência, mas uma série desordenada de práticas perigosas, sem investigação, sem método e sem objecto. Poder-se-á chamar-lhe religião anticatólica, com neófitos, devotos, dogmas, ritos e falsos milagres. Quanto à 2.ª, ensina que um espírito pode penetrar outro espírito e dominá-lo e que os fenómenos se reproduzem sempre iguais e pertencem à psicologia transcendental. Declara que a Física não admite que os fenómenos sejam devidos a causas físicas e a fluidos privativos dos médiuns. A força psíquica, essa não passa de mero expediente. Que as teorias, desde a fraude à ilusão dos assistentes, etc., são insustentáveis: «Parece claro tratar-se da interferência de puros espíritos em contacto com os homens e estes só podem ser os anjos, os demónios e as almas separadas de seus corpos». Baseia-se no «Tratado dos Anjos», de Tomás de Aquino, para denunciar a doutrina espírita como satanismo, e os fenómenos sacrílega imitação dos símbolos divinos. Quanto à 3.ª, diz que a igreja condena as práticas espiritas que por vezes conduzem ao suicídio e à loucura e que as mesas falantes começam por tolices e acabam por blasfémias. Mas admite e favorece as relações espirituais com almas de perfeição integral. «Seja como for — termina —, a igreja condena e proíbe sub gravi aos fiéis as práticas espiritas e a simples assistência às sessões».

Ora, pois! Desconhecemos o autor do libelo, mas pelo dedo se conhece o gigante. O que aí está define o cérebro que o engendrou. De todo o aranzel, só uma verdade fica: a igreja católica proíbe a prática do Espiritismo a seus fiéis. O resto é palavreado inconsciente. Nada baseia, nada testemunha, nada documenta. Para demonstrar o satanismo de uma doutrina alicerçada em factos não basta o «Tratado dos Anjos», que está fora de tempo e discussão. A teologia de S. Tomás pertence a outro século. Na terra dos cegos quem tem olho é rei. Mas a ciência oftalmológica progrediu muito e a descendência dos cegos vê demais. Até os católicos já não vão com penas eternas nem com outros dogmas semelhantes que o Espiritismo destrói ao simples enunciado da doutrina. É por isso que o combatem e lhe chamam anticatólico.

Não respondemos ao mistifório acima resumido, para evitar que esta página se transforme em anatómico-jocoso. Aquilo de «um espírito penetrar outro e dominá-lo» não lembra ao dianho. Seria duplo suicídio condenado pelas leis morais. E por suicídios, cuja responsabilidade o jornal atribui às práticas espiritas, chamamos a atenção do leitor para o artigo «Notícias do Brasil», inserto noutro lugar deste número. Lá encontrará o de um sacerdote que, certamente, não era espírita.

Enfim, já escrevemos mais do que devíamos e não queremos embaciar o «Recanto do Cristão» do Jornal de Elvas. Nós também somos cristãos, pois a doutrina do Mestre, que veneramos, não é exclusiva de religiões ou seitas. Somos, porém, antidogmáticos, embora respeitemos a crença de cada um. Saiba o Jornal de Elvas que o Espiritismo se impõe por si próprio e nas suas fileiras há milhares de antigos católicos bem felizes com o conhecimento de verdades que lhes vedavam e que agora em céu azul resplandecem.

Noticiário

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

No dia 18 de Março tivemos mais uma conferência do nosso confrade Ângelo da Costa Cabral, presidente da direcção da Ordem Esotérica Iniciática e da Sociedade Portuguesa de Naturologia, intitulada «Auxiliares Invisíveis». O *Centro Espiritualista Luz e Amor* sente grande alegria em receber na sua sede todos os amigos de outras correntes neoespiritualistas que lutam pela regeneração social. Neste sentido temos orientado os esforços, pois sem união tudo se desagrega e nós queremos uma frente homogénea e aguerrida contra as forças do mal.

O conferente demonstrou a existência de auxiliares invisíveis na atmosfera psíquica de cada um de nós e citou numerosos exemplos colhidos em obras teosóficas ou mentalistas, algumas das quais admiráveis, cheias de beleza moral e que muito calaram nos assistentes.

O presidente da Direcção congratulou-se com o trabalho de Costa Cabral e dirigiu uma saudação à Ordem Esotérica Iniciática, de quem é amigo sincero, desejando que, futuramente, aqui venham outros conferentes dar-nos o produto de suas lucubrações, para que a fraternidade espiritualista amplie os seus contornos.

CONGRESSO PARAPSICOLÓGICO

No Congresso Parapsicológico de Cambridge realizado em Julho último com a presença de algumas dezenas de investigadores representando dez países, a fim de estudar os *fenómenos espontâneos*, elegeu-se uma comissão tendente a renovar os processos clássicos, a melhorá-los e unificá-los, através de relatos individuais a publicar na imprensa de todo o mundo.

Também se debateram outros assuntos, tais como, normas de comprovação, métodos de trabalho, processos a adoptar nas investigações que pareçam chegar a bons resultados, a veracidade dos testemunhos, etc., etc.

Entre os congressistas viam-se individualidades muito conhecidas, a saber: Dr. J. B. Rhine e sua esposa Louisa, o Dr. L. Mars, o Dr. C. A. Meier; o Dr. Broad e o professor Haberley Price.

Fazemos votos pelo bom êxito da empresa. É preciso arejar a investigação e dotá-la com novos elementos de progresso.

«O ESPIRITA FLUMINENSE»

Chegou a nossas mãos o 1.º número de *O Espirita Fluminense*, órgão da Federação Espirita do Estado do Rio, com sede em Niterói, da presidência do nosso querido Luís Gentil, cuja lembrança permanece em noso coração. É seu director o General Milton O'Reilly, outro amigo que encontrámos na Academia Militar de Agulhas Negras e nos ofereceu uma flâmula do notável estabelecimento, que é verdadeira glória do Brasil.

O cargo de redactor foi confiado a outro amigo — e dos melhores — o Dr. Carlos Imbassahy. Este é conhecidíssimo dos nossos leitores e por isso não implica apresentação. Seu nome corre de boca em boca em todo o sector espírita brasileiro. Falar de Imbassahy é falar de um grande polemista, escorreito no verbo e seguro no argumento, pronto à defsa da doutrina.

Este jornal apresenta-se alicerçado e com belo aspecto gráfico. Luís Gentil assina o *artigo de fundo*, que é uma legenda essencialmente prática e define a sadia orientação do novo arauto, disposto a penetrar em todos os rincões do Estado do Rio.

Vários artigos insere: «Nosso Propósito», de Milton O'Reilly, «Uma Propaganda do Espiritismo a Fazer-se», de Leopoldo Machado, «Não Julgueis», de Carlos Imbassahy, «Um Pouco de Filosofia», de Miranda Prado, «O Lar do Irmão mais Velho», de Luís Gentil, «Lendo «Ramatis», de Armando Gonçalves, etc., etc.

Em tão boa companhia, não admira que de vez em quando apareçamos no *Espirita Fluminense* para matar saudades e encorajar os timoneiros que se aventuram no ousado bergantim.

Segundo escreve O'Reilly, o objectivo colimado é a união de todos os espiritualistas do Estado do Rio, sem distinção de raças, crenças ou hierarquias sociais, para enfrentar a onda materialista que procura avassalar as consciências e lançar o mundo no abismo.

É uma espécie de *Liga da Boa Vontade Fluminense* sob os auspícios da Federação Espirita do Estado do Rio, que já deve ter passado o meio século. Bendita liga, bendita união, bendito esforço que leva os homens ao convívio fraternal!

Contai com o nosso apoio, irmãos e amigos, e caminhai tranquilos, que a vitória é dos fortes de ânimo e simples de coração!

TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE ABRIL DE 1955

Grupo Allan Kardec

Todas as segundas-feiras, às 21,30, dirigido por Túlio Augusto Rosa.

Grupo de Caridade «Lia»

Todas as quartas-feiras, às 21,30, dirigido por António Pereira da Silva.

Grupo de Irradiação Mental

Todas as quintas-feiras, às 21,30, dirigido por Túlio Augusto Rosa.

★

Dia 1, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 8, domingo, às 16 horas — Conferência de António Cardoso, intitulada

Dia 10, terça-feira, às 21,30 — Grupo Experimental «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 15, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 22, Domingo, às 16 horas — 5.ª conferência da série «O que eu vi no Brasil», por Isidoro Duarte Santos.

Dia 24, terça-feira, às 21,30 — Grupo Experimental «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 29, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Mês de Março — Aires Vaz Raposo, de Lisboa, 50$00; D. Antónia Leyguarda Ferreira, de Lisboa, 5$00; A. L., V. L., M. L., de Lisboa, 15$00; I. S., de Lisboa, 20$00. *Total — 90$00.*

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

br.

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um ... 60$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataque feitos ao Espiritismo ..... 50$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte ..... 25$00
Enigmas da Psicometria ..... 28$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00 50$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte ..... 42$00
Metapsíquica Humana — encadernado ... 40$00
Pensamento e Vontade ..... 26$00
Xenoglossia ..... 32$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo ..... 40$00
Casas Mal-assombradas ..... 50$00
Narrações do Infinito ..... 30$00
Stella (romance astronómico) ..... 50$00
Urânia ..... 40$00

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 25$00
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz* 20$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel* ..... 45$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 30$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 35$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha* ..... 30$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo ..... 60$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel,* resposta a 461 perguntas — enc. 38$00 ... 26$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 35$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 28$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — enc. 38$00 28$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunha,* um verdadeiro poema de ternura 18$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido ..... 60$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio* 24$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos) ..... 32$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00 ..... 36$00

br.

Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luís,* obra dedicada às pessoas cultas — enc. 55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00 ..... 36$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz* ..... 40$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado ..... 38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz* ..... 42$00
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 46$00
Pérolas do Além ..... 28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X* ..... 35$00
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00 ... 34$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* 40$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage* ..... 20$00
Voltei, do *Espírito de Jacob* ..... 25$00

OBRAS DIVERSAS

Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 42$00 ..... 30$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida* ..... 35$00
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra de Menezes* ..... 45$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga,* recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto* — enc. 42$00 ..... 30$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima* — enc. 54$00 ..... 40$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff* ..... 28$00
De Cá e de Lá, estudo comparativo do Espiritismo com várias religiões, pelo *Dr. Romeu Camargo* — encadernado ..... 35$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* enc. 42$00 ..... 30$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy* ..... 45$00
Em Torno do Mestre, por *Vinícius* ..... 40$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião* 60$00
Entre Dois Mundos, por *Antoinette Bourdin* 32$00
Espírito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal* — enc. 46$00 ..... 36$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim* ..... 25$00
Factos, por *António J. Trindade,* um livro impressionante de factos espiritas extraordinários, impresso em óptimo papel ..... 50$00
Granja (A) do Silêncio, por *A. Bodier* ... 30$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio* ..... 20$00
Levitação (A), por *Albert de Rochas* ..... 28$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

br.

Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac* ..... 35$00

Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos* —enc. 52$00 ..... 40$00

Mediunidade (A), pelo *coronel Edgar Armond* — Estudo substancial das várias mediunidades, muito útil a todos os médiuns ..... 40$00

Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac* ..... 35$00

Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Soler* ..... 45$00

Mireta, por *Elias Sauvage* ..... 35$00

Na Seara do Mestre, por *Vinicius* — Livro de evangelização destinado às tribunas, aos lares e às sessões, contendo verdades eternas ..... 32$00

No Limiar do Etéreo, por *Artur Findley* — Estudo magnífico acerca dos fenómenos espiritas de «voz directa», com o célebre médium Sloan ..... 30$00

No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance* ..... 42$00

Nos Umbrais do Além, de Sir *William Barrett* — enc. 47$00 ..... 35$00

Nova (A) Revelação, por *A. Connan Doyle* — As primeiras experiências espiritas do autor do «Sherlok-Holmes» e a sua conversão. Obra de grande alcance doutrinário ..... 23$00

Outro (O) Lado da Vida, pelo *barão Carl du Prel*. Um livro de luz poderosa sobre a Morte e a vida no Além ..... 28$00

Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00 ..... 25$00

Profecias (As) de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*. Um estudo profundo devido à pena de um dos maiores génios da humanidade ..... 60$00

Psiquismo (O) Experimental, por *Alfred Erny* ..... 35$00

Reino de Jesus (O), por *Fernando da Cruz Ferreira*, o Evangelho romanceado ..... 25$00

Reis, Príncipes e Imperadores, por *Almerindo Martins de Castro*. Casos históricos de psiquismo, entre eles, alguns passados com reis portugueses ..... 30$00

Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*. Obra nascida de um grupo de padres que estudaram o Espiritismo e se converteram, abandonando a Igreja Católica ..... 50$00

Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00 ..... 25$00

Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista ..... 35$00

Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente* — Livro muito útil aos directores de sessões espiritas ..... 35$00

Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo* ..... 30$00

br.

Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo médium *G. Vale Owen* — enc. 42$00 30$00

Vida (A) de Jesus, por *António Lima*. Um livro que despertou controvérsia, no qual são expostas inúmeras hipóteses através de estudo adequado ..... 30$00

Vítimas do Preconceito, por *Codro Pallissy* 30$00

Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel* ..... 23$00

Voz (A) do Antigo Egipto, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo ..... 28$00

ROMANCES DO CONDE DE ROCHESTER

(Recebidos pela médium russa Krijanowsky)

A Abadia dos Beneditinos — Romance forte em que a vida conventual se apresenta cheia de realismo, induzindo o leitor à meditação ..... 45$00

Chanceler (O) de Ferro Romance histórico que relata a vida de José, no antigo Egipto, vida que o *Genesis* sintetizou nalguns capítulos ..... 54$00

Herculanum — Romance passado na Roma dos Césares, com a descrição da catástrofe do Vesúvio, onde ficaram soterradas duas lindas cidades para um sonho de 18 séculos ..... 38$00

Sinal da Vitória — Contém os factos ocorridos em Roma no começo do século IV com as perseguições aos cristãos até à época da conversão do imperador Constantino, através da visão da cruz ..... 60$00

Vingança (A) do Judeu — Romance notabilíssimo onde se apresenta a sociedade antiga com preconceitos de raça, classe ou riqueza, à luz da fé revigorada pelo cristianismo ..... 60$00

ROMANCES DE VÍTOR HUGO

Recebidos pela médium Zilda Gama

Almas Crucificadas — Uma história empolgante de almas em luta, no tempo das cruzadas e dos cavaleiros audazes ..... 45$00

Do Calvário ao Infinito — Neste romance há sopros de eternidade e perfumes de esperança. Em expiações redentoras quatro almas ascendem à glória imortal ..... 60$00

Dor Suprema — Fatalidade de nascimento, preconceitos de raça, ódios inatos, catástrofes políticas, tudo isto perpassa nesta obra maravilhosa ..... 60$00

Na Sombra e na Luz — Novela verídica que relata a existência triste de um companheiro terreno do autor. Por vezes, Vítor Hugo é personagem. Emociona até às lágrimas — enc. 54$00 ..... 42$00

Redenção — Novela de amor passada no tempo dos castelãos medievais e profundamente instrutivo ..... 40$00

Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

CONTÉM: Legenda, da **Redacção**; O Amor - II -, pelo **General Ildefonso Escobar**; Um Filme Oriental — O Príncipe Pedro da Grécia realiza uma Conferência sobre Ciências Psíquicas; Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos; Solilóquio, por **Manuel Cavaco**; O Imperativo da Hora Presente, por **Alfredo Miguel**; Por Esse Mundo...; A Moral - II -, por **Eduardo F. Conceição**; Acontecimentos Estranhos na Casa Branca, por **Chester S. Geier**; Os Momentos, por **Zalmino Zimmermann**; Ecos de Uma Viagem - XVII - A Caminho de Resende, por **Isidoro Duarte Santos**; Cruzada dos Militares Espiritas — Saudação aos Aspirantes a Oficial Espiritas da Turma Avaí, pelo **Marechal Mário Travassos**; Lugar para Uma Ciência, por **Newton Gonçalves de Barros**; Uma Rosa para a Menina Doente, por **Irmã Emília**; A «Evolução» de Carlos Imbassahy, por **Aleixo Vítor Magaldi**; Crónica Mundial, por **Adelaide Ivone de Sousa**; Notas & Comentários; Noticiário.

MARECHAL MÁRIO TRAVASSOS

(Ver pág. 151)

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luis Postiglioni*
Liège	*Achille Biquet*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*
Luanda	*Luís de Barros Castro*

Redactor junto à Cruzada dos Militares Espiritas do Brasil — *Marechal Mário Travassos.*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Henrique Magalhães e Nelson Baptista de Azevedo*
S. Paulo	*António Pereira Correia e António Baptista Lino*
Campos	*Clóvis Tavares*
Curitiba	*João Ghignone*
Porto Alegre	*José Simões de Matos, Zalmino Zimmermann*
Rio Grande	*Armando O. Couto*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*
Ribeirão Preto	*Dr. José Pereira Bastos*
Belo Horizonte	*António Augusto dos Santos*
Maceió	*Jaime Xavier da Silva*
Fortaleza	*José Borges dos Santos*
Franca	*Dr. Agnelo Morato*
Cruzeiro	*José Zácaro Neto*
Vitória	*Dr. Ayrton Machado*
Passo Fundo	*Ney Vaz da Silva*
Juiz de Fora	*Orville Derby Dutra*
Pelotas	*Dr. Djalma de Matos*
Bajé	*José Ferreira da Mota*
Aracajú	*José Elson Fontes*
Juiz de Fora	*João dos Santos Coragem*
Três Rios	*Acir Faria*
Rio Preto	*Lázaro Camargo Ehmke*
Paranaguá	*René Risental*
Florianópolis	*Osvaldo Melo*
João Pessoa	*José Borges de Sousa*

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores

Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), Cr. $100,00 — Ultramar (12 números) moeda equivalente a 70$00 — Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do outro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro e da Casa do «Tio Juca», de Salvador, Bahia

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

ALLAN KARDEC

	br.
Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita	20$00
A Prece	12$00
Espiritismo	15$00
O Principiante Espirita	18$00
O que é o Espiritismo	18$00
O Livro dos Espíritos — enc. 45$00	32$00
O Livro dos Médiuns — enc. 45$00	32$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 45$00	32$00
O Céu e o Inferno — enc. 47$00	35$00
A Génese (nova edição) — enc. 47$00	35$00
Obras Póstumas — enc. 45$00	32$00
Vade-Mécum Kardequiano	16$00

LÉON DENIS

Cristianismo e Espiritismo	50$00
O Além e a Sobrevivência do Ser — Enc.	25$00
O Grande Enigma	30$00
Depois da Morte (nova edição)	50$00
O Porquê da Vida	28$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00	50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 60$00	48$00
El Problema del Ser e del Destino	52$00
No Invisível (nova edição)	52$00

GABRIEL DELANNE

O Espiritismo Perante a Ciência — enc. 64$00	52$00
A Evolução Anímica	48$00
O Fenómeno Espirita	45$00
A Alma é Imortal	52$00
A Reencarnação	52$00

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

(Continua na 3.ª página de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

17.º ANO | LISBOA, MAIO DE 1956 | N.º 5

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 5 66 05

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. N. do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

LEGENDA

O Espiritismo é uma doutrina moderna que se renova a cada instante. A reconstituição o fortalece e dilata, lhe dá aspectos diferentes, segundo o observador, segundo a posição, segundo o prisma colimado. É um foco irradiante, energético, que vitaliza o adepto, que o transforma, lhe proporciona mais olhos e mais ouvidos, lhe refina o tacto, lhe abre a inteligência. Assim, os problemas equacionam-se melhor e a vida assume aspectos mais humanos.

Quando os homens se afastam de certas normas que a doutrina preconiza ou impõe, como princípios adoptados, o melhor é não voltarem ao ponto de partida.

Ser-lhes-ia impossível bem cumprir o seu dever, salvo raras excepções. Os caminhos são muitos e variados e as setas indicam o rumo a seguir para chegar depressa. Por isso, cada um escolhe o que melhor lhe convém.

Compreendemos os que avançam e recuam, como tábua ao sabor da maré. São desajustados que procuram firmar-se, antes de resolver em definitivo. É que nem todos sabem o que querem. Em nossas fileiras há de tudo um pouco, graças à liberdade de expressão e de acção dos profitentes. Sem códigos rígidos, qual sucede nas religiões dogmáticas, todos falam a seu talante. Temos ouvido oradores que moldam os temas segundo opiniões pessoais, em vez de observarem os nossos postulados. Quem os ouve julga que são espiritistas. Não é verdade. São fautores de doutrinas, mais ou menos apriorísticas, ao passo que o Espiritismo é um monumento que há cem anos suporta os mais rudes embates.

É preciso cuidado com estes arautos de acção negativa, ou, antes, destrutiva. Às vezes atingem postos de comando, de onde as ordens emanam à laia de granizo. E os estragos são evidentes na seara. Há lamentos, desenganos, vontade de recomeçar, mesmo à custa da lição recebida; há tristeza, arrependimento, por facilidades que não estavam de harmonia com o mêrito do indivíduo e que, cerceadas oportunamente, teriam evitado dissabores e prejuízos irreparáveis.

As ideias pessoais são às vezes apresentadas com inteligência. Podem até resolver ou ampliar determinados problemas, orientar com juizo, fazer meditar, abrir clareiras, alargar horizontes. A Doutrina, porém, é um corpo homogéneo que anda por si próprio e se harmoniza com o progresso científico e filosófico. Se assim não fosse, já tinha morrido há muitos anos. Mas não morre, nem sequer enfraquece. Os conversos dão-lhe prestígio, é certo; contudo, o seu maior valor está na luz que irradia sobre as almas tristes e desesperadas, que infestam a sociedade em busca de alegria e vegetam em desespero no bailéu das convenções humanas.

A doutrina não enfraquece, podemos dizê-lo afoitamente. Os maus são postos à prova no meio dos bons. O ambiente separa o trigo do joio e a sementeira prossegue sempre.

O poeta Guilherme Braga disse um dia: Não fazem ninho os milhafres / Na caverna dos leões.

Isto significa: seja qual for a obra dos maus, será destruída, porque só o bem prevalece. Por isso o Espiritismo se renova a cada instante, sem perder a característica. Reflecte os anseios do homem em todas as facetas, ensina a viver em paz, a tolerar com honra, a servir com dignidade, a empreender a reforma do Espírito, a caminhar para mundo mais equitativo, onde a fé seja respeito e a força moralidade.

Nestas circunstâncias, é fácil visionar o futuro da Causa e procurar os meios adequados ao seu triunfo definitivo. Os redutos, devemos defendê-los com denodo, pois deles depende a garantia do movimento. Se houver obstáculos, arredar-se-ão, para que a marcha não cesse. De uma forma ou de outra é preciso demonstrar que somos bons e dignos e coerentes.

O AMOR

II

O chefe de família que cumpre com o seu dever perante *Deus* é aquele que conduz, ou, sofrendo as terríveis consequências da revolta da esposa e filhos, ainda que repudiado e repelido, procura conduzi-los, com sinceridade, à moral de Jesus, isto é, à simplicidade, à caridade, à justiça e à fé; esse chefe de família fez a ligação eterna com esposa e filhos — pelo elo do *amor espiritual,* embora se tornassem seus inimigos, por terem sido contrariados em suas aspirações mundanas.

Para os aborrecidos da luz divina, esse chefe de família será um retrógrado, arcaico e atrasado, divorciado do progresso social.

Mas esse chefe de família uniu-se para todo o sempre aos seus entes queridos, embora no Mundo tenha sido derrotado em sua missão, porque no Além, quando tiverem entendimento espiritual, sentir-se-ão atraídos por esse amor e arrependidos de o terem repelido na Terra.

Esse *amor,* na agonia do arrependimento, para eles, será a única esperança de salvação.

Esse é o *verdadeiro amor,* muitas vezes transformado em martírio moral, no sacrifício e na dor mais cruciante; mas a Humanidade ainda não o compreendeu, não obstante o exemplo dado por Jesus, no Gólgota.

Foi por essa razão que o Mestre no Evangelho avisou: «serão vossos inimigos os vossos próprios familiares». Esses são os aborrecidos da luz.

Escrava dos sentimentos impuros, que arruinam o espírito, a Humanidade até agora não pôde libertar-se das coisas do Mundo para dedicar-se às coisas do Céu.

Todavia, quando o espírito parte, nada leva das grandezas materiais — tudo aqui deixa.

Depois de partir, só leva as intenções e os actos praticados: se procedeu bem, se procurou cumprir os ensinamentos do Mestre, se soube amar até o sacrifício — partiu feliz, para a luz, para a paz, para o progresso espiritual; se procedeu mal, se foi escravo do Mundo, se não soube amar — partiu infeliz, para a treva, para a atribulação, para renascer e aprender o que é o *Amor.*

O esposo que tinha imenso *amor* à esposa e que só lhe oferecia conforto material e riquezas do Mundo, desejando, por orgulho e vaidade, vê-la triunfar nas festas, passeios e diversões, distinguida por sua beleza física e riqueza de seus ornamentos — amanhã sentir-se-á arrependido do erro que praticava, da fútil e grosseira ideia que fazia do *amor,* do sentido material que dava ao mais sublime sentimento espiritual — porque enfeitava o corpo da esposa, que será destruído pelos vermes, abandonando o seu espírito, estimulando o orgulho, a vaidade, a luxúria e as ostentações mundanas.

A mãe que só cogitou de ornamentar o corpo da filha querida, com ricas roupagens, belos penteados e luxuosas jóias, adextrando-a nas etiquetas e formalidades sociais, com sorrisos e gestos enganadores, ou trabalhou para que fosse *rainha de beleza,* em um concurso obsceno, e que jamais procurou conduzi-la ao conhecimento do Evangelho — essa mãe deixou de cumprir o seu dever perante Deus — o *amor* que supunha devotar à filha foi transformado no mais tremendo desastre para o pobre espírito abandonado e arruinado pelos carinhos materiais maternos: essa mãe amava a matéria, o envólucro da filha; a filha pròpriamente dita foi atirada ao abandono e corrompida pela mãe, não foi amparada pelo *amor* materno.

Esta é a VERDADE, nua e crua. Mas, para as mães das *rainhas de beleza* que acompanham as filhas às provas públicas, este pensamento de um Doutrinador do Evangelho de Jesus parecerá certamente coisa esdrúxula!

Pai ou mãe, esposo ou esposa que têm compreensão exacta, precisa, nítida e real do *amor,* para sempre receberão o prémio desse sentimento divino; pai ou mãe, esposo ou esposa que confundem as coisas materiais, mundanas, com o *amor,* que pensam que amar é querer bem à matéria, é satisfazer os desejos do mundo — durante longas existências sofrerão as consequências do mal que praticaram, do ponto de vista erróneo em que se colocaram — amargamente lastimar-se-ão não ter compreendido a pureza espi-

ritual dessa centelha que emana de Deus e que tem o nome de *amor*.

Contaminado pela corrupção do Mundo, o homem cada vez mais perde a noção desse sentimento de origem divina.

Mas o Mestre antevia o grau de degenerescência moral que atingiria a Humanidade.

No *Sermão da Montanha,* Jesus, anunciando o princípio de dores, dizia: «Então vos hão-de entregar para serdes atormentados e matar-vos-ão; e sereis odiados por todas as gentes por causa de meu nome. Então muitos serão escandalizados e trair-se-ão uns aos outros e uns aos outros se aborrecerão.

E surgirão muitos falsos profetas e enganarão a muitos. E por se multiplicar a iniquidade, o *amor* de muitos esfriará. Mas aquele que perseverar até o fim será salvo. E este Evangelho do Reino será pregado em todo o Mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim».

Eis, porque o *amor* está desaparecendo do coração do homem para ser substituído pelo *ódio* — no filho, no pai, na filha, na mãe, nos esposos, entre amigos, entre povos, entre nações.

ção total os seus remanescentes procurarão reconstruí-la, e então compreenderão o mágico poder construtor do *amor,* mas que só poderá ser aproveitado em toda a sua potência restauradora, quando os *bodes* do egoismo, do orgulho e do ódio forem banidos da Terra e aqui só permanecerem *as ovelhas.*

Por ora, no presente, só um número muitíssimo reduzido de seres que habitam a Terra é animado dessa faísca divina, que é o *amor* e, desgraçadamente, esses poucos seres humanos, relativamente aperfeiçoados, são forçados a suportar o fogo do ódio vulcânico das criaturas que os cercam.

Na família, na sociedade, nas Nações, na Humanidade, a época é de choque tremendo e desigual entre a pequeníssima parcela de seres que sentem no coração o sopro de Deus, que é o *amor,* e a grande, a imensa massa humana contaminada pelo ódio, produto do egoismo e do orgulho.

Há vinte séculos, sòmente Jesus, seus Apóstolos, poucos homens e algumas mulheres alimentavam no coração o sentimento do *amor;* com lentidão desanimadora, através

Pelo General Ildefonso Escobar

O homem surdo às palavras do Mestre atirou-se à pesquisa de todos os conhecimentos de ordem material e olvidou por completo o seu aperfeiçoamento moral e espiritual; para justificar o seu desprezo pelo Evangelho, dá bastarda e criminosa significação material ao *amor,* dele se aproveitando para praticar a imoralidade.

Mas, cedo ou tarde terá de mudar de rumo e compreender a verdadeira significação desse atributo emanado da perfeição e pureza do Criador.

★

Impulsionado pelos baixos sentimentos do egoismo, do orgulho, e do ódio, o homem busca a sua destruição: a Humanidade está destruindo a própria civilização que erigiu a ferro, fogo e sangue. A calmaria reinante é apenas aparente — o vendaval destruidor breve soprará.

Esgotada, aniquilada, dissolvida, por ter desobedecido à lei do *amor* — nascida na mangedoura de Belém — perseverando em não aceitar o Evangelho, depois da destruidos séculos, foi a semente do *amor* germinando em maior número de corações.

Hoje, relativamente à época messiânica, esse número já é considerável, mas imensamente pequeno comparado com os 2.600 milhões de habitantes da Terra, de cujos corações ainda não foi extirpado o germe do *ódio,* pois que são todos criaturas capazes de violar a Lei — *Não matarás!*

E ninguém poderá negar essa dolorosa situação da Humanidade: os orçamentos actuais de todas as nações da Terra demonstram essa tenaz repulsa ao *Amor.*

Para satisfazer aos ditames do *ódio,* febrilmente as nações empenham todos os seus haveres, hipotecam todas as suas rendas futuras, no fabrico e aquisição de máquinas para matar e destruir.

Mas, depois da *epidemia da guerra* devastar os *bodes,* o específico do *amor* restaurará a saúde das *ovelhas* envolvidas pelos miasmas asfixiantes do *ódio.*

Então entraremos no reinado do *Amor,* da paz e da harmonia. O perfume de Deus é o *amor* e à medida que as criaturas mais se

aproximarem do foco de perfume, mais intensamente irão sentindo o seu odor, acabando por ficarem impregnadas desse perfume.

Assim, será a Humanidade acossada pela dor, que já atinge milhões de criaturas e procurará refúgio no *amor* de Deus, de Ele se aproximando até ficar saturada do *perfume divino*.

Então o lema de Jesus: «*Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo com a si mesmo*» será adoptado por todos os povos, por todas as nações.

★

Para finalizar vou dar um exemplo.

Guapo rapagão ama loucamente a formosa e viçosa noiva. Casam-se e amam-se frenèticamente, vivendo como se fossem duas almas em um só corpo.

Se esse *amor* tivesse significação espiritual, deveria crescer com o tempo, aumentar de intensidade com a constituição da família, para na velhice atingir o expoente máximo.

Mas, que observamos na sociedade?

À medida que surgem os filhos, com o decorrer do tempo, com o desaparecimento da formosura e viço da esposa, oriundos dos sofrimentos e trabalhos maternos, o apaixonado noivo doutrora gradativamente vai transformando o frenético *amor* dos primeiros tempos em desoladora e melancólica indiferença pela mãe de seus filhos.

O prazer da convivência íntima e inseparável vai-se transformando paulatinamente no mais absoluto afastamento — o *amor* esfria-se, como disse Jesus, e o apaixonado esposo, nos passeios, nos teatros, nos cinemas, nos clubes, procura o esquecimento de sua velha e esgotada companheira, que fica no abandono no lar.

Agora, o reverso da medalha: à medida que o esposo envelhece e, cheio de rugas no rosto e na testa, se arruína na tremenda e ingente luta pela manutenção da prole, aquele *amor*, que atingia ao fanatismo do ciúme indomável da jovem e formosa esposa, vai amortecendo na razão directa do tempo — no íntimo, quando sarcástica e impiedosamente não proclama em voz alta — acha o velho companheiro acabado e feio e, às vezes, esquecendo a própria ruína física, começa a praticar o adultério pelo pensamento, fazendo castelos no ar com os guapos homens de sua predilecção visual.

De um lado e de outro observa-se falta de respeito moral, falta de caridade e ausência de *amor*.

Precisamente, quando se deviam estimar, quando mais cuidadoso carinho deveriam consagrar um ao outro e mais se unirem para suavizar as agruras da caminhada final, melancòlicamente a indiferença mútua cresce, se não for transformada em acentuada separação moral e no mais cruel desprezo entre os dois seres que, no passado, supunham que se amaram!

Os anos de felicidade são esquecidos, obscurecidos pela ingratidão recíproca.

Foi o azul da esperança transformado na negridão do presente; foi a doçura da vida risonha e saltitante da mocidade substituída pelo amargor funério da separação na velhice.

Em vez de terem construído fortins morais de amparo mútuo, de defesa contra as agruras da vida, transformaram-se em dois fantasmas da desconfiança e da deslealdade, fugitivos, um com medo do outro.

Como explicar esses factos morais e psicológicos observados entre duas criaturas que se amavam apaixonadamente na mocidade e que se repelem na velhice?

Simplesmente pela falta de conhecimento da significação do *amor*. O que sentiam no pretérito não era *amor* — era instinto animal da carne, a simples atracção física, que acabou aborrecendo-os e, em numerosos casos, transformado em *ódio*.

A sociedade apresenta milhares e milhares de casos desta natureza.

Felizes e raros são os casais de velhinhos que tiveram a ventura de conhecer a verdadeira significação moral e espiritual do *amor*, tornando-o cada vez mais precioso, como é o vinho generoso — tanto mais fortificante e saboroso, quanto mais velho.

Aos velhos, de mais de três quintos de século, que me lerem, peço respeitosamente que consultem a consciência, reportando-se aos róseos tempos da lua-de-mel, e respondam a si próprios, se o exemplo hipotético que figurei tem ou não cunho de *verdade*.

Os que acharem que é *Verdade* são felizes cultores do *amor espiritual*.

FIM

UM FILME ORIENTAL

O Príncipe Pedro da Grécia realiza uma conferência sobre ciências psíquicas

Fred Archer refere-se no *Psychic News* a um filme colorido que o Príncipe Pedro da Grécia e Dinamarca exibiu durante uma conferência que realizou em South Kensigton, na Escola de Ciências Psíquicas. O filme baseia-se na demonstração do transe mediúnico de um oráculo tibetano e foi realizado nos Himalaias.

O articulista diz que o Príncipe não é homem frívolo. É explorador, psicólogo, antropologista e perito em poliandria, que é o inverso de poligamia.

Príncipe Pedro da Grécia

No começo da sua conferência, o orador afirmou que na Índia e no Tibet havia mais forças psíquicas do que no Ocidente; e embora não fosse sensitivo, encontrara muitos durante as suas viagens.

Em Llasa, por exemplo, havia um oráculo oficial que todas as semanas era consultado pelos Lamas e dava instruções ao Governo.

Neste longo filme, com música oriental, extraída dos instrumentos originais, aparece um oráculo (médium) tibetano em transe. É um homem relativamente novo, a julgar pela aparência, e veste traje colorido que lhe deu o Príncipe, a fim de o remeter depois ao Museu de Copenhague.

O Príncipe disse que o médium tivera que exercer contrôlo na respiração para entrar em transe e era penoso vê-lo em exercício tão violento. O corpo contorcia-se de um lado para outro, ao mesmo tempo que dos lábios lhe saía uma torrente confusa de palavras. O rosto brilhava de suor, que ele repetidamente limpava com uma toalha. Por fim tombou para trás, sendo amparado por dois monges.

Segundo o conferente, o tibetano fora dirigido por quatro espíritos diferentes durante aquela sessão e não sabe o que eles dizem por seu intermédio. Assim, estava sempre ansioso por ouvir as palavras que dissera, que haviam sido captadas pelo gravador de som.

Interrogado acerca da natureza das mensagens ouvidas durante o filme, o Príncipe Pedro explicou que, em resposta à pergunta de como acabaria a guerra da Coreia, o médium respondeu, um tanto ambìguamente, que acabaria bem.

Quando perguntaram ao Príncipe se o médium já havia sido preciso nalguma revelação, respondeu que sim. E deu um exemplo:

— Um dia o tibetano comprou um bilhete na lotaria de Calcutá e foi premiado com grande quantia.

Aos 16 anos de idade, o médium caiu pela primeira vez em transe, sem qualquer treino ou experiência. Isto levou-o a pensar que os deuses queriam utilizá-lo para as suas mensagens.

Aparte os aspectos psíquicos, o filme tem beleza e muito interesse religioso, pois mostra um templo decorado a ouro e prata, o casamento da filha do Marajá, uma procissão em que algumas relíquias são transportadas num «Land Rover» seguido do caminhão cheio de monges de túnica amarela, um *chá* com a filha do Dalai-Lama, belos aspectos do Everest e outros picos de grande altitude, além de magníficos planos de gloriosas flores matizadas, crescendo naturalmente em píncaros de atmosfera rarefeita.

Na verdade, trata-se de uma obra notável e por isso lhe damos o maior relevo.

FACULDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS PSÍQUICOS

Tópicos de um Relatório — A importância do Ensino de Português na Propaganda Espirita

Não sendo possível publicá-lo na íntegra, vamos transcrever alguns trechos do relatório que o nosso confrade Deolindo Amorim, actual Director Técnico da Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos, *apresentou aos professores e ouvintes, no dia 17 de Dezembro de 1955, por ocasião do encerramento do ano lectivo.*

INCORPORAÇÃO DA FACULDADE À ORGANIZAÇÃO EDUCACIONAL ESPIRITA

Sobre este ponto, diz o relatório: «Para evitar dúvidas futuras, precisamos e devemos deixar bem claro o seguinte ponto: a junção da Faculdade à *Organização Educacional Espirita* não criou compromisso financeiro de espécie alguma para aquela Organização.

TÍTULO DE DIRECTOR HONORÁRIO

Logo a seguir, o relatório entra em considerações de outra ordem, entre as quais destacamos as seguintes: «Parece oportuno registar, nesta exposição, outro ponto ainda não suficientemente conhecido da maioria dos companheiros: a concessão do título de *Director Honorário* ao coronel Pedro Delfino Ferreira Júnior, título que corresponde, simbòlicamente, a um preito de justiça e reconhecimento a quem tanto fez por esta Faculdade, desde seus primeiros passos, foi uma *iniciativa tomada pelos próprios professores,* por unanimidade, sem que a Organização Educacional Espirita tivesse tido qualquer interferência, mesmo porque a deliberação dos Professores é anterior ao acordo feito com a Organização (O. E. E.).

Apraz-nos esclarecer que o coronel Delfino Ferreira faz jus a todos os títulos de amizade e homenagem desta Faculdade, pois, além de haver sido, como se sabe, o primeiro professor e organizador da cadeira de *Espiritismo,* por indicação da antiga Liga Espirita do Brasil (hoje do Distrito Federal); além de haver ensinado, ainda, outras disciplinas, teve sobre seus ombros, durante muito tempo, a responsabilidade quase exclusiva dos trabalhos da Faculdade. Como testemunha pessoal, sentimo-nos com autoridade para dizer que, não fora a dedicação do coronel Delfino Ferreira, talvez a Faculdade *não existisse mais!* Sob todos os pontos de vista, a filiação da Faculdade à O. E. E. tem sido muito vantajosa, e é justo, senão indispensável que o ressaltemos neste momento».

VISITAS

Sob a epígrafe acima, o relatório faz a seguinte referência à visita do director de *Estudos Psíquicos:* «Em sessão especial, juntamente com a Liga Espirita do Distrito Federal e a Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, recebeu a Faculdade, no dia 23 de Abril, a visita do nosso Confrade e jornalista português Isidoro Duarte Santos, director da Revista *Estudos Psíquicos,* visita que tem, para nós, significação especial, visto como aquele ilustrado confrade lusitano sempre foi um amigo da Faculdade, desde a sua fase inicial». O relatório cita, ainda, outras visitas, entre elas a da Professora Ruth Junqueira, do Paraná, e dos Confrades Osvaldo Pacheco, presidente da *União Espirita Paraense,* Manoel Rolemberg Aguiar e Gervásio Dória, ambos da *União Espirita de Sergipe.*

PROBLEMAS DA FREQUÊNCIA

Extraímos do relatório o seguinte trecho: «Até certo ponto, é compreensível a indiferença de muitas pessoas em relação a esta Faculdade. Nosso *curso* não tem carácter profissional, a Faculdade não é oficial nem oficializada. Não há interesse prático ou imediato. O que se estuda ou aprende, aqui, forma, sem dúvida alguma, um cabedal de conhecimentos de ordem espiritual, mas não tem aplicação às necessidades da vida profissional. Entretanto, as matérias ministradas em nosso currículo, de três anos, têm muito mais valor do que se pensa, porque não só *ampliam a cultura geral,* como ainda fornecem bom material para a orientação do espírito na vida de relações e mesmo para a disciplina do pensamento.

«Há matérias que têm, neste curso, uma função apenas instrumental, porque servem de meio para que se possa penetrar com mais segurança no verdadeiro espírito da doutrina que professamos.

«Não é possível, por exemplo, compreender bem o mecanismo de certos fenómenos psíquicos, sem, pelo menos, *noções gerais de psicologia,* como não é possível exercitar bem o raciocínio na discussão de problemas filosóficos sem algum adestramento mental no domínio da *lógica,* ainda que seja, apenas, a *lógica* menor, como matéria introdutória da Filosofia. Embora seja o *Espiritismo* a disciplina fundamental de nosso currículo, porque foi

para esse fim que se fundou a Faculdade, cujo objectivo principal era preparar pessoas capazes de fazer propaganda da doutrina com suficiente base de cultura, tal como se lê no próprio projecto de Allan Kardec, quando trata do *ensino* do Espiritismo — outras disciplinas são ministradas no *curso propedêutico*, como lastro de conhecimentos vestibulares para a filosofia espirita, que é, para nós, *a mais alta expressão da filosofia espiritualista*.

«Com proveito geral, foram dadas, no decorrer deste ano lectivo, diversas e instrutivas aulas das seguintes matérias: *Psicologia*, a cargo, como sempre, do Dr. Túlio Chaves; *História do Espiritismo*, pelo Coronel Delfino Ferreira; *Estética* e *História da Filosofia*, pelo prof. Newton de Barros, substituido em seus impedimentos pelo prof. Amadeu Santos; *Filosofia Geral*, compreendendo *Teodiceia, Metafísica*, etc., pelo Coronel Euclides Fleury. Outras disciplinas ainda fazem parte do currículo.

«Cumprimos o inadiável dever de ressaltar a competência, a boa vontade e o desinteresse pessoal com que os dignos professores, cujos nomes acabamos de citar, se desincumbiram de suas tarefas, até mesmo com o sacrifício da própria comodidade doméstica. Tudo aqui é de graça, porque a Faculdade não tem Tesouraria. Vê-se, portanto, que os nossos professores são verdadeiros idealistas, porque ensinam matérias de nível universitário sem a menor preocupação de receber pagamento, nesta época em que tudo é explorado, tudo é mercantilizado, até mesmo as coisas sagradas do espírito! Mais uma prova, portanto, de que, apesar das fraquezas humanas, o Espiritismo é uma *Escola de renúncia e solidariedade espiritual*».

CURSO DE PORTUGUÊS E ESPERANTO

Pedimos especial atenção de nossos leitores para este ponto. Veja-se como, em seu relatório, o Director Técnico da *Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos* encara a necessidade do estudo da língua portuguesa, a fim de ser mais bem desenvolvida e mais eficiente a propaganda do Espiritismo na tribuna, na imprensa e na rádio. Podemos dizer que nos chamou a atenção, de modo muito particular, a apresentação do oportuno e necessário assunto no corpo do relatório, em ocasião tão propícia, como seja o encerramento de um ano lectivo. Lá está, finalmente, no relatório da FBEP:

«Sem responsabilidade directa da Direcção Técnica, criaram-se dois cursos anexos: um de *Português* e outro de *Esperanto*, em horários diferentes. O curso de Esperanto foi inaugurado a 21 de Maio, e as aulas estão a cargo do prof. José Cosenza. Seja-nos permitido dizer que a Direcção da Faculdade viu, com especial interesse, a criação dos dois cursos anexos. Não há quem desconheça, nos meios cultos, a importância do *Esperanto* nas relações internacionais e como veículo da fraternidade humana. Temos razão nós, espiritas, para que estimulemos a cultura dessa língua internacional e neutra, visto como devemos aproveitar todos os instrumentos que concorram para a compreensão entre os homens, apesar da diversidade étnica, política e linguística.

«As aulas de *Português* foram ministradas pelas professoras Micaela Casale, Nancy de Barros, Vitória Régia, que não pode continuar, e pelos professores Leodegário Amarante de Azevedo Filho e Joaquim Torres de Araújo. É com prazer que, além do agradecimento geral às professoras e aos professores de *Português* e *Esperanto*, salientamos a circunstância de não serem os professores Leodegário Azevedo e Joaquim Torres de Araújo adeptos de nossas ideias: o primeiro não é filiado a qualquer movimento espiritualista nem religioso, enquanto o segundo é católico praticante. O facto de estarem colaborando connosco, sabendo que se trata de uma instituição *espirita*, como é a nossa Faculdade, é uma das mais apreciáveis demonstrações de tolerância em dois moços de grande futuro para o magistério brasileiro. O amor da língua, em que já se revelaram mestres zelosos e respeitados, se sobrepôs às opiniões religiosas. Que o exemplo se repita por aí a fora.

«Considera a Direcção da Faculdade necessário senão *indispensável o ensino de Português* como elemento básico da cultura geral. Sempre dissemos e continuamos a dizer que *não é possível preparar bons expositores da doutrina sem cultura do vernáculo*. A doutrina precisa e deve aparecer nos meios cultos; e quem vai levar a doutrina espirita ao meio estranho, principalmente quando se deparam certas exigências especiais, deve forrar-se de um lastro de conhecimentos gerais a que não podem faltar, de forma alguma, as *noções fundamentas do idioma*.

«Embora reconheçamos, por um lado, que a convicção e o ardor, quando aliados à cultura doutrinária, são duas forças impulsionadoras da propaganda espirita na tribuna, na rádio e na imprensa, não podemos deixar de notar, por outro lado, que o *ensino de Português se torna indispensável* para quem queira servir a *Causa Espirita* pela palavra falada ou escrita. Quem conhece melhor a sua língua tem mais facilidade para discutir ou defender as suas ideias. *Não basta o entusiasmo*, como não basta, simplesmente, o desejo de propagar a doutrina por toda a parte: *É necessário, é imprescindível o manejo do idioma, para ser claro, para ser preciso*, especialmente quando as circunstâncias exigem a apresentação da doutrina espirita em público, fora de nosso ambiente habitual. Permitam, agora, que façamos, a propósito, uma comparação um tanto acaciana: assim como o desleixo no vestir pode depor contra a compostura do indivíduo, porque uma coisa é ser simples e sóbrio e outra coisa é viver em desalinho, também o desleixo no falar e escrever não só

compromete, como pode sacrificar as próprias ideias de quem fala ou escreve. *Um artigo mal escrito perde muito de seu valor intrínseco*, ainda que a intenção seja sincera e que as ideias sejam exactas. O estudo da língua pátria tem cabimento *em toda parte*».

Para terminar, o relatório faz a seguinte advertência, que julgamos muito criteriosa: «Nunca será supérfluo o ensino de *Português* em qualquer instituição, e principalmente nas instituições espiritas, onde tanto se faz uso da palavra. Já se disse que a *gramática não leva ninguém ao céu*. Todos nós sabemos disto. O homem vai a Deus pela virtude, pela elevação espiritual, e não pelo burilamento da palavra; mas o que desejamos frisar é a necessidade, cada vez mais urgente, de se prepararem pessoas que, embora não sejam versadas em filologia — pois ninguém é obrigado a ser filólogo — embora não sejam puristas, tenham, pelo menos, suficiente conhecimento geral da língua para que possam apresentar a doutrina em público e tenham a base indispensável a quem deseja entrar no campo da interpretação doutrinária».

O relatório ainda sugere a mudança do nome da Faculdade para *Instituto, Curso* ou qualquer outro nome equivalente, como propõe, ao mesmo tempo, o sistema de rodízio, a fim de que cada director permaneça apenas durante um ano.

Eis, em suma, a matéria principal do relatório apresentado à *Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos* pelo seu actual Director Técnico, nosso amigo e confrade Deolindo Amorim.

As aulas da Faculdade de Estudos Psíquicos reabriram no dia 17 de Março, às 16 horas, na *Av. Rio Branco, 4-15.º andar* (próximo da Praça Mauá, Rio de Janeiro, na sede da *Sociedade de Medicina e Espiritismo*, cedida pela sua Directoria.

SOLILÓQUIO

— Por MANUEL CAVACO —

Não; ninguém pode seguir, ao mesmo tempo, por dois caminhos opostos; seguindo pelo da esquerda, afasta-se do caminho da direita; indo para o Norte, afasta-se do Sul. De igual modo, quem abafa a própria consciência e se afasta da consciência divina, perde-se no Labirinto das paixões sensoriais; resvala e precipita-se no abismo das paixões mundanas e dos vícios.

O melhor guia de orientação foi indicado por Jesus Cristo naquele seu preceito: —«amai-vos uns aos outros»; e quem adoptar um procedimento correcto e digno, encaminha-se na directriz daquele preceito verdadeiramente providencial, por atender à necessidade mais premente que os humanos têm para a sua redenção, a qual estará tanto mais próxima quanto mais fielmente se cumprir aquele preceito, o qual, adoptado como regra de procedimento, conservará o indivíduo em constante comunhão com o Divino.

Certo: a prece e oração fervorosas são também excelente auxiliar para manter a comunhão com os nossos tutelares espirituais; e quanto mais sincera for essa comunhão mais invulnerável se ficará às influências perturbadoras que nos circundam em todos os sentidos, e tentam desviar-nos de uma conduta recta e digna.

Vezes sem conto não conseguimos vencer nem repudiar as tentações e as influências que nos afastam da consciência divina e retardam o progresso da nossa redenção; mas, se conservarmos sempre viva na lembrança aquela recomendação da Providência Divina: — «orai e vigiai», não perderemos o rumo que nos conduzirá mais cedo a uma completa espiritualização.

PROGRAMA
DO
ANO LECTIVO DE 1956,
DE 17 DE MARÇO A 15
DE DEZEMBRO

Horário das aulas:
Sábados, das 16 às 18 horas

MATÉRIAS A MINISTRAR NO CORRENTE ANO:

Introdução à Doutrina Espirita — por Deolindo Amorim
Fenomenologia Espirita — pelo Coronel Delfino Ferreira
Moral à Luz do Espiritismo — pelo Coronel Euclides Fleury
Filosofia Espirita — pelo Coronel Delfino Ferreira
Histórias das Religiões — pelo Coronel Euclides Fleury
Biologia — pelo Dr. Túlio Chaves (médico)
Psicologia à Luz do Espiritismo — pelo Prof. Newton de Barros

Nota — Sempre que haja 5.º sábado no mês: seminário para debate ou conferência, a critério da Direcção da Faculdade.

Cursos anexos: *Português e Esperanto.*

Não há pagamento de espécie alguma — Aulas públicas.

O Imperativo da Hora Presente

por ALFREDO MIGUEL

(correspondente na Bahia)

Não foi sem razão que um filósofo pessimista escreveu estas palavras, que lemos em um de seus livros: — «O mundo é um inferno e os homens são almas atormentadas e demónios atormentadores».

Note-se que o velho Schopenhauer expressou-se dessa maneira há mais de cem anos. O mundo presentemente está pior, e os homens mais egoístas, e mais ferozes, e mais agressivos entre si. Viver hoje em dia neste orbe ingrato, é uma aventura temerária que até mete medo. Os sofrimentos e as tentações a que estamos expostos tornaram isto num inferno mais temível do que aquele que vem descrito em certos livros religiosos.

Não é menos verdade, todavia, que este mundo, que os homens transformaram numa região de torturas infernais, eles mesmos poderão converter num paraíso! Mas, como?

Conseguido isso, as causas das misérias e das dores do mundo terão cessado, e então, todos se dariam as mãos e viveriam felizes.

A origem dos males profundos que tanto nos atormentam encontra-se no egoísmo. Mas o egoísmo, assim como o ódio e o sentimento de vingança, que lançam os homens uns contra os outros, são filhos legítimos desse monstro que se chama Ignorância.

Entenda-se que nos referimos à ignorância das leis naturais, que são as leis de Deus; porque dessa presunçosa sabedoria do mundo, de um intelectualismo arrogante e negativista a humanidade está cheia, posto que é cada vez mais vivo o seu infortúnio.

Eis uma realidade dolorosa: o indivíduo pensa no mal e o executa contra seu semelhante, sem saber que esse mal, praticado hoje, reverterá fatalmente as suas consequências, amanhã, sobre ele.

Esse *amanhã* a que aludimos tanto pode ser daqui a certo tempo — nesta existência — como depois dela — no plano espiritual — ou noutra fase de vida terrena, revestindo o espírito um outro corpo físico.

O apóstolo Paulo expressou uma verdade transcendente quando disse que: «de Deus não se zomba, pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará». A semeadura do mal produz frutos de dor, que o indivíduo colherá, mais cedo ou mais tarde, porque o espírito, que age em nosso corpo, não morre nunca, e nenhum culpado deixará de ajustar contas com a justiça divina.

É, indubitàvelmente, por causa do mal que o homem tem semeado que o sofrimento avulta sobre a Terra, que o chicote da desgraça açoita e flagela com tamanha violência as criaturas. Muitos, até, chegam a supor, ao contemplar certas tragédias, que Deus ou não existe, ou não se importa do mundo.

Ignorância! Como é forte o teu poder de escravizar os homens, de cegá-los espiritualmente, e de fazer com que eles se tornem os verdugos de si mesmos.

O Espiritismo é a caridade em acção, e não sabemos de caridade maior que a de revelar as leis eternas do Criador aos nossos semelhantes, e arrancá-los das trevas, e adaptá-los à verdade e ao bem.

E quem mais carece de nossa benevolência, de um trato caridoso, de exortação cristã, senão os que jazem na sombra do erro e da maldade, por não saberem que estão vivendo a vida pelo avesso e arruinando o futuro de sua alma?

A grande necessidade do momento — pelo menos assim deviam compreender os chefes de todas as confissões religiosas — é explicar as leis de Deus a essa massa humana que desconhece a elevada finalidade da vida, ou acredita ter nascido com o desígnio dos irracionais — para comer, dormir e saciar-se nos prazeres grosseiros.

Nem é preciso predispor essa gente a exercícios cultuais, a formalidades exteriores. Basta ensinar a *não fazer o mal* — nem com as mãos nem com a língua. Porque o mal é a negação de Deus e de todo o sentimento religioso; mas o bem é a vontade de Deus e a soma global de tudo que as religiões ensinam.

Esse o imperativo maior da hora presente, tendo em vista fazer com que este mundo, virado inferno pela insensatez de seus habitantes, evolva e se transforme em morada de almas felizes irmanadas no amor.

(Página lida ao microfone da Rádio Cultura da Bahia, no programa «Evangelho no Lar»).

POR ESSE

O CÃO SALVADOR

Dez pessoas foram salvas por um cão, quando eclodiu um violento incêndio na residência do jornalista John Knox Jessup, em Wilton, estado de Connecticut.

O dedicado animal — um cão pastor, alemão, de dez meses de idade — morreu nas chamas ao procurar certificar-se se uma das filhas do dono da casa, que era a sua preferida, conseguira escapar do enorme braseiro. Os bombeiros foram encontrar o seu pobre corpo, carbonizado, junto à cabeceira da pequena Lilian.

Quando eclodiu o fogo, estavam na residência de Jessup, que é redactor principal da revista «Life», além do jornalista, sua mulher e seus filhos. E ainda a mãe da sr.ª Jessup, de 78 anos de idade, e Margaret Kao, estudante chinesa do Rockford College, que passava as férias com a família Jessup.

O animal dormia no quarto das duas filhas mais novas do jornalista, Rebeca, de 6 anos, e Maria, de 3. Cerca das quatro horas da madrugada, «Fingal» — assim se chamava o cão — ladrou furiosamente, ao mesmo tempo que puxava a roupa da cama da sr.ª Jessup, que acordou em sobressalto. A casa, construída há mais de dois séculos, ardia já por todos os lados e os seus ocupantes, despertados por sua vez pela sr.ª Jessup, correram para a rua.

Na confusão que se seguiu, «Fingal», que viera também para a rua, voltou a entrar na casa e não regressou mais.

Jessup, que perdeu toda a sua valiosa biblioteca e uma colecção de antiguidades raras, lamenta sobretudo a morte de «Fingal», a cuja memória vai erigir um singelo monumento.

Este exemplo de dedicação do valoroso animal pelos seus donos tem sido exaltado, com merecido relevo, na imprensa americana.

(Do «Diário de Notícias», de 8-1-956).

★

A BARRA INVISÍVEL

Por Marta L. Kingston

Ao ler uma das experiências psíquicas dos leitores, lembro-me de uma que se deu comigo.

Há anos, em manhã de Verão, saí a fazer compras. Caminhava ao longo de Abington Street, o centro principal de compras de Northampton. No momento em que passava pelo Convento de Nossa Senhora senti uma espécie de barra de ferro na minha frente, impedindo-me de avançar, ao mesmo tempo que um automóvel galgava o passeio, de encontro ao muro do convento.

O condutor era um eclesiástico e ficou branco como a cal. Apesar do embate, conseguiu fazer marcha-atrás e seguir o seu caminho. Não trocámos uma palavra, mas ambos sentimos que, se eu tivesse dado mais um passo, teria ficado esmagada contra a parede. Tudo o que pude fazer foi exprimir um silencioso obrigado ao meu invisível protector.

Continuei a andar, embora um pouco abalada, confesso, e pensando sèriamente no caso...

(De *Fate Magazine*, de Abril de 1956)

★

PENSAMENTO FATÍDICO

por Birdie Gilbert

No dia 16 de Novembro de 1950, limpava eu o chão, quando tive o seguinte pensamento: «Vai saber de Eva». Eva era minha cunhada. Acabei a tarefa e continuei com outros trabalhos caseiros. Admirei-me de tal pensamento — pensamento forte, quase audível.

Deixei de pensar no caso e prossegui no trabalho diário. Mais tarde, porém, o mesmo pensamento voltou: «Vai saber de Eva». Não prestando atenção, principiei a tratar do jantar. Quando o tinha quase pronto, ouvi de novo o estribilho: «Vai saber de Eva».

A frase era tão nítida, que pedi a meu filho que me conduzisse a casa de Eva, que vivia a 30 milhas de distância. Fomos encontrá-la de cama. Quando me viu, disse-me logo:

— Que vontade tinha que viesses!

— Porque não me disseste que estavas doente? — respondi.

Teria sido ela que proferiu a frase? E daí, talvez...

O certo é que, 24 horas depois, Eva falecia.

(De *Fate Magazine*, de Março de 1956)

★

TELEPATIA MATERNAL

Há dias, em Salerno — segundo informa «Le Figaro» —, registou-se um caso extraordinário de telepatia. Quando limpava a louça na cozinha, uma senhora, de apelido Palmiere, ouviu, de súbito, a voz de um filho seu, de 22 anos, que minutos antes se tinha separado dela e saído de motocicleta a encontrar-se com uns amigos.

«Mãe, vem depressa — ouviu —: caí numa ribanceira perto de Teggiano. Vem depressa, que eu morro». A mãe viu então a figura do seu filho ensanguentado. Procurou um táxi e correu para o local onde supunha estar o jovem. De facto, ali o encontrou, gravemente ferido e caído sob a motocicleta. Foi imediatamente conduzido ao hospital, onde morreu pouco depois.

(Do «Diário de Notícias», de 8-1-1956).

ESTRANHA AVENTURA

SWANSEA (País de Gales), 14. — Harne Nicolaisen, marítimo norueguês, pertencente ao navio «Silverspray», que passou 30 horas nas águas infestadas de tubarões do Estreito da Florida, devido a ter caído ao mar, declarou ao capitão do barco britânico que o salvou, ter perdido todas as esperanças de ser recolhido e ter até feito tentativas para se afogar, quando, perdido na imensidade do mar, avistando tubarões em todas as direcções, reconheceu terem sido inúteis todos os gritos com que procurou fazer-se ouvir de cerca de 20 barcos que passaram não muito longe dele.

A senhora Ann Nicholls, mulher

MUNDO...

do 1.º maquinista do navio que o salvou, contou que o marítimo lhe declarara ter tido uma alucinação em que vira dois dos seus companheiros do «Silverspray» caminharem para ele, na água, dizendo-lhe que nadasse para a direita. Assim fez e, pouco depois, viu a luz do barco salvador na sua direcção.

(Do «Diário de Notícias», de 15-1-1956).

★

FENÓMENOS PSÍQUICOS NO MOMENTO DA MORTE

O que a seguir se descreve passou-se com uma tia minha de nome Mariana Pereira Coelho, residente em Beja, na Rua de S. Sebastião.

Os dois filhos mais novos e o marido morreram de doença pulmonar. O mais novo, de cerca de 20 anos de idade, estava de cama gravemente doente e, a certa altura, dirigiu-se à mãe nestes termos:

— Mãe, dê-me a roupa para vestir, porque estão aqui dois senhores que me vêm buscar.

A mãe, que residia sòzinha com o filho, ficou alarmada e depreendeu que ele ia morrer.

No interessante livro de Ernesto Bozzano «Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte» encontram-se casos deste género. No entanto, este tem para mim a particularidade de ser relativamente recente e de se ter dado com pessoas de minha família. Como apontamento curioso, note-se a ilusão do doente que, no momento da morte, julgava ver pessoas da vida terrena.

Joaquim Pereira Júnior, de Lisboa

★

FANTASMA INCENDIÁRIO?

LONDRES, 13. — Os bombeiros chamaram «detectives» para investigações sobre um incêndio numa casa de Londres que os ocupantes crêem ter sido provocado por um fantasma. Walter Hitchings, conduzido ao hospital com queimaduras sofridas quando apagava o fogo, declarou à Polícia que o fantasma advertira a família de que incendiaria a casa.

A Polícia tem visitado a casa várias vezes nas últimas semanas por causa de factos estranhos que lá se têm dado, que obrigaram toda a família a viver num só quarto. Os ocupantes afirmam que a alma do outro mundo tem apoquentado, especialmente a pequena Shirley, de 15 anos, filha de Hitchings. — (R.)

(Do «Diário Popular», de 14-3-1956)

★

RUÍDOS ESTRANHOS

ENTRONCAMENTO — Coisas, na verdade, estranhas e rodeadas do mais intrigante mistério estão sendo notadas, desde há dias, em duas casas vizinhas, situadas na rua Cinco de Outubro, mesmo à entrada desta vila, nas quais residem os srs. António Bernardo, guarda-livros duma importante firma local, e chefe Mascarenhas, comandante da esquadra da P. S. P. do Entroncamento. Desde há algum tempo que as esposas dos aludidos locatários haviam chamado a atenção destes, para uns certos sons fortes e misteriosos, que ouviam dentro de casa, os quais as sobressaltavam. Todavia, tanto um como o outro dos referidos chefes de família, nenhuma importância ligavam ao assunto, tomando-o como qualquer sugestão das esposas.

No domingo, porém, estando o chefe, sr. Mascarenhas, a jantar com a esposa, sem que mais alguém estivesse em casa, foram, de súbito, surpreendidos por um brusco e sonoro bater de palmas, vindo, ao que lhes pareceu, de um compartimento contiguo, como se ali estivesse alguém a chamar por qualquer pessoa! Claro que o aludido chefe, intrigado, correu logo em busca de explicação para tão estranhas palmas, mas nada conseguiu apurar. Além disto, tanto numa como na outra residência vizinha — por sinal, ambas no rés-do-chão — têm-se ouvido, também, frequentes e fortes pancadas durante a noite, com uma cadência impressionante. Evidentemente que nenhum dos referidos locatários é pessoa que se atemorize com «mistérios» desta natureza. Contudo, trata-se dum assunto bastante intrigante, para o qual —como tudo neste mundo— se há-de achar uma explicação. Aguardemo-la, pois.

(Do «Primeiro de Janeiro, de 8-2-1956).

★

MENSAGEM DO AR

de Grace Holliday Scott

Em 1935 meu marido Randall iniciou a sua escola de voo e tinha um jovem aluno-marinheiro chamado Paul, rapaz agradável e reservado. Como este não tinha companheiros, meu marido trouxe-o muitas vezes para jantar e em breve tomava parte em voos com um grupo de pilotos da Marinha que executavam perigosos exercícios sobre as feiras locais, coisa que eu ignorava totalmente.

Uma tarde deitei-me para repouso breve, enquanto o meu filho pequeno dormia. De repente tive a impressão terrível de que um avião vinha a mergulhar direito a mim, virando depois noutra direcção. A sensação foi tão forte, que corri a telefonar a meu marido — notando, ao fazê-lo, que o meu bebé tinha estado a dormir quase meia hora (das 14 às 14,25). Uma voz me respondeu, informando que ele tinha ido dar uma volta no carro.

— Deseja que ele telefone? — perguntou.

Fiquei tão aliviada que disse apenas: «Não, não! Não é necessário».

Quando meu marido regressou a casa perguntou-me:

— Viste o jornal da noite?

— Não tive tempo — disse eu.

— Paul morreu num desastre esta tarde.

Passou-me o jornal. Às 14,25, enquanto fazia acrobacias sobre a feira de Nakersfield, Paul perdera o controlo do avião. Deu ordem ao mecânico para saltar em paraquedas e manteve-se no aparelho para o afastar da multidão. E eu acredito que ele pensasse numa chamada desesperada para o meu marido.

(De *Fate Magazine*)

A MORAL

Por EDUARDO F. CONCEIÇÃO

3.º

(Conclusão)

O *Ego*, que ascende pela humildade, desce pelo orgulho. A ascensão é um fruto da dignidade humana, que não pretere nem deixa preterir.

Os homens regem os seus destinos. Os abusos isolam-os da inspiração que vem do alto.

Os que se julgam impunes, oprimem e exploram, porque se convencem de que só assim faz quem sabe viver, quando, na verdade, o que fazem é um logro que os colhe em pura perda. É a ilusão em que se tem vivido e a que a dor põe cobro. Transposta essa ilusão, surge a Harmonia Universal, expressa nas múltiplas variedades pelo curso da evolução normal da alma. E é curioso notar como o amor e a música amenizam os recalcitrantes.

O mortal, só pela pureza do pensamento consegue religar-se aos planos superiores, que libertam a alma da obscuridade retardatária.

O espírito associa-se ao corpo, com alternativas que se podem comparar ao sol, que surge e ressurge, com os dias e as noites. A noite convida os corpos ao repouso de que carecem, enquanto o espírito perpetua a sua vigília. Tais são os ensinamentos da Natureza.

Deus, como expressão do Infinito e do Eterno, só pode ser compreendido através do amor, como símbolo da fraternidade.

Ao homem cumpre semear para colher. Preterir o útil ao supérfluo é desequilibrar os seus deveres e colher os prémios correspondentes, cuja compreensão o tempo deixa escapar.

A moderação, a paciência e o amor, é a trilogia da compreensão redentora. Em contrapartida, a cobiça, o poder e o triunfo, é a trilogia da embriaguez espiritual, fadada às correspondentes retribuições.

No circo romano os escravos eram lançados às feras, para gáudio das sumidades. Durante a perseguição aos cristãos estes eram jungidos a postes e aí torturados. E enquanto no Capitólio os heróis eram coroados, da Rocha Tarpeia os traidores à Pátria eram lançados ao abismo. Mas o herói verdadeiro sofre sem sofrer e morre sem matar.

É o que reza a história de um povo organizado pela cobiça imperialista. Mas tudo isto estava em contraposição à verdadeira moral, que havia sido preconizada, em sucessivas épocas, pelos maiores génios que desceram à terra.

Transpostos os extremos da paixão, a compreensão conduz à paz de espírito, à sabedoria suprema e ao pleno esclarecimento.

A alma vence a dor com a alegria, o mal com o bem, a irritação com a serenidade, a ambição com a renúncia, e o heroísmo com o estoicismo.

Dar-se às feras liberdade nos parques e, em contrapartida, construirem-se baluartes agressões, são incoerências brepossе do alheio, a pretexto de se estar vigilante contra as agressivos, pela posse ou soque bradam aos céus.

Os animais agrupam-se pela afinidade, e até se dá o caso de diversas espécies procurarem o convívio mútuo: mas sucede que, de todos eles, o homem é o que mais transgride a fraternidade, como se os exemplos de harmonia não devessem partir dele.

Os palácios onde os obscurantistas talham a sorte dos povos pela preterição dos seus direitos, são recintos enxameados pelos errantes invisíveis, que actuam nos mortais pela satisfação dos seus desígnios maléficos.

É pelo cérebro que se pensa e pelo coração que se ama. Pensar pela cabeça e agir pelas armas, é trair a finalidade da vida.

No Oriente, os teosofistas, levados pelo amor, escancararam os seus rincões à cobiça de invasores audaciosos, que vieram a fixar-se pela violência; mas quando deram pelo logro, buscaram a sua ressurreição, não pela violência mas pelo amor, que os vai servindo.

O instinto divide as raças pela afinidade e o amor relaciona-as pela fraternidade. A mistura, que degenera, conduz à violência que destrói.

As variedades, os recortes, os coloridos, as flores, os perfumes e a música, são maravilhas naturais, que induzem o homem à meditação, ao misticismo e à ascese.

A introspecção desvenda

no «eu» aquilo que se condena nos outros; e a clarividência do homem, que ascende aos planos superiores, ilumina pelo conhecimento do passado, do presente e do futuro.

As dificuldades e as dores que afligem o mortal devem ser sofridas com a resignação e a humildade que atenuam os efeitos presentes e futuros. A revolta e o orgulho são agravantes, contrapostas às leis retributivas da Natureza.

O «eu», que se acha condenado e que reincide, recorre à expansão, pela sua salvaguarda, mas bate a todas as portas sem que elas se lhe abram, ao passo que, se atenuar os seus feitos, vai rasgando as trevas que o envolvem, até libertar-se.

Cuidar do corpo e descurar o espírito é perder tempo com paliativos. A medicina onerosa limita-se à matéria, porque desconhece o espírito, como origem da matéria.

Deus é evidente em todas as criações. No homem é a consciência que vai do cérebro ao coração, o que explica o livre-arbítrio individual. O homem que compreende a sua conduta, como determinante do seu destino, religa o pensamento a Deus, para que não deixe de ser iluminado.

A verdade é o primado da dignidade humana. Sem ela o voto da maioria e a autoridade constituida, resultariam contraproducentes. E daqui a afirmação de que «a verdade salva o homem».

Os dois mundos, a que o homem está sujeito, são: a Terra com a sua atmosfera e as esferas etéreas que a envolvem.

A luta pela vida é um dever, revelado pelo instinto de conservação.

A prece com que os mortais pretendem comunicar com os imortais, só é eficiente através de uma perfeita moral.

Após o drama sangrento da cruz, no Gólgota, a ressurreição do Cristo foi um testemunho da imortalidade da alma pela materialização instantânea do seu perispírito. Esse fenómeno e as frases que lhe atribuem em tal estado, imortalizaram-no na memória dos homens. Foi o último dos maiores mestres que até eles tem vindo.

A incompreensão simboliza o Cristo pregado na Cruz, para que seja adorado no estado em que os homens o ultrajaram.

Os homens que martirizaram Jesus-Cristo e Joana D'Arc, acabaram por os santificar e venerar. Todavia é pelo amor que o homem encontra Deus em si próprio.

Não se purifica, nem se eleva o pensamento, com dissonâncias e dessintonizações, nem se constrói acusando, agredindo ou demolindo.

A divindade não é capa de infractores. As rogatórias à divindade, com preterição de deveres, só colhem ilusões.

Jerónimo, pai do catolicismo que teve por mão a *Vulgata Latina,* era simultâneamente bondoso e violento,

Os profetas interpretam as harmonias da Natureza, mas aqueles que preconizam as suas obras deturpam a verdade.

Aqueles que dão o seu contributo aos abusos da autoridade, conquistam as suas graças, mas sofrem os seus efeitos desastrosos.

A justiça da Natureza ressalta pelo automatismo, que nem sempre aproxima os factos.

Quem tudo quer, pode e manda, aufere direitos sem deveres, perante os homens, não perante a Natureza.

O tempo peneira os feitos individuais até se alcançar a purificação.

A monopolização ou o açambarcamento das riquezas materiais, são males que dão frutos ilusórios. Os verdadeiros frutos só tarde aparecem.

A tradição vicia as cátedras. As afirmações presunçosas dos catedráticos, são devoradas pelo fogo das aparências. E é isto que o vulgo não vê.

A cornucópia da abundância ilude pela aparência os ávidos de riquezas. A liberdade selecciona os melhores valores. É por ela que se manifestam as potências do Alto e os homens de boa vontade.

Os textos sagrados, à face da tradição, são incompatíveis com a prática da veneração de imagens individuais, porque o culto pertence a Deus que é universal.

As profissões improdutivas, em curso, são incompatíveis com o culto da Natureza e a defesa dos patrimónios.

Os homens e os vermes não cessam de lutar pela vida; mas os homens não raro se julgam mais do que são e por isso transgridem os seus deveres e honorificam-se com títulos que concorrem para a sua perdição.

As pompas que enleiam as personalidades pelo seu realce, são logros de quem julga saber viver.

«Não há bem que sempre dure, nem mal que se não acabe».

O espírito evidencia-se em todos os corpos, sendo disso exemplo a alma humana, o álcool e a energia atómica.

O fanatismo e a intolerância são a causa do estado miserável em que a humanidade se encontra.

Lourenço Marques, 16 de Setembro de 1955.

Acontecimentos estranhos na Casa Branca

por CHESTER S. GEIER

Algumas pessoas que viveram na Casa Branca falam de actividades fantasmáticas ocorridas nesta velha mansão histórica, residência do Presidente dos Estados Unidos.

Antes de remodelada, em 1947, a Casa Branca ameaçava ruína. Dizem que os madeiramentos, que datam de 1814, são a causa da maior parte dos fenómenos. Contudo, isso não parece explicar a experiência contada pelo antigo Presidente Harry S. Truman.

Diz o Sr. Truman que, durante a última Grande Guerra, despertou duas vezes durante a noite ao som de pancadas na porta do seu quarto. Supondo que o vinham chamar para atender o Sr. Winston Churchill ao telefone, dirigiu-se apressadamente para a porta, mas nada viu.

No seu livro intitulado Mr. President, *este estadista fala de pessoas que na Casa Branca dizem ter visto o espectro de Abraham Lincoln. «Os criados juram tê-lo visto várias vezes — diz ele — e afirmam que a Sr.ª Coolidge também o viu».*

A Sr.ª Eleanor Roosevelt, que, enquanto esteve na Casa Branca, utilizou como sala de visitas o quarto que pertencera a Abraham Lincoln, refere-se também a uma aparição. Em 1934, diz ela que uma empregada de nome Mary Eban subiu ao 2.º andar e minutos depois desceu aterrorizada, dizendo que acabara de ver Lincoln sentado na cama a calçar as botas.

Os aposentos que Lincoln utilizou na Casa Branca estão marcados com uma placa e, por isso, a Sr.ª Roosevelt pensa que as pessoas que residem muito tempo na Casa Branca têm mais consciência da presença de Lincoln do que de qualquer outro Presidente. Aquela senhora referiu também que trabalhava à secretária até altas horas da noite e sentia a presença de alguém atrás de si. Era tão forte a sensação, que a obrigava a voltar-se.

Um criado pessoal do Presidente Franklin Roosevelt conta que ficou tão assustado com a aparição de Lincoln, que saiu a correr pela porta fora, indo cair nos braços de um guarda. Conta também que, durante a segunda Guerra Mundial, a Rainha Guilhermina da Holanda ficou hospedada no quarto rosado. Uma noite, esse criado e outro estavam a servir cacharolete e a rainha deixou o Presidente Roosevelt surpreendido, quando lhe disse ter desmaiado na noite anterior ao ver um fantasma. Explicou que ouvira bater à porta e se levantara para abri-la. Vira então o Presidente Abraham Lincoln no hall *e desmaiara.*

O mesmo criado conta o caso de um bem conhecido casal que fizera as malas apressadamente e abalara da Casa Branca, afirmando que um fantasma lhe tentara deitar fogo à cama durante a noite. Narra também que uma vez ouviu uma voz vinda do tecto do quarto amarelo, a repetir: «Eu sou Burns». Ligou este nome ao de James Byrnes, então Secretário de Estado. Porém, um ano depois, leu num velho livro histórico que, cerca de 1790, o terreno onde estava edificada a Casa Branca fora doado ao Governo por um homem chamado Burns.

Katurah Brooks, que foi empregada na Casa Branca durante sete anos (1930), conta a estranha experiência que lhe sucedeu alta noite em que trabalhava no quarto rosado. Embora não houvesse qualquer pessoa no 2.º andar, ouviu renpentino e estrondoso gargalhar vindo da cama de Andrew Jackson.

O Sr. Ike Hoover, mordomo-mór da Casa Branca por mais de 40 anos, fala em suas memórias de um fantasma que assustava a família de William Howard Taft. Os empregados diziam ver quase diàriamente a figura de Abigail Adams, esposa do segundo Presidente. Sabe-se que Abigail utilizava o quarto de leste para estender a roupa da família. Os criados do Sr. Taft afirmavam tê-la visto passar através das portas fechadas daquele quarto com os braços estendidos, como se fosse pendurar roupa.

(De *Fate Magazine* traduziu Joaquim Pereira Júnior)

OS MOMENTOS

por ZALMINO ZIMMERMANN

(correspondente em Porto Alegre, Brasil)

Embora não percebamos transições de um momento para outro, a verdade é que nossos estados de alma nunca são os mesmos em dois instantes. Nossa consciência é essencialmente variável e mutável. E não andamos muito longe da exactidão, se classificarmos os nossos aspectos íntimos em três grandes momentos:

1.º — Momento humano — *Somos homens comuns. Nada mais que isso. Pensamos egoìsticamente na melhor forma de trabalhar ou negociar, com o mínimo de esforço e com o máximo de ganho. Queremos divertir-nos em prazeres fúteis e fugazes. Gostamos de elogio que adube nossa vaidade. O amor é semi-puro, tendendo mais à atracção sexual, que qualquer outra coisa... Nossa família é o centro do mundo: os nossos são sempre os melhores. Preocupamo-nos com a vida alheia mais do que o necessário; julgamo-la e difamamo-la. Queremos um pouquinho de tudo, desde que não exija sacrifício de qualquer espécie. Nós, nós, e depois ainda nós. Compreendemos mais ou menos o problema da solidariedade. Somos honestos, enquanto não aparecer oportunidade para deixarmos de o ser. Nossa consciência não tem preço, desde que não seja, talvez, muito baixo... Lembramo-nos de Deus uma vez que outra, quando precisamos de pedir alguma coisa. Achamos que tudo vai ruim: o governo, a política, o comércio, o mundo, os homens. Apenas nós é que vamos bem, porque somos os melhores e, se houver a separação final «do joio e do trigo», indubitàvelmente seremos a parte do «trigo», pois que toda a gente é culpada, com excepção de nós. Isso é o «homem-homem».*

2.º — Momento animal — *Vivemo-lo bem mais seguido que imaginamos, quando se desequilibra o nosso campo emocional e «explodimos» por qualquer coisa que venha ferir o nosso amor-próprio. Somos, então, a revivência das eras primevas em que só o instinto brutal predomina e, às vezes, somos menos, ainda, que os nossos irmãos irracionais. Os nossos prazeres são produto de tudo que é inferior e mau. Somos apenas machos e fêmeas, menos que homens e mulheres... O Eu sobressai e a Consciência choral Ou tudo ou nada. Não importa a dor alheia, se conseguimos o nosso objectivo. Empana-se o respeito humano e a honestidade e o cuidado pelas instituições morais e sociais, pois que o «bruto» se levanta, vencendo, momentâneamente, a barreira consciencial. O mundo chora, então, e o Cristo é crucificado em dor imensa, na antevisão do sofrimento que nos aguarda na tarefa de reequilíbrio, pois que esse momento, de «homem-animal», do «homem-fera» é ainda o resquício de doença espiritual que trazemos de longa data...*

3.º — Momento divino — *No futuro — e que maravilhosa tela nos mostra Ubaldi!... — o homem viverá respirando só esse momento, digno do «homem-génio» e da «mulher-anjo». Actualmente já vibramos seguidamente nessa gama de espiritualidade, embora alternadamente com os momentos humano e animal. Então, sentimo-nos, legìtimamente, partes integrantes de toda a Criação. Deus está em nós e nós estamos em Deus. Todos são nossos irmãos e nós somos irmãos de todos. Sentimo-nos transportados às altitudes cristicas onde tudo é harmonia, paz e compreensão e procuramos ouvir o íntimo pulsar das almas irmãs, temos ímpetos de entendê-las, auxiliá-las, erguê-las, amá-las... Esquecemos, por instantes, que ainda temos os pés no lodo e queremos logo alcançar as estrelas. Oramos e renunciamos. A fraternidade caridosa é o nosso meio e Deus é o nosso fim. A nossa consciência ri. Somos felizes e também mais conscientes os nossos projectos do futuro «homem-deus»...*

Assim vivemos. Minutos humanos, segundos animalescos e pausas divinas.

ECOS DE U

Por ISIDORO D

X

A CAMINHO

Quando escrevemos sobre a Barra do Paraí aludimos a Vítor Magaldi, nome bem conhecido no sector espirita do Estado do Rio e de Minas Gerais e que nos serviu de cicerone e braço amigo em vários lances, muito grandes para um homem só. Não apareceu lá como Pilatos no «Credo», mas subordinado a imperativos de consciência, a vozes que o concitavam a sair de casa para acolitar alguém que necessitaria da sua presença. E veio. Quem anda pelo mundo é de vez em quando surpreendido por episódios agradáveis. Nem sempre o «diabo está atrás da porta», como diz o povo. As almas caridosas fê-las Deus para amenizar agruras e aliviar os tristes que sentem fechar à volta os horizontes da esperança. É certo que os nossos não se fecharam. Havia qualquer coisa que escapava à percepção de alguns, mas que outros sentiam perfeitamente. Não há qualificativos breves para estados de alma, nem a síntese abrange alguns continentes do mundo interior.

Por isso dizemos que o Magaldi devia ter sido guiado com fundamento lógico.

Nesse dia andáramos por montes e vales em busca de emoções. Já contámos algumas e outras virão a seu tempo, quando for oportuno. O desvio do rio Piraí através de elevada montanha é, sem dúvida, proeza de nomear. À Light se deve o empreendimento, que monta a duzentos milhões de dólares, perto de seis milhões de contos em nossa moeda.

A hulha branca não resiste à mão do homem. E assim se erguem padrões que justificam o progresso no rumo da felicidade colectiva...

Vimos também a fábrica de papel que os ingleses construiram à beira do rio e os blocos residenciais destinados aos operários. E não enganamos, se dissermos que ficámos impressionadíssimo.

Era hora da ceia. O sol escondera-se e os arrebóis do poente mal se lobrigavam por entre a neblina. Foi quando o amigo Gonçalves nos convidou para o habitual café, que seu lar ficava perto. E fomos. E, como em toda a parte, lá estava o sangue português a vibrar. O sangue e a alma lusíada a evocar o arrojo de bandeirantes e missionários...

Foram momentos felizes, sim, que longe da pátria sente-se mais orgulho de ser português. Até as lágrimas zombam da nossa rudeza. Um pequenino rincão a dar exemplos de civismo, a talhar impérios que o génio transcende, a desbravar charnecas, a erguer monólitos como pedras brancas de jornada, e nós a vermos, egrégia e palpitante, a sua obra de séculos em afirmações palpáveis e imorredoiras... É coisa mais de sentir, que de contar.

Na casa do Gonçalves não estavam restos da Lusitânia. Estava a continuação de uma epopeia, levada de pais a filhos, no temperamento, no sorriso, no olhar. Um deles era homem culto:

— Se puder, irei um dia a Portugal...

A nostalgia da raça a emergir desta frase natural, como nas violas de Alcácer! Nós também dizemos, parafraseando o moço da Barra:

— Se pudermos, voltaremos ainda ao Brasil...

Em seus rios, em seus montes, em seus vergéis irradiam pensamentos de amor e volutas de saudade. Captá-los é traduzi-los na língua máter, é dar-lhes tonalidade, elegância e donaire.

★

No outro dia — 17 de Maio — seguimos para Resende em companhia do Magaldi e do Vicente. Por um triz não abalámos sòzinho. Um percalço fortuito esteve quase a pôr o Magaldi fora de acção. Ainda chegámos ao cais de embarque na perspectiva de viajante solitário. Claro, que não tínhamos receio. A maratona da Barra à procura do Las-

MA VIAGEM

ARTE SANTOS

II

DE RESENDE

neau dera-nos ensanchas, pusera à prova a nossa têmpera de pesquisador do sertão. Assim, após um café no botequim próximo, tudo se resolveu como convinha. O trem — ou comboio, como quiserem — pôs-se em marcha para Resende, ao longo do Paraíba, em zona ubérrima de antigos cafezais, coberta de capim. Eram 8 horas da manhã e o sol brilhava, não «entre as trevas de um claro dia», mas em céu de anil diáfano, inspirador de poetas e até de minguados prosadores. O compartimento não deixava de ser confortável, ao menos para nós, habituados a tudo, desde os calcantes aos «convairs» da «Cruzeiro do Sul».

Nesta pequena viagem pensámos e repensámos nas coisas do mundo e nos desígnios de Deus. O que mais apreciámos não sabemos. O Vale do Paraíba estendia-se a perder de vista. Grandes renques de eucaliptos acompanhavam a placidez do rio, de caudal sereno, a serpentear por lezírias verdejantes recamadas de gramíneas. Ribeiros e ribeiros iam lançando o conteúdo na torrente comum, que se opulentava em majestade e formosura. Por estas paragens é que os antigos paulistas se infiltraram na mira de fundar cidades e aldeias para exploração do ouro, levando o bem-estar ao Brasil. Eram os chamados «bandeirantes», homens voluntariosos e aguerridos, acostumados ao lance e à surpresa, ao serviço da cruz e da espada. Juiz de Fora, a Manchester mineira, foi um desses poisos marcados de sangue português...

Magaldi é catedrático de Farmácia nesta última cidade e reside em Volta Redonda, empório do aço, ninho de águias da Companhia Siderúrgica Nacional. Conhece os rios e as serras, traduz-nos em vernáculo os nomes latinos da flora que surge, cada vez mais exuberante, e nós sentimo-nos atraído para ele, para a sua conversa agradabilíssima, para o seu trato obsequiador. Homem cultíssimo, homem modesto, homem serviçal, parecia-nos amigo velho, de uma infância que vivêramos sabe Deus onde. Ampliava nossos méritos e fechava os olhos à nossa inferioridade. Via-nos através do seu amor a Portugal, amor tão grande, tão sincero, tão arraigado, que por vezes nos julgámos em Lisboa, assistindo aos acontecimentos da vida diária, da vida banal, como se pertencêssemos à mesma tertúlia do Chiado.

De vez em quando relanceávamos a vista pela janela. O comboio avançava na planura e gigantescos bambus de tom verde-negro variavam o matiz da paisagem.

Ao longe, o colosso das Agulhas Negras erguia as lanças de granito para céu nevoento. Nós íamos subindo. Sentíamo-lo na temperatura ambiente.

Magaldi, o Aleixo Vítor Magaldi, contava episódios da sua via crucis, imprimindo o maior realismo à expressão. Foi um lutador cheio de coragem e venceu, apesar dos abrolhos que lhe deixaram os pés exangues. O esforço hercúleo é que o fez modesto, é que o ensinou a estudar os outros e a esquecer-se de si próprio. Teve competições difíceis, emergências que o provaram duramente. E se o não cobriram de glória, também o não mancharam de vitupério.

Falou no concurso que o guindou ao magistério e na tese que defendeu perante um juri exigente, cuja arguição o levara a extrema energia. Mas atingiu o alvo e pôde instalar-se no seu reduto, sem desalojar ninguém, servindo a humanidade e a ciência e argamassando um cabouco espiritual que é toda a sua vida.

Magaldi pertence à categoria dos valores morais que a sociedade aclama. Onde quer que se encontre, honra a comunidade. A sua palavra é sempre bondosa e fraterna. Extremamente sensível, confunde o sorriso e a lágrima na mesma vibração de amor ao semelhante.

As horas de prazer galgam a «barreira do som», como sói dizer-se. Mal chegamos a avaliá-las, tão precàriamente se esboçam em

nosso coração. A bem dizer, não demos pelos minutos decorridos até ao termo da viagem. Eram 10.40, a 400 metros de altitude.

— Estação das Agulhas Negras! — diz o Magaldi.

Lá estava, com todas as letras. A serra, essa ficava longe, com suas cristas ponteagudas, agora mais altas, por estarmos a menor distância...

★

Como ninguém nos aguardasse, dirigimo-nos ao chefe da estação. Logo se deu o caso de ser espirita. Já de certa idade, inteligente e vivo, ficou à nossa disposição, tentando comunicar telefònicamente com o confrade Alexandre Pustilnik, de Resende, que distava dali uns bons quilómetros. Pouco depois estava um automóvel à nossa espera.

Junto do Magaldi enfrentávamos o céu e a terra. Ele conhecia o mundo que se apresentava à nossa contemplação; conhecia o povo que arroteava os campos, que dominava os transportes; sabia, finalmente, que um ideal humano fazia milagres de amor, estabelecendo ligações para os séculos. Sabia tudo isto o bom do Magaldi, e portanto confiava sempre num poder mais alto e mais forte.

Resende ficava além... A roda galgaria o espaço em poucos minutos. E fomos apreciando os campos, depois de agradecimentos sinceros à providência do chefe, tão urbano, tão amistoso, que por ele julgámos o Pustilnik, grande amigo de Leopoldo Machado na bela cidade ribeirinha.

As agulhas negras da serra tornavam-se mais negras à medida que o sol brilhava. A névoa dissipara-se e as silhuetas pétreas semelhavam foguetões verticalmente erguidos, esperando a impulsão. Era lindo de ver o cenário, fora do alcance do homem, que só com os olhos podia abarcá-lo. Aquelas setas, em maciço ininterrupto, desafiavam escaladores e alpinistas. Eram barreira e magnete, talvez um marco, talvez um símbolo. Desafiavam o engenho de muitos que não passam da crosta, mas que se alcandoram em tronos frágeis. Eram símbolo de erecção, cujo fundamento se ignora onde começa e acaba. Oh! quantos exemplos destes a natureza nos oferece! Nela podemos, e devemos estudar com mira de aprender.

O Magaldi ia do lado da serra. Encolhido em sua modéstia, como estudante de primeiras letras, a bóina de neófito enfiada no coruto, fazia lembrar o poverello de Assis em luta com o Eu. Suas vibrações visuais varriam a campina imensa. Que pensaria ele da Terra e dos homens? De vez em vez, entreabria os lábios em esboço de admiração. Deve ter meditado nos contrastes da vida, nas grandezas e misérias da luta diária pelo mando, na conquista de um lugar ao sol. Isto ou coisa semelhante. E também na fragilidade e comodidade de um bom automóvel. Sempre medalha e reverso... Quanto tempo levaríamos, a pé, da estação a Resende? E quantas sensações acusaria o espírito, nessa caminhada lenta, em contacto com o terreno e com o sol?...

★

A cidade atrai o viandante. A dominar os telhados, vê-se a igreja matriz, junto ao Paraíba sonhador, que vai correndo e gemendo, na fertilização da terra. Largos, arruamentos, arborização urbana, tudo lembra Portugal. Sobre os campanários, duas torres piramidais em cujo vértice se ergue a cruz. Velhas palmeiras caracterizam o aglomerado. De longe, parecem mais altas do que o casario mais alto. As águas reflectem a sombra das palmáceas em ondulações nervosas de encantamento. Os bandeirantes, no fundo, eram homens de armas; os colonizadores eram mais do que isso: sonhavam e construíam, com sentido humano, para bem-estar do braço que amanhava o brejo. E assim se estabeleceram em vales e em píncaros, à margem de lençóis aquáticos ou junto ao marulhar de cachoeiras.

O automóvel beija a calçada velha, vira aqui e ali, afrouxa o motor, desliza e pára em frente de um solar rodeado de plantas viridentes.

À entrada, um pátio acolhedor que trepadeiras engrinaldam. Franqueamos os degraus dessa vivenda, onde almas progressivas se alteam. D. Maria Pustilnik é a rainha da mansão. O Leopoldo falara-lhes de nossos projectos em terras do Brasil e eles aguardavam o acontecimento cheios de curiosidade.

Senhora de formosa cultura a serviço do ideal, tem desenvolvido actividade em nosso sector, ao lado de seu marido, romeno de origem e brasileiro de coração. Este chegou depois, enquanto os três cavaqueávamos em poltronas leves, à moda tropical. D. Maria era amiga dos portugueses e conhecia os nossos escritores.

Em seguida chegou o Alexandre.

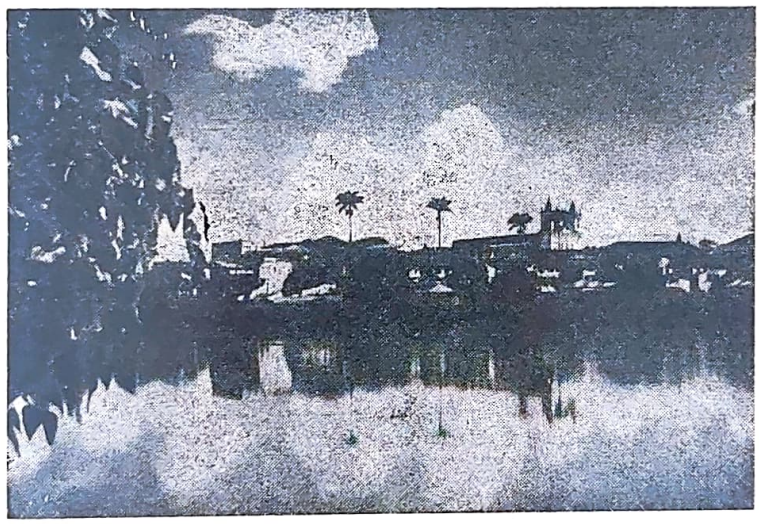
Sempre tivemos simpatia pela Roménia, submetida a domínio estranho, com suas li-

berdades amortecidas. É um grande povo latino, cheio de tradição, música harmoniosa e literatura que se entende e aprecia. Nós, pelo menos, compreendemos-lhe os anseios.

Alexandre Pustilnik é um homem simpático, aberto às iniciativas, empreendedor e dinâmico. Antes de se instalar em Resende, andou de terra em terra, comeu pão que o diabo amassou. Às vezes, curvado na marcha, parecia sossobrar ao peso do madeiro. Mas logo reagia, que o romeno é semelhante ao português. E os passos tornaram-se mais firmes, mais largos e regulares, e a vontade estrangulou o escalracho que se opunha ao triunfo. Hoje é um ser que o ideal humanizou. O Espiritismo tem nele um grande mensageiro. Não é simples pregador, porque exemplifica desde o princípio. Seus operários estão satisfeitos, porque o trabalho é remunerado e distribuído com equidade.

★

O almoço decorreu familiar e alegre. D. Maria prepara-nos sopa magnífica, que repetimos à vontade, pouco tocando nos pratos subsequentes.



Um trecho de Resende, junto ao rio

Falámos de Portugal, da Roménia, do Brasil; falámos da colonização, dos antigos desbravadores, dos aborígenes que lhes sucederam, da raça nova que se foi plasmando em cruzamentos promissórios; falámos da doutrina espírita, glorificada e restaurada, a percorrer o país como rastilho de luz; falámos de seus arautos, de seus apóstolos, que tudo sacrificaram para dar à Causa maior prestígio e consideração mais alta... E a propósito... ligámos para Nova-Iguaçú. Queríamos ouvir o Leopoldo, que estava na base de nosso empreendimento.

Ao cabo de alguns minutos o telefone retiniu e do outro lado uma voz ecoou, como se viesse do fim do mundo...

— Está lá?... Está?... De onde fala?...

— De Resende... Isidoro... Casa do Pustilnik...

— Ah! Muito bem... Aqui... Leopoldo... Acabo de receber telegrama do Lino, de São Paulo...

— Quê? Não ouço bem...

— Do Lino de S. Paulo e de Belo Horizonte...

— Está bem...

— ... onde se está vibrando...

— Sim...

— ... pela sua chegada!...

— Compreendo... e agradeço...

O Leopoldo pergunta. Tem curiosidade de saber como vão decorrendo as coisas.

— Sim... Tudo vai bem... Na Barra do Piraí é que foi pior...

— Foi melhor?...

— Não... Foi pior... pior... pior... O Lasneau não estava...

— Ah! Não estava...

— Não... E o Paulo também não estava...

— Então não estava ninguém...

— Na estação não estava... Mas estava o Ferreira... em casa dele...

— O Ferreira...

— Sim... Quem tem boca vai a Roma... Por fim, tudo se arranjou... Sabe quem está aqui?...

— Não sei...

— É o Magaldi... o grande Magaldi... o grande Cireneu...

— Um grande companheiro...

— Sim... Você é que o inventou para mim... Estamos a almoçar...

— Bom proveito...

— Você não pode comer... é melhor jejuar... O seu nome tem feitiço... Alarga os caminhos e abre a porta a quem bate...

— Não... não... Você é que está colhendo o que semeou... Deve-o ao seu trabalho...

— Adeus... Escreverei brevemente...

— Um abraço aos convivas do almoço...

Retomámos o lugar à mesa e a conversa continuou sobre o gigante de Nova-Iguaçú.

a quem prestámos homenagem. Se ele ali estivesse! Se lhe fosse permitido acompanhar-nos! O seu nome corre o Brasil de lés-a-lés. Um cartaz de fogo em noite sem estrelas. Todos o admiram e estimam. Todos o respeitam. Só os adversários o temem. Corajoso e generoso, memória excelente, palavra fácil, conhecimento, erudição, estoicismo, Leopoldo Machado é um caso único no movimento espirita de além-Atlântico. Na saúde e na doença, na vitória ou na derrota, aparece talhado de uma só peça. Dizem alguns que é brusco e violento. É quando está em jogo o ideal que o anima. Mas tem espírito de justiça e ombridade. Já o vimos denunciar atitudes antigas que repele totalmente. Deixou a polémica jornalística e a discussão verbal em público, de que resultaram alguns livros bons: «Doutrina Inglória», «Pigmeus Contra Gigantes», «Sensacional Polémica», «Cientismo e Espiritismo»... O cansaço vergou-lhe o físico e o moral reagiu, como era de esperar.

Magaldi e Pustilnik contaram episódios do polemista. Alguns já os conhecíamos. Há quase 30 anos que nos correspondemos com o seu autor... Há mais de 35 que lhe seguimos as pegadas em terras de Santa Cruz... Mas gostámos de ouvi-los de novo. De resto, Leopoldo Machado faz auto-biografia em muitos dos seus artigos. Agora está ele publicando numa revista as «Memórias de um Espirita Baiano», que lemos com sumo prazer, e nas quais confessa o que muitos ocultariam toda a vida. Não se envergonha da paternidade, nem da infância angustiante e laboriosa. Nem dos sete ofícios que aprendeu e do pão negro que tragou. Tudo lá está impresso com verdade, sem rebuço, para que avaliem como chegou ao que é.

A vida dos triunfadores nem todos a compreendem. Uns lhe chamam sorte e outros tranquibérnia, mas no cerne da questão o génio faz ninho de águia. Trabalho, perseverança e vontade são os móveis da vitória. Fixar o alvo, eis o primeiro passo e o segundo e o terceiro. Os pensamentos, quaisquer que sejam, devem convergir para o mesmo ponto. Pensar na coisa é envolvê-la, é atraí-la, é quase realizá-la. E quantos sabem disto? Quantos, sabendo, têm forças para alcançá-lo? Então, não digam que a vida daqueles é sorte e tranquibérnia...

«Trabalha, e o céu te ajudará». Foi o que fizeram. O céu ajudou-os, porque eram fortes, porque eram porfiosos, porque eram esforçados. Tinham ideias e sabiam materializá-las. Nada mais. O povoléu, esse fica embasbacado, a olhar, como se descobrisse um novo planeta.

O Leopoldo devia ter a orelha quente em Nova-Iguaçú. Quatro estômagos aconchegados e uma só vítima distante... Era para que soubesse o que passámos na Barra... à procura do Lasneau...

★

O repasto e a convivência, após a viagem do trem; o desejo de visitar a Academia Militar das Agulhas Negras, onde o Espiritismo tem um núcleo operoso; a impressão agradável do casal Pustilnik, em cujo tabernáculo havíamos aurido a melhor seiva — tudo isto concitava à meditação em repouso absoluto e posição horizontal. Assim fizemos. O objectivo passou a subjectivo, e, em vez da quietude, o espírito entrou a desfilar em corrida galopante. Era o visto e o não visto, o tempo gasto e o futuro a viver. Eram dois mundos geográficos separados pela salsugem que leva semanas a transpor. Era a lembrança de momentos psicológicos num rodopiar sem fim... Era a família ao longe, muito longe e muito perto... E, para lá e para cá, a ideia volteava, como lançadeira em giro permanente.

O que pensámos antes de adormecer, pobre de nós, que o não podemos contar. Toda a luta humana se concentrou num pensamento: desejo, aspiração, culto do belo, conquista da verdade. E acima e abaixo destas coisas, o marulhar de paixões em fúria. A vida era em toda a parte o mesmo torneio difícil, por vezes hediondo, por vezes sarcástico...

Abrimos os olhos, tornámos a fechá-los... e a mesma lançadeira girava sem descanso, num sentido e noutro, varando continentes, subindo e descendo, tocando os corpos, bafejando as almas. Mas o físico teve o seu quinhão. A cura de relaxamento é útil e necessária, muito necessária, especialmente aos pensadores. O vulgo ignora. É mais difícil manejar a pena do que a enxada. A primeira, mesmo à sombra, estiola; a segunda, mesmo ao sol, estimula e abre o apetite.

No seu exílio de Doorn, o último kaiser alemão rachava lenha para entreter os ócios. Assim, o tempo corria melhor. É que o trabalho manual é salubérrimo. E basta mudar de lida para aliviar alguns centros nervosos.

Muitas vezes fizemos esta cura no Brasil, após emoções fortes, que foram numerosas e produziam efeitos terríveis no organismo. Depois vinha a calma. O coração voltava ao seu

ritmo normal. Mas, primeiro que sossegasse, levava seu tempo. Chegámos a ter medo da viagem, da sua parte sentimental, a mais bela e mais difícil de todas, por conter em si as teclas sensíveis por excelência. A maioria dos homens não vibram, têm pouca elasticidade. É preciso que a tormenta seja grande para que sintam alguma coisa. Outros, porém, ainda ela vem longe, já lhe sofrem os estragos. Nós pertencemos aos últimos. Qualquer atitude, qualquer rasgo, qualquer temeridade nos agitam fortemente. Um homem em corpo de criança.

E agora perguntamos: que seria do mundo, se assim não fosse, isto é, se não houvesse corações sensíveis, devotados ao próximo, verdadeiros reflectores de almas? Chamem-lhe infantilidade, chamem-lhe pieguice, chamem-lhe o que quiserem. O abalo moral pode ser imperfeição, como já lemos algures. Aqueles, todavia, que aceitam com a mesma fleuma o bem e o mal, que recebem indiferentemente um vitupério e uma prova de amor, mais imperfeitos serão ainda. Não chegam a reagir ao sentimento. São como certas máquinas eléctricas sem magnetismo residual...

Avenida Albino de Almeida, em Resende

★

Quando nos erguemos, o Magaldi já estava a pé, optimista, sorriso jovial a emoldurar-lhe o rosto moreno. Só então nos lembrámos da Academia Militar das Agulhas Negras. Era a visita da tarde, a grande visita que não poderia faltar em nosso programa. O Leopoldo frisara a tempo:

— Olhe a Academia Militar... Não deixe de lá ir... Colherá grandes ensinamentos e grandes impressões.

O sorriso do Magaldi era mais do que sorriso. Era despertador de imagens. Queríamos dormir pouco («Quem dorme, dorme-lhe a fazenda»). E quanto mais dormissemos naquela tarde, menos observações colheríamos nos salões da Academia.

O mental abalou o físico e este aprontou-se para as horas solenes. Assumiu atitude enérgica, na posição de sentido, como fazia nos bons tempos, e dispôs-se à digressão, cheia de imprevisto. O coronel O'Reilly estava lá... Era um bom amigo, um confrade valente e seguro, a quem nos tinham recomendado. E atrás dele, quantos haveria?... Seriam dezenas, seriam centenas? Brevemente o saberíamos.

O Magaldi estava no segredo dos deuses. Queria que vissemos de chofre, que sentíssemos de chofre, para notar o efeito. Se fôramos entregue em suas mãos experientes, se nele depositáramos confiança, que se cumprissem os fados, que viesse a ordem de marchar...

As agulhas negras da Serra eram mais negras do que dantes e o sol reverberava no conjunto harmónico da natureza. Aquele Maio outoniço correspondia a certos verões de Portugal. As estradas poeirentas suplicavam chuva que não vinha e os termómetros subiam e desciam, em verdadeira dança do tempo. O clima tropical tem enigmas que o europeu desconhece.

É preciso sentir a canícula implacável a vergastar e desgastar para compreender a rudeza da vida nessas regiões cheias de atracção e mistério, onde o trabalho é mais difícil e o amor é mais ardente... Assim mesmo, o solo perpetuará a marca lusitana que nos encheu de bendito orgulho.

Nisto, um businar de automóvel chama alguém à porta do edifício. Era o confrade Mendes dos Santos que chegara para nos conduzir à Academia Militar das Agulhas Negras... Até que enfim! Abria-se para nós a caixa de surpresas...

Cruzada dos Militares Espiritas

Nunca é demais encarecer o inestimável serviço que a Cruzada dos Militares Espiritas está prestando ao Espiritismo no Brasil. Os seus núcleos encontram-se espalhados pelas forças armadas, de norte a sul da grande nação irmã, e são outros tantos focos de irradiação magnífica a clarinar os postulados da Doutrina.

Tivemos ensejo de verificar até que ponto o empreendimento interessou as massas populares em progressão contínua, através das hierarquias sociais, mentais e espirituais. E por isso germinou em nós a ideia de pôr Estudos Psíquicos em ligação com esse movimento. A simpatia e a amizade do Marechal Mário Travassos foi o traço-de-união fraterno que nos aproximou da Cruzada, em que trabalha como elemento superior. Não podemos esquecer jamais a fidalga gentileza com que fomos recebidos em seu lar e a demorada e animada conversa que esmaltou o nosso encontro desse dia na cidade maravilhosa, em presença de sua esposa, senhora distinta, cativante, cheia de elegância moral. Teremos de voltar ao assunto, quando, em nossas crónicas, contarmos as impressões fortes que sentimos ao auscultar a orientação e finalidade destes arautos de nova estirpe que estão fazendo a volta do Brasil, olhos ao alto e bandeira desfraldada, com o pensamento na cristianização do mundo.

À nossa sugestão respondeu o General Duque Estrada com a seguinte carta:

Meu caro confrade Isidoro Duarte Santos

Tendo bem viva em nossa memória a recordação dos agradáveis momentos em que desfrutámos vosso convívio, recebemos vossa carta colocando à disposição da Cruzada dos Militares Espiritas a revista Estudos Psíquicos, de Lisboa, para publicarmos artigos sobre a causa espirita e de autoria dos nossos Cruzados.

Sentimo-nos profundamente honrados e julgamos poder compreender o gesto do nosso confrade, que procura, assim, estreitar cada vez mais os indissolúveis laços que nos prendem, como cidadãos e como espiritas.

Procuraremos, dentro de nossas humildes possibilidades, ficar à altura do delicado convite e corresponder à vossa expectativa.

A vossa sugestão de que o nosso caro Cruzado Marechal Mário Travassos ficasse como redactor veio ao encontro da vontade da nossa Directoria. Será o nosso representante junto à vossa revista e cremos que não podia ser melhor a escolha.

Aqui continuaremos o modesto mas perseverante trabalho de difusão dos ensinamentos da Doutrina codificada por Allan Kardec, recebendo sempre carinhosamente aqueles que, pelo convívio e pelas sugestões, vêm auxiliar-nos, amparando e confortando, moral e espiritualmente.

Seja feita a vontade de Deus.

Queira dispor de nossos préstimos aqui no Rio ou onde se tornar necessário e aceite os fraternais abraços que enviam os irmãos da Directoria.

Rio de Janeiro, 15-3-956.

A. Duque-Estrada

Por seu turno, o Marechal Mário Travassos endereçou-nos carta amabilíssima, na qual demonstra seu desejo intenso de propagar o ideal espirita de harmonia com a nossa sugestão. Está pronto a agir, como convenha a Estudos Psíquicos, e nesse sentido nos enviou o discurso que proferiu na solenidade comemorativa da terminação do curso dos Cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras, que nesse momento davam ingresso no oficialato. É uma peça oratória de cunho elevado, digna de quem a articulou e de quem a ouviu e que poderá ser lida e apreciada na página seguinte.

As forças armadas brasileiras desempenham missões de ordem e soberania, mas distinguem-se pelo cunho espiritualista. Os seus componentes espiritas, que são aos milhares, integraram-se de tal modo na ideia da Cruzada, que os Núcleos proliferam quase em progressão geométrica. Assim, brevemente, a codificação kardeciana terá representantes em todos os Estados do interior, no seio das autoridades militares, que constituem o maior esteio do Brasil.

Este esforço gigantesco deve-se em grande parte a uma plêiade de soldados do Cristo que ao Exército, à Marinha e à Aeronáutica levaram a verdade espirita em divulgação feliz, prestes multiplicando o número e alargando o entusiasmo a outros departamentos da vida nacional.

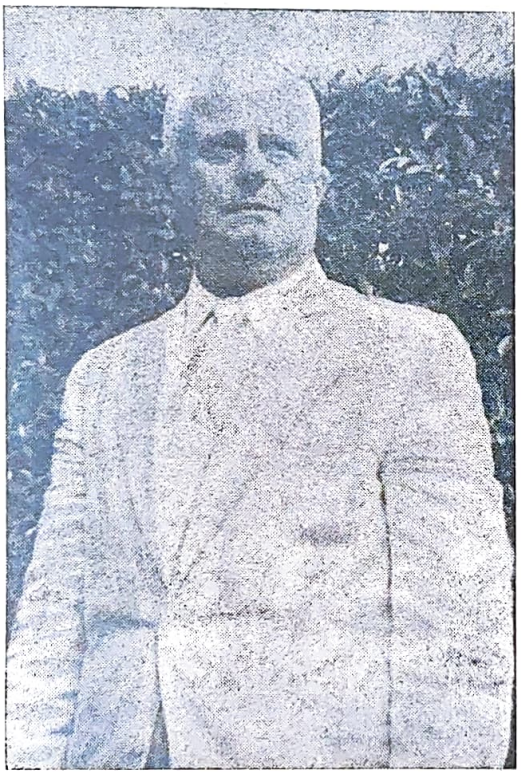
Mais um passo no caminho da fraternidade espirita luso-brasileira. Que ela se mantenha cada vez mais firme e mais estreita são os nossos votos de hoje e de sempre.

Aos Aspirantes a Oficial Espiritas da Turma Avaí (1956)

Saudação aos novos Aspirantes a Oficial Espiritas, iniciados no Núcleo da Academia Militar de Agulhas Negras, proferida pelo nosso redactor-correspondente e Cruzado Marechal Mário Travassos na Festa Gratulatória realizada a 8 de Janeiro p. p., na Sala de Conferências do AMPARO TEREZA CRISTINA, em nome da Cruzada dos Militares Espiritas.

É sempre muito grato ao meu espírito entrar em contacto com jovens camaradas, especialmente se apenas egressos da formosa crisálida de Agulhas Negras.

Nesse instante, porém, meu espírito está duplamente em festa, porque os jovens Aspirantes aos quais dirigirei a fraterna saudação da Cruzada dos Militares Espiritas entram nas lides da Carreira das Armas tocados pelas claridades da Terceira Revelação, pelo Espírito de Verdade prometido por Jesus, pela Consoladora Doutrina dos Espíritos, codificada por Allan Kardec, numa só palavra, pelo ESPIRITISMO.



Marechal Mário Travassos

Nesse estado de euforia espiritual, esquecido de minhas imperfeições, vos saúdo, jovens Oficiais-Espiritas, em nome da Cruzada, que mais uma vez se alegra com o testemunho público de Fé Espirita de jovens confrades recém-saídos da Academia Militar de Agulhas Negras.

E assim vos saúdam os Cruzados, muitos dos quais encanecidos no Serviço das Armas, em razão da simples mas esplêndida certeza de que, longe de amortecer vossos impulsos profissionais, vossos zelos pela disciplina militar e, de modo geral, a consciência de vossas responsabilidades funcionais, a Doutrina Espirita vos facilitará a plena satisfação desses atributos do verdadeiro oficial, porque dar-vos-á não só o sentimento dos problemas humanos, mas, ainda, a compreensão deles, à base da mais geral das leis, no mundo físico, moral e espiritual, que é a lei de *causa e efeito*.

Convenhamos que não foi por acaso que escolhestes a Carreira das Armas, nem será por acaso que tereis determinados chefes e subordinados e muito menos por acaso será que vos encontrareis com uns e com outros em determinadas circunstâncias produtivas ou improdutivas, fáceis ou difíceis, alegres ou tristes, brilhantes ou não.

O que vos levará à compreensão dos factos urdidos pela vida de relação circunscrita à actividade militar há-de ser, como se verifica em qualquer outro sector da vida terrena, o conhecimento da reencarnação como instrumento da evolução espiritual, o acervo cada dia maior de vossas experiências espiríticas, a certeza de que o acaso realmente não existe. Através desses filtros é que se processará, aos poucos mas seguramente, a dedução do papel que cada um de vós e dos outros, que estejam acima, abaixo ou no mesmo nível que vós, deve representar no complexo de vossa actual encarnação, já de si mesma difícil por se passar no palco quase sempre áspero em que se desenvolvem as cenas da vida militar, por vezes rudes ou brutais.

No quadro reencarnacional que vos coube, como à maioria dos Cruzados que perlustram ou perlustraram a Carreira das Armas, na paz e na guerra, e mais do que em qualquer outro quadro reencarnacional, a dedução do papel de cada um deve resultar da apreciação dos factos à luz dos Evangelhos, reactivada pelo Espírito de Verdade, o Espírito Santo, cujos ensinamentos se encontram no Pentateuco Kardecista, todos os dias e em todos os lugares reiteradamente confirmados até pela renovação dos conceitos, à medida que merecemos se descesse o velário da Verdade, como acontece à obra magnífica de Emma-

nuel e André Luiz, transmitida por Chico Xavier.

Ainda desse ângulo evangélico, deve-se reconhecer não há incompatibilidades entre a Espada e a Cruz, do mesmo modo que entre a Pena e a Espada. Antes de qualquer outra consideração devemos lembrar que o Regulamento Interno e dos Serviços Gerais que, por sua feição basilar, tomou o n.º 1, na longa série de regulamentos que regem as actividades militares, apresenta seus dispositivos, no que tange à educação moral militar, verdadeiramente vasados nos princípios cristãos. O espírito de renúncia e de sacrifício, o culto do sentimento de justiça, o respeito aos superiores e o trato afectuoso aos subordinados; as expressões educacionais de honestidade, de tolerância, de bondade, de solidariedade humana; os estímulos ao cumprimento do dever para com a colectividade militar e nacional e ao respeito aos códigos internacionais, como os que plasmam a Cruz Vermelha, os direitos dos neutros e dos prisioneiros, comprovam de sobejo o fundo evangélico da educação moral militar.

Nessa mesma ordem de ideias, podem ainda ser ressaltadas, dentre outras considerações, as que se prendem ao carácter sacerdotal da função militar, por isso que as *forças morais,* sem as quais deixam de existir as instituições militares, promanam do teor moral dos que estão sob bandeira, em particular daqueles que exercem funções de mando, pelo que a intangibilidade das forças morais repele o «faça o que eu digo e não o que eu faço», requere a prática das virtudes ensinadas ou prescritas. O chefe militar que não é exemplo das virtudes militares essenciais que podem ser traduzidas em atitudes cristãs, não é digno de exercer as funções de Comando que lhes toquem, por mais modestas que sejam.

Acima de qualquer outra consideração, porém, temos o exemplo de Caxias, genial na concepção e execução da batalha como Generalíssimo; humano com o inimigo, para ele convencional, e com os vencidos, em sua qualidade de combatente, soube também agazalhar os mais nobres ideais de pacificação e de poupar sacrifícios inúteis a seus semelhantes, em gloriosas atitudes de cidadão-soldado, como tantas vezes demonstrou, o que, em verdade, o qualificou de Patrono do Exército Nacional e da Academia Militar de Agulhas Negras, aonde se forjam os Chefes de amanhã.

Quem mais rigoroso consigo mesmo no cumprimento do dever, na prática diurna das virtudes do cidadão-soldado e do soldado-cristão, quem, por isso mesmo, melhor do que Caxias revelou-se o elo humano entre a Espada e a Cruz?

Bem sabemos, prezados e jovens camaradas, até por experiência própria, que não é fácil essa mediação entre o temporal e o espiritual, notadamente diante da aparente irredutibilidade das coisas militares, ao que se rendem os noviços na fé cristã, apesar de todos os vínculos entre o dever militar e o dever cristão, pelo menos no que ambos têm de comum na essência divina de seu testemunho.

Mas, em que pesem os percalços, faz-se necessário que os militares espiritas se tornem capazes de permanentes e cada vez mais profundos esforços no sentido de se manterem a cavaleiro do famoso divisor de águas entre o que é de Deus e o que é de César, sempre prontos a dar testemunho de sua fé em Deus, como soube fazê-lo o Capitão Maurício, Patrono e Guia da Cruzada dos Militares Espiritas, com sua coorte de soldados-cristãos, no momento e no lugar exacto em que lhes foi exigido o testemunho do sacrifício.

«Orai e vigiai», eis a bússola que deve orientar a travessia do grande divisor, especialmente para aqueles que podem ofuscar-se com o brilho ocasional da Espada, no momento justo em que melhor fora deixar-se envolver pelos suaves reflexos que emanam da Cruz.

Nesse instante em que vos consagrais Oficiais-Espiritas, guardai, silenciosa e profundamente, a lembrança de que não foi por acaso que escolhestes para a presente encarnação a Carreira das Armas, nem terá sido por acaso que escolhestes o Exército de Caxias para a prestação do serviço e muito menos por acaso vos terá sido dado fazê-lo em plena consciência do Espiritismo, sob o signo do Espírito de Verdade, prometido por Jesus.

Se não foi por acaso que se revelaram essas três componentes de tão grata conjuntura encarnacional, porque teria sido então?

«Muito será pedido a quem muito foi dado». Que Deus, em sua infinita sabedoria, vos ajude a encontrar, no mais íntimo recesso de vós mesmos, lá onde também encontrareis o Cristo-Jesus, a resposta, o verdadeiro sentido de tanta misericórdia.

CRÓNICAS BRASILEIRAS

LUGAR PARA UMA CIÊNCIA

Por NEWTON GONÇALVES DE BARROS

Em uma de nossas aulas na Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos (hoje integrada na Organização Educacional Espirita), o nosso director, então o Coronel Delfino Ferreira, pediu que escrevêssemos sobre o assunto planejado para o dia: «Lugar para uma ciência»!

Motivou a aula o professor Leodegário Amarante de Azevedo Filho, livre-pensador e uma das inteligências moças mais vibrantes da nova geração.

Quando Carlos Imbassahy deixou de reger a cadeira «Espiritismo Cientifico», na Faculdade, nós fomos convidados para ocupá-la, deixando a de «Espiritismo-religião». Pareceu-nos que estaríamos mais à vontade, por havermos tomado parte, durante muitos anos, nas reuniões do Grupo Espirita André Luís, onde os factos mais deslumbrantes foram por nós observados. Ao nosso lado estiveram o Dr. Lauro Sales, o General Ismael Pinto, o Dr. Amadeu Santos, a Doutora Lenice Dias Campos, as professoras Marília Barbosa e Dulce Santos, as figuras singelas e honestas de António Ferreira, Jacques Aboab, Vicente Viola, Osvaldo Costa, Galeno Santos, Rodrigo Rodrigues, Madalena Oliveira, Emília Santos, Lais Teixeira e outros amigos que não citaremos para não nos alongarmos.

Os factos observados firmaram a nossa convicção. A ciência os exige; mas a antiga fé racional dispensá-los-ia...

O professor Leodegário fez-nos esta pergunta:

— Que interesse tem o Espiritismo em procurar um lugar entre as ciências?

Realmente, o Espiritismo não tem interesse algum. Entretanto, nós não somos marginais...

Se os filósofos tentaram classificar as ciências todas, desde a mais remota antiguidade; se as tentativas de classificação ainda são feitas, não é justo, nem lógico que, entre as ciências, seja qual for o método adoptado, não esteja o Espiritismo.

Não procuramos um lugar. Não pedimos um lugar. Se o Espiritismo é uma ciência, seu lugar deve estar garantido.

Tudo dependerá da conceituação de *ciência* e da definição de Espiritismo como ciência.

Na Semana do Livro (1952), em Juiz de Fora, fomos convidados para falar por uma das estações de rádio locais. Recebemos, antes, um desafio, para provarmos que o Espiritismo era uma ciência.

O amigo desafiante deu o seu conceito de ciência. Não precisaria de lógica; bastaria o bom-senso para concluir: numa definição individualista e unilateral de ciência, não nos arrojaríamos a ajustar o Espiritismo.

D. Ludgero Jaspers, em seu «Manual de Filosofia», baseado no «Cours de Philosophie», de Lahr, escreve: «Ciência é um conjunto de verdades certas e gerais, relativas a um único objecto formal, metòdicamente ligadas pelas suas causas e pelos seus princípios».

No mesmo volume, escreve: etimològicamente, ciência é sinónimo de conhecimento (*scio, scis, scivi, scitum, scire* — verbo latino).

Cita Bacon: «vere scire, per causas scire». O conhecimento verdadeiro é o conhecimento pelas causas.

E conclui: «A ciência é, essencialmente, um conhecimento pelas causas».

Daí a definição: um sistema de proposições rigorosamente demonstradas, constantes, gerais, ligadas mediante relações de subordinação.

Teobaldo Miranda Santos, em seu «Manual de Filosofia», escreve: «A ciência nasceu da curiosidade natural do homem, da sua necessidade de compreender e explicar as coisas».

Cita Aristóteles: «O espanto é o começo da ciência».

E termina: «O espírito humano busca a razão do facto. A ciência pode ser considerada como conhecimento pelas *razões* ou pelas *causas*».

Tiago Sinibaldi, em seus «Elementos de Philosophia», diz: «A Ciência é um sistema de conhecimentos certos, relativos às *causas* dos entes e deduzidos pela demonstração.

Régis Jolivet, em seu «Curso de Filosófia», escreve: «Objectivamente, a ciência é um conjunto de verdades certas e lógicamente encadeadas entre si, de maneira a formar um sistema coerente. Subjectivamente, a ciência é o conhecimento certo das coisas por suas causas ou por suas leis».

Estas citações relembram filósofos espiritualistas, não espiritas, nossa companhia agradável.

Dentro desses conceitos colocaremos o Espiritismo científico.

É, realmente, uma tentação, a que nos deixou Charles Richet: chamar de metapsíquica ao Espiritismo Científico.

O objecto da nossa ciência é a alma humana — o princípio existente em nós, que sobrevive ao corpo.

Estudar esse princípio sobrevivente, após a sua separação do corpo, não é mais tarefa metafísica ou questão dogmática!

Os filósofos espiritualistas aceitam, lògicamente, a existência da alma.

Os materialistas aguardam os factos.

Encaminhamos os dois grupos aos livros: «Factos Espiritas», de William Crookes; «O Espiritismo Perante a Ciência», de Gabriel Delanne; «Ciência Metapsíquica», de Carlos Imbassahy; «Metapsíquica Humana», de Ernesto Bozzano; «Animismo e Espiritismo», de Alexandre Aksakof; «Livro dos Médiuns», de Allan Kardec. Fácil será, dentro daquelas definições, colocar a Metapsíquica ou o Espiritismo Científico, após meditação sobre os livros citados.

Proximamente citaremos as características da Ciência Espirita, para os que não puderem obter as obras indicadas.

UMA ROSA PARA A

No quarto pobre tremeluz uma vela
colocada sobre a mesa
de toalha furada.
Um quadro a óleo, na parede,
velho, cansado.
Os olhos fundos de uma mulher,
prematuramente envelhecida,
repousam na filhinha triste
que não tem janela para olhar as estrelas!
E a mãe não chora, de tanta dor!

O marido foi-se embora,
tomou um navio e fez-se ao largo...
Nunca mais voltou.
A menina perguntou:
«Minha mãe, o meu pai
onde é que foi?».
A mãe disfarçou,
olhou para o tecto,
olhou para o chão,
olhou o retrato a óleo...
e não disse nada.
E a mãe não chorava, de tanta dor!

Os dias passavam
e a fome aumentava.
Ninguém protegia
a mãe e a menina
que em lenta agonia
definhavam... definhavam...
A menina ficou doente...
Há tanto tempo que não vai à rua
brincar com as outras meninas
que têm bonecas...
Ficava sentada, ùltimamente,
na soleira da porta,
não tinha vontade de brincar.
«Onde está seu pai?
Onde está seu pai?»
perguntavam as meninas,
indagavam os meninos.
E ela chorava...

O pai tomara um navio,
fizera-se ao alto mar,
e nunca mais voltara.
Secaram as lágrimas da mulher
cujos peitos racharam de dor!
E ficou o silêncio com ela
no sepulcro do coração!
Passavam meninas bonitas
vestidas de renda,
nas carruagens dos ricos.
E a pobre menina sonhava:
«Se eu tivesse um carro igualzinho àquele,
sabe o que eu fazia, mãe?
Não sabe, não?
Eu ia correr o mundo
em busca do papai».
E a mãe não chorava, de tanta dor!

A febre aumentava,
definhava a menina
e a mãe definhava.
Cada dia era mais triste,
cada noite era um tormento!
Silêncio na casa,
silêncio na rua...
Um ébrio que passa.
Um último carro...
E todos dormindo...
Mendigos nos bancos dos jardins,
os ricos nos seus colchões de seda,
os gatos sobre os telhados
miando, miando...
Os pássaros nos galhos das árvores,
o rio em seu leito,
as estrelas sob a coberta de nuvens...
Só não dormia a mãe que velava a filhinha...

E vinha o Natal,
essa festa das gentes,
que são pobres e ricas.
Essa festa de sempre,
que é feita de luz,
que é feita de amor
e de muita ternura!
E vinha o Natal,
com suas oferendas,
com suas alegrias,
e entrava nas casas
e transmitia felicidade!
Mas na casa da pobre mulher
cujo marido viajou e nunca mais voltou...
e cuja filha morria
de uma febre que não tinha fim...
o Natal parou.

— Mamãe, já vem o Natal? —
A mãe olhava pro tecto,
a mãe olhava o chão,
olhava a toalha furada,
olhava o retrato a óleo,
disfarçava, disfarçava...

MENINA DOENTE

e não dava resposta.
— Mamãe, vem aí o Natal?
perguntava de novo a menina —.
Eu ouço os sinos que tocam,
ouço algazarra na rua...
Mamãe, é o Natal que vem
e eu só queria uma coisa,
nada mais, minha mãe,
— uma Rosa».

A mãe tirou o retrato a óleo da parede,
foi à casa dos penhores,
mas o retrato estava velho, cansado,
não lhe deram nada.
Só tinha a mesa velha
e aquela toalha furada,
além da cama
onde dormia a menina
e do banco onde dormia ela.
A mesa também não quiseram,
menos ainda, a toalha furada!

Voltou o retrato a óleo pra parede,
ficou a mesa no mesmo lugar,
coberta com a mesma toalha
e todos os seus furos.
Vender seu sapato?
mas ela andava de meia
e, ainda assim, furada!

Não era possível dar
à sua menina amada
uma rosa naquele Natal.
E ela queria só uma rosa,
mais nada,
com certeza para levar a Jesus,
pois sentia que a morte vinha
numa carreta branca,
que é própria para levar as crianças.

E foi mendigar uma rosa...
Bateu numa porta e na outra
e alguém riu:
«— Coitada, é uma louca,
quer uma rosa!».

No céu as estrelas dormiam
sob o cobertor das nuvens.
E voltando para casa
a pobre mãe nem pensava
e, de tanta dor, nem chorava!
Voltou para o seu banco
ao lado da menina,
que ardia, ardia!

— «Minha mãe, e a minha rosa?
E a minha rosa, mãe?»
A mãe olhava pro tecto,
a mãe olhava pro chão,
disfarçava ...disfarçava...
Fechava os olhos e via
um navio a sumir-se
na linha do horizonte.

A menina transpirava.
— «Eu só queria uma rosa
para levar a Jesus...
Minha mãe, dê-me a rosa!...»
Já estava no fim a menina,
a mãe sentia bem
e ouvia a carreta que vinha,
branca e vazia...
e voltaria branca
com a sua filhinha.
Curvou-se sobre a menina,
passou-lhe o braço sobre os ombros
e a cabecinha loira afagou...

— «Minha mãe, já vou embora...»
E abriu os olhos
que brilhavam tanto...
pô-los na mãe
que a olhava...
quase sem forças,
mais perto do fim,
ergueu a sua mãozinha...
— «Espere, minha mãe...»
E apanhou,
no canto de um olho fundo,
uma lágrima.

E foi assim que ganhou uma rosa
para levar a Jesus.

O retrato a óleo continuou na parede,
e a vela bruxuleava sobre a mesa
de toalha furada.
No céu, as estrelas dormiam
sob a coberta das nuvens.
Na Terra
havia aquela mãe que chorava...

IRMÃ EMÍLIA

(Médium *Francisco Luciano*)

A "Evolução", de Carlos Imbassahy

Por ALEIXO VÍTOR MAGALDI

(Correspondente em Volta Redonda, Brasil)

IV

O mais completo livro sobre a Doutrina Espirita do presente, não há dúvida, deu-no-lo o cintilante e incontestável polemista Dr. Carlos Imbassahy. Escreveu-o com a pena molhada na tinta do cavalheirismo, fosforescente de verdade, neutralizando as trevas dos seus oponentes.

Continuo relendo «A Evolução» o manancial delicioso das mais captantes luzes do Espiritismo, que esse primoroso escritor ofereceu de graça ao mundo espirita, sem visar o mínimo interesse particular.

Carlos Imbassahy fere sempre fundo os seus antagonistas com estocadas de raciocínio finíssimo, que mais parecem perfume lucífero e bálsamo inefável. Vence-os e conquista-os; mas torna-os mais esclarecidos e menos virulentos, graças à luz que emite e à concórdia que propaga a sua palavra fraterna.

Estou relendo o capítulo «Os Tabos Científicos». Veja-se a afoiteza com que um dos seus oponentes investe contra Carlos Imbassahy, atirando-lhe a seguinte flecha venenosa, no subtítulo «Endocrinologia»:

— «O Sr. Carlos Imbassahy quer pontificar sobre assunto que finge conhecer, mas que realmente ignora por completo. Não quer admitir que haja relação entre o carácter e as situações endocrinológicas». (Pág. 203).

Observe-se a finura do revide de Imbassahy, neste trecho:

— «Estaria tudo muito certo, se não fossem dois erros capitais: o «queremos admitir». Ora, nós, por «fingirmos conhecer» e o de «não sermos leigos no assunto, citamos. E, entre outros, citamos talvez o maior dos entendidos (em Endocrinologia), que é Pende...».

Entra, então, Carlos Imbassahy a citar Allan Kardec (Livro dos Espíritos, 200) e Luiz Duarte Santos (Biotipologia Humana, 1941, págs. 122, 140, 180), terminando por transcrever o que escreveu o seu próprio oponente, dando-lhe com luva de seda este golpe de misericórdia, usando as delicadas expressões:

— «Parece-nos insuspeito o Autor.

Não percamos, por mais tempo, as nossas considerações, visto que temos, do nosso lado, o próprio contraditor. Vejamos: *Se o homem fosse somente a alma animal, o caracter seria, apenas, uma questão de seringa. Tal, porém, não sucede. A vontade é uma força que, usada inteligentemente, pode modificar o temperamento. As secreções dependem de influências nervosas e psíquicas que a mentalidade e as auto-sugestões podem modificar. Educando a mentalidade, o sentimento e a vontade, o homem consegue as forças necessárias para vencer as taras do seu carácter e as fatalidades de suas condições endocrinológicas*». (Pág. 206).

Certa vez, ainda jovem, divertia-me a caçar animais inofensivos, que procriam nas matas virgens, sem dependerem dos homens; e disparei a minha arma de fogo, ao saltar uma vala, quando avançava para atirar numa paca corrida pelos cães de caça... E a carga da minha arma atingiu-me em cheio!

Nesta passagem do livro em cita, lembrei-me desse bucólico episódio da minha juventude...

Imbassahy, a seguir, demonstra de modo cabal, que «contra as doutrinas que notam nos predicados da alma efeitos orgânicos, ergueram-se para desmenti-las os factos da Ciência Psíquica». Refere-se aos livros: *From Four Who are Dead* (Mensagens de quatro mortos), da Sr.ª Dawson Scott, a pág. 156; *Raymond*, de Oliver Lodge, a pág. 197; *Thirty Years Among the Dead*, de Carl A. Wickland, a pág. 121; *Madame Piper*, de M. Sage, a pág. 87; *Au Seuil de l'Invisible*, de Barrett, a pág. 188; e *Spiritualist Teachings*, de Stainton Moses. Todos acordes em que os espíritos já revelaram que o carácter, os hábitos, desejos e inclinações do homem permanecem com o espírito, depois do seu desprendimento da matéria, além do túmulo. Essa passagem do livro é capital.

Carlos Imbassahy conclui o subcapítulo «Endocrinologia», assim:

— «Encarado o problema por vários prismas, verifica-se que não é tão sólida a posição dos endocrinologistas neste particular: 1. O assunto, mesmo pelo lado científico actual, não está fechado. As dúvidas, as vacilações e ainda as negações não faltam ao debate. 2. Não se sabe, nem disso ainda se cogitou, se as secreções têm o poder de *transformar* o carácter, isto é, de fazer que uma pessoa absolutamente bondosa passe a perversa; que um indivíduo reconhecidamente honesto se torne desonesto. 3. Demonstrada a acção glandular sobre a moral, resta saber se não havia já no indivíduo os germes da falta ou do crime que a acção veio desenvolver e desencadear, e nesse caso a glândula seria apenas o elemento deflagrador. 4. Finalmente, encarado o problema pelo seu lado psicológico, filosófico, metapsíquico ou religioso, não se poderiam compreender as acções repressivas, o sofrimento do malfeitor, quer ele vá para o inferno, conforme as seitas cristãs ortodoxas, quer o encaremos nos planos espirituais, de acordo com o fenómeno psíquico, pelo qual a morte nos descreve a sua situação no Espaço».

Como se evidencia pelas citações já feitas, neste e nos precedentes comentários, «A Evolução» é uma estrela de grande relevância a brilhar na abóbada da literatura espírita mundial.

A Carlos Imbassahy passa a Doutrina Espirita a dever mais ainda, pela luminosidade que «A Evolução» projecta neste mundo de provas e expiações.

Cabe aos espiritas abrir os olhos a tanta luz!

Que ninguém se torne réu do crime de ignorá-la!

Brasil — Estado do Rio — Volta Redonda, 11-11-1955. Rua 44, n.º 54

FIM

Crónica Mundial

Por ADELAIDE IVONE DE SOUSA

ASSOMBROSO CASO DE TELEPATIA

La Razon, diário de Buenos Aires, de 2 de Janeiro último, conta o seguinte caso:

«Salerno (A. F. P.) — Nesta cidade registou-se um assombroso caso de telepatia. Ao examiná-lo, vários médicos resolveram submetê-lo ao próximo «Congresso Internacional de Ciências Psíquicas». Pouco depois de se despedir de seu filho de 22 anos, que tinha partido em motocicleta para se reunir a uns amigos, a senhora Rosa Palmieri foi varrer a cozinha. De repente ouviu atrás de si a voz de seu filho, que parecia vir da porta e lhe dizia: — «Vem depressa auxiliar-me». A senhora Palmieri abriu a porta e não viu ninguém. A voz recomeçou: — «Vem já, mamã; eu vou morrer. Caí num fosso perto de Taggliano». A mãe teve então a visão do filho ensanguentado num fosso. Tomou ràpidamente um taxi, indicando ao motorista o lugar onde seu filho devia encontrar-se. Chegados a esse sitio encontraram, de facto, o jovem, que jazia no fosso com a moto. Transportaram-no ao hospital, onde logo faleceu».

Conhecem-se muitos casos deste género, comprovativos da grande potencialidade da psique humana e regosijamo-nos por a Ciência tomar na devida consideração estas magníficas manifestações reveladoras dum vasto campo para grandes descobertas.

LIGA ABOLICIONISTA PORTUGUESA

Recebemos o boletim da *Federação Abolicionista Internacional,* e congratulamo-nos com os sucessos que enuncia.

A «T. A. I.» fundada em 1875 por Josephine Butler, contra a prostituição, tem conseguido autênticas vitórias no fim a que se destinou.

Dirige-se especialmente aos médicos, aos juristas e aos educadores ansiosos da boa moral e da boa saúde dos jovens, a quem ensina que a prostituição é ilusória, ilegal e imoral.

A finalidade da Fed. Ab. Int. é a luta contra as casas de tolerância, que ela classifica de verdadeiros centros de escravatura. Reclama por isso o encerramento dessas casas e o merecido castigo para os seus proprietários.

Considera urgente o encerramento desses antros de deboche e a interdição civil dessas escravas, como atentado à liberdade individual. E interessa-se especialmente em conseguir a readaptação na vida social dessas infelizes. Preconiza também a educação do público contra as doenças venéreas, esse grande flagelo da humanidade.

Estão incritas na F. A. I. as seguintes nações que aboliram a prostituição:

Inglaterra, Noruega, Dinamarca, Finlândia, Bulgária, Países-Baixos, Rússia, Suécia, Checoslováquia, Suíça, Egipto, Panamá, Uruguai, Congo Belga, Ruanda-Urundi, Madagascar, Israel, Jugoslávia, União Sul-Africana, Colónia, Paquistão, Cuba, Filipinas, Índia, Haiti, Ucrania, Iraque, Hungria, Grécia, Argentina e Portugal, que, em 1954, proibiu as casas de tolerância no Ultramar.

Esta decisão deve-se à «Liga Abolicionista Portuguesa», fundada em 1 de Março pelo Dr. Arnaldo Brazão. Em seguida a «Liga» organizou o 1.º Congresso Abolicionista em Maio de 1926, e o 2.º Congresso em Agosto de 1929.

Sempre lutando num mar de dificuldades, a «Liga Abolicionista» singra sempre e em 1950 organizou uma bela exposição na Sociedade de Geografia, que foi então visitada por centenas de pessoas.

Em 1954 a «Liga» viu coroados os seus esforços com o encerramento das casas de tolerância no Ultramar, e a pena do seu devotado e incansável presidente Dr. Arnaldo Brazão redigiu um inquérito feito no País, a cerca de 54 concelhos onde existem essas casas. A actividade da «Liga» continua a manifestar-se interessante em diversos jornais do continente.

O problema da prostituição é um dos pontos nevrálgicos da saúde da Humanidade: saúde física e moral.

As casas de tolerância são focos de desmoralização, de crápula e de propagação da sífilis, que tantos e tão lamentáveis estragos causa na mocidade.

A prostituição é um ferrete ignóbil para a mulher que dela é vítima e para o homem que para ela contribui, porque mostra o escravo e o tirano.

Honramo-nos com a sua supressão no Ultramar Português, e confiamos que em breve o Continente encerre todas essas casas e que em seu lugar outras de reeducação sejam erguidas para dignificarem as antigas prisioneiras que a ignorância e a maldade humanas marcaram com o sinete da desgraça.

É necessário moralizar para vigorizar a raça!

A «Societé de Prophylaxie» contra as doenças venéreas desenvolveu desde 1919 uma acção importante na educação da juventude, especialmente chamando a atenção dos rapazes das escolas, advertindo-os das doenças venéreas.

Na adolescência são necessárias medidas profiláticas, físicas e morais.

A «Liga Abolicionista Portuguesa» desejaria chamar a atenção de todos, pais, tutores, professores, médicos e jurisconsultos para este grande problema da abolição da prostituição, no sentido de moralizar os costumes, elevando o povo à altura da nossa época e defendendo ao mesmo tempo o vigor físico da raça.

MEDIUNIDADE POLIGLOTA

O *Psychic News* relata que o *Sunday Express* recebeu uma carta dum leitor em que, segundo afirma o Dr. S. J. Soal, narrava uma experiência psiquica que podia enfileirar entre os autênticos casos do Espiritismo clássico.

O leitor em questão é o Sr. Erico Hasmonay, morador na rua Copernico, 19, em Paris. e que informou:

«Eu não acreditava no Espiritismo, mas há um caso que me fez pensar.

«Meu falecido cunhado, um homem instruido e de integridade, contou-me o seguinte: — «Foi convidado para uma sessão espirita, cujo médium conhecia, e chamou o

espírito do pai, cuja voz reconheceu também. O espírito comunicou-se novamente, fez a assinatura num papel e meu cunhado reconheceu-a como sendo, na verdade, a assinatura de seu pai.

«Estes factos são altamente convincentes pelo seguinte: — Meu cunhado era judeu, natural de uma pequena cidade búlgara.

«A nossa língua é uma espécie de espanhol, com uma pronúncia especial. O médium em questão não era judeu. Meu cunhado sabia que ele só falava espanhol; contudo o médium tinha transmitido a mensagem naquela língua.

«Além disso os judeus na Bulgária, principalmente os velhos, costumam escrever em hebraico — da direita para esquerda — e o médium escreveu a assinatura do pai de meu cunhado, em hebraico».

Contra factos não há argumentos, se bem que haja quem negue até a própria verdade.

MAIS UMA OPERAÇÃO ESPIRITA

Progresso Espírita publica um relato do Sr. Richard W. O'Farrell, residente em Córdova e referente ao caso do jornalista inglês Sr. G. A. Mackie.

«Em Abril de 1952, o Sr. G. A. Mackie, se bem que gozando de boa saúde, teve uma hemorragia. O seu médico aconselhou-o a ir ao hospital para rigorosas observações, após as quais lhe declararam que necessitava de ficar ali para ser operado. O médico-chefe opinou que a intervenção cirúrgica requeria urgência, e tinha por objectivo a remoção do intestino grosso, o que o obrigaria a estar alguns meses no hospital.

«O Sr. Mackie não aceitou a urgência da operação e um dos facultativos, conhecendo o interesse que o doente tinha pelo Espiritismo, disse ao seu ajudante: — «Nenhum espiritismo pode salvar este homem». Mas o doente tinha já uma prova no seu filho de 20 anos, asmático desde criança, que sob a acção dos tratamentos espíritas estava melhorando, e por isso pensou: — «Se meu filho beneficiou, porque não beneficiarei eu também?». E o Sr. Mackie, por intermédio do semanário espírita *Psychic News*, pôs-se em contacto com a mediunidade curadora da Sr.ª Forsyth, que realizava sessões no seu santuário de Surbiton.

«Um guia-curador fez um esboço, mostrando a posição do tumor, esboço que concordou com a radiografia. Passaram alguns meses, durante os quais o ex-jornalista visitou semanalmente os Forsyth, em cujo santuário teve oportunidade de verificar notáveis curas.

«Chegou o dia memorável para o Sr. Mackie — 3 de Dezembro de 1952. Nessa noite o guia «Unca», que o estava tratando, disse: — «Talvez não o possa extrair todo esta noite, mas, pelo menos, será uma boa parte».

«Perante outros doentes «Unca» guiou as mãos do curador para a região intestinal. Durante uns minutos reinou silêncio; depois, tranquilamente, acrescentou: — «Já vem». Quando retirou as mãos, o desmaterializado tumor era invisível aos presentes; foi levantado e em seguida colocado numa vasilha com água. Pouco tempo esteve invisível. A pouco e pouco o guia-geral materializava-o para que todos o pudessem ver. Foi apresentado ao Sr. Mackie num frasco com álcool.

«É esta a prova objectiva do poder dos curadores espíritas e das influências divinas».

NOVO PERÍODO NA HISTÓRIA DO MUNDO

Pro-Humanitate, boletim belga do Conselho Espiritual Mundial, refere-se no seu número de Fevereiro às mensagens extra-terrenas dos marcianos, e pergunta:

«A Humanidade terrena continuará a viver ou perecerá, sendo obrigada de novo a partir do ponto zero, como aconteceu em epocas longínquas?».

«George Adamsky, habitando perto do Monte Palomar colaborou com Desmond Leslie na obra «Flyng Saucer's Have Landel» e escreveu ao Professor Nahon, director do *Courrier Interplanétaire*»: — «Eu subi muitas vezes nos meus engenhos, para além do limite da nossa atmosfera, de onde observei a actividade do espaço. Quando soubermos atravessá-la, muitas das nossas velhas teorias acerca do universo serão modificadas. Os nossos planetas-irmãos são habitados por seres humanos semelhantes a nós. Neles existem formas de vida iguais às que nos são familiares».

E mais abaixo, referindo-se às comunicações radiofónicas, diz que a América afirma ter captado pela rádio mensagens do espaço, em 2, 10. 17 de Agosto e 11 de Setembro de 1952.

Le Courrier faz revelações ainda mais sensacionais. Segundo a radiotelefonia e a telepsiquica, dois engenheiros de Buenos Aires conseguiram, em 1952, entrar em contacto mediunico com outro *Engenheiro*, morando no planeta Jupiter, e chamado «Ganymede». O diálogo foi registado por um aparelho e publicado na obra portuguesa «Origem, Estrutura e Destino dos Discos Voadores». Na sétima e última comunicação telepsiquica, os experimentadores foram prevenidos de que um disco voador passaria dois anos mais tarde; o dia e a hora exacta foram anunciados pela rádio de Buenos Aires. A promessa cumpriu-se em 6 de Setembro de 1952, apenas com três horas de atraso.

Longo é o relato desta comunicação telepsíquica, de que só podemos transcrever um pequeno resumo.

«Os pilotos das máquinas interplanetárias são seres muito diferentes dos homens terrenos, mais pequenos, mas com aperfeiçoamento muito maior. Esses seres minúsculos já eram conhecidos em 1752 de Jonathan Swift, por uma revelação psiquica, que ele disfarçou na sua «Viagem de Gulliver ao País de Lilliput». Possuem uma percepção aguda, capaz de captar tudo o que se passa na terra, até mesmo os nossos pensamentos, sem necessitarem de vir à Terra nem falar com os seus habitantes.

«Esses homens têm uma organização perfeita; a sua alimentação e a sua higiene são modelares, assim como a sua organização social, do ponto de vista em que a vida decorre, comoda e tranquila, consagrada às coisas do espírito. Essa terra tem uma só raça e forma uma única nação, sem fronteiras».

Fazemos nossos os votos de Mr. Fr. Wittemans, presidente do Conselho Espiritual Mundial, quando diz que «é um glorioso futuro que se abre diante de nós, agora que o planeta estende os conhecimentos da vida até aos planetas irmãos. Que os graves avisos feitos pelos seres interplanetários para abandonarmos as experiências atómicos, que constituem um imenso perigo para a Terra, possam ser ouvidos pelos governos de todo o mundo».

Nota da Direcção — *É evidente que damos esta notícia a título precário, embora a nossa colaboradora a houvesse respigado em publicações que se jactam de muito sérias. O problema é demasiadamente vago para que o possamos apresentar objectivamente, com foros de solucionado.*

Notas & Comentários

ATITUDE INFELIZ

A Nova Era, de Franca, Estado de S. Paulo, insere um artigo do Dr. Agnelo Morato, intitulado «Livros de Herege», no qual se refere à atitude incrível do sacerdote da Vila de Miramontes, município daquela cidade, que mandou queimar alguns exemplares do «Novo Testamento», tradução do Padre João Ferreira de Almeida, só porque aos alunos do Grupo Escolar da Vila os ofereceu o articulista, como paraninfo escolhido do Curso Primário da turma em 1955.

O Dr. Agnelo diz que é costume, nestas emergências, oferecer doces e guloseimas à petizada, mas que se lembrou de guloseima mais útil: o «Novo Testamento», encadernado, a cada um dos 16 «formandos»:

«Seria o pão do espírito para nossos dilectos afilhados, já que não poderíamos corresponder à honra da escolha no dia em que terminavam a alfabetização. Que intenção sublime não falaria em nosso espírito ao dedicar a cada criança do nosso Brasil um livro dessa natureza!»

Alguém se encontrava ali que tomou por crime o acto espiritual do nosso amigo Agnelo e o comunicou ao sacerdote que aos domingos prega na igreja local.

«E o cura, embora moço, mas subalterno às disciplinas do preconceito reaccionário, verberou o procedimento do herege... Não teve dúvida em fazer um comício à porta da igreja, chamando a atenção dos pais. Não podia admitir que religiosos católicos dessem liberdade a um «dentistazinho» banal e sem cultura, que oferecesse «livros espiritas» (sic) à juventude brasileira. E exigiu que lhe entregassem os livros, para queimá-los como presente infame».

A infeliz atitude deste homem não prestigia a religião a que pertence. Não foi S. Jerónimo o tradutor da Vulgata, que corre mundo em várias edições, vertidas desta fonte original? Então, por que chamar «livro espírita» à tradução do padre João Ferreira de Almeida?

O anatematizador deve ter o cérebro em confusão, deve tomar a nuvem por Juno em questões espirituais. O seu procedimento contrasta com o de muitos padres dignos que conhecemos.

Nós respeitamos as religiões. Sabemos que, em sua essência, todas salvam e moralizam. Todas dão a seus adeptos a porção de felicidade que se pode almejar. Os caminhos que oferecem são de calma, de amor e de renúncia. Os homens é que as deturpam com exemplos de egoismo e simonia. Um padre sincero não procedia assim. Só a extrema intolerância levaria uma criatura a tais requintes de ódio. Não, amigo de Miramontes, não! O Cristo de Deus não manda abominar os homens e muito menos o seu próprio Evangelho. Seja mais humilde, seja mais cristão, seja mais tolerante. Acolha-se à prece, medite no Grande Mestre que se deixou matar pela verdade e sirva melhor a humanidade e a sua religião.

O Dr. Agnelo Morato é homem honesto, não tem culpa da extravagância do prelado. Ele cumpriu o seu dever. Só lamenta que «em plenos dias de liberdade se acendam fogueiras para queimar o Evangelho que emancipa as criaturas humanas».

A confusão dos tempos domina as hierarquias e só o Cristianismo redivivo poderá salvar o mundo.

ISTO NÃO É ESPIRITISMO!

O confrade Manso Vieira refere-se n'O Semeador, de S. Paulo, às «novenas nos centros espiritas», dizendo que algumas agremiações as recomendam com o fim de se alcançar as graças desejadas. E acrescenta: «As novenas são formas de penitência usadas pela igreja católica e aceitas pela Umbanda, pois ambas as doutrinas se misturam com rituais mais ou menos idênticos. Quando a imposição vem da ignorância do presidente do Centro ainda pode ser desculpada, mas se vem do Guia o caso assume características alarmantes. Um espírito deste género deve saber quais as práticas úteis e inúteis. Observamos com pesar que nalguns centros o espírito responsável determina novenas aos necessitados, chegando ao absurdo de mandar distribuir medalhas de sua suposta fotografia, para que os pupilos o invoquem diàriamente».

Manso Vieira revolta-se, e com razão, exclamando: «Esta prática não é espirita, não deve ser usada, nem aceita pelos centros. Tudo isso é fanatismo imposto pelo espírito, que não tem outros meios para se impor aos que o idolatram».

Pois são, meu caro Vieira, pois são. Quem admite semelhante burundanga nada conhece do assunto; está a zero, como se diz em futebol.

Novenas ou dezenas ou centenas, de que valerá tudo isso, se o homem não procurar a reforma individual? O que é preciso é vigilância de palavras e actos. O que é preciso é obras que se vejam de longe, que reflitam ideais de bondade. Isto é que é preciso, isto é que o Espiritismo difunde e proclama, nisto é que o Espiritismo bate, como quem bate num prego. O resto, não. O resto é crendice, que a razão não aceita. Em coisas espirituais deve haver prudência. Nunca misturar levianamente, em assomos de arrogância. Se há doutrina a respeitar, respeite-se. Quem não a conhecer, comece pelo aprendizado. Só o bom discípulo pode chegar a mestre.

LIÇÃO DE MORAL

Conta-se que Frederico II, visitando com seu irmão Henrique um convento da Silésia, foi recebido com afabilidade e, ao despedir-se, perguntou ao Superior se tinha a pedir-lhe alguma mercê.

—Só pedirei que se admitam ao hábito dois noviços por ano.

—Está outorgada a mercê. Eu próprio os mandarei.

E voltando-se para o irmão disse em Francês, julgando que o frade não entendia: «Vou mandar-lhe dois jumentos para me divertir».

O Superior compreendeu, fez-se desentendido e acrescentou:

—Já que Vossa Majestade é tão clemente connosco, peço licença para solenizar a graça concedida, permitindo que a um dos noviços seja dado o nome de Vossa Majestade e ao outro o de vosso serenissimo irmão.

Rei e príncipe enrubesceram e trocaram olhar significativo que dizia: «Podíamos ficar com esta».

Noticiário

«JÁ AQUI ESTIVE»

O Teatro da Trindade acaba de levar à cena a peça em três actos, de Priestley, intitulada «Já Aqui Estive» e encenada por Orlando Vitorino e Azinhal Abelho. Embora não se tratasse de peça rigorosamente espirita — baseia-se nas teorias de Ouspensky acerca do tempo — não há dúvida de que o problema rencarnacionista absorve numerosas cenas e ganha sugestão no espírito do expectador, que acompanha o enredo com interesse crescente, desde o primeiro ao último diálogo, sempre manejado com mestria.

Estudos Psíquicos e o *Centro E. Luz e Amor*, de acordo com a Empresa de Fomento Teatral, representada pelo sr. Júlio Padesca, seu vice-presidente, resolveram proporcionar à família espirita lisbonense convites especiais para a curiosa peça, o que se verificou com agrado de algumas centenas, que acorreram àquele Teatro, a fim de apreciar o trabalho do dramaturgo inglês.

Os contemplados agradeceram a lembrança e o esforço realizado. Ao sr. Júlio Padesca, os nossos agradecimentos.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

No dia 17 de Abril tivemos o prazer de ouvir no Centro E. Luz e Amor o sr. Júlio Padesca numa palestra acerca de Espiritismo. Tratava-se de um profano sem cultura técnica, é certo, mas possuidor de viva inteligência e fácil elocução. Assim, conseguiu manter a assistência em constante expectativa, mercê do humanismo que envolvia as suas palavras. Temos a certeza de que será mais um adepto sincero da nossa doutrina, adepto que se afirmará pelo seu belo carácter e que muito poderá dar a esta grande causa.

Isidoro Duarte Santos e António Cardoso, que também estava presente, congratularam-se com as afirmações do conferente, dizendo que nenhum espiritista falaria com mais propriedade acerca do assunto.

Fazemos votos no sentido de ver de novo o sr. Júlio Padesca no estrado do Centro, fazendo outras exposições igualmente interessantes e sugestivas.

Já depois de composta esta coluna tivemos um telefonema do conferente a sugerir a ideia de novos trabalhos seus no Centro E. Luz e Amor. Nesta conformidade, voltaremos a ouvi-lo num tema aliciante e sugestivo, sob o título «O homem não é uma ilha», possìvelmente no próximo mês de Maio.

Apraz-nos registar o facto e congratulamo-nos com a espontaneidade do seu gesto cativante. Enquanto alguns espiritas recolhem a penates com medo de aparecer em público — há muitos interesses materiais a defender — os não-espiritas acorrem de *motu proprio* a preencher a lacuna vazia. E tudo volta à normalidade anterior, com novas alavancas, novos cérebros, novas alavancas. Ainda bem!

Também no passado domingo, 22 de Abril, mais uma vez tivemos o prazer de ouvir o nosso Presidente Isidoro Duarte Santos, numa bela conferência da série «O que eu vi no Brasil». Desta vez deliciou a assistência contando o que viu no *Lar do Amigo Germano*, de Porto Alegre, essa modelar instituição espirita, que tem por fim socorrer crianças desvalidas, não com esmola, que nada resolve, mas com amparo material e moral, norteando-as para que amanhã sejam úteis à sociedade.

«O Governo Brasileiro — afirmou — respeita de tal forma o Espiritismo, que considera de utilidade pública muitas deste género. O terreno onde se construiu o *Lar do Amigo Germano* é do tamanho do nosso Terreiro do Paço e foi doado pela Prefeitura, com a condição de se edificar em dois anos. Em menos tempo, já o prédio estava concluido».

António Cardoso, que presidia, congratulou-se com estes momentos de prazer espiritual a todos oferecidos por Isidoro Duarte Santos.

Em 20 de Março, numa sessão do Grupo «Ernesto Bozzano», assistimos a uma série de experiências de escrita invertida realizada pelo sr. Artur Marques da Costa, que desde criança tem tendência para escrever com a mão esquerda. Fez operações aritméticas, derivações e até integrações inversas das normais, com espanto da assistência. Contou depois alguns episódios que lhe sucederam, em virtude dessa faculdade.

TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE MAIO DE 1956

Grupo Allan Kardec

Todas as segundas-feiras, às 21,30 dirigido por Túlio Augusto Rosa.

Grupo de Caridade «Lia»

Todas as quartas-feiras, às 21,30, dirigido por António Pereira da Silva.

Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam»

Todas as quintas-feiras, às 21,30, dirigido por Túlio Augusto Rosa.

Dia 6, domingo, às 16 horas — Conferência por Júlio Padesca, intitulada «O homem não é uma ilha».

Dia 8, terça-feira, às 21,30 — Grupo Experimental «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 13, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláquia», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 20, domingo, às 16 horas — Conferência da série «O que eu vi no Brasil», por Isidoro Duarte Santos.

Dia 22, terça-feira, às 21,30 — Grupo Experimental «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 27, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

NOTA — As conferências são públicas, desde que os assistentes venham acompanhados por qualquer sócio. As sessões são privativas dos sócios com as quotizações em dia. Para isso, devem munir-se da última quota paga.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Mês de Abril — A. L., V. L., M. L., de Lisboa, 15$00; D. Ilda Grácio, de Lourenço Marques, 25$00; D. Maria I. Armada, de Carcavelos, 100$00; I. S., de Lisboa, 20$00; D. Maria Madalena de Jesus Macedo, de Oliveira, 10$00; U. S. J., de Ponta Delgada, 20$00; Aires Vaz Raposo, de Lisboa, 60$00; A. C., em intenção dos seus defuntos queridos, 100$00. *Total* — 350$00.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

br.

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um ... 60$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataque feitos ao Espiritismo ..... 50$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte ..... 25$00
Enigmas da Psicometria ..... 28$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00 ..... 50$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte ..... 42$00
Metapsíquica Humana — encadernado ... 40$00
Pensamento e Vontade ..... 26$00
Xenoglossia ..... 32$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo ..... 40$00
Casas Mal-assombradas ..... 50$00
A Morte e o seu Mistério. 3 volumes: 1) Antes da Morte; 2) Durante a Morte; 3) Depois da Morte ..... 140$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos 75$00
Narrações do Infinito ..... 30$00
Stella (romance astronómico) ..... 50$00
Urânia ..... 40$00

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 25$00
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz* 20$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel* ..... 45$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 30$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 35$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha* ..... 30$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo ..... 60$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas — enc. 38$00 ... 26$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 35$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 28$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — enc. 38$00 28$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunhá*, um verdadeiro poema de ternura — Enc. 25$00 ..... 18$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido ..... 60$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio* 24$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos) ..... 32$00
Libertação, pelo *Espírito de André Luís* — Enc. ..... 48$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00 ..... 36$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luís*, obra dedicada às pessoas cultas—enc. 55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00 ..... 36$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz* ..... 40$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado ..... 38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz* ..... 42$00
Nos Domínios da Mediunidade, pelo *Espírito de André Luís* ..... 40$00
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 46$00
Pérolas do Além ..... 28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X* ..... 35$00
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00 ... 34$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* 40$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage* ..... 20$00
Voltei, do *Espírito de Jacob* ..... 25$00

OBRAS DIVERSAS

Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 42$00 ..... 30$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida* ..... 35$00
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra de Menezes* ..... 45$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto* — enc. 42$00 ..... 30$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima* — enc. 54$00 ..... 40$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff* ..... 28$00
De Cá e de Lá, estudo comparativo do Espiritismo com várias religiões, pelo *Dr. Romeu Camargo* — encadernado ..... 35$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* enc. 42$00 ..... 30$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy* ..... 45$00
Em Torno do Mestre, por *Vinícius* ..... 40$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião* 60$00
Entre Dois Mundos, por *Antoinette Bourdin* 32$00
Espírito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal* — enc. 46$00 ..... 36$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim* ..... 25$00
Factos, por *António J. Trindade*, um livro impressionante de factos espiritas extraordinários, impresso em óptimo papel ..... 50$00
Granja (A) do Silêncio, por *A. Bodier* ... 30$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio* ..... 20$00
Levitação (A), por *Albert de Rochas* ..... 28$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

br.

Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac* ..... 35$00

Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos* —enc. 52$00 ..... 40$00

Mediunidade (A), pelo *coronel Edgar Armond* — Estudo substancial das várias mediunidades, muito útil a todos os médiuns ..... 40$00

Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac* ..... 35$00

Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér* ..... 45$00

Mireta, por *Elias Sauvage* ..... 35$00

Na Seara do Mestre, por *Vinicius* — Livro de evangelização destinado às tribunas, aos lares e às sessões, contendo verdades eternas ..... 32$00

No Limiar do Etéreo, por *Artur Findley* — Estudo magnífico acerca dos fenómenos espiritas de «voz directa», com o célebre médium Sloan ..... 30$00

No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance*. Episódios da sua vida ..... 42$00

Nos Umbrais do Além, de Sir *William Barrett* — enc. 47$00 ..... 35$00

Nova (A) Revelação, por *A. Connan Doyle* — As primeiras experiências espiritas do autor do «Sherlok-Holmes» e a sua conversão. Obra de grande alcance doutrinário ..... 23$00

Outro (O) Lado da Vida, pelo *barão Carl du Prel*. Um livro de luz poderosa sobre a Morte e a vida no Além ..... 28$00

Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00 ..... 25$00

Profecias (As) de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*. Um estudo profundo devido à pena de um dos maiores génios da humanidade ..... 60$00

Psiquismo (O) Experimental, por *Alfred Erny* ..... 35$00

Reino de Jesus (O), por *Fernando da Cruz Ferreira*, o Evangelho romanceado ..... 25$00

Reis, Príncipes e Imperadores, por *Almerindo Martins de Castro*. Casos históricos de psiquismo, entre eles, alguns passados com reis portugueses ..... 30$00

Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*. Obra nascida de um grupo de padres que estudaram o Espiritismo e se converteram, abandonando a Igreja Católica ..... 50$00

Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00 ..... 25$00

Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista ..... 35$00

Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente* — Livro muito útil aos directores de sessões espiritas ..... 35$00

Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo* ..... 30$00

br.

Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo médium *G. Vale Owen* — enc. 42$00 30$00

Vida (A) de Jesus, por *António Lima*. Um livro que despertou controvérsia, no qual são expostas inúmeras hipóteses através de estudo adequado ..... 30$00

Vítimas do Preconceito, por *Codro Pallissy* 30$00

Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel* ..... 23$00

Voz (A) do Antigo Egipto, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo ..... 28$00

ROMANCES DO CONDE DE ROCHESTER

(Recebidos pela médium russa Krijanowsky)

A Abadia dos Beneditinos — Romance forte em que a vida conventual se apresenta cheia de realismo, induzindo o leitor à meditação ..... 45$00

Chanceler (O) de Ferro Romance histórico que relata a vida de José, no antigo Egipto, vida que o *Genesis* sintetizou nalguns capítulos ..... 54$00

Herculanum — Romance passado na Roma dos Césares, com a descrição da catástrofe do Vesúvio, onde ficaram soterradas duas lindas cidades para um sonho de 18 séculos ..... 38$00

Romance de uma Rainha. Romance histórico de há 3.500 anos, apresentando a vida aristocrática. 2 grandes volumes ..... 90$00

Sinal da Vitória — Contém os factos ocorridos em Roma no começo do século IV com as perseguições aos cristãos até à época da conversão do imperador Constantino, através da visão da cruz ..... 60$00

Vingança (A) do Judeu — Romance notabilíssimo onde se apresenta a sociedade antiga com preconceitos de raça, classe ou riqueza, à luz da fé revigorada pelo cristianismo ..... 60$00

ROMANCES DE VÍTOR HUGO

Recebidos pela médium Zilda Gama

Almas Crucificadas — Uma história empolgante de almas em luta, no tempo das cruzadas e dos cavaleiros audazes ..... 45$00

Do Calvário ao Infinito — Neste romance há sopros de eternidade e perfumes de esperança. Em expiações redentoras quatro almas ascendem à glória imortal ..... 60$00

Dor Suprema — Fatalidade de nascimento, preconceitos de raça, ódios inatos, catástrofes políticas, tudo isto perpassa nesta obra maravilhosa ..... 60$00

Na Sombra e na Luz — Novela verídica que relata a existência triste de um companheiro terreno do autor. Por vezes, Vítor Hugo é personagem. Emociona até às lágrimas — enc. 54$00 ..... 42$00

Redenção — Novela de amor passada no tempo dos castelãos medievais e profundamente instrutivo ..... 40$00

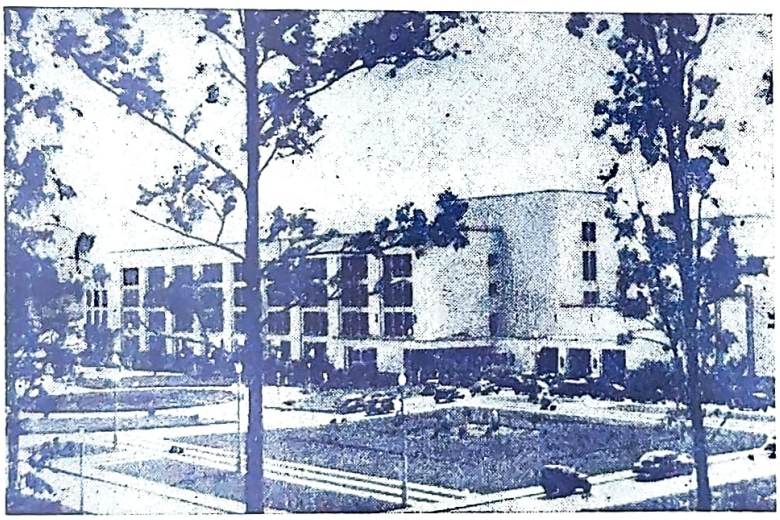
Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental



ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS

(ver pág. 177)

CONTÉM: Racismos, da **Redacção**; Como Deve Compreender-se o Espiritismo, Tradução de **I. D. S.**; Complexos — Psicologia Espiritualista, por **Zalmino Zimmermann**; Como se Tornou Espirita?, Depoimento de **Joaquim Pereira Júnior**; Em Torno de Um Testamento, por **Alson J. Smith**; Era Grande Teu Valor!, por **Paulo Alberto**; Legião da Boa Vontade; Fraternidade e Amor, por **José A. P. de Magalhães**; Um Médium que Honra a Doutrina, por **Tito L. Bancéscu**; Resposta do Alto, por **Emmanuel**; Ecos de Uma Viagem — XVIII — Na Academia Militar, por **Isidoro Duarte Santos**; Natal e Ano Novo no Lar de Jesus, por **Leopoldo Machado**; A Desobsessão no Hospital Espirita de Porto Alegre, por **José Simões de Matos**; Solilóquio, por **Manuel Cavaco**; Mistério, por **Manuel de Sousa**; «A Vida Além do Véu», por **Alfredo Miguel**; Marco Postal; Livros Recomendados; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

17.º ANO JUNHO DE 1956 N.º 6

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Liège	*Achille Biquet*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*
Luanda	*Luís de Barros Castro*

Redactor junto à Cruzada dos Militares Espiritas do Brasil ..... } **Marechal Mário Travassos**

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Henrique Magalhães e Nelson Baptista de Azevedo*
S. Paulo	*António Pereira Correia e António Baptista Lino*
Campos	*Clóvis Tavares*
Curitiba	*João Ghignone*
Porto Alegre	*José Simões de Matos e Zalmino Zimmermann*
Rio Grande	*Armando O. Couto*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*
Ribeirão Preto	*Dr. José Pereira Bastos*
Belo Horizonte	*António Augusto dos Santos*
Maceió	*Jaime Xavier da Silva*
Fortaleza	*José Borges dos Santos*
Franca	*Dr. Agnelo Morato*
Cruzeiro	*José Zácaro Neto*
Vitória	*Dr. Ayrton Machado*
Passo Fundo	*Ney Vaz da Silva*
Juiz de Fora	*Orville Derby Dutra*
Pelotas	*Dr. Djalma de Matos*
Bajé	*José Ferreira da Mota*
Aracajú	*José Elson Fontes*
Juiz de Fora	*João dos Santos Coragem*
Três Rios	*Acir Faria*
Rio Preto	*Lázaro Camargo Ehmke*
Paranaguá	*René Risental*
Florianópolis	*Osvaldo Melo*
João Pessoa	*José Borges de Sousa*

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores

Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), Cr. $100,00 — Ultramar (12 números) moeda equivalente a 70$00 — Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro e da Casa do «Tio Juca», do Salvador, Bahia

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.
ALLAN KARDEC	
Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita	20$00
A Prece	12$00
Espiritismo	15$00
O Principiante Espirita	18$00
O que é o Espiritismo	18$00
O Livro dos Espíritos — enc. 45$00	32$00
O Livro dos Médiuns — enc. 45$00	32$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 45$00	32$00
O Céu e o Inferno — enc. 47$00	35$00
A Génese (nova edição) — enc. 47$00	35$00
Obras Póstumas — enc. 45$00	32$00
Vade-Mécum Kardequiano	16$00
LÉON DENIS	
Cristianismo e Espiritismo	50$00
O Além e a Sobrevivência do Ser — Enc.	25$00
O Grande Enigma	30$00
Depois da Morte (nova edição)	50$00
O Porquê da Vida	28$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00	50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 60$00	48$00
El Problema del Ser e del Destino	52$00
No Invisível (nova edição)	52$00
GABRIEL DELANNE	
O Espiritismo Perante a Ciência — enc. 64$00	52$00
A Evolução Anímica	48$00
O Fenómeno Espirita	45$00
A Alma é Imortal	52$00
A Reencarnação	52$00

(Continua na 3.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

17.º ANO | LISBOA, JUNHO DE 1956 | N.º 6

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 5 66 05

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. N. do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

RACISMOS

Notícias da América do Norte dizem-nos que uma estudante negra da Universidade de Alabama foi expulsa pelos condiscípulos, que a espancaram sem ter em conta a sua condição de mulher. Ao conhecer o facto, os estudantes de Oslo e Copenhaga ofereceram à jovem as suas casas de estudo.

Assim, em termos simples e lacónicos, se levanta um velho problema que não abona as sociedades de grande nível técnico, onde o conceito fraternal é, às vezes, ignorado.

Alexis Carrel, no seu livro «O Homem, esse Desconhecido», demonstra que o progresso da matéria não acompanhou o progresso do espírito. Mais ainda: que o desequilíbrio provocado pelas alterações de vida foi de tal ordem, que é lícito perguntar se o esforço realizado tem sido positivo.

Na verdade, a felicidade colectiva não pode ser atingida pelo esforço de uma parte, mas pela contribuição do todo. É preciso admitir o princípio da coexistência pacífica que os governos subscreveram, em protocolos que a História apreciará, mas que os racismos não querem reconhecer.

Lamentamos, sinceramente, que tais casos sucedam na América do Norte, país de grande cultura e campeão da liberdade dos oprimidos. É produto da sua evolução. Por muito avanço técnico que tenha conseguido, deixou-se atrasar no avanço moral.

Os vinte milhões de negros que ali exercem actividade e pagam impostos; que lá nasceram e cresceram, fazendo parte integrante da grande comunidade; que por ela trabalham nos misteres mais rudes, dando-lhe o suor do rosto para transformar em pão, têm o mesmo direito à vida que os outros cidadãos. As batalhas e os linchamentos que, de vez em quando, as próprias agências americanas veículam em seus comunicados, são produto de ideias mal assimiladas em que o factor moral é desprezado em benefício do racismo.

Nesta conjuntura a questão é mais grave, porque o fenómeno deu-se numa Universidade e os protagonistas são indivíduos cultos, talvez futuros professores ou futuros dirigentes. Agredir uma mulher, já em si é feia acção. Mas agredi-la com ideias de racismo, é mais do que feio, é inqualificável.

O governo americano deseja abolir a segregação escolar, de harmonia com as determinações do Supremo Tribunal de Justiça. Mas os Estados dividem-se, principalmente no Sul, onde a reacção é mais intensa. Querem a segregação, isto é, escolas para brancos e escolas para negros.

Em Portugal e Brasil não existe semelhante preconceito. Todos trabalham e convivem na melhor harmonia, todos são filhos dilectos da terra-máter.

Que pena temos das incongruências humanas, quando se dirigem a raças diferentes! Unir, aproximar, amorosamente e fraternalmente, é o caminho dos povos que desejem progredir em todos os sentidos.

Como espiritistas, nada podemos admitir contra os direitos adquiridos. A cor da pele é questão secundária, que as almas distinguem-se pelos actos, pelo bem que espalham.

Que culpa tem o negro de ser negro e o branco de ser branco? Porque esbulharam os judeus da sua pátria, durante séculos e séculos de ostracismo? A fraternidade e o amor são as alavancas do progresso moral, cujas directrizes colimam felicidade e só felicidade.

A civilização deve unir, não deve segregar. Nas horas psicológicas, os governantes apelam para a boa vontade dos governados. Não fazem exclusão de sacrifícios. Todos os braços são braços, negros, brancos, amarelos. No fundo, há corações que vibram pela mesma terra e se dirigem à mesma causa.

O racismo é injusto. Deve combater-se, porque denota inferioridade moral. Bem andaram suecos e dinamarqueses em oferecer as salas de estudo à estudante negra de Alabama.

COMO DEVE COMPREE

Assim como todos os psiquistas deviam adoptar uma classificação — tipo dos fenómenos psíquicos, assim também os que reconheceram a verdade do Espiritismo deveriam estar de acordo, quanto à forma de compreender esta doutrina.

Chegou o tempo de o fazer, porque hoje já não se pode apresentar o Espiritismo de forma oculta, misteriosa ou sobrenatural. Actualmente, só é oculto o que se tem interesse em ocultar; só é misterioso o que é insuficientemente compreendido, e a palavra «sobrenatural» deve riscar-se dos dicionários, pelo menos com a significação «contrária à natureza», que é costume dar-lhe.

O verdadeiro Espiritismo é mal compreendido e totalmente ignorado por muitos dos que julgam conhecê-lo.

Eu estou convencido de que, entre as pessoas que se dizem ou julgam espiritas, poucas prestam serviços ao Espiritismo, o qual, com outras coisas, é admirável em mãos experimentadas, mas muito perigoso em mãos de incompetentes.

É que o Espiritismo abarca tão grande número de matérias, que é impossível conhecer todo o seu alcance, sem o haver estudado durante longo tempo. A sua própria definição ainda está por encontrar e esta é uma das causas de numerosos erros, equívocos de opiniões divergentes que circulam a seu respeito.

Sem falar daqueles que, insuficientemente ilustrados, consideram o Espiritismo como diversão ou superstição, há muitos eruditos que o explicam como filosofia, doutrina, escola; outros apresentam-no como religião, cisma novo dentro do cristianismo; outros vêm nele apenas renovação da moral; e outros, finalmente, que se interessam pela parte experimental, qualificando-a de ciência positiva.

Na realidade, todas estas definições são justificadas, cada qual debaixo do seu aspecto; mas seria preciso reuni-las todas numa definição especial do Universo da generalidade das coisas e, principalmente, dos indivíduos, e numa compreensão especial da vida, da morte e das leis naturais, pois deseja, sob o seu estandarte, todos aqueles que são suficientemente francos, leais e sinceros para fazer tábula rasa das ideias precocebidas, das opiniões moldadas, ao mesmo tempo que bastante valorosos e atrevidos para empreender, sem ligar importância a dificuldades, um estudo muito árduo, muito longo e muito delicado. Pelo raciocínio e pela lógica em que se apoia, satisfaz o positivismo daqueles que se percatam do erro materialista; e pela moral e religiosidade que dele derivam, satisfaz o idealismo dos espiritualistas que sentem a necessidade duma fé raciocinada que substitua os dogmas ilusórios e quiméricos e a credulidade cega, incompatível com a inteligência e a dialética moderna.

Numerosas pessoas só vêem no Espiritismo mesas girantes, mediunidades, aparições e visões mais ou menos fictícias, materializações de fantasmas, etc. Evidentemente, o lado experimental tem enorme importância; é também indispensável a esse magnífico edifício, todo luz, todo claridade, todo verdade, à semelhança dos alicerces e do sub-solo de um monumento; para alguns, desempenha função mais importante; e é precisamente o conhecimento dos fenómenos que requere os maiores estudos, pois, quando incompleto, conduz frequentemente a consequências erróneas e perigosas.

O que atrai mais na concepção espirita, é a limpidez, a evidência, a clareza com que rasga os misteriosos véus estendidos sobre a natureza.

A sua majestosa beleza está nas consequências morais e filosóficas que devem conduzir a humanidade a um progresso que tem por limites a perfeição.

★

Mas deixemos esta parte e ocupemo-nos dos factos, em que o Espiritismo Científico e Experimental deve apoiar-se.

Muitos dos que têm estudado estes fenómenos, dizem que a sua base repousa, por um lado, na propriedade que tem o corpo humano, de desdobrar-se, parcial ou totalmente, e também — isto só para alguns investigadores — no facto de essa parte desdobrada subsistir depois da morte, em cujo instante o desdobramento completo é natural, o duplo se separa definitivamente do corpo e este entra em decomposição.

Para todos que hão estudado esta propriedade do desdobramento durante a vida normal, isto é um facto inconcusso e são muitos os seres vivos que se têm manifestado fora do corpo físico.

Que duplo é este? Eis a pergunta que se

impõe aos que se entregam a estudos metapsíquicos.

— Por que é ele geralmente invisível e imponderável?

É porque as nossas faculdades sensoriais são limitadas. Os nossos olhos percebem apenas a milésima parte das coisas existentes e o mesmo se dá com a maior parte dos nossos sentidos.

Será anticientífico julgar que esse duplo preexiste e sobrevive à vida material? Eis outro problema que todo o pensador deve propor-se resolver.

Numerosas teorias se têm emitido para a explicação dos fenómenos psíquicos. Na hora actual, creio que podem classificar-se em cinco, abstraindo aquelas que não merecem consideração, como a teoria da coincidência, que se desvanece ante a multiplicidade dos fenómenos; a teoria satânica, posta a circular por Certas igrejas, para separar os fiéis do estudo do Espiritismo; e algumas outras mais ou menos extravagantes que dimanam de obervadores improvizados, iludidos, ou de juízo cerrado.

1.ª Teoria do Magnetismo e do Hipnotismo (leitura e transmissão do pensamento, sonambulismo, clarividência, lucidez). — Os que estudam a fundo o Magnetismo e o Hipnotismo e não admitem a explicação espirita, por lhes parecer estranha e paradoxal, certo número de fenómenos, sobretudo as manifestações intelectuais, apresentam-se, efectivamente, em condições tais, que a solução parece estar ali, e nós podemos dizer que está... para determinado número de casos.

2.ª Teoria da telepatia. — A telepatia é a ideia ou sensação experimentada por um *sujeito* e relacionada com qualquer acontecimento real do mesmo instante, mas à distância ou em condições que dêem a ilusão de ser materialmente impossível. Noutras palavras: é a transmissão espontânea e à distância de pensamentos, sensações ou imagens. A maior parte dos autores afirmam que esta transmissão só pode realizar-se entre seres *materialmente* vivos.

Aqui, como na teoria precedente, nota-se que certos fenómenos, entre eles os de ordem intelectual, podem ser explicados por esta, que se acha próxima da verdade.

A única reserva que se impõe é que a transmissão pode fazer-se entre todos os seres pensantes, quer tenham, quer não tenham corpo físico, isto é, (falando em linguagem profana) entre vivos; entre mortos e vivos; entre mortos; entre vivos e mortos.

3.ª Teoria anímica (desdobramento do corpo humano vivo). — É a que Aksakof tão admiràvelmente descreveu, durante muito tempo, julgando poder atribuir tudo à acção do médium, ao seu automatismo, ao desenvolvimento da sua personalidade, à exteriorização das suas faculdades sensoriais, motrizes e intelectuais.

Segundo esta teoria, as entidades comunicantes seriam apenas personalidades factícias, criadas, em todas as suas partes, pelo automatismo ou desdobramento do médium.

Também aqui se pode provar que certo número de manifestações seriam susceptíveis de receber tal explicação; mas, como para as teorias precedentes, evidentemente que se excluem dela bom número de fenómenos.

A teoria anímica pode, portanto, ser verídica em certos casos; mas a conclusão exclusiva que se tem querido inferir dela é ilógica e irracional, porque está contida na doutrina espirita, da qual não pode separar-se, porque é um ramo da mesma e só por ela pode ser explicada.

O professor Henrique Morselli, de Génova, expõe, com o nome de Biologia, outra teoria que se confunde num todo com a do anismismo; e o naturalista Jão Friedel apresenta outra, que se relaciona ainda mais com ela e com as seguintes.

4.ª Teoria da Subconsciência. — Esta teoria aproxima-se da tese espirita. A subconsciência mais não é que alma ou espírito. Muitos dos nossos sábios psiquistas modernos, pretendem haver provado cientificamente a sua existência e demonstrado que é exteriorizável, isto é, que pode existir fora do corpo físico ou material, de que é independente, e ao qual preexiste e sobrevive.

As considerações filosóficas e científicas que se desprendem destas provas, conduzem tais sábios a crer na palingenesia, ou reencarnação, permitindo uma vida espiritual entre as diferentes vidas materiais.

Esta escola de sábios é a que mais se aproxima do Espiritismo, cuja doutrina aca-

bam por admitir, à excepção da comunicação dos espíritos, por lhes faltar — dizem eles — a prova científica.

5.ª Teoria Espírita. — A interpretação espírita, não é, como acreditam muitos partidários do Espiritismo, uma teoria completamente aparte das que precedem. Engloba-as e completa-as, por uma concepção geral que abarca o todo, porque ela compreende as teorias do magnetismo, da telepatia, do animismo e da subconsciência.

Insisto neste ponto, porque quisera acabar com a lenda, profusamente espalhada, de que os espíritas têm a pretenção de encontrar em todos os fenómenos psíquicos a prova da existência dos espíritos.

Eis um grande erro. Se alguns destes fenómenos são inexplicáveis sem a intervenção dos espíritos, muitos outros podem ser, e são, produzidos por forças ou inteligências que não emanam de tais espíritos.

De maneira geral, a maior parte dos fenómenos psíquicos provam a existência do *espírito*, se não dos *espíritos;* confirmam que a matéria não existe isolada; que a nossa personalidade, a nossa individualidade, é a nossa alma, o nosso espírito, o nosso corpo espiritual, e não uma dependência do nosso corpo físico ou material. Demonstramos também, que as personalidades espirituais se influem entre si, se magnetizam — permita-se a expressão — tão bem, se não melhor, quando estão libertas da matéria, do que quando no corpo carnal.

A teoria espírita apresenta-se, então, como paradoxo para uns e absurdo e puerilidade para outros.

Os seus partidários afirmam que a prova científica está feita; os seus adversários afirmam o contrário: isto demonstra o que é comum a muitas discussões: o que é prova para uns, não é prova para outros.

Contudo, parece indubitável que, quando se obtêm mensagens escritas e assinadas, que peritos grafólogos declaram ser de mão de pessoa cujo falecimento é anterior a tais escritos e assinaturas; quando as comunicações são recebidas sob a forma de correspondências cruzadas; quando as inteligências invisíveis se tornam, pela materialização, visíveis e palpáveis; quando dão aos parentes e amigos provas pessoais da sua identidade..., é-se obrigado a reconhecer a existência de tais inteligências, por muito que pese à invisibilidade ordinária.

Estes casos são relativamente raros, porque não há paciência e perseverança para os obter. Muitas pessoas convencidas têm confessado haver esperado dez, vinte e trinta anos, antes de possuir estas provas; mas, como disse o grande sábio inglês Alfredo Russell Wallace, profundo materialista convertido ao Espiritismo, «os factos são coisas discutíveis». Na hora actual, certo número de obras espíritas estão cheias destes factos, que constituem as provas da existência dos espíritos e da sua intervenção em nossa vida.

E apesar disso recordarei sempre o irónico cepticismo com que acolhi, no princípio das minhas investigações psíquicas, esta ideia que me parecia infantil e divertida, da existência das entidades invisíveis; de seres imponderáveis susceptíveis de inteligência, de razão e de vontade, que evolucionavam em torno de nós de forma grotesca, como esses homens-globos, cheios de gás denso, que se elevam lentamente na atmosfera, em festas de aldeia, antes da ascensão dum aerostato.

A ideia de outro mundo é, a princípio, tão verosímil, que afasta do seu estudo muitos indivíduos positivistas que esquecem, talvez um pouco prematuramente, que, sem o telescópio e o microscópio, ignoraríamos ainda a quase totalidade que existe no cosmo.

A fotografia, combinada com esses dois preciosos instrumentos, dá-nos provas materiais e duradoiras da existência de centenares de milhões de mundos estelares e planetários, a maior parte certamente habitados, cuja existência era quase ignorada, há poucos séculos: e a microfotografia, por seu lado, dá-nos provas, não menos tangíveis, da existência de quantidade ainda mais considerável de seres infinitamente pequenos, totalmente desconhecidos há coisa de cem anos.

Não se está vendo, agora, que a fotografia transcendental e a que se obtém através dos raios solares, nos dá provas irrefutáveis da existência dos corpos fluídicos dos vivos e dos mortos?

De resto, quando se considera o estado embrionário em que está a ciência; quando se vê quantas coisas misteriosas (e até há pouco incompreensíveis e tidas por milagrosas ou sobrenaturais) são naturalmente explicadas pelo magnetismo ou pela nova ciência das vibrações, das ondas e das radiações, chega-se a compreender a razão de Arago ao dizer que a afirmação duma impossibilidade era grande imprudência.

O estudo da natureza do homem admite

principalmente dois grandes sistemas diferentes um do outro. Segundo a doutrina espiritualista, o homem é duplo: possui espírito e corpo material, claramente distintos pela sua essência, pelas suas funções e pelo seu destino. O materialismo, pelo contrário, só admite no homem a realidade física: o cérebro segrega o pensamento, como o fígado segrega a bílis, e o estômago o suco gástrico.

Um destes sistemas tem, necessàriamente, que ser erróneo. Pois bem; dia a dia se verifica que a teoria materialista é falsa; que a bílis e o suco gástrico são líquidos orgânicos, ao passo que o pensamento é faculdade nìtidamente abstrata que não pode ser produzida pelo cérebro, como o provaram, de maneira formal, grande número de cirurgiões e sobretudo os doutores Troude, Conteaud, Bellot, Marchand, Guépin, Vandesbosche, Hallopeau, Robinson, Le Ford, Regard, Raffegeau, Mignard e Chaneaud, para citar só os franceses, os quais provaram que a ablação de parte do cérebro não influi nas qualidades mentais e intelectuais dos operados.

A doutrina espiritualista, ao contrário, parece fazer progressos constantes, e a hipótese espiritualista é agora enfrentada pelos luminares da metapsíquica, que se vão rendendo à ideia da sobrevivência.

É, pois, dar mostras de parcialidade ou de negativismo sistemático opor simples encolher de ombros aos resultados de experiências científicas, como as que se vêm realizando há anos nos centros metapsíquicos adiantados, e recusar a teoria espirita, sem a ter estudado.

Disse e repito: os que aprofundam esta teoria, acabam por adoptá-la; os que se detêm no caminho continuam a combatê-la. Há muitos sábios que, de antiespiritistas, se converteram em ardentes defensores desta doutrina; pelo contrário, não se encontra nenhum espirita convencido que a tenha renegado.

É certo que as primeiras comunicações se acolhem com dúvida, com surpresa, e que é preciso, para entrar pela porta da crença, obter revelações de carácter particular. Quando se tem a vantagem de dispor de muitos médiuns e se pode, por isso, conseguir grande número de informações, provenientes de uma ou de muitas fontes, adquire-se a convicção de que se receberam verdadeiras comunicações de inteligências individuais, estranhas à personalidade do médium. Também se adquire a certeza, desgraçadamente pouco compreendida por muitos, de que existem espíritos de todas as categorias e que os maus e os inferiores são em muito maior número do que os elevados; mas que estes últimos, apesar da sua minoria, exercem ascendente considerável sobre os outros.

Eu queria destruir outra lenda concernente ao excesso de credulidade de espiritas inexperientes ou ignorantes em que predomina a imaginação. As comunicações dos espíritos superiores são mais raras do que se julga. Se não se tomarem as devidas precauções, ser-se-á muitas vezes mistificado por entidades que gostam de substituir aqueles que queremos ouvir. Chamo, por isso, a atenção para o facto de que não devem aceitar-se cegamente as comunicações — nem mesmo as dos espíritos elevados — como se fossem verdades infalíveis ou leis imutáveis. Todas as comunicações são ideias pessoais de inteligências em diferentes graus de desenvolvimento, que têm sobre nós, é certo, a vantagem de concepção mais livre, menos obstruída que a nossa, mas, apesar disso, manifestações de individualidades que não possuem omnisciência nem omnipotência.

Consideremos que todas as comunicações relativas à vida do Além podem diferir entre si; mas, estudadas a fundo, talvez não deixem de ter correlações surpreendentes.

Em todo o caso, as divergências das comunicações dos espíritos elevados são relativamente poucas e de escassa importância; e quando nos dão conselhos de moral, de sabedoria e de virtude, estão impregnadas de tal nobreza de sentimentos, que não se podem recusar. Mostrando-nos a vida e a morte no seu verdadeiro aspecto, levam-nos à compreensão do destino humano e de como devemos observar a solidariedade e a fraternidade universal para o irmos realizando; de maneira que, tomando ainda estas comunicações como simples conferências pedagógicas de ordem moral, ou como simples páginas de obra de educação cívica, não há motivo para lançá-las à margem.

Em resumo: deveria adoptar-se o seguinte significado da palavra «Espiritismo»: ciência e estudo do Espírito que conduzem a concepção especial do Universo e da generalidade das coisas e dos seres, isto é, a uma compreensão particular da vida, da morte e das leis naturais, e a uma moral acrisolada.

(Da revista «Luz e Vida»)

(Tradução de I. D. S.)

1.º

Evidentemente, dos modernos até 1900, só o nome de Pinel projectou na psiquiatria o próprio espírito humanitário; no fim do século XIX Kraepelin apresentou ao mundo um sistema classificativo de bases descritivas apoiando-se no trabalho de seus antecessores: Kahlbaum, Heckel, Babins, Wernicke, etc., e, hoje, a característica moderna de toda a aplicação psicanalítica está plena de preocupação etiológica compreensiva. O tratamento é causal sobre os mais diversos ângulos: anátomo-patológico, bioquímico, psico-dinâmico, sociológico... (1). Adler, fundador da Psicologia Individualista, com a sua «vontade de poder» (Adler considerava como factor único e exclusivo de toda a actividade mental o conflito entre o «sentimento de inferioridade» e o «afã de domínio»; esse contingente em psicologia é notável, mas, infelizmente, peca pela unilateralidade) e, principalmente, o «ideal profilático», aproximou-se muito mais do problema dos «complexos», não desmerecendo Freud, que possui o galardão de verdadeiro arauto. Apesar de todas as conquistas da anátomo-patologia nervosa, da técnica bioquímica, a «explicação causal das psicoses endógenas e das psico-neuroses desafiava todos os esforços». Foi quando surgiu o «método psicológico» e os «processos das associações livres» que Sigmund Freud — inspirado em Charcot, Liébault e Bernheim, desse último aproveitando todas as pesquisas no terreno do hipnotismo — desvendando a dinâmica dos actos humanos conscientes e inconscientes e criando uma filosofia específica que denominou «metapsicologia».

Ainda que os contemporâneos estudiosos da psicanálise tenham introduzido tantas e riquíssimas inovações, sob o influxo das escolas de Wilhelm Reich, Franz Alexander, Kaven Horney, Stack Sullivan, Abram Kardiner, Éricle From, etc., é ainda outra a proposta do presente ensaio e talvez seja uma tentativa de novo golpe, ou contra-golpe, da categoria daqueles que mencionava Freud, quando classificava a sua doutrina como «o terceiro golpe sério aplicado contra o orgulho da Humanidade».

O sistema heliocêntrico de Copérnico, destronando a Terra do centro do Universo, fôra o primeiro. A teoria de Darwin, desprivilegiando a espécie biológica humana, o segundo; e o terceiro, a sua, fulminando o livre arbítrio, a sublimidade dos sentimentos familiares e a inocência infantil... Freud, desencarnado em Londres, em 24 de Setembro de 1939, com 84 anos, abandonou o seu companheiro Breuer — introdutor do método catártico — alegando incompreensão desse: «Como quer que seja — foram as suas palavras — o que mais contribuiu para a decisão de Breuer foi a impossibilidade de familiarizar-se com a nova orientação que tomaram meus trabalhos». E ainda: «Posteriormente comprovei, com maior evidência, que, por trás das manifestações da nevrose, não entravam excitações afectivas de natureza indistinta — como defendia Breuer —, senão as de natureza sexual, sendo sempre conflitos sexuais actuais ou repercussões de acontecimentos passasados». Ao nosso ver, a generalização de Breuer traria melhores resultados... Freud, na ânsia de especificação e análise, exagerou e, para que tudo fosse interpretado, principalmente, através da «libido», foi necessário o uso de constantes artifícios; uma neo-psicologia não poderia, então, olvidar Breuer...

Todavia, à luz da Psicologia Espiritualista — pela vez primeira lançamos esta designação, certos de traduzir o nosso objectivo —, «o complexo» abrange temas inusitados e palpitantes. Assim, entre os inúmeros e que, entretanto, têm a mesma base psicológica, examinemos os mais comuns só a título de ensaio introdutório. De início, o «complexo de inferioridade».

Deixemos agora os conceitos sobre as construções do sexo, as concepções sobre o pensamento simbólico (os estudos de C. G. Jung — um dos heréticos — constituem o esforço mais notável da ciência contemporânea por uma autêntica compreensão do pensamento simbólico) (2) e todas as outras tradicionais. A nova psicologia intuitiva deve abranger todos os fenómenos psicológicos e psíquicos sob o ângulo «evolução espiritual» e, como isso está essencialmente vinculado ao desenvolvimento moral (intuição e super-intuição ou inspiração ou ultrafanismo, sem realização moral, é deficiente ou inexistente), é óbvio, então, que as manifestações da alma humana devem ser observadas, analisadas e aprofundadas, tendo em vista o glorioso destino do espírito, seu passado milenar, seu presente palpitante e seu futuro ultra-conceptual (3) — tudo em função do *desenvolvimento moral*, ou seja, aprimoramento e sensibilização do campo sentimental-emocional, raiz profunda da personalidade, alavanca mestra da Vida, pois que a própria intelectualidade estagna, enfraquece, se o desenvolvimento moral não é paralelo. E em planos mentais mais desenvolvidos a intelectualidade é adquirida pela intuição global e sintética que, como vimos, imprescinde do apuro espiritual evangélico.

O futuro do homem está correlacionado com a evolução da prática dos postulados morais e, sendo assim, a nova psicologia deve, definitivamente, desbravar esse novo campo, o âmago, isto é, o SENTIMENTO.

A nova psicologia abandona as visões parciais da «libido», da «vontade de poder»; não se adstringe rigorosamente ao radicalismo sinteticista da dinâmica estrutural de Kofka, Kehler e Wertheimer (Gestalt-Psychologie), ou às interpretações de dezenas de psicólogos modernos e actuais. Aliás, hoje, em todo o mundo, surgem incessantemente as mais diversas correntes, interpretações, escolas, conceitos, concepções... Todavia, cada psicólogo acaba no ecletismo, com métodos próprios, conforme manda sua experiência.

Assim, há uma enorme constelação de estudiosos: Franz Alexander, já citado, de Chicago, com a sua «Psichoanalysis of the Total Personality»; Flanders Dumbar, atacando sensivelmente o nosso objectivo, com a sua obra «Emotion and Bodily Changes»; Georges Dumas, um dos maiores psicólogos da Europa, autor do famoso *Tratado*, verdadeira enciclopédia, e que também sentiu a profundidade do problema emoção-sentimento, dedicando a vida ao estudo da «expressão das emoções»; Wilhelm Wundt, um dos fundadores da psicologia experimental moderna (foi Francis Galton que introduziu a experiência na psciologia); Stanley Hall, que em psicologia foi evolucionista e em fi-

COMP

PSICOLOGI

(EN

Por ZALMIN

(Correspondente

losofia, monista, tendo actualmente diversos discípulos, como Dewey, Bagley e Murchison; os espiritualistas católicos J. de la Vaissière e Georges Dwelshanvers; Pierre Janet, um dos maiores psicopatologistas da Europa; Ernst Kris, com seus importantes trabalhos sobre a psicologia da arte, psicanálise e sociologia; Gregory Zilboorg e sua psicologia clínica; Ernest Jones, Presidente da Associação Psicanalítica Internacional (Londres); Gordon W. Allport, com seus extraordinários estudos sobre a personalidade (nos Estados Unidos, precisamente, o seu movimento é muito conhecido como «psicologia da personalidade»), autor famoso de «Personality, a Psychological Interpretation» (New York), considerando por problema principal o concernente à natureza da estrutura da personalidade e sua composição em termos de sub-estruturas ou unidades, tendo por discípulos e assistentes F. H. Allport, Cosey, Werner e outros, preocupando-se quanto ao termo «percepção», empregado com relação à personalidade e propondo substituição pela palavra «compreensão», terminando por afirmar que o «processo de entendimento da personalidade requere intuição e inferência» (5).

LEXOS

ESPIRITUALISTA

AIO)

ZIMMERMANN

Porto Alegre – Brasil)

Suas conclusões são meritórias, mas há nelas ausência de entendimento espiritualista sobre o fenómeno intuitivo, e isso, infelizmente, desvaloriza qualquer tentativa de aproximação científica do seu verdadeiro conteúdo...

Por exemplo, o referido autor, comentando Galton, no estudo que faz sobre a caracteriologia — e esta, para nós, exige de modo todo especial a técnica intuitiva, como tão bem compreendeu Klages, embora indirectamente — declara que o método experimental «parece destinado a dominar a psicologia da personalidade durante o século XX»...; Angel Garma (da Associação Psicanalítica Argentina), cujos últimos trabalhos têm merecido a atenção dos psicólogos de todo o mundo, pode ser considerado como reedificador da doutrina de Freud, de quem é fervoroso discípulo; tira novas ilações sobre o potencial inconsciente — «de importância capital para o aspecto da medicina contemporânea foi a conclusão psicanalítica de que as enfermidades não caem sobre o indivíduo como meteoros do céu, mas que, em sua génese, intervém a própria vontade inconsciente» (6) e aborda ângulos mais ou menos inéditos sobre os conflitos entre os instintos de Vida e de Morte e a personalidade, além de dar interessantes interpretações sobre diversos outros temas psicanalíticos e muitos outros cuja enumeração seria cansativa...

Aproveitemos suas contribuições e continuemos. A psicologia agora será mais profunda: tudo está ligado ao sentimento O homem é sentimento. Sentimento-Emoção, eis o palpitante tema da actualidade. É ainda Iracy Doyle quem diz: «os resultados até agora obtidos (7) provam que as emoções penosas e crónicas são capazes de determinar alterações fisiológicas que, mantidas durante longo tempo, condicionam modificações estruturais dos próprios tecidos». E mais adiante: «Pela via vegetativa, as emoções são capazes de influir nos processos metabólicos do organismo» (8).

A psicologia que Ubaldi denominou «intuitiva» (9) é, a nosso ver, a psicologia do sentimento. Não são poucos os psicólogos modernos que já o sentem. Entre outros, William James, fundador do «pragmatismo» em filosofia e do «funcionalismo» em psicologia, responsável por inúmeras inovações em psicologia, como a famosa «corrente de consciência» (stream of consciousness) e outras, aproximou-se bastante, quando distribuiu as personalidades em EU Natural, EU Social e EU Espiritual (10). E que expressão possante a de Stanley Hall: «nossa inteligência é átomo flutuante em mar de sentimentos!». E Briggs: «Não nos apartaríamos muito da verdade se afirmássemos que o carácter (referindo-se a toda a personalidade) em síntese, é a soma de nossas atitudes emocionais». A soma de atitudes emocionais é o sentimento, o reservatório profundo das emoções.

É comum a distinção entre o sentimento e a emoção. O primeiro é mais duradoiro. Realmente. Todavia, visto o fenómeno em sua estrutura mais íntima, «emoção-sentimento» ou «sentimento-emoção» formam um só todo.

E agora, concluindo: o EU é o carácter, e esse, então, é Sentimento. Aliás, a psicologia personalista é levada por essa «sede de unidade»; o homem, segundo William Stern e todos os insignes «personalistas», não é uma «coisa» e sim uma «pessoa única» e esta concepção deve fundamentar toda a interpretação da vida psíquica. Sem dúvida, é uma esplêndida reacção contra a mutilação processada pela psicologia associacionista e reflexológica.

Abordamos o «complexo de inferioridade»—afã de superioridade—. A exegética da nova psicologia situaria esse «complexo» na hipertrofia sentimental que todos nós conhecemos como «amor próprio», em termos de exagero, é óbvio... Enquadra-se, então, no campo patológico. O indivíduo sente-se inferior, porque é muito orgulhoso. Quer ser o centro e não consegue, porque não possui aptidões de *chefe*. E sente-se humilhado. Sente-se inferior. A verdade é que ele gostaria de ser o superior. Se fosse humilde, não se sentiria humilhado e, portanto, não teria o famoso «complexo» (pomposo título dado aos desequilíbrios sentimentais). E a terapêutica da nova psicologia para o «doente» não se resolve, profundamente, pela psicanálise, como nós a conhecemos. O «doente» precisa é de Evangelho. Se conseguir acordar o Cristo em seu coração, acabará com o seu tão discutido «complexo de inferioridade». O psiquiatra, mesmo nos casos de patologia puramente somática, se bem que raríssima, e o psicólogo do futuro, serão bem mais diferentes: serão sacerdotes e, mais do que isso, irmãos!...

E o «complexo de superioridade»? Configura-se simplesmente: quer o indivíduo ser mais que os outros e, não o conseguindo, cria para sua personalidade um artifício. Já que não lhe dão valor, busca em si mesmo ser importante. Empola-se, empertiga-se moralmente e vai-se endeusando e ensimesmando (este problema ligase muito com o das «frustrações», cuja base é quase idêntica), quer afirmar-se de qualquer maneira. É a antinomia do «complexo de inferioridade». Às vezes o indivíduo sente-se inferior a outro e procura de algum modo justificar-se perante seu «amor próprio», resolvendo, então, adoptar atitudes aparentemente superiores, no afã de desvalorizar esse outro,

quando seu íntimo anseio, nada mais é que a procura do carinho e consideração do seu semelhante... Dramas enormes, que a ciência freudiana tem procurado justificar e catalogar, usando frágeis conceitos.

A neo-psicologia ataca logo o âmago: o sentimento hipo ou hiper-atrofiado. E em todos os ângulos. Todos os fenómenos psicológicos ganham nova cor. Vimos só dois «complexos», porque o presente trabalho não passa de introdução; porém, a nova concepção é aplicável a toda psicanálise com vigor transcendental.

Segundo Freud, os instintos de Morte são responsáveis pela busca da desgraça, da enfermidade, etc. Mas, que são instintos de morte, se tudo na VIDA é evolução, conservação, vitalidade? A psicologia espiritualista vê sòmente, por trás desse fenómeno, a busca de carinho. Nada mais. O «doente» quer ser alvo de amor e cuidado e elabora, espiritualmente, estados psíquicos negativos com grande ressonância somática... Isso, quanto ao masoquismo. Mesmo naqueles estados de indiferentismo perante a dor no próprio corpo e a procura constante da mesma, não passam de inversão sentimental: a criatura quer, na realidade, é afecto, compreensão. E o polo oposto, o sadismo, radica-se em bases idênticas. O indivíduo procura amor. A projecção de sua personalidade, nesse íntimo e profundo anelo — impulso social — não encontra eco. Há semi-inversão sentimental: o indivíduo torna-se violento, afirma-se na força, na destruição. Não é instinto de destruição — que alguns psicólogos ousam vislumbrar na infância, quando se processa o desenvolvimento motor e o consequente «prazer funcional» — mas a busca de carinho. A criatura procura ver sofrer os outros e, na realidade, forma um espelho do seu íntimo sofrimento.

O tema é palpitante, é extraordinàriamente profundo e não cabe nestas linhas simples; todavia, se Deus quiser, servirá para delinear os novos horizontes da futura psicologia. Instintos, impulsos, só de VIDA, EVOLUÇÃO, e tudo gravitando em torno do Sentimento que, em sua escala, reflecte a variação do próprio Amor Universal. A maior terapêutica é o Amor. Não esse amor animal, amor-sexo, de Freud, e sim, o verdadeiro Amor Espiritual. Theodor Reik (11) assim comenta: «A doutrina de Freud é um profundo equívoco. O amor não é uma necessidade biológica, já que há milhões de pessoas que não o sentem —?— e que há povos que o desconhecem... Não há secreções internas ou glândulas que o produzam. O sexo, em seu princípio, carece de objecto; o amor, pelo contrário, o possui. É bem definida a relação emotiva entre o *eu* e o *tu*». Diríamos nós: entre o *eu* e a *Criação*, cada vez em partes maiores, conforme evoluimos. Reik é inovador e semi-arauto da psicologia espiritualista; lança as bases de nova psicanálise num estudo em que, segundo declara belissimamente, «a intuição sustenta um saboroso colóquio com a análise científica». Já, por isso, se debatem com bravura diversos psicólogos católicos, tanto quanto permite a Doutrina de Roma. Assim, Vanderveldt e Odenwald (12) afirmam que «os princípios acordantes com a teologia e a filosofia católicas, poderiam governar uma aproximação mais prática do problema da doença mental». Propugnam-se por uma psiquiatria «que vise o princípio cristão de integração, que é norteada pela lei natural e pela fé em Deus». E o grande psicólogo Wilhelm Stekel (13) nos transmite que «a missão primordial do homem pode concretizar-se do seguinte modo: ser feliz e espargir, como um sol radiante, a felicidade ao seu redor; esta felicidade nasce em nós da combinação apropriada entre a satisfação e a renúncia, entre o prazer e o dever, entre vencer e ser vencido; conquistar a «vontade de viver», retê-la e professá-la sempre e em todo o momento. Necessitamos de uma religião de «alegria de viver», de afirmação vital, de «amor». É um psicólogo que fala em religião, no desejo sério, íntimo, de iluminar a ciência com o amor!...

---

(1) Iracy Doyle — «Introdução à Medicina Psicológica» — Cap. «Características da Psiquiatria Contemporânea e Perspectiva Futura». (2) Ver, em especial, C. G. Jung — «Transformaciones y Simboles de la Libido». (3) Pietro Ubaldi — «A Grande Síntese» — Cap. «A Evolução das Dimensões» e outros. (4) Idem — «As Noúres». (5) Gordon W. Allport — «Personality, Psychological Interpretation» — Cap. «Inference and Intuition» — Pg. 547: «... From all that has been said it should now be obvious that the process of understanding requires both intuition and inference». (6) Ángel Garma — «Sadismo y Masoquismo na Conducta Humana» — Cap. «Freud y el Tratamento Psicoanalitico» — Pg. 309 (7) Iracy Doyle — Obra citada — Pg. 391. (8) E mais: quem não sabe de casos de emoção tão forte que mata? E não só quando os pacientes são idosos ou padecem de certos distúrbios cardíacos. Ainda há pouco, a imprensa brasileira divulgou um facto lamentável. Em Belo Horizonte, o sr. Joaquim Lopes foi acordar sua filhinha Sílvia Maria para que visse os presentes que *Papai Noel* lhe trouxera. Diante das prendas, a pequena comoveu-se a tal ponto, que foi acometida de um colapso cardíaco, desencarnando instantaneamente- («A Hora» — 27-12-55 — P. Alegre). (9) P. Ubaldi — «Grandes Mensagens». (10) Cit. p. Louis Thorpe — «Fundamentos Psicológicos de la Personalidad». (11) Theodor Reik — «El Amor visto por um Psicólogo». (12) James Vanderveldt e Robert Odenwald — «Psychiatry and Catholicism». (13) Wilhelm Stekel — «La Voluntad de Vivir» — Biblioteca Psico-Analítica.

(A concluir)

Dois livros novos

RUMO ÀS ESTRELAS, por H. Dennis Bradley.

Um livro extraordinário há muito reclamado pelo mundo estudioso. A sua primeira edição portuguesa produziu sensação pelas afirmações nele contidas acerca dos mais palpitantes assuntos, como a «Filosofia do sexo», «O Problema da Eternidade», «As Artes das Outras Esferas» e as experiências realizadas com Valiantine na América do Norte, que levaram o autor à conversão.

Br., grande formato ... 80$00

A GRANDE ESPERANÇA, pelo Doutor Charles Richet

Outro livro igualmente precioso, obra de cientista, filósofo e sociólogo, «A Grande Esperança» abre enormes clareiras nas veredas tortuosas da humanidade. Alguns captitulos: «A Expansão do Homem e da Inteligência», «A defesa Contra a Morte», «A Defesa da Espécie e o Amor», «O Mundo Habitual», «O Inabitual na Biologia», «O Inabitual no Conhecimento e na Vida Material».

Br. grande formato ... 60$00

CONTE O SEU CASO...

COMO SE TORNOU ESPIRITA?

Depoimento de JOAQUIM PEREIRA JÚNIOR

Não posso considerar os factos que vou relatar como exclusivamente responsáveis pela minha adesão à causa espirita, visto que me foram contados quando já tinha certa tendência para as coisas espiritualistas. No entanto, os ditos factos foram como que uma machadada nas minhas convicções de então.

Até aos vinte anos fui um materialista acérrimo. A imortalidade ou os assuntos religiosos deixavam-me indiferente. Hoje compreendo a razão disso. Ainda não tinha chegado a minha hora! O ambiente em que fui criado, tudo uma família de cépticos, em nada concorria para me interessar pelas coisas do espírito.

Digo isto para se avaliar em que circunstâncias me veio tocar o Espiritismo. Passo, pois, a narrar um dos casos que me levaram ao estudo desta bela doutrina e que só me foi contado anos depois de ter ocorrido, porque, nessa altura, a família, a tal família de cépticos, ainda não me julgava suficientemente adulto.

Tinha eu 13 para 14 anos, quando veio viver connosco uma primita um pouco mais nova do que eu, em grau de parentesco muito afastado. Leonor da Graça Sardinha se chamava a pequena. Era muito estimada por todos, e, entre ela e minha mãe, desenvolveu-se uma certa amizade. Quando a pequena adoeceu estava eu a passar as férias na minha terra natal, de onde ela viera viver connosco. Ao regressar fiquei muito impressionado por já não a encontrar em casa. Estava internada no Hospital de Santo António dos Capuchos, para onde transitara devido à influência de um vizinho nosso, já falecido, de nome Joaquim de Almeida, ajudante de fiscal no referido hospital. Por essa razão eram dispensados à pequena Leonor uns certos cuidados.

Embora a doença pulmonar fosse grave pareceu estacionar e, ao fim de certo tempo, estávamos menos apreensivos, nada fazendo supor o que depois sucedeu. Assim, uma certa madrugada, minha mãe levantou-se muito cedo, na ideia de fazer o habitual cafezinho. Eram quase 7 horas da manhã. Saiu do quarto e entrou no corredor, que percorreu, em direcção à cozinha. Fez funcionar o interruptor eléctrico e dirigiu-se à porta da varanda que dá para o quintal, na intenção de a abrir, mas nesse momento a luz apagou-se. Supondo tratar-se de avaria, manejou de novo o interruptor e a luz voltou. Ao pretender avançar, mais uma vez a luz faltou. Então decidiu ir, mesmo às escuras.

Foi nesse momento que sentiu qualquer coisa estranha que ainda hoje não sabe explicar e viu então, no meio da cozinha, a pequena a sorrir-lhe. Pareceu-lhe que flutuava no ar. Não teve tempo de ver mais nada, porque saiu a correr, muito assustada, através do corredor por onde viera.

A seguir chamou a família. Acordou um tio meu; e depois, um pouco mais calma, não teve coragem para lhe contar o sucedido. Limitou-se a pedir-lhe que fosse ver a luz da cozinha. O irmão levantou-se, foi à cozinha e verificou não haver qualquer avaria.

Já perto das 9 horas, entrou a vizinha do lado, a filha do dito Sr. Joaquim de Almeida, a qual se preparava para lhe dar uma notícia. Antes, porém, que ela falasse, minha mãe disse-lhe saber ao que ela vinha. A Leonor tinha falecido e era isso, com certeza, que lhe ia dizer. Embora a outra confirmasse o facto, mostrou-se, no entanto, muito admirada por a vizinha «já saber». A Leonor falecera às 9 horas da noite. O pai dissera no hospital que não avisassem a família. Sabia que nessa altura a vizinha estava um pouco adoentada e não queria fazer-lhe perder a noite na casa mortuária. Por isso, só no outro dia de manhã pedira à filha que lhe desse a notícia.

Resumindo: a pequena falecera às 9 horas da noite e foi vista por minha mãe às 7 horas da manhã do dia seguinte. O susto, que foi grande, residia principalmente numa coisa essencial. É que, no momento de a ver, tinha a certeza de que estava no hospital e, portanto, o que via era uma alma do outro mundo! Nem mais, nem menos. E não admira, tratando-se de uma pessoa leiga no assunto. Hoje, ainda chama *ilusão dos sentidos* a este e outros casos que lhe sucedem de vez em quando. Quanto a mim, o que a assusta é o medo do desconhecido.

Procurando depois a solução do problema, intrigou-me de princípio a questão de se apagar a luz. Assim tinha que ser, para que ela pudesse observar o fenómeno. Todas as outras coisas que tem visto, ou melhor, todos os sustos que tem apanhado coincidem sempre com o facto de haver pouca luz.

Assim, em vista disto e dos factos — contra factos não há argumentos — eu, ou qualquer outro mortal, não tinha outro remédio senão arrepiar caminho. Infelizmente, assim é. O homem, como qualquer asno teimoso, só muda de rumo, quando leva um encontrão. Felizes daqueles que não necessitam de esporas para marchar! No entanto, ainda não devo dizer que sou espirita, porque não quero assumir tão grande responsabilidade. Reconheço não ter evolucionado bastante para me despojar de certas imperfeições. Portanto, em plena consciência, não me posso considerar espirita. Serei, quanto muito, pró-espirita. Só esta doutrina me explicou o que nenhuma outra conseguira explicar-me. Evidentemente que o Cristianismo, fonte da doutrina espirita, já dava, a quem o quisesse aprofundar, preciosos ensinamentos quanto à imortalidade, reencarnação, etc., embora não nos ensinasse em pormenor, como o faz hoje o Espiritismo. O Cristo não podia ensinar o que não seria compreendido pelos homens de então!

Devo aqui prestar homenagem ao Espiritismo, que também teve a virtude de despertar o meu interesse pelo estudo do Cristianismo.

Lisboa, 21 de Fevereiro de 1956.

E. Psiq - Jun/56

EM TORNO DE UM TESTAMENTO

por ALSON J. SMITH

Todos sabiam que Chaffin tencionava deixar tudo a Marshall. Por isso ninguém pôs em dúvida o seu testamento, até que . . .

Um dos casos jurídicos mais estranhos registados nos Estados Unidos encontra-se nos arquivos do Estado da Carolina do Norte e da Sociedade Americana de Investigações Psíquicas. Trata-se do «Caso do Testamento Chaffin», único na moderna história jurídica, em que um sonho deu origem à revisão de uma desisão anterior. A história é ainda mais espantosa ao saber-se que quatro anos decorreram entre o fecho rotineiro do processo e o sonho que motivou a revisão.

James L. Chaffin era um rico lavrador, um tanto excêntrico, que vivia em Davie County, Carolina do Norte. Era casado e tinha quatro filhos — John, James, Marshall e Abner, por ordem de idades. Destes, Marshall era o preferido, embora ele gostasse de todos os filhos e se esforçasse por tratá-los imparcialmente.

Contudo, quando a idade começou a avançar, a família incitou-o brandamente a fazer testamento e, ao fazê-lo (a 16 de Novembro de 1905), elaborou um documento que não deixou dúvidas de que Marshall era todo o seu orgulho e alegria. Em testamento devidamente reconhecido por duas testemunhas e que não tentou ocultar nomeava-o único herdeiro dos seus bens e legava-lhe a fazenda da família e tudo o mais. A mulher e os outros três filhos foram postos de lado. A esposa e estes filhos ficaram, como se compreende, aborrecidos, mas atribuiram tudo à excentricidade do velho e a vida continuou para todos eles sem grandes atritos.

A 7 de Setembro de 1921 morreu o velho Chaffin, depois de uma queda nas escadas, e a 24 de Setembro Marshall Chaffin obteve aprovação do testamento. A mãe e os três irmãos não contestaram, por saberem que era documento válido.

O testamento foi devidamente aprovado e entrou nos registos do tribunal, como «arrumado», e a propriedade foi transferida para Marshall.

Passaram-se quatro anos calmos, sem qualquer acontecimento. Quatro anos de trabalhos agrícolas, merendas familiares, idas à igreja e um filme ocasional aos sábados à noite, na quinta, para os Chaffin, suas mulheres e filhos, e a velha mãe. A propriedade pertencia agora a Marshall, mas as coisas seguiam como dantes e a irritação dos deserdados foi desaparecendo gradualmente.

Uma noite, porém, em princípios de Junho de 1925, James Chaffin (o 2.º filho) teve um sonho tão intenso e estranho, que acordou banhado em suor. Havia algumas semanas que sonhava, principalmente, com o pai. Mas nessa noite, enquanto descansava, meio a dormir, meio acordado, o pai apareceu-lhe de repente ao lado da cama. O velho estava vestido como costumava em vida e usava o comprido sobretudo preto que o tornara conhecido em Davie County, durante, pelo menos, dez invernos.

No seu sonho, James viu o pai abrir o sobretudo e apontar repetidamente para um bolso interior. A visão desvaneceu-se abruptamente e James Chaffin acordou a suar e a tremer.

Depois do primeiro almoço daquela manhã, James dirigiu-se à velha casa da quinta, onde a mãe vivia. Sentia-se um pouco aparvalhado, mas o sonho fora tão real, que não teria mais sossego, enquanto não encontrasse o sobretudo e examinasse o bolso anterior.

A Sr.ª Chaffin lembrava-se perfeitamente do sobretudo e sabia que o tinha dado a John.

John Chaffin, o mais velho dos irmãos, vivia em Yadkin County, a cerca de 20 milhas. Na segunda-feira seguinte James foi de carro visitá-lo. John não estava, mas a mulher deste lembrava-se do sobretudo. Estava no andar de cima, pendurado num armário desde que a Sr.ª Chaffin o oferecera a John. Este usara-o apenas uma ou duas vezes por lhe ficar muito grande.

A mulher de John Chaffin e James tiraram o sobretudo do cabide e estenderam-no sobre a cama.

Nervosamente, James abriu-o e procurou o bolso interior. Estava cosido. James cortou os pontos e encontrou um estreito rolo de pa-

pel amarelecido atado com um fio. Abriu o papel e leu estas palavras escritas com a letra do pai:

«Ler o capítulo 27 do Génesis na velha Biblia de meu pai».

O avô de James, Nathan S. Chaffin, tinha sido padre. A sua «Biblia» era um objecto frágil, gasto, um dos bens mais estimados da família Chaffin, e estava na gaveta superior duma secretária, no andar de cima da velha casa da quinta dos Chaffin, em Davie County. James, já profundamente excitado, voltou à velha fazenda. Mas, antes de partir, ele e a mulher de John procuraram o capítulo 27 do Génesis na Bíblia». Contava a história de como o irmão mais novo, Jacob, suplantou o irmão mais velho, Esaú, e ganhou a primogenitura e as bênçãos do pai.

Nesta altura James Chaffin decidiu que não devia ir mais longe sem testemunhas. Procurou o vizinho Thomas Blackwelder e pediu-lhe que o acompanhasse, juntamente com a filha, à casa da Sr.ª Chaffin (o Sr. Blackwelder confirmou isto mais tarde).

Solenemente, James Chaffin e as três testemunhas seguiram a Sr.ª Chaffin ao andar superior, ao quarto onde a Biblia era guardada. A Sr.ª Chaffin abriu a gaveta e James retirou o velho livro, que imediatamente caiu no chão em três pedaços. James apanhou em dois dos pedaços e o Sr. Blackwelder no outro, que era o que continha o livro do Génesis. No capítulo 27 duas páginas tinham sido dobradas como que para formar um bolso, e nele encontraram um papel escrito pelo velho Chaffin, que dizia:

«Depois de ler o Cap. 27 do Génesis, eu, James L. Chaffin, faço saber a minha última vontade e testamento, como segue: Desejo, depois de me ser feito um funeral decente, que a minha pequena propriedade seja dividida igualmente pelos meus quatro filhos, caso vivam à hora da minha morte; tanto os bens pessoais como os bens imóveis, divididos igualmente — não estando vivos — com partilhas para os seus filhos.

E, caso ela viva, todos devem tomar conta da vossa mãe. Esta é a minha última vontade e testamento. Reconheci a minha assinatura e o selo. James L. Chaffin. Aos 16 de Janeiro de 1919».

Embora este último testamento não estivesse reconhecido, era considerado legal em Carolina do Norte, se pudesse provar-se que a escrita era a do velho Chaffin. Era evidente que sim: ninguém duvidou.

Em consequência, James pediu ao tribunal que anulasse o primeiro testamento.

Marshall tinha morrido, de maneira que o jovem filho intentou o processo de anulação do primeiro testamento e aprovação do segundo. A viúva de Marshall acedeu a comparecer no tribunal como tutora do filho «ad litem».

O caso, todavia, nunca foi julgado. Antes de marcarem o julgamento, foi mostrado o segundo testamento à viúva e ela concordou que a letra era do velho Chaffin e, portanto, válido. Por isso o tribunal mandou cancelar o primeiro testamento, sendo reconhecido o segundo.

O caso do Testamento Chaffin produziu furor em Davie County. Os cépticos acusaram James de ter forjado o segundo testamento, mas os peritos defenderam-no. Alguns psicólogos disseram que, provàvelmente, ele tinha ouvido falar ao pai de um segundo testamento e conservara a informação no subconsciente. Mas todos os membros da família Chaffin insistiram que o velho nunca falara em segundo testamento e certos investigadores psíquicos aludiram, com conhecimento, a «telepatia atrasada»...

Todas as tentativas para explicar o caso por meios normais resultaram inúteis. O caso mantém-se nos registos como um raro exemplo dos tempos actuais, em que um sonho ocasionou uma decisão do tribunal.

(De *Fate Magazine* traduziu Maria Madalena).

Era grande teu valor!

Ao espírito da irmã portuguesa Maria Gonçalves Duarte Santos

Teus pés deixaram na Terra
Formosas manchas de luz,
Pois foste uma verdadeira
Seguidora de Jesus.

Teve em ti a humanidade
Uma dedicada irmã.
Na difusão do Evangelho
Foi notável teu afã.

Talentosa, culta, boa...
Era grande teu valor!
Em teu coração havia
Grande nascente de amor.

Vives agora nas luzes
Do mundo espiritual.
Que te cumule de bençãos
Nosso Pai Celestial.

Bahia - 1955 **PAULO ALBERTO**

LEGIÃO DA BOA VONTADE

EM VOLTA REDONDA E NA BAHIA

VOLTA REDONDA, ESTADO DO RIO DE JANEIRO — Conforme vinha sendo anunciado, realizou-se a inauguração do *Núcleo n.º 12 da Legião da Boa Vontade*, em Volta Redonda — RJ, no dia 26 de Fevereiro p. p., às 14 horas.

A solenidade efectuou-se no anfiteatro da Escola Profissional da Companhia Siderúrgica Nacional, gratuitamente cedido para esse fim. O recinto ficou superlotado (mais de 500 assistentes), tendo durado a sessão 2,30 horas.

À mesa que presidiu aos trabalhos assentaram-se: presidente do Núcleo n.º 12, o presidente da *LBV Central* (Alziro Zarur), o pastor da *Igreja Presbiteriana* local (Rev. José Ferreira de Araujo), o professor Ramiro Gama, o presidente do *Centro Espirita Flora de Araujo*, de Resende — RJ, o presidente do *Tatwa 27 de Junho*, local, o secretário da *Loja Maçónica Independência e Luz II*, local, o presidente da *Associação Espirita Estudantes da Verdade*, local, os representantes do professorado local, do Sindicato dos Metalúrgicos, do prefeito, da Câmara Municipal, da Associação Comercial, da Companhia Siderúrgica Nacional, etc., tendo usado da palavra os sete primeiros, com vivos aplausos da numerosa assistência.

Foi um acontecimento indelével nos anais desta Cidade do Aço.

Houve delegações de várias cidades, sendo a de Resende (30 pessoas) das mais numerosas.

Veio do Rio de Janeiro uma caravana de cinco micro-ónibus e três automóveis, com cerca de cento e trinta legionários, chefiados por Alziro Zarur, o presidente vitalício da L. B. V.

Tendo à frente D. Zaida Pinho, presidente do Núcleo n.º 12, local, os legionários de Volta Redonda foram, em automóveis e bicicletas, ao encontro dos caravaneiros no limite da cidade e comboiaram-nos pelas principais ruas e na visita à *Usina* (altos fornos, laminação, fundição, etc.), após o que lhes foi servido um farto almoço à americana, na residência da legionária local n.º 127, à Rua 254, n.º 129, no Bairro de São Lucas.

Parte dos legionários cariocas ao chegar a Volta Redonda. 1) Alziro Zarur; 2) D. Zaida Marques Pinho; 3, 4 e 5) Filhos de D. Zaida

Às 18 horas os caravaneiros regressaram ao Rio de Janeiro.

(Do correspondente *A. V. Magaldi*)

★

No princípio do mês de Março p. passado, esteve em Salvador, capital do Estado da Bahia, Alziro Zarur, presidente da Legião da Boa Vontade, que ali foi para inaugurar o Núcleo local, o que se deu debaixo do entusiasmo vibrante de milhares de pessoas que se acotovelavam num dos maiores salões da cidade.

Durante os cinco dias de sua permanência na terra berço da nacionalidade brasileira, de onde prosseguiu viagem para o Ceará, a fim de inaugurar também o Núcleo de Fortaleza, Alziro Zarur realizou numerosas visitas a instituições sociais e religiosas, fazendo-se ouvir várias vezes perante enormes auditórios, sendo em toda a parte aplaudido calorosamente. Convidado por Alfredo Miguel para uma visita ao estúdio do «Serviço de Alto-Falantes 1.º de Janeiro», no bairro de Santa Luzia, onde este confrade dirige o programa «Espiritismo no Ar» aos domingos e quartas-feiras, o presidente nacional da Legião da Boa Vontade foi saudado pela legionária Sr.ª Rosa da Mata Bandeira, que leu ao microfone as palavras que a seguir reproduzimos:

Alziro Zarur, dilecto irmão em espírito e humanidade:

A obra empreendida e liderada pelo teu idealismo cristão, traz em si mesma a magia de empolgar a todos os corações anelantes de bem e de verdade. Dou de minha parte o testemunho de que fui uma das primeiras almas tocadas pelo magnetismo da tua palavra, e desde então venho colaborando nessa obra, sabe Deus com que vigoroso entusiasmo, embora diminuto seja o êxito do meu esforço em virtude de minha deficiência intelectual. Quem dá, porém, o que pode, dá tudo.

Resta que outras mulheres, e outros homens — pessoas de todas as crenças e nacionalidades — quantos almejam a união e a concórdia entre os filhos de Deus, em nosso querido Brasil e no mundo inteiro, venham trazer, como nós, a sua cota de serviço, nesse sacrossanto movimento de renovação espiritual.

Para cooperar e ter por seguro o triunfo dessa inédita Campanha por um Brasil melhor e uma humanidade mais feliz, o que se requere de cada

um não é bem a vontade, ou a força de vontade, senão a Boa Vontade, que devemos ter para com todas as criaturas em todas as circunstâncias da vida. Tenhamos boa vontade para com os de má vontade, e estes acabarão cedendo e cooperando connosco.

O «amai-vos uns aos outros», que cada religião cristã circunscreveu ao seu campo de acção, gerando a desconfiança e a animosidade entre os crentes das diversas facções religiosas, tem para a Legião da Boa Vontade um significado profundo, um sentido universal que nos faz estender a benevolência a todos os seres humanos, sejam quais forem as suas tendências religiosas e os seus países de origem. Pronunciando aquela sentença de eterna sabedoria, Jesus não se dirigiu apenas aos que se agrupavam em torno da sua figura, ou ao povo da sua nação; o Mestre falou para o mundo inteiro, a sua exortação foi endereçada à família humana localizada nos recantos mais longínquos do orbe em que vivemos. O espírito de seita, de que se não expungiram as igrejas cristãs ainda em nosso século de luz, é que restringiu o sentido do «amai-vos uns aos outros», de modo que o amor inculcado aos prosélitos de um credo religioso sofre estranha metamorfose, quando estes se defrontam ou discutem com adeptos de religião diferente. Sempre foi assim, como bem o atestam as guerras religiosas que a História regista, e os conflitos entre chamados cristãos, que ainda se verificam. Eis, porém, que esse estado de coisas, que remonta aos primeiros séculos da nossa era, não se conforma com as conquistas da moderna civilização e com as novas directrizes do espírito humano na colimação de um mundo melhor. E surge a Legião da Boa Vontade, movimento de carácter espiritista, porém imune de eiva sectária, com a finalidade precípua de destruir as barreiras ideológicas que separam os homens, no campo político e no âmbito religioso. Ela vem justamente unir os filhos de Deus que as religiões separaram. Vem congregar a todos indistintamente, e a todos dizer que se mantenham nas suas religiões, se nelas estão satisfeitos, contanto que não se guerreiem, que não se hostilizem em nome de suas próprias religiões.

Alziro Zarur, o pioneiro dessa causa generosa, o general dessa revolução pacífica que visa a conquistar com as armas do Amor a alforria espiritual do povo brasileiro, é neste instante o alvo das homenagens dos habitantes deste bairro de Santa Luzia, que dentro em pouco sentirão a influência sugestiva da sua palavra apostolar.

Sê benvindo, bandeirante da Fraternidade, e recebe o amplexo comovido dessa gente simples e humilde que te recebe de braços abertos e com a alma em festa.

FRATERNIDADE E AMOR

por JOSÉ A. P. DE MAGALHÃES

Sirvo-me de uma das formosas e sábias lições de Jesus para dizer-vos alguma coisa da Fraternidade e do Amor. Segundo Mateus, após o Cristo ter almoçado em companhia de reconhecido fariseu, seus discípulos lhe observaram: «Mestre, o povo está preocupado por teres aceite o convite e partilhado da mesa de um homem incrédulo e endurecido na hipocrisia». Ao que Jesus respondeu, compassivo: «Eu não vim curar os sãos, mas sim, os enfermos».

Meditemos, amigos, no sublime sentido desta resposta e orientemos por ela as acções e os impulsos de nossa alma, pois que tais palavras exprimem, em toda a pureza sagrada, a Caridade, a Fraternidade e o Amor.

Como filhos de Deus, somos todos irmãos e, como irmãos, devemos ajudar-nos mùtuamente, unindo-nos pelos elos inquebrantáveis da mais sincera afeição.

Os que já descortinem mais amplos horizontes e tenham subido alguns degraus da escada que conduz aos páramos da bem-aventurança, não olvidem os que tenham ficado para trás. Nos ásperos caminhos da vida, se encontrarmos um irmão cansado, em desânimo para continuar a marcha, façamos como o bom samaritano, confortando-o, estimulando-o a processeguir e transmitindo-lhe, enfim, a energia que Deus nos concedeu.

Quantas vezes, mesmo no seio das famílias, na santidade do lar, surgem incompreensões lamentáveis e as mais amargas e tristes recriminações! Quantas vezes um ente querido, nascido e criado sob o mesmo tecto, acalentado com os melhores carinhos, é rudemente alvejado ou atingido por imprecações desalentadoras, por ter, em momentos de fraqueza, dado um passo em falso, quando, justamente, é nesta circunstância que mais precisa do amparo e do conforto de seus familiares e de seus amigos.

Nunca devemos proceder assim. Piedade, sempre piedade para com os que erram. O náufrago, na escuridão tenebrosa do mar, já prestes a sucumbir, sente novas energias e luta desesperadamente para salvar-se, quando vislumbra luz indicativa de socorro. Sejamos para os pobres náufragos da vida a luz bendita da esperança. Não esqueçamos os ensinamentos do Mestre. Os sãos não precisam de nossos cuidados, mas, sim, os doentes. Ajudemos a levantar-se o que caiu, sem nos preocuparmos de quem seja, que mal tenha feito e que crença tenha, pois basta saber que é um irmão nosso que necessita de auxílio. Retemperemos-lhe as forças com o tónico maravilhoso da Coragem; se as densas nuvens da incredulidade lhe ofuscarem a visão, acendamos-lhe a lâmpada sagrada da Fé; se os agudos espinhos da Dor lhe fizerem sangrar o coração, untemos essas chagas dolorosas com o bálsamo milagroso da resignação que a ternura confortadora manipula no cadinho da Caridade. Demos ao culpado o consolo do perdão; ao revoltado, a suavidade da Razão; ao descrente, as luzes radiosas da Verdade; aos que padecem, a prece que consola e a fé que salva.

E se assim praticarmos, se enxugarmos as lágrimas dos aflitos; se suavizarmos os padecimentos de nossos irmãos desafortunados; se trabalharmos com dedicação fraternal pelo bem do próximo, teremos inscrito, nesta peregrinação terrena, o nosso nome na relação dos que, um dia, receberão na mansão da Paz o prémio que Deus reserva aos que souberam ser justos e bons.

Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil

UM MÉDIUM QUE HONRA A DOUTRINA

Por TITO L. BANCÉSCU

(Correspondente em Rosário, Argentina)

A mediunidade ainda não foi compreendida em todas as suas formas. Geralmente atribui-se-lhe pouca importância. E alguns a interpretam com um critério arbitrário e bem absurdo.

Não são, realmente, muitos os que a estudam e analisam em todos os seus pormenores e consequências. Poucos são, também, os que lhe conferem natureza biológica e, mesmo assim, histórica. Dizemos histórica porque as suas raizes remontam às profundezas do desabrochar da humanidade. Porque, médiuns, houve-os em todos os tempos; antigamente chamavam-se profetas.

Na idade média, os grandes médiuns da Europa Central e das Gálias foram destruídos sistemàticamente pelas seitas religiosas sob o pueril pretexto de «endemoniados». Nos nossos dias são objecto de sarcasmos e de perseguições mais ou menos encobertas.

A incompreensão desta faculdade psíquica deu margem ao abuso da mesma, que adquiriu aspectos mercantis. Muito embora haja poucos médiuns de verdade, alguns trocam a sua delicada missão, mercadejando com a faculdade.

Assim se desprestigia o Espiritismo — muito embora mediunismo não seja Espiritismo — e quase sempre os médiuns caem em desgraça, pois são objecto de perseguições de espíritos que eles mesmos atraem com a sua conduta e seus propósitos mercantis.

Não poderão os médiuns actuar, beneficiando os seus semelhantes, sem fazer comércio? O exemplo mais típico nos oferece um dos grandes médiuns americanos. Queremos referir-nos a Chico Xavier. Há dezenas de anos que ele actua como médium escrevente, quer dizer, psicográfico.

À sua casa, em Pedro Leopoldo, acorrem em romaria os que têm necessidade de uma consulta, de um conselho, de uma orientação, sem pagar um centavo. Porque Chico Xavier não cobra nada. Vive do seu trabalho, do lugar que desempenha no Ministério da Agricultura do seu país — Brasil.

Vem realizando uma obra altamente humanitária e que constitui uma honra para o Espiritismo, pela sua conduta sem mácula.

Depois de sair do emprego, dedica-se aos doentes, como dissemos. Mais ainda: até agora psicografou cerca de cinquenta livros que os espíritos superiores lhe ditaram, sem cobrar também direitos de autor. Esses direitos entrega-os, generosamente, à Federação Espirita Brasileira. Ela faz imprimir os livros e vende-os em seu próprio benefício.

Temos, frequentemente, ouvido comentários acerca da actuação dos médiuns que se dedicam a sessões de caridade, claro está, sem cobrar dinheiro, mas que «aceitam o que se lhes dê»; é evidente que, no fundo, o comércio existe.

— Se assim não fizessem, como haviam de viver? — perguntam.

A resposta dá-a o mencionado médium brasileiro: Vive do seu trabalho, honradamente. Por isso é assistido por espíritos superiores. Esses espíritos, onde vêem que há negócio não vão, não se tornam cúmplices das misérias dos mortais. — «Dai de graça o que de graça recebeis» — dizem eles.

Contudo, os mercadores, esses pobres seres que traficam com o que há de mais sagrado — a dor dos nossos semelhantes que perderam fisicamente os seus entes queridos e também com os sofrimentos dos que abandonaram a Terra, quanta responsabilidade e que porvir mais desgraçado preparam a si mesmos entregando-se a tão condenável modo de vida. Mercadejar com os mortos! Eis um sofrimento incompatível com a dignidade e o sofrimento humano.

Nas sessões experimentais presenceiam-se episódios angustiosos relatados pelos desaparecidos da vida física que têm diante de si os pormenores mais insignificantes das suas vidas passadas. Porque todos sabemos: «quanto mais conhecimentos, maiores são as responsabilidades». E é difícil enganar a consciência...

O admirável exemplo que o médium brasileiro oferece a todos os sensitivos do mundo deve ser imitado. Só assim se honra o ideal que se acalenta e se aplanam as dificuldades para atingir um bom futuro espiritual.

A mediunidade é apostolado, não é profissão. Os médiuns que possuem faculdades

RESPOSTA DO ALTO

Reconhecida a verdade de que Nosso Pai responde aos bons corações, através dos que se fazem melhores, não olvidemos a nossa possibilidade de servir na condição de valiosos instrumentos da Divina Bondade.

Nós, que somos tão apressados e tão pródigos no «pedir», lembremo-nos de que podemos também dar.

Auxiliemos a Divina Providência no abençoado serviço do intercâmbio.

Ninguém pode contar com a felicidade perfeita, num círculo de recursos puramente materiais; no entanto, toda vez que derramarmos o coração, em favor de nossos semelhantes, semearemos a verdadeira alegria.

Todos podemos, em nome do Senhor, responder às rogativas dos que lutam e sofrem mais que nós mesmos.

Uma visita ao doente é sagrado recurso da fraternidade ao que suplica a assistência do Céu, em desespero.

A desculpa sincera é uma benção de alívio para quem sofre sob o peso da culpa.

Um gesto de carinho é plantação de simpatia na terra escura da alma que se arrojou aos precipícios da revolta ou da incompreensão.

Um sorriso amigo é uma resposta do bom ânimo e da amizade, refundindo as forças àquele que está prestes a cair.

Recorda que o Senhor espera por tua boa vontade, por teus pensamentos, por tuas palavras e por teus braços, a fim de responder com a paz e com a esperança aos que te cercam.

Ainda que tudo seja aspereza e secura em torno de teus pés, ama sempre.

Através da corrente viva do amor, em teu coração interpretarás a cooperação do Céu para os que te acompanham e receberás, constantemente, as respostas do Alto aos teus próprios problemas.

EMMANUEL

(Página recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, em Pedro Leopoldo).

terapêuticas são veículos psíquicos de que as Grandes Inteligências se servem para beneficiar os que sofrem de males orgânicos e espirituais. Só os avarentos e insensatos se arriscam a industrializar o que lhes não pertence e deve ser oferecido gratuitamente aos necessitados.

Quão enorme é a responsabilidade dos médiuns que, em horas de tentação e irreflexão, são inconsequentes com a moral espírita, debilitando-se progressivamente, até sucumbir, vítimas dos próprios erros! O grande escritor espírita Léon Denis deu a este respeito uma boa lição no capítulo de uma obra magistral, intitulado «Misérias e Grandezas da Mediunidade».

Os instrumentos mediúnicos que cedem às debilidades, àqueles que costumam oferecer-lhes algum «presente», tarde ou cedo caem no infortúnio. Culpáveis, em parte, são também os «generosos» com os seus obséquios que, pouco a pouco, os corrompem e levam à perdição. Os aduladores são também os que contribuem para desorientar os médiuns. Ignoram talvez que os intermediários psíquicos não são pessoas extraordinárias, mas simples mortais, cujo sexto sentido se desenvolveu diferentemente. Portanto, é nosso dever preservar os médiuns dos perigos e não precipitá-los neles.

Nunca nos cansaremos de alertar os médiuns, para que se ponham em guarda. Quem os adula, à semelhança dos que julgam beneficiá-los com algum obséquio, são inimigos inconscientes deles. Não atentemos nunca contra a evolução e a felicidade dessas pessoas, desses profetas da nossa época. Animemo-los com palavras fraternas, com amáveis observações, quando incorrerem em falta, mas não devemos endeusá-los. Se caírem, a culpa será de quem lhes tiver criado esse clima psíquico, desorientando-os.

Os directores das sessões mediúnicas têm obrigação de cuidar dos seus instrumentos de trabalho, procedendo com doçura e bondade para com eles, que são quase sempre atrabiliários, por viverem entre dois mundos, entre o físico e o psíquico. Por isso, é necessário cultivá-los esmeradamente, a fim de não sofrerem choques desagradáveis.

ECOS DE U

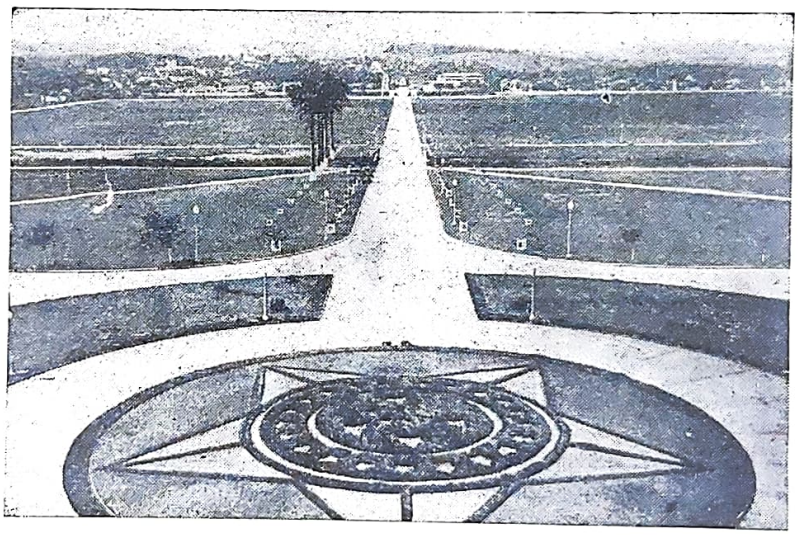
Por ISIDORO D

XV

NA ACADE

A Academia Militar de Resende, também chamada das Agulhas Negras, ficava próximo. A distância era mais pequena do que o nosso desejo de conhecer os fundamentos da ordem brasileira, que residem num exército consciente e cheio de qualidades. Aquele edifício que se via ao longe era um mistério que em breve desvendaríamos. O muito que ouvíramos acerca do Espiritismo nas Forças Armadas não evitava a impaciência de um momento único. Se escapasse, não mais voltaria durante a viagem, que fora delineada com precisão, quase por horas e minutos, sendo impraticável qualquer desvio, sem prejuízo do roteiro.

O auto de Mendes dos Santos pôs-se em marcha febril. O terreno era plano e a bagagem leve... O mais pesado era o Magaldi. Pesado em conhecimentos, em simpatia, em modéstia. Mas estes atributos eram tão bem dissimulados, que não acusavam peso no veículo. Faz de conta que íamos atrás e o Contrementino adiante, como na poesia de Junqueiro, embora não fosse bem o mesmo. O jumentinho estava longe dos dez cavalos sujeitos ao motor de explosão; e as oitenta primaveras da velhota, «pela estrada plana, toc, toc, toc», não se comparavam à nossa mocidade, quer dizer, à mocidade do Magaldi e ao desembaraço do «volante», que era Contrementino Mendes dos Santos.



Campo de Parada da Academia

A paisagem é conhecida do leitor. Já lhe fizemos referência. À planura, também, e ao sol e ao clima. Já dissemos tudo a respeito. Mas este pensamento da Academia Militar bailava em nosso espírito, à laia de farândola. Em Petrópolis sucedeu-nos coisa idêntica, quando visitámos o Museu Imperial. Quem pode viajar por este grande país, sem se impregnar de seus fluidos. sem evocar os passos relevantes da sua história? A farândola era caleidoscópio, cuja objectiva revelava, sucessivamente, os maiores vultos do Brasil: militares, economistas, jurisconsultos, catedráticos, estadistas, poetas, escritores, médicos, filósofos, oradores, missionários...

O pensamento é centelha vertiginosa: num segundo abarca acontecimentos que levariam anos a descrever. Naquele instante não víamos estrada, não víamos casaredo. Víamos um povo de olhos fixos no alvo. A princípio vergado e resignado, e depois erecto e rejuvenescido.

Andrada, o mineralogista que andou por Coimbra a tecer madrigais e mais tarde a ensinar metalurgia na velha Universidade. ia à frente, na procissão dos heróis. Era o patriarca da Independência, o conhecido José Bonifácio. Ainda trazia no rosto enérgico os sinais da luta que empreendera.

O Marquês de Abrantes, baiano dos quatro costados, advogado coimbrão e parlamentar eminente, passou também com sua enorme cultura.

O Marquês de Barbacena, marechal do exército, comandante das forças em Ituzain-

MA VIAGEM

JARTE SANTOS

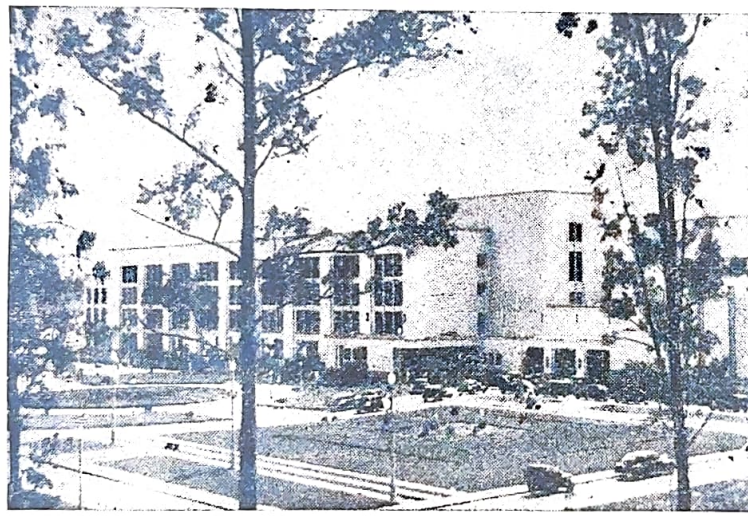
III

MIA MILITAR

go, precursor da abdicação real, marchava serenamente, botas empoeiradas das andanças pela Europa em busca de esposa régia para seu amo...

E Frei Caneca, obstinado e rebelde, que escapou à forca por falta de carrasco, trazia vestes de padre e recluso...

E o visconde do Rio Branco, esse Paranhos de largas vistas que se ligou para sempre à libertação dos escravos, historiador e jornalista de primeira plana, além de insigne matemático...



Academia Militar das Agulhas Negras

Agora é um soldado glorioso — o Duque de Caxias —. A sua carreira fulgurante está-lhe impressa no olhar. Prudente e enérgico, administrador arguto, vem cheio de prestígio. Militar valoroso, general que ignorou a derrota...

O Conde de Porto Alegre emerge da sombra. Comanda uma carga de baioneta em Monte Caseros e vence a batalha de Curuzú contra o Paraguai...

E o Almirante Barroso, marinheiro notável, português de origem e grande do Império, rodeado de auréola brilhante...

E outros... e outros...

O carro vai rodando e o Magaldi sente-se preocupado com o nosso mutismo. Nem a paisagem, nem a boa disposição do Contrementino afastam de nós o painel maravilhoso dos fastos brasileiros que, em muitas conjunturas, são comuns a Portugal.

Na curva da estrada surge um vulto enevoado. É Evangelista de Sousa, o homem do Jaguarão, o Visconde de Mauá. Traz nos ombros um Himalaia de progresso: navegação, luz eléctrica, transportes, fábricas de cimento e a primeira via férrea brasileira.

Para amenizar, vem o Francisco Manuel, autor do «Hino Nacional», esse cântico de amor que não podemos ouvir sem emoção. E, logo a seguir, o maranhense Gonçalves Dias, com «Primeiros Cantos», «Segundos Cantos» e «Últimos Cantos»... É o cantor dos silvícolas. Sai das ondas, sua morada derradeira...

Os escritores aparecem, como figuras de retábulo: José de Alencar segura um monte de alfarrábios onde o brasileirismo canta na exaltação do índio; Tobias Barreto, sergipano da gema, cujo monumento vimos em Aracajú, enverga o capelo da Faculdade e segura a clava de polemista; Machado de Assis, com sua barba intonsa de guardião do verbo, tipógrafo genial que Bocaiúva trouxe para a imprensa, assoma à porta da Academia de Letras; e Euclides da Cunha, com «Os Sertões» na mão, talvez o maior livro do Brasil, engenheiro e professor de lógica...

E Castro Alves, oceano de fulgurações, com «Espumas Flutuantes» e «Vozes de África»; e Olavo Bilac, parnasiano e orador fluente; e Rui Barbosa, o maior advogado do Brasil, de fama universal... E Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto e Benjamim Constant e Farias Brito e Santos Dumont e José do Patrocínio e Joaquim Nabuco...

Ah! Tantos, tantos que passam no caleidoscópio, ante os olhos maravilhados! Não podemos nomeá-los todos, que o espaço não chegaria para eles. Demais, estamos perto da grande «Parada» e, lá em baixo, quase a dois quilómetros, ergue-se o conjunto principal da Academia. Que pena ter demorado tão pouco a viagem!

O campo em frente, cortado a meio por larga estrada de concreto, em que outras entroncam, tem uma portada a guardar enorme rotunda de verdura. A estrela branca de cinco pontas que a esmalta cinge-se internamente a dois círculos concêntricos que simbolizam a nacionalidade.

Que excelente aeródromo não dava esta grande planura! As palmáceas que se erguem a meio são a guarda de honra ao templo. É que nem só o misticismo cria tabernáculos. Na colmeia que vamos visitar há orações e cânticos em torno da grei. Ali se temperam almas, se plasmam caracteres, se erguem colunas mestras. Isto nos dizem as «sombras» que perpassam nos painéis da retina: Pedro de Alcântara... Marquês de Olinda... Bernardo de Vasconcelos... António Carlos... construtores e semeadores...

★

Estamos no limiar. Entrada monumental de estilo moderno, em que os mármores realçam. O capitão-médico José França Americano (hoje, major), presidente do Núcleo Espirita da Academia, recebe-nos prazenteiramente. Sabia da nossa chegada e não teríamos melhor cicerone através daquele imenso labirinto.

Além da entrada, bem digna de um panteão, o que logo nos impressionou foi o vasto cinema para oficiais e famílias que se encontram instalados num lindo bairro limítrofe. Percorremos aquela nave a que muitos chamam plateia e ficámos edificados acerca do bom gosto que presidiu a tudo. O França compreendia a nossa admiração e achava-a natural. Era semelhante à da caravana no deserto, quando encontra o oásis: À volta... areia escaldante... poeira difusa... No meio, fonte pura a brotar do humo, entre fetos, cujo verde-escuro contrasta com a aridez do mar branco que se espraia além. O oásis estava nas 1.200 cadeiras que se haviam fixado para sessões quadrissemanais, sendo uma, aos domingos, dedicada às crianças, e outra, às terças, de notícias portuguesas, em documentário.

Ao lado formigava um mundo subordinado ao código. Iam e vinham, davam ordens, cumpriam ordens. Nós contemplávamos a coisa e fixávamos pormenores. O resto escapava à percepção.

★

Neste grupo de edifícios tudo é majestoso. A sala de Rio Branco tem foros de catedral. Uma superfície reluzente que excede a mirada humana. Ao centro, o busto do homenageado. E novamente a evocação de antano a perlustrar o caminho. Novamente o Império, vultos gloriosos que alicerçaram o Brasil e o firmaram para os séculos... São dois:

O «Legendário» de Tuiuti, na sua bravura, e Silveira Martins, entre labaredas, ambos firmes, eloquentes e aprumados. Duas gerações, duas vontades indomáveis. O primeiro é o general Osório, grã-cruz de todas as ordens; o segundo é o terramoto parlamentar, gaúcho irredutível que marcou uma época.

França Americano elucida, mostra, comenta, faz perguntas. Inteligência viva, percuciente, ao serviço da mais nobre das causas. Serve a Pátria e a Humanidade. Tem orgulho da sua terra. Ele não fala muito do Brasil, isso não fala. Mas é todo brasileiro, nos olhos e nos lábios. O Magaldi entende-o bem. São da mesma têmpera, seguem o mesmo rumo, adoram a mesma deusa. Embora distantes, onde está um, está o outro.

— Aqui há tolerância — diz ele —. As religiões vivem sem atritos e todos se dão bem.

Na volta de um corredor abriu uma porta.

— Que é isto?

— Uma igreja com altar desmontável.

Não compreendemos lá muito bem. Magaldi também não. Mas o França remata:

— Serve para dois cultos — católico e protestante.

Eis uma frase que nos chocou profundamente. Dois cultos, na mesma igreja, era inconcebível. O europeu não admitia semelhante absurdo.

— O lugar não influi...

Sim, o lugar não influi. A igreja não é a casa; são os fiéis. Os templos de alvenaria são monstros petrificados. Lá dentro há escorrências e bafio, cheiro vago de incenso. O que os anima é a chama da fé. Essa é que os anima e espiritualiza. O resto é decoração.

★

Subimos ao 1.º andar, à Sala de Benjamim Constant. Lá está ele, luneta assestada, olhar

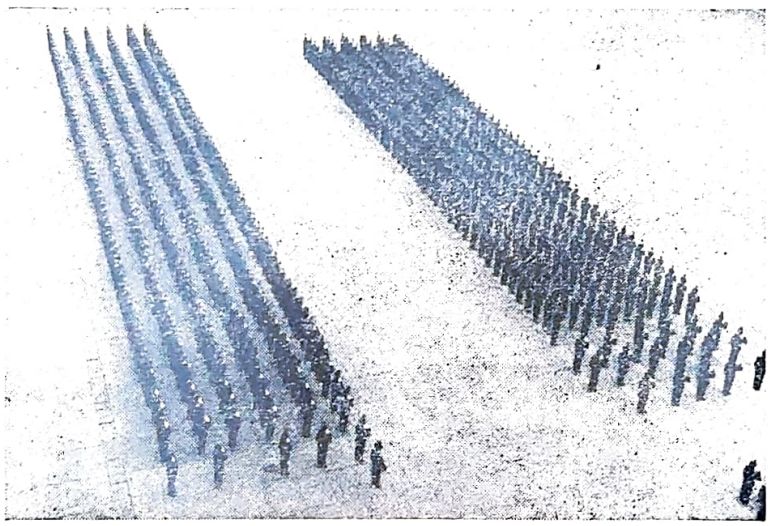
de oriental fiel ao positivismo que invadiu o Exército brasileiro. Apesar de ardoroso republicano, foi amigo de Pedro II e ensinou matemática aos príncipes.

Fixámos o seu perfil de homem íntegro, medalhão a escudar princípios, a irradiar inteligência. O Magaldi ladeia o busto e tem desejo de abraçá-lo. Mas, adiante. Há tanto que ver e que contar...

Agora, uma legenda perfeita: «Cadetes! Ides comandar, aprendei a obedecer!».

Nunca a verdade foi melhor enunciada. Quem não obedece, não manda, não sabe mandar. É preciso conhecer a submissão e o funcionamento da parte, para abarcar o todo e dirigí-lo.

Aqueles moços irrequietos, treinados em cultura, subiam degraus que a disciplina oferecia aos fortes. Mas tinham que trabalhar nos ofícios mais humildes, treinar-se na dura faina da vida. Por isso lhes diziam que aprendessem a obedecer...



O Corpo de Cadetes em continência à bandeira

★

A tolerância estende-se também ao Espiritismo. Estamos numa grande sala de estudo evangélico onde as mocidades espiritas podem realizar os seus trabalhos e cujo mentor é o Coronel Alfredo Ochoa, que nos disse, à puridade:

— Já aqui tivemos sessões de materialização com o médium Peixotinho e outros. Têm-se comunicado espíritos de antigos generais, dando provas de identidade a alguns oficiais incrédulos.

O caso era espantoso.

— E o director da Academia é católico — acrescenta o França Americano.

O espanto crescia em nosso espírito de visitante.

Naquela Escola, alunos e mestres seguiam livremente o seu culto, sem colisões, nem atritos... Era a transigência mútua, o respeito pela crença alheia.

Gostámos de ver isto e lembrámo-nos de Alziro Zarur, o paladino das religiões irmanadas. Que grande homem, que grande confrade!...

★

Na sala do Estado Maio, conversámos largo tempo com os coronéis Ochoa e O'Reilly, em presença de outros oficiais amigos. O'Reilly foi há pouco promovido a general e dirige O Espirita Fluminense, órgão da Federação Espirita do Estado do Rio. Queriam notícias do movimento espirita português. Falámos e desfizemos ideias erradas que corriam mundo. Também julgavam que o Espiritismo fora suprimido na terra lusa. A mentira é mais leve do que a verdade e por isso anda mais depressa. O pior são os «pés de barro». Eis por que o mentiroso não prolifera, apesar da astúcia, que o distingue das pessoas verdadeiras.

A conversa generalizou-se. Não havia preconceitos, não havia receios. Falava-se em tom natural, como se tivéssemos a mesma graduação, como se fôssemos do mesmo curso. Os milagres do Ideal! Os milagres da Doutrina!...

★

Continuamos a subir, com o França e o Magaldi. Num grande salão, aparece o «Tiradentes». É o patrono dos cadetes. Lembrámo-nos da Inconfidência Mineira e do seu chefe, José da Silva Xavier, um dos grandes do Brasil. Recebera o prémio dos traidores, saira do mundo vilipendiado e alteava-se agora em reabilitação. «O tempora, o mores»! Este não aparecera ainda nas lentes do caleidoscópio. Nem admira. São mais os vultos do que as lentes...

Seguimos por longo corredor de onde se contempla o átrio que dá para o refeitório. Debruçamo-nos e vemos numerosas mesas redondas, com talheres colocados a primor.

Vistas de cima, infundiam respeito. O recinto era imponente. Nas altíssimas colunatas, os mármores reluziam. Uma nave polvilhada de esmeraldas.

O França viu as horas e levou-nos a outro lado do corredor.

O corpo de cadetes exibia-se no asfalto da «parada», em movimentos correctos de ginástica. Estava ali o Brasil. Almas plenas de ilusões, esperança no olhar, decisão no gesto, sorriso nos lábios. Brancos, morenos e de cor, vibrando no mesmo sentimento patriótico. Integração completa, ao invés de na América do Norte, país moderno, é certo, mas cheio de contradições. Brancos e pretos estão separados por compartimentos estanques, não obstante o Supremo Tribunal haver eliminado a segregação nas escolas.

— Os que ali vê — diz o França — em 20 minutos entram no refeitório, almoçam e abandonam a mesa. Espere um pouco e verá...

Novamente fixámos aquela mocidade florida: homens feitos, musculosos, proporcionados, que faziam inveja às chamadas «raças superiores».

Nisto, uma voz de comando ressoa. Os alunos volvem à direita... abrem-se largas portas... e a mole imensa escoa-se no recinto, em filas ordenadas, ladeando colunas, cada qual formando em frente do seu talher... no mais profundo mutismo. Outra voz retumba... e o silêncio é turbilhão. Os homens sentam-se ao mesmo tempo e o barulho ensurdece. É o bulício, é o rumor, é a juventude no pleno gozo da vida!

★

— Vai um café? — indaga o Major França.

O Magaldi aceitou sem discutir. Embora contrários, aceitámos também. Era homenagear o mais belo país, depois do nosso... É que o nosso, mesmo feio, é sempre belo. Até a nossa aldeia, até a nossa rua. Têm fascinação estranha, incompreensível.

— E que tal?

— Óptimo café — diz o Magaldi.

E nós corroborámos.

— O pessoal da cozinha é macumbeiro...

Foi esta a informação do França.

Dali víamos o edifício dos correios, privativo da Academia. Não se admirem, que tem mais do que isso: uma grande fazenda para fornecimento de verduras.

Ao lado do bufete, um salão vastíssimo de mobília uniforme, 380 carteiras para exame dos cadetes.

Há outras Academias, em Fortaleza, em S. Paulo, em Porto Alegre, mas esta sobreleva todas, embora o Colégio Militar do Rio englobe 2.000 alunos.

No mesmo pavimento visitamos novas salas (em Portugal eram salões) amplíssimas, de 20 m por 10 m.

A biblioteca é desmedida. 80 m por 25 m. Deve ser. Faz-nos lembrar a do Convento de Mafra. O soalho é madeira pura do Brasil. E tão reluzente, senhores, que temos receio de embaciá-lo. Cinquenta mil volumes à disposição dos cadetes e mesas onde eles estudam silenciosamente...

— Quantos espíritas tem o seu Núcleo?

O Major França esboça um sorriso optimista.

— Esperava essa pergunta — diz ele —. Era natural que a fizesse. Aqui está a lista geral dos confrades da Academia.

Entrega-nos um cartão, onde lemos em voz alta: 5 coronéis... 8 tenentes-coronéis... 5 majores... 3 capitães... 7 tenentes... 46 sargentos... 48 cadetes. Total — 122. Quase um regimento. Ele, claro, é o presidente.

Não admira que encontremos a «peste roxa do Espiritismo» em todas as repartições, em todas as dependências. E a disciplina mantém-se e os manicómios não servem para nada...

★

Mais um esforço de subida. É o 4.º andar, é o Duque de Caxias, que aos cinco anos assentou praça e ali está como patrono do Exército. O valor militar e o valor administrativo. Oribe, Moron, Avaí — vitórias sobre vitórias. Um duque é um príncipe. Este foi o génio tutelar da nação.

Do terraço domina-se melhor a «parada», o átrio dos cadetes. Não podemos esquecê-los. Que espírito de fraternidade! Todos iguais perante a lei, todos filhos dilectos da Pátria! Brancos, morenos e de cor!

A evocação é monólogo, a que o França responde:

— Os portugueses têm muita responsabilidade na mistura...

É certo. Os portugueses — permita-se a expressão — foram grandes colonizadores. Semelhantes aos romanos, em penetração e civilização, cruzaram-se com os povos dominados, confraternizaram com eles. Isto justifica a frase que ouvimos algumas vezes, em

linguagem de amizade: «Deus fez o mundo e o português fez o mulato».

Si non è vero...

Magaldi concordou. Nem podia deixar de ser. Concorda sempre com a exaltação de Portugal:

— Já por lá devo ter andado. Esta simpatia, este amor profundo...

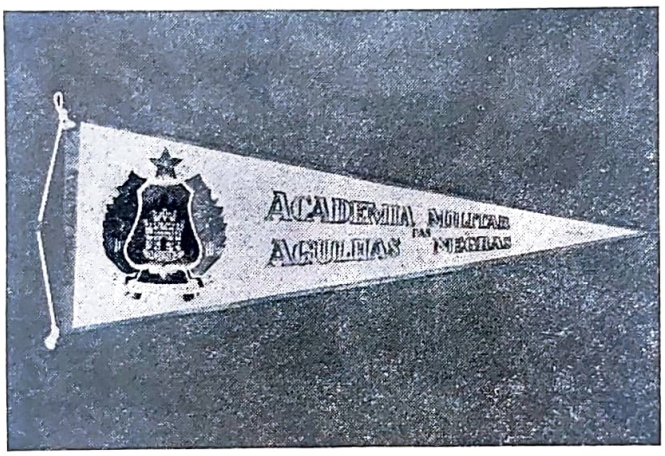
E em face do nosso olhar curioso:

— Portugueses e brasileiros, brasileiros e portugueses, são fluxo e refluxo de espíritos, que andam cá e lá, permanentemente, a burilar o património comum.

★

A escada continua. Agora entramos na sala-museu. Cá está a espada de oiro do grande soldado, do Duque de Caxias. Espalhados por várias mesas, troféus portugueses, argentinos, mexicanos, franceses, americanos, chilenos e paraguaios.

A seguir, no mesmo pavimento, o Gabinete de História Militar. O major-professor mostra-nos o Quadro de Honra dos cadetes e os mapas das lições. Homem novo, ligado à história de uma pátria que, sendo nova, está cheia de fastos, onde a bravura se exalta e a fraternidade se ilumina.



Flâmula da Academia

★

Faltavam alguns degraus para chegar ao fim. Estamos na Central Telefónica. 400 telefones automáticos para 4.000 pessoas e uma bateria «Edison» que se pode manter 48 horas, no caso de avaria da instalação.

Era uma rede. Milhares de quilómetros de fio, em bobinas, emaranhado aparente que é vida real na Academia. O profano desconhece o labirinto, mas cada coisa tem seu lugar.

O telefonista era confrade e mostrou a maquinaria com extrema gentileza. E que o não fosse... Todos os brasileiros são amáveis, todos gostam de esclarecer, sobretudo a portugueses, brasileiros no Brasil, tão brasileiros, como estes, portugueses em Portugal.

Seis degraus acima era a T. S. F. Lá subimos ao nicho da emissora. França Americano sorri de novo e apresenta-nos o chefe da estação:

— Outro confrade...

Sorrimos também. O sector espírita era maior do que julgáramos...

★

Aproximava-se a hora do regresso e queríamos cumprimentar o general, agradecer-lhe aqueles momentos inesquecíveis.

França Americano fala ao ajudante de ordens e minutos depois somos introduzidos numa grande sala alcatifada que podia ser o coração da Academia.

Magaldi relanceou a vista pelo conjunto, com orgulho brasileiro. Nós relanceámo-la, com orgulho português. Jamais a glória do Brasil nos pareceu tão alta. Longe, a milhares de léguas, o desbravador trabalhava na formação de outros impérios, que hão-de ser também fortes e gloriosos.

Súbito, uma porta se abre e um homem entra com desenvoltura. É o general Jair Dantas Ribeiro, figura máscula e decidida, em pleno físico, respirando afabilidade e simplicidade. Portugal estava na Academia e ele vinha a recebê-lo familiarmente.

Apresentou-nos então a Sala dos Troféus, onde vimos as nove bandeiras do Brasil, desde a colonização ao novo regime.

— Sou muito amigo dos portugueses. Não admira... Corre-me o sangue nas veias... Minha esposa é deles filha directa...

E começou a falar do génio da raça, desses admiráveis lusíadas que deram ali as maiores lições de estratégia:

— Veja. Todos os fortes erguidos na costa estão no único lugar que lhes competia. Assim afirmou a Comissão nomeada para o efeito. Dois havia, cuja localização inspirava dúvidas. Um, no Amazonas; outro, em Salvador. Após alguns estudos, as dúvidas desa-

pareceram. Os portugueses são óptimos estrategas. Sempre os admirei. Sou amigo deles e orgulho-me do sangue.

Nossos olhos estavam marejados. Estas expressões não eram protocolares, nem de agradecimento à recepção do Presidente Café Filho em Portugal. Eram sinceras, de um militar impoluto, incapaz de mentir para agradar, fosse a quem fosse. Ele notou a emoção e agradeceu-a.

O França e o Magaldi vibravam connosco e com aquele chefe prestigioso, tão amável e tão simples. Uma grande alma, a do general Jair! Tolerante e sensato, respeitava a crença alheia e permitia o exercício do Espiritismo na Academia Militar. Lição insuperável! Nela aprendemos mais do que nos teóricos. A vida é feita de verdade e lealdade. O resto é artifício, é mentira...

E logo as «sombras» afloram novamente. Vitor Meireles, no proscénio, conclama:

— Viste um quadro forte. Sente, como eu senti; pinta, como eu pinteí!

A nossa paleta estremeceu ao som daquela voz, ao mesmo tempo que «A Batalha dos Guararapes» e «A Primeira Missa no Brasil» nos invadiam a retina.

Não... não! Nada diríamos ou pintaríamos.

E nada dissemos. A alma de Vítor é que ficou em nós a latejar. E cá ficará, Deus sabe por quanto tempo!...

★

À noite... Foi no Centro Espirita Flora de Araujo, em Resende. José Ferreira de Araujo preside à conferência e apresenta-nos com entusiasmo, alegre, dinâmico, verbo fácil e boa voz. Também preside ao Centro, com Leonardo Esteves, Alfredo de Araujo, Joaquim Geraldo, D. Maria Marasse e Nino Marasse. Contrementino é o tesoureiro, o «ministro da fazenda».

Andámos a visitar a instituição e em tudo notámos espírito de iniciativa e progresso em marcha. O Ferreira de Araújo impressionou-nos logo ao primeiro contacto. É o tipo do verdadeiro arauto. A inteligência vive nele à superfície, como as nascentes cimeiras. Os arautos são feitos daquela massa. Simples na aparência, transfiguram-se quando falam em público.

O Espiritismo dá-nos estas surpresas. A muitas assistimos, porque a doutrina faz milagres de conversão e redenção. Quando o homem se liberta do preconceito e continua a perseguir o alvo, tem mãos para construir e asas para voar.

Na mesa, os Coronéis Milton O'Reilly de Sousa e Alfredo de Mendonça Ochoa, o Major-médico José França Americano, o Prof. Aleixo Vítor Magaldi e D. Maria Pustilnik, que nos hospedara.

A numerosa assistência respirava optimismo. Que lhe teriam dito de nós, para que tantos lugares se tivessem esgotado? Ou seria a presença dos briosos comandantes da Academia Militar, do Magaldi e de D. Maria? Fosse o que fosse, sentimo-nos à vontade entre tantos amigos, porque o eram, porque o revelavam, na atitude e no olhar.

E de tal modo nos animou o ambiente impregnado de vibrações subtis, que durante uma hora falámos com intensa vibração. Momentos de entusiasmo inesqueciveis. Estávamos todos identificados com o Brasil e com a Doutrina. O corpo era um só. Boca de mil vozes alacres, os sons retiniam, como se fossem cordas retesadas de violino. No final, abraços de toda a gente, que vibrou e chorou connosco. Homens, mulheres, moçoilas gentis, seara viva de Santa Cruz! E quando o Coronel O'Reilly se levantou para nos oferecer a flâmula azul da Academia Militar das Agulhas Negras, em nome dos oficiais brasileiros, a alegria aumentou, nos olhos e nos corações. Duas pátrias se uniam no mesmo símbolo de glória, dois povos se fundiam no mesmo destino imortal.

As palavras de O'Reilly e o seu abraço efusivo ainda os sentimos, como se fossem de há um instante. Agora é general, moureja noutras paragens, mas lembrar-se-á deste momento indelével. Para as almas de eleição, que importa ser general ou soldado? A hierarquia espiritual é o alvo dos sábios, a melhor aspiração dos simples, que se humildam aos olhos de Deus, no trato com os homens.

Resende ficava com sua beleza e suas almas, mas ia connosco para Volta Redonda, a cidade do aco, que aguardava os dois viajantes. O Major França gostaria de nos acompanhar e o Pustilnik e o Contrementino e muitos outros. Mas era impossível. A noite avançava no tempo e o roteiro implacável não admitia delongas. Foi quando o confrade Abraão, da Mocidade Espirita, se dispôs a conduzir-nos de automóvel.

O Magaldi mais uma vez nos seguia, em obediência à «voz» que o levara à Barra do Piraí. Ele sabia porquê. E nós também...

Natal e Ano Novo no Lar de Jesus

Por Leopoldo Machado

(Correspondente em Nova-Iguaçú)

O LAR DE JESUS comemorou sem alarde e ostentação, sem reclamos e avisos aos quatro ventos, o seu Natal e o seu Ano Bom de um modo original.

Pelo Natal, suas Pastorinhas se exibiram no Cine-Iguaçú, grandemente aplaudidas.

À tarde, o encerramento das aulas da *Escola Francisco de Assis*, exclusiva de suas internadas, com a distribuição de prémios escolares, às mais aplicadas, com a abertura da sala de brinquedos com três presépios armados e brinquedos do Natal a escolher. Nenhum, entretanto, revelando hábitos de matar, de guerra e de morte.

Depois, cada uma com o seu brinquedo, a consoada, felizmente fartíssima, mas à brasileira, em função do que se contém nos versos que elas cantam:

Nós não queremos
Nozes, castanhas,
Amendoas, passas,
Vinho não há;
Nosso Natal,
Tem rabanada,
Tem arroz doce,
Tem guaraná.
Frutas maduras, etc., etc., etc.

Depois da prece, proferida por uma delas, fartaram-se.

E foram brincar até à hora do cinema. Mas, em função dos brinquedos ganhos, da farpela nova do Natal, do empanturramento da consoada, o cinema falado da noite não teve a cotação dos outros dias...

No dia 1.º de Janeiro, 14.º aniversário do LAR DE JESUS, a comemoração foi no próprio Lar. A despeito da chuva causticante, compareceu gente que deu para aborrotar a varanda. Gente até de Niterói, do Rio, de outras localidades, de Cachoeira Paulista, de longe...

A parte lítero-doutrinária esteve um gosto, animado por Paiva Melo.

Falaram muitos oradores, desde o presidente até aos representantes, salientando-se o Dr. Ovidio Gil, que fez um rápido inquérito entre as internadas, para saber quem estava descontente no LAR, quem desejava sair. Uma voz respondeu: — Só papai Leopoldo, vovó Donana e Luizete (as três pessoas que lá estão desde o primeiro dia).

Risada de todos.

A parte artística, que contou com a declaração da poesia «Lar de Jesus», por D. Maria de Lourdes Pereira, números de acordeão do pequeno Luciano Pereira, as *Pastorinhas* do LAR DE JESUS, para novos e repetidos aplausos o bailado «Aguarela do Brasil», por Maria de Nazaré, e números interessantíssimos de crianças de Cachoeira Paulista, agradou em cheio. Depois, o *bolo de aniversário*, partido pela internada número um, a mais antiga do LAR, e dividido em fatias pela assistência, e a exposição de trabalhos das crianças.

À tarde, ainda festa, visitas, animação.

★

Agora, a página emotiva que o presidente leu ao empossar-se:

«Preciso, desta vez, proferir duas palavras escritas. E o faço, depois de assinar o termo de posse de presidente do *Fé, Esperança e Caridade* e do *Albergue Noturno Allan Kardec*, que me daria muito menos trabalho; que entreguei a direcção do *Colégio Leopoldo*, que me dá a moeda da terra, a outras mãos, depois que não pude transformá-lo, francamente, num Colégio Espirita, como fora o meu desejo desde a primeira hora...

«Já não falo de público, já não viajo, já não profiro conferências, já não se lembram de mim para dirigir outras caravanas da fraternidade, embora receba, amiúde, convites de toda parte, para prebendas iguais, de gente que ainda pensa que eu posso alguma coisa, que valho alguma coisa, que sou capaz de alguma coisa...

«Só não desisti da direcção do «Lar de Jesus».

«Será que o venho dirigindo bem? será que o dirijo mal?

«Dirijo como posso e como vedes, com muito mais amor e dedicação do que se continuasse dirigindo o meu *Colégio*, o *Fé, Esperança e Caridade*, o *Albergue Nocturno*, outros tantos empreeendimentos que sairam, também, de minha iniciativa...

«Velho, exigente, voluntarioso, cheio de defeitos e mais provado na vida e na carne do que muitos de vós que me ouvis e que me ledes, aceitei a presidência do «Lar de Jesus», em que espero permanecer até o último minuto de existência material, em função de um argumento lógico e preciso daquela que foi minha companheira, durante 23 anos na carne; que, se aprendeu comigo a ser espirita, ensinou-me a fazer o bem, a viver para o bem, a economizar moedas da Terra, distribuindo-as com os que precisam mais do que eu, dos que podem menos do que eu, dos que ainda me procuram.

«A obra é tua — dizia ela —. A obra é de sacrifício e não se faria com a rapidez com que se fez, se não fosse a tua acção directa e indiscutível. Assim, seria uma fuga de tua parte, se a deixasse em outras mãos. Pega na charrua, vibra o malho e trabalha à frente do «Lar de Jesus», que, por ser obra divina, alterou o sentido das obras de assistência do Brasil, transformando orfanatos em lares, directores de lares e de orfanatos em pais. E foi por isso que não foste pai, que Deus não te fez pai...».

Aceitei a prebenda. A querida companheira, nem as autoridades do Alto que me confiaram esta Obra, hão-de se arrepender de mim».

AS PASTORINHAS DO LAR DE JESUS

O primeiro auto, com nove crianças, partiu às seis horas.

Às sete e meia, ouvimo-las cantando no programa do Alziro Zarur «*Campanha da Boa Vontade*». Às oito e tanto, no programa do Geraldo de Aquino, na *Hora João Pinto de Sousa*. Saímos do Lar de Jesus, no segundo auto, para nos

encontrarmos com o primeiro na *Casa de Luciá*. Daí partimos para o Lar Simão Pedro, de velhinhas, a última obra do Geraldo de Aquino. Ai, nossas filhas se exibiram ao calor canicular do sol. Mas desobrigaram-se de seus pais. Tivemos que agradecer, cá de baixo, ao microfone. Depois, uma velhinha de 73 anos, que nascera no dia de Natal, disse umas palavras emotivas, bonitas, comoventes, recordando seu longínquo passado.

O Lar Simão Pedro tem uma fonte de água mineral. Experimentámo-la. Explorada, talvez seja uma riqueza que dê de sobra para manter a instituição de velhinhas.

Depois da água, um lanche farto: guaranás, sanduiches, biscoitos. Muitas de minhas filhas esqueceram-se que teriam de almoçar pouco depois... Beberam e comeram a fartar-se...

Na Casa de Luciá, o almoço, depois da troca de roupa. E que almoço! Afora as minhas 26 pessoas, parece que almoçaram mais umas cinquenta! Isso, numa crise dessas, de feijão preto a mais de mil cruzeiros!... Almoço armado em mesas próprias, estendidas diante do *Pavilhão Rosa Leomil,* à sombra das árvores, tudo muito bem tratado, muito bem cuidado! E como se comeu!...

Às 16 horas, o programa: As pastorinhas e um concerto de acordeonistas infantis. Num palco armado caprichosamente, com serviço de alto-falante. Mas, quem? No meio de tanta gente, ninguém com jeito para locutor. Assim, tivemos que galgar o palco e alçar o microfone. Imagine-se o nosso papelão, sem dentes, sem fôlego para tanto, cansando-nos a cada passo! Mas, como em terra de cegos... Anunciámos os dois programas, que transcorreram brilhantíssimos. Para aumentar o brilhantismo, houve duas particularidades, duas originalidades: D. Rosa, se havia de receber presentes, entrou a dar presentes a toda gente. Nós tivemos uma linda gravata. E a outra, uma árvore natural carregada de brinquedos para as crianças. Todas as crianças se fartaram de brinquedos, de bonecas, de assobios, de petecas. Nenhum brinquedo lembrando lutas, guerras, mortes... A volta, às 19 horas. E ainda mais lanche, que ninguém quis. Todos estavam para lá de farto. E cheios de saudades, de vontade de ficar, de repetir aquele admirável 8 de Janeiro coroado de tantas coisas bonitas das crianças, no rádio e no palco.

A DESOBSESSÃO NO

Por JOSÉ SIMÕES

O Hospital Espirita de Porto Alegre é um estabelecimento que, pelo seu programa de trabalho, devidamente autorizado, e pela sua orientação espiritual, recebe enfermos sem distinção de raça ou crença, de acordo com as possibilidades.

O tratamento material é feito de acordo com o programa e o tratamento espiritual é dividido em duas partes distintas, a saber:

1.ª — Para os enfermos, cuja família, por sua crença ou confiança no Hospital, pede o tratamento espiritual prático, é feita a aplicação diária, a horas marcadas de passes magnéticos e espirituais, por médiuns curadores devidamente credenciados, com a presença de enfermeiros que sempre acompanham esta prática, colaborando por sua vez para a boa ordem dos trabalhos. Além deste tratamento recebem ainda assistência de mentores espirituais para a libertação dos espíritos obsessores que, após vários trabalhos, tomam conhecimento de seu estado, das causas de seus sofrimentos e se arrependem e voltam ao bom caminho. Estas sessões realizam-se no próprio Hospital e em várias agremiações espiritas que colaboram nesta meritória obra de recuperação, tanto material, como espiritual, dos enfermos.

O relato dos trabalhos é feito no último domingo de cada mês, às 9,30, pelo Presidente do Hospital e seus dignos directores e colaboradores, num magnífico objectivo de confraternização, a cujo trabalho assistem os colaboradores, dando contas de sua missão durante o mês, e os mentores e obreiros espirituais, dando testemunho da sabedoria e amor de Deus, para mais nos instruir, proteger, intuir e guiar no cumprimento de nossas missões, à luz do Evangelho, que deve ser o nosso roteiro.

2.ª — Os enfermos, cujas famílias, por sua crença e falta de fé em nossos trabalhos, não queiram esta prática além do tratamento material (são muito poucos, graças a Deus), têm a liberdade de assistir às nossas práticas espirituais, sem compromisso. Recebem também as nossas vibrações em favor de

SOLILÓQUIO

Por MANUEL CAVACO

A avareza é um dos sentimentos que revelam a inferioridade de carácter do indivíduo.

A avareza manifesta-se de vários modos; e, a medida em que se patenteia, é índice exacto da inferioridade do indivíduo.

Avarento, não é sòmente aquele que esconde o dinheiro e vive à míngua para não o gastar; que suporta amargas vicissitudes para não diminuir o seu tesoiro, e vive em contínuo sobressalto com receio que lho roubem.

Avarento é todo aquele indivíduo que nega o seu préstimo a quem carece dele, sem prejuízo próprio e dos seus queridos; o mais forte que não ajuda o mais fraco; o maior que não auxília o mais pequeno; o mais rico que não socorre o pobre; o mais prudente que não guia o incauto; o inteligente, o lúcido, o sábio que não esclarece o obscuro, não ensina o ignorante; e aqueles cientistas, artistas, escriturários e artífices que negam aos seus aprendizes, os conhecimentos que possuem; quantos levaram consigo, quando faleceram, segredos profissionais e outros, com manifesto prejuízo das gerações que lhes sucederam, e de si próprios, dificultando e retardando a evolução humana, «como se escondessem a luz debaixo do alqueire», quando é dever de todos nós colocar a luz bem

HOSPITAL ESPIRITA DE PORTO ALEGRE

DE MATOS — (Colaborador do Hospital)

seu esclarecimento e restabelecimento, tanto material como espiritual, assim como aqueles espíritos que mais particularmente os acompanham e actuam sobre eles. Destes poucos, em princípio, quase todos solicitam tratamento, formando uma só família dentro do Hospital e todos se sentem felizes e satisfeitos na ocasião dos trabalhos.

Por este motivo as curas espirituais se processam, naturalmente, dentro do tempo relativo ao aproveitamento de cada paciente, a não ser um ou outro caso de doença somática que, não podendo curar-se, quase sempre melhora. As doenças consideradas de provação do espírito são aquelas que, por força de vontade, podem curar-se. As que são consideradas como expiação só podem aliviar-se relativamente. A própria medicina, com todo o seu progresso científico, também se convenceu de que não pode. São pro- No caso, não devemos pensar que a parte esteja sofrendo um castigo de Deus. Porque Deus não castiga. Nós é que, por nosso livre arbítrio, nos premiamos, ou castigamos, perante as Leis Supremas.

Os enfermos entram no Hospital revoltados; mas, depois do tratamento material e espiritual que ali recebem, saem reconhecidos, amigos dequeles com quem ali conviveram, voltando para o convívio de seus familiares.

Porém, neste retorno ao convívio do lar, que deve ser considerado o templo da Família e o Santuário do amor fraternal, os familiares não sabem às vezes colaborar no restabelecimento da saúde e equilíbrio espiritual do irmão que a ele volta, depois de relativo estágio em tratamento hospitalar, no qual muito foi feito em prol da melhora alcançada, ou mesmo da cura.

Porque o trabalho do Hospital não pode responsabilizar-se pela continuação da saúde e equilíbrio espiritual do paciente, se os familiares não colaborarem, visto que a causa de tais enfermidades se relaciona em parte com a vida de todos eles.

Quando recebem de novo estes irmãos, os familiares devem inteirar-se do seu estado de saúde e proceder como o caso requer, pois o completo restabelecimento será feito no convívio do lar, recebendo o auxílio indispensável para esse fim.

Tais doentes não devem irritar-se sob pena de se perturbarem novamente, voltando ao estado primitivo, com maiores agravantes. São doentes de alma que precisam de assistência bondosa de irmãos que sirvam sem esperar recompensa, que amem sem se preocuparem se são ou não amados.

A doutrina espirita esclarece bem estes casos à luz da consciência. E quem desejar uma cura duradoira deverá esclarecer-se para melhor receber o auxílio que os bons espíritos repartem com todos os que, de boa vontade, os procuram.

Tenham fé, porque a assistência espiritual está em toda a parte. O que é necessário é compreensão para aproveitá-la.

alto de onde alumie todos os circunstantes.

A inveja e o ciúme nas suas múltiplas variantes, são outras tantas expressões de avareza, atingindo, por vezes, os requintes das crueldades bárbaras.

É também a avareza que transforma algumas madrastas em megeras, quando negam o seu amor maternal, aos filhos de outra mulher do seu marido; e ainda é o sentimento de avareza que transforma algumas mães naquela aberração de — sogra —; avaras do amor pelos filhos, não toleram as noras e os genros.

Há sempre avareza quando se nega a outrem, aquilo que se pode dar sem prejuízo de si próprio, mormente os recursos espirituais, os quais, quanto mais se repartem mais se avolumam, mais enriquecem quem os dá.

MISTÉRIO

Ao grande pensador e poeta Austen Amaro, de Belo Horizonte, Brasil, como preito e homenagem ao seu talento.

No silêncio profundo que transcende
Na amplitude da noite vagarosa,
Há uma forma-ideal, misteriosa,
Há harmonia integral que fulge e prende!

Asa impalpável que o espaço fende?
Filha da própria Essência esplendorosa?
— Não sei que visão esta em mim saudosa
Que jamais do meu peito se desprende!

Não sei que luz, fulgindo me desvaira;
Não sei que sonho oculto, ardente, exangue,
Já tão junto de mim em treva paira...

Não sei que corpo ou sol aqui existe,
Espectro de alvorada em oiro e sangue,
Da minha própria sombra escura e triste...

MANUEL DE SOUSA

(Inédito para o meu livro: «Voos d'Alma»)

"A VIDA ALÉM DO VÉU"

por ALFREDO MIGUEL

(Correspondente na Bahia)

I

Possuimos, como produto da mediunidade ímpar de Francisco Cândido Xavier, uma obra extensa e profunda onde se descrevem as condições da vida no Além, desde o instante em que a alma destrói os últimos liames que a prendiam ao corpo material. A obra, que esmerilha problemas transcendentes e dir-se-ia uma nova revelação, forma uma série de nove volumes e o seu autor espiritual se mantém incógnito. Apenas se supõe que o pseudónimo *André Luis*, com que ele se apresenta, encobre a identidade de um distinto esculápio brasileiro que viveu fazendo da medicina um sacerdócio.

Nesse mesmo género existem outros livros, cada qual mais curioso e interessante. Um deles, também psicografado pelo sensitivo de Pedro Leopoldo, é o que se intitula «*Voltei*», em cujas páginas o antigo proprietário da Casa Édson, do Rio de Janeiro, o inolvidável Frederico Figner, conta o que se passou consigo após a morte até à sua integração na vida extra-terrena. Descrição idêntica e emocionante, capaz de arrancar sérias reflexões de quem a ler, é igualmente aquela que fez o Espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos, a saudosa esposa do director de *Estudos Psíquicos*. Os ditados que este obteve, por intuição, grafando-os de um jacto e sem nenhuma rasura, foram enfeixados num livro de 280 páginas pela Editora «Estudos Psíquicos», de Lisboa, com o título de «*Dois Mundos*».

Mas, anterior a essas obras que acabamos de mencionar é a de G. Vale Owen, aparecida na Inglaterra em 1920 e logo no ano seguinte vertida para o português pelo dr. Carlos Imbassahy. As mensagens que formam o seu conteúdo foram transmitidas por alguns Espíritos, porém a principal mensageira identificou-se por todos os meios convincentes como sendo a mãe do autor material do livro. Datam de 1913 as comunicações, que, na opinião de *Sir* Arthur Conan Doyle, são «infinitamente reconfortantes e elucidativas».

Cremos que alguns leitores gostariam que retratássemos a personalidade de G. Vale Owen e disséssemos como e aonde foram obtidas as mensagens espirituais que dão conteúdo ao livro «*A Vida Além do Véu*».

É com prazer que satisfaremos a curiosidade dos amigos.

II

As mensagens espirituais que integram as duzentas e tantas páginas de «*A Vida Além do Véu*» despertaram tão grande interesse no seio da população inglesa, ao serem primeiramente publicadas no *The Weekly Dispatch*, que logo nos primeiros dias muitos milhares de cartas chegaram às mãos de G. Vale Owen, o médium em questão.

Foram, como já dissemos, transmitidas por sua progenitora e contêm preciosos informes sobre o mundo invisível e as diferentes condições das almas que o povoam.

Como William Stainton Moses, de quem nos ocuparemos em escrito posterior, G. Vale Owen era o «tipo clássico do sacerdote anglicano dedicado à sua paróquia e de todo absorvido nos seus trabalhos».

Nascido na cidade de Birmingham em 1869, ali se educou e em 93 era ordenado pelo bispo de Liverpool e nomeado para o curato de Seaforth. Exerceu sucessivamente idênticas funções em outras localidades e em 1900 foi feita a sua nomeação para vigário de Oxford, no Lancashire.

Foi ali na própria sacristia da igreja de Santa Margaret, por ele construída, que o seu lápis deslizou sobre centenas de folhas de papel, grafando o pensamento de sua mãe, numa velocidade média de 24 palavras por minuto.

Alguns anos antes — diz o prefaciador de «*A Vida Além do Véu*» — nada estava mais longe das cogitações do Rev. Dale Owen do que a ideia de vir a ser médium de comunicações espiritas. Na sua mulher, porém, desenvolvera-se o poder da escrita automática e por intermédio dela disseram os Espíritos que ele devia sentar-se também, calmamente, com o lápis na mão, e registar o que fosse projectado na sua mente por uma personalidade externa.

O Rev. Dale Owen relutou por algum tempo, mas acabou cedendo. E pondo-se à mesa da sacristia, na atitude aconselhada, com uma candeia velada a iluminar o maço de papel que tinha diante de si, quedava à espera que se sentisse sob a influência que o faria escrever.

Assim que se via avassalado por essa influência, mantinha-se, sem parar, até que a mensagem da noite ficasse concluída.

Quantas vezes o vigário conjecturava acerca de uma questão, e, ao pegar no lápis para o ditado, o curso do seu pensamento se desviava em direcção oposta!

O mesmo sucede invariàvelmente com os verdadeiros médiuns psicográficos, sendo esse nobre sacerdote inglês contado entre os melhores desta categoria.

Veremos a seguir em que resultou uma reunião de padres na Espanha, interessados em mostrar que o agente das comunicações espiritas era Satanás...

MARCO POSTAL

João Ghignone, Curitiba — Guardo na memória os belos momentos da nossa viagem a Paranaguá através da Estrada do Café, com o Abibe ao volante. A seu tempo falarei a respeito da digressão e do muito que ela conteve. Todos os dias evoco os belos colóquios que mantivemos nos dias inolvidáveis de Curitiba. A Federação Espírita do Paraná é um verdadeiro manancial de luz e amor ao serviço da Doutrina. E você — permita-me a expressão — é um monumento vivo a espargir bondade e actividade. Aguarde carta. É possível que chegue antes desta página.

Jobel Sampaio Cardoso, Florianópolis — Do Boletim Espírita nem um só número recebi desde a minha estadia nessa linda cidade, cuja vista nocturna me ofereceu como recordação. Estudos Psíquicos e Medicina Natural têm sido enviadas regularmente. Vou escrever-lhe. Desejava elementos pormenorizados do regime penitenciário de Santa Catarina, da vossa acção entre os detentos e uma fotografia do grupo que lá tirámos. Espero tudo isto o mais breve possível destinado à crónica. Um grande abraço, seu brasileiro-luso!

Osvaldo Melo, Florianópolis — Que saudade do nosso convívio e do seu lar! Nunca a simpatia terá atingido tão altos cumes. O chá material foi pretexto de expansões de espírito que ainda sinto, como se fossem deste minuto em que escrevo. Sua esposa compreende e sente a doutrina espírita. É uma grande Egéria no caminho do Osvaldo. Se eu não escrever antes, as linhas presentes serão prólogo de outras mais extensas. Até lá, saudações efusivas com desejos de felicidade.

Dr. Agnelo Morato, Franca — Dê saudações ao José Russo e Dr. Novelino. Vou-me reconstituindo, graças a Deus. Franca permanece, com vocês todos, no meu coração. Que saudade dessa excursão à Usina Peixoto! Mas isso é o Brasil novo, em marcha ascendente! Hei-de recolher no meu livro os momentos deliciosos que o vosso convívio me proporcionou. Mande-me algumas vistas da cidade; não cheguei a adquiri-las por falte de tempo. Na revista de Maio escrevi meia página, a propósito do seu artigo «Livros de Herege».

António Cardão, Juiz de Fora — Agradeço as suas belas missivas e o incitamento que encerram. Escrevi ao Celso, sem resposta. Que grande amigo e que formosa inteligência! Não mais esquecerei a nossa viagem a Ouro Preto, onde me senti, como se estivesse em Portugal. A seu tempo falarei de Juiz de Fora e do seu movimento espírita. Ainda este ano sairá o 1.º volume do meu livro sobre o Brasil. Diga ao Ali Halfeld que lhe mandei já a revista, a partir de Janeiro. Não deixe de escutar a Emissora. É a voz de Portugal. Um abraço efusivo.

Dr. Fernando Malta de Campos, Maceió — Todos os dias visiono o Lar das Velhinhas, nesse recanto paradisíaco. Quem dera voltar a Maceió e rever tão bons amigos que lá ficaram! Minha passagem por Maceió foi um sonho lindo. E o seu lar, mansão de claridade onde se bebe a linfa criadora. Escreverei. O avião encurtou distâncias e aproximou os homens para o festim do amor.

João Baptista de Campos, Recife — Recebi fotografias e palavras de conforto. A emoção envolveu-me ao recordar minha visita à Casa dos Espíritas de Pernambuco. Que magnífica jornada! Neste momento ressinto vibrações conhecidas. É a evocação de maré alta que inundou as almas nessa noite memorável. Espere carta.

Ali Halfeld, Juiz de Fora — Já falámos no Instituto Jesus, mas necessito de novos elementos pormenorizados para condigna reportagem. Envie tudo o que puder, incluindo números estatísticos. A sua obra é um milagre de realização. Deus seja consigo. Coragem e avante! Mande fotografias.

Valdomiro Eifel, Porto Alegre — Ainda tenho na retina esse formoso quadro do «Amigo Germano», sobre o qual realizei há pouco uma conferência. Careço de elementos novos e fotografias do edifício. Agradecimentos antecipados à sua amabilidade extrema.

João Amado Venâncio, Porto Alegre — Recebi sua carta. Grandes palavras, grande conforto! Fé ardente, amizade forte, esperança permanente! Vossa trindade está lá e cá. Tenho desejos de voltar para novas jornadas e novos programas. É preciso manter o fogo sagrado da união.

Dr. Amadeu Santos, Rio de Janeiro — Sua carta chegou. Seu pensamento chegou. Seu coração chegou. Que será do Rio sem você? O que lhe vale é o dom da ubiquidade. Se tal não fosse, ficaria na pátria n.º 1, e ficaria muito bem. Mas você retornará na carta que lhe vou escrever. É que, deste lado, sentimos o mesmo dom: estamos na pátria n.º 1 e n.º 2. E se lhe envio pensamentos e você está em mim... segue-se que eu irei e você voltará. Um abraço, até à primeira...

Dr. Abílio da Silva Lima, Salvador — Ainda sinto o seu abraço, à saída, no «Vera Cruz». É o prodígio da memória. Agradecido pela leitura. Não mereço tanto. Por isso o reconhecimento é maior. Saúde, alegria e fé para todos.

Dr. Celso Cardão, Belo Horizonte — Hoje 16 de Maio, recebi a comunicação radiotelegráfica que me enviou, através do amador sr. Abílio Rodrigues. Uma surpresa agradabilíssima! Tive a impressão de estar em sua casa, nessa linda Capital Mineira, saboreando o café, enquanto você comunicava com Lisboa, para a mensagem do lusitano ausente. Aguardo a carta prometida. Faço questão de suas palavras, repassadas de amizade e simpatia. Pense firmemente em Portugal. Talvez venha mais depressa. Comer e viajar... é livrar de começar...

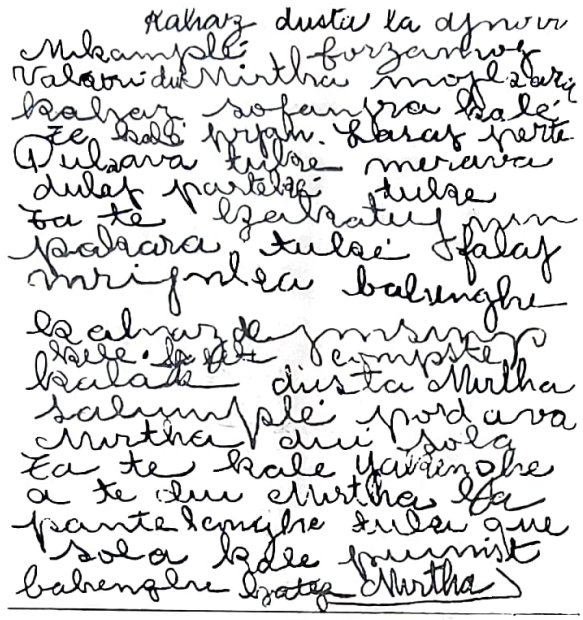
Crónica Mundial

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

QUE LINGUAGEM É ESTA?

O nosso colaborador argentino José Martín, fez-nos chegar às mãos, através da A. P. P. E. E. M., de Buenos Aires, a mensagem em verso que abaixo transcrevemos, recebida em Novembro de 1953 pela senhora Adela Albertelli, mas cuja linguagem ainda ninguém traduziu até hoje. Haverá algum leitor que possa auxiliar aquele confrade na decifração do texto? Se houver, poderá comunicar-lho directamente, para Calle Sucre 1249 (R. 93) Rosário — República Argentina.

Eis a mensagem, cuja fotocópia publicamos:



Fotocópia do original xenografado

ZINCARESA

Vaktri dui kalé iakkai
Muklión mara gulia dai
Kehaz gule te kalé
Oda manghe kampilé
Machin puka mri parno
Kalion dusta la djavó
Kahaz parno te guló
Oda manghe Kampiló.

Meses depois, em Março de 1954, recebeu outra, que parece relacionada com esta. Dizia assim:

Dukava tuke marava tuke
Te baré balenghe ta te kalé po-
venghe
Ta te kalé jakengle maré balengue
Vaktri dui kalé iakkai
Ta te kalé jakengle
Khas mara, Oda manghe
Kehas gulé te kalé Kampiló
Dukava puka mri parno
Te baré balenghe ta te kalé
Matchin puca mileka
Parno matileta Mirtha
Kahaz dusta la djnovó
Mikamplé forzamoj
Vaktri dui Mirtha mojksara
Kahaz sofranja kalé
Te kalé prjan, Lasaj perte
Dukava tuke merava
Dulaj parteké tuke
Ta te ezakatujnin
Pakar tuké falaj
Mrijinka balenghe
Kahaz desmsijn
Kele compste
Kalak dusta Mirtha
Salumplé pondava
Mirtha dui sola
Ta te kalé jakengle
A te dui Mirtha la
Sola kalé puinisj
Bakengle katez.

Mirtha

A «GREATER WORLD» EM APUROS

Notícias inglesas (*Psychic News* e *Two World*) informam que a *Liga Espirita Greater World* (Mundo Maior) atravessa grave crise financeira. Esta colectividade é uma espécie de romance do Espiritismo e tem sempre dependido de contribuições voluntárias. Devido, porém, a grandes alterações na distribuição de donativos, a lista dos benfeitores diminuiu.

A fim de neutralizar o aumento constante de despesas que as próprias doações e legados não puderam contrabalançar, a Liga elevou o preço do seu semanário *The Greater World* (O Mundo Maior), de 2 para 3 dinheiros. Mesmo assim, o rendimento não chega. O apelo agora feito destina-se ao novo auxílio de que necessitam. Nesta conformidade, os espiritualistas cristãos foram convidados a contribuir com 30 xelins, pelo menos, durante o ano.

A Liga é uma colectividade independente. H. F. Bendall, seu presidente desde 1938, calcula que tenha 15.000 a 20.000 sócios. Afirma também que o número dos centros federados oscila entre 300 a 400. Há também 360 mantenedores diplomados.

Em 1954 celebrou o 24.º aniversário. Foi fundada em virtude da mediunidade da senhora Winifred Moyes, cujo *Guia Zodíaco* se manifestou a primeira vez num grupo de três pessoas, que enviavam as comunicações aos interessados. Deste começo tão humilde nasceu uma organização espirita de âmbito internacional.

O seu órgão é impresso em oficinas próprias e em tempos teve edições francesas, alemãs e portuguesas. Uma empresa literária publica-lhe os seus hinos.

Em Leeds tem um excelente albergue nocturno reconhecido oficialmente pela municipalidade e todos os anos há um dia especial em que a B. B. C. faz um apelo destinado a reforçar os fundos do albergue. Tudo isto, porém, é conseguido por contribuições voluntárias, pois nenhum funcionário é remunerado pelos seus serviços.

Winifred Moyes, cujas comunicações em transe são ouvidas na Inglaterra, na América do Norte e no Canadá através da rádio, nunca recebeu um centavo de honorários.

Esta organização baseia-se nos ensinamentos transmitidos por *Zodíaco* e que, diz ele, eram ministrados aos judeus no tempo do Cristo. Estas mensagens têm sido traduzidas regularmente em várias línguas.

Não há dúvida de que a vida desta médium é devida em grande parte ao poder espiritual. Há quatro anos, por exemplo, davam-lhe apenas algumas horas de vida. Todavia, Miss Moyes continua a dirigir os serviços da Liga.

Há dois anos foi levada numa cadeira de rodas à festa do aniversário, ao Kingsway Hall. Mas não impediu que *Zodíaco* se manifestasse durante 40 minutos através de calorosa mensagem.

Fazemos votos pela felicidade e prosperidade da Liga. E que o seu órgão volte a circular como antigamente.

UNIÃO ESPIRITA MINEIRA

A União Espirita Mineira, com sede própria na rua Guarani, 315, Belo Horizonte, que acaba de inaugurar com magnífico programa, está em plena forma e cheia de entusiasmo pela doutrina. Aproveitou o dia 18 de Abril para o efeito e no dia 16 realizou uma excursão a Pedro Leopoldo, em visita ao nosso querido Chico Xavier. No dia 17 foi a visita ao Ginásio «O Precursor» e ao «Abrigo Jesus», além da instalação do Núcleo dos Militares Espiritas de Belo Horizonte e do *Curso Básico de Espiritismo*, dirigido por Ademar Dias Duarte e integrado em *Mediunismo, Evangelho, Velho* e *Novo Testamento, Terapêutica Espiritual, Geografia* e *História, Português, Astronomia* e *Biologia* e *Matemática*. No dia 18, finalmente, reunião de abastecimento espiritual, almoço na «Sopa dos Pobres» oferecido aos visitantes da União e inauguração da sede, com discursos dos nossos confrades e amigos Bady Elias Cury, *presidente*, Dr. Ademar Dias Duarte, *Presidente do Conselho Deliberativo*, e prof. Rubens Costa Romanelli, *reitor do Ginásio* «O Precursor».

A *Comissão de Honra* era assim constituída: *Presidente* — Oscar Coelho dos Santos. *Membros* — Raul Pompeia dos Santos, José Neto, Beatriz Albuquerque Duarte, Adriano Beruto, Alípio Silva Júnior, Ismael Ramos das Neves e Osório de Morais. *Comissão de Recepção e Hospedagem* — Jaime Ávila Machado, Henrique Rodrigues, Rúbens Romanelli, Albino Dias Duarte, Virgílio Pedro Almeida, Paulo Noronha, General Berzelius Veloso, Noraldino Melo Castro e José Pinto Mourão.

Voltaremos ao assunto com novos pormenores. Desejamos à colectividade amiga progresso incessante e o almejado triunfo.

PROMESSA CUMPRIDA

Constancia, de Buenos Aires, transcreve de *Two Worlds* um curioso relato acerca de um pai que cumpriu a sua promessa, sete horas depois da morte. Quem conta o caso é o conhecido médium clarividente Arturo Whyman, que pertence a uma família de 10 pessoas que se reuniram em grupo sob a direcção de um pai disciplinado e rigoroso, tão rigoroso, que sob a sua autoridade manteve durante 18 anos o filho Arturo, apesar deste ser considerado um médium excelente para demonstrações públicas.

Quando sentiu que era chegada a última hora, chamou o filho e a nora ao leito e disse:

— Vou partir e quero que me escutem atentamente. Se aquilo em que temos acreditado toda a vida é mentira, eu não voltarei. Se é o contrário, dai-me sete horas de prazo.

— Não lhe parece demasiado cedo? — obtemperou o filho.

— Sete horas depois de morrer — continuou o moribundo sem responder à pergunta — quero que estejais sentados os dois, um a cada canto da lareira. Chegarei junto de vós, levantarei o atiçador e baterei com ele no guarda-fogo.

Expirou às 22 horas e Arturo foi à agência funerária comunicar a morte de seu pai.

— Você não precisa de mim — disse o agente, que também era espirita —. Já tomámos a medida do caixão. Quem sabe quando voltará...

Então o filho contou o plano do pai.

— Acredita que ele o realizará?

— Não sei — respondeu Arturo—. E voltou para casa.

Pouco antes das cinco da madrugada, o médium sentou-se com a esposa, ao canto da lareira.

— E se a força fluídica não for suficiente?—murmurou a senhora Whyman.

Arturo não respondeu. Olhava atentamente para o atiçador, que parecia mover-se...

De repente, o objecto engueu-se no ar e começou a bater suavemente na borda do guarda-fogo, de um extremo a outro e vice versa. Depois caiu no chão, repenicando fortemente. A promessa fora cumprida.

GRANDE PROVA DE IDENTIDADE

Ainda do mesmo jornal londrino, *Constancia* traduziu a seguinte prova de identificação, obtida com o médium vidente e auditivo Ronald Strong, numa sessão pública realizada no Salão Wigmone, de Londres. Trata-se de uma criança falecida que queria comunicar-se com a mãe e que, pela minuciosidade dos pormenores, comoveu os assistentes.

Diz o médium:

— Esta criança parece que tinha 10 a 12 anos. Sofreu uma operação e tiveram que lhe cortar o cabelo...

— Sim, é verdade — respondeu a mãe.

— Quem é Betty?

— É o nome dela.

— Diz-me que tinha uma amiga chamada Sheila...

É verdade.

— Há alguém chamado Iván?

— É o nome do irmão.

— A sua filha devia ter falecido às onze horas da noite...

— Às dez e meia exactamente.

Ronald Strong obtemperou:

— Parece que o seu espírito infantil abandonou o corpo às onze. Vejo-a vestida de azul. Por que será?...

— Era a sua cor predilecta. Tinha um vestido dessa cor.

— Tinha uma anágua com pregas e uma pulseirinha lisa, de ouro...

— É certo.

— Mostra-me um livro na mão e diz: «Mãezinha, lembra-se? Este é o último livro que me compraram. Chamava-se *A Fada Azul*».

— Ela teve diversos livros antes de morrer.

— Este foi precisamente o último que ela teve antes de morrer. Diz que a senhora costumava lê-lo. Ela fez alguns desenhos na capa. Tem uma estampa com um gnomo sentado num cogumelo...

— Sim, esse tenho.

— Ela tentou desenhar o gnomo... Parece que a senhora o dobrou ao meio. Dobrou a pequena fada azul e o gnomo. Diz também que o cobriu com lápis de cor...

— Fez isso, fez.

— Ela fala em Agosto...

— Porque morreu em Agosto.

— Agora fala-me da morte. Diz que se sentia muito triste, porque estava próximo o seu aniversário.

— É verdade.

— Ela fez parte do cortejo de uma noiva... Levava um laço cor-de-rosa no cabelo...

— É verdade.

— E sentiu-se muito aflita por lhe ter caído...

— Sim. É completamente exacto.

— Ela quis vir esta noite, porque a senhora estava triste com a ideia de que podiam ter feito mais para salvá-la...

— Isso é verdade.

— Ela diz-me: «Fiquei contente de me ter livrado desse dente, pouco antes de morrer...

— Sim. Foi ela mesma que o tirou.

Notas & Comentários

DR. PACHE DE FARIA

Há coisas que não mais esquecem. Quando estivemos em Niterói, os confrades do Estado do Rio homenageram-nos com um magnífico banquete, onde encontrámos, além de muitas figuras eminentes, o Dr. Gastão de Castro Pache de Faria, então Juiz de Menores de Niterói e S. Gonçalo, além de Juiz Eleitoral e Criminal. Figura austera que se impunha a todos, não só pelos cargos que desempenhava, como pela bondade e alto critério que o distinguiam, quis dar uma nota impressionante da sua presença no Orfanato Dr. March, onde o certame decorria, e fez uma profissão de fé espirita, com o desassombro próprio de magistrado integérrimo, que apenas obedece à lei e à consciência. Foi o acontecimento do dia. Todos recebemos as suas palavras como presente régio.

Agora, o Espirita Fluminense diz-nos que o insigne confrade foi empossado no cargo de desembargador do Tribunal de Justiça do Estado do Rio, o lugar de maior prestígio e responsabilidade a que pode aspirar um juiz.

São homens deste género que o Espiritismo deseja para enfrentar as ondas extremistas que pretendem destruir as nossas fileiras. Que ele tenha sempre o auxílio do Alto para que, em suas mãos, a justiça dos homens seja reflexo da justiça divina.

«BOA VONTADE»

Ainda bem! Eis aqui o 1.º número de Boa Vontade, órgão da Legião da Boa Vontade, movimento de fraternidade religiosa brasileira, à frente do qual se encontra o nosso amigo Alziro Zarur, que mais de uma vez encontrámos durante a nossa permanência no Brasil. É um grande valor moral, como já temos dito, e o seu verbo fácil e vibrante tem o dom de concitar e harmonizar. Por isso a L. B. V. aumenta de volume, como certos rios, quando as chuvas lhes beijam o talvegue.

Boa Vontade é revista dinâmica, profusamente ilustrada. Nas suas páginas perpassa uma legião de figuras notáveis que ao ideal espirita dão o melhor do seu esforço e que, por si próprias, são garantia de triunfo. Lá está o Nelson Baptista de Azevedo e o Geraldo de Aquino, directores das «Selecções Espiritualistas» e da «Hora João Pinto de Sousa», dois programas radiofónicos apreciadíssimos no Brasil; lá está o Leopoldo Machado, o Jacques Aboab, o coronel Wischral, o José Alves de Oliveira... Lá está D. Rosa Leomil de Vasconcelos, da Casa de Luciá, que nos encheu de recordações, o Dr. Ovídio Gil... E até nós lá estamos num flagrante obtido nas «Legionárias de Maria», por ocasião de um discurso que ali fizemos e em cuja mesa de honra se vê o Zarur, o Dr. Moreira Guimarães e outros confrades.

Enfim, estamos satisfeitos com a visita amistosa de Boa Vontade e vamos permutar com todo o aprazimento.

Portanto, amigo Zarur, conte sempre connosco, como nós contamos com você. Continui a trabalhar pela unificação dos pensamentos, adelgaçando as barreiras que separam os homens. Esse é o bom caminho. Só ele nos libertará da miséria e do preconceito.

Boa Vontade chegou aqui, onde boa vontade havia de colaborar com os apóstolos do bem e da justiça. Que as suas páginas se iluminem e multipliquem, para bem de todos.

INSTITUTO ARGENTINO DE PARAPSICOLOGIA

A fim de estudar os fenómenos de «projecção da percepção extra-sensorial», o Departamento de Investigação Científica deste Instituto solicita das pessoas interessadas, isto é, que tenham estas faculdades, que enviem dados e pormenores das experiências que hajam feito. As referidas projecções equivalem aos fenómenos de bilocação, desdobramento, transporte e viagem astral.

Também se pede o mesmo àqueles que, estando parados junto à cama, tenham visto o seu corpo deitado ou a flutuar.

A correspondência deve dirigir-se ao presidente do Instituto Argentino de Psicologia, José S. Fernández, Calle Alsina, 2607, Buenos Aires.

O mesmo Instituto enviou-nos uma nota, segundo a qual o Dr. Hornell Hart, prof. de Psicologia da Universidade Duke, estabelece a possibilidade de justificar a hipótese (sic) de sobrevivência espiritual, dizendo:

«Se as aparições dos vivos são, por assim dizer, veículos, a partir dos quais a consciência da pessoa representada observa e age, que pensaremos das aparições dos mortos? Não serão elas, também, veículos, com os quais a consciência do defunto observa e age?».

O Dr. Hornell é o actual director da Comissão Internacional das Investigações relativas às projecções da percepção extra-sensorial. Na sua tese «Seis Teorias Sobre as Aparições» conclui, dizendo que «a prova a apresentar corresponde à dos que afirmam não existir, nas aparições, prova da sobrevivência».

Dada a importância ideológica destas conclusões, o mencionado Instituto de Parapsicologia resolveu estudar estes fenómenos e colaborar com a Comissão Internacional dirigida pelo Dr. Hornell Hart, segundo o qual a vida espiritual se desenvolve numa quinta dimensão ou plano do Universo.

CATOLICISMO E ESPIRITISMO

Boletin Espiritista, de Buenos Aires, transcreve de Luz en el Mundo os seguintes parágrafos de realidade evidente:

O catolicismo afirma:

a) A existência de um só mundo habitado: a Terra.

b) A humanidade terrena única no orbe.

c) Uma só vida e destino único definido após a morte.

d) O inferno, como castigo eterno e absoluto.

e) A comunicação exclusiva entre o diabo e o homem.

O Espiritismo ensina:

a) A realidade de mundos habitados.

b) A pluralidade de existências nos mundos.

c) Reencarnação das almas para melhor evolucionarem.

d) Relativa duração dos sofrimentos espirituais.

e) Comunicação entre todos os desencarnados e o homem.

Noticiário

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Conforme se anunciou, o nosso confrade Sr. Júlio Padesca voltou em 6 de Maio ao Centro Espiritualista Luz e Amor, com o trabalho «O Homem não é uma Ilha».

Escutado com grande interesse pela assistência, o orador incitou fervorosamente à cooperação material e espiritual, nos múltiplos sectores da vida. Afirmou que o homem não pode viver isolado, em atitude de egocentrismo. Pelo contrário, necessita de cooperar com os semelhantes para caminhar na longa estrada da evolução.

Foi uma bela exposição cheia de humanismo, que revelou uma alma debruçada sobre o mundo e atenta aos desequilíbrios e necessidades de quantos lutam para viver.

António Cardoso, que presidia, secretariado pelo Dr. Moreno da Fonseca e Jorge Raimundo, congratulou-se com o belo trabalho exposto e fez votos para que, em futuro próximo, o Sr. Júlio Padesca volte àquele estrado.

Também no dia 20 o nosso director dealizou a sua conferência, intitulada «Uma Sessão de Materialização em S. Paulo». Durante duas horas expôs aos assistentes o que viu na Associação Espirita Padre Zabeu, e que a assistência apreciou profundamente, sobretudo a sua crítica às sessões daquele género.

ASSOCIAÇÃO ESPIRITA «ESTUDANTES DA VERDADE»

Esta agremiação, de Volta Redonda, Estado do Rio de Janeiro, teve a gentileza de nos comunicar a eleição e empossamento da sua nova Directoria, de Março de 1956 a Março de 1957, constituída pelos seguintes amigos e confrades:

Presidente — Prof. Aleixo Vítor Magaldi; *Vice-presidente* — João Rodrigues; *1.º Secretário* — Carlindo Dias; *2.º Secretário* — Engenheiro Paulo da Costa Pereira; *1.º Tesoureiro* — Cewaldino Gamboa; *2.º Tesoureiro* — Vena Demarche Mascarenhas.

Comissão de Contas — Natalino Nunes Vieira, Alfredo Miranda Prado e Omar Silva.

Estes elementos são operosos e esforçados. Não se limitaram a erguer a sede própria da sua colectividade. Querem mantê-la e prestigiá-la. Para isso não lhes falta incitamento nem coragem, visto serem o dinamismo personificado. Um grande abraço a todos. Nós e o Magaldi lá estaremos brevemente. Já estivemos mais longe...

ELIAS LÓPEZ RODRÍGUEZ

A devolução de *Estudos Psíquicos*, com a nota «falecido», deu-nos a desagradável notícia do trespasse do nosso confrade e amigo D. Elias López Rodríguez, do Ferrol, Espanha, onde vivia há muitos anos amargurado pela doença que, certamente, acabou por vitimá-lo.

Aliado do Doutor Rodrigo Sanz, no lançamento do jornal *El Kardeciano*, manteve-se sempre coerente, ainda após a morte do companheiro, filósofo e matemático que sucumbira aos desmandos da revolução espanhola de 1936. As cartas que D. Elias nos enviava periòdicamente, durante mais de 20 anos consecutivos, eram reflexo de um carácter íntegro que via no Espiritismo a grande esperança do mundo.

Tantas vezes nos dizia: «*Que triste es la vida, querido Don Isidoro! Que triste y dura! Mas, sientate a la puerta de tu casa y verás pasar el cadaver de tu enemigo. Que felicidad, mas grandisima, la de Usted en ese Pais y en esa ciudad! Benditos sean! El pan no es solo lo que precisamos*».

E terminava quase sempre:

«*Sigo mui enfermo y quisiera que Don Rodrigo y otros me visitasen*».

Abandonou o invólucro físico, em demanda de rumos novos, o amigo dilecto que não chegámos a conhecer em vida. Estava escrito que assim fosse. Mas isso não impediu que a nossa amizade perdurasse e aumentasse.

Que os Amigos do Alto o tenham recebido e agasalhado!

TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE JULHO DE 1956

Grupo Allan Kardec

Todas as segundas-feiras, às 21.30, dirigido por Túlio Augusto Rosa.

Grupo de Caridade «Lia»

Todas as quartas-feiras, às 21.30, com a médium D. Deolinda Robalo.

Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam»

Todas as quintas-feiras, às 21.30, dirigido por Túlio Augusto Rosa.

Dia 3, domingo, às 16 horas — Conferência pelo Dr. Moreno da Fonseca, intitulada «Quem vê Caras, vê Corações».

Dia 5, terça-feira, às 21.30 — Grupo Experimental «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 9, sábado, às 21.30 — Conferência por Júlio Padesca, intitulada «A Janela e a Rua».

Dia 10, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 17, domingo, às 16 horas — 7.ª Conferência da série «O que eu vi no Brasil», por Isidoro Duarte Santos.

Dia 19, terça-feira, às 21.30 — Grupo Experimental «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 24, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 1 de Julho, domingo, às 16 horas — Grupo General Passaláqua, com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Destinados ao Fundo Permanente de Beneficência recebemos os seguintes donativos, que agradecemos:

Mês de Maio — A. A. Sampaio, de Joanesburgo, 40$00; A. Pinto da Cruz, de Luanda, 30$00; A. Leyguarda Ferreira, de Lisboa, 5$00; Joaquim F. Sismeiro, de Leiria, 25$00; António dos Santos, de Alhandra, 5$00; I. S., de Lisboa, 20$00; A. L., V. L., M. L., de Lisboa, 15$00. *Total* — 140$00.

LIVROS RECOMENDADOS

OBRAS DE W. ATKINSON E BEALS

Força (A) do pensamento, por *W. Atkinson* e *Beals* — Sua acção na vida, influência psíquica, concentração de energia e conhecimento da alma humana ..... 30$00

Magia Mental, por *W. Atkinson* — Um livro dos mais importantes da nova psicologia acerca da energia mental e suas aplicações. Esta obra provocou uma grande revolução nos Estados Unidos ..... 80$00

OBRAS DE FRANCISCO V. LORENZ

Lições Práticas de Ocultismo Utilitário — Contém todos os dados sobre Astrologia, Quiromancia e Grafologia. Um verdadeiro compêndio de ciência secreta ..... 40$00

Nossas Forças Mentais, por *Prentice Mulford* — Monumento erguido por um poderoso cérebro, ensina as leis da prosperidade, do triunfo, do bem-estar e da saúde. Os seus ensinos têm dado conforto e felicidade a milhares de seres. 4 grossos volumes — encadernados, 300$00 ..... 200$00

Raios de Luz Espiritual — Livro que abrange a maioria das religiões, tocando em pontos de enorme interesse, tais como, o mundo astral, o sexo e a pureza, os fenómenos metapsiquicos, a crise da morte, etc. ..... 56$00

Receituário dos Melhores Remédios Caseiros — Como o seu nome indica, é um livro útil a toda a gente, especialmente a que vive nas aldeias ..... 25$00

OBRAS DIVERSAS

Autobiografia de Annie Besant — revelações da vida íntima e social da fundadora da Sociedade Teosófica. Um grosso volume 54$00

Cabala — A tradição esotérica dos hebreus 30$00

Ciência (A) Secreta, por *Henri Durville* — — Dois grossos volumes com cerca de 1.000 páginas e 60 gravuras, em que se estudam todas as correntes iniciáticas e todos os graus das antigas iniciações ..... 190$00

Clarividência (A), por *C. W. Leadbeater* 35$00

Como Fazer-se Yogui, por *Swami Abhedananda* — Lendo esta obra ficar-se-á fazendo ideia completa dos livros da filosofia yogui ..... 28$00

Curso de Iniciação Esotérica — Esplêndido livro para desenvolvimento dos poderes espirituais em lições graduadas ..... 48$00

Fenomenologia Mediúnica, por *O. Emboaba*. Tese de doutoramento de um médico repudiada por um juri preconceituoso ..... 15$00

Forças Ocultas — A educação sexual no seu mais elevado grau de aplicação prática e transmutação da força vital noutra mais eficaz ..... 56$00

História da Bíblia, por *Hendrik Willem Van Loon* — Eis a Bíblia ao alcance de todos num cunho perfeitamente humano, sem o mistério que rodeia a linguagem das Escrituras! ..... 50$00

Inteligência (A) Através dos Séculos, por *Martin Stevers* — A história da humanidade narrada através das realizações do homem que o levam a resistir aos cataclismos da natureza ..... 70$00

Karma (O), por *Annie Besant* ..... 16$00

Madame Curie, por *Eva Curie* — A vida de uma mulher extraordinária que a ciência guindou às culminâncias, prémio Nobel de física e química, 16 medalhas honrosas e doutora *honoris causa* por vinte universidades ..... 50$00

Magnetismo Pessoal, por *Hector Durville* — Ensina a desenvolver poderosamente as forças psíquicas e magnéticas, adquirindo domínio sobre si e sobre os outros ... 40$00

Maravilha (A) da Vida, por *Milton Levine* e *Jean Seligman* — Trata da educação sexual e descreve maravilhosamente do que e porque nascemos ..... 45$00

Magia Prática (Tratado elementar), de *Papus* — O mais completo tratado de magia prática. Adaptação, realização e história da magia, com um dicionário adequado. Um grande volume com 160 gravuras ..... 120$00

O Espírito das Trevas, recebido por *Celestino Arruda Lanza*. Romance filosófico, repleto de ensinamentos ..... 55$00

Pietro Ubaldi, Sua vida - Sua obra, por *Clóvis Tavares*. A vida do grande místico numa encadernação elegante ..... 40$00

Poder (O) Mágico, por *Loester* — Obra utilíssima na vida prática sobre o desenvolvimento espiritual e educação da vontade. Regime alimentar, cura magnética, magia do olhar, auto-levitação ..... 32$00

Profecias de Nostradamus, por *Marques da Cruz* — As célebres profecias publicadas em 1611 que prevêem até Outubro de 1999 80$00

Radiestesia (A) no lar, pelo Dr. *Saevarius* — O pêndulo detector e pesquisador dos remédios das doenças humanas, animais e vegetais, ao alcance de todos ..... 30$00

Sessões Espiritas, por *Hans Arnold* — Como se organizam e dirigem sessões espiritas, sem danos que prejudiquem o *médium* — enc. ..... 30$00

Sonhos e Visões (Interpretação de) — Um livro auxiliar do psicógrafo (11.ª edição) 30$00

Viagem Astral ou 20 Noites Consecutivas de Desprendimento Consciente, por *M.me Ernest Bose* ..... 35$00

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

br.

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um ... 60$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataque feitos ao Espiritismo ..... 50$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte ..... 25$00
Enigmas da Psicometria ..... 28$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00 50$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte ..... 42$00
Metapsíquica Humana — encadernado ... 40$00
Pensamento e Vontade ..... 26$00
Xenoglossia ..... 32$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo ..... 40$00
Casas Mal-assombradas ..... 50$00
A Morte e o seu Mistério. 3 volumes: 1) Antes da Morte; 2) Durante a Morte; 3) Depois da Morte ..... 140$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos 75$00
Narrações do Infinito ..... 30$00
Stella (romance astronómico) ..... 50$00
Urânia ..... 40$00

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 25$00
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz* 20$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel* ..... 45$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 30$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 35$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha* ..... 30$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo ..... 60$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel,* resposta a 461 perguntas — enc. 38$00 ... 26$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 35$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 28$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — enc. 38$00 28$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunhá,* um verdadeiro poema de ternura ..... 28$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido ..... 60$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio* 24$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos) ..... 32$00
Libertação, pelo *Espírito de André Luís* — Enc. ..... 48$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00 ..... 36$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luís,* obra dedicada às pessoas cultas—enc. 55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00 ..... 36$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz* ..... 40$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado ..... 38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz* ..... 42$00
Nos Domínios da Mediunidade, pelo *Espírito de André Luís* ..... 40$00
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 46$00
Pérolas do Além ..... 28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X* ..... 35$00
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00 ... 34$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* 40$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage* ..... 20$00
Voltei, do *Espírito de Jacob* ..... 25$00

OBRAS DIVERSAS

Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 42$00 ..... 30$00
Às Margens do Mar Morto, por *Osvaldo Polidoro* — Apreciado e discutido romance, que faz parte da chamada *Série do Céu,* constituida por mais de 25 livros, do memo autor ..... 35$00
As Profecias de Daniel e o Apocalipse, por *Isaac Newton* — Livro publicado em 1733, pouco depois da morte do autor, é hoje raridade de bibliófilos. Tradução feita pelo Dr. Júlio de Abreu Filho, prima pela correcção de linguagem e fidelidade aos textos, bem como às citações da Bíblia — enc. ..... 60$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida* ..... 35$00
Barrabás, o Enjeitado, por *J. Herculano Pires* — Um drama oculto por detrás do drama da paixão — A invasão do Templo de Jerusalém e a verdadeira condição de «os dois ladrões» ..... 40$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima* — enc. 54$00 ..... 40$00
Dialética e Metapsíquica, pelo *Dr. H. Mariotti* — Esta obra tem a missão de mostrar aos materialistas, cépticos e incrédulos, que a Doutrina Espirita continua a ser a única força científica, filosófica e religiosa, que poderá barrar o presente avanço do materialismo ..... 26$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* enc. 42$00 ..... 30$00
Do País da Luz, extraordinária obra mediúnica recebida por *Fernando de Lacerda,* na qual perpassam grandes escritores portugueses fàcilmente identificados pelo estilo próprio. 4 volumes brochados, com cerca de 1.000 páginas ..... 160$00

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

br.

... e as águas passaram, por *Hugo Marchiaverni*—Interessante romance, que emociona e comove pela alta dramaticidade do seu enredo bem conduzido. Representado no *Rádio Teatro* da *Rádio Recorte*, pelo consagrado mestre Manuel Durães — enc. 30$00

Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy* ..... 45$00

Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião* 60$00

Em Torno do Mestre, por *Vinícius* ..... 40$00

Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim* ..... 25$00

Factos, por *António J. Trindade*, um livro impressionante de factos espiritas extraordinários, impresso em óptimo papel ..... 50$00

Felicidade (A) ao seu Alcance, pelo *Dr. Toulouse* — Um verdadeiro compêndio da vida prática, desde a escolha de uma carreira à fundação de um lar e como devemos viver a vida interior ..... 25$00

Filosofia Penal dos Espiritas, pelo *Prof. Fernando Ortiz* (Catedrático de criminologia na Universidade de Cuba) — Obra de raro valor doutrinário, que prova ao mundo estarem os espiritas na vanguarda, no que respeita aos princípios da moderna criminologia ..... 60$00

Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio* ..... 20$00

Levitação (A), por *Albert de Rochas* ..... 28$00

Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac* ..... 35$00

Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos* —enc. 52$00 ..... 40$00

Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *E. Manso Vieira e B. Godoy Paiva* — Compêndio didático sobre a maneira de se dirigirem sessões práticas. Orientador seguro, baseado nas obras de Kardec e Emmanuel ..... 20$00

Mediunidade, *por E. Armond* — Obra de extraordinária síntese e clareza que explica o complexo mecanismo da mediunidade em todos os seus aspectos ..... 40$00

Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac* ..... 35$00

Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér* ..... 45$00

No Limiar do Etéreo, por *Artur Findley* — Estudo magnífico acerca dos fenómenos espiritas de «voz directa», com o célebre médium Sloan ..... 30$00

No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance*. Episódios da sua vida ..... 42$00

Nova (A) Revelação, por *A. Connan Doyle* — As primeiras experiências espiritas do autor do «Sherlok-Holmes» e a sua conversão. Obra de grande alcance doutrinário ..... 23$00

O Evangelho à Luz da Astrologia, por *A. Vaz de Melo* — Obra Prima, do ponto de vista da profunda e vasta erudição, atestando a cultura inciclopédica do seu autor 50$00

ESPIRITUALISTA, deseja-se, vegetariana, saudável, culta, meia idade, livre, para consórcio. Seriedade e referências mútuas. Carta explícita a C. T., Apartado 108, Lisboa.

Outro (O) Lado da Vida, pelo *barão Carl du Prel*. Um livro de luz poderosa sobre a Morte e a vida no Além ..... 28$00

Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00 ..... 25$00

Profecias (As) de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton*. Um estudo profundo devido à pena de um dos maiores génios da humanidade ..... 60$00

Psiquismo (O) Experimental, por *Alfred Erny* ..... 35$00

Reino de Jesus (O), por *Fernando da Cruz Ferreira*, o Evangelho romanceado ..... 25$00

Reis, Príncipes e Imperadores, por *Almerindo Martins de Castro*. Casos históricos de psiquismo, entre eles, alguns passados com reis portugueses ..... 30$00

Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*. Obra nascida de um grupo de padres que estudaram o Espiritismo e se converteram, abandonando a Igreja Católica ..... 50$00

Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00 ..... 25$00

Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista ..... 35$00

Semíramis, por *Camilo Chaves* — Maravilhoso romance da legendária rainha do Egipto e da Babilónia, narrado com invulgar fundamento histórico, que lhe dá indiscutível valor, 1 grosso vol. ..... 80$00

Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente* — Livro muito útil aos directores de sessões espiritas ..... 35$00

Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo* ..... 30$00

Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff* ..... 28$00

Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo médium *G. Vale Owen* — enc. 42$00 30$00

Vida (A) de Jesus, por *António Lima*. Um livro que despertou controvérsia, no qual são expostas inúmeras hipóteses através de estudo adequado ..... 30$00

Voz (A) do Antigo Egipto, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo ..... 28$00

Revista Espirita. Os dois primeiros volumes desta importante revista, fundada e dirigida por Allan Kardec. Uma verdadeira preciosidade, traduzida em Português e encadernada em precalina, Cada volume 120$00

Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

AMÉRICO LOPES VIEIRA

(Ver pág. 219)

CONTÉM: Vigilância, da **Redacção**; Mau Senso... Mau Gosto..., por **Isidoro Duarte Santos**; António Guerra Peixe, por **Leopoldo Machado**; Dois Fenómenos Supranormais, por **José Martin**; Cruzada dos Militares Espiritas; Complexos - Psicologia Espiritualista, por **Zalmino Zimmermann**; Solilóquio, por **Manuel Cavaco**; A Moral, por **Eduardo F. da Conceição**; A Verdade sobre o Espiritismo; A Pena de Morte, por **Aleixo Victor Magaldi**; Minhas Mãos, por **Amadeu Santos**; Ecos de Uma Viagem - XIX - Psicologia do Viajante, por **Isidoro Duarte Santos**; Significação da Palavra «Morte», por **Sir Oliver Lodge**; O Livro, de **Olavo Bilac**; Por que Sofremos?, por **Cyrilo Alleixo**; Américo Lopes Vieira; Roma e o Evangelho, por **Alfredo Miguel**; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

17.º ANO JULHO DE 1956 N.º 7

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Liège	*Achille Biquet*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*
Luanda	*Luís de Barros Castro*

Redactor junto à Cruzada dos Militares Espiritas do Brasil ..... **Marechal Mário Travassos**

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Henrique Magalhães e Nelson Baptista de Azevedo*
S. Paulo	*António Pereira Correia e António Baptista Lino*
Campos	*Clóvis Tavares*
Curitiba	*João Ghignone*
Porto Alegre	*José Simões de Matos e Zalmino Zimmermann*
Rio Grande	*Armando O. Couto*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*
Ribeirão Preto	*Dr. José Pereira Bastos*
Belo Horizonte	*António Augusto dos Santos*
Maceió	*Jaime Xavier da Silva*
Fortaleza	*José Borges dos Santos*
Franca	*Dr. Agnelo Morato*
Cruzeiro	*José Zácaro Neto*
Vitória	*Dr. Ayrton Machado*
Passo Fundo	*Ney Vaz da Silva*
Juiz de Fora	*Orville Derby Dutra*
Pelotas	*Dr. Djalma de Matos*
Bajé	*José Ferreira da Mota*
Aracajú	*José Elson Fontes*
Juiz de Fora	*João dos Santos Coragem*
Três Rios	*Acir Faria*
Rio Preto	*Lázaro Camargo Ehmke*
Paranaguá	*René Risental*
Florianópolis	*Osvaldo Melo*
João Pessoa	*José Borges de Sousa*

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores — **Não se devolvem originais, sejam ou não publicados**

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), Cr. $100,00 — Ultramar (12 números) moeda equivalente a 70$00 — Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro e da Casa do «Tio Juca», de Salvador, Bahia

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

ALLAN KARDEC

	br.
Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita	20$00
A Prece	12$00
Espiritismo	15$00
O Principiante Espirita	18$00
O que é o Espiritismo	18$00
O Livro dos Espíritos — enc. 45$00	32$00
O Livro dos Médiuns — enc. 45$00	32$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 45$00	32$00
O Céu e o Inferno — enc. 47$00	35$00
A Génese (nova edição) — enc. 47$00	35$00
Obras Póstumas — enc. 45$00	32$00
Revista Espirita (1.º e 2.º volumes), relativos a 1858 e 1859, traduzidos em português e lindamente encadernados — Cada vol.	100$00
(Seguir-se-á a tradução dos restantes vols.)	
Vade-Mécum Kardequiano	16$00

LÉON DENIS

	br.
Cristianismo e Espiritismo	50$00
O Além e a Sobrevivência do Ser — Enc.	25$00
O Grande Enigma	30$00
Depois da Morte (nova edição)	50$00
O Porquê da Vida	28$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00	50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 60$00	48$00
El Problema del Ser e del Destino	52$00
No Invisível (nova edição)	52$00

GABRIEL DELANNE

O Espiritismo Perante a Ciência — enc. 64$00	52$00
A Evolução Anímica	48$00
O Fenómeno Espirita	45$00
A Alma é Imortal	52$00
A Reencarnação	52$00

(Continua na 3.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

17.º ANO | LISBOA, JULHO DE 1956 | N.º 7

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 5 66 05

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. N. do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

VIGILÂNCIA

Quem defende um ideal, quem tomou à sua guarda algum fortim, quem se convenceu de realidades e necessidades que se impõem por si mesmas, tem que ser firme, tem que lutar até ao último cartucho.

Tarefa inglória, sem dúvida, para a maioria dos homens. Se não dá proventos, se não confere privilégios, se não reserva lugares de relevo nas primeiras bancadas, é fácil ajuizar quanto à largueza do sacrifício, que chega a ser estóico. Há poucos que se abalançam a esta aventura. Gostam mais do utilitarismo. É mais rendoso e cómodo. Por essa escada «Magírius» se atingem culminâncias vedadas a calcantes de gente humilde.

Conhecemos viajantes deste quilate, cheios de ambição natural. É própria de seu carácter, coaduna-se com temperamentos irrequietos, um tanto volúveis, de grandes voos momentâneos, semelhantes à labareda de palha velha, mas incapazes de labor permanente, solidez e constância.

Muitos anos não chegaram ainda para avaliar a extensão do esforço que se exige ao voluntário da defesa. É que os lutadores não contam o tempo, nem medem o trabalho. Dirigem-se ao alvo, transpõem a distância e raras vezes sentem o cansaço que os domina, tão grande é o seu alvoroço.

Os expectadores mal acompanham a batalha que se vai exercendo, dia-a-dia, hora-a-hora, minuto-a-minuto, no visível e no invisível. Os inimigos alteiam-se, dissimulados e traiçoeiros, e caminham devagar na sombra espessa. Quem primeiro destruir, quem primeiro conquistar, ganhará o trofeu, tão apreciado é o despojo que se antevê. Desmantelar o barco, reduzi-lo a tábuas soltas... É um alvo como qualquer outro, diferente na essência e cubiçado pelos senhores do mundo.

Contudo, fiquem certos de uma coisa. Quando se pensa em desbaratar é conveniente saber o que se vai construir. É preciso que a substituição se avantage; ou será trabalho inútil.

Há redutos novos e redutos velhos. Este encontra-se em plena juventude. Dispõe de entusiasmo, de exaltação, de génio varonil. Quem bate à porta é atendido. Seja quem for, qualquer que seja a intenção. Revidações, não há. O Ideal não deixa. O Ideal está presente na refrega e não deixa. Mas diz que sejamos prudentes. E ser prudente é estar vigilante, é estar de sobreaviso.

Vigilância é força, é estratégia. «Homem prevenido vale por dois». O prolóquio adapta-se a todos: aos de fora e aos de dentro.

O papel é espinhoso; o terreno, acidentado. Mas as armas são leais e defensivas.

Temos dito e repetimos: ideias combatem-se com ideias, em campo raso, à luz do dia. O adversário não deve encobrir-se com espantalhos. Assim, não se sabe quem ataca, não se sabe quem defende.

Sem vigilância não se mantêm redutos. Enfraquecem-se e não pode haver desculpas.

Há perto de vinte anos que estamos aqui de sentinela. Há quarenta que mourejamos no sector espirita. Trabalho rude, experiência custosa, em vigília constante. Aqui deixámos o melhor de nossa vida: amor, trabalho, privação, recalcamento... E Deus sabe quantos anos lutaremos, em vigilância constante.

Sejam muitos, sejam poucos, não desertaremos das fileiras. O rumo é em frente, confiando e vigiando.

A nossa Mensagem é breve e incisiva:

— Homens, libertemo-nos de nós mesmos!

Cada qual busque o seu caminho no sentido da felicidade. Ai de quem se acobardar, de quem se esconder na hora das mutações! Ai de quem se exceder em tranquibérnia! A vitória será dos abnegados.

Continuemos a vigiar, a lutar e a sofrer. O ideal é sopro, é asa, é luz, é fogo sagrado. Nada a suplanta. É vida eufórica, é vida permanente, a latejar e a vibrar.

MAU SENSO...

Vai sem alusão nem plágio. O título não importa. Caracteriza o intuito, que não é malsão, e mostra um alvo jocoso. É preciso encarar a vida assim. Os que lutam sabem-no bem.

Mas vamos ao assunto. Transcrevamos na íntegra o que o jornalzito *Esperança*, da rua Pinto Bessa, 555, Porto, escreveu em seu número 27, relativo a Maio p.p., com aprovação eclesiástica (sic), sob título sugestivo, verdadeira parangona:

PRAGA MODERNA

«O espiritismo é um perigo público, uma calamidade social como a sífilis, a tuberculose e a varíola. Contribuir, de qualquer modo, para propagar essa moléstia, é um crime». — OLAVO BILAC.

Um pouco de História — O espiritismo (ou arte de comunicar com os espíritos e especialmente com as almas dos defuntos) é a modernização da nigromância pagã. Esta modernização data de 1847 com os fenómenos realizados em casa das irmãs Fox, perto de Nova York. Mais tarde uma delas, Catarina Fox, declarou: «Sei e conheço com certeza que todas e cada uma das manifestações espiritistas realizadas por mim em Londres e noutras partes foram fraudulentas». E sua irmã Margarida confessou: «Sempre tive perfeito conhecimento... de que todos os fenómenos espiritistas efectuados por minha irmã e por mim eram pura fraude». Apesar disso, em 1852 o espiritismo veio para a Europa e em França encontrou o seu propulsionador em Allan Kardec.

O espiritismo contra Cristo — O espiritismo, embora algumas vezes o negue sobretudo aos seus principiantes, está abertamente contra Cristo e a sua doutrina, pois com heresias e blasfémias nega a SS. Trindade, a Divindade de Jesus, o pecado, a existência dos demónios e do inferno, e ataca a Igreja, os Sacramentos e o sacerdócio por Cristo instituídos. É portanto anti-cristão. Aplica-se por isso ao espiritismo a condenação dada por S. Paulo: «Quem quer que seja, mesmo um de nós ou um Anjo do Céu, que ensine um Evangelho diferente do que vos pregamos, seja anátema». (Gal. I, 8).

As almas às ordens — Quer as almas estejam no Céu, quer no Purgatório ou no Inferno, estão sujeitas à vontade soberana de Deus. Não pode haver aparição de almas sem um milagre de Deus. Ora Deus não faz milagres a capricho dos homens, mas sòmente quando quer e lhe apraz, ao passo que os fenómenos do espiritismo realizam-se em dias estabelecidos, em horas determinadas, como as comédias, os dramas, as sessões de cinema... Foi prometido uma vez um prémio de 2.500 dólares a quem obtivesse uma comunicação com os mortos, e depois de onze meses de tentativas infrutuosas dos espiritistas mais famosos da Europa e América, o prémio não foi levantado...

Explicações — Dadas pelos próprios médiuns sobre os fenómenos espiritistas: Huertas Lausana narra como enganava os espectadores. O médium Zaccarini foi desmascarado pelos professores Vicenti e Lori. Miss Willians desmascarada em Paris: acesa a luz, apareceu ela vestida de gaze preta, com cabeleira e barbas postiças, e assim mostrava ela as materializações de espiritos. Davis quis realizar uma sessão em que houve rigorosa inspecção. Triunfou em toda a linha... mas descobriu depois suas manifestações e revelou suas artimanhas. O jornal «Estado de S. Paulo», de 26 de Maio de 1931, publicou: «Sabe-se que Conan Doyle foi convertido ao espiritismo pelo médium Nino Pecararo. Pois bem... Esse médium, em espectáculo público, para o qual convidou jornalistas e sábios, expôs os seus truques e por fim concluiu: — Nunca vi nem invoquei jamais espírito algum. Tenho a convicção de que ninguém também o fez antes de mim. Estou enfartado de dar sessões de espiritismo, das quais os empresários tiram todo o proveito. Os espíritos que aparecem nas minhas sessões chamam-se Nino Pecararo, e apresentam-se em carne e osso».

Nos fenómenos, em que não haja fraude, não deve recorrer-se a explicações preternaturais sem antes ter

MAU GOSTO...

em conta todas as possibilidades naturais de sugestão, todas as maravilhas ocultas do subconsciente reveladas pela novas teorias psicológicas e ainda a fisiologia nervosa, efeitos e eflúvios da electricidade e radioctividade. Se houver de recorrer-se a explicações preternaturais, terá de concluir-se, com o espiritista Dupotet, (entre outros), que o autor dos fenómenos espiritas é o domónio. Quem, senão o demónio pode ser o inspirador e mestre de tantas heresias contidas no espiritismo, e desses diálogos, que traduzem ódio a Deus, a Jesus-Cristo?

Frutos — Por eles se conhece a árvore... Os que frequentam o espiritismo, abandonam a Fé cristã e as suas práticas e odeiam-nas. — «Não é calúnia dizer que nenhuma teoria tem produzido na América desastres morais e resultados sociais mais assustadores e terríveis do que as teoria espiritistas». (Dr. Hatch. marido duma transe-médium). — «Sucede frequentemente que tais pessoas (médiuns e pessoas que assistem às reuniões) acabam loucas ou nevrópatas ou vítimas de paralisia progressiva... O espiritismo é sempre perigoso, prejudicial, imoral, reprovável e digno de ser condenado e interdito severissivamente, sem restrição em todos os seus graus, em todas as suas formas e sob todas as possíveis manifestações» (Dr. Lapponi). No Hospício Nacional de Psicopatia do Rio de Janeiro cerca de 90% de doentes ali entrados, tinham frequentado centros espiritas. (Dr. Xavier de Oliveira).

Condenações — O espiritismo foi condenado por Deus, pela boca de Moisés: «Não haja entre vós quem indague dos mortos a verdade, porque estas coisas abomina o Senhor, e por semelhantes maldades exterminará Ele esses povos». (Deut. X, II, 12) —Foi condenado também pela Igreja Católica (Leão XIII e Bento XV): «Não é lícito assistir a sessões ou manifestações espiritistas, quaisquer que elas sejam». Como todos os herejes, os espiritistas incorrem

em excomunhão, não podem receber os Sacramentos, ficam privadas de sepultura eclesiástica.

Ler o livrinho: **«A Verdade sobre o Espiritismo»**

Leram, não leram? Nós, também. E que tal?... Onde foram eles buscar a transcrição do Olavo Bilac? Vasculhámos em tudo o que sabemos do grande poeta, e nada. Não vimos nada daquilo. O que vimos é que o Olavo (Olavos há muitos) era um grande clarividente. O dr. Leal de Sousa foi seu companheiro em 1915. Pertencia à roda de Goulart de Andrade, Martins Fontes, Heitor Lima, Gregório da Fonseca, Aníbal Teófilo, etc., que diàriamente jantavam com o célebre parnasiano. O Aníbal andava inquieto. Esperava morrer brevemente, dizia. Mas ouçamos o relato do dr. Leal de Sousa, em «Transposição de Umbrais»:

Estávamos numa quadra radiosa de ventura pessoal e evidência literária. Nada deixava entrever o próximo desaparecimento trágico de um companheiro dilecto e, inexplicávelmente, dias antes da morte de Aníbal, o nosso ambiente tornou-se pesado e sombrio, cheio de presságios.

Os nossos jantares, que o talento e o sonho matizavam de alegria e de brilho, ficaram, num repente, fúnebres, e as nossas palestras, sempre fulgentes e alacres, tornando-se lúgubres, arrancaram, certa vez, à observação merencórea de Bilac, esta reflexão augural:

— Parece-me que a morte paira sobre nós.

Certa manhã, Aníbal, que não tinha crença religiosa alguma, surgiu em minha casa para dizer-me que esperava morrer em breve e que ia constituir-me depositário de suas vontades extremas.

Na antevéspera do dia fatal, jantávamos em casa de Alexandre Lambert Guimarães e, de pronto, encruzando os talheres, a face ensombrada, Olavo Bilac declarou sentir-se indisposto, pediu que não nos inquietássemos com a sua indisposição e recomendou que não lhe fizéssemos perguntas.

Ao fim do jantar, chamando Alexandre e outros dos seus amigos, disse-lhes o poeta:

— Eu vi, repentinamente, naquele canto, o Aníbal cair ensanguentado.

E aflito, enquanto Aníbal, na sala próxima, conversava com uma senhora, Bilac afirmava:

— Vejo-o, de novo, naquele canto, caído e ensanguentado.

Dois ou três dias depois dessa extraordinária visão, Aníbal, ensanguentado, caía no saguão do *Jornal da Manhã*.

Em face do exposto, é duvidosa a legenda atribuída ao poeta. Mesmo que fosse verdadeira, deve tomar-se como anterior a este acontecimento. Um clarividente assim, homem que andou por duas Faculdades, embora se não formasse em nenhuma, temperamento fogoso e arrebatado sem receio de manifestar opiniões, um clarividente assim teria escrito aquela diatribe, própria de iconoclastas?

A seguir, o autor do articulado faz «um pouco de história». E que história! Segundo o seu bestunto, «o Espiritismo é a modernização da nigromância *(diga nigromancia)* pagã». E sem registar as fontes continua a transcrever não se sabe de onde e a pôr nos lábios das irmãs Fox afirmações que não valem dez réis de história verdadeira.

É preciso ter o cérebro vazio para dizer que o Espiritismo é nigromancia, ou antes, necromancia, arte divinatória, através da evocação dos mortos. Os que se entregam às malas-artes estão em campo diferente. Em regra, o espiritista não é curioso. O futuro tem-no ele em suas mãos de artífice. Sabe que não há causa sem efeito e que os pensamentos são formas reais que podem influenciar as almas.

E que assim é, atestam-no suas provas de caridade liberal, dando exemplos ao próprio Estado, em regiões onde prolifera.

Necromancia, o Espiritismo? Não, amigo anónimo, não! Corpo de doutrina, sim, que incólume atravessou um século, não obstante a guerra surda dos interesses criados, feridos aqui e ali pela sua luz radiosa. O Espiritismo obriga os adeptos a raciocinar. O futuro não se adivinha: deduz-se. Nos antigos tempos é que os guerreiros necessitavam de adivinhar o futuro para compensar a estreiteza do conhecimento. Recorriam aos áugures, às pitonisas, a tudo que lhes revelasse os eventos, a fim de se precaverem e sairem vitoriosos. Os guerreiros de hoje possuem armas de outra espécie.

Como é natural, em língua irreverente o Espiritismo deve ser o *anticristo*. Com toda

Por Isidoro Duarte Santos

a certeza. Se ele é herético e blasfemo, se nega os demónios e o inferno e a infalibilidade dos humanos... Se qualifica de absurdas as penas eternas em face da precariedade do delito... Sim, deve ser o *anticristo*, a «praga moderna», a fábrica de loucura, a peste roxa que invadiu um pobre mundo que deseja viver em paz. Portanto, *anátema!* Fora com a praga, fora com a peste.

Mas não são as palavras que revelam os homens. São os actos. Estes é que os revelam, é que os caracterizam, é que os marcam para sempre. Tantas coisas se apregoam e tão poucas se fazem! De boas intenções anda tudo cheio, até o inferno... inexistente. O

que se quer é acção, esforço progressivo. E sobretudo dignidade. Quando se afirma sem base, não há expressão verídica. É sino que tange. Nada mais. Lamúria de campanário, queixume de vencido. Os correligionários se exasperam contra os arautos inânimes, coleccionadores de ironias.

Anticristo é quem diviniza o Mestre e lhe abastarda o Código. Ele não fazia acepção de pessoas, porque o seu reino era de outro mundo. Que tesouros guardou jamais esse elevado espírito que aluíu o trono dos Césares? Que nababos o acompanharam na prédica? Onde estavam as mitras e as tiaras? E as cadeiras gestatórias?... E os dogmas que monopolizaram a fé? Perguntem-no aos concílios, cujas actas estão cheias de inovações. Espiritismo é doutrina de amor e perdão, que manda servir aos próprios inimigos.

Assim, não revida injúrias, por mais injustas que sejam. É como a roda triunfante que não ouve o clamor da estrada. Avança, impassível...

Quanto às almas... estão subordinadas a poder mais alto e ligadas ao destino. Deus é incognoscível. Argumentar com seu nome e seus desígnios é tarefa ingénua, semelhante à da criança que falava com os astros. Quem é o articulista, para estar nos segredos de Deus? Quem lhe disse se Deus faz milagres ou não? Que satisfações dá o pai veterano ao filho que acaba de nascer?

«Palavras... palavras...», como diria Shakespeare. E é com palavras que se esgrime. Bacia de lavatório ou elmo de Mambrino, vem tudo a dar no mesmo.

No Espiritismo não há milagres. Nem em parte alguma. Tudo está sujeito à Lei. Não caiem penas ao acaso. E a respeito de prémios a médiuns que façam isto e aquilo... não se atendem reptos tais, que os espíritos não são cavalos de tipóia à espera do freguês, nem seus veículos objecto de mercancia.

As «explicações» do paupérrimo articulista acerca de fraudes mediúnicas também carecem de fontes autorizadas. Andamos por cá há perto de 40 anos e desconhecemos a existência de Huertas Lausana e outros nomes citados. Ou somos muito ignorante, o que é natural, ou trata-se de ilustres desconhecidos, cujo valor não pesa no assunto.

Fraudes, houve-as sempre e há-de haver. Mas a fraude não dará foros de realidade ao fenómeno genuino? A mentira não é o reverso da verdade?

Em Espiritismo caminha-se a passo firme, no tocante à identificação dos fenómenos.

A hipótese espirita é a derradeira hipótese.

O espiritista Dupotet... Quem será este espiritista? E que são explicações preternaturais ou sobrenaturais, se nós só admitimos a dedução racional? O resto das «explicações» é facécia de mau senso e de mau gosto.

Os frutos... Ah! Sim! Os frutos...

Sabemos como se fazem citações sem indicar a origem. Nem um só espiritista abandona a fé cristã. E os arautos do Espiritismo — Allan Kardec, Leon Denis, Gabriel Delanne, Ernesto Bozzano, Flammarion e muitos outros — vieram do materialismo ou do agnosticismo e deixaram obra notável.

Transcrever os inimigos para mostrar a essência de uma doutrina é obra de mau gosto e de mau senso. E pôr na palavra do dr. Xavier de Oliveira que a população doente do Hospício Nacional de Psicopatia do Rio de Janeiro abrange 90 % de espiritistas, é faltar à verdade. Estatísticas temos nós — e autorizadíssimas — que atribuem aquela percentagem a católicos. Os espiritistas têm hospícios próprios onde os enfermos são normalizados gratuitamente. Que o Espiritismo não faz loucos; cura os loucos...

As condenações de Moisés... Como poderiam ter condenado o Espiritismo, se este ainda não tem um século de existência? O que Moisés condenou foi a *consulta* aos mortos, a fim de prevenir danos severos, porque a ignorância sempre foi atrevida, antes e depois do legislador hebreu.

Isto serviu para amenizar, dando a conhecer a alguns o que desconheciam. Não atacamos nem reenvidamos ataques. Para quê? Se a vida é breve, se a morte vem e «leva tudo» ou «deixa tudo», de que valem quixotadas? Os mal-avindos de hoje serão amigos amanhã.

E se o articulista do *Esperança* necessitar de recorrer um dia ao Espiritismo?

Se assim for — oxalá que não — será recebido fraternalmente, nada lhe sendo exigido em troca, que nós lutamos por um mundo novo onde todos sejam felizes.

ANTÓNIO GUERRA PEIXE

por LEOPOLDO MACHADO
(Correspondente em Nova-Iguaçú)

Soubemos de seu desencarne pelo rádio. Tivemos, depois, sua confirmação pelo telefone. Morrera como nós teríamos morrido, se nos submetêssemos à mesma operação a que se submetera. Os Espíritos, entretanto, bons e generosos, extraíram de nossa bexiga um pedregulho, como ainda não fora visto igual por seis médicos ilustres a quem o mostrámos. Graças à assistência do Alto, que recebemos, por misericórdia e de acréscimo, conforme até já o dissemos em outra crónica...

Data de muitos anos, nosso conhecimento.

Ele ainda residia no Norte, em Sergipe, quando trocámos a primeira carta.

E mantivemos, sempre, forte e intensa amizade, a despeito de andarmos discordando, aqui e ali, de pontos de doutrina. E seus pontos de vista sobre a Doutrina que nos aproximou, ele os expunha tão bem, com tanta lógica e ponderação, que...

Bom confrade, bom amigo, bom irmão!

Fundado o Lar de Jesus, deu-me a satisfação de passar um dia connosco, num verdadeiro Festival Espiritualista, para que desceu de Petrópolis em ónibus especial, superlotado de outros, de muitos outros confrades da formosa cidade serrana... Fez-se então sócio do Lar de Jesus e até arrecadador de mensalidades de outros sócios petropolitanos...

Recordemos a página de nossa mais viva e forte aproximação:

Foi em 1947, na vigência do Congresso de Confraternização de Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro.

Guerra Peixe teve actuação marcante na sumptuosa reunião que se realizou em Petrópolis, a que subimos de carro, de ónibus, de trem. A moçada, alegre e enfusiante, entrou e atravessou a cidade cantando a Canção da Alegria Cristã. Ofereceu-se-nos um almoço farto e alegrissimo, na Pensão Santa Tereza, em que foram servidos dois cardápios — o espiritual e o material. Dali, para a reunião no Ténis Clube, de que conservamos nítida lembrança e expressivas fotografias. Fotografias e lembrança que nos põem diante dos olhos da alma, (afora Guerra Peixe) Francisco Portugal e suas filhas, Zilda e Zoé; Manuel Bragança Santos, José Varandas e Edel Gomes! A peça do Guerra Peixe «Da Arte como Elemento da Propaganda Espirita». Cá de baixo, da planície, actuaram o J. B. Chagas, o Vitorino Elói dos Santos, o Oli de Castro, a Marília e um grupo de filhinhas suas do Lar de Jesus. A peça da querida companheira arrebatou, pois fora interrompida, amiúde, por palmas e aplausos incontidos. E no final, chega às suas mãos uma corbeille de flores naturais, oferta das senhoras espiritas de Petrópolis às senhoras espiritas presentes ao Congresso, representadas em Marília. Houve olhos em lágrimas, inclusive os nossos...

É com igual emoção que aqui recordamos esse passo feliz de nossa vida de espirita, recordando, igualmente, o convivio dos irmãos que já se foram, dos irmãos que ainda resistem às intempéries da Vida, como nós, hoje tão dispersos!...

Quando o Lar de Jesus casou uma filha — cerimónia que deixou viva impressão em toda gente — ofereceu aos noivos um passeio nupcial a Petropólis. Ficaram no Magestic Hotel, de que era gerente, que até os levou de automóvel aos bairros mais bonitos de Petrópolis, para trazerem óptima impressão de tudo.

Na hora da conta do Hotel, diz-lhes o querido confrade:

— Conta! Filhos de Leopoldo Machado não pagam conta neste Hotel...

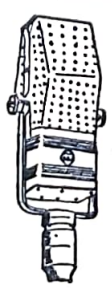
E ainda insistiu por telefone, para que fôssemos passar uns dias com ele.

— Sim! Sim! Irei no verão, se o coração deixar...

Mas o coração não deixou. Com o desaparecimento, agora, do plano material, do Guerra Peixe...

A gratidão é, para nós, aquela virtude do Céu que dignifica as almas para Deus! Como nós desejamos chegar, um dia, até Deus, desejamos conservá-la, embora imperfeitamente...

Por isso, aqui deixamos isto endereçado ao Espírito do Guerra Peixe.



Selecções Espiritualistas

Direcção e Apresentação de

NELSON BAPTISTA DE AZEVEDO

Todas as noites, de segunda a sábado, às 19,00 h. (hora brasileira) ouçam este programa que é irradiado pela **PRC-8, RÁDIO GUANABARA,** na frequência de 1.360 Kcs.

Ouçam e recomendem «Selecções Espiritualistas»

Dois Fenómenos Supranormais

Por JOSÉ MARTÍN

I

O CASO DE AREQUITO

UM domingo, 1 de Março de 1954, ia caminhando por uma rua central de Rosário, quando vinha em direcção contrária o meu amigo sr. Vicente Peronsa. Mal nos cumprimentámos. Deteve-me sorrindo, para me dizer que, sabendo o interesse que eu tinha pelos fenómenos metapsíquicos de toda a espécie, pensou em mim, quando lhe chegaram notícias de Arequito (localidade ao sul da Província de Santa Fé), onde estavam sucedendo coisas inexplicáveis e, tendo que visitar uns parentes que residiam próximo da localidade, oferecia-se para me acompanhar ali. Aceitei a proposta. Dois dias depois, 3 de Março à tarde, partimos de Rosário.

EM CASA DO SR. BIA

Passadas algumas horas chegámos à quinta onde se produziam os fenómenos, mas o seu proprietário, o sr. Bia, estava ausente.

Atendeu-nos sua esposa. Respondendo às nossas perguntas, disse que em 20 de Fevereiro último começaram a notar coisas raras. Com efeito, nesse dia ouviram várias pancadas nas portas. Ao abri-las, não viram ninguém.

Na casa, vivia um casal e três filhos: dois gémeos de onze meses e um menino de quatro anos. Além disso, havia uma criadita chamada Maria Mercedes Pérez, a quem chamavam carinhosamente «Pinina». Esta tinha treze anos e fora para ali cinco meses antes. Trabalhava só meio-dia, mas dormia durante a noite.

Os «raps» começaram na ausência da senhora; porém, alguns dias mais tarde, achando-se estas pessoas em casa, ouviram-se duas pancadas na porta e «Pinina» levantou-se assustada.

Noutra ocasião, a criança de quatro anos viu a mão de alguém empurrar uma porta.

«Pinina» tinha sonhos estranhos. Às vezes, enquanto dormia, dizia em alta voz o trabalho que realizava durante o dia. Outras vezes, ao surgir um fenómeno, batia na cara com as mãos. Entre outras coisas, a senhora de Bia mencionou-nos a queda de um pedaço de ladrilho do tecto.

Vieram muitos objectos do interior da casa, em movimento. Alguns deram voltas no ar, formando círculos. O deslocamento era rápido. *Nunca viram o começo da partida, isto é, o começo do movimento.*

Os fenómenos registavam-se ao meio-dia e durante a noite.

Ninguém viveu antes naquela casa e na família não houve falecimento algum.

Despedimo-nos da senhora de Bia e ficámos de voltar à noite para conversar com seu marido.

EM CASA DOS PAIS DE PININA

Dali fomos ao domicílio do sr. Pérez. Entabulámos conversa com ele e sua esposa. Mais tarde chegou a menina, que estava com eles desde o último sábado (28 de Fevereiro), data em que o casal Bia a despediu com medo dos fenómenos.

Os pais estranharam as coisas que diziam da menor, visto ali nunca ter sucedido nada. Nem sequer falava adormecida. E disseram-nos que tinha sido a primeira vez que passava as noites fora da casa paterna.

Falámos então com a pequena. Disse-nos que noutro sítio onde havia trabalhado (casa do sr. Barraza) caíam pedaços de barro seco perto dela. Como isto a preocupasse, disseram-lhe que eram garotos que lhos atiravam e com isso se conformou, embora nunca visse os atiradores.

Ultimamente, os fenómenos produziam-se, quando ela estava mais distraída.

Não disse também que o irmão do sr. Bia vira dias antes um homem vestido de branco, acompanhado de um cão.

DE NOVO EM CASA DO SENHOR BIA

Ao chegar a noite, dirigimo-nos à casa do sr. Bia. Já lá estava este, a esposa e as criaturas.

Entre os factos ocorridos, o casal mencionou os seguintes:

Da meia-noite à meia hora da madrugada as pancadas nas janelas diminuíam de força.

Alguns objectos saíam disparados, batiam na parede e voltavam ao ponto de partida.

Outros utensílios moviam-

-se no ar, descrevendo curvas paralelas ao chão. Um jarro que se encontrava num aparador fechado apareceu fora dele. O próprio Bia, deitado, sentia cócegas na cara e nos pés.

Noutra emergência bateu-lhe na nuca um chocalho de criança. As portas do roupeiro abriram-se sem ninguém lhes tocar. Uma bola de borracha mudou de lugar por si só. Pequenos projécteis bateram no vidro da janela sem o quebrar. Um vaso de desperdícios entrou de surpresa na cozinha, esparramando o conteúdo. Um garfo levantou-se de repente da mesa e caiu no chão. Nenhum objecto de vidro foi deslocado. Um pequeno recipiente mudou de lugar, esvasiando o líquido.

As pantufas que estavam debaixo da cama mudaram de lugar. Pinina notou uma luz fora da casa e debaixo da cama viu um pássaro à solta, que logo desapareceu.

Outro dia a pequena deu um salto e caiu sentada, como se nela tivesse agido uma força exterior.

Certa manhã, ao levantar-se, reparou que o colchão estava muito saído da cama, como se alguém o tivesse puxado.

Uma vez, estando adormecida, perdeu as anáguas. Quando acordou viu-as estendidas debaixo do corpo.

A princípio, quando apenas eram pancadas nas portas e janelas, o sr. Bia avisou a polícia. Mas, apesar de vários agentes vigiarem, escondidos, no campo que rodeia a casa, não viram bater e, contudo, lá dentro, parecia que estavam chamando de fora.

Os donos começaram a ver que os fenómenos sucediam quando Pinina estava presente, o que foi confirmado ao dormir em casa dos pais, visto nessas noites nada suceder. Em compensação, de dia, quando ela chegava, tudo começava de novo.

Ao ver que em Chabás, localidade próxima de Arequito, havia um sacerdote que por meio da bênção curava «alucinações», decidiram visitá-lo. Em 24 de Fevereiro o eclesiástico benzeu-os a todos, inclusive a Pinina. Nesse dia voltaram a casa, convencidos de ter vencido os desconhecidos perturbadores, mas os fenómenos continuaram e esse dia foi o pior de todos.

Dois dias depois, em 26 de Fevereiro, cessaram de produzir-se. Contudo, o casal Bias, temendo que voltassem a repetir-se, resolveu despedir a pequena no dia 28 de Fevereiro(fim do mês), três dias antes da nossa visita.

II

EM ROSÁRIO

Em princípios de Maio de 1954, isto é, dois meses após a viagem a Arequito, soube, por intermédio do diário «*Rosário*» que numa vivenda do bairro Azcuénaga caíam pedras e outros objectos, sem que a polícia conseguisse individualizar os energúmenos. Dizia, entre outras coisas, o periódico:

«A história começa num aprazível domingo de Março último. Eram aproximadamente 23 horas, quando Paulo Traversi, argentino de 38 anos, pintor de obras, sentiu ruídos estranhos que repercutiam no tecto de um compartimento da sua casa, sita na Avenida Pelegrini, 5.250. Caíam coisas pesadas, como se fossem pedras. E, com efeito, eram padras atiradas misteriosamente, com intervalos regulares.

«Traversi é um homem nervoso. E como o facto voltasse a repetir-se nos dias seguintes, entrou em estado de fácil irritabilidade e, assim, a queda das pedras e outros objectos contundentes sobre o telhado da casa, como ferraduras e sarrafos de madeira, determinaram nele um processo psicológico que obrigou os seus familiares a chamar um médico psiquiatra.

«O diagnóstico foi desolador: Traversi apresentava sinais iniludíveis de perturbação mental, que se foram manifestando à medida que passavam os dias, em frases incoerentes e alucinantes, seguidas de frequentes arranques violentos, que se agravaram, porque as pedras caíam sistemàticamente no telhado da casa.

«António Midea, vive ao lado de Traversi e também sofreu as consequências da actividade «fantasmal» e no seu telhado também se encontram pedras atiradas.

«No bairro já chamam «casa encantada» ao lar de Traversi.

«A sua sogra, D. Anselma de Giménez, disse-nos que, na última sexta-feira, a intervalos regulares, comprovaram a queda de mais de trinta pedras no telhado, algumas muito grandes.

«A denúncia que a família Traversi fez às autoridades policiais, deu origem à investigação do caso desde a sua origem, mas até hoje ainda não foi possível esclarecê-lo».

EM CASA DO SR. TRAVERSI

Ao ler o citado vespertino, pensei que se tratasse de um genuíno fenómeno de «chuva de pedras», sobretudo tendo em conta a existência de uma pessoa que perdia forças, à medida que se produzia. Por-

tanto, resolvi ir à casa e lá fui num domingo de manhã.

A casa era habitada pelos esposos Traversi e quatro filhos: Elvira, de 12 anos; Ester, de 9; Norma, de 7; e Beatriz, de 3.

A senhora de Traversi mostrou-me o telhado coberto de pedaços de ladrilho, carvão, sarrafos de madeira, etc. Dali também se viam os que estavam na casa do vizinho, mencionado no diário.

Disse-me que as pedras começaram a cair dois anos antes, mas com pouca frequência: um ou dois dias por semana. A frequência dos projécteis começou a intensificar-se a partir de Março, quando fizeram a denúncia à polícia.

Quase todos os vizinhos foram inquiridos, mas nenhum deu qualquer pista. As pedras continuavam a cair, de dia e de noite, sem fazer caso das indagações, mesmo na presença das autoridades.

Isto levou Traversi a tal estado, que o médico aconselhou-lhe electrochoques. Fizeram-lhe dez aplicações: seis num instituto particular e quatro pouco depois, de menor potência, no Hospital de Alienados, de Rosário.

Para observar a marcha dos acontecimentos, eu ia até lá uma vez por semana e nessas visitas periódicas notava sempre um aumento progressivo na intensidade e pericosidade dos fenómenos.

As pedras começaram a surgir de diferentes direcções. O número das que caíam no pátio aumentavam. Um dia, mal cheguei ao local, disseram-me: «Vem mesmo na hora para ver o sinal que deixou o cascalho». E mostraram-me a porta da casa de jantar. Um pedaço de ladrilho tinha caído nela com tal violência, que deixou um pouco de pó aderido à madeira. Se a porta estivesse aberta, fàcilmente teria atingido algum membro da família, pois todos lá estavam.

Às vezes, sem haver sinal de vento, corria no pátio uma areia fina ou partículas de diversas substâncias existentes nas imediações, que chamavam a atenção dos moradores da casa.

Uma pedra entrou na casa-de-jantar, quando estava vazia, e colocou-se na parede oposta à porta, num sítio alto, como se tivesse vindo do pátio e não do exterior da casa. Outra penetrou e colou-se num móvel da mesma sala.

Na sexta-feira, 21 de Maio, perguntei se tinham notado mudança de posição nos objectos e responderam-me que não. Também lhes manifestei a minha estranheza por nenhum vidro ter sido partido.

SÁBADO 29 DE MAIO

Uma semana depois, dia 29, de manhã, voltei lá e soube várias novidades.

Alguns objectos haviam mudado de lugar: um relógio apareceu sobre o guarda-fato e um velador e uma moldura estavam no chão.

Os vidros das portas e janelas estavam quase todos partidos. E durante a semana cairam pedras.

A senhora mostrava-se deprimida. Seu marido encontrava-se na cama, profundamente abatido, a ponto de ser depois internado no asilo de alienados de Mercedes, província de Buenos Aires.

No mesmo sábado, à tarde, assisti a uma sessão espírita dirigida pelo Sr. Nicolau Mota. Antes de começar falei no caso da família Traversi e pedi às sensitivas Sr.ª Maria E. O. de Giménez e à menina Elisa Ruffini que fossem à dita casa, a fim de ver se percebiam, mediante a sua mediunidade, alguma indicação útil, pedido que aceitaram, ficando de lá ir na semana seguinte.

Aberta a sessão, Elisa (vidente) disse que estava presente o causador dos fenómenos. Depois a Sr.ª de Giménez afirmou que a entidade se ia manifestar por seu intermédio. Estabeleceu-se então um diálogo entre o director e a entidade que, passado um instante, confessou o seu erro e prometeu emendar-se.

Eu não dei muita importância à sessão. Considerei a manifestação como resultante de actividade anímica, determinada pelo meu relato.

Na terça-feira seguinte o Sr. Mota telefonou-me dizendo que lhe parecia que as coisas caminhavam bem. Na sexta-feira, 4 de Junho, fui outra vez a casa de Traversi e grande foi a minha surpresa ao ver que as pedras tinham deixado de cair desde a tarde de sábado, dia da sessão.

Suspensa a causa dos seus transtornos, o Sr. Traversi melhorou ràpidamente e uma semana depois voltou às ocupações habituais. Mas, dois meses depois da desaparição destes episódios, a filha Ester, de 9 anos, começou a sofrer desvanecimentos de origem epiléptica, segundo o diagnóstico médico.

Em Agosto de 1955 visitei de novo a casa. O Sr. Traversi estava bem de saúde (aumentara alguns quilos) e trabalhava normalmente. A sua filha continuava com os ataques, que duravam algumas horas, durante as quais dizia palavras e frases incoerentes.

Quanto às pedras, desde o dia 29 de Março não tinham voltado a perturbar a tranquilidade da modesta família.

(Tradução de I. D. S.)

(Enviado pela A.P.P.E.E. M., de Buenos Aires).

Cruzada dos Militares Espiritas

Quando se estuda a implantação do Espiritismo no Brasil ressalta à evidência a participação ostensiva de militares nos trabalhos da propaganda, como pregadores da Doutrina e do Evangelho e como médiuns. Esse facto é de alta importância, se levarmos em conta o papel social e político que as classes armadas têm representado neste país.

A fundação da Cruzada dos Militares Espiritas *em 10 de Dezembro de 1944 respondeu, assim, à necessidade de consolidar-se a obra daqueles militares espiritas, arregimentando outros para o trabalho sistemático na seara do Mestre.*

Para que se faça uma ideia justa do que é a Cruzada dos Militares Espiritas, *seguem-se alguns trechos do Preâmbulo que apresentam os Estatutos, mensagem mediúnica sob cuja inspiração a* Cruzada *se fundou. Os trechos aqui seleccionados são os seguintes:*

«Nasceu da vontade de um grupo de militares de afirmar, pùblicamente, a sua crença no viver sem dispersão, em comunhão evangélica. Há, neste facto, a existência da igreja invisível, pela qual serão pregados os Evangelhos entre os homens de boa vontade. Vai nisto a sinceridade — não esconder a crença».

«É a Cruzada dos Militares Espiritas *obra de fraternidade. Não divide os homens, nem semeia ódios ou controvérsias pessoais. Não há imposições nem dogmas. Pregar-se-á para quem quiser ouvir e apontar-se-á para os que têm olhos para ver. A expressão moral-espiritual da* Cruzada *reside na liberdade de crer e no respeito a todas as demais crenças ou religiões. Não disputamos honras nem grandezas humanas, mas acreditamos no amor de Deus e propagaremos as verdades evangélicas».*

«A Cruzada dos Militares Espiritas *congrega homens que pregam o amor ao próximo, como meio apropriado de elevar a Humanidade. Tem como doutrina a Terceira Revelação, conduzida pelos profetas e evangelizada pelo Cristo, em seu amor. A reencarnação sucessiva, no aperfeiçoamento da alma, alicerçada nas letras sagradas dos Evangelhos, em diferentes factos e testemunhos, constitui a primícia que fundamenta a doutrina».*

«A Cruzada dos Militares Espiritas, *«inspiração» de militares, reune os homens de farda, sob diferentes matizes, de terra, mar e ar, homens de variados conhecimentos no domínio da engenharia, medicina, direito, belas-artes, filosofia, sociologia, para pregarem esta Doutrina — que é a VERDADE.*

«A Cruzada *é obra de militares que, no, passado, já pregaram a fé. Seja hoje, nova luz de conhecimentos divinos, a mesma Cruzada de redenção que levará a cada coração a fraternidade e a cada razão a Verdade. A* Cruzada *tem luz e amor para todos, sem distinção de fé,* cultura, situação social, cor ou raça».

Assim é a Cruzada dos Militares Espiritas.

O Patrono e Guia da Cruzada dos Militares Espiritas *é o Capitão Maurício, Comandante da Legião Tebana, a mais brilhante tropa do Império Romano, aquele mesmo que, soldado exemplar, soube dar testemunho de sua fé, quando Maximiniano ordenou o culto aos deuses dos Romanos, graças à noção perfeita do dever militar que soube incutir em seus homens a fé em um só Deus, infinito em todos os seus divinos atributos.*

O Cruzado *é o Boletim oficial da* Cruzada dos Militares Espiritas, *órgão que divulga todas as suas actividades. Embora de apresentação modesta, vem cumprindo satisfatòriamente o seu papel. Seu primeiro número apareceu a 22 de Setembro de 1948, sendo seu primeiro Director o Cruzado n.º 5, Coronel Médico Dr. Paulino Barcelos, actual 2.º vice-presidente da Cruzada e notável trabalhador do Espiritismo no Rio de Janeiro.*

(Do nosso correspondente junta à *Cruzada*)

COMPLEXOS

PSICOLOGIA ESPIRITUALISTA

(ENSAIO)

Por ZALMINO ZIMMERMANN
(Correspondente em Porto Alegre — Brasil)

2.º

Toda a psicologia demanda reforma de postulados. Desde a mais geral. Tendo por base o fenómeno afectivo, rumos inéditos apontam, a começar por uma sensacional psicologia da Percepção, até à mais especializada. Na Paido-psicologia, por exemplo, que novas interpretações surgem na avaliação dos fenómenos evolutivos! Desaponta-nos a obliquidade de concepções que ainda existem em pleno século XX e provindas de mentalidades tão supostamente arejadas. Assim, ao considerar a actividade psíquica superior, Gesell (1) na sua «Embriologia da Conduta», diz que «a estrutura do pensamento radica na histologia ultra-electrónica do soma».

Na realidade, faltou coragem científica para prosseguir, como faltou valentia, também, a tantos outros da categoria de Needham, proclamando que suas investigações sobre a génese vital chegaram ao nível atómico e molecular — para ele, o limite —; Minkawsky, o emérito investigador da neuro-biologia do feto humano; o embriólogo Charles Spearman, célebre autor da teoria dos «dois factores», elaborada para explicar a natureza da inteligência humana; Eduardo Spranger, um dos que mais se avizinharam do «problema do espírito», discípulo de Dilthey, baseou sua obra psicológica numa concepção estruturalista da vida espiritual e, como seu antigo mestre, batalhou pela exponenciação da individualidade, chegando mesmo a afirmar que «o método das ciências mentais — Geisterwissenchaften — precisa transcender os procedimentos analíticos da psicologia tradicional». Spranger, honra lhe seja feita, se mais não avançou, foi por falta de conhecimentos espiritualistas, porque sentiu muito de perto a transcendentalidade da questão; por exemplo, quando de seus estudos sobre psicologia juvenil, desafiou, indirectamente, a ciência oficial: «Sejamos honrados — diz ele —, referindo-se ao desenvolvimento da puberdade —. Há dois acontecimentos que aparecem simultâneos (2): uma transformação da estrutura anatomo-fisiológica e uma transformação da estrutura psico-espiritual. Verdadeiramente, dependem, *de algum modo,* uma da outra... Mas como? A ciência não o sabe, todavia».

Mais adiante, comentando a presença, sempre, dos rasgos psicológicos na juventude — e não fisiológicos — fala de uma «psicologia compreensiva». Positivamente, em qualquer sector, o «problema do espírito» surge inquietante... Sim, o estudo dos fenómenos evolutivos adquire mais profundidade, principalmente, quando são embasados na palingenesia, tão vinculada à Lei de Causa e Efeito (Karma); isso, desde a consideração das manifestações de actividade global que pode ser surpreendida já na ameba — o denominado «átomo biológico», segundo, pitorescamente, refere Mira y Lopes (3) — até o homem, em seus inúmeros renascimentos nos diversos planos psíquicos de evolução; e, se compulsarmos, ainda, os últimos subsídios que nos lega o esclarecido «André Luiz», é que, então, sentimos a grandiosidade de concepção que abrangerá a nova psicologia, pois que, pelos sintomas orgânicos da gestante, calcula-se a categoria do espírito encarnante! O perispírito, que acciona o desenvolvimento do feto, funde-se com o da mãe e lhe transmite, inclusive, certos caracteres de consequências patológicas. E se toda a doença física tem causa espiritual, quanto mais adiantado estiver o espírito, menos reflexos perispirituais negativos suportará a futura mãe. É um novo mundo fantástico de conhecimentos... O neo-psicólogo poderá, desde logo, comprovar o adiantamento moral do nascituro e um perfil evolutivo mais causal será delineado (4).

Falámos da ameba ao homem e podiamos dizer, desde o éter à superconsciência (5), se fosse nosso objectivo realizar, já, trabalho de profundidade... Todavia, ficaremos, por enquanto, a partir do instinto. Pode-se então realizar (com o novo método intuitivo) um estudo psicológico evolutivo animal que toma aspectos verdadeiramente divinos. Ali está o retrato do nosso passado psíquico. Podemos penetrá-lo com renovadas energias, mas precisamos, também, de renovados meios de pesquisa. Nem as consideradas primitivas experiências de Pavlov (reflexos condicionados ao estímulo), nem os modernos estudos por analogia ou inferência (interpretação sobre psicologia animal, baseada na capacidade humana de raciocinar por analogia ou inferência). São tentativas metodológicas até pueris, se atentarmos ao que nos pode oferecer o meio de aferição através do psiquismo puro, possibilitando sentir mais de perto o pulsar da vida instintiva dos nossos irmãos irracionais, que nem por isso deixam de ser grandiosas potências psíquicas (Não estamos no campo do absurdo: são até muito comuns, nos retratos folclóricos de todos os povos, os fenómenos psíquicos que se verificam entre os animais. E a alma colectiva sente a verdade pela intuição. Nem é preciso seguir além: todos sabemos que os cavalos, elefantes e cachorros, registam certos fenómenos que só os sensitivos videntes bem desenvolvidos e os sonâmbulos podem perceber...).

Nesse trabalho, não pretendemos sinonimização com aquilo que algumas correntes modernas entendem denominar de parapsicologia. O fundamento é outro, muito mais profundo. É a intuição (queremos abranger, inclusive, todas as categorias mediúnicas, das quais a super-intuição, — o ultrafanismo — é o cume), alicerçada no Sentimento, que representa a pedra de toque da nova psicologia. Diz Ubaldi (6): «O método da intuição é o método da análise, do relativo, é o método exterior da observação. O segundo é prático, utilitário, mas desperdiça o conhecimento; o primeiro é abstrato, teórico, mas toca a verdade absoluta, atinge os princípios universais directivos dos desenvolvimentos fenoménicos». E mais adiante: «Este método de pesquisa por sintonização fenoménica atinge também fenómenos longínquos ou não mais reproduzíveis, não susceptíveis, portanto, de observação, como, por exemplo, as origens da vida, as dimensões conceptuais, etc., fenómenos que não podem ser arrastados senão com esses «meios de

pesquisa, pois a ciência não os possui».

E não só a psicologia animal, mas a psicologia evolutiva comparada; a psicologia evolutiva dos povos e raças (Cuida-se já do desenvolvimento da psicologia cultural ou antropo-psicologia, bem como da dinâmica cultural, que varia nos grupos humanos de nossa espécie e que tanta influência tem, como provam os fundamentados estudos realizados por Kardiner, Mead e Linton. A neo-psicologia cuidará, todavia, do aspecto evolutivo, tão estreitamente ligado ao factor cultural, tendo em mira «o grau de espiritualidade», etc.); os diversos aspectos da psicologia diferencial; psicologia das relações humanas (como é necessária a dinamização evangélica!...); psicologia do comportamento, novíssimo ramo que se enriquece extraordinàriamente sob a luz da neo-psicologia: todo o corportamento — não confundir com a escola comportamentista, o «behaviourism» — está ligado a uma intenção moral superficial ou profunda, isto é, cada gesto, até, ou pensamento, reflete sempre um grau de emotividade, relacionado ao adiantamento moral do indivíduo; psicologia educacional (toda a função intelectual deve estar em função de um maior aprimoramento espiritual, ou seja, a instrução deve servir para burilar o sentimento). Repetimos, o sentimento é a alavanca da vida. Boa educação significa ensinar a viver, a aprender purificando-se.

Pensaram bem os grandes professores da Universidade de Kansas, Wheeler e Perkins (7), referindo-se deste modo aos problemas da psicologia da educação: «nenhum desses problemas pode ser considerado fora de sua relação com os demais, pois a solução de cada um deles é ditada por um objectivo comum: preparação dos seres humanos para a arte de viver, isto é, evolver...

Não sabemos se foi esse o seu objectivo, mas, para nós, arte de viver significa arte de desenvolver-se espiritualmente, em todos os sentidos.

As instituições de psicologia educacional devem ser aplicadas como elementos de impulso para o espírito, do estado simples (ignorante) para o bom (instruido). E que grande missão, a de educador! Deve, acima de tudo, pautar por uma linha educacional, «cuja tendência primordial é o amor», como bem frisou Kerschensteiner (8), os complicados casos de Ortofrenia, tão ligados à Psicopedagogia, como os desajustes de toda a ordem: escorraçamento, problemas oriundos das constelações familiares, turbulência, tiques, ritmias, fugas escolares, meio, angústia, influência heredo-mesológica e problemas sexuais. Freud, quando evidenciou a *libido* como elemento primordial, avizinhou-se, de um certo modo, do nosso ponto de vista. O grande pioneiro frisava que os hormónios genitais não determinam, por si só, o comportamento sexual, pois um indivíduo com grande quantidade de hormónios masculinos pode ser um depravado ou um impotente. Apemas deu à *libido* um valor que ela não tem, pois que, mesmo agindo depravadamente ou não tendo potência, não deixava Freud de responsabilizar a *libido,* quando o nosso entender, aí, é que a *libido* não é suficiente e causante em si mesma; é, digamos, um impulso, como qualquer outro, que tem suas origens, sua dinâmica e seu limite, vinculados à força mental do Eu, cuja base é o Sentimento. Como também, entre tantos véus — vislumbrou Freud — o indivíduo orgânicamente nomal pode ser pervertido mental, mas isso porque lhe faltam normas morais e não porque seja accionado por forças endógenas inquebrantáveis, provindas de um reflexo negativo da *libido*. Em síntese, se o indivíduo estiver evangelizado, será sentimentalmente equilibrado, comandará totalmente a personalidade, através da poderosa vontade mental, dominando, inclusive, os instintos e os impulsos!

---

(1) Arnold Gesell e Catherine S. Amatruda — «Los Comienzos de la Mente Humana» — Cap. «Embriologia de la Conducta». (2) Edward Spranger — «Psicologia de la Edad Juvenil» — Cap. «El problema y el metodo». (3) Emilio Mira y Lopes — «Psicologia Evolutiva del Niño e el Adolescente» — Sua obra reflecte poderosa tendência humanistica. (4) Ver, entre outras da formidável colecção, «Entre a Terra e o Céu», de André Luiz, através da fértil mediunidade de Francisco Cândido Xavier. (5) Ubaldi — «A Grande Síntese». (6) Idem — «As Noúres» — Pág. 72 e 82. (7) Raymond Holder Wheeler e Francis Theodore Perkins, «Fundamentos del Desarrollo Mental». (8) Cit. de Skinner — «Psicologia de la Educacación».

(Conclui no próximo número)

SOLILÓQUIO

Por MANUEL CAVACO

Se, em cada ser humano, não residisse um indivíduo espiritual que sobrevive ao corpo físico com finalidade crística, a vida terrena não seria sequer, uma mera competição de velocidade e de resistência em busca da meta tumular; porquanto, além do túmulo não haveria qualquer motivo que justificasse essa competição, nem sequer o prémio de consolação para aqueles retardatários que, por acréscimo, suportam uma vélhice mais desconsolada em cada dia que passa.

Se fosse como ensina o materialismo, nascia-se e vivia-se, simplesmente, para morrer. Que desolação encerra o credo materialista!...

Mas não; quem aceita o transformismo geofísico, desde o estado nebulósico, e os dos elementos componentes dos três clássicos reinos da Natureza, é forçado a reconhecer que esse transformismo tem sido progressivamente perfectivel; e como não pode pôr limites a essa perfectibilidade é forçado a admitir que essa perfectibilidade prosseguirá, pelo menos até à consumação deste planeta; mas como não lhe é fácil demarcar os limites existenciais deste astro, será forçado a admitir que aquela perfectibilidade progressiva prosseguirá, pelo menos, na relação do progresso havido, e atinja mais elevado grau de perfeição do que o actual.

Essa perfectibilidade progressiva das coisas e dos seres, revela claramente, uma finalidade de igual quilate; destaca-se, nessa directriz de perfectibilidade, o género humano, cujos componentes, pelas suas faculdades espirituais, mormente a intelectiva e a do raciocínio, em todos os tempos, individual e colectivamente, tem contribuido e continuará a contribuir, em larga medida, para o aperfeiçoamento geral.

A MORAL

Por EDUARDO F. CONCEIÇÃO

4.º

Quem procura a verdade, pela lei da fraternidade, não entra nas competições que criam rivalidades.

A diversidade é da lei da evolução. Assim, as opiniões divergentes, devem ser respeitadas, pois que não é lícito exigir dos outros aquilo que eles não têm para dar. E esta é a razão por que se adoptou o sistema das decisões pelo voto da maioria.

Os seres transitam por todos os reinos da Natureza, em sentido ascensional. Os homens são os últimos elos da cadeia evolutiva.

As hierarquias, por direito natural fortalecem a solidariedade humana que nobilita, ao passo que as coercivas invertem os valores, pela servidão dos transviados, apoiados pela força arbitrária.

O homem age entre os dois mundos que o cercam. Como mortal, pode ascender às mais altas hierarquias, sem o merecer, mas nos planos diáfanos, como imortal, não vai além do que lhe compete, do que resulta poder ser ali um dos últimos soldados, depois de ter sido um dos maiores imperadores da Terra.

A consciência, associada à Força e à Matéria, é o factor da vida criadora que se perpetua pelo equilíbrio, que é a sua finalidade.

A alma dirige, o espírito vibra e e o corpo acciona em mútua associação.

A forma da evolução da alma é o corpo onde ela permanece latente, oscilante ou accionante.

No âmbito da lei natural, o homem tem grandes possibilidades, mas, em razão do seu livre arbítrio, quando ignora as suas responsabilidades, é um elemento de desordem, porque se rege pelos instintos e não pelos deveres.

O amor é a lei harmoniosa da vida. O homem domina a natureza inferior, mas é responsabilizado pelos actos, em regra, quando menos disso se apercebe.

O Eterno e o temporal têm os seus cursos em formas distintas.

Aqueles que transgridem os deveres iludem-se com os seus triunfos, porque o Eterno submete o temporal ao dever, através da dor, que desperta as realidades.

Logo, a violência, o martírio ou a morte, por prazer, têm na dor o prémio dos seus delitos, porque rebaixam a condição humana.

Os mortais são influenciados pelos imortais, segundo as suas afinidades, em que o pensamento exerce poderosa acção, pois que o Universo é regido por leis de atracção e repulsão, em que os afins se atraem da mesma forma que os contrários se repelem. Por isso um aforismo diz que «a paciência é a chave de todas as portas e o remédio de todas as doenças».

Se as leis naturais fossem bem conhecidas, seriam desnecessárias as cominações dos códigos sociais.

Os conflitos intermitentes que se perpetuam, entre os indivíduos, os povos e as nações, ao sabor das coacções dos poderosos, testemunham as imperfeições em que se tem vivido.

A carne, o álcool e o tabaco, são vícios entorpecedores e mortíferos.

Os tóxicos, quer alimentares, quer medicinais, degradam o carácter individual.

As sucessivas romarias daqueles que povoam os consultórios médicos e os hospícios, em busca do socorro aos males, que seus são e que só de si dependem, não se apercebem do logro em que vivem.

O homem é responsável por pensamentos, palavras e acções, porque tem o dever de se oferecer à Natureza como colaborador e não como perturbador ou destruidor. A Natureza é retributória. O pensamento é de poder electromagnético decisivo. Ignorá-lo ou contribuir para que seja ignorado, sem qualquer vantagem, é agravar os males legados pela tradição.

O pensamento, quanto mais se elevar, mais se apercebe das maravilhas universais, que só raros compreendem.

Dos maiores luminares, que através de todos os tempos vieram à Terra derramar luz sobre os homens, só escaparam às suas violências, salvo raras excepções, aqueles que acumulavam os poderes eternos com os temporais. E, como eles, tantos outros, de menor categoria. De entre as vítimas mais categorizadas, destacam-se: Krishna na Índia; Pitágoras e Sócrates, na Grécia; e Jesus-Cristo na Palestina, sem contar com as entidades posteriores vitimadas pela Santa Inquisição, independentemente das vítimas dos outros poderes, mais responsáveis, mas menos presunçosos, em matéria de conhecimentos.

A pureza de sentimentos é o saber e o dever que separa o real do falso, o Eterno do temporal, a moral da intelectualidade; pensa pelo cérebro e age pelo coração, porque vale mais a ignorância respeitadora do que a intelectualização que transgride.

Procurar o sentido da lei imutável é afastar a fantasia das sujestões ilusórias.

A mente é como o espelho, que reflecte ou se cobre de pó.

A sabedoria é como a brisa. Limpa o pó das ilusões.

Os sentimentos puros fundem a mente com a alma e o saber com o amor.

A ignorância pretensiosa precipita os sentidos no abismo da perdição.

O Universo reflecte a harmonia no impessoal, e nos seus derivados, que criam, incitam e movimentam.

A introspecção disciplina o pensamento, que é o poder electromagnético, que atrai pela afinidade.

O louvor e a censura com que o vulgo se compraz são ilusões que o perdem.

Quem menospreza a fraternidade ignora a lei a que deve obediência e o mundo onde surgem as alegrias e as dores, como retributos da vontade de quem escolhe o que lhe apraz.

A falsa ciência que é recusada pelos sábios é a que reveste as leis sociais.

A ignorância dos povos concede o seu voto a quem menos o merece, porque o que menos concerne ao coração do justo é aquilo que o homem mais faz para fascinar a multidão.

Quem prodigaliza no farelo o que deve gastar na farinha, engana-se a si próprio, porque pretere o útil pelo supérfluo. É a teoria de quem cria ricos por um lado e pobres por outro.

É pela imortalidade que se amas-

sa com água límpida a farinha com que se faz o pão da sabedoria redentora.

O Dever, a Acção, o Retributo e a Perfeição, a que a Natureza sujeita o homem, são leis que carecem duma perfeita adaptação do cérebro e do coração contra a dor que degrada pela purificação. Mal vão aqueles que criam convenções em contrário.

A transparência dos corpos luminosos revive nos planos diáfanos, pois que os corpos grosseiros têm a densidade opaca que os prende à Terra, onde produzem sombras.

As sementes do mérito, difundidas nos campos onde a paz reina, rendem colheitas favorecidas pela alegria, que suaviza a vida.

O Sol, o ar e a chuva, são os frutos da Natureza, em que o homem comunga; mas a sua incompreensão desvia-o desses índices, pela posse ou sobreposse das riquezas que estão sujeitas ao seu arbítrio.

A renúncia à posse privativa dos bens comuns, identifica o indivíduo com Deus, que é a via da sua redenção.

Quem sacrifica a humanidade às suas ambições, só triunfa momentâneamente, porque está fadado à degradação.

As mistificações prendem os autores às putrefacções da vida social, coberta pela ilusão, com um vistoso manto.

Transposta a atmosfera terrestre, a ascensão às vias luminosas obriga a alternativas de ascensão e descensão até ao despojo das imperfeições, em que a dor só é atenuada pela resignação.

O errante é enleado na desdita pela sua própria sombra, como presa do Destino que talhara. A renúncia aos prazeres e à dor com resignação são expoentes do sacrifício que resgata os débitos.

A Natureza revela nos animais, em cada dia, os desdobramentos periódicos do seu espírito, porque este continua a perpetuar a sua vigília, enquanto o corpo repousa. A morte é metamorfose dos escalões da evolução. Perante o índice da vida e da morte, em sucessivas renovações, cumpre ao homem, enquanto mortal, aprender a separar o corpo do espírito, para viver o eterno em todas as circunstâncias dos dois estados, certo como é de que o sono e o sonho são duas imagens, concernentes à morte e à perpetuidade da vida.

(Continua no próximo número)

A VERDADE SOBRE O ESPIRITISMO

ESCLARECEM OS ESPIRITISTAS

Os cidadãos que subscrevem o presente manifesto, certos de interpretarem o pensamento de ponderável número de adeptos da Doutrina Espírita, vêm prestar à opinião pública os esclarecimentos que se lhes afiguram indispensáveis a respeito da Doutrina que professam, tendo em vista a série de conferências realizadas nesta Capital, sobre Espiritismo, pelo respeitável sacerdote católico Frei Boaventura Kloppemburg, OFM.

Não objectivam os signatários promover revide nem polémica, porque não têm os espíritas preocupação de abrir luta religiosa ou hostilizar qualquer culto ou religião — matéria do foro íntimo de cada indivíduo. Não se pronunciam, outrossim, em nome de qualquer instituição espírita, mas no simples uso de um direito que lhes é assegurado pela Constituição da República.

Julgam, todavia, de seu dever trazer à consideração da opinião pública informes tendentes a restabelecer a realidade quanto aos princípios da Doutrina Espírita, mal conceituados pelo aludido sacerdote, o qual, por meio de generalizações inexactas, juízos que falseiam a verdade e artifícios de raciocínio, procurou manifestamente estabelecer confusão entre Espiritismo e diversas práticas religiosas.

Assim, em contraposição categórica às interpretações de Frei Boaventura Kloppemburg, a quem negam autoridade para, de público, definir a qualidade de espírita, esclarecem os signatários:

1.º — ESPIRITISMO é o corpo de doutrina codificado por *Allan Kardec*. — Suas características essenciais são:

a) — Doutrina filosófica, com fundamento científico, de consequências religiosas, tendo como base a existência de Deus e a reencarnação da alma humana;

b) — Visa, antes de tudo, ao aprimoramento moral do Homem, subordinando-se, nesse sentido, ao conteúdo moral dos ensinos do Cristo.

2.º — Em decorrência disso, e face aos preceitos consubstanciados nas obras da Doutrina, NÃO TÊM RELAÇÃO COM O ESPIRITISMO os cultos ou religiões que incluirem em seus princípios:

a) — Rituais de qualquer natureza;
b) — Sacrifícios, ainda que simbólicos;
c) — Corpo sacerdotal, com qualquer espécie de hierarquia;
d) — Fórmulas, invocações, promessas ou prescrições de qualquer natureza, tendentes à solução de problemas da vida material;
e) — Remuneração pela prestação de serviços de natureza espiritual;
f) — Adoração de imagens, símbolos ou ídolos;
g) — Práticas de magia, feitiçaria ou necromancia.

Reafirmam os declarantes os sentimentos do maior respeito e fraternidade que animam os espíritas com relação a seus irmãos de todos os cultos ou religiões, no que, aliás, estão certos de atender, apenas, ao ensino de Jesus-Cristo:

— «Tudo o que quiserdes que os homens vos façam, fazei-o assim também vós a eles; porque esta é a Lei e os Profetas.» (Mateus — VII — 12).

Rio de Janeiro, Junho de 1956.

Comissão organizadora: *Carlos Imbassahy*, Advogado e Escritor; *Deolindo Amorim*, Jornalista; *Cel. Euclides Fleury*, Of. do Exército e Eng. Civil; *José Alberto Menezes*, Bancário; *José Augusto de Miranda Ludolf*, Advogado; *Lauro Salles*, Advogado; Leopoldo Machado, Professor e Escritor; *Nelson Baptista de Azevedo*, Jornalista; *Newton Gonçalves de Barros*, Professor; *Pedro Delfino Ferreira Júnior*, Tenente-coronel do Exército.

A PENA DE MORTE

Por ALEIXO VICTOR MAGALDI

I

A legislação penal de diversas nações ainda conserva a pena de morte. Dentre elas, professando o cristianismo, salientamos a França, os Estados Unidos da América do Norte e a Inglaterra, nações que lideram a civilização ocidental, o grande bloco mundial das Nações Unidas. A Inglaterra resolveu abolir a pena de morte, embora não haja até agora posto em prática essa resolução.

Não há coisa mais absurda do que este contra-senso: *Nações que se dizem cristãs adoptarem um Código Penal, onde se enquadra a pena de morte.* O código do cristão é o *Sermão da Montanha*. E que ordenou Jesus-Cristo no *Sermão da Montanha?...* Em todo o conteúdo da Doutrina Cristã haverá uma só frase que autorize a pena de morte?... A pena de morte não encontra apoio, mas sòmente condenação nos Evangelhos e nos exemplos de Jesus e dos Apóstolos. Seus ensinos e exemplos autorizam ùnicamente Amor e Perdão.

Já Moisés, antes de Jesus, recebia no Monte Sinai os *Dez Mandamentos da Lei de Deus,* dentre os quais sobressaía o *NÃO MATARÁS.* A pena de morte é, pois, além de anticristã, uma penalidade imposta pelos homens desobedientes aos Mandamentos de Deus. Uma nação cristã não tem o direito de adoptar, no seu Código Penal, a pena de morte, sobre qualquer forma. É penalidade que nunca deveria ter constado do Direito Penal de qualquer povo cristão. O povo que aplica a pena de morte não pode ser qualificado de cristão, dado que cristão só é aquele que segue os ensinamentos do Cristo, exemplificando-os e não contrafazendo-os.

Não pode haver harmonia entre a pena de morte e o Cristianismo. É inconcebível que tal pena haja sido apoiada por uma religião secular que afirma ter o Cristo como seu Chefe. E mais grave ainda foi o ter essa religião, não só apoiado essa penalidade evidentemente anticristã, mas feito aplicação da mesma, nos tribunais da SANTA INQUISIÇÃO, para não citar a Guerra Dos Cem Anos. Jamais o mundo viu atrocidaddes maiores do que as praticadas pelos inquisidores romanos, pretensamente cristãos.

A desumanidade dos religiosos que malbaratavam o Cristianismo, implantando na Europa uma ditadura chamada espiritual, constitui um negro tomo da história deste mundo de provas e expiações. E suas páginas permanecerão abertas para horror da humanidade civilizada. Essa ditadura religiosa foi suplantada por uma outra ditadura, a da Renascença e da Reforma Protestante. Com a nova ditadura, substituta da velha, não desapareceu a pena de morte, nem desapareceu o ódio. Tudo isso gerou o espírito revolucionário das massas humanas, que explodiu no século XIX, herança dos dois grandes acontecimentos políticos do século XVIII, consumados na Independência Norte-americana e na Revolução Francesa. Ambas vestiram a sociedade de luto e de mortalha: aquela feita pelos protestantes de Bíblia em punho e de canhões e guerreiros à frente; esta comandada por materialistas, fazendo funcionar a guilhotina dia e noite, substituindo as águas do Sena por sangue humano de religiosos e governantes franceses.

A pena de morte chegou ao seu apogeu nessa época de morticínio impiedoso. Era a contrafacção do Cristianismo. Rolavam os corpos, sem vida... Mas libertavam-se, então, os espíritos, mais furiosos ainda. As vítimas da Guerra dos Cem Anos, reencarnadas, ou não, continuavam a luta, com mais rancor, contra as hostes do Vaticano, que derrubava tronos e sustentava dinastias. E de vítimas que eram, pas-

MINHA

Minhas mãos! O que fizestes?
Quais os frutos que me destes?
Que prendas apresentais?...
Fracos frutos?!... Prendas poucas?!...
Se mal diligenciais,
Vede bem o que fazeis!
Urge que vos emendeis,
Não obrando como loucas!...

Ó mãos minhas,
Pobrezinhas!
Por que estais estremunhadas,
Indecisas?
Que vos torna apavoradas?...

Mãos incríveis!
Mãos risíveis!
Sois sadias, vigorosas,
Bem nutridas, musculosas!
Não vos cabe malsinar...
Tão-pouco mortificar!...
Ficai mais afadigadas,
Se quiserdes progredir,
Se quiserdes ressurgir...
Cabisbaixas, vencereis?
Por que assim ficais tão lívidas?...
Tristezas
Não pagam dívidas!
Tibiezas
Não são laureis!
Que valem lamentações?
Artifícios,
Nunca, jamais, soluções!...
Sentis desapontamento?
Respeito o vosso tormento.

Mãos turvadas,
Apoucadas!
Como vós me dais cuidados
Com vossos desordenados
Gestos.
É-me, então, fácil supor
Que vos resta desfavor
De actos vossos bem funestos!...
Pensais no vosso pretérito,
Assim... tão descontroladas?!...
Redimi faltas passadas
Através do próprio mérito.

Mãos febris!
Parece que bem podíeis
Fazer mais do que fizestes,
Pois aquilo que já destes
Não foi bem o que podíeis!...
Permaneceis pensativas...
Mas... quem vos fez inditosas?
Verdade é que eu não atino
Co' a causa do desatino
Que vos molesta!
Sou capaz de maldizer-vos,

(Do livro inédito *Fisiologia Poética*).

S MÃOS

Como sou de enaltecer-vos,
Quereis de mim um poema?
Ou preferis um diadema
Com que cingir vossa fronte,
Como se fora de arconte
Renovado e venerado?...
Também posso repudiar-vos,
Contudo, enfrento um problema
De difícil solução,
Que parece um alçapão...
Um solerte estratagema,
Em cujo atro emaranhado,
Se me achasse descuidado,
Bem poderia cair.
Dele me tornando presa
Como vítima indefesa
Ou como esconso imbecil,
Que cai num ardil,
Sem acção
Nem reacção!
Sereis vós escravas minhas
Ou sereis de mim rainhas?...
Só vos reservei afrontas!
Estou-vos a tomar contas...
E porque a tanto me atrevo?...
Devo ser réu, mas não posso...
Quero ser juiz, mas não devo!...

Ai de mim,
Que vejo perdido
Todo o latim
Do meu sermão
Herético...
Do meu discurso
De urso!

Pifio chinfrim!...
Devo reagir
Com serenidade...
E, por fim,
Eu devo assumir
A responsabilidade
Dos meus actos
E sofrer as consequências
Das minhas crises...
Dos meus deslises
E virulências,
Sem
Tugir
Nem
Mugir,
Que em tanto importa
E exige minha integral
Regeneração,
Seguindo a Lei
E tendo em vista a Perfeição
A que, de feito,
Todos têm direito!...

AMADEU SANTOS

saram a algozes vitoriosos, tão vitoriosos, que o Vaticano não venceu a Guerra dos Cem Anos. Tão vitoriosos, que a Inquisição, apesar do domínio que exerceu sobre a Europa, acabou desaparecendo. Hoje é mencionada como hediondo acontecimento histórico, um marco de trevas na rota da civilização. E a pena de morte continuou a figurar no código penal de nações chamadas cristãs!... Nada mais absurdo.

Lógico é que figure na legislação de nações de índole materialista. Um criminoso electrocutado, enforcado, guilhotinado, gaseado, fuzilado, é um indivíduo morto que não fará mais crime algum. Entretanto, para o cristão, o corpo morre, mas o espírito sobrevive. Para o cristão, o corpo não é responsável pelos actos do homem; o corpo é mero instrumento, por meio do qual exerce a alma suas actividades na Terra. Se o corpo é o instrumento, a alma é a responsável pelas acções que comete, usando o instrumento. Porque mandam legislações cristãs matar os corpos, como punição, deixando as almas livres... Seria o mesmo que destruir o punhal de um assassino, considerando este quite com a justiça. Seria o mesmo que destruir o automóvel que atropelou e matou uma criança, deixando impune o profissional que o dirigia. Seria o mesmo que castigar o burro, atrelado à carroça, cujas rodas roçassem o canteiro de flores de um jardim, sem incomodar o carroceiro que o guiava.

II

Punir de morte um criminoso, é deixar impune, e mais livre do que antes, o espírito que vivia preso a seu corpo. É procurar o crime, dando liberdade mais ampla ao criminoso, para continuar a escala de crimes em proporção crescente e contínua.

O criminoso em carne e osso é mil vezes menos nocivo do que o seu espírito desencarnado. Quando encarnado, o criminoso está subordinado às leis, além de estar sujeito às exigências do corpo, como sejam, o cansaço, a fome, a sede, o sono, os meios de condução, os embaraços da natureza, a vigilância da vítima e seu poder de defesa. Quando desencarnado, tudo isso desaparece. Que será preferível? Um demónio acorrentado à carne e aos ossos, ou um diabo livre e invisível?... Que será mais nocivo? Um homem diabólico ou um demónio às soltas no mundo?... Um simples raciocínio leva qualquer pessoa de bom senso a afirmar que é mil vezes pior um demónio solto, que um diabo acorrentado... Pois, alguns *sábios* criminalistas *cristãos* preferem soltar os demónios, através da morte do corpo. Preferem dar ao criminoso mais facilidade de acção, proporcionando-lhe agir desembaraçadamente, invisivelmente, impedindo a defesa das vítimas, ou, pelo menos, de se defenderem em igualdade de condições. Já se viu absurdo maior? De mais, sabido é que o momento da morte, principalmente da morte violenta, pelo gás, pela electricidade, pela asfixia, pela decapitação e pelas balas no peito, nenhum sofrimento, absolutamente nenhum, causa ao moribundo. A pena de morte, por isso, como pena, é inócua, é inoperante, é ilógica, contraproducente até. Em vez de afastar o criminoso da sociedade, em vez de impedir a acção do criminoso, em vez de puní-lo, a pena de morte, como acabamos de ver, resulta o contrário: facilita-lhe o contacto com os homens, dá-lhe plena liberdade de acção, premeia-o e auxilia-o. A Justiça torna-se cúmplice. Do modo que a pena de morte, além de ser uma medida totalmente anticristã, é absurda, irracional.

Matar o corpo do criminoso é libertar o espírito criminoso, proporcionando-lhe desenvoltura incalculável em novas, maiores e mais numerosas façanhas. Quem cometeria a insensatez de soltar uma fera danada, abrindo-lhe a porta da jaula no meio da multidão, com o propósito de livrar das garras desta os seus domadores?... Pois, não é a isso que corresponde a pena de morte?!...

(A concluir)

ECOS DE U

Por ISIDORO D

X

PSICOLOGIA

Xavier de Maistre escreveu um livro curioso, onde a imaginação fervilhava. De «Viagem à Roda do Meu Quarto» o intitulou, e assim correu mundo na versão portuguesa, satisfazendo gulosos de ficção, em época de calmaria. A T. S. F. estava por nascer, embora o grande Branly cogitasse já no futuro invento. A aviação esboçava os tem-tens que a levariam a surtos de condor, quase um século gualdido, na era atómica, que os peraltas de então estavam bem longe de conceber. Por isso o escritor levou tanto tempo a dar a volta ao quarto, loja, apartamento ou mansarda, com pachorra de ermitão contrito. É obra digna de leitura, na qual se vê muita coisa que não estava no «aposento», devida, sem dúvida, ao génio do autor e à sua imaginação.

Praça de Paris, no Rio de Janeiro

Pois nós, à semelhança de outros mais engenhosos e atilados, empreendemos viagem à roda de meio mundo e não sabemos quantos volumes serão necessários para registar o visto e o sentido que não fazia parte do mobiliário normal. De Maistre era douto na arte de escrever. Lavrante de filigranas, manejava o cinzel com elegância, desbastando aqui e ali, retocando, harmonizando, até deixar a obra completa e um sorriso ameno nos lábios do leitor. Suas observações eram engenhosas, pelo devaneio e delicadeza que as esmaltavam. Tinham magnetismo literário, porque nos arrastavam alegremente nas mais íngremes ladeiras e chegávamos ao termo sem dar por isso.

O livro em apreço faz lembrar a «Viagem Sentimental» de Lawrence Stern, fino humorista inglês que ora comove até às lágrimas, ora faz sorrir em desopilação crescente.

Mas que têm estes pensadores com a nossa digressão pelo Brasil? É lícita a pergunta, não se pode negar. E é nossa obrigação responder.

Cada qual observa a seu modo, analisa a seu modo. Vê o grande e o pequeno, o muito e o pouco, com lentes próprias. Às vezes, o pormenor interessa mais que o todo. Depende da face reflectida e da sensibilidade excitada. Daí, o afirmar-se que não há grandes nem pequenas coisas. Tudo é sério e jocoso, tudo é forte e fraco. O calcanhar de Aquiles está no universo, se o observador lá estiver também.

Temos dito e repetimos que não sulcámos o Atlântico para dar lições. É verdade, que não. Andámos a observar, a estudar, a comparar. Tínhamos necessidade disso, para aumentar conhecimentos e harmonizá-los com a realidade. O que se lê é diferente do que se vê. Vargas Vila dizia que a realidade era circunscrita e que, no fundo, não passava de ilusão vivida. Talvez haja razão no conceito. A ilusão é infinita, como demonstrou Xavier de Maistre no seu opúsculo. Deu volta ao

MA VIAGEM

JARTE SANTOS

X

DO VIAJANTE

globo em menos de «oitenta dias», batendo o máximo de Jules Verne.

A «Viagem à Roda do Meu Quarto» é um símbolo de quanto pode a fantasia ao serviço do desejo. Sentimos e medimos o asserto em muitos passos da nossa viagem, quer ladeando pontões ou «pães de açúcar», quer «meias laranjas» ou picos simétricos provenientes da erosão. Quantas vezes, fixando morros, víamos lagunas? Ou planícies verdejantes sobre lençóis de água preta? — Usa a linguagem que quiseres — dizia Emerson —. Só poderás dizer o que fores.

Parque D. Pedro II, em S. Paulo

Esta verdade está no fundo do problema. Fosse qual fosse o ponto geográfico do momento, só poderíamos descrevê-lo à luz do nosso exame subjectivo. De Maistre procedia assim. Lembrou-se de que Platão chamava, à matéria, a «outra», e dividiu o todo em duas partes: «O homem é duplo por ser composto de alma e corpo. Mas eu prefiro chamar besta à outra, que é um indivíduo à parte, com gostos e inclinações, ao nível dos outros animais». Assim, pôde divagar e discretear acerca de variadas coisas, sem que a besta *mudasse de assento.*

Fixando o leito, da poltrona em que amodorrara, não lhe apreciou as linhas, nem as guarnições da coberta. O que ele pensou foi que uma cama nos via nascer e morrer, que era palco onde os humanos desempenhavam dramas, farsas e tragédias. Um berço florido, um trono de amor ou um sepulcro. Isto não era viagem de corpo, era viagem de alma.

A psicologia tem microscópios individuais, *janelas específicas que se destinam a cada observador. O nosso é nosso, exclusivamente nosso. Ninguém mais o pode utilizar. Por isso a conclusão é relativa. Este viu... aquele viu... mas a verdade está na soma das parcelas. Verdade humana, verdade nebulosa, imprecisa, mal esboçada.*

Os olhos, não importam. Maior ou menor objectiva, pertencem ao orgânico. O que interessa está para além deles. Está no sensório. Correia de Oliveira o disse um dia:

> Os olhos, o que são? São corpo. Forma.
> O olhar, porém, é mais: é luz do Espírito.

Foi com essa luz que subimos às montanhas e descemos aos vales. O Itatiaia, na Mantiqueira, dominava os «cascos de tartaruga», com solenidade e prestígio. Quando contemplámos o maciço, que se erguia a 2.800 metros, não vimos apenas o relevo. Vimos a imponência resultante. Um gigante lendário, espécie de guardião da terra. Era dos mais altos. Só o Pico da Bandeira, na Serra Caparaó, o suplantava um pouco, em noventa e sete metros de estatura. E quando fotografá-

mos o «Dedo de Deus» na Serra dos Órgãos, não víamos apenas a crista vertical, mas o panorama que a rocha viva oferecia à natureza. Os olhos afirmariam que era agulha de granito, mas enganavam-se. Os trópicos assistem a fenómenos extraordinários. Um deles está na luta permanente entre o clima e a rocha, que acaba vencida, sujeita às intempéries. Por isso, muitas trincheiras dos caminhos de ferro brasileiros estão alcatroadas para evitar a corrosão inflexível.

A majestade das serras só à distância se aprecia. À medida que subimos, o culto vai descendo. O que era mistério, é vulgaridade. Tudo mais ou menos igual. Ver o nosso povo... é ver o mundo todo...

Muita coisa inspira culto
Ao ser de longe mirada;
Parece coisa de vulto,
E ao perto não vale nada.

Lafontaine era judicioso e... humorista, embora se não tivesse jamais perdido nas «meias laranjas» do Estado do Rio ou nas chapadas de Ibiapaba. Que pena não vivesse neste século das luzes! Poderia fazer uma viagem igual à nossa e enriquecer o fabulário. O mundo lucraria com isso.

★

No Brasil há diversos modos de viajar. A via fluvial, a via marítima e a via aérea são as mais frequentes, por mais acessíveis. A imensidade do território e a distribuição das montanhas dificultam em grande parte a construção de rodovias. Nós utilizámos alguns meios locomotivos, desde os calcantes ao avião, e vimos que a humanidade não difere grande coisa nos usos, costumes e agentes de progresso. Voltaire dizia que desde Tales aos maiores charlatães não houve filósofos que influissem nos costumes da rua em que viviam. De acordo. Não são o filósofos que fazem os costumes, nem os povos que fazem as leis. Os primeiros limitam-se a discorrer e os segundos a pagar.

Os costumes obedecem mais ao exemplo do que à palavra. Três séculos antes de Cristo, já Menandro reflectia certa verdade inerente à sabedoria do povo grego. Os costumes dos que não falavam convenciam mais que o seu próprio raciocínio.

E vimos também que as leis se amoldavam à cultura, ao temperamento e ao carácter. Entre costumes e leis existia a mesma relação que entre homens e cidadãos. Os actos dos homens eram regidos por usos tradicionais e facilidades colectivas; os actos dos cidadãos eram regulados por leis expressas, integradas no património social da nação. Sendo a linguagem deles igual à nossa e os costumes muito similares, não obstante a diferença de latitudes, fácil nos era trocar palavras e sentir emoções. Sentimos e trocámos muitas, e viemos mais ricos do que fomos.

Esta ideia optimista influenciou-nos durante a viagem. Voltaríamos pletóricos de ensinamentos. Cada passo apresentava mil cambiantes valiosos. A disposição da terra e seu revestimento herbáceo; a curva ondulante da estrada, ora opulenta, flanqueada de exuberância vegetal, ora estreita, debruada no cairel do abismo; os longes da montanha verde, aqui e ali ressequida pela queimada; a atitude dos peões frente à natureza e ao fatalismo de sua condição inferior; a canção terrena na boca da cachoeira, tudo isto fornecia elementos de análise e nos colocava em brumoso dossel, a espreitar a vida.

As árvores dir-se-iam unidades humanas, proteiformes no aspecto, parecidas na contestura. Umas, velhas de séculos, troncos pelados, recurvos e cancerosos, em vão reagiam ao tempo. Haviam cumprido missões grandiosas em selecção e reprodução e feneciam na selva, de morte natural. Deviam ter a sua história. Aquelas vergônteas extremas eram cantos de cisne a limitar existências, relembrando — quem sabe? — primaveras juvenis desentranhadas em flores de aromas capitosos...

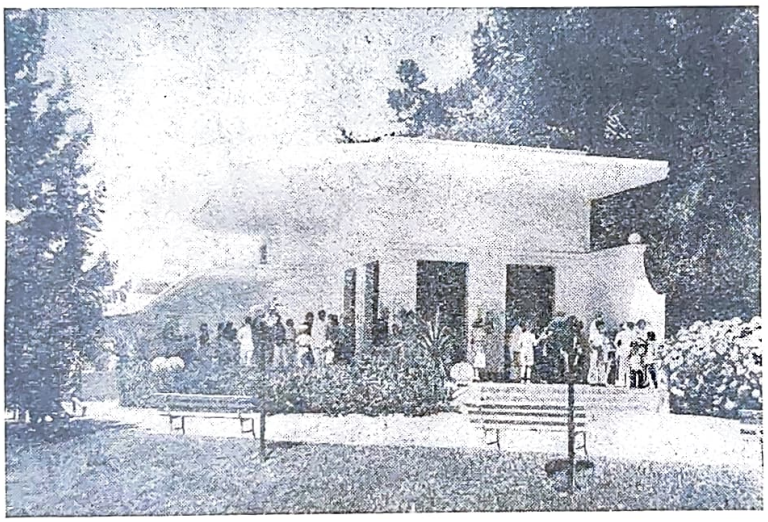
Agora estavam ali, extáticas, absortas no sonho milenar, ironia da vegetação que serpenteava dirigindo os gomos para o alto. Sua atitude recordava o esgar do moribundo, cerrando a porta ao movimento. Os olhos viam esqueletos franjados de parasitas que se enroscavam nos galhos secos, rígidos como serpentes de aço. Luta e luta, rivalidade, porfia, em que a destreza vergava às mãos da astúcia. E pensámos que o nascimento e a morte eram iguais em todos os seres. Diferença de estágio, diferença evolutiva. Nada mais. No fundo, o mesmo drama.

Outras haviam nascido em pedras e em pedras vegetado. A natureza recusava-lhes a seiva bendita e cada nó era cicatriz a marcar o destino cruel. No entanto, resistiam ao desprezo da madrasta e tinham amor-próprio. Não curvavam a cerviz às companheiras de importância, cingidas ao prolóquio: «grande nau, grande tormenta». Quando chegasse o vento, a derruba começaria longe delas. Os

gigantes tombariam primeiro. Elas não tinham receio. Pequeninas e flexíveis à vista dos colossos, seriam imunes ao vendaval... A lei das compensações não regia só os homens. O reino vegetal sentia o peso do mesmo código...

★

O viajante inteligente também se diverte com coisas monótonas. Vê nelas o que outros não vêem e sente-se garimpeiro feliz perante um tesouro de aluvião. Nas cidades e nas aldeias há pormenores de óptimo recheio. A edificação urbana, a beleza dos monumentos, os terrenos ajardinados, os campos de futebol, são temas oferecidos ao observador, que os estuda, analisa e disseca, conforme o interesse momentâneo e a preferência que lhe inspiram. E quando o interrogam acerca da urbe, responde: «O mais belo está nos arruamentos. Todas as construções obedecem ao mesmo estilo, sóbrio, austero, tradicional». Outro viajante dirá: «O estádio vale tudo». E outro, ainda: «O monumento a João Rufino faz esquecer o que antiga musa canta».



Fonte Magnesiana, no Parque de S. Lourenço, Estado do Rio

Mas há sempre alguém que segue por veredas diferentes. Aliás, não as teriam aberto ao trânsito. O exterior das cidades fala do bom gosto dos habitantes. Conversámos muito com as cidades e concluímos que os brasileiros são artistas. Observámos os monumentos públicos nos seus parques florestais e verificámos o seu amor à natureza. Contemplámos os «conjuntos escolares», onde vimos o desejo de progresso mental. Visitámos bairros excêntricos de arquitectura característica. Mas isto não chegava. Queríamos ver mais, queríamos surpreender o cérebro e o estômago da comunidade.

Há um monumento inconfundível que o turista deve sempre visitar. É o mercado municipal. Lá está o prático e o teórico, a actualidade e a tradição, o uso e o costume, a nobreza e a plebe, o interior e o exterior. Nada falta, podem crer. Há de tudo um pouco na imensa botica.

Entrámos em todos os mercados e auscultámos a cozinha e a mesa do indígena. Soubemos o que comiam e não comiam. E, daí, remontámos ao seu temperamento. Nós somos o que comemos e bebemos. Vejam lá se os mercados não são belos compêndios psicológicos abertos de par em par nas horas disponíveis! Quem sabe ler, lê. É descrição, pintura, desenho e retrato.

A curiosidade é a última paixão das pessoas velhas —escreveu Paul Bourget—. Rectificamos o pensamento do escritor francês: é a maior paixão do género humano. A ela se devem os marcos progressivos que distinguem uns dos outros povos. É o verdadeiro «pecado original» do homem, que nasceu com ele e não morreu, nem morrerá. Coelho Neto afirmava que a curiosidade do homem (e da mulher) o levaria ao inferno, se lhe descobrisse o caminho, ainda que fosse assoalhado de pez ardente. Nem oito, nem oitenta. A curiosidade nos levou aos mercados para conhecer as almas e os corpos. Portanto, curiosidade natural, própria da criação. Desta maneira, preferimos o meio termo de Levis: «A curiosidade, atenta às coisas, denota elevação de espírito». Humilhamo-nos, quando não compreendemos, e algo nos impele à compreensão. É a curiosidade a manifestar-se, a comandar os passos dos dois sexos, no simples e no complexo. Vem nos Evangelhos: «A verdade vos fará livres», «nada há de oculto que não venha a ser revelado».

★

Outra faceta do viajante é a admiração que nutre pelas coisas opulentas. Se não fosse ignorante, não se admirava. Só se admira do

que não conhece. E antes de conhecer, imagina as coisas a seu modo.

O padre António Vieira, homem engenhoso que, além do mais, teve a lembrança de falar aos peixes, asseverava que a ciência era filha da admiração, visto que os homens, admirados das coisas que ignoravam, inquiriam até as alcançar.

O viajante tem algo de homem de ciência. O seu canhenho regista o que lhe indica a admiração.

Num país enorme, coberto de morros e de florestas, ninguém deixa de apreciar um rio, correndo plácido ou saltando em cachão no declive escarpado. A rede hidrográfica do Brasil é opulentíssima, das maiores do mundo. Nela se baseou a marcha bandeirante para o interior, mais fácil que noutras regiões, em virtude de um fenómeno especial. Os rios do Centro e do Sul correm para o sertão, não correm para o oceano, como seria natural. A Serra do Mar é divisória imponente a separar as duas massas.

Geralmente, o litoral dos continentes é a primeira coisa a explorar, como sucedeu em África, na Ásia, na América do Norte e na Austrália. No Brasil deu-se o contrário. O sertão foi antecâmara da costa.

O viajante Orellana andou pelo Amazonas muitos anos antes de se atingir Mato Grosso. Aqui, a circulação é toda fluvial e grandes zonas terrestres encontram-se totalmente alagadas.

Nós vimos cachoeiras em todos os Estados que percorremos e verificámos a existência deste nome ligado a muitas terras: Cachoeira Paulista, Cachoeira das Sete Quedas, Cachoeira de Paulo Afonso. Nota-se que a psicologia do aborígene começa na região em que vive. Se o rios não fossem entrecortados de quedas e corredeiras, obrigando as águas a retardar a marcha para a foz, como poderiam ter surgido as aldeias nesses pontos ubérrimos?

Mais uma vez a lei se impõe aos olhos de quem vianda. Onde falta o carvão sobram as quedas de água. Quisemos visitar a de Paulo Afonso, no Rio de São Francisco, cujo aproveitamento hidroeléctrico dará riqueza incalculável. Não foi possível, com mágoa de nossa parte. Leopoldo Machado lá esteve noutra caravana. Seria belo ver cair a água de 70 metros de altura!

Assim mesmo, visionamos o Brasil de amanhã em marcha ininterrupta. Que seria, por exemplo, o planalto da Serra do Mar coalhado de barragens a lançar as águas de 1.000 metros de altura, invertendo o sentido do escoamento em direcção ao oceano, como diz Pierre Deffontaines?... O Alto Tieté paulista foi transformado assim pela mão do homem, que vai operando modificações na crosta planetária.

★

Quantas vezes não parávamos no alto de uma serra, deixando escorrer os olhos pelas vertentes ensolaradas, semi-cobertas de neblina! O coração vibrava com a natureza, identificava-se, buscava ressonâncias afectivas para aumentar a felicidade do momento. O humo dos vales ocultos na fundura opulentava as lombas, retocava-lhes a curva e sofria por não chegar aos píncaros. A voz da terra ecoava em nós e repercutia nos séculos porvindouros...

José de Alencar não esqueceu essa voz torrencial em suas páginas famosas. Também sentiu o mesmo êxtase à sombra das árvores selváticas, ouvindo murmurar as fontes, especado na ourela dos córregos. Toda a brasilidade estava nele, em divina exaltação.

«O coração é um solo — clamava —. Vale, onde brotam as paixões. Como os outros vales da natureza inanimada, ele tem as suas estações, suas quadras de aridez ou de seiva, de esterilidade ou de abundância. Depois das grandes borrascas e chuvas, os calores do sol produzem na terra fermentação que forma o humo; a semente, caindo aí, brota com rapidez. Depois das grandes dores e das lágrimas torrenciais, forma-se também no coração do homem um humo poderoso, uma exuberância de sentimento que necessita de expandir-se. Então um olhar, um sorriso que lá penetre, é semente de paixão e pulula com vigor extremo».

Sim, o coração é um solo. Sentimo-lo verdadeiramente. Tem filões escondidos que a psicologia não desnuda; correntes várias o percorrem de lés-a-lés; expande-se, contrai-se, como nos movimentos telúricos; hoje revolto, amanhã em calma.

> «É um mistério,
> como pedra sem nome de cemitério»...

A terra apresenta aspectos inéditos ao ignorante. As «Maravilhas do Deserto», de Walt Disney, são novo mundo a deslumbrar o homem. Nelas se vê o pequeno, se vê o grande e os subterrâneos escancarados em chapadas de luz. Não obstante, a dúvida persiste.

O coração não envelhece como esses tron-

cos avelhentados que se debruçam na selva. Ritmo próprio, tonalidade própria o caracterizam, no avanço e no recuo, de encontro aos dois extremos.

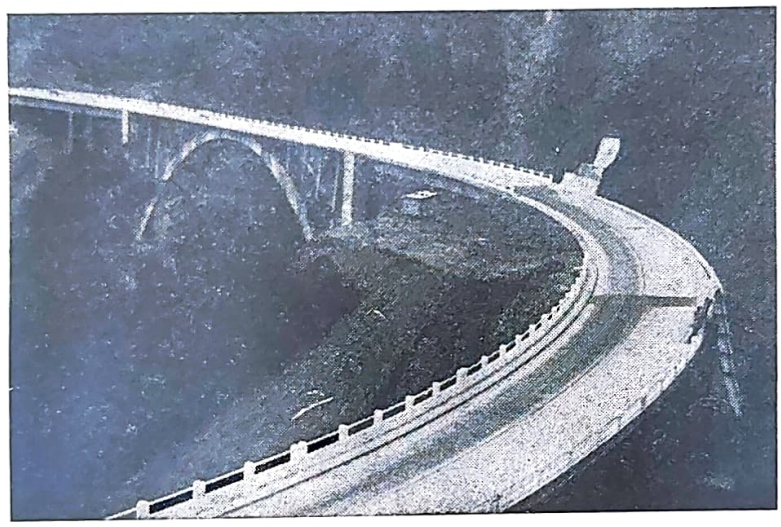
É manancial das mais estranhas ilusões. Está ligado aos olhos e aos ouvidos. O que eles vislumbram, em cor e em som, o coração o reflecte. Poeta alemão o revelou e Quental o traduziu:

O coração tem dois quartos.
Moram ali, sem se ver,
Num a Dor, noutro o Prazer.

Quando o Prazer no seu quarto,
Acorda cheio de ardor,
No seu esmorece a Dor.

Cuidado, Prazer! Cautela!
Folga e ri mais devagar...
Não vá a Dor acordar!

Os contrastes inseparáveis! Parecem inimigos e são aliados. Fazem parte da mesma célula, da mesma folha, da mesma esquírola. Subordinam-se ao todo e parecem independentes. São cambiantes da esmeralda a irradiar centelhas vivas que os sentidos captam para o coração, se não destinados à inteligência.



Um trecho da Via Anchieta, entre S. Paulo e Santos

O prazer e a dor do mundo... o prazer e a dor da terra... O viajante sente-os. Galgando altitudes ou descendo à planície, seguindo estradas ou gargantas esconsas, o viajante sente-os... A campina brasileira tem alma: ri e chora, reza e canta. E o nosso coração perambula, como fauno entre maravilhas. Vai na peugada de outros corações: coração das árvores, que dão fruto e sombra e acompanham o homem do berço à sepultura; coração das aves que ilustram o arvoredo com seus trinados; coração das pedras, insensíveis e mudas na aparência... Tudo o que vemos faz parte de nossa vida. Nela se reflecte sempre. Rio, outeiro, jardim ou campanário. Estamos neles, como eles estão em nós. Fazem parte de nossos hábitos e de nossos destinos.

Sino, coração da aldeia,
Coração, sino da gente:
Um a sentir quando bate,
Outro a bater quando sente.

Alma a transcender-se no mundo das coisas belas, na orla que divide os sentimentos, onde o viajante espera, para subir depois, ou descer — quem sabe — à procura de novos ritmos, de novas impressões... O «sino da aldeia» de Correia de Oliveira é companheiro amável no aglomerado campesino. O trabalhador rural, seja camisão, bruaqueiro, saquarema ou caipira, descobre no tanger do sino acentos mágicos que o atraem à gleba.

O viajante sabe disso. Cruza-se com eles em todos os pontos do litoral e do sertão, onde cantarolam, arrastadamente, as tonadilhas, bermas em fora, montados em rocinante ou mulo esquálido... E lá vão debruçados sobre as picadas, tisnados do sol, saudosos da primeira torre de igreja que vislumbraram na infância. A vida os aguarda, agora, logo e sempre, para denegri-los, para macerá-los... E não podem fugir à morte, «terror dos ímpios, sumidouro dos homens, filha do pecado»... Não podem fugir à morte...

★

Viajar... descobrir... surpreender linguagem nova... Sentir amizades de um ano seladas num dia, olhos nos olhos, mãos nas mãos, em perfeita igualdade...

«Nada mais frágil que as amizades humanas — diz Bourdaloue —. Levam muito tempo a formar e um momento as extingue». Mas, quando se radicam no tempo, quando suportam duros embates sem quebra de entusiasmo, quando se alimentam da mesma

esperança e perduram no mesmo combate, elas aumentam sempre.

O movimento deve partir dos que levam a existência a criar harmonia, a fortalecer as árvores da bondade, porque nelas reside o fulcro activo do universo moral.

Mesmo sofrendo, são exemplos poderosos a projectar humanismo. Onde quer que estejam revelam a sua presença, como certos perfumes que se evolam, deixando no ambiente emanações agradáveis.

Assim, vimos amigos a chorar de alegria no abraço eloquente; vimo-los, descobrimo-los no departamento mais íntimo da sua lealdade e dissemos como Maeterlinck: não há vidas pequenas; encarada de perto, toda a vida é grande.

As viagens são magníficas lições que se aprendem sonhando. Porque a vida é um sonho permanente, claro-escuro, ilusão e desilusão. Quem desesperou do material, tem o moral. Quem renunciou às verdades que enobrecem e não deixam cair no lodo a porção divina que se alteia no rumo de nossos passos, não aprendeu a lição e relegou para segundo plano a conclusão do curso...

★

Xavier de Maistre escreveu um livro curioso onde a imaginação fervilhava. Nós não temos imaginação para escrever um livro curioso. Estes apontamentos são de um homem que muito viveu em contacto com outros homens, que muito solicitou para harmonizar o pouco que lhe coube em partilha.

O talento está em saber observar, em reunir os quadros psicológicos. Contemplar é fórmula passiva. Se assim fosse... Se o artista se limitasse ao exterior das coisas, ao ilusório das aparências, então poderia dizer, como Campoamor:

A vida é um bocejo prolongado,
A pobre e rico — assim se me afigura, —
Que os leva a bocejar, conforme o estado,
Pobres, a fome; e ricos, a fartura.

Mas a vida é maior do que julgamos. O padre António Vieira definiu-a admiràvelmente: «É uma lâmpada acesa: vidro e fogo. Vidro, que com um assopro se faz; fogo, que com um assopro se apaga».

Para o viajante é planura e montanha. Se há caminhos abertos, é manjar delicioso: se há veredas barrancosas, é fel que se bebe gota a gota.

A nossa foi viagem fácil, cheia de clarões fraternos. Estrada larga, estrada acolhedora, sol do meio dia a rutilar... Por isso nos lembramos dela, a vibrar ainda. Não tivemos dores, não tivemos calvários. Só o sorriso agasalhante, o convite suave, gentileza de fidalgo a curvar-se, humide e generosa.

O abraço sincero pode às vezes dormir no tempo. Mas volta ao ponto de partida. Volta, porque é verdadeiro. Sobretudo, quando as raízes estão na infância ou no ideal comum.

Riminaldo citava quatro espécies de amigos: de fortuna, de mesa, de favor e de convicção. Os primeiros —dizia — despedem-se com a fortuna; os segundos, ao levantar da mesa; os terceiros, quando termina o favor. Os de convicção são diferentes: duram toda a vida.

Assim, que poderíamos externar?

Os que sofrem têm mais que dizer. Para eles, a vida é boceta de Pandora. Beleza, honra, opulência. Depois, a calamidade... Que será o depoimento de um vencido, com esperança morta e sonhos destroçados?...

★

A psicologia do viajante é complexa. Tantos volumes se têm escrito! São eles próprios que os escrevem, com sorrisos e lágrimas. Quando há ficção, há realidade. A fantasia também precisa de alicerce real. E nós vamos lendo e aprendendo. Reivindicamos uma página ou outra... Se viajássemos, teríamos escrito assim. O coração exalta-se, pulsa mais fortemente. Ah! Como deve ser belo andar pelo mundo! Outras terras, outras gentes! Quadros sempre novos... idiomas diferentes... A exaltação cresce... a curiosidade avança... Depois, a saciedade, se um ideal nobre não mobiliza os passos. Os nossos foram sempre mobilizados à luz da compreensão, da fraternidade, do amor sincero. Não viajámos; comparticipámos. E por isso não «escrevemos». Estas regras são desabafo de neófito que se abalançou a viajar e não viajou. As almas passaram por ele, ajoelharam no altar da amizade. E ele rezou. Euforia moral? Euforia espiritual? Comunhão de pensamento, exaltação anímica.

Ou isto será viagem?... Se assim for, não há nada mais belo, quando se acredita. E nós sempre acreditámos na fala dos amigos, sobretudo os que estão longe, virgens de emulação e de retoque individual...

Significação da palavra "Morte"

Por "Sir" OLIVER LODGE

Seja o que for a vida, para nós é simples abstracção, visto que tal palavra constitui termo geral, indicativo de uma coisa comum a todos os animais e plantas, mas inexistente de modo directo, no mundo inorgânico. Para compreendermos a vida, temos de estudar as coisas vivas e ver o que nelas há de comum. Um organismo é vivo, quando afeiçôa a matéria de modo especial e se utiliza da matéria para seus fins próprios — sobretudo para crescimento e reprodução. Um organismo vivo defende a sua complicada estrutura contra a deterioração e a desagregação.

Morte, significa a cessação dessa influência controladora exercida sobre a matéria e a energia, de forma que a acção físico-química retome o seu curso. Morte, não é apenas ausência de vida; significa a partida ou separação da vida — o acto dêsse princípio abstracto a que chamamos vida separa-se do resíduo concreto. E a palavra morte só se aplica às coisas que vivem.

A morte pode, então, ser considerada dissociação, dissolução, separação entre a entidade controladora e a substância físico-química do organismo, isto é, separação entre a alma e o corpo.

Morte não quer dizer extinção. Nem a alma, nem o corpo se extinguem, quer dizer, deixam de existir. O corpo morto pesa tanto, como pesava em vivo; no momento da morte, só perde as suas propriedades potenciais. Assim, também, tudo quanto podemos afirmar do princípio vital que o animava, é que já não anima aquele organismo material. Se esse princípio vital conserva ou não a sua atitude, só estudos ulteriores no-lo poderão informar.

A forma visível do corpo, não era acidente; correspondia a uma realidade, porque causada pela presença da força vivificante; e a afeição enlaça, inevitàvelmente, não só a verdadeira personalidade do morto, como, também, o que constituiu o seu veículo material — signo e símbolo de tanta beleza e amor. Os símbolos falam ao coração humano e qualquer coisa querida e honrada se torna algo de valor intrínseco que não pode ser olhado com indiferença. As velhas bandeiras de um regimento, ao qual os homens fizeram o sacrifício de suas vidas — embora trocadas por novas — não se recolhem sem dor de coração.

Quando dizemos de um corpo que está morto, podemos falar acertadamente; mas quando dizemos que uma *pessoa* está morta, já a nossa expressão se torna ambígua, porque a referência poderá ser apenas ao corpo dessa pessoa e só nesse caso estaremos certos. Mas, se há também referência à personalidade, ao carácter, ao que, realmente, constituia essa pessoa, nesse caso, a expressão «está morto» sofre restrições. A pessoa desapareceu, passou; «passou pelo corpo e foi-se», como diz Browning no *Alt Vogler* — mas não está morta, no sentido que aplicamos ao corpo a palavra morte. É justamente esse ausentar-se da personalidade, que permite ao corpo morrer, dissolver-se: a personalidade em si não está sujeita à dissolução. Pelo contrário, emancipou-se do corpo, libertou-se do peso da matéria, embora com o afastar-se da carne tenha perdido as potencialidades terrestres que o mecanismo corporal lhe conferia; e se essa personalidade ainda puder agir na terra, será com dificuldade e mediante a cooperação das que ainda se não separaram do corpo. Às vezes, tal personalidade pode accionar adequados mecanismos energéticos; mas o mecanismo que outrora lhe pertenceu, esse está perdido: continua a existir, mas fora de acção — está morto.

É costume dizermos que os mortos não perderam o corpo material. Não mais os consideramos como vivos, porque, na linguagem comum, vivos só são os que ainda se conservam associados ao corpo material. É nesse sentido que chamamos mortos a tais personalidades.

Não devemos temer a palavra, nem hesitar no seu emprêgo, quando os que nos ouvem a tomam neste sentido limitado. Se as ideias associadas à palavra «morte» fossem sempre judiciosas e sãs, razão nenhuma teríamos para falar da morte compungitivamente. Mas o povo e os sacerdotes usaram-na sempre tão mal, associando-a apenas aos fenómenos físicos do corpo abandonado pela personalidade, que se admitiu, durante algum tempo, a sua substituição por outras expressões menos ambíguas, como «transição» ou «passamento». A mudança ainda vale, hoje, como protesto contra o costume de nos atermos a vermes, túmulos e epitáfios, ou à ideia duma geral ressurreição com o retorno à vida de todos os corpos enterrados. Contràriamente a essas superstições, surge a afirmação de que *a morte não existe*.

Claro que, familiarmente falando, a morte existe e nada adiantaria negar um facto. Mas ninguém pretende negar factos. Os que afirmam não haver morte, querem desviar o pensamento de um aspecto em que muito se tem insistido, levando-o para o lado da personalidade. O que a expressão *não há morte* significa, é que não há extinção. O *processus* da morte não passa de mera separação entre a alma e o corpo — e, com isso, a alma libe-

rada do corpo mais ganha do que perde. Só o corpo morre e se desagrega; mas nem para ele há extinção: há mudança. Já para a personalidade, dificilmente admitiremos mudança — excepto no tocante ao meio ambiente. É muito improvável que o carácter e a personalidade estejam sujeitos a súbitas revoluções ou mutações. Potencialmente poderão diferir, em virtude da diferença das oportunidades; mas, no momento actual, conservam-se os mesmos. Tal como uma curva: muda a curvatura, mas sem descontinuidade.

Morte, não é palavra de temer, como não é de temer a palavra nascimento. Nós mudamos de estado ao nascer, penetrando num mundo de ar e sensações e de inúmeras existências. Na morte, também mudamos de estado, penetrando num mundo, talvez de éter, onde teremos a sensação de muito mais numerosas existências. Penetramos numa zona, onde a comunhão entre os seres deve recordar aquilo a que chamamos telepatia e onde o intercurso dos seres não é semelhante ao nosso, zona em que a beleza e o conhecimento são mais intensamente vividos do que aqui, região em que o progresso é possível e em que há mais «admiração», esperança e amor, do que aqui. E, neste sentido, podemos dizer como Tennyson: «Os mortos não estão mortos, mas bem mais vivos».

A vida é contínua e as condições de existência em conjunto permanecem as mesmas de antes. As circunstâncias mudam para o indivíduo que o merece, mas só no sentido de o tornar acessível a um diferente grupo de factos. A mudança do meio ambiente é subjectiva. Esses factos diferentes sempre existiram, como as estrêlas que estão no céu, em pleno dia, apesar de fora da nossa percepção. Com a «passagem», esses novos factos entram no nosso conhecimento — e os factos velhos perdem-se em nossa memória.

O universo é uno, não duplo. Literalmente, não existe o «outro mundo». A não ser no sentido restrito em que damos o nome de mundo a outros planetas, não existe outro mundo. O Universo é uma unidade. Nele existimos continuamente, por toda a eternidade; às vezes, conscientes de um certo modo; outras vezes, conscientes de outro modo. Durante algum tempo, conscientes de um grupo de factos; depois, conscientes doutro grupo de factos — os factos do «outro lado». Mas essa divisão em «lados» é meramente subjectiva. Permaneceremos a mesma família, enquanto os liames da afeição persistirem.

O PROBLEMA DA EXISTÊNCIA

Muita gente acha difícil crer na realidade da existência contínua. Também é difícil crer ou compreender a existência do que chamamos «o outro mundo». Mas, se reflectirmos sobre o caso, havemos de concordar que é igualmente difícil crer na existência deste nosso mundo — ou que é difícil crer na existência em geral. O problema da existência foi sempre perplexionante. De nenhum modo pode ser estabelecido *a priori*. Tudo é questão de experiência, isto é, de evidência. Pela experiência, sabemos que tais e tais coisas, realmente existem; mas não podemos saber como surgiram, para que existem e que virão a ser. Não sei de razões para admitir que só as coisas que nos são familiares tenham existência — salvo declarando que não temos experiência de outras. E aqui está a questão em debate: temos nós provas evidentes, directas ou indirectas, de qualquer outra forma de existência, além da nossa? Se a temos, será fútil sugerir a dificuldade de crer na realidade de tal existência. Só os factos nos devem guiar.

No actual estágio da história da humanidade, poucos factos científicos estão mais bem firmados e são mais largamente aceites do que os princípios da astronomia: o conhecimento das grandezas e das distâncias dos campos celestes e o número de sistemas solares disseminados pelo espaço. Não obstante, quando bem apreendidos, esses factos revelam-se-nos incríveis.

O sol, um milhão de vezes maior do que a terra; Arturus, cem vezes maior que o sol — e tão distante, que a luz, apesar da sua espantosa velocidade, leva dois séculos para chegar até nós. Factos como este são de nível elementar, — mas excedem a nossa capacidade imaginativa.

O facto da terra ser um ponto invisível para quem a tente ver de uma estrêla, bem como o facto da terra ser apenas um ponto na multidão inumerável dos mundos, devem fazer-nos compreender a profunda vacuidade de um conceito de existência baseado familiarmente com o ambiente que nos rodeia — a rua, o carro «eléctrico», o escritório — e abrir-nos os olhos, quanto às proporções entre a nossa experiência de todos os dias e a grande realidade. A própria guerra, essa, para nós, tremenda luta em que se empenhou o mundo,

Que é senão briguinha de formigas à luz de milhões e milhões de sóis?

Não obstante, o infinito valor e a vital significação de cada alma humana têm que ser levados em conta. E isto é outro facto de muita importância, pois que, em vez de restringir as potencialidades da existência, aumenta-as ainda mais. A multiplicidade, a magnificência, o proteiforme da existência material não esmaga a alma humana. Pelo contrário, ilumina e amplia o palco em que o drama humano se representa e deve tornar-nos aptos a compreender quão maiores poderão ser as nossas possibilidades, no infinito curso do desenvolvimento.

A circunstância de ainda nada sabermos sobre estas possibilidades, nada significa. Se não sobreviesse a noite, ignoraríamos a existência das estrêlas. Só depois de findos os trabalhos do dia e de haver desaparecido o sol, é que a grandeza do mundo estelar nos chama a atenção. E, mesmo à noite, basta um leve

nevoeiro, para que não tenhamos sensação de qualquer outro mundo, além do nosso. Fosse esse nevoeiro permanente e quão mesquinho não seria o nosso conceito do Universo! A não ser que, insensatamente, imaginemos que as nossas circunstâncias já nos permitiram conhecer a totalidade da existência, atrevo-me a dizer que «miseràvelmente mesquinha e limitada» deve ser a verdadeira descrição do nosso conceito do Universo — ainda que esse conceito venha daqueles que, sem hesitação alguma, avançam até onde os factos o permitem.

Porque, na verdade, a experiência humana é verdadeiramente deminuta. Só podemos ter consciência de um instante do tempo. O clarão fugaz do que chamamos presente é tudo quanto, de modo directo, podemos aprender do mundo exterior. O presente: instantâneo fotográfico. Mas a realidade da nossa existência vai muito mais longe. Só e isolado, o presente não teria sentido para nós; e olhamos para trás e para a frente, para o antes e para o depois. A nossa memória está cheia do passado; a nossa imaginação projecta-se no futuro; vivemos entre o passado e o «futuro». O mesmo se dá com os animais de desenvolvimento mais adiantado: também eles ordenam a sua vida com base na memória e na antecipação. É com base na antecipação, que o animal executa os seus actos conscientes mais triviais. Comemos, repousamos, trabalhamos, — tudo com os olhos no futuro imediato. A experiência do passado e a expectação do futuro é que norteiam, controlam e determinam o momento presente. Sem nenhuma ideia do futuro, a nossa existência seria apenas mecânica e sem qualquer significação.

Nada mais natural, pois, que a humanidade, erguendo-se acima da simples animalidade, procure responder às questões concernentes à sua origem e destino e olhe com vivo interesse todos os termos do problema do «onde» e do «para onde».

O LIVRO

De OLAVO BILAC

Ei-lo! Facho de amor que, redivivo, assoma
Desde a taba feroz em folhas de granito,
Da India misteriosa e dos louros do Egipto
Ao fausto senhoril de Cartago e de Roma!

Vaso revelador retendo o excelso aroma
Do pensamento a erguer-se esplêndido e bendito,
O Livro é o coração do tempo no Infinito,
Em que a ideia imortal se renova e retoma.

Companheiro fiel da virtude e da História,
Guia das gerações na vida transitória,
É o nume apostolar que governa o destino;

Com Hermes e Moisés, com Zoroastro e Buda,
Pensa, corrige, ensina, experimenta, estuda,
E brilha com Jesus no Evangelho Divino.

(Recebido pelo médium Francisco Cândido Xavier)

Pode acontecer. como tantas vezes acontece, que ultrapassemos a justa medida e, movidos por um interesse exagerado pelo futuro, percamos o benefício do treino da vida presente. Mas, embora nos decidamos a viver de modo completo no presente, cumprindo todos os nossos deveres, ainda assim, e para que honremos a inteligência humana, devemos manter-nos conscientes de que há um futuro — um futuro de algum modo determinado pelo presente; e nada mais razoável que procuremos investigar, como pudermos, que futuro é esse.

A investigação da sobrevivência ou da experiência que, certamente, teremos de iniciar de um instante para outro, constitui, pois, actividade eminentemente sadia e susceptível de consequências vitais. Esse estudo pode influenciar todas as nossas acções e dar uma vívida significação, tanto à história humana, como à nossa experiência individual.

Se a morte não é fim, então a actividade mental deve continuar do outro lado, em interacção com outras actividades mentais. Temos, na terra, o facto da telepatia, para provar que os órgãos corporais não são absolutamente essenciais à comunicação de ideias. A mente actua de modo directo sobre a mente e estimula-a a reagir por outros meios, que não os materiais. O pensamento não pertence à região material, apesar de exercer influência sobre essa região, em virtude de um mecanismo subministrado pela vitalidade. O modo por que tal coisa se realiza, ainda nos é, em essência, ignorado; e o facto de que essa interacção seja possível, parecer-nos-ia profundamente estranho, se a ele não estivéssemos tão habituados. Ora, é razoável admitir que a mente deve estar mais à vontade e mostrar-se mais exuberantemente activa, quanto menos necessitar dessa interacção entre o físico e o psíquico — ou entre o mental e o material, isto é, quando a influência restritora dos nervos e do cérebro estiver afastada e as limitações espaciais do corpo já não existirem.

Mas só a experiência deve ser o nosso guia.

Do livro «Raymond ou a Vida e a Morte», à venda nesta redacção).

POR QUE SOFREMOS?

POR CIRILO ALLEIXO

A pergunta: Porque sofremos?, é susceptível de provocar as mais variadas opiniões, segundo a crença, ou o modo de ver de cada um.

Assim, o descrente, não admitindo a existência das forças divinas e incapaz de formar a mais pequena ideia sobre a origem do mesmo, encolhe os ombros, esforçando-se, o mais possível, por furtar-se ao seu império, por considerá-lo inútil e sem, portanto, qualquer vantagem para a humanidade.

O crente, porém, imbuido de ideias erróneas, aquele que vive sob a égide de um Deus antropomórfico, partidário da beatitude celeste e dos tormentos do inferno, encara o sofrimento de maneira diferente, mas impossibilitado de apreender sua verdadeira origem e finalidade, limita-se a aceitá-lo como condição imposta pelo criador às criaturas.

Entre estes dois extremos se alinham as mais variadas conjecturas, sem, contudo, qualquer delas satisfazer plenamente a razão, até que as novas revelações divinas, desfazendo as trevas da ignorância, nos vieram dar explicação cabal de tão magno problema.

A luz projectada sobre ele é tão poderosa, que a sua solução se nos apresenta de uma simplicidade surpreendente, satisfazendo plenamente a razão e harmonizando-se com a bondade e justiça divina.

O ponto mais difícil da questão era, sem dúvida, este último, dada a impossibilidade de conciliar a ideia de um Deus todo amor e perdão, com a miséria que nos cerca.

Mas o Consolador, prometido outrora pelo mestre Jesus, vindo desfazer dúvidas e resolver os mais variados problemas, não podia deixar confuso aquele ponto e com a clareza que lhe é peculiar, arrumou o assunto a contento da razão e do sentimento.

Assim desfeita a incompatibilidade aparente entre o sofrimento e a existência de Deus, a fé dos crentes se avigora e a descrença, baseada em tal incompatibilidade, se dissipa, com manifesto benefício para a concepção da divindade, que a nossos olhos se agiganta.

Se, portanto, o sofrimento não inibe a existência de um foco todo amor, devemos convir que a sua origem não pode ser divina.

E não nos venham dizer que sendo o homem um produto divino, *ipso-facto,* o sofrimento também o é, porque nosso raciocínio deve ir além das vãs aparências e penetrar a essência das coisas, para descobrir o porquê das incógnitas.

É inegável que Deus é inesgotável fonte de bondade, misericórdia e perdão e, portanto, incapaz de nos condenar arbitràriamente ao sofrimento; por isso, temos de procurar noutra parte a sua origem, o que não será difícil, se analisarmos convenientemente a questão.

Não nos venham objectar também, que, embora a dor não seja de origem extra-humana, Deus nos deveria libertar dela, não permitindo que ela nos transformasse às vezes em míseros farrapos.

De facto, perante certos quadros de dor, horrivelmente desolados e sombrios, se à mente aflora a ideia de um Criador magnânimo, o primeiro impulso da maioria dos mortais é, senão de revolta, pelo menos de estranheza, não achando explicação para o caso, que se lhe afigura inconcebível.

Verificado o facto, não devemos todavia limitar-nos a essa perplexidade, mas partirmos do princípio de que, se alguma coisa está errada, não pode deixar de ser o nosso ponto de vista.

Devemos concluir, portanto, que existe qualquer razão para isso, embora não nos apercebamos do *modus faciendi* da questão.

Ora, se o sofrimento é produto humano, há motivos de sobra para esclarecermos tão magno assunto, a fim de, conhecendo-lhe a causa, nos subtrairmos aos seus efeitos, pois não se vá julgar que é arbitrário, operando em todas as circunstâncias por mero acaso.

Não é, pois, casualmente que se sofre e, em cada dor, há uma lição a colher, que teremos de repetir, se não for devidamente aprendida. Longe de nos prejudicar, o sofrimento redunda em nosso próprio benefício, devendo ser encarado, não como indesejável, mas como colaborador fiel, sem o qual não poderemos atingir a vida superior.

Há uma lição a colher, dissemos, e, na verdade, assim é. Se Deus quer o nosso bem e se sofremos, é porque existe algo errado de que somos responsáveis e que é necessário corrigir para nosso proveito.

Em geral, o homem despreza tais lições , pelo que a dor se vai renovando sempre, até ser suficientemente compreendida, e de nós depende abreviá-la ou prolongá-la.

Chegados a este ponto, é fácil compreender que não devemos agir ao acaso, mas obedecendo a determinadas normas, entrevistas em nossas dolorosas experiências.

Chegamos assim à conclusão de que existe um código invisível por onde nos devemos regular e, como admitimos a existência de uma fonte infinitamente amorosa, esse código só visará o nosso bem-estar, tendo por fim encaminhar-nos para a ventura legítima.

Portanto, se existem normas extra-humanas destinadas a encaminhar-nos para o bem, é porque há perigos ao longo do caminho, sinalizados pelo sofrimento, que não passa então de colaborador da ascensão individual, sempre pronto a fazer-nos sentir os perigos de nossos desvios.

A dor apresenta-se assim, não como um castigo ou maldição, mas como correctivo de nossas experiências erradas e que é necessário ter em conta, para, com a repetição dos mesmos erros, não voltarmos a receber-lhe o aviso.

Uma queimadura, um choque eléctrico, etc., não são punições mas advertências, cuja finalidade é protegerem a integridade física.

Assim, todos os sofrimentos, cooperando sàbiamente em nossa regeneração, nos obrigam a arrepiar caminho em zonas proibidas, por onde nossa alma só encontraria o caos e a desolação.

Não fora esse aviso salutar, que é a dor, e jamais atingiríamos a meta.

Se o padecimento é advertência amiga, devemos procurar a causa que o provocou, porque, como vimos, o seu fim não é martirizar-nos, mas chamar-nos a atenção para alguma coisa errada e de que somos únicos responsáveis, pois ninguém sofre injustamente, embora muitas vezes o pareça.

Tirar todo o proveito da dor é, portanto, iniciativa que devemos tomar, em nosso próprio interesse.

Sucede, entretanto, sofrermos sem

geralmente nos apercebermos das respectivas causas, situadas, muitas vezes, em pretéritos velados à nossa actual condição de encarnados, mas não importa, porque, uma vez conhecedores da legislação divina, saberemos que alguns preceitos foram infringidos, competindo-nos vigilância aturada, a fim de evitar a queda em novas transgressões, que, pelo facto de não serem imediatas, não deixam, todavia, de estar certas.

É justamente por a reacção não ser imediata, que se nos afigura ficarem impunes as faltas dos transviados, ao mesmo tempo que toda a sorte de reveses parece ser o prémio das pessoas honestas.

Analisando o facto superficialmente e sem preparação antecipada, assim parece, uma vez que, vendo associados certos efeitos a determinadas causas, os tomamos como corolários destas, sem nos apercebermos de que não existe qualquer relação entre si, pois se trata de duas coisas perfeitamente distintas.

Se um agricultor fizer boa sementeira e em seguida colher os frutos das más sementes lançadas anteriormente noutro ponto, acharemos lógico e de igual forma devemos proceder, quanto às apreciações em curso, sabendo que muitas vicissitudes são as colheitas de semeaduras transactas, que nada têm que ver com as novas actuações.

Isso nos mostra, afinal, que estamos em bom caminho, por termos aprendido a utilizar sementes seleccionadas, embora sejamos compelidos a sofrer as consequências das acções passadas.

É altura, agora, de falar sobre o conteúdo do Código Divino, por onde devemos pautar as existências, a fim de nos furtarmos tanto quanto possível ao sofrimento.

Sem dúvida que tal Código não se faria sentir naqueles que conhecessem as leis cósmicas e as cumprissem; mas tal condição não existe, visto que, partindo todos os seres da ignorância e tendo de aprender à sua custa durante milénios e através dos vários reinos da natureza, o conteúdo integral dessa legislação só poderá ser conhecido gradativamente e mercê de inúmeras tentativas, expressas em toda a sorte de experiências.

De certo não se vai exigir que um académico tire um curso de uma só vez e o conceito «Na natureza nada se faz aos saltos» aplica-se, como não podia deixar de ser, ao tema presente. Se não podemos abarcar *ex-abrupto* a extensão das leis divinas, saibamos aprendê-las, aproveitando as oportunidades do aprendizado, a fim de nos irmos libertando do sofrimento.

O código a que nos referimos foi revelado à humanidade por esse elevado espírito e nosso bem-amado mestre Nazareno: Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos; fazer aos nossos semelhantes o que quereríamos nos fizessem; ser humilde, caritativo, justo e compassivo para com todos os seres; perdoar aos inimigos, pagando-lhe com o bem o mal que nos fizerem, e tantas outras regras morais, legadas por esse espírito de luz, são as normas a seguir, voluntàriamente ou sob o aguilhão da dor, pois não querendo Deus que se perca um só de seus filhos, forçoso é reconhecer termos de cumprir de qualquer modo o superiormente estipulado.

Se a responsabilidade das infracções é directamente proporcional aos conhecimentos adquiridos, as faltas vão ganhando em gravidade, à medida que os seres sobem na respectiva escala evolutiva.

Em geral, limitamo-nos a admirar os sublimes conceitos legados por Jesus e, embora reconhecendo-lhes a superior essência, não os aplicamos na vida quotidiana, esquecendo-nos de que não viemos ao mundo para satisfazer apetites, mas sim deveres.

Irmãos sofredores: Ergamos o pensamento ao Incriado e agradeçamos a dor que nos acabrunha, como caridosa mão estendida aos nossos erros. O perdão está em nossa emenda, já que somos artífices do destino que nos aguarda em futuro incerto.

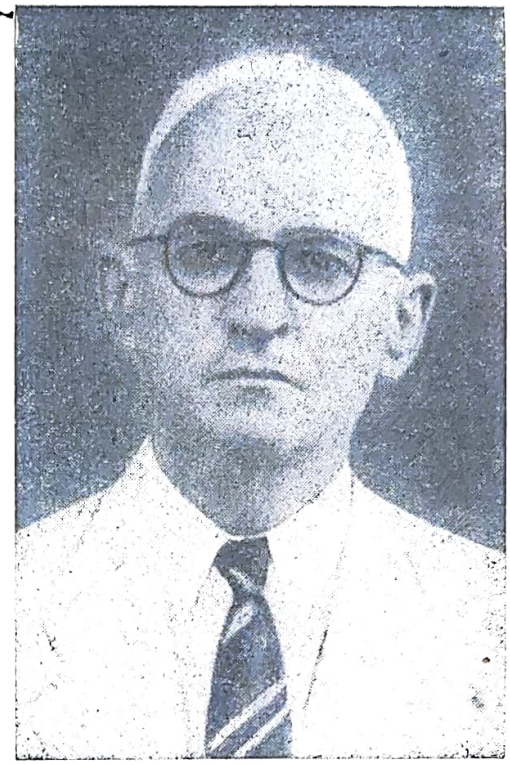
Não nos esqueçamos também dos protectores que nos assistem, pedindo-lhes amparo que vença as tentações malsãs que ofuscam a verdadeira noção do dever, e despedacem os liames que nos prendem à animalidade.

AMÉRICO LOPES VIEIRA

Eis uma figura austera do Espiritismo luso-brasileiro que há dezenas de anos luta abnegadamente.

Tivemos ensejo de conhecê-lo e apreciá-lo, como homem de convicções, como elemento de cooperação ideal.

Em estreita ligação com Henrique Magalhães, dará a Estudos Psíquicos *o seu melhor esforço, no Rio de Janeiro, onde substituiu José Carlos de Chelmicki Afflalo, desencarnado em 1955, enquanto viajávamos pelo norte do Brasil.*



Américo Lopes Vieira

Américo Lopes Vieira é tesoureiro da Fundação Marieta Gaio e recolherá os fundos desta revista e de Medicina Natural. *É uma gentileza apreciável, que cala fundo em nosso coração. Assim, ficaremos tranquilos, quanto à sequência do trabalho e aos meios de garantir a circulação de um órgão que faz parte do sector doutrinário nas plagas de Santa Cruz. Além de patrício e amigo sincero, Lopes Vieira pertence às fileiras da velha guarda, dos tempos em que pregar espiritismo era arrojado, quase temerário.*

Que estas palavras sirvam de estímulo ao homem e ao lutador, são os votos de Estudos Psíquicos.

"Roma e o Evangelho"

por ALFREDO MIGUEL
(Correspondente na Bahia)

I

Nunca um grupo de adversários do Espiritismo se mostrou tão leal e cordato como aquele que se formou na Espanha com o propósito de realizar sessões para desmascarar os embustes dos médiuns... Quase todos eram sacerdotes católicos empenhados em combater a heresia, e a nova doutrina deveria ser dentre todas a mais perigosa. Fugiram à regra comum de condenar *in limine* o Espiritismo; fá-lo-iam com mais vigor e autoridade depois de se certificarem directamente do que nele havia de mau...

No ano de 1873 o povo espanhol ainda se recordava do rumoroso auto de fé mandado executar 12 anos atrás pelo bispo de Barcelona. cerca de trezentos exemplares de livros e jornais espiritas, remetidos por Allan Kardec ao livreiro Lachatre, foram reduzidos a cinza.

Mas a queima dos livros ordenada por aquele prelado tivera resultado contraproducente: servira para aguçar a curiosidade popular em torno do Espiritismo. A propaganda deste ganhou enorme incremento, graças à repercussão que teve o acto abusivo da autoridade eclesiástica.

Diante disto era preciso de qualquer modo barrar a marcha do Espiritismo; então uma ideia brotou da mente daqueles homens: efectuar sessões e colher eles próprios as provas de que o Espiritismo peca pela base, tão depressa verificassem que as comunicações atribuídas às pessoas falecidas não passavam de artes diabólicas...

Atiraram-se à faina em Maio daquele ano. Eis, porém, que não tardaram a perceber que eram inteiramente enganosas as suas suposições.

A primeira comunicação obtida por meio da escrita mecânica e subscrita por Lúculo, dizia assim: «Rompei com os vossos escrúpulos e com as considerações humanas, para dedicar-vos à defesa das verdades que vos são ensinadas».

Mais tarde veio a segunda mensagem sob a mesma rubrica, vazadas nestes termos:

«Queridos irmãos, cerrai vossos peitos aos conselhos do egoísmo e abri-os ao amor dos homens, vossos irmãos em espírito e verdade. Não temais».

Leram e releram essa nova mensagem. Nas suas breves palavras estava a síntese dos deveres do homem para com a humanidade — era a palavra de Jesus.

O diabo, se existisse, jámais falaria como o Cristo, nem seria propagandista da moral evangélica.

As sessões prosseguiram. E no espaço de alguns meses, ascendendo a dezenas as mensagens dos mais elevados Espíritos, o grupo de personalidades católicas do já «Círculo Cristiano Espiritista de Lérida» tinha o desassombro de escrever no introito do livro *Roma e o Evangelho,* dado a lume no ano subsequente, o que passamos a transcrever, de referência ao Espiritismo:

«Em vez de teorias ilógicas, afirmações ridículas, crenças supersticiosas e absurdas e uma moral suspeita, deparou-se-nos uma filosofia robusta e acessível à razão, sancionada pelos factos e sòlidamente firmada nos ensinamentos de Jesus-Cristo».

II

Coube ao Dr. Adolfo Bezerra de Menezes (*Max*) a iniciativa de verter, em 1899, para o nosso idioma, o livro que um dos componentes do *Círculo Cristiano Espiritista de Lérida,* Don José Amigó y Pellicer, organizou, resumindo os estudos filosófico-religiosos e teórico-práticos, resultantes das reuniões ali efectuadas.

«*Roma e o Evangelho* — escreve o tradutor — fala à razão e ao coração, de um modo tão sentido e tão vibrante, que só um obcecado pelo espírito de sistema ou pelo fanatismo poderá recusar a luz e a verdade que palpitam em cada uma daquelas sublimes páginas». Realmente, a pureza da moral evangélica que ressuma dos 37 capítulos da obra e das 35 comunicações espiritas que ela reune constitui uma solene réplica aos malsinadores do Espiritismo. Deveriam esses que o combatem proceder, isentos de paixão sectária, como aquela falange de sacerdotes católicos que se dignaram de examinar o Espiritismo antes de qualquer pronunciamento apriorístico. Assim como, depois, honestamente, proclamaram a sua divina origem, poderiam votá-lo ao desprezo e alertar o povo contra a sua influência danosa, caso se certificassem de que era uma ideologia sem base no Evangelho e susceptível de subverter a consciência cristã.

Livro de subido valor doutrinário, *Roma e o Evangelho* dá ainda a conhecer ao leitor o valioso testemunho do Abade Almignana, favorável ao Espiritismo, testemunho que é corroborado pelo sábio naturalista Alfred Russell Wallace e pelo escritor Vitorien Sardou, que foi membro da Academia Francesa. Finalmente, a obra é rematada com o histórico discurso do intrépido Bispo Strossmayer, pronunciado no concílio de Trento em 1870 em protesto à decretação do dogma da infalibilidade papal.

Mas, num país de tradições católicas como a Espanha, era muito arrojo de um grupo de clérigos em 1873 organizar um núcleo de trabalhos espiritas, e ainda ter o topete de divulgar o resultado desses trabalhos através de livro tão extraordinário, o qual custou sérios dissabores àqueles extremos paladinos da verdade.

Decorridos meses, o Ministro da Instrução Pública de Espanha suspendia de seus empregos de director e segundo professor na Escola Normal de Lérida, «*por causa de suas opiniões filosófico-religiosas*», a Don Domingo de Miguel, presidente do «Círculo Cristiano Espiritista», e Don José Amigó y Pellicer, autor de *Roma e o Evangelho,* bem conhecido no mundo latino.

Ainda hoje detratam dos espiritas e movem-lhes perseguições aqueles que não empunham as armas da Verdade para enfrentá-los no terreno das ideias.

Crónica Mundial

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

APARIÇÕES ESTRANHAS

A Inglaterra é o país dos fantasmas. Reais ou plebeus, têm originado as mais incríveis histórias, que deram a volta ao mundo, não sabemos quantas vezes. Conhecemos até alguns livros onde as narrações enfileiram, compactas, decisivas, edificantes.

O que vamos contar é talvez semelhante a outras coisas que ouvimos na infância e que perduram na memória, apesar da renovação celular. Veio no *Psychic News*, semanário londrino bem conhecido e que *Spiritualisme Moderne*, de Liège, transcreveu na íntegra.

Trata-se de fantasmas que param no cemitério, abrem as portas e entram. Uma noite, certo automobilista viajava sòzinho na estrada de Bray em veículo de ocasião que havia comprado na véspera, Ia alegre, pensando no bom negócio que realizara. Rodava suavemente, todo satisfeito... Súbito, olhou para o retrovisor e teve a impressão nítida de que alguém ia sentado atrás dele. Voltou a olhar e ficou convencido de que se tratara de efeito óptico devido ao luar. Nesse momento aproximava-se do cemitério de Glanevin. O carro parou inesperadamente e os faróis apagaram-se...

Intrigado, saíu e levantou a capota. Enquanto examinava o motor abriu-se a porta trazeira e saíu uma senhora vestida de negro... Para seu espanto, passou por ele silenciosamente, abriu a porta do cemitério... e desapareceu. Quando ele voltou ao carro, viu sair outra senhora que, a exemplo da primeira, passou por ele silenciosamente e levou o mesmo destino.

Nunca conseguiu saber como chegou à garagem, andando e correndo durante a noite. O garagista veio com ele, mas não quis recolher o carro.

Coisa estranha: o motor e os faróis puseram-se a funcionar sem que ninguém lhes tocasse e como se nada tivesse acontecido.

O *Evening Herald*, de Dublin, Irlanda do Sul, narra o caso, informando que lhe foi transmitido por um dos seus leitores habituais.

Mais tarde, o garagista soube a história do automóvel. Fora objecto de acidente, durante o qual haviam morrido as duas mulheres. Que quereriam elas? Porque não as interrogaram corajosamente, a fim de levantar, embora parcialmente, o véu que encobre esta estranha manifestação?...

A Inglaterra é o país dos fantasmas, não porque nele haja médiuns melhores do que noutras regiões. É porque há mais ambiente para fenómenos psíquicos. Vemos todos os dias casos deste género nas colunas dos grandes quotidianos ingleses. Os jornalistas acolhem-nos sem relutância, ao contrário dos seus colegas portugueses, que, mesmo sem conhecimento de causa, os combatem, numa atitude que contrasta com a extrema credulidade de que eles próprios são amostra, principalmente, quando se trata de *milagres* e coisas semelhantes. Ignorância? Má vontade? Pretensão? Seja como for, é tempo de arrumar o preconceito. O mundo não se confina num museu poeirento. Quer luz e ar. E já é tempo de abrir as janelas, que o Sol vai no zénite e seus raios espancam as múmias viscosas voltadas para trás.

O ELEFANTE DE PIOLIM

Unificação, de S. Paulo, publicou o seguinte em sua edição de Dezembro-Janeiro:

«O jornal *Última Hora*, de 22 de Dezembro, inseriu interessante reportagem sobre o sr. Abelardo Pinto, que o Brasil inteiro conhece com o apelido *de Piolim*, esse grande artista que, há 45 anos, vem divertindo as plateias circenses.

Eis um caso que ele contou ao noticiarista:

«Foi na cidade mineira de Alfenas, logo nos primeiros anos da sua carreira, que assistiu a um facto para o qual ainda não encontrou explicação, pelo que há em si de humano, comovente e estranho. Naquela época adquirira variada colecção de animais selvagens, leões, tigres, elefantes, que causavam, como ainda hoje, grande curiosidade popular. Justamente um desses animais lhe deu motivo a um espectáculo inédito: o elefante. Esse animal, que consumia diàriamente um caminhão de cana, numa das representações estava-se alimentando, quando dele se aproximou uma criança. O garoto buscava por todos os meios um pedaço de cana, sem o conseguir, ante os olhares estarrecidos da multidão. Todos ficaram petrificados. Ninguém ousava aproximar-se, aguardando de um momento para o outro que a criança sucumbisse esmagada sob as patas do brutamontes.

«Foi nesse instante que aconteceu o imprevisto: o elefante apanhou a criança e colocou-a dentro do balde onde estavam os rolos de cana. E ficou olhando, como que a dizer:

«— Pode servir-se... a comida chega para dois!...

«Daquele momento em diante, o elefante passou a ser distinguido diàriamente com mais um caminhão de cana, que lhe era enviado pela Prefeitura local. É que a criança que o animal tratara tão gentilmente... era um filho do prefeito»!

Unificação continua a transcrever o artigo de *Última Hora*, no qual o jornalista apresenta alguns casos semelhantes extraídos de obras de Ernesto Bozzano, Maeterlinck, Carlos Imbassahy, Eusébio Salverte e Flammarion e aconselha o sr. *Piolim* a estudar o Espiritismo para «desfazer dúvidas que o atormentam».

Pelos vistos, este sr. não compreende muitas coisas que não vêm nos compêndios escolares, por razões fàcilmente compreensíveis. Se nos limitássemos a tais fontes, estávamos servidos! Venham ou não venham lá estas coisas, o caso é que o elefante deu uma sábia lição de generosidade a muitos... desumanos. E deu-a, porque tinha alma e sabia raciocinar. O seu acto é perfeita síntese do Grande Mandamento.

EXPERIÊNCIAS DE IDENTIFICAÇÃO ESPIRITA

O Congresso Parapsicológico de Cambridge (1955), como já referimos, aconselhou os investigadores à obtenção de novas provas nas experiências supranormais.

A Confraternização Espirita Ar-

gentina, através do seu órgão *La Idea*, apresenta às instituições filiadas o seguinte plano de trabalhos, que arquivamos em nossas colunas:

Identificação Espirita. Em que consiste—*Trata-se de identificar o melhor possível as entidades comunicantes. Às vezes os médiuns são tomados por entidades susceptíveis de fornecer dados pessoais verificáveis, podendo-se obter assim uma bela prova de identificação espirita.*

Dados a solicitar — *1) Nome e apelido que haja tido a entidade; 2) Referências o mais possível concretas sobre o lugar em que tenha vivido; 3) Data de nascimento e lugar do mesmo, dia, mês e ano; 4) Referências sobre parentes ou amigos vivos ou mortos, com dados de lugar e tempo, o mais concretos possível; 5) Lugar e data do falecimento e respectiva causa; 6) Se é ou foi parente ou amigo de algum assistente à sessão; 7) Se foi parente, amigo ou conhecido do médium por quem se comunica; 8) Qualquer outra informação concreta de interesse.*

Inconvenientes possíveis — *Geralmente, as entidades não fornecem dados concretos sobre a sua personalidade. Respondem com evasivas desta espécie:*

— Não me permitem dizer mais.

— Conformem-se com o que lhes disse.

— Noutra oportunidade d i r e i mais.

— Não estais preparados para isto.

— O ambiente não é adequado.

Às vezes, as desculpas podem ser justificadas, mas na maior parte, não. Trata-se muitas vezes do subconsciente do médium. Observe-se tudo e estude-se cada caso em particular...

Alguns conselhos — *É bom não realizar sessões deste género ao mesmo tempo que outras, tais como, reuniões gerais, sessões de desenvolvimento, etc. Convém fazer sessões especiais para estas experiências.*

Não desanimar ante os primeiros fracassos. Insistir até obter resultados, embora mínimos. Por este caminho se chegará às identificações desejadas.

Depois, investigar para saber a verdade.

Normas a observar — *Levar um registo de assinaturas dos assistentes e mencionar o dia e hora da sessão.*

Importância destas investigações — *Apoiamos as observações da Conferência de Cambridge, para não termos que nos referir sempre a casos clássicos e ocorridos há mais de 50 anos.*

As novas experiências despertarão o interesse dos homens de ciência e abrir-se-á caminho mais amplo para as inquietações espirituais de muita gente e a ciência poderá descobrir e confirmar a natureza espiritual do homem. Eis, por que às instituições espiritualistas cabe esta faina de pioneiros das novas verdades.

A ciência precisa de factos e nós podemos oferecer-lhos a mancheias. Se é certo que possuímos elementos fundamentais para demonstrar a realidade de uma vida espiritual e da sobrevivência do espírito, ofereçamos montanhas de factos e de fenómenos probatórios daquilo em que acreditamos e que afirmamos. Para crer, a mente contemporânea necessita de boa argumentação. Mas ainda necessita mais de factos e de comprovações.

Transcrevendo estas linhas, damos o nosso apoio à Confederação Espirita Argentina, que procura orientar os seus filiados de harmonia com a recomendação do Congresso Parapsicológico de Cambridge. Todos os investigadores devem adoptar métodos racionais, rodeando-se das maiores precauções no decorrer de seus trabalhos. Os espiritas, mais do que outros quaisquer, têm obrigação de controlar os médiuns no sentido de obter o fenómeno genuíno. Temo-lo dito sempre. Está nisso a própria dignidade humana. Quando há convicção, quando se está certo de uma verdade, é proclamá-la com argumentos lógicos, neste caso, com factos. E os factos espiritas são decisivos para muitos estudiosos, que procuram identificar-se lealmente, como demonstra a imensa bibliografia relativa ao assunto.

«ENCONTRE O MEU CORPO»...

Fate Magazine de Fevereiro de 1955 publica um artigo de Maud Johnson relativo à tempestade que em 6 de Fevereiro de 1942 se desencadeou em S. Francisco, provocando aluimento de terras ao lado do Monte Davidson e destruindo cinco casas.

De uma vivenda soterrada retiraram um homem idoso que viveu o suficiente para informar que sua irmã estava na cozinha na altura do desastre, embora o corpo da pobre mulher não fosse encontrado pelos trabalhadores que haviam escavado nas ruínas.

Três dias depois a senhora Maud Johnson ouviu pela rádio que ainda continuavam à procura do cadáver. Em seguida desceu à cave, cujas janelas davam para um muro branco lateral e, de repente, quando olhou para a janela, não viu o muro, mas o lugar da catástrofe, apesar de não ter presenciado o acontecimento. A seguir viu a seu lado o espírito de uma senhora idosa, de aparência absolutamente real. Até pôde notar o desenho do vestido caseiro. A entidade dirigiu-se à articulista com olhar suplicante:

— Importava-se de ir ao local a dizer onde está o meu corpo?

E apontou para um canto, no sítio onde fora uma estrada, a considerável distância da casa destruída.

Deixemos falar Maud Johnson:

«Respondi-lhe que iria na manhã seguinte, caso encontrasse alguém que lá me conduzisse. Dito isto, o espírito desapareceu.

«No outro dia apareceu novamente, para me informar que uma vizinha do lado se dirigia para lá e que, se me apressasse, poderia acompanhá-la.

«Assim foi. Quando chegámos ao local, notámos que a estrada estava bloqueada. Removiam a lama em torno da vivenda da senhora desaparecida. Um agente da polícia mandou-me parar, dizendo-me que não podia ir mais além, a não ser que eu vivesse numa dessas casas. Expliquei-lhe então a minha missão e fiquei agradàvelmente surpreendida ao ver que a palavra *clarividência* não lhe era estranha. E convidou-me a subir ao monte, pedindo-me que lhe dissesse se tinha descoberto o local.

«Encontrava-me agora voltada para a estrada e via à minha esquerda as ruínas da vivenda soterrada. Parecia o quadro que o espírito me mostrara, à excepção de dois pequenos pórticos que na ocasião me haviam passado despercebidos. Fiquei indecisa. Então a senhora idosa apareceu outra vez, apontou para duas barracas e aconselhou:

— Diga-lhes que cavem metro e meio em linha vertical na direcção da arrecadação da casa. A dois metros de profundidade encontrarão o meu corpo, a meio da estrada.

«Dirigi-me ao agente e contei-lhe o sucedido. Na manhã seguinte, isto é, cinco dias depois da tempestade, encontraram o corpo no sítio indicado...».

Notas & Comentários

OS PURITANOS E A IGREJA PERFEITA

Há no mundo uma classe, para a qual se voltam certas almas em reverências multiformes. São puritanos, homens austeros, senhores de princípios e dos melhores lugares que o sol concede àqueles que pouco ou nada têm. Podem levar consigo indeléveis marcas, podem fazer parte de aglomerações negativas, contanto que sua vida exterior tenha aparência de virtude. Muitos atravancam as ruas, frequentam os «cafés», mas nem os «cafés» nem as ruas aumentam o nível moral e espiritual. Andam, de aqui para ali, a lastimar a sorte, a incompreensão dos outros, armando em vítimas de imagináveis detractores, que a mania da perseguição é contagiosa e até aliciante para os narcisistas. No fim de contas, o seu balanço pouco saldo acusa.

O seu centro é o melhor centro; a sua igreja, a melhor igreja. Os demais centros e as demais igrejas não interessam. São coisas somenos. E andam, de aqui para ali, a lastimar a sorte, mas sempre firmes no seu orgulho de puritanos, na consciência do seu valor inexcedível. Fazem-se rogados, para que lhes «peçam» com empenho.

Depois... as coisas vão mudando... mudando... O seu centro já não é o melhor centro. É tão bom como as igrejas alheias. Mantiveram-se, enquanto esperavam o milagre, que não veio.

Andam de sector em sector, como o dinheiro de mão em mão. Há muitos indivíduos deste género...

Uma vez, um deles chegou-se a Spurgeon, procurando justificar-se de não querer pertencer à Igreja.

— Bem sei que o senhor prega muito bem e o Tabernáculo exerce em mim alguma atracção, mas não desejo fazer parte da sua igreja, uma vez que conheço várias pessoas que se dizem crentes e que, no entanto, cometem muitas faltas. Quanto a mim hei-de procurar, até que possa encontrar uma igreja perfeita, da qual farei parte.

— Meu amigo, disse Spurgeon, continue a sua pesquisa; mas, ao encontrar a igreja perfeita, não faça parte dela, ouviu?

— Porquê?

— Porque, se o senhor vier a pertencer-lhe, ela deixará de ser perfeita. Para quê, pois, arruiná-la?...

Boa resposta a de Spurgeon. A pedra filosofal e a quadratura do círculo são problemas insolúveis. Pelo menos, nenhum puritano ainda os resolveu. Pode ser que um dia... tenham a solução perfeita... encontrada pelos outros...

O HOMEM E O CÃO

Psychic News de 14 de Agosto de 1954 publicou o seguinte relato:

Um cão dissuadiu o dono de ir para o trabalho no carro dum vizinho, livrando-o dum sério acidente.

O caso ocorreu em Chicago. O dono do cão, John C. Rogers, vivia num arrabalde e todas as manhãs lhe era dada uma passagem no carro dum amigo, para ir à cidade.

Um dia o vizinho parou à porta de Rogers e deu o sinal combinado com o klaxon, para chamar a atenção. Mas, desta vez, Rogers não desceu a correr pelo atalho do jardim. O cão dele, um setter inglês com o nome de Jill, tinha começado a proceder duma forma bastante estranha. Depois de ouvir o klaxon, começou a uivar e a ladrar. E quando Rogers tentou sair de casa o cão agarrou-se-lhe ao casaco, tentando puxá-lo. Rogers conseguiu livrar-se e procurou agarrar o chapéu que estava numa mesa próxima. Antes que o pudesse alcançar, Jill arrebatou-lho e fugiu a esconder-se debaixo da mesa-de-jantar.

Rogers recuperou o chapéu e estava outra vez a tentar sair, quando Jill se lhe agarrou de novo à roupa, tentando impedi-lo. Então Rogers empurrou-o e o cão ficou estendido no chão, a uivar...

Já alarmado, o dono disse ao vizinho que saísse, pois iria de eléctrico para o emprego.

Logo que o carro partiu, Jill pôs termo ao seu estranho procedimento e, pulando, começou a lamber as mãos ao dono.

Quando Rogers chegou ao escritório, recebeu um telefonema da mulher, dizendo que o vizinho ficara gravemente ferido num acidente, durante o trajecto para a cidade...

«ECOS DE UMA VIAGEM»

As nossas crónicas de viagem sobre o imenso território brasileiro têm suscitado extraordinário interesse, não só entre os confrades de além-Atlântico, como em Portugal e na Europa. Muitas cartas chegam a esta redacção, congratulando-se com o facto, estimulando-nos e incitando-nos.

Agora é La Revue Spirite, de Paris, que, em sua edição de Março-Abril, se referiu ao assunto, na seguinte nota, devida à pena de Louis Fourcade:

«Isidoro Duarte Santos descreve na sua revista Estudos Psíquicos a viagem triunfal que realizou na terra bendita do Espiritismo: o Brasil. Estes ecos de viagem demonstram o apogeu da nossa doutrina, na criação de hospitais, berçários, sanatórios, orfanatos, etc., assim como através do livro e da imprensa espírita.

«Deve dizer-se que o director da revista portuguesa há muito tempo conta sinceras amizades nos meios espíritas brasileiros, nos quais difundiu largamente a sua publicação, beneficiando da particularidade de falar a mesma língua.

«Vivamente lhe agradecemos o prazer que nos deram os seus artigos, em que se reflectem, simples e verdadeiramente, as suas peregrinações nessa terra prometida».

NELSON DE AZEVEDO

O nosso confrade e amigo Nelson Baptista de Azevedo, Presidente da União dos Discípulos de Jesus e chefe da Sucursal de Estudos Psíquicos do Rio de Janeiro, acaba de ser nomeado Director de Propaganda da Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas, de Niterói, e Sub-director da SEPE, de que é Director o Dr. Randolfo Pena Ribas.

A capacidade realizadora de Nelson de Azevedo, aliada ao poder estimulante da sua actividade, é extraordinária e cheia de optimismo, muito havendo a esperar dele no intercâmbio espírita luso-brasileiro.

Noticiário

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

No dia 3 de Junho, como estava anunciado, o Dr. Moreno da Fonseca realizou no Centro E. Luz e Amor uma conferência subordinada ao tema «Quem vê caras, vê corações».

Foi um belo trabalho de psicologia aplicada, durante o qual o conferencista revelou profundos e variados conhecimentos da matéria. Lembrou as investigações realizadas na Universidade de Harvard acerca da correlação entre a forma do corpo e o carácter e disse que, em geral, nasce-se sem taras e o filho acaba como o pai acabou, apesar dos esforços em contrário, sobretudo quando o ambiente e a alimentação são favoráveis. Referiu-se à expansão normal, às formas dilatradas, a órgãos sensoriais proeminentes, lábios grossos, sem odores e narinas dilatadas. E esquematizou o tipo no quadro preto, para concluir que nascemos com determinado corpo, de tipo digestivo ou tipo muscular.

Afirmou que a forma do corpo muda o carácter, exemplificando com o locutor da Rádio-Berlim, que era exuberante e alegre, mas que ao saber que ia ser julgado e possivelmente condenado, ficou irreconhecível no fim do julgamento, embora o tivessem absolvido. Ficou, portanto, de tipo retraído.

Disse que os diabéticos têm maneiras de ser, enquanto dura a doença, e que a caracteriologia leva a compreender melhor o semelhante, pois que os nossos defeitos impulsionam-nos para certos objectivos. Os abstémios e os continentes são-no, em virtude da constituição orgânica. O mesmo se dá nos artríticos. Um pícnico, um dilatado, pode transformar-se em dançarino; um jogador de boxe de forma seca, nunca chegará a pesado. O mesmo se dá no psiquismo. O génio nasce génio. Mas o talento é prudente de longa paciência. E citou Miguel Ângelo e Leonardo da Vinci.

Fez experiências nos assistentes, examinando dois tipos diferentes e provocando sorrisos gerais, com aprovação dos elementos visados.

Terminou a sua interessante exposição lendo alguns passos do «Livro dos Reis e Presidentes da República», de Albino Lapa, e cuja morfo-psicologia foi escrita por ele, orador.

O presidente da Direcção apreciou o trabalho do conferencista, que considerou valiosíssimo, e pediu-lhe que voltasse àquele estrado para lições semelhantes.

No dia 9 falou o sr. Júlio Padesca, com um tema diferente: «A Janela e a Rua», em que perpassaram muitas observações judiciosas que todos os ouvintes estruturalmente conheciam, embora nunca as houvessem analisado.

Referiu-se a alguns indivíduos cultos, cuja atitude antiespírita se modificou em face de acontecimentos inesperados, para os quais só uma explicação havia. Falou nos diversos tipos humanos que passam ao alcance do observador e que envolvem autênticos romances a roçar pelo drama ou pela tragédia e apresentou o quadro do ponto de vista espírita com todas as personagens nele enquadradas.

O presidente da Direcção analisou largamente as considerações de Júlio Padesca, ampliando-as com outras observações. Foi um belo serão, o do dia 9 de Junho.

Em 17, coube a vez ao presidente da Direcção de realizar a sua palestra acerca de «O que eu vi no Brasil». Falou cerca de duas horas sobre o *Hospital Espírita de Porto Alegre*, que fez passar aos olhos dos assistentes, com as figuras generosas de Conrado Ferrari e Dr. Pedro Rosa, deixando na assistência impressão indelével. Todos ficaram curiosos de novos relatos a respeito do Brasil espírita e alguns chegaram a revelar o seu grande desejo de visitar ou de viver na bela nação irmã, onde os portugueses são tratados carinhosamente.

TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE JULHO DE 1956

Grupo Allan Kardec

Todas as 2.as feiras, às 21,30, dirigido por Túlio Augusto Rosa.

Grupo de Caridade «Lia»

Todas as quartas-feiras, às 21,30, com a médium D. Deolinda Robalo.

Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam»

Todas as quintas-feiras, às 21,30, dirigido por Túlio Augusto Rosa.

Dia 1, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 3, terça-feira, às 21,30 — Grupo Experimental «Ernesto Bozzano» dirigido por António Cardoso.

Dia 8, domingo, às 16 horas — Conferência, pelo Dr. Moreno da Fonseca, intitulada «O Destino de cada um».

Dia 15, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 17, terça-feira, às 21,30 — Grupo Experimental «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 22, domingo, às 16 horas — Conferência de Isidoro Duarte Santos, intitulada «O Homem e os seus Problemas».

Dia 29, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 31, terça-feira, às 21,30 — Grupo Experimental «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

FÉRIAS DO CENTRO

Nos meses de Agosto e Setembro não haverá trabalhos no Centro, a exemplo dos anos anteriores. Os sócios, porém, serão atendidos pelos telefones 56605 e 636724.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Mês de Junho — Tomás Nobre Carvalho, de Lisboa, por alma de sua esposa, 55$00; Miraldina da Silva, de Lisboa, 5$00; Domingos Lopes da Silva, de Venda das Figueiras, 5$00; J. B., de Lisboa, 2$00; Maria Inês Alves Sena, 20$00; A. L., V. L., M. L., de Lisboa, 15$00; I. S,, de Lisboa, 20$00. *Total* — 122$00.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

br.

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um ... 60$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataque feitos ao Espiritismo ..... 50$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte ..... 25$00
Enigmas da Psicometria ..... 28$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00 50$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte ..... 42$00
Metapsíquica Humana — encadernado ... 40$00
Pensamento e Vontade ..... 26$00
Xenoglossia ..... 32$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo ..... 40$00
Casas Mal-assombradas ..... 50$00
A Morte e o seu Mistério. 3 volumes: 1) Antes da Morte; 2) Durante a Morte; 3) Depois da Morte ..... 140$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos 75$00
Narrações do Infinito ..... 30$00
Stella (romance astronómico) ..... 50$00
Urânia ..... 40$00

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 25$00
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz* 20$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel* ..... 45$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 30$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 35$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha* ..... 30$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo ..... 60$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel,* resposta a 461 perguntas — enc. 38$00 ... 26$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 35$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 28$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — enc. 38$00 28$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunhá,* um verdadeiro poema de ternura ..... 28$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido ..... 60$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio* 24$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos) ..... 32$00
Libertação, pelo *Espírito de André Luís* — Enc. ..... 48$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00 ..... 36$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luís,* obra dedicada às pessoas cultas—enc. 55$00

br.

Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00 ..... 36$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz* ..... 40$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado ..... 38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz* ..... 42$00
Nos Domínios da Mediunidade, pelo *Espírito de André Luís* ..... 40$00
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 46$00
Pérolas do Além ..... 28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X* ..... 35$00
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00 ... 34$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* 40$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage* ..... 20$00
Voltei, do *Espírito de Jacob* ..... 25$00

OBRAS DIVERSAS

Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 42$00 ..... 30$00
Às Margens do Mar Morto, por *Osvaldo Polidoro* — Apreciado e discutido romance, que faz parte da chamada *Série do Céu,* constituida por mais de 25 livros, do memo autor ..... 35$00
As Profecias de Daniel e o Apocalipse, por *Isaac Newton* — Livro publicado em 1733, pouco depois da morte do autor, é hoje raridade de bibliófilos. Tradução feita pelo Dr. Júlio de Abreu Filho, prima pela correcção de linguagem e fidelidade aos textos, bem como às citações da Bíblia — enc. ..... 60$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida* ..... 35$00
Barrabás, o Enjeitado, por *J. Herculano Pires* — Um drama oculto por detrás do drama da paixão — A invasão do Templo de Jerusalém e a verdadeira condição de «os dois ladrões» ..... 40$00
Cânticos do Além, poesias mediúnicas semelhantes às do «Parnaso de Além-Túmulo», recebidas pela médium Dolores Bacelar ..... 60$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima* — enc. 54$00 ..... 40$00
Dialética e Metapsíquica, pelo *Dr. H. Mariotti* — Esta obra tem a missão de mostrar aos materialistas, cépticos e incrédulos, que a Doutrina Espirita continua a ser a única força científica, filosófica e religiosa, que poderá barrar o presente avanço do materialismo ..... 26$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* enc. 42$00 ..... 30$00
Do País da Luz, extraordinária obra mediúnica recebida por *Fernando de Lacerda,*

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.
na qual perpassam grandes escritores portugueses fàcilmente identificados pelo estilo próprio. 4 volumes brochados, com cerca de 1.000 páginas	160$00
... **e as águas passaram,** por *Hugo Marchiaverni*—Interessante romance, que emociona e comove pela alta dramaticidade do seu enredo bem conduzido. Representado no *Rádio Teatro* da *Rádio Recorte,* pelo consagrado mestre Manuel Durães — enc.	30$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	45$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	60$00
Em Torno do Mestre, por *Vinícius*	40$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00
Factos, por *António J. Trindade,* um livro impressionante de factos espiritas extraordinários, impresso em óptimo papel	50$00
Felicidade (A) ao seu Alcance, pelo *Dr. Toulouse* — Um verdadeiro compêndio da vida prática, desde a escolha de uma carreira à fundação de um lar e como devemos viver a vida interior	25$00
Filosofia Penal dos Espiritas, pelo *Prof. Fernando Ortiz* (Catedrático de criminologia na Universidade de Cuba) — Obra de raro valor doutrinário, que prova ao mundo estarem os espiritas na vanguarda, no que respeita aos princípios da moderna criminologia	60$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00
Levitação (A), por *Albert de Rochas*	28$00
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos* —enc. 52$00	40$00
Mansão (A) Renoir, romance de *Alfredo,* recebido pela médium Dolores Bacelar	70$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *E. Manso Vieira e B. Godoy Paiva* — Compêndio didático sobre a maneira de se dirigirem sessões práticas. Orientador seguro, baseado nas obras de Kardec e Emmanuel	20$00
Mediunidade, *por E. Armond* — Obra de extraordinária síntese e clareza que explica o complexo mecanismo da mediunidade em todos os seus aspectos	40$00
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	45$00
No Limiar do Etéreo, por *Artur Findley* — Estudo magnífico acerca dos fenómenos espiritas de «voz directa», com o célebre médium Sloan	30$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance.* Episódios da sua vida	42$00
Nova (A) Revelação, por *A. Connan Doyle* — As primeiras experiências espiritas do autor do «Sherlok-Holmes» e a sua conversão. Obra de grande alcance doutrinário	23$00
O Evangelho à Luz da Astrologia, por *A. Vaz de Melo* — Obra Prima, do ponto de vista da profunda e vasta erudição, atestando a cultura inciclopédica do seu autor	50$00
Outro (O) Lado da Vida, pelo *barão Carl du Prel.* Um livro de luz poderosa sobre a Morte e a vida no Além	28$00
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00	25$00
Profecias (As) de Daniel e o Apocalipse, por *Sir Isaac Newton.* Um estudo profundo devido à pena de um dos maiores génios da humanidade	60$00
Psiquismo (O) Experimental, por *Alfred Erny*	35$00
Reino de Jesus (O), por *Fernando da Cruz Ferreira,* o Evangelho romanceado	25$00
Reis, Príncipes e Imperadores, por *Almerindo Martins de Castro.* Casos históricos de psiquismo, entre eles, alguns passados com reis portugueses	30$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer.* Obra nascida de um grupo de padres que estudaram o Espiritismo e se converteram, abandonando a Igreja Católica	50$00
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00	25$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm,* médico neurologista	35$00
Semíramis, por *Camilo Chaves* — Maravilhoso romance da legendária rainha do Egipto e da Babilónia, narrado com invulgar fundamento histórico, que lhe dá indiscutível valor, 1 grosso vol.	80$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente* — Livro muito útil aos directores de sessões espiritas	35$00
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	30$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff*	28$00
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo médium *G. Vale Owen* — enc. 42$00	30$00
Vida (A) de Jesus, por *António Lima.* Um livro que despertou controvérsia, no qual são expostas inúmeras hipóteses através de estudo adequado	30$00
Voz (A) do Antigo Egipto, por *F. V. Lorenz,* revelações mediúnicas em egípcio antigo	28$00
Revista Espirita. Os dois primeiros volumes desta importante revista, fundada e dirigida por Allan Kardec. Uma verdadeira preciosidade, traduzida em Português e encadernada em precalina, Cada volume	120$00

Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

V I S A D O P E L A C O M I S S Ã O D E C E N S U R A

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

DR. PAULO HECKER

(ver pág. 227)

CONTÉM: Posições, da **Redacção**; Assistência aos Psicópatas. pelo **Dr. Paulo Hecker**; A Moral, por **Eduardo F. Conceição**; Viera do Infinito, Conto Espiritualista de **Rocha de Sousa**; As Cores na Aura Humana, por **Magus Incógnito**; Caridade, por **Idalinda Aguiar Matos**; Animais Clarividentes; A Escola, pelo **Espírito de Olavo Bilac**; Complexos, por **Zalmino Zimmermann**; Confia Sempre, por **Meimei**; Livros de Todo o Mundo, Anotações de **Argus**; Solilóquio, por **Manuel Cavaco**; Ecos de Uma Viagem — XX — Na Cidade do Aço, por **Isidoro Duarte Santos**; A Pena de Morte, por **Aleixo Vítor Magaldi**; Doentes Incuráveis Tratados Psiquicamente; Assistência do Alto, por **Leopoldo Machado**; A Dor; Ensinos Espiritualistas, por **Alfredo Miguel**; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

17.º ANO AGOSTO DE 1956 N.º 8

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Liège	*Achille Biquet*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Lívio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*
Luanda	*Luís de Barros Castro*

Redactor junto à Cruzada dos Militares Espiritas do Brasil ..... **Marechal Mário Travassos**

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Henrique Magalhães e Nelson Baptista de Azevedo*	**Franca**	*Dr. Agnelo Morato*
S. Paulo	*António Pereira Correia e António Baptista Lino*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Vitória**	*Dr. Ayrton Machado*
Curitiba	*João Ghignone*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Rio Grande	*Armando O. Couto*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*
Ribeirão Preto	*Dr. José Pereira Bastos*	**Aracajú**	*José Elson Fontes*
Belo Horizonte	*António Augusto dos Santos*	**Juiz de Fora**	*João dos Santos Coragem*
Maceió	*Jaime Xavier da Silva*	**Três Rios**	*Acir Faria*
Fortaleza	*José Borges dos Santos*	**Rio Preto**	*Lázaro Camargo Ehmke*
		Paranaguá	*René Risental*
		Florianópolis	*Osvaldo Melo*
		João Pessoa	*José Borges de Sousa*

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ **Não se devolvem originais, sejam ou não publicados**

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), Cr. $100,00 — Ultramar (12 números) moeda equivalente a 70$00 — Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro e da Casa do «Tio Juca», de Salvador, Bahia

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.
ALLAN KARDEC	
Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita	20$00
A Prece	12$00
Espiritismo	15$00
O Principiante Espirita	18$00
O que é o Espiritismo	18$00
O Livro dos Espíritos — enc. 45$00	32$00
O Livro dos Médiuns — enc. 45$00	32$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 45$00	32$00
O Céu e o Inferno — enc. 47$00	35$00
A Génese (nova edição) — enc. 47$00	35$00
Obras Póstumas — enc. 45$00	32$00
Revista Espirita (1.º e 2.º volumes), relativos a 1858 e 1859, traduzidos em português e lindamente encadernados — Cada vol.	100$00
(Seguir-se-á a tradução dos restantes vols.)	
Vade-Mécum Kardequiano	16$00

	br.
LÉON DENIS	
Cristianismo e Espiritismo	50$00
O Além e a Sobrevivência do Ser — Enc.	25$00
O Grande Enigma	30$00
Depois da Morte (nova edição)	50$00
O Porquê da Vida	28$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00	50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 60$00	48$00
El Problema del Ser e del Destino	52$00
No Invisível (nova edição)	52$00
GABRIEL DELANNE	
O Espiritismo Perante a Ciência — enc. 64$00	52$00
A Evolução Anímica	48$00
O Fenómeno Espirita	45$00
A Alma é Imortal	52$00
A Reencarnação	52$00

(Continua na 3.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

17.º ANO | LISBOA, AGOSTO DE 1956 | N.º 8

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 5 66 05

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. N. do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

POSIÇÕES

Sempre temos dito que defender ideais é coisa trabalhosa, das mais trabalhosas e difíceis que se apresentam ao esforço humano. Responsabilidade pelo que se escreve ou se diz, pelas posições que se marcam, que distinguem muito bem os divulgadores de um sistema.

Cada qual se define pela sua obra. Boa ou má, pertence-lhe, de facto e de direito. Está-se ligado a ela, vive-se nela, respira-se nela, dois campos num só campo, unidades justapostas em mentalismo, emotividade, sentimento próprio. Tudo isto afirmando posição e orientação numa linha de coerência, à vista de todos, tantos deles à espera de precariedades que alterem o rumo e denigram o senso moral de quem se expõe, de quem enfrenta a crítica, de quem, não raro, é alvo de motejos e guerra surda no sentido de confundir e desagregar.

O equilíbrio exigido não se limita ao exterior. Às vezes a dificuldade maior está no sector que se defende, por causa da emulação exagerada de uns e a inveja de outros, ambas tendentes ao mesmo fim inglório.

Este é o destino de quem se evidencia pelo trabalho. A colectividade lucra com a posição dos arautos que esquecem a sua vida, mais ainda, que a trocam pela do reduto que auxiliam. Há, porém, um lado pejorativo capaz de quebrantar as maiores energias. As massas não concebem dedicações extremas sem qualquer compensação material. Habituadas ao seu ambiente, a relações cheias de egoismo, à luta rasteira da vida entre a mesa e a cama, desconhecem as grandiosidades do espírito e os sacrifícios de quem o serve por mor do ideal. Não compreendem. E o homem não crê no que desconhece.

Por isso se ouve que andam cinco a trabalhar para cinco mil e que o diabo paga mal a quem o serve.

Quase todos os grandes homens foram pequenos na vida física. Pequenos, no conceito de muitos contemporâneos, ainda mais pequenos por não poderem nivelar-se com eles. A História é que os enalteceu. A História é que lhes fixou a posição mental e moral. A História é que os ergueu para os tempos. Pegou na sua obra e difundiu-a. Os capitólios fizeram-se para homenagear o valor. De resto, nada escapa à mão glacial da História. Facto é facto, acção é acção. E as acções é que contam no progresso da humanidade.

A ideia estática cria bolor. É preciso arejá-la, trazê-la para a luz, imprimir-lhe dinamismo, levar os outros a interessar-se por ela, dar-lhe asas de condor e rumos altiloquentes. Conseguir este objecto é firmar posições na vida mental. Pouco importa que haja inércia, porque ela se vencerá. Nada resiste ao esforço porfiado e iluminado. Obstáculos físicos, má vontade, abulia, passividade, tudo se abate, tudo se esfarela em face de um desejo intenso e nobre, firmemente alicerçado.

A galeria dos vencedores tem facetas dignas de estudo sêrio. Como chegaram à notoriedade? Que génio os inflamou e orientou? As ideias se apoderaram deles e os transfiguraram. A sua posição resultou de actividade desdobrada.

E os outros, os apáticos, os inertes, que lançavam calços na roda? Foram triturados pelo movimento ou esfiampados, como trapos inúteis. Não têm posições morais ou mentais. Estão no lixo da vida quotidiana. A roda não dá por eles. Ficarão no anonimato, no saguão das coisas amorfas. A vulgaridade é o seu lema, a vala comum é o seu panteão.

Os ideiais sacrificam, mas esclarecem. Dão mais força ao homem. Ai de quem não tenha uma ideia nobre a dirigir-lhe os passos! Ai de quem não tenha! Esses não serão dignos da comunidade. Andarão muito tempo na linha curva à espera de chegar. Porque a linha recta é sinal de mentalidade e autoridade. É a única posição de quem escreve ou luta na divulgação de um sistema.

ASSISTÊNCIA AOS PSICÓPATAS

Pelo Dr. PAULO HECKER
(Correspondente em Porto A'egre)

Tese aprovada pelo 2.º Congresso Espirita do Rio Grande do Sul, com louvor especial, em Outubro de 1951

1.º

A arte de curar desde tempos imemoriais esteve ligada à mediunidade, razão por que ainda hoje a medicina se chama ciência sagrada e os verdadeiros médicos, sacerdotes de um ideal.

O testemunho trazido das misteriosas e belíssimas lendas mitológicas, bem mais significativo que o de processos históricos reais, faz com que se vá encontrar o berço médico nos templos erguidos em honra de Esculápio. Os servidores dessas casas religiosas, seus sacerdotes, tinham o nome de Asclepíades, do grego Asklepios, que quer dizer esculápio.

Hipócrates, na Ilha de Cós, tinha um desses templos e foi donde trouxe os elementos com os quais genialmente construiu os alicerces da ciência médica.

Delfos, dedicado a Apolo, era o mais célebre dentre eles. O pai da medicina aí foi haurir as luzes que o levaram a desvendar os conhecimentos da sua divina arte. Tinha como sacerdotisa modesta mulher de humilde posição social sem instrução, pitonisa que lá permanecia como um verdadeiro consultório mediúnico para, em certos dias e condições, proferir oráculos e responder às perguntas que lhe faziam, indicando tratamentos para sarar os males dos seus consulentes. Era, pois, um médium ou profeta na mais lata acepção do termo.

É que de sempre se intuiu que a divindade por meio de pessoas portadoras de determinado dom, socorreria os aflitos e sofredores, minorando-lhes os padecimentos e lhes ministrando conselhos úteis e salutares.

Isto acontecia relativamente aos organismos. Com mais força de razão ocorre com referência aos espíritos, de vez que as doenças, mesmo somáticas, são consequentes às imperfeições da alma, e produzem máculas no perispírito — corpo fluídico que une o espírito ao corpo físico —, manchas essas que, por sua vez, reflectem-se sob forma de enfermidades no corpo físico, até mesmo em vidas posteriores.

ESPÍRITO E MATÉRIA

A prevalência do espírito sobre a matéria é a todos os títulos nítida, sendo que as transformações desta são presididas por aquele. Durante a encarnação, é clara a interdependência entre os dois. Os órgãos materiais são os elementos de que se serve o espírito para entrar em relação com o mundo exterior; de sorte que, se estes estiverem em más condições ou anulados tornam difíceis ou impossíveis as manifestações espirituais. Bem nítida é a acção da alma sobre o corpo, tanto pela variedade de modos de se exercitar, quanto pela sua extensão.

As doenças mentais, ainda quando de fundo orgânico, impressionam muito mais que as corporais, pois, como bem acentuou o psiquiatra Dr. Pedro Rosa, actual director do Hospital Espirita de Porto Alegre, «as doenças mentais não só embaraçam, como as somáticas, as actividades habituais; mas, e sobretudo, pela alteração das faculdades humanas mais elevadas, suspendem a comunhão com o ambiente, o poder de adaptação e de defesa ante as dificuldades da vida».

De facto os psicópatas provocam nos profanos uma espécie de «temor misterioso, inspirando nos que se esforçam para os compreender, essa simpatia apiedada que a simples presença de criaturas fracas e normalmente desarmadas produz».

Esses sentimentos despertam o dever de assisti-los e de protegê-los por todos os meios úteis, lançando-se mão para tanto «dos progressos consideráveis da ciência psiquiátrica, da organoterapia, da psicoterapia e das novas técnicas de hospitalização, tudo de molde a afastar a anterior opinião tradicional tão pejorativa».

Passou a era da contemplação em que os

sentimentos compassivos se traduziam em preces ou formulações de veementes desejos pelo bem estar dos enfermos, e não se concretizavam em acção abnegada, desvelo inteligente, cuidados propícios que pusessem em movimento as forças naturais do homem, aproveitando-as, a par do emprêgo das conquistas da ciência. Hoje se exigem providências imediatas e decisivas. É preciso agir, curando ou aliviando consoante se contenha na sabedoria harmónica dos perfeitos desígnios divinos.

Os espiritistas devem sempre presumir, cada vez que na vida se lhes depare um quadro doloroso, que lhes está reservado o privilégio de mediar na Lei, tornando mais leve a cruz do seu semelhante ou livrando-o dela, se o momento da cura tiver chegado. É certo que não cabem injustiças no Cosmos e que se não sofre inùtilmente, mas é também irrefutável que a ninguém é dado saber quando os sofredores atingem o término de suas provações.

DR. PAULO HECKER

O tratamento empírico dos tempos passados foi substituído pelo uso racional e científico dos meios de que dispõe a psiquiatria actual; e a influência benéfica e curadora do homem sobre o homem não mais se exercita apenas por mediadores ignorantes através de rogativas puras e simples, mas pela acção de médiuns instruídos e adestrados que discirnam e compreendam o mecanismo do fenómeno curativo que pretendem produzir.

A Doutrina dos Espíritos é progressista e demonstra que tudo evoluciona, indo do mais simples para o mais complexo, de modo que as opiniões substituam as impressões, convertendo-se a mediação entre os dois mundos de passiva e inconsciente, em activa e raciocinada.

As religiões dominantes no ocidente planetário visam mais o corpo que a alma, por isto edificam hospitais para as enfermidades orgânicas, enquanto o Espiritismo, cuja suprema preocupação é o espírito, procura sempre construí-los para curar as doenças mentais e da alma.

TENTATIVA PARA ATRAIR OS CIENTISTAS

Procurou-se colher a colaboração de psiquiatras locais de renome, no sentido de explicar o mecanismo das curas obtidas pela psicoterapia. Não foi logrado o intento, apesar da diligente actividade desenvolvida. Não seja, porém, isto uma justificativa para que neste trabalho se fuja ao dever de contribuir, no apoucado das suas possibilidades, para mostrar como se dão as curas psíquicas, embora deixando de parte o ângulo médico-científico, para focalizar o prisma psicológico, que é o principal.

MECANISMO DAS CURAS MEDIANÍMICAS

Claude Bernard, insigne fisiologista, descria das terapêuticas que eram submetidas à sua douta apreciação, ou as aceitava em parte, repetindo que só seria verdadeira a que levasse o meio curativo — o remédio — directamente ao sistema nervoso do paciente. E esclarecia o seu pensamento: As moléstias são consequentes à quebra da tonicidade do sistema nervoso. Enquanto este se mantém normal, o equilíbrio da saúde é conservado. Dessarte, portanto, para restaurar os desequilíbrios orgânicos, chamados moléstias, faz-se indispensável levar o sistema nervoso do doente à normalidade, para que, refeito, passe a exercer a sua função vital ordinária e se encarregue de vencer o mal, restabelecendo o enfermo.

Os passes magnéticos-espirítico representam exactamente a realização daquilo com que sonhava o sábio francês, isto é, uma energia curadora emitida pelo sistema nervoso do agente directamente ao do paciente, transmitindo-lhe a vitalidade necessária para refazer a força natural medicatriz, cuja realidade é postulado da ciência médica, porque

os organismos dispõem de facto naturalmente de reacções espontâneas contra quaisquer males que os ataquem. Tanto é assim que os leucócitos — glóbulos brancos do sangue— são denominados polícias do organismo; e as glândulas, os xadrezes para onde eles levam e aprisionam os gérmes infectos e os corpos estranhos.

Mesmer, o desvendador do magnetismo científico, para tornar compreensível a forma pela qual actua o fluido curador dos magnetizadores, segundo o testemunho de Alphonse Bué, fez a seguinte expressiva comparação: O sistema nervoso do doente perde a tonicidade, permitindo surja o desequilíbrio patológico e, por isto mesmo que lhe faltam as vibrações indispensáveis, ao certo por estar com a potencialidade diminuída, não é mais capaz de reinstalar a distribuição igual de forças gerais que restaurem a saúde.

Uma pilha seca que tenha perdido em parte a sua potência eléctrica não pode mais fazer tocar a campaínha a que se acha ligada, ou a faz soar deficientemente. Mas se for auxiliada por outra de idêntica espécie e nova, a campaínha baterá forte; assim também, a transmissão do magnetismo animal irradiada pelo médium empresta ao paciente as vibrações de que precisa para consertar a tonicidade do seu sistema nervoso, levando-o a produzir a cura desejada.

Uma grande diferença existe e faz-se mister pôr em relevo: é a de que, afastada a segunda pilha da primeira, a campainha voltará a não bater ou a vibrar fracamente; ao passo que o afastamento do magnetizador depois de ter conseguido levar à rede nervosa do doente o equilíbrio vital não impedirá que esta funcione regularmente, em virtude da acção constante da força natural medicatriz e por ter voltado ao estado anterior.

Tal é o mecanismo da transmissão fluídica da electricidade animal e da acção que exerce, consoante a lição dos mestres.

OUTRA MODALIDADE CURADORA

Há, porém, uma influência psicoterápica de valor decisivo e é a que deflui da elevação moral do médium. Esta sim, é capaz de efectivar prodígios não apenas promovendo a normalização do corpo físico, mas expelindo demónios e anulando influências nocivas tanto externas, provenientes do cerco de espíritos obsessores, como internas de falsas ideias, recalques ou traumatismos psíquicos.

Infere-se dos elementos enunciados que a cura das moléstias mentais deve ser o produto de uma acção conjunta exercida de um lado pelo psiquiatra e do outro pela mediunidade curadora.

A psicopatia que resistir a essa influência conjunta, com muito maior força de razão resistiria à acção de um só desses factores. Portanto, o ideal é reuni-lo num tratamento que seja ao mesmo tempo médico e espirítico.

Para que os homens se alteiem a mediadores da Lei é preciso que procedam com correcção em tôdos os sectores da actividade.

Atente-se, a bem de se ajuizar sobre a árdua missão medianímica, para o capítulo X, versículo 8.º, de Mateus, onde está contida a ordem crística: — «Restituí a saúde aos doentes, ressuscitai os mortos, curai os leprosos, expulsai os demónios. Dai gratuitamente o que gratuitamente haveis recebido». Em resumo, deve-se agir em lugar de Jesus, impondo as mãos em Seu nome, o que equivale a dizer com uma superioridade moral de alto quilate que corresponda a um grande esforço de superação sobre si mesmo.

MÉTODO CATÁRTICO

Os cientistas denominam a forma de curar psicoteràpicamente de método catártico, que consiste na anulação da força maleficiente por despertar no enfermo, com superioridade e grande simpatia, o acordar da consciência e de reacções naturais, a bem de vir a sublimar o recalque e vencer a obcecação, ou, ainda, envolver o paciente numa aura cordial de tal modo boa que o espírito obsessor seja obrigado a se afastar. Num e noutro caso, originando a normalização.

Tal resultado pode ser obtido por uma simples ordem dada prudentemente com muito discernimento e decisão, nunca por palpite ou cedendo a uma impressão de momento, mau grado indevidamente rotulada de intuição, mas por se ter compreendido o caso e escolhido o caminho a pautar, ou por se descobrir a causa psíquica que deu lugar à alienação, trazendo-a para o consciente do enfermo, a fim de que ele mesmo a sublime. Nos dois casos o operador deve ser competente, precedendo sua interferência de larga e prévia preparação obtida em pacientes estudos, culto e vivência das virtudes cristãs, fora o cumprimento exacto de todos os seus deveres materiais, morais e espirituais.

(Continua)

A MORAL

Por EDUARDO F. CONCEIÇÃO

(Continuação do número anterior)

Quando o homem faz dos sentidos um campo de recreio preferidor, mostra desconhecer a lei das responsabilidades.

Os cinco sentidos regulados pela virtude, transpõem os sete degraus do conhecimento que conduz a outras moradas mais perfeitas.

O medo, o maior inimigo do homem, anula a vontade e embarga a acção, que deviam intensificar o cumprimento do dever.

Embora a alma seja luminosa, em circunstâncias normais, está sujeita à subtileza das tentações que infestam o pensamento e isolam os indivíduos das relações com os planos superiores.

O pensamento que pulveriza o éter e torneia a humanidade, culmina como corrente de ida e volta, porque percorre e atrai. Só quando as suas criações são inofensivas, as tentações resultam inúteis, porque não sofrem as maléficas intuições.

A paixão e a cupidez ensombram, com as suas brisas, as claras vibrações da alma.

A mente tem de libertar-se de tudo quanto lesa a vida, para que almeje os planos donde derivam as inspirações superiores, pois que o pensamento é tão rápido como o relâmpago.

O mundanismo é a perdição do vulgo. O indivíduo só se torna invensível, quando se identifica com a alma universal.

A espiritualidade é no homem um raio cristalino que pode ser infelicitado pela cupidez que avassala o corpo físico.

As almas viciadas perturbam, pelo pensamento, a presença, a palavra e a acção. Só quem delas se afasta consegue manter a integridade da sua pureza.

A luz sideral que ilumina o Universo é a única que não fere os sentidos do mortal, mas só é acessível aos clarividentes.

Quem se deixa dominar pelas paixões, não compreende os sofrimentos a que fica exposto.

O santo é aquele que subjuga as armadilhas das tentações absorventes, quer sejam suas ou alheias.

O espírito que atinge a perfeição torna-se inacessível às aspirações materialistas, que seduzem e perturbam, e quando pesenceia as fraquezas alheias esboça a sua misericórdia, porque as ilusões se apagam com o tempo.

A ambição, a cólera, o ódio e tudo o mais que contenda com a dignidade humana, foram correntes perturbadoras que impestaram a atmosfera terrestre. Só pela moral, que se funda nas leis retributórias da Natureza, os homens expurgam esses males que os perdem.

É pela libertação que o indivíduo alcança as mediunidades que lhes desvendam os segredos da Natureza e que são a origem das descobertas que o maravilham.

Pecar é transgredir a Natureza, é trair a fraternidade e o amor; é fazer a outrem o que não deseja para si; é louvar quem cumpre com o seu dever; é cultivar a irresponsabilidade de uns e a impunidade de outros, em matéria de transgressões; é opulentar uns e empobrecer outros; é levar a guerra onde deve reinar a paz; é preterir pela posse ou sobreposse aquilo que pertence a todos; é perturbar por pensamentos, palavras e acções.

A cupidez e o medo, que conduzem à crença, são dos males que obscurecem. Só a ciência justifica a crença e a fé com que se atingem às realidades maravilhosas.

A ilusão ergue em toda a parte tabernáculos, onde afluem as romarias dos crentes, que ignoram a razão de ser de todas as coisas, como se ignoram a si próprios.

A Natureza prodigaliza as inumeráveis variedades que inspiram a contemplação meditativa, as pessoas de boa vontade, mas os errantes acumulam-se, aos milhares e aos milhões, em centros de corrupção, onde se cultivam os prazeres, que mais agradam aos desregrados.

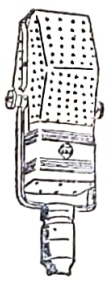
A sabedoria presunçosa projecta sombras que fazem do homem o douto daquilo que desconhece e em que gera o fracasso com que colhe os outros.

O homem de bem só atrai pela harmonia, que é o índice da Natureza equilibradora.

A luz universal é esplendorosa e deslumbrante. Ameniza e incita os seres ao respeito, à ternura, ao amor, com os seus hinos de infinita beleza. Conduz à contemplação da variedade de formas, coloridos, aromas e sons; de montes, quebradas e vales; de rios, lagos e oceanos, de todos os rincões onde superabunda a flora e a fauna e onde as aves adejam a testemunhar o poder da força criadora.

A luz universal e as luzes solares distinguem-se pela qualidade e a quantidade. A primeira abrange o todo. Cria, incita, movimenta e renova. As outras restrigem-se aos seus respectivos sectores. Vivificam até à estiolação. Eis a diferença, que distingue o espírito da matéria.

Os preconceituosos e dogmáticos sabem voar como os pássaros e destruir como as feras, mas não sabem dignificar-se pela humildade nem reabilitar-se pela verdade.



Selecções Espiritualistas

Direcção e Aprosentação de

NELSON BAPTISTA DE AZEVEDO

Todas as noites, de segunda a sábado, às 19,00 h. (hora brasileira) ouçam este programa que é irradiado pela **PRC-8, RÁDIO GUANABARA,** do Rio de Janeiro, na frequência de 1.360 Kcs.

Ouçam e recomendem «Selecções Espiritualistas»

VIERA DO INFINITO...

Quem olhasse a Natureza naquela noite sombria, poderia imaginar que o Universo parara. Um silêncio pesado estendia-se ao longo da paisagem escura e as águas do rio pareciam um espelho imenso a reflectir o negrume do espaço sideral. Nem uma leve brisa, nem uma vaga silhueta a insinuar qualquer insignificante parcela de vida. Uma estranha quietude tornava a atmosfera quase sufocante e emprestava àquela imensa noite uma longínqua tonalidade de mistério...

Repentinamente, toda essa nostálgica imagem nocturna se agitou numa breve vibração: o relógio da torre batera devagar, gravemente, uma longa badalada; depois, outra e mais outra... A última das três badaladas ficou a pairar no espaço durante algum tempo. E por fim, tudo voltou à mesma quietude, ao mesmo silêncio...

Mas lá muito ao fundo, numa ligeira claridade junto da margem, recortava-se uma magra e solitária mancha escura. Assim, na extremidade da prespectiva, nada mais era do que uma simples mancha; mas, para quem lograsse aproximar-se mais, essa vaga mancha negra tornar-se-ia na esguia silhueta de um homem.

Estava sentado numa pedra, com o corpo molemente abandonado a uma tediosa lassidão. Tinha a cabeça caída sobre o peito magro e encovado, e os seus olhos mergulhados na sombra, fitavam lùgubremente as escuras águas do rio.

E de repente, na tranquilidade quase trágica daquela noite, soaram com nitidez os passos de alguém que se aproximava lentamente. O homem ergueu a cabeça e levantou-se de olhar alucinado. Deu um passo atrás... cambaleou um pouco. Por fim abriu a boca e balbuciou num mumúrio gutural:

— Teresa...

Uma estranha voz de mulher respondeu-lhe baixinho:

— Sim... eu... Não esperavas que voltasse?

Era uma rapariga nova, de grandes olhos negros. Os cabelos caíam-lhe em madeixas caprichosas sobre os ombros e davam-lhe um ar de colegial romântica. Envergava um leve vestido branco apertado na cintura por uma larga fita azul.

O homem fitou-a com mais intensidade e os seus olhares ficaram a rolar silenciosamente nas órbitas escuras, enquanto a sua voz enrouquecida respondia devagar:

— Não, Teresa, não esperava que voltasses... Disseram-me que tinhas partido para o Norte com os teus pais... tu própria me havias dito que a tua família se opunha tenazmente ao nosso amor... como querias então que esperasse o teu regresso?

Ela sorriu.

— Porque não? A fé e o pensamento podem muito... Vês como aqui estou? Foste tu que me trouxeste cá...

CONTO ESPIRITUALISTA DE

ROCHA DE SOUSA

— Não te compreendo... — balbuciou ele, aturdido.

— Tudo nos é dado compreender, Fernando. Necessitamos ùnicamente de persistir e aguardar.

— Porque me falas assim, Teresa? Estás tão estranha, tão pálida! Será fadiga da viagem? Vieste de tão longe...

Teresa alongou os lábios num leve sorriso e fixou a escuridão do espaço.

— Dizes bem: de tão longe!... Uma viagem tão longa e feita em tão pouco tempo! Mas não; estou fatigada.

Fernando aproximou-se dela, com o olhar inquieto, inquisidor, e pegou-lhe nas mãos.

— Meus Deus!, tens as mãos terrivelmente frias! A noite está boa mas não deves andar assim, só com esses vestido. Vamos para o meu «atelier»; lá estaremos melhor e poderás contar-me como conseguiste voltar e encontrar-me tão fàcilmente. Ainda me sinto mal refeito da surpresa que tudo isso me causou... Vá, vamos.

Ela deixou-se conduzir ao longo da margem e lá foram os dois andando em silêncio, rumo à cidade que se erguia ao fundo, toda iluminada na sua confusa vastidão.

★

Na sua essencial concepção, o «atelier» de Fernando era um quarto vulgar — quatro paredes, um tecto, uma janela larga e uma porta.

Por todos os lados havia panos sujos de tintas, pincéis, telas cobertas pelos mais diversos motivos e um ou outro cavalete de pequenas dimensões com os braços solitàriamente erguidos ao alto, numa súplica silenciosa.

Ao centro do quarto via-se outro cavalete que ostentava uma grande tela...

Teresa parou em frente desse quadro ainda incompleto e disse lentamente:

— Era uma pena que ficasse por acabar, não era?

— Sim, — respondeu Fernando, que se colocara atrás dela — mas o modelo voltou e ser-me-á fácil concluí-lo. Estás disposta a pousar?

Teresa ergueu para ele os seus olhos negros e proferiu numa voz estranha que lhe era peculiar:

— Vim para que o acabasses, Fernando. É o meu retrato e tu precisavas de ficar com qualquer coisa que fosse minha e tua ao mesmo tempo.

— Porque dizes isso? Será que te queres ir embora?

— E quem te diz que estou junto de ti como tu pensas? É preferível não fazeres perguntas: todas as coisas descem até nós e até à nossa compreensão, numa cadência que não nos é permitido alterar. Saberás de tudo a seu tempo e, de momento, só te deves preocupar com uma coisa: acabar o meu retrato! Encara isso como a uma grande realidade e faz o possível por te subtraires ao Mundo e a tudo o mais. Integra-te no teu Mundo de artista que não é o dos homens e sim o de Deus!

— Mas, Teresa...

— Não, não digas mais nada... Eu estou aqui; porque te tornas exigente querendo saber mais do que isso? Há coisas demasiado complexas para os homens de hoje, coisas demasiadamente cheias de luz

para viverem na sombra. Não queiras sair desse nível humano, porque ainda não estás preparado para isso. Tudo o que passamos e sentimos faz parte de um arco de círculo perfeito a que se chamou Evolução — e a Evolução nunca salta do princípio para o fim e do fim para o meio.

«Dentro de momentos rompe a manhã. Já vejo a sua claridade para além daquelas caras. Portanto, Fernando, agarra na tua paleta e nos teus pincéis, e espera. Eu vou sentar-me ali, no mesmo banco de outrora, e vou esperar também...

Fernando foi buscar os pincéis, a paleta, as tintas e prostrou-se em frente da tela, esperando a luz do dia. O seu cérebro em confusão recusava-se a a compreender verdadeiramente as palavras de Teresa; não porque elas fossem de uma invulgaridade exagerada, mas porque, vindas assim da sua boca, àquela hora da manhã e após um encontro tão estranho, pareciam representar um vasto mundo de sentimentos, de ideias... de mistério...

E ele, pregado em frente do cavalete, achava-se dominado por uma força tão poderosa, que nada sentia das realidades concretas. O Mundo escurecera à sua volta; e junto dele, no espaço imenso, restavam-lhe a sua arte, os seus pincéis, aquela tela quase terminada e aquela mulher estranha, pálida transparente, de uma beleza irreal... E a luz chegou.

Nervosamente, Fernando molhou o pincel na tinta fresca e começou a pintar. Acabara de dar o último passo para deixar por completo a realidade... As suas mãos vibravam a ordens mudas e ocultas. Os seus olhos semi-cerrados fitavam o rosto pálido de Teresa e levavam essas cores quase irreais à sensibilidade do seu espírito. Um frémito contínuo agitava-lhe o braço em movimentos bruscos que se tornavam leves e macios ao contacto do pincel com a tela. Uma onda de genialidade arrastara-o em feliz embriaguez para além do Mundo e fizera-o esquecer tudo... completamente tudo!... Os ódios, as lutas, os sentimentos baixos e mesquinhos cobriam a Terra, mas ele não podia preocupar-se com isso — estava tão longe, naquele seu mundo, que tudo o mais lhe parecia simples átomos de uma matéria já desfeita...

Sùbitamente, um galo cantou ao longe... Fernando estremeceu e regressou à realidade. Olhou em volta, como se tivesse acordado de um leve sono, e suspirou ao contemplar o quadro.

Acabara-o!

Teresa sorria do seu lugar e continuava parada, numa imobilidade impressionante de estátua viva.

— Creio que já nada mais posso fazer neste quadro, Teresa. Dou-o por terminado; mas sinto, no mais íntimo de mim mesmo, que este retrato não está verdadeiramente concluído. E penso que nunca mais o acabaria! Há coisas que são demasiado transcendentes para que as possamos reproduzir com toda a sua verdade e o seu mistério...

... A figura de Teresa, avantajou-se, ganhou altura aos olhos maravilhados de Fernando...

Uma voz débil ecoou do fundo:

— Sim, Fernando, também creio...

Ele olhou para ela e correu a mão pelos olhos.

— Não te vejo bem, Teresa... Parece-me que a luz mudou e está agora mal distribuida...

Fernando dissera isto com um ar preocupado. Poisou os pincéis e a paleta, e foi junto da janela para abri-la um pouco mais.

— Assim está melhor; não achas?

E voltou-se...

Ficou imóvel, petrificado... Os seus olhos abertos, fitavam o banco em que Teresa se sentara... agora terrìvelmente vazio!

Vazio! Aquele rosto belo e pálido que ali estivera a olhá-lo e a pousar para ele, desaparecera do seu pequeno «atelier»!

E então, Fernando, sem nada compreender, gritou desesperado:

— Teresa!... Teresa!...

Mas só o silêncio lhe respondeu.

Olhou, alucinado, para a porta. Era materialmente impossível ela ter saído por aí, mas ele abriu a porta e gritou para as escadas:

— Teresa!... Teresa!...

E o silêncio tornou a responder-lhe, sarcástico e irritante...

Encostou-se então à ombreira da porta e fitou as escadas com um olhar desvairado. Passou a mão pela testa num gesto vago para compreender e encaminhou-se, cambaleando, para a rua... Da sua boca, num murmúrio cavo, elevavam-se três sílabas breves:

— Te... re... sa...

E ele caminhou... caminhou ao acaso. Por fim, exausto e abatido, com o cérebro em tumultuosa confusão, entrou num pequeno café que frequentava habitualmente e sentou-se com um suspiro. Com o olhar embaciado fitou a mesa, onde se espalhavam os jornais do dia anterior, e agarrou num deles ao acaso, numa derradeira tentativa para não abandonar de todo as mais elementares sensações da vida.

— Últimas notícias — leu ele para si sem ainda compreender que estava a ler —. Terrível acidente no Porto. Eram onde da noite de ontem, quando o carro de Luís Manuel de Sousa, de 48 anos, casado...

Fernando voltou bruscamente à realidade ao ler o nome do pai de Teresa. Os seus olhos fixaram-se no fim da notícia e ele leu a meia voz, num desespero indizível:

— Sua esposa, D. Maria Helena Nunes de Sousa e sua filha, Maria Teresa Nunes de Sousa, de 23 anos, morreram também ao chegar ao hospital.

Fernando levantou-se e ficou com o jornal na mão, a olhá-lo estùpidamente.

Teresa morrera?! Teresa morrera com seu pai e sua mãe num desastre de automóvel?! E tudo isso, toda essa tragédia, já se consumara havia dois dias?!...

Fez-se um silêncio sepulcral no espírito alucinado de Fernando. O Mundo parecia bailar-lhe em frente dos olhos numa dança macabra e avassaladora. Uma noite gélida, imensa, cobria o espaço universal, onde as estrelas longínquas e brilhantes quase sucumbiam em indómita voragem.

E então a luz brilhou...

E Fernando compreendeu tudo... completamente tudo!...

AS CORES NA AURA HUMANA

Por MAGUS INCÓGNITO

Há tempos que à redacção da A. P. P. E. E. M. e de *La Conciencia* chegam cartas em que se fazem perguntas acerca da interpretação das cores na aura humana. Eis um problema até certo ponto complexo, porque, entre diferentes autores que estudaram esta questão e observaram conclusões derivadas da observação, há disparidade interpretativa. De onde se conclui que, em primeiro lugar, não há regra fixa, em virtude da modificação que experimentam as auras individuais sujeitas aos vaivéns da vida, no seu aspecto moral e psicológico.

É por isso que temos preferido valer-nos das experiências de *Magus Incognito* insertas no seu livro «A Doutrina Secreta dos Rosacruzes», sem prejuízo de publicar mais tarde estudos de outros autores, a fim de que os leitores possam tirar as conclusões.

(Redacção da A. P. P. E. E. M., de Buenos Aires)

A aura psíquica que circunda cada indivíduo humano (1) é invisível à vista ordinária, mas perceptível à clarividência.

É emanação do Ego, semelhante aos raios do Sol e ao perfume de uma flor. É mais forma de energia, que de matéria, embora possua uma substâncialidade que lhe dá aspecto material. É ovóide e estende-se em redor do corpo físico até à distância de seis a nove centímetros, muito menor nos indivíduos vulgares e maior nos de superior evolução.

A índole da aura depende das emoções e pensamentos do indivíduo, de modo que um clarividente especializado conhecerá como sente e pensa a pessoa cuja aura examine, visto que, a cada emoção e pensamento, corresponde determinada cor, semelhantemente às riscas que as substâncias químicas apresentam no espectroscópio.

O elemento inferior da aura humana é a chamada emanação física ou aura de saúde dos ocultistas. É incolor e determinada por ténuas riscas que sobressaem do corpo físico, como as cerdas de uma escova.

Se a pessoa é saudável, as riscas são rígidas e horizontalmente erectas, ao passo que nos doentes ou enfermiços são desbotadas.

Da aura física desprendem-se partículas subtilíssimas, como as que se desprendem das substâncias odoríferas. Assim se explica que o cão fareje os passos das pessoas, cuja cor não lhe é desconhecida.

Outro elemento da aura humana é a energia vital, que os clarividentes percebem sob o aspecto de resplendor rosado, às vezes cheio de leves centelhas de magnetismo vital, se a pessoa for muito magnética.

Quando a aura se percebe clarividentemente, aparece matizada. As cores correspondem aos pensamentos e emoções predominantes no momento da clarivisão. Neste caso, a aura tem o aspecto de nuvem luminosa de cambiantes variados, que se estendem em gamas descendentes, até se esfumarem e desvanecerem no extremo limite.

★

Cada cor ou pensamento corresponde a uma realidade do pensamento, emoção, sentimento, paixão ou estado de alma, como indica o seguinte resumo:

Negro — *Ódio, malícia, vingança e todos os sentimentos vis.*

Cinzento-brilhante — *Egoísmo.*

Cinzento-lívido — *Temor, espanto, terror, conforme o maior ou menor grau de lividez.*

Cinzento-escuro — *Melancolia.*

Verde-brilhante — *Astúcia, tacto, habilidade na convivência, diplomacia.*

Verde-sujo — *Velhacaria, falsidade.*

Verde-escuro — *Sensibilidade, injúria, libidinosidade.*

Vermelho-vivo — *Cólera.*

Se a cólera provém do ódio, o vermelho-vivo tem fundo negro; se provém de ciúme ou inveja denota amor sensual; se é causada

pelo que se chama justa indignação ou santa ira, não tem fundo algum.

Vermelho-carmezim — *Amor, com várias tonalidades, segundo a índole desta emoção. O carmezim escuro e pesado denota amor sensual; o carmezim claro indica amor sentimental acompanhado de altos ideais; o carmezim rosado indica amor puro e platónico.*

Moreno-avermelhado — *Avareza e cobiça.*
Alaranjado-vivo — *Orgulho e ambição.*
Amarelo-dourado — *Talento, raciocínio lógico, ausência de preconceitos, discernimento.*
Amarelo-escuro — *Intelectualidade egoísta.*
Azul-forte — *Sentimento religioso.*
Azul-escuro — *Devoção interesseira e supersticiosa.*
Azul-claro — *Devoção ideal.*
Azul-celeste — *Espiritualidade.*

Este azul-celeste é luminoso, diáfano, impossível de descrever com palavras. Na aura de uma pessoa sumamente espiritual vêem-se pequenos pontos luminosos que cintilam como estrelas em noite serena.

★

Além destas cores e matizes, há outras que não entram no campo da visão humana normal. Estão neste caso os matizes e tonalidades do infravermelho e ultravioleta.

As cores e matizes do infravermelho denotam faculdades psíquicas empregadas em objectivos baixos e egoístas, semelhantes aos da magia negra. As cores e matizes do ultravioleta denotam faculdades espirituais superiores empregadas com fins nobres.

Outras cores áuricas que é preciso ver para conhecer, pois iludem o alcance da linguagem humana, são o amarelo primário, que designa suprema iluminação espiritual do intelecto, e o branco puríssimo de brilho e diafaneidade peculiar, que indica o despertar total do espírito.

As cores áuricas correspondentes às do plano físico derivam de três cores primárias: vermelho, amarelo, e azul, as quais junto ao branco e ao negro que, na realidade, não são cores, mas absorção sintética ou ausência de cor, constituem o espectro áurico.

O amarelo e o azul combinados dão o verde; o amarelo e o vermelho dão o alaranjado; o vermelho e o azul dão o púrpura.

A combinação das cores secundárias dá outras cores subalternas. Assim, o verde e o púrpura formam o azeitona; o alaranjado e o púrpura dão o encarnado; o verde e o alaranjado dão o limão.

A compreensão do carácter fundamental das cores primárias com o branco e o negro dão a chave de toda a gama das cores áuricas. E assim temos os três grupos: vermelho, amarelo e azul, e o branco e o negro.

Grupo Vermelho — *Representa a natureza física e sua presença indica existência e actividade da natureza inferior do homem.*
Grupo branco — *Representa a actividade do puro espírito.*
Grupo negro — *Denota a negação do espírito puro.*

As diversas combinações das três cores primárias, quer de per si, quer em relação com o branco e o negro, formam as cores e matizes correspondentes às diversas modalidades de actividade mental e emocional do indivíduo.

Nalguns casos, uma cor é misturada com listras de outra cor e tem manchas ou nuvens de tons diferentes.

Às vezes entremeiam-se duas cores que lutam entre si antes de se confundirem e também vemos que duas cores se neutralizam. Da mesma forma, nuvens amarelas e vermelhas muito brilhantes, que atravessam a aura, denotam conflito entre a razão e a paixão.

À primeira vista parece incompreensível que a combinação do azul, que significa espiritualidade, com o amarelo que representa intelectualidade, dê verde, indicador de falsidade; mas a dificuldade desaparece, se considerarmos que a falsidade não implica inteligência, pois os néscios não sabem engenhar as artimanhas dos falsificadores de profissão que surpreendem pela astúcia. Além disso, no verde indicador destas sinistras qualidades há sempre ligeira mistura de vermelho e negro que invalida a virtualidade espiritual e religiosa do azul.

Por outro lado, o verde está no centro do espectro, que contrabalança os dois extremos, recebendo a sua influência.

A lei de acção e reacção rege com vigor especial a constituição da aura humana, de modo que, se o indivíduo forjar a imagem mental de cor áurica determinada, suscitará na sua mente a índole mental e no seu ânimo a característica emocional correspondente à cor, cuja imagem tiver forjado e convenientemente mantida (2).

Não só as atitudes mentais e emocionais estão representadas pelas cores correspon-

dentes, como também a percepção das cores tendem a suscitar a respectiva atitude mental ou emocional. Assim se explica que se diga de um homem que está «vermelho de cólera» ou que tem «humor negro» e que o touro se enfurece à vista de um pano vermelho.

Igualmente se explica a acção terapêutica das cores nas doenças.

O azul e o violáceo, com todos os seus matizes, acalmam o sistema nervoso; o verde-claro vigoriza-o; o alaranjado e o amarelo aguçam as faculdade intelectuais; o vermelho excita o ânimo.

Quando se conhecem os princípios fundamentais da correspondência entre as cores e os estados mentais e emocionais, é possível formar uma aura protectora que resguarde a alma, a mente e o corpo das influências maléficas que se dirijam a eles.

Esta aura protectora é escudo eficaz contra todas as modalidades de ataque ou invasão de índole psíquica, venha donde vier, seja magnetismo pessoal pernicioso, vampirismo ou qualquer arte de magia negra.

Para constituir a aura protectora é preciso que o indivíduo construa a imagem mental de si mesmo, rodeado de brilhante luz branca, símbolo do espírito; e o espírito é o soberano senhor de todas as coisas ([3]).

([1]) Cremos que o autor se refere ao corpo astral, ao perispírito ou subconsciência.

([2]) Se as cores dependem das atitudes mentais e emocionais de cada indivíduo encarnado ou desencarnado (já que o livre arbítrio é permanente e imanente na individualidade), é lícito supor que os seres visíveis estão em condições de nos mostrar as cores que quiserem até mesmo adulterando-as, pois a vontade pode ser colocada em qualquer estado vibratório. Isto é corroborado pelo Dr. Gustavo Geley, ao manter a tese da ideoplastia, isto é, que a individualidade pode engendrar cores, imagens, etc., de acordo com a vontade, donde resulta que a interpretação das cores através da mediunidade vidente se presta a equívocos lamentáveis, sobretudo quando os diferentes matizes e tonalidades estão sujeitos a combinações cromáticas.

([3]) Não deixa de ser maravilhoso este último conselho, especialmente para os médiuns, que costumam ter ingratas sensações ao entrar num recinto onde haja aglomeração — cinemas, teatros, veículos de transportes colectivos —, vendo-se forçados a abandoná-los, sob pena de se sentirem «asfixiados», molestos, inquietos, numa palavra, fora do seu ambiente. Compete-lhes agora pôr em prática este conselho para se defenderem das baixas vibrações, formando ao seu redor uma sólida couraça contra as más influências. Recomendamos esta indicação a todos os sensitivos e às pessoas sensíveis, para não deixarem a porta do espírito aberta aos ataques circunstantes.

CARIDADE

Por

—— Idalinda Aguiar Matos ——

Tão decantada tem sido pelos poetas e prosadores! Em seu nome suplicam os mendigos aos homens indiferentes que passam e os crentes das mais variadas espécies conclamam-na como meio de agrado ao Senhor.

A despeito de tudo isto, independentemente dos conhecimentos ou da teoria maquinal, pratica-se realmente a caridade?! Pergunta fácil, resposta difícil!... Dificílima, porque o homem ainda não sentiu o alto valor da sua prática. Ser caridoso é algo superior, dignificante, por isso raríssimos estão preparados para tal mister. Em primeiro lugar exige renúncia e humildade; segundo, não será na acolhida de uma criança em lar particular ou colectivo a comprovação da prática da caridade. É preciso muito mais; dar o testemunho perante a humanidade e principalmente ante a própria consciência.

Caridade, como estás sendo incompreendida! Como as criaturas te confundem com esmola! Isto, sim, já se vai distribuindo por aí fora: no alimento, no tecto, na instrução que algumas casas proporcionam. Mas carinho, amor, vibrações de confiança e certeza aos pequenos seres que na vida surgem em prova dura de seu passado, pouco se prodigaliza!

Temos ouvido lamentações dolorosas de mães que renunciaram ao convívio de seus filhos para colocá-los em orfanatos ou casas de criaturas «caridosas» no sentido de lhes ser dada assistência material e espiritual... e lágrimas incandescentes foram a compensação de seus sacrifícios; a desilusão e a revolta inundaram-lhes o coração!

Só podemos dar na medida do que possuímos. Precisamos preparar-nos, robustecer os nossos sentimentos no amor universal para que aprendamos a distribuí-lo farta e indistintamente, porque só de posse desse tesouro ímpar, podemos fazer CARIDADE!

ANIMAIS CLARIVIDENTES

A demonstrar os seus dons psíquicos perante uma entusiástica audiência, na Maison des Spirites, esteve recentemente uma personalidade particularmente atractiva e simpática — um cão chamado «Kabyle».

A dona deste notável cão estava a seu lado, durante uma recente reunião promovida em auxílio duma sociedade de protecção aos animais. Era a célebre escritora e boa amiga dos animais, Madame Geneviève Desvignes.

Embora não sendo espirita, treinou «Kabyle» sob a orientação de Madame Carita Bordérieux, que é editora de *Psychica*, e a escritora mostrou bastante simpatia pelo trabalho realizado nesta casa fundada pelo saudoso Jean Meyer.

Descrevendo a demonstração em *Astre 53*, escreveu o engenheiro Philipe Cayeux:

«Numa visita recente a Paris tive o prazer de assistir à apresentação ao público de um cão maravilhoso, pela minha velha amiga Madame Geneviève Desvignes.

Este cão, de raça indefinida mas de olhos incrìvelmente brilhantes, quase humanos por inteligência e profundidade, foi apresentado a um auditório que incluia médicos, engenheiros e escritores, entre os quais dois professores da Faculdade de Medicina.

Após três meses de treino, este cãozinho, a quem Mme. Desvignes havia dado um lar, provou que o instinto dos animais pode ultrapassar em talento a vontade de um ser humano. Esta demonstração de aprendizagem realizou-se sem o mínimo constrangimento.

«A seguir a cada resposta correcta» — diz Cayeux — a dona de «Kabyle» recompensava-o com um pedaço de biscoito, mas era evidente que entre o ser humano e o cão se desenvolvera uma corrente de entendimento e amizade, sem os quais semelhantes resultados não poderiam ser obtidos. «Kabyle» repetiu à nossa frente os clássicos exercícios do cão aritmético, contando unidades com a pata direita, dezenas com a pata esquerda e centenas com as duas patas da frente, juntas, ao mesmo tempo.

«Os seus cálculos deram os mesmos resultados certos, quer os problemas fossem orais ou escritos no quadro. Somou para nós contas de 3 e 4 colunas; depois fez subtracções cada vez mais difíceis, seguidas de multiplicação e divisão. Também foi bem sucedido em cálculo de quadrados e cúbicos e em raízes quadradas e cúbicas.

«Devo confessar que encontrou a raiz cúbica mais ràpidamente do que eu. Depois a dona pediu-lhe que contasse o número de assistentes, e o cão, fixando num relance de olhos cada um por sua vez, bateu com a pata esquerda uma vez, a indicar dez, e seis vezes com a pata direita, para indicar as unidades. Como estávamos presentes 16 pessoas, o seu cálculo estava certo.

«A dona fez-lhe as mais variadas perguntas e as respostas vieram sempre correctas e dadas sem a menor hesitação.

«O momento sensacional, porém, veio com as perguntas a que «Kabyle», normalmente, não saberia responder. Perguntaram-lhe, por exemplo, se uma senhora ali presente tinha estado na jaula de um leão, ao que ele acertadamente respondeu que sim, apesar de não conhecer a pessoa em questão.

«Perguntei ao cãozinho se minha mulher tinha andado a cavalo, ao que ele respondeu que não. Depois perguntei se minha filha tinha ido fazer desporto. Respondeu logo afirmativamente».

O articulista conclui dizendo que o conhecimento deste cão parecia superior ao instinto do homem.

Embora uma simples observação não permita conclusões científicas, — termina Philipe Cayeux — é demonstração fascinante das possibilidades de inteligência dos animais.

«Kabyle» tem o seu «Livro de Ouro», no qual estão inscritas inúmeras e entusiásticas apreciações daqueles que têm observado os seus dons extraordinários. Um deles, reencarnacionista convicto, diz alegremente:

— «Kabyle», na sua próxima existência, poderá muito bem a vir a ser membro da Academia das Ciências.

Não aventuramos tanto. Mas damos razão a Francisco de Assis, quando chamava aos animais: *Meus irmãozinhos...*

A ESCOLA

Pelo Espírito de OLAVO BILAC

Vem e agradece a Deus, a mão piedosa e santa,
Que, ao fulgor deste altar, te ilumina e consola.
Aqui pulsa, imortal, o coração da Escola,
Em cuja glória humilde a terra se levanta.

Vem e agradece a Deus a salvadora esmola
Dessa fonte de luz que jorra, vibra e canta,
Na vitória do bem que há muito se agiganta
Sobre as minas do mal em que a treva se isola.

Aqui é o ninho excelso entre o Lar e a Oficina;
Entra e louva a lição que desce cristalina,
Do amor que vem do Céu, alto, puro e fecundo...

A Escola que te educa e sustenta a subida
É o templo em que o Senhor nos enaltece a vida,
Exaltando a beleza e a redenção do Mundo.

Página psicografada por Francisco Cândido Xavier, em 16-11-954, na inauguração oficial do Ginásio «O Precursor», de Belo Horizonte).

COMPLEXOS

PSICOLOGIA ESPIRITUALISTA

(ENSAIO)

Por ZALMINO ZIMMERMANN
(Correspondente em Porto Alegre — Brasil)

3.º

O pensamento evangelizado é tudo. Constrói, estabiliza, reforma, destrói, reconstrói (1)... Quanto maior a evolução moral do ser, mais poder mental possuirá. Será senhor absoluto de si. Todo o sistema nervoso e endocrinológico estará sob sua acção directa (mental) e esta será tanto mais apurada, quão mais apurado estiver o sentimento.

Toda profilaxia ou tratamento precisa da terapêutica evangélica. Aliás, embora indirectamente, já os autores modernos despertam para essa realidade. Os serviços de Higiene Mental (2) são processados de outra maneira? Não é o mais puro cristianismo? Somos, pois, levados a perceber a proximidade extraordinária que existe entre a Psicologia e Evangelho. E mais: considerando que a saúde orgânica, depende do equilíbrio mental, haverá maior código de vigor físico-mental que o Evangelho?...

A neo-psicologia imprime carácter teleológico evangélico (mesmo que nenhuma outra fosse, a psicologia precisaria de ser ciência finalista) e com suas novas armas está destinada a surtos grandiosos. Eis as suas notas fundamentais: a) Sentimento; b) Método da Intuição em diversas escalas, inclusive toda a variedade mediúnica. Tudo mudará sob o influxo da espiritualidade superior. A psicologia será uma delicada e perfumada flor que abrirá — completamente desimpedida — suas suaves pétalas aos diamantinos raios do Sol do Espírito. E será toda iluminada nas mais íntimas moléculas e acabará perfumando todo o jardim do conhecimento humano com um novo odor, todas as ciências serão revitalizadas, desde a mais pura Matemática, a Física, a Química (as novas construções intuitivas referentes à percepção, abstracção, etc.), até à Sociologia (3) e o Direito, passando pelas naturais... O Direito, então, sentimos que se avizinham forças que o farão tremer em suas bases clássicas. A psicologia jurídica será talvez uma das especialidades que mais absorverão os novos conceitos, pela sua enorme analogia no ponto de vista moral (4). A etiologia toma novíssima configuração. Novos conceitos sobre a emoção e a paixão são trazidos a lume, frente às novas interpretações sobre o Sentimento. Ganha a teoria intelectualista, segundo a qual os fenómenos somáticos da emoção representam uma consequência do estado afectivo; transforma-se e enriquece-se a teoria somática (William James, seguido do dinamarquês Lange, foi quem formulou a teoria fisiológica ou somática da emoção (5), segundo a qual ter consciência de uma emoção forte é ter consciência da sua expressão orgânica); envolvem, enfim, em termos próprios, os conceitos psicanalíticos e as pretensões de que toda emoção é expressão dinâmica de um instinto, emanada de fontes conscientes ou inconscientes. Sim, não mais o instinto, mas o próprio campo emocional em si, gerador, reflexo primário e directo do Espírito (com todo o seu contigente perispiritual, que, temos a impressão seja o próprio subconsciente, o perispírito, apesar de toda a bibliografia que possuímos, ainda é uma grande incógnita...)

A Criminologia toma, então, rumos inusitados: essencialmente estudiosa das possibilidades profiláctica e educacionais, firmada no princípio da desigualdade das categorias espirituais resultante de evoluções diferentes e tendo em mira o problema da reforma moral, como solução tremenda, mas única (!) de todos os problemas penais. Nesse sentido, é bela a expressão do patrício Pereira da Silva (6): «para a psicanálise, a criminologia, como tantos outros problemas, é uma questão pedagógica. O futuro da ciência penal seguirá em marcha paralela com a ciência da pedagogia». «Sem a ideia do castigo que não regenera e que fica *dormindo* no inconsciente como força recalcada, nós podemos readaptar os inadaptáveis ao ambiente social, sem a *panaceia* dos códigos vigentes». O problema também ai é de Amor. Que mudança na neonata Penologia! É preciso aproveitar os novos recursos intuitivos e elaborar uma psicologia evangélica que penetre no ângulo sentimental dos criminosos, fora e dentro das prisões, e aí, no íntimo, se construir nova gama de entendimento. É preciso buscar as causas profundas, as tendências, mas como nova luz: o Evangelho racionalizado, que foi legado a uma só família, onde, lògicamente, todos são Irmãos.

A neo-psicologia, por assim dizer, cria outro cosmorama. A intuição, alicerçada no centro sentimental, emocional por excelência, regedor de uma nova criação que é sublimação biológica, o psiquismo (7), substitui a experimentação que, de resto, há já decénios, «move-se sempre no mesmo círculo, de que, parece, não sabe sair nem para uma conclusão, nem para progredir. «O método experimental me dá a impressão da cegueira que precisa de recorrer ao tacto» (Ubaldi). Aliás, o método intuitivo não traz nada de novo para a humanidade. Já o Pai da Teosofia, o grande Pitágoras, dizia que «só sabemos em razão de nossa faculdade de recepção».

Nesse «século dos nervos», tão bem denominado «século da psicologia», os princípios psicológicos (como está, aliás, sucedendo em todos os conhecimentos) surgem e superam-se em extraordinária velocidade, em ânsia de algo mais real, que tenha correspondência mais lógica e sensível com as necessidades do momento evolutivo que atravessamos. (E de Claparède, baseado na doutrina de W. James, formulou os fundamentos de uma «educação funcional»; seu ponto de contacto foi o «interesse»; apesar das críticas modernas, sua obra permanece como gigantesca baliza em psicologia e pedagogia — a expressão de que a «erudição engana quase sempre» (8), e ainda: «a fecundidade, eis o critério único para o homem de ciência, sejam quais forem as dificuldades teóricas que possam criar!». Referindo-se ao método que estava introduzindo: «Não pode ficar de lado um instrumento, sob o pretexto de que a lógica, a epistemologia ou a tradição científica lho proibe». Evidentemente, para ele tinham outro sentido essas palavras, mas bem podem ser aplicadas a esse assunto. Sob a alegação de

anormal ou inusitado, não se pode impedir a evolução da ciência!

A psicologia — mais responsável que todos os outros conhecimentos, por tratar da «causa», do Espírito — ou avança pelas novas veredas evangélicas-intuitivas-dedutivas, ou, em breve, cairá na mesma conceituação de De Foe sobre as muralhas da China: um grandioso nada!

As esperanças, todavia, são muitas, sobretudo quando despontam pensadores do quilate de Ludwig Klages (9) — o Pai da Caracteriologia e da Grafologia contemporânea — que trouxe à luz científica novos conceitos em oposição à velha usança metodológica e que muito já se aproximam do conhecimento intuitivo (Pouco importa que já diversos autores historiem, comentem e refundam a Caracteriologia, introduzindo elementos novos, mais adiantados ou supostamente adiantados. A obra de Klages é a de um verdadeiro precursor da ciência do futuro). O inovador insigne declara insuficiente o método experimental e estabelece como elementos principais, entre outros, o conhecimento de si mesmo e a auto-reflexão abstracta. Assim postulando, o autor termina por colocar bem à vista de todos os investigadores a afirmação de que «sem os fundamentos que só pode oferecer a ciência do carácter, os esquemas tipológicos ficam suspensos no ar». Positivamente, esse pensador aproximou-se muito do que estamos denominando «psicologia espiritualista». Esta, entretanto, é muito mais complexa e a própria caracteriologia pode ser uma faceta apenas, se bem que importante, principalmente nos estudos tipológicos.

A psicologia intuitiva pretende, sob o princípio unitário, adubar todos os conhecimentos humanos através do método intuitivo-dedutivo, vendo o Homem e toda a Criação (nos seus infinitos estados evolutivos) pelo prisma Sentimental, pois que tudo é Sentimento ou sua manifestação — nos animais é *Primário* (instinto, impulso); no homem é *Normal* ou, digamos, *Actual;* nos super-homens (génios, santos, heróis, artistas...) é *Superior*.

Assim, as criaturas são idênticas, no íntimo, umas às outras, e todas estão mergulhadas nesse grande fluido universal que é o Amor e que vai se apossando, paulatinamente, dos nossos EUS, à medida que evolvemos, e tanto mais fàcilmente resolvemos os problemas da alma, quanto mais depressa associamos esse elemento — o Amor — às soluções.

É o que sentimos sobre os novos rumos da psicologia. Um simples ensaio, despretencioso e sintético. Nada mais. A grande obra está reservada aos missionários — psicólogos monistas (!). Aguardemos, pois. Que apareça mais esse majestoso edifício da espiritualidade e agradeçamos à misericórdia do Pai que ergue o pecador do lodo e o conforta com a luz da esperança e do conhecimento, incentivando-o a progredir e melhorar-se, rumo à Evolução e à Libertação.

---

(1) Não é exacto ó reparo de Holitscher (Walter Hollitscher: «Psico-analisis y Sociologia») quando diz que «quanto mais desenterramos as causas subjacentes dos transtornos nervosos, tanto mais nos convencemos de que sua frequência em nossa sociedade, comparada com as sociedades antigas, tem origem na regulação da actividade sexual». Sem considerarmos as notáveis revelações ubaldinas no terreno das nevroses, basta o argumento educacional. A exuberância sexual está em relação inversa com a evolução do Sentimento. (2) Ver, entre outros bons trabalhos — a novel e interessante obra de Arthur Ramos «A Criança-Problema» (Higiene Mental na Escola Primária). O autor trata amplamente a questão, embora não seja suficiente quanto à psicoterapia. No entanto, apresenta um retrato bem brasileiro e nisso está grande parte de seu mérito. (3) Roger Bastide, Prof. da Universidade de São Paulo, em sua obra «Sociologia e Psicanálise», avança bastante. Já tira ilações importantes sobre o problema «complexo» Considera-o de origem social, nas condições de vida familiar e trata diversos outros aspectos psicológicos. Também são dignos de consideração os recentes trabalhos realizados por Kardiner e por Malinovski, este, entre os indígenas das ilhas de Trobriand. (4) São muitos os autores que tratam deste assunto. Ver — por serem tão próximos — E. Mira y Lopes, com a sua «Psicologia Criminal»; A. Ramos, com «Loucura e Crime», abordando temas mais ou menos inéditos. É extraordinária a recentíssima produção do antropólogo e criminalista Fernando Ortiz, «A Filosofia Penal dos Espiritas», inteiramente enquadrada na Endrocrinologia. Desenvolve, harmoniosamente, um profundo estudo sobre os limites da influência do organismo sobre a alma. Embora indirectamente, dá belo contingente à moderna Psicologia Jurídica. (5) «Précis de Psychologie» e «Les Émotions, Étude Psychophysique» — Cit. p. Nelson Hungria in «Comentários ao Código Penal Brasileiro», Vol. V, Art. 121. (6) Gastão Pereira da Silva — «Para Compreender Freud» — Pág. 134. (7) P. Ubaldi — «As Noúres» — Cap. «As Premissas». (8) Edouard Claparède — «Educação Funcional» — Cap. «Inteligência e Saber» — Pág. 49 (9) Ludwig Klages — «Los Fundamentos de la Caracteriologia».

FIM

CONFIA SEMPRE

Não percas a tua fé entre as sombras do mundo.

Ainda que os teus pés estejam sangrando, segue para a frente, erguendo-a por luz celeste, acima de ti mesmo.

Crê e trabalha. Esforça-te no bem e espera com paciência. Tudo passa e tudo se renova na Terra, mas o que vem do Céu permanecerá.

De todos os infelizes, os mais desditosos são os que perderam a confiança em Deus e em si mesmos, porque o maior infortúnio é sofrer a privação da fé.

Hoje, é possível que a tempestade te amarfanhe o coração e te atormente o ideal, aguilhoando-te com a aflição ou ameaçando-te com a morte.

Não te esqueças de que amanhã será outro dia.

MEIMEI

(Médium Francisco Cândido Xavier)

Anotações de ARGUS

Só comentaremos os livros de que nos sejam enviados dois exemplares.

Há muito tempo que esta secção anda ausente das colunas de *Estudos Psíquicos*. Os motivos não vêm ao caso. O que importa é a sua necessidade. A crítica elevada, prudente, construtiva, deve fazer parte de um programa de acção semelhante ao nosso. Quem aqui pontificou soube impor a análise com espírito de justiça, sem parcialismo, visando caminhos mais amplos, de luz mais radiosa.

Uma obra, qualquer que seja, é produto de esforço que é preciso ter em conta. Merece, portanto, exame cauteloso, que estimule o talento incubado e oriente noutros rumos alguns valores que erraram a profissão.

Não somos crítico, no verdadeiro sentido do termo. Somos leitor atento habituado a observar e comparar as coisas, sejam transcendentes, sejam comesinhas; leitor de prosa e verso, de literatura e arte, de ciência e filosofia, em tudo encontrando motivos de gozo espiritual. Só neste pé diremos algo das obras que nos enviarem, como quem escreve a lápis à margem de um livro são.

Mas isto não nos impedirá de afirmar princípios, de emitir opiniões desassombradas. Quem fala em público expõe-se à crítica. Escrever um livro e difundi-lo é falar em público, é pedir opinião a este a àquele, opinião sincera, opinião imparcial. Diremos, pois, o que sentirmos, sem ideia de menoscabar os autores e, muito menos, de os atacar. Deste modo preencheremos a lacuna, se tivermos engenho para isso.

1 — **CUMPRINDO-SE PROFECIAS** (Materializações de Espíritos em S. Paulo). por *Mário Ferreira*. Édipo — Edições Populares, Lda. S. Paulo, 1955. 256 págs.

O livro em apreço é constituído por várias actas de sessões de efeitos físicos realizadas no *Grupo Espírita Padre Zabeu*, de S. Paulo, e demonstração de como esses trabalhos poderiam aplicar-se ao campo educativo.

Na primeira parte, descrevem-se os fenómenos de levitação, de voz directa, de transportes, etc., etc., muito conhecidos dos investigadores; na segunda sugere-se a criação de um curso facultativo de metapsíquica nas escolas secundárias e superiores.

As actas vão de Outubro de 1948 a Outubro de 1954. Redigidas de forma expressiva, denotam o critério que presidiu às reuniões de que fazia parte, como director ou mentor, o deputado paulista Dr. Francisco de Castro Neves, além de uma plêiade a que pertenciam os drs. João Curia, Santos Fortes, Reinaldo Rondino, Renato Cardoso, o coronel Carvalho Vilar, o Capitão Dagoberto Veltri e o autor, professor Mário Ferreira, além dos médicos Joel Lagos, Milton de Andrade e Odilon Martins, que interferiram como fiscais, ora auscultando entidades materializadas, ora o próprio médium.

O intercâmbio estabelecido entre o Além e o Aquém; os conselhos dados pelo Espírito-guia a que chamaram de *Padre Zabeu;* a probidade que pairou em todas as experiências; o desejo de estudar até os mais ínfimos pormenores; a dedicação do médium José Correia Neves, tudo isto concorreu para notabilizar os trabalhos do Grupo.

Uma das mais curiosas materializações foi a do homem que viveu no segundo século da nossa era e que apresentava a toga dos antigos romanos. O dr. Milton de Andrade diz: «Tomei-lhe o pulso, que era rítmico, cheio, presumivelmente a 80 pulsações por minuto. O coração estava normal. Em seguida entrei na cabina e verifiquei a pulsação filiforme do médium, a cerca de 90. Suava e estava amarrado e algemado, como no começo da sessão. Os nós eram os que eu dera nas cordas que o prendiam à cadeira».

Noutra sessão — a de 3 de Setembro de 1953 — o Espírito «Geraldo» provou a imortalidade da alma e a autenticidade dos fenómenos de materialização e conduziu cinco assistentes ao gabinete do médium, um de cada vez, enquanto conversava com eles, dizendo, entre outras coisas: «Eu sou eu; o Zèzinho é o Zèzinho. Posso assemelhar-me ao Zèzinho, mas não sou o Zèzinho». O Zèzinho era o médium.

«Cumprindo-se Profecias» é uma obra honesta, que honra o seu autor. Gostaríamos que ela apresentasse a crítica dos trabalhos, em vez de se limitar à transcrição das actas e a várias elucidações das próprias entidades materializadas ou comunicantes.

William Barrett analisou os fenómenos físicos do Espiritismo numa obra exaustiva traduzida e editada pelo nosso confrade Isidoro Duarte Santos, sob o título «Nos Umbrais do Além». As actas do *Grupo Espírita Padre Zabeu* contêm belo material para obra semelhante e parece-nos que o escritor Mário Ferreira, de quem já conhecemos o livro «Nas Veredas da Paz», se poderia abalançar a essa tarefa, coadjuvado pelos seus doutos companheiros.

2 — **A PSIQUIATRIA EM FACE DA REENCARNAÇÃO,** pelo *Doutor Inácio Ferreira*. Edição do autor. 1955. Impresso na Gráfica «A Flama». Uberaba, Estado de Minas Gerais. 182 págs.

O Dr. Inácio Ferreira é médico psiquiatra abalizadíssimo que há muito dirige o *Sanatório Espírita de Uberaba,* no qual tem desempenhado missão notável, atento à terapêutica somático-espiritual. Dessa experiência resultaram várias obras, entre elas, «Novos Rumos à Medicina» (2 volumes), «Espiritismo e Medicina» e «Têm Razão?», que se encontram quase esgotadas. Além disso é escritor ardoroso e

convincente, cuja potencialidade o leva a derramar talento por obras doutrinárias, como «Esquetes», «Contos», «Conselhos a meu Filho», etc., etc.

Agora deu-nos «A Psiquiatria em face da Reencarnação». Tema sugestivo, de grande alcance moral. Não se trata, pròpriamente, de obra científica, em que se prove, por A+B, a verdade da reencarnação. O que o autor quis foi pôr em equação o desequilíbrio social de muitos lares onde reina a desconfiança, a mágoa, o ódio, e as explicações colhidas no Sanatório, impregnadas de grandes ensinamentos espirituais. Assim, o livro é um documentário vivo, palpitante, exemplar, dividido em 17 capítulos, alguns dos quais citamos: «Espíritos que se Reencarnam no Mesmo Lar com o fim de se Reconciliarem», «Reminiscências do Espírito», «Um Casal Atribulado», «Angústia de Mãe», «Alcoolismo», «Consequências do Passado», «Um Lar Desfeito», «Filho que Detesta os Pais», «Um Lar Feliz», «Expiação», «O Filho Repudiado», «Soerguimento de um Médico», «Nascer, Morrer, Renascer».

Ali se estuda o caso dos distúrbios nervosos nos lares que tanto preocupam médicos e governos. Entre as causas do mal está o desconhecimento da Reencarnação, verdadeiro tratado que a Psiquiatria não lê, mergulhada em misoneísmo, uma espécie de emparedado científico a julgar que o mundo se confina no estreito espaço que o cerca.

Há coisas que pertencem mais ao raciocínio do que à simples observação. As questões citadas, tão objectivas, tão flagrantes de realismo, não podem explicar-se à luz da psicologia clássica. Os seus elementos estão para lá das fronteiras terrenas. Por isso mesmo, e se o efeito existe, há-de haver uma causa. A reencarnação é a chave mestra do problema. Só ela o pode explicar, só ela pode resolver a situação moral de cada família e dar a solução mais lógica.

A verdadeira causa de muitos distúrbios que a ciência não debela encontra-se muitas vezes no passado. É o que se conclui das mensagens espíritas obtidas no Sanatório e que ilustram admiràvelmente todos os capítulos desta obra, cuja leitura recomendamos, não a título de reclamo, mas convictos de que prestamos bom serviço a quem deseja formar a sua biblioteca à custa de obras utilíssimas.

SOLILÓQUIO

Por MANUEL CAVACO

Harmonia: *é a sábia expressão da Inteligência Suprema manifesta na unidade de vida geral e na diversidade dos ritmos de vida do infinitamente pequeno como do infinitamente grande, delineando prèviamente as directrizes desses movimentos, conservando a mesma forma básica na formação do cristal, no reino mineral, a mesma estrutura específica nos seres do reino vegetal e animal, com aperfeiçoamento rácico e individual na esfera hominal.*

Energia: *é o fluido vital que, nos seus primordiais aspectos: estático e dinâmico, anima o Universo e se patenteia em todas as expressões da Natureza.*

Energia é outro acto de inteligência divina, perfeitamente manifesta na moderação do seu estado normal e primário, animando e alimentando os diversos elementos da Natureza, e notável pela sua violência nos seus estados secundários e anormais, quer provocados pelo choque da natural e mútua combinação dos elementos, quer pela intervenção da vontade humana no aproveitamento dessa energia contida nos elementos da Natureza.

Matéria: *dela é expressivo exemplo este planeta, célula viva do Macracosmo; ele constitui uma verdadeira escola experimental, onde as humanidades, em períodos alternados, realizam parte do seu curso evolutivo.*

Matéria é a concretização do pensamento divino na pluralidade infinita de modalidades sem conta, servindo para o homem plasmar as suas ideias em experiências renovadas, durante o desenvolvimento da consciência de si próprio e de toda a Natureza.

Finalidade: *O objectivo do Ser humano é adquirir a consciência do Ser Divino.*

Do homem, o mais simples esquema de subdivisão é da dualidade: corpo e alma. *Todavia,* alma e corpo *são dois agregados de sistemas diversos formando* «o complexo humano».

Observa-se no corpo físico que, além do sistema nervoso, os tecidos: dérmico, epidérmico, adiposo, muscular; a rede venosa e a arterial; a circulação do sangue e pròpriamente o esqueleto, são outros verdadeiros sistemas; e em cada órgão interno observa-se um sistema peculiar. A diversidade de funções distingue a diversidade dos respectivos sistemas.

Observa-se na alma *que o* corpo astral — *duplo exacto do corpo físico, servindo de molde e substracto orgânico—, é compreendido pelos sistemas: etérico, perispiritual que ligam o Espírito à matéria, o sistema sensorial, memorial, mental, intelectual, consciencial, constituindo o* Espírito.

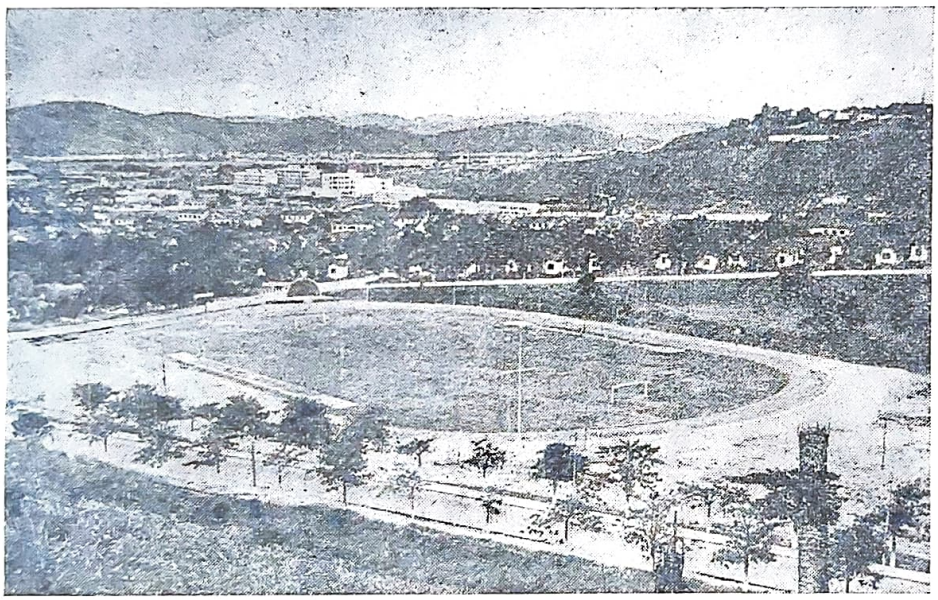
O «complexo humano» é um verdadeiro microcosmo que o Espiritismo subdivide numa trindade simples e clara: Espírito, Perispírito e Corpo-físico, *sendo este terceiro elemento veículo da evolução terrestre; o segundo, o veículo da evolução astral; e o primeiro constitui o verdadeiro indivíduo.*

ECOS DE U

Por ISIDORO D

NA CIDAD

Como dissemos algures, o viajante é segador de ilusões ansioso de novas messes. As espigas que tombam são folhas do seu livro de impressões. Hoje uma, amanhã outra, vão caindo, vão murchando, como pétalas de rosa. O perfume fica nos corações, onde se cravam às vezes alguns espinhos. E lágrimas afloram aos olhos, quando a visão rectrospectiva mergulha mais fundo nos quadros afectivos que se esbatem. A seara que vem é diferente da que foi, embora o sentido permaneça. Como serão estas espigas? Como será a paisagem? Haverá mais joio, menos joio?...



Volta Redonda, a Cidade do Aço...

Quando, em 17 de Maio, saímos de Resende, após a conferência no Centro Espirita «Flora de Araújo», vibrávamos como espiga verde ao som de brisa matutina. E em nossa alma de ceifeiro sobrepunham-se as imagens... extinguiam-se as imagens... num vaivém ininterrupto. Era a seara ondulante onde a foice espiritual se fizera sentir em gestos que ficavam na memória e no sentimento.

À viagem diurna, com o Magaldi e sua verve, o Paraiba e seus prados, as aves e seus cânticos, sobrepunha-se o boqueirão da noite que os faróis do carro espancavam, às ordens do Abraão. Lembrámo-nos de Ovídio: «A noite faz desaparecer muitas máculas e esquecer muitas imperfeições». É refúgio de tristes que nela meditam e sonham, que nela vislumbram clareiras de ventura esquiva. É outro reverso do concerto natural, vigoroso, superabundante, que enche os olhos e os ouvidos numa orquestração estranha aos maiores pintores e aos búzios que a julgam concentrar.

O automóvel era um bólido a deslizar na cerração da hora, que os minutos iam desfazendo. A ampulheta quase não tinha significado. Os que ali estavam não se haviam desligado ainda daqueles momentos fraternos. Viviam mais o passado do que o presente. Não era recordação, era constância melodiosa do que exaltara o espírito, na irmandade das ideias.

Vauvernargues aconselhava que se falasse aos homens em coisas que pudessem entender. O que eles falaram nessa noite ia direito ao coração, todos o entendiam sem esforço. E alegrava, alegrava muito essa comunhão de júbilo que o entusiasmo caldeara. Resende ficaria em nós a irradiar perfume.

O Abraão atentava nos faróis perscrutadores, cuja pesquisa insistente abria cami-

MA VIAGEM

JARTE SANTOS

K

E DO AÇO

nho ao veículo. Em que pensaria ele? E o Magaldi?... Talvez sentissem o mesmo quadro. As emoções grandes desafogam no silêncio, como dizia Camilo; e o nosso mutismo saboreava iguaria espiritual que as palavras destruiriam. Há minutos que valem horas nos domínios do sentimento e desejaríamos prolongá-los, como oceano sem fim...

Nesse reduto inexpugnável cabe tudo o que pudermos imaginar: ligação de afectos, aspiração de ventura, sonho de beleza, cultura de amizade. Bem andou Antero de Figueiredo em lhe chamar segredo de almas sábias e prudentes. Sim, lá cabe tudo o que exalta e espiritualiza. As grandes obras de amor residem no silêncio virtuoso.

Mas também há nele monstruosidade. É o verdadeiro mundo do espírito, onde se plasma o bem e o mal, o belo e o feio.

O deambular das ideias é neblina que faz esquecer o tempo. E assim foi, que não demos pela travessia. Volta Redonola denunciava-se no fulgor das luzes que, minuto a minuto, eram mais intensas. Até a noite diminuia a espessura e o Magaldi a sonolência. Este sentia-se próximo de casa e reagia ao João Pestana. O sono altera a fisionomia. De um brigão sai um justo; de um criminoso, um inocente. O Magaldi sonhava com a família. Sonho nobre, de elevado intuito, reconforta sempre, embeleza sempre...

Grande já ele era a nossos olhos. Agora sublimara-se, pairava no céu da quietude...

★

Ia a noite em menos de meio, quando chegámos à cidade, recortada de canteiros, de placas ajardinadas. Parámos no Hotel Brasil, relativamente perto da grande usina da Companhia Siderúrgica Nacional e o confrade Abraão proporcionou-nos uma pequena digressão nocturna, afim de apreciarmos um lindíssimo panorama. Na verdade o jogo das luzes oferecia paineis magníficos que ainda guardamos na retina, como se fossem de ontem.

Estávamos em Volta Redonda, na Cidade do Aço, empório de uma ideia em marcha, em torno da qual se agitava grande parte da economia brasileira.

Esta legenda bailava em nós, ora clara, fotogénica, expressiva, ora difusa, como névoa circundante que o vento extinguia. Tínhamos contemplado a flora de Santa Cruz, tínhamos ladeado pastagens imensas e atravessado florestas, cuja existência o europeu estava longe de imaginar.

A cidade do aço... Sabíamos que o Brasil era o país de maiores jazigos de ferro do mundo e que bastava a sua exploração em grande escala para levar a riqueza àquele território.

Waldemiro Patsch oferecia a seguinte imagem: «Se todos os navios do globo transportassem, dia e noite, o nosso minério de ferro, poderiam trabalhar centenas de anos sem esgotá-lo».

As maiores reservas mundiais pertencem a quatro países: Brasil (30 %), América do Norte (20 %), França (16 %) e Terra-Nova (12 %). Mas, além disso, o minério brasileiro é de elevado teor metálico. Nenhum outro se lhe compara. Atinge 66 a 72 % de ferro, contra 30 a 60 % de minério de outras regiões.

Também sabíamos que os Estados de Minas Gerais, Baía, S. Paulo, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Santa Catarina e Rio Grande do Sul guardavam no subsolo enormes reservas de oligisto *e que, só em Minas, os depósitos atingiam perto de 6.000 km². O oligisto é semelhante à* hematite, *sexquióxido de ferro muito conhecido em Portugal, e o seu teor metálico chega a 70 %. Ao lado deste, a* magnetite *ocupa lugar especial no Paraná, S. Paulo e Santa Catarina. Atinge 72 % e é composta de óxido salino de ferro que se utiliza na fabricação de magnetes naturais.*

Sabíamos tudo isto e a nossa imaginação

perdia-se em conjecturas acerca do que estaria reservado ao formoso rincão que tão prazenteiramente nos acolhera.

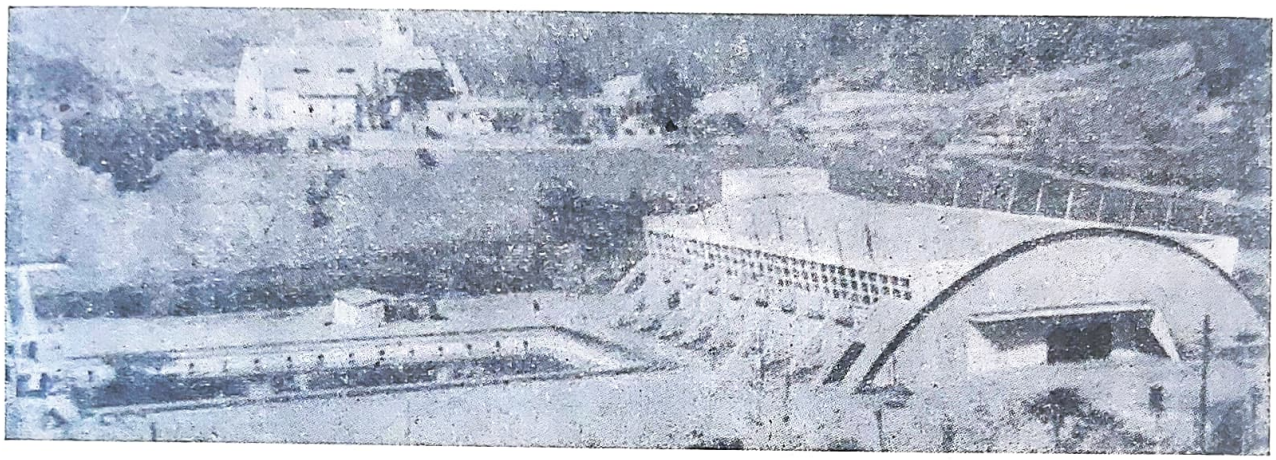
★

O fumo das chaminés impedia a visão das luzes que tremulavam para lá da Usina. O cansaço apoderava-se de nós e era necessário repousar. Há momentos decisivos que subordinam a mais forte organização física. Não bastam reacções viris. O descanso impõe-se a todos os seres e até nos próprios metais o fenómeno se exerce inexoràvelmente.

Íamos tomar a posição horizontal, relaxar os músculos, escrever à família, rabiscar notas telegráficas, relativas à viagem, porque éramos ao mesmo tempo autor e comparsa, viajante e secretário. Outros se fizeram ladear de acólitos com a missão de anotar os mais ínfimos pormenores. Nós éramos tudo, fazíamos tudo, porque duas revistas mensais exigiam direcção e colaboração em ritmo acelerado. Estavam longe, a milhares de quilómetros, e circulavam pelo interior do Brasil, dando conta de nosso pensamento e nossos passos.

Estudos Psíquicos e Medicina Natural mantinham-se em forma, com admiração dos numerosos leitores que se espraiam do Rio Grande do Sul ao Pará, ignorando o esforço de um homem que mal tinha tempo para se alimentar, que dormia inquieto em virtude das emoções que um grande e generoso povo produzia nele, que andava em roda viva, de manhã, à tarde e à noite, topando aqui, topando além, satisfazendo a este, prometendo àquele, cheio de reconhecimento e de lágrimas jubilosas. Mantinham-se em forma e só Deus sabe com que trabalho hercúleo.

Os corpos redactoriais que prestigiam e dão alento às grandes publicações não existiam em nossas empresas. Os colaboradores especializados, os polemistas, os tradutores, os cronistas, os críticos, os anotadores estavam concentrados numa só personalidade. De longe em longe um ou outro vinha aliviar a cruz, mas o cenário volvia ao aspecto anterior. E a correspondência numerosa, variada, permanente, que tais órgãos implicavam; e os livros, que iam saindo periòdicamente de seu cérebro e de suas mãos de editor; e as mensagens do Alto que recebia e se enfileiravam e constituiam volumes que corriam mundo e dessedentavam os sequiosos de espiritualidade; e as suas traduções que faziam gemer os prelos e diminuir o fósforo do organismo; tudo isto, que não é pouco, que é demasiado para uns tantos e impossível para muitos, avolumava-se em nós, ao descer um outeiro, na peugada do hotel...



Ginásio coberto de 6.000 lugares, da C. S. N., e piscina olímpica

★

Um serviçal bondoso indicou-nos o aposento. Segundo ou terceiro andar, janela aberta sobre a noite esmaltada de pirilampos. Alguns iluminavam o Paraíba de águas verdes, a deslizar tranquilas vale em fora. Arrumámos o trem, utilizámos o chuveiro e a cama recolheu o invólucro físico, no qual o espírito se rebelava contra a fraqueza da matéria.

Começou então uma viagem retrospectiva iluminada pelo clarão da saudade. Os acontecimentos transactos vinham à tona no

oceano da memória e o coração batia emocionado, enquanto o futuro se antolhia num arco-íris de esperança. Mas a consciência não distinguia bem as cores, que se confundiam na visão imprecisa. O que se passara naquele dia continha emoção e agitação. Mil coisas diferentes que procuravam acantonar-se, como quem se refugia do temporal violento. Depois, alguma coisa emergia não sabemos de onde e deslizava em curva ascendente, semelhante a foguetões teleguiados. O Atlântico ia ficando sob um risco luminoso, risco que avançava em velocidade progressiva...

Camilo disse uma vez que a saudade era a poesia humana. «O que os melhores poetas têm dito — acrescentou — melhor o têm sentido os que nunca fizeram versos». E concluindo: «Onde virdes um homem recolhido com saudade, aí está um poeta, que a poesia quer dizer enlevo doloroso».

Sim, a saudade é feita de poesia. O grande Bilac chamou-lhe «presente dos amantes» e Garrett «doce amargo de infelizes». Mas houve e há mil opiniões diferentes. Ramalho Ortigão exclamava: «Saudade! Amorável vingança dos que ficam e santo penhor dos que voltam!». Coelho Neto foi mais carinhoso. Aquela «cabana pequenina a um canto do coração» é delícia de almas, banha-as em perfume subtil...

O homem não sabe definir o tempo. Há minutos que passaram e continuam presentes. Que é que os retém na memória, tão nítidos, tão vincados, que os sentimos ainda a clamar e a vibrar? A mansão dos Pustilnilk, em Resende, a Academia Militar das Agulhas Negras, a conferência da noite, o acolhimento fraterno, fixavam-se no seio do viajante, onde outros quadros se erguiam aureolados de ternura.

Abríamos os olhos de vez em quando, para avaliar o instante. Não havia dúvida: aquilo era o Hotel Brasil. Lá estava a janela, lá estavam os pirilampos da cidade, lá estava o firmamento recamado de estrelas. O dia correra bem, os amigos tudo haviam feito para exaltar a comunhão da ideia. Mas a noite envolvia a terra. E as chaminés, os arranha-céus e os monumentos de engenharia mergulhavam num mar sem fundo, cuja superfície se povoava de ilusões que iam e vinham, como fogos de santelmo...

Fechávamos os olhos novamente e novamente a cavalgada nos aturdia. Aquilo era a saudade, chama deste e de outros mundos, a iluminar e a escurecer. António Granjo cantou-a suavemente em versos inesquecíveis:

Saudade é sonho que treme,
Saudade é canto que chora,
É como um beijo que geme,
Como um ai que se evapora.

Não houve ninguém ainda
Que soubesse definir
Que é essa tristeza infinda,
Que às vezes nos faz sorrir...

Saudade é como que amar
Alguém que foge de nós,
É um como querer cantar
E prender-se-nos a voz...

A nossa, não tinha definição humana. Comprimia-se e dilatava-se; caminhava na crosta, singrava nos mares, voava nos céus, em toda a parte encontrando lenitivo e apoio. O próximo e o longínquo amalgamavam-se no mesmo segundo e resultava um estado de alma específico, cheio de gradações e florações... As terras brasileiras que sulcáramos, as mãos dos amigos, as palavras brandas, as afirmações de apoio, o cântico, a música, as legendas amáveis, eram claridades inebriantes a cirandar... Até que o sono imobilizou o corpo e a manhã surgiu, luminosa e alacre, repondo em seu lugar as chaminés, os arranha-céus e os monumentos de engenharia...

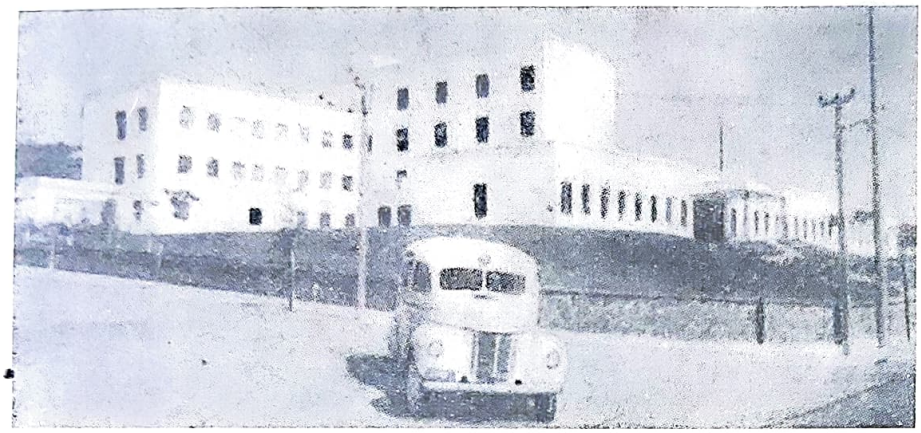
★

Volta Redonda estuava de vigor na antiga fazenda de Santa Cecília, plantel de gado leiteiro e de ricos pomares, tão ricos, que algumas árvores deram o nome a certos bairros citadinos. O Paraíba dá ali uma grande volta, quase redonda, e o povo alcunhou-a. Mais adiante fica a linda cidade de Barra Mansa, também ao lado do rio.

O Brasil moderno necessitava de criar a indústria siderúrgica, a fim de impulsionar a economia nacional, e os técnicos escolheram aquele sítio, ao quilómetro 102 da rodovia Presidente Dutra e servido por trens diurnos nocturnos. Clima excelente, belo aeroporto, o viajante encontra ali as facilidades que deseja. Quinze anos de existência, quinze anos de progresso, emancipação e transformação. Em 1941 era alfobre iluminado a querosene. Hoje é símbolo da maior indústria brasileira, a caminho da independência económica do país. À meia dúzia de agricultores sobrepôs-se uma cidade moderna de 40.000 habitantes, homens válidos, engenhei-

ros, técnicos, contabilistas, médicos-cirurgiões, professores, a maior usina siderúrgica da América do Sul. A seu lado uma bela fábrica de cimento lhe aproveita a escória de alto forno e, disseminadas pelo continente, há muitas outras que dela recebem a matéria-prima.

Iríamos visitar esse empório no dia seguinte, antes de seguir para Cruzeiro, no Estado de S. Paulo.



Hospital da CSN em Volta Redonda, dispondo de 140 leitos e todas as clínicas, além de ambulatórios e socorro urgente

★

Demos umas voltas naquele xadrez de cimento e alvenaria e pusemos em ordem correspondência e papelada diversa. Ficámos à vontade, isolados do bulício, como se estivéssemos em praia atlântica. Só a janela continuava aberta de par em par.

— Tem o dia por sua conta — dissera o Magaldi na véspera.

Ainda bem! O programa era «comer e dormir», para compensar o demasiado esforço dos últimos dias. O elevador estava à nossa disposição para certas andanças no hotel e algumas vezes o utilizámos em premências de estômago.

Novamente o silêncio. Sabia melhor que as iguarias. Desafogava as emoções, retemperava os nervos e o espírito sentia-se rejuvenescer. Em vão Delpit lhe chamara a arma dos fracos; em vão Molière igualara um tolo emudecido ao sábio que se cala; em vão Júlio Diniz apostrofara a beleza do repouso, quando alguma ideia o inquietava. O mutismo fazia-nos bem, dissessem o que dissessem os pensadores. Farto de argumentar e perorar em dezenas de assembleias e de responder a milhares de perguntas, encarávamos o repouso com alta sugestão.

Criámos à nossa volta um compartimento estanque, alheámo-nos da vida exterior, abstraímos até os próprios pensamentos. A lei exercia-se entre a mesa e a cama...

O silêncio tem influências que o palrador não conhece. Feliz daquele que pode viver escutando. Colecciona a melhor moeda, avoluma cabedal e livra-se de conflitos. O silêncio é uma torre de vigia. Ouçamos Correia de Oliveira:

> Sair de um sábio silêncio
> Para, à toa, dizer tudo,
> É trocar moeda de ouro
> Por algum cobre miúdo.

Mas o silêncio é actividade física e mental, mais objectiva, mais eficiente. Oceano sem margens, nós o formamos a bel-prazer e nele vogamos livremente, sem recalques ou censuras. Só o juizo veleja, impondo ordem ao navegante...

É preciso emudecer uma vez ou outra e dar tréguas à loquela. Pois não disse Tagore que o silêncio sabe proteger a voz, como os ninhos protegem as aves adormecidas?... E Maeterlinck, que a palavra é tempo e o silêncio eternidade?...

Mesmo de dia, o silêncio desce como a noite. A princípio é deserto e monótono. Depois vai sendo povoado... São imagens, sombras, visões que aparecem e desaparecem, vividas ou por viver, emotivas algumas, outras pungentes e amarguradas...

★

O Centro Espirita Estudantes da Verdade ficava a dois passos. Estava em plena construção. O presidente era o Magaldi. Seriamos recebido numa sala amplíssima, semi-rebocada, tijolo visível, piso térreo. A maior honra, senhores! Voz de lusíada a inaugurar um Centro brasileiro, onde o carinho e a simpatia irradiariam a flux!

Pensávamos nisto, no silêncio do Hotel. Mais uma jornada, mais um esforço de auscultação e compreensão.

Descemos o elevador para o jantar, quando o sol se esbatia no horizonte.

Lá fomos em companhia de confrades amigos. Volta Redonda estava iluminada. A

mesma névoa, os mesmos pirilampos se reflectiam no Paraíba.

O Centro atraira centenas de pessoas. Um português ali era coisa notável. E galgando sarrafos, argamassa e entulho, atravessámos um grande corredor, do qual apreciámos a estrutura do edifício. Ao fundo, compartimento maior, com letras a branco num quadro negro:

Deus salve Portugal! Jesus seja com o nosso querido Isidoro!

A mesa era uma grinalda policromada. Flores de amizade, flagrantes, aromáticas, que o jardim do sentimento arrancara ao canteiro mimoso. O Magaldi, o Osvaldino, o João Rodrigues, o Izalino, o Joel, o Tedesco, o Wagner, o Luís Fernandes e outros que lá mourejam, estavam em corpo ou em espírito. Membros de uma direcção esforçada, cavouqueiros de um dia e de um ano presentes na tarefa, mimosearam-nos com gentil oferenda: «Vinha de Luz», de Emmanuel, *psicogravada pelo querido médium Chico Xavier.*

Dedicatória simples a irradiar amizade:

Irmão Isidoro! Ao folhear esta grandiosidade de *Emmanuel*, sentir-te-ás mais próximo dos teus amigos e irmãos brasileiros, levando o preito de saudade aurido na visita que acabas de fazer à *Associação Espírita Estudantes da Verdade*. Leva também o abraço imorredoiro de sua Directoria.

O Dr. Joel Alves de Oliveira fez a apresentação do conferencista que, afinal, não merecia tanto. Palavras magnânimas que não se ajustam, exaltação do que não existe em nós, tudo em termos simples, convincentes. A numerosa assistência julgou que éramos alguém, um orador, um mestre, um clarão cuja esteira intensa riscasse o firmamento de Leste a Oeste. Como se enganavam! Onde estava a oração, a ciência, a luminosidade?... Amor é que havia em nós. E foi nessa atmosfera amorável que gastámos uma hora a trabalhar na cadeia da boa vontade. Conversa de Portugal foi ela, dirigida a irmãos do Brasil, tão bons, tão dedicados, que nos esquecemos do oceano que, apesar de largo, nos separava na aparência.

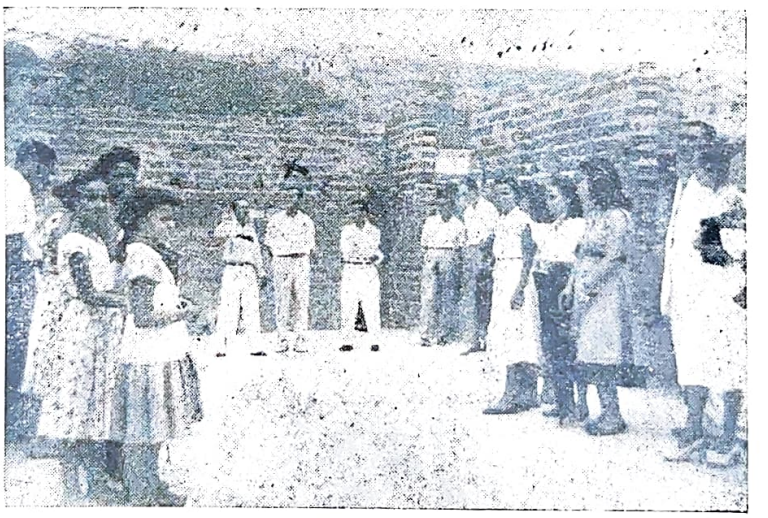
Também ali julgavam que o Espiritismo morrera na Lusitânia. Não morrera, não! Continuava a existir, continuava a lutar. Estudos Psíquicos era a prova real. Circulava erecta em sua dignidade de folha volante; defendia o ideal sem receio nem temor, respeitando a lei e respeitando-se a si própria, criando opinião, ensinando, orientando, estimulando. Ninguém lhe entravara o caminho.

— Há outros, todavia...

Sim, há outros. Sempre os houve e há-de haver. Respeitamo-los para que nos respeitem. Mas a Doutrina é clara e precisa: «Cada um responde pelos seus actos. O pai não paga pelo filho, nem o filho pelo pai».

A liberdade é coisa relativa. É o pão que os povos têm de ganhar com o suor do rosto, na expressão de Lamennais. Ninguém duvida da asserção. Mas nós vamos mais longe, com Kingsley: «Há duas liberdades: a falsa, em que o homem é livre de fazer o que lhe apraz, e a verdadeira, em que é livre de fazer o que deve». Sabemos até onde chega a nossa e preferimos limitá-la, a amplificá-la, porque o excesso de liberdade é anarquia, mata a própria liberdade.

Pois falámos muito do Espiritismo em Portugal. Do Espiritismo e de seus animadores, dos combatentes que não esmorecem, que vão de casa em casa atiçar a fogueira, para que não haja desertores.



Reunião da Mocidade Espírita de Volta Redonda, com os operários (Magaldi × e outros)

D. Maria Magaldi fechou o serão com uma linda prece. Que elevação, que espiritualidade no seu verbo doce e amigo! Grande alma, lago sereno, fonte de vida a jorrar!

A reunião fora admirável de fraternismo.

Continuávamos a sentir o ambiente cálido, inexcedível de vibração.

Depois de muitos abraços dirigimo-nos ao lar do Magaldi. Bairro ajardinado e casa... portuguesa, cheia de sol espiritual. O chefe — já sabem — é um «brasileiro-luso», professor de Farmácia em Juiz de Fora. Mas a sua maior ciência é amar Portugal. Nunca vimos falar de um povo com mais simpatia. Das glórias, da raça, da alma colectiva, da beleza dos campos, das mulheres, dos poetas, dos pintores... Nunca vimos... Por isso o trazemos no coração.

D. Maria deu-nos um café delicioso e o Magaldi vários livros para autografar. Alguns eram deste pobre autor. Como teriam ido para Volta Redonda? O progresso é culpado de muita incongruência, mas também autor de muita maravilha.

★

No dia 19 visitámos a Usina com o Alfredo Miguel Prado, que nela aplica o seu esforço. O cicerone foi o português João Ferreira da Silva Júnior, obreiro decidido da Companhia.

Duas horas e meia nos perdemos no labirinto da Cidade do Aço, o primeiro estabelecimento fabril da nação que utiliza coque metalúrgico. Essa matéria-prima sai de 55 fornos em estado incandescente e é levada para o Alto Forno como agente térmico e redutor do minério. O gás de coqueria produz alcatrão, óleos leves, naftaleno, sulfato de amónio, etc. Dos óleos leves se obtém o benzol, o toluol, a nafta solvente e o xilol. Do alcatrão se extraem pixes de reajustamento, óleos de creosoto e vários desinfectantes.

Os dois altos-fornos de coque podem produzir diàriamente 2.500 toneladas de ferro-gusa; seis fornos «Siemens-Martin», de aço, laminação, estruturas metálicas, etc., de onde saem 500.000 toneladas por ano, em trilhos e acessórios, perfis, barras, chapas grossas, bobinas a quente e a frio, chapas galvanizadas e folhas de Flandres...

A indústria química brasileira é baseada nos subprodutos de Volta Redonda. Por isso podemos avaliar os milhões de dólares que ficam no Brasil, na indústria transformadora, que dinamiza os recursos nacionais, desde o minério ao carvão de Santa Catarina.

É pena que o assunto não se enquadre em nossos desígnios, pois teríamos ensejo de mostrar o progresso vertiginoso de um país ubérrimo destinado a grandes missões civilizadoras. Sempre diremos que os serviços sociais da Usina são relevantes e que as suas instalações escolares e desportivas contam com um belo ginásio coberto, de 6.000 lugares, e uma piscina olímpica. Além disso, um belíssimo hospital se ostenta em local apropriado, dominando o casario de estilo moderno, sombeado aqui e ali por grandes árvores.

As notas que tirámos serão possìvelmente desdobradas em livro especial acerca da economia brasileira. Por ora informamos que, depois da primeira fase de expansão (710.000 toneladas anuais de lingotes de aço), se caminha para o milhão!

Eram horas de almoço. Tínhamos de abandonar aquele gigante de aço (o edifício da laminação tem 1.230 metros de comprimento) e seguir para a cidade de Cruzeiro. À saída fomos presenteados com um café, durante o qual falámos muito da mãe pátria, que os nossos interlocutores eram filhos ou descendentes de portugueses.

Minutos após estávamos na tebaida do Miguel, linda vivenda, cadeirões de verga no alpendre, onde nos sentámos um pouco, em troca de impressões. Depois chegou a esposa do nosso amigo e almoçámos em doce convívio. Um lar modelo, o do Alfredo Miguel Prado. Ainda o lembramos com alegria. Ele é o tipo do espiritista de Santa Cruz: franco, modesto, hospitaleiro; ela, a esposa, o tipo da mulher afável, carinhosa, alma aberta às ideias amoráveis. Os filhos, rebentos promissores, verdadeiros homens de amanhã...

★

A mesa simples reconfortou-nos. Agora, outro caminho se abria a nossos passos. Volta Redonda ficaria atrás, arruamentos impecáveis, casinhas alegres, rampas suaves ornadas de flores. No meio, altaneira e vibrátil, a Usina Siderúrgica, fonte de riqueza a desdobrar-se, a multiplicar-se...

O Brasil orgulhava-se desse empreendimento e tinha razão. O progresso afirma capacidade. O desenvolvimento da inteligência humana e de circunstâncias exteriores pode revolucionar o mundo, no dizer expressivo de Rossi.

Pode, sim, pode revolucionar. Deste lado do Atlântico, nova luz irradia capaz de elevar a nação às maiores alturas. O tempo colonial pertence à História. O Brasil de hoje é um país moderno, cheio de empreendimentos, onde o entusiasmo freme e a mocidade canta.

A PENA DE MORTE

Por ALEIXO VÍTOR MAGALDI

(Correspondente em Volta Redonda)

II

Não são hipóteses o que afirmamos. A acção dos espíritos desencarnados está exaustivamente provada e comprovada, através de experiências positivas, levadas a cabo por experimentadores rigorosos, vultos eminentes de vários ramos da ciência mundial. Podíamos citar autores e mais autores, tratados e mais tratados, que seria um nunca acabar, todos provando, experimentalmente, a existência do espírito antes de animar o corpo humano, a sobrevivência da alma após a morte do corpo, a individualidade do espírito desencarnado, a responsabilidade da alma nas acções do homem, a reencarnação do espírito em sucessivas vidas humanas, a energia e a acção do espírito desencarnado, sujeito sempre aos impulsos do ódio e do amor.

III

Para dar um sabor mais realista e um tom de actualidade às nossas afirmativas, vejamos o que vem publicado às páginas 86 e 87 de *Estudos Psíquicos*, n.º 3 do 17.º ano, de Março p. p., a primorosa revista do Espiritismo luso-brasileiro, editada em Lisboa por Isidoro Duarte Santos, à Rua do Salitre, 149, 1.º, sob o título «*Crime Praticado por um Fantasma*», relatado por James Crenshaw:

(Um dos casos mais espantosos de fantasmas, cujos pormenores são autênticos).

«*Conheci um homem que foi testemunha ocular dum crime praticado por um fantasma. Gerardo Murillo, ou Dr. Alt — nome que o tornou verdadeiramente popular — é, há muito, um homem notável na vida social, política e artística do México, onde nasceu há mais de 70 anos. O Dr. Alt referiu-se primeiramente ao estranho crime, no seu livro de reminiscências denominado «Gente Profana no Convento». Depois, em conversa comigo, mostrou o seu interesse pelo meu livro «Telefone Entre os Mundos» e descreveu mais pormenorizadamente certos passos deste estranho crime. Durante a agitação que se seguiu ao assassínio do Presidente Carranzas e à sucessão do General Obregon, em 1920, o Dr. Alt foi residir num mosteiro da cidade do México. O antigo convento, que tinha sido, havia muito, ocupado pelo Governo, era agora ùnicamente ocupado pelo porteiro Angel Gutiérrez e sua família, por um coronel afastado pelo novo regime e pela ordenança deste. O Dr. Alt estava politicamente envolvido nos dois partidos da revolução de 1920 e foi o antigo soldado Angel que lhe deu abrigo, pedindo-lhe desculpa da presença do Coronel, um «mal encarado» com fama de ter assassinado muitas pessoas. Angel vivia com a esposa e dois filhos jovens num quarto perto da entrada que dava para um grande pátio, localizado entre duas arcadas que formavam um quadrângulo para onde davam os quartos do primeiro e do segundo andar. O Dr. Alt ficou numa das celas do 2.º andar, onde estava também o Coronel e a ordenança. Angel confessou ter medo do fantasma de um frade que — dizia ele — passeava à noite nos corredores e por isso era provável que houvesse outros locatários no mosteiro. Admitia não ter visto o fantasma, mas sentia o ar gelado, quando este passava por ele. Afirmava também que o Coronel via tão claramente o fantasma do frade, que o seguia através das arcadas sombrias e, de vez em quando, desfechava o revólver contra ele. O Coronel jurava que o havia de mandar de novo para o cemitério. Angel dizia que se davam outras manifestações no velho claustro, tais como longas procissões de fantasmas que não eram vistos mas cujas rezas em voz baixa eram audíveis. Os filhos sentiam sufocantes e frequentes pressões nocturnas, tornando-se necessária a presença dos pais para adormecerem. O Coronel queixava-se, também. Por vezes sentia grande peso no peito e descrevia a figura dum frade encapuzado que deslizava entre pilares e arcadas. Por seu lado, a ordenança declarou ter visto o frade, embora não tão nitidamente como o Coronel. Vira sòmentte o perfil, o capuz e um cordão branco pendendo ao longo do hábito. Nunca lhe vira o rosto, mas tão sòmente a mão enorme a segurar as dobras do hábito. Isto causava-lhe nervosismo e não abandonou o mosteiro com receio das represálias do Coronel, que ele temia mais do que ao próprio fantasma. Como se aproximava uma festa religiosa, onde, segundo Angel, se davam as mais vincadas manifestações, este convidou o hóspede a ficar, para espreitarem de noite o fantasma. O Dr. Alt não estava muito interessado no caso, pois acreditava pouco em espírito, mas, por uma questão de delicadeza, aceitou o convite de Angel. Na noite aprazada, como as crianças se mostrassem extremamente nervosas, foram levadas para casa de um vizinho. Angel e o Dr. Alt sentaram-se no meio do pátio e esperaram. O Dr. Alt deixou-se dormir. Perto da meia noite Angel acordou-o, dizendo que as vozes come-*

çavam a ouvir-se. O Dr. Alt não ouvia nada e Angel salpicou-lhe a cara com água para se certificar de que estava acordado. Depois seguiu Angel por um dos corredores e sentiu uma lufada de ar frio. Primeiro tirou a mão do bolso para sentir melhor aquela corrente de ar e seguiu em direcção às escadarias que conduziam ao segundo plano de arcadas. Agora já ouvia o estranho murmúrio de muitas vozes, como se estivessem rezando. A meio das escadas foram interrompidos por um grito arrepiante que partia do quarto de Angel. Os dois homens desceram e foram encontrar a Senhora Gutiérrez com um ataque de nervos. Entre soluços, dizia que uma força horrível a empurrara contra a parede e a manietara, até que conseguira gritar. Lá se viam as marcas de duas grandes mãos. — Aquelas impressões pareciam marca em cimento molhado, embora tivessem sido feitas numa velha parede — disse o Dr. Alt. Angel jurava ter caiado recentemente a parede e por isso tinha a certeza de que nessa altura não estavam lá as marcas que se conservaram muito tempo, até que a parede foi derrubada, durante a demolição posterior daquela parte do edifício. A seguir a esta cena pavorosa, nada mais aconteceu naquela noite. No domingo seguinte, quando todos haviam deixado o mosteiro, excepto o Dr. Alt, este, já perto do crepúsculo, foi para a varanda e ali ficou a olhar para o pátio. Ouviu abrir e fechar a porta principal com grande estrondo. Supôs ser Angel que voltava. Porém, em vez disso, viu o coronel e a ordenança a entrar para os seus quartos. Minutos depois reapareceram e atravessaram o pátio, dirigindo-se para a entrada. Segue-se o depoimento daquilo que o Dr. Alt testemunhou depois: «Moderaram o andamento e a ordenança parou exactamente a meio do pátio. O coronel avançou até ficar debaixo de uma das arcadas. A sua atenção pareceu fixar-se dentro da larga entrada. Do sítio onde me encontrava, vinte metros afastado da cena, podia observar com exactidão o movimento dos dois homens. Vi o Coronel avançar lentamente, tirar o revólver do coldre, estender o braço e apontar e alvejar qualquer coisa que eu não vi. Fez fogo repetidas vezes. Cinco ao todo. Tentou carregar de novo o revólver, mas este saltou-lhe das mãos, como se tivesse levado uma pancada. O Coronel levou precipitadamente as mãos ao pescoço, dir-se-ia querer libertar-se duma força que o estrangulava. Moveu a cabeça de um lado para o outro, desesperadamente, e depois vi a coisa mais estranha que se pode imaginar: o corpo caiu lentamente para trás e ficou suspenso no ar, sustentado por uma força invisível. Continuou a inclinar-se para trás de maneira inconcebível, até tocar no chão. Ali debateu-se violentamente e soltou um gemido, ou antes, um bramido de animal ferido com que terminou a luta. E a ordenança desmaiou completamente, dominada pelo medo. A morte ocorreu tão repentinamente, que nem sequer pensei em me mover do sítio onde me encontrava, até ouvir o gemido surdo do Coronel. Então atirei-me pelas escadas abaixo e corri para aquele corpo. Estava flácido e imóvel. O rosto avermelhou-se. Tinha a língua de fora. Baixei-me para ver o pescoço e notei que tinha escoriações e sinais de três enormes dedos. Momentos depois chegou Angel e a família com um grupo de vizinhos que ouviram o ruído dos tiros. Compareceu também a polícia vinda duma esquadra próxima. O Dr. Alt e Angel disseram tudo o que sabiam, mas ficaram detidos. O corpo do Coronel, assim como a ordenança ainda inconsciente, transitaram para a esquadra. O Comissário de polícia perguntou se havia mais alguém no mosteiro, no momento do crime. Apesar da incriminação que isto implicava, o Dr. Alt insistiu em que não havia mais ninguém, além do Coronel, a ordenança e ele. «Tenho a certeza», acrescentou, sem analisar o que dizia, «Quem quer que estrangulou o Coronel, não era visível para mim». O Comissário disse que a justiça não podia admitir a participação dum fantasma num crime. O Dr. Alt respondeu que não tinha falado em fantasmas, mas sòmente do que tinha observado. Parecia que o Dr. ia ser acusado do crime, até que sugeriu um exame mais rigoroso acerca da marca dos dedos no pescoço. O médico já tinha verificado que a morte fora devida a estrangulamento. Pediram-lhe que comparasse os sinais dos dedos deixados na garganta com os dedos do suspeito. Depois desse exame, o médico declarou que os dedos do Dr. Alt — dedos pequenos e delicados dum artista — não correspondiam de maneira alguma aos sinais deixados no cadáver. Contudo, o Dr. Alt ficou detido até a ordenança recuperar os sentidos. No dia seguinte a ordenança foi ao mosteiro com o Dr. Alt, onde se fez a reconstituição do crime. O trémulo soldado, ainda num precário estado de nervos, insistiu firmemente que o Coronel tinha feito fogo contra a figura de um frande encapuzado.

— O meu Coronel deu um tiro e logo depois mais quatro — disse ele à polícia —. O fantasma continuou a andar em frente e tive um medo terrível. Estava certo de que o meu Coronel ia carregar de novo, mas, quando levantou o braço, surgiu da sombra uma mão enorme que lhe apertou o pescoço.

— A sua história condizia perfeitamente com o que o Dr. Alt dissera sobre este ponto. A ordenança descreveu como aquela monstruosa mão sacudira o Coronel e o colocara no chão lentamente inclinado para trás. O Comissário foi forçado a admitir que, embora no seu relatório não pudesse atribuir o crime a uma aparição, também, por outro lado, não podia acusar qualquer das duas testemunhas, ou mesmo Angel. Assim, o crime foi atribuído a «pessoa ou pessoas desconhecidas». O Dr. Alt declara que continuaram a dar-se no mosteiro várias manifestações psíquicas, du-

rante perto de ano e meio. Então ele e Angel descobriram um cemitério secreto dentro da Abadia. Informaram as autoridades e foram depois removidos 120 esqueletos, após o que cessaram os fenómenos supranormais. Como pensador racional, o Dr. Alt admitia ter sido um dos poucos homens — possivelmente o único — que, nos tempos modernos, testemunhou um crime praticado por um fantasma».

IV

Diante do exposto, cremos que não restará dúvida alguma de que o espírito do criminoso, cujo corpo passou pela pena de morte, continuará com plena possibilidade de cometer novos crimes, invisìvelmente, intangìvelmente, desembaraçadamente, impunemente, sem deixar às suas vítimas a mínima possibilidade de defesa, em condições, portanto, muito mais vantajosas, sendo incomparàvelmente mais perigoso para a sociedade do que quando estava encarnado, agindo por seu corpo físico; de que, livre do corpo somático, o espírito desencarnado actua telepàticamente e ctoplàsmicamente, sobre suas vítimas, causando-lhes perturbações mentais, distúrbios glandulares, alterações neuro-vasculares, mais ou menos profundas, irremediáveis e incuráveis pela Medicina Clássica. E as provas temo-las por toda a parte, nos manicómios e nos hospícios e casas de saúde superlotados de doentes sem esperança de cura. Assim, reconhecemos que toda a razão teve Deolindo Amorim, incançável estudioso, magnífico expositor da Doutrina Espírita, ocupado em difundi-la pela pena, pelo microfone e pela tribuna, quando afirmou, na lúcida conferência que proferiu a convite, no Instituto Brasileiro de Criminologia, na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, em 20 de Outubro de 1955, e publicada pelo *Reformador*, mensário religioso de Espiritismo Cristão, editado pela Federação Espírita Brasileira, sita na Avenida Passos, 30, Rio, no seu n.º 12, do ano 73, de Dezembro de 1955, páginas 9 a 16:

Devemos elucidar este ponto, dizendo inicialmente que a organização filosófica do Espiritismo está apoiada sobre os seguintes princípios básicos:

1. Imortalidade da alma após a morte;

2. Individualidade da alma, porque o Eu individual não se fracciona e não desaparece;

3. Unidade da alma como corolário da segunda proposição, porque a alma continua a ser sempre a mesma, não se confunde nem se desintegra;

4. Continuação da responsabilidade individual, como consequência dos princípios anteriores;

5. Reencarnação, através das vidas sucessivas, como único meio de aperfeiçoamento espiritual.

Dentro desta orientação, já é fácil deduzir, desde logo, que o Espiritismo é uma doutrina fundamentalmente CONTRÁRIA À PENA DE MORTE, porque é uma solução negativa em face da filosofia imortalista. É verdade que a pena de morte pode ser examinada à luz de diversos aspectos, sem que ainda assim se modifique a nossa maneira de ver, à luz do Espiritismo:

Como solução jurídica, por mais equilibrado que seja o senso de justiça humana, é de efeito duvidoso, porque nenhum tribunal está isento de cometer um erro judiciário, como nenhum juiz está absolutamente isento de equívocos;

Como solução social, ainda que adoptada em casos extremos para eliminar indivíduos perigosos à tranquilidade geral e aos bons costumes, não destrói o mal, como parece, porque:

a) — Com a morte do indivíduo não se mata a alma, não se extingue o sentimento de vigança para o futuro;

b) — Com a extinção sumária de uma vida, não se faz o seaneamento da sociedade, tanto assim que, nos países onde há pena de morte, continua a haver criminosos, apesar da inflexibilidade da Justiça;

Como solução política, invocada em nome da chamada salvação pública ou de «defesa do Estado», a pena de morte pode ser um instrumento de violência contra inimigos dos Governos que não toleram a crítica, nem a oposição, nem a liberdade.

Além do aspecto humanitário ou sentimental, a pena de morte, para a Doutrina Espírita, é uma solução inteiramente falha, sob o ponto de vista filosófico, porque o fuzilamento ou a cadeira eléctrica, ou qualquer outra forma de eliminação legal, não destrói o espírito, não apaga o germe de ódio, de vingança e perversidade. Há vinganças de ordem espiritual que chegam a tomar a forma de obssessões tremendas, com todas as aparências de loucura. Se o espírito é imortal, se não perde a sua individualidade, e se a responsabilidade não desaparece com a morte física, a pena de morte é insuficiente para operar a regeneração de costumes. Eis aqui, em síntese, o pensamento da Doutrina Espírita: a pena de morte ainda é um recurso atrasado, sem resultado prático, porque não inpede a continuação do mal. Eliminar um indivíduo pela solução sumária, ainda que executada com todas as características de legitimidade, é negar-lhe oportunidade para regeneração.

TRATADO DE METAPSÍQUICA

Acaba de chegar ao nosso Depósito esta obra extraordinária do grande cientista Charles Richet, *prémio Nobel* de Fisiologia, há tanto tempo esperada pela família espírita.

3 volumes encadernados com 1.000 páginas. Em venda o 1.º volume — 160$00.

ENVIAMOS ESTA OBRA À COBRANÇA

Doentes Incuráveis Tratados Psìquicamente

OS HOSPITAIS DAVAM-LHES SÓ ALGUNS DIAS DE VIDA

Duas pessoas abandonadas como incuráveis pela classe médica e supostas com escassos dias de vida, recuperaram a saúde pelo tratamento a distância. Uma delas, uma mulher, estava de facto tão doente, que lhe davam sòmente 24 horas de vida.

Agora encontra-se bem, a caminho de completo restabelecimento, depois de ter estado internada no hospital, enquanto os médicos perplexos tentam resolver o enigma da sua cura inacreditável.

Harry Edwards, curador de fama mundial, foi o médium destes espantosos acontecimentos.

Numa carta dirigida ao curador — que transcrevemos — o marido conta como a esposa ficou gravemente doente, quando estava para dar à luz. Apesar da cesareana que salvou a criança, a vida da mãe corria perigo. Eis a carta:

Harry Edwards com o seu assistente George Burton, tratando uma doente no quarto de um grande salão de Londres, após uma demonstração pública.

«É-me difícil reunir as ideias para exprimir a minha gratidão pela intervenção a favor de minha mulher, que, de facto, se restabeleceu admiràvelmente, com assombro do hospital, regressando a casa de perfeita saúde.

«Ontem encontrei-a completamente transformada. Bem disposta e alegre, estava sentada na cama a alimentar o bebé. Isto, apenas 48 horas depois de no hospital me terem dito que nada mais podiam fazer e que não esperavam que ela sobrevivesse no fim da semana.

«Como pode imaginar, eu estava desesperado e é tal o meu alívio que apenas consigo exprimir assim o meu reconhecimento.

«Minha mulher dera entrada no hospital há pouco mais de uma semana, com elevada tensão arterial e toxemia aguda e tentaram inùtilmente provocar o nascimento por meios cirúrgicos.

«Na última 4.ª feira a toxemia tornou-se mais elevada e fizeram-lhe uma cesareana. Felizmente, foi bem sucedida e a criança — uma rapariga — embora prematura de 3 semanas, era normal e saudável, pesando quatro quilogramas.

«Na sexta-feira, depois de tudo seguir normalmente, surgiu grave complicação. Os intestinos paralizaram e no dia seguinte os rins deixaram de funcionar. Era raro sobrevirem estas complicações e o cirurgião disse-me que tal nunca acontecera no hospital, em toda a sua experiência. admitindo que a causa da doença e a cura eram desconhecidas e que não podiam aplicar-lhe mais do que simples paliativos. Os casos de cura, porém, eram tão raros, que só ligeira esperança poderíamos alimentar.

«Para avaliar a eficácia da intervenção cirúrgica será talvez interessante notar o seguinte:

«No sábado, análises ao sangue revelaram existência normal de ureia, isto é, percentagem de 150 para 40. Nessa noite falei com a Sr.ª Burton, e, no domingo, a percentagem era de 60. Ontem, 2.ª feira, o sangue estava normal. Os rins funcionavam e os intestinos libertavam-se da paralisia. Por conseguinte, noto que esta espantosa cura de 48 horas se deve inteiramente àquela senhora por me ter restituído mulher e filha. Em breve tornarei a escrever-lhe».

Três dias depois veio a seguinte carta do marido, com a avalanche de correspondência entregue diàriamente em Burrows Lea:

...«Tenho o prazer de lhe dizer que o estado de minha mulher continua a melhorar de tal forma, que em breve deverá ter alta do hospital.

«Por tudo isto, parece impossível que no hospital dissessem que ela morreria no fim da semana.

«As circunstâncias desta cura foram extraordinárias. A meu pedido, o médico relatou-me alguns pormenores. Só conhecia outro caso semelhante, que se dera anos antes em Cardiff, mas a enferma morria três dias depois.

«Em sua opinião a paralisia intestinal causava uma percentagem de mortalidade de 40 %; mas isto, aliado à subsequente crise dos rins, ultrapassava a hipótese de qualquer auxílio que lhe pudessem prestar e não esperavam que ela sobrevivesse mais de 24 horas. Admitiu, francamente, que não conhecia a origem destes casos, acrescentando que, se a conhecesse, o seu nome se tornaria famoso. Depois disse que, só por si, o tratamento aplicado não deve ter produzido a cura e que esta se deu automàticamente.

Tudo isto foi também afirmado pelo meu médico assistente, que acompanhou o caso e que, no domingo passado, disse a meus pais que não havia esperança de salvar minha mulher. Quanto a explicações, nada pode fazer, nem acerca do restabelecimento, nem da forma rápida como se verificou. Presentemente, o hospital mantém minha mulher em observação no sentido, creio eu, de averiguar como isto aconteceu. Por mim, apenas desejava que eles esboçassem uma atitude que me permitisse contar-lhes tudo».

(Do *Psychic News*, de 12-9-953)

ASSISTÊNCIA DO ALTO

Por Leopoldo Machado

(Correspondente em Nova-Iguaçú)

Vencemos já os cinco anos, sem morrer! Os cinco anos que a medicina, por intermédio do ilustre médico que nos assistiu nos momentos mais graves de nossa enfermidade, achou que poderíamos viver, se não alterássemos alguns hábitos que tanto prejudicavam nosso estado geral.

Não alterámos, nem modificámos tais hábitos. Antes, até, se agravaram...

Outro ilustre médico, que até se transformou em nosso amigo, fica, às vezes, sem encontrar explicação para o nosso caso...

O certo é que ainda vivemos! Vivemos? Será mesmo viver a nossa vegetação na carne? Seria, contudo, pecado e crime contrariar as leis divinas, que ainda nos permitem respirar, cerceado, entretanto, de tantas coisas boas e agitadas que gostaríamos de fazer... E somos, ademais, para o médico ilustre e amigo distinto, um doente difícil de tratar, porque não tememos a morte, nem nos apavora a ideia de morrer. Porque tenhamos feito muita coisa que aproveite o nosso espírito? O pouco que fizemos parece-nos que valerá para abater dívidas maiores de outras vidas... Pois, se na vida presente, somos o que somos sem encontrar jeito de mudar para melhor?!

E vamos resistindo à força de tantas injecções na veia, que servem para escorar, para auxiliar a suportar a vida. E fomos tanto contra esse processo de tratamento, citando, até, por vezes, conceitos e preceitos de alta monta: Língua fala, corpo paga, o Espírito humilha-se...

★

Ilustre confrade, um dos directores do Hospital Espirita de Marília, Estado de S. Paulo, comoveu-nos, sensìvelmente, com a atitude muito simpática, generosa e amiga, que teve connosco: foi a Pedro Leopoldo consultar o grande médium Francisco Cândido Xavier e lembrou-se de nós. Foi, aliás, o segundo confrade que, espontâneamente, para ter mais valor sua consulta, se lembrou de nós em tais circunstâncias. Gabriel Ferreira, o generoso confrade de Marília, escreveu nosso nome numa folha de papel e a colocou no maço das receitas. O médium escreveu assim, traçando um recado de Bezerra, que é o médico espiritual do Lar de Jesus desde sua primeira hora:

«Sob a assistência de abnegados companheiros da Espiritualidade Superior e, notadamente, da esposa, que se transformou em amorosa guardiã de seu caminho, nosso amigo continua em suas tarefas abençoadas, para as quais rogamos a benção do Senhor, hoje e sempre — Bezerra».

E o abnegado confrade de Marília foi ao Lar de Jesus levar-nos em mão o precioso recado, num cair de noite chuvoso e quente!

Quantos ensinamentos para nós, neste recado!

1) A lembrança que o confrade ilustre de tão longe teve de nosso nome! E sua generosidade em nos trazer a resposta! Talvez por nos conhecer de longe. Decepcionar-se-ia, se nos conhecesse de perto, certamente...

2) Seria conforto de mais para nesse espírito o sabermos assistido pela Espiritualidade... nós que, às vezes, chegamos a pensar que a terrível falange de maus espíritos, que nos ronda, de há anos, os passos... Pois, senhores, é a Espiritualidade Superior que ainda nos assiste!...

3) E a essa Espiritualidade Superior pertence a querida companheira, a Marília, que lá se tornou o que sempre fôra para nós no plano terreno: nossa guardiã amorosa.

4) E que temos, ainda, tarefas abençoadas na Terra, para as quais espíritos amigos e dedicados companheiros, como o Bezerra, rogam bençãos do Senhor!

Que tarefas abençoadas são essas?

Ser pai de filhos dos outros, zeloso e às vezes áspero na aplicação de correctivos para corrigir-lhes as inclinações más?

Escrever ainda e dizer coisas que, por serem verdadeiras, desagradam muito, até a iniciados, como nós, na Doutrina Salvadora?

Dirigir, procurando servir mais à causa do que a homens, uma instituição de assistência social em que a política dos homens ainda não entrou?

Trabalhar para o bem da Instituição, para que, quando nos formos desta, venham outros dirigi-la, encontrando caminhos preparados e algumas facilidades?

Se essas coisas valem como tarefas redentoras e abençoadas...

A DOR

Estilista genial de filigrana,
A dor, cinzel em punho, a arte invade;
E nesse afã vai dando à alma humana
Pressentimentos de imortalidade.

Sofrendo é que atingimos o Nirvana,
Quando o bom-senso, enfim, nos persuade
Que a trajectória do destino emana
Do exercício da nossa liberdade.

A dor humana é, pois, a afirmação
Do equilíbrio universal da vida,
No sentido da eterna evolução.

Sofrer, curtir a dor com extrema calma,
É desvendar a Terra Prometida
Nas perfeições recônditas da alma.

"Ensinos Espiritualistas"

Por ALFREDO MIGUEL

(Correspondente na Baía)

I

«Ensinos Espiritualistas» é o nome dado a um livro livro excelente, que possuimos em segunda tiragem, feita em 1929 pela principal editora espirita brasileira. O seu autor é William Stainton Moses, de nacionalidade inglesa, falecido em 1892.

Vale a pena saber quem era esse escritor e como pôde ele oferecer à publicidade aquele volume. Stainton Moses logo cedo revelou inclinação para a vida eclesiástica, e aos 23 anos, feita a sua educação espiritual, já se via à frente de um curato em Maughold, perto de Ramsay, ilha da Man. Porém aí as obrigações eram-lhe por demais pesadas, e não as podendo suportar devido ao seu estado de saúde, teve que procurar uma outra residência.

Seus paroquianos não o queriam ver ausentar-se de Maughold, porém Stainton Moses retirou-se pesaroso, para ocupar o curato de Saint-Georges, Douglas, na mesma ilha. Aí, sobrevindo-lhe uma doença mais grave, teve à sua cabeceira o dr. Stanhope Speer, velho médico afastado da clínica, que residia em Douglas com sua esposa. Com esse casal teve Moses oportunidade de estreitar relações de amizade muito afectuosas.

Menos de dois anos ele esteve como cura em Saint-Georges e sòmente alguns meses ainda passou desempenhando interinamente as funções eclesiásticas, em Langton e em um curato da diocese de Salisbury. É que uma doença de garganta, ràpidamente agravada, obrigou o pastor a renunciar o ministério, pois que o médico o proibiu de pregar.

Por essa altura já o dr. Stanhope Speer passara a residir em Londres, e para aí partindo William Stainton Moses ficou como seu hóspede durante vários meses. Foi isto em 1870, época em que a sr.ª Speer por espaço de três semanas passara enferma distraindo-se com a leitura de «Terra Contestada», de Dale Owen. Como esse livro descrevia factos espiritas que Owen observara, a sr.ª Speer pediu a Moses para o ler e procurar descobrir o que havia de verídico naquelas narrativas do autor.

Ora, para Moses os fenómenos ali descritos não passavam de efeitos de prestidigitação. No entanto, para cumprir a palavra que havia dado à sr.ª Speer, começou a estudar o Espiritismo, assistindo a sessões onde se achavam médiuns. Foi nesse campo que a sua mediunidade latente a seu turno desabrochou, vindo a ser mais tarde tão poderosa e fecunda. O dr. Speer, bastante inclinado ao materialismo, foi levado por um seu amigo à casa do médium Stainton Moses, onde logo se convenceu de que por trás dos estranhos factos havia uma força exterior em acção.

Alguns anos depois, colocando nas livrarias as suas «Memórias», que publicou em primeira mão na revista «Light», a sr.ª Speer ofereceu um documentário cuidadoso daqueles factos.

II

Em William Stainton Moses o poder mediúnico assumia aspectos variadíssimos. Ele era médium de incorporação, de escrita automática, de tiptologia, de efeitos físicos e de transporte. Um seu biógrafo, que o conheceu no esplendor da mediunidade, faz notar que nunca se produziram menos de dez espécies diferentes de manifestações no decurso das sessões com esse grande médium. Todavia a sua actividade mediúnica quanto aos fenómenos físicos, mais tarde cessou por completo, apenas persistindo até à sua morte a faculdade de escrever automàticamente.

Foi por esta última modalidade do seu dom espiritual que Stainton Moses recebeu as numerosas comunicações das quais extraiu as que dão corpo ao já mencionado volume sob o título de «*Ensinos Espiritualistas*». A entidade principal que as subscreve com o nome de *Imperator* parece ter sido um dignitário da Igreja, pois costumava antepor uma cruz à respectiva assinatura. São mensagens sobremaneira instrutivas para quem coloca o pensamento acima das coisas vulgares. É interessante ouvir o que diz o intermediário dos ditados sobre a maneira como lhe era dado captá-los. Ouçamo-lo:

«Jamais pude dirigir a escrita, que aliás se manifestava espontâneamente, sendo que, quando eu a desejava, era a maior parte das vezes incapaz de obtê-la. Um repentino impulso, vindo não sei como, me obrigava a sentar-me e a preparar-me para escrever. Durante o período em que essas comunicações foram regulares, eu tinha-me habituado a consagrar a primeira hora do dia a esperá-las. Levantava-me cedo e passava esse tempo matinal no quarto, ùnicamente consagrado ao que eu tinha na tenção, e por fim ao serviço religioso. A escrita vinha então frequentemente, mas eu não podia de modo algum com ela. Comunicações espirituais se produziam sob outras formas; era raro que eu não recebesse alguma, salvo quando me achava doente...»

William Stainton Moses, por ter abraçado muito cedo uma carreira que tinha a verdade como bússola, não vacilou em se dedicar por inteiro à que era revelada nos seus ditados, mesmo contrariando em muitos pontos os dogmas da sua igreja. *Veritas super omnia.* E enquanto, por um lado, no exercício de sua mediunidade ia espalhando os novos conhecimentos, por outro lado ocupava-se assíduamente em fundar sociedades com o fim especial de estudar todas as questões concernentes ao Espiritismo. Destarte muito contribuiu para fundar, em 1873, a *Associação Nacional Britânica dos Espiritualistas;* em 1875, a *Sociedade Psicológica da Grã-Bretanha*; em 1882, a *Sociedade de Pesquisas Psíquicas*; enfim, em 1884 fundou a *Aliança Espiritualista de Londres*, da qual foi o primeiro e único presidente até à data de 5 de Setembro de 1892, quando o seu corpo cansado cedeu à lei fatal.

Crónica Mundial

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

CONGRESSO ESPIRITA MUNDIAL

Do *Serviço Espirita de Informações,* do Rio de Janeiro recebemos o seguinte comunicado relativo ao assunto em epígrafe:

«Em comemoração do Centenário da Codificação do Espiritismo por Allan Kardec, referida ao lançamento do «Livro dos Espíritos» em 1857, a *Federação Espirita Internacional* está organizando um Grande Congresso Espirita Mundial, a realizar em Paris, de 7 a 14 de Setembro de 1957.

«As reuniões serão efectuada na Casa dos Antigos Alunos de Artes e Ofícios, Av. de Iena, 9 bis, e na Casa dos Espiritas, rua Copernic, 8.

«A Comissão Francesa organizadora do Congresso é chefiada por Maurice Gay, presidente da *Juventude Espiritualista da França,* que escreveu ao Coordenador do Serviço Espirita de Informações, no Rio de Janeiro, professor Carlos Torres Pastorino, solicitando que se encarregasse da divulgação das notícias referentes ao assunto para toda a América do Sul.

«Os organizadores empenham-se para que haja a melhor acorrência, contando já com a presença do Marechal do Ar Lorde Dowding, da R. A. F., que presidirá ao banquete de confraternização. O médium brasileiro Francisco Cândido Xavier foi convidado a comparecer como hóspede da Comissão Organizadora e algumas instituições espiritas planejam enviar representantes, como o professor Carlos Torres Pastorino e Divaldo Franco, grande orador e conferencista.

«Até agora, as línguas estabelecidas para o Congresso são o Francês e o Inglês, mas o sr. Maurice Gay disse em sua carta que, tão logo receba notícia da presença de representantes ou delegações oriundas da América do Sul, incluirá o Castelhano, também, como língua oficial.

Os assuntos concernentes a viagem ou reserva de hotel foram confiados à responsabilidade da Wagon-Lits Cook, que possui agências nas principais cidades do nosso Continente, devendo qualquer pormenor ser tratado com Mr. Jean Muyard, rua de l'Arcade, 40 (8 ème), que dirige, especialmente, esse sector de trabalho na Comissão.

«As pessoas que desejem proferir conferências ou apresentar teses devem dirigir-se ao sr. Maurice Gay, rua de la République, 3, Mendon (S. & O.), Paris, de preferência em Francês ou Inglês».

Como temos dito, os congressos são reuniões altamente necessárias, principalmente aqueles que transcendem as fronteiras de um país e colocam frente a frente adeptos de várias latitudes. Há problemas pendentes que aguardam solução e normas que é necessário generalizar em benefício da Doutrina. Sendo o Espiritismo essencialmente evolucionista, convém pô-lo de acordo com a ciência e preencher certas lacunas, no tocante a interpretação fenoménica.

No Espiritismo não pode haver compartimentos fechados. É preciso aplicar a teoria dos vasos comunicantes aos nossos sectores de trabalho, para que o resultado seja homogéneo.

NOTÍCIAS DA ÍNDIA

Two Worlds de 7 de Julho informa que V. R. Rishi, chefe do movimento espirita indiano, se encontra enfermo, em virtude de ter fracturado uma perna.

Este grande pioneiro, a quem chamam o *Conan Doyle da Índia,* é muito conhecido dos espiritistas europeus. A sua actividade é enorme, ao lado da esposa, cuja mediunidade apreciável contribuiu para que o Espiritismo alastrasse naquela região longínqua, embora muitas pessoas não tenham compreendido os esforços deste homem votado ao bem do próximo.

Fazemos votos pelo restabelecimento deste esforçado lutador.

Outra notícia interessante refere-se ao aparecimento de um novo jornal espirita na cidade de Richmond, em Bangalore.

O seu primeiro número insere um artigo do seu director, C. Austin Forde, com esta afirmação: «Parece impossível que não haja jornais espiritas nesta vasta região de 300 milhões de almas, a maioria das quais acredita na reencarnação».

C. Austin não é leigo na matéria. Tem 25 anos de jornalismo e vem agora preencher a lacuna, com o *Psychic Times,* em cujas colunas enumera as várias formas de auxílio que os espiritistas orientais poderão utilizar: donativos em dinheiro, pacotes de roupa usada, que seria vendida para aquisição de papel, livros e revistas espiritas, etc.

Os primeiros exemplares dos livros recebidos seriam destinados à biblioteca do jornal e outros ainda para os núcleos de uma livraria a fundar.

O endereço de C. Austin Forde é: 4 Alexandra Street, Richmond Town, Bengalore, 1, S. Índia.

O ESPIRITISMO NA RÚSSIA

O *Psychic News* de 7 de Julho insere uma grande notícia, segundo a qual Eileen Garrett, médium e jornalista espirita americana, assistiu a sessões na Rússia e na Checoslováquia.

«Há investigações psíquicas na Rússia actual — escreve o periódista —. A revelação foi feita por Eileen Garrett no jantar anual do *London College of Psychic Science* (Sociedade Londrina de Investigações Psíquicas). Tanto na Rússia, como na Checoslováquia, assistiu a alguns trabalhos deste género.

«Eileen Garrett, fundadora da *Parapsychology Foundation of New York* (Fundação Parapsicológica de Nova Iorque) foi a promotora de dois congressos internacionais de parapsicologia em Utrecht e Cambridge e ninguém há mais qualificado para comentar o caso.

«Após o Congresso de Cambridge os investigadores entram em nova fase, relativamente aos fenómenos espontâneos. Assim, na Holanda, na França e na Itália, há pesquisadores prontos a verificar imediatamente esses fenómenos».

Eileen Garrett acrescentou ainda que há doze Universidades americanas que permitem conferências e aulas de parapsicologia.

É a ronda do mundo. Cada grande guerra insufla nas populações

desejos maiores de conhecer o Além. Os que partem ligam-se aos que ficam, seja qual for a região. Onde houver um homem, haverá um fulcro anímico, uma promessa de comunicação, que encurtará a distância entre os dois mundos.

PREMONIÇÃO DE MORTE

O *Psychic News* de 26 de Novembro de 1955 insere um relato curioso em que o articulista se refere a uma senhora que anunciou com grande antecedência a hora da sua morte.

Lorde Geddes, ou antes *Sir* Auckland Geddes, foi nomeado embaixador em Washington após a primeira guerra mundial. Foi também presidente da Associação Médica Inglesa e realizou muitas experiências de desdobramento, insertas em 1937 numa revista médica de Edimburgo.

Em Março de 1908 encontrava-se em Berwick na casa de sua tia Margarida, senhora idosa que parecia muito cansada. Certa noite levaram-na para a cama e ela disse que ia morrer. Era a única sobrevivente de três irmãs: Ela, Ana, que falecera 18 anos antes, e Henriqueta, mais recentemente, ano e meio antes deste acontecimento.

Depois de breve sono, a velhinha chamou a família e falou da sua morte próxima, dizendo que os deixaria antes do fim de Abril. Lorde Geddes perguntou-lhe a razão de semelhantes palavras e ela respondeu que, após se ter deitado, as suas irmãs se aproximaram dela a informá-la que brevemente estariam todas juntas. E calculava que o facto se daria no fim de Abril e que elas a levariam para nova morada.

Nesta conformidade chamou um sobrinho e pediu-lhe que se instalasse na casa, que lhe seria entregue depois do trespasse. A velhinha tornou-se mais alegre, parecia melhorar, mas continuou a preparar-se, com o pensamento fixo no que as irmãs lhe tinham anunciado.

Na noite de 27 de Abril disse a Auckland:

— A Ana e a Henriqueta estarão aqui de madrugada para me levarem. Quando subires traz-me uma garrafa de champanhe.

Auckland assim fez e ela festejou com algumas gotas de vinho a visita das irmãs.

Minutos depois da meia noite abriu os olhos e proferiu as seguintes palavras:

— Digam à Suzana que me prepare os vestidos.

Depois exclamou:

— Ah! Elas aí estão! Sentem-se, minhas queridas! Devem esperar até ao nascer-do-sol.

Lorde Geddes lembra-se bem. Quando os primeiros raios de sol apareceram, ela desprendeu-se de seus braços, a chorar...

— Chegou a glória! — murmurou.

Momentos depois esatva morta.

UNIÃO ESPIRITA MINEIRA

Os dias 16, 17 e 18 de Abril constituiram uma data memorável para a União Espirita Mineira, sediada em Belo Horizonte, Rua Guarani, 315, edifício moderno cuja conclusão se efectuou após o nosso regresso do Brasil. Foi um verdadeiro ágape espiritual em que os dois mundos participaram. Cá de longe visionámos o quadro inenarrável, alegria nos olhos, emoção nos corações. E a fila dos abnegados: Bady Curi, Ademar Duarte, Rúbens Romanelli, Isaltino Silveira, Domingos Moutinho... todos firmes em seu posto, robustos e serenos, na consciência do dever cumprido.

Outros compareceram ligados à obra. Dr. Wantnil de Freitas, presidente da Federação E. Brasileira, D. Maria Beruto, da Congregação E. «Casa de Betânia», o médium Francisco Cândido Xavier, que recebeu consoladoras mensagens de *Emanuel* e Amaral Ornelas, Dr. José Miranda Ludolf, coronel Delfino Ferreira, Dr. Manuel Bernardino, Vitorino Elói dos Santos, pela U. D. J., o poeta Sebastião Lasneau, Antenor de Sousa, pelos espiritas de Cruzeiro, Tenente Filipe Soares de Melo, pela Cruzada dos Militares Espiritas de Natal, José F. Machado e André Xavier, pelo Centro E. «Luís Gonzaga», José Martins Peralva, Pela União E. Sergipana, professora Itala de Morais Ribeiro, pelo Centro E. «Henriques José de Melo», de Vitória, Espírito Santo... Enfim, um nunca acabar de representações, do Norte e do Sul, que a *União Espirita Mineira* tem amigos em toda a parte.

A firma *Oliveira Santos, Lda.*, de que faz parte o nosso representante António Augusto dos Santos e seu filho, Dr. Osvaldo de Oliveira Santos, foi a construtora do grande prédio, mais como amiga, do que como contratada.

O dia 16 foi de visita ao Chico Xavier, em Pedro Leopoldo. Uma caravana de 12 automóveis e 4 onibus repletos, conduzindo os representantes de outros Estados. O dia 17 coube ao Ginásio Espirita «O Precursor», sito à Avenida Olegário Maciel, e ao Abrigo Jesus, à Rua Costa e Sena. À noite, a primeira reunião na nova sede, com a presença do presidente da Federação E. Brasileira e outros convidados, entre eles, o General Newton O'Reilly de Sousa, Comandante do Colégio Militar de Belo Horizonte.

Foi instalado o Núcleo belorizontino da Cruzada dos Militares Espiritas através da palavra do General Berzellius Veloso Figueira.

Depois procedeu-se à instalação do *Curso Básico de Espiritismo*, dirigido pelo Dr. Ademar Dias Duarte, tendo como orientadores os prof. Rúbens Romanelli e José Mesquita de Carvalho.

A *Juventude da União Espirita Mineira* ficou também constituída.

No dia 18 houve reunião campal comemorativa do 99.º aniversário do «Livro dos Espiritos» e um almoço de confraternização na Sociedade de Amparo à Pobreza «Sopa dos Pobres», uma grande exposição de livros, jornais e revistas espiritas.

À noite, as solenidades atingiram o ponto culminante com a inauguração oficial da sede da União.

«Foi uma dessas reuniões deslumbrantes — diz o *Espirita Mineiro* — em que sentimos mais intensa a vibração da falange de benfeitores espirituais que nos assistem. Ao calor do entusiasmo, os que já foram para os planos espirituais vieram juntar a alegria de suas almas compreensivas, trazendo a mensagem viva de seu carinho e de seu entendimento. A par da alegria imensa que a inauguração da nova sede nos oferecia, ressaltava o facto eloquente da confraternização geral dos espiritas da Capital em comparecerem em número avultado, prestigiando a Casa-Máter e não regateando aplausos aos companheiros que promoveram a construção do novo templo de João Baptista».

O verbo caloroso de Wantuil de Freitas, de Bady Curi, de Maria Filomena Aluoto Beruto, do coronel Delfino Ferreira, de Ademar Duarte, o infatigável e extraordinário Ademar, de Romanelli e Domingos Moutinho, deu o maior realce ao certame, cheio de afirmações nobres, vontade decidida e esperança eterna no aformoseamento e expansão da grande obra.

Se lá estivéssemos, ouvir-se-ia também a nossa voz, apagada, é certo, mas concordante e entusiasta. Todavia, não deixámos de acompanhar o auspicioso acontecimento e rogamos ao Ademar transmita as nossas saudações aos valentes obreiros que tornaram possível uma das maiores efemérides da União Espirita Mineira.

Notas & Comentários

CONGRESSO INTERNACIONAL

A Frente Espiritualista para o Estudo da Reencarnação, com sede em Buenos Aires, República Argentina, de que é presidente o Dr. Juan Carlos Damonte e secretários gerais o prof. Carlos Castiñeiras e Humberto Mariotti, acaba de lançar um Inquérito Mundial sobre a Reencarnação, a fim de levar as respostas ao Segundo Congresso Internacional para o Estudo da Reencarnação a realizar naquela capital em 1, 2, 3 e 4 de Novembro próximo, com o objecto de se analisar e comprovar o grande desenvolvimento alcançado pela filosofia reencarnacionista no actual momento contemporâneo, bem assim os factos que a sustentam e as diversas obras literárias e científicas que sobre o tema tenham sido publicadas.

O Inquérito abrange 12 perguntas concisas, que transcrevemos:

1. — Que lhe sugere a Reencarnação do ponto de vista científico e filosófico, segundo a cultura contemporânea?
2. — Que benefícios espirituais lhe deu o estudo e conhecimento da Reencarnação?
3. — Que ideias lhe sugere a Reencarnação do ponto de vista social?
4. — A Reencarnação está em luta com o Cristianismo?
5. — Que provas experimentais obteve tendentes a demonstrar a verdade da Reencarnação?
6. — A Reencarnação poderá combater o pessimismo espiritual e o materialismo?
7. — Poderá ser a base de novo espiritualismo filosófico e religioso?
8. — Poderá unir numa Federação Mundial todas as escolas espiritualistas?
9. — De que forma poderia a Reencarnação beneficiar a Medicina?
10. — Poderá a Reencarnação dar origem a uma filosofia pedagógica?
11. — A Parapsicologia ou Metapsíquica poderá demonstrar cientificamente a realidade da Reencarnação?
12. — Se, no seu conceito, a Reencarnação é verdadeira, porque não se lembra o homem das suas vidas anteriores?

Nota — As respostas devem ser dirigidas a Casilla de Correo N.º 79, Sucursal 16-B. Buenos Aires.

Para tomar parte no Congresso, qualquer pessoa ou instituição deverá comunicar quanto antes o seu desejo, informando, além dos dados individuais, se concorrerá pessoalmente, que trabalhos científicos e filosóficos publicou e que tema apresentará.

UMA CARTA DE PEREIRA GUEDES

Do nosso confrade sr. Pereira Guedes, director de Almenara, do Rio de Janeiro, recebemos extensa carta alusiva à que lhe dirigimos em Estudos Psíquicos de Abril último, intitulada «Um Caso de Consciência», na qual respondíamos, não só a notas e artigos insertos no seu jornal, como também a um artigo de «José do Monte» publicado em Mundo Espirita, de Curitiba, capital do Estado brasileiro do Paraná e que circula sob a direcção de Francisco Raitani.

Como não acrescenta elementos novos ao que já escreveu, dispensamo-nos de a publicar, sem que esta atitude signifique menos consideração pelo missivista. Assim, encerramos a questão, mesmo porque não desejamos imiscuir-nos em assuntos políticos que a referida carta envolve, inerentes a outrem e que são alheios à nossa orientação. A carta de Abril poderia ter sido dirigida a Almenara, que publicou as citadas referências, pois seria de boa ética abrigar em suas colunas a defesa daqueles que nelas foram colocados em posição de irrealidade consabida.

Não terminamos esta nota sem agradecer a Pereira Guedes as palavras imerecidas que dirige, quer ao nosso carácter, quer às qualidades mentais que nos atribui, de tal forma invulgares, que nos confundem verdadeiramente e poderiam confundir alguns abencerragens de mau gosto que monopolizaram o talento. Se publicássemos a carta, alguns nos chamariam de vaidoso e outros diriam que houvera combinação entre nós e o correspondente. O melhor é ficar por aqui, cada qual com o que é seu, com defeitos e virtudes, gozando ou sofrendo, de harmonia com o destino resultante de palavras e actos.

Vamos profligar os erros dos homens, sem falar nos homens. Não há cobardia nisto. Há coerência doutrinária. Se o ataque for necessário, que ele se faça no seio da agremiação, ante os motivos que lhe deram origem. O jornal só deve ser usado em caso de defesa. Esta é a nossa opinião.

CENTRO ESPIRITA «CASA DE JESUS»

Com a desencarnação do ardoroso confrade Florêncio Américo de Carvalho, presidente do Centro Espírita «Casa de Jesus», do Rio de Janeiro, e director do Jornal Espirita, que durante anos circulou no Brasil a expensas de um grupo de agremiações, a directoria daquela colectividade, de acordo com os respectivos estatutos, teve que fazer modificações, ficando assim constituída:

Presidente — Joaquim António Cardoso; Vice-presidente — Domingos Francisco dos Santos; 1.º Secretário — Edir Montez; 2.º Secretário — António da Mata Filho; 1.º Tesoureiro — António Joaquim Monteiro; 2.º Tesoureiro — Alcides Bernardes Monteiro; Procurador — Portugal Ferreira Marques.

Este Centro está sediado à Rua Pereira Lopes, 46, Benfica, daquela Capital. A sua directoria é composta de amigos dilectos de Estudos Psíquicos, a começar pelo seu presidente e pelo tesoureiro, dois valentes paladinos dispostos a todos os sacrifícios.

Fazemos votos pelo progresso contínuo desta obra. Que o Alto proteja os abnegados irmãos que assumiram a responsabilidade de orientar um baluarte de grande valor, em cujo auditório tivemos ensejo de falar, após veemente homenagem que nos prestou o saudoso Américo de Carvalho.

Noticiário

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

No dia 8 de Julho realizou mais uma conferência no Centro Espiritualista Luz e Amor o Dr. Moreno da Fonseca, subordinado ao tema «O Destino de cada um».

É impossível resumir em breve espaço a exposição interessantíssima que a numerosa assistência escutou com atenção. Depois de estudar a matéria viva e suas propriedades de adaptação ao meio, entrou no campo das reacções afectivas, aludindo à emotividade, comum a todos os animais, e que levava à compreensão do destino de cada um.

Em seguida traçou no quadro preto um esquema, que abrangia vários sentimentos: *Actividade, emotividade, egosinforia, sociabilidade, bondade, somatotonia, memória, imaginação* e *juízo*.

— Esta ficha psicológica contém a chave do destino, que pode ser alterado pelo livre arbítrio — acrescentou —. A predominância deste ou daquele elemento caracteriza o homem num ou noutro sentido, dando felizes ou infelizes, material ou espiritualmente falando.

Alargou-se na análise da *egosinforia*, dizendo que é o móbil das acções humanas. O universo converge sobre a pessoa. Só esta existe no mundo. Só ela tem direitos e por isso se faz valer em toda a parte. Quando é desmedida dá paranoicos, que se notam em todas classes sociais, até nalguns chefes de estado que têm procurado levar o mundo para outros destinos.

Disse que a *somatotonia* depende da estrutura muscular e óssea e produz maneiras de ser curiosas: polaridade feminina no homem e masculina na mulher.

Espraiou-se noutras facetas do problema e terminou com esta afirmação: a *personalidade inata* e a *personalidade adquirida* são a mola real do *destino de cada um*.

Um belo trabalho, apresentado com propriedade e vivacidade e que agradou sem reservas.

O presidente da Direcção comentou o exposto e enquadrou-o no campo espirita, ao qual — disse — se adaptava admiràvelmente.

INSTITUTO ESPIRITUALISTA PORTUGUÊS

Comemorando a desencarnação do Espírito de Isabel de Aragão que foi rainha de Portugal e que o povo consagrou, realizou-se no dia 8 de Julho, na sede do Instituto Espiritualista Português, Largo do Intendente, 52, 2.º, Direito, a habitual festa dedicada aos necessitados seus protegidos.

Em breve alocução, o presidente do Instituto, nosso confrade e amigo Virgílio Maia, salientou a faceta mais sensível do Espírito homenageado — Guia do Instituto —: a exemplificação do Amor e da Caridade, referindo-se especialmente ao milagre das rosas, que anda na memória de todos os portugueses. Depois referiu-se às componentes do *Grupo de Caridade Isabel de Aragão*, salientando a presidente e fundadora, D. Gertrudes Marramaque Silva e suas colaboradoras D. Antónia Piedade Gonçalves e D. Maria de Lurdes Pereira.

Seguiram-se recitativos em que se distinguiu a jovem declamadora Maria da Piedade Narciso, quintanista do liceu.

A presidente fez o relato da actividade anual do Grupo, dedicando palavras de conforto aos protegidos e de agradecimento aos benfeitores.

Distribuiram-se donativos a 33 necessitados constantes de ½ kg de bacalhau, ½ kg de arroz, ½ kg de massa, ½ kg de carne, 2 kg de batatas, 2 pães, ½ litro de azeite, 100 gr de toucinho, 100 gr de chouriço, 250 gr de café, ½ kg de açúcar e 10$00 em dinheiro a cada um. A outro grupo de 19 necessitados houve distribuição de massas alimentícias e o mesmo dinheiro.

A sala estava lindamente ornamentada e a assistência era numerosa e selecta.

Seguiu-se uma sessão espirita com a médium D. Maria Carvalhal, tendo-se obtido manifestações de muito interesse.

O Instituto Espiritualista Português encerrou os trabalhos relativos ao ano corrente e reabrirá na primeira quinzena de Outubro.

FESTA ESPIRITUALISTA

Por organização do seu *Grupo Cénico*, o Centro Neo-espiritualista *Fraternidade Esotérica* realizou a sua costumada festa anual de confraternização espiritualista no dia 30 de Junho último, cerca das 21.30, no Salão de Festas da Casa da Comarca de Arganil, em Lisboa.

Constou o programa da representação da peça dramática em 2 actos «Dúvida», da autoria do nosso colaborador João Manuel Rocha de Sousa, aluno da Escola de Belas Artes, peça emocionante de cunho espiritualista, òptimamente interpretada por D. Albertina Pimenta, D. Leonilde Pereira Faria, Joaquim Martinho, Eduardo F. de Matos e o Autor.

Seguiram-se lindos números de variedades pelos alunos de D. Fabiana Eugénia e D. Ema Cordeiro, que acompanharam ao piano.

Todos os números foram aplaudidos.

Houve também um belo número-surpresa de interessantes declamações pela actriz brasileira Alma Flora.

Terminou a festa com música variada por um quinteto organizado por D. Fabiana Eugénia.

Depois destas duas notícias gratulatórias, ainda haverá quem diga que não há Espiritismo em Portugal?...

CENTRO E. LUZ E AMOR

Como nos demais anos, o *Centro Espiritualista Luz e Amor* encontra-se em férias nos meses de Agosto e Setembro. Os sócios, porém, serão atendidos através dos telefones 56605 ou 636724.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Recebemos os seguintes donativos, que agradecemos:

Mês de Julho — D. Antónia L. Ferreira, de Lisboa, 5$00; I. C. G., de Lisboa, 20$00; D. Celeste Rodrigues Lopes, de Lisboa, 50$00; A. C., de Lisboa, por intenção de Maria de Sousa e Almeida, no 2.º aniversário do seu passamento, 100$00; Francisco Grilo Fevereiro, de Estremoz, 5$00; A. L. V. L., M. L., de Lisboa, 15$00; I. S., de Lisboa, 20$00. *Total, 215$00.*

E. Psiq. - Agosto/56

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

br.

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um ... 60$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataque feitos ao Espiritismo ..... 50$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte ..... 25$00
Enigmas da Psicometria ..... 28$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00 50$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte ..... 42$00
Metapsíquica Humana — encadernado ... 40$00
Pensamento e Vontade ..... 26$00
Xenoglossia ..... 32$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo ..... 40$00
Casas Mal-assombradas ..... 50$00
A Morte e o seu Mistério. 3 volumes: 1) Antes da Morte; 2) Durante a Morte; 3) Depois da Morte ..... 140$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos 75$00
Narrações do Infinito ..... 30$00
Stella (romance astronómico) ..... 50$00
Urânia ..... 40$00

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 25$00
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz* 20$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel* ..... 45$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 30$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 35$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha* ..... 30$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo ..... 60$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel,* resposta a 461 perguntas — enc. 38$00 ... 26$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 35$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 28$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — enc. 38$00 28$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunhá,* um verdadeiro poema de ternura ..... 28$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido ..... 60$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio* 24$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos) ..... 32$00
Libertação, pelo *Espírito de André Luís* — Enc. ..... 48$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00 ..... 36$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luís,* obra dedicada às pessoas cultas—enc. 55$00

br.

Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00 ..... 36$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz* ..... 40$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado ..... 38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz* ..... 42$00
Nos Domínios da Mediunidade, pelo *Espírito de André Luís* ..... 40$00
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 46$00
Pérolas do Além ..... 28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X* ..... 35$00
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00 ... 34$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* 40$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage* ..... 20$00
Voltei, do *Espírito de Jacob* ..... 25$00

OBRAS DIVERSAS

Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 42$00 ..... 30$00
Às Margens do Mar Morto, por *Osvaldo Polidoro* — Apreciado e discutido romance, que faz parte da chamada *Série do Céu,* constituida por mais de 25 livros, do memo autor ..... 35$00
As Profecias de Daniel e o Apocalipse, por *Isaac Newton* — Livro publicado em 1733, pouco depois da morte do autor, é hoje raridade de bibliófilos. Tradução feita pelo Dr. Júlio de Abreu Filho, prima pela correcção de linguagem e fidelidade aos textos, bem como às citações da Bíblia — enc. ..... 60$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida* ..... 35$00
Barrabás, o Enjeitado, por *J. Herculano Pires* — Um drama oculto por detrás do drama da paixão — A invasão do Templo de Jerusalém e a verdadeira condição de «os dois ladrões» ..... 40$00
Cânticos do Além, poesias mediúnicas semelhantes às do «Parnaso de Além-Túmulo», recebidas pela médium Dolores Bacelar ..... 60$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *Antônio Lima* — enc. 54$00 ..... 40$00
Dialética e Metapsíquica, pelo *Dr. H. Mariotti* — Esta obra tem a missão de mostrar aos materialistas, cépticos e incrédulos, que a Doutrina Espirita continua a ser a única força científica, filosófica e religiosa, que poderá barrar o presente avanço do materialismo ..... 26$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* enc. 42$00 ..... 30$00
Do País da Luz, extraordinária obra mediúnica recebida por *Fernando de Lacerda,*

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.
na qual perpassam grandes escritores portugueses fàcilmente identificados pelo estilo próprio. 4 volumes brochados, com cerca de 1.000 páginas	160$00
... **e as águas passaram**, por *Hugo Marchiaverni*—Interessante romance, que emociona e comove pela alta dramaticidade do seu enredo bem conduzido. Representado no *Rádio Teatro* da *Rádio Recorte*, pelo consagrado mestre Manuel Durães — enc.	30$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	45$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	60$00
Em Torno do Mestre, por *Vinícius*	40$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00
Factos, por *António J. Trindade*, um livro impressionante de factos espiritas extraordinários, impresso em óptimo papel	50$00
Felicidade (A) ao seu Alcance, pelo *Dr. Toulouse* — Um verdadeiro compêndio da vida prática, desde a escolha de uma carreira à fundação de um lar e como devemos viver a vida interior	25$00
Filosofia Penal dos Espiritas, pelo *Prof. Fernando Ortiz* (Catedrático de criminologia na Universidade de Cuba) — Obra de raro valor doutrinário, que prova ao mundo estarem os espiritas na vanguarda, no que respeita aos princípios da moderna criminologia	60$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00
Levitação (A), por *Albert de Rochas*	28$00
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos* —enc. 52$00	40$00
Mansão (A) Renoir, romance de *Alfredo*, recebido pela médium Dolores Bacelar	70$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *E. Manso Vieira e B. Godoy Paiva* — Compêndio didático sobre a maneira de se dirigirem sessões práticas. Orientador seguro, baseado nas obras de Kardec e Emmanuel	20$00
Mediunidade, *por E. Armond* — Obra de extraordinária síntese e clareza que explica o complexo mecanismo da mediunidade em todos os seus aspectos	40$00
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	45$00
No Limiar do Etéreo, por *Artur Findley* — Estudo magnífico acerca dos fenómenos espiritas de «voz directa», com o célebre médium Sloan	30$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance*. Episódios da sua vida	42$00
Nova (A) Revelação, por *A. Connan Doyle* — As primeiras experiências espiritas do autor do «Sherlok-Holmes» e a sua conversão. Obra de grande alcance doutrinário	23$00
O Evangelho à Luz da Astrologia, por *A. Vaz de Melo* — Obra Prima, do ponto de vista da profunda e vasta erudição, atestando a cultura inciclopédica do seu autor	50$00
Outro (O) Lado da Vida, pelo *barão Carl du Prel*. Um livro de luz poderosa sobre a Morte e a vida no Além	28$00
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00	25$00
Reis, Príncipes e Imperadores, por *Almerindo Martins de Castro*. Casos históricos de psiquismo, entre eles, alguns passados com reis portugueses	30$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*. Obra nascida de um grupo de padres que estudaram o Espiritismo e se converteram, abandonando a Igreja Católica	50$00
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00	25$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	35$00
Semíramis, por *Camilo Chaves* — Maravilhoso romance da legendária rainha do Egipto e da Babilónia, narrado com invulgar fundamento histórico, que lhe dá indiscutível valor, 1 grosso vol.	80$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente* — Livro muito útil aos directores de sessões espiritas	35$00
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	30$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff*	28$00
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo médium *G. Vale Owen* — enc. 42$00	30$00
Vida (A) de Jesus, por *António Lima*. Um livro que despertou controvérsia, no qual são expostas inúmeras hipóteses através de estudo adequado	30$00
Voz (A) do Antigo Egipto, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo	28$00
Revista Espirita. Os dois primeiros volumes desta importante revista, fundada e dirigida por Allan Kardec. Uma verdadeira preciosidade, traduzida em Português e encadernada em precalina, Cada volume	120$00

CORTE E PLISSADO

ENSINAM-SE E EXECUTAM-SE POR CORRESPONDÊNCIA E EM CASA. VENDEM-SE FORMAS

Rua Luís de Camões, 108, 2.°-Direito

Lisboa — Telefone 63 79 99

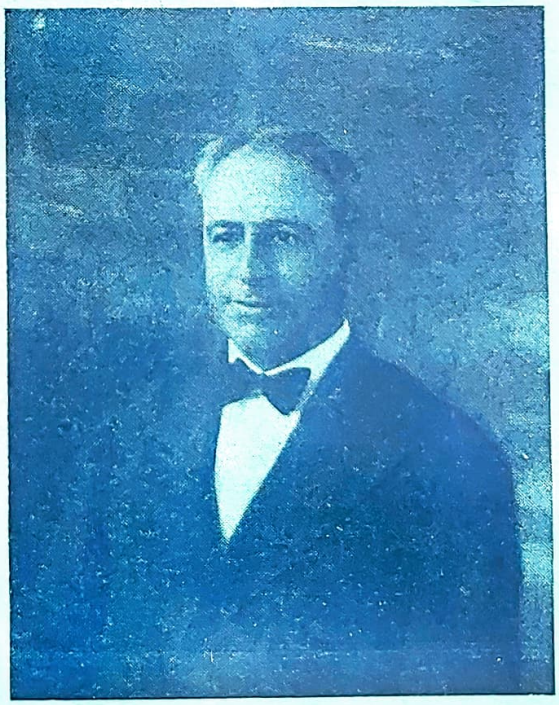
Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental



DR. VÍTOR SACAVÉM

(ver pág. 283)

CONTÉM: Os Críticos, **da Redacção**; Assistência aos Psicópatas, pelo **Dr. Paulo Hecker**; Crónica Brasileira, por **Newton Gonçalves de Barros**; Um Fantasma que não tem Repouso; No que eu Creio, por **Alberto Einstein**; A Vida e a Morte, por **José Correia de Oliveira**; O Pensamento Religioso e os Fenómenos Psíquicos, por **A. Mazzorati**; O Espiritismo não tem Restrições, por **José Simões de Matos**; Notícias do Brasil; Sopro Renovador, por **Leopoldo Machado**; A Marca do Passado, por **Henrique Magalhães**; Ecos de Uma Viagem — XXI — Na Cachoeira Paulista, por **Isidoro Duarte Santos**; Diagnóstico pela Vidência, por **E. Manso Vieira**; Soliloquio, por **Manuel Cavaco**; A Voz de Portugal Espirita, por **Isidoro Duarte Santos**; Cruzada dos Militares Espiritas; Dr. Vitor Sacavém; Rumo às Estrelas, por **Alfredo Miguel**; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

17.º ANO SETEMBRO DE 1956 N.º 9

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Liège	*Achille Biquet*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*
Luanda	*Luís de Barros Castro*

Redactor junto à Cruzada dos Militares Espiritas do Brasil ..... **Marechal Mário Travassos**

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Henrique Magalhães e Nelson Baptista de Azevedo*	**Franca**	*Dr. Agnelo Morato*
S. Paulo	*António Pereira Correia e António Baptista Lino*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Vitória**	*Dr. Ayrton Machado*
Curitiba	*João Ghignone*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
	Zalmino Zimmermann	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Rio Grande	*Armando O. Couto*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*	**Aracajú**	*José Elson Fontes*
Ribeirão Preto	*Dr. José Pereira Bastos*	**Juiz de Fora**	*João dos Santos Coragem*
Belo Horizonte	*António Augusto dos Santos*	**Três Rios**	*Acir Faria*
Maceió	*Jaime Xavier da Silva*	**Rio Preto**	*Lázaro Camargo Ehmke*
Fortaleza	*José Borges dos Santos*	**Paranaguá**	*René Risental*
		Florianópolis	*Osvaldo Melo*
		João Pessoa	*José Borges de Sousa*

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ☆ **Não se devolvem originais, sejam ou não publicados**

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), Cr. $100,00 — Ultramar (12 números) moeda equivalente a 70$00 — Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro e da Casa do «Tio Juca», de Salvador, Bahia

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.
ALLAN KARDEC	
Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita	20$00
A Prece	12$00
Espiritismo	15$00
O Principiante Espirita	18$00
O que é o Espiritismo	18$00
O Livro dos Espíritos — enc. 45$00	32$00
O Livro dos Médiuns — enc. 45$00	32$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 45$00	32$00
O Céu e o Inferno — enc. 47$00	35$00
A Génese (nova edição) — enc. 47$00	35$00
Obras Póstumas — enc. 45$00	32$00
Revista Espirita (1.º e 2.º volumes), relativos a 1858 e 1859, traduzidos em português e lindamente encadernados — Cada vol.	100$00
(Seguir-se-á a tradução dos restantes vols.)	
Vade-Mécum Kardequiano	16$00

	br.
LÉON DENIS	
Cristianismo e Espiritismo	50$00
O Além e a Sobrevivência do Ser — Enc.	25$00
O Grande Enigma	30$00
Depois da Morte (nova edição)	50$00
O Porquê da Vida	28$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00	50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 60$00	48$00
El Problema del Ser e del Destino	52$00
No Invisível (nova edição)	52$00
GABRIEL DELANNE	
O Espiritismo Perante a Ciência — enc. 64$00	52$00
A Evolução Anímica	48$00
O Fenómeno Espirita	45$00
A Alma é Imortal	52$00
A Reencarnação	52$00

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

(Continua na 3.ª página de capa)

OPINIÃO ABALIZADA

O ilustrado neurologista Dr. Juan Kern, ex-médico do Hospital Espirita, comentando os versículos 8 a 28 de Mateus, 5 a 2 de Marcos e 26 de Lucas, chegou a uma estupenda conclusão depois de citar o facto ocorrido quando da ida de Jesus aos gerassênios, em frente à Galiléia, que assim se resume: Junto a um ancoradouro, os porqueiros sentados vigiavam rumorosa piara de cerdos. Havia nas imediações um terrível endemoninhado que, expulso da cidade, se refugiara entre os túmulos, quase desnudo, gigantesco e trágico, que se contorcia em dança infernal, e se tornara o terror daquela zona.

A magnífica e sublime fama do Rabi Galileu já era notória. Todos sabiam que sarava os lunáticos. O Mestre dirigiu-se ao obsesso, e este o conjurou, espumando pela boca e retesando os músculos enrijecidos, convulso e horrendo. Os discípulos se recolheram temerosos. Jesus doce e resoluto chegou-se ao possesso, passou-lhe a mão nas costas e fixou fundo os Seus serenos olhos nos dele, perguntando-lhe:

— Como te chamas?

— Legião! chamam-me Legião, porque somos muitos — bradava o mísero —. Cura-me, Senhor, cura-me e não me expulses da minha Província.

E os suínos ali pasciam calmamente, quando de súbito Jesus ordenou: — «Sai desse homem, espírito imundo». Aquelas almas atrasadas, então, passaram para os porcos e, acto contínuo, a manada se projectou pelas rochas e se afogou no mar. Os porqueiros tiveram medo do mistério e suplicaram a Jesus que se fosse dos seus termos. O celeste enviado fitou-os com indizível tristeza e, voltando-se para aquele a quem havia livrado do mal, disse-lhe: — «Vai-te à tua casa, vai-te aos teus, e conta-lhes que grandes coisas o Senhor fez contigo e como teve misericórdia de ti!».

Depois da narrativa supra o talentoso neurologista finalizou com estes nobres conceitos: — «Sob o influxo de Sua labuta psico-analítica imortal, limpou os inibidos das imperfeições tão bem simbolizadas pelos porcos dos gerassénios, precipitando-se, afogando-se, anulando-se, no mar insondável de Sua bondade infinita».

Aí está, em toda a plenitude e de forma ultra-expressiva, ao alcance de todos, a exposição do mecanismo da cura feita pelos psicoterapeutas. Dirão: Jesus sarava sempre e os homens falham tão amiúde. É que a estes falta o que sobrava ao Cristo — autoridade e elevação moral. Porque as moléstias são sempre a consequência natural de imperfeições anímicas, quando os doentes se aproximavam de Jesus suas falhas de alma naufragavam no mar imenso da Sua bondade, a fim de, curados, regressarem a casa para contar aos seus o que o Senhor lhes concedera e fizera.

A autoridade moral do curador é decisiva na obtenção do êxito procurado. Tanto que aquilo que Jesus, da altura infinita em que pairava, conseguia com uma simples ordem, os médiuns precisam de muitos esforços em reiteradas oportunidades para obter. Logo, não apenas as curas, mas a intensidade e rapidez dos processos curativos, depende do médium mais do que de quaisquer outros factores. E o curador será eficiente na medida de seu esclarecimento e em proporção ao nível de seu estádio espiritual.

TRÍPLICE ALIANÇA

Seria ideal se se procurassem os meios de somar a acção psiquiátrica e psicoterápica aos processos espiríticos comuns para alcançar a cura das doenças mentais. Assim, e isto apenas para sugerir, porque se trata de assunto ainda pouco explorado, se os tratamentos de choque pela insulina, cardiazol ou electricidade fossem assistidos por médiuns de real valimento e por operadores espiríticos competentes, talvez se conseguisse a um tempo a comunicação do obsessor e do obsesso que, pela influência benéfica das máquinas medianímicas e aura magnética do dirigente dos trabalhos, pudessem compreender aquele que se devia afastar e este que precisava reagir, de modo que voltando o espírito do obsesso ao próprio corpo e o do obsessor à liberdade, pelas resoluções antes tomadas, deliberassem seguir outros caminhos, perlustrando as sendas que vão ter à felicidade.

Um duplo bem aconteceria: no plano visível a cura de um alienado, e, no Além, a volta de um espírito ao bom caminho. Procedendo-se com lógica, racionalmente, dentro dos conhecimentos humanos tornados evidentes, podem-se galgar várias fases nessa seara ainda nova e na qual se anda muito tacteante. O alvitre vale só como registo de uma ideia.

AVANÇO PROGRESSIVO

Os frenocómios foram durante largo tempo verdadeiros cemitérios de almas, para onde as famílias levavam aquele de seus membros que alienasse, para aguardar-lhe a morte. Hoje, porém, mudou fundamentalmente a sua destinação, integram um posto de esperança, um recinto de amor, um refúgio em que a ciência penetrou com a firme resolução de devolver o senso aos desassisados, por meio de tratamentos apropriados de eficácia real. Por vezes, nas organizações espiríticas, tem-se conseguido elevar a percentagem de cura dos hospitalizados a 68 %. É surpreendente!

Os hospícios comuns, profanos, nunca atingiram tão alta média de restabelecimentos em parte alguma.

Essa verdade deve animar os responsáveis pela manutenção dessas casas espiríticas de saúde, dando-lhes os elementos para que não esmoreçam, enfibrando-os no ideal de amparar os que se não podem defender, protegendo insanos e assistindo obsessos. Daí, ter-se desenvolvido a assistência aos psicopatas nos meios civilizados, sendo que isto hoje foi alteado a dever indeclinável, para os neo-espiritas de fé raciocinada.

COMO NASCEU O HOSPITAL ESPIRITA DE PORTO ALEGRE

Essas ideias que em 1924 conduziram um grupo de espiritas portoalegrenses, batalhadores da linha de frente, a lançar a pedra angular do nosso Hospital em Petrópolis, nesta Capital.

Em 25 de Dezembro de 1926 foi ele festivamente inaugurado. Este facto revestiu a forma de um grande acontecimento social, tanto que o brilhante matutino *Correio do Povo*, em sua edição de 27 daquele mês e ano, abriu, em diversas colunas, amplo noticiário a respeito, tendo chegado a publicar o resumo do discurso proferido pelo orador oficial da solenidade.

No começo, sob a presidência sucessiva dos saudosos confrades Cel. Frederico Gomes da Silva e D. Maria da La Grange Mostardeiro, todos se lhe devotaram, e resultados excelentes foram colhidos em curas que de tão importantes pareciam miraculosas. Posteriormente, dissídios internos, desejosos de chefiar desinteligências afastaram muitos companheiros prestantes, criando para as directorias de então, também desgostosas, a contingência de entregarem a direcção hospitalar a funcionários administrativos.

NOVA FASE

Os tempos borrascosos transitaram. Dir-se-ia que o Mundo dos Espíritos se agitara no sentido de salvar esse nosocómio, para o guindar ao seu grande destino, como empreendimento de alta monta e relevante valia.

Reuniram-se os associados assistidos por paredros do Espiritismo e, em Agosto de 1931, foi a associação assistencial ter às mãos de Paulo Hecker, firmário do presente, que de perto foi auxiliado por Carlos Otto Roos e Dagoberto Guimarães.

No dia de Natal de 1932, em pleno período de desenvolvimento e acção, festivamente, na presença dos representantes do Interventor Federal e do Director de Higiene do Estado, General Flores da Cunha e Prof. Fernando Freitas de Castro, respectivamente, Drs. Waldemar Cavalcanti e Ary Viana, inaugura-se um bem aparelhado gabinete médico-cirúrgico, dirigido inicialmente pelo clínico Dr. A. Fagundes Portella e pelo cirurgião Prof. Loforte Gonçalves.

Ressurgia, assim, pela solidariedade dos seareiros espiritas, essa grande empresa, fora de dúvida, entre nós, a maior obra particular de assistência a psicópatas.

Vinha-se processando normalmente a marcha natural do reerguimento hospitalar, quando, por iniciativa da directoria, em 17 de Março de 1933, em memorável assembleia, foi eleito e empossado na presidência Conrado R. Ferrari, também signatário deste, em cujo cargo até hoje vem sendo mantido pela família espirita gaúcha. Entre outros, tem sido seu constante colaborador o Dr. Fernando N. Pons.

Reformados de logo os Estatutos, prosseguiu aviventada a ascenção dessa empresa assistencial que adquiriu personalidade jurídica directa e enrumou para a conquista decisiva da sede nova, que é a actual, a bem de melhormente preencher sua tutelar destinação de se devotar aos enfermos mentais, do mesmo passo sendo um atestado vivo do vicejamento do Espiritismo no Rio Grande do Sul.

CRÓNICA BRASILEIRA

Por NEWTON GONÇALVES DE BARROS

A JUNQUEIRO

Em Guaratinguetá, Estado de S. Paulo, brasil, houve uma comemoração do centenário de Guerra Junqueiro.

Ao nosso lado, o poeta singelo que é Sebastião Lasneau. E também Nancy Pulmann — a admirável pregadora paulista.

Após a oração principal, homenageámos o inesquecível pastor luso, com a declamação de «UM DIÁLOGO».

Mal nos sentámos, diz-nos Lasneau ao ouvido:
— O verso 57 não tem cesura...
Que ouvido! Que amigo! Que poeta!...

UM DIÁLOGO

— Um «lider» (pede o Mundo em ansiedade atroz),
Alguém que me chefie e tenha forte a voz!
Alguém que, da ciência, aos páramos chegasse
E, como um grande sábio, às multidões falasse!
Artista ou general... um génio... um professor,
Alguém que empunhe, forte, o cetro de senhor!

E ouviu-se a voz da História, humilde, a divagar:
Por que tão infeliz caminhas neste mundo,
buscando na matéria o gozo mais profundo?
Não ouves do passado um eco milenar
da sã filosofia, augusta, a te falar?
De Sócrates, Platão, do velho estagirita,
onde a lógica audaz e a pregação bendita?
Das grandes religiões que o homem conheceu,
onde guardas o Bem que o céu te concedeu?
Do nobre Gilgamés aos sonhos do nirvana;
do Nilo fabuloso às lendas do Purana;
do tigre legendário ao brilho do Corão
são séculos de lei ao puro coração!
A ciência do hieroglifo ao cérebro falou
da múmia secular que o mago conservou!
Da idade do metal aos astros dos caldeus,
a ciência deu ao mundo ilustres corifeus
que vieram como um facho, em noite levantina,
trazendo clara luz à criação divina!
E ao sol do doce Bem e à luz dessas verdades,
o Belo sempre trouxe encanto e amenidades!

Buscando na memória os sonhos que viveu,
a voz da Humanidade à História respondeu:
Querendo eternizar os reis do imenso Egipto,
guardei os corpos vis em monstros de granito.
Um deus eu procurei às margens do Jordão...
o orgulho exacerbou meu pobre coração.
Nas artes — a mais pura — a Grécia foi divina
E Venus adorei em graça peregrina...
Com Bacon, Newton, Comte e da experiência o génio,
eu tive o bem-estar e... a bomba de hidrogénio!
Mas tudo vai passando em seu fulgor falaz...
Agora busco, em vão, um «lider» mais completo,
E nada me deixou tranquilidade e paz...
capaz de realizar meu sonho predilecto!
E disse a História, meiga, — a mestra desta vida:
— Nem sempre uma ventura é a nossa preferida.
Já teve a Humanidade um génio tutelar
que o Bem pregou, feliz, no exemplo modelar...
Poeta divinal, seu verso doce atrai:
«Os lírios virginais nos campos contemplai»...
Qual químico veraz, nas bodas de Caná,
fez vinho de água pura aos olhos de Judá!
Juiz e acusação, no popular dilema,
jogando a humana lei de encontro à lei suprema,
falou ao povo hebreu (onde outra lei não medra):
Se não tem culpa alguém que atire, então, a pedra!
Foi médico sagaz das almas em delírio.
«E os corpos vis lavou das chagas do martírio!
Foi meigo professor falando aos pequeninos...
Amparo do transviado e exemplo aos juventinos!
Espírito feraz, em meio de doutores,
sorveu a taça — humilde entre ladrões — de horrores...
Modelo para o rico, estímulo dos pobres,
encheu os corações de aspirações mais nobres...
Filósofo fecundo, em prègações de amor,
não escreveu jamais, no divinal labor!
Se queres possuir real felicidade;
Se queres caminhar por toda a eternidade,
mantendo junto a ti teu sonho predilecto,
na trilha divinal do «lider» mais completo,
repõe cheia de fé, no próprio coração,
a paz, a caridade, o amor ao teu irmão!
Verdade, Belo e Bem — a tríade de luz —
terás eternamente ao lado de Jesus!

Nova-Iguaçú, Maio de 1956

UM FANTASMA QUE

Há quase um século que um fantasma barulhento aparece de tempos a tempos no prebistério de Stuffione, em Itália. Até agora, as autoridades eclesiásticas impuseram silêncio sobre o facto. Nos últimos tempos, porém, o espectro continuou a dar que falar e os representantes da Igreja renunciaram ao silêncio imposto.

Embora certo museu confiado à guarda de um monge reúna em Roma provas materiais de manifestações atribuídas aos «espíritos», a Igreja recusou-se sempre a reconhecer a sua existência.

— Não há espíritos, não há fantasmas — declarou a Santa-Sé —. O que se designa por tal só pode ter duas causas: imaginação doentia ou alucinação devida ao demónio.

Mas o presbitério de Stuffione, a poucos quilómetros de Modena, julga tratar-se de outra coisa.

Desde 1861 que os padres desta paróquia relatam factos que não revelam alucinação nem diabolismo.

A primeira testemunha foi Don Giuseppe Sabbatini, cura de Stuffione, de 1861 a 1872. Durante este longo período, Don Giuseppe foi sobressaltado diversas vezes por ruídos anormais, que avassalavam a noite nos corredores do presbitério, mas não conseguiu descobrir ninguém. Ouvia cochichar, rastejar, ouvia pancadas que faziam estremecer as paredes e encontrava sempre os móveis voltados e os objectos fora do lugar habitual. As próprias armações apareciam arrancadas.

Não duvidando de intervenção supra-natural dirigiu-se ao bispo, que mandou proceder a exorcismos. Mas depois de alguns meses de calma, a sarabanda infernal recomeçou mais curiosa e animada. Nem as preces nem os esconjuros alteraram as manifestações. De tal maneira, que a autoridade episcopal perguntou a si mesma se o cura Sabbatini não seria a causa inicial desta actividade satânica. A dúvida não persistiu muito tempo: Don Giuseppe levava vida de santo homem, nada repreensível. Todavia, o inquérito demonstrou que o seu antecessor não tinha a mesma reputação. Vários paroquianos dignos de fé tê-lo-iam acusado de obter dinheiro em seu proveito com missas desnecessárias...

Falta grave, punida no outro mundo com tormentos eternos! Conviria ver se nas manifestações anormais da igreja de Stuffione haveria indícios de mau procedimento do seu antigo servidor. Ou se este voltaria aos lugares do seu crime.

Esta tese foi, sem dúvida, a do bispo. Mas, para evitar um escândalo o padre nada revelou.

OUTRAS MANIFESTAÇÕES

O tempo é homem galante — diz-se em Itália —. Assim, calculava-se que ele arranjasse as coisas da melhor maneira.

Mas o tempo não arranjou coisa alguma. O fantasma continuou nas suas extravagâncias. Encorajado pelo bispo, Don Giuseppe não se deixou excitar: rezava, implorava para conseguir apasiguar a alma atormentada. Se nada conseguisse, nenhum mal lhe poderiam fazer.

Após a sua morte, substituiu-o D. Carlos Malerba.

Dom Carlo vinha de longe, da extremidade da diocese, e ignorava os factos que haviam transtornado a vida do seu antecessor. Ninguém o informou. Sem dúvida, pensava-se que a desaparição física de Don Giuseppe teria esgotado o assunto, mas prestes se viu o contrário.

Com efeito, Don Malerba não tardou a mostrar-se inquieto. Mal chegava a noite, ruídos insólitos lhe tiravam o sono. «Aquilo» provinha do corredor, semelhando passos de alguém... O infeliz padre perdia-se em conjecturas até muito tarde. De ouvido atento percebeu um rangido característico... «Não há dúvida, — pensou ele — abriu-se a parte da sacristia!...». Vestiu à pressa um fato e foi ao encontro do desconhecido, com o coração ofegante e o rosário na mão direita.

Efectivamente, a porta da sacristia estava aberta... e um raio lunar banhava o interior do compartimento. Don Carlo descobriu então uma «forma» voltada de costas, a desfolhar páginas de um grosso livro, sobre uma carteira, ao mesmo tempo que uma angústia indefinida lhe prendia a garganta.

— Em nome de Deus... — consegue dizer —. Quem sois? E que fazeis nesta sacristia?

A custo formulando as perguntas, vê o livro fechar-se e o vulto tornar-se transparente, para logo se dissolver, como fumaça.

Don Malerba desfaleceu...

O seu estado de inconsciência — contou ele mais tarde — prolongou-se quase uma hora. Quando recuperou os sentidos, a lua batia em cheio na estreita janela da sacristia. Tudo estava silencioso... O grande livro repousava, como sempre, na carteira. Don Malerba desfolhou-o com mão trémula. Já conhecia o seu conteúdo: um velho registo, onde, como os seus antecessores, escrevia os pedidos de missas: *Por intenção de X... uma data e uma soma... Por vezes não havia importância alguma.*

Mas o que intrigou o padre foi ter encontrado o breviário fora do seu lugar. Lembrava-se perfeitamente de tê-lo deixado na prateleira do armário, em cima da sobrepliz... Quem viria desarrumá-lo?...

Depois de ter reentrado na sua câmara, Don Malerba passou o resto da noite ajoelhado no oratório. De manhã, logo após a missa, partiu para Modena. O segredo pesava-lhe. Precisava de relatar a

NÃO TEM REPOUSO

aparição aos superiores hierárquicos. A sua atitude foi recebida com prudência. Os altos responsáveis da Igreja não gostam de nada que perturbe a serenidade do culto ou a alma dos seus servidores. No entanto, o caso de Don Malerba foi objecto de estudo através dos velhos arquivos da paróquia; mas o que é certo é que nem a morte de Don Giuoseppe, nem as preces, nem os exorcismo precedentes trouxeram paz à igreja de Stuffione.

O «lobishomem» aparece sempre. O que se passou nos anos seguintes, as narrações de Don Malerba e do fantasma, nada esclareceram.

Depois morreu Don Malerba; e Don Carafoli — cura de San Barnabo — lhe sucedeu em Stuffione...

Don Carafoli conta:

— No dia em que me instalei na nova igreja, deu-se o inacreditável.

Cerca das 22 horas, estava deitado, dormia já profudamente, quando fui acordado por uma sensação estranha: o meu leito inclinava-se bruscamente sobre a esquerda: Levantei-me de repente e, depois de acender a luz, procurei a causa desta anomalia. Nada... A cama nada oferecia de anormal. Era um móvel rústico, mas bem assente nos quatro pés. Deitei-me novamente, julgando ter sido vítima de alucinação. Dez minutos depois, se tanto, o mesmo movimento insólito se reproduzia, procurando deitar-me ao chão, desta vez do lado direito. Embora dotado de perfeito equilíbrio mental, comecei a sentir-me agitado. Finalmente, como o balancear da cama se acentuasse, resolvi levantar-me. Sentei-me numa poltrona, e li — ou tentei ler — o breviário até à hora da primeira missa.

Don Carafoli não dramatiza. Evita empregar a palavra *fantasma*. Tudo que deixa compreender é que uma força misteriosa tentou derrubá-lo da cama. Já estava quase a esquecer o incidente, quando foi submetido a nova prova.

A POMBA

Era noite. Chegara de visita demorada a um doente. De regresso ao seu quarto, passou pela igreja a fim de orar pela pessoa que acabara de visitar. Tudo estava calmo. Perto do altar, uma lâmpada de halo avermelhado. Don Carafoli ajoelha-se, esboça um sinal da cruz e começa a oração. A seguir, um estupor o invade. À esquerda do altar, um vulto se move afastando-se da zona escura...

— Nenhum erro era possível — afirma Don Carafoli —. Eu reconheci um padre. Era de estatura esquelética e apenas um pouco maior que uma criança. A sotaina flutuava-lhe em volta. Avançou lentamente para mim e notei que falava, pois vi-lhe mexer os lábios e dizer palavras que não compreendi logo; mas, tomando mais atenção, conclui que a aparição se exprimia em latim. Com voz intemporal, repetia uma frase do breviário: *Qui dabit nibi ala ut Colomba?*... (Quem me dará as asas duma pomba, a fim de eu voar e repousar?). Repetindo a frase em tom de queixume, o fantasma aproximou-se mais do cura. Este declarou tê-lo visto a um metro de distância. Na sua cara magríssima as órbitas vazias formavam dois buracos sombrios.

— Desejava falar-lhe, — acrescenta o pároco de Stuffione — fazer-lhe uma pergunta, mas a angústia tolhia-me a garganta. E antes de recuperar o sangue frio, o padrezinho «magrizela» esvaía-se no ar com a sotaina larga e os olhos ocos...

CONCLUSÃO PROVISÓRIA

Don Carafoli, como os seus antecessores, trabalhou alguns anos na companhia intermitente do fantasma; como eles, observou igualmente a *consigna* do silêncio; as suas confidências são todas recentes. Mas, depois da sua passagem ao curato de San Barnabo, o presbitério de Stuffione recebeu novo ocupante, Don Ugo Gradellini, o qual se prepara todos os dias para ver o sacerdote prevaricador, cuja alma torturada não conseguiu repouso...

— Eu oro por ela — diz ele, sem mover-se da cadeira.

É também no tom mais objectivo que Don Gradellini declara:

— Se ainda não vi a «alma do outro mundo», tenho provas dos efeitos da sua presença. Durante a noite tenho ouvido e ouço ainda barulhos incríveis: corridas pelos corredores, móveis derrubados, pancadas nas paredes, etc....

Poder-se-á falar ainda de alucinações?

Don Gradellini sorri. Pouco tempo depois da sua chegada a Stuffione, convidara seu irmão a vir passar uma noite ao presbitério. O irmão do novo servidor é o Secretário Geral da Faculdade de Ciências de Modena, espírito positivo e duro.

— Desembaraçado, pessoa que tem os pés bem assentes sobre a terra e não nas nuvens — afirma Don Gradellini.

Todavia, depois de ouvir a chinfrineira da «alma penada», depois de ver pesados móveis de castanho a deslizar no soalho, como velas sobre o mar, o secretário geral entendeu que não podia ficar mais tempo no lugar onde a ciência oficial recebia tais ultrages. E em plena noite rogou a seu irmão:

— Empresta-me já a bicicleta! Volto para Modena num instante...

...E foi a ele, que o fantasma de Stuffione deve o ter saído da clandestinidade onde o manteve há um século a prudência clerical.

(De *Le Presse*, de 27-3-956)

NO QUE EU CREIO

Por ALBERTO EINSTEIN

É muito estranha a nossa situação terrena. Vimos aqui em curta visita sem saber porquê e, todavia, há missões que parecem trazer propósitos divinos.

Do ponto de vista da vida diária há uma noção indubitável: o homem está aqui pelo amor do homem, sobretudo por aqueles em cujo sorriso e bem-estar repousa a nossa felicidade e por milhões de almas desconhecidas com as quais nos sentimos ligados por laços de simpatia.

Muitas vezes penso, não só nos alicerces da minha vida total que residem no labor do próximo, como também que terei de exercitar as minhas faculdades para devolver o que dele haja recebido. Sinto alterar frequentemente a tranquilidade de consciência por me ter aproveitado demasiadamente do trabalho dos outros.

Filosòficamente falando, não creio na possibilidade de uma libertação humana, pois nossos actos são determinados por compulsão externa e por necessidades interiores. A frase de Schopenhauer: «O homem pode conseguir o que deseja, mas não pode determinar o desejo», permanece gravada em mim desde a juventude e tem-me servido de consolo nas asperezas da vida. Esta convicção costuma ser perpétuo combustível de tolerância, visto que, fazendo um pouco de humorismo, não nos permite que nos tomemos muito a sério, nem a nós, nem aos outros.

A obsessão que nos leva constantemente a ponderar a própria existência e o sentido geral da vida, parece-me autêntica loucura, do ponto de vista objectivo. E apesar disso toda a gente abriga certos ideais e se deixa guiar por eles. As ideias que me têm norteado, enchendo-me de alegria de viver, são o bem, a beleza e a verdade. Nunca me lembrei de procurar objectivos de conforto nem de felicidade. Uma ética construida nesta base seria própria de um curral de gado.

Sem a consciência de colaborar com seres de mentalidade semelhante na persecução do inexequível, na arte e na ciência, a minha vida teria ficado vazia. Desde a infância que olho com desprezo as limitações vulgares que se apresentam às ambições humanas. Possessões, êxitos superficiais, luxo, publicidade... tudo isto me pareceu sempre depreciativo. Um simples e modesto regime de vida me parece melhor para todos, tanto para o corpo, como para a alma.

O meu apaixonado interesse pela justiça e responsabilidade social manteve sempre curioso contraste com notável carência de vontade associativa. Sou cavalo de aparelho simples, inapto para trabalhar em parelha ou em série. Nunca pertenci inteiramente a um país ou Estado, a um círculo de amigos, nem à minha própria família. Mantive estas sujeições a vaga distância, permitindo-me aperfeiçoar progressivamente o interior.

Este isolamento é amargo às vezes, mas não deploro a falta de simpatia e compreensão a respeito dos outros. Perco muito com isso, mas sou compensado com independência que me permite ficar longe dos seus costumes, preconceitos e opiniões, e não sou tentado a confiar a minha paz a bases tão movediças.

★

Todo o indivíduo deve ser respeitado como tal, mas ninguém devia converter-se em ídolo. É uma ironia do destino que eu tenha recebido a homenagem de estima que não mereço e pela qual nunca me esforcei. Talvez esta adulação seja apenas o resultado de um desejo insatisfeito da multidão no sentido de compreender as poucas ideias que consegui melhorar com as minhas escassas forças.

Estou plenamente convencido de que, para lograr um fim definitivo, qualquer indivíduo deve encarregar-se de elevar, com a maior responsabilidade, o pensamento e o mando dos demais. Em vez de acaudilhada, a multidão devia ser guiada e cada qual com liberdade de escolher o seu guia. As divisões de classes parecem-me falsas. Em última análise, vemos que toda a estrutura se apoia na força. Creio que a degeneração é o resultado dos sistemas de violência, pois esta congrega todos os seres de moral inferior. A história prova que a um tirano ilustre se segue sempre um reles velhaco.

A guerra é baixa e detestável. Preferia ser

A VIDA E A MORTE

Por JOSÉ CORREIA DE OLIVEIRA

Eis aqui as duas grandes divisões da existência humana: a vida e a morte. Eis aqui a resultante das forças diversas que trabalham em nós: espírito e matéria.

Espírito: para conhecer e seguir as vontades do Senhor dos Mundos.

Matéria: para actuar sobre as substâncias materiais da vida.

Somos, pois, compostos de duas naturezas; e visto que constamos de duas substâncias, dois mundos também se constituem: o mundo físico ou material, e o mundo mental ou do espírito. Somos a via de exaltação no espírito divino e de rebaixamento nos corpos.

No mundo físico ou na Vida, é o homem a ambição, a ambição que destrói a sensibilidade da alma; que sufoca os impulsos mais nobres do coração; a ambição que desfigura e embrutece os sentimentos e os ideais de expansão harmoniosa de todo o ser. A inquietação que perturba e desgasta os nervos, abate o moral e o enche de pessimismo, alterando «Sua vontade, assim na terra, como no céu».

Na morte ou no mundo do espírito, é o homem a expressão do Universo de DEUS; é o vínculo que une o céu e a terra. O raio de sabedoria e de inteligência que brilha em seus pensamentos, reflectindo-se sobre toda a Natureza. O filho de suas próprias obras.

A cadeia de comunicação entre todos os seres, o corpo intermediário entre Deus e as Criaturas.

A morte, que para uns é o fim da vida, para outros é a felicidade transformada numa ventura imensa, que nunca achou na terra; pois, em verdade, há mortos que nunca viveram tanto como através das frágeis lápidas que lhes recordam os nomes; nos parece que o vigor dos corpos não estava nas mesmas condições que a elevação dos espíritos.

A Natureza exige a morte, porque ela quer sempre mais Vida.

A própria Terra não poderia viver a grande vida de «calamidades» nas suas funções cósmicas de Globo, pois seria a não existência; onde se conclui que a Natureza não só destrói para produzir mais vida, como também regula o curso material das coisas, no conceito universal da realidade bioquímica: nada se aproveita, mas também nada se perde...

Ama a vida, meu irmão, mas não receies a Morte; não a receies para ti. Tua morte só será dolorosa para aqueles que tu deixares neste mundo: é o único pensamento que deverá entristecer-te no momento supremo.

O nascimento e a morte são leis humanas.

A doutrina espírita, anunciando que a morte do corpo não impede que o Espírito continue a sua trajectória evolutiva através do tempo, é, evidentemente, a única que oferece, com admirável exactidão, a ideia da verdade sobre a Morte.

Porto Alegre (Brasil)

esmagado do que participar nas suas matanças.

Urge extinguir esse opróbrio da humanidade. A minha opinião acerca da natureza humana é demasiado favorável para não acreditar que a guerra teria sido exterminada se o senso comum das nações não fosse sistemàticamente corrompido por meio da escola e da imprensa, com mira em fins políticos e financeiros.

O mistério é a coisa mais bela que conhecemos. É a origem da arte e da ciência. Quem não compreenda esta emoção e não possa extasiar-se de admiração ou transportar-se de terror, vale tanto como um cadáver. Seus olhos estão fechados. Assim mesmo, esta incursão no mistério da vida junta a um sentimento de temor deu lugar à religião. A consciência de que existe aquilo que o nosso entendendimento não consegue penetrar, manifestando-se como a suprema forma de sabedoria e a mais radiante beleza que as nossas pobres faculdades apreendem em suas linhas primitivas, este conhecimento, este sentimento é o núcleo da verdadeira religião.

Neste sentido — e só nele — pertenço às fileiras dos verdadeiramente religiosos.

(Da revista *Estudios*, de Valência).

(Trad. de I. D. S.)

A. MAZZORATI ESCREVEU

O PENSAMENTO RELIG

Quais são os factores do pensamento religioso e as razões da sua persistência e desenvolvimento?

Desde que a humanidade teve um nome e uma história vemos o pensamento humano afadigar-se na peugada do ideal, em busca de um mundo superior que satisfaça as suas aspirações e necessidades. E este mundo do pensamento evolve com o progresso do Homem, sublima-se e purifica-se com ele.

Deste mundo nascem primeiramente os deuses caóticos, feitos de sombra e luz, que precedem, com a luta, a harmonia dos elementos, que assumem, com o tempo, nome e significado de símbolos, até que, primeiro na mente do filósofo, e depois na consciência do povo, se concentram na unidade.

O objecto primário de adoração é a matéria bruta, que recorda uma origem cósmica, ou revela apenas os passos vacilantes do pensamento. As pedras caídas do céu, os grotescos fetiches empastados de argila e de sangue, concebidos pelo ódio e o temor, são os elementos mágicos do culto, as primeiras sílabas da língua sagrada com que o Homem narrará no suceder dos tempos toda a história da natureza — o nascer e o pôr do sol, o eterno curso das estações e do ano, o mistério da vida e da morte, a alegria da ressurreição.

Quando a ideia se desenvolve, o homem arrebata à natureza o ritmo e a harmonia, e o fetiche assume as proporções clássicas da beleza humana. Os numes sorriem ao homem e difundem um frémito de paixão e de prazer em toda a natureza, mas o culto é puramente estético e formal e não atinge mais do que a superfície do ser.

Finalmente, o pensamento liberta-se da forma, os mesmos homens tornam-se o santuário de Deus, em cujo nome se tratam por irmãos, um sentimento novo de grandeza sobre-humana dá aos actos da vida a solenidade do sacramento e uma sede mística de sacrifício e de perdão conquista todas as almas.

Estas três formas de culto — da força, da beleza e da bondade — podem coexistir, fundir-se ou emergir alternadamente, mas o seu processo lógico no espírito humano é constante e corresponde a três momentos diversos da evolução psíquica, caracterizadas por três distintas inclinações da alma — o temor, o prazer e o amor.

Entrar na essência desta tendência da psique para se criar um mundo transcendente, calcular a persistência e universalidade do fenómeno como a um dado dos mais positivos e importantes, investigar se a esta aspiração da alma corresponde alguma realidade na ordem dos factos, não desprezar nenhum elemento que possa trazer um pouco de luz às hipóteses de um «além», parece-nos obra digna da filosofia e da ciência do século vinte.

★

Nós acreditamos — quaisquer que possam ser as suas origens — que o sentimento religioso seja um potentíssimo factor social e que o seu aparecimento no homem representa uma conquista decisiva sobre o estado bestial e selvagem.

Apontámos o temor como a primeira determinante de tal sentimento, mas devemos distinguir entre temor e temor. Há um temor físico resultante de factos da sensação orgânica, e há um temor metafísico provocado por actos de reflexão mental.

A vida poderia definir-se como uma adaptação e um hábito: ela corresponde de modo inteiramente mecânico aos estímulos, pelos quais, quando a inteligência desperta no homem, a impressão das coisas externas já abriu um sulco familiar no seu espírito, e a maioria se conforma simplesmente com o instinto, satisfeita da evidência dos sentidos.

Por tal maneira o homem desfloraria perenemente o mistério, sem se dar conta dele e assistiria indiferente às mais soberbas maravilhas, se a sua actividade psíquica, passada ao estado mecânico, pelo que respeita às funções inferiores, não manifestasse novas e mais elevadas atitudes, uma faculdade de coordenação superior à da simples adaptação. Neste caso o homem é levado a reflectir, a refazer por conta própria o processo da natureza nas relações com o pensamento, e quando a lógica de uma ou do outro revela lacunas — o sono, a loucura, a morte — o homem detém-se perturbado, verificando a própria insuficiência.

De aqui nasce o temor metafísico, o qual permanecerá enquanto a vida conservar segredos. Este temor, que nasce da consciência da própria ignorância, este processo psíquico, que continua quando o do animal se encerra, é o princípio de toda a ciência e a determinante de todo o progresso intelectual. Nós compreendemos o arrepio sagrado de Spencer em face dos problemas imanentes do Espaço, e a sua teoria do «Incognoscível» quando vemos, nos nossos dias, as incógnitas multiplicarem-se com as descobertas: o espírito filosófico não poderia gabar-se de mais nobre origem.

E os factos provam que este sentimento não pode confundir-se com o vulgar terror. Homens que gozam do primado da audácia e do engenho, compreenderam a existência como uma missão, a imortalidade como a confirmação de uma vida que não podia caber nos limites do tempo, e tiveram o culto do infinito e da virtude, isso que, para nós, constitui o próprio espírito de todas as religiões mais elevadas. Tais foram nos nossos dias Mazzini, Garibaldi, Hugo, Gladstone; tais se proclamaram Combes e Roosevelt em pleno consenso parlamentar. E se, em presença do espectáculo da decadência romana, que, perseguida pelo terror da catástrofe iminente, deprecava todas as divindades do Olimpo, o poeta pôde exclamar, com aparente razão: «Primus in orbe deos fecit timor», a mesma apóstrofe não quadraria hoje, em face da atitude dos povos mais civilizados, mais ousados e evolvidos. Tudo nos faz crêr que o espírito humano se oriente para uma nova síntese religiosa, da qual se entrevêem apenas as linhas gerais, e na qual o Cristianismo representará, certamente, um grande papel. Não discutimos o valor intrínseco de cada uma das atitudes da consciência, mas assim lemos o fenómeno, que revela a permanência do problema e a urgência da sua solução.

★

Quais são os factores do pensamento religioso?

No primeiro estádio do conheci-

mento o homem busca a realidade, não em si, mas fora de si, no mundo que o circunda; e anàlogamente a história nos prova que a humanidade, ainda antes de se imortalizar a si própria, feita uma síntese sumária do Universo, pensou em criar os seus deuses. Ora, no conceito primitivo, os deuses são *potências;* a *sombra* que, na genial hipótese spenceriana, viria a ser a base do animismo, não entra, porém, senão em linha subordinada, na génese do pensamento religioso. O antiquissimo Egipto, que criou o poema das Pirâmides interpretando a morte, o povo junto do qual a doutrina do *duplo* nasceu e se concretizou, em vez de concluir com a sobrevivência da sombra independente do corpo, fê-la ligada a ele, embalsamando o cadáver para lhe garantir a imortalidade.

Os fenómenos do sono, do sonambulismo, da história que, na hipótese spenceriana, concorrem para estabelecer o conceito animístico têm, do nosso ponto de vista, bem maior e capital importância, e transportam-nos a um vasto campo coexistência de personalidades múltiplas num mesmo indivíduo. Os factos, agora, por todos são admitidos, conquanto ao princípio tivessem soado vozes hostis, porque revocavam inquietantes problemas, que se consideravam esgotados ou quase: a filosofia simplista da primeira metade do século passado tivera razão de os ocultar, pondo estes fenómenos fora do seu sistema.

Mas os factos que mais nos tocam e que parece terem sido familiares, talvez sob outras formas e condições, à remotíssima antiguidade, são os mediúnicos que, na sua manifestação mais elevada, tomavam nomes e características de inspiração e taumaturgia. Estes fenómenos encontraram e encontram, ainda mais do que os outros, uma incredulidade raivosa, em parte justificada pela própria natureza dos fenómenos, e pela dificuldade de podê-los surpreender e verificar. É bem certo que os corajosos testemunhos de homens altamente beneméritos da ciência dissiparam, em parte, também neste campo, as suspeitas, mas estamos bem longe de quentemente o ponto de partida de novas atitudes mentais. Do obscurecimento de alguns centros inferiores emergem, luminosíssimos, outros centros de actividade, que estabelecem o seu trabalho sobre um plano mais elevado do ser: fenómeno maravilhoso que, na economia sempre constante das forças, torna possível o progresso, processo químico que, dos elementos de desagregação, suscita novas formas de vida.

Por isso até mesmo as anomalias adquirem um certo valor; e o instinto que impele o homem a procurar para lá de si mesmo tudo o que exorbita as razões do momento, e nos coloca em presença de um possível devir, exige toda a nossa atenção. Crer em qualquer coisa do *outro lado,* é já possuir uma energia que não se pode exaurir nos limites do presente, e quando o facto é universal e constante, como no nosso caso, devemos buscar a causa motriz em qualquer coisa mais estável do que o ludibrio. Subtraindo o facto religioso à afirmação dogmática de uns e ao despreso dos outros, reconduzindo-o à sua ver-

OSO E OS FENÓMENOS PSÍQUICOS

de incógnitas que tocam a própria essência do assunto.

Todas conhecem os casos mais ou menos históricos — antigos e contemporâneos — de pessoas que resolveram, durante o sono, abstrusos e complicados problemas de matemática; que tiveram pressentimentos de coisas futuras e longínquas; que amadureceram concepções geniais: todos sentiram talvez, uma vez ao menos, como o pensamento pode, em certas condições, trabalhar mais livremente no sono. Homens dignos de estima e favoràvelmente notáveis no campo científico, afadigaram-se em recolher testemunhos e factos relativos a estes fenómenos, que deixam supor uma consciência subliminar muito mais extensa e em bem diversas condições de tempo do que a normal. Certo é que o sono demonstra ser o campo de fenómenos psiquicos tão obscuros quão importantes, e a tradição, que lhes atribui estranhas faculdades de intuição, concorda admiràvelmente com a última verificação.

Afortunadamente não nos encontramos já a disputar acerca dos fenómenos da hipnose e da sugestão, fenómenos que implicam troca e poder verificar as condições de ânimo indispensáveis para o estudo de tão completa ordem de fenómenos.

Que experiências pode ter feito a psique primitiva, porventura ainda mais sensível do que a nossa aos agentes externos, no campo da telepatia, do sonambulismo e da mediunidade? Que deduções pôde tirar e que elementos atingir para progresso das crenças primitivas?

Saída das ignotas profundidades do ser, síntese de todo o trabalho orgânico de selecção, receptáculo de todas as vibrações do cosmos, a psique humana revela-nos em cada dia uma parcela da sua vida oculta, daquele seu maravilhoso poder de criação pelo qual nada parece agora impossível ao futuro humano. Prisma dos mil aspectos, energia organizadora por excelência, que estabelece novas relações, determina novas possibilidades, ela nos esconde ainda o limite preciso das suas atribuições. A psique humana é una e múltipla, concentra-se, desdobra-se e reflecte-se, reentra nos limites do inconsciente para ascender por vezes até às soberbas alturas do génio.

Os morbos psíquicos são fre-

dadeira essência e valor, far-se-á obra de sinceridade científica e de progresso estável.

★

Em certos períodos da vida colectiva o homem experimenta a necessidade de propor a si mesmo e de resolver os problemas do bem e do mal, do ser e do devir, da vida e da sua finalidade; basta então um indivíduo que sinta a alma dispersa, que colha o suspiro secreto dos corações, que saiba resumir todo o processo psíquico da raça, e exprimir, em palavras e actos, o sentimento obscuro das multidões, para que todos reconheçam nele o messias prometido.

A elaboração psíquica efectua-se surdamente na profundeza da consciência anónima, e denuncia-se numa vaga turbação, numa necessidade feita de todas as determinantes da vida e do momento. É uma psicose, uma tensão do espírito, uma espectação de qualquer coisa sobre-humana; é o período da gestação, quando todos os elementos se fundem para criar uma alma gigante, que encontrará a sua re-

presentação e o seu intérprete num só homem.

Estes momentos da vida psíquica intensa, que precedem e acompanham a evolução do pensamento religioso, são testemunhados por caracteristicas tão distintas que se impõem claramente à atenta observação do psicólogo. O período crítico, como em todas as gestações, é acompanhado de náuseas, de comoções intestinas, de vago terror do ignoto que avança: tem-se a impressão de uma vida oculta que vem a irromper e dá toda a embriaguês da vertigem.

Nós estamos num destes períodos de renovação: nunca nenhuma época como a nossa assomou no horizonte da história com tanto aparato científico e com tanta probabilidade de resolver o problema da alma. A ciência deve compreender a sua tarefa; enquanto o problema estiver aberto persistirá o mistério e novas crenças surgirão a substituir as antigas, com as mesmas características de deficiência. Nós compreendemos a relutância da ciência em entrar neste terreno instável, que apresenta todas as miragens da sombra, e afasta por vezes, devido a uma certa espécie de máscara, que a alguns se apresenta de aspecto diabólico; mas, neste caso, compreendemos ainda melhor a suprema necessidade da indagação.

Se existem problemas que não se podem suprimir, este é, precisamente, um deles; toda a nossa experiência no-lo ensina. A psique humana, renovando-se, reproduz de idade em idade, de povo em povo as mesmas atitudes do pensamento, recompõe o mesmo soberbo sonho, esforça-se, com a mesma fé, em prolongar a vida para além de todo o aparente, de reanimar a argila com o mesmo sopro imortal, de identificar-se com a alma do mundo concebida como uma só mente que pensa. Todas as fontes originárias no-lo atestam: as Vedas, o Avesta, a Bíblia; os fragmentos Babilónicos e Egipcios, as mitologias do Oriente e do Ocidente, as memórias de todos os povos que deixaram de si um traço na história. E é por isso que o pensamento religioso nos aparece, independentemente dos primeiros rudes elementos de que dispõe e das últimas deformações a que pode ser levado, como a expressão de uma energia imanente, que se liga às origens da vida, talvez aquela mesma obscura energia que determina toda a evolução.

Traduziu João Correia Vieira da revista La Ricerca Psichica, *de Milão.*

O ESPIRITISMO NÃO TEM RESTRIÇÕES

Por JOSÉ SIMÕES DE MATOS

O Espiritismo não tem restrições, porque é evangelho em acção, no tempo e no espaço infinito. O homem, sim, por suas limitações, por seus interesses, enfim, é que cria essas coisas. O Espiritismo está em tudo, mas isso não quer dizer que tudo seja espiritismo. O homem pode até dizer-se espirita, porque concorda ou faz parte de alguma entidade espirita. Mas se o Espiritismo não entrou no seu coração, não passará de um admirador a caminho da integração na Doutrina.

E enquanto o homem não se harmonizar, integrando-se nos princípios divinos, que em si mesmo se contêm, no sentido de bem se educar, instruir e orientar à luz do Evangelho, será um cego que as circunstâncias conduzem, tudo esperando dos outros. Até os seus desacertos na vida ele atribui a faltas de seu próximo e não a causas de sua ignorância ou fraqueza, como devem ser considerados. Porque as Leis são perfeitas e não pode haver injustiças.

O que por vezes acontece é que a justiça se cumpre através da aparente injustiça dos homens. Nesta emergência, necessitamos então de considerar as causas, antes de julgar os efeitos.

O Espiritismo veio o mundo para nos esclarecer e concitar à fraternidade sem restrições, o que vale dizer: sem preconceitos, em ponto alto, à luz do Evangelho. Mas, enquanto os homens não se integrarem na doutrina do Mestre, tal fraternidade não resulta bem, porque nos falta a luz que vem do amor espiritual, que tudo sabe, compreende, desculpa e perdoa.

Esta falta é o motivo por que desconfiamos uns dos outros, resultando contratempos, confusões e perturbações, que não são próprios do Espiritismo e sim de cada qual, por sua ignorância e fraqueza moral, que não puderam superar as dificuldades apresentadas por circunstâncias do meio em que, por vezes, nos encontramos ou no qual tomamos parte. Por este motivo é que certos instrutores religiosos ou, mesmo, de certas ordens iniciáticas, proibem seus discípulos, até certo ponto, de frequentar determinadas práticas, por verem que ainda não se achavam aptos a compreendê-las e, consequentemente, a superar dificuldades que daí pudessem advir. No caso, não é a doutrina do professor que não concorda, e sim o estado intelectual e moral do aluno.

Isto nos leva a considerar problemas mal esclarecidos e orientados de irmãos adeptos da doutrina espirita que se metem a estudar e a desenvolver o seu psiquismo de vários modos, pensando que dessa maneira chegam primeiro. Depois se enredam nas práticas e nas ideias e culpam a doutrina de uma ou de outra parte. Isso não é culpa do Espiritismo, nem da religião. É culpa do homem, que não está preparado para confraternizar como deseja e sim como poderia, se procurasse instruir-se melhor. O espírito ou o homem é livre de querer o que bem entender; mas, não o será jamais das consequências que o acompanham. Temos o livre arbítrio, a maior maravilha que Deus nos concedeu e pelo qual nos podemos considerar livres, embora com as responsabilidades de nossos actos, que nos limitam na terra ou no espaço, o que é necessário considerar.

NOTÍCIAS DO BRASIL

ESPERANTO

O Esperanto é mais fácil do que a mais fácil das outras línguas. Toda a gramática se aprende numa hora e não se esquece mais, porque as suas 16 regras são lógicas e simples, não existem irregularidades, não há excepções.

— O Esperanto é essencialmente prático. Não tem dificuldades ortográficas, é estrictamente fonético. A cada letra corresponde um som e a cada som uma única letra.

— A literatura em Esperanto conta com mais de 10 milhares de volumes diferentes. Muitos dos livros famosos, quer antigos quer de escritores modernos, estão traduzidos em Esperanto, figurando ao lado de numerosas obras originais, em prosa e verso. A Biblioteca Esperantista conta com óptima literatura dos mais diferentes povos.

— O Esperanto abre novos horizontes a quem o aprende e destrói as barreiras linguísticas entre os povos, além de encerrar em si um nobre ideal de Fraternidade Universal. Em cada país há pessoas com quem você poderá corresponder-se directamente em Esperanto, sobre o assunto que lhe interessar.

O GOVERNO RECORRE A UM MÉDIUM

Voz Informativa, do México, informa que o periódico *London Daily Express, condensando* «Sete Anos no Tibet», de autoria de Heinrich Harrer, declara que o governo tibetano não toma decisões importantes sem antes consultar um médium, o que importa em testemunhar a existência de, ao menos, um governo, no mundo, reconhecendo as verdades do Espírito, fruto de sua secular experiência das coisas espirituais.

O autor, que passou sete anos no Tibet e foi preceptor do Dalai Lama, conta-nos como é uma «sessão espirita do Estado». O oráculo (médium), um monge de 19 anos, depois de preparação com música, começou a tremer até ser tomado inteiramente. Logo se acalmou, um ministro adiantou-se e fez as perguntas prèviamente preparadas pelo gabinete governamental, pedindo-lhe que decidisse sobre elas. A maioria das perguntas precisaram ser repetidas até que o médium falou entre dentes. Tratei de recolher algumas palavras — escreve Harrer —, porém não pude entender e enquanto o Ministro permanecia parado, humildemente, tratando de compreender as respostas, um velho monge ia tomando nota, com uma pena de ave.

Por sua vez, o jornal *Psychic News* publicou um artigo de Fred Archer sobre um filme colorido que o Príncipe Pedro da Grécia exibiu durante uma conferência em South Kensigton, na Escola de Ciências Psíquicas.

O filme baseia-se na demonstração do transe mediúnico de um oráculo tibetano e foi realizado no Himalaia.

Essa notícia, que colhemos em *Estudos Psíquicos,* de Lisboa, Portugal, vem acompanhada da fotografia do Príncipe Pedro, homem ainda moço e o apresenta como antropologista, psicólogo e explorador. Sua descrição do transe mediúnico coincide com a de Harrer, assim como confirma as consultas do governo, que esclarece serem semanais e feitas em Lhassa, a cidade santa do Tibete.

O transe foi filmado, facto novo e surpreendente, pois há denso mistério acerca da actividade dos Lamas em Lhassa, conforme o testemunho pessoal de Chiang Sing em artigos na imprensa brasileira.

No dizer do Príncipe, a Índia e o Tibete possuem mais forças psíquicas do que o Ocidente, havendo encontrado muitos sensitivos durante suas viagens.

Essa revelação das coisas do oriente espiritualizado, tem-se como relacionada com a noção de que «Os tempos são chegados», vindo do oriente, como o Sol, os conhecimentos dos caminhos iluminados. A facilidade de meios de comprovação acabará por convencer os incrédulos a respeito das verdades espirituais. Diante das palavras pode-se duvidar, mas, em face dos filmes e das gravações, como se pode manter a negação?

UM EXEMPLO A SEGUIR NO MARANHÃO

Geralmente, o esforço da divulgação dos princípios consoladores da doutrina dos espíritos fazem-se nos moldes clássicos, buscando as massas. O trabalho directo, a pregação de rua, até hoje não pegou, como hábito, entre os espiritas. Sòmente uns poucos discípulos de Yokanaan, da Fraternidade Eclética, o fazem.

Reconhecendo, porém, que entre a população mais pobre que não tem rádio nem lê jornal estão os que mais necessitam do conforto da Doutrina, Jurandy Tavares de Castro, Director do Programa «Luz na Penumbra», de S. Luiz do Maranhão, resolveu organizar programas especiais para irradiar por alto-falantes instalados em automóveis, percorrendo os bairros pobres da cidade.

Sem dúvida, é uma importante iniciativa, pois que neste país os filhos de Adão sem letras nem dinheiro sobem a muitos milhões.

NOVO PROGRAMA RADIOFÓNICO

Saudamos hoje o «Programa Radiofónico de Cultura Espirita» que vai ao ar pela ZYG7, *Radiodifusora Vale do Paraiba,* em Barra do Piraí, Estado do Rio de Janeiro e dirigida por Olavo C. Guimarães com a colaboração de Edson A. da Silva, Ito Pimenta Botelho e Graziela Galucci.

No próprio auditório da progressista emissora valeparaibana vão ser projectados filmes educativos, em seleccionada programação do Instituto Nacional de Cinema Educativo, uma vez por semana e sob a responsabilidade do mesmo grupo de trabalhadores.

(Do *Serviço Espirita de Informações,* do Rio de Janeiro)

SOPRO RENOVADOR

Por LEOPOLDO MACHADO

(CORRESPONDENTE EM NOVA IGUAÇÚ)

O facto passou-se connosco, em importante capital de um Estado, e dos mais prósperos do Brasil.

Encontrámo-nos, amistosamente, depois de tantos anos que não nos víamos. Ele, médico famoso na terra, intelectual respeitado e querido de todos, muito palavroso. Grande a sua admiração em nos ver professor secundário, a propagar o Espiritismo. Estava casado há nove anos, sem filhos.

— Sem filhos? Também como nós, perseguido pela esterilidade, ou por provas?

— Não. Era para ser pai de oito. Matei-os todos. Para que viver? Para assistir a isso que eu assisto, a que nós assistimos? Não! Não vale a pena nascer. Gera-se uma criança, cria-se um menino, faz-se um homem para ser...

— O que você é, médico ilustre, rico e querido. Só para isso não vale a pena viver?

— Nem para ser como você, fruto de suas lutas, de seu idealismo, de suas convicções religiosas. Ora, se o homem não fosse apenas uma máquina de ganhar dinheiro, comer e dormir, reproduzir-se...

— O homem é um espírito em provações ou missões gloriosas.

— Para você, que aceita essa coisa de Espírito, de ter espírito. Para mim, não. Sou materialista. Nada vi e nada sei de coisas fora da matéria. E cheguei à conclusão de que a matéria não vale a glória, as regalias, a consideração de criar filhos, de permitir que venham outros a sofrer o que sofremos, a passar pelas provas por que passamos. Ainda se reinasse a paz e a compreensão entre os homens! Se os homens de uma classe, de uma sociedade e de uma religião se entendessem... Nada! Ninguém se entende. Aposto que você não vive em harmonia com os outros espiritas. Você, que sempre foi, em mocinho, um brigão de marca (ele não sabia das polémicas que havíamos travado, que andávamos sustentando)! Espiritas não vivem em harmonia com espiritas, católicos não vivem em harmonia com católicos, protestantes não vivem em harmonia com protestantes... Todos se agridem, todos se atacam impiedosamente! E queria, ainda, você que eu trouxesse mais gente para esse campo de guerra diário, além das guerras, das carnificinas, das hecatombes que os maus políticos ainda fazem desencadear sobre o mundo? Eu seria um criminoso, se contribuisse para aumentar o pandemónio do nosso pobre Globo. Não! Não vale a pena viver, fazer com que os outros nasçam para sofrer as crises que temos atravessado, embora não sejamos dos mais infelizes. Viver para desarmonias?...

— Sua mulher tem saúde?

— Uma pilha de nervos em combustão.

— E não pode ter saúde, perseguida pelos Espíritos que, segundo a minha tese, desejam reencarnar, ou pela infracção das leis naturais, segundo o seu conceito. Mas tempos virão em que os partidos políticos, as religiões hostis entre si, os religiosos incompreensíveis entre seus irmãos se encontrarão em campo de paz, respeitosos, fraternos, coerentes. Posso afirmar-lho...

Ele não acreditou em nós, não nos levou a sério. E não quis manter conversa mais demorada, que tinha pressa. Mas ficou de escrever-nos posteriormente...

★

Recordámos tudo isso, no 1.º de Maio, folheando o 1.º número da revista *Boa Vontade!* E lembrámo-nos bastante daquele conterrâneo e amigo, de quem nunca mais soubemos nada. Lemos a revista na cama, moído por uma gripe danada.

Pelo hábito de gravar as impressões num diário íntimo, escrevemos estas coisas:

«Excelente! Na verdade, uma perfeita maravilha! Só mesmo um espírito idealista, assistido por Francisco de Assis! Cada página, uma suspresa! E seu todo, um conjunto de arte, bom gosto, respeito às coisas santas, superioridade espiritual, modéstia, isenção de sentimentos subalternos. Nenhuma palavra sobre religiões e religiosos exclusivistas, que pensam Deus é propriedade única de sua crença, de sua religião; que Jesus só existiu para beneficiar grupinhos de uns tantos religiosos agarrados à letra das Escrituras.

«A revista *Boa Vontade* chegou na sua hora justa. Assim que ouvi a irradiação da sua saída, mandei apanhar ao vendedor 10 exemplares. Mas só havia dois. Até parece que a sua leitura foi o melhor remédio contra a gripe. E, em vez de invejar o querido Alziro Zarur, a quem meu espírito está ligado desde outras existências, que vontade de auxiliá-lo mais, de fazer mais pela L. B. V. e por sua Revista, eu, que tenho feito tão pouco por ambos!»

A revista *Boa Vontade* não é revista para 20.000 exemplares. Mas, inicialmente, para 50.000, para 100.000. Quando ela chegar a 10 anos de publicidade, terá excedido a tiragem de *O Cruzeiro* (edições de muito mais de 600.000 exemplares). E os homens tolerar-se-ão mais! E as religiões serão mais fraternas entre si! E os religiosos e os seus grupos, menos ásperos, mais simpáticos uns aos outros, menos intolerantes e exclusivistas!

A MARCA DO PASSADO

Por HENRIQUE MAGALHÃES

Em nossas peregrinações mensais ao Asilo S. F. de Assis, temos oportunidade de observar casos interessantes de estudo, com aplicação a nós mesmo. Lembramo-nos no momento de assunto passado há anos, imerso agora nos refolhos de nossa alma.

Foi hóspede daquele «ansianato», por longos anos, uma figura de homem interessante. Chamemos-lhe João, para não ferir a sua memória.

O que o distinguia dos outros e concitava a atenção dos estudiosos era um lenço vermelho amarrado à cabeça, estampa perfeita dos piratas do mar. Entrava e saía, mês, ano após ano, e nosso João lá estava com o famoso lenço. Seus companheiros não ligavam ao caso, mas o mesmo não se dava connosco. Toda a vez que o visitávamos nos vinham à lembrança as hordas de piratas que infestavam os mares.

Quando lembrávamos esse pormenor, dizendo, em tom de brincadeira, que numa encarnação anterior ele tinha sido pirata, os seus companheiros aprovavam, rindo, mas ele mantinha-se imperturbável em sua atitude fleumática.

Desencarnou há quatro anos este companheiro.

Outra figura interessante e digna de menção é o caso da «rainha», hóspede também que foi do mesmo Asilo. A sua voz e modos faziam lembrar as atitudes típicas de uma rainha, embora tivesse perdido a altivez e orgulho que costumam acompanhar essas criaturas. Todavia, mantém-se empertigada e senhoril como alta personalidade.

Abraçou o Espiritismo, — afirmou-nos — e este passo da sua vida, ao que parece, em face do teor de suas palavras, auxiliou-lhe muito a transformação, ao ponto de se resignar com a reclusão voluntária, embora fosse de família de posição elevada.

Outro assunto que nos deu muito que pensar é o caso de outro irmão internado no mesmo local. Aliás, este irmão provocava-me um sentimento de repulsa — só Deus sabe porquê —, obrigando-me a fazer o máximo de esforços para esquecer tal defeito. Este sentimento inferior teve origem no que passo a relatar.

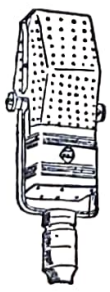
Mensalmente faço entrega a certos necessitados de importâncias enviadas por uma instituição de caridade. Para tanto existe uma lista com os nomes desses pensionistas, cujas vagas vão sendo preenchidas, à medida que outros desencarnam. Sento-me então frente a uma mesa e vou chamando os interessados. O nosso irmão — chamemos-lhe António —, em vez de se apresentar de frente, para receber a sua mesada, como faziam os outros, tinha o hábito de debruçar-se bem por trás de mim, reclamando o donativo, próximo do meu ouvido. Chamámos-lhe a atenção, por várias vezes, mas a criatura não se emendou. Um calafrio nos saía do fundo de alma, revivendo, talvez, um passado longínquo.

Quem poderá adivinhar o que encerrava aquele hábito incorrigível?

Não queremos, nem podemos arvorar-nos em juiz, porque, «com a vara com que medirdes, sereis medidos» — lá está no Evangelho. Contudo, não conseguimos arrancar de nosso íntimo o pensamento de que estávamos em frente de um delator que, em épocas recuadas, levou ao suplício muitos semelhantes.

Em nossas orações, amigo leitor, lembremo-nos das criaturas que se acham abrigadas nos Asilos e outras casas de caridade, curtindo faltas pretéritas e supliquemos a Jesus o seu amparo e protecção.

Rio, 1956.



Selecções Espiritualistas

—— Direcção e Apresentação de ——

NELSON BAPTISTA DE AZEVEDO

Todas as noites, de segunda a sábado, às 19,00 h. (hora brasileira) ouçam este programa que é irradiado pela **PRC-8, RÁDIO GUANABARA,** do Rio de Janeiro, na frequência de 1.360 Kcs.

Ouçam e recomendem «Selecções Espiritualistas»

ECOS DE U

Por ISIDORO D

X

NA CACHOE

O mês de Maio fora exuberante de emoções para a nossa alma sensível. Em Volta Redonda tinham ficado a reviver ainda os momentos de alegria fraterna que tão alto elevaram o grau de amizade luso-brasileira. Temos a certeza disso. Aqueles irmãos eram extremamente impressionáveis. As violas de Alcácer haviam alargado o tom plangente e contaminado os velhos fazendeiros de Santa Cecília. Por isso a Cidade do Aço era prado vivo em franco desabrochar. Estava nele o espírito lusíada, a melopeia suave de antigos mareantes, o saudosismo dos que abalavam em barcos pequeninos para a criação de empórios muito grandes. Era a terra do Magaldi, igualmente mareante, igualmente pioneiro. Em férias da Faculdade — não eram bem férias — abandonava o lar para seguir connosco oceano em fora, como se fôssemos arrais de alguma nau de conquista.

— É, mesmo, — diria ele, telepàticamente —. Você conquistou muitos corações com seu ar adventício, a lhaneza do seu trato, a simplicidade do seu carácter. Que admira ter vindo numa nau, se é marinheiro de profissão e não há pontes outras no Atlântico?

Isto diria ele, ou antes, repetiria ele, porque já no-lo havia dito algumas vezes em diferentes fases de jornadas comuns.

Fizera questão de nos acompanhar a S. Lourenço e aqui vai a nosso lado o grande companheiro. Rota marcada é rota cumprida, que os minutos não perdoam. Vamos a Cachoeira Paulista com o Paraiba à esquerda, sempre bonançoso, sempre coleante, apesar das cachoeiras num ou noutro apertadouro do talvegue.

A planície cultivada, as colinas cobertas de penugem verde, as casinhas muito brancas, faziam lembrar o Alentejo e o Algarve, em quadros sucessivos que ficavam na retina, alteando ou baixando.

O trem resfolegava nas subidas, afrouxando sem parança, e podíamos olhar ao flanco e contemplar a terra até à lonjura, que esbatia a perspectiva dos morros. De vez em quando surgiam rebanhos indefinidos, quase da cor do barro, guiados por maiorais esquálidos, especados como estátuas. Linhas telegráficas descreviam rectas enormes, na planura monótona, na fralda dos outeiros e na costa das lombas. Tudo fértil, tudo fértil, mercê da linfa paraibana transformada em néctar da floresta.

A nossa religiosidade aproximava-nos da natureza, onde a marca divina se perpetuara. Imenso barranco fez-nos lembrar as palavras de Wertheimer: «A natureza constrói como grande mestre, mas destrói como aprendiz». A este esforço dinâmico chamam erosão, no sentido de aplanar o relevo da superfície. E além um morro felpudo mostrava a cicatriz da queimada...

Evocámos então alguns poetas. Luaces dizia:

> Natureza! Transparente espelho
> No qual o Omnipotente o olhar recreia!

E Junqueiro, o imortal Junqueiro, acrescentava, em corolário:

> Ela é feita de graça e feita de pureza.
> Tem um sorriso bom, heróico, deslumbrante,
> Lança-se-lhe um carvão e faz um diamante,
> Irradia um dilúvio imenso de esplendor.
> Atiramos-lhe um ventre e dá-nos uma flor.

O Paraíba continua dócil ao declive e o capim viceja junto às margens verdoengas. O sol reflecte-se-lhe nas águas. Agora uma curva, agora outra, em direcção contrária, e um formoso delta se espraia em renques de verdura. O Estado fluminense escoara-se em seus limites e o de S. Paulo surgia com paisagem diferente. A Cachoeira estava próxima... já se avistava o casaredo...

Magaldi deu o rebate, antes do trem apitar. Apeou as malas do bagageiro, colocou-as na meia coxia e enfiou a boina vasca. Era o sinal da chegada.

MA VIAGEM

JARTE SANTOS

XI

RA PAULISTA

— Cachoeira Paulista é das mais lindas cachoeiras do Brasil... é das mais lindas cachoeiras do Brasil...

Esta frase servia-nos de estribilho mental ao ritmo do trem. Tinha a mesma cadência, embora mais poesia. Não tivessem os portugueses fundado a localidade e o nosso desejo de a conhecer seria menor. Efectivamente, quando chegámos à vivenda do Dr. Darwin Aimoré do Prado sentimos redobrada alegria. Víramos de relance a cidade. Sem dúvida. Os bandeirantes eram homens de bom gosto. E o Dr. Darwin também. Senhor de casa magnífica, rodeada de flores, cheia de ar e sol onde uma Egéria a si mesma se apoucava, como quem pretendesse amarfanhar o engenho ou cercear os surtos da imaginação altíloqua; médico notável, amigo dos pobres, espiritista convicto, partilhava a existência de um talento feminino na pessoa de D. Clara Ferreira do Prado, sua esposa dedicada, a quem devemos momentos inesquecíveis.

O Magaldi sentiu a mesma alegria. Era do Estado do Rio... compreendia as atitudes nobres e subscrevia muito do sentimento hospitaleiro do Brasil.

★

O almoço foi alegre naquele 19 de Maio de sol convidativo. O médico era belo anfitrião. Nada poupava ao conforto de seus hóspedes. Até o vinho português fez lembrar a ascendência lusitana. A ementa, já se vê que fora adequada ao nosso paladar. Tivemos então ensejo de conhecer em D. Clarinha um raro espírito de mulher, de aptidão proteiforme, aberto a todas as actividades mentais. Activa, de lucidez excepcional, conversadora-modelo, poetiza inspirada, tudo isto enfeixado em síntese verdadeiramente feminina. O Darwin nem parecia homem de grande cultura, tal a modéstia que o exornava. Todo o seu afã estava no bem servir e no bem receber. Era fidalgo, era generoso, como quem dizia ao pobre: «A riqueza não vale nada. O trabalho é tudo». E ao iletrado: «A cultura vale menos do que o bom senso e a inteligência». E ao doente crónico: «Todos têm defeitos. Alguns parecem sadios e são achacados. Mal de muitos é conforto».

A poetiza franqueou-nos belo jardim parnasiano e nele colhemos algumas flores odoríferas. Uma publicámo-la em Estudos Psíquicos. *A outra vai a seguir, oferta aos leitores desta obra. Ei-la:*

CAMINHA

A nossa vida tem milhões de encruzilhadas,
Caminhos vários...
Rotas mal traçadas...
Oh! Quantas direcções, que sentidos contrários
Cruzam nosso roteiro universal,
Deslumbram nossa pobre alma imortal!

...A cada instante um dilema!
...A cada instante um problema!
Aquele que mais sabe,
O mais culto, o mais nobre,
Mais dúvidas descobre...

Quantas vezes, Senhor,
Curvada ao peso enorme do dever,
Esmagada, ferida, maltratada
Pelo açoite do mal, de incompreensão e dor,
A gente pára em meio da encruzilhada
E quer retroceder,
Maldizendo a própria glória de viver!

Mas a vertigem passa...
Passa completamente
O cochilo covarde.
E uma alegria nova, diferente,
Oriunda talvez do dinamismo de alma,
Invade,
Impulsiona e sustenta
No batel da vida
— Quer haja vagalhões ou tempestade —
O eterno caminheiro
Filho de Deus no ascensional roteiro.

★

A tarde foi de visita às instalações espiritas. A União Espirita Cachoeirense trabalha sob a presidência de Alberto Gonçalves de

Barros, obreiro operoso e entusiasta. Tem um filho talentoso. É o Newton Gonçalves de Barros, cunhado do Leopoldo Machado e colaborador de Estudos Psíquicos. Professor e orador fluente, uma autêntica simpatia.

Parámos na rua Prudente de Morais em frente do n.º 185. Franqueámos a portada sobre tijolos e areia. Quase todas as agremiações congéneres estão inacabadas. O camartelo e a pá vigiam os projectos de alargamento. Em questões beneficentes não há vistas estreitas. Tudo é grande como as grandes almas, amazonas fraternais a desaguar no vasto oceano do amor.

A União foi criada em 1918 e reorganizada em 1947. Desde 1928 que tem personalidade jurídica e encontra-se adesa à União das Sociedades Espiritas do Estado de S. Paulo.

Eis alguns departamentos da sua actividade:

1.º — Albergue Nocturno «Nha Gé» para indigentes em trânsito (homens e mulheres).

2.º — Dispensário Homeopático.

3.º — Secção de Empréstimos de Utensílios de Enfermagem.

4.º — Asilo António de Pádua, para a velhice desamparada.

5.º — Mocidade Espirita Cachoeirense.

6.º — Legionárias Espiritas Cachoeirenses.

Além disso mantém serviços de pregação, estudos doutrinários e bibliotecas.

★

Guiados pela amabilidade de D. Marciana Ferreira percorremos as dependências da União. Principiámos no Departamento Cultural da Infância, com mais de 200 alunos matriculados nos Cursos de Moral Cristã divididos em sete grupos, 3 na sede e 4 nos bairros, cada qual com sua professora.

Uma legenda na parede: «A imprensa no Espiritismo é alavanca de progresso».

O ensino é baseado na «Educação Cristã da Infância», programa editado pela Federação Espirita Brasileira.

Vimos ali histórias ilustradas em uso nas Aulas de Evangelho.

A Mocidade Espirita superintende nestes serviços e noutros que visitámos, a saber: aulas de bordado, para estimular nos alunos de moral cristã o maior interesse pelo Asilo António de Pádua, com dezenas de matrículas; Campanha do Quilo, para manutenção dos velhinhos do Asilo citado, compreendendo um quadro de serviço de bonus-hora que dá direito a excursões; aula de corte e costura, com alguns anos de existência, destinada a preparar vestuário para as distribuições de Junho e Dezembro; Assistência Moral aos velhinhos do Asilo, aos presidiários e Assistência Domiciliária.

As Legionárias são incansáveis no seu labor de minorar o sofrimento alheio, quer em conselhos, quer em pão e agasalho. D. Clarinha é a mola real desta engrenagem gentil. O seu coração é um manancial de ternura. Não há palavras que descrevam a sua grande aspiração, a maior aspiração da sua vida.

★

O Albergue Nocturno fornece café e banhos e mantém-se em perfeita ligação com o Delegado Policial. Assim, os albergados transitam pela Delegacia, a fim de se munirem de uma ficha, em que se lê: «O sr. Encarregado do Albergue Nocturno «Nha Gé» pode recolher a pessoa cujas características e qualificação abaixo se mencionam: nome, vulgo, nacionalidade, cor, profissão, idade presumível, procedência, destino, altura, corpo, barba, cabelos, bigode (se for homem), marcas e cicatrizes e observações».

As autoridades em ligação com o Espiritismo na luta contra a indigência, o maior cancro social! Matar a Doutrina seria flagelar a comunidade, diminuir-lhe o equilíbrio e abalar-lhe os fundamentos.

A Assistência Domiciliária também tem uma ficha própria com endereço, nome de pai e mãe, idade, profissão e ordenado, número de filhos, idade dos homens e das mulheres, inválidos na família, etc.

Vê-se bem a grandeza desta missão elevada e o rigor que preside à distribuição dos donativos.

A Mocidade Espirita distribui uma carteira anual de bonus-horas a cada grupo de Legionárias, onde se registam todas as reuniões e o valor dos serviços prestados.

Pois, todo este esforço é de origem particular. O Estado entra com muito pouco no auxílio às obras espiritas. Em 1955 a subvenção federal foi de 2.000 cruzeiros; a estadual de 10.000 e a municipal de 1.000. Uma ninharia. Mercê de fortes diligências houve subvenção federal extraordinária de 95.000 cruzeiros que permitiu a ampliação das obras.

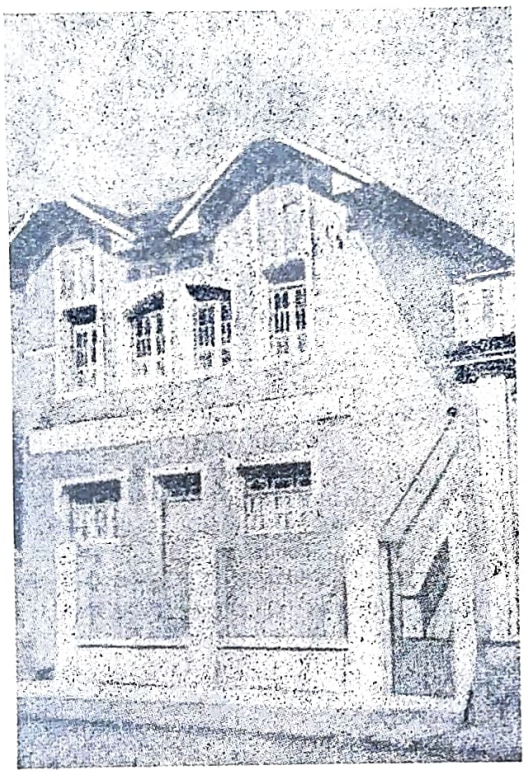
Também há 3 aulas semanais de estudo do «Livro dos Espíritos», do «Livro dos Médiuns» e do «Evangelho Segundo o Espiri-

tismo» e de desenvolvimento de médiuns e estudo da mediunidade.

No 1.º andar, um vasto salão com palco e piano. Destina-se a conferências e festas artísticas. Uma bela comunidade, a União Espirita Cachoeirense; e um magnífico dirigente, o Alberto Gonçalves de Barros!

★

Maomé aconselhou: «Não violentes nenhum homem por causa da sua fé. A vida da salvação é diferente do caminho do erro». Este rótulo virtuoso encontra-se no Asilo António de Pádua, que visitámos na companhia de Nelson Lorena, um homem estranho, pela variedade de aptidões, pela crença e pelo trabalho. É ao mesmo tempo arquitecto e mestre-de-obras, pedreiro, servente e... escultor. Uma enciclopédia viva ao serviço da humanidade. Vimos os fundamentos da Casa da Criança Abandonada, para 50 meninas. O tijolo atingia quase um metro de altura, tudo feito pelo Nelson. Aquela construção era um Trafalgar beneficente a demonstrar a abnegação de um ser devotado ao bem.



União Espirita Cachoeirense

Ao lado estava o Asilo, em cuja entrada se erguia o busto de António José Ferreira, filho de português e um dos fundadores do estabelecimento. Trabalho de escultura feito pelo Nelson.

Virámos à esquerda: uma grande sala de rouparia e outra para socorros médicos urgentes. Nada de pompas; só coisas necessárias. Agora, um quarto destinado a parturientes.

Esta obra permuta enfermos com a Misericórdia da cidade, não tem cor religiosa e é mantida por sócios contribuintes, campanhas do quilo e campanhas entre fazendeiros de novilhos. Possui casas de aluguel correspondentes a 2.000 cruzeiros mensais.

Os asilados são 25, todos velhinhos sem amparo.

— São católicos — informa o Nelson. — O padre vem, quando o chamam ou quando o asilado não pode sair.

Ficámos a cismar no conselho de Maomé... enquanto o informador continuava a dar pormenores: «Aqui, a dependência da zeladora, as camaratas femininas, grande cerca de árvores frutíferas (no Brasil há frutos durante o ano e em toda a parte), vasto alpendre frente ao campo a dominar a Serra da Mantiqueira, que divide Minas Gerais do Estado de S. Paulo».

O conselho de Maomé voltava à retina. O informador dir-se-ia compreender a nossa admiração e prosseguia: «A zeladora é católica. Os asilados podem sair livremente. Se quiserem ir à missa, vão acompanhados por um responsável».

— Não diga mais! — exclamámos. — Não diga mais! O que acabo de ouvir é evangelho novo destinado a crentes e profanos.

Depois apresentaram-nos aos velhinhos, que ficaram contentíssimos ao saber que vinhamos de Portugal.

★

De fugida entrámos no Centro Espirita «Maria Celeste», nome de uma preta surda. Mediunizada, ouvia perfeitamente.

Um palco, um microfone e 200 cadeiras. O presidente honorário é o Nelson Lorena. Na parede, três quadros: Moisés, o Cristo e Kardec. Chão de mosaico reluzente...

★

Cachoeira Paulista dava um livro — pensávamos nós, à medida que percorríamos as artérias principais. Não por que seja uma cidade populosa, mas pelos motivos portugueses que vemos a cada passo. É dia de festa profana e religiosa e o padroeiro da terra é Santo António de Lisboa. Hoje, os cachoeirenses em peso se reunem para dar e receber. Não foi por isto que o Darwin nos recebeu

tão nobremente. É que no seu lar há festa todo o ano para os irmãos que de longe vêm.

A Praça Prefeito Prado Filho atrai a curiosidade forasteira. A meio, um lindo monumento a comemorar a revolução paulista de 1932 que reclamava Constituição. É uma figura de espada em punho, capacete de aço e boca escancarada, com os quatro companheiros que deram o primeiro grito. O Nelson é o autor do bronze, que ficaria bem em qualquer capital do mundo livre. Faz-nos lembrar o Marechal Saldanha, em posição semelhante, ao cimo da Avenida da República, a gritar à Rainha que jurasse a Carta, senão que a faria jurar pelo Exército. O Nelson Lorena, ignoramos se viu ou não o monumento lisboeta. Seja como for, o seu trabalho é magistral.

A circundar a Praça vemos bancos de marmorite com pensamentos incrustados, à feição dos doadores. O Darwin tem lá um com este pensamento a letras brancas: «Trabalhe no bem de todos — André Luís». E o industrial Eurico Lara, este, do mesmo autor: «Cultive a simplicidade». Não é curioso este facto? As raizes do Espiritismo mergulham no coração de muitos dirigentes da res publica.

★

À noite seríamos recebido no Salão da União Espirita. Uma surpresa nos aguardava. Entretanto, à guisa de aperitivo, Nelly de Barros, irmã de Newton e filha do Alberto, intercepta-nos o passo. Deseja uma entrevista para a Rádio Urânio de Cachoeira. Tantas perguntas! Que revistas dirige? Quais as actividades do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa? Quantos espiritistas há em Portugal? Quantos centros funcionam? A literatura espirita tem aceitação? Como se pratica o Espiritismo? É científico ou religioso? As mulheres desempenham papel de relevo na Doutrina? Existe algum programa radiofónico? Que há realizado em Portugal sobre arte espirita? E em teatro e música? Existe movimento juvenil? Ministram aulas de moral cristã às crianças, nos núcleos espiritas? Gostaria de saudar ao microfone os portugueses aqui residentes? Gostaria de abraçá-los indistintamente, mesmo os não espiritistas?...

A Nelly sabe inquirir, sabe entrevistar. Gentil e penetrante. Um formoso esteio a serviço da Causa.

Os dirigentes da emissora, amabilissimos, na verdadeira acepção do termo:

— Pode falar o tempo que quiser...

E falámos. Falámos de Portugal a patrícios do Brasil, a patrícios de Cachoeira. Respondemos ao questionário e matámos saudades da terra distante. Falando nela tem-se menos saudade. Ninguém ama a pátria, porque é grande, mas porque é sua, como dizia Séneca. É a imagem de uma grande família, é o solo que pisamos, a água que bebemos, o sol que nos aquece, a música que nos embala. Vítor Hugo conheceu a negrura do exílio e por isso escreveu que a vida longe da pátria era insónia lúgubre. E Coelho Neto, que a pátria era o fruto, o lenho, a ave que vinha cantar a alvorada no tecto palhiço da nossa cabana.

O nosso exílio era voluntário, era transitório. Não viviamos em terra espúria. A pátria estava ali, nos portugueses de Santa Cruz. Não era preciso regressar. Correia de Oliveira foi mestre na definição de pátria:

A Pátria o que é? Uma árvore frondosa
Erguida à vida livre e luminosa.
É seu tronco uma raça;
São as famílias os seus verdes ramos
Em que em si mesma a arredonda e abraça;
Homens, somos as folhas pequeninas
Que a luz do pensamento respiramos;
E as almas dos Heróis, almas divinas
de Santos e de Poetas — são as flores:
São a cor, o perfume,
São o fruto de luz que em si resume
Toda a seiva desta Árvore de Amores...

★

Ao jantar, outros convivas foram distinguidos com a polidez dos belos anfitriões. O Alberto Gonçalves de Barros assistiu também. A mesma alegria, a mesma jovialidade. Não mais esqueceremos o acolhimento principesco de Cachoeira Paulista. Não mais esqueceremos. Nem o agasalho amável do Darwin, transmitido igualmente a clientes pobres em receitas gratuitas, com anexos de dinheiro destinado às despesas de farmácia...

★

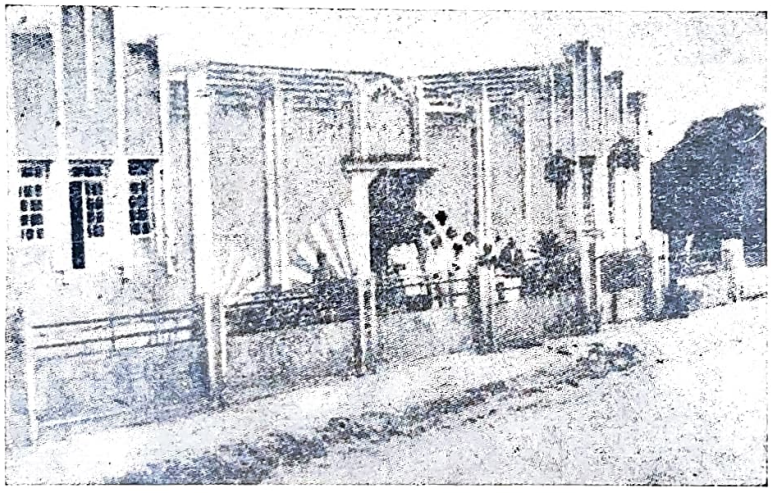
A recepção à noite excedeu o que é possível imaginar. Não íamos preparado para aquilo... Que fizéramos de notável para tão grande festa? Nada. Amávamos o Brasil. No Espiritismo tínhamos um lugar de lutador. Cada qual maneja as suas armas para alcançar a vitória comum. Era o que fazíamos. Mas os cachoeirenses queriam ser amáveis ao extremo.

Às 20 horas já o Salão estava cheio. Na mesa, a Prof.ª Clara Ferreira do Prado, que

iria apresentar-nos: o presidente Alberto Gonçalves de Barros; Segesfredo Marcondes, presidente honorário; Nelson Lorena, presidente da Casa da Criança; José Rodolfo Lorena, presidente do Centro Espirita Maria Celeste; Prof. Aleixo Vítor Magaldi, nosso paciente cireneu; e a Prof.ª Marciana da Silva Ferreira.

Havia qualquer coisa de indefinível no ambiente daquela sala. Não era apenas um lado da vida que se exibia para saudar um visitante. O que se ocultava a nossos olhos tinha grandeza maior. Tinha sopro de eternidade, dia sem ontem nem amanhã, como lhe chamou Massias. Aquela multidão galvanizara-se. O mesmo ideal a irmanara e confundira. Vibração forte percorria as almas e os corpos.

Homero — o grande poeta da Odisseia — respondia à nossa estupefacção: «Os homens sucedem-se uns aos outros como as folhas das árvores: tal é a vida do corpo; a da alma durará sempre». Estávamos ali a comungar numa ideia reformadora e tudo em nós aflorava. A transcendência colectiva galgava as fronteiras da convenção. Cada ser ligava-se a outros seres na obra comum.



Asilo «António de Pádua», fundado sob os auspícios da União Espirita Cachoeirense

D. Maria Ferreira do Prado foi a primeira a falar, depois do presidente Gonçalves de Barros. Que verbosidade, que fluência a daquela cultura peregrina! O que ela proferiu em sua apresentação não o repetiremos. Nem queremos que o repitam. Foram palavras amigas, é certo, mas de retumbância perigosa. A generosidade da oradora evocou em nós um dito de Salomão: «Uns repartem o que é seu e ficam mais ricos; outros arrebatam o que não é seu e sempre ficam mais pobres». Repartiu connosco bondade excelsa e ficou melhor. Estávamos inquieto, enervado. O que ela dizia de nós não o podíamos assinar; nem era lisonja, que torna mais pobre quem a recebe e ela não queria empobrecer-nos. Mas os luminares também se enganam, quando julgam ver nos amigos alguns clarões fictícios que se extinguem como fogos-fátuos.

Temos um medo da vaidade! Que medo que nós temos! E que aviso delicado nos deu há muito Augusto Gil:

> Da altura em que estejais (ou vos pareça;
> A vaidade é amante enganadora),
> Que o mais alto de vós se humilhe e desça,
> Como se humilde e pobre sempre fora...

Por isso nos humildámos ainda mais perante aquele mundo seleccionado. Mas havia em nós inspiração poderosa e breve e abandonámos o ar mortiço de viandante afadigado para fazer ressoar em palavras simples a grandeza de um silêncio que nos enchera o coração. Foi desabafo, foi cachoeira, jorrar de pensamentos direitos ao mesmo alvo. Já não sabíamos se éramos visitante ou visitado. Éramos árvore de floresta a que pertenciam os auditores dessa noite solene. Formávamos uma orquestra indestrutível que um maestro invisível dominava.

Depois começou a parte artística preenchida por canto, música e declamação. Anamérica Ferreira Prado recitou «Aleluia», de Jony Doin. Dicção forte, por vezes emocionante. A poesia fora entregue em boa mão. Seguiu-se a canção «Aos Órfãos», letra e música de Nelson Lorena. Nova declamação: «Alan Kardec», de Bitencourt Sampaio, por Neuza Costa Ferreira. Três números fortes, três números aliciantes que não aumentaram a vibração, porque ela já estava no auge, quando principiaram.

O 4.º número era de lirismo invulgar. Intitulava-se «Arrependimento», letra e música do Nelson e cantado por Ádila de Castro, voz melodiosa que deixava ressaibos de elegia no ambiente, como certos perfumes subtis.

Por fim, o «Fado Espiritualista», letra do

LIVROS NOVOS

Revista Espirita, de *Allan Kardec*. O 1.º e 2.º volume desta revista traduzidos em português. Cada volume, 400 páginas. Uma autêntica preciosidade. Aceitamos pedidos de assinaturas para os restantes volumes.

Encadernado em percalina ..... 120$00

Tratado de Metapsíquica, pelo *Doutor Charles Richet*. Uma obra há muito tempo esperada. Saiu agora o 1.º volume. Ali se encontram os fundamentos do Espiritismo Científico.

Encadernado em percalina ..... 160$00

Animismo e Espiritismo, por *Alexandre Aksakof*. Outra obra célebre, há mais de 20 anos esgotada. Um grosso volume brochado ..... 90$00

ENVIAM-SE ESTES LIVROS À COBRANÇA

acordeonista Atlas de Castro e música do Nelson. Este fado arrebatou a assistência.

Todos os números nos foram dedicados com grande carinho.

★

Outros oradores houve na recepção nocturna, entre eles o Magaldi, sempre espontâneo na amizade e no empenho de nos aumentar o prestígio. Não tomámos nota de seus nomes, que o tempo era pouco e o esforço cansativo. Que nos desculpem as omissões.

★

Na manhã seguinte deambulámos pelo burgo e tivemos um encontro original: o Dr. Artur Moreira Barbosa, brasileiro nato que se licenciara em Económicas e Financeiras na cidade do Porto e voltara à pátria de origem. Era grande amigo de Trigo de Negreiros e falou de Portugal com verdadeira admiração. O Douro, Barcelos, Guimarães, toda aquela região vinícola tão apreciada no mundo e várias cenas da vida estudantil perpassaram em conversa que nos serviu de bálsamo suave.

E para não mudar o tom ao sentimento visitámos o português Manuel Rodrigues Fontes que lá reside há 65 anos. Saiu da pátria em 1889. O passaporte custou 2.400 réis. Agora tinha filhos e netos... Uma família que era a sua vida e o seu enlevo. Estava entre dois amores: Portugal e Brasil. Olavo Bilac dizia-lhe: «Ama com fé e orgulho a terra em que nasceste!». E ele amava-a.

Que eram aquelas lágrimas, senão apego ao berço natal? O Manuel Rodrigues abraçou-nos a soluçar:

— Voltar... oh! Voltar ainda uma vez... seria a maior ventura!... Mas estou velho... O reumatismo não deixa...

E a filha corria para ele, a erguê-lo, a manter-lhe o equilíbrio...

Ofereceu-nos um café. Que tomássemos. Era um café especial dedicado ao patrício. E tomámos. O Magaldi estava enternecido, não podia conter as lágrimas... Também desejaria «voltar àquela pátria longínqua» que trazia no coração, ao lado da «outra».

O Manuel Rodrigues sentia amor à terra, porque era amigo da família. Seus filhos pertenciam ao Brasil, estavam nele radicados. Plantas que mergulhavam a raiz e engrossavam o caule. Vindas de outros climas?... Que importa? Se viviam do ambiente e o reflectiam a cada passo...

O nosso companheiro sentia tudo isto, às vezes sem dizer palavra. Seus olhos eram compreensivos. A viveza de intelecto transcende às vezes a limitação das cadeias. Afirma-se em silêncio, como um raio de sol ou uma gota de orvalho...

★

Cachoeira Paulista... Já no trem a caminho de Cruzeiro e ainda ecoava em nós o rumor das vozes alteadas na União Espirita Cachoeirense em homenagem imerecida. E vibrámos por todos os favores recebidos, não esquecendo a amabilidade de Alberto Gonçalves de Barros em seu lar acolhedor. Sua esposa e seus filhos são personagens de um quadro que não se olvida fàcilmente.

Outra vez o resfolegar da locomotiva, outra vez o sol candente, a selva adusta... Outra vez a dúvida, a perturbação do romeiro de aventura que a curiosidade impele... Outra vez e outra e outra e outra...

É pena que arrastássemos o Magaldi. Mas ele quis... E quando se quer, abrem-se os caminhos e destróem-se os barrancos. A nossa viagem ao Brasil abriu muitas estradas. A de Cachoeira foi das mais amplas e mais belas...

DIAGNÓSTICO PELA VIDÊNCIA

Por E. MANSO VIEIRA

A vidência caracteriza-se pelo facto incomum de se ver o que está oculto. Os médiuns videntes possuem aptidões especiais para isso e conseguem vislumbrar os espíritos, o que não é dado a qualquer pessoa.

Contudo, as vidências carecem de confirmação exacta, a fim de não cairem no campo, apenas, da imaginação dos visionários, o que é coisa diferente. Hoje em dia, estão-se generalizando as chamadas vidências simbólicas. É comum verificar-se nas sessões, os médiuns afirmarem que estão vendo flores, luzes, emanações radiosas em forma de aves, de livros, etc. Tudo isso nada representa de edificante. São manifestações desprovidas de quaisquer fundamentos científicos por escaparem a análise segura dos factos. O que entretanto é digno de ser notado por ser de comprovação possível e fácil, são os diagnósticos que prescrevem certos médiuns descrevendo determinadas enfermidades de doentes que às vezes se encontram distantes. Esses trabalhos deveriam merecer um cuidado todo especial, com verificações acompanhadas dos métodos científicos que possuimos, a fim de se seleccionarem os médiuns adequados a essas práticas. Os centros ou grupos que tencionem realizar trabalhos nesse sector, deveriam acompanhar os diagnósticos feitos pelos espíritos através do aparelhamento científico que a nossa medicina terrena já possui. Acreditarmos simplesmente pela fé nas prescrições feitas pelos médiuns, não constitui para a nossa doutrina, nenhum factor de importância. Os médiuns não são Raios X que funcionam automàticamente, apenas pelo facto de se verem à frente de um enfermo. Há para isso faculdades especialíssimas possuidas por raros médiuns, os quais não se formam com simples aprendizado teórico. Dizem que os médiuns, quando vêem a enfermidade, o fazem vendo os órgãos enfermos do corpo astral; é uma teoria mais ocultista do que espirita, entretanto não é absurda. Quando os médiuns vêem os espíritos, percebem-lhes as formas, podendo destinguir as fisionomias, verificando alguns dados de mais importância para efeito de identificação.

Para se ver, entretanto, as enfermidades caracterizadas no corpo do encarnado, seria preciso ver o perispírito que envolve o dito corpo, examiná-lo com toda a precisão, ver os órgãos no seu funcionamento e notar qual deles está enfermo. O processo é por demais complicado e sujeito a falhas na sua maioria É muito mais simples, a um espírito desencarnado, sendo possuidor de certa evolução, incorporar-se no médium e descrever a enfermidade do paciente, do que o médium experimentar o complicadíssimo e difícil trabalho de ver o que se passa com o seu semelhante. Esta prática de se diagnosticar pela vidência, através do perispírito, sòmente deveria ser usada após uma comprovação segura da especialidade mediúnica dos raros médiuns aptos a esse trabalho. Essa comprovação traria maior campo científico à nossa doutrina e evitaria a especulação por parte de muitos que agem irresponsàvelmente sem conhecimento de causa ou por excessiva dose de fé que às vezes conduz a lamentáveis consequências.

(de «O Semeador», de S. Paulo)

SOLILÓQUIO

Por MANUEL CAVACO

Sem sombra de dúvida!... Onde estiver o tesoiro de cada indivíduo, está o seu coração. Disse-o Jesus Cristo; e só porque foi dito por Ele, basta para se afirmar como uma verdade inalterável aquele fenómeno psicológico e permanente na vida particular de cada indivíduo. Todavia, aquele fenómeno revela-se, a cada instante, à observação atenta.

Cada indivíduo tem as suas tendências, inclinações e ambições; e, dentre elas, a mais dominante, aquela que mais o atrai e absorve, que lhe ocupa o pensamento, sem descanso, em suma: aquilo que mais ambiciona e mais nos apaixona, constitui o tesoiro de cada um; e se não estamos pessoalmente onde ele estiver, lá estará o nosso coração.

Para uns, o tesoiro deles é: o dinheiro, jóias, pedrarias, raridades, desportos, famas e glórias vãs, valores efémeros que não resistem a um tempo mais ou menos breve; para outros, o tesoiro deles é: a música, as artes, as ciências, os ideais que nobilitam o espírito, valores eternos que jámais se extinguem, que parecem e se avolumam progressivamente, eternamente.

A observação tem-me revelado que aqueles estados pessoais da alma perduram e acompanham o indivíduo durante várias gerações, constituindo perturbante embaraço ao seu progresso evolutivo, mormente no astral.

Envidemos todos os nossos esforços na aquisição de um tesoiro espiritual por um procedimento virtuoso ao serviço daqueles ideais que nobilitam e redimem quem se lhes dedica sem desfalecimento; pois que onde estiver o nosso tesoiro, está o nosso coração.

A VOZ DE PORTUGAL ESPIRITA

EM SELECÇÕES ESPIRITUALISTAS DE RÁDIO GUANABARA - RIO DE JANEIRO

POR ISIDORO DUARTE SANTOS

1.ª

Amigos Radiouvintes:

Aqui me encontro novamente ao microfone de *Selecções Espiritualistas*. Parece que foi ontem e já lá vai um ano que aportei ao Rio para a melhor viagem da minha vida. Que anseio o meu, que grande aspiração! O que eu tinha de bom passara aos olhos, em profunda alegria. O que tinha de mau afundou-se no mar largo das paixões, ora ameno, ora encrespado.

Não vou repetir aqui palavras que já disse e que ainda perduram na memória de muitos. Isso pertence ao tempo. Quero afirmar desejo de colaboração amiga, sincera, permanente. Estar longe é estar perto. O microfone encarrega-se de encurtar a distância.

A primeira vez que articulei frente a este objecto metálico senti-me um pouco nervoso, confessei a minha fraqueza. Não pelo que é, mas pelo que representa, o microfone é um juiz implacável. Para lá do seu âmbito material estão milhares, milhões de ouvidos atentos ao neófito. Como sairá ele deste exame prévio? Terá boa voz? Terá presença de espírito? Saberá compreender e será compreendido?

É difícil responder. Os temas e as circunstâncias, o poder de síntese e o fraternismo que é preciso exaltar dependem de muitas coisas aparentemente simples, mas que nem sempre cabem no campo estreito da visão humana.

Eu venho colaborar, venho trazer algumas pedras destinadas ao edifício comum, venho contribuir para que a U. D. J. se eleve no conceito dos valores morais e espirituais do Brasil e do mundo. Venho pugnar por um sector mais forte baseado na irmandade das várias correntes doutrinárias que devemos unificar.

O Espiritismo é um rio que recebe a linfa de vários afluentes. Se não houver expressão colectiva que homogenize as moléculas aquosas, a torrente carecerá de equilíbrio e a deficiência se acentuará.

Isto se diz em toda a parte. Na minha viagem pelos doze Estados notei muita crença, muito entusiasmo, muito espírito de sacrifício. E vi que era urgente recapitular certos pontos, alterar certas directrizes, que os mentores nem sempre estão de acordo, nem dispostos a renunciar.

Ora os microfones fizeram-se para agitar as almas no âmbito do segundo sentido. Suas vibrações são mais intensas, tocam mais de perto que o raio visual. Este é sobretudo extático. O som é mais gritante; penetra, sacode, desperta centros adormecidos e contagia o semelhante.

Nós temos necessidade de aliciar, de contagiar, aumentando os afluentes, para que a reserva líquida seja copiosa. Quanto maior for o número, maior será o entusiasmo. Uns chamam os outros. Os que estão contam aos que vêm. É uma corrente grande, interminável. Hoje mil, amanhã dez mil... vinte mil... trinta mil... E assim por diante. É questão de contágio.

A moral desta nota está no que vi e senti. O caso brasileiro... é o caso brasileiro. Outro não há no mundo, tão característico, tão digno de menção onde possamos colher tantos ensinamentos.

Eu colhi alguns de certa importância e por isso me abalanço a este microfone, convencido de uma verdade comesinha: vontade suficiente atrai meios suficientes. Supre a cultura, supre o dinheiro. Não é ideia esboçada, é realização positiva.

Pois, então, juntemos os homens de boa vontade e caminhemos para o futuro, sob legendas fraternas. A batalha será vencida.

Minhas palavras não vêm de perto nem de longe: Saem do microfone, asas pandas sobre a imensidade, volutas eternas a vibrar no tempo, sorriso acolhedor, abraço amigo, decisão forte de auxiliar e caminhar.

Meu Brasil! Não volto a teu seio, porque estou em ti. Em tuas veias sinto o sangue luso a correr, como se estivesse em Portugal.

Teus campos, teus rios, teu céu azul, tuas praias, tuas mulheres, têm sabor lusíada. Nessas maravilhas anda a raça a cantar, por entre jardins e cachoeiras, no alto e no baixo da planície.

Não volto a teu seio por que estou em ti. Meu coração pertence à raça brasileira.

10 de Julho de 1956.

2.ª

O *Primeiro de Janeiro*, da cidade do Porto, publicou a seguinte notícia da América do Norte, subscrita pelo seu correspondente James Cooper:

A América está a ser varrida por outra mania: a da reencarnação, consequência do êxito de um livro intitulado «The Search for Bridey Murphy», no qual se narra como a senhora Ruth Simmons, moradora em Pueblo, Estado do Colorado, revelou, sob influência hipnótica, como tinha decorrido a sua vida anterior na Irlanda, de 1798 a 1864. Os psicólogos atacam tudo aquilo, inutilmente, dizendo que é «deplorável e perigoso». Mas o livro atingiu a cabeça da lista dos «best-sellers» de não ficção e está a ser publicado em 43 jornais.

«O disco das revelações da sr.ª Simmons, sob influência hipnótica, atingiu já uma venda de 30.000 exemplares, a 100 escudos cada um — e são muitos.

«Os direitos cinematográficos foram vendidos e o autor do livro já ganhou com ele uns 14.500 contos.

«Entretanto um rapaz de 19 anos, de Oklahoma, suicidou-se depois de ter deixado um bilhete, dizendo que «queria investigar por si próprio essa história da reencarnação».

Desta notícia resultou uma prova incontestável: o progresso da mecânica não conseguiu destruir as tendências humanas que se exercem no domínio psicológico. Há qualquer coisa que escapa aos pesos e medidas vulgares e que a ciência oficial teima em não compreender. Mas a voz do povo é voz de Deus e por isso as multidões compram o livro e os traficantes da imprensa lhe dão expansão para aumentar a tiragem.

Quem zomba da metafísica e glorifica o futebol, ponha os olhos neste fenómeno e veja se o Espiritismo alarga ou não seus âmbitos já quase imensuráveis.

Se o real estivesse confinado em

CRUZADA DOS MILITARES ESPIRITAS

Do nosso redactor-correspondente junto à Cruzada dos Militares Espiritas do Rio de Janeiro, Marechal Travassos, recebemos interessantes pormenores relativos à 3.ª Semana Maurícia-1956 *e que passamos a transcrever:*

«*Já era da tradição da Cruzada a Festa Maurícia em 22 de Setembro, data em que o seu patrono Capitão Maurício reencarnou com a missão de dar grande testemunho cristão de sacrifício, cujo exemplo foi espontâneamente seguido por seus bravos comandos da* Legião Tebana.

«*Desde 1954, início da actual Directoria, tal festa tornou-se o momento culminante da* Semana de Maurício, *de 15 a 22 de Setembro, constando de concentrações de Cruzados nos Núcleos mais próximos, no caso da Sede sobre o Núcleo do Colégio Militar, da Guarnição da Vila Militar e da Academia Militar de Agulhas Negras. Nestas actividades têm tomado parte como conferencistas alguns civis e militares.*

«*A* Semana Maurícia *é aproveitada igualmente para estudar certas questões básicas atinentes à vida da Cruzada, apresentadas em forma de temas, para cada um dos quais é designada uma Comissão de Estudo. O trabalho dessas Comissões obedece à técnica das «Mesas Redondas» e os seus Relatórios são debatidos em plenário, durante a Sessão de Planejamento prevista no calendário da* Semana Maurícia.

«*O dia 22 de Setembro é o* Dia Maurício, *marcado pela Secção de Encerramento da* Semana Maurícia, *com a leitura da* Mensagem Maurícia *às 22 horas (hora do Rio), que é a* Hora Maurícia.

«*A* 3.ª Semana Maurícia *de 1956 terá a colaboração de Divaldo Pereira Franco, o inspirado tribuno espirita da Bahia, que proferirá uma conferência na Fundação Pátria do Evangelho de Abigail Lima, sob o título «Deixai vir a mim os pequeninos» e outra no Auditório do Colégio Militar: «Amai-vos uns aos outros, como eu vos amo».*

«*A elaboração da* Mensagem Maurícia, *em 1955 redigida pelo Presidente da 3.ª Capitania (Rio Grande do Sul), general Roberto Pedro Michelena, será este ano elaborada pelo Presidente da 2.ª Capitania, coronel Levino Wischral. Dos temas em estudo salienta-se o da participação da Cruzada dos Militares Espiritas do 1.º centenário do Espiritismo, a realizar em 1957.*

Escusado será dizer que o acontecimento terá enorme retumbância em todos os Estados do Brasil, atenta a numerosa falange de Cruzados que irão contribuir para melhor conhecimento recíproco e fortificação dos laços que unem os espiritas de Santa Cruz.

Estudos Psíquicos *dará notícia do certame, para o qual chama a atenção de todos os militares espiritas agregados aos Núcleos da Cruzada.*

fórmulas simples e se além de certos cânones tudo fosse ilusão dos sentidos, o conhecimento seria precário. Felizmente não é assim. A astronomia veio auxiliar o Espiritismo. Os processos daquela baseiam-se em cálculos e deduções e os eclipses surgem na hora prevista. A princípio não a tomaram a sério. Astrónomo ou astrólogo eram sinónimos de charlatanice. Não é preciso citar o exemplo de Copérnico. A reencarnação é teoria que a razão aceita, porque explica uma infinidade de problemas, insolúveis por outro meio. Além disso há casos reais que corroboram, não a sua verosimilhança, mas a sua realidade. A dedução tem critério científico, seja qual for o campo em que se exerça.

A psicologia experimental abriu clareiras enormes na floresta anímica. Delimitou zonas da consciência e destruiu teorias irracionais. Provou que o cérebro não é sede do pensamento. Reforçou os postulados espiritas, deu foros de realidade à regressão da memória... Assim, não admira que o povo americano acredite na reencarnação. O fenómeno nada tem de crendice. Deduz-se fàcilmente, muito fàcilmente, das investigações psíquicas dos últimos cem anos.

Além do mais, a reencarnação é um caso de inteligência. Basta raciocinar e deduzir. Mesmo como hipótese de trabalho, deve ser aceita, enquanto se não demonstrar que é errada. O bom-senso aconselha isto. De resto, a crença é geral. Os reencarnacionistas estão em maior número, sobretudo no Oriente, onde prevalecem as antigas religiões filosóficas. Portanto, rir ou encolher os ombros ao enunciado é demonstração de ignorância, ou, pelo menos, de misoneismo absurdo.

O dever do homem é tudo estudar sem apriorismo e falar com conhe-

cimento de causa. De outra forma nunca poderá impor-se, nem à sua ideia.

Este foi o caminho do Espiritismo, desde a codificação kardeciana, apesar da liberdade absoluta de seus mentores.

24 de Julho de 1956

3.ª

É sempre agradável falar a irmãos e amigos distantes que vivem e sentem a mesma doutrina. Tantas vezes vos falei já de viva voz, vibrando convosco, chorando de alegria em momentos de alta maré espiritual, que me sinto à vontade neste microfone, onde vozes mais autorizadas se têm feito ouvir, para aconselhar, para alvitrar ou orientar no melhor sentido. Poderão objectar alguns com a frase de Séneca: «Não aconselhes quem não te pede que o faças». E outros com Dubay: «Julgam-se os homens muito hábeis para aconselhar e demasiadamente espertos para dar conselhos». Mas descansem, que não venho aconselhar.

Isto vem a propósito — ou despropósito — da minha actuação em *Selecções Espiritualistas,* porque hoje quero falar de Portugal.

Ouvistes dizer que o Espiritismo havia sido extinto neste rincão amado, prolongamento da linda terra brasileira; que não circulavam as nossas publicações e que os centros estavam fechados. No linguajar dos boateiros era o arbítrio que reinava, que se impunha a todos os departamentos da vida comum. Felizmente não é assim. Coisas diferentes se passam em Portugal. As agremiações trabalham normalmente, realizam sessões, dão conferências, promovem festas de confraternização, distribuem donativos a necessitados.

Há poucos dias se realizou no *Instituto Espiritualista Português,* de Lisboa, uma festa de caridade, comemorando o aniversário do Espírito-guia Isabel de Aragão, à qual acorreram numerosas pessoas. No fim dos trabalhos distribuiram-se donativos em géneros e dinheiro a muitos necessitados. Não houve guarda de honra, nem guarda policial. As portas estavam abertas, naquele Largo do Intendente tão concorrido, ao lado da Avenida Almirante Reis, grande artéria no caminho do Aeroporto.

Também a *Fraternidade Esotérica* realizou na Casa da Comarca de Arganil, em Lisboa, a sua festa anual com a peça dramática em dois actos «Dúvida», da autoria de João Manuel Rocha de Sousa, seguida de belos números de variedades com acompanhamento de piano e um número-surpresa, a cargo da actriz brasileira Alma Flora.

O grande salão estava superlotado. Centenas e centenas de almas cheias de alegria, em pura comunhão de sentimentos.

Estes dois factos estimularam as massas populares, levaram-nas a criar interesse pelo Espiritismo. O mundo necessita de fraternizar, de conviver mais estreitamente. O desconhecimento recíproco torna os homens desconfiados e taciturnos, dá-lhes aparência de selvícolas.

A «Voz de Portugal Espirita» é uma rubrica de boa disposição, uma rubrica de amizade. Muitas vezes será difícil saber onde termina o Brasil e começa Portugal e vice-versa. Seja como for, esta amálgama contribuirá para mais sólida união entre portugueses e brasileiros. Por muito que se diga, por muito que se escreva, a respeito da comunidade luso-brasileira, nunca é demais para aquilo que merece.

O Espiritismo em Portugal não morreu, nem morrerá. Pode haver compassos de espera, mas isso não quer dizer extinção. Quem se convenceu de uma verdade não a esquece mais, principalmente se ela dá benefícios espirituais, se enobrece quem a abraçou.

Para tal contamos com a simpatia do Brasil-Espirita, com a colaboração de seus arautos e mentores. A revista *Estudos Psíquicos* está de serviço permanente a esta cruzada útil e necessária. Tomará parte nela, como quem se entregou inteiramente, esquecendo suas vistas particulares. O seu maior desejo é contribuir para um mundo mais equitativo, em que não haja retaliações. Por isso as festas a que aludimos e que tão frequentemente esmaltam a vida das agremiações espiritas brasileiras, são a prova de que o conhecimento dos homens traz alegria e felicidade e predispõe às mais altas empresas.

Leopoldo Machado tem sido o campeão da alegria cristã dentro do Espiritismo. Ninguém melhor do que ele pode avaliar estar palavras. Quem canta nem sempre espanta os males que o invadem. Só cantam as almas boas, fraternas, sensíveis, que perseguem legendas de amizade e caridade. Os outros não sabem cantar e a sua linguagem é dúbia como a lisonja ou a crítica mordaz.

Haja entre nós alegria sã, desejo de auxiliar o semelhante! Este é o caminho da doutrina oferecido aos homens de boa vontade.

Desculpai estas palavras, este «cantar de amigo» dirigido ao povo brasileiro, que, mais do que nunca, aprendi a amar na minha recente viagem. Os fluidos do seu coração magnânimo andam comigo por toda a parte...

Boa noite, amigos radiouvintes. Que Deus guarde o vosso lar e toda a terra brasileira!

14 de Agosto de 1956

4.ª

Cá estou outra vez na mesma posição, frente ao microfone de *Selecções Espiritualistas.* Graças a Deus! Mais um momento de alegria, mais um momento de júbilo indescritível. Porque alegria e júbilo não se medem com medidas de padrão, como qualquer coisa material. Cada um de nós vive em sua ilha e constrói as pontes levadiças que ligam ao exterior; às vezes é preciso isolamento e retiramos as pontes. O mundo, parecendo mais pequeno, é sempre grande para quem vive e sente. Mas essa ideia de recolher as pontes vai caindo em desuso, em virtude de necessidades mentais e espirituais que se impõem a todos nós. O isolamento inferioriza e embrutece. Todos os seres aspiram à liberdade. E o homem não é inteiramente livre, enquanto lhe cercearem a expansão da ideia, a troca de impressões com o semelhante.

Algumas há que promovem excursões amigáveis, que transcendem os limites da Prefeitura ou do Estado, para levarem às outras um gesto de amizade, uma palavra estimulante, um auxílio moral. Reuniões espirituais são essas que induzem ao fortalecimento.

Um homem ou dois podem ser sábios, podem ser fortes, capazes de impulsionar grandes empresas; mas a sua capacidade é limitada e não terá continuidade, se não interessarmos nelas grande número de indivíduos. Eis, porque o sistema de ilhas humanas ou compartimentos estanques está passando à história com os progressos científicos que encurtaram distâncias e criaram a televisão que evita deslocamentos ao cinema e a jogos desportivos. A sociedade modificou-se profundamente neste sentido. Hoje a existência de um Robinson causaria admiração a toda a gente.

Bem sabemos que há sítios onde a humanidade roça pela idade da pedra ou do bronze e que na União Indiana há castas verdadeiramente primárias que a legislação protege contra outras mais adiantadas; mas nada disto invalida o meu raciocínio.

Este preâmbulo é muito grande para a notícia que vou dar à família

Dr. Vítor Sacavém

Dr. Vítor Sacavém

No dia 4 de Julho último desencarnou em Rio Grande (Estado brasileiro de Rio Grande do Sul) o Dr. Vítor Sacavém. Português de nascimento, há mais de 40 anos exercia a advocacia naquelas magníficas regiões, dividindo as actividades com o sector espírita, onde militava e no qual desempenhou lugares de relevo, não só como dirigente de agremiações, mas também como doutrinador de grande mérito.

Há vinte e tantos anos esteve em Portugal e lembramo-nos bem das sessões que realizou na Federação Espírita Portuguesa.

Em nossa visita à cidade de Rio Grande mais uma vez abraçámos o patrício e o irmão, já encanecido pelos anos, um tanto alquebrado, sem, contudo, denunciar o falecimento repentino que viria processar-se na madrugada daquele dia.

Vítor Sacavém não foi apenas um profissional consciente: podemos dizer que foi patrono dos que não tinham dinheiro para pagar a justiça. Assim, é natural que tenha deixado enorme lacuna nos meios forenses de Rio Grande.

Era excelente orador e jornalista de relevo, sobretudo em questões espirituais.

Em determinada altura da sua vida viu-se ligado à direcção de O Tempo, *diário de Rio Grande, onde a sua pena lutou pela organização de um* Partido Espiritualista, *convencido, como se encontrava, de que os espíritas deviam tomar parte nas lutas eleitorais, para melhor firmarem a Doutrina.*

Enfim, seguiu o destino comum e no além colherá os frutos do que semeou.

À sua esposa D. Clementina apresentamos os protestos da nossa solidariedade. Quanto ao Vítor, temos a certeza de que há-de continuar na sua faina de apóstolo. Se alguma vez nos visitar, encontrará o mesmo amigo e admirador de sempre, como ele ansioso de evolução superior que transforme para melhor o pobre globo que habitamos.

espírita brasileira. É que os centros espíritas de Lisboa cogitam de abandonar o isolamento em que têm vivido. Aspiram a fraternizar com os congéneres, trocando médiuns, conferencistas, expositores doutrinários, sem perder o carácter que os define no sector a que pertencem.

Não há dúvida. O sintoma é claro e deixa entrever objectivos imediatos. O apólogo do molho de varas parece que está sendo aprendido e as lições devem servir a todos.

O exemplo do Brasil é impressionante e leva os espiritistas portugueses à observação demorada, ao estudo e — porque não dizê-lo? — à própria imitação, mesmo longínqua, do que vimos através dos Estados.

Queremos unificar métodos e adoptar um princípio racional que dará satisfação a todos: a igualdade de quotizações, para que os sócios de uma agremiação possam frequentar os trabalhos das outras.

Esta aspiração legítima facilita muitas coisas, conduz a melhor conhecimento e dá um tom diferente ao sector espírita. Um grupo de confrades falará em todos os centros, orientando em linha comum.

No Brasil já temos uma obra notável: a «Escola de Aprendizes do Evangelho», da Federação Espírita do Estado de São Paulo, que deu excelente colectânea de livros publicados pela *Livraria Allan Kardec Editora* e que constituem magnífico repositório de *Iniciação Espírita*.

O «espírito de capelinha» desagrega os esforços, por mais nobres que sejam. O trabalho deve ser geral, universalista no verdadeiro sentido do termo.

As barreiras que certas agremiações levantam em torno de suas obras sociais e até de seus métodos, são precárias, quando não são contraproducentes. O campo que fechar as portas à boa semente nada produzirá de bom e de útil. É preciso que venham os desbravadores e os técnicos a lançar os fundamentos da sementeira.

Eu tenho fé nos destinos da Causa, porque nada pode abrandar o entusiasmo daqueles que se arvoraram em seus guardiões.

E desde que vim do Brasil mais convencido estou do seu triunfo completo.

Há coisas inacreditáveis, tão grandes se apresentam ao mundo egoista, habituado a especular, a tirar partido dos actos mais simples da vida humana. E o que mais me impressiona não é o volume material das obras espíritas brasileiras, mas a perseverança dos seus mentores.

As realizações espíritas brasileiras têm origem espiritual. Os homens põem a pedra, mas o Alto é que a cimenta com seu fluido amorável.

Em Portugal, as colectividades espíritas sentem desejo forte de se unirem para fins mais produtivos. É o exemplo do grande e querido Brasil a proliferar nos corações.

Amigos radiouvintes, saúde e alegria é o que vos augura «A Voz de Portugal Espírita». Boa noite. Que Deus Guarde o vosso lar e toda a terra brasileira.

28 de Agosto de 1956

RUMO ÀS ESTRELAS

Por ALFREDO MIGUEL

(Correspondente na Bahia)

I

Ali pelo outono de 1923 um escritor e jornalista londrino empreendeu uma viagem a Nova Iorque.

Era um homem frio, extremamente céptico, descrente de tudo, visto como ainda levava fresca na memória a recordação medonha daquela monstruosa carnificina universal que tivera o seu epílogo em 1918.

Um ex-advogado russo, Joseph de Wyckoff, seu íntimo amigo, convidou-o para uma estada em sua casa de campo, nas proximidades da metrópole novaiorquina, e ali proporcionou-lhe o ensejo de tomar parte em reuniões espíritas com o célebre médium George Valiantine. De Wyckoff pensava em transfundir-lhe na alma vazia e desolada um pouco de conforto.

Na primeira reunião, quatro pessoas apenas; e vinte minutos se passaram de completa e enfadonha monotonia. A atitude mental do jornalista era já de quem se sentia entediado, e, como ele mesmo confessa, «com a irritação transformada em desprezo por aquela sorna «brincadeira».

Foi quando, sem nenhum aviso, o assombroso aconteceu; ou seja, aquilo que o sr. H. Dennis Bradley, no seu livro «*Rumo às Estrelas*», declara ter sido o *mais espantoso acontecimento da sua vida*. Sua irmã Annie, falecida havia dez anos, torna-se audível pelo fenómeno da voz directa, mantendo com ele um diálogo terno e demorado que se prolongou por um quarto de hora.

A conversação foi ouvida por todos os presentes e nenhum dos quais sabia das relações do escritor com Annie, nem sequer se ele tivera uma irmã com este nome. A voz da morta fora-lhe perfeitamente reconhecível, pois além da admirável nitidez com que era articulada, cada sílaba tinha a enunciação perfeita de outrora, o timbre, a entonação absolutamente igual. O diálogo girou em torno de assuntos particularíssimos, sòmente conhecidos dos dois interlocutores.

Está porque, com uma corajosa e elogiável franqueza, o sr. Dennis Bradley afirma na página 21 do seu livro supracitado, traduzido em 1939 pelo saudoso Monteiro Lobato:

«A verdade que me foi mostrada ergue-se sobre o pedestal indestrutível de um facto; de um facto inexpugnável aos ataques da dúvida e por sua substância espiritual impérvio a qualquer tentativa material de denegação».

Coevo de uma das mais devastadoras guerras da história e dos efeitos igualmente devastadores da paz, vivendo na era do tumulto feito governo e do ódio erguido à categoria de suprema lei humana, o sr. Dennis Bradley antes disso não achava razão alguma para que a vida do homem fosse eterna.

II

Para muitos homens enceguecidos pela descrença e mergulhados no ateísmo, as sessões espíritas com o concurso de bons médiuns têm sido a sua Estrada de Damasco. Basta dizer que as mais importantes obras existentes na biblioteca espírita são aquelas que descrevem os resultados a que chegaram os mais ferrenhos materialistas nas suas investigações sobre a existência da alma. Reformaram as suas ideias, acenderam no coração a luz da fé, por terem podido ver e falar com os mortos, destarte dissipando-se-lhes a terrível dúvida que os impedia de crer na imortalidade.

O autor de «Rumo às Estrelas» tinha razões aparentes para negar a sobrevivência e o próprio Deus, enquanto não conversara frente a frente com o Espírito de sua irmã em uma sessão nos arredores de Nova Iorque. Após o que ele chama a «maravilhosa evidência da eternidade» e que mudou completamente os rumos do seu pensamento, pôde escrever o que se encontra registado na página 99 daquela obra:

«Depois da momentosa sessão de Arlena Towers, a sequência de provas que obtive foi coisa tão extraordinária, que tenho de dá-la como dos factos de maior evidência jamais conseguidos neste mundo».

Já o grande William Crookes, por sua vez, dizia sentir-se «oprimido pela evidência» diante do êxito surpreendente de suas experiências de três anos que lhe possibilitaram o convívio quase diário com o Espírito materializado de Katie King.

Não falta, entretanto, quem tente explicar os variados fenómenos da comunicação dos mortos de acordo com as suas extravagantes hipóteses. Dennis Bradley não se descuidou de certas objecções que viriam a ser levantadas e tratou logo de invalidá-las. Ouçamo-lo ainda na página 20 do volume mencionado:

«Quando a narrativa das minhas experiências apareceu no *Daily News*, de Londres, um amigo, que além de ser um dos maiores escritores ingleses é um dos mais fecundos intelectuais que conheço, confessou que, conhecendo-me como me conhecia, tinha de aceitar a verdade do relato, mas que o explicava como fenómeno extraordinário de subconsciência.

«Essa teoria do subconsciente constitui o recurso último dos adiantados que ainda não vieram a conhecer por experiência própria a maravilhosa realidade.

«Mas não vejo possibilidade do subconsciente produzir a conversa realizada entre mim e minha irmã. Ainda que o subconsciente pudesse produzir sons audíveis, esses sons só poderiam ser ouvidos pela fonte que os emanou.

«Ao dar-se aquilo, porém, eu não pensava em Annie; estava tão longe dela, que tive de voltar-me ao passado para recordar sua voz».

Em resumo: se, na reunião, só Bradley conhecera a sua irmã (e ele mesmo garante com todas as veras que conversou com ela em Espírito), pois que «*ninguém poderia falar com as características de Annie, com a sua enunciação individual, a sua escolha de palavras e seu conhecimento de factos só de ambos sabidos*», quem de boa fé oporá às suas palavras uma contestação séria?...

Algo mais teremos de ver no tocante ao fenómeno de voz directa.

NOTA — *O livro «Rumo às Estrelas», de Denis Bradley encontra-se à venda nesta redacção, em elegante brochura, ao preço de 80$00.*

Crónica Mundial

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

MÚMIAS QUE SE MOVEM

Paul Gold escreveu um artigo no *Psychic News* de Londres intitulado «O Mistério das Múmias que se movem». O caso é o seguinte:

Quando o médico especialista e egiptólogo Tomás Young se instalou em Londres, na Rua Wimpole, 48, trazia consigo uma colecção de múmias egípcias. Mais tarde o médico faleceu e muitas pessoas declararam ter visto naquela casa antigas Egípcias a deslizar de um quarto para outro.

O professor C. B. Alsop contou este caso numa reunião do Instituto de Médicos, em Bristol University's Royal Fort, afirmando que o baseava num testemunnho científico da maior confiança.

— Alguns colegas meus — declarou — juram que viram estes fantasmas, os quais parecem extraordinàriamente elegantes e metódicos.

Uma firma de produtos dentários encontra-se instalada na Rua Welbeck e todas as noites empacotam grandes quantidades de dentaduras, que armazenam num compartimento especial, destinadas ás remessas do dia seguinte. O mais interessante é que, muitas vezes, quando o pessoal abre a loja para tratar dos assuntos ordenados na véspera, encontram as dentaduras todas desembrulhadas e colocadas no chão.

Isto tem produzido enorme celeuma, como é fácil de calcular.

O articulista informa que o espalhafato costuma ser maior, quando aparece uma figura semelhante a Cleópatra, embora as portas permaneçam fechadas, sem qualquer vestígio de intrusos no trabalho.

É possível que os dirigentes da casa comercial sejam incrédulos e não tenham ainda adoptado as providências adequadas. Se conhecessem a doutrina espirita saberiam que tais fenómenos são muito vulgares e quais os meios de acabar com esses disturbios.

Só por isto vale a pena estudar o Espiritismo. Vemos atacar e criticar os problemas psíquicos sem o mínimo conhecimento de causa. Não raro, o pior escriba se arvora em professor para desancar às cegas uma doutrina que totalmente ignora. Os inconscientes que o ouvem vão propalar a burundanga a outros inconscientes e assim se vai fazendo a história.

Depois surgem fenómenos edificantes, como o que acabamos de mencionar, e outros ainda mais assombrosos que têm perpassado nestas colunas.

Somos visitados anualmente por centenas de individuos, e cada qual expõe um caso diferente. Encheriamos um volume com esses relatos.

É pena que tais pessoas não encontrem assistência própria e andem de Herodes para Pilatos à procura de solução para os seus problemas. Os próprios clínicos aconselham alguns clientes a procurar centros espiritas, em vez de consultórios médicos. São conscienciosos, sabem de antemão que nada podem fazer em benefício do enfermo e guiam-no para a verdadeira fonte. Era necessário, porém, que se abrissem clínicas de terapêutica psico-somática, a fim de resolver este assunto importantíssimo.

O ACAMPAMENTO DE CHESTERFIELD

Já nos temos referido a este acampamento e a outros da América do Norte, onde se reunem milhares de adeptos na prática do Espiritismo. Começando por um *acampamento* na verdadeira acepção do termo, isto é, por simples barracas de campanha levadas por confrades que iam estacionar no campo, hoje é constituído por óptimas construções onde residem milhares de pessoas, uma espécie de Palmelo, a célebre cidade espirita brasileira a que também já aludimos.

Voz Informativa, do México, tem relatado muitas sessões de efeitos físicos e até de materialização ali observadas pela sua directora.

O acampamento de Chesterfield, chamemos-lhe assim, fica no Estado de Indiana e atrai os mais reputados médiuns, não só americanos, como europeus, no sentido de valorizar a investigação psíquica e espirita.

Achille Biquet, director do *Spiritualisme Moderne*, de Liège e nosso redactor-correspondente, publicou há pouco na sua revista um artigo acerca da passagem pelo acampamento de Elise Desjardins em Agosto de 1955.

Segundo as declarações desta, os fenómenos são muito variados em Chesterfield, em virtude de numerosos médiuns de materialização, do ambiente privilegiado e das escolas de médiuns onde os alunos recebem instrução rigorosa para o desenvolvimento de suas faculdades, sujeitos a disciplina no tocante a género de vida, trabalho e alimentação.

Este acampamento fica a 60 km de Indianópolis e é reservado a sessões de Espiritismo e curas espirituais. Quem lá chega fica impregnado de influências benéficas. Grandes árvores, vastos hotéis, restaurantes, templos salas de sessões, armazéns de comércio e um museu de obras mediúnicas, onde se admiram retratos, paisagens, etc.

As sessões começam a 25 de Junho e terminam em 21 de Agosto. Trinta médiuns dão 2 ou 3 sessões diárias: 30 sessões por semana. O bilhete de entrada para cada sessão é de 3 dólares. Mesmo assim, os visitantes são às centenas, sobretudo nos *fins-de-semana*, mas é preciso marcação de lugar, porque a assistência é limitada.

Em geral manifestam-se familiares conhecidos dos assistentes e os fenómenos são magníficos e probatórios. A senhora Desjardins diz que os espíritos se materializam na mesma cadência como se mostram aos clarividentes.

A senhora Desjardins, que esteve para dar uma sessão de materialização no Centro Espiritualista Luz e Amor em sua passagem por Lisboa, no caminho para os Estados Unidos da América, narrou alguns trabalhos a que assistiu em Chesterfield.

Com a médium Lula Tuber, os espíritos davam a aparência de estar revestidos de ectoplasma irradiante. A sala da sessão era fracamente iluminada por três lâmpadas vermelhas. *Viu os pais, o marido, a filha, as irmãs, o irmão, alguns amigos da «Resistência Francesa» e o seu espírito familiar «Augusto».*

Com a médium Franchon Harwood viu a sua guia «Elisa». Este

espírito esteve junto dela, aproximou-se do piano, tocou um pouco, cumprimentou-a e desapareceu.

Na sessão da médium Lilian Dee Johnson obteve escrita directa, a materialização de Bernadette Soubiroux e duas *vozes directas*.

Curiosa foi a sessão do médium Pansy Cox. Manifestou-se uma cigana com a sua pantera. O animal passou por baixo de uma cadeira e ela fazia sair os «apports» da mão. Cada assistente recebeu um.

O médium Ch. L. Swann obteve um espírito materializado de minúscula estatura que saltitou na mesa à vista dos assistentes, os quais estavam munidos de um quadrado de pano cru de 30 centímetros de lado. Através de *precipitações fluídicas*, cuja mecânica ignoramos, o espírito desenhou no pano algumas cabeças de espíritos presentes.

Finalmente, na sessão da médium Doroteia Hiett, houve a materialização de um médico, um garoto e um índio com a sua típica cabeleira. Falaram, entoaram canções de sua vida terrena e incitaram os circunstantes a estudar o Espiritismo. No fecho dos trabalhos, os assistentes testemunharam transfigurações e desmaterializações parciais de mediuns. Este último fenómeno suscitou interesse particular, como se depreende.

Nós já assistimos a sessões semelhantes em que se manifestaram entes muito queridos e por isso avaliamos a impressão da senhora Desjardins e de todos os outros ao receberem a visita de espíritos amigos.

INSTITUTO ESPIRITA DIAS DA CRUZ

Recebemos o Relatório anual deste Instituto, cuja presidência está a cargo de uma grande alma que tivemos ensejo de conhecer em nossa visita a Porto Alegre. João Pompílio de Almeida Filho é o seu nome e faz parte de uma plêiade de obreiros incansáveis que se têm distinguido exemplarmente no departamento assistencial espirita do Brasil. Muito teremos que falar dele e do Instituto que dirige e pena temos que esta revista não seja semanal para que nos fosse dado abreviar o agradável encargo. Mas descanse, amigo Pompílio. Você não perderá com a demora. Aguardemos o tempo e a saúde, que tudo se fará oportunamente.

O Relatório de 1955 é vasto e concentrado em suas 40 páginas elucidativas e não é possível dar-lhe o merecido relevo nesta crónica. O Instituto Espirita Dias da Cruz é uma sociedade beneficente com várias secções que revelam bem o significado da sua missão reformadora: *Departamento Espiritual, Albergue Nocturno, Cruzada Espirita de Amparo à Criança, Casa do Pequenino, Lar para Meninas, Dispensário Homeopático* e *Caixa de Assistência aos Necessitados*. A sua administração é zelozíssima na aplicação das disponibilidades monetárias e declara sempre que o *Instituto não tem filiais nem representantes outros além dos respectivos dirigentes*.

A população associativa não chega a sete centenas: uma gota de água em face das enormes realizações conseguidas. Em 8 de Dezembro não tinham dinheiro para as despesas ordinárias, mas concederam um abono de Natal de *um mês de salário* aos funcionários! Quinze dias depois recebiam 75 mil cruzeiros de auxílio estadual.

O *Departamento Espiritual* é dirigido pelo coronel Waldemar Ferraz, bela organização moral cheia de boa vontade. Ali foram dados 19.000 *passes magnéticos* e 13.000 receitas mediúnicas. Houve 505 sessões doutrinárias e de *nasses*, 836 mediúnicas, 5 comemorativas e 43 de irradiação mental e de preces. Além disso, todos os meses se realizou uma reunião de confraternização precedida de palestra doutrinária. Ali se vê também uma biblioteca de obras escolhidas em Português, Francês, Espanhol e Italiano.

O *Albergue Nocturno* dirigido por Hugo Leitão, é uma obra de eficiência extraordinária. Em Junho último completou o 25.º aniversário com 674.301 albergamentos (511.004 homens e 163.296 mulheres)! Todos os necessitados encontram refúgio amigo nesta casa, alheia a raça, política e religião. Todos têm cama, banho, alimento, vigilância médica, conselho e trabalho, hóspedes diversos encaminhados pela Polícia, pela Legião Brasileira de Assistência e pela Prefeitura e outros que ali vão acossados pela fome e pelo frio.

Em 1955 houve 20.800 albergados, homens e mulheres. Também lá receberam abrigo 1.800 mães e 2.900 menores. A alimentação foi de 38.132 rações de café e pão, 9.686 sopas e 3.576 rações de leite. Total: 51.394! As despesas, excluindo leite em pó, carne, manteiga, arroz e feijão, atingiram 88.000 cruzeiros.

A *Cruzada de Amparo à Criança* está sob a direcção de Ceci Gonçalves de Almeida, esposa do Dr. Pompílio e uma das mais belas educadoras que conhecemos. Esta secção é um paradigma de amor ao próximo e de elevação espiritual. Tem aulas de *evangelização da infância e da juventude, Curso primário, Escola doméstica, Enxoval do Pequenino*. Tudo isto constitui verdadeiro manancial de ternura que encanta e comove.

O *Roupeirinho do Recém-nascido* distribuiu 2.044 peças de enxovais para bebés e 172 peças de roupa a crianças de 1 a 5 anos.

A maior realização, porém, será a *Casa do Pequenino*, em pleno andamento e cujo *Auditorium* acomodará 550 crianças sentadas. Tem um grande palco com caixa de cena e apetrechamento moderno, que permitirá todas as representações.

A *Casa do Pequenino* é o sonho dourado do Dr. Pompílio, brasileiro-luso de estranho dinamismo que não pára no seu esforço de benfazer. Abrangerá 5 majestosos andares. O *térreo* destina-se à Portaria, Secretaria e Salão Nobre, 2 salas de aula e páteo coberto para recreio no mau tempo, com serviços sanitários, Jardim de Infância com sanitários e salas de repouso, Serviço Social, Escola Maternal, Fisioterapia, Pediatria, Clínica Dentária, Serviço Pré-Natal, consultórios, etc., etc. O *1.º andar* terá Escola Doméstica, Rouparia, 2 berçários com 9 leitos, Sanitários e Sala de vestir bebés, quatro compartimentos isolados com 14 leitos. Cozinha, Refeitório, Solário, Refeitório geral, Lactário, Sala de Higiene, Cozinha Dietética, Biblioteca Infantil e outras coisas que não cabem nesta nota. No *2.º andar* haverá 4 aulas com sanitários e banheiros, solário, sala de professores, *Auditorium*, etc. No *3.º andar*, 3 dormitórios, Enfermaria, Terraço, etc. No *4.º andar*, 4 dormitórios e serviços sanitários. No *5.º andar*, Terraço coberto e descoberto, Casa das máquinas, etc., etc.

Percorremos toda a construção e saimos maravilhados. A influência do Dr. Pompílio na política do Estado tem contribuído muito para o bom êxito do empreendimento.

Traçamos estas notas com grande prazer espiritual e fazemos votos pelo progresso crescente da Instituição, agradecendo, por outro lado, as imerecidas referências que nos fazem, por virtude de nossa visita aos Instituto.

Nota — Após a composição destas linhas recebemos carta do Dr. Pompílio, informando: «*A Casa do Pequenino* vai no 4.º pavimento».

Ainda bem! Que os pequeninos desvalidos de Porto Alegre tenham em breve a sua grande casa.

Notas & Comentários

PONTO FINAL

Já tínhamos encerrado a conversa com Pereira Guedes, quando surgiu na Almenara um entrevistado de «José do Monte» a exigir coisas mirabolantes. Declarámos que o caso da F. E. P. dizia respeito apenas aos seus últimos dirigentes e mantemos a afirmação. O entrevistado clama que o que eles requereram foi a homologação do estatuto e não a sua reforma. O Acórdão do Supremo Tribunal Administrativo diz: «Quando a recorrente submeteu à aprovação do sr. Ministro da Educação a reforma dos seus estatutos, estes não foram aprovados. Afinal, em que ficamos?

Por tudo isto é necessário que Pereira Guedes conclua a transcrição da nossa Carta-Aberta, que inclui o Acórdão e algumas notas elucidativas. Só assim se ajuizará.

O Supremo Tribunal Administrativo é uma entidade respeitabilíssima, cuja competência e honestidade ninguém se lembrará de pôr em dúvida. A menos que tenhamos lido mal, supomos que foi a reforma dos estatutos que foi submetida ao sr. Ministro da Educação.

Quanto ao resto... Se éramos ou não sócio da F. E. P., isso é connosco. O que não deve ignorar-se é que, durante muitos anos e do nosso retiro de Sagres, dirigimos os seus órgãos oficiais Revista de Espiritismo e Mensageiro Espirita, contribuimos monetàriamente para a sede própria, na R. da Palma, e fizemos parte da sua gerência. Depois fomos irradiado por uma Direcção arbitrária.

Para fechar o incidente com um ponto final irrevogável deixamos aqui uma perguntazinha a quem saiba e queira responder-nos:

O entrevistado assina o arrazoado pela «Comissão Defensora dos Interesses da Federação». Quem são os seus membros e quem lhes deu credenciais para o efeito? Se a última directoria não convocou a Assembleia Geral para eleições no prazo estatuído e a Federação foi encerrada antes daquela terminar o mandato, em nome de que legalidade se arvorou a comissão anónima em defensora do que era de todos os associados e até dos próprios centros espiritas legalmente constituídos em Portugal?...

O AFUNDAMENTO DO «ANDRÉ DÓRIA»

O Psychic News do mês passado insere uma notícia, segundo a qual um médium londrino quase desconhecido predisse o abalroamento do grande paquete italiano «André Dória» com o vapor sueco «Stockolm», facto que impressionou vivamente a opinião pública mundial.

Em certo grupo espirita familiar realizava-se uma sessão com o médium John Morris, quando, em certa altura, este exclamou:

— Meu Deus, está aqui Clara Butt! Mostra-me um desastre no mar... entre dois navios. Não são navios ordinários... são navios grandes... paquetes de carreira... É no Atlântico, não longe da Inglaterra... Há nevoeiro... mas o sol brilha próximo... em três coroas reais... O desastre dos transatlânticos será noticiado em grandes parangonas.

Estes pormenores transmitiu-os o médium no dia do abalroamento e ficou confuso por dizer que o facto se dera próximo da Inglaterra.

O jornalista contou-lhe que o paquete se tinha afundado na costa de Nova Inglaterra e que o navio sueco tinha três coroas no seu brazão.

Os componentes do grupo duvidaram da mensagem, visto não ter havido nesse dia qualquer notícia a respeito. Morris declarou que só vira dois grandes navios e não podia acrescentar mais nada ao assunto.

Dias depois é que souberam do choque entre dois navios.

O grande matutino Daily Express revelou que a bordo do paquete italiano uma passageira tivera durante algumas horas previsão do desastre. Como nada acontecesse durante esse tempo, a senhora tranquilizou-se.

UM CASO DE REENCARNAÇÃO

Forces Spirituelles conta que a Revue Metapsychique assinala um caso bem curioso de reencarnação passado na Ilha Maurícia situada no Oceano Índico e que dantes se chamava Ilha de França, onde vivem cem mil creoulos franceses. Narra-o o escritor Malcom de Chazal. O herói é um garotinho de 3 anos chamado Chetanadeva, cujos antepassados vêm do século 17.

Os habitantes da ilha, os indo-mauricianos, falam creoulo francês, mas também usam o hindi, língua da sua raça. Na aldeia de Castel, onde nasceu Chetanadeva, admiraram-se de ver a criança exprimir-se quase exclusivamente em creoulo com extraordinária volubilidade. Isto, quando começou a falar.

Um dia teve esta frase:

— Dantes... eu era Sreeram Jankoo e morri na água... no meio dos «bebetes»...

Sreeram Jankoo era muito conhecido na aldeia vizinha de Vacoas. Era um pescador muito novo e analfabeto, de pequeno vocabulário. E quando se referia aos peixes chamava-lhes bebetes, como o garotinho. Um ano antes de Chetanadeva nascer, Sreeram abalou para a pesca e a piroga voltou-se. Morreu afogado e reencarnou no garotinho.

Isto não parecia extraordinário aos pais de Chetanadeva e por isso o levaram a Vacoas.

— Aqui está a minha casa! — exclamou ele, apontando a barraca do pescador falecido. — A minha mulher é esta! Aquele é meu filho!

Designava a viúva e o filho do morto e as testemunhas viram com assombro que o garoto assumia atitudes de adulto na voz e no gesto.

Nesse dia deu muitos pormenores sobre a vida de Sreeram, seu comportamento de marido e de pai, coisas que ninguém lhe poderia ter dito.

Voltou para casa, mas notou-se que tinha mais afinidade com a família Sreeram. Um dia uma senhora idosa bateu à porta e a criança saltou-lhe ao colo.

— Mamã! Mamã!...

Era a mãe do afogado.

A história desta reencarnação depressa percorreu a ilha. Muitas pessoas vieram de Porto-Luis, de Maheburgo e de Porto-Souillac para ver o garoto, que ora se calava, ora discorria com desembaraço no calão de Sreeram Pankoo...

— Como nunca pensou registar o relato nem escrever um livro...

Este caso é bem elucidativo, quanto à teoria da reencarnação.

Noticiário

«A VOZ DE PORTUGAL ESPIRITA»

Selecções Espiritualistas é um programa espirita a cargo de Nelson Baptista de Azevedo, presidente da *União dos Discípulos de Jesus*, do Rio de Janeiro, e diàriamente emitido pela *Rádio Guanabara* da mesma cidade, às 19 horas prefixas (hora brasileira), na frequência de 1.360 kc. O director de *Estudos Psíquicos* falou muitas vezes a este microfone, quando se encontrava na Capital Federal.

Agora foi convidado para tomar parte naquele programa, responsabilizando-se por uma rubrica quinzenal intitulada *A Voz de Portugal Espirita*, cujas produções serão lidas por Álvaro da Silva Valente, confrade e patrício amigo, vice-presidente da U. D. J. e activo pioneiro da Causa no Brasil.

A actuação do nosso director começou nos princípios de Julho último e continuará em ritmo perfeito, salvo os imprevistos da condição humana, sendo possível que em 1957 passe a semanal.

A Voz de Portugal Espirita será uma poderosa alavanca de intercâmbio espirita luso-brasileiro. Os resultados deduzem-se fácilmente, não é preciso agudeza de inteligência nem esforço de raciocínio.

Estudos Psíquicos publicará essas crónicas para reforçar o intercâmbio, secundando assim o trabalho de outros obreiros devotados à confraternização entre os dois povos atlânticos.

Noutra página deste número se encontram as primeiras crónicas irradiadas nos meses de Julho e Agosto.

Rádio Guanabara terá brevemente frequência de onda curta, pois já obteve autorização governamental para o efeito. Além disso, é possível que a *Rádio Copacabana*, também do Rio de Janeiro, venha a transmitir o programa em onda longa, média, curta e modulada. Como se vê, a tribuna diária dos espiritas vai ampliando o raio de acção e os confrades portugueses poderão captá-la fàcilmente, cerca das 23.30, hora local, visto que o programa de *Selecções Espiritualistas* é emitido às 19 na Capital Federal.

Oportunamente daremos informações acerca das frequências adoptadas por aquelas emissoras, quer em metros, quer em quilociclos.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

No dia 22 de Julho realizou Isidoro Duarte Santos a sua conferência na sede do Centro Espiritualista Luz e Amor, intitulada «O Homem e os seus Problemas». Duas horas se demorou na exposição do problema das *Actividades Mentais*, começando por estudar o conceito de consciência no pensamento filosófico e explicando como se aumenta ou atrofia a capacidade mental. Falou nos sábios lógicos e nos sábios intuitivos, na telepatia e na vidência, para entrar na actividade intelectual, onde se demorou largo tempo. Falou da moral biológica e da moral industrial e terminou esta parte, afirmando que o bom senso é que distingue os indivíduos e que os fundamentos da civilização se baseiam na beleza moral.

A *estética* mereceu-lhe profunda atenção. Também aqui salientou a acção do progresso moderno como neutralizador da actividade estética, lamentando o vandalismo de certos povos que destroem as suas belezas naturais.

Passou depois às actividades místicas e analisou a sua influência em espíritos de grande cultura e grande actividade.

Notou a desorientação dos espectáculos, entre os quais o cinema, e disse que o abastardamento das actividades morais levava os homens à moleza e à cobardia. Teve palavras de comiseração pela descendência destas almas abúlicas e demonstrou que as multidões jamais impulsionaram o progresso humano.

Demorou-se na apreciação das actividades mentais em paralelo com as fisiológicas e corroborou as declarações de alguns sábios acerca da modificação da personalidade pelo abuso do álcool, das perturbações tireóides e por certas doenças do fígado, estômago e intestinos.

Em seguida e ouvido sempre com atenção pelo auditório, referiu-se à influência das actividades mentais nos vários órgãos e à reacção do meio social sobre elas. Aludiu à disciplina interior, à inteligência, à educação, à rádio, à imprensa, ao futebol e aos programas cinematográficos, modeladores quase absolutos dos estudantes hodiernos e finalizou a sua conferência aludindo às doenças mentais, verdadeiramente perigosas, mais perigosas do que o cancro e a tuberculose, e resumiu a sua análise nesta frase incisiva:

— A personalidade humana dissolve-se minuto a minuto com o progresso da civilização e só o espiritualismo poderá salvar o mundo.

Verdadeiramente exaustivo foi o trabalho do conferencista, cuja exposição decorreu em animado e veemente improviso que todos apreciaram.

ABERTURA DO CENTRO

Os trabalhos do Centro Espiritualista «Luz e Amor» reabrirão no dia 7 de Outubro Domingo, às 16 horas, com uma sessão do grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

CORRIGENDA

O belo soneto que publicámos no número de Agosto (página 252) saiu sem nome de autor. Lapso de mau gosto foi este, de que pedimos desculpa ao poeta Valdemar Santos, de Salvador, Bahia, a quem endossamos a paternidade daquela joia literária.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Destinado ao Fundo Permanente de Beneficência recebemos os seguintes donativos que agradecemos:

Mês de Agosto — Alberto de Almeida Brandão, de Espinho, 10$00; D. Antónia Leyguarda Ferreira, de Lisboa, 10$00; D. Dulce Pereira de Brito, de Entradas, por intenção de dois entes queridos, 15$00; I. S., de Lisboa, 20$00. *Total*, *55$00*.

E. Psiq. - Set°/56

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

br.

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um ... 60$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataque feitos ao Espiritismo ..... 50$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte ..... 25$00
Enigmas da Psicometria ..... 28$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00 50$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte ..... 42$00
Metapsíquica Humana — encadernado ... 40$00
Pensamento e Vontade ..... 26$00
Xenoglossia ..... 32$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo ..... 40$00
Casas Mal-assombradas ..... 50$00
A Morte e o seu Mistério. 3 volumes: 1) Antes da Morte; 2) Durante a Morte; 3) Depois da Morte ..... 140$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos 75$00
Narrações do Infinito ..... 30$00
Stella (romance astronómico) ..... 50$00
Urânia ..... 40$00

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 25$00
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz* 20$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel* ..... 45$00
Brasil, coração do Mundo e Pátria do Evangelho, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 30$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 30$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 35$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha* ..... 30$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo ..... 60$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas — enc. 38$00 ... 26$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 35$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 28$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — enc. 38$00 28$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunhá*, um verdadeiro poema de ternura ..... 28$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido ..... 60$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio* 24$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos) ..... 32$00
Libertação, pelo *Espírito de André Luís* — Enc. ..... 48$00

br.

Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00 ..... 36$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luís*, obra dedicada às pessoas cultas—enc. 55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00 ..... 40$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz* ..... 40$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado ..... 38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz* ..... 45$00
Nos Domínios da Mediunidade, pelo *Espírito de André Luís* ..... 40$00
Paulo e Estêvão, por *Emanuel* ..... 70$00
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 46$00
Pérolas do Além ..... 28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X* ..... 35$00
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00 ... 34$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* 40$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage* ..... 20$00
Voltei, do *Espírito de Jacob* ..... 25$00

OBRAS DIVERSAS

Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 42$00 ..... 30$00
Animismo e Espiritismo, por *Alexandre Aksakof*. Uma das mais belas obras clássicas do Espiritismo ..... 90$00
Às Margens do Mar Morto, por *Osvaldo Polidoro* — Apreciado e discutido romance, que faz parte da chamada *Série do Céu*, constituida por mais de 25 livros, do memo autor ..... 35$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida* ..... 35$00
Barrabás, o Enjeitado, por *J. Herculano Pires* — Um drama oculto por detrás do drama da paixão — A invasão do Templo de Jerusalém e a verdadeira condição de «os dois ladrões» ..... 40$00
Cânticos do Além, poesias mediúnicas semelhantes às do «Parnaso de Além-Túmulo», recebidas pela médium *Dolores Bacelar* ..... 60$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima* — enc. 54$00 ..... 40$00
Dialética e Metapsíquica, pelo *Dr. H. Mariotti* — Esta obra tem a missão de mostrar aos materialistas, cépticos e incrédulos, que a Doutrina Espirita continua a ser a única força científica, filosófica e religiosa, que poderá barrar o presente avanço do materialismo ..... 26$00
Do Calvário ao Infinito, pelo *Espírito de Vítor Hugo* ..... 60$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* enc. 42$00 ..... 30$00
Do País da Luz, extraordinária obra mediúnica recebida por *Fernando de Lacerda*, na qual perpassam grandes escritores por-

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

br.

tugueses fàcilmente identificados pelo estilo próprio. 4 volumes brochados, com cerca de 1.000 páginas ..... 160$00

... **e as águas passaram**, por *Hugo Marchiaverni*—Interessante romance, que emociona e comove pela alta dramaticidade do seu enredo bem conduzido. Representado no *Rádio Teatro* da *Rádio Recorte*, pelo consagrado mestre Manuel Durães — enc. 30$00

Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy* ..... 45$00

Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião* 60$00

Em Torno do Mestre, por *Vinicius* ..... 40$00

Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim* ..... 25$00

Factos, por *António J. Trindade*, um livro impressionante de factos espiritas extraordinários, impresso em óptimo papel ..... 50$00

Felicidade (A) ao seu Alcance, pelo *Dr. Toulouse* — Um verdadeiro compêndio da vida prática, desde a escolha de uma carreira à fundação de um lar e como devemos viver a vida interior ..... 25$00

Filosofia Penal dos Espiritas, pelo *Prof. Fernando Ortiz* (Catedrático de criminologia na Universidade de Cuba) — Obra de raro valor doutrinário, que prova ao mundo estarem os espiritas na vanguarda, no que respeita aos princípios da moderna criminologia ..... 60$00

Funerais da Santa Sé, pelo Espírito de *Guerra Junqueiro* ..... 35$00

Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio* ..... 20$00

Levitação (A), por *Albert de Rochas* ..... 28$00

Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac* ..... 35$00

Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos* —enc. 52$00 ..... 40$00

Mansão (A) Renoir, romance de *Alfredo*, recebido pela médium Dolores Bacelar ... 70$00

Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *E. Manso Vieira* e *B. Godoy Paiva* — Compêndio didático sobre a maneira de se dirigirem sessões práticas. Orientador seguro, baseado nas obras de Kardec e Emmanuel ..... 20$00

Martírio (O) dos Suicidas, por *A. Martins de Castro* ..... 26$00

Mediunidade, *por E. Armond* — Obra de extraordinária síntese e clareza que explica o complexo mecanismo da mediunidade em todos os seus aspectos ..... 40$00

Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac* ..... 35$00

Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Soler* ..... 45$00

No Limiar do Etéreo, por *Artur Findley* — Estudo magnífico acerca dos fenómenos espiritas de «voz directa», com o célebre médium Sloan ..... 30$00

No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance*. Episódios da sua vida ..... 42$00

Nova (A) Revelação, por *A. Connan Doyle* - As primeiras experiências espiritas do autor do «Sherlok-Holmes» e a sua conversão. Obra de grande alcance doutrinário ..... 23$00

O Evangelho à Luz da Astrologia, por *A. Vaz de Melo* — Obra Prima, do ponto de vista da profunda e vasta erudição, atestando a cultura inciclopédica do seu autor 50$00

Outro (O) Lado da Vida, pelo *barão Carl du Prel*. Um livro de luz poderosa sobre a Morte e a vida no Além ..... 28$00

Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00 ..... 25$00

Reis, Príncipes e Imperadores, por *Almerindo Martins de Castro*. Casos históricos de psiquismo, entre eles, alguns passados com reis portugueses ..... 30$00

Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*. Obra nascida de um grupo de padres que estudaram o Espiritismo e se converteram, abandonando a Igreja Católica ..... 50$00

Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00 ..... 25$00

Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista ..... 35$00

Rumo às Estrelas, por *H. Denis Bradley*. Os problemas do Além no verbo de um grande escritor ..... 80$00

Semíramis, por *Camilo Chaves* — Maravilhoso romance da legendária rainha do Egipto e da Babilónia, narrado com invulgar fundamento histórico, que lhe dá indiscutível valor, 1 grosso vol. ..... 80$00

Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente* — Livro muito útil aos directores de sessões espiritas ..... 35$00

Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo* ..... 30$00

Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff* ..... 28$00

Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo médium *G. Vale Owen* — enc. 42$00 30$00

Vida (A) de Jesus, por *António Lima*. Um livro que despertou controvérsia, no qual são expostas inúmeras hipóteses através de estudo adequado ..... 30$00

Voz (A) do Antigo Egipto, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo ..... 28$00

Revista Espirita. Os dois primeiros volumes desta importante revista, fundada e dirigida por Allan Kardec. Uma verdadeira preciosidade, traduzida em Português e encadernada em percalina. Cada volume... 120$00

CORTE E PLISSADO

ENSINAM-SE E EXECUTAM-SE POR CORRESPONDÊNCIA E EM CASA. VENDEM-SE FORMAS

Rua Luís de Camões, 108, 2.º-Direito

Lisboa — Telefone 63 79 99

Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

Sanatório Jesus, de Cruzeiro, para débeis mentais

(Ver pág. 305)

CONTÉM: Pizicato, da **Redacção**; Assistência aos Psicópatas, pelo **Dr. Paulo Hecker**; Enterrados Vivos, por **Henrique Magalhães**; A Verdade e o Tempo, *Conto Espiritualista*, por **Rocha de Sousa**; Ser ou Não Ser, por **Teísta**; Falando com Um Materialista, por **Cirilo Alleixo**; Fotografias Científicas do Corpo Astral, Tradução de **João Correia Vieira**; Ironia, por **Valdemar Santos**; Meu Amigo, Muita Paz, por **Emmanuel**; Deístas Interesseiros, por **Tito L. Bancéscu**; O Semeador — Coração Tranquilo, Recebido pelo médium **Francisco Luciano**; A Divina Trilogia, Recebida pelo médium **Francisco Cândido Xavier**; Ecos de Uma Viagem - XXII - Na Cidade de Cruzeiro, por **Isidoro Duarte Santos**; A Fada Que Corre, por **Suzane Misset-Hopès**; Libertação Verdadeira, por **Leopoldo Machado**; O Encanto de Portugal, por **Paulo Alberto**; A Voz de Portugal Espirita, por **Isidoro Duarte Santos**; Marco Postal; No Limiar do Etéreo, por **Alfredo Miguel**; Solilóquio, por **Manuel Cavaco**; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

17.º ANO OUTUBRO DE 1956 N.º 10

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Liège	*Achille Biquet*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*
Luanda	*Luis de Barros Castro*

Redactor junto à Cruzada dos Militares Espiritas do Brasil ..... **Marechal Mário Travassos**

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Henrique Magalhães e Nelson Baptista de Azevedo*
S. Paulo	*António Pereira Correia e António Baptista Lino*
Campos	*Clóvis Tavares*
Curitiba	*João Ghignone*
Porto Alegre	*José Simões de Matos, Zalmino Zimmermann*
Rio Grande	*Armando O. Couto*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*
Ribeirão Preto	*Dr. José Pereira Bastos*
Belo Horizonte	*António Augusto dos Santos*
Maceió	*Jaime Xavier da Silva*
Fortaleza	*José Borges dos Santos*
Franca	*Dr. Agnelo Morato*
Cruzeiro	*José Zácaro Neto*
Vitória	*Dr. Ayrton Machado*
Passo Fundo	*Ney Vaz da Silva*
Juiz de Fora	*Orville Derby Dutra*
Pelotas	*Dr. Djalma de Matos*
Bajé	*José Ferreira da Mota*
Aracajú	*José Elson Fontes*
Juiz de Fora	*João dos Santos Coragem*
Três Rios	*Acir Faria*
Rio Preto	*Lázaro Camargo Ehmke*
Paranaguá	*René Risental*
Florianópolis	*Osvaldo Melo*
João Pessoa	*José Borges de Sousa*

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ **Não se devolvem originais, sejam ou não publicados**

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), Cr. $100,00 — Ultramar (12 números) moeda equivalente a 70$00 — Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro e da Casa do «Tio Juca», de Salvador, Bahia

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.
ALLAN KARDEC	
Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita	20$00
A Prece	12$00
Espiritismo	15$00
O Principiante Espirita	18$00
O que é o Espiritismo	18$00
O Livro dos Espíritos — enc. 45$00	32$00
O Livro dos Médiuns — enc. 45$00	32$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 45$00	32$00
O Céu e o Inferno — enc. 47$00	35$00
A Génese (nova edição) — enc. 47$00	35$00
Obras Póstumas — enc. 45$00	32$00
Revista Espirita (1.º e 2.º volumes), relativos a 1858 e 1859, traduzidos em português e lindamente encadernados — Cada vol.	100$00
(Seguir-se-á a tradução dos restantes vols.)	
Vade-Mécum Kardequiano	16$00

	br.
LÉON DENIS	
Cristianismo e Espiritismo	50$00
O Além e a Sobrevivência do Ser — Enc.	25$00
O Grande Enigma	30$00
Depois da Morte (nova edição)	50$00
O Porquê da Vida	28$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00	50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 60$00	48$00
El Problema del Ser e del Destino	52$00
No Invisível (nova edição)	52$00
GABRIEL DELANNE	
O Espiritismo Perante a Ciência — enc. 64$00	52$00
A Evolução Anímica	48$00
O Fenómeno Espirita	45$00
A Alma é Imortal	52$00
A Reencarnação	52$00

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

(Continua na 3.ª página de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

17.º ANO | LISBOA, OUTUBRO DE 1956 | N.º 10

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 5 66 05

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. N. do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

PIZICATO

O estudo é o melhor linimento da vida, dizia o Cícero das Catilinárias. É, de facto, o melhor linimento, o melhor suavizador das injustiças e das agruras. Às vezes o sofrimento emerge no mar largo das concepções, porque o homem constrói o mundo a seu talante, para não dizer, à sua imagem. Só estudando, só profundando as questões psicológicas, para delas extrair orientação eficaz, conseguiremos atingir o trabalho em calma.

Há quem sofra ilusòriamente, na sombra da realidade. O que parece injúria é ignorância aplicada à vida. O que semelha egocentrismo, não passa de acção directa no ambiente preparado segundo a idossincrasia humana. A soberbia de um pode ser inconsciente, como a candura de outro. E nós apreciamos as acções, de harmonia com o conhecimento. Por isso o estudo é necessário.

Nem só nas escolas aprendemos a guiar os passos, nem só nas escolas encontramos o reforço mental que enriquece e eleva. Observando se faz estudo, e auscultando e comparando. Repetir o que disseram ou fizeram é ciência infusa, como quem decora um poema. A entonação, a eloquência, a verbosidade pertencem ao criador de melodias ou poesias. É preciso gastar as horas à laia de garimpeiro, vigiando os sectores prolíficos, não perdendo um só minuto. Nele pode estar o tesouro da pesquisa acurada.

Séneca deixou-nos grandes pensamentos e um dos maiores foi aquele, no qual dizia que o estudar era bom consumidor do tempo. Salvava-nos do próprio fastio e do fastio de outrem. O trabalho distrai, alegra, fortifica. Vai-se erguendo a obra à medida que o estudo cresce. A vida assume aspectos miraculosos, no sentido da facilidade expressionista. Voga-se em mar largo ou rio tranquilo e sempre a harmonia a exaltar o rumo e o entusiasmo a envolver as realizações.

O expectante não é, rigorosamente, estudioso. Limita-se a observar. O estudioso procura o filão, transforma-se em mineiro operoso, escolhe a pepita e abandona a escória, que serve àquele, se lhe cai nas mãos.

Dizem que a ventura se baseia no saber. Mas, quanto mais sabemos, menos venturosos nos julgamos. Quer dizer que é parca a sabedoria terrena e que a felicidade verdadeira está mais no projecto, que no edifício. Ou então, que a sabedoria não pertence ao homem contemporâneo. É coisa em que se fala, que muito se admira, que se venera em livros e monumentos, depois de emudecerem os sábios e o tempo engrandecer as obras, cuja perspectiva melhor se vê ao longe do que ao perto.

Chesterfield dizia que o néscio é teimoso e nunca duvida. Tudo conhece, menos a sua ignorância. O judicioso duvida muitas vezes e não poucas muda de parecer antes de agir.

Há néscios que lêem muito e sabem pouco. Fazem lembrar os comilões que não engordam e que Montaigne catalogou com mão de mestre.

Estas palavras são genéricas, não se referem a quem quer que seja. Como são raros os que estudam, lembrámo-nos de falar nisto. Talvez algum se disponha a estudar para saber o que não vale e se amerceie do que julgava ter e não tem.

Enquanto se dorme, não se erra. Que valerá um cadáver no mundo filosófico? Se não existe, não tem mérito nem demérito. É coisa abstracta, sem valor intrínseco.

As manifestações vitais têm a mesma grandeza e o mesmo nível. Cada um é que as caracteriza na medida de seu interesse.

Quanto mais se estuda, melhor se observa, melhor se compara. Sem estes predicados, o homem não será homem. Será um verbo defectivo. E o que é preciso é conjugação integral.

ASSISTÊNCIA AOS PSICÓPATAS

Pelo Dr. PAULO HECKER
(Correspondente em Porto Alegre)

Tese aprovada pelo 2.° Congresso Espirita do Rio Grande do Sul, com louvor especial, em Outubro de 1951

3.°

A NOVA SEDE

As deficiências das primeiras instalações obrigaram a construção de grandioso edifício, moderno, dotado dos melhores aperfeiçoamentos, cuja primeira ala tinha capacidade para 120 doentes, fora o grande número de peças necessárias para o serviço interno, tendo este ano sido inaugurada a segunda, com acomodações para mais 58 enfermos.

TESTEMUNHO VALIOSO

O Dr. Prof. Adauto Botelho, Director Geral da Assistência a Psicópatas do Brasil, quando da sua visita de inspecção a este nosocómio, em 1944, deixou escrito no livro de impressões esta valiosa opinião: — «Com grande prazer e satisfação profissional visitei o Hospital Espirita, para o que não posso esconder palavras de louvor para o trabalho médico que vem realizando e pela assistência humanitária a que se dedica. Que o Hospital Espirita continue sempre nesta trilha para que também os seus dirigentes possam merecer sempre os elogios a que fazem jus, fazendo a medicina dentro da lei e a bondade emanada do coração e do altruismo».

Este parecer é consagrador por partir de um cientista não espirita sobre cujos ombros pesa a enorme responsabilidade do seu elevado cargo de técnico-chefe, ao dizer sobre um estabelecimento que não tem o bafejo oficial, por isto prescinde-se de citar outras referências elogiosas proferidas por médicos ilustrados e outros visitantes de renome, inclusive vários intelectuais, e que constam do livro citado.

O Hospital Espirita goza do melhor conceito nos meios científicos e espirituais do Brasil, e mesmo do estrangeiro — Portugal e Argentina — onde já é sobejamente conhecido. Foi o que até aqui se pôde fazer.

O QUE PRETENDE REALIZAR

O director do hospital, Dr. Pedro Rosa, a este propósito forneceu-nos os seguintes dados integrantes de uma planificação completa que está projectada:

a) «Criação de serviço aberto integrante do grande movimento realizado em prol da profilaxia mental. Isto representa um progresso considerável na assistência psiquiátrica. Preenche lacuna sensível, e leva a prestar tratamento eficaz a toda uma categoria de psicópatas que será grandemente avantajada, pois permite terapêutica precoce para numerosas perturbações psíquicas.

b) Criação de serviços de ambulatório com o fim de assegurar consultas externas que tenham papel de indagação e de tratamento.

c) Criação do serviço social, que se comporá de médicos e assistentes sociais especializados, cujo trabalho é múltiplo no Ambulatório e no Hospital, desde a entrada, durante a permanência, e após a saída do doente. É um serviço que está em relação com o de *post-cura*.

Realizará dentro da mais moderna técnica a unidade de Assistência Psiquiátrica com o Hospital Especializado Central e os serviços anexos de Ambulatório e Assistência Social.

d) Criação do Serviço de Higiene Mental. O campo de higiene mental é vastíssimo e provoca, com a psicoterapia, grandes resistências pela parte dos indivíduos atingidos de um mecanismo patológico».

Deverá essa profilaxia ser exercida prudente e pacientemente, orientada por pessoas capazes e que nunca, seja qual for o caso, desçam à violência.

«É das tarefas principais da higiene mental, avivar a compreensão do homem simples,

para lhe permitir de cientificar-se do aspecto supersticioso de sua filosofia e corrigi-la».

«O homem supersticioso representa a percentagem principal entre os nervosos. Ele põe sua superstição ao serviço de sua nevrose. Devido à sua falta de equilíbrio psíquico, é incapaz de proteger-se contra as doenças físicas e mentais. Em caso de moléstia, só dificilmente poderá activar a auto-cura...».

A higiene mental exercerá influência salutar de ajuda para sanar tais faltas, como para excluir a possibilidade de renovação dos males inicialmente produzidos por traumas psíquicos, dissipando recalques e sentidos errados do pensamento.

Iluminando-se por dentro das imaginações, as falsas ideias alvoroçam, porque a escuridão só permanece enquanto a luz não chega.

MOVIMENTO DE ENFERMOS DO HOSPITAL ESPIRITA

Para que se observe o trabalho mantido nos últimos dezoito anos de vida hospitalar, em vez de exposições, recorre-se à eloquência dos números com a transcrição do quadro seguinte:

Ano	Tratados	Curados	Melhorados	Percentagens dos Curados e Tratados
1933	39	5	11	12,8
1934	32	7	19	21,9
1935	62	8	30	12,9
1936	78	20	25	25,6
1937	57	10	39	13,5
1938	74	10	39	13,5
1939	76	14	39	18,4
1940	36	4	15	11,1
1941	60	13	22	21,7
1942	86	31	38	36,0
1943	84	50	25	59,5
1944	104	49	40	47,1
1945	139	74	46	53,2
1946	166	102	43	61,4
1947	164	110	41	66,2
1948	175	114	47	64,8
1949	195	103	75	52,8
1950	166	113	36	68,0
	1.793	837	623	

RECEITA E DESPESA DO HOSPITAL

O quadro abaixo põe de manifesto não apenas a marcha crescente do movimento hospitalar, mas, e acima de tudo, a importância e vulto das quantias recebidas e dispendidas, mostrando como as responsabilidades aumentam à medida que o tempo passa. Eis os números:

Ano	Receita	Despesa
1933	Cr$ 45.917,40	Cr$ 47.034,14
1934	Cr$ 58.454,30	Cr$ 51.887,60
1935	Cr$ 80.232,50	Cr$ 75.970,80
1936	Cr$ 101.266,40	Cr$ 87.252,10
1937	Cr$ 133.118,90	Cr$ 134.554,20
1938	Cr$ 150.217,50	Cr$ 144.080,60
1939	Cr$ 132.304,40	Cr$ 134.995,10
1940	Cr$ 114.807,60	Cr$ 106.405,90
1941	Cr$ 225.799,30	Cr$ 211.063,90
1942	Cr$ 312.825,50	Cr$ 282.785,80
1943	Cr$ 410.875,20	Cr$ 398.712,90
1944	Cr$ 499.142,20	Cr$ 477.943,20
1945	Cr$ 781.812,90	Cr$ 661.534,10
1946	Cr$ 950.888,80	Cr$ 914.271,20
1947	Cr$ 1.295.140,10	Cr$ 1.148.420,00
1948	Cr$ 1.685.366,10	Cr$ 1.428.692,50
1949	Cr$ 2.135.736,20	Cr$ 1.711.227,90
1950	Cr$ 1.787.375,00	Cr$ 1.450.490,20

A inclusão dos dados relativos ao Hospital Espirita no corpo desta tese tem por fim levá-los ao conhecimento dos espiritistas riograndenses que o amparam, porque se deixaram tocar pelo desejo benéfico de influir salutarmente na cura dos insanos, venham de onde vierem, sem distinções de cores, raças e crenças, consentindo em serem envolvidos pela verdade de que o postulado cristão de amor concretizado em caridade deve viver em seus corações, para que se reflita nos actos comuns de cada dia, mais que nos princípios ensinados pela Doutrina Espirita. Tudo com o escopo de pôr em foco a realização da assistência aos psicópatas através do prisma da acção social do Espiritismo, efectuada com segurança pelo nosso Hospital, dentro das leis humanas e divinas.

OBRAS ASSISTENCIAIS

No Brasil, o Espiritismo é fértil em organizações caritativas. As sedes das sociedades espiritas são até pelos seus detractores chamadas de casas de caridade. Nenhuma, porém, sobreleva em importância, pela extensão dos enormes serviços que presta à colectividade, à de assistência aos psicópatas.

É triste a perda do senso e o subsequente desaparecimento das condições normais de defesa na vida, e de domínio sobre si mesmo, pela impossibilidade de escolha livre e consciente. Por isso, nada mais grandioso e estupendo que contribuir para a cura dos obsessos ou alienados, por todos os meios adequados, dando cada um tudo que couber em suas possibilidades.

Que fortuna a de uma família que vê regressar ao próprio convívio um de seus mem-

bros que fora um doente mental completamente restabelecido, depois de um estágio hospitalar onde lhe tenham sido ministrados os processos que o curaram e o devolveram à normalidade!

O Hospital Espirita de Porto Alegre deve ser carregado aos ombros pelos espiritistas riograndenses, não porque se empolguem com a excelsitude da obra feita, mas porque desejem colocar-se ao serviço dos desafortunados, por compreenderem que não existe prazer maior que o de transfundir a própria alma na alma dos outros.

Os espiritas conscientes e esclarecidos mantêm-se vigilantes por discernirem que mais se pedirá ao que mais tiver, e se preocupam de preferência com o espírito visando precìpuamente a saúde mental antes que o bem do corpo. Daí a necessidade de pôr em relevo quanto nessa directriz se tem feito e se pode fazer no campo espirita.

IDEAL DE BENEFICÊNCIA

A felicidade está sempre em dar, e muito raramente em receber. Entre o que recebe e o que dá, sem dúvida, quem medeia na lei é o último, ficando ao primiro a simples função de instrumento. Os beneficiadores servem a Deus quando distribuem mercês aos seus pares, enquanto que os que foram alvo da acção benfazeja limitaram-se apenas a ver satisfeita uma necessidade imediata. O benfeitor aproximou-se de Deus por se ter solidarizado com o infortúnio alheio, atendendo-o; ao passo que o que lhe recebeu o benefício, por louvável e justo que sejo o acto filantrópico praticado, sòmente se avantajou por servir de trampolim ao filantropo que se deslocou para o Alvo. O favorecido só se avantajará, se pelo reconhecimento sincero for conduzido à senda.

É certo que a gratidão eleva os favorecidos, mas é não menos inequívoco que a ocultação humilde na prestação do auxílio projecta os bons para o seu destino. É mais fácil ser grato, até por interesse, que ser humilde e abnegar-se sem testemunhas, ainda que egoìsticamente se pretenda o deslize de transaccionar com a Divindade.

O ideal caritativo reside em conseguir que o que dá fique na posição do que recebe, para que sobre a este a situação daquele. Quem divide o que tem com sacrifício pessoal serve a Deus, e os que foram aquinhoados na partilha, lucraram, servindo-se a si mesmos.

Dar é um acto activo e pode integrar atitude virtuosa. Receber é passivo e não será virtude senão excepcionalissimamente, e pode dar ocasião a situações viciosas.

Devotar-se alguém por um inconsciente, dando-lhe o melhor do seu amor e toda a capacidade de discernir, é altamente meritório e enobrecedor, podendo ter a magia de alçar o seu autor aos páramos de luz.

Os Mensageiros Divinos comprazem-se em assistir tais pessoas que souberam colocar-se entre os necessitados e o Cristo, como traços de união luminosos, tudo envidando para mediar na prática do bem. Os Espíritos de Luz estão sempre prontos para interceder nos actos humanos de caridade, porém preferem fazê-lo por intermédio de máquinas hábeis e solícitas.

Os homens bons podem, como disse Jesus, fazer o que Ele fazia e conseguir resultados ainda maiores que os que Ele alcançava, pelo simples motivo de que não sendo clarividentes nem Mestres da Criação, arrojam-se às empresas boas, conseguindo impossíveis, mormente se os necessitados atendidos tiverem fé.

HARMONIA DAS LEIS

O resgate das culpas é fatal e imutável, não sofre derrogações, porque o perdão na acepção de esquecimento das faltas não existe. Configura-se, entretanto, no sentido de que o faltoso terá oportunidades quantas necessitar para reparar o mal feito. As leis do resgate e da reparação são contíguas, a primeira termina onde começa a segunda.

Se os sofrimentos são justos e representam a realização de desígnios sábios, inevitáveis e certos, como explicar a acção salutar do magnetismo curador pondo fim a uma odisseia dolorosa?

O aparelho de Franklin não evita a queda do raio, antes pelo contrário, precipita-a através de um conduto que o leva à terra. Entanto, uma determinada circunferência, proporcional à altura do aparelho, fica por ele protegida, e fora da acção destruidora da faisca eléctrica o que nela se contiver. Da mesma forma, o médium não evita a efectivação da lei de causalidade, mas pode apressá-la, favorecendo-lhe a terminação, pelo empréstimo de vitalidade, como pelo alvitrar de um rumo novo, ou indicação compreensiva de uma orientação segura.

A melhor mediação concebível está em funcionar o médium como um pára-raio que desvie o mal dos que se colocaram sob sua benéfica influência e garantidora protecção.

ENTERRADOS VIVOS

Por HENRIQUE MAGALHÃES

Fala-nos «André Luiz» nalguns de seus livros magistrais que em regiões próximas da Terra há zonas a que poderemos chamar «infernais», tal a precária situação de seus habitantes. Estas afirmações são tão apavorantes, que alguns intelectuais julgam tratar-se de simples divagações.

A nossa opinião é diametralmente oposta. Acreditamos nas revelações transmitidas ao orbe por aquele iluminado espírito, tal a luz que vem espalhando, entre os irmãos encarnados.

Não precisamos de ir muito longe para comprovar, por analogia, as assertivas de André Luiz. Aqui mesmo, na Terra, os exemplos são vastíssimos. Basta lembrar os processos de tortura da idade média, usados pela Santa Inquisição. Milhares de criaturas apodreceram nos subterrâneos de Roma, em França e em Espanha, condenados por juízes desalmados. Eram tão infames esses processos, que o Marquês de Pombal, grande estadista da época, houve por bem expulsar de Portugal os jesuitas, cortando pela raiz o grande mal que assolava o país.

Mais recentemente temos a amostra dos processos terrificantes dos nazistas, eliminando, por processos odiosos, os infelizes judeus e outros irmãos que não perfilhavam as suas ideias.

Para confirmar as notícias transmitidas transmitidas por «André Luiz», nesse particular, não precisamos, no entanto, divagar pelo passado, trazendo à tona casos sepultados pelo tempo.

As leis de Causa e Efeito, em suas manifestações espontâneas, nos mostram, ao vivo, a existência de infernos individuais.

Em verdade, que dizer de um paralítico, condenado a passar o resto da vida preso a um catre? E também de um canceroso, morfético ou tuberculoso, perpetuamente supliciado?

Deve ser horrível tal expiação!

Em determinado asilo de velhinhos de ambos os sexos, no Rio, deparamos com inúmeros exemplos dessa natureza. Alguns, sem pernas, arrastando-se pelo chão. Outros, paralíticos, mal se podendo mexer.

Um infeliz lá esteve longo tempo, até findar os dias, neste Orbe, constantemente com a língua de fora, cujo tamanho deveria andar entre oito e dez centímetros. Nunca vi ser humano com língua tão avantajada. Acompanhando esse terrível defeito, um filete de saliva lhe escorria constantemente, molhando-lhe a roupa.

Esse irmão foi ao Padre António, o extraordinário médium curador de Urucânea, Estado de Minas Gerais. Durante dez dias manteve essa criatura a língua em estado normal, mas, no décimo primeiro dia, voltou ao suplício antigo.

Alguém comentou certo dia: «Coitado do pobre homem! Quantas calúnias teria levantado contra seus irmãos, em vidas outras»...

Silenciámos, ao lembrar que aqueles comentários nos causam prejuízos morais.

Outra criatura que penou nesse Asilo quebrou primeiro a perna esquerda. Encanaram-na, mas sem resultado. Tempos depois quebrou o braço, do mesmo lado, ficando impossibilitada, não só de andar, como, também, de movimentar aquele braço. A seguir veio a cegueira, acompanhando a dupla infelicidade.

Que faço eu no mundo? — gemia a infeliz!

Mas está escrito: «Pagarás até o último ceitil». E os dias, meses e anos passavam e a doente ia curtindo as dores e, naturalmente, os desvios do passado, até que o anjo da morte dela se apiedou, carregando-a em seus braços.

O que mais nos tocou o coração, no entanto, foi a sua longa existência, imobilizada no leito, mais parecendo um cadáver.

Nenhum de seus membros se mexia. Todo o corpo era um amontoado de membros e carne morta, sem a mínima expressão de vida. Sòmente os olhos, sempre vivos e remexendo-se em suas órbitas, revelavam um ser vivente.

Quantas vezes, em nossas visitas, lhe enxotámos as moscas por estarem fazendo pasto em seu rosto patibular, sem que ela pudesse afugentá-las!

A pobre tudo sofria, sem poder mexer os braços, as pernas ou o pescoço. Nada, nada, nada!... E também sem murmurar!

Santo exemplo de conformação!

Desencarnou em 1951. Deus ilumine o seu espírito.

Verdadeiramente, este e outros casos semelhantes podem denominar-se de «enterrados vivos», ou, também, de «múmias», segundo as expressões de «André Luiz».

Estes tristes exemplos servem para as nossas meditações. Quantas pessoas há que, embora gozando relativa saúde, nunca estão contentes com a sorte! Façam as tais comparações entre seus males, às vezes imaginários, e a terrível prova desta criatura, e analisem se há motivos para se lastimarem.

Em tuas orações, amigo leitor, roga a Deus conceda resignação e paz de espírito a todos os irmãos que se acham nos hospitais e algures, a fim de auxiliá-los nas peregrinações punitivas, na marcha evolutiva de seus espíritos.

A VERDADE E O TEMPO

(CONTO ESPIRITUALISTA)

Por ROCHA DE SOUSA

Viviam num casebre sujo e arruinado nos subúrbios de uma cidade. Ela era esquálida, feia, de longos cabelos descoloridos e olhar parado.

Ele era baixo e gordo, olhos pequenos e rosto vermelho. Andava de um modo estranho, grosseiro, e gritava muito todas as noites...

Começava a gritar logo que chegava da fábrica. Quase sempre batia na mulher. Partia qualquer coisa, agarrava numa côdea de pão seco e saia repentinamente.

Ela ficava sòzinha em casa, chorava em silêncio durante alguns minutos e por fim levantava-se devagar. Esfregava maquinalmente a perna dorida das pancadas e recomeçava a arrumar a mobília suja.

Ele voltava sempre à noite.

Ela esperava-o de cabeça baixa, toda encolhida no seu canto, sem dizer palavra...

A porta abria-se quase sempre com estrondo e aquele corpo atarracado, informe, recortava-se por momentos na luz pálida que vinha do exterior. Gargalhava baixinho, os seus olhos pequenos faiscavam na sombra e acabava por fechar de novo a porta.

Ela encolhia-se mais no seu canto, baixava mais a cabeça e ficava escutando os movimentos dele na escuridão. Os passos soavam pesadamente na atmosfera acanhada, enquanto as pancadas roufenhas de um velho relógio de parede marcavam, numa cadência sempre igual, os segundos, os minutos, as horas; horas longas, dolorosas, iguais...

Por fim ele começava a gritar e a chamar por ela em altos brados. Batia furiosamente com os punhos no tampo da mesa e chamava em voz rouca, arrastada, cheia de excitações na pronúncia...

Uma voz débil e resignada respondia-lhe do fundo:

— Estou aqui...

Ele gritava de novo:

— Traz luz...

Ouvia-se um leve rumor na quietude momentânea do ambiente, por vezes um estalido das articulações já afeitas a uma posição anormal e acabava por surgir a luz breve de um fósforo. Depois o candeeiro de petróleo acendia-se e mão trémula transportava-o para a mesa.

Um gargalhar baixinho e satisfeito acompanhava esta operação.

Ela escutava-o em silêncio, acobardada, resignada, punha o candeeiro perto dele e afastava-se de novo para o seu canto. De lá, ficava a contemplá-lo fixamente; de um modo vago, distante, via-o esvasiar o conteúdo de uma garrafa escura em tragos longos, sôfregos, desesperados...

Na parede, o velho relógio que pertencera à mãe dela, continuava lentamente, a marcar o tempo com o seu bater cansado e monótono.

Depois ele esticava os braços, atirava a garrafa para o chão com um gesto largo e levantava-se penosamente. Apoiava-se à mesa, olhava em redor com uma expressão diabólica no rosto vermelho e fitava-a durante algum tempo. Os seus olhares cruzavam-se na obscuridade da casa. Os seus corações batiam animados por sentimentos opostos. Os seus espíritos afastavam-se um do outro numa marcha fatal...

Ela chegara a pensar que poderia matá-lo de noite, mas teve medo de qualquer coisa. Acreditava em Deus e não compreendia por que era tão tristemente abandonada.

A miséria, a dor física, a dor moral, o sofrimento, faziam-na desesperar. Mas depois regressava ao seu mutismo, à sua resignação, e continuava a sofrer, enquanto os dias e as noites corriam limitados em parcelas de tempo pelo bater cadenciado do velho relógio de parede...

Quando a manhã rompia e o galo cantava dos lados do campo, ele arrastava-se para fora do leito e começava a tactear a roupa, as botas, os utensílios de que queria servir-se. Praguejava a meia voz quando os não encontrava e ela então ia abrir uma pequena janela que parecia ter sido talhada na parede.

★

Já estava levantada àquela hora, preparando uma água suja a que chamava café. O marido acordava quase sempre com o cantar do galo ou com a tosse dela, aquela tosse irritante que ele fazia calar com uma bofetada.

O corpo obeso e informe resfolegava ainda durante algum tempo sobre a enxerga e erguia-se depois cambaleante. Abeirava-se de uma bacia, molhava o rosto em água fria e limpava-o num avental da mulher, que servia de toalha... Depois bebia o café de um trago, olhava em redor como que a arranjar um pretexto para gritar e por fim saía, fechando violentamente a porta. A mulher ficava durante muito tempo a olhar para as tábuas esburacadas da entrada. Conservava-se quieta, calada, com aqueles seus olhos negros e mortiços, presos nas nesgas de luz que se coavam através das frinchas da porta... Depois deixava-se cair sobre uma cadeira de tábua e as lágrimas rolavam-lhe pelas faces macilentas e perdiam-se ao canto da boca.

O galo cantava de novo. Depois soava o apito da fábrica. Era um som pungente, mas nem por isso menos autoritário.

No silêncio da manhã, ainda com a Natureza mal desperta, ouviam-se as botas dos trabalhadores que iam para o campo, a bater pesadamente no cascalho do caminho. Um ou outro pássaro começava a cantar nas árvores próximas. O mundo acabava de despertar para mais um dia de luta e sofrimento. E o Sol, acima do horizonte, iluminava a todos com a mesma luz intensa, poderosa, cheia de verdade!

E ela sentia-se mais cheia de coragem. Não a iluminava o sol do mesmo modo que aos outros? Não era ela também um ser humano com os mesmos direitos que os outros?

Era. Sabia que era!

Assim, animada por esse pensamento que a fazia viver na expectativa de uma vida melhor, mais tranquila, recomeçava maquinalmente a arrumar os móveis velhos, a fazer um almoço precário...

Ao meio dia ele voltava.

A fome não o deixava barafustar. Comia furiosamente o que a mulher lhe dava e, no fim, ficava a limpar os dentes com as unhas sujas ou a limpar os lábios grossos com as costas da mão. Depois levantava-se da mesa, arrotando, atirava à mulher qualquer palavrão e saía. Ela ainda o ouvia lá fora praguejar contra o vento, contra o sol ou contra a chuva. Quando os passos dele se afas-

tavam de todo, o silêncio da Natureza tornava a povoar o ambiente de uma nota de sublime tranquilidade. E ela, sentada na soleira da porta, olhando essa tranquilidade e o casario do burgo imenso que se erguia ali perto, aprendeu, no silêncio pesado da sua alma, a distinguir a beleza estável da obra do Criador, da beleza transitória e aparente das obras do homem. Era ignorante, era feia, era desprezada, mas qualquer coisa dentro dela sabia sentir. E tornava a olhar para as plantas, para o céu, para as montanhas que se erguiam ao fundo; em tudo julgava ver uma paz imensa, ilimitada, verdadeira. Nessa Natureza que a abrigava como aos outros, sentia-se bem, sentia-se protegida, amparada, cheia de uma felicidade muito sua.

Depois olhava para a cidade. Tudo nela parecia activo, febril, agitado, pecaminoso. A chaminé da fábrica onde o marido trabalhava erguia-se para o céu numa massa alaranjada. Dela jorravam rolos de fumo que se diluiam lentamente na atmosfera; pareciam legiões de humanos tentando conquistar a amplitude imensa do Universo. Mas sempre que o tentavam, caíam num abismo de impotência.

E ela continuava a odiar o marido enquanto olhava para a chaminé, para o fumo impotente, para a cidade cinzenta. Sentia-se presa a esse mundo efémero, vil e sujo, por causa daquele homem nojento que a atormentava dia e noite. Uma tristeza mórbida vinha instalar-se poderosamente no seu espírito e assim permanecia até à tardinha.

Voltava para a sua prisão...

Quando o apito da fábrica soava de novo na atmosfera, a fechar mais um dia de trabalho, ela ia aconchegar-se no seu canto, esperando resignadamente o regresso do marido e a sua hora de sofrimento.

Depois ele regressava com a mesma embriaguez, com a mesma sensualidade de animal...

As horas tornavam a correr com a mesma lentidão. O sofrimento tornava a ser rigorosamente contado pelas pancadas roufenhas do velho relógio que pertencera à mãe dela...

★

Naquele dia ele não voltou...

Ela esperou-o durante toda a noite, encolhida no seu canto, sem que ele voltasse.

Sentiu-se feliz.

Mas no outro dia também não apareceu...

Então foi à cidade e disseram-lhe que ele tinha sido encontrado morto numa travessa escura. Tinha sido assassinado. Que fosse à polícia saber pormenores.

Ela não foi.

Voltou para casa a tossir mais. Sentia que ia morrer. Não tinha forças, não podia sofrer mais; a doença matá-la-ia.

Foram encontrá-la morta uma semana depois.

No casebre escuro e fétido não havia uma única fatia de pão. Algumas teias de aranha pendiam do tecto esburacado. Moscas esverdeadas começavam a disputar aquele

Duas vidas, dois ciclos evolutivos...

rosto macilento que chorara tanto. A porta que o marido dela tanta vez tinha feito estremecer com violência, gemia agora levemente, sacudida de quando em quando pela brisa que vinha da Natureza...

★

Sim, e ela, para além daquele mundo efémero que a retivera por tanto tempo, sentia-se agora tranquila e descansada! Agora, que já deixara de ver o seu triste albergue, que já deixara de ver a cidade cinzenta e a chaminé da fábrica, sentia-se bem; sentia-se naquela vida melhor e mais ampla com que sonhara tanta vez, naquelas tardes em que contemplava tristemente a Natureza. Nessas tardes monótonas, nostálgicas, em que deixava o seu corpo na soleira da porta e o seu espírito voava por mundos desconhecidos, imaginara muita vez, sem ainda compreender bem, aquele lugar de paz, de nada, de vácuo, em que se encontrava.

Sentia agora pena do marido. Ele morrera, coitado!... E ela continuava viva, cheia de vigor, de força... Já não estava doente, já não tossia... Libertara-se de tudo isso...

E continuava a pensar... Pensava, pensava muito nele...

A certa altura, quando caminhava por um lugar solitário e sem forma, descobriu a figura do marido. Estavam os dois frente a frente, no meio de um horizonte sem obstáculos, mas ele não a via... Tinha olhar desesperado e ansioso, como se pressentisse a chegada de um amparo e não o encontrasse. Cambaleava no espaço vazio. Jogava as mãos à cabeça, desesperada, e tentava falar, mas não podia...

Sentiu medo de vê-lo assim. Estava medonho. Nunca o vira tão feio, tão horroroso...

Ia caminhar para ele, mas quedou-se repentinamente.

Pensava: por que via o marido, se ele já morrera?

Ficou a olhar em volta, meditabunda. Nunca sentira tão grande confusão. Lembrou-se então de que tivera fome, de que tossira muito e de que deitara sangue pela boca.

Desesperada, exclamou para ele:

— Morri!

Não ouviu a sua voz; sentiu que ela já ia pelo espaço fora, que se perdia muito ao longe, mas não a ouviu como dantes. Tudo era silêncio à sua volta!

O marido pareceu receber essa mensagem dolorosa que ela lhe mandara: apalpava-se, ansioso, como que a procurar o seu corpo.

E ela agora via-o cada vez mais longe. Sentia uma profunda angústia e afundava-se cada vez mais. Sentiu-se mais uma vez presa a qualquer coisa poderosa que a controlava, que a libertava, que a tornava a prender...

Continuava a cair, a cair... Era como naqueles sonhos em que acordava repentinamente, depois de ter caído de grande altura, de altura incomensurável...

Viu trevas. Perdeu a consciência do tempo, perdeu a consciência de si mesma...

★

Quando o seu espírito se iluminou de novo e pôde raciocinar, sentiu-

-se rodeada de gente. Nos abismos sombrios da sua memória, havia a visão de um homem gordo, de olhos pequenos e rosto vermelho...

Mas raramente pensava nisso. Apetecia-lhe muito mais pensar na sua boneca, vesti-la, ministrar-lhe todos os cuidados e dormir com ela para se sentir longe dessa visão.

De manhã, levantava-se cedo. A criada ajudava a sua mãe a penteá-la, a lavá-la e depois ia passear para o jardim. Gostava imenso de ver as árvores, as flores, o céu... Era tudo tão belo!

Sentava-se no portão do jardim e ficava a contemplar a serra longínqua; era tão linda, tão distante! O seu coração pequenito pulsava mais violentamente quando olhava para essa mancha azul que dominava o horizonte... E sentia vontade de chorar, uma vontade imensa, poderosa, a que não podia resistir.

A serra! Era tão bela a serra!...

E as flores e as plantas e o céu... era tudo tão belo!

Começava a chorar. Não chorava como as outras crianças. Chorava baixinho, em silêncio, com a boneca nos braços e o olhar preso aos campos, à serra longínqua, à Natureza tranquila...

★

Um dia o pai levou-a à cidade, que ficava distante mais de uma légua. Foram no automóvel. Ela gostava muito de ir ao lado do pai, de vê-lo olhar em frente e conduzir com firmeza pela velha estrada cheia de pó. Mas nunca fora à cidade... Sentia-se contente, visto que o pai lhe concedera agora esse privilégio. Além disso também estava ansiosa por ver o novo criadito para o jardim, que o pai ia buscar à cidade. Ela queria um amigo com quem pudesse brincar e olhar para a serra nas longas tardes de Verão.

E a cidade acabou por surgir ao longe, cheia de casas, de telhados, de chaminés, de fumo cinzento...

Ela sentiu que qualquer coisa dentro de si repelia com força esse conjunto que nunca vira. Não gostou. Irritavam-na particularmente aquelas coisas compridas que deitavam fumo e aquele apitar constante dos vagões das fábricas, dos motores, da mecânica em que trabalhavam milhares de homens...

Pediu ao pai que voltassem para casa. Ele sorriu e disse-lhe que ainda não. Tinha muito que fazer.

Ela fechou os olhos e pensou em dormir, mas continuava a ver o fumo, as casas, as chaminés; e, lá muito ao fundo, de um modo vago, incaracterístico, a figura grotesca daquele homem pequeno e vermelho que nunca lhe saía da cabeça...

Mas acabou por adormecer...

Quando acordou novamente, viu que voltavam para casa. O carro seguia lentamente pela estrada tão sua conhecida e o pai, a seu lado, conduzia com aquela atenção que ela gostava tanto de ver. Chamou por ele:

— Paizinho...

— Olá! — disse ele fitando-a momentâneamente. — Já dormiste tudo? Sabes quem vem ali atrás? O nosso criadinho novo...

Ela sentiu um baque de alegria no coração. Voltou-se para trás e debruçou-se no banco.

Um rapazito de grandes olhos negros e corpo franzino, fitava-a timidamente...

Ela deixou-se escorregar para a sua posição anterior e começou a chorar muito.

O pai parou o carro e perguntou-lhe o que acontecera.

O dedito trémulo da filha apontou para trás e a sua vozita soluçante articulou amedrontada:

— É ele... é o homem gordo e vermelho... Não quero, não quero! É o homem de olhos pequenos...

★

O tempo continuou a correr lentamente.

Era agora uma senhora e já não tinha medo do jardineiro que era também um rapaz forte, com uns olhos muito expressivos. Era mudo de nascença. O pai tivera dó dele e contratara-o. Ele fora sempre muito dedicado à casa durante todos aqueles anos e a família tinha-lhe uma especial afeição.

Ninguém o compreendia. Era taciturno, parecia sofrer muito e muitas vezes iam encontrá-lo a chorar. Perguntavam-lhe por gestos se se sentia mal, mas ele meneava a cabeça. Não sentia nada.

Só a menina da casa parecia saber confortá-lo. Só ela!

Passavam longas horas a falar por gestos, a olhar para os campos, a fundir num só os seus corações ainda jovens.

Ele, no seu mundo de silêncio, amava-a muito. Ficava a contemplá-la longamente e depois abanava a cabeça com uma profunda tristeza.

De que servia amá-la? De que servia vê-la assim, tão bela, tão pura, tão humilde, se não podia amá-la por completo?

Sentia desejos de a agarrar, de a estrangular nos seus braços desesperados. Era um desejo estranho, muito fundo, vindo do mais recôndito da sua alma... Percebia que não estava em si, que qualquer coisa de sobrenatural o impelia para aquele amor, para aquele mundo de sentimentos estranhos, mas não podia resistir. O seu olhar revelava o que se passava em si.

E ela percebia.

Também gostava muito dele. Via-o privado da fala e sentia o sofrimento em que ele se debatia. Via-o a querer comunicar-lhe o seu amor, os seus sentimentos, mas reparava que, afinal, as suas mãos desenhavam no ar sistemas incompreensíveis de escrita. Era uma alma a querer fugir da matéria imperfeita, da matéria insuficiente, da prisão dolorosa em que se encontrava.

E então ela contemplava-o com imensa piedade, com imenso amor. Qualquer coisa a impelia para aquele homem que vivia a seu lado, mudo, solitário, taciturno...

★

Os anos continuaram a correr, marcados pela cadência dos dias e das noites.

E um dia o jardineiro morreu...

Morreu numa noite fria e chuvosa de inverno.

Ela correu ao quartinho sombrio em que ele vivia e foi encontrá-lo muito quieto sobre a cama.

Lá fora, no jardim, a chuva ainda caía do céu perdacento...

Ela acariciava as mãos frias do mudo e olhava-o profundamente. Pensava no amor delicado, oculto, sublime, que os unira por tanto tempo. Ele ali estava calmo, calado, confessando-lhe mais uma vez esse amor, naquele enleado silêncio com que o fazia sempre...

E ela chorou.

Sabia-o do outro lado da vida, na eternidade, e pensava vagamente que poderia um dia tornar a vê-lo.

Já não pensava no homem gordo e vermelho, de olhos pequenos...

Não, este era bem diferente; era triste, tinha um ar bondoso.

Encostou o seu rosto ao peito imóvel do jardineiro e algumas lágrimas lhe rolaram pela face. Chorava em silêncio, baixinho, possuída daquela sensação estranha de distância, de tempo, que sentia na sua infância, quando contemplava a serra, as plantas e o céu azul... Parecia-lhe que voltava a um lugar distante e que fitava tristemente a Natureza, enquanto chorava, num gesto desiludido e resignado...

Agarrou-se com mais força ao cadáver frio, porque sentia que o fazia a uma poderosa verdade, revelada na sua vida através do tempo, do sofrimento e da resignação...

Ser ou não ser

por TEÍSTA

Deus não existe!... É uma fantasia
criada pelos fracos e ignorantes
dos tempos da mais velha barbaria!

Deus é um mito ao qual os homens, dantes
deram foros de vida e poderio
para explicar os factos discordantes!

Deus não passa dum erro doentio
posto a correr à toa pelo mundo!

Assim falam os impios e ateus,
quando expõem num tom vão e profundo,
os seus conhecimentos sobre Deus...

Pobres mortais de espírito finito,
a querer penetrar o Infinito!

Vem tu daí comigo, cego incréu,
e vê se tua mente se descerra...
Não queiras atingir o que é do céu,
se não chegas áquilo que é da terra!

Renegas Deus em termos tão audazes,
que pareces na vida ser alguém...
e não sabes quem és nem o que fazes
sobre esta velha Terra de ninguém!

Não entendes a luz, som e calor
— coisas que vês, que escutas e que sentes —
e dissertas convicto e com ardor
em coisas divinais e transcendentes!

Repara então em tudo o que te cerca
e, embora nada possas desvendar,
que teu olhar atento nada perca
de tudo o que te vou apresentar!

Contempla os vastos pélagos sidéreos
onde pululam rútilos mistérios,
que se entrecruzam rápidos e harmónicos
na exactidão dos seus motos sincrónicos!
Aprecia a beleza que se encerra
na vastidão dos mares e da terra
e a perfeição dos seres animados,
em todos os seus dons e predicados!

Vê lá se desencantas,
com teus olhos argutos,
os ignotos factores
do germinar das plantas,
da formação dos frutos
e da ântese das flores!

Analisa a força metafísica
dos arcanos da química e da física
e os odores ubíquos e cinéticos
dos fluidos eléctrico-magnéticos!
Examina o teu corpo tão perfeito
no seu barro imperfeito de que é feito
e a tua inteligência sempre acesa
a querer dominar a Natureza!

Dize se não concordas que essas coisas,
em que pasmado poisas
os olhos mais a mente,
exigem terminantes um autor
eterno e criador,
forte e omnipotente!
Ai! Decerto não tens a presunção
de afirmar sem razão
e de modo tão raso,
que na verdade tudo quanto existe
e no Cosmos persiste
é obra dum acaso!...

Ensimesma-te e vê com consciência
que tudo deve a sua criação
a um Ser de suprema inteligência...
a um Ser de infinita perfeição!...

Tudo te fala em Deus pelo Universo,
porque Ele sempre está em tudo imerso...
nas pedrinhas humildes que tu pisas,
nas estrelas longinquas que divisas,
no murmúrio das fontes,
no fragor dos trovões,
nos mais picosos montes,
nos mais baixos fundões!...
Desde os insectos vis aos paquidermes,
dos entes animados aos inermes,
desde os polos gelados
aos adustos sertões,
desde os lagos parados
aos turvados vulcões,
desde a terra silente aos mudos céus
tudo te fala em Deus... sempre de Deus!...

Abre os olhos agora, meu descrente,
e não mais digas, como tanta gente,
que Deus não passa duma fantasia
dos tempos da mais velha barbaria!

FALANDO COM UM MATERIALISTA

POR CIRILO ALLEIXO

Meu irmão: Como desejava comunicar-te certas verdades superiores, tão ignoradas pela humanidade e retirar-te o véu das ilusões que ocultam um mundo prodigioso, onde tudo é luz e harmonia! Como me sentiria feliz, se tu e os restantes irmãos, cegos às belezas que nos rodeiam e surdos às melodias que enchem o universo, voltassem as costas às futilidades mundanas, responsáveis pelo marcar passo na estrada do progresso anímico!

Quem me dera ter o poder de sacudir vossas almas sonolentas e despertá-las para as alegrias sadias, outorgadas a todos quantos se decidem a libertar-se desse marasmo tiranizante!

Se tu, meu irmão, pudesses contemplar, por um momento apenas, as deslumbrantes perspectivas ocultas à tua mente cristalizada, não mais quererias viver na toca sombria onde te entrincheiraste e dela fugirias pressuroso, enojado dessa atmosfera bolorenta, dessa triste semi-obscuridade, para receberes cá fora as blandícias da natureza em festa e te deliciares na contemplação de fascinantes panoramas, iluminados pelo portentoso sol da verdade eterna.

Embora não compreenda bem o alcance de tuas palavras, agradeço o interesse que te merece este simples mortal, a quem indevidamente tratas por irmão, porquanto não nos irmanam quaisquer laços consanguíneos.

Dizes que ando surdo e cego a pretensas belezas e harmonias, que tua mente situa, sem dúvida, no reino da quimera, mas, na verdade, quem deve ter os sentidos obliterados és tu, meu amigo, pois te apercebes de coisas inexistentes, dando vulto ao que não passa de mero produto da fantasia.

És um simples sonhador, dotado, segundo parece, de prodigiosa imaginação e, assim apetrechado, não te é difícil vogar num mundo fantástico, ricamente povoado com tuas criações mentais.

Vive em paz nesse Éden, meu amigo, que, por mim, prefiro continuar no meio de realidades tangíveis e não de sonhos enganadores, porque se a vida tem lances dramáticos, também os tem deliciosos, reais e palpáveis, muito diferentes das problemáticas delícias com que me acenas.

Não me surpreende a tua argumentação, aliás a mesma em todos quantos não despertaram ainda para novas fases de vida, mas o meu dever é perseverar no propósito de auxiliar tua emancipação, a menos que não tenha soado ainda a tua hora e nesse caso é mister que o tempo se encarregue de preparar-te para essa fatal, mas abençoada transformação de tua alma.

Sem se ter atingido um determinado grau de maturação psíquica, ninguém está em condições de compreender um certo número de coisas e o remédio é, pois, esperar por esse sazonamento, de contrário é remar contra a maré, é malhar em ferro frio, é, enfim, desejar o impossível.

Não sei, meu irmão, pois na verdade o és, como em breve to provarei, se já atingiste o estado necessário à compreensão destas coisas e se a única barreira a separar-nos, não será apenas uma ligeira camada refractária, restos de uma fase moribunda.

Bem pode ser e, por conseguinte, continuarei tentando esse objectivo que, promovendo a renovação de tua alma, te colocará ante novas e mais belas perspectivas, porque muitas pessoas há na situação daqueles pintos, aos quais é necessário estalar a casca para verem a luz do dia.

Oxalá seja eu o executor dessa tarefa, pois me sinto imensamente feliz quando vejo despovoar-se o reino das sombras, com a emancipação aos que ali se arrastam ao sabor das forças inferiores.

Meu irmão, tu o és, de facto, porque somos todos originários do mesmo foco. Somos partículas de um todo infinito e eterno, de um todo majestoso, que encerra em si tudo o que existe, todos os Universos, enfim.

Medita um pouco, te peço, no significado desta grandiosa realidade, e verás depois como tudo te parecerá diferente!

Sob o influxo desta verdade sublime, empolgante sensação te dominará, fazendo brotar em teu âmago uma simpatia profunda por todos os seres da criação, aos quais te sentirás ligado, não por laços consanguíneos, mas pelos do espírito, da essência animadora das miríades de formas existentes, laços sagrados e potentes, que nos irmanam em doce e infinito amplexo!

O separatismo, oriundo da nefanda idolatria do ego, responsável por todas as ondas sinistras deste planeta, cairá inânime, fulminado pelos potentes raios dessa verdade universal, cedendo o lugar à almejada era fraterna, em que fazer o bem ao próximo significará fazê-lo a nós próprios, a essa era há tanto suspirada por este orbe sofredor!

Enquanto continuarmos separados, ignorantes de nossa origem e finalidade comuns, enquanto o mundo for uma arena, onde a força bruta, armada em juri, proclamar heróis todos os que oprimam e tiranizem seus semelhantes, pesado manto envolverá a humanidade e os verdugos de hoje serão as vítimas de amanhã, porque uma lei mais alta se levanta, lei suprema e inflexível, contra a qual é inútil lutar.

Meu amigo, inflamado por essas ideias, sem dúvida bonitas e tentadoras, criaste um mundo quimérico, para onde me queres levar e a todos que, como eu, preferem uma vida de realidades tangíveis e se não deixam embalar com frioleiras.

À felicidade hipotética que prometes, preferimos os bens circundantes, que apenas nos pedem lhes estendamos as mãos.

Como vês, não há necessidade de nos pormos a sonhar, porque não é dormindo que nos governamos e além disso a vida nem sempre faz caretas, tem também seu lado agradável.

E depois, como poderias provar a realidade de tua doutrina, de forma a convenceres todos quantos se não satisfazem com teorias?

Sonhar não custa, meu amigo,

basta dar azo à fantasia, porque para essa fada maravilhosa não há obstáculos no caminho, tão prodigiosa ela é, capaz de se defrontar e vencer até o próprio impossível.

Portanto, meu caro sonhador, continua embalado pelo canto de tua exaltada imaginação, que, por mim, não te gabo o gosto, pois deixas de colher assim os apetitosos frutos espalhados ao longo da estrada da vida, por onde passas indiferente, qual sonâmbulo, obcecado por sonhos jamais realizáveis.

Não desisto de continuar, meu irmão, encorajado pela tua benevolência, que é já um bom sintoma, anunciador, talvez, de partes fracas da casca ancestral em que te encontras, prestes, possivelmente, a estalar de um momento para o outro, a fim de que até ti chegue a luz que a envolve e a não pode penetrar sem aquela operação prévia.

Não sou utopista, como julgas, e o que proclamo são verdades, embora ainda pouco conhecidas, e tu, com todo esse positivismo, fica sabendo que os olhos só vêem ilusões, pois as realidades são outras e nos escapam.

A matéria não é mais do que uma aparência ilusória, pois o que vemos e tocamos não passa de energia.

Se os electrões se imobilizassem, a matéria eclipsar-se-ia, mas isso jámais poderá suceder, porque os próprios electrões são de ordem energética e não partículas materiais.

Onde está também essa aparente solução de continuidade, se os espaços entre os átomos são infinitamenet superiores aos próprios átomos? Superfícies esburacadas e não contínuas, eis o que a matéria é na verdade, embora nossas pupilas se não apercebam disso, como se não apercebem das radiações situadas abaixo e acima de um certo número de vibrações, correspondentes ao infra-vermelho e ao ultra-violeta e de muita coisa mais.

E com o ouvido seremos mais felizes? Certamente não, pois não nos apercebemos de sons cujas vibrações sejam inferiores a 16 e superiores a 40.000 por segundo, embora eles existam. E tantas e tantas outras vibrações, a que o nosso organismo é insensível!

Já vês que, em insuficiências, o teu sistema realista é bem aquinhoado e muito longe de ser aquilo que julgas. Qual estátua assente em frágil base, não resistirá ao sopro vigoroso das verdades eternas, cujas vozes ecoam pelo mundo, anunciando a mutabilidade da matéria e a eternidade do espírito.

Se algum de nós se engana, tu é que andas iludido, meu irmão de lutas planetárias, vítima dos erros e preconceitos seculares, que tanto se têm oposto ao progresso espiritual da humanidade.

Mas soou a hora da sua libertação e o erro e a mentira nada poderão contra a vontade proveniente da Origem Suprema, a que tudo está subordinado.

A tumba não é o ponto final onde tudo acaba, pois a vida se desdobra noutros âmbitos, para execução dos objectivos divinos, expressos em nossa alma.

Os pobres órgãos visuais, apenas testemunham o fim do corpo carnal, não vendo deslocar-se, dele um outro, constituido por matéria mais rarefeita, cujas radiações são das tais que não impressionam as nossas retinas, salvo algumas excepções, pois pessoas há que, graças a certa faculdades de que são detentoras, o vêem distintamente.

E como o homem está habituado a julgar as coisas pelas aparências, não hesita em proclamar a morte como o fim inexorável de todos os seres, agarrando-se sofregamente a todos os prazeres materiais, num salve-se quem puder desesperado, que a vida é curta, alheio às realidades ocultas, que reclamam dele uma actuação prudente e diametralmente oposta.

No geral, ou se admite um Deus feito à nossa imagem e semelhança, com o qual é relativamente fácil andarmos de bem, ou parte-se do princípio de que, tirando a justiça humana, tão precária e parcial, a mais ninguém teremos de dar saitsfação de nossos actos e o resultado é toda a sorte de abusos e desregramentos que nos infelicitam.

No entanto, acima das humanidades paira o grande princípio regulador de todos os universos, com suas leis harmónicas, mas os terrícolas, no geral, as desconhecem e por isso o sofrimento prolifera em todos os cantos do mundo.

Conhecer as leis de Deus e cumpri-las é trabalharmos pela nossa felicidade, pois esse código de luz se destina a encaminhar-nos para a glória eterna.

Transgredir os preceitos divinos é engendrarmos dores futuras mas abençoadas, pois que, como rectificadoras que são, a sua finalidade não é punir-nos — pois Deus não castiga — mas corrigir nosso caminho a bem de nós próprios, a fim de arripiarmos caminho em zonas proibitivas, onde só encontraríamos desolação e nada mais.

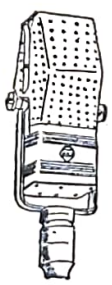
Não foi em vão que o Mestre Jesus veio indicar à humanidade a rota bendita que deve trilhar, porque a semente lançada outrora por suas mãos luminosas começa a germinar com pujança, prometendo colheitas compensadoras.

Misturados até agora, o bem e o mal vão ser separados, porque, quais ervas daninhas, todos os valores negativos, comprometedores da harmonia do conjunto, vão ser daqui irradiados, em virtude da chegada dos tempos em que esta esfera se vai elevar na hierarquia dos mundos.

Relegados a globo afim, essas almas desterradas aqui voltarão, graças à lei das vidas sucessivas, depois da indispensável depuração, para não alterarem a paz que envolverá então este mundo redimido.

Meu irmão, estas são algumas das grandes verdades pouco conhecidas e oxalá que o teu silêncio seja indício de seu bom acolhimento, a fim de veres como as alegrias espirituais são infinitamente superiores às outras e que por elas vale bem a pena trabalharmos e sofrermos.

Que as forças celestes nos ajudem e nos inspirem, mendigos que somos da luz divina.



Selecções Espiritualistas

Direcção e Apresentação de

NELSON BAPTISTA DE AZEVEDO

Todas as noites, de segunda a sábado, às 19,00 h. (hora brasileira) ouçam este programa que é irradiado pela **PRC-8, RÁDIO GUANABARA,** do Rio de Janeiro, na frequência de 1.360 Kcs.

Ouçam e recomendem «Selecções Espiritualistas»

FOTOGRAFIAS CIENTÍFICAS DO CORPO ASTRAL

No fascículo de Março (1937) da revista «The Two Words», H. P. Van Watt trata difusamente, em longo artigo, do importante problema da fotografia científica do corpo astral.

Andrew Jackson Davis foi o primeiro vidente que, no seu livro A Morte e o Além, nos disse que o corpo astral abandona a matéria no momento da morte. Baraduc fotografou sua mulher e seu filho nos momentos da morte de cada um, e verificou na chapa uma nuvem luminosa por cima do corpo.

Os holandeses Mattia e Zaalberg Van Zeist pesaram o corpo astral, cujo peso era de cerca de 70 gramas.

O Doutor Duncan Mc. Dougall, de Haversхill, confirmou este resultado, fazendo colocar animais moribundos numa balança: no momento da morte verificou diferenças de 60 a 70 gramas.

Nestes últimos tempos, notáveis físicos se têm interessado pelo problema. Segundo o Dr. R. A. Watters, conseguiu-se obter, como é sabido, a fotografia, no instante da morte, do corpo astral de gafanhotos, ratos e rãs.

Estas experiências foram conseguidas com a câmara de expansão de Wilson, a qual permite observar as acções atómicas por meio de radiações de rádio. Estes cientistas tentaram investigar quanto perde o átomo vivente no momento da morte. Para resolver este problema socorreram-se da teoria de Gaskell exposta na sua obra «O que é a Vida». Gaskell estabelece diferença entre «vida» e «alma». Ele considera a alma de natureza intratómica, imaterial, mas que sustém a matéria e se desprende dela no momento da morte.

Foi Gaskell quem teve a ideia de examinar e de pesar esta coisa «intra-atómica» provocando a morte e tirando uma fotografia no preciso instante do trespasse. Isto foi obtido mediante a câmara de expansão, de Wilson, construída originàriamente para permitir o exame da inonização de gás por meio dos raios X e de minerais rádio-activos.

O ar contido no aparecimento arrefece e com isto produz uma fita de névoa, e sabe-se que a névoa, em geral, tem tendência para se fixar sobre qualquer coisa. Introduzindo uma partícula de rádio no aparelho, os raios alfa e beta do rádio atravessam a névoa. A velocidade dos raios alfa é tão grande que não produz nenhuma deslocação de ar, contrariamente ao que faz uma bala de espingarda, por exemplo. Tais raios movem-se nestes átomos de ar sem produzirem outro efeito que o de separarem aqui e ali um electrão dos mesmos átomos: a isto se chama processo de ionização. Estes átomos desequilibrados, dos quais sòmente alguns electrões se separaram, tornam-se iões positivos e negativos que atraem a névoa e assim reflectem luz. Um raio alfa, passando a uma velocidade inconcebível através desta coesão de átomos, deixa atrás de si um rasto luminoso.

A hipótese de Gaskell abrange o conceito de que todas as formas de vida, todos os corpos compostos viventes contêm um elemento intra-atómico.

Estes cientistas afirmam que, se a alma existe, deve ser procurada nestes espaços intra-atómicos, quere dizer, no espaço existente entre os átomos de que é composto o sistema celular.

Eddington escreveu; «Se todos os átomos de que é constituído o corpo humano pudessem ser amassados e o acervo resultante pudesse ter um lugar no espaço, o homem inteiro não seria maior do que um ponto feito no papel por um lápis finamente aparado».

Se esta concepção é exacta, a parte material de um corpo consiste, na maior parte, em espaço: espaço «inter» e «intra-atómico», e, se existe uma alma, ela deve encontrar-se neste espaço inter e intra-atómico.

O Dr. Watters teve a seguinte ideia engenhosa. Esta névoa adere aos iões infinitamente pequenos, provocando um rasto luminoso bem visível, a ponto de poder ser fotografado. Usando o mesmo método deve, portanto poder-se fotografar aquela coisa ignota que se desprende do corpo no momento da morte. Por outras palavras: a névoa deve fixar-se a este elemento invisível que determina a diferença de peso.

Os cientistas fizeram então experiências com diversos pequenos animais: um gafanhoto, uma borboleta e um rato. Um gafanhoto prèviamente anestesiado era metido numa câmara de expansão, e, em seguida, morto por meio do éter. Um aparelho fotográfico estava disposto de modo que se pudesse tirar uma fotografia no momento da morte.

Efectuaram-se numerosas experiências. Particularmente, no que

respeita ao gafanhoto, 14 sobre 50 provas mostraram por cima do animal morto uma sombra de iguais contornos. É evidente que a dificuldade consiste em fotografar o animal no instante preciso da morte.

Em muitos casos as sombras eram de nitidez impressionante: junto do cadáver de uma rã encontrava-se sempre a forma astral de uma rã; junto do de um rato, a forma de um rato, etc. Não se pode objectar que estas formas sejam produto do acaso. As formas astrais eram sempre similares aos animais em experiência e apresentavam, de resto, as mesmas particularidades.

A névoa provocada na câmara de expansão era atraída para aquilo que se desprendia do corpo do animal moribundo e fixava-se-lhe por modo análogo ao que acontecia com os raios alfa.

Depois de tirada a fotografia, algumas vezes se conseguia revocar à vida o animal, e, o que nestes casos é muito importante, na chapa só havia indícios do animal. Inversamente, quando sobre a chapa se tinha, além do animal, uma sombra, nunca foi possível restituir a vida ao animal, nem mesmo com uma injecção de adrenalina, com observação constante de 8 a 14 horas.

Estas experiências demonstraram, no parecer dos experimentadores, que no momento da morte se solta do corpo um elemento imaterial.

Embora até aqui as experiências tenham sido feitas em animais inferiores, tudo induz a pensar que análogos resultados se poderão obter com animais superiores e com o homem.

Estas experiências, ligadas às de Carrington, relatadas na sua obra A Projecção do Corpo Astral, tendem a demonstrar cientificamente que existe na verdade um elemento astral que sobrevive à matéria, deixando-a no momento da morte.

(De «La Ricerca Psichica»)

traduziu João Correia Vieira

IRONIA

por VALDEMAR SANTOS

Muito embora o cientista se destorça
E ao estudo constante fique preso,
Não saberá de onde provém a força
Nem a causa genérica do peso.

Por mais que se devote e se contorça
do Neuroplasma o dinamismo coeso,
Não há de ter por fim o que mais torça
Que lhe dê força ao cérebro indefeso.

Apega-se à mais alta transcendência
Com a intenção de atingir e decifrar
O caos da indecifrável existência.

Fracassa. E no fracasso inda lhe cabe
Esta ironia amarga e singular:
Não saber a extensão do que não sabe.

Bahia

MEU AMIGO, MUITA PAZ

A assistência social é a fraternidade em acção. Sem ela, indiscutivelmente, os nossos mais preciosos arrazoados não passariam de belos mostruários sonoros.

Se é verdade que as obras sem ideal são primorosas esculturas da arte humana, sem o calor da vida, a fé sem obras, segundo já nos asseverava a palavra apostólica, há quase dois mil anos, não passa de um cadáver bem adornado.

A escola, a maternidade, a «creche», o hospital, o refúgio de esperança aos viajantes da amargura, o albergue, o posto de socorro, a visitação fraterna aos doentes e aos necessitados, a palestra amiga e confortadora, a casa de desobsessão, o auxílio de emergência aos companheiros de angústia, o amparo aos irmãos presidiários, a cooperação metódica nos centros especializados de tratamento, que são os sanatórios, os hospitais e os leprozários, a contribuição desinteressada, enfim, a dor de todos os matizes e de todas as procedências, desafiam a nossa capacidade de imaginar, organizar e fazer, a fim de que possamos momentalizar a nossa Doutrina de Amor e Luz no mundo vivo dos corações.

Trabalhemos, auxiliando-nos uns aos outros. Somos associados de uma só empreza de redenção, usando o sentimento, o raciocínio, as mãos, a palavra, a tribuna, a imprensa e o livro para o mesmo glorioso desiderato.

Conscientes, pois, de nossas responsabilidades, marchemos para diante, sob a inspiração do Cristo, Nosso Senhor e Mestre, entrelaçando braços e corações na mesma vibração de optimismo e esperança, serviço e sublimação.

Hoje é o nosso dia. Agora é o momento. A luta é a nossa oportunidade. Ajudar é a honra que nos compete.

Sigamos assim, destemerosos e firmes na certeza de que o Senhor permanece connosco e, indubitàvelmente, alcançaremos amanhã a alegria e a paz do mundo melhor.

EMMANUEL

DEÍSTAS INTERESSEIROS

por TITO L. BANCÉSCU
(Correspondente em Rosário, Argentina)

Para ser bom deísta não basta crer em Deus. Tarefa sumamente fácil é crer num Ente Supremo. O difícil é ser coerente com tal crença. Em regra, os crentes religiosos têm conceito erróneo de Deus e de Seus atributos. Até os do campo filosófico — salvo raras excepções — se colocam paralelamente aos outros, aos antropomorfistas. Acreditam, sim, e por isso, em lugar de dar a Deus o que é de Deus, pedem-lhe quase sempre alguma coisa: bons negócios, se o crente é comerciante; farta clientela, se exerce profissão liberal; chuva oportuna, se é agricultor; viagem feliz, se é navegante ou aeronauta; triunfo estratégico sobre o inimigo, se é cabo de guerra; noivo rico ou bom rapaz, se a rapariga for casadoira.

Numa palavra: toda a gente ora a Deus, aos santos, aos guias espirituais, aos mestres, etc., mas com desejo imediato de obter uma recompensa, já que o Omnipotente e seus mensageiros parece que são «obrigados» a satisfazer a todos, pelo facto de terem pronunciado verbalmente uma rápida oração... Estes pedinchões são deístas de polémica. Dão o mínimo e querem o máximo.

Isto é altamente paradoxal. Deus tem em conta a intenção, vê o egoismo dos pedinchões e deles se compadece em sua imensa bondade...

Antes de pedir, achamos que é preciso dar, não um presente ou coisa parecida, sem identificação com a dor, ou com a miséria, a injustiça e a perseguição sofrida pelo próximo. Servir a este é servir a Deus.

Admitido o conceito de que Deus é Espírito e Verdade, verdade e espírito se encontram em toda a parte. Todos fazemos parte da Divindade, dessa Inteligência Suprema que enche a vida em suas formas infinitas.

Crer em Deus e prejudicar o próximo com acções vis ou maus pensamentos, significa blasfemar. É uma acção de ateu, embora conheçamos ateus que são moralmente superiores aos deístas. Devemos, porventura, estranhar se o mundo, isto é, se a humanidade seguir o rumo das trevas? Se Deus está em cada qual, é lógico que escutemos a sua voz e sejamos dia-a-dia mais humanos e amigos dos irmãos terrenos. A Terra é obra de Deus e oferece o necessário para se viver à farta... Não significará heresia, por um lado, orar ao Supremo Criador, e, por outro, tirar o pão aos outros? Não será aberração destruir ou encarecer o que é indispensável à vida e ao progresso evolutivo dos nossos semelhantes?

Os deístas interesseiros zombam do Criador e de seus irmãos ao proceder egoisticamente, vulnerando as leis divinas e humanas, mediante astúcias e acções indignas. Portanto, se os deístas o fossem no verdadeiro sentido do termo, a Terra ter-se-ia convertido num Eden magnífico, sem guerras fratricidas nem revoluções sangrentas.

É que os deístas interesseiros são ateus refeces. Ultraconservadores, pensam sempre em si mesmos, na sua pequenez moral. Querem que o Criador seja seu intermediário, a fim de lhe reclamar satisfações mesquinhas. Certamente que a Consciência Cósmica não negaria o que os pedinchões lhe houvessem solicitado, se eles se identificassem com as leis que regem o destino do homem, das sociedades, do Universo. A recompensa teria sido a consequência lógica de seus esforços tendentes à fraternidade e harmonia colectiva. Sem fazer sacrifício algum, pedem sempre como traficantes pedinchões.

Os episódios da vida entristecem os deístas interesseiros. A sua pobreza evolutiva é tão precária que lhes não deixa compreender a grandiosidade de Deus e de suas leis. Vegetam na estreiteza psíquica incapaz de vibrar em frequências de elevados e transcendentes quilates. Pedem riquezas terrenas, comodidades sem conta, mas sem nada abdicar de sua parte; e não projectam seus pedidos para lá da sua órbita pessoal, estreitamente egoistas e individualistas. Vivem no *ergástulo moral* (parodiando Maria Gonçalves Duarte Santos) que eles próprios forjaram com a sua miséria.

A humanidade, como organismo, não tem sentido algum para eles que, por infelicidade, são a maior parte do género humano, cujo materialismo é palpável, embora se chamem *deístas*. Só a evolução, em sua obra maravilhosa, modelará o espírito através do sofrimento e alargará os horizontes da ideia da vida e de Deus.

A divina trilogia

A ciência é luz.
A filosofia é trabalho.
A religião é amor.
A luz esclarece.
O trabalho aperfeiçoa.
O amor santifica.
Com a ciência experimentamos.
Com a filosofia concluímos.
Com a religião edificamos.

A luz sem trabalho e sem amor pode reduzir-se à beleza inútil. O trabalho sem amor e sem luz pode ser mera perturbação. O amor sem luz e sem trabalho pode converter-se em egoismo fanático.

A ciência, por isso, é senda do progresso.

A filosofia, por essa razão, é estrada para o conhecimento.

E a religião, por esse motivo, é caminho para a sublimação espiritual.

A luz exalta a inteligência.
O trabalho enriquece a razão.
O amor diviniza o sentimento.

Com a ciência o homem descobre a casa em que nasceu para a imortalidade; com a filosofia, aprende a viver e, com a religião, desenvolve as próprias asas que o transportarão à excelsitude imperecível a que se destina.

Façamos, pois, de nosso roteiro espiritista, com Jesus, o templo vivo, em que a ciência seja cultivada, em que a filosofia se erga em altar de nosso respeito e em que a religião seja alimento de cada dia em nossos pensamentos, palavras e acções.

E, alicerçados nessa trilogia de valores universais, estejamos convictos de que faremos de nossa fé o santuário sublime que nos conduzirá do mundo renovado aos eternos braços de Deus.

EMMANUEL

(Página recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier).

O Semeador

De mãos cheias
pelos caminhos áridos
derramando
as divinas sementes,
o Semeador, Jesus,
visita as almas tristes,
as mansardas do pecado.

Onde a vela acesa
assinala o morto,
e pobres entidades
de olhos vermelhos
vestidas de preto
choram,
Ele deixa
o grão
bendito
da certeza
da Imortalidade!

Onde o tempo escoa
no trabalho de piedade,
as mãos humanas,
sem cessar,
gotejam lírios
e uma voz de arminho
em suave balbuciar
diz: «dorme, menino»,
Ele lança
o grão
sagrado
da Esperança
no porvir!

Onde a luz
já não se vê
e as horas passam
sem sentido algum,
sòmente um choro
lento,
indefinido
a perpassar,
e a solidão
é a voz profunda
que não ecoa
além do vidro,
Ele deixa
o grão
sublime
da Renovação!

Onde a fé se encolhe
e os ânimos abatem
sob os encargos
da responsabilidade,
o agudo gemido
da dor de quem não sente
mais a existência
e quer recuar
no meio do caminho...
Onde há desesperança,
desfalecimento,
estrangulamento
das visões melhores
num instante porvindouro,
e os pés cansados
não querem mais andar;
as mãos exaustas pendem
amarguradas,
os olhos secos de lágrimas
cerram-se para as estrelas;
o peito
chagado
não tem
mais esperança
na chuva de amanhã...
Ele pousa
o grão
divino
da Ressurreição e da Vida!

Coração tranquilo

Menina loura,
pastor da montanha,
meigo velhinho,
venham todos conhecer
o coração tranquilo
de meu Senhor.
Nele podemos guardar
nossas esperanças,
nosso amor
e nossa paz.
Podemos residir
até o fim dos dias
para toda a eternidade!

Menina loura,
pastor da montanha,
meigo velhinho...
não tardem mais.
O coração espera
cheios de hinos,
de claridades
e de flores!
Só mesmo o ingrato
que vai lá longe
não quer morar
no coração tranquilo
de meu Senhor!
Menina loura,
pastor da montanha,
meigo velhinho...
mas morar aqui
sem a tranquilidade
do bem cumprido,
do ingrato reconduzido
à Seara
de seu Senhor?
Não é possível,
não se aguenta.
Vamos então
antes buscar
o que vai lá longe,
triste
alquebrado,
quase morrendo
de tanta dor!
E depois conheceremos,
no seu infinito amor,
o coração tranquilo
de nosso Mestre e Senhor!

(Recebido pelo médium Francisco Luciano)

ECOS DE U

Por ISIDORO D

XX

NA CIDADE D

Cruzeiro foi a segunda cidade paulista que visitámos na primeira fase da viagem. Cachoeira Paulista fora pano de amostra, uma espécie de antecâmara jovial que deixa entrever amizade. Os ecos não se extinguiam, não... Perduravam, cantavam, vibravam nos olhos do Artur Moreira, que se perdera nos bairros portuenses a estudar ciências económicas, e nas lágrimas do Manuel Rodrigues, que sonhara o sonho lindo de rever Portugal. E Darwin do Prado e D. Clarinha e todos os amigos que se haviam desdobrado, como bons anfitriões, não se nos afastavam da retina, mergulhavam fundo em nosso coração. Por isso o trem parecia voar, dispensando a estrada luzidia. Se não fora a trepidação natural e de vez em quando o ranger das engrenagens, numa curva apertada, julgar-nos-íamos noutras latitudes, à força de pensar nisto ou naquilo.

Eça de Queirós, ao falar acerca da distância, dizia que actuava sobre a emoção, como actuava sobre o som. E acrescentava que a mesma dura lei física regia a acústica e a sensibilidade. Sempre em ambas o mesmo decrescendo, à maneira que se afastavam do centro, até que se imobilizassem e morressem. Se traziam um som que vinha vibrando, o som calava quando elas passavam. Se traziam um som que vinha tremendo, o terror findava quando elas findavam.

A sensibilidade é assim. Atinge o ponto culminante, pode chegar ao paroxismo. Mas o tempo passa, o som repercute, as cores variam... e a sensibilidade vai amortecendo. As horas são escaleiras que subimos. Os primeiros minutos são abafados pelos últimos. As imagens sobrepõem-se... e ai dos homens se não fosse a memória.

Ainda não víamos Cruzeiro, mas a distância vencida aproximava-nos da cidade, onde amigos outros nos aguardavam. O vivido arrumava-se na história e a curiosidade exercia-se imperiosa no sentido da marcha ascendente. A sensibilidade tem qualquer coisa de saudade. Para Gracian não havia sensibilidade sem dor, nem prazer sem sensibilidade. O quadro de Cachoeira tinha belíssima paisagem e não a trocávamos por outra. Mas o trem rodava e os morros ficavam... E outra selva e outros morros surgiam plenos de luz e de opulência... Como poderia a sensibilidade humana apreender e reter impressões multiplices, a cada segundo modificadas? O prazer de ontem era agora saudade. Não é possível voltar ao convívio alegre sem prejuízo da ampulheta, que não descansa na faina de envelhecer-nos! Quem pudesse agarrar o tempo, prendê-lo, delimitá-lo, para que a vida perdurasse eternamente, levaria a humanidade a desespero nunca visto. Os velhos trôpegos e caquéticos a pedir a morte... e a morte com ouvidos de mercador!... Façamos como Olavo Bilac aconselhou «aos outros»:

> Envelhaçamos rindo. Envelheçamos
> Como as árvores fortes envelhecem...

E, afinal, não é de velhice que escrevemos. É de vida fremente, vida progressiva, que ninguém poderia reter em sua carreira inexorável...

★

Na estação de Cruzeiro estava o Zácaro Neto, representante de Estudos Psíquicos. Conhecemo-lo imediatamente. A fisionomia era a fotografia. O Magaldi seguia connosco e anunciou-o logo, da janela da carruagem.

O Zácaro, velho amigo! Bom e simples e convicto, é lutador denodado. Vive e sente a Doutrina com amor sincero, espontâneo no gesto e no falar. A nossa correspondência fizera dois irmãos unidos. Leopoldo Machado é que o encontrou para nós e para a Revista. Honra seja feita aos dois, que o proveito chegou aos três...

★

Nós e o Magaldi ficámos aboletados em casa do Pedro Vieira Fortes. Eis um nome

MA VIAGEM

UARTE SANTOS

II

DE CRUZEIRO

que merece uma legenda. Como chefe de família é um exemplo. Pai de dez filhos. Sete, Marias; dois, professores; seis, normalistas. Os outros serão o que Deus quiser. Mas isto era pouco ainda para tão grande homem e construiu um Lar no quintal da residência, que abrigará doentes ou crianças, e para cuja obra Júlio Fortes deu 300.000 cruzeiros, além de uma fazenda, a fim de lhe garantir a manutenção. Este lar vai ligar-se à Instituição Mavisou (Maria Vieira de Sousa).

Lemos em Papillon que a beneficência é simples «devolução». Talvez haja verdade no conceito. E por assim pensar é que Júlio Fortes «devolveu» parte do quinhão que lhe coube. Bom coração e talvez maior consciência... Celibatário na pujança da vida, nem crente nem descrente, sem grandes conhecimentos de Espiritismo, andou pelos «países satélites» de Moscovo a auscultar a vida religiosa de romenos, checoslovacos e russos. Tem absoluta confiança na família Pedro Vieira e faz beneficência à larga. Quando se lembra, afasta-se das fazendas e dá um salto à Europa. Esteve em Lisboa e considera-a uma das mais lindas cidades do Mundo.

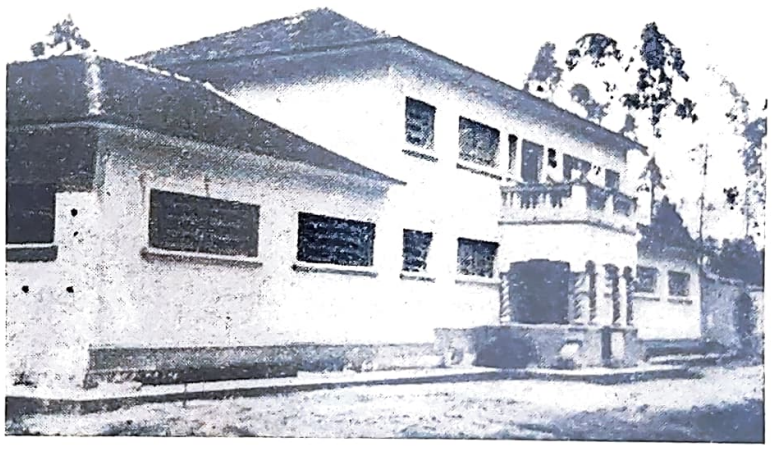
Gostámos da sua conversa.

Um testamento é disposição vulgar. Às vezes é rebate de consciência ou soneto que se emenda e fica pior. Anda um qualquer a trabalhar de dia e a tramar de noite, sem descanso, com mau passadio de filhos e netos, na ânsia de aferrolhar... Depois vem a morte. É quando ele corre ao notário a destinar isto e aquilo... que não pôde levar. Bem disse Luciano:

> O bem deve ser feito prontamente,
> Para agradável ser, para ser bem;
> Sê, pois, no benefício diligente,
> Que o bem deixa de o ser, se tarde vem.

★

Cruzeiro é uma cidade que inspira simpatia. Plana, varrida de brisas, tem ao fundo a Serra da Mantiqueira, dona de altos contrafortes erguidos para o céu. A Escola Normal ergue-se majestosa, e com razão, pois de suas aulas sairão os educadores paulistas e talvez



Sanatório Jesus, de Cruzeiro, para débeis mentais

federais. O Pedro Vieira, o Antenor de Sousa e o Neto acompanham o binómio Isidoro-Magaldi em conversa ligeira esmaltada de humor. Já dissemos que o Brasileiro é alegre, mais alegre que o Português moderno. Dos outros, dos antigos, já os Franceses disseram alguma coisa. «Les Portugais sont toujours gais»... Mas isto não é verdade. O sebastianismo existiu sempre em Portugal. Não fosse ele... estar em Lisboa era estar em Cruzeiro.

Em todos os Estados do Brasil há progresso visível e constante. Cruzeiro, que já

cuidou da beleza estética, vai cuidar da beleza mecânica. Montará brevemente uma grande construtora de vagões para a rede nacional. Já possui um belo frigorífico destinado a exportação para o Rio de Janeiro e fabrica farinha de osso e vários fosfatos extraídos da carne.

— Do boi aproveitam tudo, menos o «berro» — diz o Pedro Vieira.

O berro é a voz do animal.

Na Vila Canevari há dois Centros Espiritas. Na cidade há um, sito na Vila João Baptista. É o «Allan Kardec». E outro ainda. É o «Teresinha». Todos com sede própria.

O pequeno passeio leva-nos à tipografia dirigida pelo Zácaro. Vamos na Rua Dr. Celestino, uma rua com dois quilómetros, cujos números correspondem à metragem. Entretanto lemos cartazes nas paredes e ouvimos o Vieira Fortes. Ao passar na Igreja de S. Sebastião soubemos que este arranjara o primeiro dinheiro para a construir. Nesse tempo era católico. Mais tarde passou ao Espiritismo. Hoje é o número um do sector em que milita, um espelho magnífico da alma que reflecte.

O anúncio em verso de pé quebrado é coisa que se não discute. Lá está, mesmo no centro do muro:

Para mim,
Para você também.
Ouro verde
O café que convém.

Entramos no Grupo Escolar, de imponência arquitectónica. Duas turmas de 300 alunos cada uma. Desde os três anos e meio, chamada a fase «pré-primária».

Em Cruzeiro, a população escolar é de 3.000. Para isso construiram-se dois edifícios próprios e o resto aloja-se noutros edifícios. Há também 20 escolas particulares isoladas com 600 alunos.

No Distrito Escolar combate-se o analfabetismo de dia e de noite. Oito cursos de adultos provam o que afirmamos. A cidade tem um curso deste género, outro de artesanato (costura), outro de marceneiro e outro de arte gráfica. Este é dirigido pelo Zácaro Neto. Lá está no quadro preto: «Com o acordo ortográfico, as letras k, y e w desapareceram do alfabeto; contudo, em se tratando de tipografia, o alfabeto não sofre alteração. Continua sendo o mesmo, com todas as letras, k, y e w».

Percorremos as dependências e topamos com um livro do Amadeu Santos em composição. Como foi ele mandar compor o livro em Cruzeiro, se no Rio há tipografias em barda?... O intuito era auxiliar a instituição.

O director do Grupo Escolar «Licínio Rodrigues Silva» é o Dr. José R. Alves Sobrinho, com quem falámos animadamente. Ele próprio nos forneceu elementos de compreensão e meditação a respeito do problema educativo brasileiro.

A tarefa de ensinar é a mais honrosa de todas. Jefferson gritava: «Erguei uma cruzada contra a ignorância». Rousseau sentenciava: «Amanham-se as plantas com a cultura e os homens com a educação». E o nosso Ramalho escrevia que o homem educado era um homem superior. Sem educação ficava subalterno, por mais alto que o colocassem. E até Bocage entrou na contenda:

Um porco há-de ser porco
Ainda que o rei dos bichos
O faça cortesão
Pelos seus vãos caprichos.

Por estas e outras somos admiradores e veneradores de quem ministra ensinamentos. Não importa se grandes, se pequenos. Tudo é ensino, luz, força, harmonia. Quem pode impor hierarquias aos degraus da escada?... Sem os primeiros, como chegar aos últimos? Grande tarefa a do professor, sobretudo professor primário, que no Japão é elevado às culminâncias!

Mas há também um Ginásio Estadual e uma Escola de Comércio, a que podemos juntar repartições públicas muito bem instaladas.

★

Lá em baixo há qualquer coisa que se distingue entre eucaliptos, no relevo do terreno. É o Sanatório Jesus, destinado a recolhimento de obsidiados. Foi começado em 1942 por um grupo a que pertencia Antenor de Sousa. Não tinham dinheiro; todavia compraram o terreno. Deram um tanto de sinal e o resto seria pago em cinco anos. Custou a bagatela de 14.000 cruzeiros. Plantaram logo 10.000 eucaliptos, que já tem 12 metros de altura e cuja madeira serviu para construir o edifício, de mais de 2.000 metros quadrados de extensão. São dois andares grandiosos de 75 metros de frente e quase 80 de fundo.

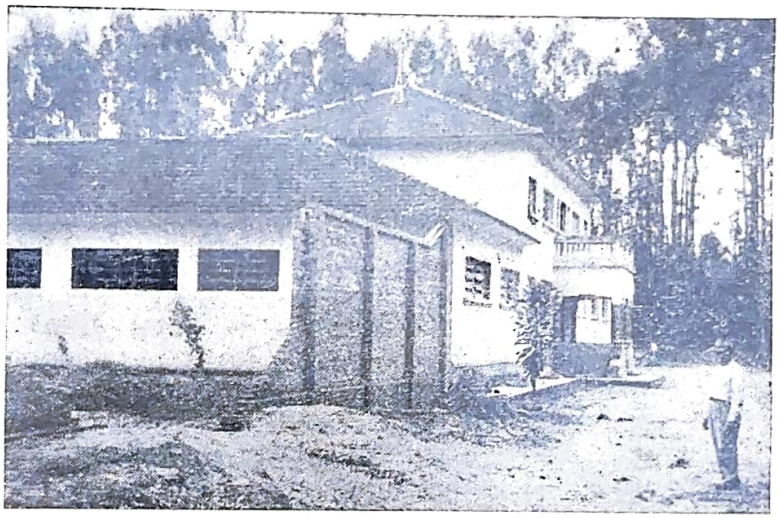
O Antenor é pessoa amabilíssima. Apesar dos obstáculos, respira optimismo por todos os poros. Trabalha na sua vida, percorre as sete partidas, anda de Estado para Estado

a comprar e a vender e volta mais firme à construção para lhe dar novo impulso.

O Sanatório é ele, não tivemos dúvidas. As 40.000 telhas, os 70.000 ladrilhos e as 2.000 carroçadas de tijolos, quem os transportou, com duas muares e dois braços robustos?... E as 1.600 carroças de areia que ali se gastaram?

Eu e o Magaldi percorremos as dependências guiados pelo entusiasmo desse construtor genial que não olha ao tempo para atingir o fim. Está tudo rebocado; assim mesmo dá-nos ideia exacta do que será o Sanatório. Consultório médico, farmácia, laboratório, secretaria, arquivo, departamento para funcionários, gabinete dentário, dormitórios para médicos e enfermeiras e administração. Ao lado, pavilhões femininos com lindas instalações sanitárias.

Entramos num vasto recinto que servirá de Auditorium e que terá o nome de Leopoldo Machado. É um anfiteatro de 200 metros quadrados (25 × 8), com bela disposição, incluindo teatro, cinema e sala de conferências.



Frente do Sanatório, vista de lado. Em cima: Dormitório para os plantões. Em baixo: Secretaria, laboratórios, etc.

O Antenor é crivado de perguntas e a todas vai respondendo com linha segura. A lição sabe-a de cor e salteado e não se atrapalha ante a professorança do Magaldi. E viemos a saber coisas várias a respeito de certas dependências que revelam a ideia imanente. Exemplo: os refeitórios desmontáveis servirão à noite para estudos e trabalhos práticos, a que os doentes não poderão assistir. Assistirão apenas às práticas evangélicas.

Bem perto está uma sala especial para sessões e dois amplos refeitórios (masculino e feminino) destinados a doentes. A cozinha geral é enorme. Olhámos, atónito, para aquilo, e logo o cicerone esclareceu:

— É para o presente e para o futuro, com todas as exigências modernas.

Há 14 celas para os dois sexos e dois pátios largos e arejados. Um salão de barbeiro, um galpão com bancos de jardim, para utilizarem em dias de muito sol ou muita chuva, um pavilhão masculino, com instalações sanitárias iguais às do feminino. Como se fosse pouco o que citámos, ainda há dois jardins para recreação dos albergados.

No pavilhão das mulheres, cinco chuveiros colectivos. O mesmo no dos homens. E no pátio das primeiras há dois chuveiros, duas instalações sanitárias e bebedouros higiénicos.

Fora do edifício, grande lavandaria, que será ligada por meio de passarela.

As doenças infecto-contagiosas ficarão separadas.

Ainda fora do edifício, vimos uma casa para artesanato...

★

O Magaldi não se cansava de elogiar a obra e o esforço do Antenor de Sousa, que sorria prazenteiramente aos nossos comentários e perguntas de algibeira.

O Sanatório Jesus é uma casa de saúde para recolher doentes mentais, psicópatas, alienados e obsidiados, de acordo com as exigências da lei, e tem a sua organização social aparte da União Espirita Cruzeirense. Os serviços a prestar à pobreza serão absolutamente gratuitos e sòmente as pessoas de recursos pagarão diária — módica diária — que servirá de auxílio à manutenção e assistência aos doentes, feitas segundo a terapêutica oficial e os métodos espiritas, de harmonia com os casos.

O doentes serão admitidos mediante atestado médico de que não sofrem de moléstia contagiosa, de autorização de pai, mãe ou tutor, se o doente for menor, de atestado de indigência e autorização do marido, se a doente — mulher casada — for internada por outra pessoa.

Os casais não permanecerão juntos, embora possam visitar-se, quando para isso autorizados.

Não haverá jogos nem bebidas alcoó-

licas, nem se poderá fumar nos alojamentos.

A admissão de médicos assistentes implicará estágio de dois anos no Sanatório e trabalharão gratuitamente, a não ser que haja recursos para atender a pequenas gratificações ou que o Estado ou o Município ocorram a essas despesas. O mesmo para os funcionários da instituição.

Os quartos ficarão sujeitos a desinfecção e limpeza diária.

Serão expressamente proibidas manifestações de carácter político ou racial.

Isto nos disse o Antenor, que sorria prazenteiramente aos nossos comentários e perguntas sucessivas... É que a obra é também escudada por Lázaro Alves da Costa, Adalberto Basile, João Madureira de Barros, Pedro Vieira Fortes, Pedro Werkhaizer, Heitor Silveira, José Cândido Fortes, Isidoro Silva Júnior, José Zácaro Neto, Odete Amparo de Sousa, Iracema Werkhaizer e Geraldo Gonçalves Oliveira...

★

Mas o Antenor de Sousa é o verdadeiro pai do Sanatório. Os demais confrades não se agastam com esta opinião. São todos pessoas conscienciosas, de vontade firme, e sentem benèficamente a orientação sadia de um obreiro, que seria grande em qualquer parte do mundo.

As obras deste género requerem audácia e persistência. E embora Coelho Neto diga que o ignorante é ousado e o sábio tímido, e que um, para impor-se, se faz pedante, e o outro, se esconde atrás da humilhação; embora ele assevere que a mediocridade vence por ser atrevida e que o valor é esquecido por não querer afrontar, o que é certo no Antenor é a dose de equilíbrio insuperável. Nunca vimos criatura mais desprendida, mais acolhedora, mais dedicada a uma ideia. Simplicidade espontânea, sorriso aberto, inteligência viva, multiplica os pães da sua messe e busca novas searas para o celeiro dos pobrezinhos.

Em lhaneza é um Francisco Cândido Xavier. Este é cândido até no apelido. Ele é cândido nas palavras, no gesto e no pensamento.

Não mais esqueceremos a impressão que nos causou este homem singular. Anda de terra em terra a lidar e em cada viagem carreia pedras úteis. E quando fala do Sanatório todo se transfigura. Vemos que no seu coração há ternura sem fim pelos enfermos do espírito, mais enfermos do que aqueles que a medicina recupera em luta permanente. Deste modo, não poderemos chamar ignorância à sua audácia. O que ele deseja é caminhar, cingido à imagem de Campoamor:

Não esqueças um instante,
Que é ficar para trás não ir avante.

Algumas vezes o encontrámos durante a viagem, ora num Estado, ora noutro, sempre o mesmo aspecto jovial e o mesmo sorriso a esmaltar-lhe a personalidade. E os maiores arautos do Espiritismo são-lhe muitíssimo familiares. Em geral, os arautos conhecem-se reciprocamente. O Leopoldo Machado, por exemplo, é seu grande amigo. O que ele nos disse do Antenor! Estamos convencido de que o Sanatório Jesus, de Cruzeiro, será o começo de uma campanha generosa digna de imitar por outros Antenores, que os há-de haver no Brasil imenso e bondoso.

O que observámos no casaredo rodeado de eucaliptos não eram muros simples, esplanadas de «mirones», salas de diversão, porque tudo obedecia a plano antecipado. O cérebro gisara com largo sentido de oportunidade, desprezando frioleiras ou coisas supérfluas que custam dinheiro e não compensam nem dignificam. É uma engrenagem quase perfeita, em ossatura, é verdade, mas adiantada e reveladora do que será no futuro.

★

A pedra fundamental desta obra foi posta em 1944 por Leopoldo Machado. Não admira que o Auditorium carregue o seu nome aureolado.

Já lá vão 12 anos sobre essa pedra... Doze anos numa vida célere, cheia de movimento, a fixar a obra que se alicerçou em amor, em dedicação, em renúncia sublime... É certo que o tempo não regressa, que o minuto passado desaparece num mar sem fundo e que, no dizer de Manuel Bernardes, «o mau descobre, o bom apura, umas coisas reprova, outras inventa». Mas o esforço deixa marcas indeléveis que a memória recolhe avaramente. Algumas detêm-se um minuto e seguem; outras acravam a raiz e ali se instalam para a vida e para a morte...

O Antenor de Sousa, à semelhança do Pedro Fortes, postou-se em frente do Sanatório e não o larga mais... Passe o tempo,

passe a glória vã de muitos, que a Obra ficará. Ele o proclama, decidido e enérgico:

— Temos 100 portas com um S... Queremos 100 portas com um C...

O S é o Sanatório; o C é o Cristo redivivo!

★

Ao visitar as dependências do edifício ficámos intrigado, notando que os quartos dos enfermos alojariam três doentes. Mas logo o Antenor explica, risonho e afável:

— Quando dois brigam... o outro dá o alarme.

A sentença estava bem observada. Quem teria sido o autor da ideia?...

Os quartos destinados a furiosos recebem a luz através de janelas muito altas, para que eles se não evadam; e os que não puderem locomover-se terão banheiras com poucos centímetros de altura.

Os primeiros ficarão algemados alguns dias até se normalizarem. Os de obsessão leve andarão no pátio, ou recolher-se-ão em telheiros apropriados.

À esquerda, galpão para repouso dos convalescentes. À direita, parte das celas fortes

Estávamos encantado com o que víamos e ouvíamos. Ali tudo era amplíssimo. O terreno de eucaliptos abrangia 48.000 m² e a construção 2.500. Uma caixa de água para 20.000 litros. E muitas coisas mais...

O Magaldi estava pasmado, como nós. Não tinha palavras. A vibração lhe bastava naquele momento solene. E por vezes as lágrimas lhe embaciavam as lentes oculares.

Lembrámo-nos de uma pergunta:

— Com que manterão o Sanatório?

E o Antenor, sem hesitar um segundo:

— Deus é grande! Dará tudo o que é preciso!

★

Com tamanha fé, o Antenor parecia um homem feliz. Parecia, mas não era. Muito conseguira com ajudas providenciais; todavia, os alvos estavam longe de ser atingidos...

Vicente de Carvalho falou da felicidade num famoso soneto que termina assim:

Essa felicidade que supomos,
Árvore milagrosa que sonhamos
Toda arreada de doirados pomos,

Existe, sim; mas nós não a alcançamos,
Porque está sempre apenas onde a pomos,
E nunca a pomos onde nós estamos...

Estava num projecto grandioso. Isso, estava. O Antenor e os companheiros haviam-na posto naquele terreno adquirido por 14.000 cruzeiros. Mas o labor intenso da realização era aflição e dor. Era transformar a charneca em prado florescente...

Darwin do Prado, o anfitrião de Cachoeira, virá trabalhar no Sanatório. Nenhum médico mais abalizado para a tarefa...

★

Na PRG-6 (Rádio Sociedade Mantiqueira) tinha sido irradiada a seguinte notícia:

«Amanhã, Cruzeiro será honrada com a visita de um dinâmico trabalhador da Seara de Jesus. Isidoro Duarte Santos aqui estará para distribuir, a mancheias, belos e sublimes ensinamentos. O autor de «Luz no Caminho» veio de Lisboa, em visita ao Brasil; e Cruzeiro, uma cidade visitada por ele, terá a honra de hospedá-lo, o qual nos brindará com sua palavra amiga, fraterna e convincente, ventilando tema oportuno. Benvindo seja a Cruzeiro, querido irmão Isidoro Duarte Santos!».

Palavras de simpatia, que nós pouco mais valemos do que um chavo.

Centenas e centenas de prospectos corriam de mão em mão pela cidade, ilustrados por lindas vinhetas:

«Benvindo a Cruzeiro, amigo e confrade Isidoro Duarte Santos!

«Cruzeiro Espirita saúda o visitante Isidoro Duarte Santos, director da Revista «Es-

tudos Psíquicos», autor de diversos livros de grande valor doutrinário e um baluarte do Espiritismo em Portugal!

E o Centro Espírita Paz e Alegria, que nos ia receber, estava cheio de prospectos semelhantes, num dos quais se lia:

«O Cristo é o chefe desta casa, o hóspede invisível em cada refeição e o ouvinte silencioso em cada conversa».

★

As 20 horas seria a reunião magna. Toda a família espírita lá estaria representada. Antes, porém, visitámos o Albergue Nocturno com 18 camas (9 para homens e 9 para mulheres). A mesma atenção pelo próximo. O mesmo amor, a mesma caridade. Lá vimos a sala de costura destinada a preparação de vestuário e um belo refeitório com legendas adequadas.

Todos os albergados são obrigados a tomar banho quente ou frio e a apresentar um cartão da Polícia. Depois substituem a roupa pela que lhes é fornecida.

No quintal há uma casa onde se instalam os abrigados com doença contagiosa. E os confrades que passem por Cruzeiro podem contar com um grande quarto de três camas. Aqui, são três para homens saudáveis...

Em determinado compartimento, provisões variadas nos chamaram a atenção. Eram produto da Campanha do Quilo, que se vai estendendo a todo o Brasil Espírita...

Numa cama, futura mãe aguardava o seu momento fisiológico, a fim de ser levada à Maternidade...

O «Cruzeiro Espírita», dirigido por Zácaro Neto, imprime nota de mocidade ao Espiritismo local.

★

A sessão solene realizou-se com enorme regozijo. Todas as cadeiras ostentavam um exemplar de «Estudos Psíquicos».

Na mesa, o Vítor Magaldi, o Antenor de Sousa, o Lázaro Costa, o Pedro Vieira Fortes. A presidir, o Pedro Werkhaizer, a quem está confiado o destino do Centro.

Ouvimos palavras cheias de entusiasmo, porque o visitante era da família. Há muitos anos que o nosso escrevinhar corria a cidade de lés-a-lés. E assim, após um acto de variedades em que Aurora Mota, da Mocidade Espírita, declamou eloquentemente, entrámos num improviso de 50 minutos em torno das «Vias de Redenção».

Não há nada como um improviso para expandir ideias. A fonte corre sempre, quando há sede verdadeira. Nunca vimos sede maior, nem maior vontade de saborear a linfa.

Foi tão belo o repasto, que a assistência pediu mais. Os 50 minutos passaram num ápice. Andáramos por altos caminhos de filosofia e moral e toda aquela gente ia connosco, a sorrir e a vibrar...

O Magaldi disse coisas de nós. Era o que melhor nos conhecia... Mas foi, como sempre, exagerado. A amizade é uma coisa e o valor é outra. A mãe fala bem do filho; e o irmão, do irmão. Andava há tanto em nossa companhia, identificara-se tanto com o «luso-brasileiro»... Não admirava, pois, que as suas palavras fossem de oiro para quem se contentava com o níquel...

★

Cruzeiro ia ficar à retaguarda de outros passos, igualmente cheios de surpresa, de amizade imprevista. E voltávamos a pensar no tempo, no valor de um dia, no preço de uma hora.

Quevedo perguntava ansioso: «Já examinaste o valor do tempo? Não, decerto, porque o deixas passar alegremente, sem ver que a hora, fugitiva e secreta, te leva precioso roubo. Quem te disse que o que foi voltará, quando te for preciso, se o chamares? Dize-me: viste algumas pegadas do dia? Não. Ele só volta para se rir e zombar daqueles que o deixaram passar»...

Cruzeiro ia passar, não como o dia do Quevedo, a rir e a zombar de nós, mas como a casa da saudade de Coelho Neto, aquela cabana pequenina ao canto do coração agradecido.

Naquela noite começávamos a sentir o «acerbo espinho» e dávamos razão a Camilo, quando expandia que a saudade pelos vivos era dor suave. A dor estava junto de nós... estava mesmo em nós...

Nesse momento nos convencemos de que o homem é cidadão do universo, porque se liga a todos os seres da sua espécie, como se laços inquebráveis o prendessem à vida total.

Agora era S. Lourenço, a estância magnífica, refúgio de cariocas e fluminenses que bailava em nossa mente. E o Magaldi, Cireneu clemente e amigo, continuaria por algum tempo a abrir-nos o caminho através de um país maravilhoso que se entregava aos sedentos de belezas espirituais...

A FADA QUE CORRE...

Por SUZANE MISSET-HOPÈS

No decorrer deste ano, vai ser grandiosamente comemorado o 151.º aniversário de George Sand, ilustre romancista, e daí julgar ser oportuno trasladar, para estas colunas, alguma coisa, embora como eco muito apagado de sua fina psicologia, de seu bom senso baseado em profundas certezas espiritualistas, certezas que ela possuía com segurança e que, com tanta inteligência, transmitiu a todas as suas obras.

Certo dia, ao lhe solicitarem um autógrafo para um álbum que seria sorteado em benefício dos artistas pobres da Ópera, a boa Sra. de Nohant, sempre generosa, não se limitou a lançar nele uma frase convencional, afectada, ràpidamente assinada.

George Sand, de quem seu amigo Flaubert diria, sem dúvida, «que ela via todas as coisas através da luz dourada de sua bondade», fez fulgurar e descer de sua imaginação, até sua pena fiel, o adorável «conto-relâmpago» que se segue, miniatura suficiente, todavia, para abranger a mais sábia lição de moral e a mais suave das evocações campestres!

Teria sido, por acaso, a próxima estação primaveril que influiu nessa minha escolha? Não sei, e isso não importa!

Ofereço, com confiança, aos nossos leitores, o simples fragmento de uma grande obra, que eu direi ser a visão sandiana de «a fada que corre», aromatizando a verdade, de maneira tão agradável.

«Encontrei certo dia uma boa fada que corria como louca apesar de sua avançada idade.

— Estais tão apressada em deixar-nos, senhora Fada?

— Ah! não me faleis — respondeu ela — há algumas centenas de anos que não revia vosso pequeno mundo, de maneira que agora não compreendo mais nada.

Ofereço a beleza às moças, a coragem aos rapazes, a sabedoria aos velhos, a saúde aos enfermos, o amor à juventude, enfim, tudo o que uma fada honesta pode oferecer de bom aos humanos, e todos recusam essas minhas dádivas.

— Tendes ouro ou prata? — perguntam-me eles.

— Não.

— Então passai adiante, a nós só interessa a riqueza.

Ora, eu fujo, pois receio que as pequenas rosas dos espinheiros peçam diamantes e as borboletas alimentem a pretensão de irem de carro às campinas.

— Não, não — gritaram as rosas que haviam escutado o seu queixume —, temos gotas de orvalho em nossas pétalas.

— E nós — disseram, rindo, as borboletas — temos ouro e prata em nossas asas!

Aí tendes, declarou a fada, os únicos seres judiciosos que encontrei em minha viagem». (27 de Novembro de 1859).

Que diria a boa fada se voltasse em nossos dias?...

Obrigada, grande George, por essas linhas de cristal, salientando com rara beleza a ambição nefasta das riquezas materiais e a sabedoria viva dos ornamentos da Natureza.

Felizes os que, entre os humanos, sabem dar valor às riquezas inatas, tesouros espirituais que existem ocultos em toda a alma voltada para Deus!

(Do «Reformador», que o traduziu de «La Tribune Psychique», de Paris).

LIBERTAÇÃO VERDADEIRA

Por LEOPOLDO MACHADO

(Correspondente em Nova-Iguaçú)

Lemos, ou ouvimos, que o mundo se transformará pelos três E. E. E. — Evangelho, Espiritismo e Esperanto. Atribuimos o simbolismo ao Ismael Gomes Braga, espirita e esperantista. Ao nosso conceito, talvez exagerado, mais esperantista do que espirita. Escreve-nos, entretanto, o ilustre confrade: «o programa de transformação do mundo conforme as manifestações de Espirits superiores, é simbolizada, pelos três.

★

Evangelho, Espiritismo e Esperanto. Não se limita ao nosso país; é mundial e necessita da colaboração mundial, como só a têm os esperantistas. Avançando mais, o confrade ilustre põe-nos, exactamente, no lugar em que sempre nos colocámos: «Quanto a Evangelho e Espiritismo, não preciso dizer-lhe o que sejam, porque deles V. conhece um pouco». Um pouco? Pouquíssimo, que de uma Doutrina da qual «se disse a primeira palavra e nunca se dirá a última»... Ora, na consciência do pouquíssimo que sabemos do Espiritismo e do Evangelho, e dada nossa manifesta falta de mentalidade e de tempo para outros estudos, deixámos, é óbvio, o Esperanto de parte. Entretanto, sabe o Ismael que nunca o hostilizámos. Houve, até, uns dias, para nós, áureos, em que o Ismael nos enviava seus livros de Esperanto, sobre os quais dávamos impressões, valorizando os esforços do autor, elogiosamente. E na *Hora Espirita Radiofónica,* que andamos dirigindo, na *Rádio Transmissora,* hoje *Rádio Globo,* o Esperanto ocupava lugar de relevo, sempre na palavra de Ismael Gomes Braga...

Estamos, actualmente, e nesta existência, sòmente com duas pernas do glorioso tripé: Evangelho e Espiritismo. Falta-nos o pé — Esperanto — a que o Ismael Gomes Braga empresta, parece-nos, mais importância, e maior universalidade, como se não fossem, também, o Evangelho e o Espiritismo, universalíssimos. A julgar pela carta do confrade ilustre, a obra do Esperanto se trama na Espiritualidade, onde os *líderes* do Alto preparam *líderes* na Terra, para a humanidade. Estávamos a pensar que um destes *líderes* em preparação na Terra, ou já preparado, fosse o Ismael Gomes Braga.

Engano nosso, di-lo ele: «Eu mesmo não espero ingressar na Academia, mas estou pleiteando um lugar, ainda que modesto, na limpeza, na portaria ou em outro lugar da Academia...». E, sem cerimónia alguma acrescenta: «Quando você aqui voltar, o espírito intelectual que não souber esperanto, será recolhido a uma casa de saúde, para ser tratado como demente ou anormal.

Ai de nós, na próxima encarnação, por não sabermos esperanto! Somos de uma extrema querença ao Brasil e andamos mantendo, belicosamente, polémicas seríssimas. Voltaremos, assim, na próxima existência, à Terra, com todas as características de um demente perigosíssimo, destinado a um lugar escabroso: à camisa de força de uma Casa de Saúde bem construída e forte! Console-nos, por antecipação, que, nesses dias, haverá, na Academia, senão um Ismael Gomes Braga, algum Ismael que se compadeça de nós e nos empurre, generoso e bom, para a frente, a exemplo de que ele faz, agora, connosco, arrastando-nos, indirectamente, a estas colunas da LIBERTAÇÃO...

★

Compreendemos o simbolismo magnífico dos E. E. E. e admitimos que a universidade do Esperanto seja maior. A língua é mais objectiva para a nossa vida contingente, do que a filosofia. Saca imediatamente, para o presente e para a Terra. O Evangelho e o Espiritismo, quando forem bem estudados, compreendidos e assimilados, sacarão para a *hora que passa,* para o futuro e para a vida espiritual. Aprendemos no Espiritismo que os Espíritos se entendem pela linguagem do pensamento. As línguas, portanto, obra dos homens, são coisas da Terra. Não damos, assim, ao Esperanto, nem a língua nenhuma, o mesmo valor que lhe empresta o ilustre confrade. Irreverência de um ignorante do Esperanto? Pode ser. Mas, não emprestamos ao Esperanto a mesma cotação dos outros dois E. E. ...

★

Escravo de tudo, gemia o mundo inteiro, sem liberdade, até meados do século dezanove. Não se respirava o oxigénio puro da Verdadeira Liberdade. Principalmente, da liberdade espiritual. Até as coisas sagradas do Evangelho sentiam a conspuração dos homens impuros. Era a «abominação» ocupando os

O ENCANTO DE PORTUGAL

Para o distinto poeta Anisio Melhor

Ó poetas portugueses,
Ó inspirados cantores!
Vossos versos enchem-me a alma
De música, luz e flores!

Que de estranho existe em vossas
Liras? Dizei-me se há nelas
Algo de misterioso...
Acho-as tão belas, tão belas!

Penso sempre em vossa terra
Com profunda simpatia.
Não creio que em parte alguma
Possa haver mais poesia.

Como que tenho em minha alma
Os vossos rios e aldeias!
Parece que vosso sangue,
É o mesmo de minhas veias!

Portugal! Eu pronuncio
Portugal tão docemente!...
Portugal é nos meus lábios
Um fado terno, dolente...

Portugal!... Estou bem certo
De que, em longinquo passado,
Empunhava uma guitarra
E soluçava o meu fado...

Sinto que o Tejo e o Mondego
São meus velhos conhecidos...
Ó poetas portugueses,
Vós sois meus irmãos queridos!

Baía, 1954.

PAULO ALBERTO

lugares santos. Faltava, por isso mesmo, a tudo e a todos, a manifestação do Espírito do Senhor que, «onde há liberdade, aí está ele», é do Evangelho.

Ergue-se de dentro do Cristianismo, transformado em catolicismo, um espírito profético: é Joseph de Maistre, que sentencia: «ou o Cristianismo se transformará, ou surgirá uma religião nova». Cumpriu-se, fielmente, a profecia: reformou-se o Cristianismo e surgiu uma religião nova, ainda que se não confira aspecto religioso ao Espiritismo.

O Espiritismo foi a transformação do Critianismo. E foi, também, a Religião por excelência, que repontou, na época, com a mesma superioridade do Evangelho.

O Positivismo foi uma religião alicerçada em bases científicas, com fundamentos morais admiráveis, como *viver para outrem*, como viver tendo «o amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim», num esforço supremo de demonstrar que se pode ser bom e fazer o bem independentemente de religiões, cujos adeptos não vivem como devem e como elas ensinam...

Ora, para uma reforma seríssima do Evangelho, para robustecer o espírito de duas «religiões» nascentes, — uma com Deus, restaurando, em bases filosófico-experimentais, os ensinamentos do Evangelho, e outra, sem Deus e sem imortalidade, mas também sublime em seus fundamentos científicos, só uma língua universal, diferente e fácil, de fácil expansionismo...

Seria aqui o lugar do Esperanto.

★

Allan Kardec, Augusto Comte e Zamenhof são figuras do mesmo século, da mesma época e até do mesmo continente.

Zamenhof compreendendo que, nada, no plano terreno, aproxima tanto como uma língua uniforme, diferente e sugestiva, criou o Esperanto, que é, diz Ismael Gomes Braga, uma *revelação do Céu*.

Augusto Comte quis demonstrar que se pode ser cientificamente religioso.

Allan Kardec restaurou, em luzes mais brilhantes, o Evangelho, revivendo o asserto do Cristo: «Passará o Céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão». E glosando, sem propósitos, Augusto Comte e Zamenhof, continua demonstrando, à luz do Espiritismo, a universalidade dos factos descritos no Evangelho. Provando essa universalidade, aliás, no plano material e no espiritual, mais por facto do que por ideias, palavras e imagens, como fazem as línguas humanas.

5.º

«DAR E DEIXAR»

Amigos radiouvintes:

Hoje quero contar-vos uma històriazinha de grande valor moral. Alguns é possível que a conheçam, quer de leitura, quer de audição. É um caso vulgar, de todos os dias. A cada passo se encontram almas alanceadas, que dariam toda a riqueza por um instante de calma espiritual. Principalmente nos últimos tempos da vida terrena, quando os abusos da mocidade afloram à mente e os desmandos da idade madura se erguem como espectros, a acicatar, a verrumar, a esmagar o espírito inquieto. Este quadro psicológico dura muito mais do que se julga. Nalguns indivíduos mantém-se na velhice, obrigando-os a certas atitudes que parecem incoerentes. Noutros galgam o paredão da morte e instalam-se no perispírito, onde permanecem, até que a evolução os desaloje ou os desfaça.

O quadro foi dado ao Chico Xavier pelo Espírito do *Irmão X*, esse Humberto de Campos que tantas coisas belas nos tem proporcionado. O herói é Cirilo Fragoso, que um dia bateu às portas da Esfera superior e ficou desolado por não ver o nome na lista dos ingressos.

— Então eu não estou cá? — exclamou, irritadíssimo —. Para que serviu a protecção que dei aos pobres? Não trouxe nada comigo... O que tinha, lá deixei para eles. Agora sou recebido como um réprobo. Não há direito! Não há direito!...

E o Cirilo barafustava, ralhava, choramingava... O porteiro da Esfera observava-lhe os gestos, compadecido... Foi quando a consciência incitou o pretendente a recordar...

Na verdade, Cirilo Fragoso trabalhara muito e beneficiara de grandes negócios. Queria sempre mais do que já tinha, e nessa obsessão diária não arrajava dois minutos para visitar um enfermo, ouvir um indigente, uma mulher infeliz, um detento carecido de amparo. Só quando pressentiu a Morte com o gadanho é que se lembrou de fazer testamento, a beneficiar instituições, para que elas o recordassem em preces votivas.

Isto dizia-lhe a Consciência, essa coisa que o Cirilo muitas vezes afogava num encolher de ombros, quando o negócio lhe acenava lucro fabuloso.

A situação era difícil. O coração esgrimia com o testamento generoso, mas a Consciência perguntava se não teria sido melhor despojar-se em vida de alguns bens acumulados. Neste dilema, rogou ao porteiro que tomasse nota de suas declarações, as quais julgava suficientes para o salvo-conduto requerido.

— Provas, meu amigo, dê-me provas. De outro modo não lhe posso advogar a causa.

O Cirilo dirigiu-se à terra a buscar os elementos de defesa e voltou todo ancho.

— Cá estou outra vez—exclamou, exibindo uma folha de papel timbrado —. São as provas exigidas para a minha entrada no Céu. Veja o que eu deixei:

«400.000 cruzeiros a diversos refúgios; 800.000 aos doentes de várias agremiações; 300.000 à Fundação do Instituto de S. Damião, a favor dos leprosos; 600.000 a um hospital de câncer; 500.000 à infância desvalida; 1.2000.000 aos meus empregados. Portanto, 3.800.000 cruzeiros a obras meritórias.

O porteiro ficou impassível.

— Então acha pouco o que fiz?

— Cirilo, é preciso pensar. Bem-aventurado é quem dá com alegria. E você... temos que ser justos... você não deu. Aqui estão as suas notas... Você deixou. Deixou, porque não podia trazer... Não será isto?...

O Cirilo ficou aflito... a olhar em alvo.

— Infelizmente — disse o anjo — o seu lugar não é aqui. Quem dá, serve e passa. Você está ligado ao dinheiro. Volte ao mundo e desprenda-se dos bens materiais. Aprenda a dar com alma e coração, meu caro amigo.

E o pobre Cirilo não teve outro remédio senão voltar à terra em espírito, a fim de apreciar a verdadeira beneficência.

Aqui está a historiazinha que eu queria contar e que se adapta não só aos espiritistas que desejam evolucionar, mas sobretudo aos que se apegam demasiado à riqueza transitória, que a ferrugem consome inexoràvelmente.

A fé sem obras vale muito pouco. É como a prece que se faz por um vilão. Que rende impetrar benevolência, se a Lei tem de ser aplicada no próprio interesse do céu?... Cada qual responde por seus actos e fabrica a escada de sua evolução. O pobre do Cirilo ignorava estas coisas e por isso barafustou ao saber que nada tinha dado. Mas acabou por se conformar. Os argumentos contrários eram de peso e abriam-lhe um caminho novo e diferente daquele que palmilhara.

E quantos Cirilos não estarão a ouvir-me, entre o coração e a consciência? Graças a Deus, que ainda é tempo de reparar o perdido. Não digo que alienem toda a riqueza acumulada. Isso, não digo. Semelhante linguagem não a entenderiam. Mas atrevo-me a um pequeno alvitre: Se há tanto espírito sem luz e tanta boca sem pão, porque não dar o *supérfluo* em holocausto ao bem-estar dos que sofrem no declive da miséria? Quem mais dá, mais recebe. Deixar em testamento é uma fórmula vazia. Que pode levar o homem na viagem da morte? O mesmo que trouxe na viagem da vida.

O Cirilo teve rebate de consciência e correu ao notário em busca de passaporte. O pior foi o anjo que não lhe pôs o «visto». Naquela Esfera não há contrabando, porque o serviço é rigoroso e os fiscais não se deixam subornar. Se a bagagem não for em ordem... volta para trás. Proibida a direcção, seja padiola, carroça, automóvel, avião, cadeira gestatória. Seja o que for, volta para trás...

Portanto, o melhor é ser realista, não deixar o certo pelo duvidoso... Vale mais prevenir, que remediar...

Amigos radiouvintes, desculpai a parlenda. Que Deus guarde o vosso lar e preserve a terra brasileira.

11 de Setembro de 1956

MARCO POSTAL

A. Cardão, Juiz de Fora — *Recebida a sua carta e apreciadas as suas palavras amigas cheias de incitamento. Sim, tenho muito que dizer acerca desse Brasil florido a que fiquei preso para sempre. O meu livro aparecerá na devida altura. Cumprimentos ao bondoso Ali Halfeld, homem de coragem que, por si só, vale um monumento. Todos os jornais me chegaram às mãos. Agradecido.*

Alfredo Miguel, Salvador — *Desculpe o atraso da resposta. Aumentámos a remessa para 67 exemplares, como indicou. Não esqueça o pedido ao «Tio Juca». Quanto ao seu livro, descanse, que sairá. É uma bela síntese reencarnacionista e merece ultrapassar as fronteiras do jornal. «Minha Iniciação no Espiritismo» achei interessante e sugestiva. Será publicada na secção «Como se fez espírita?». Cumprimentos à esposa e filhos. Brevemente escreverei. Um grande abraço.*

Airton Machado, Vitória — Espírito Santo — *Que bem me fez a sua carta de Fevereiro! Estímulo, calma e transfusão. Você devia estar aqui com o seu «pombal». Há pessoas capazes de incitar um regimento. Você é uma delas. Vou publicar um dos seus trabalhos: «Bandeira de Evangelização da Criança». Já está composto há dois meses. Mas a falta de espaço... Ainda não escrevi ao Divaldo. Veja você a minha vida! Um abraço igual ao que demos no aeroporto.*

J. Alves de Oliveira, Rio de Janeiro — *Recebi a sua carta e a revista «Boa Vontade». O seu «Caminho» continua a ter bons colaboradores. Mas as minhas palavras não passarão. É assim mesmo. As grandes obras não se fazem de jacto. Necessitam de elaboração. Não mais chegou a «Boa Vontade». Se puder, fale nisto ao Zarur, outro amigo dilecto. Gostava de acompanhar esse belo movimento com foros de cruzada. Aguarde correspondência.*

Roberto Previdelo, Baurú — *Soube pelo Carlos Cruz que indicou representante para a revista. Muito lhe agradeço. Um pilar ligado a outro pilar. Ainda não recebi carta do novo colaborador. Vamos para a frente, que dos fracos não reza a História. Saudações com votos de progresso constante.*

Senhorita Dalva, Baurú — *Agradecimentos sinceros pela acção meritória em prol de «Estudos Psíquicos». O céu encontra sempre obreiros magníficos para obras deste género. Que essa Banca de Jornais continue a colaborar connosco na expansão do Ideal e que a boa vontade se multiplique em vossa alma de eleição.*

Ramiro Viana, Campos — *Estranho o seu silêncio e gostaria de notícias de vocês e do Grupo «Aracy». Que tem havido por lá? Recebi a luva de parafina, que me trouxe o confrade Homero Pereira, de S. Paulo. E mais a pedra enviada por «Lia». Como vai o Peixotinho? Como vão os trabalhos de materialização e de efeitos físicos e voz directa? Como vai sua esposa? E seus filhos? E a mestra do harmónio que me fez chorar?... Não desisto da sua carta, ouviu?*

Comandante Osório Pinto, Rio de Janeiro — *Como as suas palavras me alegraram! As palavras e os livros, a que faremos referência. Não mais esquecerei o acolhimento que tive em seu lar, um conjunto simpático, uma síntese de harmonia. Espero voltar e então renovaremos o colóquio. Hei-de escrever-lhe brevemente.*

Dr. João Pompilio, Porto Alegre — *Cá está a missiva de 10 de Agosto. Veio a tempo de completar a notícia que demos a respeito do Instituto «Dias da Cruz». Diga que números lhe faltam de «Estudos Psíquicos». Ser-lhe-ão enviados. Venha, amigo Pompilio, venha quanto antes a esta sua Lisboa, com D. Cecy, Egéria munificente da Casa do Pequenino. Tenha paciência. Espere algum tempo, que a minha carta chegará ao Edifício Cavalcanti... Abraços para vocês com vibrações fortes de amizade.*

Marechal Mário Travassos, Rio de Janeiro — *Agradecido pela carta e pela colaboração. Veio a tempo. Suas referências à Revista são verdadeiro incitamento. Julgava eu que ela tinha parado e agora vem dizer-me que está em franco progresso, mais variada, boa paginação e bem movimentada. Aguardo a colaboração que promete. Abraços fraternais a todos os «cruzados». Respeitosos cumprimentos a sua esposa.*

Zalmino Zimmermann, Porto Alegre — *Em meu poder sua carta de 11 de Agosto, com os 13 novos assinantes e o seu artigo «Psicologia da Oração». Não tenho forma de retribuir o seu interesse por «Estudos Psíquicos». Só vibrações de sincera amizade. Vou escrever-lhe por via aérea sobre todos os itens para expandir os meus agradecimentos. Abraços ao Cerqueira e ao Matos. E mais um para você. «La Revue Spirite» vai seguir com o tal comentário. Se o pensamento é asa, no dizer de Junqueiro, não admira que o seu esteja correndo mundo. Vamos falar muito do Ateneu. O mundo saberá coisas dignas de admiração. Já providenciámos no tocante aos representantes de Cachoeira do Sul e Santa Maria.*

Divaldo Franco, Salvador — *As minhas pesadas tarefas não permitiram escrever-lhe directamente. Desculpe. Espero fazê-lo em breve. Tenho aguardado os elementos acerca da «Mansão do Caminho», onde belos dias passei. A Bahia recebeu-me condignamente e você contribuiu muito para isso. Diga ao Nilson que se não esqueça das fotografias. Tenho seguido os seus passos, meu caro Divaldo. Serão cada vez mais luminosos e mais frequentes, que a Causa abre a senda aos arautos...*

Henrique Magalhães, Rio de Janeiro — *Recebemos as suas notícias. Homero e esposa têm sido óptimos companheiros. Quando manda você os elementos relativos à «Casa da Mãe Pobre»? Estou com a crónica de S. Lourenço. Vai tudo vagarosamente. Há tanto pormenor a fixar! Não sei quando chegarei ao fim da tarefa. Diga ao Américo que recebi a carta. Quando puder, responderei. É um bom amigo e um bom esteio.*

No Limiar do Etéreo

por ALFREDO MIGUEL

(Correspondente na Bahia)

Nos países europeus, e principalmente na América do Norte, onde o Espiritismo é apenas objecto de investigações científicas e os médiuns como que são dotados de poderes especiais para auxiliarem as experiências dos sábios, os fenómenos mais extraordinários se verificam com certa frequência e debaixo de um controlo meticuloso que exclui completamente toda a possibilidade de fraude.

Há factos que realmente chocam a mentalidade do homem comum e que mais se parecem com fantasias de engenhosos cérebros.

Mas, quando consideramos o acúmulo de provas que os legitimam e demonstram que são reais; quando reflectimos sobre a honradez pessoal e a reputação científica dos homens que os testemunharam e os descreveram em livros sob a responsabilidade de seus nomes, — só uma atitude nos parece sensata: aceitar como indubitàvelmente verdadeiros os factos, por não nos ser possível suspeitar da probidade intelectual e da rectidão de sentimentos dos seus narradores.

Da mesma opinião, a tal respeito, são todos os espíritos equilibrados, e Charles Richet, um dos mais ponderados sábios de nosso tempo, dizia na «*Revue Philosophique*» que lhe repugnava admitir que «pessoas distintas que ocupam uma posição científica e social eminente, de uma moralidade que parece estar acima de toda a suspeita, se tenham combinado em todas as partes do mundo para contar factos mentirosos e impingir descaradamente e sem interesse ou proveito algum, imposturas. A não se cair em exageração de cepticismo não se pode supor que no Espiritismo só haja fraudes e mentiras».

Já esboçamos em ligeiros traços a personalidade do sr. H. Dennis Bradley, escritor, jornalista e teatrólogo inglês, em cujo pensamento não havia lugar para uma concepção da imortalidade da alma, ou mesmo da existência de Deus, dada a impressão de horror que lhe causara a guerra de 1914, impermeabilizando-lhe a mente aos lampejos da fé...

Nesse estado de espírito é que ele participou, pela primeira vez na sua vida, de uma reunião espírita, e logo aí teve a fortuna de conversar por longo tempo na mais terna intimidade com a sua falecida irmã.

Esse seu primeiro contacto com o mundo espiritual, e as demais experiências que realizou no Norte da América, e depois na sua pátria, com Valiantine, induziram-no à publicação do seu livro relatando os belos fenómenos da *voz directa*.

Ninguém tem o direito de contestar o seu depoimento, quando ele mesmo assevera que indentificou do modo mais completo a entidade amiga que lhe falara.

Outra figura proeminente na Inglaterra, assim pela sua cultura como pelo seu renome, era o sr. Arthur Findlay, que, além de outros títulos justificativos da notoriedade de que gozava, possuia os de membro da «Glasgow Stock Exchange», director do «Dominion and General Trust», autor de obras sobre Economia e Finanças, autoridade em Agricultura, presidente do «Instituto Internacional de Pesquisas Psíquicas», do «London Spiritualist Alliance», do «Psychic News» e do «Light».

Pois a propósito do impressionante fenómeno da *voz directa*, ou independente, muito nos tem a contar o sr. J. Arthur Findlay no seu livro. *No Limiar do Etéreo*.

6-4-56

(Continua).

SOLILÓQUIO

por MANUEL CAVACO

Desde há muito tempo já, eu tenho observado que se contagia, acentuadamente, a relutância de se dizer: — adeus — quando nos separamos uns dos outros e nos ausentamos por pouco ou por muito tempo. Ora, essa relutância é tão descabida, mormente nos crentes da protecção Divina, quando é certo que aquela expressão significa uma recomendação a Deus; constitui verdadeira oração, uma verdadeira prece, singela embora, mais ou menos sentida, pouco ou muito fervorosa; a qual, até os indiferentes proferem, sem querer, mas com sentimento, em certas ocasiões.

Certo: a recomendação *a Deus* supera qualquer outra; e só por isso merece os nossos melhores esforços no sentido de não se deixar desvirtuar o seu belo significado nem desmerecer o valor espiritual que encerra aquele rogo de cada um quando diz a Deus, a quem se ausenta, o qual deve ser tanto mais fervoroso, quanto mais longa tiver de ser a ausência.

A quem melhor se poderá recomendar quem se ausenta, se não a Deus?...

Eis porque eu não receio dizer *a Deus* a quem passa, a quem vai e não volta.

Crónica Mundial

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

REGRESSÃO DA MEMÓRIA

O jornal *O Globo*, diário brasileiro de grande projecção, publicou uma crónica de Peter Earle acerca de um caso sensacional de hipnose no qual uma mulher em transe é levada a passadas existências.

Trata-se da jovem americana chamada Margaret, que foi hipnotizada por Morey Bernstein e descreveu cenas de uma vida que teve na Irlanda há 150 anos, com o nome de Bridley Murphy, e empregando vocábulos desconhecidos das americanas modernas.

Peter Earle ouviu a gravação em fita sonora feita pelo hipnotizador e teve a impressão de assistir a penoso interrogatório. As respostas eram breves sussuros entrecortados.

O aparelho era de uso doméstico, portanto rudimentar. A princípio, a voz de Margaret era natural com sotaque do Médio Oeste americano.

Disse o nome das escolas que frequentara, quem eram as suas amigas e onde se sentava na aula. Levada à idade de 7 e 5 anos, disse que o seu brinquedo favorito era pular a amarelinha e que tinha uma boneca chamada «Bubbles». Depois a voz transformou-se. Era de menina de 3 anos.

Um compasso de espera narrando uma vida de emigrante em Nova-Amesterdão, antiga Nova Iorque, limitada por ter morrido na infância.

Mas a Irlanda é que atraía o subconsciente de Margaret, no tempo em que era Bridey Murphy. Agora a sua personalidade impunha-se tentadoramente. Natural de Cork, casada com um jovem advogado, é alegre, sente-se que gostava da vida e fala com esfusiante sotaque irlandês. Mas a sua voz envelhece, à medida que descreve a sua vida na Irlanda e já não usa americanismos.

Nisto, «Bridey» tem uma crise. «Quero um pano», diz ela. Bernstein não compreendeu o que era um *linan* (lenço). A sr.ª Bernstein julgava que era água e foi buscar um copo de água gelada. Entretanto, Bridley deu um espirro e abriu os olhos. Era Margaret acordada, com o espírito de Bridley.

A gravação reflecte a aflição de Morey, ordenando-lhe: «Durma outra vez... Durma... durma...».

Ouve-se o testemunho ansioso das testemunhas da gravação e a voz de Bridey, a exclamar penosamente: «Um pano! Ninguém tem um pano?». E adormece de novo. Só se ouve a respiração ofegante.

«Durante este episódio — escreve Peter Earle — senti suor frio nas mãos. Olhei para os meus companheiros. Estavam imóveis nas cadeiras». E depois: «É perigoso lidar com o desconhecido».

Morey queria a hipnotizada para lá da morte, quando se notou que Bridey, através da gravação, parecia uma velha. A voz era trémula, revestida de mau humor. Quando ele lhe pediu que soletrasse a palavra irlandesa *Cuchulain* (gigante lendário), fê-lo ràpidamente, com impaciência. E quando falava no seu marido Briand, perguntou: «Quer que soletre isso também»?

— Para onde foi, ao morrer?

— Fiquei em casa.

Nos minutos seguintes descreve uma estranha existência num país de sombras. Vê pessoas vivas, fala com elas, mas não obtém resposta. Vê amigos «mortos» e conversa com eles. É um mundo solitário, em que não há dia nem noite.

— Fica-se assim à espera até nascer de novo... — diz ela —. Ninguém nos diz nada... De repente, nasce-se outra vez...

Este é o relato de Peter Earle, que resumimos. Estranhamos, porém, que o hipnotizador não tivesse procurado provas de identidade.

UMA ESTRANHA CONFERÊNCIA

Quem narra o caso é o nosso confrade Aleixo Vítor Magaldi nas colunas de *O Clarim*, de Matão, Estado de S. Paulo. A Confraternização Espírita Sul Fluminense, reuniu-se em Junho passado na cidade de Volta Redonda, com a presença dos 12 Centros fundadores para deliberar sobre o 1.º Centenário do «Livro dos Espiritos» que se completará em 18 de Abril de 1957. A Associação Espirita Estudantes da Verdade começou a executar o seu compromisso em 4 de Julho, com uma conferência do General Celso Pedra Pires, o qual fez uma cruz com os seis principais livros de Allan Kardec, dispondo-os na mesa: «O Evangelho Segundo o Espiritismo» era a peanha; o «Livro dos Espiritos» e o «Livro dos Médiuns» formavam o lenho central; «O Céu e o Inferno» e «A Génese» constituiam os braços, com as «Obras Póstumas» à cabeça. Depois pediu a uma das médiuns locais que se sentasse à frente da mesa, voltada para a assistência, ficando ele de bengala em punho, a andar de um lado para o outro, entre a médium e a mesa da presidência.

Ao abrir a sessão com uma prece, disse algumas palavras ao ouvido da médium, antes dela cair em transe. Em seguida fez a sua peroração com prece emocionante, avisando que, por seu intermédio, falaria um Espírito amigo, embora, por enquanto, fosse ele ainda a falar, apesar de se sentir já *mediunizado*. Explicou também que colocara ali a médium para que lhe cedesse a ele os fluidos, no sentido de facilitar a conferência do Espírito. Expôs algumas actividades nos meios espiritas, nos meios umbandistas e quimbandistas, nos círculos esotéricos, nos templos rosacrucianos, nos centros redentoristas e terminou, dizendo que não era espirita, nem umbandista, quimbandista, esoterista ou coisa que o valesse.

— Sou um espírito em peregrinação no mundo!

Em seu conceito, a cruz formada pelos livros de Kardec era *a cruz da fé que todo o espiritista deve levar no Calvário da redenção.*

Quando o Espírito tomou conta do General, após leves convulsões e gemidos abafados deste, o *Pai Jerónimo* desenvolveu um tema atraente, em linguagem límpida na qual sobressaíam assuntos de ordem reencarnacionista, sobretudo a Lei de Causa e Efeito, em torno de *Fraternidade* e *União*, partindo do lar para a sociedade, do estado para a nação do país para o mundo.

De vez enquando dialogava com assistentes, convidando-os a manifestar-se sobre questões que pressentia na mente de cada um, esclarecendo-os satisfatòriamente.

Por fim pediu aos médiuns viden-

tes que o descrevessem. As descrições coincidiram no geral. Tratava-se de um *preto velho*, mais baixo que o General, um cordão de S. Francisco amarrado à cintura, cujas pontes caiam quase até aos pés, e envolvido num alvo roupão que deixava entrever as sandálias.

UM CASO DE DESDOBRAMENTO

William Chapman White publicou há tempos um artigo no *Diário Popular*, de Lisboa, que causou grande impressão nos sectores profanos. O vespertino lisbonense inseriu a narrativa sob este rótulo tremendo: «O estranho caso do americano que foi à Noruega precedido do seu fantasma».

Erkson Gorique é o protagonista da história. Homem de 50 anos, tem corrido o mundo em viagem de negócio. Em 1954 decidiu visitar a Noruega para vender cristais e porcelanas, embora ali não conhecesse qualquer pessoa. Um ano depois chegou a Oslo de avião e dirigiu-se ao melhor hotel, onde se inscreveu como hóspede. Pareceu-lhe que o empregado o fitava de forma estranha, mas não ligou importância, até que, fixando a assinatura, aquele exclamou:

— Ainda bem que voltamos a vê-lo, sr. Gorique!

O visitante disse que era a primeira vez que ali se encontrava e o empregado mais surpreso ficou.

— Mas há meses que o sr. aqui esteve e disse que voltaria no Verão... O seu nome é pouco vulgar e por isso não o esqueci...

— Deve ser engano — disse Gorique —. Nunca aqui estive.

O empregado encolheu os ombros:

— Talvez eu esteja confundido.

No dia seguinte Gorique dirigiu-se ao escritório de um armazenista, chamado Olsen, a quem fora recomendado. Foi recebido por um homem idoso e afável.

— Sr. Gorique, que prazer tornar a vê-lo! Sempre esperei que voltasse a aparecer após a sua curta visita de há meses...

— Sr. Olsen — disse ele — é a primeira vez que aqui venho. Nunca tinha estado em Oslo. Nunca o tinha visto. Pode explicar-me...

O sr. Olsen explicou. Um tal Erkson Gorique fizera-lhe breve visita alguns meses antes, manifestara interesse em comprar certa quantidade de porcelanas e cristais, dissera-lhe que voltaria no Verão seguinte e saira apressado.

— E parecia-se comigo?

— Não era talvez tão amável e parecia estar com muita pressa. Mas parecia-se com o senhor.

Gorique concordou que tudo aquilo era deveras singular. E Olsen prosseguiu:

— Também me lembro de me dizer que tinha escritório em 44th West Street e armazém em Long Island.

Gorique sentiu a testa cobrir-se de suores frios. Era o seu próprio endereço. E limitou-se a dizer com voz titubeante:

— É estranho.

Gorique ficou uns dias em Oslo e fez grande encomenda a Olsen. Discutiram o caso do visitante anterior, sem nada concluir. Passados dias Olsen apresentou o americano a um professor da Universidade, que ouviu o caso, dizendo:

— Não posso dar-lhe uma explicação, mas posso dizer-lhe que a experiência de ter um «Vardogr» ou «precursor», como se chama, não é fenómeno psíquico raro nesta parte do mundo. Por que motivo o «precursor» aparece nestas regiões antes da pessoa autêntica ou a razão de só nesta parte do globo o facto ser notado, ignoro completamente. Há tantas coisas que não sabemos...

O AMOR DE UM CAVALO

Voz Informativa, de Julho, noticia um fenómeno admirável comprovante da grandeza de alma de certos animais.

No dia 21 de Janeiro do corrente ano — conta o articulista — Giuseppe Polischi regressava a casa depois de passar o dia numa aldeia vizinha, onde costumava ir semanalmente. Um amigo, fitando o cavalo, exclamou:

— Já está velho. Podias vendê-lo para o matadouro.

Polischi ficou chocado, pois tinha amor ao animal, que durante 14 anos o servira com dedicação. Pensava substituí-lo, mas nunca matá-lo. Não o poderia sacrificar assim.

Quando regressava a casa era noite e a temperatura estava abaixo de zero. Subiam a encosta e o dono desequilibrou-se e rolou pelo declive. Em face dos lamentos de Polischi, o cavalo relinchou desesperadamente, mas ninguém lhe respondeu. A neve caía. De súbito, Morello — era o nome do cavalo — começou a galopar a caminho de casa.

Na aldeia tudo estava em silêncio e aquele relinchar obrigou alguns habitantes a abrir as janelas. Vendo o cavalo sózinho, calcularam que algo tinha sucedido ao dono. E alguns se deixaram guiar pelo animal, que os levou ao lugar onde Polischi estava sem sentidos. Primeiro, os aldeões nada viam sob a luz das lanternas, mas o cavalo olhava para baixo, até que deu a compreender que o dono rolara pela encosta. Levaram-no então ao hospital, cujo médico declarou que não teria podido salvá-lo, se tivesse ficado mais uma hora na neve.

Comentário de *Voz Informativa*:

«Como pensar que os animais carecem de inteligência e sentimento? À medida que evolucionamos, observamos mais e compreendemos melhor. Quando souberem que o amor e a bondade anulam o mal e tudo aplanam, a felicidade se instalará na terra».

IDENTIFICAÇÃO CURIOSA

Desobsessão, de Porto Alegre, resumiu de *Constância*, de Buenos Aires, um artigo cujo tema não deixa de ser interessante. É sobre a relação entre Espiritismo e Filatelia. As personagens são David Bedbrook e o Espírito do Dr. Laënnec, inventor do estetoscópio.

Em 1951 Bedbrook esteve na Bélgica, onde fez as suas primeiras experiências de clarividência e clariaudiência. De regresso a Inglaterra, o seu guia espiritual «Dr. Paddy» disse-lhe que ia ser substituido por outro médico mais conhecedor dos fluidos espirituais. A nova entidade, falando inglês arrastado, deu o nome de «Dr. Pierre», informando que vivera em 1786.

Em 1952, Bedbrook foi a França e realizou curas por intermédio do «Dr. Pierre», o qual declarou que apareceria junto à cama de um doente para lhe conhecerem o aspecto que tivera na última encarnação. O médium não aceitava gratificações e só receberia selos de correio, por ser filatelista.

Já na Inglaterra, recebeu carta dizendo que o Espírito aparecera junto às camas e que um doente, passando por uma estação de correio, sentiu irresistível vontade de comprar um selo e ficou admirado ao verificar que a efígie filatélica era exactamente a do médico que aparecera. Mais tarde recebeu outras cartas a confirmar a novidade.

Realmente, tratava-se de selo em homenagem a Laënnec, inventor do estetoscópio (1781-1826).

Numa sessão perguntaram ao «Dr. Pierre» o seu verdadeira nome e ele disse que era René Laënnec, o inventor do estetoscópio.

Notas & Comentários

TEATRO ESPIRITUALISTA

Em S. Paulo fundou-se uma sociedade com o nome de Teatro Novos Comediantes, cuja sede é na rua Jaseguai, 520, próximo da Avenida Brigadeiro Luis António. O seu objectivo não deixa de ser curioso e interessante, e mais interessante e curioso ainda o facto de a Temporada Espiritualista do TNC ser apresentada sob os auspícios da Secretaria do Governo do Estado, ao preço popular de 30 cruzeiros (12 escudos em nossa moeda).

Durante todo o mês de Maio, às 21 horas de cada dia, representaram a «A Grande Mensagem», peça espirita alvejando a imortalidade da alma. Terá sido extraida do livro do mesmo nome escrito por Van Der Nailen?...

No mês de Junho coube a vez à «Granja do Silêncio», de Paul Bodier, por cenário a França do século dezóito. Este livro é de grande utilidade doutrinária. Embora se trate de novela, descreve um fenómeno de materialização que vale por todas as páginas.

Em Julho deram «Paulo e Estêvão», essa obra magnifica de Emmanuel recebida psicográficamente pelo Chico Xavier e adaptada à cena, a fim de mostrar a personalidade de Estêvão e sua influência no destino do apostolo dos gentios.

Que dizem a isto os leitores? Vejam lá se o Brasil não é um país estranho e maravilhoso, onde o Espiritismo assentou arraiais para a reforma das almas! É tão evidente o contágio da Doutrina, que o próprio Estado se não furta a tomar parte na Cruzada. Hoje é o Teatro Novos Comediantes, como foi ontem a Emissora Piratininga e amanhã será a conclusão do gigantesco Hospital Espirita do Porto Alegre ou novos departamentos da «Maternidade Casa da Mãe Pobre», do Rio de Janeiro. Se até Getúlio Vargas foi Presidente Honorário da Casa do Tio Juca, de Salvador... Tem havido luta, é certo, e luta difícil, mas tudo se vai conseguindo, mercê de Deus e dos homens.

A iniciativa do Teatro Espiritualista de S. Paulo não sabemos a quem pertence, nem isso importa. O que importa é a realização, que servirá de exemplo a comediantes de outros Estados. O brasileiro é artista de inteligência e coração e desdobra-se para impulsionar os movimentos fraternos. Tivemos ocasião de verificar esta faceta em muitas conjunturas. É orador e poeta, sabe interpretar as mais belas mensagens humanistas, cultiva a música e a pintura, tudo enquadrando no sector educativo para fins mais altos.

Leopoldo Machado pode considerar-se o verdadeiro precursor desta forma de propaganda. Ainda bem que o gesto proliferou.

NÃO PRECISAM DE ALVARÁ...

Uma noticia nunca vem só, quando é boa, quando estimula os homens de boa vontade. Por isso damos outra, que recolhemos de «O Espirita Fluminense», de Niterói, órgão da Federação Espirita do Estado do Rio de Janeiro.

Dizemos acima que os governos facilitam as empresas que os espiritistas criam em todo o território brasileiro. A prova está na Lei 2867, de 20 de Junho de 1956, que acaba de ser promulgada pela Assembleia Legislativa. Reza assim:

Artigo 1.º — Ficam dispensadas da exigência do alvará para funcionamento as entidades espiritas (associações, centros, etc.) reconhecidos de utilidade pública pelo Governo do Estado.

Artigo 2.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio do Governo, em Niterói, 29 de Junho de 1956.

Esta lei foi publicada no «Diário Oficial do Estado», de 30 de Junho de 1956.

A MEMÓRIA ATÁVICA...

O poeta Guilherme de Almeida escreveu um artigo no Diário de S. Paulo que merece comentário. Passando numa cidade europeia, diz ele que teve a nitida sensação, mais ainda, ciência perfeita de lá ter vivido. «Reconheci (eis o termo) pormenor a pormenor, todas aquelas casas antigas, aquelas ruelas caracteristicas e movimentei-me perfeitamente, sabendo onde era a melhor estalagem para boa refeição». Afirma que não é nevrópata nem os seus descendentes. E acrescenta:

«Sempre me preocupou o fenómeno do «já vivido» ou «já visto» e que já «aconteceu» em minha vida». Em seguida informa que lhe chegou às mãos o livro «Medicina e Médicos», de Valdemar Berardinelli, onde vem um capitulo dedicado ao assunto; e que, «depois de passar pela «dupla consciência», de Wigan; pela «ilusão da memória», de Sander; pela «falsa memória», de Ribot; pela «sensação de preexistência», de William James, o autor do livro afirma: «A meu ver o facto não é ilusão, nem alucinação, nem um facto pròpriamente de memória. É uma perturbação da percepção».

Para dizer alguma coisa, o ilustre vate perora:

— Será que ao leigo, que eu sou, se admite uma teoria? E, presunçosamente imaginando que sim, ouso referir-me à «memória atávica». Se nós herdámos de nossos maiores consanguíneos não apenas semelhanças físicas, mas também de temperamento, carácter, índole, inteligência, etc., por que não podemos herdar a memória, que é também uma faculdade? Duvido que, sem admitir a «memória atávica», possa alguém suficientemente explicar, por exemplo, essa maravilha que é o «instinto» e essa maravilha das maravilhas, que é a intuição».

No arrazoado do articulista só há um argumento positivo: a sensação do já vivido. Quanto ao resto (e o resto está na obra de Berardinelli) é uma série de hipóteses de trabalho, muito complicadas e arrevezadas, que já apreciámos no livro «Pierino Gamba, ou menino-maestro à luz de Nova Psicologia» e cujas conclusões não queremos reeditar. As hipóteses citadas complicam o problema, em vez de o resolver. Semelham moções soviéticas nas conferências internacionais. Essa de se herdar a inteligência e o carácter, só mesmo um poeta ilustre poderia afirmar. Que diriamos de Brutus e Calígula e de tantos outros que desmentem a hereditariedade psíquica do homem?

Gostaríamos de conhecer o mecanismo dessa memória. E daí, talvez que a reencarnação explicasse o insólito fenómeno que assombrou o poeta numa cidade europeia...

Noticiário

AINDA A RAINHA JULIANA

Psychic News de 15 de Setembro dá uma notícia sensacional.

Peter Forbes, redactor do *People*, de Londres, afirma que assistiu a uma sessão no palácio real de Appeldoora, na qual a rainha pediu auxílio espiritual aos seus antigos consócios. Os trabalhos giraram em torno da Conferência da organização religiosa «Het Oude Loo» e não houve informações precisas, de modo que os assistentes ficaram na dúvida, quanto a terem sido hóspedes da própria rainha.

Embora Greet Hofmans estivesse presente, a rainha não salientou o facto com receio de novas críticas.

Peter Forbes diz que a rainha interrompeu o cruzeiro mediterrânico para poder assistir à abertura da conferência. Contudo, ter-lhe-iam sido enviadas gravações de todos os trabalhos realizados.

O redactor do *People* diz que lhe pediram silêncio acerca das dramáticas revelações, terminando com os seguintes parágrafos:

«Não houve discussões sobre curas pela fé e métodos espiritas que se mantinham em segredo. O aviso era para manter o povo na ignorância de novos contactos entre a Rainha e os médiuns curadores».

Os informadores oficiais recusaram-se a comentar as notícias referentes às ligações da Rainha com Greet Hofmanns, mas disseram que a famosa médium curadora se encontrava em plena liberdade.

Um funcionário da embaixada holandesa em Londres referiu-se ao relato do *People* nestes termos sibilinos: «Até agora, não temos conhecimento do assunto».

E o *Psychic News* conclui: «Se a notícia é verdadeira, a Rainha Juliana não descrê da cura espiritual — crença esta que dia-a-dia aumenta através do mundo, em todas as classes sociais».

CORRESPONDÊNCIA

Continuamos a receber correspondência com pedidos de resposta sem que os interessados a façam acompanhar da necessária franquia postal. Mais uma vez informamos que só responderemos às cartas que incluam 2$50 para o efeito.

HOSPITAL ESPIRITA DE PORTO ALEGRE

O mesmo jornal inglês insere uma reportagem a respeito do Hospital Espirita de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, baseado num relato do nosso prezado amigo Conrado Ferrari. O grande semanário encabeça o relato com uma fotogravura da instituição a três colunas de largo.

Além de muitas coisas que já revelámos aos leitores, informa que muitos psiquiatras tratam os doentes neste hospital, onde as duas terapêuticas se usam com êxito crescente.

Como tem exposto o Dr. Paulo Hecker, na sua tese «Assistência aos Psicópatas», o Hospital Espirita de Porto Alegre é um dos melhores exemplos de propaganda construtiva que se impõe a todos, inclusive autoridades constituidas, algumas delas católicas militantes.

Os métodos — diz o articulista — consistem em passes magnéticos e sessões de desobsessão.

Conrado Ferrari — não nos cansamos de o afirmar — é verdadeiro expoente de caridade e fraternidade, pois não assiste apenas a obsidiados brasileiros, mas também a muitos outros que perambulam por essas Europas à mercê do acaso. Sabemos perfeiamente que as clínicas do género brilham pela ausência, em virtude da renitência da medicina oficial em adoptar os processos espiritas.

A nossa simpatia por esta instituição é ilimitada e por isso reflectimos todos os ecos concernentes à sua actividade.

Há no Brasil uma enorme corrente espirita que trabalha no sentido de se construirem muitos hospitais semelhantes, maiores ou menores, segundo as disponibilidades. E quando os brasileiros «querem», realizam, ultrapassando quase sempre os planos esboçados. Rolam a bola de neve... e a resultante sai amplificada.

Permita Deus que os Conrados germinem e cresçam, como este Ferrari de rija têmpera e coração aberto às necessidades do próximo.

TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE OUTUBRO DE 1956

Grupo Allan Kardec

Todas as segundas-feiras, às 21,30, dirigido por Túlio Augusto Rosa.

Grupo de Caridade «LIA»

Todas as quartas-feiras, às 21,30, com a médium D. Deolinda Robalo e dirigido por A. Pereira da Silva.

Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam»

Todas as quinta-feiras, às 21,30, dirigido por Túlio Augusto Rosa.

Dia 7, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 9, terça-feira, às 21,30 — Grupo Experimental «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 14, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 21, domingo, às 16 horas — Conferência por Isidoro Duarte Santos, intitulada «Doutrina Consoladora».

Dia 23, terça-feira, às 21,30 — Grupo Experimental «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 28, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 4 de Novembro, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Nota — *As conferências são públicas, desde que os assistentes venham acompanhados por qualquer sócio. As sessões são exclusivas dos sócios com as quotizações em dia. Para isso devem munir-se da última quota paga.*

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Destinado ao Fundo Permanente de Beneficência recebemos os seguintes donativos que agradecemos:

Mês de Setembro — João Oliveira Pinto Muge, da Beira (Moçambique), 82$00; Júlio Fernandes Ramos, de Cacuso (Angola), 27$50; A. L., V. L., M. L., de Lisboa, 15$00; I. S. de Lisboa, 20$00. *Total, 144$50.*

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

br.

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um ... 60$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataque feitos ao Espiritismo ..... 50$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte ..... 25$00
Enigmas da Psicometria ..... 28$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00 50$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte ..... 42$00
Metapsíquica Humana — encadernado ... 40$00
Pensamento e Vontade ..... 26$00
Xenoglossia ..... 32$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo ..... 40$00
Casas Mal-assombradas ..... 50$00
A Morte e o seu Mistério. 3 volumes: 1) Antes da Morte; 2) Durante a Morte; 3) Depois da Morte ..... 140$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos 75$00
Narrações do Infinito ..... 30$00
Stella (romance astronómico) ..... 50$00
Urânia ..... 40$00

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 25$00
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz* 20$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel* ..... 45$00
Brasil, coração do Mundo e Pátria do Evangelho, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 30$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 30$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 35$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha* ..... 30$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo ..... 60$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel,* resposta a 461 perguntas — enc. 38$00 ... 26$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 35$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 28$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — enc. 38$00 28$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunhá,* um verdadeiro poema de ternura ..... 28$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido ..... 60$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio* 24$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos) ..... 32$00
Libertação, pelo *Espírito de André Luís* — Enc. ..... 48$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00 ..... 36$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luís,* obra dedicada às pessoas cultas—enc. 55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00 ..... 40$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz* ..... 40$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado ..... 38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz* ..... 45$00
Nos Domínios da Mediunidade, pelo *Espírito de André Luís* ..... 40$00
Paulo e Estêvão, por *Emanuel* ..... 70$00
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 46$00
Pérolas do Além ..... 28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X* ..... 35$00
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00 ... 34$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* 40$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage* ..... 20$00
Voltei, do *Espírito de Jacob* ..... 25$00

OBRAS DIVERSAS

Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 42$00 ..... 30$00
Animismo e Espiritismo, por *Alexandre Aksakof.* Uma das mais belas obras clássicas do Espiritismo ..... 90$00
Às Margens do Mar Morto, por *Osvaldo Polidoro* — Apreciado e discutido romance, que faz parte da chamada *Série do Céu,* constituida por mais de 25 livros, do memo autor ..... 35$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida* ..... 35$00
Barrabás, o Enjeitado, por *J. Herculano Pires* — Um drama oculto por detrás do drama da paixão — A invasão do Templo de Jerusalém e a verdadeira condição de «os dois ladrões» ..... 40$00
Cânticos do Além, poesias mediúnicas semelhantes às do «Parnaso de Além-Túmulo», recebidas pela médium *Dolores Bacelar* ..... 60$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima* — enc. 54$00 ..... 40$00
Dialética e Metapsíquica, pelo *Dr. H. Mariotti* — Esta obra tem a missão de mostrar aos materialistas, cépticos e incrédulos, que a Doutrina Espirita continua a ser a única força científica, filosófica e religiosa, que poderá barrar o presente avanço do materialismo ..... 26$00
Do Calvário ao Infinito, pelo *Espírito de Vítor Hugo* ..... 60$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* enc. 42$00 ..... 30$00
Do País da Luz, extraordinária obra mediúnica recebida por *Fernando de Lacerda,* na qual perpassam grandes escritores por-

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.
tugueses fàcilmente identificados pelo estilo próprio. 4 volumes brochados, com cerca de 1.000 páginas	160$00
... e as águas passaram, por *Hugo Marchiaverni*—Interessante romance, que emociona e comove pela alta dramaticidade do seu enredo bem conduzido. Representado no *Rádio Teatro* da *Rádio Recorte,* pelo consagrado mestre Manuel Durães — enc.	30$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	45$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	60$00
Em Torno do Mestre, por *Vinícius*	40$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00
Factos, por *António J. Trindade,* um livro impressionante de factos espiritas extraordinários, impresso em óptimo papel	50$00
Felicidade (A) ao seu Alcance, pelo *Dr. Toulouse* — Um verdadeiro compêndio da vida prática, desde a escolha de uma carreira à fundação de um lar e como devemos viver a vida interior	25$00
Filosofia Penal dos Espiritas, pelo *Prof. Fernando Ortiz* (Catedrático de criminologia na Universidade de Cuba) — Obra de raro valor doutrinário, que prova ao mundo estarem os espiritas na vanguarda, no que respeita aos princípios da moderna criminologia	60$00
Funerais da Santa Sé, pelo Espírito de *Guerra Junqueiro*	35$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00
Levitação (A), por *Albert de Rochas*	28$00
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos* —enc. 52$00	40$00
Mansão (A) Renoir, romance de *Alfredo,* recebido pela médium Dolores Bacelar ...	70$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *E. Manso Vieira e B. Godoy Paiva* — Compêndio didático sobre a maneira de se dirigirem sessões práticas. Orientador seguro, baseado nas obras de Kardec e Emmanuel	20$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *A. Martins de Castro*	26$00
Materializações Luminosas, pelo *Dr. R. A. Ranieri* — O mais impressionante comentário sobre materializações de espíritos	60$00
Mediunidade, *por E. Armond* — Obra de extraordinária síntese e clareza que explica o complexo mecanismo da mediunidade em todos os seus aspectos	40$00
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	45$00
No Limiar do Etéreo, por *Artur Findley* — Estudo magnífico acerca dos fenómenos espiritas de «voz directa», com o célebre médium Sloan	30$00
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance.* Episódios da sua vida	42$00
Nova (A) Revelação, por *A. Connan Doyle* - As primeiras experiências espiritas do autor do «Sherlok-Holmes» e a sua conversão. Obra de grande alcance doutrinário	23$00
O Evangelho à Luz da Astrologia, por *A. Vaz de Melo* — Obra Prima, do ponto de vista da profunda e vasta erudição, atestando a cultura inciciopédica do seu autor	50$00
Outro (O) Lado da Vida, pelo *barão Carl du Prel.* Um livro de luz poderosa sobre a Morte e a vida no Além	28$00
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00	25$00
Reis, Príncipes e Imperadores, por *Almerindo Martins de Castro.* Casos históricos de psiquismo, entre eles, alguns passados com reis portugueses	30$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer.* Obra nascida de um grupo de padres que estudaram o Espiritismo e se converteram, abandonando a Igreja Católica	50$00
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia,* recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00	25$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm,* médico neurologista	35$00
Rumo às Estrelas, por *H. Denis Bradley.* Os problemas do Além no verbo de um grande escritor	80$00
Semíramis, por *Camilo Chaves* — Maravilhoso romance da legendária rainha do Egipto e da Babilónia, narrado com invulgar fundamento histórico, que lhe dá indiscutível valor, 1 grosso vol.	80$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente* — Livro muito útil aos directores de sessões espiritas	35$00
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	30$00
Tratado de Metapsíquica, pelo *Dr. Charles Richet* — Compêndio monumental da nova ciência que está revolucionando a psicologia oficial (1.º vol.) — enc.	160$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff*	28$00
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo médium *G. Vale Owen* — enc. 42$00	30$00
Vida (A) de Jesus, por *António Lima.* Um livro que despertou controvérsia, no qual são expostas inúmeras hipóteses através de estudo adequado	30$00
Voz (A) do Antigo Egipto, por *F. V. Lorenz,* revelações mediúnicas em egípcio antigo	28$00
Revista Espirita. Os dois primeiros volumes desta importante revista, fundada e dirigida por Allan Kardec. Uma verdadeira preciosidade, traduzida em Português e encadernada em percalina. Cada volume...	120$00

Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

V I S A D O P E L A C O M I S S Ã O D E C E N S U R A

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

ANA LHOMME

(Ver pág. 331)

CONTÉM: As Vozes, da **Redacção**; A Inteligência dos Bichos - I - pelo **Dr. Bettencourt Raposo**; Pensamento do «Tio Juca», por **João Correia Vieira**; Argumentos de Fraco Porte, pelo **Dr. Carlos Imbassahy**; O Espiritismo em Certas Religiões, por **José Simões de Matos**; Evangelização da Criança, pelo **Dr. Airton Loureiro Machado**; A Grande Caridade, por **Martins Peralva**; A Mão e o Rosto, por **Arnaldo Geraldini**; Ana Lhomme; Psicologia da Oração, por **Zalmino Zimmermann**; Solilóquio, por **Manuel Cavaco**; Meditação, por **Irmão Maurício**; Ecos de uma Viagem - XXIII - Rumo a S. Lourenço, por **Isidoro Duarte Santos**; No Limiar do Etéreo, por **Alfredo Miguel**; A Voz de Portugal Espirita, por **Isidoro Duarte Santos**; O Espiritismo no Brasil; Eterna Súplica, por **F. Jayme**; A Terra do Mexerico; O Espiritismo Necessita..., por **André Luís**; Insónia, por **Leopoldo Machado**; Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

17.º ANO NOVEMBRO DE 1956 N.º 11

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Liège	*Achille Biquet*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*
Luanda	*Luís de Barros Castro*

Redactor junto à Cruzada dos Militares Espiritas do Brasil ..... **Marechal Mário Travassos**

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Henrique Magalhães e Nelson Baptista de Azevedo*
S. Paulo	*António Pereira Correia e António Baptista Lino*
Campos	*Clóvis Tavares*
Curitiba	*João Ghignone*
Porto Alegre	*José Simões de Matos* / *Zalmino Zimmermann*
Rio Grande	*Armando O. Couto*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*
Ribeirão Preto	*Dr. José Pereira Bastos*
Belo Horizonte	*António Augusto dos Santos*
Maceió	*Jaime Xavier da Silva*
Fortaleza	*José Borges dos Santos*
Franca	*Dr. Agnelo Morato*
Cruzeiro	*José Zácaro Neto*
Vitória	*Dr. Ayrton Machado*
Passo Fundo	*Ney Vaz da Silva*
Juiz de Fora	*Orville Derby Dutra*
Pelotas	*Dr. Djalma de Matos*
Bajé	*José Ferreira da Mota*
Aracajú	*José Elson Fontes*
Juiz de Fora	*João dos Santos Coragem*
Três Rios	*Acir Faria*
Rio Preto	*Lázaro Camargo Ehmke*
Paranaguá	*René Risental*
Florianópolis	*Osvaldo Melo*
João Pessoa	*José Borges de Sousa*

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ **Não se devolvem originais, sejam ou não publicados**

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), Cr. $100,00 — Ultramar (12 números) moeda equivalente a 70$00 — Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro e da Casa do «Tio Juca», de Salvador, Bahia

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.
ALLAN KARDEC	
Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita	20$00
A Prece	12$00
Espiritismo	15$00
O Principiante Espirita	18$00
O que é o Espiritismo	18$00
O Livro dos Espíritos — enc. 45$00	32$00
O Livro dos Médiuns — enc. 45$00	32$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 45$00	32$00
O Céu e o Inferno — enc. 47$00	35$00
A Génese (nova edição) — enc. 47$00	35$00
Obras Póstumas — enc. 45$00	32$00
Revista Espirita (1.º e 2.º volumes), relativos a 1858 e 1859, traduzidos em português e lindamente encadernados — Cada vol.	100$00
(Seguir-se-á a tradução dos restantes vols.)	
Vade-Mécum Kardequiano	16$00

	br.
LÉON DENIS	
Cristianismo e Espiritismo	50$00
O Além e a Sobrevivência do Ser — Enc.	25$00
O Grande Enigma	30$00
Depois da Morte (nova edição)	50$00
O Porquê da Vida	28$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00	50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 60$00	48$00
El Problema del Ser e del Destino	52$00
No Invisível (nova edição)	52$00
GABRIEL DELANNE	
O Espiritismo Perante a Ciência — enc. 64$00	52$00
A Evolução Anímica	48$00
O Fenómeno Espirita	45$00
A Alma é Imortal	52$00
A Reencarnação	52$00

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

(Continua na 3.ª página de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

17.º ANO — LISBOA, NOVEMBRO DE 1956 — N.º 11

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 5 66 05

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. N. do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

AS VOZES

Há muitos anos que uma legenda ressoa em toda a parte, alertando os espíritos e predispondo a humanidade à renovação do pensamento. Vemo-la no sector religioso e no sector espiritualista. Que o mundo necessita de luz e de harmonia; que a sociedade se encontra endurecida e aviltada; que a mocidade das escolas tem direito a conhecimentos que lhe são vedados; que o egoísmo individual é fautor de lutas intestinas; que os cataclismos são prenúncio de breve mutação; que os génios surgentes apontam nova era e novos rumos... Enfim, são advertências oportunas, tanto mais frequentes, quanto mais apáticos nos mostramos nas vias do progresso.

Esses avisos, esses conselhos e exortações, não vêm do baixo, vêm do Alto, daqueles que franquearam as portas do Eterno, abandonando o efêmero.

Alguns escutam a palavra e meditam nela. Não lhes interessa a vida mundana cheia de alçapões, onde não cabem almas nobres. Não lhes interessa o comércio vil, o recurso à veniaga, a transacção de consciência, a hipocrisia familiar, o expediente fácil dos que, perdendo a vergonha, nada mais têm que perder. Outros não a escutam. Fazem paragem e vão andando. Que lhes importa?! O mundo era assim, quando nele entraram... Mudar-lhe a face era chover no molhado. O melhor é ir vivendo e gozando e fazendo algum bem aos pobres para encobrir os danos que aos mesmos causam. Outros ainda, nem escutam, nem ouvem. Andam alheios ao Espírito. Vivem da carne, vivem da matéria. A força é o seu lema de hoje e de amanhã. Alto e baixo são termos vazios. Só há tempo e distância na sua rota de gusanos.

Mas as vozes conclamam. E vão-se multiplicando e alteando em conceito e sabedoria. O intercâmbio assume aspectos de alto estudo. O Além abre os olhos ao Aquém, na Ciência, na Filosofia e na Moral. Ensinamentos preciosíssimos que se dirigem a todos, sem excepção, constituindo verdadeiros faróis direitos ao futuro.

É bom pensar nisto. Se ao fim de tantos séculos de trabalho o homem sofre em desarmonia; se a civilização moderna não acalmou o espírito nem lhe imprimiu confiança; se a miséria campeia ao lado da riqueza, não obstante a legislação moral; se o mundo não promete justiça, a que se destinam então as vozes?...

É o cerco à vileza, à degradação, à ferocidade, consubstanciadas na ignorância, que é o pior mal do século. Muito pior que a peste e a guerra. Quando o homem deixar a ignorância será livre e rico, em função biológica. Mas ele não deixa e por isso as vozes conclamam, dia e noite, a prevenir os males que se aproximam. A mesma voz fala em várias línguas. Não raro se traduz em fenómenos que envolvem luto e dor. Para edificação de incrédulos unidos ao egoísmo e de pigmeus forrados de vanglória. Voz que se ouve à margem do Código, que toca a profundeza e faz vibrar a terra...

Cerrar os ouvidos à verdade fria é mais do que imprudência: é crime de lesa-humanidade.

As vozes conclamam até que sejam ouvidas. Um ano, um século, um milénio? Não importa. Dentro ou fora de nós, far-se-ão ouvir sempre, que o orbe é lugar de provação. E os bons não desamparam os maus, não os deixam entregues à ventura...

O remédio não está nas leis; está no homem, na sua reforma pessoal. É uma questão centrípeta. O todo tem origem na parte. Ele será o que ela for.

Deixai falar as vozes, deixai-as conclamar. São, ao mesmo tempo, sabedoria e providência, oportunidade e remissão. Quem ajuda a pagar as contas amigo é sem disfarce. As vozes são amigas, porque aumentam o pecúlio e orientam os passos do homem fraco e indeciso.

A inteligência dos bichos

pelo DR. BETTENCOURT RAPOSO

O artigo que vai ler-se foi publicado na* Medicina Contemporânea *há muitos anos, mas o seu conteúdo não deixa de ter oportunidade, tanto mais que o seu autor era dotado de rara inteligência e tinha grande prestígio no mundo científico.

I

Insta-me há tempos o prof. Bombarda a que divulgue as que lembrarem, das minhas casuais observações no tocante à inteligência dos bichos.

O fito dele é, cuido eu, corroborar a demonstração da existência dela. Para tão pouco — e perdoe-me o Bombarda que lho diga — não desbarataria trabalho e tempo. Exumar, de entre os fósseis da ciência, a doutrina do instinto, e quer seja para a impugnar ou para a defender, afigura-se-me frioleira.

E se as minhas notas só a isso levassem, continuaria a deixá-las no silêncio; e o esquecimento me iria delindo as que restam, atrás de outras que já obliterou.

Assim, só por incidente, e em complacência aos desejos do Bombarda, torno conhecidas e ponho em relevo as que respeitam ùnicamente à demonstração da intelectualidade animal; registando desde já que, por minha parte, não só vou com aqueles que vêem nos animais instinto e inteligência, e no homem inteligência e instinto, mas passo-lhes muito para diante. Instinto, a meu ver, é palavra vã, tradutora de viciosa interpretação dos fenómenos. Há inteligência consciente e inconsciente; sendo a segunda muito mais vasta, e profunda que a outra (1).

.....

Ocorre sempre, como prova de primeira ordem nesta questão, e por si só suficientemente válida, o ensino de que os animais são susceptiveis.

Sei de sofismas lerdos com que se pretende alui-la; mas abstenho-me de os acometer com outras armas que não sejam a citação de factos.

Aos quais servirá de introito sumária menção do método por mim adoptado na amansia de poldros, pelo que toca a deixarem-se cavalgar. Tão profundo convencimento me radicaram a observação e a prática, sobre a vantagem de me dirigir à inteligência do animal em ensino, que, desviando-me dos vários sistemas aconselhados para o caso, recorro exclusivamente à persuasão. Não salto à valentona para cima do poldro, com risco de me aleijar, de o aleijar a ele ou de o resaibar. Tão pouco lhe quebro forças para a luta, estafando-o prèviamente; ou lhe dificulto a mesma luta, atando-o, como fazem os nossos campinos, ao rabo de outro animal já manso, e levando cavaleiro. Trato apenas de o persuadir brandamente que mal algum lhe resulta de consentir que o montem. E eis o processo. Ficou o animal, por lições anteriores, suficientemente acostumado a sentir no dorso o selim, no peito as cilhas, na boca o freio. Deram-se-lhe agora, depois de outros exercícios que não fazem ao nosso caso, umas voltas de guia para desvanecer qualquer confiança ou congocha; e vou principiar a habituá-lo a sentir peso maior no espinhaço.

Um ajudante segura-o pela guia do cabeção, próximo ao focinho, e, mediante a fala e movimentos da mesma guia, ameiga-o.

Pela fala e com carícias, também eu o afago; e, quando o vejo tranquilo, passo o braço direito por cima do selim e carrego nele como para me suspender. Repito depois a operação pelo lado direito com o braço esquerdo. E em sucessivas lições, mais ou menos numerosas segundo o requer a índole do bicho, vou: — puxando com as mãos, e também como que a suspender-me, um e outro lóro; fazendo menção de meter o pé no estribo; metendo-o efectivamente — isto porém e o mais que segue só do lado esquerdo; solevando-me no pé; erguendo-me a pino sobre o estribo, sem montar; passando a perna e sentando-me no selim, com afagos no pescoço do poldro, e apeando-me em seguida; montando e demorando-me um pouco, e repetindo este exercício; montando e mandando que o ajudante tire adiante alguns passos; que noutras lições vão crescendo em número, até que mando tirar o cabeção.

A certeza do tempo em que isto se consegue e a ausência de defesas por parte do animal, ou mostram bem que se lhe actuou sobre o intelecto, ou significam que tenho tido a fortuna de só dar com cavalos mansíssimos.

Com toda a verdade que possa haver, e haverá decerto, na segunda suposição, importa ainda assim advertir que alguns dos educandos se tinham antes defendido do selim, e um deles com tamanho salto que lhe vi as ferraduras muito acima da minha cabeça; e que outro, montado poucos dias antes, saltara desesperadamente e cuspira do selim o cavaleiro, aliás pouco fácil de desmontar.

Actualmente estou dando lições a um cavalo que tomei já montado, mas quase sem ensino, e que sem embargo da má vontade que por vezes manifesta, das defesas que tenta, e dos erros que comete por desejar, como é frequente nos animais em aprendizagem, antever as ordens e apressar obediência, vai aprendendo sem emprego de esporas, de chibata ou de outro castigo pròpriamente dito.

Vem muito a propósito fazer lembrança da mais eficaz receita com que se tira a cavalos o vício de se pegarem. Poucas pessoas haverá que não tenham assistido ao espectáculo de um cavalo pegado. Se é dos bem cabeçudos, esporada, chicotada, paulada, todas as ordinárias judiarias em tais lances useiras, ou só conseguem defesas, saltos, coices, queda para o chão, etc., etc. ou completa imobilidade. Alguém me disse uma vez que nada melhor para debelar a balda, do que ter paciência e ficar parado. Estou fartíssimo de o verificar. No ensino de poldros, tenho chegado a pedir um livro e pôr-me a ler, até que o sujeito se mova. Raro é que se faça preciso repetir o expediente.

A quem não vir em tudo isto intervenção da inteligência boa prol

lhe faça; que eu, por mim, passo a outros factos; onde não desgostaria de ver meter o instinto.

Morava eu na Rua dos Condes, em prédio ulteriormente reconstruido sob mui diverso desenho. Era no primeiro andar a minha residência, e tinha quintal. Um saguão os separava, pertencente a parte das lojas, e um passadiço lançado sobre o saguão, dava acesso entre os dois. Era o quintal frequentadissimo de gatos; e por lá vimos em certa ocasião andar uma gata com dois filhos. Um dia, quando já estes dispensavam a mãe, a brincar um com o outro, caíram do passadiço ao saguão. Estavam ausentes os moradores da loja e os gatos miavam com desespero. Por demais, e quase certo da influência da tentativa, atei uma corda à asa de um cabaz, e deitei abaixo. Com grande pasmo meu, ainda ele não chegara ao piso, saltou para dentro um dos gatitos e logo a seguir o outro; de sorte que os pude içar.

Assaz congénere deste facto, é outro que presenciámos, morando na Calçada da Tapada. Os vizinhos do andar imediatamente inferior tinham um papagaio, curiosíssimo pela clareza e pelo frequente a-propósito do falar.

Lembrei-me um dia, vendo-o à janela, de lhe dar alguma guloseima; e por que estavam à mão cerejas, atei uma pelo pé ao fio de linha, e deixei deslizar até ao papagaio. Tanto que este a viu a boa altura, apreendeu com um dos seus pés o da cereja e, tirando esta com o bico, atirou aquele para cima, claramente para cima; e provàvelmente — e digo assim só por não dar certeza naquilo que a não pode ter incontrovertível — no intuito de reenviar a linha; intuito que logo faz supor o de me habituar, com esta restituição, a mandar-lhe mais cerejas.

Morando, ao tempo, minha mãe e minha irmã na Galiza, próximo a Cascais, e meu avô materno em um dos fortes da costa ali vizinha, possuia este avô uma cadela, Carapeta de nome, que todos os dias fazia sua visita, aliás desinteressada, às duas senhoras na Galiza. Lembrou-se um dia uma delas, a ver o que faria o animal, de lhe atar ao pescoço um bilhete com recado para o forte. Como fosse entregue, transformou-se a brincadeira, de experiência, em recurso e proveito. Pessoas da localidade deram pelo caso, e a seu turno quiseram experimentar a cadela; a qual, sendo aliás mansissima e dando a mão a toda a gente, a ninguém deixava aproximar, quando ia de ordens; e, a quem fazia menção de lhe querer tirar o papel, refilava. No próprio forte, não o largava a qualquer pessoa. Logo da primeira vez, foi com ele a meu avô — que, na ocasião, estava sestando — e entrou a puxar com as mãos, para o acordar. E a ninguém mais entregava, depois, o recado.

Um gozo, de que já tornarei, e mais de uma vez, a falar, tinha o seguinte costume. Saindo com minha irmã e comigo, acompanhava-

O Cão e a Criança

-nos, mas de largo. Para a direita e para a esquerda, para trás e para diante, metia-se pelas terras e pelos matos, a caçar bichos, escorraçar pássaros, etc. Saindo só com minha irmã, não se tirava de ao pé dela. A olhos de quem nega inteligência aos animais, não sei o que isto possa significar. Aos meus, afigura-se que o Valente — assim se chamava o gozo — discorria que, segundo a minha presença, ou ausência, assim lhe não era, ou era, preciso guardar minha irmã.

E pelo mesmo discorrer, parece dever interpretar-se outro de seus feitos. Transferindo-se de certo quarto não defrontante com caminho, passaram minha mãe e minha irmã a outro, situado entre o pátio da casa e uma antiga estrada, ainda hoje facultada ao trânsito público. Tinha estoutro janela para o pátio e para a dita estrada.

Costumava o Valente pernoitar dentro do portão do pátio. Logo, porém, que percebeu a mudança, passou a ficar na estrada, debaixo da janela do quarto; ao passo que no pátio guardavam os outros cães.

Pelo que respeita ao acompanhamento, uma cadela (1) que ainda possuo — a Ladina — procede como o gozo.

Este pátio e este caminho, agora aludidos, foram frequentadissimo teatro de outra cena interessante. Interpõe-se-lhes uma ala de construções, até, justamente, ao extremo do pátio; mas ali o caminho unifica-se em amplo terreiro, com outro que do portão do mesmo pátio segue em frente.

Muitas vezes aconteceu, vindo pessoa de casa ou de convívio, lá no caminho, em direitura ao portão, desembestar de dentro a canzoada a ladrar e arremeter. Dando, porém, com a vista em gente conhecida... calavam-se? Nem sempre. Se a fúria da arremetida era grande, dissimulavam a asneira, e, virando, iam ladrar à embocadura do caminho lateral, de onde aliás se não ouvia cousa alguma, nem pssoa vinha.

★

No capítulo disfarce, tenho porém, casos muito mais completos. A quem transita na estrada de entre Alverca a Bucelas depara-se-lhe uma baixa entre um ponto designado Portela Alva, e um casarão conhecido por lagar do Salema. Certo rebanho de ovelhas que por esses sítios costuma andar, teve algum tempo, de ajudante ao pastor, um canzarrão de maus fígados, a que muitas vezes tinham de segurar, porque não investisse os transeuntes. Costumava perseguir-nos e atroar-nos os ouvidos com carreira e ladrar desabalados. Como ràpidamente se me esgota a paciência para tais cega-regas, era quase certo que, em encontrando o bicho, tinha de me apear da cavalgadura, de velocípede ou de carro em que fosse, para correr sobre ele. Até que por fim deixou de me ladrar e perseguir E mais uma vez segurando-o o pastor, lhe disse eu que não havia disso necessidade. Certo dia, indo eu a cavalo, o meu amigo na volta de perseguir uma carruagem, carroça ou coisa equivalente que me

antecedia, dispara direito a mim. Se não quando, reconhece-me; deixa de correr, cala-se, e vem pela borda da estrada, olhando à direita e à esquerda, como que a divagar em puro recreio — a flanar. E quando o cavalo já vai prestes a passar por ele, ei-lo que completa o disfarce chegando-se a uma oliveira e alçando a perna.

O Valente, já acima nomeado, não dispunha de grande pachorra, nem complacência para estopadas. A comesinha prenda de dar, a pedido, uma das mãos, e depois a outra, raras vezes se lhe fazia pôr em obra, conquanto espontâneamente constituisse gesto habitual seu, quando festejava as poucas pessoas de sua simpatia. Dava muito bem conta do que se lhe queria; mas fazia-se desentendido. E chegava o fingimento ao seguinte apuro, que muitíssimas vezes lhe provocámos.

Eu, sentado a uma cabeceira da mesa; e ao lado direito, minha mãe e minha irmã. O Valente punha-se, mais cousa menos cousa, em frente do canto da mesa, no prolongamento da diagonal. Minha irmã ou eu, — aquele que o pilhava a encará-lo —, estendíamos-lhe a mão, pedindo-lhe a dele. Não dava; e punha-se a olhar para o outro, com ares embevecidos. O agora fitado repetia o pedido; e o cão, sempre sem obedecer, embevecia-se a contemplar minha mãe. Pedia-lhe então a mão; e ele cravava os olhos no chão como que em fundas cogitações.

Em diversa ordem de cousas, era este mesmo cão extraordinário. Não se pode encontrar mais parecido com uma criança cheia de mimo, do que ele, no trato com minha irmã. Tinha para ela verdadeiros amuos; já por alguma cousa que ela lhe fazia, já — como também acontece às crianças, e muito mais notável se torna — por sucessos em que ela não tinha culpa. Por exemplo, quando gente de fora lhe batia a fazer doer; quando as pessoas de casa lhe ralhavam, etc.

E aqui vai um lance bem característico. Detestava ele que o escarrapatassem; e não era minha irmã senhora, sem muito custo, de lhe arrancar carraças, ou pôr piretro contra as pulgas. Ao primeiro léu, abalava e ia-se esconder. A mim deixava melhor fazer essas cousas; mas punha-se mal com ela.

Disse há pouco o que sucedia se lhe batiam fazendo doer. Se, porém propositada ou casualmente lhe davam topada sem dor e tinha a dona presente, ou próximo a sabia, vinha ter com ela a ganiçar, a ganiçar, e prestando-se ao lance, de perna ou mão no ar. Amimava-o ela, com festas e «coitadinho»! «coitadinho»! desatava aos pulos e ia-se todo contente.

Tenho ideia de já haver alguma vez referido por escrito a vaidade de uma cadelita felpuda que, nos dias em que a lavavam, lhe desembaraçavam o pelo, e a enfeitavam com seu lenço de fita ao pescoço, ia mirar-se a certo espelho, fazer-lhe fosquinhas e expandir seu prazer em corridas pela casa.

Este vaidoso sentimento prende de muito perto com o culto da estética pelos animais (1); o qual se desfaz em demonstrações de intelectualidade.

E não passe o caso do espelho sem evocar o estudo que, nos primeiros tempos de o verem, fazem alguns animais.

Depois de cuidarem, vendo-se reflectidos, que está lá outro, e de segundo a índole arremeterem com ele ou o incitarem a brincadeira, entram em dúvida e estudam o problema. E, neste intuito, os tenho visto irem espreitar por trás do vidro e (um gato) meter a mão, apalpar e procurar.

Há pouco aludi a uma cadela, de nome Ladina. É seu olhar muitíssimo expressivo; e torna-se insinuante, ao mesmo tempo que talvez angustioso, quando ela intenta falar. Hão-de supor que estou devaneando, mas é assim mesmo. Umas vezes por espontaneidade sua, especialmente se o apetite a insta, outras vezes instada por mim... Eis o segundo caso. Chamo adrede a cadela, ou — e então é o lance mais favorável — vem ela, desejosa do seu piteu, pôr-se a olhar para mim. Alongo-lhe um speech. Enfita-me com tal olhar, e principia a mover o queixo, mascando uns sons especiais, em que o esforço para articular se torna manifesto. Bem está de ver que não atribuo ao animal elaboração mental de palavras com que desejasse exprimir qualquer cousa; afigura-se-me apenas que, vendo as pessoas, pelo movimento dos lábios e da maxila, articular palavras, muitas das quais ela percebe, emite vozes e simultâneamente move a maxila e os lábios, na ânsia também de fazer ouvir palavras, embora indeterminadas.

(1) Comprazo-me em deixar exarada, ainda que só no vago do nome, esta noção da inteligência inconsciente, muitíssimo afim, por não dizer irmã gémea, da ciência infusa, porque o seu desenvolvimento encaminha a resolução dos mais altos e complicados problemas científicos.

(1) Esta cadela tem ataques epilépticos.

(1) Bem como, aliás, este culto encabeça em certa ordem de fenómenos interessantíssimos à evolução dos organismos, e todavia muito desatendidos nos estudos, tanto da onto como da filogénese. Refiro-me à influência da física sobre essa evolução, como provocadora de órgãos e funções.

Concebe-se, e é plausível, que o desejo de possuir ou desenvolver certo órgão, certo acidente, certa função, seja activíssimo agente de variação no indivíduo e na prole.

(Continua)

PENSAMENTO DO "TIO JUCA"

Por JOÃO CORREIA VIEIRA

Quando você nasceu, você chorava
E à sua volta toda a gente ria.
Ninguém da sua mágua suspeitava,
Da grande mágua que você trazia...

Para que dor é que você voltava?
Por que faltas passadas respondia?
Ou que alta missão o reenviava
A esta dura e tormentosa via?

Ninguém pensava nisso. Pois agora
Saiba você de modo tal viver
Que a alma lhe conforte de alegria.

E quando lhe soar a extrema hora,
Quando esteja você para morrer,
Que toda a gente chore e você ria.

Lisboa, 8-1-956

ARGUMENTOS DE FRACO PORTE

Resposta a um folheto anti-reencarnacionista

Pelo Dr. Carlos Imbassahy
(Correspondente em Niteroi)

Um atacante pertinaz, tratando da reencarnação, escreve:

> «Os reencarnacionistas cantam vitórias e lançam os mais valentes desafios, quando chegam a discorrer sobre as desigualdades individuais e sociais entre os homens e sobre os males físicos que atormentam a humanidade. Segundo eles, não haveria sistema filosófico ou religioso capaz de justificar as desigualdades e os sofrimentos a que estamos sujeitos. Vejamos algumas afirmações típicas da literatura reencarnacionista».

Rectifique — *sobre os males físicos e morais*. E agora dá-nos a honra de citar um trecho do livro *Reencarnação e suas provas:*

> «Por que faria Deus uns com o privilégio do talento, outros apagados — e *concluindo não sem irreverência*. — Em vez, portanto, de atribuir nossa capacidade mental ao acaso, aos caprichos de Deus, ao pistolão divino, a uma hereditariedade indemonstrável, a causas fortuitas ou a um dislate qualquer, muito mais justo, lógico, consoante às leis superiores, é ver ali o resultado do esforço próprio; não há privilégios, nem filhotismos, nem cartuchos. Todos passam pelos mesmos trâmites e o prémio de cada um é filho do merecimento».

Antes do mais é de notar a frase — *não sem irreverências*.

Por quê irreverências? Haveria irreverência se estivéssemos contestando um facto realmente divino; algo, realmente, de Deus; mas referíamo-nos às débeis conjecturas humanas. A irreverência é com o absurdo.

Inegàvelmente, a frase causa o seu efeito. Vendo-se falar na irreverência julga-se que os espiritas não reverenciam a Divindade Um triste embuste.

Ora, a irreverência estaria no disparate com que se procura, por meio de expressões anódinas, justificar os desajustes humanos; a irreverência é para com o jogo de palavras onde a inconsistência e o vazio da argumentação só deixam em dúvida os neófitos no assunto ou os cegos voluntários.

Há outro ponto notável, é o em que se diz que lançamos os mais valentes desafios. Já veremos donde eles partem. Não sabemos, porém, porque um raciocínio passará a ser um desafio.

Mais importante ainda é a declaração:

> «Segundo eles (estes eles são os espiritas) não haverá sistema filosófico ou religioso capaz de justificar as desigualdades e sofrimentos».

Diante desta tirada, dir-se-ia que viria por aí uma explicação cristalina a respeito de sofrimentos e desigualdades, ou a apresentação dos sistemas filosóficos e religiosos que, segundo os espiritas, não existem. Isto é o que seria matar na cabeça.

Mas seria debalde a expectativa. Não veio nem vem nada. O honrado opositor esmagar-nos-ia, mostrando o sistema religioso ou filosófico onde se elucidasse a matéria das desigualdades e do sofrimento.

Folheie-se, entretanto, todo o opúsculo; remexam-no de trás para diante e de diante para trás; busque-se linha por linha; virem-no de todos os lados; notar-se-ão as mais veementes réplicas e as mais enérgicas objurgatórias, mas do esclarecedor sistema filosófico e religioso, neca.

Como quer que seja, a frase «segundo eles não haveria...» tem o seu efeito, lá isso tem. O leitor ficará pensando que o esclarecimento há-de surgir a folhas tantas... E depois esquece-se de que não surgiu nada.

O escritor, um tanto irónico e muito elucidativo, lança ainda este período, que deve ser connosco, porque é a resposta ao nosso trecho citado:

> «Para este mestre espirita, como para todos os seus seguidores, é coisa demonstrada e certa, é princípio indiscutível e inatacável, que Deus devia criar todos os espíritos iguaizinhos, que o Criador seria injusto se criasse algum espírito mais inteligente...».

Não. Nós não queríamos nada; apenas explicámos por que Deus os criou desiguaizinhos.

Os espiritas apresentam razões. Só um sectarista ou um fanático deixará de perceber que é a mais desoladora injustiça essa diferença abissal na criação.

Para acreditarmos em tão berrante iniquidade, qual a de que Deus criou os espíritos desiguaizinhos por mero capricho, sem a menor justificativa ou com a

explicação fornecida pelo misterioso sistema, mister seria que não houvesse miolo em nossas cabeças.

Mais digno de nota é que, enquanto apresentamos razões filosóficas e provas científicas, o arrazoado máximo dos antagonistas são frases retumbantes e pontos de exclamação. Quando diz Kardec que qualquer preferência, ou graça, ou desigualdade, seria grande injustiça, está irreverenciando também. E vai o nosso antagonista apanhando os períodos em que os espíritas mostram a injustiça de uma criação, pela qual uns são cobertos de felicidade e glória, e outros de humilhação e desditas, e se exaspera com eles.

Explicar aquilo, para que Deus não apareça aos olhos dos homens como um verdugo insensato, é crime diante de uns tantos iluminados, que só eles sabem como se processam as coisas divinas, por mais entrevadas que pareçam.

Espera-se, necessàriamente, que a par da veemência apostrófica, nos confundam com a demonstração, ou de que não há discrime na vida, ou que ele é aceitável dentro do sistema filosófico-religioso que o censor conhece, mas que não quer apontar.

Infelizmente, até agora, as elucidações sobre o caso se diluem nas apóstrofes, numa pia indignação, ou nos reptos vigorosos, reptos que nos atribui. Vejamos um dos dele:

> «Desafiamos a qualquer reencarnacionista a que nos prove a necessidade intrínseca, ou seja que a desigualdade inicial é de facto tão criminosa injustiça como querem fazer crer. Falando contra aqueles que saltam em fúria só com o pensamento que tenham que voltar à Terra, Kardec pondera: «Perguntar-lhes-emos, apenas, se imaginam que Deus lhes pediu o parecer ou consultou os gostos para regular o Universo». Ora, poderíamos fazer idêntica pergunta aos reencarnacionistas. Poderíamos perguntar-lhes se imaginam que Deus lhes pediu o parecer ou consultou os gostos para poder saber como, com que qualidades, tamanho, sabedoria, ou ignorância, com que fealdade ou formosura devia criar os espíritos...
>
> «À hora em que Deus quisesse dar o ser a um anjo, a um ente superior, erguer-se-ia diante dele Allan Kardec, acolitado por Carlos Imbassahy e Mário Cavalcanti de Melo, e lhe diria de braço erguido:
>
> — Alto lá! Não pode! Igualdade e fraternidade. Uma vez que se lembrou de criar-nos a nós tão imperfeitos e sujeitos a tantas calamidades, também não pode criar seres em melhores condições, sob pena de injustiça. Não podemos consentir em tal coisa».

Mas quem diria que estamos impedindo que Deus fizesse isto ou aquilo? Quem não verá que estamos apenas explicando por que isso ou aquilo foi feito? Mas, quando falta a razão, aparecem observações que, se não esclarecem nada, pelo menos atrapalham.

Vamos agora ao paralelo. Quer o autor do opúsculo que se prove a necessidade intrínseca... Necessidade intrínseca. Mas que será isso? Não se trata de necessidade, mas de um absurdo. O facto seria clamorosa injustiça. E é só.

Vejamos um exemplo: Há um indivíduo inocente que é injuriado, espancado, preso, fuzilado... Outro, cheio de faltas ou de crimes, pecador impenitente, passa incólume. Chegamos nós e achamos que a disparidade é uma injustiça. Pois achamos muito mal, na opinião do avisado censor, porque, para acharmos tal, é preciso provar que há injustiça em punir um inocente e deixar inulto um criminoso. Se não houver a prova, ninguém percebe a injustiça. E, ou temos que o provar, ou ficaremos espetado no repto.

É de estarrecer. Um cidadão nasce em berço de ouro, vive nababescamente, nada em prazeres, em festas, em orgias; não lhe falta a fortuna, a posição, a glória, o sorriso das damas e, se for dama, a corte dos cavalheiros. Vem outro na enxerga da miséria. Nasce pobre e vive pobre. À pobreza junta-se a doença, os males morais, a humilhação, o desprezo... Pensarão que tamanha desconformidade é incompreensível tratamento por parte de um Pai de quem todos somos filhos. E dir-se-ia que estaria isto a entrar pelos olhos dentro.

Nada! Se não se provar a tal necessidade intrínseca, se não se apresentarem provas de que é injustiça semelhante diferença, a desmoralização é certa. E depois, os reptantes somos nós.

No primeiro caso do paralelo, o das desigualdades, nada teríamos que dizer a Deus, de braço erguido ou abaixado, porque a clareza da doutrina reencarnacionista não deixa dúvida, e não haveria motivo para o soerguimento braçal. A suposta iniquidade está perfeitamente justificada.

Agora, a segunda parte, a existência dos gritos pela volta ao mundo. Ora, aqui o ser tem que voltar mesmo. É a Lei, e dela não poderá fugir. Seriam inúteis os protestos e não se teria que indagar o gosto de ninguém. O Kardec está certo.

Pode, pois, ficar tranquilo e egrégio opositor; não teremos o ousio de erguer a voz e o braço diante de Deus. Onde a voz e o braço se farão sentir é diante da toleima, a fim de que a humanidade não veja no Criador o déspota a distribuir graças e desgraças, sem qualquer alvo e sem o menor proveito.

Para mostrar a impossibilidade de haver criado o Omnipotente seres iguais, diz-nos que não há duas coisas iguais na natureza.

Convém notar que a observação se refere a coisas materiais, e logo o opositor a estende aos espíritos. Mas o caso é que não se diz que haja dois espíritos iguais, e sobre a desigualdade é que estamos discutindo. Quanto à génese, nada se sabe dos particulares.

O caso é que não há injustiça nenhuma em serem desiguais duas folhas, ao passo que dois espíritos, um feliz outro infeliz, não teria isto justificativa nenhuma perante a munificência divina. Por maneira que, para

O ESPIRITISMO EM CERTAS RELIGIÕES

Por JOSÉ SIMÕES DE MATOS

Numa roda de estudiosos da doutrina espirita ouviam-se há dias, estes comentários «Você viu a notícias que saiu no *Correio do Povo* acerca da Igreja Católica sobre o Espiritismo? É extraordinário o que ela diz».

A notícia afirma que o Espiritismo é um facto e que a igreja nunca o combateu. E vem do Rio de Janeiro.

Outro estudioso afirmava que recebera uma carta de um amigo, residente no Rio de Janeiro, dizendo que a Igreja Católica havia criado ali uma Cadeira de Espiritismo e que, à frente da mesma, se achava, como catedrático da matéria, o Reverendo e Professor Boaventura, que, há tempos, por aqui passou, realizando conferências sobre Espiritismo, etc., etc.

A esta altura da palestra, que provocou vários comentários entre os presentes, tive de seguir o meu caminho e não pude colher maiores impressões a respeito. Entretanto, meditando um pouco, cheguei às seguintes conclusões: A *elite* católica apostólica romana, melhor integrada no conhecimento do Evangelho, aceita o Espiritismo, porque sabe que é um facho iluminando o caminho que a Deus conduz. Depois, compreendendo e sentindo bem o que é a doutrina espirita, à luz do Evangelho, vê-se logo que o Espiritismo, em si mesmo, é o puro Cristianismo que o Mestre nos prometeu e que, em seu devido tempo, viria, na voz e na acção do Espírito de Verdade, ou seja, o Espiritismo Consolador, para nos esclarecer muitas coisas que naquele tempo não poderíamos compreender. E, nestas condições, o Espiritismo está em toda a parte, como complemento necessário de estudo e iluminação, para o progresso do homem e das entidades criadas por ele, principalmente daquelas cuja missão tenha por objectivo conduzir o homem à sua maior perfeição, pelo trabalho, pela sabedoria e pelo amor.

Em princípio, o homem ou as entidades poderão, devido a seus interesses materiais, opôr-se à doutrina espirita. Mas isso é muito relativo e breve se desfará. A incompatibilidade que possa haver não é própria dele, mas de humanas imperfeições. E logo que o nosso estado melhore, a compreensão se apresentará e a fraternidade se fará naturalmente, extinguindo as fronteiras de nossos preconceitos e diferenças de pontos de vista pessoais, que causam os maiores sofrimentos.

Somos uma só família, filhos do mesmo Pai, e não nos queremos convencer de que somos irmãos, conforme Jesus pregou e exemplificou.

que Deus mantivesse a sua técnica, tinha que pôr no mundo um desgraçado ao lado de um venturoso. Foi a única desigualdade que se antolhou ao Criador para não infringir a regra. Não pode conceber coisa melhor, não obstante a sua omnisciência.

Para provar que o esteio do escritor, no que toca ao ataque à reencarnação, não passa de períodos verbosos, vejamos este tópico:

> «Em vez das palavras *caprichos de Deus, pistolão divino, filhotismo,* usaríamos as palavras cristãs que nos falam de liberdade, de sabedoria de Deus, do poder do Criador e da graça divina».

De facto, elas fariam o efeito da casca doce nas pílulas amargas: Para engulir os absurdos, o disfarce dos termos açucarados. Há uma injustiça: chama-se liberdade; apresenta-se algo contrário ao bom senso: diga-se sabedoria de Deus; veja-se uma iniquidade: temos o poder do Criador; aponte-se um inqualificável arbítrio divino: aqui é a graça. E com esse capciosismo vão-se aplainando as dificuldades.

Assim, logo veríamos que a liberdade de Deus consiste em tirar a liberdade às criaturas; a sua sabedoria está em não poder continuar no ritmo da desigualdade que estabeleceu no Universo, sem trazer a desgraça ao lado da ventura; que o seu poder foi feito para, sem finalidade, tornar infelizes os seres, e a Terra um inútil planeta de provas; e que sua graça ele a vai espalhando por um resumido grupo de mortais, sem o menor objectivo ou razão apreciável.

Assunte-se, para terminar, este pedaço de ouro:

> «Ele concede às criaturas muito ou pouco, grande ou pequeno, assim, invariàvelmente, o carácter de graça ou dádiva, fruto, não de uma necessidade matemática, mas de bondade e amor».

Mais uma vez a manganilha dos vocábulos para encobrir a maranha. Deus concede pouco e pequeno como fruto de seu amor; nesse pouco e pequeno estão incluídos todos os flagelos humanos, e isto são grandes frutos de amor e bondade. Os que não entram naquelas graças e dádivas, sem saberem porque, devem estar contentíssimos e cada vez mais confiantes e seguros do amor e da bondade do Criador.

Naturalmente, dirão consigo: Se não fomos brindados com dádivas e graças, como tantos outros, é que o azar foi nosso.

E a fé lhes há-de aumentar imensamente!

EVANGELIZAÇÃO DA CRIANÇA

Pelo DR. AIRTON LOUREIRO MACHADO

I

Há quase vinte séculos, quando o materialismo ferrenho, em densa nuvem negra, procurava envolver a terra, cheio de compaixão por aqueles que nela se encontravam exilados — «o Verbo se fez carne».

Entre as palhas infectas de uma mangedoura, o futuro Messias soltou Seu primeiro vagido e, espaço em fora, os Anjos do Senhor, em doces clarinadas de luz, saudaram-nO, entoando o hino celestial: «GLÓRIA A DEUS NAS ALTURAS E PAZ NA TERRA AOS HOMENS DE BOA VONTADE».

Aos doze anos de idade, deixando exalar, com todo esplendor de Sua Alma, o perfume das virtudes que engrinaldavam Seu coração, em plena sinagoga, diante de homens encanecidos no estudo das Escrituras, revelou-lhes que, acima da sabedoria por eles demonstrada, trazia consigo a Sabedoria Divina.

Mais tarde, atingindo a plenitude do Seu desenvolvimento físico, vamos encontrá-Lo entre a grande multidão dos sofredores do corpo e da alma, levantando os coxos e curando os paralíticos, limpando os leprosos, dando vista aos cegos, defendendo a adúltera, ressuscitando os mortos e pregando a Boa Nova do Reino de Deus.

Em meio das inúmeras dificuldades encontradas, no plano material, para o desempenho da Sua nobilitante tarefa, jamais Jesus de Nazaré se esqueceu das crianças.

Aquilo que foi registado pelos Apóstolos revela, com absoluta segurança, Seu grande e insopitável desejo de lhes dispensar todo o Seu amor, carinho e desvelo.

Mateus, narrando certa contenda surgida entre os Apóstolos, para saberem quem seria o maior no reino dos céus, afirma:

«E Jesus, chamando um menino, o pôs no meio deles, E disse: Em verdade vos digo que, se não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos céus.

«Portanto, aquele que se tornar humilde como este menino, esse é o maior no reino dos céus.

«E qualquer que receber em meu nome um menino tal como este, a mim me recebe».

Escolhendo o menino no meio da multidão que O cercava, Jesus, sábio, justo e bom, penalizado com a estulta pretensão dos Seus amados discípulos, apresenta-o como um símbolo de pureza e inocência.

Quando nos acercamos de uma criança e lhe dedicamos alguns momentos de atenção, pura, simples e inocente, ela, cheia de confiança, se coloca à nossa inteira disposição. Quando está em perigo, nossa presença lhe inspira confiança e a nós se apoia, como o náufrago ao salva-vida que lhe é atirado.

Não é, portanto, a fragilidade física que o Mestre dos mestres procura salientar; são as condições espirituais com que a criança se apresenta, na vida de relação.

Sem o necessário desenvolvimento físico, seu corpinho frágil ainda não pode oferecer ao espírito meios necessários à expansão de todas as suas aptidões.

Sàbiamente, o Criador concede ao espírito que se reencarna, esse período de repouso para que melhor possa adaptar-se ao novo ambiente em que vai viver na terra.

A criança apresenta-se, pois, em o nosso mundo, como o símbolo de que nos fala Jesus.

Incisivo e claro, diz o Filho de Maria: «...qualquer que receber em meu nome um menino tal como este, a mim me recebe». Nenhuma diferença, pois, entre o «Caminho, a Verdade e a Vida», isto é, Jesus e o menino!

Não era preciso dizer mais nada, de vez que, com tais expressões, colocou o menino em condições de igualdade para com Ele.

Há, porém, um determinativo — «este menino». Por que não falou o Mestre de um modo geral, abrangendo todos os meninos?

É que o menino escolhido, por certo, pertencia a uma das famílias daqueles que O acompanhavam e, no seu espírito inocente e humilde, seus ensinamentos encontraram terreno propício para sua germinação, crescimento, floração e, consequentemente, frutificação.

Prosseguindo a leitura do Evangelho de Mateus, ouvimos de Jesus, logo em seguida, esta advertência:

«Mas qualquer que escandalizar um destes pequeninos, que crêem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma mó de azenha, e se submergisse na profundeza do mar.»

Os que escandalizarem os pequeninos sofrerão muito mais do que se submetessem ao duro castigo de atarem uma pedra ao pescoço, atirando-se ao mar.

Que receberão aqueles que, pelo seu comodismo, contribuirem para o desvio dos pequeninos, tão defendidos por Jesus?

Regista, ainda, Mateus, o seguinte episódio:

«Trouxeram-lhe então alguns meninos, para que sobre eles pusesse as mãos e orasse; Mas os discípulos os repreendiam. Jesus, porém, disse: Deixai os meninos e

não os estorveis de vir a mim; porque dos tais é o reino dos céus».

Marcos, no seu Evangelho, regista a mesma passagem, com estas palavras expressivas:

«Deixai vir a mim os pequeninos e não os embaraceis, porque o reino dos céus é para os que a eles se assemelham. Eu vos digo que o que não receber o reino de Deus como criança, nele não entrará».

Não queremos perder a magnifica oportunidade que se nos oferece, para ceder a palavra ao esclarecido codificador do Espiritismo, para que, na hora em que nos congregamos para estudo da Terceira Revelação, mais uma vez seu verbo inspirado enterneça nossos corações e ilumine nossas consciências.

Abramos, pois, o «Evangelho Segundo o Espiritismo» e ouçamos o esclarecido de Lyon:

A pureza de coração é inseparável da simplicidade e da humildade; exclui qualquer pensamento de egoismo ou de orgulho, e eis porque Jesus toma a infância por emblema dessa pureza, como a tomará por emblema da humildade. Essa comparação parecerá injusta, se se considerar o espírito da criança muito antigo e mantendo, voltando à vida corporal, as imperfeições de que se não despojou nas precedentes existências. Só o espírito chegado à perfeição pode dar-nos o tipo da verdadeira pureza. Entretanto, ela é perfeita relativamente à vida presente, pois a criança, posto que não manifeste tendência perversa, oferece-nos a imagem da inocência e da candura».

Allan Kardec sentiu as palavras de Jesus e por isso tão sàbiamente as compreendeu.

Para que possamos alcançar a vida eterna, a verdadeira felicidade, isto é, o céu, conforme o magnífico simbolismo do «Sublime Viajor da Galiléia», é mister que nos tornemos símbolos de inocência e de candura.

A Grande Caridade

por MARTINS PERALVA

Em nosso anseio de redenção espiritual, muitas vezes somos compelidos a perguntar à nossa própria consciência: Qual a caridade que devemos praticar, nos labores evolutivos de cada dia? A material ou a espiritual?

Façamos, antes, ligeira definição do que seja uma e outra coisa. Caridade material, como o próprio vocábulo indica, é aquela que se expressa por um acto material, tangível; caridade espiritual é a que tem um sentido moral e diz respeito mais ao problema da alma do que do corpo.

Um bocado de pão, um prato de sopa, um agasalho, uma utilidade são expressões da caridade material; um conselho, uma orientação, um esclarecimento, um gesto educativo são expressões de caridade espiritual.

A caridade material atende ao corpo; a espiritual enriquece a alma eterna. A primeira atende ao estômago, a segunda beneficia o Espírito imortal.

Allan Kardec, no «Evangelho Segundo o Espiritismo», ensina que «fora da caridade não há salvação», emblema esse que, na opinião de Emmanuel, «dispensa minuciosas considerações».

Estudando-se os dois expressivos aspectos da mais excelente da virtudes, somos inclinados a crer que toda dádiva que procede do coração é luz que se faz dentro da alma, enriquecendo-a.

Quem dá um pedaço de pão com amor, é irmão generoso do que, pela linguagem do sentimento, dirige ao coração aflito a exortação consoladora.

Quem veste um pobre pondo na dádiva todo o seu coração, é companheiro abençoado do que oferece o néctar do esclarecimento ao irmão envolto no manto da ignorância, desde que o faça sob o impulso da fraternidade legítima.

Aprimoremos, pois, os sentimentos íntimos, a fim de que, ajudando, material ou espiritualmente, aos mais necessitados, a nossa dádiva chegue ao estômago ou coração do companheiro impregnada de indulgência e bondade, convertida, assim, num pedaço de nossa alma.

Como corolário de nossas modestas apreciações, lembremos a respeitável opinião de Emmanuel de que «o trabalho imediato dos tempos modernos é o da iluminação interior, melhorando-lhe os valores do coração e da consciência» e que «o serviço de cristianização sincera das consciências constitui a edificação definitiva, para a qual os espiritistas devem voltar os olhos, antes de tudo».

A grande caridade é, pois, aquela que se traduz no enriquecimento das nossas almas com os eternos valores da sublimação com Nosso Senhor Jesus Cristo.

(Belo Horizonte, Maio, 1956)

Buscavam as crianças o Mestre Amado, levando nos seus corações a pureza dos seus sentimentos. Servidores de Jesus, os Apóstolos, dentro da austeridade dos ensinamentos que recebiam a cada instante, julgaram que a garrulice delas, por certo, perturbaria o Mestre Querido e, por isso, demonstrando acendrado amor pelo mesmo, não quiseram que fosse Ele perturbado no desempenho da Sua missão divina.

As palavras amoráveis e sábias de Jesus, contrariando a vontade dos Seus companheiros de jornada terrena, dão-nos a compreensão de que foi entre as crianças que Seu espírito encontrou, na terra, alguns momentos de verdadeira felicidade. A inocência e a pureza dos pequeninos seres saturavam o ambiente de magníficas emanações de amor e fraternidade, oferecendo ao Mestre dos mestres algo de belo e sublime.

São dedicados a elas os momentos preciosos da Sua vida não menos preciosa, na certeza (quem sabe?) de que, entre a inocência e a candura, estava o Reino de Seu Pai.

A MÃO E O ROSTO

por Arnaldo Geraldini

Porque está Lourenço de Médicis, o pensativo, tão melancólico no seu túmulo da sacristia de S. Lourenço, em Florença, com o lábio superior apoiado no índex recurvo da mão esquerda, com as costas da direita assentes sobre o joelho nu e com os pés cruzados? Há quase quatro séculos que se procura descobrir a razão daquela estranha atitude. O epiteto de pensativo, atribuído à famosa estátua de Miguel Ângelo, a alguns não pareceu adequado. «Sob o elmo barroco, que se assemelha a um turbante barbárico — observou Giovanni Papini — há um ar de pensamento... Mas, se fixardes atentamente aquele rosto mórbido e sonolento, aqueles olhos vagos fixos no vácuo, vos apercebereis de que o pensativo não pensa, nem nunca pensou, e se, porventura, pensasse, o seu pensamento indiferente e quase ausente, só poderia ser o pensamento do nada».

Hoje, no entanto, algo se pode dizer à altura de resolver o enigma sob cujo signo nasceu a estátua fúnebre de Lourenço que, além do mais, não se assemelha grandemente à personagem, que usava barba. Ao fim de trinta anos de estudos, uma voz tranquila disse: «O pensativo está na típica posição de recolhimento físico: a atitude das mãos e dos pés é a do encerramento dum «circuito neuropsíquico», que se verifica com movimentos inconscientes do nosso corpo, segundo a «lei dos ciclos», que Sante De Sanctis especificou em 1926.»

Para esclarecer o mistério de Lourenço de Médicis, Mário Telesca empregou metade da sua vida. Foi favorecido pela sua profissão de advogado criminalista. Observando com perspicácia e paciência a atitude dos acusados e das testemunhas nos momentos mais acérrimos dos processos célebres, quando a inteligência e a memória atingem as altas tensões, Telesca notou que, no auge da concentração psíquica, as mãos tendem a tocar no corpo. Cada um de nós — ninguém tal notara com olhos de cientista — é levado a tocar com a mão no rosto, na cabeça ou no corpo, em coincidência com determinados estados de ânimo. É um fenómeno idêntico para todos: representa a condição fisiológica indispensável para a reflexão, a meditação, a exaltação ascética. A «lei do ciclo», de que Telesca descobriu a 4.ª fase, que é a do encerramento do «circuito neuropsíquico», fica desde este momento perfeita.

Resolvido o enigma do pensativo, de quem Miguel Angelo, sem saber de «ciclos», nem das relações entre as mãos e o rosto, fixou instintivamente a posição, Telesca, encontrou a confirmação da sua descoberta, tanto na observação de outras obras de arte, como na dos homens. Verificou que no monumento a Tomás Campanella, de Gazzeri, em Stilo di Calábria, o mento se apoia no punho fechado, exprimindo vontade indomável, que Minos, aos pés da estátua de Dante, de Zocchi, em Trento, aperta entre os dedos da direita — o mento e a barba arrepelada; que o mesmo movimento da mão tem o retrato de Nicolau Maquiavel pintado por Estêvão Ussi; que a estátua do jurisconsulto Salvio Juliano, no exterior do Palácio da Justiça de Roma, apoia a fronte sobre o índex e o polegar, em atitude absorta. As mesmas relações entre mãos e rosto todos podem observar nestes dias, na televisão, analisando os protagonistas do «deixa ou dobra», quando fechados na cabina de vidro e espicaçados pelas solicitações de Mike Bongiorno e de outros, se esforçam por acertar na resposta que lhes abrirá a torneira dos milhões.

Hoje a «quirodinâmica», isto é, a teoria da abertura e do encerramento dos «circuitos neuropsíquicos», consegue explicar as atitudes dos indivíduos, os segredos das fisionomias, a mímica, a energia e os caracteres dos homens. O movimento das mãos, segundo Telesca, contém a chave da personalidade: basta observar se tal ou tal pessoa tem o hábito de apoiar o mento no côncavo da mão direita ou sobre o punho fechado, para determinar se tem, como no primeiro caso, um temperamento generoso, aberto à beleza e à bondade, ou, como no segundo, um ânimo concentrado, duro, inflexível.

O circuito da mão que vai a pôr-se em contacto com o rosto representa a fase da receptividade, ao passo que o cérebro, recebendo energia do exterior, eleva as faculdades a um nível tal, que domina as situações emergentes. Quando, ao contrário, as mãos se afastam do corpo, estendendo-se, como a direita da Cola di Rienzo, que arrasta a multidão, como na pequena estátua capitolina, ou como os braços de Cícero, no momento de iniciar a invectiva contra Catilina, no grande fresco de Giuseppe Maccari, no Palácio Madama, o «circuito aberto» permite que a energia psíquica se desdobre para o exterior, em toda a sua potência.

Que objectivos se podem alcançar com o estudo do movimento das mãos de Alfredo De Marsico e de Giovanni Parzio nos momentos mais incandescentes de uma discussão forense, ou com a observação da violência de certos gestos dos dedos de um indivíduo de baixo nível mental? «Pode chegar-se a imprevistas descobertas...», responde Telesca, que conseguiu formular leis na verdade desconcertantes como esta: «Quando o arco do «circuito neuropsíquico», representado na relação dos contactos entre mãos e rosto, não chega a fechar-se, determina-se a reacção impulsiva, premissas de certas explosões impetuosas». É necessário prevenir, sobretudo nos rapazes, esses fenómenos perigosos, reeducar os impulsivos, predispô-los para a calma, à força de ginástica mental.

Pelos meios usados por Telesca chega-se à ciência da fisionomia, espelho dos estados de alma, das emoções, dos movimentos psíquicos, assim como das anormalidades interiores. Será preciso, por exemplo, aprender a explorar o rosto humano com olhos novos e entendidos, considerando certos modos de fricção das mãos sobre as faces ou a deformação destas sob a pressão dos dedos de um homem agitado. Com as frias equações experimentais de Telesca para medir a calma, a impulsividade, a simulação, a reserva mental, o dolo de um acusado, qualquer juiz instrutor, segundo os princípios da «quirodinâmica», poderia obter resultados surpreendentes, em presença dos quais o «soro da verdade» pareceria uma velhacaria de feiticeiro.

(Do «Corriere d'Informazione», traduziu João Correia Vieira).

UMA FIGURA QUE DESAPARECE

ANA LHOMME

Presidente Honorária da União Espirita Belga

Spiritualisme Moderne, *de Liège, dá-nos a notícia da desencarnação de Ana Lhomme, companheira inseparável do insigne obreiro do Espiritismo que em vida se chamou José Lhomme e à União Espirita Belga presidiu de 1938 a 1947, depois de haver dirigido o seu órgão oficial durante 26 anos.*

A partida desta obreira infatigável deixa uma lacuna difícil de preencher. Numerosa multidão acompanhou os seus despojos ao cemitério. As flores cobriam o carro fúnebre e as crianças do seu Curso de Moral conduziam famosas grinaldas como preito à grande educadora.

ANA LHOMME

O movimento espirita belga perde uma extraordinária personalidade que tudo deu à Causa e que na Federação Espirita de Liège desempenhou um papel relevante. O Curso de Moral a que nos referimos atingiu elevado nível de eficiência e outras sociedades o quiseram pôr em prática, embora não chegassem a resultados postivos, em virtude de não terem elementos da sua envergadura com aptidões morais e pedagógicas que garantissem o triunfo.

Ana Lhomme era Presidente de Honra da União Espirita Belga. Há sete anos substituira nesse lugar J. Lhomme, o autor de «L'Au-delá à la Portée de Tous» que tamanha influência exerceu em muitas Federações adesas à União. A Federação Espiritualista do Norte e a Federação Espirita de Liège *receberam o influxo destes dois batalhadores, cujo exemplo é digno de seguir, mas difícil de imitar.*

O movimento espirita francês solidarizou-se com as homenagens prestadas a esta servidora de excelsas virtudes. Lá estava o Grupo Harmonia, La Revue Spirite, *a* União Espirita Francesa, *o* Grupo Espirita de Lille, *a* Federação Espirita do Norte, *o* Centro Espiritualista de França, *etc., etc., com seus credenciados a demonstrar o respeito que lhes merecia o nome e a obra de uma mulher invulgar.*

Estudos Psíquicos *apresenta aos irmãos belgas os nossos protestos de solidariedade efectiva e pede ao seu redactor-correspondente Achille Biquet, presidente da União Espirita Belga, que os transmita igualmente à família da desaparecida.*

Ana Lhomme não morreu. Os pequeninos alunos continuarão na sua tarefa de aprendizado sob a égide espiritual da egrégia moralista e a sociedade será largamente enriquecida no seu património.

Os homens passam e as obras ficam. Há nomes, porém, que desafiam os tempos. Permanecem nas almas como bálsamo estimulante. São legendas imortais que as multidões soletram e servem de guia aos verdadeiros agentes do progresso.

PSICOLOGIA

Por ZALMINO

(Correspondente em

A oração é a ponte entre o homem e Deus.

Há duas categorias de prece: a objectiva e a subjectiva.

A objectiva é a exteriorização dos sentimentos, da inteligência, da cultura, da evolução adquirida, através de uma dinâmica materializada: são as acções do indivíduo. Quando a criatura pratica uma caridade, está orando. Quando ajuda a construir a humanidade, está fazendo a sua prece. Embora não sabendo estruturá-la em palavras, estará orando, se estiver, em determinado momento, representando Jesus junto ao seu necessitado semelhante. E tanto o indivíduo pratica o bem, que ele mesmo será uma prece, onde estiver; ele mesmo se tornará intermediário entre Deus e Seus filhos, um elemento eficiente na distribuição harmoniosa de benefícios aos merecedores. É o caso dos guias espirituais. Vivem, pela sua actividade, em contacto directo com o Criador, em prece permanente. Eles não precisam de orar em palavras para se avizinhar do Pai, pois que, pela sua abnegada assistência à humanidade, se categorizam de forma inviolável perante a Luz.

A oração subjectiva é a que se realiza em palavras ou pensamento. Dentre as duas, é imperioso reconhecer a importância da objectiva; todavia, enquanto a nossa evolução e — consequentemente — a nossa fraqueza de vontade e realização não permitirem maiores avanços na dinâmica evangélica, temos que usar da prece subjectiva como transição e meio de robustecimento de nossas energias espirituais. E à medida que oramos subjectivamente, vamos progredindo na prática objectiva, subindo sempre, retemperando-nos, atilando a consciência, sensibilizando a intuição.

Aprofundemo-nos, então, agora, no estudo da prece. A subjectiva será o foco de nosso interesse, daqui por diante.

Inicialmente, podemos distinguir três fases: a intelectual pura, a intelectual-afectiva e a afectiva.

1) A primeira fase — intelectual pura — é normal como comum disposição a todos os que, tentando afastar-se um pouco dos miasmas e perturbações terrestres, buscam outra gama psíquica onde haja mais Deus e mais paz. A intelectual poderá não existir naqueles casos em que o sofrimento ou alguma especial experiência tenham colocado a criatura em directa disposição afectiva para com a harmonia cósmica.

Esta fase é uma espécie de introdução. O indivíduo usa sòmente o intelecto para atingir o Alto. Começa em palavras e, às vezes, em fórmulas estabelecidas. Daí a importância relativa de algumas preces formuladas como elemento de introdução à verdadeira oração afectiva. O uso, contudo, não justifica o abuso. Algumas doutrinas religiosas abusaram e abusam tanto deste aspecto, que provocaram tremenda inversão de valores, confundindo a qualidade (afecto) com a quantidade (palavras, expressões intelectuais).

2) Na segunda fase, a pessoa, pouco a pouco, vai dando mais tónus afectivo às palavras frias. Começa a sentir mais o que está dizendo ou pensando. Progride na unificação com Deus.

3) Finalmente, alcança o verdadeiro estado de prece. Sentimento acima de tudo. Então as palavras perdem o significado para se transformarem em cachoeira de energia afectiva, espontânea, sincera, emanando de todo o ser em busca de todo o cosmos. É a identificação legítima com a Criação.

E quanto mais elevado é o teor de afectividade, mais o homem se torna divino, culminando, até no êxtase, cujos sabores só os Grandes conhecem, porque tiveram coração para consegui-lo.

A aura é mais ou menos brilhante, conforme a nossa evolução. Possui cores diferentes, segundo as vibrações relativas às diferentes capacidades e realizações espirituais. A luminosidade — ou não — provém de um conjunto de vibrações cromáticas diferentes que em certa frequência podem — como soe acontecer com o raio solar — reunir-se numa só vibração, digamos, branca, de frequência quintessenciada, com a produção aparente de uma só gama luminosa.

Ela constitui-se em faixa oval que cobre todo o corpo numa largura média de vinte centímetros. Quanto mais evoluído o ser, maior a aura e mais intensa a luz, tornando-se menos perceptível aos espíritos inferiores, porque vibra numa frequência acima de suas possibilidades de registo.

Se a prece é só intelectual, permanece inalterável. À medida que vai evoluindo para o sentimento puro, não só se dilata, como se ilumina em tonalidades cada vez mais brilhantes. Médiuns videntes têm observado nas criaturas em prece como que uma pirâmide fosforescente a subir para o infinito, tendo por base a aura de quem ora. É a projecção de nossa aura para Deus. Forma-se a ponte espiritual. Estabelece-se o conduto que nos permite receber, crescentemente, maiores elementos para a nossa divinização. E tanto oramos, que acabamos sendo uma prece. O indivíduo que ora constantemente — é indubitável — dilata-se cada vez mais, a ponto da sua presença ser sentida em qualquer ambiente, porque orar significa exercitar-se na harmonia e o indivíduo harmonioso vibra intimamente com todos os seres; todas as coisas o sentem.

A seguir, analisemos os principais elementos da prece:

1) VONTADE: — É a faculdade de agir racionalmente. A capacidade volitiva é o principal factor do êxito da prece. Deve haver desejo, que-

rer, vontade de «falar ao Senhor», de melhorar-se. A vontade aumenta com a compreensão e o próprio exercício. A vontade está directamente vinculada à fé. Fé é sublimação da vontade, é querer, confiar. A prece pressupõe fé e fé compreende vontade.

Devemos usá-la ascencionalmente no sentido de confiar e crer na Vontade Divina.

II) ATENÇÃO: — É a descriminação, por parte da Consciência, de um facto, dos simultâneos. Sem atenção, a direcção volitiva é incompetente, é improficua. A prece é uma solene introspecção, isto é, atenção dirigida para o EU íntimo, silencioso, verdadeiro, consciencial. Há diferentes fases nessa introspecção: a) *Superficial*, que se verifica no período intelectual da prece. O indivíduo procura afastar-se paulatinamente do mundo objectivo para refugiar-se dentro de si, apalpar-se, sentir-se espiritualmente; b) *Profunda*, aquela em que o ser, conseguido o isolamento da exterioridade, busca contacto com Deus e nada mais. Quanto maior a capacidade atencional — em duração e intensidade — mais ressonâncias espirituais conseguirá registar.

DA ORAÇÃO

ZIMMERMANN

(Porto Alegre, Brasil)

III) SENTIMENTO: — Realmente, o afectivo é o efectivo. A substância da individualidade é o sentimento. Falar ao sentimento é falar à Eternidade; e quando, por sua vez, fala o sentimento, todo o cosmos silencia, solenemente, para ouvi-lo, na alegria ou na dor. Basta isso para que se infira o significado transcendental da afectividade na prece. Sem sentimento, a prece não existe, porque lhe falta o principal conteúdo. E querer falar a Deus, querer encostar nossa alma à Divindade, sem sentimento, é infantil tentativa de auto-embuste. Orar é sentir.

E como orar?

1) Com Humildade. Com sinceridade, isto é, com sentimentalidade.

2) De início, com análise de consciência, enfrentando-nos nas respostas aos quesitos:

a) Quem sou eu, na verdade, longe do mundo e junto de mim?

b) Quais as minhas piores tendências?

c) Que deverei fazer para melhorar e evoluir?

Nas respostas, estaremos falando com o Criador sobre nós próprios.

3) Não suplicando facilidades.

4) Rogando intuições para o alentamento e fortificação de nossa vontade e entendimento geral para vencermos os obstáculos, aprendendo, acima de tudo, a lição da experiência.

5) Pedindo oportunidades para ser útil em todos os instantes; (Ter a capacidade de dar é uma das maiores felicidades...); intuições constantes para o exercício do amor universal.

6) Suplicando saúde e paz, segundo o nosso merecimento, e o acréscimo por misericórdia divina.

7) Procurando entrar em sintonia com todo o Universo, harmonizando-o com a Criação, que é Luz, Beleza e Amor.

Com a prece, permite-nos Deus que sintamos os páramos celestiais. É uma recompensa. Orando, aprendemos a sentir todas as almas. Orando nos iluminados e contribuimos com a nossa parte para a higienização psíquica da Terra.

Pensamento é força; a única força; a grande causa. Se toda a humanidade orasse, formar-se-ia sobre o planeta um manto magnético inimaginável em suas propriedades positivas. Haveria mais saúde, mais paz geral. Se já em pequenos locais, onde se costuma seguidamente orar, se sente a energia espiritual das coisas, que seria da Terra se ela fosse um maravilhoso templo de oração constante?

O indivíduo que ora fortalece-se mentalmente. E tendo vigor mental, tem vigor físico, férrea e indubitável consequência. Física e espiritualmente, o homem é o que pensa. Exclusivamente. O que ora, pois, consegue a realização em si do sonhado binómio integral (paz-saúde). Todo o equilíbrio celular é comandado pelo pensamento. Os dois grandes sistemas — nervo e endócrino — (os dois grandes comandantes do organismo) são espelhos fiéis da nossa atitude mental permanente. Em nós, portanto, está a chave da felicidade. Se a quisermos, obtê-la-emos.

Finalmente, cabe uma alusão aos benefícios que podem ser prestados, através da prece, aos nossos irmãos necessitados, encarnados ou não.

Podemos aliviar inúmeros sofrimentos. Aliás, sobre isso, há já antiquíssimo conhecimento e uso através de civilizações milenares. A alma do povo sente a intuição colectiva, universal, das verdades eternas.

Podemos irradiar vibrações poderosas em benefício de doentes, de espíritos sofredores. As energias são aproveitadas pelos nossos guias e dirigentes, depois de aumentadas e modificadas em seu tónus espiritual para objectivos seguros. E quanto maior número de mentes, melhor a sintonia, mais extensa a possibilidade de recursos.

Estes são alguns aspectos dos enormes estudos que poderiam fazer-se em torno do tema e que demandariam títãs do pensamento. Ao menos serviriam de motivo à pergunta sincera — embora um tanto audaciosa — que fazemos a todos os nossos irmãos:

— Vamos orar mais?...

Nov/56

SOLILÓQUIO

POR MANUEL CAVACO

Há quem diga que o Espiritismo não é uma ciência por não ser possível obter, produzir e reproduzir os seus fenómenos quando se quer nem controlá-los e comprová-los experimentalmente com o rigor das ciências matemáticas. Mas sucede o mesmo com outras ciências já consagradas, as quais ninguém se atreve a recusar como tais nem a negar-lhes o seu valor científico, nem tão pouco a proibir o estudo delas, e muito menos a perseguir quem pretenda estudá-las livremente, como se tem feito algures, no mundo civilizado, ao Espiritismo e seus adeptos, sob o pretexto de falta de capacidade científica e dos riscos que se corre.

A capacidade científica de cada indivíduo é relativa aos seus conhecimentos adquiridos dentro e fora das escolas; para além dessas aquisições e do pecúlio inato, o indivíduo mais intuitivo, mais arguto pode ser o mais capaz. As especializações conseguem-se mais fàcilmente fora das escolas; e para se obter e investigar os fenómenos do Espiritismo, são mais valiosas as faculdades mediúnicas de qualquer indivíduo boçal ou culto, do que os mais altos valores das Faculdades Universitárias; além disso, é necessário a colaboração dos Espíritos, habitantes no Astral, os quais são indivíduos livres, mais ou menos evoluídos, e não meros elementos passivos à mercê de quem queira servir-se deles como lhe aprouver; e muito embora a sua capacidade seja relativa ao seu grau de evolução, são dignos do devido respeito, e de veneração quando o seu carácter se revela superior.

Quanto aos riscos que se corre são insignificantes comparados com os riscos de qualquer ramo da actividade humana e de quaisquer outras pesquisas e investigações científicas. Ainda não vai há muito tempo que a insigne cientista Irene Curie faleceu vitimada pelos efeitos das suas experiências de radioactividade, conforme foi noticiado.

Entre as ciências consagradas cujos fenómenos não se pode produzir, reproduzir, controlar quando e como se quer, destaca-se a Meteorologia. Já se conseguem prever, com certa antecipação, alguns fenómenos meteorológicos mas sòmente depois de gerados; produzi-los, reproduzi-los, controlá-los quando e como se quiser, não é possível. Ninguém é capaz de conseguir, quando queira, chuva na horta e sol na eira; ninguém produz uma aurora boreal, um arco-íris, nem, sequer, uma simples brisa tão apreciada em certos dias de calor; não, ninguém pode obter qualquer fenómeno meteorológico; contudo a Meteorologia não deixa de ser uma ciência consagrada.

Os criminologistas também não produzem crimes nem os reproduzem quando carecem de os reconstituir para investigar as causas deles; e não será fácil averiguar quando tal ou tal criminoso foi apenas mero instrumento de influências e agentes ocultos sobrenaturais ou vítimas das circunstâncias. E não terá havido nunca um condenado inocente vítima da falibilidade dos processos e dos métodos de investigação criminal?

Das ciências mais arriscadas, mormente na sua aplicação utilitária, sobressai a Mecânica; apesar disso ela tem tido a mais larga expansão e o mais progressivo desenvolvimento desde a aplicação dos ventos nos moinhos e navios à vela até à propulsão dos mais recentes modelos de transatlânticos e aeronaves; desde as descobertas de Arquimedes até aos mais modernos inventos da maquinaria industrial, comercial, da investigação científica, da terapêutica e da guerra. Não obstante os inúmeros benefícios colhidos do maravilhoso progresso da Mecânica, em muitos dos seus aspectos, os seus efeitos são ainda catastróficos.

Precipita-se no solo uma aeronave cheia de gente e fica tudo carbonizado, como nos recuados tempos de Ícaro.

Há cem anos, nos primórdios da compressão dos gases, como conta Eugénio Huzar, no seu livro «O Fim do Mundo pela Ciência»: tal era o objecto das graves reflexões que eu fazia durante um curso sobre a compressão dos gases, quando um estrondo horrível que jamais esquecerei, quebrou o meu pensamento; corria o sangue no anfiteatro e ouviam-se de todos os lados gritos penetrantes.

«Acabava de rebentar o aparelho de compressão, e o corpo do infeliz preparador, arremessado para o Espaço, transformara-se numa massa informe, hedionda e sangrenta.

«Correu-me pelo rosto um suor frio. Num segundo tinha vivido mil anos.,

«Haviam-me aparecido os últimos tempos: Júpiter acabava de fulminar Prometeu.

«Revelava-se em mim a lei da palingenesia universal: formulá-la-ei assim:

«O orgulho da ciência, esse velho pecado do mundo, que foi a sua fatalidade no passado, sê-lo-á também no futuro».

Há cem anos, um pequeno compressor de gases estilhaçava uma casa; agora um pequeno comprimido de energia atómica estilhaçou uma cidade (Nagasaki - Yroshima). Multiplique-se por cem, por mil o efeito desses comprimidos atómicos, e fàcilmente poderemos visionar um cataclismo apocalíptico como nos antiquíssimos tempos da Atlântida.

Por erro de ciência ou por orgulho, é sempre absoluta ignorância das consequências que serão tremendas e podem arrastar-se por longos anos da vida existencial. Seja como for, a falência dos cálculos, dos métodos e dos processos humanos na aplicação das ciências, não anula nem diminui o valor delas em coisa alguma.

As práticas do Espiritismo experimental, sendo bem conduzidas, podem continuar a prestar relevantes benefícios à Humanidade; e a prática dos seus preceitos de moral, é verdadeiramente redentora; os insucessos provêm da deficiência dos métodos e dos processos.

O Espiritismo é a ciência da vida dos Espíritos e também pode ser uma ciência aplicada. Se as suas leis, os seus preceitos fossem aplicados no procedimento individual ou colectivo, e devidamente observados em cada dia, o progresso evolutivo da Humanidade em breve alcançaria um grau superior, e a consciência individual estaria apta a repudiar pacìficamente tudo quanto estorva a sua redenção.

MEDITAÇÃO

... do Pai viemos
... do Pai somos
... Para o Pai vamos

Do Pai viemos, *ignorantes e simples.*

Em todos os escalões de vida anímica, o Espírito, em suas milenárias peregrinações, vai averbando sucessivos lançamentos no seu crédito. É agora «alguém». Raciocina e age em função da premissa genésica que ensina que o homem é feito à semelhança de Deus. Porém, sujeito a tentações da perversidade, não sabe interpor entre si e a matéria o necessário equilíbrio e sossobra. Abre-se a seus pés a goela hiante do abismo e nele se precipita e estaciona, esquecido de si mesmo. Sente no seu Ego as cicatrizes indeléveis causadas pelos rasgões sangrentos na sua carne flagelada, e, sem forças, perdido no deserto de abstração que é o múnus do seu destino primário, queda-se, pensativo, escutando «vozes» que não compreende.

O raio de sol ilumina as trevas e é com penoso esforço que o seu calor penetra os sentidos enregelados dessa alma em trânsito para o País da Sublimidade.

Do Pai somos, *ignaros e indignos. Em toda a fútil grandeza do orgulho humano não cabe este simples conceito:*

O pouco com Deus é muito,
O muito sem Deus é nada.

O materialismo agnóstico embota a sensibilidade e petrifica a consciência, e, como é óbvio, não se apercebe de que nem toda a sabedoria humana pode cotejar-se a uma partícula ínfima do todo divino, a um reflexo, a uma centelha de Ele, que é o Fulcro e a Luz que sustém o Infinito.

Quando Jesus, o meigo e adorável Nazareno disse:

— Há mais moradas na casa de meu Pai —, *expendeu uma doutrina incontroversa, apesar das mil vicissitudes e erros de interpretação que os Evangelhos sofreram até aos nossos dias, joguete de critérios opostos entre os próceres do cristianismo.*

Quando a pobre humanidade disser, una voce, *que a Terra, este mesquinho e obscuro planeta, é, apenas, no concerto universal do Cosmos, um humilde subproduto populacional em face da grandeza de outras esferas humanizadas, então irromperá do peito humano um grito de hosana.*

Os homens serão mais amigos e por muito tempo ressoará, pungente, o «mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa»!

★

Para o Pai vamos.

Pelos ínvios caminhos da vida, de braço dado com a dor, sua companheira na estrada do destino, vai a alma soluçando.

Tropeça aqui, levanta-se ali, volta de novo a morder o pó da estrada entre um ricto de resignação e um assomo de revolta.

Todavia, sem que o desalento aniquile as forças psíquicas que lhe são concedidas, a alma ergue a face. Entrevê um começo de luminosidade, a princípio indefinível; seguidamente, um franco sorriso de esperança e depois a promessa dos divinos esponsais, e então... lá ao longe, muito longe, olhos colados na visão esplendorosa do AMOR, é a despedida irrevogável.

A dor, agora despojo inerme, regressa à Terra.

Lá vai ela, vestida de rendas negras, igual a si mesma, sempre presente no minuto dolorido da vida, oferecendo o úbere fecundo à boca sequiosa de perfeição, e abrigando a lágrima nas dobras do manto frio do sofrimento. E essa lágrima, que na Eternidade é já um regato de perdão a saltitar alegremente rumo à casa paterna, é agora sorriso, é agora doçura, é agora Paz!...

Bendita a lágrima da amargura que corre lentamente pela face!

Deixemo-la ser a estrofe da renúncia! Ela será a marca triunfal da Redenção!

... do Pai viemos
... do Pai somos
... para o Pai vamos ...

Ditosos os teus filhos, meu Pai e Senhor, que sentem vibrar em si próprios as harmonias consonantes desta Trilogia!

IRMÃO MAURÍCIO

(Recebido intuitivamente por João de Oliveira Anjo)

NATAL DOS NECESSITADOS

Mais uma vez lembramos aos queridos leitores o Natal dos Necessitados. Não é preciso aduzir razões ou argumentos, que estão na alma de quantos nos têm auxiliado. Não pedimos para nós, embora amanhã venhamos a pertencer ao rol dos necessitados. Pedimos para eles. E o coração magnânimo dos confrades nunca virou costas a esta cruzada de bem-fazer.

Recebemos os seguintes donativos:

Revista «Estudos Psíquicos»	150$00
Centro E. Luz e Amor	150$00
Zahyra Fontes P. de Melo, de Lisboa	40$00
Luísa Pacheco Martins, de L. Marques	20$00
Carlos V. Magalhães, de L. Marques	20$00
Hugo Monteiro, de Lisboa	20$00
Manuel Revez Silva, de Casével	10$00
Anónima	20$00
M. Eduarda Salgueiro, de Lisboa	30$00
	460$00

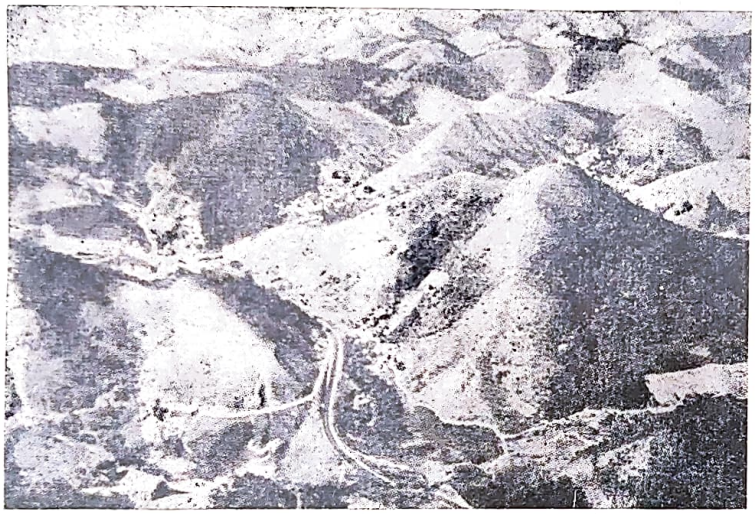
ECOS DE U

Por ISIDORO D

XI

RUMO A S.

A casa de Pedro Fortes deixara-nos óptima impressão. Um lar onde não medrava a etiqueta. O Magaldi sentia-se ali como em Juiz de Fora, como em Volta Redonda. Conhecia a família, conhecia as obras espiritas de Cruzeiro... Era um regalo para nós, que vínhamos de longe. Antes de o encontrarmos na Barra do Piraí, em que demos mil voltas à procura do Lasneau (leia-se Lásnô*), o terreno era mais árido. Havia amizade, havia desejo de intercâmbio, mas faltava alguma coisa que estimulasse e acalentasse o viajor fora dos grandes aglomerados. Quem anda*



Região de «meias laranjas», em Belém, Estado do Rio

sòzinho, veja muito ou pouco, não reflecte nem apreende como se fosse acompanhado. Há mais confiança, mais alegria. Nós confiávamos sem reservas no Magaldi, à semelhança de Montesquieu. Era assim que o autor de «O Espírito das Leis» conceituava os amigos, acrescentando logo «que em poucas pessoas confiava»...

Naquele dia 21 era azul o céu e aprazível o tempo. Erguemo-nos cedo «como os passarinhos», passeámos na cidade, cavaqueámos no acolhedor alpendre que o Pedro Fortes semeara de cadeiras brancas a contrastar com o verde dos festões que decoravam o recinto e almoçámos em doce convívio. Mesa farta que uma das sete Marias *adornara de flores e de sorrisos. A ela nos sentámos, nela conversámos acerca de Portugal e soubemos interessantes coisas do Brasil. Às 14 horas dirigimo-nos à estação. Lá estavam os amigos para a «despedida». É assim que diz o povo, quando há separação. Não estamos de acordo. Nunca nos despedimos de brasileiros. Em toda a parte ficou o nosso coração a sangrar de pena, a carpir saudades. Em toda a parte...*

O trem partiu na rota de S. Lourenço. Não era ilusão dos sentidos. Ali estava o Magaldi, a dez centímetros de nós. O Fortes, o Zarco, o Antenor e os outros ficaram no embarcadouro, a olhar, a olhar, e nós a olhar também. Até que a curva desfez o quadro e a realidade caiu nas almas, qual tampa de granito. O que vale é a sucessão de imagens que distrai a retina. Senão, o mundo era uma cripta. Quem parte e quem fica continua a ficar e a partir. É o abraço das suaves melodias. Isto disse o Magaldi, que estava mais chorão do que professor de Farmácia. Que ele é tão saudoso como nós. Também se não despede, para evitar o choque emocional...

★

Da carruagem avistámos planaltos imensos que acompanhavam a marcha do veículo, bastante vagarosa, em razão da estrada ladeirenta que avançava e recuava na mira de socalco mais seguro. A subida é grande. Duas locomotivas custam a levar a serpente de aço montanha acima, no cairel e no valado, segundo e conforme. Não temos pressa

MA VIAGEM

UARTE SANTOS

III

LOURENÇO

de chegar. Olha as manadas de bois ao deus-dará, entre a selva, a ruminar capim!... O Magaldi é ideal intérprete e vai explicando. O gado bravo pasta sòzinho, numa lomba e noutra, entregue à providência. O gado leiteiro deixa acariciar os úberes pela mão dos zagais. O que se destina ao açougue não tem ordenha, fica nos montes a engordar. Há sítios onde sacrificam os machos à nascença; alguns dos que ficam são escolhidos para reprodutores, que chegam a custar 800.000 cruzeiros.

O monstro vai rodando e o Magaldi falando. Há banheiros onde o gado é conduzido mensalmente. Profilaxia do carrapato a cargo dos pastoreiros que surgem, aqui e ali, como troncos velhos de bambú, macilentos e esquálidos.

O pitoresco da ascensão campestre! Apesar do sol escaldante, continuamos à janela, a lançar imagens no canhenho. À esquerda — em vertical declive —, cachoeira enorme garganteia morro abaixo até cair no vale. O capim-gordura, tão espalhado na região, dá uma espécie de óleo; e quando seca faz mal ao gado.

Os quadros continuam a maravilhar-nos. Chegámos à estação de Perequê. As casas assentam em tapetes verdes. Rusticidade pura. O nativo é caboclo chapado, «alentejano» da gema. Olha a medo, não por delito, mas por ignorância. Julga que não há mais terra, nem mais gente que a sua. E admira-se. Tem alma simples e boa. Envolto em samarra, mesmo no outono fica nu se lha pedem a chorar. O capim é panasco de leziria que ele oferece ao gado.

Na zona de S. Paulo há outro capim, chamado araguaia, que embeleza o campo na época festiva.

Sempre a deslizar, ladeámos uma plantação de café, vigorosa e geométrica. Três anos de vida pujante. Aos quatro começa a colheita, que pode durar quinze a vinte, em cornucópia.

Montanha profunda retalhada de sendas em linha quebrada. Panorama portentoso, panorama brasileiro. Além, estrada de rodagem a serpentear, lustrosa, coleante. Ao lado, nova

Ilha dos Amores, em S. Lourenço

cachoeira... Céu de anil, brisa fresca, sol ardente! A crosta é um verdadeiro maciço arborizado e cultivado. A mão do homem afagou o campo. É o rasto do araruama, do casacudo, do mandioqueiro. É o calo e o músculo, a vibração e a dor, o sol e a sombra da vida. E a surpresa continua...

Um milheiral em baioneta, no pico da serra, a mais de mil metros de altitude, embalado pela brisa. Eis o prodígio da montanha! Cachoeiras, cachoeiras, cachoeiras!... Viço da terra a brotar em orvalho de superfície. Morros sobrepostos, em meia laranja, e outros a pique, intonsos, a fingir cabeleiras revoltas... Árvores seculares de raiz beijando a rocha...

Selva ramalhosa onde o corta-mato não entrou.

Outra cachoeira clama o direito à vida e ao movimento, sob um pontículo, a muitos metros de altura. E o trem ronceiro serpeia, no lombo do morro, por entre chapeiradas de capim-gordura...

Eis um limite de três Estados fortes: Rio, Minas e S. Paulo. Numa hora ascendemos quinhentos metros de altitude.

Mais eucaliptos. A selva dá lugar a plantas de cultivo. Reflorestamento metodizado. Casamatas... nédios garotos filhos de mandira...

Estamos em Minas. Surge o pinheiro do Paraná, alto, esguio, à sombra da umbela... Plantações de fumo...

— O vosso tabaco — diz o Magaldi.

— Nosso, não; dos fumadores...

Plantações de mendobi. Um campo de feijão preto, ou feijão mineiro... semelhante ao «mulatinho», de S. Paulo...

Ao falar de mulatinho, lembra-nos o pau mulato, mais alto que o eucalipto, rijo e duro, lança de aço a guardar a selva...

★

15.30. Estação de Passa-Quatro. 915 metros. O trem faz como nós: pensa no alvo e no caminho percorrido. E agora descansa, a meter combustível, a meter água, a limpar o suor da fronte. Aqui há escritórios e oficinas de reparação. E casas de estilo português, que fazem lembrar os arredores de Lisboa.

Novo apito, nova marcha. Eucaliptos de grande altura a vasculhar o céu... Bambús, plantas ressequidas, terebintáceas de manga e bananais franjados, em cumprimento. E brisa fresca a espancar o calor e «fumarais» erectos como cães da Alsácia prontos a manietar a presa...

O fumo é cultura fidalga, ao contrário do café e do açúcar, que em Pernambuco e S. Paulo atingem craveira gigante. Na zona que atravessamos são os pequenos lavradores que o cultivam, numa parte ou noutra, que a terra é negra devida à carbonização dos troncos de antigas matas derrubadas. Que belos exemplares! A seiva transpira nas folhas largas e carnudas que penugem doce ornamenta! Hipocrisia da natureza lhes poderia chamar um poeta-filósofo...

Itanhandú está próximo. Lá vive a irmã do Magaldi. Por isso, o nosso companheiro despertou da sonolência, meditando no cheiroso lacticínio da fábrica de seu cunhado, o famoso «queijo do reino». E conta uma anedota de velho sabor mineiro:

— Quando o Nilo Pessanha era Presidente da República, veio ao Brasil uma comissão inglesa para estudar certo pedido de empréstimo externo. Viajava ela por ali com o Chefe do Estado numa zona de brejos cheia de capim sapetinga de dois metros de altura. Os ingleses perguntaram o que era aquela vegetação a perder de vista.

— São os nossos arrozais — disse o Presidente.

«Si non è vero... è bene trovato».

Mas a terra é ubérrima. Quando o milho espiga, semeiam-lhe feijão à volta e tiram duas colheitas. Nem todos o fazem, porque não precisam. Com o arroz é mais fácil. Cortam a planta, que espiga novamente. O mesmo com o fumo, do qual retiram as folhas melhores. Depois rebentam outras a que chamam a soca. É nova colheita. Segredos da fertilidade, mistérios da natureza...

★

A Mantiqueira alarga-se em frente. É um colosso negro. Ao lado, a vertente esquerda dirige-se para o Sul em direcção ao Rio Grande, afluente do Uruguai.

Na estação de Bom Retiro outras perspectivas aguçam o olhar. Mais adiante, uma casa solarenga cercada de bambús em circunferência de 100 metros de raio. Aqui é o capricho humano a imitar a Criação; mas, por mais que imite, só consegue dar um borrão grosseiro.

Képler, matemático e astrólogo cujas leis forneceram a Newton elementos valiosos para a descoberta dos princípios da atracção universal, exclamou uma vez: «Quanto mais se penetra nos segredos da Natureza, melhor se desvenda a universalidade do plano eterno».

Com efeito, nada se encontra de supérfluo em seu conjunto.

A linha férrea corta grande mata de eucaliptos de aroma rescendente. O planalto está quase ao nível da serra. Milheirais e milheirais, seguidos de «rabo-de-burro» que esteriliza a terra, à laia de escalracho.

À direita, o Rio Verde, de verdes águas. Vai desaguar na Argentina e passa num trecho comum a este país, ao Brasil, ao Uruguai e ao Paraguai. São as sete quedas do Iguaçú, um dos quadros turísticos mais empolgantes do globo.

Não vimos esse quadro e temos pena. Pode ser que um dia o vejamos, se voltarmos à

terra da promissão, segunda pátria lusitana que um lindo oceano estreita em seus braços dadivosos.

O Rio Verde continua a reflectir as touças, a humedecer a paisagem.

Estamos perto da cidade. Faltam três estações... O calor já não aperta. O clima é ameno, nada revela a zona tropical. Prestes chegamos a Tacapé. O trem pára e um letreiro em painel avisa o viandante: 872 metros! Mal saímos da estação, as plantações de amendoim tomam conta da terra. Milho de três metros de altura. Ainda o Rio Verde que dá surbis de 30 kg e robalo saboroso.

Subimos mais, até à estação do Carmo, a 870 metros. O término fica a seis quilócetros, na mancha viçosa do arvoredo.

E o Rio Verde muda de aspecto imediatamente. É lençol argiloso. A chuva alargou-lhe o talvegue, esbarrondando as margens. Até que enfim! Estamos em S. Lourenço!

★

Eis um lugar altamente privilegiado. É, como dissemos, retiro de cariocas e fluminenses. Milhares deles aqui vêm buscar alívio, em tratamento hidrológico ou simples veraneio. A localização do burgo e o trânsito fazem dele estância preferida.

Íamos repousar uns dias num dos quarenta e cinco hotéis da cidade, o Hotel Negreiros, que assim combinara o Leopoldo ao organizar a rota da viagem. E lá se dirigiram os dois viandantes, em busca de repouso merecido.

A recepção foi cordial. O dono era o António Modesto Negreiros, homem bom, esteio da Doutrina e Mecenas de obras espirituais. Já o conhecíamos de nome e podíamos nomear-lhe serviços vultosos virados ao futuro. Fizera questão de receber condignamente os hóspedes e ficámos à vontade, numa espécie de «cama e mesa» que nem todos conseguem neste vale de lágrimas...

Tomar um duche e assumir a posição horizontal foi obra de momentos. O Henrique Magalhães estava perto, com D. Zulmira e familiares, e viria falar-nos. Este Magalhães é um grande obreiro que pretende viver ignorado. Onde o vêem, nervoso e franzino, aspecto vulgar, é um português de capacidade estranha, mesmo rara, nos arraiais espiritas. Nasceu para lutar, para cimentar obras duradoiras. Serenamente objectivo e um pouco romântico no idealizar, vive com todos, diz bem de todos, fincado no exemplo que outros procuram seguir. Teremos de falar dele contra a sua vontade. A história há-de fazer-se e as crónicas são os fundamentos essenciais. Temos sido cronista de muitos. Porque não seríamos também dele?

Após ligeiro descanso, apareceu, de facto, o Magalhães. Tostado, vitaminizado e mais pesado, devido a factores conhecidos. vinha alegre e disposto a conviver uns dias, na quietação do Parque. Mas isso ficaria para mais tarde. A correspondência esperáva-nos e não havia tempo a perder.

Um trecho do Lago, em S. Lourenço

As cartas são conversas escritas, opinava Stuard. Diferem da conversação no retoque da palavra, no esmero de quem escreve. Rouzie lhes chamou a respiração da amizade. Nós gostamos de escrevê-las, quando estamos tranquilos e a boa disposição nos esclarece.

★

No dia seguinte, já refeitos da viagem do trem, levantámo-nos cedo, ao costume brasileiro, e andámos pela cidade, auscultando as árvores, saudando os miradouros. A população agitava-se — sangue arterial a correr —, cruzava-se nas avenidas, juntava-se nas praças, confabulando e andando.

Visitámos o Parque, maravilha de bom gosto franqueada ao público, mediante pequena espórtula. Milhares de pessoas ali gastam ócios, em leituras, em passeios, em diversões, em tratamentos. O Balneário junto

ao lago em cujas águas se reflecte: a fonte «Vichy» de estilo moderno, aerodinâmico; a fonte «Magnesiana», de opulenta construção em que os mármores sobressaem; a fonte «Alcalina», igualmente bela sob ramagem caprichosa; a fonte «Oriente» ao fundo de linda pérgula que seis degraus majestosos reverenciam: o capricho da natureza em festa, a explosão do mundo vegetal por todos os poros da terra: as «gaivotas» brancas do lago à espera de passageiros; os gansos atrevidos e paspalhões; as hortênsias, a «Ilha dos Amores», tudo isto encantava, tudo isto convidava ao sossego e à prece.

Em contraste picaresco vimos um velho «bonde» em exposição. E registámos um «pau brasil» de enorme altura, há 26 anos plantado por Getúlio Vargas.

Lá estava o Magalhães, D. Zulmira e respectiva prole. Tirámos fotografias... O Magaldi ficou tremido, o que não admira. Andou sempre a tremer na viagem... Lágrimas nos olhos, uma a cada canto: Brasil moderno, velho Portugal. O Negreiros, não. Apesar de chorador, não tremeu nem tremerá. Ou ele não fosse viga-mestra do Centro «Auxiliadores Espirituais»!

Esta agremiação trabalha em sede própria, mas vai ser demolida para ampliação. Nesse sentido, com fundos de reserva e vários donativos, adquiriu valioso material. Possui Albergue Nocturno, Escola Primária para crianças pobres, Farmácia Homeopática, Caixa de Assistência e Ambulatório Médico. Os médicos são quase todos católicos e cooperam de boa vontade. Decerto leram este passo de Coelho Neto: «Se o génio é uma grandeza, a bondade é uma excelência e o homem mais digno é o que mais se preocupa com o bem geral». E este, de Janin: «Deveríamos amar a vida pelo bem que podemos fazer». Isto está muito acima da religião que se professa. O caminho é uma coisa e o alvo é outra.

O Centro tem um grupo de obreiros na Campanha do Quilo. São esforçados como padres da rua, como frades mendicantes. Pedem para dar; e «quem pede para dar, muito mais faz do que quem dá o que tem», na frase de António Vieira. Mas o povo é bom. Quantos católicos não colaboram nesta lida amistosa! Quantos espiritas não colaboram nas obras católicas! «A verdadeira caridade — lembra ainda Coelho Neto — é impalpável como a luz e invisível como o perfume: dá calor, dá aroma, mas não deixa tocar nem ver»!... Por isso todos os domingos os da Campanha se espalham num sector de S. Lourenço. Os jovens que aqui aportam são mencionados em livro de ouro, com a fotografia e a data da Campanha. No fim do ano organizam uma festa na Casa de Maria, e oferecem livros aos que se distinguem.

Um português do Rio coopera sempre. Quando lá vai entrega dez contos.

A Escola Primária encontra-se num salão de oito janelas e palco para diversões.

No Albergue destinado aos dois sexos, dormem a noite, comem a sopa e depois seguem viagem.

Também há Mocidade Espirita. O padre Francisco de Paula Vítor lhe deu o nome. Eis a legenda pitagórica dirigida à juventude: «Não permitas que o sono feche os teus olhos antes de reflectires nas acções diárias».

★

A Casa de Maria é a obra mais bela dos «Auxiliadores Espirituais». A velhice desamparada sente-se como em seus antigos lares.

Em 1946 foi lançada a primeira pedra. Havia 50.000 cruzeiros em caixa. O terreno custou 40.000... Pouco ficou para começar as obras. Situada no Bairro Carioca, é voltada ao Sul e ao Poente. Ao Norte, uma horta magnífica, onde se vêem canteiros de alfaces, ervilhas, cebolas, alhos, tomates, couves, mandioca, abacaxis... e árvores de fruto: laranjeiras, mangueiras, bananeiras. Dez oliveiras vão desfazer-se em azeitona. Em frente, o templo da Sociedade Teosófica. Mais ao longe, o aeroporto e o Rio Verde...

O auxílio do Alto foi muito grande. Quando há bondade, a Providência revela-se. Assim, em 25 de Dezembro de 1951, entravam os primeiros velhinhos. As despesas consideráveis saldavam-se, porque o Alto descera sobre a obra. O auxílio era tão grande, que o dinheiro já sobrava e construiram um bairro residencial.

A Casa de Maria ocupa 700 metros quadrados de construção numa área de 6.000. Dois grandes refeitórios impecàvelmente limpos, uma sala de visitas, três varandas acolhedoras, duas enfermarias bem equipadas, instalações sanitárias completas. Quanto ao jardim, não há palavras que o descrevam. A Natureza o ofereceu às velhinhas. Cravos, rosas, crisântemos, lírios, ordálias, tudo em profusão de aroma suave. Cortámos algumas flores, que mandámos para Lisboa. Os alber-

gados — mais de trinta — gozam aquilo e animam o recinto cheio de alegria.

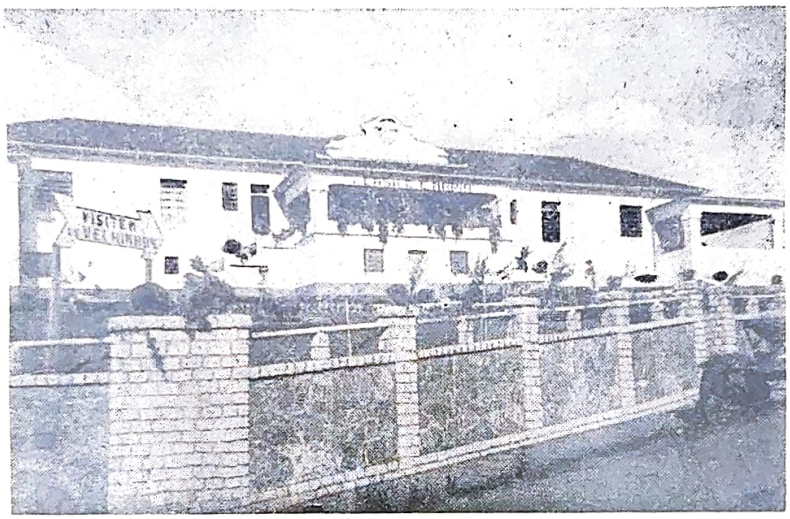
Um aparelho curioso destinado a lavar roupa manchada por dejectos intestinais chamou a nossa atenção. É obra de Joaquim Ramos Pereira, tesoureiro do Centro, antigo construtor civil a quem se deve, não só a planta da Casa de Maria, como também a administração das obras desde a colocação do primeiro tijolo.

Todas as casas de banho têm banheiras de assento. Em frente do edifício há lindo campo ajardinado, no qual se vê uma estrela e um cometa desenhados em tapete verde, que a tesoura vai, dia-a-dia, tosquiando...

Os albergados têm religião livre e os padres podem ali confessar os que o requeiram.

Ao notar a nossa admiração, o Negreiros disse que um padre chorara, quando lá entrou em dia de comunhão e viu a porta enfeitada de ramos.

Não há dúvida. O nome «Casa de Maria», escolhido por inspiração de António Modesto Negreiros, presidente da Direcção do Centro Espirita «Auxiliadores Espirituais», é um símbolo de caridade e tolerância.



A «Casa de Maria»

Um exemplo do bem-estar que ali se desfruta está neste caso, que vale um grande poema de amor: certa velhinha fora internada com obsessão. Ao cabo de algum tempo a cura operou-se e ela dirigiu-se a Belo Horizonte, onde ficou a residir com seu irmão. Meses depois pediu que a levassem para a Casa de Maria, «que era a sua casa», como ela dizia cheia de ternura.

Tirámos a prova real, falando à velhinha. Neste momento dois internados na sala de jantar comiam tapioca e arroz doce com canela...

— Não nos importávamos de aqui ser internado — dissemos nós.

★

O Centro «Auxiliadores Espirituais» vai ser reconstruído. O Negreiros deu 100 contos para o efeito e fornecerá gratuitamente a sopa dos internados.

«A minha política é a do Cristo — diz ele — porque «na outra» fui parar à cadeia». A «outra» é a sua última existência.

A conversão ao Espiritismo deste homem singular deu-se numa tenda da Umbanda, a chorar, como criança abandonada. Pediram-lhe que acompanhasse uns amigos que iam fazer uma prece. Foi, ignorando que era sessão espirita, e comunicou-se um espírito que deu o nome Teresa, sua mãe, dando a data certa em que desencarnara. Foi uma «bomba de hidrogénio». Negreiros chorou. De resto, não era preciso muito para chorar. Tem sempre lágrimas nos olhos...

Daí a uma semana foi ele que procurou os dois amigos, pedindo-lhes que fizessem outra sessão... para ver se «ela» já estava melhor...

Tempos depois, alguns médiuns de S. Paulo passaram em S. Lourenço. Realizaram uma sessão e manifestou-se um preto velho dizendo que estava presente um espírito chamado Teresa, a qual começou a contar toda a vida até à morte. O Modesto Negreiros acabou então de se converter à Doutrina.

Que grande alma a do Negreiros! Que grande alma e que... grande chorão! Isto sem ideia de melindre, porque as lágrimas são a voz do sentimento. Ai de quem as não tem! Elas são os maiores oradores de todos os tempos, na opinião de Lope de Vega. «Desgraçado de quem não é capaz de uma lágrima!», dizia Javelanos.

★

A noite foi reservada à nossa conferência no Centro «Auxiliadores Espirituais». Presidiu o Modesto Negreiros, secretariado pelo Magaldi e pelo Magalhães, além de três confrades da terra. Foi uma jornada espiritual

que nos acalentou e honrou, pelo tema solicitado e pela assistência.

Além de outras coisas, expusemos o esquema dos trabalhos do Centro Espiritualista Luz e Amor e sua relação com os congéneres. O Negreiros fez a apreciação do tema e o Magalhães a prece de encerramento.

★

A propósito do assunto transcrevemos uma poesia do Erasmo Porangaba, de Alagoas, dedicada à Casa de Maria:

Há na abençoada Casa de Maria
Tanto amor, tanta paz, tanta alegria,

Que até parece um ninho de andorinha.
Quanta emoção ao ver uma velhinha,

Cabeça encanecida, olhar feliz
A sorrir para mim, como quem diz:

— «Não pense que me sinto abandonada!
Vivi muito e, no termo da jornada,

Deus, o infinito amor que tudo abrasa,
Deu-me o pão e o conforto desta casa!

Bendita a mão fraterna, amiga e boa,
Que me evitou ficar lá fora, à toa!

Só o Evangelho de Jesus, enfim,
Poderia inspirar obras assim.

Quando os homens se amarem de verdade
Então existirá felicidade.

Haverá bem-estar, doce harmonia,
Como agora na «Casa de Maria».

Deixando aquele ambiente iluminado
A revolver-me os íntimos reflexos,

Percebi que trazia, emocionado,
Uma furtiva lágrima nos olhos.

No dia 23 de Maio seguíamos para o Rio no ónibus das 8 horas. Foi o próprio Negreiros que, depois de nos hospedar e ao Magaldi, ainda fez questão de carregar a mala até ao ónibus e pagar o almoço de Três Pinheiros. Grande alma a do Negreiros! Agora também nós chorávamos, no último abraço de S. Lourenço, na presença do Magalhães, de D. Zulmira e de outros confrades, entre eles, o Nelson Evaristo, que nos ofereceu uma colecção de postais do Parque.

Os lugares eram à retaguarda. Uma viagem «batendo sola» através da Mantiqueira, cheia de pitoresco, com um chafariz a 1.700 metros, onde parámos a dessedentar-nos. A descida operou-se em estrada alcatroada. Outra vez os morros e as lombas em perspectiva, cobertos de vegetação, da falda aos píncaros. Ao lado, grandes tufos de bambús, cedros altíssimos entre blocos de pedra boleada. A seguir, várzeas de milho, mandioca e amendoim. Às 10.30 chegámos a Três Pinheiros. Foi o primeiro lanche. Enquanto aguardávamos a partida, observámos a paisagem. Um mamoeiro de raiz ao sol, mas bem carregado. A água jorra serra abaixo. Grande bananeira de folha aveludada, próxima de «kakis» vergados ao peso dos frutos. Limoeiros, mangueiras e goiabeiras desconformes. A estalagem está cercada de trepadeiras que o sol cria e doira. O inhame tem folha semelhante à nespereira. Dá um tubérculo que atinge um metro de profundidade e 25 centímetros de espessura. Não vai além de 1 fruto. Vive à beira dos riachos e dos brejos.

Na serra há coqueiros de «palmito». É o gomo que se aproveita em culinária tropical. Abrem-se as folhas e retira-se a ponta carnuda do caule. Chama-se palmito, porque as folhas são de palma.

★

Esta viagem de regresso foi deveras incómoda, num banco de cinco passageiros em dança permanente, à procura de equilíbrio, ora à direita, ora à esquerda, com prejuízo dos companheiros do lado. Os magros sofriam mais por causa do cóccix. Naquela dança do diabo os ossos afloravam à superfície. Os gordos tinham mais sorte, mesmo ignorando as leis da cinemática.

Não sabemos que tempo andámos naquele batuque de castanholas. Perde-se a noção de horas, minutos e segundos. Talvez por isso, o Magaldi tivesse ficado em Barra Mansa, a caminho de casa. Deve ter posto a «sola de molho», para não cair no banco trazeiro de outra carripana. Coitado! Temos pena dele. Tão bom, tão afável, e suceder-lhe uma coisa assim, talvez o maior percalço da sua vida de professor de Farmácia!

Decorreu o tempo... É provável que já não se lembre da viagem. O companheiro é que ele deve recordar sempre, como nós o recordamos a ele. É que, neste mundo egoista e avaro, há gestos amigáveis que jamais esquecem...

E às 15 horas entrámos na Estação Rodovia do Rio de Janeiro, na Praça Mauá. Uff! Foi pior que uma viagem à lua!...

No Limiar do Etéreo

por ALFREDO MIGUEL

(Correspondente na Bahia)

II

Para se ver a que ponto chega o escrúpulo dos homens que têm investigado o fenómeno psíquico, antes de relatar para o público as suas conclusões nesse campo da psicologia experimental, basta reflectir no que escreve um autor já por nós citado: «Fez-se mister um quarto de século para que me convencesse: dez anos, de que a comunicação dos Espíritos era um facto; e quinze, de que esse facto era verdadeiro e bom». (Rev. G. Dale Owen, «A Vida além do Véu», pág. 14).

Nenhum, ao que saibamos, se abalançou a proclamar a realidade do intercâmbio com os desencarnados, a não ser depois de numerosas experiências rigorosamente fiscalizadas, em que a evidência desse facto sempre foi o remate dos seus trabalhos.

Quanto ao livro do sr. J. Arthur Findlay que nos serve de epígrafe, sua impressão data de 1931, muitos anos depois das notáveis sessões que o autor fez na Inglaterra com o médium John C. Sloan, um dos médiuns, como ele afirma, melhor dotados daquele país. Antes de publicá-lo, muito meditou e ponderou o sr. Findlay sobre as extraordinárias experiências a que procedeu, por bem compreender a dificuldade que muitos haveriam de encontrar para admitir o que ele expõe como narrativa fiel e verdadeira do que realmente ocorreu.

Foram sessões sumamente edificantes, que se prolongaram por mais de uma década, nas quais se faziam directamente audíveis os Espíritos com a dição característica que os distinguia na terra. Várias vezes o sr. Findlay e outros com ele ouviam vozes distintas, de tons diferentes e de personalidades diversas simultâneamente falando aos circunstantes, como numa assembleia em que muitas pessoas ao mesmo tempo se expressassem. Isto ocorria enquanto o médium, ou conversava de algum outro assunto com a pessoa que lhe estava próxima, ou o sr. Findlay tinha o ouvido colado à sua boca, de cujos lábios nenhum som escapava.

«Da primeira vez que tomei parte em experiências com essas vozes — diz o autor de «*No Limiar do Etéreo*», pág. 76 — achava-se positivamente suspeitoso; mas, já durante a sessão, espantava-me que um homem, mesmo que tivesse comparsas a auxiliá-lo, prolongasse por duas e três horas uma impostura de tal monta. Trinta vozes distintas, que falaram naquela noite, em tons e com inflexões diferentes, deram seus nomes, suas residências exactas na terra e, dirigindo-se a pessoas sérias, foram reconhecidas mediante referências íntimas a questões familiares. Nem uma só vez qualquer equívoco pode ser apontado...».

Adiante contaremos o que fazem os Espíritos para transmitirem directamente a sua voz.

III

No livro do sr. J. Arthur Findlay, traduzido para nossa língua pelo dr. Guillon Ribeiro e impresso em 1936 pela principal editora espírita brasileira, ele se reporta aos estudos empreendidos por dois outros eminentes pesquisadores desse ramo do conhecimento psíquico que se chama — *Voz Directa*. Um deles, o vice-almirante Usborne Moore, da Armada britânica, dedicou quase completamente os últimos anos da sua vida a esse trabalho e reuniu suas anotações numa importante obra sobre o assunto, intitulada «As Vozes».

O outro experimentador foi o dr. Eduardo C. Randall, advogado americano, residente em Buffalo, a quem o sr. Findlay visitou em sua casa, quando esteve na América. Teria sido o dr. Eduardo Randall o mais feliz de todos os investigadores desse género de fenómenos, pois que por mais de vinte anos realizou experiências com a sr.ª Emily S. French, que o sr. Findlay diz ter sido «o mais notável médium de voz directa que o mundo já conheceu». Diversos livros publicou aquele causídico expondo os magníficos resultados de suas investigações, não sendo mesmo possível fazê-lo num só volume quem *em mais de setecentas noites, num período de vinte e dois anos, na sua própria casa e em condições científicas, conversou horas a fio com aqueles que o mundo considera mortos.*

No Brasil, digamos de passagem, já se fizeram ensaios de voz directa, aliás com êxito, principalmente em São Paulo. Nós mesmo tivemos oportunidade de assistir a trabalhos dessa espécie, bem como de materialização, no Rio de Janeiro, em 1948, quando de nossa vilegiatura pelo sul do país.

Porém, em que consiste o *modus operandi* dos Espíritos para se manifestarem e se fazerem reconhecer pela fonação que lhes era própria em sua vida material?

Que eles próprios o digam através deste diálogo que o sr. J. Arthur Findlay reproduziu às páginas 186/87 do seu livro — «*No Limiar do Etéreo*»:

Pergunta — Como é que podeis falar-nos a nós, que estamos na terra?

Resposta — Materializando a minha boca e a minha língua etéreas.

Pergunta — Podeis dizer-nos algo acerca do método que seguis para isso?

Resposta — Farei todo o possível para lhe tornar compreensível como isso se consegue; lembre-se, porém, de que não poderá ter uma ideia exacta das dificuldades que aqui enfrentamos, enquanto, por sua vez, não vier para este plano. Todavia, explicarei tão claramente quanto possível, os nossos métodos. Do médium e das pessoas presentes, um químico do mundo espiritual extrai certos ingredientes, que, à falta de melhor nome, são chamados *ectoplasma*, ao qual o mesmo químico adiciona ingredientes que ele próprio elabora. Misturando tudo isso, forma uma substância que o habilita a materializar as mãos. Com as mãos materializadas, constrói uma máscara semelhante a uma boca com a respectiva língua. O Espírito que quer falar coloca essa máscara sobre a face, ajustando-a bem, de maneira que lhe cubra a boca, a língua e a garganta. A princípio experimenta certa dificuldade em movimentar esse material mais pesado; porém, com a prática, a coisa se torna fácil. Os órgãos etéreos ficam assim encerrados numa matéria que se assemelha à matéria física, e o ar, passando através, faz vibrar a vossa atmosfera e lhe ouvis a voz».

Para concluir: As provas da imortalidade pessoal estão ao alcance de todos, excepto daqueles que, por injunção sectária e por espírito de sistema, tomaram a peito a tarefa inglória de negar a própria evidência.

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

7

MORTE E RENASCIMENTO

Amigos radiouvintes

La Revue Spirite, de Paris, essa revista de noventa e nove anos que Allan Kardec lançou em 1857 e se mantém sempre jovem sob a direcção firme de Hubert Forestier, acaba de publicar um artigo de Félix Rémo, intitulado «Morremos e Nascemos Todos os Dias». E como está cheio de belos pensamentos adaptados a cada um de nós, achei útil trazê-los a este microfone.

Félix Rémo — não podemos negá-lo — foi um grande propagandista do Espiritismo. Nasceu em Liège em 1838 e deixou o mundo físico em 1926, com 88 anos de idade. Seu nome era Franck Félix Remoz. A exemplo de muitos outros, entre os quais Anatole France, George Sand e Máximo Gorki, adoptou o pseudónimo e assim viajou na capa de alguns livros que ilustram as boas estantes.

Conheço alguns deles e posso afirmar que o seu autor era publicista notável, do estofo de Léon Denis e Flammarion. «Le Pèlerinage des Existences», «Le Spiritisme Humanitaire», «La Traversée de la Vie», «Le Mystère de notre Existence», etc., tiveram leitores assíduos e apaixonados. Era também engenheiro de minas pela Universidade liègense e secretariou a célebre escritora Juliette Adam que, em 1870, reuniu à sua volta a flor do pensamento contemporâneo.

Um nome deste género merece apreciação e divulgação. O que ele diz no artigo parece trivial e não é. Para melhor compreensão, vou enquadrar-me nas suas ideias.

No decurso da existência cósmica, a vida terrestre é semelhante a uma noite de profundo sono. Na verdade, quando sonhamos, não sabemos que essa noite é precedida e seguida por muitas outras e julgamos tudo realidade. Assim é fácil de compreender que as vidas se sucedem como as noites e que estas se ligam aos dias, como as vidas planetárias em relação às vidas astrais.

Nesta conformidade poderíamos chamar anti-reencarnacionista a quem pretendesse dormir uma só noite em toda a sua existência.

É preciso remontar à vida espiritual, porque nela se encontra a explicação da vida terrena, bem como as causas que a regem. A escolha das reencarnações processa-se no Além, demonstrando que as nossas peregrinações são coisas que temos de sofrer e não de julgar, visto ignorarmos suas causas e resultados, até à libertação.

Compreender-se-á então o que agora nos parece injusto, ou seja a solidariedade entre todas as nossas vidas e a necessidade de nelas distribuirmos as próprias obrigações, mais pesadas numas, mais leves noutras, e de pagar sucessivamente as dívidas esmagadoras que não cabem numa só vida, como são os casos dos grandes criminosos e dos carrascos humanos.

A incompreensão que se nos afigurava inexplicável diz Félix Rémo que se baseia no facto de nossas vidas constituirem simples episódios ligados a um todo e que as causas do sofrimento estão fora de nosso alcance. Só as apreenderemos ao despertar no Além.

Nossa existência eterna tem muitas noites, que são, precisamente, as vidas terrestres. Essas noites podemos chamar-lhes os sonhos da vida astral, porque de sonhos não passam. Calmos para uns e atribulados para outros.

As nossas noites só nos permitem lembrar os sonhos mais impressionantes. O mesmo sucede no Além, em que retemos as linhas salientes das vidas passadas, que deixaram em nós mais profundos traços de expiações e provações dolorosas. O resto mergulha no esquecimento, como nos sonhos.

Estas alternativas quotidianas de sono e de vigília dão-nos a ideia das vidas terrestres e astrais. Ninguém nô-las apresentaria com maior clareza. É como se nascêssemos diàriamente despertando à luz meridiana e morrêssemos adormecendo no seio da noite. Uma vez despertos na outra vida, todas as agitações das existências terrestres nos parecerão sonhos incoerentes. Ambições, lutas, glórias vãs, são bolas de sabão que rebentam ao deixar a terra. As insígnias, os títulos, as honrarias são bagagem ilusória que desaparece para sempre.

Félix Rémo acentua que a maioria dos seres vivem sem saber porquê. Vivem o seu sonho terreno sem o explicar, assim como nós não explicamos os nossos sonhos, e só no Além verão toda a vida sob outro prisma, o que os levará a remediar a desordem das obras humanas que apreciamos demasiadamente, embora pouco mais traduzam que vaidade. Os mais belos quadros da terra parecer-nos-ão esboços grosseiros, quando abandonarmos as plagas que tanto nos fazem sofrer. E as obras-primas que desejaríamos legar aos vindouros havemos de julgá-las como certos discursos que fazemos em sonho e tão grotescos nos parecem ao despertar.

Estas imagens elucidarão alguns espiritas nefelibatas, levando-os a rectificar os seus conceitos. Não devemos ser tão indulgentes para com as nossas faltas, nem tão rigorosos para com as dos outros. As coisas boas e úteis nunca ficam por acabar. Quanto aos trabalhos que a morte parece tornar improdutivos, sempre nos obrigam a dar um passo em frente.

Félix Rémo termina o artigo, afirmando:

«Os que partem desapontados, tranquilizam-se e os seus desgostos dissipam-se na reconfortante luz do astral, que lhes dará outra opinião sobre as obras que deixaram na terra e às quais agora atribuem valor diferente».

Estas palavras traduzem bem o problema da morte e do renascimento. Todos podem meditá-las e apreciá-las através do raciocínio e ficar mais fortes, quanto à posição que adoptaram perante a vida.

Félix Rémo aprofundou uma questão de interesse humano e espiritual, cujo valor transcende os mais elevados princípios. Desfez dúvidas,

mistérios, enigmas, elucidou e confortou. Bastava isto para que o déssemos a conhecer ao mundo.

O que se aplica à morte e ao renascimento pode aplicar-se à vida e ao sonho. Onde termina um e começa outro? Aí é que está a dificuldade. Ninguém o sabe ao certo. A ilusão é, por vezes, tão forte, que a tomamos por realidade. Esfregamos os olhos para espevitar os sentidos e continuamos a duvidar ainda. A dúvida do homem, que vive em dois mundos sem saber...

Boa noite, amigos. Até ao dia 23. Que Deus guarde o vosso lar e toda a terra brasileira!

9 de Outubro de 1956

8

A VIDA É UM SONHO GRANDE

Amigos radiouvintes:

A palestra de hoje teve origem nas últimas palavras que aqui proferi. Lembram-se de que falei na vida e no sonho, a propósito do artigo de Félix Rémo inserto há pouco na *Revue Spirite,* de Paris, que dava ideia lógica da morte e do renascimento. Nesse instante lembrei-me de certa mensagem de Lia, recebida em 1 de Maio de 1950 e que se adaptava em grande parte ao assunto. Em vez de alusão pura e simples, resolvi dá-la aos amigos que me escutam. Ouçam, que nada perderão com isso:

«Até aqui, a nossa conversa é comum aos dois. Coisas passadas em que deixámos a nossa marca e que ficarão para exemplo dos que vierem, outras que não assinámos e se perderão na poeira. Há de tudo nesse tempo que se escoou, que ninguém pode agarrar e que só vive em nossa memória. Por isso tenho-o evocado em doce conversa, pertinho do teu coração. Enlevá-mo-nos na recordação, gozámos e sofremos num idílio que só nós compreendemos. Como é bom lembrar os tempos que se foram e não voltam mais! Mergulha-se num sonho. Tudo parece que foi um sonho miraculoso. Mas foi realidade. As personagens viveram intensamente. Deixaram vestígios na matéria. Escreveram obras que ficam para o futuro. Estão patentes aos olhos de quem passa. É uma história vivida, que fala e que alicia, que se descreve por si própria.

«Se não fosse isto julgávamos que era sonho, devaneio do pensamento. Tudo desapareceu dos olhos físicos e até os olhos físicos se desagregaram... Esses bilhões de imagens que tivemos constituem um mundo que vive em nós e nos agita de mil modos diferentes. Não sei onde se localiza. Não sou capaz de saber. Chamam-lhe memória, mas não sei onde está. Evoco muitas coisas ao mesmo tempo. Algumas parece que as estou a reviver em todos os pormenores. Afiguram-se-me reais. O sol abrasa e a chuva regela, como se eu pudesse impressionar-me com esses elementos. É uma coisa estranha. Por isso, muitos de nós vivem a recordar, enquanto não distinguem o que os rodeia. É preciso viver eternamente. A combustão é incessante. As células morrem para dar origem a novas células. É a renovação dos átomos que alimenta a chama da vida. Assim sofremos e gozamos até no estado inconsciente.

«Há sonhos tão reais, que deixam traços indeléveis. Andam connosco, recordamo-los sempre. Distraímo-nos, vemos novas paisagens, novos horizontes, mas de quando em vez o sonho vem impressionar-nos e revivemo-lo em suas particularidades. As personagens estão no mesmo sítio. Os sentimentos que nos invadiram assumem os aspectos que tinham no conjunto. É uma coisa palpitante. Por isso eu te disse que os sonhos não são ilusões dos sentidos. Dize-me lá; que diferença haverá entre o sonho e o tempo que passou sem deixar vestígios? Não há diferença alguma. As conversas que tivemos, os anseios, as dores, tudo isso desapareceu, como as imagens que vimos em sonho. Portanto, se olharmos para trás e mergulharmos no tempo, poderemos dizer que tudo foi sonho. Não será isto? Julgo que sim...

«A vida é uma sucessão de imagens e de sensações. É o tempo actual. Depois é sonho e aspiração. O que passou é memória; o que há-de vir é desejo de realizar. Mais nada. Entre estes polos se encerra a ciência humana.

Mas dirás: Há coisas que ficam para testemunhar a vida que se viveu. Ficam, durante algum tempo. As intempéries corroem tudo. Ao cabo de alguns séculos, nada existe já. Tudo desapareceu no pó, se transformou em sonho. As gerações passam a duvidar do que está escrito. E começam de novo a trabalhar na peugada do velo de oiro. Investigam, revolvem tudo, para saber o que há de verdade na história das épocas. Vão erguendo outros monumentos, que o tempo desfará, como desfez aqueles. E novas gerações virão à procura da mesma coisa que desapareceu inteiramente. Isto é vida ou sonho?...

«E que haja vestígios? Que tem isso? Não olhas para a nossa vida como quem sonha? As imagens morrem e dão vida a outras. A fogueira vai-se alimentando. Crepita durante anos. Depois apaga-se. Vamos para outro lado e acendemos nova fogueira. Imagens que nascem, imagens que morrem. E a fogueira extingue-se como a outra. Que nos resta, afinal, senão o sonho que se evoca com as imagens que julgamos ter vivido? Nada mais resta do que essa recordação falaz. Ao cabo de certo tempo nem essa recordação existe. Desapareceu. A metamorfose extingue tudo, apaga tudo. E nova fogueira se acende a nossos pés. E novas imagens nascem e novas imagens morrem. É a vida das almas a manifestar-se em mortes e renascimentos, subordinada à lei que rege todos os fenómenos. É o sonho que nos envolve, que alimenta a nossa fogueira e baseia as nossas aspirações. Sem ele, não podíamos viver. Agita-nos, impulsiona-nos, não deixa adormecer as faculdades. E andamos atrás dele e ele atrás de nós, em círculo vicioso, mas sempre a caminhar. É rotação e translação. Sonho novo, vivido em lugares diferentes, embora pareçam iguais. É a chama da vida que Deus acendeu em nós e que jamais morrerá. É a chama que eu sinto, que me aquece e ilumina, me trespassa e envolve em grandes e pequenos círculos, que me acompanhou e há-de acompanhar, porque é de origem divina. Tenho que viver, tenho que sonhar! O minuto presente vivo-o, como tu o vives, como todos o vivem; o minuto passado sonho-o. Relembrando ou sonhando ou vivendo, eu sou, eu existo, como centelha que não se extingue!

«Que profundo que isto é! Faz dores de cabeça!

«Mas é preciso pensar. São problemas que exigem meditação. Se não os estudarmos, nada saberemos. Poucos encaram a coisa a sério. Poucos cogitam na sua missão e no seu destino. Andam para trás e para diante; não sabem o que querem. Um dia extingue-se a fogueira e pronto. Que lhes importa! Mas atrasam a marcha. E depois admiram-se da paisagem que os cerca. Não se conformam com o lugar que os limita. Que teriam feito para isso? Há-de haver uma causa...

«Sim, há uma causa. Eles não a sabem, mas há. Um dia saberão. Verás como se apressam. Mas o perdido já não se recupera. O per-

dido é tempo que se escoou e não pode voltar.

«Esta mensagem destina-se aos pensadores. Vejam se a vida não é assim, se não foge como um sonho que tivemos...

«Depois disto valerá a pena aflições e inquietações que desolam? Valerá? Não, não vale a pena. Viva-se em calma, trabalhe-se em calma.

«A vida é um sonho grande que não tem fim!».

Ouviram? Que dizem a este pensamento e a esta linguagem? Talvez fosse providencial ter falado no artigo de Félix Rémo. Aliás, não teria ensejo de lhes dar semelhante mensagem.

Boa noite, amigos. Até 6 de Novembro. Que Deus guarde o vosso lar e toda a terra brasileira!

23 de Outubro de 1956

ETERNA SUPLICA

No vestíbulo de um Templo
Voz dolente ressoava:
— Uma esmolinha, por Deus!

Uns, apiedados, olhavam,
Outros, alheios, ficavam.
E escárneo outros faziam...

Os dias correndo passam,
Os anos se reproduzem,
E o mendigo continua
De voz dolente, implorando:
— Uma esmolinha, por Deus!

Eis uma imagem do mundo,
Deste mundo em que vivemos,
Onde sábios, ignorantes,
Mendigos e potentados,
Sob os influxos da Lei
Que preside a Criação,
Se curvam humildemente
E ao Alto, em sigilo, bradam:
— Uma esmolinha, por Deus!

F. JAYME

O ESPIRITISMO

O FANTASMA ACUSA

O facto assombrou últimamente, os incrédulos da cidade de Natal, Rio Grande do Norte (Brasil).

Em Novembro do ano passado, no lugar chamado Praia do Meio, alguns populares descobriram um cadáver que foi identificado como sendo de Paulo Leôncio Carneiro, sapateiro conhecido pela alcunha de «Negrão».

Todas as buscas resultaram infrutíferas e o crime ficou envolto em mistério.

Recentemente, porém, Cícero Joaquim da Silva, conhecido por «Tabajara», apresentou-se à polícia e, após meticulosa confissão, contou que, estando foragido em Recife, ouviu uma voz que lhe ordenava que revelasse o crime e desde esse dia não teve mais sossego. Para onde quer que fosse via titidamente a figura de *Negrão* e ouvia a sua voz, sendo o pavor dessa situação o motivo que o levou a confessar.

O nosso correspondente, testemunhando a repercussão do facto, informou ainda que as investigações da polícia potiguar concluiram pela veracidade das declarações do «Tabajara», que foi conduzido à Casa de Detenção, onde aguardará o pronunciamento da Justiça.

A CIÊNCIA VISITA O ALÉM

A *Folha da Noite*, de S. Paulo, publicou, sob este título, uma série de factos espiritas. Dentre eles, a nossa correspondente põe em relevo o caso do Deão William Smith, que, desesperado por dificuldades financeiras e não podendo contribuir para a Igreja, como antes fazia, cometeu o suicídio.

Uma semana depois, desenrolava-se normalmente a cerimónia religiosa e dois funcionários do templo, depois de arrecadarem os donativos, postaram-se, lado a lado, diante do altar com as bandejas na mão. Ao aproximar-se deles para recolher a oferenda, o pastor que substituira Smith recuou estupefacto: entre os dois funcionários materializou-se a figura do seu colega e tão nitidamente, que várias pessoas o viram. Um grito de terror ecoou no templo. Era Mrs. Davis que, apavorada, saía, perguntando: «vocês também viram?».

Este, como tantos outros casos, servem de ilustração para distinguir o fenómeno espirita da doutrina em si. O fenómeno ocorre independentemente da crença, pois a condição necessária é a existência de médiuns. Como a mediunidade natural acontece à revelia dos médiuns, não é necessário crer ou professar o Espiritismo para produzir factos espiritas.

Sob a denominação de Espiritismo designa-se, não só o fenómeno, mas também a sua explicação científica e respectivas consequências filosóficas e religiosas.

O 10.º ANIVERSÁRIO DA U. E. B. E. A.

A União Espirita Brasileira de Educação e Assistência comemorou com uma semana de conferências (22 a 25 de Agosto) a passagem do 10.º aniversário de sua fundação.

Foram reuniões de vibração em que a criatura admirável que é Vitorino Eloy dos Santos, seu Secretário Executivo, prestou contas das actividades do decénio.

ISENÇÃO DE SELO NAS INSTITUIÇÕES DE ASSISTÊNCIA

O Presidente da República, em Abril assinou a lei 2756, publicada no *Diário Oficial* de 20 daquele mês, na qual se lê: «É concedida isenção de selo nos recibos das contribuições destinadas a quaisquer instituições de assistência social que estejam registadas no Conselho Nacional do Serviço Social».

FESTIVAL DE POESIA PSICOGRAFADA

Um grupo de moços espiritas do Rio de Janeiro, amantes da poesia prepara um grande festival de poesia psicografada para comemorar a passagem do 1.º Centenário da Codificação.

A reportagem apurou que abundam os autores espirituais para variar o programa, mas faltam médiuns, de vez que a quase totali-

NO BRASIL

Não dê a seu filho brinquedo ou publicação de guerra. Contribuia para que ele seja um instrumento de paz.

dade dos trabalhos poéticos divulgados foram recebidos por Francisco Xavier. Em consequência, solicitamos sejam remetidas cópias de poesias psicografadas, devidamente autenticadas, para o seguinte endereço: *José Brasil — Beco dos Carmelitas, 8 — Lapa — Rio de Janeiro.*

COMPLETA-SE O QUADRO FEDERATIVO DO ESPIRITISMO BRASILEIRO

O sistema federativo da organização do Espiritismo no Brasil está a completar-se. Fruto do idealismo de um grupo de trabalhadores que correu todo o país pregando a necessidade da unificação, por meio do chamado «Pacto Áureo», congregaram-se as instituições espiritas em torno de organismos regionais, um em cada Estado do Brasil e foi criado junto à Federação Espirita Brasileira o Conselho Federativo Nacional, presidido pelo Presidente da Federação e composto de representantes dos órgãos unificadores de cada Estado.

Até agora faltava unificar-se Mato Grosso para ingressar no sistema federativo.

Todavia, correspondência de Campo Grande dá-nos conta da Convocação da 1.ª Convenção Espirita daquele grande Estado, feita em Junho deste ano, com o objectivo de fundar a Federação Espirita de Mato Grosso.

A Comissão Organizadora funciona na rua Coronel Ponce, 541, Bairro Amambaí e é presidida pelo Coronel Duílio Lessa Bérni, actualmente servindo na guarnição local.

O CATOLICISMO ESTÁ MORRENDO NA AMÉRICA LATINA

Segundo telegrama da *United Press* divulgado em todo o mundo, o Rev. Albert Nevins demonstrou, em artigo publicado em *The Sign*, revista católica, a irrecusável decadência do catolicismo na América do Sul.

«Em 156 milhões de habitantes, mais de 136 milhões pretendem ser católicos, porém, mesmo com os mais generosos cálculos, apenas 10 % se podem chamar católicos praticantes».

«A Argentina, o México, Costa Rica e Colômbia, são zonas onde a Igreja é forte e tem estabilidade», mas «está morrendo na Bolívia, Brasil, Equador, Paraguai, Panamá, República Dominicana, Honduras, Nicarágua, Salvador, Cuba, Venezuela, Perú e Uruguai».

As palavras sinceras do Reverendo Albert Nevins puseram em relevo a falta de vocações sacerdotais, classificando esta parte da América como «zona de missões».

NOVO CONCEITO DA DOENÇA DE HANSEN

Com a descoberta das sulfonas por Felte, em 1941, nova era raiou para os leprosos: a moléstia tornou-se curável em 100 % dos casos, no dizer de famoso leprólogo brasileiro.

Por outro lado, com o emprego do teste Mitsuda e da vacina BCG, o diagnóstico precoce e o preparo do predisposto par imunizar contra a doença afastou o perigo de contágio de modo quase absoluto.

Todavia, o preconceito milenar contra o mal leva filhos a abandonar os pais e pais a abandonar a filhos, numa demonstração de ausência de evangelho em face do horror ao contágio.

Há uma campanha de esclarecimento desses pontos, na qual estão interessados programas de rádio e publicações espiritas e espiritualistas de projecção nos meios brasileiros.

Damos ao facto o nosso apoio, certos de ser obra de amor mostrar que a lepra, depois das sulfonas, não é mais a praga, a maldição primitiva contra o homem.

Aproximando-se o Terceiro Milénio, até as moléstias malditas estão sendo dominadas.

(Do «S. E. I.», do Rio de Janeiro)

LIVROS NOVOS

«MATERIALIZAÇÕES LUMINOSAS»

pelo Dr. R. A. Ranieri

Acabamos de receber este livro extraordinário escrito pelo Dr. R. A. Ranieri, Delegado da Polícia do Estado de S. Paulo, e no qual se relatam fenómenos maravilhosos documentados fotogràficamente e pela primeira vez revelados ao mundo.

Sessões ali se descrevem, nas quais os Espiritos materializados se utilizaram do radium e vários aparelhos desconhecidos dos homens e que vêm revolucionar a Psicologia oficial. É um acervo de factos impressionantes que nenhum espiritista deve deixar de ler e meditar.

«Materializações Luminosas» é uma obra honesta escrita em bom português, e que se impõe a crentes e descrentes, pela imparcialidade e desassombro do autor, habituado a lidar com indivíduos que usam todos os truques para enganar e defender-se.

Um grosso volume ..... 60$00

★

«A GRANDE ESPERANÇA»

pelo Doutor Charles Richet

Outro livro igualmente precioso, abre clareiras de esperança nas veredas da humanidade. Eis alguns capítulos:

«A Expansão do Homem e a Inteligência», «A Defesa Contra a Morte», «A Defesa da Espécie e o Amor», «O Mundo Habitual», «O Inabitual na Biologia», «O inabitual no Conhecimento e na Vida Material», etc.

Um grosso volume ..... 60$00

★

TRATADO DE METAPSÍQUICA

pelo Doutor Charles Richet

Acaba de chegar ao nosso depósito esta obra há muito esperada devida à pena de um grande fisiologista moderno. Trata-se de obra clássica que nenhum confrade deve ignorar.

Um grosso volume enc. 160$00

Enviamos estes livros à cobrança

A Terra do Mexerico

Você já ouviu falar da Terra do Mexerico, junto à Baía da Falsidade, onde a velha Senhora Beata com suas vestes vai durante o dia?

A Terra do Mexerico não fica longe para quem quer ir lá; a Ociosidade o levará numa hora, mais ou menos. A estrada Desatenta é um caminho popular e a maioria das pessoas partem para aquele caminho, mas se não olhares, as suas encostas te lançarão na Baía da Falsidade.

Passas pelo vale das Pessoas Viciadas, no túnel do ódio; a rua principal é chamada «Dizem», e «Ouvi dizer» é o poço público; as brisas que sopram da Baía da Falsidade estão cheias de «Não Conte Nada».

No meio da cidade está o Parque das Histórias. Nunca se está em segurança ali, pois a sua proprietária é a senhora Observação Suspeita, que mora na rua Não se Importe. Atrás do Parque está a Vila da Difamação onde morreu o Bom Nome, atingido por uma flecha do Arco do Ciúme nas mãos do Orgulho Invejoso.

A paz fugiu há muito da Terra do Mexerico, mas o Distúrbio e a Tristeza, o Lamento e a Vaidade lá estão.

É uma estrada perigosa a que leva até lá, e além está a montanha de remorso que é preciso para se libertar e ganhar o auto-respeito. Embora caiam lágrimas, enquanto subimos, nunca poderemos consertar o dano.

Do «Home League Leader», de Nova Iorque

O Espiritismo Necessita...

Nos centros doutrinários — de amigos do bem e da verdade, que saibam exemplificar a compreensão e a boa vontade para o soerguimento de todos, através da elevação de si próprios.

Na ciência — de investigadores e estudiosos, que unam o raciocínio e o sentimento, elevando o coração ao nível da inteligência.

Na política — de legisladores e administradores dignos, que não menosprezem o sacrifício pessoal, habilitados a criar mais altos padrões de carácter para a mente do povo.

Na imprensa — de jornalistas humanos, construtores do bem e adversários do escândalo, livres da influência financeira, a serviço do bem geral.

No magistério — de professores devotados, que possam plasmar a alma da infância e da juventude, nas linhas eternas do ideal superior.

Nos lares — de pais e mães consagrados à missão que esposaram, de filhos e irmãos que se auxiliem, recìprocamente, no testemunho leal da comunhão fraterna.

Nas organizações de trabalho — de cooperadores que se honrem no cumprimento do dever, dedicados ao progresso e ao aperfeiçoamento, para a justa exaltação da dignidade do serviço.

No campo — de colaboradores da natureza, de amigos sinceros do solo, das plantas e dos animais que, semeando e ajudando alegremente, se façam intérpretes dos Propósitos Divinos.

Na arte — de tradutores fiéis da bondade e da beleza, que auxiliem o pensamento a escalar os mais altos cimos da vida.

Na mediunidade, na pregação e na propaganda — de corações corajosos e confiantes, conscientes de suas responsabilidades e fiéis aos seus compromissos com o Infinito Bem, que se expressem com os actos, acima das palavras, plenamente integrados na execução das boas obras, a fim de que o Reino do Senhor se estabeleça, em definitivo, na Terra, assegurando a felicidade dos homens para sempre.

ANDRÉ LUIZ

(Página recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier.)

INSÓNIA

Por LEOPOLDO MACHADO

Insónia! Em meio à noite escura e fria
A ler, a ouvir rádio, a meditar,
Vejo as horas passando. E é tão sombria
A passagem das horas, regular!

O pensamento voa, se desfia
Desarrumadamente irregular.
Espero, ansioso, o despontar do dia...
E como o dia custa a despontar!...

Feito um defunto vivo passo a noite
A sentir — ai de mim! — o duro açoite
De martírios da velha Babilónia!

Manhã cedo, ao espelho, a face esquálida
Reflecte-se cansada, triste, pálida...
— Meu Deus, que coisa estúpida uma insónia!

INSÓNIA de 1 de Abril de 1956

Crónica Mundial

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

UM MUSEU ESTRANHO

O *Globo*, diário brasileiro de grande projecção, publicou um trabalho de Charles Dauphin intitulado «Um Museu do Outro Mundo» e não deixa de ser interessante arquivá-lo nestas colunas. Esse museu existe na cidade australiana de Melbourne e é constituído por uma colecção extraordinária de objectos de valor arqueológico a que ele chama *doações* misteriosas pertencentes a «pessoas falecidas» que as deixaram durante sessões espiritas.

Claro que o articulista é profano destas coisas, aliás não admitiria a existência de «defuntos liberais que, não satisfeitos com fazer dançar as mesas ou falar com vozes estranhas, querem dar provas mais tangíveis da sua presença e deixam cair em recintos fechados as coisas mais diversas». E vai-nos informando que nalgumas sessões têm aparecido subitamente anéis, campainhas, flores, minerais, pedras preciosas e até animais vivos que teriam atravessado «miraculosamente» as paredes, oriundos de paragens mui longinquas. Uma vez, durante sessão mediúnica realizada em Bucareste, caiu na mesa uma pedra romana antiquíssima vinda de muitos quilómetros de distância.

«O aparecimento de campainhas — escreve — tem-se repetido muitas vezes. As pessoas começam a ouvir o som prolongado que se aproxima, até que deparam com elas na mesa. Todas essas coisas do outro mundo têm característica singular: a sua temperatura é tão elevada, que chegam a produzir queimaduras. Algumas desaparecem logo, outras decompõem-se e outras permanecem como prova do fenómeno.

«O mistério das «doações», que tanto apaixonou os cientistas, que discordam, tentando explicá-lo, mas que admitem a sua existência, classificando-o no rol dos fenómenos obscuros do Espiritismo, pelos quais os próprios padres se interessam, constitui uma das mais espantosas documentações no Museu de Melbourne, o mais extraordinário museu que os egressos do outro mundo mantêm. Nos mostruários há campainhas, flores, plantas raras, ovos, pedras, minerais preciosos, tabuletas de argila, etc., tudo com a mesma inscrição: «Doado pelos espíritos em tantos de tal». É o bastante para que isto produza uma impressão esquisita, chegando a causar arrepios aos que percorrem o Museu.

«As peças interessam muito por estarem ligadas a um discutido fenómeno e terem valor arqueológico. As peças de minério, por exemplo, foram obtidas em sessões com o médium Charles Bailley, homem inculto, artífice de calçado, que declarou encontrar-se sob a influência do arqueóloqo norte-americano Edward Robinson, quando surgiam os objectos.

«A fama do sapateiro correu mundo e alguém sugeriu a ideia de um museu destinado a reunir o mostruário».

Tudo isto já contámos há muitos anos aos leitores dessa e de outras revistas. Se voltamos ao assunto é para frisar que foi agora exposto por um profano e, por isso, mais valor probatório devem assumir as suas descrições.

«Em 1904 — continua Charles Dauphin — este médium visitou a Itália a convite do *Instituto de Estudos Psíquicos* de Milão e não desmentiu o seu renome. Em diversas sessões e na presença de ilustres cientistas, surgiram, passando através das paredes, muitas flores, minerais e objectos de barro, e até pássaros vivos, apesar de se haverem tomado as maiores precauções.

«Antes dos trabalhos realizados em Milão com a presença de alguns cientistas, fecharam hermèticamente a sala, calafetando portas e janelas, e colocando indivíduos no exterior do prédio para evitar a aproximação de qualquer pessoa. A vigilância estendia-se ao telhado. Pois bem: viu-se repentinamente um faisão vivo em cima da mesa e depois uma planta rara e diversos minerais de valor. Era o triunfo decisivo de Charles Bailley. O sapateiro regressou à Austrália e doou ao museu tudo o que lhe havia chegado do Além.

«Assim é que nas diversas salas da original exposição se encontram alinhadas a preciosas doações das almas do outro mundo, capazes de provocar o riso do céptico ou do brincalhão, deixando sèriamente preocupado o visitante estudioso, em frente daquilo que a mente humana talvez não consiga jamais esclarecer».

A maneira de dizer do articulista, a falta de propriedade que se nota em muitos passos do seu arrazoado, o humorismo que imprime a certas frases de profano levam-nos a crer que é homem convencido da realidade dos factos, embora tenha receio de remontar às origens. Há muitos nesse género e não levamos a mal. Achamos perfeitamente lógico.

A REENCARNAÇÃO NOS PAÍSES ANGLO-SAXÓNIOS

Agora, que a ideia da reencarnação preocupa os filósofos e investigadores que se reunem em congressos na perquirição da verdade, cabe transcrever um artigo que Jean Barbier escreveu na *Revue Spirite* de Maio-Junho, sob o mesmo título desta nota.

Diz ele:

«A ideia da reencarnação difunde-se pouco a pouco na Inglaterra e na América. Nas peugadas do Coronel de Rochas e de Afonso Bouvier, um inglês chamado John Prebble descreve a vida precedente de um antigo oficial de marinha, depois de cair em *transe* e ser levado a 150 anos antes, através dos métodos usados pelos investigadores citados.

«O n.º 1232 de *Psychic News* relata a seguinte experiência:

«Depois de reviver todas as circunstâncias da sua vida actual até ao nascimento, o *passivo* foi «convidado» a recuar nas suas existências e revelou que há 150 anos era criado de lavoura em Poplar, hoje um bairro de Londres. Chamava-se então Mathieu Jordan e o dono da herdade era M. Kempf. Nas investigações soube-se que, de 1770 a 1780, um tal Benjamin Kempf administrara uma herdade de 40 acres em East March, distrito de Poplar.

«Outro oficial de marinha, colocado nas mesmas condições, declarou que em 1863 era tripulante do navio de vela «Orion», comandado pelo capitão Winwright. Ora, nessa data havia 24 veleiros deste nome

e um capitão Winwright tinha comandado um deles.

«Na América, o investigador foi um Morey Bernstein. Durante seis sessões uma senhora de 32 anos deu pormenores muito rigorosos acerca de uma existência que ela teria vivido na Irlanda no século passado. Chamava-se Briddie Murphy. Nascera em Cork, em 1798, e morrera em Belfast no ano de 1864. Aos 20 anos desposara um advogado chamado Brian MacCarthy que veio a ser professor da Universidade Real de Belfast. Era a segunda de três irmãs de Duncan e Katheleen Murphy. Seu pai era também advogado e proprietário da casa «The Meadows» (As Campinas), perto de Cork. Quando caía em transe falava com acento tìpicamente irlandês e citava a Igreja de Santa Teresa, de Belfast. É preciso notar que esta mulher nunca deixou o seu Colorado natal, a não ser para breve viagem ao México. Nomeou também uma mercearia de John Carrigan e Farr, que existia realmente nesta cidade.

«Neste caso, infelizmente, as investigações nada conseguiram provar. Nenhuma data de nascimento ou de morte se encontrou. Nunca existiu a propriedade «The Meadows» nas proximidades de Cork e nenhum MacCarthy fora professor na Universidade de Belfast na época indicada. Por outro lado, a Igreja de Santa Teresa, em Belfast, foi começada a construir em 1909».

«O mais interessante é o facto de *Two Worlds*, no seu número 3555, relatar com grandes pormenores o caso da mulher americana, insistindo em que nenhuma das suas declarações tinha podido ser controlada. Mas cita em três linhas o caso dos dois oficiais de marinha que disseram ter vivido há 100 ou 200 anos. E nenhuma referência faz às coincidências verificadas».

E Jean Barbier conclui:

«No artigo de fundo de *Two Worlds* do mesmo número encontramos a explicação límpida desta atitude. O director, Maurício Barbanelli, informa que no dia 1 de Março se realizou em Londres um grande debate sobre a Reencarnação. Shaw Desmond, escritor e jornalista notável, falou a favor e Barbanell contra. Os mesmos costumes jornalísticos em toda a parte! Conspiração de silêncio sobre o que os estorva e esmiuçamento no que favorece as suas ideias. Sempre julguei que um espiritista, mesmo que se dissesse espiritualista, tivesse ideias menos estreitas».

A tese reencarnacionista continua a agitar as almas. É preciso que os investigadores sejam conscienciosos e que não percam uma única circunstância para concluir com acerto. Isto é necessário. Mas também é necessário evitar atitudes aprioristicas que tendam ao desvirtuamento da verdade.

Se soubéssemos que o Espiritismo era baseado em fraudes ou trapaças, deixariamos de ser espiritista. É que as grandes convicções são como os grandes monumentos: a rocha é o seu alicerce, que desafia os homens e o tempo.

AINDA O «MAGO DE NÁPOLES»

P. Neuville esteve uma hora em Paris com Aquiles d'Ângelo, mais conhecido por «Mago de Nápoles», e conversou com ele acerca do feito notável que realizou em Roma, durante o Congresso Nacional de Parapsicologia. Sob vigilância do prof. Egidi, presidente do Instituto de Fisiologia, do prof. Ebon, e do prof. holandês Zorah e outros, d'Angelo fez mover à distância de 1 metro o ponteiro de um anemómetro, provando a existência das radiações biomagnéticas.

Até então agia em seres humanos (e Neuville foi um deles) a quem pedia que fechassem os olhos, infligindo-lhes pequenos toques na cabeça e nas costas, bofetadas leves ou arranhões, ar quente e frio, etc., mas informando-os dos toques dados mentalmente. Depois pedia que abrissem os olhos e dissessem o que tinham sentido. A resposta era sempre exacta.

Os incrédulos diziam que era sugestão. Assim mesmo, a coisa desconcertava. Mas d'Ângelo quis demonstrar o contrário. Foi quando obteve a prova do anemómetro.

Até aos 20 anos não lhe interessaram as questões psíquicas. Era homem de sete ofícios quando descobriu a vocação. Uma vez em Nápoles deu uma queda e foi levado ao hospital. A irmã vigilante ficou alarmada, quando ele, em delírio, a chamou pelo verdadeiro nome, o do estado civil, desconhecido no hospital e do enfermo, que ali entrava pela primeira vez. Mas ele também lhe falou dos irmãos dela, como se os tivesse conhecido sempre. Possuía, sem dúvida, o dom de vidência em alto grau.

Curado, começou a desenvolvê-lo. Bastava-lhe apertar a mão a um desconhecido para lhe recitar todo o passado. Foi por isto que tentou curar os doentes que lhe descreviam os seus males.

Aquiles d'Ângelo conseguiu êxito maior nas doenças psíquicas, sobretudo quando pouco desenvolvidas. Nas afecções da vista também conseguiu grandes coisas, como no caso da rainha de Itália.

Houve curas obtidas sob fiscalização médica rigorosa. Assim, o prof. Nicolau Pendé, grande sumidade em endocrinologia, reconheceu o «valor incalculável» do curandeiro, o mesmo sucedendo ao prof. Carletti, perito em electrochoque.

Numerosas personalidades foram tratadas pelo «mago», como tivemos ensejo de dizer noutras referências. O realizador cinematográfico Vittório de Sica foi uma delas. E Maurício Bedel e Léonide Moguy e Ida Einaudi... E até o célebre Fernandel, que perdera o sono e voltou a dormir, graças ao taumaturgo. E Martine Carel e muitos outros beneficiaram dos seus trabalhos magnéticos.

Como clarividente é muito querido. No dizer de Neuville, pode ser considerado guia e conselheiro das chamadas *vedetas;* e desde Gina Lollobrigida a Pietro Nenni, desde o rei Humberto a Toscanini, não há nome célebre em Itália e noutras regiões, que não figure no seu livro de ouro.

«Aquiles d'Ângelo não é vaidoso — conclui o articulista —. Verdadeira força da natureza, vivendo feliz, tem vida activa mas simples entre a mulher e as duas filhinhas, parecendo que o dom do pai se transmitiu à filha mais nova».

PODE MODIFICAR-SE O DESTINO?

Num artigo publicado em *Survie*, George Gonzalès conta o caso de um advogado, a quem três médiuns diferentes predisseram a morte por acidente de automóvel. Não satisfeito, procurou outro médium, que, após rápida concentração, o avisou que reduzisse a velocidade habitual. Além disso, indicou-lhe uma falha no automóvel.

Em viagem subsequente, o advogado pôde verificar a verdade da predição. Felizmente, conseguiu evitar as consequências que o aguardavam.

George Gonzalès refere-se à modificação que podemos operar em nosso destino. A este respeito, o Dr. Moreno da Fonseca realizou no Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, uma bela conferência, onde chegava às mesmas conclusões, sem abandonar o campo psicológico. Bastava cultivar com mais afinco um ou outro sentimento.

Notas & Comentários

ANIVERSÁRIO GLORIOSO

A Federação Espírita do Estado de S. Paulo atingiu 20 anos de existência em Maio do corrente ano, em labor permanente, a fim de impor a doutrina através de um núcleo esclarecido e selecto que soubesse organizar os adeptos e apetrechá-los para a tarefa grandiosa de amanhã.

O que ela realizou no sentido da unificação ultrapassa os limites de uma nota simples tendente a registar a efeméride. Há, porém, alguns pontos que merecem atenção e admiração. O primeiro baseia-se na carência doutrinária dos seus dirigentes. Cingidos à codificação cardeciana (ou kardequiana, como queiram) tudo têm feito para que os princípios não sejam adulterados. Sabem que o saneamento das fileiras é factor decisivo na luta inglória que se exerce em nossos dias e mantêm-se firmes em suas posições. Só com boa vontade e dignificação se ganhará a grande batalha; e felizes daqueles que perseverarem contra os mil cantos da sereia materialista.

O segundo, a nosso ver, é a Escola de Aprendizes do Evangelho, onde se plasmam os verdadeiros arautos: jornalistas, escritores, doutrinadores, que não só defenderão o organismo que os orientou e formou, como estenderão o trabalho a todo o sector, desdobrando actividades e criando novos departamentos culturais e espirituais. Se dissermos que esta Federação é uma das colectividades espíritas brasileiras mais bem organizadas, não faltamos à verdade. E para se avaliar a grandeza da sua Escola, basta saber que, no desenvolvimento mediúnico, se encontram inscritos perto de 1.000 «aprendizes». As lições são depois editadas, constituindo magnífico repositório de ensinos espiritualistas.

Como bem diz o Dr. Luís Monteiro de Barros no seu artigo «Vinte Anos de Gloriosas Lutas» publicado no Semeador, «a existência da Federação E. do Estado de S. Paulo é uma garantia e uma esperança de dias melhores». De acordo com o ilustre confrade, que foi um dos seus fundadores, poderíamos acrescentar que é também um dos maiores exemplos a seguir, em mentalidade e moralidade.

Por lá passaram muitos pioneiros, alguns dos quais foram trocando as plagas terrenas pelo mundo espiritual. Os que permanecem, actualmente, na dura faina de elevá-la e prestigiá-la, são dignos de pensamentos carinhosos pelo seu denodado esforço em prol da Causa.

Conhecemos muitos deles. São homens cultos e dignos que se imporiam em qualquer parte do mundo. Por isso «Estudos Psíquicos» assinala o aniversário com a satisfação do adepto que nota e sente a dedicação de outros, cuja competência infunde respeito aos próprios adversários.

PRESSENTIMENTO NO MAR

Eis um belo caso de pressentimento contado no Fate Magazine por Jaspar D. Smith:

«O comércio a que me dedico só se faz em certas épocas na costa e eu vi-me sem emprego em Janeiro de 1946. Resolvi então embarcar como despenseiro no «Yukon» para Sevard, no Alaska.

«A viagem prosseguiu agradàvelmente. Chegámos muito tarde a Sevard e os passageiros ficaram a bordo até à manhã seguinte, e levantámos ferro no dia imediato depois das formalidades de descarga e embarque de novos passageiros e nova carga.

«Deitei-me cerca das 10 horas e tive um sonho de grande realismo. Sonhei que o barco tinha ido de encontro aos rochedos, durante uma tempestade, e estava em perigo. Fiquei de tal maneira impressionado com o sonho, que não consegui fazer outra viagem, pois tinha a convicção de que o navio teria fim desastroso. Não quis embarcar na seguinte viagem e fui até Raymond, Washington, para visitar meu irmão. No dia 4 de Fevereiro li no jornal que o navio «Yukon» encalhara e estava sendo destruído pela fúria do mar.

«O desastre era descrito exactamente como eu o tinha sonhado.

«Acredito que qualquer coisa mais além da sorte me tenha salvo».

ECOS DE UM CONGRESSO

Acaba de realizar-se o 21.º Congresso Nacional Espírita de Santiago de Cuba na província do Oriente. Secundada pela Confederação Espírita de Cuba, a Comissão pró-Congresso portou-se à altura das circunstâncias. Presidiu Juan Hoyos Díaz, personalidade de grande relevo social, cuja experiência organizadora teve ensejo de se afirmar neste magnífico acontecimento.

Voz Informativa, da Cidade do México, insere desenvolvida notícia do certame e sobre ela assentámos estes ligeiros comentários.

Todos os actos do Congresso foram brilhantes e emotivos. A distância não impediu que se reunissem no mesmo ambiente fraterno muitos representantes do Espiritismo de Cuba para expor as suas dissertações acerca da imortalidade da alma. E tanto o acto inaugural levado a efeito na Câmara Municipal, como o serão do Palácio Provincial, revestiram emotividade e grandeza, e demonstraram que o povo cubano se interessa pelos nossos postulados, atenta a enorme e respeitosa assistência às teses, discursos e conferências.

Nas visitas à Universidade desenvolveram-se relações amistosas, durante as quais o confrade doutor Luís Guerrero Ovalle, catedrático da Universidade «Inácio Agramonte», de Camaguey, historiou o labor das investigações psíquicas desde o século passado aos nossos dias, através de brilhante exposição técnica e científica.

O serão nos amplos salões do Palácio foi maravilhoso. Com a presença de representantes do Presidente da República, do Governador Provincial, do Presidente da Câmara, da Confederação Espírita Pan-Americana, da Confederação Espírita de Cuba e das Federações Provinciais, se prestou calorosa homenagem ao codificador do Espiritismo.

Estudos Psíquicos congratula-se com este magnífico triunfo dos espiritistas cubanos. Quando poderemos nós realizar um congresso?...

Noticiário

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Não é exagero afirmar que a conferência realizada no dia 21 de Outubro corrente, no Centro E. Luz e Amor, pelo nosso Director e amigo Isidoro Duarte Santos, constituiu uma primorosa lição.

Desta maneira se iniciou o novo ciclo cultural relativo ao ano de 1956-57 numa colectividade que, há dezenas de anos, muito e muito tem dado à causa espírita em Portugal.

O tema escolhido — «Doutrina Consoladora» — foi tratado sugestivamente. O orador prendeu a assistência pelo brilhantismo da sua palavra. Remontando aos primórdios da humanidade, que acompanhou através dos tempos numa feliz citação histórico-estético-científica de factos concatenados e vultos proeminentes, marcando em quadros flagrantes de realismo os voos e as aspirações do Homem em lutas constantes pelas conquistas morais e espirituais, até ao surgimento da *Doutrina Consoladora* ou Espiritismo, deu uma ideia da evolução humana em todos os departamentos da actividade.

Falou na luta entre a ciência e a religião, apontando os desmandos de uns e de outros, cada qual aferrado ao seu dogma; expôs o problema da riqueza, exaltou a mulher como inefável companheira e apresentou um quadro social à luz da reencarnação.

Sempre ouvido com agrado, disse que o Espiritismo se dirigia à renovação do homem, citando casos célebres de criminosos que se haviam transformado em alavancas de amor cristão.

Todos os presentes anteviram o que seria do mundo, quando o Espiritismo entrasse na política, na economia, na educação, na jurisprudência, e o aspecto dos lares com leis de família justas e harmónicas. Tudo isto viram no verbo do orador, que terminou, exclamando:

— O Espiritismo é a grande esperança. Vivê-lo é aplicá-lo às incógnitas. É destruir as dúvidas. É alcançar a felicidade relativa. Vivamo-lo! Ele nos salvará e guiará para surtos mais amplos!

Recolhidamente, a assistência seguiu todas as fases do belo improviso de Isidoro Duarte Santos, com o qual Yvone de Sousa, que presidia, ladeada por José Francisco Cabrita e José Lopes Júnior, este representando a Filial de Santarém, se congratulou, numa saudação que todos corroboraram verdadeiramente. Pena foi que este trabalho não fosse apresentado num vasto salão repleto de almas sequiosas. — **Y. S.**

FESTA DE BENEFICÊNCIA

No dia 18 do corrente, o Grupo «Amor do Redentor» levará a efeito na Avenida 5 de Outubro, 27, r/c., um bazar de caridade no qual serão rifadas muitas prendas e valiosos artigos de uso pessoal e caseiro.

Uma das organizadoras é a nossa médium D. Maria Cecília Gorina, motivo por que a festa resultará cheia de animação, como tem sucedido nos anos transactos.

Fazemos votos pelo bom êxito da realização.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO EM NOVEMBRO DE 1956

Grupo Allan Kardec

Todas as segundas-feiras, às 21,30, dirigido por Túlio Augusto Rosa.

Grupo de Caridade «LIA»

Todas as quarta-feiras, às 21,30, com a médium D. Deolinda Robalo e dirigido por A. Pereira da Silva.

Grupo de irradiação mental «Reper-Siam»

Todas as quinta-feiras, às 21,30, dirigido por Túlio Augusto Rosa.

Dia 4, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 6, terça-feira, às 21,30 — Grupo Experimental «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 11, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 18, domingo, às 16 horas — Conferência pelo Dr. Moreno da Fonseca intitulada «Paz no Corpo e no Espírito».

Dia 20, terça-feira, às 21,30 — Grupo Experimental «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 25, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 2 de Dezembro, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 4 de Dezembro, terça-feira, às 21,30 — Grupo Experimental «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

***Nota** — As conferências são públicas, desde que os assistentes sejam acompanhados por qualquer sócio. As sessões são exclusivas dos sócios com as quotizações em dia. Para isso devem munir-se da última quota paga.*

CORRESPONDÊNCIA

Mais uma vez pedimos a todos os correspondentes que façam acompanhar as suas cartas de 2$50 em selos postais destinados à resposta, por nos ser impossível enfrentar a despesa de numerosa correspondência.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Recebemos os seguintes donativos, que agradecemos.

Mês de Outubro — D. Luísa Pacheco Martins, de Lisboa, 5$00; Manuel Roxo, de Venda das Figueiras, 10$00; L. C. F., do Funchal, 10$00; Luís Gonçalves Patraquim, de Lourenço Marques, 15$00; A. L., V. Z., M. L., de Lisboa, 15$00; I. S., de Lisboa 20$00; J. Vicente Freitas, da Torre do Carril, 5$00; Armando Glória Alves, do Cartaxo, 5$00; D. Antónia L. Ferreira, de Lisboa, 5$00; D. Flora Soveral Pinto, de Espinho, 10$00 — *Total*, 100$00.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

br.

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um ... 60$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataque feitos ao Espiritismo ..... 50$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte ..... 25$00
Enigmas da Psicometria ..... 28$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00 50$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte ..... 42$00
Metapsíquica Humana — encadernado ... 40$00
Pensamento e Vontade ..... 26$00
Xenoglossia ..... 32$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo ..... 40$00
Casas Mal-assombradas ..... 50$00
A Morte e o seu Mistério. 3 volumes: 1) Antes da Morte; 2) Durante a Morte; 3) Depois da Morte ..... 140$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos 75$00
Narrações do Infinito ..... 30$00
Stella (romance astronómico) ..... 50$00
Urânia ..... 40$00

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 25$00
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz* 20$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel* ..... 45$00
Brasil, coração do Mundo e Pátria do Evangelho, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 30$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 30$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 35$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha* ..... 30$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo ..... 60$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas — enc. 38$00 ... 26$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 35$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 28$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — enc. 38$00 28$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunhá*, um verdadeiro poema de ternura ..... 28$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido ..... 60$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio* 24$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos) ..... 32$00
Libertação, pelo *Espírito de André Luís* — Enc. ..... 48$00

br.

Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00 ..... 36$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luís*, obra dedicada às pessoas cultas—enc. 55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00 ..... 40$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz* ..... 40$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado ..... 38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz* ..... 45$00
Nos Domínios da Mediunidade, pelo *Espírito de André Luís* ..... 40$00
Paulo e Estêvão, por *Emanuel* ..... 70$00
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 46$00
Pérolas do Além ..... 28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X* ..... 35$00
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00 ... 34$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* 40$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage* ..... 20$00
Voltei, do *Espírito de Jacob* ..... 25$00

OBRAS DIVERSAS

Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 42$00 ..... 30$00
Animismo e Espiritismo, por *Alexandre Aksakof*. Uma das mais belas obras clássicas do Espiritismo ..... 90$00
Às Margens do Mar Morto, por *Osvaldo Polidoro* — Apreciado e discutido romance, que faz parte da chamada *Série do Céu*, constituida por mais de 25 livros, do memo autor ..... 35$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida* ..... 35$00
Barrabás, o Enjeitado, por *J. Herculano Pires* — Um drama oculto por detrás do drama da paixão — A invasão do Templo de Jerusalém e a verdadeira condição de «os dois ladrões» ..... 40$00
Cânticos do Além, poesias mediúnicas semelhantes às do «Parnaso de Além-Túmulo», recebidas pela médium *Dolores Bacelar* ..... 60$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima* — enc. 54$00 ..... 40$00
Dialética e Metapsíquica, pelo *Dr. H. Mariotti* — Esta obra tem a missão de mostrar aos materialistas, cépticos e incrédulos, que a Doutrina Espirita continua a ser a única força científica, filosófica e religiosa, que poderá barrar o presente avanço do materialismo ..... 26$00
Do Calvário ao Infinito, pelo *Espírito de Vítor Hugo* ..... 60$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* enc. 42$00 ..... 30$00
Do País da Luz, extraordinária obra mediúnica recebida por *Fernando de Lacerda*, na qual perpassam grandes escritores por-

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

br.

tugueses fàcilmente identificados pelo estilo próprio. 4 volumes brochados, com cerca de 1.000 páginas ..... 160$00

... **e as águas passaram**, por *Hugo Marchiaverni*—Interessante romance, que emociona e comove pela alta dramaticidade do seu enredo bem conduzido. Representado no *Rádio Teatro* da *Rádio Recorte*, pelo consagrado mestre Manuel Durães — enc. 30$00

Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy* ..... 45$00

Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião* 60$00

Em Torno do Mestre, por *Vinícius* ..... 40$00

Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim* ..... 25$00

Factos, por *António J. Trindade*, um livro impressionante de factos espiritas extraordinários, impresso em óptimo papel ..... 50$00

Felicidade (A) ao seu Alcance, pelo *Dr. Toulouse* — Um verdadeiro compêndio da vida prática, desde a escolha de uma carreira à fundação de um lar e como devemos viver a vida interior ..... 25$00

Filosofia Penal dos Espiritas, pelo *Prof. Fernando Ortiz* (Catedrático de criminologia na Universidade de Cuba) — Obra de raro valor doutrinário, que prova ao mundo estarem os espiritas na vanguarda, no que respeita aos princípios da moderna criminologia ..... 60$00

Funerais da Santa Sé, pelo Espírito de *Guerra Junqueiro* ..... 35$00

Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio* ..... 20$00

Levitação (A), por *Albert de Rochas* ..... 28$00

Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac* ..... 35$00

Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos* —enc. 52$00 ..... 40$00

Mansão (A) Renoir, romance de *Alfredo*, recebido pela médium Dolores Bacelar ... 70$00

Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *E. Manso Vieira* e *B. Godoy Paiva* — Compêndio didático sobre a maneira de se dirigirem sessões práticas. Orientador seguro, baseado nas obras de Kardec e Emmanuel ..... 20$00

Martírio (O) dos Suicidas, por *A. Martins de Castro* ..... 26$00

Materializações Luminosas, pelo *Dr. R. A. Ranieri* — O mais impressionante comentário sobre materializações de espíritos ..... 60$00

Mediunidade, *por E. Armond* — Obra de extraordinária síntese e clareza que explica o complexo mecanismo da mediunidade em todos os seus aspectos ..... 40$00

Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac* ..... 35$00

Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér* ..... 45$00

No Limiar do Etéreo, por *Artur Findley* — Estudo magnífico acerca dos fenómenos espiritas de «voz directa», com o célebre médium Sloan ..... 30$00

br.

No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance*. Episódios da sua vida ..... 42$00

Nova (A) Revelação, por *A. Connan Doyle* – As primeiras experiências espiritas do autor do «Sherlok-Holmes» e a sua conversão. Obra de grande alcance doutrinário ..... 23$00

O Evangelho à Luz da Astrologia, por *A. Vaz de Melo* — Obra Prima, do ponto de vista da profunda e vasta erudição, atestando a cultura inciclopédica do seu autor 50$00

Outro (O) Lado da Vida, pelo *barão Carl du Prel*. Um livro de luz poderosa sobre a Morte e a vida no Além ..... 28$00

Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00 ..... 25$00

Reis, Príncipes e Imperadores, por *Almerindo Martins de Castro*. Casos históricos de psiquismo, entre eles, alguns passados com reis portugueses ..... 30$00

Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*. Obra nascida de um grupo de padres que estudaram o Espiritismo e se converteram, abandonando a Igreja Católica ..... 50$00

Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00 ..... 25$00

Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista ..... 35$00

Rumo às Estrelas, por *H. Denis Bradley*. Os problemas do Além no verbo de um grande escritor ..... 80$00

Semíramis, por *Camilo Chaves* — Maravilhoso romance da legendária rainha do Egipto e da Babilónia, narrado com invulgar fundamento histórico, que lhe dá indiscutível valor, 1 grosso vol. ..... 80$00

Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente* — Livro muito útil aos directores de sessões espiritas ..... 35$00

Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo* ..... 30$00

Tratado de Metapsíquica, pelo *Dr. Charles Richet* — Compêndio monumental da nova ciência que está revolucionando a psicologia oficial (1.º vol.) — enc. ..... 160$00

Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff* ..... 28$00

Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo médium *G. Vale Owen* — enc. 42$00 30$00

Vida (A) de Jesus, por *António Lima*. Um livro que despertou controvérsia, no qual são expostas inúmeras hipóteses através de estudo adequado ..... 30$00

Voz (A) do Antigo Egipto, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo ..... 28$00

Revista Espirita. Os dois primeiros volumes desta importante revista, fundada e dirigida por Allan Kardec. Uma verdadeira preciosidade, traduzida em Português e encadernada em percalina. Cada volume... 120$00

Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

CONTÉM: Riqueza, da **Redacção;** Atitude Científica e Prova Experimental, por **Deolindo Amorim;** Contraste, por **Rocha de Sousa;** A Inteligência dos Bichos - II -, pelo **Dr. Bettencourt Raposo;** Um Novo Caso Watseka, pelo **Dr. Rudolf Schwarz;** Centenário de Gabriel Delanne; A Voz de Portugal Espirita, por **Isidoro Duarte Santos;** O Físico e o Psíquico; Inspecção Visual do Subconsciente, por **Tito L. Bancéscu;** Livros de Todo o Mundo, anotações de **Argus;** Evangelização da Criança - II -, pelo **Dr. Airton Loureiro Machado;** A Pétala, por **José de Castro;** Ecos de Uma Viagem - XXIV - Três Rios, por **Isidoro Duarte Santos;** Natal dos Necessitados; Os Nossos Representantes - António Augusto dos Santos; Pode Vender Fiado, por **Aluno Velho;** Reencarnação, por **Um poeta;** Humildade e Ciência, Prece de **Képler;** Solilóquio, por **Manuel Cavaco;** Serviço Espirita de Informação; Máximas do Mundo, por **José Correia de Oliveira;** Os Espiritas e a Bíblia, por **Alfredo Miguel;** Crónica Mundial, por **Isidoro Duarte Santos;** Notas & Comentários; Noticiário.

ANTÓNIO AUGUSTO DOS SANTOS

(Ver pág. 375)

17.º ANO DEZEMBRO DE 1956 N.º 12

MARIA G. DUARTE SANTOS

Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Bahia	*Alfredo Miguel*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de Melo Castro*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Marselha	*Dr. Georges Tiret*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Liège	*Achille Biquet*
S. Paulo	*Dr. Sérgio Vale*
Rosário	*Tito Livio Bancescu*
México	*Pedro Alvarez Gasca*
Luanda	*Luís de Barros Castro*

Redactor junto à Cruzada dos Militares Espiritas do Brasil ..... **Marechal Mário Travassos**

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Henrique Magalhães e Nelson Baptista de Azevedo*
S. Paulo	*António Pereira Correia e António Baptista Lino*
Campos	*Clóvis Tavares*
Curitiba	*João Ghignone*
Porto Alegre	*José Simões de Matos* / *Zalmino Zimmermann*
Rio Grande	*Armando O. Couto*
Recife	*Joaquim da Silva Gomes*
Ribeirão Preto	*Dr. José Pereira Bastos*
Belo Horizonte	*António Augusto dos Santos*
Maceió	*Jaime Xavier da Silva*
Fortaleza	*José Borges dos Santos*
Franca	*Dr. Agnelo Morato*
Cruzeiro	*José Zácaro Neto*
Vitória	*Dr. Ayrton Machado*
Passo Fundo	*Ney Vaz da Silva*
Juiz de Fora	*Orville Derby Dutra*
Pelotas	*Dr. Djalma de Matos*
Bajé	*José Ferreira da Mota*
Aracajú	*José Elson Fontes*
Juiz de Fora	*João dos Santos Coragem*
Três Rios	*Acir Faria*
Rio Preto	*Lázaro Camargo Ehmke*
Paranaguá	*René Risental*
Florianópolis	*Osvaldo Melo*
João Pessoa	*José Borges de Sousa*

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), Cr. $100,00 — Ultramar (12 números) moeda equivalente a 70$00 — Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro e da Casa do «Tio Juca», de Salvador, Bahia

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

ALLAN KARDEC

	br.
Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita	20$00
A Prece	12$00
Espiritismo	15$00
O Principiante Espirita	18$00
O que é o Espiritismo	18$00
O Livro dos Espíritos — enc. 45$00	32$00
O Livro dos Médiuns — enc. 45$00	32$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo — enc. 45$00	32$00
O Céu e o Inferno — enc. 47$00	35$00
A Génese (nova edição) — enc. 47$00	35$00
Obras Póstumas — enc. 45$00	32$00
Revista Espirita (1.º e 2.º volumes), relativos a 1858 e 1859, traduzidos em português e lindamente encadernados — Cada vol.	100$00
(Seguir-se-á a tradução dos restantes vols.)	
Vade-Mécum Kardequiano	16$00

LÉON DENIS

	br.
Cristianismo e Espiritismo	50$00
O Além e a Sobrevivência do Ser — Enc.	25$00
O Grande Enigma	30$00
Depois da Morte (nova edição)	50$00
O Porquê da Vida	28$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição) — enc. 62$00	50$00
Joana d'Arc Médium — enc. 60$00	48$00
El Problema del Ser e del Destino	52$00
No Invisível (nova edição)	52$00

GABRIEL DELANNE

O Espiritismo Perante a Ciência — enc. 64$00	52$00
A Evolução Anímica	48$00
O Fenómeno Espirita	45$00
A Alma é Imortal	52$00
A Reencarnação	52$00

(Continua na 3.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

17.º ANO | LISBOA, DEZEMBRO DE 1956 | N.º 12

Redacção e Administração
Rua do Salitre, 149, 1.º
LISBOA — Telefone 5 66 05

Direcção, edição e propriedade
de
ISIDORO DUARTE SANTOS

Composição e Impressão
Editora Gráfica Portuguesa
R. N. do Loureiro, 18 a 34 - Lisboa

RIQUEZA

Ouvimos falar tanto em riqueza, que a palavra já não tem significado. Ser rico ou ser pobre são posições instáveis no oceano das aparências. Não sabemos ao certo o que vem a ser uma e outra coisa. Há pessoas ricas de matéria e pobres de bom senso. Gastam o que lhes deixaram. Nada mais entendem, nada mais aspiram, nada mais sonham. E a riqueza é coisa diferente.

Um grande orador perguntava: «Quem são os ricos neste mundo? Os que têm muito? Não; porque, quem muito possui, deseja mais, e quem deseja mais, falta-lhe o que deseja, e essa falta o faz pobre». O homem levado pela ambição pode subir muito alto. Depois, cotejando os tempos, o alto parece-lhe baixo. E deseja nova propulsão. Há quem seja pobre de rico e não tenha uma lágrima no reservatório do sentimento. Que riqueza será essa? Os prazeres duram segundos; as angústias duram séculos. Por isso o grande Pitágoras aconselhava os discípulos a que fossem com o pé direito para as obrigações e com o esquerdo para os prazeres.

O dinheiro do mundo é transitório e o seu movimento instável. Não aumenta nem diminui. O homem é que lhe marca o valor e a posição. A riqueza, Deus a dá e Deus a tira, quando entende e o merecemos.

Há pobres menos pobres do que alguns ricos. Desprovidos de ambição, ignoram o cume onde subiram, mas espalham riqueza duradoira que os liga à humanidade. O coração é manancial de paixões onde mora a Dor e o Prazer ... Quando um acorda, esmorece o outro, num jogo de mágica.

Ah! Tantos pobres que foram ricos e choram de arrependimento! Não souberam usar o que lhes foi dado... e choram. Mas o tempo vai na curva da história, não pode retomar-se...

Afinal, rico não é quem se humilda como as ervas por não crer no valor da existência. Na vida há dinheiro e há palavra. O espírito é a balança que pesa a felicidade. E a felicidade é como as estrelas: perto da vista e longe do alcance. Eterna aspiração, eterna frustração. Onde está o homem feliz? Onde está ele?...

Por isso dissemos que a riqueza não tinha significado. Geralmente, só é rico quem julga que o não é ou que é pobre em extremo.

E quantos ludíbrios, quantas ilusões de riqueza não fazem estremecer o homem vulgar!? «Ninguém corteja, em distracção, quem apresenta letras de cento e vinte contos» — dizia Camilo —. E acrescentava que a presença de um milionário ensinava mais cortesia que um compêndio de civilidade. Há muita razão nestes conceitos de um torturado que odiou a vida, entre clarões de génio e rajadas de loucura.

A riqueza está na mão de Deus. Buscá-la, é caminhar para o imortal gerador e voltar costas ao devaneio que surge num ponto da estrada. A frivolidade é círculo vicioso de infelizes e de pobres. Só o trabalho nutre, só o trabalho fortalcee. Viver livre é viver em labor contínuo, transmutando o grão em farinha. E em face da obra, não há mais pobreza, porque o homem se opulenta em dignidade.

Isto se refere a todos: crianças e adultos. Na saúde e na doença, na glória e na desgraça, há sempre um «quid» que revela a presença do artífice e o torna forte, quando parece fraco. Porque o juízo do mundo não vale. É de convenção e não vale. O valor está no acto em si. Se deu alegria, calma ou bem-estar, foi riqueza que se elevou e multiplicou, como certos caldos de cultura. O braço escravo deu canais à navegação e aproximou os continentes. Mas ficou escravo, embora menos pobre do que era.

A riqueza é pão de espírito e não fruto que se come e olvida. Onde está ela, afinal? Nos ricos da terra? Não está em todos, porque escapa das mãos como areia do deserto.

Chegou-me às mãos, faz pouco tempo, um folheto intitulado *O Espiritismo Analisado*, a respeito do qual já escrevi dois artigos em «*Almenara*», do Rio de Janeiro. O título, aliás, não é inédito, porque o pastor Jerónimo Gueiros, teólogo protestante e filólogo pernambucano, já escreveu, há tempos, um trabalho sob o mesmo título, por motivo de uma polémica, então travada na imprensa, entre Protestantismo e Espiritismo. Naquele tempo, era eu bem moço ainda, estava no sul da Bahia, e cheguei a acompanhar a discussão, até certo ponto, pelo jornal *Norte Evangélico*, de Garanhuns, jornal em que escrevi o meu primeiro artigo na imprensa, justamente quando se debatiam, na Câmara Federal, as famosas «emendas religiosas», entre 1925-26, se é que não estou enganado.

Como, porém, estava eu inclinado para o Protestantismo, naquela ocasião, tanto assim que frequentava os cultos e tomava parte em campanhas protestantes, sob a orientação de elementos prestigiosos na igreja local, não me interessei muito pela parte que dizia respeito ao Espiritismo. Tomei conhecimento da polémica, mas fiquei informado apenas pelo lado protestante. Sei que alguns espiritas de projecção, como Djalma Faria, Carlos Imbassahy e outros, entraram na pugna jornalística. Na realidade, não dei muita importância à discussão, porque, no momento, o que mais me interessava era a liberdade religiosa, pois só havia na minha frente um objectivo: combater as «emendas», de lá, de meu recanto baiano. Além de tudo, eu ainda não era espirita e, portanto, estava do lado oposto, como crente *interessado* no Protestantismo. Foi mais ou menos nesse período, se bem me lembro, que apareceu o trabalho do pastor Jerónimo Gueiros, sob o título *O Espiritismo Analisado*, em réplica aos espiritas.

Vou deixar, agora, as reminiscências, as coisas do passado, que pouco interessam, e entrar directamente no assunto deste artigo. Distribuiu-se ùltimamente, no Rio de Janeiro, um folheto, também intitulado *O Espiritismo Analisado*, mas de autoria de um pastor norte-americano. Para muitos dos nossos irmãos protestantes (é natural que lhes respeitemos a sinceridade), o folheto do Reverendo Dr. Mullins, ex-presidente do Seminário Teológico Baptista de Luisville, Estados Unidos, é uma preciosidade, é uma espécie de bomba destruidora, porque põe por terra todo o edifício do Espiritismo. O pastor vai à Bíblia, em cuja exegese é mestre, mostra os «erros» e «perigos» do Espiritismo à luz das sagradas escrituras, e está dita a última palavra. Assim pensam, e pensam piamente os nossos irmãos baptistas, mas a verdade é que não encontro um só argumento forte nas objecções do pastor. Para dizer a verdade, o título do folheto não corresponde ao conteúdo, porque o Autor, em que pese a sua cultura religiosa, não analisou pròpriamente o Espiritismo; apenas levantou algumas questões. Os argumentos bíblicos são aqueles mesmos argumentos que todos nós já conhecemos: proibição, condenação, etc. Como se trata de matéria cediça, já insistentemente discutida em todas as polémicas entre protestantes e espiritas, prefiro apreciar outros pontos da *análise* feita pelo reverendo.

Uma das questões abertas pelo teólogo protestante é a de que a prova científica do Espiritismo é apenas uma pretensão, não é uma realidade. Diz o Reverendo: *Há uma ideia muito generalizada, mas também muito*

ATITUDE CIENT

vaga, de que o espiritismo moderno assenta em provas científicas. Isto deve-se ao facto de existir na Inglaterra a Sociedade de Investigações Psíquicas, que tem publicado muitos livros com resultados de tais investigações, e que homens de ciência como Sir *Oliver Lodge e os professores Crookes e William James fazem parte da dita sociedade.* Diz ainda o pastor: *Devemos, porém, distinguir a atitude científica da prova científica.* É claro que são dois conceitos distintos, mas também é claro que a *atitude* científica é que predispõe o espírito para verificar a *prova* do facto. O indivíduo que não tem atitude científica, não tem propensão, ainda que esteja diante dos factos, pois, não é capaz de tirar uma conclusão probante, porque lhe falta a preparação do verdadeiro espírito científico. Ponha-se um indivíduo místico ou fanático dentro de um laboratório, e ele verá, por certo, em todos os fenómenos, a acção de um *milagre*, porque a exaltação mística ou o fervor religioso não lhe permite conceber uma lei científica; inverta-se a experiência, e ponha-se dentro de um santuário um indivíduo

que tenha, realmente, espírito científico, e ele verá, em todos os fenómenos psíquicos — sem auréola de milagres — um campo de observação e experiência.

A Ciência, em qualquer terreno, depende muito da atitude do espírito. Convém notar, entretanto, que a atitude do espírito, por si só, ainda não é suficiente, porque é necessário que haja provas concretas. É isto, precisamente, o que acontece no Espiritismo. Os homens que investigaram a fenomenologia mediúnica, tendo-se utilizado de médiuns excepcionais, como Florence Cook, Douglas Home, Eusápia Paladino e tantos outros, eram homens emancipados intelectualmente, e por isso fizeram as suas experiências com atitudes científicas; mas é preciso dizer, desde logo, que as *provas* do Espiritismo não ficaram nas *atitudes* dos experimentadores, porque foram demonstradas pelos factos de que eles próprios deram testemunho irretorquível. É o caso de perguntarmos: e haverá

FICA E PROVA EXPERIMENTAL

Por DEOLINDO AMORIM
(Correspondente no Rio de Janeiro)

prova científica mais concreta, mais positiva do que o conjunto de factos verificados por aquele respeitável escol de homens de ciência? Por que, então, o ilustre teólogo baptista fala em *pretensa prova científica* do Espiritismo, se as experiências foram realizadas com todas as precauções e com todo o rigor da metodologia científica? Pretensa, não! A prova científica do Espiritismo está muito bem documentada.

★

Uma vez que o pastor fala em *pretensa* prova do Espiritismo, vamos examinar, agora, as pretensas razões do teólogo. Diz o Reverendo Mullins que «a prova científica exige que os factos ou fenómenos sob observação sejam estudados fora de influências perturbadoras». Perfeitamente. Isto se faz necessário em todos os campos de experimentação científica. Mas acontece que os fenómenos básicos do Espiritismo foram examinados e comprovados sem qualquer influência perturbadora, porque os cientistas, como Crookes, Richet, Lombroso e outros, tiveram inteira LIBERDADE, fizeram o que bem quiseram, e ninguém lhes perturbou o trabalho de investigação. Acrescenta o teólogo que uma das influências perturbadoras é a emoção. De acordo. Todos nós sabemos que o estado emocional pode prejudicar qualquer observação ou experiência. A experimentação científica, em qualquer terreno, exige muita frieza, muita isenção de ânimo. O indivíduo que está de ideia preconcebida ou está exaltado, nem deve tentar trabalhos experimentais, principalmente quando se trata, como no caso do Espiritismo, de uma categoria de fenómenos cuja natureza difere da natureza dos fenómenos comuns às ciências humanas.

Em qualquer estado emocional, seja na alegria, seja no desespero, desde que haja excitação nervosa, o indivíduo pode ver uma coisa por outra, como pode exagerar o valor e os efeitos de um fenómeno. A emoção é, portanto, um factor psicológico dos mais negativos na experimentação científica. O teólogo está certo, embora não tivesse dito novidade. Que tem isto com a prova científica do Espiritismo, uma vez que as experiências mediúnicas de Crookes e de seus gloriosos émulos não se realizaram sob qualquer influência emocional? Logo, o factor emocional, referido pelo reverendo, não pesou nem poderia *nesar* nas conclusões de tantos experimentadores de envergadura científica.

Diz o pastor, mais adiante, que «outro elemento perturbador é a fraude». Claro. Mas nem tudo é fraude. Houve fraudes, sim, e não o negamos, mas o valor dos factos reais sobrepuja o argumento da fraude, que é um argumento acessório, não é substancial. É de admirar que o erudito pastor se haja valido, em suas objecções ao Espiritismo, de uma fonte que, no caso, não pode oferecer a palavra esclarecedora. Louva-se o reverendo na *Enciclopédia Britânica,* porque um escritor, nessa Enciclopédia, disse que «quase todos os médiuns que têm alcançado maior notoriedade têm sido apanhados em fraudes...». Quem é esse escritor? É um literato ou é um experi-

mentador? Qual a inclinação religiosa do escritor? Tudo isto deve ser observado criteriosamente. O facto de uma coisa estar na *Enciclopédia Britânica* ou em qualquer outra não quer dizer seja a verdade absoluta. As Enciclopédias são obras gerais, não são obras especializadas. Ninguém vai fazer uma pesquisa rigorosa com base em *Dicionários* e *Enciclopédias*, porque estas obras servem apenas como *referências* ou fontes de indicação. Além disto as Enciclopédias geralmente se repetem. Abra-se uma colecção de Enciclopédias — a britânica, a francesa, a italiana, etc. — e todas elas dizem as mesmas coisas, registam as mesmas datas, em muitos casos, sem a menor alteração. Raramente uma Enciclopédia modifica uma data, um nome, uma referência pessoal. São obras que pouco se renovam quanto ao conteúdo. Cada uma delas vai navegando nas águas da outra, e assim por diante. Além disto, as Enciclopédias obedecem à orientação de seus organizadores. É claro que uma Enciclopédia de orientação católica não vai dizer que os fenómenos espiritas são verdadeiros... Uma das fontes de consulta mais duvidosas é justamente o género Enciclopédias. São muito boas para fornecer as primeiras informações de ordem geral, mas não têm a segurança que muita gente pensa. O reverendo é um teólogo, um homem erudito, e sabe disto. No entanto citou uma Enciclopédia como se estivesse citando uma fonte insuspeita e das mais autorizadas...

Não é com artigos de Enciclopédias, que são quase sempre reedições de umas para as outras, que se pode destruir a prova científica do Espiritismo.

De todas as suas *razões*, o que é mais curioso no folheto do reverendo Mullins é que o teólogo protestante fala em prova científica, diz que a *pretensa* prova científica do Espiritismo não pode ser admitida, etc., etc., e vai cometer, logo depois, um equívoco, que sobe às regiões da ingenuidade ou da fantasia: — ao falar sobre as irmãs Fox, declara que *elas podiam deslocar e ajustar novamente os ossos dos tornozelos e produzir um barulho que se assemelhava ao batido das mesas*. (Sic). A suposição é de uma deficiência lógica sem comparação. Faz lembrar a chamada «explicação anatómica» da articulação da rótula, no século passado. Chegou-se a dizer que os fenómenos de Heydesville (1848) poderiam ser explicados pelos «estalos dos joelhos» (!), mas esta tentativa de elucidação é tão absurda, tão pueril, que ninguém mais lhe deu crédito.

Os fenómenos ocorridos na cabana de Hydesville tiveram repercussão na América e na Europa, em razão de seu carácter excepcional. Eram pancadas tão fortes («raps»), ouvidas distinta e repetidamente, que a todos causaram espanto e chegavam a parecer verdadeiros estrondos. Tudo isto se passou contra a vontade dos moradores. Supor que tais fenómenos eram produzidos pela articulação dos ossos dos tornezelos é pretender forçar um absurdo. O teólogo protestante, por mais estranho que nos pareça, ainda aceita esta disparatada explicação! Quem pensa deste modo, quem aceita uma hipótese ou pretensa hipótese tão contrária à ciência e ao bom senso, não pode *analisar* o Espiritismo nem pode falar em *pretensa* prova científica. É só o que nos resta dizer sobre o folheto do respeitável pastor protestante.

CONTRASTE

por Rocha de Sousa

Só...
abandonado —
num lugar tão triste,
tão só, —
ele era como a voz sem força
que o sono pesado abafa...

Havia cor e som;
vozes que gritavam
num limite piedoso
de harmonias jovens.
Alegria.
Riso.
O mar ao longe
e as mesas verdes de um lugar qualquer.
Lugar também verde.
Verde de uma esperança vaga
perdida não sei em que sonhos
de alguma juventude incoerente.
E a música tocava.
Sons que voavam para o ar
da vida. Sons jovens,
sem força,
sem convicção,
cheios de uma alegria gritante,
de nenhuma verdade positiva.

Mas ele estava só...
Tão só, tão triste,
que as coisas sós e tristes
Ficavam menos tristes...
e menos sós...

A inteligência dos bichos

pelo DR. BETTENCOURT RAPOSO

II

1

Volto a coisas hípicas. A quem me dissesse que, nas lições de picaria o cavalo não interfere com inteligência, contestaria eu que outro tanto sucede muita vez ao cavaleiro. O cavalo aprende muito mais do que intencionalmente, quanto aos meios, embora não quanto aos intuitos lhe ensinamos. Em grandíssima parte do ensino, justamente na mais requintada e fina, o picador opera com inteligência inconsciente. Por exemplo: Há tratados de equitação — e se bem me lembro está nesse caso o do grande Baucher — que nem de leve se referem ao governo do cavalo pela pressão das rédeas. É claro que, além de certa altura do ensino, a pressão sobre o pescoço, da rédea do lado contrário ao movimento que se deseja, predomina sobre a tracção bucal da rédea do mesmo lado.

Qualquer, atentando nos cavaleiros durante o toureio, por exemplo, verificará que frequentemente voltam sobre a direita, puxando a esse lado a mão da rédea. E alguns até corrigem o possível excesso desse movimento, trazendo muito mais curta a rédea direita.

Ora, no primeiro ensino, o picador volta para cada lado, puxando a rédea desse próprio lado, que até mesmo traz apartadas, uma em cada mão. E é, pelo ordinário, sem consciência perfeita do que faz, que, mais tarde, vem a substituir a pressão da rédea heterónima à tracção homónima. E, o cavalo entende.

E os cavalos que revezadamente trabalham de sela e de tiro? Ali, mudam de direcção por pressão cervical da rédea contrária, aqui por tracção cervical da concorde. Se é instinto, atiladíssimo se ostenta.

E contudo a obtenção do mesmo efeito mediante ordens contraditórias não é só nisso que se dá, e por esse modo muitas vezes inconsciente. Encontra-se perfeitamente intencional e propositado, em toda a equitação. Principia-se, por exemplo, a galopar o cavalo. Ensina-se-lhe a sair para a direita, ajudando com a perna esquerda e talvez, em parte pelo menos, a rédea do mesmo nome. Mais tarde são a perna e a rédea direitas que indicam o galope para esse lado. Substitui-se a equitação lateral, que assim se chama ao segundo modo, à equitação diagonal, nome do primeiro. Ora justamente toda a propedêutica equestre se realiza pelo modo diagonal, toda a equitação fina e alta escola pelo lateral. E com tão profunda mudança de método, os cavalos obedecem.

E não há nisto inteligência!? Para a afirmar bastaria até fazer reparo na complicação de cousas que se faz executar aos cavalos de alta escola, e na simples dos agentes e movimentos fundamentais. Quatro rédeas — duas das quais se podem por último, ou até desde começo, suprimir — e duas pernas, eis os agentes. Os movimentos que com isto se podem executar, é fácil de ver que só se multiplicam e diversificam mediante subtilíssimos toques. E no entanto é a essas subtilezas que o cavalo subordina diferenças delicadíssimas umas vezes, e profundíssimas outras, dos seus movimentos; — e não se pretender — hipótese fantasista — que haja comunicação magneto-animal entre o seu sistema nervoso e o do picador.

Eu podia ainda sustentar que a inteligência dos animais se pode demonstrar pela estupidez do homem. Quem pode ter avaliado até onde esta é capaz de ir, não denegará a intelectualidade animal.

Fechando aqui o capítulo referente à estreme comprovação desta intelectualidade, passo a mencionar outros factos que, além de deporem no mesmo sentido, chamam a atenção para diversa ordem de corolários onde os assuntos expandem muito mais vasta envergadura.

2

Atribui-se à primeira infância, e tenho tido ensejo de o verificar, um tino especial de reconhecer as pessoas que gostam de crianças. Outro equivalente manifestam alguns animais. Eis os factos:

Morando nós à Tapada, com frequência iam a essa quinta minha mãe e minha irmã. Ambas amigas de cães; e minha irmã principalmente, contendendo com quantos se lhe deparam, chamando-os e querendo ameigá-los. Assim que, certo dia, alcançaram grandes e alegres festas de um gozo que na Tapada encontraram. Não foi, porém, sem grande espanto do dono, pois era o animal por extremo arisco e remisso a dar a mão a estranhos. E a cada novo encontro, novo pasmo do homem; pois daquela vez em diante, não via cão alguma das duas senhoras, sem muitos saltos e alegrias.

No mesmo género, e morando nós ainda no mesmo lugar, se deu com minha irmã estoutro caso. Tinham as duas senhoras ido à quinta da Pimenteira, e estava minha mãe falando com o caseiro, quando este, enfiado de susto, exclama:

— Ó minha senhora, não bula nesse cão, que morde!

Dirigia-se a minha irmã, que estava acariciando o cão de guarda, preso. Bem sabem decerto muitos dos leitores o motivo por que sublinho esta circunstância. É que a prisão exacerba ou promove a ferocidade dos cães, e que o mesmo sujeito se enfuria mais quando preso, que à solta.

Sem embargo, aquele não só se estava deixando acariciar, como até correspondendo com folião contentamento aos afagos. E estava de tal modo banzado o caseiro, que se viu forçado a procurar explicação para o caso — e perfeitamente absurda aliás; pois o atribuia a imaginar o cão que minha irmã fosse a menina dos patrões. Confusão impossível, não só por falta de parecença, entre as duas pessoas, mas porque não cairia o instinto canino.

Acompanhado por cães estranhos, tinha eu sido muita vez; mas de muito mais curioso caso me estou recordando; e não sei bem se o deva encabeçar no objecto deste capítulo, se no de outro que vai seguir-se. Trata-se, não já de cães mas de gatos. No mesmo prédio à Tapada assistíamos. Uma noite, recolhendo a casa, pouco depois de ter passado a antiga ponte da companhia carris de ferro sobre o Caneiro de

Alcântara, ouço miar atrás de mim um gatito. E foi-me no encalço até casa; que era pouco acima do portão da Tapada, posto que do outro lado da calçada. Recolhi-o; mas tive, logo na manhã seguinte, de o mandar expulsar, porque agatanhava de mais a papelada.

Decididamente, este lance cabe melhor no capítulo seguinte. O animalito, pouco mais de desmamado — se tanto — ou que, tendo donos, eles se tivessem esquecido de o recolher à noite, ou que se lhe perdesse a mãe, ou fosse pelo que fosse, buscava em mim amparo.

3

Que assim se vê suceder muitas vezes a animais em apertura. Por exemplo:

Tratava-se de matar uma galinha. Estava presente e de espingarda ao lado, um rapazelho aspirante a caçador. Excelente ensejo de exercício. Designou-se-lhe a vítima; alvejou-a; disparou; e o animal, louco de dor, despediu a correr até se lhe opor a parede do topo do pátio. Voltou rente a ela, e logo, porque igualmente lhe obstou uma das laterais, ao longo desta. Então acorri para o apanhar. E como levasse as mãos estendidas, conforme em tais casos se costuma, a galinha, tanto que me viu, afastou-se da parede e veio a direito lançar-se nelas. Estava chumbada, não me lembro se em mais algum lugar, mas seguramente em um dos olhos.

Havia aqui na Romeira de Baixo um majestoso pinheiro, hoje derrubado por desastre, e sob cuja copa passávamos agradáveis pedaços.

Chegando um dia a casa, apresenta-me minha irmã, aninhado em pequeno açafate, mal implumado passarito, que mais tarde classifiquei, talvez, asnàticamente, de verdilhão. Perguntei como viera aquilo ali parar. E foi assim. Fora minha irmã para debaixo do tal pinheiro, e ainda se não sentara quando vem direito a ela o animal; e estendendo-lhe ela a mão, na palma lhe saltou. Até aqui o que pertence ao presente capítulo; restando apenas notar que não se trata de pássaro já criado em domesticidade e que ali se fosse perder.

Agora restrospectivamente, e pelo que toca a mostras de inteligência. Não insisto no modo como ele se habituou a receber o biscato; como o pedia pipilando e adejando; etc. Coisas são sobejamente conhecidas. Na idade própria, entrou a voejar; não, porém, do pé para a mão, e sim por tentames graduais e aperfeiçoamentos sucessivos, fenómeno este que, já em outro lugar o repisei, corresponde ao surgir da função, desde que se completam seus órgãos especiais por um lado, e os respectivos distritos do sistema nervoso, por outro.

E então, quando já se librava nas asas, entrou-lhe em costume, puramente espontâneo, vir, se me pilhava a escrever, pousar na caneta e debicar-lhe a ponta do cabo ou a pena, enlambusando de tinta o bico. Interesse algum o movia, além do prazer de foliar, pois andava farto de comida a termos de a recusar.

Quando pareceu que estaria apto a governar-se, deu-se-lhe liberdade. Nos primeiro dias, andou por perto da casa, e vinha recolher-se. Depois deixou de recolher; julgando nós, a primeira vez que tal sucedeu, que tivesse perfeito sua emancipação. Na manhã seguinte, porém, saindo eu de casa, vi-o perto; e chamando-o, veio-me pousar na cabeça. E, com ele assim, tornei a entrar. Ulteriormente, ou que amores o absorvessem, ou desastre o suprimisse, desapareceu de todo.

4

Era eu rapazote, quando, enchendo-me de surpresa, se deu o sucesso que vou referir; e de que mais tarde tenho visto numerosa repetição.

Tinha o marquês de Castelo Melhor matilha de galgos com que, de longe a longe, dava corridas às lebres e que, nos intervalos, isto é, na maior parte do tempo, estavam em alguma das quintas, por não dizer simplesmente, pois quase só aí tinham persistência, na quinta da Labruja, a par da Golegã.

Era, portanto, com a gente de lá, e muito em especial com o feitor e o escrevente, os quais aliás os levavam muita vez à caça, que versavam mais frequente e estreito trato. Por outro lado, não era o marquês de grandes moquenquices com eles. Compreende-se por isso bem que não fosse pequeno o meu pasmo, de uma vez que fomos estar dias na Labruja, vendo os galgos, e não só por entrada, mas quantos foram esses dias que lá estivemos, fazerem muito caso do marquês e pouquíssimo, na presença dele, do feitor. Persuadi-me que aquilo devia de ser efeito, ou do porte distintíssimo e superior do marquês, ou mais provàvelmente ainda das suas maneiras de amo em relação ao pessoal da quinta, incluindo o feitor. Raça geralmente pouco afectuosa e muito timorata, o galgo postergaria a influência do trato quotidiano pela subserviência a quem manda.

Segundo já disse, têm-se-me depois oferecido ocasiões de ver cães e não sòmente galgos, distinguirem quem manda nas pessoas que os mandam a eles.

Nem deixa esta espécie de oferecer certas analogias com aqueloutra, sobejamente conhecida, do teiró que votam os cães de guarda — e bem assim muitos outros — às pessoas maltrapilhas.

5

Tenho ouvido, e de origens remotíssimas no lugar e no tempo, contar que certos jogadores perseguidos por calixtos sentem a entrada no prédio, a passagem na rua, etc., da pessoa que os encalixta.

Seria facto de índole similar à de muitos outros que ubíqua tradição, fundada ou não, apregoa como verídicos.

Não me ocuparei aqui a sopesar os prós e contras da verosimilhança de tudo isso. Não a afirmo, porque me falecem provas, e tampouco a nego, porque igualmente me faltam para a negação, e porque, de negações sistemáticas e desdenhosas encolheduras de ombros, não sou. Acingir-me-ei a historiar.

Tinha meu avô, de que já antes falei, morando ao tempo naquela Galiza, de a par de Cascais, um cão, ordinaríssimo gozo, que vai pôr fecho a estas notas.

Era o Tejo o mais bravio animal da sua espécie que tenho visto. Guardava a casa e os seus donos contra tudo — ratos, gatos, pessoas, etc. Estralejar de foguetes, a que tantos cães abalam apavorados, punha-lhe a ele furores — arremetia em desesperados ladridos.

Esta fera, não podiam sem muita cautela tirá-la de casa, porque se atiraria a quantos animais e pessoas pelo caminho se lhe deparassem; nem servia de resguardo a alguém a companhia da gente da casa; e tampouco o ser da mesma casa assíduo. Invariàvelmente destemperava, por exemplo, com um homem que todos os dias lá ia a serviços.

Todas as suas posses de brandura e afecto concentrara-as na família. Havendo minha mãe e irmã deixado aqueles sítios, e vindo para Lisboa, era dia de festa para o Tejo a chegada de carta delas à Galiza. Latia, pulava, trepava pelas pessoas, doido de contentamento.

A mim, porém, o cão não me conhecia, até certa ocasião em que fui com as duas senhoras visitar

meu avô. Quando íamos a caminho da casa, vinham meu avô e minhas tias ao nosso encontro. Repiso a circunstância de que o Tejo não respeitava pessoas quaisquer, pela companhia dos donos. Entretanto repartiu comigo, e até acentuando-os mais, os festejos com que recebeu as senhoras.

Até aqui qualquer das cousas se pode explicar, sem sair do uso dos cinco sentidos, no que toca ao reconhecimento. Pelo faro, conhecia as origens das cartas, pelo faro, e pela vista a minha participação na família. A alegria, porém, que a presença das cartas e a minha lhe moviam, já pertence a outra alçada; que não é todavia a do nosso capítulo, onde estes episódios só cabem a título de acessório.

Ao capítulo pois. Residindo meu avô na Galiza e, então, minha mãe e minha irmã na Parede, quando estas iam de cá lá, muito antes de à Galiza chegarem, já em casa sabiam da visita. O cão desatava a latir e a correr para a porta, e daí para as pessoas, celebrando a boa notícia, como que querendo apressar a chegada ou ir ao encontro.

Decorrido tempo, e já falecido, depois de transferir a Lisboa a sua residência meu avô, moravam minhas tias em uma travessa — a da Faustina — lá para o topo da Calçada da Ajuda. Nunca minha mãe e minha irmã lhes fizeram, vivo o Tejo, visita de surpresa. Com as mesmas expansões de ledice lhes anunciava a chegada, e a tempo tal que não podiam as visitantes ir ainda além do princípio da calçada, na Praça de D. Fernando.

Não digo que não seja tudo isto — tudo, vem a ser o conhecimento da aproximação das pessoas — puro efeito do olfacto; nem digo que não seja qualquer outra cousa. Restrinjo-me a referir os fenómenos, ultrapassando apenas as lindas da narrativa estreme, para atravancar certa via de negação, por onde mui anchos quereriam talvez meter-se certos denegadores sistemáticos. Não se dá, nestes sucessos, intervenção alguma de sugestões retrospectivas. Não era por verem aparecer minha mãe e minha irmã, que meu avô e minhas tias imaginavam ter visto o cão em agitações e impaciências de contentamento. Nem a repetição do fenómeno se presta a tal interpretação; e por outra parte, ele condiz a inúmeros factos congéneres, mas de outra ordem.

Quanto à especiosa objecção de que não é raro ver-se cães perdidos do dono andarem atarantados a procurá-lo, o que não deveriam, se pudessem senti-lo tão de longe, e através de paredes, não passaria de parvoíma. Isso equivaleria a desmentir, por exemplo, as faculdades bélicas de Napoleão, o estro de Hugo, a inspiração de Mozart, etc., etc., porque nem toda a gente, incluindo a muitíssima que o tenta, é portentoso cabo de guerra, poeta genial ou compositor sublime, etc., ou ainda, em muito menores proporções, a desmentir a profunda diferença de aptidões, e de graus da mesma aptidão, que se mostra nos vários indivíduos.

*

Post-scriptum. — Consoante deixei preliminarmente advertido, as precedentes notas são resto de bem maior número de observações, que o esquecimento foi rareando. O desábito de prestar atenção a outras, quando não sejam altamente frisantes, já me fazia não dar apreço a um facto sucedido ontem, e a que só hoje, por sobrevinda de outro, prestei retrospectivamente atenção.

O de ontem — 13 de Março — foi assim:

À minha saída de casa, foi minha irmã acompanhar-me de passeio, e connosco a Ladina, de que atrás se falou. Chegados ao lugar onde nos apartámos, seguindo eu viagem e tornando minha irmã para casa, a cadela, enorme, abocou outra que de pequena lhe cabe, atravessada, na boca, e propunha-se esfateixá-la, sacudindo, se não acudo à bulha assentando duas bordoadas. Abalou e sumiu-se. À minha volta, perguntei se a cadela tinha fugido até casa. Que não. Fora-se pôr à espera de minha irmã, em lugar retirado do meu caminho, e acompanhara-a, como de costume.

Hoje foi mais interessante. A Ladina, se, estando nós à mesa, lhe damos algum pitéu, sabe que não tem licença de deixar cair no chão. E, por isso, principalmente se sou eu quem a mimoseia, olha sempre para a dádiva, a ver se é cousa que lhe caiba na boca ou a que possa dar volta, de modo que não vá a terra.

Em termos que, não há muito tempo, fazia eu a uma pessoa presente, mostrando a ave que tínhamos para assado, esta pergunta, que sobre o pueril que é, parece, por superfluidade, idiota — Que faria a Ladina se eu lhe desse isto? — Comia-o; foi a resposta, sensatíssima na aparência. Tomei da travessa e apresentei-a à cadela, que estava de atalaia à espera de alguma coisa. Arredou-se de orelha murcha e só parou do lado oposto da mesa.

Há, porém, casos em que aceita espórtula grada; é quando tem aberta, ou conta que lhe abram, certa porta que deita para um terraço, onde, ou de onde pode pôr-se à vontade para comer. Ora chegamos enfim ao caso de hoje. Dei-lhe uma canela de borrego. Aceitou, porque a criada se dirigia já a abrir a porta. Depois que o comeu, tornaram-lhe a abrir para entrar. Repetiram-se as cenas quando logo lhe dei o osso da coxa. Mas, depois, com o do quadril, já não. Recebeu-o; e em vez de embicar para a porta, virou para outro lado. — Para a rua, Ladina, ordenou minha irmã e ordenei eu. Qual história; não foi. É que, como o osso era mais pequeno, podia rilhá-lo, e rilhou-o, sem deixar cair nem migalha.

Segundo Post-scritum às mesmas notas. — É pasmoso que o fenómeno de intelectualidade animal, de que vou fazer menção, me não ocorresse desde princípio, e mais desde que falei em cousas de toureio.

E todavia possui ele suprema importância no problema proposto. E por vários títulos.

Em primeiro lugar, é de observação pública e perfeitamente notório; pelo que não lhe cabe a denegação sistemática, a cujo golpe não escapam as observações particulares, por mais provadamente probo em ciência que seja quem as divulga.

Depois não dá pega a certas fantasias com que se pretende dar conta do que se passa na mente dos animais durante o ensino.

E enfim patenteia claramente particularidades, que se apontam como predicados da inteligência, ausentes no instinto, e denegados à mentalidade animal.

O objecto a que aludo é o saber manifestado pelos touros corridos.

Desse saber, destaco três mostras interessantíssimas.

O colar-se o boi às tábuas — ou especar-se em qualquer ponto da arena — não arrancando à cita senão para marraca certa — ou que certa lhe parece.

O procurar o vulto. O cortar terreno. Então esta última vale quanto pesa.

E pois de touros falei, também faço lembrança daquele cavalo branco do cavaleiro Mourisca, que tão célebre se tornou pelo muito que chegara a saber da arte de tourear, a ponto de muita vez se mostrar mais entendido que o próprio Mourisca. Não faltam por aí aficionados que o possam testificar.

UM NOVO CASO

Se o seguinte caso corresponder aos factos, nós, espiritistas, teremos conseguido uma nova e valiosa vitória, ou seja a prova da independência entre a alma e o corpo físico e, desta forma, lògicamente, a continuação da existência do espírito, após a morte do corpo terreno.

Para compreensão do caso, temos de narrar o seguinte:

O Dr. Mattiesen dizia em suas revistas que a maior prova do Espiritismo não se baseava só nas manifestações dos desencarnados através dos médiuns, mas também nas observações que demonstram a existência da alma, independentemente do corpo físico.

Conquanto os opositores queiram explicar as chamadas «viagens astrais», (os efeitos e as observações da alma, quando se encontra ausente, do corpo, como em casos de narcose, sono, transe, excursões) pela influência a distância de uma pessoa viva, tal justificação já não é possível, quando há troca de almas de duas pessoas vivas.

Um dos casos deste género mais conhecidos é o chamado «Caso Watseka».

Na cidade americana Watseka, uma menina ainda nova, após grave doença, acordou sùbitamente com uma individualidade absolutamente diferente! Quer dizer, possuia todas as qualidades intelectuais e de carácter de outra jovem que desencarnara anos antes de ela nascer. Esta menina não reconheceu a mãe e cumprimentou outra senhora como tal; possuia todas as recordações e qualidades da desencarnada e reconheceu os brinquedos e outras coisas dela, como se fossem suas. Passado algum tempo — um a dois anos — a individualidade mudou outra vez repentinamente.

Nós, espiritas, diríamos que o espírito da falecida deixara de controlar o corpo estranho, dando lugar ao regresso do seu verdadeiro possuidor. A alma expulsa deveria ter passado então ao mundo dos espíritos. Até aqui, o caso Watseka.

Quanto ao que vamos narrar e se passou em Génova, as coisas são mais extraordinárias! Aqui trocaram o espírito duas pessoas vivas! Devem-se ter dado circunstâncias muito especiais e raras (queda de raios ao mesmo tempo) que permitissem este caso. Contudo, semelhante troca, do ponto de vista psicológico e fisiológico, é absolutamente incompreensível e inexplicável. Se a «alma» é simples função do corpo, uma troca destas é tão pouco possível, como, por exemplo, um ácido apresentar repentinamente as qualidades de um alcali, sem influência externa, ou uma cerejeira se transformar em bananeira.

Se o caso a seguir não for invenção jornalística, estamos em face de um dos acontecimentos mais importantes da Parapsicologia do século e deveria contribuir para que inimigos honestos se convertessem ao Espiritismo!

★

O Jornal «Nuertinger Zeitung» de Nuertingen, Alemanha, de 27-4-56 publica o seguinte:

«A TROCA DO ESPÍRITO — Um caso mis-

Centenário de

A Direcção da Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos já tomou as primeiras providências para comemorar, no próximo ano, dois centenários de grande significação na história do Espiritismo:

23 de Março de 1957 — Centenário do nascimento de Gabriel Delanne.
18 de Abril de 1957 — Centenário da publicação do *Livro dos Espíritos*, 1.ª obra básica da Codificação de Allan Kardec.

Como parte das comemorações do centenário de Gabriel Delanne, a Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos instituiu um concurso de monografias, entre moços espiritas do Distrito Federal e de Niterói, com prémios em livros para aqueles que apresentarem os melhores trabalhos.

A Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos, cujo Director Técnico é o nosso confrade Deolindo Amorim, tendo por Secretário o confrade José Alberto Menezes, funciona aos sábados, à tarde, no salão de conferências da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro (cedido para esse fim), na Av, Rio Branco, 4-15.º andar — Rio de Janeiro.

Eis as bases do referido concurso:

I — Monografia relativa à vida e obra de Gabriel Delanne, em 10 páginas (limite máximo), dactilografada, a 2 espaços.

II — A monografia deverá abranger três partes, na seguinte ordem:

a) Resumo biográfico de Gabriel Delanne.
b) Comentários resumidos sobre os seus

Gabriel Delanne

livros, dando uma ideia geral de cada um deles, seus pontos principais, etc.

c) Dissertação final para dizer, com precisão, em que aspecto do Espiritismo se fez sentir, com mais relevo, a obra de Gabriel Delanne: *científico, filosófico ou religioso.*

III — É *absolutamente indispensável* citar as fontes consultadas, mencionando a edição de cada livro, páginas, casa editora e ainda outros pormenores que o Autor da monografia julgue convenientes, como documentação de seu trabalho.

IV — A Direcção da Faculdade instituirá prémios, em livros, oportunamente, para os trabalhos que forem considerados mais claros e mais precisos. No julgamento do concurso também será apreciada a correcção linguística, devendo ser designada uma comissão para examinar os trabalhos apresentados e dar parecer sobre a parte doutrinária e a linguagem.

V — Os trabalhos deverão ser entregues à Faculdade até 15 de Janeiro de 1957.

Sede provisória da Faculdade: Av. Rio Branco, 4, 15.º andar, Rio de Janeiro. Horário: sábados, das 16 às 18 horas.

O concurso tem por fim despertar interesse pelos estudos doutrinários e pela pesquisa bibliográfica entre os moços espiritas do Distrito Federal e de Niteroi.

WATSEKA

ESCRITO PELO DR.

RUDOLF SCHWARZ

terioso de transmigração das almas põe a ciência ante um problema singular!»

Uma bela manhã de domingo, no mês de Maio, o céu azul de Génova cobrou-se num instante de nuvens escuras; o mar ameaçava grande temporal e os relâmpagos e os trovões sucediam-se. A senhora Ninetta Buzzi, de 30 anos, mal teve tempo de retirar o café, que se encontrava no balcão da sua casa. Com a cafeteira na mão, foi atingida por uma faisca e caiu no solo, ficando em profundo desmaio. Uma hora depois da trovoada, a irmã encontrou-a naquele estado e levou-a para para o hospital. Quando Ninetta Buzzi recuperou os sentidos, o médico assistente disse-lhe:

— Então, Senhora Buzzi! Que valente susto! Mas agora já se encontra melhor!

Com grande admiração do médico, ela declarou que devia haver um mal entendido! Que se chamava Cigora Mucceno, que era natural de Nápoles e que se encontrava a caminho da estação, quando foi atingida por um raio. Chamando-se a irmã, esta declarou peremptòriamente que desconhecia aquela pessoa. Não havia outro remédio senão interná-la num manicómio.

Nessa mesma manhã, a senhora Cigora Mucceno, de Nápoles, de 32 anos, que estivera uma semana em visita a seu irmão, empregado dos Caminhos de Ferro, dirigia-se à estação, a fim de regressar a casa. Surpreendida no caminho pela trovoada e procurando abrigo num portão, foi atingida por uma faisca e perdeu os sentidos. Os bombeiros transportaram-na, desmaiada, para outro hospital. Quando recuperou a consciência, declarou chamar-se Ninetta Buzzi e viver em Génova. Disse que a mala não era sua e que a não conhecia. E foi levada para o mesmo manicómio, onde se encontrava Ninetta Buzzi.

Os médicos repararam logo no caso inaudito! Fizeram-se pesquisas e demonstrou-se que as duas mulheres nunca se haviam conhecido, nada sabiam uma da outra, não eram parentes, mas absolutamente estranhas. Uma afirmava que era a outra e vice-versa, vincando a respectiva personalidade. A Buzzi conhecia de cór toda a vida da Mucceno, mas nada da sua própria vida. A Mucceno lembrava-se das mais leves particularidades da vida da Buzzi, mas não conhecia nada de Nápoles, sua cidade natal, dizendo que nunca lá tinha estado.

Agora tenta-se reconduzir as duas mulheres à sua vida «própria». Para a ciência, este caso representa um enigma espantoso, é um fenómeno que não tem explicação pelos meios vulgares. O professor Sibello disse:

— Nunca julguei que se pudesse dar uma coisa destas. Encontramo-nos ante um caso de «viagem astral» que ficará sem explicação.

Sim, há coisas entre o céu e a terra que a ciência escolar não compreende!

(Do órgão oficial da «Gesellschaft fuer Wissenschaftlichen Spiritismus» (Associação do Espiritismo Cientifico), Setembro, 1956, do Hannover)

A VAZ DE PORTUGAL ESPÍRITA

EM SELECÇÕES ESPIRITUALISTAS DE RÁDIO GUANABARA · RIO DE JANEIRO

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

10

O CÃO DOEDEL

Amigos radiouvintes:

Cá estou no meu nicho — torre de vigia da Rádio Guanabara. Vou-me habituando ao convívio de milhares de almas e à sua vibração amiga. Ao fim de certo tempo serei também radiouvinte de «Selecções Espiritualistas», quando atingirem Portugal em frequência modelada.

A conversa de hoje pertence aos «animais nossos amigos», como diria João de Deus ou Camilo Pessanha. O cão, por exemplo, — ninguém o ignora — sacrifica a vida pelo dono, renunciando a todos os prazeres. Tantos exemplos que temos à vista! Tantos, que envergonhariam alguns homens. Quando publicar o meu livro sobre os animais, algo direi de estranho que há-de impressionar a alma dos leitores.

Há quatro anos, um jornal português contou a história do cão Doedel. É simples. Um cão preto de malha branca, meigo e submisso, natural de um país roubado ao mar, essa Holanda das tulipas, das vacas leiteiras e dos moinhos de vento...

Todos os anos o animal viajava pelo mundo com a família Limcamp, vendo e revendo aldeias e cidades. Até que um dia — já lá vão cinco anos — chegaram a uma faixa estreita no extremo sul da Europa, «onde a terra acaba e o mar começa»...

E a família Limcamp lembrou-se de acampar na Redinha, mesmo ao sopé de Pombal... E o meigo Doedel resolveu perambular e desapareceu nessa noite fatídica... Por que abandonou os donos? Que voz o teria chamado? Seria a da espécie que atrai de longe? O que sei é que a noite alargou as margens e o cão perdeu-se na espessura...

A família em vão chamou pelo Doedel. Aqueles dez dias de acampamento foram de mágoa pela ausência de um amigo que fazia parte do agregado. E em toda a parte aquelas almas evocavam o dócil companheiro. Era um gesto mental que não tinha fim.

— Doedel! Doedel!

Mas o tempo escoava-se. Avisos para cá e para lá... povo, autoridades, caminhantes... tudo fora posto ao facto do acontecido. E o silêncio continuou a entristecer a família Limcamp... e Doedel continuou ausente... Nada havia a fazer. Até que regressaram à Holanda cheinhos de saudade.

Não há quem se perca na bruma da noite para não mais voltar ao ninho materno? D. Sebastião, Fawcet, Sacadura Cabral... E ficam os povos à espera... Chega hoje, amanhã... Um mês, dois meses, um ano... Depois é a saudade. Não as «folhas mortas» de Júlio Brandão, que na saudade há rosa e espinho, harmoniosa brandura.

A família Limcamp sentiu a falta do seu cão Doedel, aroma suave que dia-a-dia se tornava mais forte.

Estamos em Tomar. O Convento de Cristo e o rio Nabão atraem muitos forasteiros. Nesse domingo visitavam-se monumentos, que assim programara o Curso de Estudos Tomarenses. E um cão preto, de malha branca, era assíduo às palestras semanais, tão assíduo que já lhe chamavam o *cão das visitas*. Depois, atento e satisfeito, passou a comparecer às sessões teóricas do curso. E o autor das lições começou a simpatizar com ele. E levou-o para casa. E o animalzinho tomou banho quente e convenceu o dono de que os cães nem sempre são cães: chegam a parecer-se com os bípedes implumes. Este era educado e de bons hábitos. O padre Manuel Bernardes diz que, para doutrina dos homens, o autor da natureza imprimiu nos brutos particular instinto para amarem a quem os ama.

Doedel perdera-se da família Limcamp e afez-se a novo ambiente. E criou talvez necessidades que jamais conhecera. Não haveria nisto evolução anímica?...

Na Holanda continuava a ser lembrado pelos antigos donos, que recorreram a célebre astrólogo de Amesterdão no intuito de lhe saberem o paradeiro. Já tinham consultado uma vidente holandesa, mas esta opinara que o cão havia morrido. Queriam agora saber a verdade.

O homem quedou-se concentrado ante a fotografia do animal e ao cabo de largo tempo exclamou:

— Está vivo, em companhia de um senhor muito rico, viajado, culto, de estatura média e tez morena... que vive perto de uma pequena cidade...

Era a esperança a luzir naquelas almas dispostas a tudo para reaver o cão, cuja existência o astrólogo afirmara.

O retrato do amigo ausente é reproduzido em postal e remetido aos veterinários e autoridades do nosso País. Um desses postais chega a Tomar, mas o destinatário lança-o na cesta dos papéis. Entretanto lembra-se do cão preto das lições do curso e diz com os seus botões: «Que semelhança!». E respondeu que estava ali um cão muito parecido.

O Templário — é este o jornal a que me referi — termina a notícia com os seguintes parágrafos:

«Sete horas, numa tarde de Dezembro. Na fábrica de fiação, João Simões e o cão preto estão no escritório. De súbito ouve-se o businar de um automóvel. O cão arrebita as orelhas. Novo buzinar. O cão agita-se mais, mostra-se ansioso, quer sair...

«— Doedel! Doedel!

«A cena não se descreve — da alegria dos donos à alegria do cão... Lágrimas e risos... Aquele dia — um maravilhoso dia tomarense — devolveu aos donos o cão Doedel, o cão que se perdera numa noite de tristeza. Cumprira-se o prognóstico do astrólogo de Amesterdão...»

Tanta coisa por tão pouco?! — dirão pessoas endurecidas, incapazes de entender problemas do coração. Não sabem que a simpatia é o verdadeiro imã da vida, como lhe chamou Stern; não sabem que o cão é

O FÍSICO E O PSÍQUICO

OU O 3.º CONGRESSO DE INTEGRAÇÃO CIENTÍFICA DE TORRENTO

A propósito da luta entre materialismo e espiritualismo, talvez não seja descabido trazer a estas colunas o relato do Congresso de Integração Científica de Torrento realizado em 1954 e no qual se ventilaram assuntos de grande transcendência.

O relato que damos a seguir em ligeiro resumo deve-se à pena da Dr.ª Olimpia de Satty e chegou a nossas mãos através da APPEEM de Buenos Aires.

Presidiu o senador Benedetto Pasquini e estavam presentes especialistas de todos os ramos do saber que ali foram expor os conhecimentos obtidos nos últimos anos sobre as relações entre certos fenómenos, com vista a determinar uma ciência unitária que reconstrói o plano da criação dissociado pela crescente especialização.

O Prof. Marco Todeschini animador da célebre *teoria das aparências* que tanto interesse despertou no mundo, porque unifica a essência e as leis que dominam a matéria, demonstrou com argumentos físico-matemáticos que o Universo é constituído por *espaço energético*, cujos movimentos circulares formam sistemas atómicos e astronómicos que se apresentam em forma de matéria e quando nos tocam os órgãos sensoriais despertam na psique a sensação de força, electricidade, luz, som, calor, cheiro, sabor, etc.

Considerando, pois, as acções e reacções entre o espaço cósmico e o corpo humano que nele está submerso, o sábio expôs a maravilhosa tecnologia electrónica do sistema nervoso, explicando como os órgãos dos sentidos recebem do exterior os estímulos mecânicos e os transformam em correntes electrónicas que, levadas ao cérebro, estimulam na psique as citadas manifestações. Depois esclareceu como os órgãos do movimento são teleaccionados pelos centros psicofísicos cerebrais e como a hipófise efectua a regulação automática de todas as glândulas periféricas de secreção que presidem às diversas funções vegetativas, demonstrando assim a continuidade entre o mundo físico objectivo, o corpo humano nele submerso e a alma humana, e determinando com equações matemáticas as acções e reacções entre estas entidades. Demonstrou, finalmente, que a explicação dos fenómenos físicos é impossível, se não atendermos aos fenómenos biológico-psíquicos correlativos que surgem no observador.

Como é do conhecimento geral, esta ciência suscitou grande interesse e para lhe seguir a dupla orientação (unitária e espiritual) apareceram vários conjuntos científicos, entre eles, o *Movimento Psicobiofísico Europeu* e o *Movimento de Integração Cultural Americano* a que preside o Prof. Margenan, catedrático de Física da Universidade de Yale.

Nos Estados Unidos instituiram-se cátedras universitárias de *Psicobiofísica* e na República de Salvador, América Central, o Prof. Piero Gatty assumiu a presidência do *Movimento Latino-Americano*.

O Congresso encerrou os trabalhos votando por unanimidade uma moção que põe em relevo as mencionadas relações entre os fenómenos físicos objectivos e os biológicos e psíquicos subjectivos e augura mais intensa colaboração entre cientistas.

Proclamou-se também a necessidade urgente de em todas as nações se instituirem cadeiras universitárias de *Psicobiofísica* para conseguir estas invenções úteis ao bem-estar da humanidade e dar a conhecer a tecnologia electrónica dos órgãos do sistema nervoso que desta ciência se desprende e que dá origem a novos sistemas e meios de rápidos diagnósticos terapêuticos dos males que afligem a humanidade.

Não deixaria de ser interessante que os chamados «espíritos fortes», se detivessem uns momentos nesta pálida resenha e dessem balanço às suas precárias aquisições...

a virtude feita animal, como lhe chamou Vítor Hugo. Por isso a família Limcamp procedeu humanamente e se esforçou para encontrar um elemento valioso pertencente ao seu conjunto afectivo. Agora, Doedel anda nas planícies de Utrecht evocando o sonho peninsular. Em vez de oliveiras e videiras, tem moinhos e tulipas variegadas. A história terminou e todos ficaram contentes. Parodiando *O Templário*, podemos dizer também:

— Era uma vez um cão preto, de malha branca, que se perdeu em noite escura e voltou à terra natal...

Amigos radiouvintes, saúde e alegria. Que Deus guarde o vosso lar e a terra brasileira!

20 de Novembro de 1956

Inspecção Visual do Subconsciente

por **TITO L. BANCÉSCU**

No campo do Espiritismo Experimental existe um interessante problema que não tem sido largamente difundido nem analisado com elevado critério. Referimo-nos à inspecção visual da aura ou subconsciente dos indivíduos. Há sociedades espiritas, muito poucas, que, antes da sessão experimental, submetem os concorrentes a inspecção psíquica, que permite estabelecer o verdadeiro estado espiritual de cada um, evitando-se deste modo a presença dos que não estejam em boas condições.

Em geral e para não afectar os associados, toleram-se os que se acham em mau estado subconsciente, atendendo mais à quantidade do que à qualidade. Esta condescendência, porém, não é recomendável, porque tarde ou cedo origina consequências negativas na organização associativa, menoscabando sèriamente as experiências que nela se realizam.

Os estudiosos do Psiquismo sabem que a aura (perispirito ou subconsciente) reflecte não só as acções individuais, como também os pensamentos. Com este peso imanente na individualidade humana, vê-se que o corpo espiritual do «Eu» é um aparelho emissor e receptor que regista as actividades dinâmicas, e as cores. É neste fenómeno que os espíritos superiores lêem a história passada e presente do homem, que em vão pretende enganar-se a si mesmo.

Os sensitivos que nos visualizam descrevem as nossas falhas em todos os pormenores, o que nos desagrada quase sempre. Por isso no campo espirita mundial nem todos se querem submeter a semelhante radioscopia, porque a ninguém agrada vasculhar na sua vida moral. Dirigentes espiritas há que resistem a este método, que qualificam de «especial», porque eles próprios também não gostam de fiscalização. Preferem manter oculto o seu mundo interior, embora os médiuns videntes conheçam perfeitamente a espécie de arados com que se lavra no Espiritismo.

Calcula-se, pois, o grau de aperfeiçoamento a que teriam chegado as nossas instituições, se em cada uma se houvesse adoptado este sistema. Teriam um grupo de associados de grande envergadura ética que nos autorizaria a crer que seriam inexpugnáveis baluartes espirituais.

O Espiritismo futuro contará com esta espécie de «aparelhos» radioscópicos, os quais gravitarão muito favoràvelmente na evolução dos seres que actualmente buscam o remédio de seus males nos órgãos físicos, quando a sua etiologia está na psique. Todavia, não aprendemos a higienizar-nos interiormente, pensando e agindo no sentido da evolução, donde se conclui que todas as instituições espiritas deviam ser «templos terapêuticos» e escolas destinadas a nutrir o espírito de conhecimentos variados.

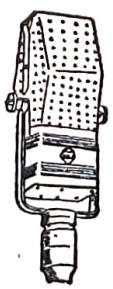
Em nossa opinião, o fenómeno devia ser privilégio dos estudiosos, dos sequiosos de aprendizado e de elevação espiritual. A fenomenologia espirita, como curiosidade, parece-nos incompatível com a finalidade do espiritismo científico, filosófico e religioso, pois nos disse o Mestre Jesus que «só a verdade nos fará livres». E à verdade chega-se unicamente através do conhecimento, da análise, da observação e da dedução.

A visualização do subconsciente constitui inegàvelmente um método eficaz de conhecimento individual. A Medicina e a Psiquiatria teriam um poderoso auxiliar nos seus diagnósticos. Assim se evitariam erros e tratamentos nulos. Com este método não só melhorariam as experiências espiritas, como também as organizações congéneres e a humanidade inteira.

Portanto, seria bom que se pusesse em prática a inspecção do subconsciente. Dar-se-ia um grande passo no progresso institucional e individual.

Procuremos conhecer as leis divinas em suas variadas manifestações. Só assim se prestigiará o Espiritismo, cujo futuro é extremamente brilhante, por ser de natureza cosmobiológica.

(Tradução de I. D. S.)



Selecções Espiritualistas

Direcção e Apresentação de

NELSON BAPTISTA DE AZEVEDO

Todas as noites, de segunda a sábado, às 19,00 h. (hora brasileira) ouçam este programa que é irradiado pela **PRC-8, RÁDIO GUANABARA,** do Rio de Janeiro, na frequência de 1.360 Kcs.

Ouçam e recomendem «Selecções Espiritualistas»

Anotações de ARGUS

4 — MANSOS COMO AS POMBAS, por *José Barsabás.*

Quer-nos parecer que «José Barsabás» não é o verdadeiro nome do autor desta série de poesias a que ele chama «poliedros» «mansos como as pombas», mas que «têm arestas, como as pirâmides do Egipto».

Dividem-se em «Pirâmides do Amor Próprio» e «Prismas do Amor Comum». O «Prólogo» deixa entrever saudade e agridoçura. Há nele introspecção e simbolismo que obrigam o leitor a íngreme escalada. Seguem-se 18 composições heterogéneas, quase todas ditirâmbicas, de aspiração, exposição e contemplação, nas quais afloram sentimentos puros e queixumes enevoados. Os «poliedros» variam de folha para folha, sorrindo, cantando ou soluçando, ermos, porém, de expressão estética. O verbo carece de roupagem, que é o veículo da ideia. E o poeta tem que dizer ao mundo...

Em certas páginas nota-se o ressaibo junqueiriano, dir-se-ia haver assimilado formas verbais do autor de «A Morte de D. João». A imaginação ultrapassa a palavra, por vezes contundente e seca, sem atavios, estilo telegráfico, e por vezes exuberante de imagens, como na poesia «Céu Distante». Aqui é que transparece mais a faceta de Junqueiro. É a sátira mordaz: «Cegos egoistas», «mulatas sestrosas», «lágrimas de dor», «ventres escleróticos» e «doidas convulsões»...

No soneto há mais harmonia. Em «Contrastes», por exemplo, vemos duas quadras em que o descritivo atinge formosos cumes:

Ondas brancas de espuma sobre a [praia...
Estrelas brancas recamando o céu...
Luz que se apaga, ou tímida desmaia,
Nos vagalhões do mar em escarcéu!

Farol que o sinaleiro triste ensaia,
Da noite calma no silente véu...
Ondas brancas de espuma sobre a [praia...
Estrelas brancas recamando o céu...

A tendência de «José Barsabás» revela-se no verso heróico e alexandrino. Se os cultivar, fará progressos consideráveis.

Aconselhamos o autor a ler a «Versificação» de Castilho, única no género, plena de elementos nobres, indispensável a todos os poetas. Depois de a ler, poderá refazer o livro, com grande proveito.

«O alvéolo é o verso e o mel é a poesia» — disse um poeta. A arte está no alvéolo. A linfa ganha transparência no cristal. Os ouvidos exigem sons melódicos, nos quais a suavidade aflore em doce perfume. O ramo deve ser variegado para os olhos, à semelhança da música para o ouvido. «José Barsabás» tem imaginação e entusiasmo. Não raro quer ser eloquente. Mas há comportas que impedem a marcha do arroio.

Aspiração... frémito... ansiedade... Asas largas, desejo incontido de chegar através do fraternismo surgente em muitos lances da obra, que deve ser lida com amor, para melhor compreensão da ideia oculta.

5 — LINDOS CASOS DE CHICO XAVIER, por *Ramiro Gama.*

Aqui está uma obra interessante e oportuna que revela curiosas facetas do grande médium Francisco Cândido Xavier, cujos livros se espraiam através da mais variada poligrafia. É seu autor um velho espiritista — velho em serviços prestados e não em anos decorridos — que temos apreciado em trabalhos diversos que o impõem como educador e amante do vernáculo.

Na 1.ª parte, intitulada «Palavras Necessárias», fala do poeta Augusto dos Anjos e do «Parnaso de Além Túmulo», transcrevendo algumas composições através de análise construtiva que se lê com agrado. E entra na 2.ª, a falar do médium, a relatar casos de humildade que deixam boquiaberto o leitor.

Não vale a pena citar, porque teríamos de encher estas páginas. Todos os casos são valiosos, todos eles ressumam bondade. Homem generoso, verdadeiramente desprendido, esquecendo a própria vida para cuidar dos outros, sempre alerta contra as fraquezas da carne, sensível e emotivo, protagonista dos mais estranhos fenómenos, desde a intuição à materialização, passando pela escrita automática em línguas que desconhece, Francisco Cândido Xavier grangeia a simpatia de quantos o procuram e para os quais tem palavras fraternas, gestos amigáveis de apóstolo insuperável.

Estudos Psíquicos faria bem, se transcrevesse alguns trechos deste livro singelo, mas admirável. Seria um belo serviço digno de menção, visto que os adeptos necessitam de conhecer particularidades deste género, para fazerem ideia mais clara de quem espalha a Doutrina.

É uma formosa colectânea que Ramiro Gama soube esmaltar com o seu talento de narrador e de cronista vivo, cintilante, sem descer ao exagero, dando a figura do biografado em retoques de naturalidade.

O livro é ilustrado pelo Prof. Miranda Júnior. Em vinte e tantas gravuras de página denunciadoras de imaginação e bom gosto inexcedíveis, ameniza a leitura, já de si bastante sugestiva, e valoriza a obra que, se nos permitem o alvitre, poderia ser impressa em papel de linho e servir de prémio nas escolas espiritas aos que melhor se distinguissem nas disciplinas de moral.

Plutarco deu a conhecer os varões ilustres da antiguidade e Henry Thomas e Dana Lee Thomas deram igualmente a conhecer, não só os antigos, como tantos outros cuja acção decorreu nos tempos modernos e em nossos dias. Não deixaria de ser útil e necessária a publicação de biografias de vultos do Espiritismo mundial que durante um século trabalharam e se esforçaram para firmar um ideal nobre no coração e na inteligência dos homens. Ramiro Gama reúne condições para colaborar numa obra dessas.

«Lindos Casos de Chico Xavier» é um livro bem escrito, bem concatenado, que preenche inteiramente o seu objectivo. Obra de educador, não podia deixar de educar e de recrear o espírito de quem lê por inclinação e para adquirir conhecimentos. Ramiro Gama merece os nossos louvores.

EVANGELIZAÇÃO DA CRIANÇA

Pelo DR. AIRTON LOUREIRO MACHADO

II

Embora com algum atraso, chegamos hoje à feliz compreensão de que devemos dispensar nossa atenção para os recomendados de Jesus.

É a criança o melhor campo que se nos oferece para a semeadura.

Sejamos, porém, cautelosos: não deixemos que o excesso de zelo nos leve ao absurdo de sufocar a sua personalidade.

Buscando, no convívio com os espíritos, esclarecedoras lições, Kardec procurou ouvi-los, sobre a condição espiritual da criança na terra.

De «O Livro dos Espíritos», extraímos o seguinte:

«— Durante a infância, sofre o espírito encarnado em consequência do constrangimento que a imperfeição dos órgãos lhe impõe?

— Não. Esse estado corresponde a uma necessidade, está na ordem da natureza e de acordo com as vistas da providência. É um período de repouso do espírito.»

E assim, enquanto o corpo não oferece os meios indispensáveis para que o espírito possa manifestar, em toda a plenitude, suas aptidões, ele desfruta um período de repouso, tornando-se, segundo Jesus, símbolo de inocência e pureza.

Aproveitar esse período de repouso do espírito deve ser a tarefa, na hora presente, de todos aqueles que têm sobre seus ombros a responsabilidade do «Ide e pregai» do Divino Mestre.

Não obstante o grande esforço despendido por aqueles a quem Deus confiou a missão de propagar a Doutrina dos Espíritos, na «Pátria do Evangelho», não atingiu ainda nosso Brasil o ciclo da evolução desejada pelo Grande Idealista, cujo principal desejo é transformar o planeta num reinado de amor.

No concerto das demais nações, empunhamos armas e manchamos as mãos com o sangue dos nossos irmãos; possuímos uma desoladora e elevada percentagem de analfabetos e cuidamos de aumentar nossa responsabilidade com o desejo de estabelecer a pena de morte.

Resumindo, não exageramos, afirmando que, mais uma vez, faliu a nossa geração.

Vemos surgir no céu da nossa existência terrena o crepúsculo de mais uma fase, sem que algo de concreto possamos contemplar, como lídima afirmativa do nosso trabalho e do nosso esforço pela divulgação dos ensinos de Jesus.

Resta-nos, confiados na excelsa bondade de Deus, uma esperança: a criancinha.

Com a pureza dos sentimentos de Jesus, voltemos para ela nosso pensamento e procuremos colocar no recesso do seu espírito aquilo que for útil, na jornada que vai empreender em busca do seu aperfeiçoamento moral.

Tivemos a época das mesas girantes, coroada de êxito com a conversão de Denizard Hyppolite Léon Rivail; a época do tratamento do corpo e do espírito, revelando ao mundo o «Kardec Brasileiro» — Bezerra de Menezes; agora, façamos a época da criança, pondo ao seu alcance a Boa Nova de Jesus!

Ergamos a «Bandeira de Evangelização da Criança» e a esse movimento cristão, que miraculosamente reune os crentes de todas as religiões, emprestemos nossa atenção e todo o nosso trabalho, no sentido de lhe ser proporcionado o ensino evangélico, à luz da Terceira Revelação.

E, porque à luz da Terceira Revelação?

Porque sòmente a Terceira Revelação compreende e pratica o «dai de graça o que de graça recebestes.»

Não queremos apenas com este trabalho traçar um programa e recomendar sua execução, calcinando todos aqueles que não o queiram aceitar.

Não desejamos incidir no mesmo erro daqueles que, na culta Capital do nosso País, legislam ou doutrinam, esquecendo-se de que no Brasil há um sertão, no qual reinam o analfabetismo e a incompreensão.

A questão é semelhante àquela que defrontamos no Evangelho, quando Jesus iniciou Sua missão: «Eu não vim destruir a lei...» Parodiando o Mestre, diremos que há, apenas, necessidade de que se cumpra o programa, cuidando-se da criança com amor e carinho.

Cuidemos do seu amparo, primeiro no lar, depois, na sociedade.

Procuremos evitar a atmosfera pesada, no seio da família, lembrando-nos de que o pensamento é força e, como tal, pode atrair bons e também maus elementos que encontrarão acesso nos corpos mais frágeis, consequentemente, na criança.

Há, infelizmente, pais que vivem lastimando o procedimento de seus filhos. São eles traquinas, desobedientes, malcriados e outras coisas piores; entretanto, não se dão eles ao trabalho de apurar as causas de tudo isso. Algum tempo de convívio com as crianças e com os irmãos do Espaço, despertou a nossa atenção para o caso e, depois de aturados estudos, chegamos à conclusão de que as crianças, como verdadeiras antenas, reproduzem, algumas vezes, no plano material, aquilo que elementos imperfeitos, atraídos pelos maus pensamentos dos pais, desejam realizar, com a

intenção de se vingarem contra inimigos de outras encarnações.

A escravidão deixou, em muitos lares brasileiros, o carrancismo para com os subordinados. Tendo desaparecido, graças à evolução da época, os senhores de engenho, de ontem, voltaram ao plano material, sem o rebenque para chocotear os seus irmãos negros, mas com a mesma violência e arrogância para humilhar e castigar as crianças, — seus próprios filhos.

Dando maus exemplos, transformando o lar em teatro de cenas verdadeiramente torpes, esquecidos das responsabilidades assumidas perante Deus, ignoram que, testemunhando tudo isso, amanhã, ingressando na sociedade, a criança irá reproduzir, um pouco melhorado, tudo quanto presenciou.

Com alguns momentos de convivência com esses pequeninos seres poderemos aquilatar da vida no recesso do lar em que habitam.

Todo o trabalho empreendido em prol da evangelização da criança cai por terra, diante das tristes cenas que vivem os esposos, quando, desajustados, se esquecem de que há alguém que os observa, — copiando todos os seus actos.

Assim, não basta o conhecimento da Doutrina; é mister que seja ela vivida com toda a expressão de suas subtilezas. Enfim, que o lar se transforme num verdadeiro templo, nele pontificando, com toda magnificência, um sacerdote — Jesus!

Torna-se imprescindível a exemplificação de tudo aquilo que aprendemos, quando, reunidos em nome de Deus, estudamos os Ensinamentos do Seu Filho Amado, à luz da Terceira Revelação.

É preciso que apresentemos as características do espírita perfeito, nossa reforma moral, para que ofereçamos à criança um ambiente que lhe proporcione a oportunidade de aprender, pelo exemplo, a palmilhar a estrada delineada pelo grande amigo das crianças: Jesus de Nazaré.

Inúmeros movimentos têm surgido entre os nossos confrades, visando preparar a criança para o cumprimento de sua tarefa na terra.

Alguns dignos de louvores, outros, porém, levados pelo exagero de tolerância e desconhecimento dos comezinhos princípios doutrinários, transformam a criança em instrumento dócil à prática de frivolidades que, aos poucos, a reduzem a um elemento sem personalidade, repetindo, com exagerada imperfeição, aquilo que observa no meio em que vive.

Não se regeneraram os velhos espíritas, porque, dizem, são velhos, estão no fim da vida, tarde para uma reforma... por isso, numa criminosa passividade, permanecem no mesmo caminho tortuoso de paixões e vícios.

Sem se aperceberem de que é mais fácil seguir o mau exemplo do que o bom conselho, estão escandalizando a criança e, — segundo Jesus, melhor seria atarem uma pedra ao pescoço, atirando-se ao fundo do mar.

Terminando, aqui deixamos nosso apelo, assim expresso:

1.º — Transformarmos nossos lares em ambientes verdadeiramente cristãos, para que nossos filhos possam apresentar-se como símbolos de inocência e pureza;

2.º — Fundemos, em cada sede social dos nossos Centros, uma escola de alfabetização para crianças desvalidas;

3.º — Incluamos, na proposta de sócios para as nossas agremiações, a declaração de família, com a especificação da idade de todos seus dependentes; e

4.º — Procuremos convencer nossos confrades de que os pais espíritas devem ter filhos fisicamente fortes e espiritualmente evangelizados.

FIM

A PÉTALA

Se a maldade te fere, cruel, não guardes a pretensão de removê-la imediatamente do caminho. A pregação inoportuna de virtudes, ainda potenciais, em tua alma, poderia provocar nova desesperação contra ti.

Não te precipites.

Lança no espírito do teu irmão a pétala subtil da renúncia que sabe calar e espera...

Se a dureza do próximo te magoa, contundente, não admitas a possibilidade de desintegrar a tonelada de pedra, simplesmente ao preço de tuas palavras apressadas em louvor às bênçãos divinas que ainda não aclimataste de todo no próprio espírito, porque a tua indignação mal conduzida talvez te multiplique os problemas inquietantes da estrada.

Não te revoltes.

Lança no entendimento do companheiro a pétala delicada do perdão e espera...

Se a maledicência te busca, perturbadora, não creias seja possível transformá-la em verbo santo, simplesmente porque te faças inopinado veículo de protestos quase sempre inúteis de teu incipiente amor às coisas sagradas, porquanto a tua manifestação intempestiva provàvelmente envenenará o pensamento do amigo em teu desfavor.

Não reproves.

Lança na alma do teu interlocutor, a pétala da bondade oculta, numa frase pequenina de solidariedade verdadeiramente humana e espera...

Não desejes construir, de uma vez, a fortaleza de tua santidade ou o castelo da tua felicidade.

Eleva-se a casa, tijolo a tijolo.

O século conhece a importância de cada dia.

Semeia as pétalas da fraternidade e da paz em teus minutos mais insignificantes e a vida te responderá com a graça do tempo, coroando-te nos cimos do mundo, com a glória da sabedoria e do amor no teu próprio engrandecimento.

JOSÉ DE CASTRO

(Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier)

ECOS DE U

Por ISIDORO D

X

TRÊS

Estávamos no Hotel Majestic, *de Petrópolis, onde ceámos com a família de Guerra Peixe, em amena conversa. Lá fora, nevoeiro e chuva; ali, aconchego familiar. Que o Guerra Peixe era o gerente da casa e tinha sangue português... E a esposa e a filha ouviam falar da Lusitânia, como de um país cheio de histórias e de príncipes encantados. Falámos todos de Portugal e Brasil, desta família imensa vinculada ao mesmo destino e vibrando no mesmo entusiasmo. Nunca sentimos maior emoção do que nessas horas deliciosas, verdadeiramente emotivas. E lembrámo-nos de José de Alencar, que punha no verbo exaltação e transporte. «É o entusiasmo que faz o poeta e o artista, o sábio e o guerreiro! — exclamava —; é o entusiasmo que faz o homem-ideia diferente do homem-máquina», acrescentando que a fábula de Prometeu era o símbolo do fogo de alma que animava a estátua de Galatéia, embora depois dilacerasse o coração como águia de rochedo...*

O Guerra Peixe já não pertence à Terra, que abandonou há pouco, inesperadamente... Não poderá ler estas linhas evocativas. Hoje deve estar mais leve, sem os achaques da carne que aborrecem e deprimem.

No dia seguinte levantámo-nos cedo. O céu desanuviara-se e o sol espancava ainda uns restos de nevoeiro que, na fugida, topava com as franjas de grandes árvores. O desjejum deu origem a nova conversa, a estreitamento de amizade. O José Varandas que, na véspera, exaltara a nossa viagem, veio para o abraço final. Este amigo tem voz de arauto e sonhos de condor. Seu olhar é bergantim vogando no oceano espirita. Ah, que se ele pudesse, o mundo seria diferente!...

★

As visitas que fizemos de manhã, elucidativas e úteis. na companhia dos dois anfitriões, alteraram o programa com um contra-tempo, talvez o primeiro de nossa estadia em terra brasileira. O ónibus partira sem o viandante. Por culpa dele? De modo algum. Somos como André Morois: temos a pontualidade no sangue. É um relógio que funciona em nosso interior. A culpa foi do movimento espirita de Petrópolis. O «bilhete» renovámo-lo por outro. Guerra Peixe se encarregou do assunto. Agora seríamos pontuais. Não havia novas visitas... Estava, pois, em nós a «amabilidade dos reis», que assim chamou Luís XVIII à pontualidade. Uma hora de atraso não era muito em viagem de meses.

Até que chegou o ónibus, o verdadeiro, o autêntico, que nos levaria com armas e bagagens a Três Rios, onde nos aguardava o Acir Faria, do Lar Manuel Pessoa de Campos. Adeus, Petrópolis, mansão de aves e de poetas! Um abraço ao amigo que ficava... e...

★

À esquerda repetia-se o panorama campesino. Três cachoeiras a descer dos morros. Nós também desciamos por entre casas de celeste brancura, na orla de um rio coleante. Os contrastes sucediam-se continuamente. Ao cimo, fábricas; à direita, aglomeração urbana no dorso da vertente, semelhando fantásticos presépios; ao fundo, mais fábricas e verdura recalcitrante, a desafiar o sol e a chuva.

A alma brasileira encontra-se em toda a parte: nas grandes urbes e nas aldeias recatadas; nas cristas ponteagudas viradas ao infinito e nos vales que dão passagem ao excesso aquático que escorre das fraldas e dos córregos; nas voltas da estrada que se expande com recortes de alvas grades tracejadas a meio; no oceano verde da selva onde canta o sabiá e a surucucu rasteja, musculosa e dissimulada; no murmúrio das fontes, no esmalte dos rios, nas dolências do samba... Ah, meus amigos! Onde não estará essa alma, esse quid misterioso que faz dos

MA VIAGEM

JARTE SANTOS

IV

RIOS

homens santos e das mulheres heroínas? Onde não estará, meus amigos?!

Ainda não chegámos à planura, mas a transição denuncia casario que está mui perto. Quinhentos metros gualdidos e surgem vivendas modernas que a relva acaricia e os roseirais perfumam...

★

Vale do Sol. Uma igreja de campanário esguio. Na várzea, o restaurante de São Sebastião. Óptima estrada. Plantas decorativas de sabor campesino, servindo de umbela ao passeante...

O ónibus serpenteia sob acácias floridas. A natureza freme na terra e no ar. Árvores novas substituem as velhas, de manchas seculares. Reflorestamento que o homem impôs à vegetação. Eucaliptos que emergem de vale profundo... sombreando escaleiras primitivas de acesso aos morros... Anúncios de coca-cola... E mais renques de bambús, pinheiros do Paraná, bananais esparsos, casas suspensas de estacaria... Fábricas de cerâmica e o rio pardacento à esquerda, encolhido entre relvados e arvoredo. É um caminho maravilhoso. A paisagem parece ter sido engendrada por estranho pintor da natureza.

A vegetação continua a prender o olhar. Estamos em Itapaíva. Os brasileiros não sabem o que têm. Já o dissemos algumas vezes. O veículo não afroixa a marcha, não condescende. E o panorama surge maquinalmente. Janelas que trepadeiras ocultam, glicínias arroxeadas, enormes encostas recamadas de eucaliptos semelhando copas de árvores cónicas. Parecem mangericos. Um milagre estranho. Até na rocha nua a vegetação penetra milagrosamente ...

A descida prossegue. Que belos motivos fotográficos! Mais voltas, mais torcicolos, mais ziguezagues. Chegamos a Ubirajara. Mais bananais à beira do rio. Mais trepadeiras em flor e montanhas capinadas...

Que pena não podermos dealbar nestes lugares deliciosos! Razão tinha o padre Vieira na afirmativa célebre: «Se queres ser mestre na fé, faze-te discípulo da natureza». Temos visto belos quadros em museus que milhões de seres procuram, telas que imortalizaram bípedes e os levaram ao panteão da História. Mas a natureza suma, imensa, inimitável, nunca a vimos pintada, como dizia Foscolo, porque o real não se imita, por maior que seja o talento. O artista é um fazedor de simulacros. O grande Pascal escreveu esta frase lapidar: «Que vaidade não é a pintura que atrai pela semelhança de coisas, cujos originais se não admiram!». Mas estas cogitações são rápidas, como raio de holofote que risca céu escuro.

Um aspecto da selva entre Petrópolis e Três Rios

Um morro de pedra por onde deslisa a vegetação, qual ventosa esverdeada... Araucárias gigantescas de raiz ao sol e monstruosas

cavernas que a Prefeitura mandou pintar de arminho...

★

Posse fica ao lado, entre montes, junto ao rio, que corre paralelo à estrada. Sobre ele, uma ponte suspensa. Troncos velhos ligados por uma rede, a seis metros de altura. Por aqui e por ali, mulheres gentis vestidas à George Sand. Alegria, graça, donaire, são atributos da mulher brasileira, rainha do homem, princesa de fogo que em silêncio entretém. Ela não é formosa, que a formosura passa longe da virtude. Mas é bonita.

Estende sempre um manto
Que vele os seus encantos deleitosos;
Porque aos dons da mulher, misteriosos,
Em fugindo o mistério, foge o encanto.

Esta quadra de Campoamor podemos atribuí-la às lindas mulheres do Brasil, tão lindas, como não vimos outras. Não são formosas. Essas... agradam hoje e depois enfastiam. São livros que, uma vez lidos, não têm mais que ler, segundo um velho pregador, que pintou a verdade.

Uma casa ladeia o macadame com o número 16.738. É numeração quilométrica usada em Santa Cruz. Onde principiará a rua?... Dezassete quilómetros antes...

Aqui há mais calor do que em Petrópolis, não obstante o movimento da atmosfera motivado pelo andamento do ónibus. Mais adiante, a via férrea atravessa o rio em ponte de cimento. Agora vai paralela à rodovia, separada por arame farpado.

Continuamos a descer. A temperatura sobe. Os montes foram tosquiados por causa do cultivo. Corte à escovinha, a desoprimir a selva e o trem de via estreita.

O condutor dá sinal de paragem e ouvimos: Estâncias Universais. Que belo nome para obras filosóficas! Quem teria baptisado o lugarejo? Cabeleiras de capim gordo marginam o rio e servem de fundo a eucaliptos sobranceiros.

O terreno é mais escalvado, à medida que nos aproximamos de Três Rios. A linha férrea, ora segue à direita, ora à esquerda, sempre rentinha à estrada. Grandes bananais, vegetação exuberantíssima que chega a encobrir o casaredo. Anúncios de «Chevrolets», «Cryslers», «Fargos», erguidos nas curvas, abaixo ou acima de árvores frutíferas e bambús tresmalhados...

Três Rios! Duas horas da tarde. Cento e setenta e cinco minutos a subir e a descer, sem tempo de meditar no progresso do homem e no grandioso da selva...

★

O leitor já pensou no embaraço do viajante a quem dizem: «Vai a tal parte, que estão à tua espera»? Mas quem é que espera por ele? Como se identificam? Foi o que se deu connosco. A Barra do Piraí fora grande lição. Todavia, nada acrescentara de conhecimento ou de perícia à resolução do problema. Há quem se faça conhecer por bigodes, chapéus desabados, bengalas amarelas, colarinhos de borracha... Não tínhamos estas belezas civilizadoras. E quem nos esperava, também não.

Quando o condutor mandou parar o ónibus e os passageiros começaram a descer, relanceámos o olhar pelo exterior à procura de sinal, de emblema, de chapéu, de bengala. Mas todos aqueles homens eram do século e da região. Quem usa chapéu no Brasil? E quem usa bengala? Amam o sol e a terra. No entanto, qualquer coisa houve de parte a parte, que deu a conhecer a encomenda... e o destinatário.

Eram quatro amigos, entre eles o Acir Faria, presidente do Lar Manuel Pessoa de Campos. Resumimos o caso para evitar corridas de imaginação. Não deixa, porém, de ter sabor anedótico. Podíamos ter inquirido: «É o Acir? Onde mora o Acir?» E por exclusão de partes iríamos ter ao Lar Manuel Pessoa. O que nos reconheceu foi curiosidade mútua. Olharam, como quem procura descobrir... Nós olhámos igualmente... «São eles» — pensámos. «É ele» — pensaram. E foi tudo. Num ápice seguíamos de automóvel em bela cavaqueira.

Não há dúvida. O Acir era «ele» e o Lar também. Quanto a nós, não passávamos de viajor sem leme e sem perícia...

★

Que magnífica partida! Que magnífica chegada! Três Rios é uma cidade promissora. O Paraibuna, o Paraíba e o Piabanha entroncavam na região e deixavam correr as águas tímidas.

O Magaldi tinha prometido vir e seguir connosco até Pedro Leopoldo... Gostaríamos de o abraçar outra vez. Entretanto...

Sentámo-nos à mesa do Lar e respirámos fundo na presença do Acir e da senhorita

Dalva Cerqueira, que superintende naquele retiro infantil em que a música e o riso se confundem. Iamos almoçar, que o relógio do estômago estava adiantado. Os solavancos da viagem e o ar da montanha abrem o apetite. Não é só olhar para o céu, que a terra exige o seu quinhão de vida planetária.

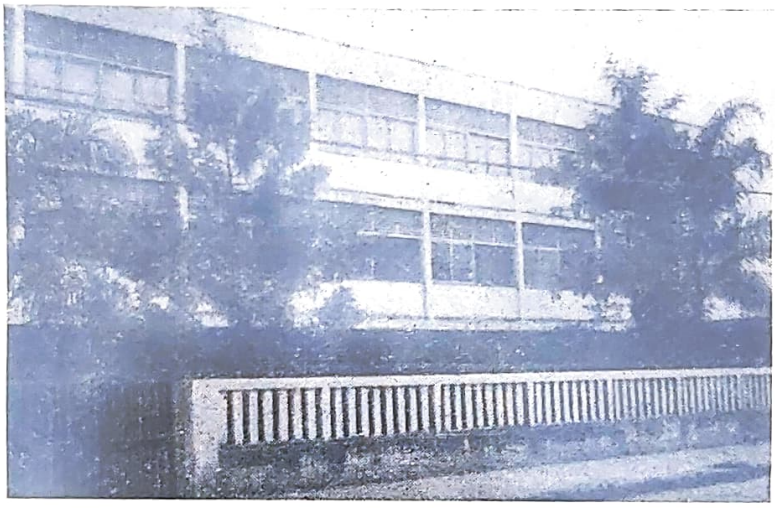
Estávamos ali como em nossa casa. A largueza, o à-vontade, o ideal sentido... E o Magaldi que aparece ao fundo da escada. Bem dissera ele: «Vou esperá-lo a Três Rios...». E cumpriu a promessa. Magaldi cumpre sempre o que diz. Em Volta Redonda ou noutro lugar qualquer.

Foi uma alegria imensa para nós e para os outros.

Que bela coisa a hospitalidade! Como ela transmuda o mau em bom! O próprio inimigo é sagrado, quando a hospitalidade o protege. E quando é um amigo, aumenta a gentileza.

Isto se deu com a chegada de um homem são que vinha auxiliar outro homem...

E assim, o almoço alegrou-se e animou-se.



Lar Manuel Pessoa de Campos, em Três Rios

Em frente da mesa branca, o retrato de Rita Cerqueira, a Mãe Ritinha, de quem Ramiro Gama escreveu que «em Três Rios», no fim da bela existência, com os pés inchados e o coração gasto de fazer o bem, caminhou por veredas, visitou aflitos e orientou-os no grande roteiro, desencarnando em pleno serviço de dar sem receber». Que olhar de bondade! Suas pupilas menineiras guardavam toda a beleza feminina.

Os que dirigiam a obra eram almas que não torciam nem quebravam. Iam direitas ao fim, confiantes na ajuda do Alto.

La Fontaine dizia que todo o mundo acredita no que se teme e se deseja. Estes não acreditavam, porque no trabalho punham a virtude. E realizaram uma obra notabilíssima.

★

O Grupo Espírita Fé e Esperança é um monumento de benfazer que se impõe a quantos o visitam: e Acir Faria, seu laborioso presidente, faz parte dos que esquecem o prazer mundano em holocausto ao socorro fraterno.

A história da agremiação é uma epopeia de labor intenso. A tenacidade e a fé destruíram obstáculos e ofereceram o campo à sementeira.

Dissemos uma vez que na maior parte das obras espíritas brasileiras estava o dedo lusitano a enfrentar despesas e outras responsabilidades. Fomos verdadeiros. Nos primeiros tempos deste Grupo a luta foi tremenda. Faltavam receitas para o muito que era necessário, a começar em sede própria. E um dia... Há sempre um dia maior na vida de cada qual.

Em Três Rios mourejava um português de Arinhos, concelho de Mealhada. Trabalhador incansável, conseguiu instalar-se na vida e praticar o bem pelo bem, sem parcelas de vaidade. Foi em 1922, há 34 anos. Construiu um grande edifício, sem revelar os seus objectivos. Uns diziam que se destinava a cinema; outros, a conjunto escolar; e outros, a casas de aluguel. Certo confrade chegou a convencer-se de que um apartamento lhe caberia. Sùbitamente, desfez-se o encanto. Escreveu uma carta à directoria do Grupo, oferecendo-lhe o prédio, a fim de nele realizarem as sessões. Mas isto era nada, em comparação com o resto. E o resto resumia-se em legar à instituição o referido imóvel e mais três, destinados a rendimento. Como fosse pouco, acrescentou um grande terreno, onde mais tarde se construiu o Lar que tem o seu nome. E para rematar o gesto filantrópico, um sinal de previdência à moda antiga: 25 contos destinados ao imposto de transmissão, depois de sua morte... A assinatura era simples: Manuel Pessoa de Campos. Veio desencarnar à terra natal, como homem justo e português de lei. Não admira. Fazia como Zamakhschari: «Quando possuo o necessário, não me importo das pérolas e dos rubis». Ou seguia

Quintiliano: «Vale mais praticar o bem do que prometê-lo»...

★

O Lar Manuel Pessoa de Campos é uma obra moderna, elegante e sóbria, à rua Barão de Rio Branco, em plena cidade, cujo embelezamento engrandece. Toda a gente auxiliou a construção, que o povo de Três Rios é sumamente condoído e generoso. Setenta e oito meninas pode abrigar o edifício que o sol acalenta. A princípio era asilo. «Não; asilo, não, para que a criança não julgue que é uma enjeitada» — pensaram os directores do Grupo. E assim apareceu o Lar em homenagem ao idealizador do empreendimento... Agora «é remanso de paz e centro de alegrias puras que se traduzem em riso cristalino de crianças», na palavra feliz do Acir. E Dalva Ferreira de Cerqueira anda por aquele jardim colhendo amores, sob o calor espiritual da Mãe Ritinha...

No 1.º andar, o dormitório dos mais velhos. 16 camas higiénicas. Soalho reluzente. No 2.º, banheiros e roupeiros. Mosaicos e ladrilhos de 1.ª. Quarto da directora. Aparelhamento sanitário. 56 camas de mogno dispostas em quatro filas: é o dormitório das mais novas. A toda a volta, janelas largas de correr. Pràticamente não há paredes: é tudo ar e sol...

Mantêm-se aqui até aos 18 anos. Com semelhante conforto desejam, certamente, que o relógio pare, que o tempo não corra. O soalho reluz como no 1.º andar. São $18^m \times 10^m$. 180 metros quadrados suspensos em quatro pilares redondos de cimento armado. A seguir, o quarto do director com 3 camas e outro das vigilantes com duas.

O refeitório ocupa 80 metros quadrados. O salão é de $12^m \times 5^m$, todo a mosaico, como no 1.º andar.

O pátio, enorme, acimentado, coberto e livre, com brancos de jardim onde as crianças passam grande parte do dia. Entram dos três anos aos 10; mas se nascerem na Maternidade do Grupo, entram em qualquer idade.

Um pouco adiante, grande horta com alfaces, couves e demais hortaliças. Ao lado, um prédio de rendimento por acabar, com a loja alugada por 3.000 cruzeiros. Os dois apartamentos renderão 4.000. Obra de mérito, este Lar modelo, digno dos braços que o ergueram. Eles próprios organizaram festas com rifas, tômbolas e sorteios que duravam meses. E chegaram a manejar a enxada para a construção...

★

A «Maternidade Dr. Walter Franklin» é um belo departamento da colectividade. Grande sala de partos... medicamentos gerais e especializados... Quatro alojamentos particulares de uma cama destinados a parturientes e outra cama ao lado para acompanhante. A enfermaria tem 12 leitos de esmerado asseio, com assistência do berço ao túmulo. «Se o pobre te pede — dizia Quevedo — não digas que lhe deste, mas que lhe pagaste, porque o pobre que pede ao rico o que lhe falta e a ele sobra, ordem traz, a cobrar vem». Por isso aqui se não pede nem dá, porque Deus é rico e se reparte por quem merece...

★

O Albergue Nocturno é casa transitória de viandantes que requerem agasalho e conchego de uma noite. Num ano, por lá passaram 3.500. Mulheres, homens e crianças, em romaria desoladora...

★

Digno de citação é o Departamento Difusor. Às 3.as e 6.as feiras realiza sessões de estudo com elevado número de assistentes. Em 1954 levou a efeito 86 sessões práticas de estudo dos fenómenos espiritas, visando as suas aplicações morais na instrução dos médiuns.

★

A Mocidade Espirita «Bezerra de Menezes», fundada em 1937, funciona no Grupo aos sábados e comemora as datas solenes com reuniões festivas de grande proveito doutrinário. É composta de elementos simpáticos e activos, sòlidamente preparados para o fim que alvejam. Vimo-los e sentimo-los. Durmam os velhos tranquilamente, que a guarda de Três Rios está vigilante pelo futuro da Causa.

★

E as receitas de onde vêm? De muitas e variadas fontes. De 1.100 associados, quase todos de Três Rios; da Campanha do Quilo, para a qual dão protestantes e católicos; da Legião Brasileira de Assistência; do Governo

Federal e do Governo Estadual. Há dois anos, a receita foi de 470 mil cruzeiros.

Quatro refeições diárias se destribuem no Lar Manuel Pessoa de Campos: café, leite, pão, arroz, feijão, mandioca, fubá, carne fresca, ovos, legumes, frutas, massas, etc. Cada uma importa em 13 cruzeiros.

Esqueciamos o auditório com 220 cadeiras, mas que leva 300, com o seu palco magnífico... E a planta do Lar, feita pelo arquitecto Saturnino de Brito, sem cobrar um tostão... Ah! Tanto que poderíamos dizer do Grupo Espirita Fé e Esperança!

Os dirigentes são escol de espiritistas: Acir Faria, Tito Cardoso de Miranda, Joaquim Reis Filho, Jair do Espírito Santo, Manuel de Araújo Filho, Celina Soares Reis e Dalva Ferreira Cerqueira. Todos amabilíssimos, todos hospitaleiros. Ou eles não pertencessem ao Lar Manuel Pessoa de Campos...

★

O salão do Grupo estava literalmente cheio de almas afins. Até da Paraíba do Sul um português viera para falar na reunião. Estava acamado, mas fez um grande esforço para homenagear o patrício que ali se encontrava, mercê de Deus. E que entusiasmo nas palavras desse homem bom, aferrado ao ideal e capaz de altos sacrifícios! Tudo vibrou em uníssono. Acir Faria apresentou-nos em seu verbo aliciante e fácil. Disse coisas próprias da amizade que, sem fundamento, nos enalteceram aos olhos expectantes. A culpa foi do Leopoldo. Ainda e sempre o Leopoldo a tapetar de flores o caminho do visitante. Lá, em Nova-Iguaçu, onde fez o ninho, deve sentir-se contente. Dias antes nos dissera que estávamos a colher os frutos do que havíamos semeado. E a revista Estudos Psíquicos corria Brasil em fora, grangeando simpatia e colhendo assinantes que a radicariam nas almas e nas inteligências. Éramos velho conhecido daqueles adeptos que enchiam o salão. Nisto se baseou a ressonância espiritual que prestes envolveu a multidão de pensamento alçado a maior altura. Nem de outra forma as nossas palavras teriam sido atentamente ouvidas, como se de apóstolo viessem. O que estava em nós não era nosso. Era luz que vinha de perto ou de longe. Sabemos lá de onde! Era o poder da Doutrina. Sabemos lá onde alcançal Era a magia da evolução. Fácil de análise se nos tornou o assunto. Vogámos noutras esferas, em panorama diferente, mas habitual.

O Manaldi também partilhou do banquete. Falou sem dificuldade. E vibrou tanto, tanto, que as lágrimas se lhe desfizeram. Um Danúbio azul de emoção, que embalava e prendia...

E outros falaram, pondo em seu verbo ardor de anos ou experiência feita. Mas tudo uníssono, tudo homogéneo. A constância daqueles amigos objectivava coisas novas que serviam ao mesmo fim. Em todos os lugares se manifestava o seu amor à humanidade.

Saímos do estrado ainda mais humilde, ainda mais acanhado, tantas eram as lições recebidas. Sob a roupagem de certas almas havia labaredas geniais. Homens desprovidos de cultura subiam ao tablado e falavam. A linguagem dos deuses estava em seus lábios, porque eram mensageiros do espiritual e do moral...

★

— Quando volta? — perguntaram no fim da oração.

A pergunta era mais fácil do que a resposta. Se fosse possível, ficaríamos em Três Rios. Clima agradável, gente afectuosa... Podia ser que algum Pessoa Campos se lembrasse de Estudos Psíquicos. Há sempre um Mecenas à porta do homem superior. Como andamos por terras baixas, não encontramos nenhum. Mas gostaríamos de ficar nesta cidade encantadora, próximo do Acir. E se não fosse tolice esboçar um absurdo, que belo não seria rodopiar naquela estância sob o olhar de Dalva Cerqueira! Anda a Europa a clamar por jardins-escolas e o Brasil a oferecê-los à infância desvalida!

Por isso nos sentimos aflito ante aquela pergunta. Tantas vezes a tínhamos ouvido, entre abraços sinceros!

— Quando volta?...

Oh! Deus abre estradas ao coração e polvilha-as de rosas! E ladeia-as de árvores perfumadas, para descanso de quem se abalança à viagem da vida. «Quando volta» queria dizer: «Não se aparte de nós. Fique para sempre!». Era a voz da amizade a desdobrar-se, a multiplicar-se em simpatia.

O amor é prisão que suaviza e enleia. É luz que vem de Deus e para ele vai. Transcende a natureza humana e abarca o vegetal e o mineral.

No Brasil-espirita o viajor é sempre acarinhado. Não lhe perguntam nome. É o fruto

Natal dos Necessitados

Continuamos o nosso apelo a favor dos necessitados. No momento em que tanta gente se manifesta para acarinhar estranhos, não podemos abandonar aqueles que em terra portuguesa sofrem inclemências. É preciso dar alguma coisa do que temos, não em forma de caridade, mas por imperativo de consciência. Embora a vida a todos custe, mais felizes são aqueles que não carecem de remédio. Dinheiro ou géneros, calçado ou vestuário, tudo serve à nossa cruzada do bem.

Recebemos mais os seguintes donativos:

Transporte do último número ...	460$00
António da Silva Braga Júnior, de Coimbra	50$00
Alfredo Cavalheiro, de Lisboa ...	100$00
S. A. S., de Lisboa	10$00
Carlos Vasconcelos Magalhães, de Lourenço Marques	20$00
José Maria Cabral, do Porto	20$00
J. J. Ferreira da Silva, de Lisboa	20$00
Jaime da Silva Sabino, de Aveiro	25$00
Celestino, de Lisboa	10$00
Afonso Gomes, de Lisboa	5$00
Maria Inês Alves Serra, de Lisboa	50$00
António Lopes Dias, de Luanda	100$00
Manuel Vicente R. Júnior, de Bolama	100$00
Fortunato Fragoso, de Lisboa ...	20$00
João Oliveira Anjo, de Coimbra	20$00
Miguel Matias Carvalho, de Lisboa	30$00
António Pina, de Lisboa	10$00
M. Silva Jácome, de P. Delgada	50$00
José Joaquim, de Faro	10$00
Acê e Agê, de Lisboa	20$00
Anónimo, de Algés	10$00
David da Silva Guimarães, de Matosinhos	20$00
Genoveva de Castro, de Setúbal	50$00
Estevão Ferreira Alho, de Castelo Branco	20$00
Sara de Castro	50$00
Maria Adelaide Mafra, de Lisboa	10$00
Sócio 914	12$50
Uma leiriense	20$00
Transporte	1.322$50
A Transportar	1.322$50
Sócio 542	5$00
J. Magalhães, de Lisboa	20$00
Manuel Lopes Gonçalves, de Lisboa	20$00
Cupertina de Meneses, de Alhandra	20$00
Anónimo, de Lisboa	8$00
Total	1.395$50

Do nosso confrade sr. José Manuel Gaio, do Rio de Janiero, recebemos a quantia de 2.000$00 destinados a esta rubrica, os quais constituem a última vontade do nosso amigo José Carlos de Chelmicki Aflallo, desencarnado em Julho de 1955 naquela capital.

O casal Rogério Leite de Faria, do Porto, quis novamente obsequiar os nossos protegidos com dádiva magnífica. São roupas diversas feitas por mãos carinhosas e que engrandecerão o nosso caudal de alegria: 12 babeiros, 3 vestidos, 7 casaquinhos, 6 saias de flanela, 7 botinhas, 3 camisas, 8 roupões de flanela, 12 fraldas e 2 cobertores. Ao todo, 60 peças impregnadas de bondade. O casal Rogério Leite de Faria é um dos melhores amigos de *Estudos Psíquicos* que não esquece a quadra do Natal. Que Deus lhes dê saúde e vigor para continuarem a erguer torres de glória em pleno coração.

Legouvé diz que a mulher tem o génio da caridade. E acrescenta: «O homem dá o seu dinheiro e a mulher adiciona o coração. Uma pequena moeda, nas mãos de uma mulher bondosa, socorre mais pobres do que uma onça de oiro nas mãos de uma homem». E as nossas leitoras provam-no sempre em gestos de filantropia.

Vamos reunir o supérfluo e dá-lo aos pobres?... Não receem o dia de amanhã. Nada nos faltará, se formos prudentes.

E que nos custe dar? Melhor ainda. Segundo um grande historiador, o dinheiro da beneficência não tem mérito, quando deixa de representar sacrifício ou privação.

Demos alguma coisa de nós mesmos àqueles que nos procuram.

da árvore que se oferece aos homens. E os homens comem o fruto da árvore...

★

Foi assim em Três Rios e em toda a parte. O Acir Faria é um símbolo de amor ao próximo que se transmuda em sublime contágio. Três Rios está no início de grande cruzada espirita. Todos o pressentem, todos se apetrecham, vinculados ao novo ciclo que se aproxima.

Tivemos pena de passar como um relâmpago. Mas aqui voltaríamos dias depois, porque as Mocidades reclamariam a presença. Estávamos por tudo, que o Magaldi retomava o papel de Cireneu, que lhe pertencia de direito e de facto. As grandes amizades igualam as grandes dores. Aqui não havia dor. Havia «pungir de acerbo espinho»...

OS NOSSOS REPRESENTANTES

ANTÓNIO AUGUSTO DOS SANTOS

O confrade Martins Peralva, de Belo Horizonte, pediu escusa do cargo de representante de Estudos Psíquicos em Belo Horizonte, a linda capital mineira que em nós deixou memoráveis recordações. Os seus trabalhos não lhe permitiam continuar. No entanto, enviar-nos-á a sua colaboração habitual.

Em sua substituição ficou o nosso patrício e amigo António Augusto dos Santos, homem bom e activo, crente até à medula, devotado até ao sacrifício. A ele se deve a planta da Casa de Saúde «André Luís», do Hospital Espírita «André Luís» e da União Espírita Mineira, esta última já instalada no majestoso edifício de que ele foi o construtor, de sociedade com seus filhos.

A nossa passagem por sua casa levou-nos a conhecer uma família exemplar, sete ou oito formaturas em plena florescência, viveiro de artistas que se enquadram maravilhosamente no cenário brasileiro. Homens cultos e generosos, espalham alegria e optimismo em torno da grande alma que os gerou.

António Augusto dos Santos é a modéstia personificada, mas teremos que falar dele, quando falarmos de Belo Horizonte. Estudos Psíquicos deve-lhe uma bela colectânea de assinantes, cujas anuidades ele mesmo cobrou sem encargos para a revista, demonstrando assim a sua dedicação à nossa obra.

Servidores como estes incitam ao trabalho, carreiam pedras brancas para o grande edifício, são balões de oxigénio em organismo afectado que necessita de viver para bem de todos.

António Augusto dos Santos

Agradecemos-lhe o esforço magnífico e a boa vontade manifestada em tantas emergências. Que Deus lhe preserve a saúde e dê boa inspiração em trabalhos novos, porque almas como a dele contam-se a dedo no aglomerado das populações heterogéneas.

AOS REPRESENTANTES NO BRASIL

Conforme noticiámos noutra página, o preço de assinatura anual no Brasil será de Cr$ 120,00 a partir de Janeiro de 1957, em virtude das enormes despesas que acarreta a publicação da nossa revista, em contraste com a desvalorização do cruzeiro. Só o grande amor ao Brasil nos leva a manter um serviço de assinatura presentemente ruinoso, mas compensador de espiritualidade e amizade. Esperamos que os estimados representantes informem os interessados, para que a reforma das assinaturas seja feita de harmonia com esta deliberação.

PODE VENDER FIADO!

Por ALUNO VELHO

Encontrámo-nos numa farmácia; manhã ensolarada de uma época primaveril; bela cidade do interior, em cuja zona fizemos o nosso aprendizado brasileiro e ingressámos na escola do Espiritismo.

— Olá, Ercílio, você por aqui? Visitando os pagos?

Velho amigo que não víamos há muitos anos. Mudado para a capital do Estado, ali dedicara-se a actividades comerciais, progredindo consideràvelmente na vida, mercê da sua capacidade de trabalho e de carácter.

— Aproveitando uns dias de férias, estou aqui a matar saudades do torrão natal. E você que anda fazendo? — respondeu-nos alegre, com um apertado abraço.

— *Fazendo* espiritismo, respondemos.

E ante certa estupefacção, esclarecemos:

— Somos participantes de uma caravana que vem assistir à fundação de uma Sociedade Espirita local.

— Você está metido nisso? — interrogou, admirado, o Ercílio, acrescentando:

— Como sabe, sou católico; nada entendo de Espiritismo; penso, contudo, que o espirita deve ser *coisa* boa.

— Porquê?

— É que, na firma onde trabalho, quando um freguês espirita quer comprar a crédito, os chefes mandam fornecer, dizendo: «PODE VENDER FIADO; ELE É ESPIRITA». Por isso concluo que os espiritas devem ser homens de bem.

— E são espiritas os seus chefes?

— Não; são católicos praticantes, — respondeu o nosso amigo.

Depois de mais alguns minutos de palestra, despedimo-nos com novos abraços.

«Pode vender fiado; ele é espirita...»

Aquela frase merecia meditação. Ficou a bailar em nossa mente, a exigir definições, mais do que entusiasmo apressado, se considerada elemento de propaganda...

Então mudaram os tempos? — O espirita não é mais o louco, o visionário, o demónio, o amaldiçoado, o excomungado?

«Homem de bem», por ser espirita? Digno da confiança daqueles que nada entendem de Espiritismo e que, embora libertos de preconceitos, militam em sectores religiosos.

Atribuir-se o título de *espirita*, é possuir uma credencial!

Que estupendo!

Mas isso representa um património moral de alto valor que demanda mérito, pensámos.

De quem é a conquista, pois?

Do espirita? Não! Do Espiritismo, cuja magnificência confere confiança a seus adeptos.

Ante tais conclusões, sentimos o peso da responsabilidade.

Como é necessário observar os deveres cristãos para merecer o título de ESPIRITA!

O tema serviu para o trabalho da noite, quando, chama-

REENCARNAÇÃO

Por UM POETA

Oh! Vir de novo ao mundo
buscar as pérolas
lançadas aos porcos,
trazer, comigo, a esperança
e lançar-me no mar
com minhas redes
para pescar!

Oh! Vir de novo ao mundo
quantas vezes necessário for,
até que possa achar a chave
e entrar no Reino de meu Senhor!

Oh! Vir de novo ao mundo
cantar canções alegres para as [crianças
correr estradas,
apanhar estrelas
e ressurgir um novo homem!

Oh! Vir de novo ao mundo
porque, Jesus, tu me disseste:
«É necessário nascer de novo»
se a alma quiser de facto
entrar no reino bom de Deus, Nos[so Senhor.

Oh! Vir de novo ao mundo
buscar as pérolas
lançadas aos porcos
nas passadas vidas
que tu me deste,

Oh! meu Senhor!
Que graça é esta, tão grande [imensa,
que não mereço!
E me ajoelho
e já, chorando,
te agradeço,
beijando a terra
que me viu de novo!

(Recebido pelo médium Francisco Luciano e transcrito da revista *Águas Vivas*, de S. Paulo)

dos a contribuir na festa de fundação na nova entidade espirita, na linda cidade campesina, ressaltámos a imensa responsabilidade que assumem todos os que se atribuem o direito de intitular-se *espiritas*.

É que «Espirita» significa discípulo do Cristo, no esforço incessante da própria reforma; instrumento útil no lar e na sociedade, capaz de testemunhar simplicidade, humildade, tolerância e renúncia evangélica em todos os actos da vida.

Sim, espirita, quer dizer «homem de bem».

Decorreram vinte anos. A lição ressoa com progressiva intensidade, dizendo-nos da grande responsabilidade que assumimos, ante os homens e diante de Deus, quando nos outorgamos o título de *espirita*.

E como sobe de volume tal responsabilidade para os que se entregam à delicada tarefa de pregar a Doutrina!...

(Trancrito de *A Reencarnação*, de Porto Alegre).

Humildade e Ciência

(PRECE DE KÉPLER)

Esta prece é da autoria de Johannes Képler (1571-1630), célebre matemático e astrónomo alemão, que enunciou as três leis fundamentais da mecânica planetária, que têm seu nome, e fundou as bases da moderna astronomia. É lástima que muitos homens de ciência não sigam exemplo tão dignificante de reconhecimento e humildade, como este dado por Képler, que intuiu, na perfeição e na grandeza do Universo, a excelsa magnitude do Pai.

Antes de deixar esta mesa, sobre a qual fiz todas minhas pesquisas, nada me resta senão elevar meus olhos e minhas mãos aos céus e endereçar, com devoção, a minha humilde prece ao autor de toda a Luz.

Ó tu — que pelas luzes sublimes que espalhaste na Natureza, conduzes a nossa vontade à Luz de Tua graça, a fim de que sejamos, um dia, arrebatados pela Luz eterna de Tua glória — eu te rendo graças, Senhor e Criador, pelas alegrias e pelos êxtases experimentados na contemplação da obra de Tuas mãos!

Eis que finalizei o livro que contém o fruto do meu trabalho e no qual empreguei toda a inteligência que me hás dado. Proclamo, diante dos homens, a grandeza de Tuas obras. Eu lhes apresento nele o testemunho do que meu espirito finito conseguiu captar da infinita vastidão.

Fiz todo o esforço para me elevar à Verdade pelos condutos da filosofia, e se ela chegou a mim — miserável verme concebido e nutrido no pecado — com contradições indignas de Ti, faze-me conhecê-las, a fim de que possa suprimi-las.

Não me terei deixado abandonar às seduções da presunção, em presença da beleza de Tuas obras? Não estarei eu propondo o meu próprio renome entre os homens, elevando um monumento que deveria ser consagrado à Tua glória?

Oh, se assim for, acolhe-me em Tua clemência e dá-me a graça de impedir que minha obra sirva ao mal e que ela possa contribuir para a glória e saúde dos espíritos!

SOLILÓQUIO

Por MANUEL CAVACO

Deus, por linhas tortas, escreve direito; até da maldade humana tira proveito; porquanto dá a bem-aventurança a quem sofre por amor da justiça, a quem sofre humilhações, perseguições e ultrages ou outros martírios infligidos pela maldade humana; a mesma maldade serve para corrigir aqueles que a praticarem e que, mais tarde, sofrem as consequências dela; e deste modo, quem as faz, de si sòmente se deve queixar, quando achar desagradável a justa compensação colhida do seu procedimento; e assim, «por linhas tortas, Deus escreve direito»... Quer isto dizer que as vitimas da maldade humana gozarão a bem-aventurança a que têm jus, não só pela promessa divina, como também por efeito causal; sendo o sofrimento crisol, o efeito é compensador; além disso merecem a devida reparação dos seus algozes, a qual virá a seu tempo: «Deus escreve direito por linhas tortas»; a justiça imanente é um dos meios da Providência Divina para dar à evolução humana um progresso constante.

Pela justiça consciencial, a justiça imanente, a justiça divina, cada um de nós cumpre os seus deveres, resgata-se das suas obrigações e repara os danos causados a outrem.

Diz a sabedoria popular que «neste mundo se fazem, neste mundo se pagam»; para se dar crédito àquela sentença, somos forçados a acreditar na pluraridade de existências; visto que, numa única existência terrena, muita gente escaparia àquela sentenca que, não sòmente merece todo o crédito, como não admite excepções conforme se depreende da justiça verdadeira.

As reencarnações, aqui ou ali, nesta ou naquela situação social mais conforme com a necessidade evolutiva de cada um de nós, são também linhas tortas pelas quais Deus escreve direito.

Serviço Espirita de Informação

DO RIO DE JANEIRO

Não dê a seu filho brinquedo ou publicação de guerra. Contribua para que ele seja um instrumento de paz.

MEDIUNIDADE NO CÁRCERE

Depois de Edson Matos, agora Walter Miranda apresenta esta pequena mensagem recebida na Escola Paulo de Tarso, da Penitenciária Central do Distrito Federal:

«A perda de um ente querido, familiar, não constitui motivo para desespero.

«Lembrai-vos que a vida é eterna e que a mudança de um para outro lado é Lei que todos terão de cumprir.

«Suponde que ides fazer uma viagem e ao regressar encontrareis a todos os entes queridos. Assim é a mudança da vida material para a vida espiritual.

«Apenas uma viagem...

«Quer partindo ou regressando, encontraremos sempre aqueles que estão ligados ao nosso pretérito.

«Não esqueçais, porém, que a vida espiritual é muito mais séria, porque nela colheremos os frutos que plantamos na Fazenda da vida material».

CENTENÁRIO DE GABRIEL DELANNE

Transcorrerá a 23 de Março de 1957 o Centenário de Gabriel Delanne, sábio italiano que estudou profundamente o Espiritismo Experimental, divulgando obras, entre as quais cinco foram traduzidas para o português e editadas pela Federação Espirita Brasileira.

Delanne precisa ser relembrado pelos espiritas do Brasil. Alimentados pela seiva de amor evangélico que parte da mediunidade de Chico Xavier, o aspecto científico da doutrina tem ficado para trás em nosso meio. Richet, Crookes, Aksakof, Gibier, não frequentam as nossas estantes, razão por que já ouvimos um pregador de muita responsabilidade dizer que não podia provar a reencarnação, como se em Espiritismo também houvesse artigos de fé.

Este é um facto deveras impressionante, quando se sabe que Delanne em sua obra «A Reencarnação» demonstrou experimentalmente, pode-se dizer, a verdade reencarnacionista, e Carlos Imbassahy, seu tradutor, secundou-o em obra própria.

Por tudo isso louvamos a iniciativa da Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos (da O. E. E.) pelo concurso aberto entre os moços do Rio e Niteroi sobre Gabriel Delanne e sua obra e cujas bases serão lançadas brevemente.

SOCIEDADE CRISTÃ MARIA E JESUS

Fundada em 8 de Dezembro de 1955, teve seus estatutos aprovados em Assembleia no dia 7 de Setembro deste ano a Sociedade Cristã Maria e Jesus, cujo programa se alastra por vários sectores de actividades desde a divulgação até à assistência social: maternidade, infância, mendicância e recuperação de delinquentes ou transviados.

De início, o seu presidente, Sr. António de Albuquerque Cordeiro, tem promovido a vinda de pregadores ao Rio e patrocinado cursos leccionados por Pietro Ubaldi e Humberto Rohden. As conferências destes dois grandes nomes do espiritualismo no Brasil e no mundo e do tribuno baiano Divaldo Pereira Franco nos melhores auditórios e nos Centros e Tendas da Capital deve-se ao seu devotamento e dinamismo.

PANORAMA

Focalizámos Vacaria e hoje novamente estamos no Rio Grande do Sul, mas, desta vez, em Bagé.

O movimento espirita de Bagé conta com 9 instituições: o Núcleo da Cruzada dos Militares Espiritas, a Tenda Espirita Francisco de Paula, os Centros Espiritas «Adolfo Bezerra de Menezes», «Luz e Amor de Jesus», «Allan Kardec», «Amor e Caridade», «Léon Denis», «Antero Azevedo» e o Grupo Espirita «O Bom Samaritano».

Em Agosto articulou-se a fundação de um Posto Público da Legião da Boa Vontade.

Dois programas de Rádio irão ao ar semanalmente: «A Voz do Evangelho Segundo o Espiritismo», dirigido por Miguel Cazzané Filho, representante local do S. E. I., na Rádio Cultura de Bagé e «Alma do Evangelho», na Rádio Difusora.

Na parte de assistência, Bagé mantém, por intermédio do seu movimento espirita, a «Instituição de Assistência Social», com sete anos de actividade e a «Legião Espirita de Protecção à Infância», com seis anos. A protecção à velhice é feita pela «Sociedade Legionários do Bem».

Em todas elas, não se indaga a crença, raça, cor ou quaisquer particularidades dos assistidos, seguindo a regra universal de que o amor não tem fronteiras.

Bagé participa do movimento esperantista, mantendo um curso permanente ministrado pelo Dr. João Correia Severo, em salão cedido pelo Centro Espirita «Luz e Amor de Jesus».

Vamos, assim, compreendendo por que o Espiritismo se recomenda. Há um grande desejo de prestação de serviço directo, exemplificando, na prática, a pregação e a propaganda da doutrina, tal como prega e exemplifica o notável tribuno baiano Divaldo Pereira Franco.

REDENÇÃO DOS LEPROSOS

A revista *Boa Vontade*, de Outubro, divulgou importante trabalho de um médico atacado do mal de Hansen (lepra).

A tese de que a lepra é muito fracamente contagiosa e assim mesmo para pessoas predispostas, é desenvolvida por quem conhece o assunto, não só profissionalmente, como também por haver sentido na própria carne todo o horror da reclusão em quase uma existência.

Está pois na rua o debate que tem, de facto, muito de sensacional. Até aqui os especialistas guardaram

Aos Assinantes de "Estudos Psíquicos"

No final deste número ter-se-ão completado 17 anos de existência atribulada em defesa do Espiritismo. O 1.º número começou com a segunda guerra mundial e este sai numa circunstância grave, quase semelhante à primeira. Dezassete anos a mourejar incessantemente, sem um dia de folga, explanando e divulgando com sacrifício da própria vida. Os leitores compreendem...

«Estudos Psíquicos» já não pode manter o seu preço e somos obrigados a elevá-lo, como há pouco fizeram os jornais diários, não obstante a farta e caríssima publicidade que lhes baseia a vida. Nós carecemos de auxílio, porque vivemos apenas de assinaturas.

A mudança de papel a que somos obrigados, a queda do cruzeiro e a diminuição de assinantes em Portugal são três motivos fortes da nossa resolução de hoje, esperando não só que todos concordem com este aumento, como também que cada assinante procure trazer-nos mais um ou dois.

De Janeiro de 1957 em diante o preço desta revista será o seguinte:

Continente e Ilhas	6 números	36$00
» »	12 números	72$00
Ultramar	12 números	80$00
Brasil	12 números	Cr$ 120,00
Estrangeiro	12 números	3 dólares

Número avulso	6$00
Número atrazado	7$00

Estes preços serão acrescidos das despesas de cobrança, no continente e no Ultramar.

com avareza esse conhecimento que envolve imensos interesses morais das vítimas, arrancadas ao convívio social. Todavia a própria reclusão está em vias de ser condenada.

É preciso enquadrar esse facto cientificamente positivo e devido, principalmente, à descoberta das sulfonas, na tela da aproximação do Terceiro Milénio. Desde que se torna possível à humanidade viver sem lepra, Deus deu os meios com que vencê-la.

MENSAGEM SOBRE F A W C E T T

Constância, revista espirita de Buenos Aires, Argentina, deu curso ao texto de uma mensagem traduzida no *Two Worlds,* recebida mediùnicamente, esclarecendo pormenores do desaparecimento do Coronel Fawcett, o explorador inglês que, há 30 anos, se embrenhou nas matas do Brasil Central, para nunca mais regressar.

Estelle Roberts, médium de voz directa, obteve as mensagens, facto que deveria ter a máxima repercussão em todo o mundo, não fosse o preconceito, ainda existente, em certos meios de divulgação, contra os fenómenos espiritas.

Fawcett, ao embarcar, guardou segredo de suas intenções, visto pretender descobrir uma cidade perdida no coração do Brasil. As suas últimas notícias vieram de Campo do Cavalo Morto, em Mato Grosso, e depois diversas tentativas foram feitas para descobri-lo ou coligir dados sobre o seu desaparecimento. A própria esposa de Fawcett fez sessões com Estelle Roberts, esclarecendo, ponto por ponto, as dolorosas aventuras de seu esposo, contadas por espíritos amigos e, posteriormente, por ele próprio.

Grande estudioso de ocultismo, foi tido pelos índios como feiticeiro e, por isso o mantiveram semi-prisioneiro. A solidão fez desenvolver ainda mais as suas qualidades psíquicas e chegou a visitar os seus, em espírito, antes de morrer. Veio, afinal, a falecer de febres e castigado de picadas de insectos, em circunstâncias descritas pelos espíritos, as quais, há 3 anos passados, obtiveram confirmação, quando encontraram os seus ossos à margem do Rio das Mortes.

OUTRA REVISTA NAS BANCAS

Está sendo vendida nas bancas de jornais do Rio de Janeiro a revista *SEPE,* sob a responsabilidade do Dr. Pena Ribas, Nelson Baptista de Azevedo e Dr. Carlos Imbassahy.

Da palavra deste último, *SEPE* insere um artigo destinado a ampla repercussão, sob o título «Do Evangelho. Suas prováveis origens, sua autenticidade, sua autoridade».

Em amigável polémica, G. Herculano Pires, de S. Paulo, como que contesta Imbassahy, em «O Espiritismo e Cristianismo», publicado no mesmo número.

O ESPIRISTISMO UNE AS NAÇÕES

Livramento, na fronteira com o Uruguai, está separada de Rivera, apenas por uma rua, vivendo brasileiros e uruguaios na mais cordial fraternidade.

Desejando levar aos irmãos da pátria de Artigas conhecimentos do Espiritismo, uma confreira uruguaia prontificou-se a ler textos da codificação em sua língua, promovendo animador intercâmbio.

Ao relatar a notícia, o correspondente do S. E. I. vislumbra estar nisso o exemplo de como deva ser a humanidade do futuro, sem preconceito de raça ou casta, sem fronteiras geográficas ou espirituais.

Fazemos votos para que esse exemplo frutifique e outras cidades fronteiriças dediquem aos irmãos das pátrias irmãs alguns minutos das horas que Deus lhes dá.

MÁXIMAS DO MUNDO

por JOSÉ CORREIA DE OLIVEIRA

I

Na época em que vivemos, o sentido da espiritualidade ao impulso do amor cristão, da bondade, da fraternidade, afectividade e tolerância, não são positivos na prática do conhecimento evangélico.

A pouca solidez na ideia da continuidade do pensamento doutrinal, fundamental mesmo, que se contém nas máximas do Evangelho, fracassou ao contacto da vida de hoje.

Deus promulgou preceitos cheios de amor, saturados de caridade, que deveriam levar todo o ser ao oásis e o mundo à unidade cósmica, conseguindo o equilíbrio das suas forças e a harmonia das suas paixões ao redor de um sentimento sobre-humano da ideia humanitária, onde tudo se disporia para o bem: tudo, até a prova, o sentimento que dulcificasse os males da humanidade sofredora, evitando o perigo e a dantesca ameaça do emprego de meios de destruição da terra; fundindo, no mesmo amplexo moral, a bondade sem perfídia, o amor sem ódio e a luz sem a treva, o Cristianismo, tal qual Jesus escreveu há dois mil anos e que teve por base a verdadeira moral cristã, que foi oportuna e praticada em outros tempos, mas que, agora, não se compreende mais pela divergência de conceitos nele emitidos.

As máximas do mundo têm vinte séculos. E ainda se desconhece a única fórmula clara e precisa de fraternidade, a fraternidade que o Cristo pregou. «Ama o teu próximo como a ti mesmo».

★

Na actualidade, poucos são os que se dispõem a levar aos necessitados uma palavra confortante de bondade e de solidariedade, a esmola que o Evangelho recomenda deve ser «dada de modo que a mão esquerda ignore o que faz a direita».

Reconhecer o bem é um dever; e praticá-lo, uma obrigação que a moral cristã impõe às consciências esclarecidas.

É consolo dar aquilo que não nos faz muita falta. Mas, que será dos pobrezinhos e humildes, abandonados e sós, num mundo egoista que tem pressa de viver e de gozar e que, por isso mesmo, nem sequer detém os passos um minuto diante do sofrimento alheio?

A função espiritual é esclarecer as consciências adormecidas e os espíritos perturbados.

Para isso, não basta explicar a fé. Não é possível iluminar sem ter luz. Não é possível ensinar sem aprender: «Ide e ensinai o Evangelho à todas as criaturas». E não tenhas dúvida, meu irmão, de que é súbtil repousar à sombra dos loiros colhidos, porque o povo quer factos e pouco se interessa pelos princípios abstractos, mas é indispensável e implica na exigência que as convulsões sociais criaram; um estimulante agradável na vida do homem e um revulsivo poderoso na melhoria dos espíritos: levar o CRISTO a quem o desconhece ou o nega.

(Continua)

OS ESPIRITAS E A BÍBLIA

por ALFREDO MIGUEL

Pessoas que têm lido nossos escritos perguntam-nos o que pensamos da Bíblia, ou melhor, se o Espiritismo adopta a Bíblia ou a despreza. Ora, a resposta a essa interpelação não a podemos dar numa palavra. Porque, se dissermos que os espiritas admitem literalmente a Bíblia, não estamos sendo muito exactos; se declararmos que a rejeitam, distanciamo-nos um pouco da verdade. É que os espiritas são, antes de tudo, criaturas que pensam com a sua própria cabeça, e a Doutrina que eles professam manda que examinem tudo, comparem, deduzam, para que do raciocínio emane a convicção na medida de sua capacidade de entender as coisas. Ninguém é constrangido a crer no que escape à compreensão, porque isso seria a despersonalização do indivíduo, a obsequência servil, o automatismo. Daí um bom número de espiritas que se apegam à Bíblia, quase como o maometano se apega ao Alcorão; e outros que preferem não gastar tempo com a leitura dela, pelo menos daquelas histórias esquipáticas do Velho Testamento onde tanto se fala em morticínios e coisas feias. O que ninguém por cá deixa de ter na mais alta valia é o Novo Testamento; queremos dizer, as narrativas dos quatro evangelistas, graças às quais ficamos conhecendo a doutrina de Jesus. Mesmo assim, aqueles relatos arrolam certos detalhes que os espiritas mais circunspectos põem de parte, como, por exemplo, o que retrata o Mestre, enfurecido, a chicotear os que vendiam no templo, derrubando móveis, como se Jesus fosse um homem atrabiliário e violento.

O Antigo Testamento, dizíamos, contém histórias extravagantes, e, mais do que isto, de tal maneira absurdas, que não fica bem a um homem deste século aceitá-las, nem mesmo a pedido... Lá está, *verbi gratia,* que certo personagem foi tragado por um enorme peixe, em cujo ventre passou três dias, sendo expelido vivo... Conta-se que um outro, tomando duma caveira de jumento, entrou em luta com mil homens, ferindo a todos... Ao longo daquelas «sagradas» páginas vê-se «Deus» a todo momento inflando-se de ira, fazendo vir à terra as piores calamidades, trovejando ódios e maldições, ordenando o extermínio dos inimigos e até de seres inocentes. Ali dita ele mesmo — «Não matarás»; mais adiante impõe o — «olho por olho, dente por dente», como norma de se castigar o crime... O livro de Ester não é leitura que se recomende a uma jovem. Há outros contos escabrosos que um pai sensato não mostrará aos seus filhos.

Objectarão, possìvelmente, que várias narrações da Bíblia os espiritas encampam, e até delas se servem, a fim de pôr em relevo a legitimidade de sua Doutrina.

Mas, que deduzir desse facto? Que os espiritas refugam a Bíblia no que ela está contra a verdade e a razão; e a reconhecem no que a razão e a verdade estão com a Bíblia.

Crónica Mundial

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

INSTITUTO DE CLÍNICA PSIQUIÁTRICA ESPIRITA

O *Ateneu de Propaganda Espiritista «Allan Kardec»*, de Buenos Aires e adeso à *Conferação Espirita Argentina*, difundiu um folheto, no qual chama a atenção dos espiritistas argentinos para o número alarmante de obsidiados que povoam os nosocómios sem esperança de alivio por falta de meios próprios e apresenta um anteprojecto da criação do *Instituto de Clínica Psiquiátrica Espiritista* para a cura integral do indivíduo, mediante o equilíbrio da ciência médica e a contribuição da ciência espirita.

Há muitos anos que temos preconizado a necessidade urgente da união entre a medicina oficial e a medicina psíquica. Não se contam as referências que lhe fizemos, à espera do momento propício.

O projecto alude à construção de um *Instituto e Clínica Psíquico-mediúnica* num terreno de 2.500 metros quadrados a comprar em Buenos Aires ou suas imediações, constituído por várias dependências, entre as quais de estudos comparados, clínicas externas, observações, arquivo e biblioteca, sessões experimentais mediúnicas, difusão científica nacional e estrangeira, farmácia, refeitório, cozinha e depósito geral. O resto do terreno será destinado a jardim, parque com comodidades para entrada de veículos. A obra está orçada em 2.000.000 de pesos.

Eis como no folheto se encara o significado do projecto:

«Será uma contribuição social e directa do Espiritismo Argentino para solucionar o difícil problema da psiquiatria integral, visto que, neste momento, a experimentação e documentação registadas em todo o mundo demonstram o valor dos intermediários psíquicos e mediúnicos em todos os casos inerentes ao astral (perispírito), à alma pròpriamente dita considerada como valor *causal* e nas interferências perturbadoras de entidades astrais em certos indivíduos que na maioria dos casos anulam e obsidiam a acção psíquica, conduzindo à loucura, ao suicídio e ao crime.

«A ciência médica, que possui conhecimentos materiais e sacrificadamente trabalha com todas as contribuições registadas no progresso geral para melhor vencer as doenças e desequilíbrios humanos, tem o dever de aprofundar o valor das verdades eternas provenientes de toda a parte e através da mediunidade. Nesse equilíbrio indispensável que já se observa no Brasil e na Inglaterra, com resultados positivos, se deve buscar a causa de esforços sempre malogrados, em virtude das interferências espirituais perturbadoras e outras inerentes à natureza da alma.

«Colocada então a mediunidade sob a fiscalização directa da Psiquiatria Integral, a humanidade terá dado um grande passo no caminho do progresso, que é infinito. E a ciência brilhará no seu apogeu, compreendendo por que há filosofias que, semelhantes à nossa, conduzem a Deus pela Ciência e pelo Amor. A direcção médica do Instituto será entregue a um professor de psiquiatria e não se cuidará de ideologia, religião, raça ou nacionalidade. Solicitar-se-á das autoridades a equiparação aos hospitais civis».

O esforço dos confrades argentinos é digno de louvor, já que a sociedade continua a lutar com falta de hospitais e clínicas, onde a coorte imensa de obsidiados possa encontrar lenitivo e remédio para o seu mal. O Brasil permanece na vanguarda do benfazer e tem dado numerosos exemplos de quanto pode a vontade. Imitêmo-lo ou procuremos, mesmo à distância, seguir-lhe a esteira luminosa que fará dessa grande nação um verdadeiro guia do mundo livre.

DECÁLOGO DA BOA VONTADE

A *Legião da Boa Vontade* fundada por esse paladino que se chama Alziro Zarur, congrega neste momento milhares e milhares de adeptos recrutados em todos os credos religiosos e espiritualistas. O seu órgão atinge mais de 50.000 exemplares de tiragem mensal, repletos de fotogravuras elucidativas deste franco movimento.

Alziro Zarur é espirita — fez a profissão de fé na sessão de homenagem que nos prestaram na Associação Brasileira da Imprensa — e lançou ombros à *Cruzada de Religiões Irmanadas*, que continua aliciando o povo brasileiro.

Eis o *Decálogo da Boa Vontade* irradiado pela «Hora Espiritualista João Pinto de Sousa», dirigida pelo nosso inteligente confrade Geraldo de Aquino:

1 — Deus não é propriedade de crenças ou igrejas particulares. Deus é amor e nada existe fora dele. Quem não ama a seu próximo não ama a Deus.

2 — É terminantemente proibido menosprezar a religião do próximo, porque há tantas religiões quantos os graus de entendimento espiritual.

3 — Se Deus respeita o livre arbítrio das criaturas, quem somos nós para não o respeitar?

4 — Os maiores criminosos são os que pregam em nome de Deus.

5 — É francamente condenado na LBV o farisaísmo religioso, segundo o qual se adora a Deus através de várias religiões ao mesmo tempo.

6 — Cada Legionário adopta uma só religião, de acordo com o seu grau de entendimento espiritual, honrando a crença por palavras, pensamentos e actos inspirados na parábola do «Bom Samaritano».

7 — Ninguém será salvo pela religião que professa, mas pelas boas obras que praticar, em cumprimento dos mandamentos divinos.

8 — Aos cegos e aos ignorantes não se pode ter ódio. Eles merecem compaixão e o dever de cada Legionário é ajudá-los a viver melhor. O mesmo critério se aplica aos ignorantes espirituais.

9 — A *Legião da Boa Vontade* defende a liberdade religiosa de acordo com o livre arbítrio do homem, o direito estabelecido pela Organização das Nações Unidas e a Constituição Brasileira, que diz no parágrafo sétimo do artigo 141: «É inviolável a liberdade de consciência e de crença e assegurado o livre exercício dos cultos religiosos».

10 — A *Cruzada de Religiões Irmanadas* da *LBV* — o único meio de neutralização do materialismo ateu não é produto de mentes humanas, e sim uma ordem do Mestre Jesus, como dádiva do seu amor à humanidade.

Estudos Psíquicos encontra-se ao lado de Alziro Zarur e dos *Legio-*

nários da Boa Vontade. Todas as religiões são necessárias à evolução humana e por isso devem merecer o acatamento de quantos se prezam de raciocinar. Assim ensina o Espiritismo e assim o proclamamos nós do alto destas colunas. As actividades místicas fazem parte da vida consciente e inconsciente. Respeitemo-las para que nos respeitem.

FÉRIAS NUMA CASA ASSOMBRADA

O *Parisien Libéré* publicou um artigo acerca das estranhas férias que a família Géreau, de Drancy, passou no pequeno burgo de Puy-de-Dôme, em Saint-Martin d'Olliè-res. A pacata família (pai ,mãe e quatro crianças) instalou-se numa casa de rés-do-chão e primeiro andar, precisamente no dia 8 de Julho do corrente ano, e durante a estadia foram de vez em quando importunados por um espírito batedor.

O articulista diz que estas histórias provocam hilaridade, mas a pobre família é que não tem vontade de rir. A senhora Janine Géreau afirmou que até 26 daquele mês nada ocorreu de anormal. No dia 27, porém, quando a avó foi deitar a neta Josyane, de 10 anos, e os dois netinhos que dormiam no primeiro andar, um barulho aterrador ressoou em toda a casa. Pareciam pancadas de tamancos no soalho do andar superior.

«Meu marido — acrescenta — subiu as escadas, mas nada descobriu no quarto dos filhos, que tremiam de medo sem saber de onde vinham as pancadas. O seu primeiro pensamento foi que algum «engraçado» se lembrara de fazer partidas de mau gosto. E pegou num grande cacete e saiu para a rua disposto a castigar o autor da «serenata». Mas também nada viu de susneito nas cercanias da casa.

«Na tarde do dia seguinte e à mesma hora, o barulho recomeçava. Desta vez falámos nisto aos vizinhos, que se riram muito. Foi quando os guardas-campestres se dirigiram a Brasac-les-Mines».

A senhora Géreau continua:

«— Notei depois que os fenómenos se repetiam, mas paravam logo que o pai intervinha. A luz dos quartos não assustava o *espírito batedor*, que se calava, quando iluminavam o quarto das crianças. Isto levou os guardas a pensar que a causadora dos fenómenos era Josyane, que se divertia à custa das pessoas crescidas. Retirámo-la para outro quarto, mas as pancadas recomeçaram com maior intensidade ao cair da noite: Só então os guardas se lembraram de alguma intervenção do Além. Interrogaram Josyane, que é absolutamente normal, embora um pouco nervosa e nada concluiram».

Os fenómenos foram presenceados por muitas pessoas. O cura apaixonou-se pelo caso e levou à casa assombrada um gravador de som, no qual gravou um curioso diálogo com o espírito.

«— Voltarás ainda? — perguntou.

«— Sim.

«— Queres-nos mal?

«— Não».

Josyane passou a dormir na casa de um vizinho e nada se produziu na casa assombrada. Nesta altura, os pesquisadores desanimados disseram à pobre mãe:

— Talvez a sua filha seja médium. Mande-lhe examinar os nervos, logo que chegue a Drancy.

A perplexidade era geral. Os guardas, o cura, o presidente da câmara e grande número de curiosos não falavam noutra coisa.

Não fazemos comentário. Registamos o acontecimento e limitamo-nos às seguintes palavras: «Quem não sabe é como quem não vê».

PINTURA INTUITIVA

O *Echo Dimanche d'Oran*, de 12 de Agosto, informa que os habitantes de Mostaganem conhecem de nome a poetisa *Rêva Rémy* (Senhora Prost) que acaba de descobrir no seu talento a pintura intuitiva. Além de secretária do Clube dos Poetas de Mostaganem é delegada na África do Norte da Agência Francesa de Informações Culturais.

Quando lhe fizeram perguntas acerca de pintura, respondeu que em Agosto de 1955 começou a pintar de forma que ela própria não sabe esclarecer. Sentira-se atormentada com a necessidade de linhas e cores, sem possuir conhecimentos técnicos, quando uma força invisível e independente a obrigou a pinceladas fantasistas, dando liberdade a seus anseios harmoniosos.

Perguntada sobre a sua técnica e os seus projectos, respondeu:

— Não tenho projectos. Eu pinto para materializar os meus sonhos, para exprimir as visões íntimas, os arrebatamentos e os instintos. A minha pintura é intuitiva e a minha técnica é exaltada ao sabor da inspiração. Às vezes sinto-me substituída por um sopro invisível. Atinjo então os primeiros domínios da pintura mediúnica.

O jornalista achou justa a definição de «pintura mediúnica», em virtude das numerosas tintas, do turbilhão de luz, de alegria, do mundo cálido e irreal com que ela deslumbrava as imaginações ardentes.

— Talvez seja o reflexo dos problemas metafísicos que me preocupam. É graças a eles que me desprendo às vezes das angústias da época para colher no céu um pouco da alegria que lançarei em ondas luminosas neste pobre mundo.

Rêva Rémy é fervorosa adepta da fraternidade universal. Em sua opinião, é a única maneira de resolver os problemas do mundo.

— Se puséssemos em prática o «amai-vos uns aos outros» — exclama ela — prestes encontraríamos equilíbrio e felicidade.

E o seu interlocutor conclui, dirigindo-se à poetisa:

— Tudo é belo e grande, *Réva Rémy*. É preciso cantar cada vez mais a nossa fé, mesmo quando o sangue corre. As mulheres, por serem mães, devem ser as primeiras a construir a esperança e a Paz...

Não há dúvida. O Além não se esquece do Aquém. Jornalista e pintora irmanavam-se na mesma aspiração de harmonia e de beleza humanista.

SEMANA ESPIRITA DE NITERÓI

De 23 a 30 de Setembro realizou-se a 4.ª Semana Espirita de Niterói sob os auspícios da Federação Espirita do Estado do Rio e presidência de honra do Major Dr. Luís Gentil, um dos melhores ornamentos do Espiritismo brasileiro. Além de reuniões fraternas, números de arte, saudações, visitas tendentes a maior aproximação entre confrades e instituições, houve numerosas conferências a cargo de oradores notáveis, como o nosso redactor-correspondente Deolindo Amorim, o Dr. José Augusto Miranda Ludolf, o Dr. Randolfo Pena Ribas, o deputado Campos Vergal, o professor Ramiro Viana, o Coronel Euclides Fleury, o nosso colaborador Dr. Carlos Imbassahy e Humberto de Aquino. O encerramento esteve a cargo do Major Gentil, um companheiro inesquecível em nossa viagem à cidade de Campos. O General Ivan Madeira Coelho teve a seu cargo o programa das visitas e saíu-se admiràvelmente da espinhosa tarefa.

Lamentamos que a falta de espaço não permita maior referência ao acontecimento. Não queríamos, porém, encerrar este ano de *Estudos Psíquicos* sem esta referência de solidariedade e amizade.

Notas & Comentários

«RACISMOS»

O nosso «fundo» de Junho último, intitulado «Racismos», mereceu várias transcrições da imprensa espírita brasileira pelo seu conteúdo humano e espírito de justiça que releva. Agradecemos a solidariedade desses confrades e amigos.

De moto próprio não costumamos aludir a referências à nossa posição no movimento espírita luso-brasileiro. Quando abrimos excepção é para endossar o preito aos gladiadores da falange, tão simpáticos, tão fogosos, tão zeladores da Doutrina, que nos servem de estímulo e dão juventude ao bom combate.

Graças a Deus, que podemos falar nos inconvenientes do racismo, gerador de ódio e revolta surda, tendente ao desequilíbrio e à dor do mundo. Portugal e Brasil baniram do coração essa tara que inferioriza os homens, como se não tivessem todos igual direito à vida. Sempre assim pensámos; mas a nossa viagem às terras de Vera Cruz revelou-nos quadros maravilhosos que ficarão para sempre a iluminar-nos. Não é a casta, não é a cor que se impõe. Ninguém pensa nessa frioleira que constitui a maior desgraça das modernas gerações. Homens de cor vimos nós a dirigir outros de «puro sangue ariano». E faziam-se obedecer sem custo, porque, na base da questão, estava o valor intelectual ou moral. Esse é que prevalecia, esse é que deve prevalecer em todos os actos para que haja fraternidade e alegria, para que haja paz e trabalho.

Agradecemos as transcrições. Elas provam que estamos acompanhado, que o nosso caminho é de bom senso e que esta revista é necessária ao rejuvenescimento e consolidação dos postulados espíritas.

O jornalismo, seja qual for, obriga ao maior aprumo. Mas o nosso é de aprumo e de renúncia. A injustiça deve apontar-se com serenidade e calma, que às vezes dela não são culpados os fautores aparentes. Os olhos, que vejam muito; e as bocas, que falem pouco e acertado, porque o falar demais nem sempre esclarece quem está confuso. Mostremos as chagas, quando soar o minuto e haja remédio lógico.

«MAS ALLÁ»

Acaba de chegar uma nova revista de Psicologia, Ciência e Espiritismo. Intitula-se «Mas Allá» e publica-se em Cuba.

O seu editorial «Aqui Estamos» é pequeno e sucinto. Um grupo de crentes a lançou para circular mensalmente não só em Cuba, terra de liberdade, como nos países civilizados que a apreciem: «La revista MAS ALLÁ (Mais Além) es parte de uma cadena editorial para lograr la unidad y divulgación de la obra espiritual, y tú, hermano lector, eres un eslabón, base de nuestro triunfo».

Este 1.º número é relativo a Setembro de 1956. Matéria variada em grande formato a três colunas de papel couché, nas quais predomina o médium Jak, que nos parece ser o sr. Angel de la Vega, receptor de obras de carácter místico-científico, a publicar sucessivamente. O primeiro folhetim, intitulado «El Eslabón Perdido» (O Elo Perdido), título de um artigo do nosso antigo correspondente Rufino Juanco, há tempos desencarnado, é extraído de três livros inéditos e começa com dez postulados einstenianos e trinta proposições correlativas de índole transcendente, tudo acima da inteligência humana, segundo afirmação do autor espiritual. No artigo «Los Falsos Espiritas», Carlos Martin desmascara «uma señora en la calle Aguila, n.º 922, nombrada Amelia» por dar consultas pagas e fraudar descaradamente, terminando por convite aos leitores no sentido de lhe contarem casos semelhantes, a fim de os publicar na revista. Este número insere também um relato de sessão mediúnica realizada no centro «La Luz de Bárbara», no qual se fazem invocações à margem da codificação cardeciana e se reza um «padre-nosso» e um «Credo» e «pede ao Santíssimo», a-propósito disto e daquilo, e se aconselha a pagar promessas a São Lázaro.

Se, de facto, «Mas Allá» se apresenta como revista científica, deve ter o maior cuidado em determinadas expressões e notícias que induzam o público em erro, principalmente o europeu, ao qual se dirigem, igualmente, as suas palavras. Cá estaremos para louvar ou reparar, em sentido construtivo, porque o Espiritismo necessita de obreiros cuidadosos que saibam extremar o trigo do joio. Entretanto saudamos a revista cubana e desejamos-lhe coerência, a par da maior ventura. Que nós possamos em breve transcrever os seus artigos cheios de luz espiritual e orientadores de boa doutrina.

O CENTRO ESPIRITA «JUDAS ESCARIOTES»

Na cidade de Franca, Estado de S. Paulo, há um Centro Espírita intitulado «Judas Escariotes», fundado em 1946 pelo grande abnegado José Russo, que já dirige, como provedor, a Casa de Saúde de Allan Kardec, da mesma localidade. Tem seis departamentos assistenciais: Albergue Nocturno, a funcionar há seis anos, com relevantes serviços aos necessitados; uma biblioteca com centenas de volumes espíritas e de outros ramos do conhecimento; um Curso de Esperanto com elevada frequência de alunos; uma Escola de Médiuns, onde se cuida do estudo teórico e prático da mediunidade; uma Escola Evangélica com mais de 100 crianças dos dois sexos e Farmácia Homeopática. Um centro que trabalha activamente, dando exemplo de isenção e sacrifício.

Além destes departamentos que tivemos ensejo de apreciar numa visita breve, vimos um enorme salão para cinema gratuito e conferências mensais. Vai criar um Curso de Dactilografia, um Parque Infantil com todas as instalações apropriadas, um Teatro Instrutivo de amadores, uma Tribuna Livre destinada a pregadores e ministros de qualquer religião, e uma Escola de Corte e Costura, Flores, Bordados, etc. Tudo isto gratuito.

É impressionante o interesse de José Russo pelos necessitados de pão e luz espiritual. Simples e modesto no porte, alberga no coração verdadeiros mananciais de ternura, que transparecem em seus belos artigos no jornal «A Nova Era».

Estas linhas são de anotação singela e de saudação. Que ele prossiga e que o Centro Espírita «Judas Escariotes» se desenvolva cada vez mais.

Noticiário

FESTIVIDADE ESPIRITUALISTA

Decorreu num ambiente de alegre confraternização a sessão cultural recreativa que, para início oficial das suas actividades no ano 1956-1957, foi promovida pela *Fraternidade Esotérica* na Casa da Comarca de Arganil que, para aquele efeito, cedeu gentilmente o seu belo Salão de Festas.

A referida sessão efectuou-se no dia 25 de Outubro último e foi agradável registar que nela tomaram parte membros de todas as colectividades espíritas e espiritualistas lisbonenses que amàvelmente acederam ao convite que a colectividade promotora lhes endereçara.

Constou a sessão festiva de recitativos e de agradáveis números de canto intercalados de uma conferência proferida pelo estudioso confrade sr. Manuel Maria Gomes, subordinada ao título «O Fim do Mundo ou os Tempos que são Chegados, segundo a Ciência e segundo a Bíblia».

O conferente teve de se alongar para estudo dos pontos essenciais, tendo prendido a atenção da assistência durante mais de hora e meia. Mas fê-lo com clareza e naturalidade.

A esta parte da sessão presidiu o Dr. Leonel de Carvalho, presidente da Direcção da Casa da Comarca de Arganil, que convidou para secretariá-lo alguns representantes das colectividades presentes. O Dr. Leonel de Carvalho, depois da conferência, apreciou o trabalho do confrade Manuel Gomes, que impressionou a assistência.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Como estava anunciado, o Dr. Moreno da Fonseca realizou uma conferência no Centro E. Luz e Amor intitulada «Paz no corpo e na alma». O trabalho deste nosso colaborador versou o tema da alimentação racional com grande propriedade, demonstrando os traumatismos psíquicos advenientes do abuso do álcool e do tabaco, ao lado dos excitantes de toda a espécie que transtornam a vida do homem, mantendo-o em perturbação constante. Aludiu ao pessimismo e a certos males que atraímos por temperamento, um dos quais é a intoxicação digestiva com úlceras no estômago e duodeno. Falou nas doenças agudas, subagudas e crónicas, e na reacção orgânica até à desagregação final.

Em seguida descreveu o calvário das adaptações forçadas, sempre no desejo instintivo de buscar o equilíbrio tendente à saúde normal.

Falou de orientação profissional, para mostrar a necessidade da orientação de saúde, muito mais importante e de maiores consequências na vida orgânica e espiritual. Disse que sem saúde não há paz de espírito. Apontou os impassíveis com ausência de integridade e pessoas de fígado expansivo que têm bom apetite e são levadas ao prazer da mesa, os quais teriam grandes virtudes se fossem conduzidos à moderação. Os que se abstêm por necessidade, não têm virtude.

Referiu-se à selecção natural e aos antibióticos que, salvando 40 % das crianças atacadas de meningite tuberculosa, limpam os micróbios bons e... maus. Enfim, nascemos com potencial de vida e morre-se, porque esse potencial se esgotou. Podemos viver bem com pouca alimentação desde que haja equilíbrio. E a título de informação disse que não tomava «pequeno almoço» e raras vezes ceava.

É impossível resumir numa coluna a bela lição do conferencista. No final, deu exemplos de cardápios para sãos e doentes.

A higiene do corpo anda a par da alimentação e da disciplina mental. Isto se deduz das considerações feitas pelo orador, em estilo familiar, mas persuasivo e correcto.

Toda a assistência seguiu com a maior atenção as várias facetas do sugestivo tema e o presidente da direcção congratulou-se com o esforço realizado pelo Dr. Moreno da Fonseca em prol de uma raça melhor.

Foi uma tarde interessante, em que todos ganharam, excepto os que não puderam assistir.

CORRESPONDÊNCIA

Mais uma vez pedimos a todos os correspondentes que façam acompanhar as suas cartas de 2$50 em selos postais, destinados à resposta, por nos ser impossível enfrentar a despesa da numerosa correspondência recebida.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO EM DEZEMBRO DE 1956

Grupo «Allan Kardec»

Todas as segundas-feiras, às 21.30, dirigido por Túlio Augusto Rosa.

Grupo de Caridade «LIA»

Todas as quartas-feiras, às 21.30, com a médium D. Deolinda Robalo e dirigido por António Pereira da Silva.

Grupo de Irradiação Mental «Reper-Siam»

Todas as quintas-feiras, às 21.30, dirigido por Túlio Augusto Rosa.

Dia 2, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 4, terça-feira, às 21.30 — Grupo Experimental «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 9, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 16, domingo, às 16 horas — Grupo «General Passaláqua», com a médium D. Conceição Dias.

Dia 18, terça-feira, às 21.30 — Grupo Experimental «Ernesto Bozzano», dirigido por António Cardoso.

Dia 23, domingo, às 9 horas da manhã — Distribuição de agasalhos e donativos do Grupo «Joãozinho».

Dia 23, domingo, às 16 horas — Conferência por António Cardoso, intitulada «Terapêutica Solar».

Dia 24, segunda-feira, às 14 horas — Distribuição de donativos aos necessitados. — Às 16 horas — Distribuição de agasalhos e donativos do Grupo de Caridade do Centro «Luz e Amor».

Dia 30, domingo, às 16 horas — Sessão do «Grupo General Passaláqua», com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 1 de Janeiro de 1957 — Não há trabalhos.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Recebemos os seguintes donativos que agradecemos:

Mês de Novembro — A. L., V. L., M. L., de Lisboa, 15$00; I. S., de Lisboa, 20$00; D. Maria José Castro, de Lisboa, 5$00; D. Maria Eduarda S. T. de Almeida, de Lisboa, 10$00. *Total, 50$00.*

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

br.

DR. INÁCIO FERREIRA

Novos Rumos à Medicina, 2 volumes encadernados de grande formato, cada um ... 60$00
Têm Razão? — Resposta magistral aos ataque feitos ao Espiritismo ..... 50$00

ERNESTO BOZZANO

A Crise da Morte ..... 25$00
Enigmas da Psicometria ..... 28$00
Animismo ou Espiritismo? — enc. 62$00 50$00
Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte ..... 42$00
Metapsíquica Humana — encadernado ... 40$00
Pensamento e Vontade ..... 26$00
Xenoglossia ..... 32$00

CAMILLE FLAMMARION

O Fim do Mundo ..... 40$00
Casas Mal-assombradas ..... 50$00
A Morte e o seu Mistério. 3 volumes: 1) Antes da Morte; 2) Durante a Morte; 3) Depois da Morte ..... 140$00
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos 75$00
Narrações do Infinito ..... 30$00
Stella (romance astronómico) ..... 50$00
Urânia ..... 40$00

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 25$00
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz* 20$00
Avé-Cristo, romance de *Emmanuel* ..... 45$00
Brasil, coração do Mundo e Pátria do Evangelho, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 30$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 30$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 35$00
Cartilha da Natureza, pelo *Espírito de Casimiro Cunha* ..... 30$00
Cinquenta Anos Depois — Continuação de «Há dois mil anos», com o autor nas vestes de humilde escravo ..... 60$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas — enc. 38$00 ... 26$00
Crónicas de Além Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos* ..... 35$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 28$00
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros — enc. 38$00 28$00
Gotas de Luz, pelo *Espírito de Casimiro Cunhá*, um verdadeiro poema de ternura ..... 28$00
Há Dois Mil Anos, pelo *Espírito de Emmanuel* — Descrevem-se os tempos de Nero, em que o autor aparece como senador romano. Romance traduzido em esperanto e radiodifundido ..... 60$00
Jesus no Lar, pelo *Espírito de Neio Lúcio* 24$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos) ..... 32$00
Libertação, pelo *Espírito de André Luis* — Enc. ..... 48$00

br.

Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00 ..... 36$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luis*, obra dedicada às pessoas cultas — enc. 55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz* — enc. 48$00 ..... 40$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz* ..... 40$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos* — encadernado ..... 38$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz* ..... 45$00
Nos Domínios da Mediunidade, pelo *Espírito de André Luis* ..... 40$00
Paulo e Estêvão, por *Emanuel* ..... 70$00
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 46$00
Pérolas do Além ..... 28$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X* ..... 35$00
Reportagens de Além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* — enc. 46$00 ... 34$00
Roteiro, pelo *Espírito de Emmanuel* ..... 25$00
Vinha de Luz, pelo *Espírito de Emmanuel* 40$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage* ..... 20$00
Voltei, do *Espírito de Jacob* ..... 25$00

OBRAS DIVERSAS

Almas Errantes, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 42$00 ..... 30$00
Animismo e Espiritismo, por *Alexandre Aksakof*. Uma das mais belas obras clássicas do Espiritismo ..... 90$00
Às Margens do Mar Morto, por *Osvaldo Polidoro* — Apreciado e discutido romance, que faz parte da chamada *Série do Céu*, constituida por mais de 25 livros, do memo autor ..... 35$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida* ..... 35$00
Barrabás, o Enjeitado, por *J. Herculano Pires* — Um drama oculto por detrás do drama da paixão — A invasão do Templo de Jerusalém e a verdadeira condição de «os dois ladrões» ..... 40$00
Cânticos do Além, poesias mediúnicas semelhantes às do «Parnaso de Além-Túmulo», recebidas pela médium *Dolores Bacelar* ..... 60$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima* — enc. 54$00 ..... 40$00
Dialética e Metapsíquica, pelo *Dr. H. Mariotti* — Esta obra tem a missão de mostrar aos materialistas, cépticos e incrédulos, que a Doutrina Espirita continua a ser a única força científica, filosófica e religiosa, que poderá barrar o presente avanço do materialismo ..... 26$00
Do Calvário ao Infinito, pelo *Espírito de Vítor Hugo* ..... 60$00
Dois Mundos, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* enc. 42$00 ..... 30$00
Do País da Luz, extraordinária obra mediúnica recebida por *Fernando de Lacerda*, na qual perpassam grandes escritores por-

(Continua na 4.ª página de capa)

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

	br.
tugueses fàcilmente identificados pelo estilo próprio. 4 volumes brochados, com cerca de 1.000 páginas	160$00
... e as águas passaram, por *Hugo Marchiaverni*—Interessante romance, que emociona e comove pela alta dramaticidade do seu enredo bem conduzido. Representado no *Rádio Teatro* da *Rádio Recorte*, pelo consagrado mestre Manuel Durães — enc.	30$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	45$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	60$00
Em Torno do Mestre, por *Vinícius*	40$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	25$00
Factos, por *António J. Trindade*, um livro impressionante de factos espiritas extraordinários, impresso em óptimo papel	50$00
Felicidade (A) ao seu Alcance, pelo *Dr. Toulouse* — Um verdadeiro compêndio da vida prática, desde a escolha de uma carreira à fundação de um lar e como devemos viver a vida interior	25$00
Filosofia Penal dos Espiritas, pelo *Prof. Fernando Ortiz* (Catedrático de criminologia na Universidade de Cuba) — Obra de raro valor doutrinário, que prova ao mundo estarem os espiritas na vanguarda, no que respeita aos princípios da moderna criminologia	60$00
Funerais da Santa Sé, pelo Espírito de *Guerra Junqueiro*	35$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00
Levitação (A), por *Albert de Rochas*	28$00
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00
Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos* —enc. 52$00	40$00
Mansão (A) Renoir, romance de *Alfredo*, recebido pela médium Dolores Bacelar ...	70$00
Manual do Dirigente de Sessões Espiritas, por *E. Manso Vieira e B. Godoy Paiva* — Compêndio didático sobre a maneira de se dirigirem sessões práticas. Orientador seguro, baseado nas obras de Kardec e Emmanuel	20$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *A. Martins de Castro*	26$00
Materializações Luminosas, pelo *Dr. R. A. Ranieri* — O mais impressionante comentário sobre materializações de espíritos	60$00
Mediunidade, *por E. Armond* — Obra de extraordinária síntese e clareza que explica o complexo mecanismo da mediunidade em todos os seus aspectos	40$00
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	35$00
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	45$00
No Limiar do Etéreo, por *Artur Findley* — Estudo magnífico acerca dos fenómenos espiritas de «voz directa», com o célebre médium Sloan	30$00

	br.
No País das Sombras, ou Luz de Além-túmulo, pela grande médium *E. d'Esperance*. Episódios da sua vida	42$00
Nova (A) Revelação, por *A. Connan Doyle* – As primeiras experiências espiritas do autor do «Sherlok-Holmes» e a sua conversão. Obra de grande alcance doutrinário	23$00
O Evangelho à Luz da Astrologia, por *A. Vaz de Melo* — Obra Prima, do ponto de vista da profunda e vasta erudição, atestando a cultura inciclopédica do seu autor	50$00
Outro (O) Lado da Vida, pelo *barão Carl du Prel*. Um livro de luz poderosa sobre a Morte e a vida no Além	28$00
Pierino Gamba, ou o Menino-Maestro à luz de Nova Psicologia, por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00	25$00
Reis, Príncipes e Imperadores, por *Almerindo Martins de Castro*. Casos históricos de psiquismo, entre eles, alguns passados com reis portugueses	30$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*. Obra nascida de um grupo de padres que estudaram o Espiritismo e se converteram, abandonando a Igreja Católica	50$00
Ronda Espiritual, pelo Espírito de *Lia*, recebido intuitivamente por *Isidoro Duarte Santos* — enc. 37$00	25$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	35$00
Rumo às Estrelas, por *H. Denis Bradley*. Os problemas do Além no verbo de um grande escritor	80$00
Semíramis, por *Camilo Chaves* — Maravilhoso romance da legendária rainha do Egipto e da Babilónia, narrado com invulgar fundamento histórico, que lhe dá indiscutível valor, 1 grosso vol.	80$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente* — Livro muito útil aos directores de sessões espiritas	35$00
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*	30$00
Tratado de Metapsíquica, pelo *Dr. Charles Richet* — Compêndio monumental da nova ciência que está revolucionando a psicologia oficial (1.º vol.) — enc.	160$00
Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff*	28$00
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo médium *G. Vale Owen* — enc. 42$00	30$00
Vida (A) de Jesus, por *António Lima*. Um livro que despertou controvérsia, no qual são expostas inúmeras hipóteses através de estudo adequado	30$00
Voz (A) do Antigo Egipto, por *F. V. Lorenz*, revelações mediúnicas em egípcio antigo	28$00
Revista Espirita. Os dois primeiros volumes desta importante revista, fundada e dirigida por Allan Kardec. Uma verdadeira preciosidade, traduzida em Português e encadernada em percalina. Cada volume...	120$00

Os nossos assinantes e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm 10 % de desconto nas nossas edições e 5 % nas restantes obras

O PREÇO DESTAS OBRAS PODE SER ALTERADO SEM AVISO PRÉVIO

V I S A D O P E L A C O M I S S Ã O D E C E N S U R A